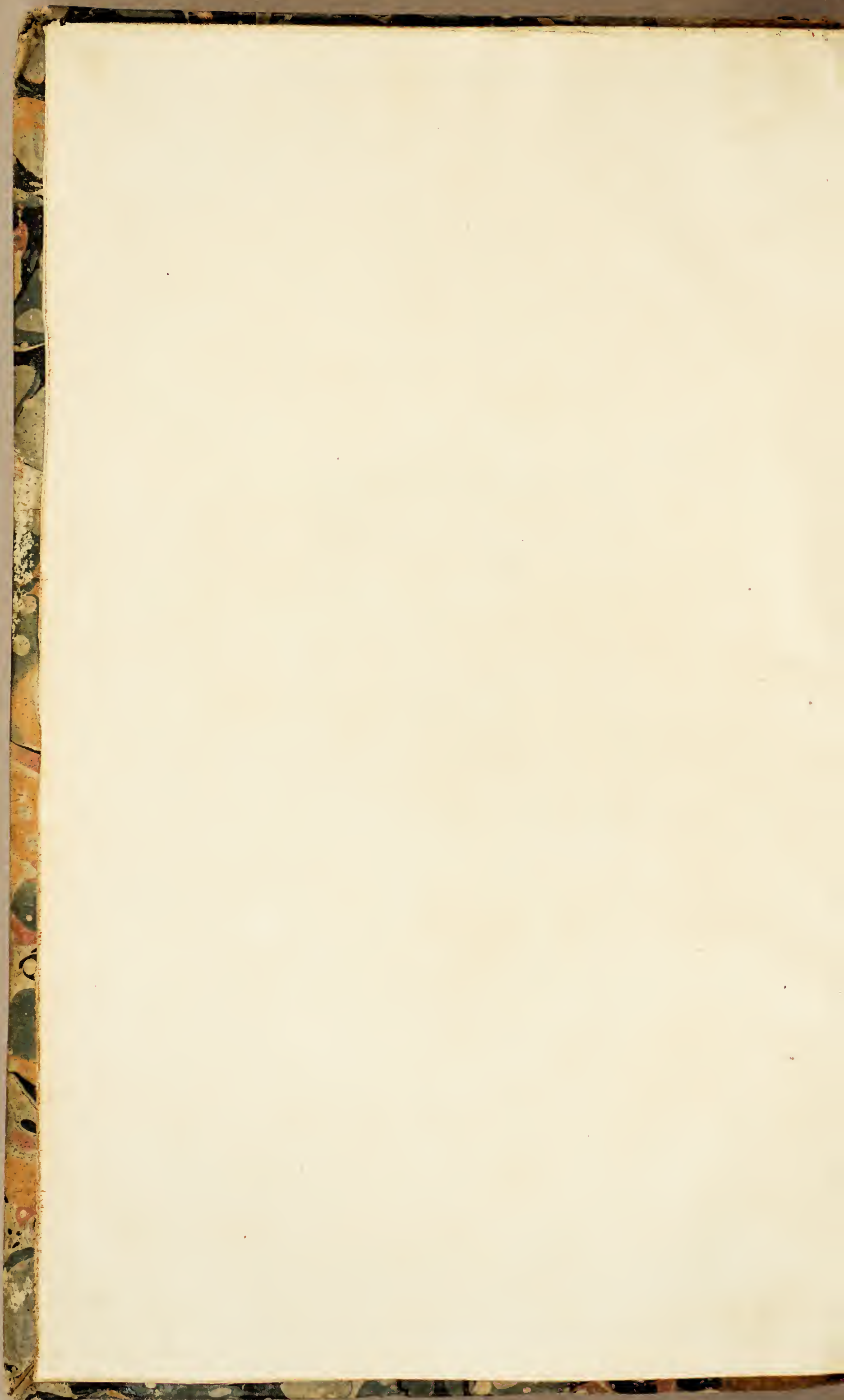
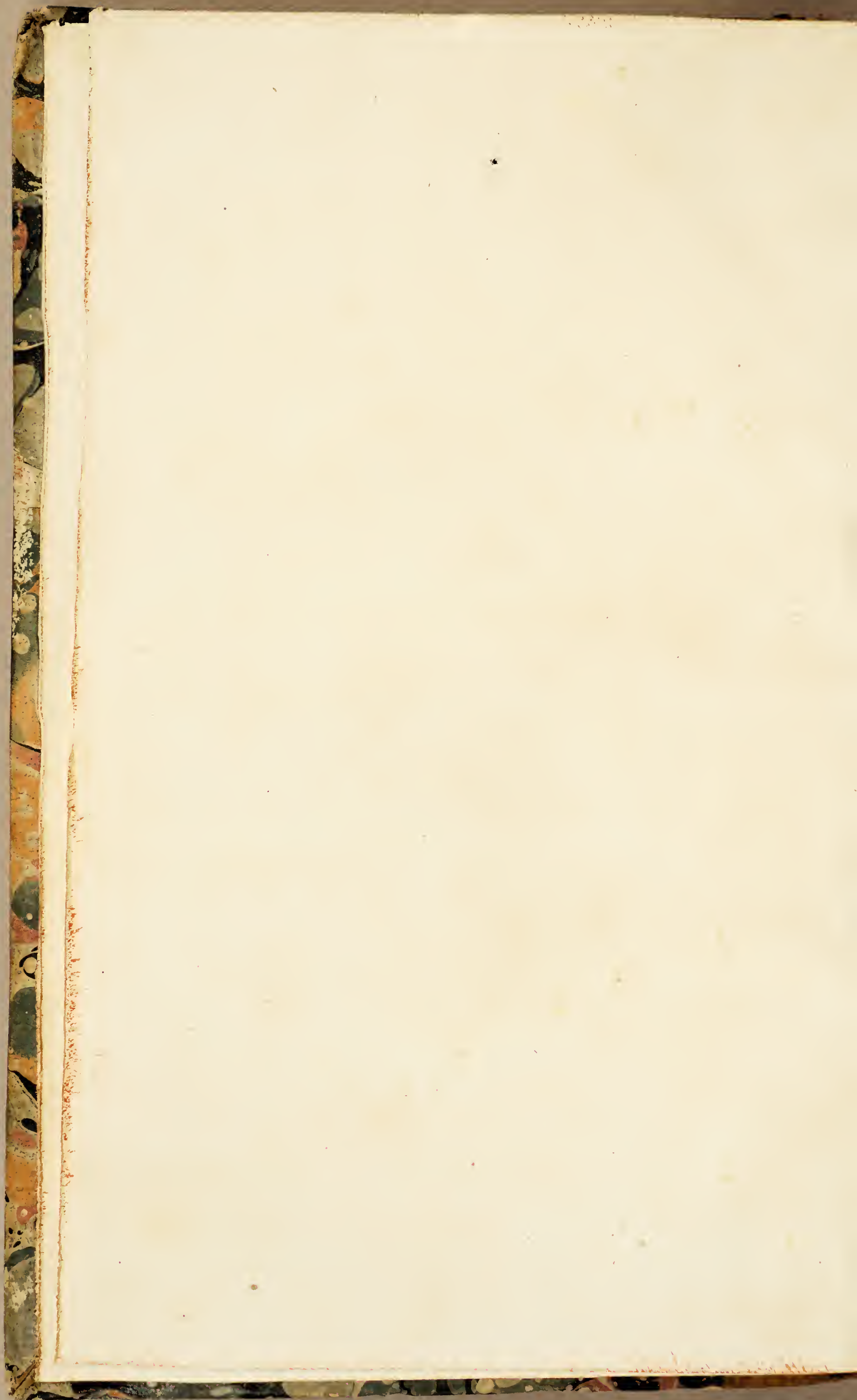


JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

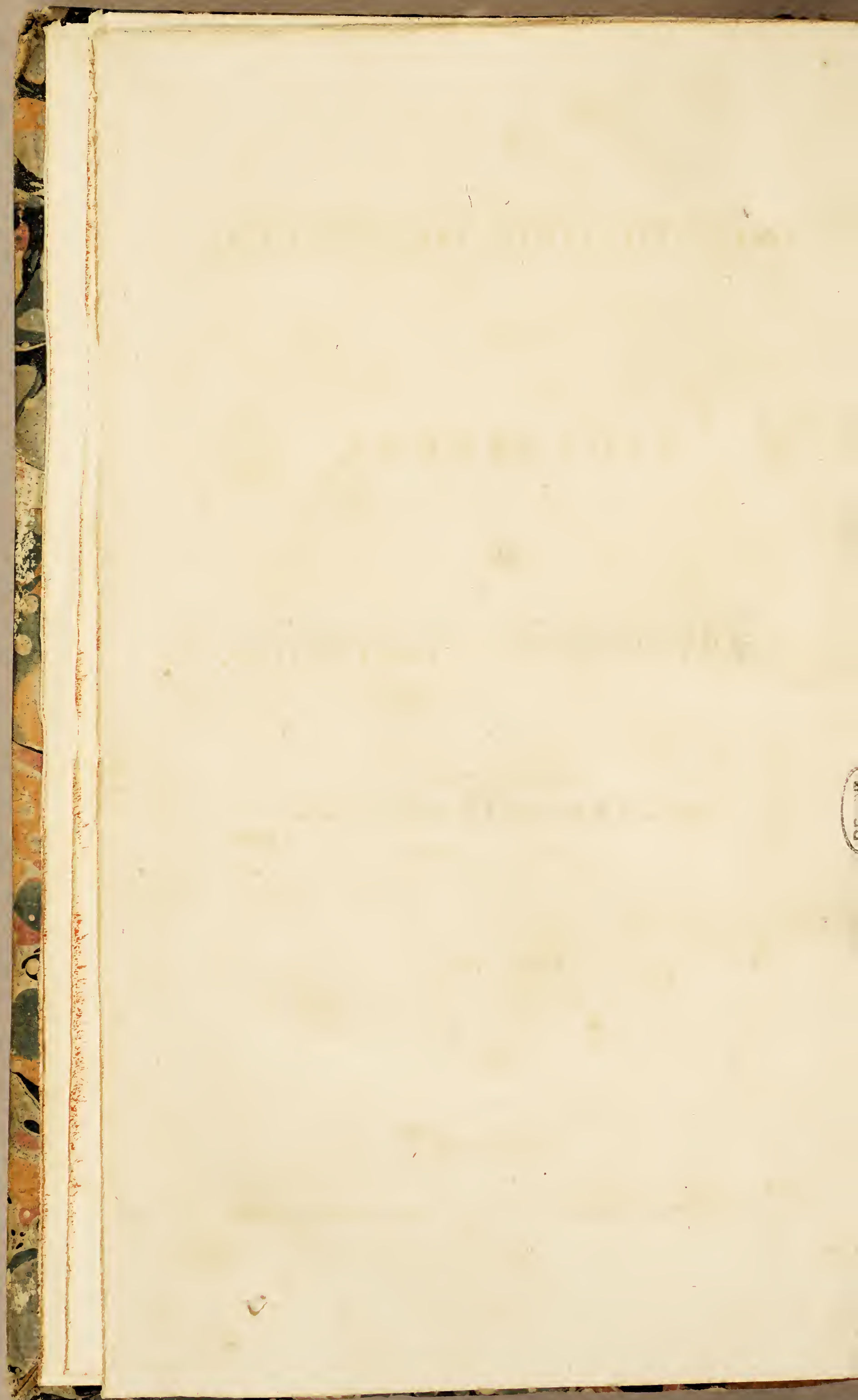




o
Investigador Portuguez

EM

INGLATERRA.



O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

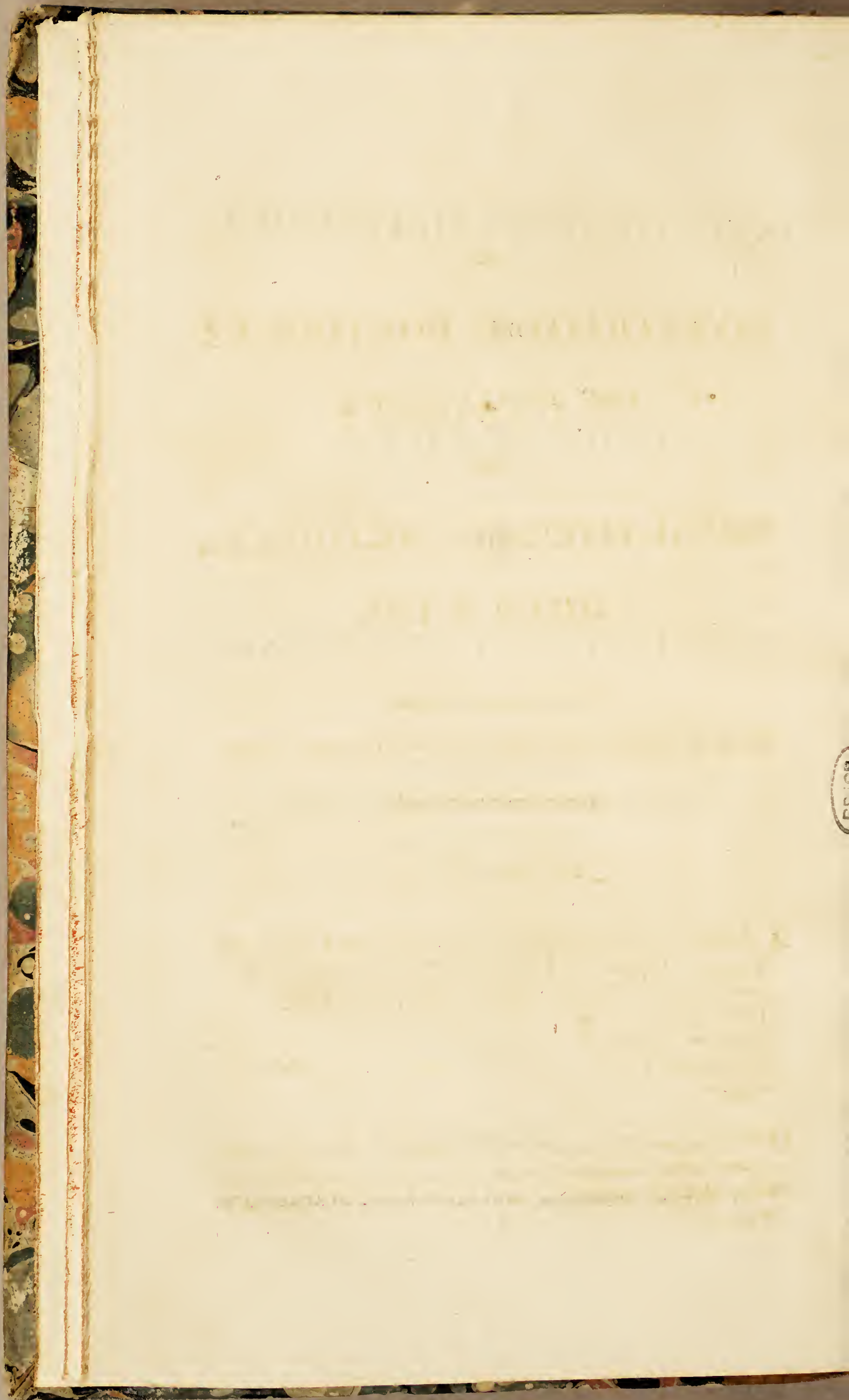
Condo et compono, quæ mox depromere possim.

HOR.

VOL. VII.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.



O
INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA,

OU
JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JULHO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

A Jornal of the Campaign in Portugal and Spain, &c.
Isto he—Diario da Campanha em Portugal, e Hespanha, desde 1809 ate 1812; com observaçoens a respeito dos habitantes, costumes, commercio, e cultura daquelles paizes. Pelo Major General Henrique Mackinnon, que morreo no assalto de Cidade Rodrigo.

DEPOIS da mui desagradavel occupação, que por vezes nos tem dado estes abortos da imprensa, compostos por *Petits-Maitres* viajantes, para insultar o Governo, e os
VOL. VII.

Povos, que toleráraõ a sua nojoza rezidencia entre elles, sem prever que criavaõ em seo seio viboras, que haviaõ depois morder-lhes; foi de grande allivio para o nosso patriotismo irritado com taõ descarada insolencia, e para o nosso zêlo, receozo de tudo quanto tende a perturbar aquella uniaõ entre as duas Naçoens, a que os Francezes nem podem, nem sabem resistir, e a paralizar aquelle plano, que teve o merito exclusivo de haver preparado a resistencia victorioza dos Russos: —foi de grande allivio, dizemos nos, a lição deste opusculo, tanto mais estimavel quanto menos preparado para ver a luz do dia, e que esteve a ponto de ficar involto nas cinzas do seu proprio author.

Merece toda a contemplação huma obra posthuma, que o author nem revio, nem retocou, e que ate se ignora se elle tinha tenção de publicar. Merecem todo o respeito as cinzas ainda quentes de hum illustre guerreiro, que voou com a brecha que assaltava: e nos que justamente pugnamos contra a perfida doutrina, desaforadas calumnias, e insinuaçoens machiavelicas do Capitão T. A., somos os primeiros a inculcar aos nossos leitores a veneração, e as lagrimas, que se devem á memoria de hum heroe, que derramou seu sangue, e que exhalou sua vida na flor da idade, em beneficio e defensa de huma cauza, que por ser util a ambos os paizes, e ás duas Naçoens, não deixa de ser a cauza de cada huma dellas.

Nós não fazemos cargo ao General Mackinnon da expressaõ, que lhe escapou em huma parte do seu Diario, contra o nosso Governo, e contra frades. A estes deixamos nos o cuidado, e tarefa de se defenderem. Inclínados, como estamos, a desculpar em tudo a memoria de hum heroe, achamos tambem, que este trabalho he taõ facil, como gostozo: porque no mesmo opusculo vemos que o author estava influido pelos prejuizos que bebera nos livros que conhecia. Era, e ainda não cessou de ser, a pratica uniforme, e constante de todos os Petits-Maitres viajantes desacreditar os Portuguezes, e o seu Governo em todo o sentido, aos olhos de toda a Europa. Nos não temos perdido huma occasiaõ de provar aos nossos compatriotas, que esta foi a cauza unica, e poderosa, que demorou dois annos a formação do brilhante exer-

cito Portuguez ; e com quanto damno para nos, para a Grã-Bretanha, e para a Europa toda, a experiencia o tem mostrado. Mas como não havia de ser assim ? ... Nós não sabiamos o que se dizia de nos pelo mundo—Nos não publicavamos coiza alguma nem para refutar calumnias, nem para servir de thema ao nosso elogio. As calumnias, e os prejuizos estavaõ senhoras do campo da batalha:—por outra parte os Petits-Maitres não passavaõ de Lisboa, porque as estradas, estalagens, e machos de arrieiro, não convidavaõ a viajar. Era lhes mais commodo, por consequencia, tomar o todo pela parte, fazendo a pequena hypothese—que hum grande capital, e hum grande emporio de commercio, não devia ter, ou Lisboa era unica que tinha os vicios communs a todas as capitaes e a todos os portos de mar de grande commercio, onde se achaõ negociantes, e tratantes de todas as partes do mundo, os quaes, geralmente fallando não são os archetypos da moral.—Com esta pequena hypothese, que hum Philosopho pratico não admittiria tão facilmente, espalháraõ estes libellistas horrores contra os Portuguezes, e foraõ acreditados porque ninguem os contradizia:—e tal he a cegueira da inveja ; he tal a animozidade, e o espirito de intriga, que não nos admiraremos, que entre nós mesmos haja, como ja tem havido, quem nos accuse, quem nos faça hum crime de termos tirado do pó do desprezo, e do esquecimento estes libellos, e de os termos feito conhecer aos nossos naturaes, para os irritar ; entretanto que nós estamos persuadidos, que neste plano que seguimos fazemos hum verdadeiro, e essencial serviço ás duas Naçoens ; porque ou expurgaremos o mundo literario desta classe infecta de escriptores, ou obstaremos a que os seus dicterios, e insultos fação impressaõ alguma nos homens sensatos de ambos os paizes. Para homens sensatos he que nos escrevemos ; estes são os que temos em vista e consultamos, e por estes he que dezejamos ser julgados ; são estes os que Solon queria, que jamais faltassem nas commoçoens populares, a qualquer partido que pertencessem ; pois, dizia elle, que se os homens de bem se auzentassem, e ficassem livres os doidos para obrar, nunca os partidos appostos se reconciliariaõ. Applicando dizemos—se os ho-

mens sensatos em Portugal, e Inglaterra, conhecida que lhes seja a futilidade, e malicia destas publicações, fizerem a devida justiça ao character dos Portuguezes, e Inglezes, elles conservarão, e consolidarão, cada vez mais, a uniaõ das duas Nações, qualquer esforço, que para as desunir fação os malvados de huma, e de outra; e entretanto desesperem-se embora os desta classe de não poderem levar á vante o interesse pessoal que tinhão em deixar correr sem contradicção, e produzir o seu effeito estas calumnias contra a Nação Portugueza.

Nos não temos precizaõ de observar aos homens sensatos de Inglaterra a cautela que devem ter com a natureza insolente, e maledica dos seos naturaes viajantes.—Em depoimentos dados por pessoas notaveis perante a camara dos communs, acha-se este principio reconhecido em toda a sua extensaõ, quando unanimemente concordão todos os depoentes no perigo que correria o Imperio Britanico na India se acazo se deixassem livremente viajar pelo interior da Azia Europeos, quer dizer—Inglezes—segundo elles mesmos interpretáraõ. Observem bem os nossos leitores Portuguezes o que disseraõ Mr. Hastings, Sir John Malcolm, e Lord Teignmouth; e ficará evidente, que refutando os Portuguezes, como devem, com os factos, e com a doutrina essas infamias que delles se tem dito, hao de sempre achar em seu favor os homens sensatos da Gram Bretanha; e talvez teremos a gloria de cohibir para o futuro as temerarias relações dos viajantes, defeito geral em todas as Nações; mas muito particularmente entre os Inglezes: porque se observa que n'hum paiz onde correm homens de todas as Nações, os Inglezes sempre são, ou os unicos, ou os que mais se queixaõ: talvez porque vivendo sempre entre si, e sem muita communicação com os naturaes, não sabem despir-se de nenhuma prevençaõ, nem accommodar-se a outras leis, uzos, e costumes, que não sejam os seos.

Interrogado Mr. Hastings famoso Governador da India (aquem se fez o processo de *impeachment* em 1788, e seguintes) se pela sua experiencia, e longa

rezidencia na India, podia dizer qual seria o effeito da rezidencia dos Europeos naquelle paiz, deixados á sua vontade, e sem restricção alguma? — respondeo, “que o mais prejudicial, e ruinozo, tanto para os
“interesses da companhia, como para o Governo, e
“paz daquelles povos. Nada era mais opposto,
“disse elle, que o character dos Europeos (limito-me
“aos Inglezes) e o dos naturaes do paiz. Eu posso
“fallar correctamente dos naturaes daquella parte
“da India, que forma o nosso principal estabelecimento, Bengalla, e suas dependencias. O indigena da India he fraco no corpo, e timido de espirito; he susceptivel de resentir-se, mas sem aquelle sentimento de pondonor que no seio de hum Europeo cria huma especie de lei, e o faz so-
“branceiro ao temor das leis, do perigo, do tormento, e da morte. Este não he, geralmente fallando, o character do povo tomado em massa. O
“Indio indigena he tal como o descrevi. Ha porem
“cazos em que huma provocação de aggravo geral
“excitaria todo o povo, ou grande parte delle, a
“todas as ferocidades da insurrecção. Com tudo
“individualmente considerados, os Indios são brandos, e submissos. Não he assim o character do Inglez na India. O nome só de Inglez he hum distinctivo, e regalia para commetter offensas, que
“não commetteria em Inglaterra. Alem disso a idea
“gigantesca que tem quasi todos os Inglezes de participar do poder supremo da Companhia, faz que
“as classes inferiores pratiquem actos, e excessos de
“despotismo, todas as vezes, que pelas suas prerogativas o podem fazer impunemente. O aggravado
“Indio não tem recurso algum nesta disparidade: elle pode queixar-se, he verdade, ao mais proximo tribunal de justiça; mas difficuldades que a-
“penas se poderiam recear n’outro paiz, o embaraço, e suspendem. A distancia da rezidencia dos magistrados, as despezas, e de longas dos processos, a difficuldade de levar testemunhas, lhe apresenta
“obstaculos insuperaveis; accrescendo a isto as relações nacionaes, linguagem, costumes, vestido,
“e a possibilidade de correspondencia social entre

“ o seu oppressor, e o seu juiz ; o que tudo junto he
“ capaz de o aterrar e fazer renunciar a toda a
“ queixa.”

Ná pergunta que se lhe fez—“ Quando vos calcu-
“ laes os males rezultantes da rezidencia na India de
“ individuos que não são empregados na companhia,
“ fazeis vos differença entre Americanos, e vassallos
“ Inglezes? Certamente faço, respondeo elle. Em
“ que consiste essa differença? No direito de appel-
“ lação, que todo o Inglez pode fazer para as leis do
“ seu paiz, ou para os prejuizos dos seos nacionaes.
“ Não quero dizer com isto que o nosso Governo não
“ poderia trazer-se ás leis ; mas na distancia em que
“ está a India do paiz natal, toda a appellação seria
“ inutil, de embarço para o Governo, e muitas vezes
“ sem replica. O concurrente Americano não tem
“ as mesmas vantagens ; e se as tivesse seria igual-
“ mente malfazejo.”

Lord Teignmouth foi tambem interrogado, e á per-
gunta que se lhe fez—Que males receava sua Senhoria
do illimitado commercio dos Europeos com os natu-
raes respondeo—“ que a consequencia geral que re-
“ ceava do influxo geral dos Europeos no interior do
“ paiz, e commercio com os naturaes, era a tendencia
“ a rebater a estima que elles tinhão, em geral, pelo
“ character Europeo, sem exaltar o destes. Elle pen-
“ sava que hum tal effeito seria perigozo n’hum paiz,
“ onde o cazo que se faz do Governo depende grande-
“ mente da opiniaõ ; n’hum paiz onde o numero dos
“ naturaes está para o numero dos Europeos, como
“ dois mil para hum ; alem d’outros inconvenientes,
“ que rezultariaõ da desattenção pelos prejuizos dos
“ naturaes, e comportamento apto para os irritar.”

Sendo Sir John Malcolm chamado pelo Committee
e perguntado—“ Se instruindo os naturaes do paiz
“ nas artes uteis os Inglezes alli rezidentes vigorariaõ
“ o Governo Inglez na India, respondeo—Que elle
“ pensava que tal instrucção seria vantajoza aos na-
“ turaes augmentando-lhes as commodidades, e pra-
“ zeres da vida ; mas não se persuadia, que ella ten-
“ desse de algum modo a vigorar a segurança politica
“ do Governo Inglez na India, a qual lhe parecia fun-
“ dar-se no estado actual. Fallando deste, elle se re-

“ feria ás suas actuaes divizoens em diversas castas,
“ contendo cada huma deveres, e occupaçoens par-
“ ticulares ; e aquella reverencia, e respeito, que elles
“ tem pelos Europeos não só em razão de seos con-
“ hecimentos superiores nas sciencias, mas tambem
“ nas artes mecanicas ; concebia, por tanto, que in-
“ struindo assim os naturaes, suas commodidades se
“ augmentariaõ, e as suas forças, como sociedade:
“ mas não pensava que a instrucção que tendesse
“ gradualmente a desfazer as distincçoens existentes
“ entre os vassallos nativos Inglezes, e a diminuir o
“ respeito que elles tinhaõ pelos Europeos, accres-
“ centasse alguma coiza ao politico vigor do Governo
“ Britanico. Todavia elle estava longe, pela sua
“ opiniaõ de insinuar ao Governo Inglez, que repri-
“ misse os progressos, e melhoramento de seos vas-
“ sallos nativos ; pelo contrario, ella o devia desper-
“ tar sobre as difficuldades crescentes no governo do
“ Imperio Indiano.”

Depois de algumas perguntas sobre o character dos naturaes da India, Sir J. Malcolm foi interrogado sobre a affeição das tropas do paiz aos seos officiaes, cumprindo saber, se esta affeição era taõ forte particularmente no exercito de Madras, como era alguns annos antes, ou se tinhaõ occorrido circumstancias, que a perturbassem? Respondeo “ que muitas cir-
“ cunstancias tinhaõ occorrido no exercito de Madras,
“ que tinhaõ seriamente perturbado aquella affeição,
“ provenientes humas de cauzas remotas, e outras
“ de motivos recentes, que julgava desnecessario
“ circumstanciar.

“ Concebeis vos, se lhe perguntou, que a amizade,
“ e affeição daquelle exercito aos seos officiaes na-
“ tivos seja essencial para a continuacão do nosso
“ poder militar na India? Eu concebo que o nosso
“ exercito natural da India pode fazer tanto a segu-
“ rança, como o perigo daquelle imperio ; e concebo
“ que os officiaes do paiz são as grandes, e impor-
“ tantes cadeas, que podem conservar aquelle exer-
“ cito em boa ordem, e subordinaçãõ ao Governo Bri-
“ tanico : concebo por tanto que a amizade, e affei-
“ çãõ dos officiaes do paiz são essenciaes á continua-
“ çãõ, e segurança do nosso poder na India.”

“ Julgaes vos importante á segurança do nosso imperio Indiano o estudar os meios de fortalecer, e
“ confirmar a affeição dos officiaes do paiz?—Julgo,
“ e considero, depois de serias reflexões que tenho
“ feito sobre isto, que se não effectuarmos este objecto
“ não he possivel manter o nosso imperio na India.”

“ Sois vos de opiniaõ que a affeição desta classe
“ depende inteiramente das medidas adoptadas pelo
“ governo a fim de anima-la, ou pensaes vos que ella
“ seja affectada por defeitos constitutivos em alguma
“ parte do nosso estabelecimento militar Europeo ag-
“ gregado áquelles corpos?—Não penso que o Go-
“ verno possa effectuar esse objecto por medidas que
“ tomar, por mais sabias que sejam, huma vez que
“ não remedeie os defeitos existentes, e previna a
“ sua occurrencia para o futuro, na parte Europea
“ do estabelecimento; por quanto he sobre a con-
“ ducta dos officiaes Europeos, que se funda a dos
“ naturaes, que olhaõ aquelles, como os seus superio-
“ res, e segundo o seu exemplo se comportaõ natural-
“ mente; e por isso os defeitos de huma parte do sys-
“ tema serviraõ de arruinar a outra.”

William Cowper, Esq. foi perguntado—“ Qual he
“ na vossa opiniaõ o effecto politico do proposto esta-
“ belecimento ecclesiastico na India?—Supponho,
“ que a questã se refere á introducção de hum Bispo,
“ e Arcebispos. Ha dois annos, teria eu respondido,
“ que huma vez que a pessoa nomeada fosse propria
“ para aquelle lugar, e que sustentando a dignidade
“ da Igreja, de nenhuma sorte se metesse com a reli-
“ gião dos naturaes, elle nada, ou pouco tinha que
“ objectar. Mas que algumas publicações recentes
“ tinhaõ alterado a sua opiniaõ áquelle respeito; e
“ receava, que se tal nomeação tivesse lugar, exci-
“ taria o descontentamento em os naturaes do paiz:
“ por quanto referiaõ aquellas publicações, que
“ tinha havido em *City of London Tavern* a 29 de Maio
“ do corrente hum numerozo ajuntamento de pessoas
“ para se tratar da instrucção religioza, melhora-
“ mento moral, e civilização do nosso imperio India-
“ no; e que rezolvera esse objecto; visto haver mais
“ de 50 milhoens de habitantes sujeitos ao imperio
“ Britanico na India, que debaixo da influencia de

“ inhumanas, e aviltantes superstiçãoens se oppunhão
“ aos progressos da civilização. Elle era decidida-
“ mente de opinião que logo que se espalhasse entre
“ os Hindoos esta resolução com os seus respectivos
“ commentos, huma fermentação geral se levantaria
“ entre elles, e receava que elles olhassem para o
“ novo estabelecimento ecclesiastico, como filho dos
“ sentimentos expressos naquella resolução.”

Sir John Malcolm foi outra vez interrogado—“ Jul-
“ gaes vos segundo as observações feitas sobre o
“ character dos Hindoos, que o influxo dos Europeos
“ no modo prescrito em a primeira questão, produ-
“ zisse os males que vos receaes?—Certamente que
“ sim: o character servil e submisso de certas classes
“ de Hindoos convidaria a huma oppressão que seria
“ acompanhada de máos effeitos contra o character
“ geral da nossa nação; e os exaltados sentimentos
“ de outras classes produziriaão querellas, e rixas com
“ pessoas, que, pela pergunta, supponho ignorantes
“ da sua lingua, e costumes.”

“ Concebeis que estes males se aggravem pelo mo-
“ do com que os naturaes da India considerão suas
“ mulheres, e os individuos do sexo feminino, de-
“ baixo da sua protecção, como objectos de afeição
“ e respeito?—Sem duvida nenhuma, e mais parti-
“ cularmente entre os Mahometanos.”

“ Como se disse que a authoridade do Governo
“ da Companhia da India podia ser prejudicada pelo
“ influxo dos Europeos, julgaes vos que a punição
“ dos Europeos por crimes commettidos contra os
“ naturaes, ou por offensas que affectaão os naturaes;
“ ou que á punição em geral dos Europeos por offen-
“ sas quaesquer, affecte a authoridade do Governo, e
“ a influencia Europea na India? Não presumo que
“ affecte a authoridade, que só deve erguer-se,
“ quando for preciso fazer justiça aos proprios vas-
“ sallos, em cazo de disputa com os naturaes: mas
“ considero que toda a decisão que hum tribunal
“ Britanico na India passar sobre hum Europeo, em
“ disputa com hum natural, tera huma influencia per-
“ nicioza: por quanto affecta o character geral, e a
“ respeitabilidade do seu paiz; e este character tal
“ como o Governo Britanico está estabelecido na In-

“ dia deve conservar-se no mais alto gráo, &c.
“ &c. &c.

Desta informação tão uniforme de pessoas tão competentes deduzimos nos algumas consequencias interessantes para o assumpto de que tratamos, e para outros analogos: por exemplo—que hum povo pode, ser brando de genio, e ate na apparencia timido, e com tudo ser proprio para a guerra, quaes são os Cypaes: nada ao que parece, he menos despresivel do que o exercito com elles formado. e com tudo a Companhia Ingleza sustenta com elle seu poder na India. Outra consequencia he, que hum povo semelhante pode ser mantido em sujeição por hum systema artificial, com tanto que se não affrontem a sua religião, uzós, e costumes. Terceira que o Governo Inglez, ou a Companhia da India para conseguir estes fins julgou necessario prohibir a accesso, e contacto livre dos Europeos com os naturaes do paiz. Quarta que por effeito desta politica acautelada, não tem havido emigração de Inglezes para a India, apezar de elles serem Senhores de humma superficie de terreno tal, que encerr hoje 50,000,000 de habitantes: em quanto nos, que apenas occupámos as costas, dentro em poucos annos vimos melhares de Portuguezes espalhados por todos os reinos, e provincias de Azia. Quinta que por effeito desta mesma politica, o Governo Inglez que vai agora abrir o Commercio da India, mas não o da China, aos particulares, tera cuidado de impedir que la se formem Cossarios, e arrenegados, que tanto damno nos cauzarão, quando senhoreamos a Azia.

Nos não queremos outra prova mais do que os depoimentos que copiamos para assegurar aos nossos leitores Portuguezes, que tão loucas ideas como as do capitão T. A. nunca merecerão a menor attenção ao Governo Inglez, que tão bem conhece as virtudes, e os defeitos dos seos subditos: nosso unico receio consiste em que estes despropósitos repetidos em Portugal por algum estouvado camarada do supposto capitão T. A. excitem desconfianças e ciumes, que não existem nos animos Portuguezes; e venhão a perturbar a boa harmonia que tem reinado ate agora no exercito alliado, apezar do systema artificial que se

adoptou de empregar officiaes estrangeiros em grande numero. Os Portuguezes porem, graças á Providencia, tem mostrado nesta guerra glorioza, e justa tanto animo, e valor, como força de raciocinio, resolvendo-se a aprender a arte da guerra daquelles, e com aquelles, que a tinhaõ praticado, antes do que arrotar de valentes em quanto longe do inimigo, e desaparecer, assim que o avistaõ, como desgraçadamente tem feito os nossos vizinhos, por falta de disciplinã. Os nossos valorozos compatriotas tem, alem disso, mostrado a sinceridade com que dezejaõ ver-se livres do infame jugo Francez, não reparando se para esse fim he Portuguez, ou Inglez a homem que os commanda, com a felicidade de engenho, e talento, que tanto distingue, e que acompanha sempre o Duque da Victoria: tendo so muito cuidado em que nunca fique em duvida o valor, ou a firmeza do Portuguez, quando he posto em competencia com o Inglez, Alemaõ, ou Francez.

Sem entrar no exame de cauzas remotas, a generalidade dos Portuguezes parece ter com admiravel senso percebido, que não tinha dentro em si o poder de remediar na epoca actual os tristes effeitos dessas cauzas, que reduziraõ o Reino ao estado, por assim dizer, de completa nueza em que se achava em 1808, quando se insurgio com os Hespanhoes; e sujeitou-se a todos os sacrificios temporarios e indispensaveis para se ver livre do jugo Francez. Esta logica natural que tem faltado ate hoje aos nossos vizinhos, (o que faz perichitar a sua cauza), manifestou-se com todo o lustre do heroismo entre os Portuguezes; e continuada, como he de esperar, ate que a tormenta de todo acalme, os faz depois merecedores do mais brilhante futuro. Pela sua continuacão inalteravel he que todos os sinceros amantes da Patria e leaes vassallos do nosso adorado Soberano devemos suspirar: nella he que nos antevemos nossa futura gloria, e nossa prosperidade: com ella não nos metem medo os incriveis estragos, que temos soffrido, e as muitas difficuldades, que temos de vencer ainda.

O principal objecto está attingido: a these mais difficil está provada: ja não ha incredulos, ja não ha intrigantes, e malevolos, que duvidem, ou possaõ

fazer duvidar que os Portuguezes de hoje sejam, como seos maiores, susceptiveis do mesmo heroismo. Os Portuguezes tem aprendido a moderna arte da guerra; e tem-na praticado tempo bastante, para não deixar perder o fructo dos seos trabalhos, e soffrimentos, como lhes succedeo em 1668, e em 1763.

Desculpem os nossos leitores esta digressão que nos não parece deslocada.—Oigamos agora por hum momento o General Mackinnon; e vejamos se elle pensa do clima de Portugal, e do character dos Portuguezes, como o supposto Capitão T. A.

Fallando de Villanova da Rainha onde dormio hum noite, diz o General Mackinnon—“ F—— e eu ficamos alojados em hum caza sem moveis, e sem janellas: *mas neste clima deliciozo nem sao necessarias*, p. 2.”

“ Parece-me, diz elle, p. 9. (fallando da estrada nova de Lisboa para Coimbra)—que esta bella estrada, que eu presumo ter sido projectada (pelo Marquez do Pombal) * para facilitar a communicação entre Lisboa e Porto, chegou somente á Redinha: daqui para Coimbra he estreita, e mal calçada: mas por outro lado, o paiz vai-se tornando aprazivel, cultivado por toda a parte, por toda a parte fructifero: e as feiçoens geraes são de huma belleza indizivel” — Fallando do paiz que fica entre Condeixa, e Coimbra (p. 10) o A. se exprime da maneira seguinte—O paiz intermedio apresenta todas as *ondulaçoens* de Wales; a maior fertilidade; as vinhas coroaõ as summidades dos oiteiros, e estão misturadas com oliveiras, damasqueiros, lorangeiras, e quasi todas as variedades de arvores fructiferas; e para augmentar o encanto se vê occasionalmente o carvalho, o pinheiro, e ribeiros d'agua cristalina—nada falta para fazer as margens do Mondego hum dos sitios o mais aprazivel em a natureza . . . Fallando do observatorio da Universidade de Coimbra diz—“ A situação do observatorio he muito boa; e em addição ao *clima* he preciso ajuntar todas as vantagens necessarias para fazer observaçoens, &c.”

* A estrada nova de Lisboa para Coimbra não he obra do Marquez do Pombal: foi mandada fazer pela Augusta Rainha N. S. D. Maria I.

Tratando de Portalegre o General Mackinnon se exprime da maneira seguinte—"Portalegre (p. 44.) he huma cidade consideravel, lindamente situada no declive de huma mui bella cordilheira de oiteiros, que se estende para o Tejo. As vistas neste paiz são muito extensas: De Monforte eu pude ver Villaviçozza, e Portalegre; e de hum oiteiro proximo á Ponte de Soure, eu pude avistar Portalegre, e Abrantes: consequentemente, em dois pontos de vista, eu pude ver de Villaviçozza para Abrantes huma distancia de 90 milhas." Ora, se a atmosfera fosse tal qual a descreve o supposto Capitão de Dragoens T. A., como seria possível que houvesse tão extensas vistas?

"Tenho ouvido, diz o General Mackinnon, pag. 66, que Rumboldt, segundo penso, notára, que o ar n'algumas partes da America do Sul, he tão transparente, que se pode distinguir o vestido branco de hum homem, na distancia, penso eu, de 15 milhas. Eu fiz a mesma observação neste paiz. Eu pude, do cume de hum monte (junto a Linhares) distinguir, sem oculo huma caza branca em Castello Rodrigo, na qual succedeo ter estado alojado; e a distancia não seria menos de 36 milhas em linha recta: isto não seria acreditado por huma pessoa que somente conhecesse a atmosfera de Inglaterra, onde no mais bello dia com difficuldade se pode avistar, e discernir S. Paulo do oiteiro que está entre Egham e Englefield Green. Debalde me cancei eu para o ver."

"A 17 de Agosto vizitei outra vez o meu oiteiro, e confirmei o que ja disse. Eu pude distinctamente ver as baterias Francezas atirando sobre Almeida, e as d'Almeida respondendo-lhes: não se ouvia o som. A distancia d'Almeida não he menos de 32 milhas em linha recta." *ibidem*.

Eisaqui como se explica o General Mackinnon fallando aqui e alli no seu opusculo, do character, e indole dos Portuguezes.

"Os habitantes (daquella parte de Trasmontes que elle observou), são huma bella raça de gente, pelo menos os homens; nos vimos poucas mulheres." pag. 17.

“ Eu estabeleci o meu Quartel General, diz o A. pag. 42, em Monforte : eu demorei-me aqui doze dias, alojado em caza do Snr. *André Chichons*, por quem fui tratado com a maior hospitalidade, e benignidade. Eu não posso deixar de fazer menção das filhas do meu patraõ, as quaes seriaõ consideradas em qualquer paiz do mundo como modelos de boa educação, e comportamento. Eu devo acrescentar, que a huma certa distancia da Capital, eu não conheço nação alguma em que haja mais pureza de costumes do que em Portugal Ha naquelle paiz huma peculiar virtude, que consiste na bondade com que os amos trataõ os criados : muitos destes ligados á mesma familia de huma geração para outra, adquirem, por meio de suas economias, pequenas propriedades, que, com o andar do tempo, os habilita a fazerem-se independentes. A occupação de hum criado em Portugal não he de modo algum taõ degradante como em Inglaterra, e muitas outras partes da Europa.”

“ Eu não posso deixar de notar, diz o General Mackinnon, pag. 57, que o character geral dos Portuguezes he lastimoza e excessivamente desfigurado pelos estrangeiros escritores de viagens ; e eu penso, que isto provem de terem rezidido somente em Lisboa. O grande commercio com estrangeiros, e a mui grande proporção de Brasileiros (que alguns authores tem feito subir a 87,000 sómente em Lisboa)*, faz com que o character geral Portuguez seja inteiramente diverso na Capital, e nas provincias Na descripção, pois, que os viajantes daõ dos habitantes de Portugal, pouco mais se acha do que a noticia destes estrangeiros corrompidos pelo commercio, riqueza, miseria, e vicios de huma capital ; propensos a matar, e a todas as especies de crime. Qualquer he naturalmente levado a suppor, que as maneiras, e costumes da capital devem influir nas pro-

* Este calculo he errado ; e, quando mesmo fosse exacto, seria falso que a rezidencia dos Brasileiros em Lisboa fosse huma das cauzas dos vicios, e crimes a que se suppoem propensos os habitantes de Lisboa, que, geralmente fallando, são menos viciozos, menos criminozos do que os de qualquer outra Capital de igual commercio, e população.

Os Redactores,

vincias, particularmente nas provincias de hum reino, cuja capital he sem limites, e maior relativamente á extensão do paiz, do que outra qualquer capital na Europa: mas não he assim; porque as más estradas, e a falta de commodidades, tornão a communicacão mui difficil, e mui poucas familias provinciaes sahem de suas cazas——Os da classe media passão huma vida a mais innocente, e *inoffensiva*:* tem pouco, ou nenhum luxo, e gostão muito que os estrangeiros se sirvaõ das suas iguarias. As mulheres tem hum grande fundo de boa indole..... Geralmente elles são religiosos; cada caza d'alguma representacão tem sua capella e missa diaria. As ordens inferiores do Povo são igualmente civiz, officiozas, e innocentes. O maior crime que alli se commette he a ratonice—roubos, e mortes apenas são conhecidos; jamais ouvi fallar de hum assassinio naquella paiz."

O Author que viajou todo o Portugal, exceptuando o Algarve, e que o examinou e viu com olhos imparciaes, he diametralmente opposto ao ignorante, e abominavel Capitaõ de Dragoens T. A., em tudo a que diz respeito ao bello clima, excellente character, e costumes puros dos Portuguezes, que o supposto Capitaõ taõ infamemente insultou.

O General Mackinnon louva em geral a hospitalidade, e agasalho dos Portuguezes: elle falla com reconhecimento do bom gazalhado, e tratamento que elle, e a tropa Ingleza recebem sempre dos Religiozos de Alcobaga, do collegio de S. Bernardo, e de Santa Cruz de Coimbra. Elle elegia a grandeza deste ultimo edeficio, e a belleza de seos jardins.

Ainda que o Author elogia o estado em que se acha a agricultura n'algumas partes de Portugal, como por exemplo nos contornos de Leiria†, Vizeu, Alverca, Avelans, n'algumas partes das margens do Mondego desde a sua origem ate que desagua no mar, n'algum-

* Assim como temos inofficiozo, insociavel, &c. porque não havemos de ter inoffensivo?

Os Redactores.

† "Seria mui facil diz o A. fallando de Leiria, fazer hum canal navegavel (dalli ate ao mar), se acazo se podesse melhorar o porto: eu dezejaria ve-lo feito sendo o paiz, como he, rico, a agricultura boa, e os habitantes intelligentes, &c."

mas partes das margens do Alva, &c. &c. &c.; com tudo elle reconhece, como todo o Portuguez sincero intelligente, e conhecedor do seu paiz não pode deixar de confessar, que a agricultura em Portugal está grandemente atrasada; e nós, acrescentamos, que o estará, em quanto se não extirparem as causas que origináraõ a sua decadencia, e necessariamente conservão e mantem o seu atrasamento. Sustentar o contrario he ser inimigo do seu paiz, e do seu Soberano; he ser, ao menos, muito ignorante; detestamos os primeiros; para os segundos temos o mais profundo desprezo; as censuras de escritores taes fazem o nosso mais completo elogio. Voltemos ao nosso A.

Fallando do paiz que se estende desde Abrantes ate o rio Elga que marca por aquella parte os limites dos dois reinos, e do seu lastimozo estado de cultura, o General Mackinnon se exprime assim. — “A distancia entre Abrantes e este rio he de quasi 100 milhas; e em todo este espaço he preciso atravessar seis rios sem pontes, que somente são vadeaveis no tempo secco. A população deste extenso tracto não pode exceder a 4,000 almas, incluindo a de Castello Branco: e eu posso dizer, que nós atravessamos 5 milhas cultivadas; o resto serve para extensa habitação de lobos, falcoens, e aguias. Em muitos lugares os sobreiros crescem ate huma grandeza immensa, e competem em belleza com os mais bellos carvalhos: alfazema, urze, giestas, murta, calvalhos, poucos medronheiros, e pinheiros, são as unicas arvores, e plantas, que se encontraõ em toda esta extensaõ. Os olhos estavam cançados de ver tanta porção da natureza descuidada; o que faz lembrar ao observador, que huma longa, e escura noite cobre a raça humana; e que a poucos chega o resplendor do dia. — A população de Portugal he immensa, comparada com a sua cultura. Eu viagei agora por este paiz 700 milhas, e tive alguma oportunidade de calcular a quantidade de terra submettida á industria de seos habitantes: a proporção he inconcebivelmente pequena, &c. &c. &c.”

O General Mackinnon descreve com energia os soffrimentos dos infelizes habitantes de Portugal; e como homem sensivel, parece lamentar-se de ser militar. — “Tal he, diz elle pag. 72, a

sorte de hum soldado, todas as vezes que elle he empregado em serviço activo : a miseria da raça humana, debaixo de huma forma, ou de outra, he sempre o que elle tem para contemplar !”

He lastimoza a expozição que o A. faz dos males, e prejuizos cauzados pela soldadesca, em geral, pelos pequenos corpos de exercito, pelas bestas do commissariato, pelos pequenos destacamentos, &c. “ Aindaque, diz o General Mackinnon, as repetidas ordens de Lord Wellington para estabelecer, e reforçar a regularidade, tenham reprimido o mal, ellas o não tem curado.....Falta de subordinação, e regulamentos proprios em hum exercito, tem huma tendencia mais forte para cauzar sua propria destruição, do que hum ordinario observador pode suppor: nem eu tenho jamais achado algum author militar que tenha sufficientemente discutido esta parte do objecto. Se as tropas n’hum paiz, que tem sido longo tempo o teatro da guerra, cujos recursos estão exauridos, cujos magistrados tem fugido, ou cujo poder se tem tornado desprezivel— n’hum tal paiz, se os destacamentos encarregados de procurar o precizo para as precizoens dos soldados, não são devidamente organizados, e invariavelmente debaixo das ordens de officiaes ; as portas, as janellas, os sobrados e por fim os tectos das cazas, serão queimados em lugar de lenha ; as cearas servirão para forragem, e os soldados, particularmente os addidos a officiaes, terao huma escuza de ir a huma certa distancia, e de apanhar o que acharem, sem distincção.—Qual sera a consequencia de tudo isto ? As muniçoens de bôca serão consumidas em poucos dias ; os soldados, no meio das ruinas daquellas muitas cazas, que elles mesmos tornáráo inhabitaveis, grangearão molestias, que produzirão a morte de muitos, e inhabilitarão muitos mais : as forragens tendo sido imprudentemente consumidas, os animaes destinados a conduzir provizoens, ou bagagens, morrerão de fome : e o exercito por fim, em consequencia das molestias occasionadas pelas privaçoens, será obrigado a abandonar seu objecto, e a retirar-se para hum novo paiz, que a seu turno terá tambem de soffrer. Se os Francezes tivessem adoptado sufficientes cautelas, Massena não teria sido obrigado a retirar-se tão

cedo das linhas que estão diante de Lisboa. Mas, por imperfeitos que sejamos, relativamente a economia interna do exercito, assim mesmo nos excedemos muito, a este respeito, nossos inimigos. pag. 97 e 98.

Tratando do character militar dos Portuguezes o General Inglez explica-se da maneira seguinte.— “Elles são extremamente trataveis, soffredores, sobrios; e eu estou informado de que ha poucas queixas de sua deshonestidade. Os officiaes Portuguezes, mui differentes dos seus vizinhos castelhanos, estão promptos a admittir a superioridade de nossos nacionaes, e a ser por elles instruidos; e eu não duvido, que quando se apresentar oportunidade, nos os veremos combatendo a nosso lado, de huma maneira mui differente daquella com que o exercito de Cuesta se bateo em Talavera,” &c. pag. 61.

O General Mackinnon, depois da memoravel batalha de Talavera foi encarregado pelo Grande Lord, de conduzir para Elvas todos os doentes Inglezes; e elle queixa-se amargamente do Comportamento dos Hespanhoes para com aquelles mesmos, que tinham ido sacrificar-se para salvar a Hespanha. “A distancia, diz elle, de Talavera a Elvas he de 184 milhas: em todo este espaço eu tive de conduzir esta desordenada multidão de gente (2,000) sem armazaens. Em muitos lugares os magistrados mostrando evidentes signaes de huma disposição hostil, não estavam propensos a servir-nos—a gente do paiz tratou em toda a parte os desgraçados homens, que se tem sacrificado para salvar a Hespanha, com deshumanidade, e desprezo—eu fui muitas vezes obrigado a empregar meios violentos, a fim de que a minha gente não morresse de fome. Tal foi nossa recepção em Hespanha! Foi acazo a natural disposição do paiz adversa a estrangeiros, que fez com que os Hespanhoes tratassem os Inglezes, e Franceses da mesma maneira? Ou estão elles inclinados a submeter-se aos Francezes? Eu creio que ambas as cauzas opéraõ,” &c. pag. 38 e 39.

CORRESPONDENCIA.

Não sendo possível enserir n'hum só numero, nem mesmo em sete, ou oito toda a correspondencia que temos recebido; julgamos do nosso dever accuzar aqui todos os manuscritos, que se nos tem mandado, ficando certas as Pessoas que tem tido a bondade de no-los remetter, que nós os iremos imprimindo segundo a data da sua recepção.

1. Reflexoens em defeza dos Principios mathematicos do Dr. Joze Anastacio da Cunha, censurados no Edinburgh Review, &c. &c.

2. Conceito, ou observaçoens sobre o *Jornal de Coimbra em Lisboa*, dirigidas e dedicadas ao Investigador Portuguez em Inglaterra.

3. Ode Pindarica a S. A. R. o P. R. N. S.

4. Carta aos Redactores sobre a refutação que elles fizeram á obra do Capitão T. A. á cerca da Ilhas dos Açores, com observaçoens sobre os tratados de commercio, Amizade, e Alliança feitos entre Portugal, e Inglaterra em 1810, &c.

5. Ode de Pindaro, a 2 das Olympicas a favor de Theron; traduzida do Grego.

6. Defeza de Diogo da Cunha Sottomaior (capitão, que foi de Cavallaria da legião de tropas ligeiras.)

7. Observaçoens e Reflexoens sobre a vaccina.

8. Memoria Statistica sobre as Ilhas de Cabo Verde.

9. Censura da obra intitulada *Dissertação IV. antirevolutionaria*.

10. Carta em que se combate a opiniao do Padre Labat, e de outros escritores modernos, que derao á luz as pretensões dos habitantes de Dieppe sobre a prioridade da navegação ás costas da Africa alem do famoso Cabo Bojador, e ás Canarias, contra a gloria dos nossos antigos Portuguezes.

11. Memoria á cerca do destino que tiverão alguns Países, e projectos do Tenente General de Valleré. Carta do Visconde da Lourinha ao dito Tenente General: resposta deste áquelle. Carta do Marquez de Pombal a Mr. de Val

leré: respostas deste. Carta da Senhora D. Maria Luiza de Valleré ao Dr. Antonio Ribeiro dos Santos Bibliothecario Mor da Real Bibliotheca de Lisboa.—Parecer de maturana sobre o Forte de Lippe.

12. Conta da Real Fabrica da cordoaria concernente ao anno de 1800 pela qual se mostra que naquelle anno lucrou a Real Fazenda naquelle precioso estabelecimento, hoje extincto, 85,654,087 rs.

13. Carta do Sabio Professor Francisco de Sales, em resposta á que lhe escreveo o Visconde de Barbacena, Secretario, que foi da Academia das Sciencias, convidando-o para socio della.

14. Memoria sobre as Matas, suas utilidades, e restauração em Portugal: composta pelo Coronel do Real Corpo de Engenheiros—Raynaldo Oudinot, &c.

15. Carta Politica sobre o melhoramento da Agricultura em Portugal.

16. Oração Academia feita, e recitada pelo Conde de S. Lourenço, em 8 de Maio de 1756.

17. Carta de hum vassallo nobre a seu Rey (Dis-se que o Marquez de Penalva he o author.)

18. Reponse à la lettre du Marquis de Penalva: par un Portugais attaché à son Souverain.

19. Resposta á Carta do Marquez de Penalva.

20. Instrucçoens de D. Luis da Cunha a seu Sobrinho para ser hum bom Ministro de Estado. (Este manuscrito consta de 196 paginas em folio.)

21. Discurso de Maximo de Pina em 1600 sobre o fazer navegavel o Rio Nabaõ.

22. Nota para se examinar se o Rio de Leiria na sua foz da Vieira he susceptivel de algum melhoramento, que facilite os embarques de Madeiras, principalmente do Real Pinhal de Leiria.

ADVERTENCIA.

Recebemos, alem destes manuscritos, outro intitulado—Analyse do *Jornal falsamente chamado de Coimbra*, ou a Impostura Desmascarada. Sentimos que neste manuscrito se achem, a par de mui bellas coizas, tantas personalidades, e tantas frases violentissimas, que não devem ter lugar em nosso Jornal: queira o seu author cortar aquellas, e modificar estas, declarar-nos o seu nome; e promptamente imprimiremos o seu manuscrito. Se estas condiçoens lhe não agradaõ, tem outros Jornaes, e tem á sua disposição as impressas de Inglaterra, e mais perto ainda as de Cadis.

REFLEXOENS

Em defeza dos Principios mathematicos do Dr. José Anastasio da Cunha censurados no Revisor de Edinburgo em Novembro de 1812.

1. Pondo de parte o respeito devido aos conhecimentos dos Redactores deste jornal, e principalmente do Professor Playfair, espéro que em razão de discipulo e amigo do Dr. José Anastasio da Cunha, me desculpem o expor-lhes eu, e ao publico, algumas razoes pelas quaes discordo em parte do conceito, que fazem dos principios mathematicos deste Author; pois que me parece não terem lido o que eu disse em abono desta obra no Monitor de de de 1811*; ainda que a grandeza do artigo, fez com que os Redactores o mutilassem, ligando os restos de fórma que o sentido, posto que em geral sem differença, ficou em partes diverso do que eu verdadeiramente escrevi.

2, Se por hum lado he mui lizongeiro para os amigos de J. A. da Cunha, que tão erudita penna louve a sua obra, e, convindo com o traductor no merecimento della, assim pela vastidão dos principios, como pelo rigor das demonstraçoens, e concisaõ do todo, a julgue por isso mui adequada para servir de texto a hum mestre habil, assegurando que lhe será sempre tão util como ao discipulo; tambem por outro lado he penosissimo o menos cabo que os mesmos Redactores fazem do methodo de J. A. da Cunha; principalmente para os poucos discipulos, aquem elle ensinou pelos seus *Principios Mathematicos*, e que por isso conhecemos, até praticamente o merecimento de tão preciosos elementos.

3. Pertendem os censores que na escolha da *synthesis* fez o Author hum sacrificio notavel á *rigorosissima logica* de que sempre usa, mas que não val a luz inventora do *methodo analytico*. Se eu sei dar o devido sentido ao que aqui dizem, convem indirectamente os Redactores que na *analysis* não ha sempre logica rigorosa, isto he, a infallibilidade de consequencias, que sempre se acha na *syntheses*; principio de que mui poucos mathematicos duvidarão hoje: mas por isso mesmo extranho mais que prefiraõ o *methodo analytico* ao *synthetico* para estabelecer as verdades essenciaes da mathematica; somente por ser a *analysis* hum instrumento necessario para descobrir verdades; que he o que julgo se deve

* O A. destas Reflexoens pedia-nos na carta que nos escreveo, que vissemos se achavamos os Moniteurs de 1811, e transcrevessemos o que elle disse: não nos foi possivel acha-los ate hoje. Redobraremos nossas diligencias. Os Redactores.

entender pelas expressões : *lux inventora, methodo luminoso, &c.* A consequencia exacta seria que : Os principios da Mathematica devem estabelecer-se por meio de demonstrações syntheticas, e as verdades desconhecidas investigarem-se por meio da analysis. Esta consequencia, que me parece a unica legitima, he a que tirou meu mestre daquelle principio ; e sobre ella estabeleceu o systema dos seus *Principios mathematicos*, que, por novo, e exacto constitue em grande parte o merecimento desta obra.

4. A duas classes podem reduzir-se todas as verdades mathematicas a respeito de qualquer Geometra : 1. Verdades, que elle conhece ; 2. Verdades, que elle ignora, ainda que todas, ou parte dellas, sejam conhecidas ja por outros Mathematicos. Será pois mais consummado aquelle Geometra, que, de certo numero de verdades conhecidas, souber deduzir, por si só, e sem livro nem mestre o maior numero de todas as mais verdades possiveis. Semelhantemente será melhor e mais elementar aquelle compendio, que, do menor numero de proposições, sabiamente escolhidas e enlçadas, pozer o discipulo em estado de extrahir dellas todas as verdades mathematicas possiveis, so por si, e sem o socorro de outro livro nem mestre. Estas proposições, para assim o dizer, *essenciaes* da Mathematica, estes anneis mutuos, donde partem os innumeraveis ramos da cadeia desta sciencia, he que J. A. da Cunha chamou *Principios*, e procurou encerrar no seu livro, estabelecendo-os com as mais infalveis provas de que he capaz a razão humana. Mas conforme o seu systema, ou plano filosofico, e novo de compendio, não lhe bastava estabelecer incontestavelmente os *Principios* da sciencia ; era tambem indispensavel ensinar ao discipulo a deduzir delles as verdades Mathematicas possiveis. Isto he o que elle preencheu mais particularmente, e quanto o estado dos conhecimentos humanos o permittia, no seu livro 7, e no 21, ensinando a deduzir dos *Principios* demonstrados, novas verdades, e ate proposições ja estabelecidas. Advertiu nelles ao mestre, e tomou pela mão ao discipulo, mostrando áquelle o como devia guiar, e a este o que devia fazer para deduzir novas verdades dos *Principios* conhecidos. Disse-lhes que somente investigando, e trabalhando muito por si mesmos, podião dar passos notaveis na sciencia. Isto, junto com a analysis moderna, exercicios della, e applicação da algebra á geometria, contido tudo nos livros 8, 11, 12, 13, e 14, e com os livros 17 e 19, achou o Author ser sufficiente para dar ao discipulo os necessarios conhecimentos da dita analysis.

5. Os Censores não perceberão este plano, assentaráo que o livro 7 fora escripto para estabelecer algumas proprie-

dades vulgares do circulo, e que J. A. da Cunha guardara* para o livro 21 a demonstração das formulas de Cardano, *sem se perceber a razão deste procedimento*. Enganaraõ-se: o livro 7 com a sua forma *analytica*, para assim o dizer, em toda a pompa, mas apoiada sempre pela *synthesis*, mostra bem claramente o principal fim para que foi escripto; e ommittiu-se de proposito a demonstração das formulas de Cardano, porque se deduzem immediatamente da definição de raiz. E com effeito o enunciado do Prob. 6. do Liv. 21. diz claramente que se trata de *investigar* as formulas de Cardano; da mesma forma que no Prob. 7 seguinte se *investigaõ* as reducçoens das fluentes ou integraes binomias algebraicas, humas a outras. Talvez que a casualidade de se acharem sem demonstração, tanto as formulas do terceiro gráo, como estas expressoens de fluentes, induzio os Censores a crerem que o Author dera por demonstraçõens as ditas investigaçoens. Esta particularidade pode desculpar o seu engano: mas J. A. da Cunha ommittiu sempre demonstraçõens, que o discipulo podia facilmente dar, apontado humas vezes, donde elle as podia deduzir, como se vé na Prop. 4, do Liv. 3, na 15 do 15, &c.; outras vezes sem dizer coiza alguma, como por exemplo na 1 do Liv. 10, na 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, e 15, do Liv. 16, &c. Assim deduzindo se immediatamente da definição de fluxaõ as demonstraçõens dos primeiros seis theoremas do Liv. 18, e cada hum dos seis seguintes, de cada hum dos primeiros, como o Author mesmo adverte, no theorema 7; não havia para que dar demonstraçõens; e seria, quando muito, acertado que dissesse consistirem as provas em tomar as fluxoens dos dois membros, prova esta a unica *synthetica* que admittem as suas fluentes. Da mesma forma a demonstração da formula de Cardano, conforme a Def. 2 do Liv. 1 consiste em multiplicar entre si as tres differenças, rezultantes de subtrahir do numero principal, cada hum das tres raizes: producto que se acha facilmente ser $x^3 + bx + c$, ainda que o calculo he extenso. E para demonstrar que estas expressoens incluem somente tres valores diversos, prova o Author que a expressaõ :

$$A - \frac{\frac{1}{3}b}{A}$$

na qual A exprime o radical cubico, tem hum so valor, sem repetir que semelhantemente tem só dois valores a expressaõ :

* Investigador Portuguez, Fevereiro de 1813.

$$\frac{-1 \pm \sqrt{-3}}{2} \quad A \quad \frac{\frac{1}{3}b}{\frac{-1 \pm \sqrt{-3}}{2} A}$$

porque esta consequencia fica facil depois de provado o primeiro cazo; e inda mais facil á vista da transformação, que o Author faz da formula destas raizes.

6. Do que fica exposto segue-se que o Geometra Portuguez não pertendeu bannir das Mathematicas o methodo analytico. Todos concordamos que de verdade em verdade se caminha com segurança e clareza, como por degraos, das coizas conhecidas para as que ignoramos: mas he tambem certo que, tanto a analysis como a synthesis, desenvolvem igualmente as nossas faculdades intellectuaes, acostumando o nosso discernimento, ou razão, a ver com presteza todas as consequencias legitimas, contidas nos principios, que nos convem ponderar; de forma que a este respeito não ha verdadeiramente differença entre a synthesis e a analysis exacta. E com effeito raciocinar he discernir se são diversas ou identicas as ideias, que se comparaõ. Assim os caminhos pelos quaes o entendimento humano pode chegar com segurança ao conhecimento da verdade, são unicamente dois, quando muito, ou a *deducção*, ou a *reducção ao absurdo*. Ambos estes meios se consideraõ hoje na synthesis, ainda que os antigos reputavaõ analysis a *reducção ao absurdo*; e só na admissãõ de symbolos e metáforas, muitas vezes absurdas se distingue da synthesis a analysis moderna. Assim, a por de parte esta analysis moderna, na qual se deixa a evidencia para caminhar com promptidaõ no descubrimento da verdade; não pode haver differença essencial entre a synthesis e a analysis, nem em clareza, nem em brevidade. Como querem pois os Censores preferir a analysis á synthesis, se não differem quando ambas conservaõ a luz da evidencia; e que a analysis moderna, apagando aquella luz, com chimeras que lhe abreviaõ a marcha, não da por isso resultados sempre seguros?

7. Bem podia eu abonar ainda o methodo, que seguiu meu mestre nos seus *Principios mathematicos* com o bellissimo livro dos *Principios* de Newton, e com as obras de outros illustres Geometras modernos: mas, visto o que acabo de expor, contentar-me-hei com ajuntar aqui a authoridade de L. M. N. Carnot*, cujas razoes tanto mais honraõ ao Au-

* Vij. Geometrie de Position, Nos. 12, 15.

thor dos Principios mathematicos, quanto são posteriores ao compendio Portuguez. Eis aqui como elle se explica.

“ Diz-se que a synthesis he a arte de subir, como por degraos das verdades mais simples para as mais compostas, ponderando, e combinando successivamente aquellas; e que a analysis he a arte de decompor nos seus principios elementares huma verdade complicada; isto he, a arte de verificar passo a passo, se huma verdade ou propozição affastada, supposta verdadeira, concorda com os principios ou axiomas como consequencia necessaria delles. He porem claro que em ambos os cazos são sempre os mesmos os raciocinios, que hão de fazer-se, variando somente a sua ordem. Logo os dois methodos não tem differença essencial, nem destas definições se segue que hum possa levar vantagem notavel ao outro.”

“ He verdade que a synthesis parte de axiomas, e vai gradualmente passando para verdades mais complexas. Mas esta marcha não he exclusivamente sua; pois he a unica possivel em qualquer cazo, e pouca reflexão basta para ver que a mesma segue a analysis. He certo que esta raciocina sobre as quantidades desconhecidas, como se fossem dadas: mas estas quantidades, posto que incognitas, tem propriedades sabidas; e somente destas he que a analysis se serve: são estas as que traduz, e das quaes, passando sempre do conhecido para o desconhecido, como na synthesis, deduz por fim o que queria saber. A arte de caminhar do que ignoramos para o que sabemos, he operação vedada á intelligencia humana.”

“ Forme-se a cadeia consecutiva de propozições des do axioma até qualquer verdade affastada; será facil tornar de muitos modos a ordem das ditas propozições, sem que a serie dos raciocinios perca a sua evidencia; porque as condições para isto necessarias são: 1. Que em cada huma destas propozições se perceba claramente a identidade dos dois objectos comparados: 2. Que hum destes dois objectos torne a considerar-se na propozição precedente, e o outro na seguinte; condições estas que podem de certo preencher-se de muitos modos, e por consequencia não he a mudança de ordem na serie destas propozições, que constitue a mudança do methodo.”

“ O que constitue essencialmente a mudança, isto he, a differença entre a synthesis e a analysis, he não chegar a primeira ao resultado, que busca, sem estabelecer primeiramente a sobredita cadeia de propozições; e que pelo contrario a analysis o acha logo por caminho mais rapido, e proprio seu, formando outra cadeia, não de objectos reaes, como a precedente, mas sim de hieroglyphos, que, as mais

das vezes, denotão meros entes de razão. Mal que possue a verdade buscada, e que a mostra á synthesis, toca a esta o estabelecer a cadia de objectos reaes: acha-se vencida a principal difficuldade: conhece-se o ponto, onde se deve chegar: o ponto da partida he tambem conhecido; e falta somente marcar o caminho mais curto e commodo para ligallos."

"Estabelecida que seja esta estrada, não sera menos segura nem menos luminosa para os que caminharem em hum sentido, do que o for para os que andarem no outro; será sempre synthesis, assim como a vereda hieroglyfica, de que fallamos, ficara sendo analysis, em quanto os objectos denotados por estes symbolos não se tornarem reaes, e proprios para a nossa comprehensão. Huma vez alcançado isto, os hieroglyfos transformão-se em abreviaturas, sem character differente da synthesis: e torna-se hum methodo no outro por huma simples traducção, &c."

8. Não posso pois concordar com os Censores pelo que toca ao methodo dos Principios mathematicos, methodo, que parece não terem comprehendido. O seu Author seguindo a synthesis para provar os principios, e recommendando a analysis como o instrumento mais precioso para investigar verdades novas, com tanto que se rectifiquem com a synthesis, estabeleceu o methodo verdadeiramente geometrico que se deve seguir; e pertence-lhe por isso a gloria de ter sido o primeiro Elementista que arrostou com a falsa metafysica de todos os mais pregoeiros e apologistas da generalidade e infallibilidade da analysis mathematica, para seguir a recta razão; marcha esta apenas indicada a medo por alguns modernos como Simpson e o Padre Marie.

9 Passando agora a cada livro em particular como os Redactores fizeraõ; muito me apraz que approvem em geral as definições de Ponto, Linha, e superficie de meu mestre, e as prefiraõ ás de Euclides, ficando-lhes somente o escrupulo da expressão *erro notavel*, de que nellas se uza; pois que nesta indeterminação das tres dimensoens do Ponto, das duas da Linha, e da grossura da superficie, he que consiste a *exacção* destas definições. E com effeito se as verdades demonstradas, o são para quaesquer destas dimensoens, que se queiraõ considerar, ficaõ demonstradas sem limite; e por isso não havera termo assignavel, entre os rezultados verdadeiros, e os rezultados da approximação. Ficaõ assim as consequencias geometricas no cazo das series convergentes, e por tanto nenhum Mathematico pode deixar de admittilas. De mais o Ponto, a Linha, e a Superficie do Architecto, ou Dessenhador prolixo, são apenas perceptíveis aos nossos sentidos. O medidor de terreno, e outros,

ja representaõ a Linha por hum cordel, cadeia, ou traço grosseiro, feito na terra: e em fim o Astronomo toma muitas vezes a terra toda como hum Ponto: quero dizer, os tamanhos do Ponto, Linha, e superficie sãõ sempre relativos aos fins, para que o Mathematico as considera: e por isso de sua natureza sãõ inasignaveis as suas dimensoens, huma vez que seja impossivel deixar de as considerar como corpos.

Quanto á definição de Plano, que os Censores julgaõ mais complicada do que a de Euclides, he a seguinte,

“ Superficie plana he aquella entre a qual e huma linha recta não pode haver espaço quando dois pontos sãõ communs a ambas. Tambem se chama Plano.”

o traductor foi mais extenso, e os Censores chamaraõ *complicação* á especie de explicação daquelle.

10. Tambem nao estaõ cabalmente satisfeitos com a definição de Angulo. Dizem que he *hum pouco* differente da definição vulgar, e que *participa muito* da imperfeição desta. Primeiramente não sei o que quer dizer *diffèrir hum pouco*; parece-me que nas ideias simples, como he a de *Angulo*, ou deve haver total differença, ou identidade total. De mais J. A. da Cunha foi o primeiro que considerou o Angulo, linear como principal termo de comparação ou, para assim o dizer, como unidade da figura geometrica. Parece-me por tanto que o considerou na sua verdadeira asserção; e que foi por isso o primeiro que definiu bem o Angulo, separando mui claramente delles mesmos, as quantidades que os Mathematicos por brevidade lhes substituem, quando sãõ rectilineos, e os Angulos rectilineos, que substituem aos curvelineos. Mas os Censores assentaõ que a 8. Definição do Liv. 1. he a *d'angulo rectilineo* meramente: que o Author devia ter defenido o que entende por *medida*, ou *valor*; e que Euclides tratou correctamente dos Angulos e arces, que lhes correspondem.

11. Em primeiro logar a 8. Definição não tem por objecto, ou ao menos por unico objecto, o definir o angulo rectilineo. J. A. da Cunha capacitou-se que, tendo definido *angulo* linear, quando se dissesse *angulo rectilineo*, *angulo mixtilineo*, &c. todos entenderiaõ serem *rectos* os seus lados, ou ser hum *recto* e outro não, &c.; e por isso na Definição 8. declarou simplesmente, por meio de hum parenthesis, que achava escusadas estas definições, e continuou estabelecendo a convenção dos Geometras á cerca da comparação dos angulos rectilineos, que forma o objecto desta definição. Eis aqui as suas proprias palavras:

“ Angulos rectilineos (isto he, angulos, cujos lados são linhas rectas) nomeados como grandezas iguaes, ou desiguaes, denotão arcos que os lados cortaõ em circulos descriptos com raios iguaes, e com os centros nos vertices : e pois os lados de cada angulo ficaõ desta sorte cortando mais de hum arco, entenda-se sempre o menor arco, que as circunstancias consentirem.”

He porem verdade que o Traductor, ommittindo o dito parenthesis, occultou mais o sentido do Author : mas todavia, os censores só podiaõ concluir que a definição tinha duas partes, huma para dar nome ao angulo, cujos lados são rectas, e outra para estabelecer a dita convenção dos Geometras. Em segundo logar J. A. da Cunha não devia definir *medida* nem *valor* assim como não defeniui, *corpo*, *espaço*, *figura*, &c.; tanto porque são ideas simples, indefiniveis, que o mestre pode explicar, como porque não usa das palavras *medida* nem *valor* na sua definição 8. Diz nesta definição que os mathematicos quando consideraõ, *como grandezas iguaes ou desiguaes* as figuras, que chamaõ *angulos rectilineos* ligaõ esta idea com a idea da quantidade de certos e determinados arcos ; e serve-se para isto do verbo *denotar* (ostendere, significare.) Diz pois que os geometras não necessitaõ considera os angulos pelo que estas figuras são em si mesmas ; porém meramente pelos arcos, que interceptaõ em circulos, descriptos dos seus vertices, e com raios iguaes. De nenhuma forma pre-suppoem, como os censores subentendem, ao que julgo, que os ditos arcos são proporcionaes aos seus angulos, nem mesmo que angulos iguaes, interceptaõ arcos iguaes ; por quanto prova esta verdade na sua proposição 3. Os Redactores não podem duvidar que tal he a idea generica, que os mathematicos formaõ hoje da palavra *angulo rectilineo* ; pois que não somente consideraõ angulos, cujos lados estaõ em direitura, contra o que disse expressamente Euclides ; mas angulos, cujos lados coincidem ; e angulos, cujos arcos são ja menores que a semi-circumferencia, ja maiores que esta e menores que a circumferencia toda : e em todos estes casos consideraõ tambem arcos compostos de huma ou muitas circumferencias, juntas, ou não, aquelloutros arcos. Tal he a idea vasta, que J. A. da Cunha da dos *angulos rectilineos*, quando são substituidos por arcos de circulo, descriptos dos seus vertices como centros, e com raios iguaes ; não concordando com o plano sublime da sua obra a definição parcial de Euclides, e dos elementistas vulgares.

12. Admiro-me que os Redactores criminem a definição de *rectangulo*, e não a de *quadrado*, quando ambas presuppoem condiçoens que ainda se ignora se podem existir com juntamente. O Author antes de ter provado que os angulos

de hum quadrilatero valem quatro rectos, não pode presuppor, que tres delles determinão a grandeza do quarto. E da mesma forma, antes de ter provado que no parallelogrammo são iguaes entre si cada dois lados oppostos, necessariamente deve exigir que sejam iguaes todos os quatro do rectangulo, para lhe poder chamar *quadrado*. He certo que podia illudir a questão, chamando *rectangulo* ao parallelogrammo que tem hum angulo recto, e *quadrado* ao rectangulo que tem iguaes os lados de hum angulo recto: mas neste caso faltava-lhe mostrar que o quadrado he figura equilatera como o nome indica, e que o rectangulo tem todos os angulos rectos, como tambem o nome exprime; o que val o mesmo que ter de provar a possibilidade de existencia do *rectangulo* e do *quadrado*, firmando as definições nos nomes destes rectilíneos, como fez. Não só a coisas de reconhecida existencia devemos dar nomes; podemos tambem dalos a tudo o que supponmos possivel para examinar se com effeito existe ou não. Com muita razão criminaõ os censores a theorica das parallelas da geometrica de Euclides, que o nosso author recteficou: e podiaõ notar inda em geral a grande differença de rigor geometrico entre os principios mathematicos, e aquella geometria: como por exemplo a Prop. 3. correspondente á 4. do geometra grego, que suppoem, sem a provar, a coincidencia dos planos, que pãssão por tres pontos. Criminaõ porem falsamente a Prop. 16. O Author não diz, nem o Traductor, que he parallelogrammo o quadrilatero, cujos lados oppostos são iguaes e parallelos. A simples condição de serem parallelos, bastava para se lhe dar o nome de parallelogrammo, conforme a definição; e nem hum principiante cahiria em erro tão grosseiro. Eis aqui a proposição.

“ O quadrilatero, que tem *dois* lados oppostos iguaes e parallelos entre si, he parallelogrammo.”

13. A pouca attenção, com que os censores léraõ o primeiro livro, continuou ainda no segundo. Não repararaõ na novidade, e elegante universalidade, com que o Author trata das linhas tangentes, não defenindo meramente a tangente ao circulo, e os circulos tangentes, como costumaõ os elementistas; mas abrangendo em huma só defenição, e por meio de hum só character generico as tangentes aos mesmos pontos de inflexão das curvas, que as cortaõ no contacto, &c. Os *principios mathematicos* foraõ escriptos com mui madura reflexão, e tendo em vista toda a generalidade, que os geometras modernos daõ aos termos da sciencia; e por isso por mui grande que seja o mathematico, que os ler, não fará idea cabal do seu merecimento, sem tempo, e reflexão mui seria.

14. Vistos os elogios, que os censores fazem os Liv. 3. e 4. dos principios mathematicos, não necessitamos reflectir sobre os melhoramentos, que lhes pareceraõ convenientes: mas devo acautelar o leitor, que não tiver á mão os *principios mathematicos* no original, ou em francez, que a definição de proporção, não se acha como deve ser no Investigador Portuguez. Houve o grandissimo descuido de usar da palavra *numero**, em vez de *grandeza*, e o erro, certamente typografico de por *multiplo* em lugar de *submultiplique†*. Se este defeito procede dos censores, ou do traductor, he o que não posso verificar, por me não ser possivel descobrir em Lisboa hum so exemplar do Jornal Inglez: mas creio que o Sr. Playfair, e os mais Redactores, não havião cair em tão grande descuido: e por outro lado he mui facil que hum simples traductor não repare nestas minucias de linguagem, que só avultão aos olhos do geometra‡. A definição do Author he a seguinte:

“ Se humas antecedentes, e suas consequentes forem taes, que em nenhuma antecedente possa caber submultiplique algum da sua consequente mais vezes do que em qualquer outra antecedente cabe hum igualmente submultiplique da sua consequente; chamar-se-hão essas antecedentes, e consequentes, proporcionaes; e se dirá que he qualquer antecedente para a sua consequente como qualquer outra antecedente para a sua consequente.”

15. ——— § No. 5. livro trata-se dos triangulos semelhantes.”——“ A interseccção dos planos, e algumas propriedades dos parallelepipedos, e do prisma, fazem o objecto do sexto livro.”——“ O 7 he relativo ao circulo.”——Tal he a idea succinta que o censores dão destes tres livros. Com tudo ha nelles de certo novidades notaveis, que distinguem o geometra Portuguez de todos os que trataraõ ategora da medida dos rectilíneos, e dos solidos. Euclides não satisfaz aos geometras a este respeito, como bem o mostra a variedade, que se acha nos seus expositores. Ea não ser este patriarcha dos Mathematicos, quem me apontaõ os Redactores que demonstrasse rigorosamente como J. A. da Cunha os caracteres fundamentaes da medida dos triangulos; e por

* Pag. 540 regra penultima do No. XX.

† Idem; regra ante penultima.

‡ Não houve descuido do traductor da censura: o erro he do censor de Edimburgo, que uza da palavra *number*, que em Portuguez quer dizer numero. No. 41 do Edinburgh Review pag. 428, ultima linha. Multiplo, em vez de submultiplo, he evidentemente erro de imprensa.

O. Redactores.

§ Investigador Portuguez, No. XX. pag. 542.

consequente os principios para a medida dos rectilineos todos? Os elementistas não considerão as rasoens incommensuraveis. Que mathematico me nomeão que provasse o principio geral da medida dos solidos, isto he, que os prismas estão na rasoão composta das rasoens das bases e alturas? As demonstraçoens de Roberto Simson, talvez o melhor expositor de Euclides, não são correctas. Suppoz (L. 11. Prop. 28.) que coincidiaõ as metades de hum parallelipipedo, que são dois prismas simplesmente *symetricos*, conforme a denominação do Snr. A. M. Le Gendre*: descuido este que se reproduz nas proposiçoens seguintes, que daquella dependem. As proposiçoens 1. e 4. do 5. L. dos Principios mathematicos, e a 16. do 6., bastavaõ sos para accreditar o nome do seu Author. Pelo que toca ao 7. livro ja notei (No. 4. e 5.) que não deve avaliar se pelas verdades, que contem; mas que he hum dos que caracteriza o systema filosofico do geometra Portuguez.

16. Pasma dos censores não acharem novidade alguma no Liv. 8. Todos os elementistas pertendem demonstrar as regras dos sinaes $+$, $-$, applicadas aos monomios. O Author dos Principios mathematicos diz que estas regras são abreviaçoens, de que usão os geometras modernos, differentes das verdadeiras noçoens algebraicas, contidas no Liv. 4. E os censores decidem que todos dizem o mesmo! J. A. da Cunha explica-se depois inda mais, dizendo que \dagger as hypothesis do Liv. 8. assim como as do Liv. 13.:

“... podem fazer errar as soluçoens dos problemas”

e que:

“... por isso as soluçoens, que nessas hypothesis se fundão não se devem ter por certas, senão depois de confirmadas por demonstraçoens rigorozas, independentes de taes hypothesis e derivadas de principios certos.”

e repete depois \dagger que estas abreviaçoens são metaforicas e hypotheticas, e que:

“... nem sempre quadraõ com as dadas dos problemas, e muitas vezes as contrariaõ: &c.”

Antes do geometra Portuguez só me consta que o Padre Marie § tratasse de algaravia algebraica, e de absurda a linguagem $+ \times + = + \dots + \times - = - \dots - \times - = +$, notando que os esforços de Thomas Simpson para a explicar

* Elémens de Geom. Liv. V. Pr. 22 Sch. (Edição de 1794.)

\dagger Princ. Math. Liv. 13. Prob. 8. Sch.

\dagger Princ. Math. Liv. 14. Prop. ultima Sch.

§ Leon Eléme de Mathém. No. 123.

lhes não parecem mais felices do que os dos outros mathematicos: mas sem com tudo avançar que esta algaravia erra por vezes as soluçoens. E ainda assim os censores não acháráõ novidade no 8. Livro, no qual o author, bem longe de entender explicar o algorithmo algebraico, como fazem os mais, o dá por erroneo, e somente admissivel como instrumento para a investigação, desconfiando sempre da verdade dos resultados!!

17. Concorde com os censores que meu mestre, na definição de potencia do seu Liv. 9. se desvia da vereda trilhada por todos; e sem me abalar a decidir se fez bem ou mal, nem tornar de novo á questão das provas syntheticas e analyticas, sobre o que je expuz o que sinto, observarei meramente: 1. Que J. A. da Cunha separou a primeira idea de *potencia*, da mesma idea generalizada, pois definiu aquella no Liv. 4., considerando-a nos seus casos particulares, *quadrado*, *cubo*, *quadratoquadrado*, *quadratocubo*, *cubocubo*, &c.; para provar depois que estes productos, e as raizes *quadrada*, *cubica*, &c. eraõ casos particulares das *potencias*. 2. Que se as expressoens.

$$a, \dots a, \dots: a, \dots$$

podem explicar-se por meio das extracçoens de raizes, e multiplicaçoens, para m, n inteiros, não podem de certo explicar-se por semelhante meio as expressoens:

$$a^{\frac{m}{n}\sqrt{2}}, \dots a^{\frac{m}{n}\sqrt{-1}}, \dots \&c.,$$

que os mathematicos a cada passo tem necessidade de considerar. 3. Que a noção de *potencia* proposta aos geometras nos principios mathematicos he exactamente a mesma a que elles tem chegado, em consequencia das suas observaçoens e generalisação da primeira idea. Posto isto, capacito-me que entre os mathematicos de nome o maior numero pensará como o geometra Portuguez. Em fim se os Redactores acháráõ longa e complicada a prova de que os quadrados, cubos, &c. são *potencias* na frase de meu mestre, tambem deviao notar a bella doutrina das series, e particularmente a elegancia da theorica dos logarithmos, contida em 6 ou 7 linhas.

18. Depois de elogiarem a theorica dos polynómios, contida no Liv. 10. concluem os censores que só faltou explicar o paradoxo das raizes imaginárias deverem ou não entrar em calculo, e darem ou não resultados reaes, ajuntando que a illustração desta difficuldade não pertence tam pouco aos ele-

mentos da sciencia. Não posso estar por huma nem por outra destas duas asserçoens ; ao menos da forma pela qual eu as entendo. He verdade que meu mestre não procurou justificar com as argucias capciosas e falsas, que D'Alembert chamava * *metafysica alambicada*, o uso que os geometras modernos fazem das expressoens imaginárias. Justificou-o, como devia, dizendo que a experiencia mostra guiarem quasi sempre a resultados exactos, com tanto que haja certas cautelas, que aponta. Eis aqui as suas proprias palavras : (Liv. 10. Prop. 5. Sch. 3.)

“ Os mathematicos modernos quando encontraõ semelhantes expressoens, nem por isso deixaõ de continuar o calculo : e mostra a experiencia que este sahe certo com tanto que se observem certas cautelas. Huma dellas consiste em fazer sempre $(\sqrt{-m}) \sqrt{-n} = -\sqrt{mn}$; outras em sujeitar a interpretação destas expressoens metaphoricas do calculo moderno ás condiçoens dos problemas, e recta razão.”

E depois fallando do caso, que os analysts chamaõ *irreductivel*, nota † que as expressoens imaginarias desaparecem desenvolvendo os radicaes cubicos pela formula binomial.

Eu creio que não se pode tratar esta materia com mais clareza, generalidade, e rigor geométrico. Em segundo lugar pertender que não pertence aos elementos da sciencia, o saber o discipulo se deve rejeitar ou conservar as expressoens imaginarias, que occorrem no decurso do calculo ; e se deve ou não confiar nellas ; parece-me ser proposição tao hypothetica, e inadmissivel, como o são as mesmas expressoens, de que trata. Por quanto, torno a repetilo : O discipulo não deve somente aprender as verdades elementares, mas igualmente o methodo para deduzir dellas todas as mais verdades mathematicas. Ja notei (No. 5.) que as formulas geraes do terceiro gráo devem considerar-se provadas na proposição, que as expoem, suprimdo o discipulo a demonstração, que o author ommittiu, pela sua facilidade. A cerca porem dos outros theoremas do Liv. 10., cujas demonstraçoens os censores dizem que ficaraõ reservadas para o diante ; assento se enganáraõ pela brevidade, com que leraõ.

Não sei como os Censores poderaõ ler os livros 11, 12, 13, e 14, para não acharem nelles coiza notavel. O certo he que leraõ o 13, e o 14, assim como tinhaõ lido o 8. : e por isso, referindo-me ao que ja disse (No. 5 e 6) não accres-

* Vij. Encyclopedie Art. Negatif,
VOL. VII.

C

* Liv. 10. Prop. 6. Sch. 1.

centarei coiza alguma a respeito da novidade característica no methodo de tratar a analysis moderna, exposta no Liv. 8. e no 13. Contentar-me-hei tambem com rogar ao Leitor: 1. Que examine a theorica das secções conicas de Liv. 14, e veja se merece o pouco apreço, que della fazem os censores? 2. Que reflecta se o uso da investigação, ou analysis, dos Liv. 11, 12, e 13, juntamente com os exercicios do mesmo genero no Liv. 7. e os que inda depois se seguem no Liv. 21., são ou não sufficientes para por o discipulo no caminho das descobertas mathematicas, principalmente suppondo-lhe hum mestre habil, e o grande uso de discorrer com a severidade geometrica, a que o Author o accustuma com o uso da mais exacta synthesis.

20. Se dermos crédito aos censores dos Principios mathematicos, o Livro 15 contem: 1. Huma propozição interessante, e cuja demonstração he nova e satisfatoria. 2. A continuação do *erro* de usar de synthesis em mathematica! 3. Huma definição de *fluxão*, involvida na maior obscuridade, e totalmente incomprehensivel para o discipulo, no qual não podem suppor-se os grandes conhecimentos previos, que ella exige para entender-se. Pelo enunciado da propozição, elogiada, ja todos veem que se trata do principio fundamental de todo o calculo fluxionario, e de tudo quanto se pode dizer com clareza sobre as *variaveis infinitissimas*. Noto porem, não dizerem os censores coiza alguma sobre as ideas, que J. A. da Cunha dá do *infinito mathematico*, como costumão exprimir-se os geometras modernos. Com tudo foi meu mestre o primeiro que defeniou com exactão e clareza esse *infinito mathematico*. Ategora todos o consideravaõ como *hum quantidade*, sem repararem na contradicção destas mesmas expressoens; visto que rigorosamente *hum quantidade* não pode ter mais de hum valor; e dado que admitta muitos, nenhum delles pode ser infinito. O nosso geometra foi o primeiro que notou consistir o dito *infinito mathematico* na *variabilidade das expressoens*; por isso que entre innumeraveis *quantidades* que denota cada hum das expressoens variaveis, he possível haver sempre hum menor ou maior do que qualquer outra proposta. Mas os censores não viraõ, ou não quize-raõ ver, estes rasgos de mestre, que caracterisaõ os principios mathematicos de J. A. da Cunha.

21. Ja respondi á segunda das tres sobreditas asserçoens (Nos. 3, &c.); e julgo ter mostrado aos meus leitores que o methodo dos principios mathematicos, bem longe de ser *erro*, he hum das coisas mais dignas de louvor que concorrem nos ditos principios.

22. Pelo que toca á definição de *fluxão* creio que ninguém pode esperar ser ella mui simples, nem que deixe de exigir algumas noções anteriores. Os conhecimentos, que presuppõem a definição de meu mestre, são meramente os que elle tem já dado no seu proprio compendio; e por tanto pode e deve suppolos bem conhecidos. Da mesma forma deve suppor que o discipulo somente sabe de mathematica o que elle lhe tem ensinado; e que por tanto ignora totalmente a que coizas os geometras tem chamado *fluxoens*. Esta observação he essencial; porquanto a difficuldade, e obscuridade, de que fallaõ os censores, com a resalva, que tomaõ, dizendo:

“E tal, como nós a entendemos” (Investigador Portuguez, No. XX pag. 545. lin. 23.) tudo me capacita que julgaõ necessario o saber o discipulo emparelhar esta definição, com as que os outros mathematicos tem dado. Semelhante questão não pertence ao discipulo, he para os Authores; e creio que assás está provada a legitimidade da definição; visto que não he transposição de nome. Examinemos com tudo miudamente, se a definição de J. A. da Cunha he, ou não, clara; e se he, ou não preferivel ás dos outros geometras.

23. Para eu provar que a definição de *fluxão* do geometra Portuguez, lida sem prevenção, he mui clara, bastava-me notar que se reduz a dizer: — *fluxão* he a grandeza, que, para certa supposição faz constante huma determinada expressão, e faz outra infinitissima — examinemos porem a dita definição. Supponhamos que tratando se de crear hum nome para certa classe de coizas J. A. da Cunha dizia;

—1. Seja proposta a funcção Γx ; escolha-se huma grandeza qualquer d , com a condição unica, de ser homogenea á raiz x : e chame-se-lhe *fluxão de x* . — Parece-me que por ora não pode haver coiza mais clara. Continuemos;

—2. Permitta-se-me que eu escolha huma expressão, em que entrem as grandezas x , Γx , d , e outra δ , sua homogenea, que tenha para d qualquer razão constante R ; isto he, faça-se $\delta = Rd$: e seja;

$$\frac{\Gamma(x + d) - \Gamma x}{d} = R$$

a expressão escolhida por mim. —

Julgo que ainda não pode o discipulo ter difficuldade em conceder, nem em comprehender o que o Author pretende. Continuemos pois—

— 3. Convencionemos chamar a δ *fluxão de Γx* , se for

tal, que, suppondo d infinitissima, e constante tudo o que não depende de d , rezulte infinitissima ou cifra a expressão escolhida—

$$\frac{T(x + d) - Tx}{d} = R.$$

Capacito-me ainda que não será difficil ao discipulo de entender o que o mestre lhe diz, nem tam pouco o conceder-lhe o que lhe propoem; bem que ignore totalmente o para que tudo isto possa ser util. Como nesta definição se trata somente de segregar, por meio de hum nome, certas grandezas ou expressoens de grandezas, de todas as mais, será sempre bom e admissivel, humavez que satisfizer a esta condição, como vemos que satisfaz; pois que della se deduz facilmente que não admite mais de hum valor para hum valor de x , e o d , que lhe corresponde. Se esta definição he clara e admissivel, tambem o he a de J. A. da Cunha, que differe somente desta no laconismo, e no modo de escrever as fluxoens; embora a dita definição agrade ou desagrade aos censores. Com tudo comparemo-la ainda com outras para nos certificarmos do seu merecimento.

Visto que na censura se prefere a definição de *fluxão*, deduzida do que disse La Grange* em 1772; segue-se. 1. Que os Redactores confessão tacitamente que todos os outros methodos são maos. 2. Que tem feito mal todos os elementistas, que escreverão depois, em não adoptarem a dita definição. Ora entre estes acha-se o Padre Marie, ao menos desda segunda edição das suas liçoens elementares†; obra esta, que os mesmos censores com toda a razão elogiaão no fim do seu artigo sobre os principios mathematicos, ainda que incrivelmente á custa destes. E tanto mais he notavel este exemplo, quanto o benemerito geometra francez, começando a explicar o calculo differencial pelo desenvolvimento dos incrementos, lhe ficava mui facil a dita definição, e muito mais escuro o methodo, que seguiu, adoptando os desprezos incomprehensiveis de infinitissimas de ordem inferiores, quando concorrem com alguma de ordem superior. Por tanto bastara que a definição de meu mestre em paridade com a que propoem os censores, se ache preferivel, para estabelecermos que he a melhor de todas as conhecidas.

* Memoria d'Acad. B. das Sc. de Berlin para 1772: pag. 187. No. 3.

† Paris 1778. Pois julgo ser esta a obra, que subentendem, quando fallão em La-Caille.

25. Ora ; 1. chamando *fluxão* de huma funcção :

“ ao primeiro termo do incremento dessa funcção.”

não fica immediatamente conhecida a identidade desta definição com as *velocidades* de Newton, ou Mac-Laurin ; com as *differenças* de Libnicio ; com os *remanescentes* de Landen, &c. ; e por tanto fica tambem escura na frase dos censores : nem tera applicação immediata e facil em parte alguma da mechanica : alem de que não he verdadeira sem subentender que se chame *fluxão* da raiz ao incremento *total* della. 2. Esta definição de *fluxão* tem a grande desvantagem de exigir mui complicados calculos para chegar ás verdades, a que se chega com summa facilidade pela definição do Author portuguez ; desvantagem esta, que não tem paridade com a pequena attenção que requer a definição de J. A. da Cunha para se comprehender cabalmente. He por causa desta difficuldade que La-Grange propoem o methodo das funcções analyticas só para demonstrar as regras vulgares do calculo differencial, deixando porem esse calculo tal, qual existe. Eis aqui como elle se explica* :

“ Mostraremos a identidade deste calculo das funcções com o calculo differencial verdadeiro, e provaremos assim os seus principios, e regras conhecidas, sem supposição nem metafysica alguma.”

3. Huma vez que o discipulo saiba as formulas vulgares das *fluxoens* : que rectas são *fluxoens* dos arcos das curvas, e das suas differentes coordenadas ; que planos das suas áreas ; que superficies são *fluxoens* das superficies curvas, e que solidos são *fluxoens* dos solidos ; tem acabado todas as diversidades de methodo ; e somente terá ganho o discipulo, se o mestre o tiver guiado pelo caminho mais curto, e mais seguro. Isto he sem controversia o que fez J. A. da Cunha ; pois que o seu methodo não he consideravelmente mais longo que o Libniciano, cuja brevidade se torna cara pela falta de evidencia, defeito, que não ha no Author portuguez, cujas *fluxoens*, em todos os casos são quantidades reaes, e da grandeza, que convier ao geometra tomar. 4. Em fim mui facilmente pode o mestre explicar ao discipulo a paridade das *Fluxoens* de J. A. da Cunha, com as dos mais geometras ; ou immediatamente depois desta definição, ou quando chegarem ás proposições 13, e 14, do liv. 15 ; independentemente da observação de serem os

* Theorie des Fonctions analytiques, No. 9.

mesmos os resultados, o que per si só bastava; e pode mostrar tambem ao mesmo tempo o uso dellas.

26 Com effeito para qualquer funcção Γx de x , pode considerar-se a curva ACD , cuja equação para as co-ordenadas $AB = x$, $BC = y$, seja $y = 1 x$; fazendo, para assim o dizer, os mesmos olhos testemunhas doque deve ter logar com as funcções literaes das variaveis. Supponhamos que se investigava o modo de tirar a tangente GH a qualquer ponto C desta curva. Consideremos CF parallelá á base AE , que encontre em F a ordenada ao ponto qualquer D da curva, e em H a tangente supposta desta: tambem a corda CD , e huma recta GI parallelá a essa corda, e que encontre BC em I . A razão entre $BE = CF$, e FH , he constante; por quanto os triangulos semelhantes BCG , CFH , dão $\frac{FH}{BE} = \frac{BC}{BG}$, e BC , BG são constantes para o ponto C . Da mesma forma os triangulos semelhantes BGI , CDF e CGI , CDH , dão $BE : BG :: CD : GI :: DH : CI$, ou $\frac{DH}{BE} = \frac{CI}{BG}$. Mas suppondo infinitissima a variavel BE , tambem serão infinitissimas as rectas DH , CI ; e por isso infinitissimo o quociente $\frac{CI}{BG}$, ou o

seu igual $\frac{DH}{BE}$; ficando constantes os quocientes iguaes

$\frac{BC}{BG} = \frac{FH}{BE}$. Logo, chamando a BE *Fluxão de x* , tere-

mos $\frac{FH}{dx}$ constante, e :

$$\begin{aligned} \frac{DH}{BE} &= \frac{DF - FH}{BE} = \frac{DF}{BE} - \frac{FH}{BE} = \frac{DE - EF}{BE} = \frac{FH}{BE} \\ &= \frac{\Gamma(x + dx) - \Gamma x}{dx} - \frac{FH}{dx} \end{aligned}$$

infinitissima para BE ou dx infinitissima, e constante tudo o que não depende de dx : expressão esta da definição. He porem alias claro que no cazo de ser conhecida a forma de Γx ; e por consequencia a da expressão :

$$\frac{\Gamma(x + dx) - \Gamma x}{dx}$$

a suppozição de dx infinitissima dara facilmente esta fração $= C + \text{Infinitissimo}$, sendo C constante; e logo devera ser $\frac{FH}{dx} = C$, ou $C = \frac{BC}{BG}$; e ficará determinada a sub-

ordens de infinitissimos, se devem conservar no calculo somente os de ordem superior, para obter os verdadeiros resultados: a differença entre $\Gamma(x + dx)$, e Γx tirada da equação:

$$\Gamma(x + dx) = \Gamma x + A dx + B dx^2 + D dx^3 + \&c.$$

será $A dx$; porque $B dx^2$, $D dx^3$, &c. são infinitissimas de ordem inferior a dx , que não podem por isso existir a par desta differencial no mesmo calculo. Isto he, será $A dx$ a differencial de Γx , como ja vimos que com effeito o he. Imaginando que o ponto C he impellido na direcção de B para C com velocidade $= FH$; e de C para F com velocidade $= CF$; tenderá C a mover-se de C para H com velocidade $= CH$. Mas como se acha CH *Fluxão* do arco AC ; por isso Newton, chamou *Fluxão* a cada huma destas velocidades, considerando as como forças, que sollicitão o ponto C . Em attenção ao inventor deste calculo, conservou J. A. da Cunha o nome, ainda que he mais antigo o de *Differença* ou *Differencial*, usado por Leibnicio, pelo Marquez de l'Hôpital, &c.; preferindo porem o modo de escrever destes por ser mais commodo. Tal he maneira de discorrer, de que os Geometros tem uzado nestes cazos, que o mestre facilmente, como disse, pode fazer notar ao discipulo, comparando a falta de evidencia, e a compensação de hun's com outros erros, em logar da severidade logica, e da clareza, que se achão reunidas com a brevidade nos Principios mathematicos de J. A. da Cunha. Por tanto capacito-me que, se os Censores tomarem o trabalho de ponderar maduramente, não só a definição, mas toda a theorica das *Fluxões* e *Fluentes* deste benemerito Author, acharão de certo, que he a unica existente até hoje, que satisfaz cabalmente a todos os requizitos indispensaveis.

28. He certo que J. A. da Cunha no Liv. 16, trata das expressoens trigonometricas, ou da *Trigonometria analytica* (como os Censores se exprimem) antes da resolução dos triangulos: mas por ventura fez mal? Se assim he, tambem fez mal o *Padre La Caille*, cujas *Licoens* os Redactores preferem a todos os compendios de Mathematica! Decidirão tambem de hum só rasgo de penna que a resolução dos triangulos he * *tao geral e conciza, que não pode ser de muita utilidade pratica*. Para que o Leitor conheça a falsidade desta propozição, basta notar: 1. Que J. A. da Cunha des da Prop. 42. até a Prop. 51. demonstrou os Principios necessarios para a resolução de todos os cazos trigonometricos: 2. Que os exemplos, e o uso das taboadas, pertencem

* Invest. Port. No. XX. pag. 546. lin. 2 e 3.

ao mestre e á curiosidade do discipulo, no systema do Geometra Portuguez; pelo que necessariamente devia ommittirlos: 3. Que advertiu com tudo ao mestre e ao discipulo da necessidade de applicarem aquellas propoziçoens a differentes cazos particulares, dizendo-lhes (Liv. 16. Prop. 51. sch.):

“ Nos livros vulgares de taboadas achão-se regras que abrevião estes calculos.”

Que mais podem pertender os Censores de hum verdadeiro livro de Elementos? A cazo ha mais *Principios* nas *Liçoens de La-Caille*? De certo que não. O que naquellas se acha de mais, são exemplos, e taboadas, que o Geometra Portuguez aconselha se consultem, excluindo estas, e aquelles, do seu compendio, conforme com o plano destê, que suppoem hum mestre, ao menos quando o discipulo não for dotado de tão superior talento, que possa, como elle pode, estudar por si só a Geometria de Euclides, e ler logo depois sem guia os *Principios de Newton*.

29. * “ No 17 livro trata-se do methodo de tirar as tangentes das curvas, bem como d’algumas propriedades das secçoens conicas, e do raio da curvatura.” — “ No 18 trata do methodo d’achar as fluentes; e nelle se acha hum bom numero de curiozos theoremas; e aqui introduzio tão bem alguma coiza da arithmetica das quantidades impossiveis. A obscuridade da idea original de fluxão contribue para fazer toda esta parte mais escura do que o não devia ser.” — Tal he a idea, que os Censores dão destes dois livros, sem fallarem no 19. que trata das fluentes polynomias, e das fluxoens das equaçoens, ou das *equaçoens differenciaes*. Pelo mesmo que dizem se vê que o Liv. 17. contem algumas applicaçoens do calculo das fluxoens; e o 18. os principios geraes do calculo das Fluentes, cujas mais notaveis applicaçoens se achão depois no Liv. 19. Por tanto devem considerar-se os Liv. 17 e 19., ou quando menos o 17. somente, não só quanto á materia sublime de que trataõ, mas igualmente pelo que respeita ao methodo do Author: quero dizer pelo cuidado de ensinar ao discipulo a pratica dos Principios, á medida que se estabelecem. Assim este Liv. 17. relativamente as fluxoens, e o 19 a respeito das fluentes são como o 7. em Geometria ordinaria. Contem ambos *exercicios obrigados*, a fim de familiarizar os discipulos com as verdades estabelecidas e despertar a sua curiosidade para os desenvolverem ainda mais; mas sem com tudo os affastar dos principaes anneis da cadeia, que constitue os *Princi-*

* Invest. Port. No. XX. pag. 546. lin. 4, &c.

pios da Mathematica. Lançando porem hum veio sobre a elegancia, originalidade e rasgos de mestre, que se me figura ver nestes livros, e que os mesmos Censores parecem ter em vista dizendo que o Liv. 18. contem *muitos theoremas curiozos*: notarei pelo menos, sem temor de que me accusen de parcialidade que no Liv. 17. se acha igualmente com o methodo das tangentes, o dos Pontos multiplos das curvas algebraicas; o das Assymptotas rectilineas das curvas; as expressoens dos Raios de curvatura; e a propozição importante que he sempre:

$$d^2 \Gamma x = dx d \frac{d \Gamma x}{dx}; \dots d^3 \Gamma x = dx^2 d \left(\frac{1}{dx} d \frac{d \Gamma x}{dx} \right); \dots d^4 \Gamma x = dx^3 d \left(\frac{1}{dx} d \left(\frac{1}{dx} d \frac{d \Gamma x}{dx} \right) \right); \&c.$$

ou dx dependa ou não da raiz x . Que no 18. trata o Author essencialmente da determinação das fluentes, dando as formulas conhecidas, elegantemente recopiladas das obras dos primeiros Geometras da Europa. E como em muitos cazos he necessario para isto determinar os factores dos polynomios, cujas formulas geraes até hoje não excedem as de Tartaglia e Cardano, expostas no seu Liv. 10.; por isso na sua, quanto a mim, celebre Prop. 15. deste Livro, que serve de Lema para a integração das fracções marcou o Author os logares principaes da estrada, que se deve seguir para achar os factores dos polynomios, ou *equações*. Quem confrontar o methodo de J. A. da Cunha com o de La-Grange*, achara que o Geometra Portuguez, tinha rezolvido o problema mais de quinze annos antes do celebre Geometra Francez. Por esta occasião o nosso Author fundando se na experiencia, observa (Princ. math. Liv. 18. Prop. 15.):

“..... que a impossibilidade das raizes das equações he a da raiz quadrada dos numeros negativos; por isso, e por ter cada numero duas raizes quadradas iguaes e contrarias, se $A + B \sqrt{-1}$ for raiz de huma equação, tambem $A - B \sqrt{-1}$ o será: e por isso sendo imaginarias todas as raizes da equação $Z = 0$ do gráo $2n$, serão reaes n raizes $-4B^2$, da equação $\Delta (\delta^2) = 0$.”

unica nota, que faz aqui sobre as expressoens imaginarias, e de que ja tratou quanto basta†. Esta observação corresponde á que fez igualmente no fim do Liv. 17, sobre o character analytico dos pontos de inflexão (Prop. 9. sch.)

* Vij. *Traité de la resolution des équations numeriques*; impresso pela primeira vez em 1798.

† Vij. Nos. 16 e 18.

“ A experiencia tem mostrado aos geometras, que toda a variavel, entre cujos valores ha differenças infinitissimas, ao passar de positiva para negativa, se acha igual, ou a 0, ou a $\frac{1}{\infty}$. Conforme a esta experiencia, o ponto, que em huma curva regular separa concavidades oppostas tem hum raio de curvatura = 0, ou = $\frac{1}{\infty}$; que he o mesmo que dizer que não tem raio de curvatura.”

Pelo que toca a obscuridade da *idea original de fluxão*, que os censores achão *reproduzida* no liv. 18. julgo sufficiente o que ja ponderei (Vij. No. 22. até 27)

30. Deixo ao leitor o trabalho de comparar a theorica das differenças finitas, que se acha no liv. 20. dos Principios mathematicos, com o artigo *Difference* da Encyclopædia methodica. Vera por si mesmo se o trabalho de *Bossut*, que leva como pela mão o discipulo, ensinando-lhe a tomar as *Differenças* mais simples, e depois passo a passo os *Sommatorios*, se parece, como querem os censores, com o de J. A. da Cunha, o qual, suppondo o seu discipulo em estado de achar todas as *Differenças*, guiado pela simples definição dellas, passa logo a determinar os *Sommatorios*, e chega muito mais longe doque o geometra Francez, escrevendo a penas a decima parte do que aquelle escreveu. Este livro contem igualmente hum tratado elegante das series recurrentes, a que em parte se applica a doutrina das *Differenças*.

31. Pelo que respeita ao liv. 21. ja notei (Nos. 4 e 5) que os Censores não entenderão o como elle entra no plano do Author; e visto que na censura se expõem a penas a materia, de que elle trata, sem louvor nem vituperio; parece-me acertado lembrar aos meus leitores, que o tenho por obra sublime, onde apparece o profundo saber, e o grande talento de invenção deste genio extraordinario, honra da Patria, e, ousou dizelo, *Esteio e farol da Mathematica moderna*, em cujos Elementos os Geometras tinham ha muito desprezado o caminho seguro, posto que aspero, dos antigos. para correrem ás tontas pelos trilhos mais curtos, que primeiro se lhes offerencia. Este livro acaba com o celebre problema dos isoperimetros, como nos dizem os censores sem mais declaração alguma. Sem querer penetrar a razão deste silencio, devo com tudo ajuntar em abono da verdade, que, apezar das fadigas dos maiores Mathematicos, e em particular de La-Grange, se pode dizer se que este problema estava resolvido, não estava de certo reduzido a huma propozição de pouco mais de huma pagina, como elegantemente, e por caminho seu, a reduziu o nosso geometra.

32. Quanto a decisão dos Redactores na comparação das *Lições* do P. *La-Caille* com os principios de J. A. da Cu-

nha, notarei: 1. Que o louvor diminuto dos censores, parece bofetada com não occulta. Com effeito quando a Europa abunda em tratados elementares de mathematica, e que existe já hum compendio bom, dar J. A. da Cunha outro, que não seja decididamente melhor, he, não so desvario, mas, quanto a mim, o maior mal, que se pode fazer, e que na realidade se tem feito, e se faz, ao avanço das sciencias. Taes obras formão hoje huma alluviaõ de tropeços, que, de precipicio em precipicio, e com os attractivos de alguma novidade ou da moda, arrastão consigo todos os principiantes, a quem falta algum amparo seguro, a que se acolhao, e que os escude da furia desenfreada e medonha de tao turbulenta e orgulhosa torrente. 2. Que os censores, acabando de louvar no todo os Principios mathematicos, parecem contradizer-se assegurando que *La-Caille*. (Invest. Port. No. XX, pag 547.):

“..... não apresenta tanta originalidade de methodo, como o Mathematico Portuguez” para avancarem logo que este mesmo compendio de *La-Caille* he;

“O melhor compendio de Sciencia Mathematica, no mesmo tamanho, que se tem dado, ao mundo.” 3. Que o geometra Portuguez em dois quintos da escripta do geometra Francez, abrangeu nos seus elementos maior numero de principios fundamentaes do que aquelle compendio contem, ainda depois de melhorado pelo benemerito P. *Marie*. Nem pode dizer-se com verdade que os Principios mathematicos são mais escuros. São sim as demonstraçoens mais difficéis de entender bem as vezes; pois ha mui grande differença entre a obscuridade, ou confusão, procedida da falta de methodo, ou vicio de raciocinio, e a difficuldade, procedida da nimia attenção, que exige hum raciocinio para se comprehender bem. Ninguem pode duvidar que sempre sera mais commodo crer as proposiçoens, que avança hum mathematico moderno, que não se causa em provar rigorosamente o que diz, do que seguir a cadeia dos raciocinios, necessarios para demonstrar essas proposiçoens. Tal he a differença que se acha em *clareza* (como costumão hoje explicar-se) entre os elementistas vulgares, e os poucos geometras, como J. A. da Cunha, que escrevem á maneira dos antigos, não avancando proposição, que não demonstrem cabalmente. He verdade que o nosso Author suppoz hum mestre; e que por isso omittiui todos aquelles anneis das cadeias dos raciocinios, que julgou faceis de reintegrar. Fez isto, não por ser laconico: mas para exercitar e ensinar o discipulo: e não julgo que este laconismo, filho do seu systema filosofico, seja motivo legitimo para a preferencia que os censores querem dar ás *Liçaõ de La-Caille*: pois que

os vacuos, que restão facilimente se enchem. Lendo as ultimas palavras da censura, assento que, se os Redactores cahiraõ em algumas incoherencias, e não viraõ a maior parte dos rasgos de mestre, que contem os Principios mathematicos, procede tudo de assentarem que de Portugal não podia sair obra, que avultasse aos olhos do mundo illuminado. Desta preocupação resultou naturalmente não reconhecerem o apreço, que merece o immortal livro de J. A. da Cunha; obra, que espero tenha a sorte dos escriptos sublimes, a que de ordinario os coevos do Author não dão os devidos louvores, que so lhes tributao os seculos futuros. Assim succedeo com os *Principios de Newton*, e succedera com todos os escriptos, que, affastando-se do trilho vulgar, difficilmente achao apreciadores competentes.

Anastasio Joaquim Roiz.

Lisboa de 8 de Abril
de 1813.

CONCEITO,

Ou observaçoens sobre o Jornal de Coimbra em Lisboa, dirigidas, e dedicadas ao Investigador Portuguez em Inglaterra. Por J. J. V.

Ita n' comparatam esse hominum naturam omnium
Aliena ut melius videant, et dijudicent
Quam sua?

P. Terent. Heautont. Act. III. Scen. I.

PHILOZOPHO, SABIO INVESTIGADOR.

Poucos saõ os homens, que o mundo literario tem visto nascer, cujas obras não tenhaõ ouvido a vóz da censura; Homero, ainda que gozou do esplendido, e esclarecido nome de Pai dos Poetas, contou mais do que hum émulo; o mesmo Horacio, que bem conheceo o merecimento d'aquelle grande Poeta, não duvida figurar o bom Homéro dormindo algumas vezes nas producçoens dos seus grandes Poemas; Plataõ

profundo philosopho, homem extraordinario, que foi honrado com o attributo de divino, hé accusado muitas vezes de não observar ordem nos seus Diálogos; Aristóteles primeiro philosopho de toda a antiguidade, Principe de toda a Disciplina Peripatetica, he notado d'obscuro, e reprehendido muitas vezes por Galeno; Virgilio he considerado de fraco engenho, e outros taobem lhe chamaõ hum simples compilador d'Homero; o eloquente Demosthenes nem sempre agrada a Cicero; Séneca na reputação de muitos he cal sem areia, e Plinio hum rio turvo; hum dos maiores Génios do seculo passado, cujo nome sóou d'huma á outra parte da Europa, tem soffrido o dictério d'hum méro comentador d'Epicuro.

Parece que o éco da boa fama, e merecimento alheio, ferindo o ouvido do homem, fere ao mesmo tempo o seu coração para satirizar, e mal dizer aquelle, cujo esplendor considera como a sua deshonra, e ignominia.

Assim podemos nós considerar-vos philosopho, sabio Investigador, no meio dos vossos innumeraveis rivaes; porem quanto mais elles pertendem offuscar vossa fama, e vossos escritos, filhos do grande genio, e merecimento, mais s'abatem, fazendo subir a hum alto gráo vossos louvores, e por mais que mordazes zoilos levem a satira aos vossos trabalhos literarios.

Semper honos, nomen que tuum, laudesque manebunt.

He pois a vós, Luminoso Investigador, aquem consagrâmos o conceito, e observaçoens sobre o Jornal de Coimbra, filhos da verdade, e d'espírito de desengano; n'estas poucas linhas, que vos dedicamos, conhecerá o publico illustrado, quanto seria melhor que os homens, que s'entregão aos trabalhos literarios, cuidassem mais na reprehensão propria, do que n'alheia.

As presentes observaçoens serão divididas em duas partes; a I. hade conter o conceito dos Jorn. de C. do primeiro semestre, que formão o primeiro volume: a II. terá por objecto mostrar o pouco fundamento da critica refutação feita ás proposiçoens do Jornal intitulado, Investigador Portuguez em Inglaterra.

CONCEITO,

Ou Observações sobre o Jornal de Coimbra* em
Lisboa.

PARTE I.

CAPITULO I.

Das primeiras linhas do Prospecto do J. de C.

Tendo chegado ás nossas mãos hum bom papel, que tinha por inscripção—Prospecto do Jornal de Coimbra—o mesmo foi ler as primeiras linhas do prospecto, que arder no mais louvavel dezejo de nos instruímos nos objectos, que o mesmo enunciava. Creados n'huma universidade, que, pela exacta reforma, obra augusta, e digna d'hum Monarcha, como o Immortal, e nunca assaz louvado Senhor D. Joze I. pode hobrear com as mais celebres da Europa, não podíamos affrouxar o justo dezejo de ler as produções dos filhos d'aquella mesma Mai, que nos tinha educado: por outra parte os mais bellos assumptos, que annunciava o prospecto de J. de C., e as mais agradaveis vistas, que apresentava logo nas suas primeiras linhas, duplicarão o nosso dezejo.

Hé innegavel que só as primeiras quatro linhas do prospecto do J. de C. podiaõ, e deviaõ attrahir hum grande numero d'homens de literatura, que se julgariaõ felizes pelo encontro dos mais bellos assumptos, que elles viaõ indicados no mesmo prospecto. A opinião anticipada por hum das mais esclarecidas universidades, donde sahia o prospecto do J. de C., e o inculcado no mesmo, forçava (seja-nos licito assim explicar) o homem do mundo sabio ao dezejo da sua lição.

Façamos menção das primeiras linhas do prospecto do J. de C., e o nosso leitor conhecerá que dizemos a verdade sem apparato, e sem exaggeração “Fazem objecto do J. de C. (diz o seu prospecto) observações, memorias, extractos, noticias, &c. sobre todas as partes essenciaes, ou accesso-

* Em Novembro passado tinhamos remettido para Londres aos Redactores do Investigador Portuguez estas observações sobre o J. de C.; o seu portador, mudando de viagem, e destino, levou com sigo os nossos trabalhos literarios; hum nova copia vai supprir a falta da primeira.

rias da arte de curar—Sobre Educação assim Física, como Moral—Agricultura—Economia publica, e domestica—E haverá hum Extracto das noticias politicas, e militares, que se publicarem nos periodicos de Portugal em cada mez.” Que pompozo, e magestoso prospecto! Qual he o homem, que entra na sociedade das letras, que tendo, ou ouvindo ler aquelle enunciado do prospecto, não sinta na sua alma hum desejo innato de vêr publicadas essas materias escolhidas para objecto do J. de C. e que com ancia não dezeje essa epoca feliz d’aperfeiçoar suas ideias na lição dos mais luminosos assumptos? He hum jornal escrito no seculo XIX., he a pluma dos academicos d’huma das mais florescentes universidades, são materias sublimes, e nobres, que a mesma annuncia; tudo isto captiva a alma do leitor, e d’annuncios grandes hé d’esperar grandes, e magnificas producções.

Cada hum d’esses assumptos de que s’incumbem os Redactores do J. de C., offerecia hum vasto, e bem dilatado campo, em que se podiaõ alargar suas ideias; o mesmo he pronunciar a palavra indicativa dos assumptos expostos no prospecto do J. de C., que achar logo hum objecto util, nobre, e d’immensa extensão de literatura, e podemos dizer sem receio, que não encontramos hum só objecto d’esses enunciados no prospecto, que seja esteril, e não s’appresente ao homem da Republica das Letras, como huma das suas mais vastas Provincias.

Infelizmente vemos frustrados os bons desejos do leitor, reduzida a alma ao infeliz, e miseravel estado de Tantalos, e os assumptos mais abundantes, dignos da pluma do seculo XIX., tratados com a maior esterilidade, e indignidade, como depois o faremos vêr, podendo por isso o mesmo Leitor perguntar aos Redactores do J. de C. com o celebre Ovidio,

Cur tua polliciti pondere verba carent?

CAPITULO II.

Da utilidade, e grandeza dos assumptos inculcados nas primeiras Linhas do prospecto do J. de C.

Hum simples golpe de vista Philosophico lançado sobre as pomposas, e magnificas materias, que o prospecto do J. de C. escolheo para lição do publico, e dirigido aos capitulos, onde s’achão tratadas essas mesmas materias, deixará

ver com todas as cores d'huma pura verdade tudo quanto temos asseverado: em breve quadro faremos hum esboço do alto gráo d'utilidade, e nobreza, de que são ornados aquelles ramos scientificos, e depois levaremos o mesmo golpe de vista aos Jornaes, onde s'achão expostos.

Offerecerão os Redactores do J. de C. manifestar no publico observaçoens, memorias, &c. sobre todas as partes essenciaes ou accessorias d'arte de curar; sobre Educaçãõ assim Fizica, como moral; Agricultura; Economia publica, e domestica. Todos estes assumptos são fartos, cada hum d'elles (como ja dissemos), offerece huma extensãõ de literatura; a sua utilidade hé ainda mais abundante; a sua nobreza para ser avaliada, basta reflectir que são assumptos filhos dos mais solidos principios d'huma razãõ clara, e pura.

MEDICINA.

A arte de curar tem caminhado nos ultimos seculos a passos agigantados; não ha universidade alguma da Europa, que não tenha lançado as suas vistas para esta sciencia, que, tirando o homem do estado extraordinario, o faz tornar ao primeiro, e natural estado da sua saude; e como esta com razãõ deve ser hum objecto das suas delicias, e do seu primeiro amor, a sciencia da Medicina, aos olhos do Philosopho deve ter aquelle gráo d'estimaçãõ, que tem o mesmo objecto, aque ella se dedica: ser amante da saude, e não estimar aquelle, que professa a arte de conserva-la, ou da-la, quando falta, são ideias contraditorias.

A sciencia da Medicina tendo em vista o fim tão sagrado, qual o bem da humanidade, livre d'espírito d'interesse, e charlateneria, com que alguns curadeiros a tem aviltado, e desacreditado, será sempre reputada huma profissãõ respeitavel; he por isso que o medico sempre hade ser considerado por quem não tiver a razãõ offuscada, hum homem de boa nobreza na republica, e he por isso taobem que os Principes verdadeiramente philosophos tem honrado os Professores de Medicina com as insignias da maior distincção, e os tem feito seus Conselheiros Aulicos.

Sendo pois a arte de curar hum objecto tal, qual o representamos, e o nosso seculo hum dos mais luminosos, deve hum tal assumpto corresponder a sua natureza, e á pluma do seculo, em que he publicado; quero dizer, hum Jornalista do seculo dos grandes Genios, apresentando á face do publico o offerecimento d'observaçoens e memorias sobre todas as partes essenciaes, ou accessorias d'arte de curar, deve satis-

fazer o mesmo publico com a dignidade propria da materia, e d'huma penna, que escreve na Época Luminosa.

EDUCAÇÃO.

Huma observação, ou memoria sobre Educação assim Fisica, como moral contem hum objecto tao util á sociedade, quanto elle he correspondente ao fim, para que os homens s'uniraõ na mesma sociedade.

Os homens, deixando o primeiro estado da natureza, abraçaraõ o estado social, para que, vivendo á sombra d'hum regimen, o *meum et tuum* fosse regulado por huma invariavel lei; por via d'educação o homem da natureza se faz hum homem da sociedade; por ella aprende a honra, a virtude social, méde suas acçoens pela lei; finalmente a educação he hum ramo, sem o qual a grande arvore da sociedade não poderia existir, nem florecer.

Desde que os homens entráraõ em sociedade todas as naçoens com maior, ou menor distincção tem lançado as suas vistas a este mais importante objecto de felicidade particular, e publica; todas tem conhecido que pela educação se faz o bom Magistrado, o bom guerreiro, o bom philosopho, o bom medico; em huma palavra, he objecto, que diz respeito a todas as classes civiz, ou ecclesiasticas.

O pouco, que temos dito n'esta materia, he de mais para mostrar sua grandeza, sua utilidade, e o quanto se podia, e devia dignamente extender huma penna, que ao publico offertasse observaçoens sobre tao importante, e sublime objecto.

AGRICULTURA.

A agricultura, sustentaculo das Republicas, fonte perenne, e mais abundante das suas riquezas, he hum ramo de sciencia da natureza proprio do homem investigador; a utilidade d'esta sciencia he demonstrada por si mesma; basta advertir que ella se dedica a cultura da terra, sem a qual o homem não pode viver no mundo, para a constituir-mos no numero das primeiras, e mais uteis sciencias da natureza.

Hum golpe de vista historico fara vêr que Agricultura foi honrada, e considerada no maior gráo de nobreza: os povos antigos, que blazonavaõ suas descendencias dos Deôses, á elles attribuirão a origem, e invenção da cultura dos campos: foi a Agricultura hum objecto das delicias dos primeiros Legisladores de Roma, e, em tempos mais adiantados, vemos os Lavradores occupando as primeiras dignidades da Re-

publica, e d'estas passarem novamente ao campones trabalho ; Serrano, e Cincinnato mostraõ ao mundo com admiração a verdade d'estes factos ; hum he tirado da Lavoura do seu campo para se por a testa do Exercito Romano ; o outro no meio do suor, e do arado recebe a Dignidade de Dictador : os maiores principes do mundo não só tem protegido, mas taobem exercitado o Illustre officio de Lavrador ; Ciro, o moço, foi hum Principe tão amante d'Agricultura, que pelas suas maons plantava muitas arvores ; o Imperador da China pega todos os annos na charrua, corta com ella a terra, e depois d'elle seguem se os mais Nobres do Imperio : nos mais bellos, e deliciosos dias da nossa Monarchia a Lavoura tem merecido a estima, e applauso dos Cezares Portuguezes,

ECONOMIA.

As memorias, e observaçoens sobre a economia publica, e domestica, tendo em vista o interesse, e utilidade, que só indica o vocabulo—Economia—em qualquer breve Diccionario, devem conter hum objecto de respeito, e consideração, e o sabio, que instruir o publico nesta materia, offerecendo-lhe planos dignos de s'abracarem, será hum cidadão bem amigo da Patria, e muito mais nos tempos calamitosos, em que a natureza tem sido bem escassa no nosso paiz na producção dos generos de primeira, e segunda necessidade, e em tempos, em que Portugal tem conservado em seu recinto hum respeitavel, e formidavel exercito, não s'encontrando nos annais da nossa Monarchia huma epoca, em que se contassem tantos combatentes.

CAPITULO III.

D'indignidade, e esterilidade, com que s'expoem ao publico as sublimes materias annunciadas no prospecto do J. de C.

Tendo feito hum breve esboço da utilidade, nobreza, e sublimidade dos assumptos, que os Redactores do J. de C. offerecêraõ ao publico para sua lição, inclinemos por hum pouco nossas vistas aos seis primeiros Jornaes publicados, e vejamos se dignamente tem correspondido á esperanza dos Leitores do apparatuso prospecto.

Nos seis Nos. Que formão o I. volume, e fazem o objecto das nossas * reflexoens, achamos huma esterilidade culpavel, e hum engano feito ao publico, parecendo-nos bem a proposito o judicioso dito d'hum amigo a este respeito—*He hum prospecto gordo, e os Jornaes todos magros*—

Se o publico literato, intendedor dos pomposos, e sublimes assumptos, de que temos feito o seu bem curto elogio, confrontar esses mesmos assumptos com o que se acha escrito nos J. de C. a seu respeito, achará que esta hé a verdade mais pura, e dictada por hum homem sem opiniaõ antecipada, e que não tem outro fim mais do que desenganar os enganados, e acautelar os não enganados.

Leia o publico o I. Jornal, e veja se tem coizas dignas d'elle, dos seus Authores, e dos assumptos offerecidos; exigia a boa razão que os Redactores estivessem preparados para dar a luz o primeiro J. de C. com muita perfeiçãõ; porque sendo elle cheio de boa literatura, e saciando d'algun modo o dezejo do Leitor, que pela primeira vez via publicada na sua Patria hum Jornal, que sahia da Mai commum dos sabios com a exposiçãõ de materias consideraveis, e de muito vulto, facilmente attrahiria hum grande numero de doutos Portuguezes, e a subscripçãõ hiria todos os dias a ter hum consideravel augmento; porem infelizmente, ou por fatalidade o primeiro Jornal he o mais esteril de todos.

Trata se de Medicina, d'esta vasta Sciencia, que tantas fadigas tem dado aos homens sabios, que fluctua (para assim dizer) no meio de tantas opinioens; e apenas se acha hum, ou outro facto, e huma curta observaçãõ a respeito de certa especie de gangrena; tudo o mais promettido ficou no escuro silencio; Agricultura, Economia publica, e domestica, Educaçãõ Fisica, e Moral são só palavras escritas no prospecto.

Se o leitor lançar as suas vistas a todos os Jornaes do I. semestre achará esta mesma culpavel falta, e a maior esterilidade nas materias scientificas, e sublimes do objecto do prospecto do J. de C.; achará no mostrador d'hum dos Jornaes a palavra—Agricultura—e, folheando soffrego a pagina correspondente, encontrará o mais breve summario do Alvará de 18 de Septembro de 1811, junto com a carta Regia de 20 de Julho de 1810, e a brevissima exposiçãõ da gandra d'Albergaria†.

* Estes eraõ os Nos. publicados, quando principiamos as nossas observaçoens.

† No. II. pag. 79.

Lemos no prospecto que o J. de C. será composto de Memorias, e observaçoens sobre Economia publica, e domestica; investigamos os mostradores dos Jornaes, achamos com effeito a palavra—Economia—no No. II.; vamos á pagina correspondente, e achamos o que se le no fim da pagina 78, e principio da 79.

Em huma palavra, bello prospecto, bellos mostradores tem o J. de C.; aquelle indica as mais sublimes memorias, e observaçoens d'arte de curar d'Educação Fisica, e Moral, d'Agricultura, e Economia publica e domestica, e estes enchem o azulado papel, que serve de capa aos J. de C. com as estrondosas palavras—Medicina, Agricultura, Artes, Commercio, Phisica, &c.;—porem a Medicina, Agricultura, Educação, Economia, Artes, Commercio, Phisica, &c.; estão clamando pela indignidade, com que seu honorifico, e apparatoso nome he proferido no meio do publico: e com effeito aquelles ramos scientificos, se fossem entes animados, podião com o Publico levar ao Tribunal dos homens sabios as mais justas queixas; nada mais indigno doque proferir os magnificos nomes, Medicina, Agricultura, Phisica, &c., e achar-se debaixo d'estes titulos pomposos humas vezes repetidas listas dos doentes, dos Estudantes, e Professores Academicos, enchendo longas paginas com a sabida noticia das Faculdades, e do seu curriculum Academico, em quanto o publico esperava as Memorias, e observaçoens, que o illustrassem, e adiantassem os uteis conhecimentos, que se dedicaõ á saude da humanidade; e outras vezes huma mera, e antiga carta nos mais vastos ramos de sciencia natural. Homem infeliz, a quem a Natureza privou do bem mais apreciavel, (a saude), não tens que agradecer aos Redactores do J. de C.; tuas molestias continuaraõ! Feliz habitador dos campos, que com o teu repetido suor fazes a primeira felicidade d'homem, deixa na choupana tuas offertas, até que os Redactores do J. de C. se fação dignos d'ellas! Homem rico da Nação, aquem o commercio tem feito tuas primeiras delicias, recorre, aquem com fidelidade possa dar as regras certas, que sirvaõ d'apoio ao mais interessante ramo, a que t'applicas, em quanto os Redactores invocaõ o nome commercio só no som da palavra, sem ideia alguma doque elle abrange.

A maior, e mais desgraçada falta dos Redactores do J. de C. para com o Publico he o objecto Educação Fisica, ou Moral; este objecto pela sua dignidade, e magnificos fins, a que se dirige, pode occupar por toda a vida a alma do Philosopho creador; este objecto huma vez promettido, e deixado no meio das trevas, e do mais escuro silencio, culpa eternamente os Redactores do J. de C. na presença

do publico com o qual levando nós as mais justas queixas ao Tribunal dos homens sabios, em bem claro eco gritaremos pelos Redactores para que compareção, e digão qual he a razão, porque o assumpto—Educação Fizica, ou Moral—enunciado nas primeiras linhas do prospecto do J. de C. com o apparatus dos verbos—Fazem objecto do J. de C. —foi omittido escandalosamente nos seis primeiros Nos. que formão o I. volume? Qual he a razão porque em 448 pag. não houve huma só, em que se lançassem algumas linhas sobre hum objecto tão digno, como interessante á humanidade?

Esta macula não pode apagar-se, e a restituição devida ao publico ja não poderá fazer-se a tempo: o I. volume da obra deve ser composto das materias expostas no seu prospecto, e faltando alguma d'ellas, ja não ha correspondencia, ja o assignante do semestre, que forma o I. volume, he enganado n'exposição das materias, e assumptos scientificos. Infantes, mancebos, varoens, homens de todas as idades, parece nos cuvir vossos clamores, dizendo onde está a nossa promettida educação? A cazo os homens da primeira escola dos sabios, os mais bem educados deixaraõ nos braços da mera natureza aquelles, que tanto d'elles esperavaõ, e confiavaõ? Envergonhem-se, Senhores Redactores, dos clamores, que toda a humanidade a este respeito pode levar as ouvido geral do universo.

Parece-nos que estamos ouvindo dizer aos Redactores do J. de C., são desnecessarios esses Panegyricos feitos aos objectos scientificos, com que foi ornado o nosso Prospecto; nos conhecemos melhor a sua nobreza, e a sua grande utilidade, e taõbem sabemos que cada hum d'esses objectos he huma vasta Provincia da Republica das letras; porem nos somos Redactores d'hum Jornal, cuja meta não devemos exceder; não nos propozemos offerecer tratados ao publico, a quem logo avizamos, que nas actuaes circumstancias era difficil chegarem das Naçoens Estrangeiras os assumptos, e memorias scientificas, e que por isso tal accusação não pode ser bem pronunciada, e decidida no Tribunal da Justiça.

Se for so este o subterfugio, a que possaõ recorrer os Redactores do J. de C., jamais poderaõ justificar-se perante o publico, e na decizaõ da sua cauza, ainda que a levem ao grão de revista, sempre devem obter sentença contra: e quando não digão-nos os Redactores do J. de C. como ajuizaremos hum artifice, que pertendendo fazer soberbo Palacio, não tem mais doque hum moio de cal para fazer o grande alicerce, e hum so official para o ajudar? Que conceito devemos fazer d'hum Lavrador, que mede com a

Vista grandes planices, e terrenos capazes d'huma immensa producção, que intenta a sua cultura, porem não possui se não hum arado, não tem mais do que hum sacco de trigo para semear a extensão, que pertende cultivar? O publico que o decida. Deixemos exemplos, vamos aos raciocinios. He d'obrigação, e dever de todo o individuo, que se propoz a esta, ou áquella empreza, estar munido com os soccorros necessarios, e convenientes a obter o fim, a que se dedica, he por isso que, propondo-se os Redactores do J. de C. offerecer ao publico este, ou aquelle assumpto, cheio de toda a sublimidade, devião estar apparelhados com os adminiculos, e a uxilios necessarios, tendentes a obter o fim dezejado. Este dever, que he verdadeiro em todo o seu sentido, reduz-se a tanto maior gráo de gravidade, e obrigação, quanto he o valor da materia proposta, e do sujeito, perante quem se propoem: hum individuo, que offerece ao publico assumptos sublimes, que haõ de ser objecto de memorias, e observaçoens, quando fizer este offerecimento, deve lembrar-se de que o fez ao publico, e que coizas enunciadas em grande devem ter taõbem alguma coiza de grandeza: se os Redactores do J. de C. não tinhaõ os adminiculos necessarios para formarem a sua obra magestosa, tirados dos seus conhecimentos, ou dos soccorros olheios, não devião propor ao publico materiaes grandes, que com magoa do mesmo publico estaõ ainda em hum culpavel silencio, ou entaõ devião seguir outra vereda para não se exporem á critica de se reputarem cantores da fortuna de Priamo.

Em huma palavra, 448 pag. escritas com o fim d'apresentar ao publico as mais bellas memorias, e observaçoens que inculca apparatusamente o prospecto do J. de C., apenas contem algumas linhas, que toquem aquella méta, e se os seis primeiros Nos., que formaõ o I. volume, não tivessem a honra de comprehender algumas producçoens scientificas do Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, d'este homem profundo, que honra a sua Professão Philosophica, e o mundo literario, e mais algumas outras reflexoens sabidas no publico, bem de pressa passariaõ a ter o uzo, que a taes obras costuma dar-se.

PARTE II.

CAPITULO PRIMEIRO.

Dos contentos do I. e II. Nos. do J. de C. relativos ao Investigador Portuguez em Inglaterra.

Falta d'officiaes no Ministerio do Marquez de Pombal durante o anno de 1777.

O exame critico, e censura, pela qual começaraõ os Redactores do J. de C. contra o Investigador Portuguez em Inglaterra, he a que se acha no No. I. pag. 60*, a qual se repete no No. II. pag. 95.

He objecto da critica dos Redactores do J. de C. a seguinte proposição do Investigador “ Que todo o Portuguez será obrigado a confessar com pena que o Marquez de Pombal, livre do cuidado, que lhe deo a guerra de 1762, e não sendo verdadeiramente affeiçãoado ao militar . . . descuidou-se tanto do exercito, que tinha creado, que no anno de 1777, quando sahio do Ministerio, se achavaõ quasi todos os corpos sem officiaes.” A este facto chamaõ os Redactores do J. de C. no seu II. No. pag. 95. hum erro historico, e querendo refuta-lo, em hum, e outro No. daõ as suas razões: as I. são as correspondencias entre o Marquez de Pombal, e Conde Lippe, referidas pelo Investigador, as II. são fundadas no verbo—sabemos:—porem nem humas, nem outras podem ser admissiveis em materia de critica, e refutação d'hum facto.

Primeiramente; as cartas, e correspondencias entre Marquez de Pombal, e Conde Lippe em nada desvanecem a proposição do Investigador: podia a politica do Marquez de Pombal admittir como coiza necessaria e propria da paz o pouco cuidado, e desvelo do exercito; podia o Marquez de Pombal olhar como hum objecto util ao erario a diminuição dos soldos dos officiaes, cujos postos não se proviaõ; finalmente podia o Marquez de Pombal estar persuadido que o Exercito Portuguez em paz devia ser hum Exercito de mera policia no Reino, e que huma mão auxiliadora, e in-

* Na pag. 60. do J. de C. achase citada a pag. 34; porem o No. que nos coube por sorte, infelizmente não tem a tal pag. 34; porque pelo erro da Imprensa de pag. 32 passou logo a pag. 39, por isso ficamos na ignorancia d'essa materia de pag. 34, e se he taobem relativa ao Investigador.

teressada, unida á sua actividade, podia de repente formar hum Exercito de campanha.

Os Redactores do J. de C. á vista das cartas, que o Marquez de Pombal dirige ao Conde Lippe, formão o seu grande argumento, e dizem—se o Marquez de Pombal se descuidou do Exercito, com que pejo não consultaria elle aquelle mesmo General, que havia organizado, e disciplinado? Como he possivel, que ameaçado o Reino de nova guerra, e chamando para elle o mesmo chefe, o Marquez de Pombal se descuidasse tanto do Exercito educado por aquelle General? Facilmente se responde a tudo com as ideias dos Jornalistas de C., em que podia taõbem estar imbuido o Marquez de Pombal, como havemos dito.

Se o Conde Lippe novamente se pozesse á testa do Exercito, e então achando-o diminuido, e sem officiaes, arguisse o Marquez de Pombal, este grande Ministro podia responder-lhe que hum Reino, como Portugal, não podia ao mesmo tempo cuidar em ter respeitavel Exercito, e applicar-se aos mais interessantes ramos proprios da paz como Agricultura, commercio, e outras fontes da prosperidade Nacional; que a posição topografica de Portugal confinante por terra com hum unica Nação, com o a Hespanha, costas d'Atlantico no resto, nada tem a recear senão d'Hespanha, e Inglaterra, ou em si, ou na passagem, que consintão a outra Nação. Que em tempo de paz, e harmonia com estas Nações deve cuidar-se em obras proprias d'aquelle tempo, que servem de tantos recursos para quando se rompe a mesma paz, e se declara a guerra, e que, declarada esta, rebenta de repente nossa energia militar, passando do estado pacifico a hum estado verdadeiramente guerreiro. Tal he a resposta, que a Marquez de Pombal imbuido talvez nos mesmos principios dos Jornalistas de C. podia dar ao Marechal Conde Lippe*.

O segundo modo de refutar hum facto, arguindo-o d'hum erro historico, he inteiramente novo, e rediculo em materia de critica, e refutação. Sabemos, (dizem os Redactores do J. de C.), que no Ministerio do Marquez de Pombal se fez hum grande promoção no Exercito, e que portanto he falsa a proposição do Investigador. Bom modo de discorrer em materia de critica! Grande prova — sabemos!

* Esta resposta, que figuramos na boca do Marquez de Pombal, he filha das ideias dos Redactores do J. de C. impressas na pag. 98, e seguintes; ahi se acha tudo, que nos copiamos aqui quasi fielmente. Vejaõ leitor na pag. 99. o versic., que principia—Não reputem. —e o que contem a pag. 98. por diante, e ahi achará materia sufficiente para o nosso assumpto.

Não se admitte em materia de critica, e refutação de factos hum tal modo de discorrer : para se refutarem factos, e serem arguidos d'erro historico, he necessario dar as provas convincentes, que tornem evidente o que asseveramos em demonstração da verdade, e refutação da falsidade : se para se refutarem os factos bastasse dizer—sabemos o contrario—nada haveria no mundo mais facil doque refutar. He necessario pois que os Senhores Redactores do J. de C. reparem bem no seu modo de refutar. Leiaõ as regras da boa critica, e refutação, e se lhes for possivel, quando lançarem mão d'esta difficultoza empreza, tenhaõ á vista o livro, em que estão escritas ; conselho, que não teriamos o atrevimento de dar lhes, se não observassemos descuidos os mais triviaes em materias tão graves.

Se os Redactores do J. de C. não gostao de generalidades, ainda mesmo na exposição de factos, a respeito dos quaes nos somos d'opinião, que não devem especificar-se, como elles Redactores o dão a entender em varias passagens dos seus jornaes, porque motivo uzaõ do generalissimo verbo—sabemos—em tão grave materia, como a critica, e refutação? Porque não dão as provas especiaes, tão dezejadas nesta materia, quando em outras menos graves criminaõ a sua omissão? Com a generalidade do verbo—sabemos—fica o leitor ignorando porque via vem este conhecimento ; se hé d'author coevo, ocular ; se merece credito pelas circunstancias, com que narra o facto ; se o cazo se conforma com a narração dos authores contemporaneos : tal he a ignorancia, em que fica o leitor como verbo—sabemos—e apparecem no campo literario huns homens a refutar d'este modo ! Proh ! deducus !!!*

* Se nos quizessemos uzar da generalidade do verbo—sabemos—podiamos dizer ; bem sabemos, e (acrescentamos mais,) somos informados por pessoas fide dignas, que alguns dos Redactores do J. de C. tem hum declarado o dio ao Investigador Portuguez em Inglaterra, e tomado a sua conta invectivar o author, e o seu periodico, deduzindo d'eille sinistras, e cavilosas interpretaçoens forçadas, que o seu apaixonado espirito tem feito sabir da sua forja. A satisfação dada, e não pedida no No. VI. do J. de C. pag. 440, que principia no versic. “ He nosso proposito não analysar Jornaes.....” e as pennadas não exigidas, e pouco subtis, do outro versic. de pag. 441. “ Eisaqui o que deve ter-se em vista quando se ler o que escrevemos sobre o mesmo Investigador” deduzem com maior evidencia o corolario do que temos exposto, doque se deduzem as concluzoens dos Redactores do J. de C. contra o Investigador, tiradas de premissas fingidas, que ao author do periodico, (o Investigador), não passaraõ pela memoria, como adiante faremos ver. Repare bem o leitor no tal vers.c. “ Eisaqui” veja quaes são os Redactores do J. de C., ponha as premissas, e tire a conclusão : veja bem a licença, que elles Redactores do J. de C. (são bem politicos, porem ja tarde), pedem para analysar, e notar Jornaes : tudo isto tem muito que dizer, e nos o reservamos para o lugar da replica, que hade seguir-se á resposta dos Redactores do J. d

RECRUTAS FORÇADAS.

Continuam os Redactores do J. de C. na pag. 96. do No. II. com as suas invectivas contra o Investigador, e metem a rediculo o mesmo em lamentar com Halliday a necessidade, que há de Recrutas forçadas, mas, (dizem os Redactores do J. de C.), nos cuidamos que nem hum, nem entro se atreverá a remediar esta necessidade.

Primeiramente devemos dizer aos Redactores do J. de C. que não he cazo de mofa, nem se faz digno de reprehensão aquelle philosopho, aquelle homem sabio, que lamenta hum mal, ainda que as suas forças não cheguem a remediar aquelle mesmo mal, que elle deplora, e lamenta: a penna do sabio muitas vezes não remedeia o mal, que ella a ponta, e depende d'outras circunstancias para poder evitar-se; entretanto não he superfluo, antes muito util, que o philosopho, o sabio, mostre ao mundo com mas cores hum facto, lastimando-o, e lamentando-o, para que ou hum melhor, e mais adiantada sabedoria insinue o methodo d'evitar o mal, ou para que este seja destruido d'huma vez por hum poder, que tem em si a força de o fazer.

Não julguem os Redactores do J. de C. que excede as forças humanas o evitar a necessidade das recrutas forçadas, e que he impossivel formar exercitos, sem recorrer ao meio da prizaõ, ou á qualquer outro violento para fazer alistar a mocidade debaixo das bandeiras de Marte.

Huma vez que o mancêbo tenha a certeza de que a sua liberdade he coartada so por certo espaço d'annos, e que passados elles, em pagamento dos serviços feitos á patria vai viver tranquillo, cheio de privilegios, no seio da sua familia; huma vez que ao deffensor da Patria se dé hum soldo farto, nós veremos correr a mocidade ás armas, e o pai, que espera o filho izento do serviço do Rei em idade avançada para o ajudar, e para o manter, entrega-lo ha promptamente ao serviço da maior honra. Em huma palavra, huma vez que se trabalhe, e cuide em fazer da guerra hum bom modo de vida, e sendo este persuadido aos povos pela pratica, e experiencia, que os move, terãõ os exercitos hum tao grande numero de soldados alistados voluntariamente, que poderá fazer-se escolha dos mais robustos, e capazes do duro exercicio da guerra. Nos nossos dias, em os tempos, em que os maiores inimigos sabedores da guerra nos accommettiaõ de perto,

C., e que só a falta desta, ou privação da nossa saude nos poderá vedar; nada tememos, em quanto adoptarmos hum systema, de que muitos se tem aproveitado, e por isso com desafogo diremos a verdade, sem que possa fazer-nos moessa o dito Terenciano—Veritas odium parit.

publicou-se hum decreto, em que se chamava toda amocidade de certa idade ao alistamento geral das armas por espaço de 4 mezes; o mesmo foi publicar o decreto que acudir tudo a sua vóz, e em breve epoca vio se nas cohortes Portuguezas toda amocidade, sem que fosse necessario outro meio mais do que o eco, e grito da lei.*

O mal das recrutas forçadas não he tão geral, que não se achem Naçoens, que o tenham sabido evitar. Os Suissos tem regulado de tal forma a sua constituição militar, empregando no serviço da guerra por hum tempo determinado a classe de cidadãos, que lhe he propria, pela idade, e constituição fisica, em quanto as outras classes se entregão á lavoura, e aos outros ramos da prosperidade publica, que as suas recrutas não cauzaõ pezo algum ao povo Suiso, com o qual não se praticaõ as recrutas forçadas; porque ninguem foge da sua Patria para eximir-se d'ellas.†

MUNIÇOENS DE BOCA.

Não podemos accomodar de modo algum nossas ideias aos principios dos Redactores de J. de C., que sempre tem em vista a impugnação do Investigador, relativo ao modo, porque as muniçoens de boca devem ser fornecidas ao exercito: poderaõ ser boas as breves noçoens, que sobre aquelle objecto escreveraõ na pag. 96. porem ellas podem ser contrariadas, e era para dezejar que os Redactores do J. de C. dessem hum prova decisiva das proposiçoens, que avançaõ *ex cathedra*, e com tanta arrogancia, como a proposição de pag. 97. “Em tempo de paz sempre arrematação, em tempo de guerra nunca.” Eisaqui huma proposição, que pela sua gravidade, conhecida utilidade, e tom decisivo, com que se profere, devia ser demonstrada com evidencia Mathematica.

Apresentemos pois ao publico parte do discurso dos Re-

* Se as sabias leis, e os mais bellos Regulamentos, que o nosso paiz tem a respeito das coizas militares, tiverem a execução dezejada, talvez, na Patria possa evitar-se hum mal, que os Redactores do J. de C. dizem ser ingenito a natureza da coiza, e por isso geral; se o novo, o mais bello regulamento para o Recrutamento da Tropa de Linha, e milicias, de 22 d'Agosto de 1812, for exactamente observado; se as sabias providencias d'este regulamento, que roubaõ a gloria a Servio Tullio, hum dos mais doutos, e dos melhores Principes do mundo, não soffrerem as alteraçoes, que seus executores costumão fazer, e que he difficil evitar absolutamente, será talvez mais doque facil cercear o mal das recrutas forçadas, e do alistamento violento.

† Gom. Freir. discours. prelim. pag. VIII. e IX.

dactores do J. de C. sobre este assumpto. Dizem elles que “Em todos os tempos se tem debatido a questao, se he melhor que as muniçoens de boca para o exercito se arrematem a quem por menos as der, ou se administrem por conta da Fazenda Real. O Investigador (pag. 196) decide que a arrematação he á primeira vista mais economica, mas que tem muitos inconvenientes, e todos prejudiciaes á saude da tropa. Na economia convimos, mas nos inconvenientes, e prejuizos da saude da tropa, de nenhum modo. Ha sempre nas arremataçoens a clausula de que os viveres sejam da melhor qualidade; os commandantes dos corpos tem obrigação de fazer examinar por seus officiaes de saude a qualidade dos viveres, que se lhes querem dar, conhecemos coroneis, que tem regeitado pão do Assento, e até comprado bom ás padadeiras á custa do Assentista. Os arrematantes tem obrigação de dar certa quantidade, e a melhor qualidade: nos regimentos ha officiaes de saude, e ha balanças.” Eis aqui o discurso dos Redactores do J. de C. e a fiel copia dos seus pensamentos: soffraõ agora a nossa analyse.

Todas as clausulas, quantas os Redactores do J. de C. figurarem, que possam por se nos contractos, e arrematação das muniçoens de boca para beneficio do soldado, e conservação da sua saude, todas essas mesmas, devem os Redactores ser forçados a confessar, se verificaõ na administração por conta da Fazenda Real; logo o que he commum a ambas, não pode servir de argumento para huma só: se o commandante de qualquer corpo tem liberdade ampla para examinar o pão do assentista, ou arrematante pelos officiaes da saude, e regeita-lo, esta mesma liberdade tem para o fazer ao administrador da Fazenda-Real, tanta imputação tem o arrematante, como o administrador da Fazenda Real, quando mete na barriga do soldado o pão, que prejudica a sua saude, e aonde ha igual imputação, ha igual regresso: por ventura o administrador da Fazenda Real tem algum titulo para que, quando não cumprir seus deveres, não possa ser corrigido como o assentista? Regeitar devidamente o pão a hum administrador da Fazenda Real não pode amedrontar senão ao mesmo, que occupa esse cargo.

Discorrendo agora pelos principios de observação a respeito das arremataçoens, tem estas inconvenientes maiores do que as administraçoens por conta da Fazenda Real; he verdade que as arremataçoens são feitas com boas clausulas, todas tendentes ao bem do soldado; porem a experiencia tem mostrado que muitas das condiçoens estipuladas nos contratos publicos são torcidas, palliadas, e sempre com o fim de não cumprir exactamente o que se estipulou; raro he o assentista, (pode dizer-se sem receio), que dê pão joeirado ao soldado, ao defensor da patria: se os Redactores de J. de C. tivessem

no uzo diario da sua meza o amargurado paõ, que come aquelle, que defende a patria, estou bem persuadido que seria differente o seu pensar.

De mais : pode o Arrematante pelas circumstancias da guerra observar huma grande perda no contrato, o que he de esperar neste cazo, principalmente sendo do numero de aquelles, que lançaõ mao de todos os meios, sêjaõ de que natureza for, para segurar o negocio. Estes receios não são applicaveis aos administradores por conta da Fazenda Real.

Isto pois não he fazer bons os administradores, e máos os assentistas, he discorrer quaes estão em circumstancias maiores de poderem obrar mal, e que a balança, em que elle se peza, se inclina para o assentista: pode hum assentista ser bom, e mau o administrador da Fazenda Real : mas daqui nunca pode deduzir-se que não esteja o assentista em maior precipicio de fazer mal, e prejudicar a saude do soldado, do que o administrador, e que aquelle tem maiores circumstancias para o fazer, do que este ; em taes termos deve evitar-se o que está mais propinquo ao mal, e tem mais moventes para isso ; daqui se vê pois que não he delicado o pensar dos Redactores do J. de C. quando julgao que as arremataçoens, que estão sujeitas aos grandissimos inconvenientes, relativos a saude do defensor da patria, nenhum tem na paz, ou na guerra. Depois de esta proposição tao geral, e absoluta arrependem-se os Redactores do J. de C. e dizem que a arrematação no uzo da guerra tem inconvenientes grandes, e mesmo invenciveis, como os movimentos rapidos dos exercitos, que os levoõ á paragem, aonde pode subir a hum excessivo preço a ração do soldado, que em outro sitio, sera modica, e que, de esta maneira, não ha baze para o contrato.

Este modo de pensar taobem não se accomoda a nossa razão, e ás regras de hum negocio de vulto : nunca ja mais a contingencia pode tirar a baze ao contrato, antes ella he a que faz huma, e muitas vezes a sua utilidade, e grandeza : os negocios de risco, que marchao sempre pelos espinhosos caminhos da contingencia, são os que utilizaõ muito, e até fazem a grandeza da Nação : por tanto hir hum exercito hoje a huma paragem de abundancia, e á manhã a hum sitio da maior esterilidade, e escassêz, não he motivo para que não possa fazer-se a arrematação ; huma tal contingencia he a sua baze. Por ventura não se seguraõ todos os dias grandissimos navios, immensos, e pomposos palacios não são taobem seguros ? Que coiza mais contingente doque a alterativa, e mudança dos elementos ? Qual dos homens pode domina-los ? Com tudo he hum ramo de negocio, e ha quem exponha os seus cabedaes a contingencia doque hé mais contingente no mundo : he pois a contingencia a baze de este

contrato, taobem o pode ser d'arrematação das muniçoens de boca no exercicio da guerra.

O segredo da guerra a respeito dos movimentos do exercito taõbem não se accommoda com o nosso pensar; porque se he indispensavel que o saiba muitas vezes o arrematante pelo fornecimento, que vai a fazer, nas mesmas circunstancias está o administrador da Fazenda Real, e por conseguinte hum, ou outro o hade saber, quando não puder occultarse.

Em conclusão final, devem os Redactores do J. de C. confessar que a sua asserção—em tempo de paz sempre arrematação, em tempo de guerra nunca—não pode ser demonstrada pelas duas razoes apontadas, que se contem no fim da pag. 96, e, em quanto não produzirem outras, não podem convencer-nos de huma propozição proferida em tom tao decisivo*.

PRANCHADAS, E CHIBATADAS ARBITRARIAS.

Não he só ao Investigador, que desagrada o uzo das pranchadas; nós, que temos lido os criminalistas modernos, taobem não podemos accommodar, nem affeição nossas ideias áquella maneira de castigar, e formâmos as nossas reflexoens do seguinte modo: o castigo, ou seja dado ao homem da sociedade civil, ou ao que se alistou nas bandeiras militares, não tem outro fim mais doque a satisfação, exemplo publico, e emenda do delinquente*; este fim pode obter-se sem estra-

* Não podemos deixar d'advertir neste lugar, que os Redactores do J. de C. não tem as mais leves noçoens dos Assentistas das Provincias; consultem os povos, e os soldados, e saberaõ o que estes homens tem feito, principalmente na guerra actual. Huma grande parte d'elles, tirados do nada, tem, não dizemos por espaço de annos, em poucos mezes adquirido, (se de tal verbo podemos uzar aqui), grossos cabedaes. Nos nossos lares temos conhecido mais de quatro assentistas, e muitos d'elles pobres, tirados dos officios mecanicos, em poucos mezes com hum fundo grandissimo, e hum tratamento sumptuoso. Se nos fosse licito apontar huma chusma d'estes, espalhados pelas Provincias, fariamos hum catalogo de bastantes folhas; saibaõ entretanto os Redactores do J. de C., que o nome "Assentista" ja não sôa bem entre os povos, e que as suas riquezas repentinas haõ-de trazer com sigo o prejuizo da Fazenda Real, dos Povos, e do defensor da patria. Saibaõ taobem, que sendo alguns dos factos dos Assentistas apontados pelo Investigador pag. 196, e 197, presenciados pelo mesmo, que esteve a frente d'elles, não pode deixar de prestar-se-lhe attenção: os authores do Investigador não tem motivos para fallar com paixão sobre tal objecto, são as vozes quasi geraes de todos, que assim os obrigaõ a fallar: Nos somos testemunhas oculares dos factos, temos probidade, e nenhuma paixão, e offerecemos em prova o exercito, e os Povos.

† In vindicandis injuriis (diz Seneca) hæc tria lex secuta est, quæ Prin-

gar o corpo do homem civil, ou militar; pode atormentar-se, e affligir-se o delinquente á proporção do seu delicto, e ficar sempre tal, qual era antes, o cidadão, ou o soldado: porem mui differente, e alheio d'estes principios da boa philosophia, he o uzo das pranchadas; e ainda que o seu numero seja bem regulado hade muitas vezes ser applicado com o estrago do soldado delinquente; huma só pranchada pode fazer chocar muitas vezes toda a maquina humana, e o mais robusto soldado, em quem se emprega aquelle modo de castigar, pode adquirir graves molestias, e tornar-se em hum debil, e fraco homem.

Não pode servir d'argumento o pezar-se na balança o castigo das pranchadas com os antigos castigos do tornilho, goli-lha, e outros mais, e dizer-se este he menos cruel, pode ter lugar, e uzo; de tal argumento so o que pode deduzir-se hé, que nos ficaraõ dos antigos pouco sabedores dos verdadeiros principios criminaes, restos desses feios castigos. Melhor do que nos tem pensado a Inglaterra, que, conhecendo bem a natureza do homem, e que o soldado deve ser castigado, ficando sempre capaz de o ser, tem prescripto o uzo dos açoites, que, talvez affligindo mais o soldado, e cauzando lhe hum tormento mais fino doque as pranchadas, deixaoõ o todo da sua maquina perfeito, e o soldado, depois de curado, he o mesmo guerreiro.

Nos não dizemos que se adopte este meio, e taõbem sabemos que o costume he huma lei, quando tem os requisitos necessarios para isso: porem hum uzo máo, alheio inteiramente dos principios de humanidade, e das luzes do seculo, hé huma corruptela, e por isso derogue-se: não so entre os Portuguezes, mas taobem entre todas as outras naçoens cultas, hontem se adoptou certa coiza, e hoje he bem differente, principalmente em materias criminaes, de que fallamos, em que os nossos antigos não tiveraõ as melhores luzes, e suas ideias foraoõ inteiramente despidas da boa razaoõ philosophica; he hum asserto, em que não devemos alargar a penna, porque a persuasão d'elle facilmente se obtem com a lição de qualquer criminalista moderno. Escolha-se pois hum castigo congruente ao delicto, e sempre com os olhos na natureza do homem, e risque-se do codigo penal militar hum castigo, que, sendo filho da barbara crueldade, não pode ser adoptado no seculo de doçura, e sensibilidade.

As chibatadas arbitrias aos olhos de hum philosopho taobem não podem apresentar-se com bom aspeto; o arbitrio

ceps quoque sequi debet, ut eum, quem punit, emendet, aut ut pæna ejus cæteros meliores reddat, aut ut sublati malis securiores cæteri vivant.

de castigar tendo em geral pessimas consequencias vem a ter maiores, quando por infelicidade he regulado por hum homem muitas vezes rustico, de pouca reflexão, e consideração; hum cabo de esquadra, que dista pouco do soldado, hade muitas vezes uzar mal d'este arbitrio: o soldado veterano com serviços claros feitos a sua Patria por este arbitrio hade muitas vezes soffrer indevidamente achibatada do cabo de esquadra, posto, que infinitas vezes so exerce por saber ler, e escrever, em quanto o veterano, que lhe he sujeito pela ignorancia d'aquella arte, e excede em tudo o mais. Se em hum sabio, em hum prudente, sempre o castigo, que hé regulado pelo arbitrio, tem muitos inconvenientes, quantos não tera posto o arbitrio nas maos de hum mero cabo d'esquadra? Portanto á vista d'estas reflexoens não podemos, juntamente com o Investigador, accommodar nossas ideias ao uzo arbitrario das chibatadas, o qual taobem cheira á antiga barbaridade, que o homem do seculo XIX. imbuido nos mais serios principios, e luzes, que o mesmo seculo tem espalhado em materias criminaes, não pode jamais admittir.

CAMPANHA DE 1801.

“ O Investigador, (continuaõ os Redactores do J. de C.) chama bem escusada a nossa campanha de 1801.—Halliday reprova, e o Investigador lastima-se em muitas partes, que Portugal em paz afrouxe tantas vezes relativamente a exercitos.”

O muito, que se dice a respeito da segunda proposição, he o que faltou na primeira: para avaliar-se hum facto historico hé necessario remontar á epoca do seu acontecimento, e examinar todas as suas circumstancias, e sendo o facto o rompimento da guerra examinar-mos a origem d'ella, &c. &c.; e por isso dizer simplesmente que em 1801 a ninguem offendemos, e assim mesmo fomos atacados, e deduzir daqui, logo não podiamos escusar a guerra, não he modo de desvanecer hum proposição, porque desta maneira tudo podia refutar-se; em 1801 a ninguem offendemos, e assim mesmo fomos atacados, he hum proposição, que sendo tendente a refutar outra opposta, deve ser provada, apontando-se os factos, que a convencem, e fazer ver que o rompimento da guerra da parte do inimigo foi injusto, e que não demos motivo a elle: sem estes dados ninguem deve meter-se a refutar qualquer facto.

Passando agora á segunda proposição, discorrerão vastamente os Redactores do J. de C.: porem seu discurso he ar-

bitrario, e pouco regulado pelos principios da refutação; dizer o Investigador que o Exercito Portuguez afrouxa muito no tempo de paz, não he dizer que deva ter a mesma energia que tem no tempo da guerra, ou por outros termos quer dizer que Portugal deve ter no tempo da paz hum exercito, que o faça respeitar interior, e exteriormente: huma nação em qualquer estado, que a consideremos, não he nação, sem que tenha hum exercito, que a faça respeitar; afrouxando este consideravelmente, taobem a Nação afrouxa.

Não tem impossibilidade alguma, (como pensão os Redactores do J. de C.), o exercicio da Lavoura, e dos outros ramos interessantes com a energia militar, e disciplina d'hum exercito: pode no tempo de paz arranjar-se hum exercito de respeito, regulando-se o seu numero em consideração ao tempo, e as forças do paiz, e em quanto este exercito trabalha no seu officio, que he exercitar-se para quando for occasião, as outras classes se empregão nas artes, manufacturas, &c.; de mais, combinar o exercito com a lavoura, servindo o soldado huma, e outra coiza, ha quem o escrevesse em Portugal, e com a penna bem aparada acha-se defendida esta proposição por hum bom entendedor de arte militar, que vio a guerra em paizes estranhos, e a praticou como hum bem celebre guerreiro.*

AGENTES PROVINCIAIS DAS MUNIÇÕES DE BOCA.

Continuão os Redactores do J. de C. do seguinte. “No fim da pag. 197 diz o Investigador, que não tem os dados necessarios para asseverar, ou negar, que sejam verdadeiras as dilapidações, monopolios, e violencias, que se attribuem a Junta das Munições de boca. Não pode porem dizer outro tanto de alguns de seus agentes nas Provincias, que merecia bem ser mundados, pelos menos, viajar até Caconda. Muito nos desagrada o vago d'estas expressões! Muito mal entendida caridade nos parece occultar e nome d'hum perverso, deixando por esse motivo suspeita toda a sua classe!”

Os homens são bem differentes no pensar, e seguindo esta differente marcha, agrada-nos o vago das expressões do Investigador, e chamamos caridade muito Christã o não apontar este, ou aquelle manchando com a falta do seu dever, e o nosso agrado hé nascido das seguintes reflexões: Quando qualquer classe, principalmente respeitavel tem algum dos seus membros, a quem a palavra—dever—não he conhecida pelo seu nome, huma expressão vaga a respeito do mau

* Gomes Freire.

comportamento d'alguns dos individuos d'aquella classe tem a utilidade de corrigir o maõ d'aquella sociedade, sem apontar, nem patentear ao publico seu nome: isto he ao que nos chamamos caridade, e caridade Christaã, corrigir o delicto, sem apontar o delinquente. Por ventura o orador, ou escritor deve revestir-se do character d'accusador? * Occultar o nome d'hum perverso jamais manchou toda a classe, a que pertence; o que he particular não pode chamar-se geral: a particularidade, por ser occulta, não adquirio o titulo de generalidade, e por isso o ataque, devidamente feito a hum ou alguns individuos de qualquer classe, por mais occultos, que sejam seus nomes, só a esse, ou a esses toca, e nunca á classe inteira, que fica permanente.

Continua a critica dos Redactores do J. de C. contra a passagem do Investigador, que se acha na pag. 198, em que diz. “E temos igualmente razoes para nos persuadirmos, que mesmo em tempos mais felizes ella (Junta de muniçoens de boca) demorava os pagamentos aos pobres lavradores doze, e mais mezes.”

Aos Jornalistas de Coimbra desagradão eternamente estas sentenças, porque não tem a prova evidente porem lembrem-se que, para reputar-se muitas vezes verdadeira a narração d'hum facto, não he necessario mais se não saber se aquelle, que o refere, he coevo, ocular, e despedido de paixão para poder narrar o facto tal, qual elle hé, e tal qual elle o observou, e se se conforma com os contemporaneos.

Se os Redactores do J. de C. querem as provas, que tornem evidente o facto exposto pelo Investigador, deixem por hum pouco os sacrificios, que offerecem a Deosa Minerva, dediquem-os a Ceres, e saberaõ, como nos sabemos, que huma grande parte dos Lavradores, no meio dos quaes vivemos, e ouvimos, tendo feito as mais penosas jornadas, empregando os seus carros na conducção para o Exercito, muitas vezes no mais critico tempo da Lavoura, e despendendo os generos da sua mesma lavoura em beneficio do exercito, ainda hoje tem em suas mãos esses documentos, que não lhe

* Que hum escritor sobre materia scientifica aponte este, ou aquelle erro de qualquer membro da sociedade das letras, he hum procedimento livre. Que hum facto publico, sobre este, ou aquelle individuo se morahize, mencionando o nome do seu author, porque he patente a todos, taobem he hum procedimento, que não se oppoem ao dever de bom escritor: porem hum facto, que hum escritor expoem por ser coevo, e sabedor d'elle, e que complica com o procedimento dos individuos d'esta, ou d'aquella classe, cujos nomes o publico ignora, he justo patentea-lo para emenda, e correção, mas, como escritor, não deve descobrir o nome do seu author.

servem para outra coiza mais do que para certificar seu peno-
no serviço feito á patria ; passao se mezes, de correm annos,
publica-se o pagamento dos transportes, e generos, recorre
o pobre lavrador, desampara a lavoura, que lhe rouba todo
o tempo, vai ao sitio aprazado, e publicado, e este homem
o mais util da Republica, (porem o mais vexado,) huma, e
muitas vezes vem como d'antes: abusa-se da simplicidade
d'homem do campo: proh dôlor!!! Outras vezes depois de
longas fadigas contra o estabelecido na lei, recebe todo o
pagamento em apolices, e outras muitas tem de rebater esses
attestados com diminuiçao de huma grande parte.

Se os Redactores do J. de C. nao quizerem ter o in-
commo de exercitar a vida agraria, hoje a mais penoa, e
quizerem ver esses documentos, que testihcao os factos, que
apontamos, em nossas maos existem muitos, que nao mani-
festamos pelos principios, que temos exposto: porem em
publica forma, podemos enviar-lhos, com a obrigaçao de mu-
darem de sentimento, e nao os manifestarem.

PREFERENCIA DO GOVERNO D'HUM A MUITOS.

“ Nós (Investigador pag. 198,) preferimos em tudo, e
em todas as repartiçoens o governo de hum só, mas ligado
de tal maneira, que tendo ampla liberdade para o bem,
tenha mui pouca para o mal, e isto he mui possivel, e até
mesmo facil.”

A preferencia, que o Investigador da ao governo d'hum
em todas as repartiçoens, conforma-se com o sentimento dos
mais abalizados politicos: o grande expediente que hum so
da em negocios, que nao admittem delongas, nao se veri-
fica no governo de muitos, que, levando ao grao de questao
hum negocio, que demanda a mais prompta, e rapida exe-
cuçao, deixao muitas vezes caminhar a longos passos o mal,
que logo no seu nascimento devia ser destruido.

Os Redactores do J. de C. nao destroem, nem refutao
esta proposiçao, em quanto dizem que nao ha governo sem
defeito: * daqui nao se segue que todos sao defeituosos no
mesmo grao, e que nao haja algum mais proximo á perfeiçao.
He o governo d'hum so, a quem o Investigador, e mais os
politicos dao a preferencia. Taobem porque o Investigador
nao declarou qual he o modo de regular huma repartiçao ge-

* Esta he a mesma proposiçao especificada no No. III. do J. de C.
pag. 210, na 2. not. no fim do versic.—males.—Taõ invectivada he nesse
lugar huma proposiçao, que revestida de generalidade aqui se defende!

ral, ou particular com ampla liberdade para obrar o bem, e mui restricta para o mal, e porque não declarou o meio facil, e possivel de o fazer, não se segue que não o haja. Se os Redactores do J. de C. querem esse meio facil, olhem para o homem, e formem a base da lei: considerem que ainda que o homem goza d'alvedrio naturalmente he inclinado para o bem, e que por isso he muito facil encaminha-lo para este, e restringi-lo para o mal.

CAPITULO II.

Dos contentos no III. No. do Jornal de Coimbra, relativos ao Investigador Portuguez em Inglaterra.

Temos concluido a conceituosa analyse dos objectos, que se contem nos dois primeiros Nos. do J. de C. relativos ao Investigador Portuguez em Inglaterra, * passamos agora ao exame das materias, que dizem relação ao mesmo objecto, e se achão no No. III.

MEDICOS ANTIGOS.

Objecto da critica, que o No. III. do J. de C., na pag. 208., e seguintes, escolheu contra o Investigador, he pela maior parte a respeito do conceito dos Medicos antigos. Dice o Investigador "os antigos Medicos, com poucas excepções, são incorrigiveis." Desagradou aos Jornalistas de Coimbra esta proposição, e passarão a elogiar os antigos Medicos; e como? Referindo o grande numero dos seus disparates, e as mais extravagantes loucuras, e apontando no meio d'estas hum, ou outro acerto.

Nos não possuímos os conhecimentos necessarios para discutir, e raciocinar sobre este assumpto, e por isso o deixámos ficar no silencio, e so dizemos que dezejamos muito não encontrar nas nossas molestias hum discipulo, hum sectario do extravagante Paracelso; quem mereceo o nome de monstro ao Illustre Bacon, quem tem hum acerto no meio de mil disparates, não pode ser util a humanidade; no uso da sua pro-

No II. No. acha-se huma extensa materia desde pag. 102 até 112 relativa ao Investigador; porem versa sobre o Fizico Mor do Reino, João Manoel Nunes do Valle, seu Delegado, e Hospitaes Militares; cujos factos, sendo alheios do nosso saber, ficam por isso, no silencio, ate que huma penna conhecedora forme o merecido conceito.

fissão hade infallivelmente prejudicar muitas, e muitas mais vezes a mesma humanidade, doque utilis-a; quem tinha tantos, e tão extravagantes erros em Medicina, como Paracelso, no meio d'algum acerto havia mais vezes mandar para o outro mundo antes de tempo muitos individuos, do que salvá-los das suas enfermidades; parece-nos que he huma conclusão bem tirada a respeito d'hum individuo, em cuja cabeça se achão os mais crassos erros, cheios de toda a extravagancia, e isto na melindrosa arte de curar, com huma, ou outra discreção.

Repetimos; dezejamos muito que o sectario, o corifeo d'hum tal Medico, e d'outros semelhantes, não nos ponhão a vista em qualquer estado da nossa enfermidade. Discipulos dos Navarros, nome, que por excellencia, e com admiração deve proferir-se no meio da Sciencia Medica, e do profundo Joze Diogo, são os que muito estimaremos encontrar na infeliz epoca da nossa doença; Medicos Chimicos, que tem foleheado o Chaptal, e repetido a lição do Immortal Lavoisier são os que dezejamos á nossa cabeceira, e deixamos para os apaixonador esses charlataes antigos, que não conhecerão a chimica nem pelo seu nome.*

Halliday, como Inglez, conhecendo bom só o que he do seu pais.

A continuação da critica de pag. 241 he taoõ fora de proposito, e de toda a boa razão, quanto são patentes as claras contradicções da mesma critica; diz o Investigador, fallando Halliday, "o Author só acha bom o que he Inglez, e máo tudo que o não he: os Inglezes são mui atreitos a esta molestia, que não tem feito pequeno mal á causa geral. Os Francezes com a sua natural, e insupportavel ligeireza, e os

* Qualquer individuo que ler os antigos Medicos Portuguezes, achará disparates, que o mais insignificante curandeiro d'Aldeia se envergonharia de proferir. João Curvo Semedo, que tem merecido algum elogio, na sua obra intitulada—Atalaia da vida contra as hostilidades da morte—na pag. 667 tratando dos remedios, comque se curaõ as verrugas, diz—Taõbem se desvanecem infallivelmente, fazendo hum buraco em hum bugalho, ou em huma agalha; escavando o metereis d'entro na cavidade da dita agalha tantas pedras de sal, quantas forem as verrugas, e logo fechareis muito bem o buraco, e chegando-se o doente das verrugas ao fogo deitareis d'entro d'elle o dito bugalho, e logo fugireis com grande pressa, e dentro de vinte e quatro horas vos achareis saõ, e não tornareis a ter verrugas em quanto viverdes.—Na pag. 608 applica Curvo, para curar sonhos medonhos das crianças, almofadinhas de pelle de burro; porque este animal tem certa semelhança, ou parentesco na virtude com o grão besta. D'esta, e outras ridicularias se encontraõ a cada passo, no Curvo Semedo, e contemporaneos.

Inglezes com o seu natural orgulho, chegaõ aos mesmos fins."

Estas, e outras proposições desagradaraõ aos Redactores do J. de C., e, com a sua costumada invectiva diceraõ que era hum ataque feito á Nação Ingleza; porem nos não sabemos como seja hum ataque feito á Nação em geral, quando se falla d'huma bem pequena parte d'ella; nos não sabemos como pelo vocabulo Inglezes naquelle lugar do Investigador possa entender se a Nação Britanica, quando o mesmo Investigador, (confessão os Redactores do J. de C. na pag. 212), diz "He preciso não confundir Nação, e Governo Britannico com individuos Inglezes"

Admira bastante que os Redactores do J. de C. tanto critiquem, tanto invectivem o Investigador a respeito do ja citado versic. de pag. 211, que principia nas palavras—Males ..., e soltem huma igual proposição no No. II. do seu Journal, pag. 202, versic., que principia "Temos constantemente ouvido." Que differença ha nestas duas proposições! Ha huma differença notavel: a do Investigador he torcida, criticada, e invectivada, e á do J. de C. ninguem faz estes bons officios.

A leitura do versic. "os Francezes com a sua natural, e insupportavel ligeireza, e os Inglezes com o seu natural orgulho chegaõ aos mesmos fins" deixa muito bem ver, que neste modo de pensar, não ha ataque algum, nem invectiva dirigida a Nação Ingleza: apontaõ se inclinações d'Inglezes, e Francezes; he hum modo de discorrer, que s'encontra em qualquer Historiador, ou Politico, e que he de tanta utilidade ao publico, quanto he sabido, que para interpretar se bem qualquer passagem d'este, ou d'aquelle escritor, he necessario saber a Nação, em que viveo, os costumes, maneiras, e inclinações da mesma Nação, que vio nascer o escritor, porque, como filho d'ella, he natural, que siga as suas veredas; eis aqui o grande passo, que deve seguir-se nas regras d'interpretação; eis aqui a utilidade, que se tira do conhecimento do modo porque se guiaõ as Nações; conhecimento, que se he crime aponta-lo, não ha talvez Historiador, ou Politico de boa nota, que não seja manchado com esta nodoa.

De mais, dizer que esta, ou aquella Nação tem seus defeitos, he dizer que ella he composta d'homens; se isto he malignidade, se isto he ataque á Nação, devem os Redactores do J. de C. defender que as Republicas, e as cidades são compostas, dirigidas, e governadas por Anjos.

Tudo isto mostra que a proposição do Investigador he totalmente torcida pelos Redactores do J. de C., sendo do mesmo cunho as duas forçadas conclusões, deduzidas na

pag. 212, e tão forçadas, quanto confissão os mesmos Redactores do J. de C. que “as expressões profusamente espalhadas em todos os Nos. d’aquelle periodico (o Investigador) convencem que nenhuma d’estas conclusões fora dictada pelo espirito do seu author.

CAPITULO III.

Dos contentos do No. VI. do J. de C. relativo ao Investigador Portuguez em Inglaterra*.

Depois d’impressos os cinco Nos. do J. de C., nos quaes, aqui e alli, se achão forçadas criticas feitas ás descarnadas proposições do Investigador Portuguez em Inglaterra†, apparece o No. VI., em que os Redactores pertendem hir adiante com o mesmo descarnado methodo da sua critica, e refutação: porem, dando passos de caranguejo, elles querem, neste No. principiar suas invectivas com ordem regular, como dizem na pag. 441, versic. “Eis aqui o espirito.....”

Seria melhor methodo, e melhor ordem concluir o 1. volume da obra, que finaliza no No. VI., espalhando pelo mesmo algumas avulsas refutações, (não dice bem), invectivas contra o Investigador, e principiar o novo methodo no No. 1. do 2. semestre, que vem o ser o VII: d’esto modo o subscriptor do segundo semestre achava na sua subscrição

* Seguião-se os Nos. IV. e V. do J. de C.; porem os seus Redactores houverão por bem nada dizer n’estes dois Nos. relativamente ao Investigador, cuja falta suppriraõ bem no No. VI., onde se achão longas pag. sobre hum tal assumpto.

† Quem tiver o trabalho de ler as avulsas criticas feitas ao Investigador Portuguez em Inglaterra pelos Redactores do J. de C. hade observar 1. ; a nenhuma ordem, com que se criticaõ, e refutaõ as passagens do mesmo Investigador, confessada pelos Redactores na pag. 441: 2. proposições descarnadas, e deslocadas do resto do contexto, sendo este modo de criticar, e refutar contra todas as regras prescriptas a este respeito: 3. conclusões em nada analogas as proposições, que servem de premissas, e sempre deduzidas á força, e com violencia feita ás regras da boa Dialectica; conclusões, que não lembráráo ao Investigador, como confissão os Redactores do J. de C. na pag. 212, versic. “O Investigador nos permit-tira.” Observara taobem o leitor que os Redactores do J. de C. na critica do Investigador andaõ em frequentes mergulhos, ora a baixo, ora acima, o que da muito bem a entender, que não he o espirito, inculcado na pag. 441, que faz apparecer estas fluctuantes invectivas. A verdade se patentea apezar do dito Terenciano.

em boa ordem essa tal, e qual analyse feita ás proposições do Investigador, parecendo muito desordenado o começo d'huma critica feita no fim d'huma obra, e a sua continuação no principio d'outra: isto realmente não he de quem tanto blasona, de quem tanto s'elogia com a capa d'humildade: áos homens tão sabios, que olhão para os outros sempre como sobranceiros, parece que devia agradar hum methodo, e ordem, que tem vistas de natural.

Devastação de Portugal pelos horrores da guerra actual.

Principia a tal chamada critica regular no fim da pag. 392 do J. de C. "Passemos a fazer brevissimas reflexoens, a que derem lugar algumas das expressoens, ou doutrina do Investigador Portuguez" dizem os Redactores do J. de C., e depois referem a passagem do Investigador de pag. 2. "Hum Reino, (Portugal), que se acha lastimosamente devastado por todos os horrores da guerra."

Qual sera o Portuguez, que possa duvidar d'esta proposição? Qual he o Portuguez, que pelo amor da sua Patria não tenha soffrido os incommodos da guerra a mais desastrosa, feita dentro do paiz? Qual he a provincia do Reino, que não tenha soffrido a invasão, o saque, e a devastação causada pelo sequiozo do dominio da nossa Patria? A' mais pequena choupana do mais pobre camponez tem chegado a desgraça fatal da destruidora guerra, e he por isso que o nome do seu author não he ignorado ainda pelo mais grosseiro pastor: Se aos Redactores do J. de C., como unica excepção, não tiverem chegado a lastima, e a miseria da guerra, que tem soffrido os habitantes de Portugal, leião os officios do Immortal Wellington, veião o que diz este primeiro general do mundo, quando segue o inimigo da Patria, quando vio as povoaçoens, que soffrerao a infeliz passagem d'huma enxurrada d'inimigos, que as deixaõ; leião as historias geraes, e particulares das invasoens, que andaõ pelas maons de todos, e entaõ devem confessar que nada tem de dura a proposição do Investigador, que o espirito da verdade dictou, e só pode ser criticada por ser produzida pelo Investigador: alias critiquem os Redactores do J. de C. tantas proposições iguaes a estas proferidas pelas mais respeitaveis personagens, e eruditas pennas; em huma palavra desdigao factos, que a

* Veja-se a pag. 441 versic. "He claro . . ." principalmente as ultimas linhas.

Nação inteira por infeliz, fatal experiencia tem presenciado.

O Jornal de C. reflexiona sobre aquella proposição do seguinte modo. “ He necessario declarar bem o espirito d'esta expressão. Quem não presenciar o estado das Provincias, quem não reflectir maduramente no que se passa, pode, ouvindo aquellas expressoens, assustar-se excessivamente, e pela excessiva desgraça do seu pais, e porque se persuadirá talvez, que estão absolutamente extinctos os nossos recursos para a continuação da guerra.” Continua o J. de C. confessando os grandes incommodos da guerra, e o abatimento da lavoira; porem contrabalança estas perdas com a utilidade das grossas sommas, que o Exercito deixa no paiz, onde se demora.

De que serve isto para invectivar o proposição do Investigador? Não se duvida que a nação tem recursos para a continuação da guerra, e que o Patriotismo dos Portuguezes se tem levado até ao ultimo ponto, e que hade continuar este, e os mais recursos até ao fim: porem que quer dizer isto para negar-se a verdade d'incommodo geral dos habitantes de Portugal, cauzado por tantas invasoens feitas por homens, que tem levado os seus dezejões até aos ultimos pontos? Por ventura o dinheiro, que o Exercito derramou por certa classe de gente, tira os grandes incommodos, que soffrem as outras? E o Exercito inimigo, invadindo, não tira estas e outras sommas? As Provincias não tem prata, porque estarão, recolhidas na capital, (dizem os Redactores do J. de C.), e aonde estarão as pratas, que esse Governador de Pariz nos levou? Portanto sera melhor que confessemos, que muito temos soffrido, que temos sido saqueados, e lastimosamente devastados; porem estamos mui promptos a continuar a soffrer, e extinguir até o ultimo recurso na defeza da Patria, que nos vio nascer, e que apóz de tantos males conhecidos teremos a prosperidade, que nossos sacrificios merecem, e nos affianção os votos do melhor Principe do mundo, que nos rege.

O Investigador Portuguez em Inglaterra escrevendo em tempo, em que só a guerra occupava os seus Nacionaes.

“ O Investigador Portuguez em Inglaterra longe do estrondo das armas, que occupão exclusivamente os seus Nacionaes em Portugal.”

Esta he a proposição, que se segue na critica do J. de C.;

porem nos não sabemos porque motivo ella possa refutar-se, nem os Redactores do J. de C. dão sinal d'isso, porque dizer-se que aquella passagem foi escrita em Março de 1811, tempo, em que Massena pisava territorio Portuguez, que a universidade s'abrio, e que as artes tornárao ao seu estado, não he refutar a proposição, he confessar que houve tempo de desgraça na literatura, que a universidade esteve fechada, e que as sciencias parárao, o que ajuda a comprovar bem o dito da Academia na pag. 387 do J. de C.

Cultura da grã do carrasco no Algarve.

“ He verdade, (dizem os Redactores do J. de C.), que a cultura da grã do carrasco diminuiu, ou acabou no Algarve, como o Investigador diz pag. 84; a razão porem não foi somente apreguiça dos Algarvios; variarao as circumstancias, como bem mostra o Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo na segunda parte da sua memoria sobre a Agricultura do Algarve.

Isto não he refutar, mas sim confessar, e confirmar a proposição. Aqui deve o leitor observar huma nota curiosa, e he a seguinte—os Redactores do J. de C. nas suas criticas têm dado passos de caranguejo: agora fazem huma jornada opposta, e nesta pag. 395 citaõ ja a pag. 410, aonde se encontra a materia da cultura da gram, exposta pelo Dr. C. B. de L. Lobo.

Encanamento do Rio Mondego.

Continuaõ os Redactores do J. de C. e dizem “ o Investigador, pag. 88, attribue a ignorancia d'hydraulica á dilapidação, ou desperdicio dos capitaes juntos a falta d'utilidade no encanamento do rio Mondego.”

Não refutaõ os Redactores esta proposição, e so fazem certas moralidades e conjecturas, como que aquella passagem so s'encaminha a hum individuo, e que não he decidido que o encanamento do Mondego feito por hum habil hydraulico podia ter o effeito dezejado, e util; tudo isto não he refutar, mas sim moralizar, e note se que a primeira moralidade he do lote d'aquellas, que tanto criticaõ, tanto invectivaõ os Redactores do J. de C. quando se acha na boca do Investigador. Com justa razão podiamos perguntar aos Redactores do J. de C. aonde esta aprovado o que asseveraõ? Quem he esse individuo? Digaõ Senhores Redactores, declarem esse homem, ja que contra o Investigador exigem todas as declaraçoens.

Estrada Real de Lisboa para Coimbra ; sua ruina.

A passagem do Investigador a respeito do estrago, e ruina da estrada Real he comprovada pelos Redactores do J. de C. quando trataõ de refutala; elles confessão que está arruinada em partes, e que as arvores, que a ornavaõ, e serviaõ de fresca sombra aos viajantes, se achão decepadas pelo inimigo. De mais; não nos consta, (podera ser o contrario, porèm não o sabemos), que se tenhaõ feito os concertos, que indispensavel, e necessariamente exige a conservação d'hum boa estrada em huns annos por outros; logo esta falta nascida das nossas circumstancias hade ter arruinado a estrada. Nos observamos as estradas da Provincia d'Alem-Tejo, aonde havia hum habilismo Inspector encarregado de conservalas, e estas estradas estão em deploravel estado, porque quando aquelle Inspector, o Dezembargador João Joze da Veiga, tratava de melhora-las, o inimigo nos invadio, e em taes circumstancias ficou o publico privado d'este importante serviço: nos vemos com magoa bellissimas pontes, que fazem a felicidade dos povos, aonde se formaõ, principiadas, e não concluidas; he a guerra sem duvida, que, levando a attenção a outros pontos, nos tem privado d'este importante objecto de prosperidade publica.

Depois segue-se a proposição, se podia escusar-se a guerra de 1801, materia, que os Redactores do J. de C. apontaõ em outro lugar, e ahi fizemes as nossas reflexoens.

Esboço do estado do Agricultura de Portugal.

“ He horrorosa a pintura, (continuaõ os Redactores do J. de C.), que o Investigador faz d'agricultura de Portugal na pag. 90! Por ella fica o nosso Paiz hum Paiz de selvagens: he horrorosa a injustiça, que o Investigador faz n'esta parte aos Portuguezes! copiemos:”

Seguem-se pois as copias do Investigador, que o publico pode ler no mesmo Jornal para observar a cega paixão, com que se pertende meter a ridiculo a verdade, que em outras partes he inserida, approvada, e elogiada pelos Redactores do J. de C.

Quem tiver os Jornaes de C., confronte as 2 primeiras linhas d'aquella pintura com o que se acha escrito na pag. 241, § 4, pag. 414 nas palavras—Quem lançar, e seguintes até ás palavras—que pouco falta para se reputar extincta.”

As 5 linhas seguintes d'aquella pintura confrontem se com

a pag. 251, § 35, e veremos a mesma pintura; porem não he do Investigador, e por isso he elogiada, quando aquella he objecto d'horror, de critica, e refutação.

Vamos ao resto da pintura “a magresa dos animaes em muitas partes nascida da mingoa de pastos” sobre este ponto os Redactores do J. de C. levaõ a hum tal excesso a sua simples negativa, que admittiraõ a possibilidade do juramento a respeito da falsidade da propozição e dizem que se podia jurar, que em Portugal, geralmente fallando, não ha animaes magros, e perecendo de fome á mingoa de pastos, a não ser seu dono desleixado.

Ahi vaõ agora as nossas reflexoens : 1. diz o Investigador que vio essa magreza d'animaes em muitas partes, os Redactores do J. de C. dizem que, geralmente fallando, em Portugal não ha tal magreza; logo fallando especialmente, como falla o Investigador, observa se o que o mesmo diz : o que sera isto, Senhores Redactores do J. de C., refutar a propozição confessando-a? 2. Se os Redactores do J. de C. não se contentassem talvez, só com o sol, que os vio nascer, observariaõ Provincias importantes pelo ramo d'agricultura, e veriaõ n'ellas este grande mal : se passassem á Provincia d'Alem-Tejo, veriaõ immensos lavradores, sem serem de-leixados, perderem muitos gados de todas as especies pela falta de pastos* ; este facto he visivel em toda a Provincia, os lavradores o podem testificar, e nos somos capazes d'apresentar o seu testemunho, porque vivemos no meio d'esta gente boa, e util, vendo os seus campos, os seus gados, e ouvindo os seus discursos.

Havendo por tanto esta grande falta de prados, principalmente artificiaes, os quaes não possuem Provincias inteiras, aonde o ramo d'agricultura he o principal manancial das suas riquezas, e havendo hum Reino nos limites de Portugal, em que seus habitantes ainda não cuidaraõ, nem deraõ os passos

* Não tendo a Provincia d'Alem-Tejo a necessaria abundancia de pastos para manter os gados soffre todos os annos huma perda grandissima nas queimadas, que se fazem pelo motivo das grandes roças : não ha anno algum, em que não se abrazem herdades, e muitas pastagens guardadas para o sustendo dos gados, cuja perda augmenta a fome do gado, que por isso se ve perecer : observamos taobem outras causas da perda e morte dos gados, principalmente lanigeros, que vem a ser as enfermidades, de que saõ atacados, e ás quaes não se applicaõ os remedios convenientes pela ignorancia que ha n'esta Provincia, e em todo o Reino da arte de cura-las ; nos temos huns curandeiros antigos, que escreveraõ alguma coiza sobre tal assumpto, porem não tinhaõ os principios, e luzes necessarias para exporem, e ensinarem com dignidade, e utilidade a cura dos gados ; teraõ alguma coisa util, porem muito pouco. Seria para dezejar que este estudo principiasse, continuasse, e se aperfeicçoasse no nosso Paiz.

necessarios para obter o uzo d'aquelles prados, fica bem clara, e verdadeira a proposição do Investigador, quando diz "Nos vimos em muitas partes"....isto não he fallar absolutamente: "... .. provindo da falta de prados artificiaes, que não ha em Portugal..." taobem não he proposição absoluta, e generica: o vocabulo falta nunca indicou huma não existencia absoluta, e generalissima, e os Redactores do J. de C. bem sabem que no uso de fallar assim nos explicamos, quando não temos isto, ou aquillo com grande diminuição, e perda.

A falta d'estrumes, o máo methodo de fazer as colheitas em Portugal, e de converter em usos ordinarios os seus productos, são proposições refutadas pelos Redactores do J. de C. com as seguintes perguntas "Em que consistem estes tão grandes defeitos? Se os lavradores o não sabem como se haõ d'emendar? A quem será util este modo, tão vago, de fallar a respeito dos Portuguezes? " Como se huma relação fosse falsa por não apontar esses defeitos, e ensinar o modo d'emenda-los, desdenhando os Redactores, e metendo a ridiculo aquillo mesmo, que se acha escrito em tão sabias memorias d'Agricultura por Illustres Academias, e elles approvaõ no seu Jornal! Leia se este mesmo No. na pag. 419, e veremos a villa da Mouta notada com esta falta: Leia-se o No. IV., pag. 252, § 37, e veremos os Algarvios no anno de 1790 perdendo muito vinho, e azeite, por não saberem converter em bom uzo aquelles productos, ignorando-se em quasi todo o Algarve o que era hum lagar de vinho, e azeite. Venhaõ os Redactores do J. de C. a nossa Provincia, (o Alem-Tejo), mandem por sua conta fazer qualquer seara, e, depois de concluido tudo ate que o pão chegue á sua meza, saberaõ se he verdade "que o methodo de fazer as colheitas dos diversos productos d'Agricultura he em geral mui penoso, difficil, e dispendioso." Não ha lavrador d'esta Provincia, ao qual, lançando as contas ás primeiras até ultimas despesas, não custe trez, ou quatro vezes mais o pão, que come com o suor do seu resto, do que custa ao Negociante, que o compra para o tornar a vender. Leiaõ os Redactores no seu Jornal de C. a pag. 250, § 36, a memoria do Dr. C. B. de L. Lobo, e ali veraõ o que este homem profundo diz dos Lavradores do Algarve, que pela falta de carros acarretaõ para as suas eiras o trigo, e centeio, depois de ceifado, em jumentos, e outras bestas muares: que trabalho tão penoso, e moroso!

Para os Redactores do J. de C. se convencerem da proposição do Investigador a respeito do atrasamento das vinhas leiaõ a Memoria citada pag. 316 do seu Jornal, vejaõ todo esse artigo vinhas, e não se esqueçaõ do que fizeraõ impri-

mir no fim da pag. 317 na not., que he o mesmo que diz o Investigador só com a mudança, de palavras: refutaõ-se pois proposicoens, que em outra parte se abraçaõ!

Diz o Investigador que não temos o azeite precizo, e o pouco, que temos, não he bom: criticaõ os Redactores do J. de C. esta proposição, e dizem que so agora, que os olivæes tem ferrugem, he que pode ter lugar huma tal proposição; e quem nega aos Redactores do J. de C. como huma grande falta de azeite no paiz, em que vivemos, a grande molestia, que padecem as oliveiras? Não digaõ com tudo os Redactores que a cultura das oliveiras se tem promovido talvez demasiadamente porque he huma proposição contraditoria ao que se acha escrito no seu Jornal pag. 318, § 46. da cit. Memoria: ahi se diz que no Algarve pode adiantar-se a cultura das oliveiras; logo como pode haver superfluidade de cultura, aonde pode haver ainda muito adiantamento, e há vargens incultas, em que podem crear-se muitas oliveiras? Leiaõ os Redactores na pag. 319 do seu J. de C. a nota correspondente ao § 48, da cit. Memoria, e veráõ que os Algarvios no anno de 1790, em lugar da boa cultura das oliveiras, arrancavaõ esta arvore tão util, quando soffria sua molestia, que lhe vedava o fructo, destruindo, em lugar de curar, huma arvore, que leva tantos annos para ser completa.

Por esta occasião devemos aqui accrescentar que n'esta Epoca o nosso arvoredor, que produz o azeite, apesar de ser ente inanimado, taobem tem sido victima da raiva do inimigo, tem soffrido o grande corte, de que os Exercitos se tem aproveitado para os seus differentes uzos: nos podemos testificar aos Redactores do J. de C. que fomos testemunhas presenciasaes, e oculares da derrota de muitos olivæes, causada por soldados amigos, e inimigos, que pertendendo fazer os seus ranchos, e modificar o frio com o calor do lume, caminhavaõ aos olivæes, que estragavaõ, facto devido á inercia d'alguns Ministros, que, tendo as redeas do governo dos Povos, não souberaõ prevenir, nem acautelar o mal, mas sim o permittiraõ.

A continuação da pintura d'agricultura, a que o J. de C. chama horrorosa nas palavras. "Nos vimos em muitas partes de Portugal, campos arruinados, lesirias perdidas" não merece analyse apesar de ser encorporada na pintura de horror, e huma tal proposição tem taõbem a sua prova, e asseveração n'este mesmo No. VI. do J. de C. pag. 416. palavras. "Enxugo de paues" e no J. No. IV. pag. 246. § 20. da cit. Memoria.

Pouca combinaçãõ, e affeição do Jurista ao Naturalista.

Naõ pode o J. de C. soffrer que o Investigador chamasse, e dicesse que aquelles, aquem se confia pelo Soberano o governo dos Povos, saõ inimigos dos que estudãõ as Sciencias Naturaes, e di-se que tal inimizade, e tal guerra nunca ouviraõ os Redactores do J. de C.; elles naõ refutaõ a proposiçãõ quando discorrem sobre a nobreza da Faculdade, sobre o exercicio de Advogado, ou de Medico clinico, pondo em nivel, e igualdade os dois uteis officios; d'essa materia naõ duvida o Investigador; a sua proposiçãõ he o pouco cazo, e desprezo, e inimizade dos que exercem o governo dos povos aos que professãõ as Sciencias da Natureza; este facto, dizem os Redactores do J. de C. que nunca ouviraõ; porem em abono da verdade haõ de agora ouvir o que lhes he inteiramente novo, como elles mesmos se explicaõ. Nos cursamos essa mesma universidade, aonde fingem escrever os Redactores do J. de C., e naõ há muitos annos, que, depois de receber os premios dos nossos trabalhos literarios, sahimos de ella para os lares Patrios; em quanto duraraõ os nossos estudos naquella universidade observamos que os das Sciencias Positivas olhavaõ para a Medicina como huma Sciencia indigna das suas pessoas, chegando este louco modo de pensar ate ao ponto de se desviarem, e naõ accompanharem os das Positivas com os Medicos, na persuasãõ de que os dedicados a esta profissãõ naõ tem ornamento algum de familia: este facto, que nos observamos no nosso curiculo literario, se comprova com o outro facto de naõ se encontrar hum só Estudante com o destino de Medicina, filho do mais pobre cavaleiro de Provincia; basta huma pequena Nobreza para julgarse indigna de ella a honrosa profissãõ de Medico; tanto pode o prejuizo! Com estas ideias sahem da universidade muitos Estudantes de Sciencias Positivas, principalmente os que todos os dias atordoãõ nossos ouvidos com enfadonhas genealogias, e, vestindo a Toga, olhaõ para os Medicos como sobranceiros, e para o seu officio, que he o primeiro na ordem do mundo com respeito a humanidade, como de pouco valor no grão da Nobreza, e muitos das Positivas de mais baixo nascimento do que aquelle, que se destina á Medicina, trata de esconder o que hé, e recebe com a Toga as mesmas ideias dos seus collegas. Daqui tem nascido grandes contendas de Ministros, e Medicos; aquelles fazendo-os expellir das terras, e dos seus par-

tidos, e estes interpondo os justos recursos, em que muitas vezes tem sido providos. Nas Provincias tem havido em abundancia destes factos, e alguns são bem recentes, sabidos em todas ellas, e patentes nos Tribunaes, e Escri-torios dos Advogados.

NECESSIDADE DO JURISTA PHILOSOPHO.

“ He pois absolutamente preciso” (continuaõ os Redac-tores do J. de C. analysando, e refutando esta passagem do Investigador na pag. 91), que todos os que se destinaõ a lugares de letras, sejaõ obrigados a fornarse taõbem em Philosophia : só assim poderaõ adquirir os conhecimentos necessarios de Physica, de Mecanica, de Chymica, de Bota-nica, e Agricultura.” Rediculamente vemos refutada esta sabia proposiçaõ do Investigador ; dizem os Redactores do J. de C. que seria de huma utilidade incalculavel, que cada hum dos homens soubesse quanto ha no mundo ; bellissima conclusaõ ! Senhores Redactores ; saber o Jurista a Philo-sophia, formar-se n’ella, he saber tudo quanto ha no mundo? Qual he a arte de pensar, que lhes ensina estas conclusoens ? o Medico, que he obrigado a saber as Lingoas Latina, e Grega, não consome hum numero de annos no estudo das sciencias exactas, nos differentes ramos da Philosophia, e só depois destes cançados preparatorios he que se julga apto para o começo do curriculo de Medicina ? E por ven-tura dizemos que o Medico sabe, e aprende tudo quanto ha no mundo ? Se o Medico estuda tanta coiza, que muito he que o Jurisconsulto aprenda taõ bem alguma coiza desses ramos, que tantas fadigas custaaõ aos Medicos ? “ He diffi-cil que hum homem profunde dois differentes ramos das Sci-encias da Natureza de maneira que possa bem applicallos á practica :” annuimos a esta proposiçaõ dos Redactores do J. de C., mas apezar desta difficuldade, o Medico não he dispensado dos profundos estudos dos differentes ramos scien-tíficos da natureza ; logo taõbem o Jurista os pode estudar. “ He raro hum homem Physico eminente, e eminente chymico” dizem os Redactores do J. de C. ; porem apezar de esta raridade todo o Medico Portuguez he Physico, e Chymico ; seja pois taõbem o Jurista, apezar da raridade, Philosopho, e Jurisconsulto, e se não for eminente, seja in-telligente. Poderá o Medico, curando hum typho, ou outra qualquer molestia, fazer melhor uzo da Geometria, Alge-bra, calculo differencial, e integral, doque o Jurisconsulto da Physica, Agricultura, &c., cuja ignorancia o faz decidir muitas vezes, e em muitos casos de differente modo, do que

sem duvida havia decidir, se tivesse ainda as mais leves noções daquelles principios Philosophicos? Com quanto maior intelligencia não aconselhará hum Jurisconsulto Philosopho ao seu Soberano, quando este lhe determinar, que dê o seu parecer para a formação de esta, ou d'aquella lei Agraria, do que hum mero Jurisconsulto, que nunca leu mais do que materia de fideicommissos, e outras semelhantes?

Em quanto o candidato da Jurisprudencia aprende, e cança os seus ouvidos com as miudas explicações, que lhe fazem seus Mestres das subtilezas do Direito Romano, estude-se a Philosophia*; o Direito Romano he huma das fontes da Jurisprudencia Patria, porem não he o Direito Patrio; estude-se como hum subsidio necessario para a interpretação, e intelligencia da Lei da Patria, porem não se gaste a maior parte do tempo em tal estudo com a perda do util; nós não somos Romanos, mas sim Portuguezes, e como taes não devemos gastar o tempo em profundar, analysar, e combinar sempre as ideias dos Imperadores Romanos, o que o mesmo Triboniano despresaria, e que nada tem com as ideias do nosso Paiz: em quanto se aprende esse jus vetus, estude-se Philosophia. Academicos, varoens dos nossos dias, dedicados á brilhante carreira dos lugares de letras, respeitai a proposição do Investigador: aprendei a Philosophia, e em fructo dos vossos trabalhos gozareis da differença, que faz na Republica das letras o Jurisconsulto

* Nos tempos, em que bebiamos as agoas do Mondego, não havia subtileza alguma de Direito Romano, que os Lentes da Universidade de Coimbra não ensinassem aos seus discipulos: havia tal mania n'este ponto, que huns, explicando o Direito Romano, dizião preliminarmente que aquella doutrina de Direito Romano não tinha hoje uso algum, porem que era respeitavel pelos seus Authores, e que por isso devia aprenderse; outros eraõ accommettidos da mania de quererem combinar as immensas leis do Imperio Romano feitas em tão differentes lustros por differentes Imperadores de genios, e pensar taõ differentes, e em tempos variados pelas circumstancias, ideias, e opinioens: d'esta classe eraõ os Lentes Joze Carlos Barboza, Joze Pedro da Costa, e outros. N'esses dias todo o estudo era dedicado ao Direito Romano, e apenas no 5. e ultimo anno, em que se recebia a Formatura, ainda nandando em Direito Romano se estudava o Direito Patrio; hoje está mudado o curso literario a este respeito: porem á frente d'elle ainda estão muitos Romanescos, que pela paixão, que tem às leis do tal Imperio decabido ha já tantos annos, e pelo pouco que sabem do Direito Patrio, ainda se demoraõ mais na explicação d'aquelle, do que no ensino deste: he hum facto, que nos testificaõ, e confirmaõ hoje muitos, e consideraveis Academicos, cujos nomes não referimos para não os indispormos com aquelles, que olhaõ muitas vezes mais para as suas paixões, do que para os principios da boa razão. Quanto era melhor estudar a Philosophia no precioso tempo, que tão indevidamente se consome!

Philosopho d'aquelle que o não he. No meio da sociedade sabereis explicar, analysar, e dar á execução, como Philosopho, huma lei, huma sabia providencia do Soberano, que choca com os principios da Philosophia. Vos sereis então huns bons executares das leis Agrarias, que profundais pelos principios desta parte tão importante da mesma Philosophia, a que se chama Agricultura. As estradas, as pontes, e as fontes, que fazem a prosperidade dos povos, que o Soberano vos confiou, reguladas pelos vossos principios Philosophicos alcançarão o fim dezejado com mais utilidade, e menos despesa, em quanto o Jurisconsulto afferrado a Pegas, e outros d'igual lote ignora a utilidade da maior parte das coizas, que ve, não sabendo nem o nome de qual-quer systema natural.

ESTABELECIMENTO DA SOCIEDADE D'AGRICULTURA.

Terminão as criticas, e invectivos dos Redactores do J. de C. contra a seguinte proposição do Investigador. “ Seria facil formar huma Sociedade de Agricultura em cada cabeça de comarca, composta dos Lavradores mais experimentados, Medico, ou Medicos da Camara, Juiz de Fora, e Corregedor, que seria o Presidente nato.”

Dizem os Redactores, se a Agricultura he hum importante ramo da Sciencia da Natureza, e sendo os Ministros inimigos dos que estudão esta, como quer o Investigador combina-los na sociedade? Eis aqui porque nos dizemos e sempre diremos que as passagens descarnadas, e separadas da sua ordem, e fio da oração ou não se entendem, ou quando se trataõ de refutar, nada he mais facil: o systema, e opiniao do Investigador he, que o Ministro seja Philosopho, e estude as Sciencias da Natureza; professando estas combinar-se ha com o Medico, que taõbem as professa, e como Philosopho não pode ter os prejuizos, que ja mencionamos em outro lugar.

A profissão do Ministro não he a Agricultura, dizem os Redactores do J de C.: esse he o ponto da questao, que os Redactores daõ como decidida, e cuja affirmativa lhes temos demonstrado. Os Ministros estão muito occupados, dizem os mesmos Redactores, e as suas grandes occupaçoens não os podem distrahir a outros empregos: he esta huma proposição vaga, que elogia bem pouco os Ministros; daqui pode concluirse que hum Magistrado encarregado pelo Soberano de muitos, e mui importantes objectos, como se observa n'este Reino, ha de divergir do util, e do solido. Se as ultimas palavras d'esse versiculo fossem verdadeiras, nen-

hum Ministro d'Estado podia ser util á sua Patria, e todos haviaõ divergir do util, e do solido por causa dos seus grandes, e apparatusos empregos.

A penna dos Redactores do J. de C. apesar dos esforços, com que pertendeo impugnar todas as proposições, e idéias do Investigador Portuguez, não pode deixar de conhecer na pag. 400 as uteis, e luminosas Lembranças do mesmo Investigador, chamando magestosa, e de huma utilidade mais do que decidida a idea do estabelecimento da sociedade d'Agricultura.

Nos estamos incluídos nos mesmos principios, e persuadimo-nos que a exacta execução desse plano faria aproximar o tempo das dilicias para os Portuguezes, o invejado tempo, igual a esse, em que hum Monarcha Portuguez se honrava, e lizonjeava de ser denominado Lavrador. Estabelecida huma tal sociedade debaixo de bons, e firmes regulamentos nos veremos entãõ formar, e promover as Fabricas, tirar do seio da terra os uteis mineraes, que ella esconde, e deque tanto abundaõ algumas das Provincias de Portugal, e deste modo o nosso paiz se chamara livre, e independente; diante de nos veremos com gosto as producções da natureza, que os nossos laboriosos braços, e a nossa industria soberaõ converter para os nossos uzos: o Pai deixara ao filho hum legado da sua industriosa mãõ, e o filho seguindo as suas pizadas deixara aos seus descendentes os modelos dos seus avoengos. Entãõ todo o Portugal dira-o ornamento da minha caza, e as vestes do meu corpo saõ producções Portuguezas, o ferro do meu arado lavra a terra, aonde nasceo, dira taõbem o lavrador. Feliz agoiro, epoca ditosa, nos a esperamos. Termine a guerra, acabe o horrivel nome de conquistador, e ás destruidoras phalanges succederaõ as charruas, que hum Principe Philosopho sabera estimar, e honrar.

Concluem os Redactores do J. de C. com as finaes palavras. “ Se pode haver mais que certeza he, que a Agricultura não esta hoje em Portugal no atrazamento, em que o Investigador a figura. Nos julgamos, que em nenhuma das epocas passadas ella esteve n'esse adiantamento, que ao Investigador se figura. Pode ser que nos apresentemos brevemente o que em Portugal tem havido de lei e de bem entendido facto sobre esta materia.” Com muita satisfação lere-mos esse assumpto.

Breve reflexão sobre as primeiras linhas do-como
Prospecto do Vol. II. do J. de C.

Concluimos o nosso opusculo fazendo huma reflexão sobre as primeiras linhas, que os Jornalistas de C. traçaraõ na pag. 440. para servir de prospecto ao Vol. II. “Agradecemos muito obras tão importantes, como as que se nos tem dirigido, e de que só temos lançado huma mui pequena parte.”

A leitura d'este versiculo deve infallivelmente desagradar ao publico, e aos homens literatos, que concorreraõ com os seus trabalhos para o augmento do J. de C. Elles poderaõ dizer com toda a justiça quanto era melhor ler producçoens literarias importantes, do que saber o numero dos Estudantes Naturalistas da Universidade de Coimbra, quaes foraõ os approvados, e quaes os premiados? Elles poderaõ dizer com toda a justiça; tudo isso sabe o publico, sem que se ache escripto no J. de C., em quanto este deixa no escuro silencio a parte mais extensa das obras, a que chama importantes. Elles poderaõ dizer com toda a justiça; huma tal omissoã he de conhecido escandalo, e injuria aos nossos trabalhos literarios, que os Jornalistas de C., apesar de conhecerem a sua importancia, não deixaraõ gozar da luz, que lhes he devida. Eis aqui o que facilmente se deduz da passagem daquelle versiculo.

LITTERATURA PORTOGUEZA.

Seria superfluo, e mesmo fastidioso o recommendar em as nossas paginas a leitura de algumas peças poeticas, que fazem honra á Literatura Portugueza, ou contribuem para os seos progressos; se não houvessem zoilos, se não houvessem invejosos inimigos de tudo o que he gloria nacional. Mas por huma daquellas fatalidades, que tem manchado os annaes brilhantes da Literatura, e denegrido os da moral; tem havido e ainda ha homens entre nos, que dezacreditaõ aquillo que não possuem, o talento poetico, e as obras marcadas pelo seu cunho immortal. Debaixo do pretexto que á poesia andao annexas ou a inutilidade ou o desvario, tem creado hum systema de abandono, se não he de presiguição contra as illustres Muzas Portuguezas. Ainda nos recordamos com dor da sorte que estes blasphemos da razao prepararaõ ao insigne Camoens, deixando o perecer á mingoa

n'hum hospital ; e em nossos dias modernos fazendo morrer Garção no limoeiro, e Bocage no dezamparo. Estes exemplos alem de outros que seria prolixo repetir, bastariaõ para atterrar os mais abalizados genios, se a verdadeira gloria não vencesse pelos seos attractivos o negrume dos dezastrés, que os ameaçaõ. Quem tem concorrido mais que a poesia para a civilizaçaõ e melhoramento das naçoens ? A fabula que representa a lyra de Orpheo arrancando os rochedos pela melodia de seos accentos, he o emblema de huma verdade reconhecida ; o influxo da poesia na agricultura, e na moral. Sem os tons persuasivos da flauta campestre que força converteria escabrosos dezertos em *paizagens* fecundas e deleitozas ; e sem o estrepito da tuba hercica, qual seria o guerreiro, que suspirasse pela fama de Achilles, ou pela grandeza de Augusto ? Se as virtudes sociaes, se a gloria das naçoens se tem creado pelos incantos do metro, se elle tem podido, o que mais nada pode, corrigir os vicios da escravidão, e da tyrania ; porque se tem feito hum crime entre nosdaquillo que faz o orgulho de todas as naçoens civilizadas ? Quanto seria para dezejar que se extinguisse este mau genio preseguidor da Litteratura Portugueza ; destruidor secreto da grandeza, e reputaçãõ nacional ; inimigo de toda a virtude social e privada, e por conseguinte fundador da calamidade actual ? Quanto seria para dezejar, que os premios dados á inapplicaçãõ e a futilidade se distribuissem antes ao merito, e aos talentos, que escrevendo ou pelejando em favor da patria, a exemplo do nosso Cammoens, ou do presente author ; se tornassem recommendaveis ao Soberano, caros á patria, e uteis á humanidade ! Segundo tam bello exemplo, e não forjando maquinaçoens contra os progressos das artes e das sciencias, he que podemos cooperar para a restauraçãõ das prerogativas do homem que nasceo não para ser escravo, mas para ser independente, e so assim feliz sobre a terra. Declaremos pois guerra ao Egoismo, que cria a indifferença pelo melhoramento da especie humana. Soffoquemos a Inveja, cujo bafo maligno entorpece os voos do Genio, e gela o ardor do patriota. Louvemos o merito, e demos a cada hum o que lhe pertence :

Si patriæ volumus si nobis vivere cari.

Nos recebemos mais poesias deste benemerito author, que não podemos enserir neste No. por falta de lugar. Recebemos tambem do Brazil, pelo Paquete do Rio, algumas peças poeticas, e entre outras, humia Traduçãõ em elegante verso Latino do Ensaio sobre a Critica de Pope. Os que por experiencia conhecem a difficuldade de traduzir obras deste

genero, saberaõ apreciar o trabalho, o saber, e gosto deste Litterato Portuguez; e a republica das letras lhe deverá hum testemunho de que a Latinidade, e cultura dos grandes exemplares antigos Gregos e Romanos não se acha entre nos totalmente esquecida. A modestia do author não nos permite nomear o seu nome, distincto ja por isto, quando não tivesse outros foros. Confessamos que nos he violenta huma ordem que nos impoem silencio, quando julgamos do nosso dever rompelo. Com pezar nosso comprazendo nesta parte com o author, lhe rogamos o complemento do trabalho, que taõ felizmente commeçou; para o fazer mos conhecer ao publico, que desta obra de Pope ja possui duas traduçoens em Portuguez, huma em prosa, e outra em verso, huma impressa no Rio de Janeiro, e outra em Londres. O Ensaio sobre a Critica do illustre poeta Inglez, he huma daquellas obras que pela seu elegancia, e correcção fazem honra ao espirito humano. Traduzila em huma lingua viva, he de facto presentear huma nação com hum grande mimo; e isto fizeraõ Dom Fernando de Portugal, e huma Portugueza, rezidente em Inglaterra. A nação lho deve agradecer. Mas traduzila em verso Latino, he enriquecer a Litteratura geral; e dar gosto aos sabios de todas naçoens; que não devem applaudir menos o traductor Latino do *Ensaio sobre a critica*, que o traductor na mesma lingua do *Ensaio sobre o Homem* daquelle author.

A Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal
e Brazil.

ESTA ODE PINDARICA,

No faustozissimo dia 13 de Maio de 1813.

O. D. C.

Francisco Borges da Silva Capam dos Reaes Engenheiros.
Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, 25 d'Abril, 1813.

ODE PINDARICA.

*Para servir-vos braço ás Armas feito,
Para cantar-vos mente ás musas dada.*

Cam. Lus. Ed. de Lisboa, Cant. ult. oit. 155.

ESTROFE 1.

Nas serenas campinas,
Onde serpea o Ganges caudalozo,
Batendo as leves azas perigrinas,
Do seo Estro assombrozo,
Assim Camoens cantava
A quem da Lisia o Sceptro sustentava :
Em quanto, confundidas,
As Gangeticas Nymphas se escondião,
As Tagides louçaãs agradecidas,
De loiro, e vivaz myrtho lhe tecião
A côroa, que as Lusiadas ganharaõ,
Com que, no Tejo, a frente lhe adornaraõ

ANTISTROFE 1.

Naõ existe Camoens ; naõ vive o Gama :—
Sobre as Ribeiras do gentil oriente,

Novo nome se affama,
Das mais remotas plagas do occidente :
Mas vive eterna a Luzitana gloria ;
 Não esquece á memoria
O negro Admator sanhudo, e feio :—
 Inda da Fama soa
Albuquerque immortal, triumphante em Goa :
 E o Gama denodado,
Fulminando valor, e galhardia :
Já Calicut aos pes calcando irado :
 Já do berço do dia
Ensinando o caminho não trilhado :
Cingindo a frente dos tropheos ganhados,
* Por mares nunca d'antes navegados. *

EPODO 1.

As Filhas da Memoria assim custumaõ,
Dos homens conservar a heroicidade ;
Arrancando os do Lethes, esquecidos,
Colocando os a par da Eternidade :
 He no metro devino
De Homero, que de Achilles vive o nome :
 E no cantor de Mantua
Ganhou Enêas immortal renome.
De Babilonia, e Thebas não existem
As bronzeas portas, os suberbos muros ;
Nem do Nilo as Piramides pasmosas
Se encontraraõ nos seculos futuros.

CORO.

Somente o Poder Delphico,
Do tempo a furia açama
So elle he que conserva,
Eternidade á Fama.

ESTROFE 2.

Assim a voz soltando,
Hoje, na plaga, que eterniza Henrique, *
Não quero, o luzo Principe cantando,
 Somente eterno fique ;

* A Ilha de S. Miguel.

Porem de idade em idade,
 Seo nome conduzir á eternidade :
 Não haja terra ou gente,
 Desde, huma zona, a outra zona fria;
 Desde os marcos do frigido occidente,
 Te onde tem seu berço o claro dia,
 Onde dos Apollineos Corredores
 Não faça retumbar os seus louvores.

ANTISTROFE 2.

Ganha o meo estro nova gentileza,
 Tejo, e Janeiro coroarão meu Hymno :
 Em tão brilhante empreza,
 Tomo-te a Lyra, Pindaro divino ;
 Já a carroça Delphica guiando,
 E os Brutos espumando,
 Corto ligeiro, os Campos de Amphitrite ;
 Das Muzas no regaço,
 Recosto a frente ; sobre a lyra o braço :
 Assim Hugo brioso,
 No coche de Oberon voa atrevido, *
 Cortando o raro plaino Eolio airozo,
 Assim nunca fendido,
 Cahe no seio de Amando delirioso :
 Qual o Grego da Flauta ao som subido
 Cahio nos braços de Thaïs vencido.†

EPODO 2.

Mas qual Hugo assombrado, ao leve baque
 Da ligeira Carroça, a terra assoma ;
 D'Ascalon' os Palmares não deviso,
 Vejo as ruinas da Rival de Roma ;
 ; Onde, a Pompa, a Grandeza
 Da altiva Patria do Heroe de Cannas !
 Que fez tremer o Tibre !
 E as valerozas Legions Romanas !
 ; Se o dourado Cinzel da loira Clio ;
 Não gravasse nos marmores da Historia

* Oberon, Poema de Wieland, traducção de Filinto Elísio, 1802, fol. 119.

† O Poder da Musica. Ode de Dryden traduzida pelo Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo.

Taõ brilhantes acçoens, onde existiaõ
De Anibal, e Carthago o Nome, e a Gloria?

CORO.

Apenas se descobrem
Ruinas de Carthago ;
Somente o Poder Delphico
Supera o Estigio Lago.

ESTROFE 3.

Foi, a primeira, Elisa
De Prole Regia, que deixando os lares,
Nos campos, que o Euphrates fertilisa,
Se abandonou aos Mares ;
Furtando á Avareza,
De Sycheo a mortifera Riquêza *
As Tyrias prenhes Faias,
Euro nas leves azas conduzindo,
D'Africa adusta nas dezertas praias,
Foi Dido do seo Fado as leis seguindo ;
Tendo, alem de vencer a natureza,
Do torpe Jarbas a brutal ferêza.

ANTESTROFE 3.

Foi, ella mesmo, Dido foragida,
Que fundou n'hum deserto a graã Carthago,
Que em Epoca sabida
Cauzou ao Ebro, e Tibre tanto estrago :
Nas paginas da Historia estão gravados,
Seos feitos celebrados.
Melifluo Garçaõ, quanto me encantas,
Quando co'a liza espada,
A pintas, pelas ruas, desgrenhada,
Da cidade recente,
A traz do amante infido, andar vagando :
E de Mantua o Cantor, que docemente,
Os prazeres cantando,
Da natureza, nova vida sente ;

* Por se Senhorear das riquezas de Sycheo, he que Pigmaliao o mandou assassinar.

Quanto ganhaste no brilhante engano,
De ser com ella, o Principe Troiano.

EPODO 3.

Mas de novo meo Plaustro aos ares sóbe :
; Novo me enleva Delphico portento !
As Camenas me inspiraõ engenhozas :
Sopra do Olimpo favoravel vento.

He este Monte o Ida ?

; Foi nestes campos que cantou Homero ?
; Expirou, neste Estreito,
O Nadador de Abydo, amante de Hero ?
; Os muros de Dardania, destruidos,
Não se pôde saber, onde se alçaraõ ;
Aonde, bateo Vulcano o Scamandro,
Aonde Achilles, e Hector brilharaõ ?

CORO.

Ate queimados muros
Sumio o Tempo fero :
Não existira Illion,
Se não vivesse Homero.

ESTROFE 4.

; Dalli foi que o Troiano,
Fugindo as duras Leis d'atro destino,
Foi dar principio ao esplendor Romano,
Nos campos de Latino !
; Alem se vê alçado,
O féro Capitolio assoberbado !
; Alli alcanço a Fama
Os Emilios, os Cezares cantando !
; La vejo Scipiao triumphando em Zama !
; E a Hysperia o Tibre agrilhoando !
; Mas onde estaõ, do Tempo em Vituperio,
A pompa, o lustre desse vasto Imperio ?

ANTESTROFE 4.

Aonde ; Mas aonde, em teo enleio,
Estro soberbo, minha mente encantas ?

Apollo afavel leio?
; Cantas Carthago, e Roma, ou Lysia cantas?
; Não vês Tagides bellas, como eu vejo,
 Que te acenaõ do Tejo;
E as mimosas Nymphas do Janeiro,
 Rogando-te á porfia,
Que seos nomes, sublimes, neste dia?
 ; Ouves o ar ferido
De mil troantes bronzes disparados?
; Succederem ao bellico estampido,
 Mil Hymnos concertados,
E dos tropheos, que o Senna tem perdido
Os Luzos, e Britanos porfiarem,
E do Tejo, a briosa frente ornarem?

EPODO 4.

Ditoso Neto de Joze Preclaro,
Que governando a Lusa Monarchia,
No seio do Comercio, e d'abundancia,
E's o fito dos Lusos neste dia;
 Se o meo Estro empenhado
Em teo Nome cantar, taõ grande empreza
 Não começou primeiro,
Foi p'ra cantalo com maior grandeza:
Em ti cuido; a ti vejo; de ti falo
Da-me Canto teo Nome em toda a parte,
Como Cantou Camoens o Rei brioso,
“ Se a tanto me ajudar engenho, e Arte.”

CORO.

Farei soar teo Nome
Na Delphica harmonia,
Do frigido Occidente
Te onde nasce o dia.

ESTROFE 5.

Nas paginas da Historia,
Tres se eternizaõ Epocas famosas;
 Do tempo em Vituperio,
Nascendo em cada huã hum vasto Imperio:
 Tyro abandona Dido,

N'hum estranho paiz Carthago assoma :
 Eneas foge ao Grego fementido,
 Sobre as margens do Tybre surge Roma :
 Deixa o Principe Luso o patrio Tejo,
 Florente Imperio no Brazil eu vejo.

ANTESTROFE 5.

A todos perseguio a Tirania :
 Todos, á pressa, o Patrio lar deixaraõ :
 E de heroica ousadia,
 A' descripção dos ventos se intregaraõ :
 Recobra agora, o'Musa, novo esmalte,
 Que minha Lyra exalte,
 Péde de Delphos o divino impulso,
 Que Pindaro elevava,
 Quando no Cyrco, dos Heroes Cantava :
 Com elle, canta ousada,
 Como, Ulisseâ, o Luso Heroe deixando,
 Pizando de Amphitrite a azul estrada,
 No Brazil abordando,
 Fixou no Mundo, a Epoca dictada,
 Em que o Solo onde corre o graõ Janeiro,
 Havia dar as Leis ao Mundo inteiro :

EPODO 5.

Naõ em pouca porção d'Africa adusta,
 Naõ n'huma parte da Latina terra,
 O Principe de Lysia alçou teo Sceptro
 Mas no extenso paiz, que o oiro encerra ;
 Naõ em pequeno espaço,
 A Euro protector soltou o pano ;
 Sofreo negra procella,
 Engolfado no turgido Oceano :
 Naõ vio de Lysia os muros abrasados :
 Deixou seo Povo em paz, seo môr dezejo :
 Naõ vio qual Dido, Tyro a pó tornada :
 Vio seo Nome outra vez reinar no Tejo.

CORO.

Fundaste hum vasto Imperio,
 Oh Principe ditoso,
 Doque Carthago, e Roma,
 Hum dia mais famoso.

ESTROFE 6.

A Grecia teve a Gloria,
De ser a baze do poder Romano ;
Roma conquista a Grecia, conta a Historia,
Com seo orgulho insano :
Tyro a foi de Carthago ;
Que soube da Mai-patria o immenso estrago :
O Imperio Americano,
De gloria Lusitana alimentado,
Vê o Patrio solar pugnar, ufano,
Por sustentar o seu Principe amado :
Vê, que respira todo o Luso, o brio,
Que Castro, e Mascarenhas tinha em Dio.

ANTESTROFE 6.

D'Ourique, Tóro, e Elvas se esquecerão
Os Lusitanos dias portentosos ;
A elles succederão
Bussaco, e Salamanca mais briosos :
Nelles, Monarca Augusto, o vosso Nome,
Nas azas do Renome,
Os vossos Lusos, á Memoria alçaraõ :
De novo o Tejo aspira,
A seo nome escutar d'heroica Lyra :
E quando do Janeiro,
Vê o curso, de altivo, extravasado ;
Quando, de Lysia, o pavilhão guerreirô,
Vê tremular, ousado,
Do Aproak ao Prata ; " O Mundo inteiro,"
Repete a Lysia, " no Provir" contente,
" Respeitará medroso a minha enchente"

EPODO 6.

Eu ja leio no Seculo futuro,
Do novo Americano Imperio a gloria
E do seo fundador, as loiras Musas,
A' porfia, cantando a heroica Historia :
Alli lhe alçaraõ Bustos :
Esta nova Cidade tem seo Nome :—
O Povo Pai lhe chama,
Monumento, que o Tempo não consome.—
E, eu tambem, mais sublimes, Alma, e peito,

Das Musas, ganharei, seguindo a Estrada ;
 Para servir-vos, braço ás armas feito ;
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada.

CORO.

Mais bellas revivêraõ
 Façanhas Portuguezas,
 Hum novo Camoens nasça,
 Que cante taes Proezas.

Ao Author do Poema—" sobre a Origem dos Açores."

Com muito gosto inserimos em o nosso Jornal as seguintes quadras em resposta ao Poema sobre a origem das Ilhas dos Açores, que publicamos em o nosso No. 21. Com mais gosto ainda achamos nas presentes, e tocantes rimas a expressão de sentimentos identicos com os nossos a cerca daquella elegante composição Lyrica. Nos tínhamos deixando ao leitor o juizo sobre o seu merito; e vemos agora realizado o conceito que então fizemos. Transmittindo ao author do poema hum tão bello e merecido elogio, nos cumprimos com o dever mais agradável da sociedade civilizada, o reconhecer o talento, e applaudi-lo. Não como censores austeros, mas como entusiastas do bello, nos admiramos tanto no poema como na resposta a elle, aquella coincidência de harmonias, e sentimentos nobres, que caracterizaõ a elegancia poetica, e os talentos agradaveis, partilha das bellas almas. Sentimos não conhecer os seus authores; para os nomearmos com jubilo; mas se elles nos ouvirem ou lerem, reconhecerão, que se podemos enganar-nos em os nossos juizos; de certo não nos illudimos no prazer que experimentamos ao ler obras taes; criterio, quanto a nos mais seguro, que todos os preceitos especulativos da arte.

Salve oh deleitosa Lyra!
 Salve oh vate Lusitano
 Anonymo que passeas
 Sobre as forjas de Vulcano
 Goza em paz desses aromas

Que espalhão as Paphias rosas
E á gentil Cloris dedica
Tuas cançoens sonoras.

Mas sabe, que aonde mora
Hum cisne já moribundo,
Teu canto veio embargar-lhe
A sahida deste mundo.

Apollo, que n'outro tempo
Me revelou mil segredos
Scintillava nos teos versos
E tornou-me os dias ledos.

Vi como tu a Fortuna
Sobre a roda baqueando,
E tambem zombando d'ella
Fui meos versos entoando.

Tinha-lhe feito hum aceno
De que a cruel se sentio;
Phantastica exige escravos,
Vio-me soberba, fugio.

Foi-se receber incensos
D'ineptos aduladores,
Em quanto tu descobrias
Origem bella aos Açores.

Em quanto as Muzas benignas
Tao bem a mim me mostravaõ.
Quanto sobeja aos felizes
E os bens que ao sabio bastavaõ.

Ao mago claraõ dos versos
Vulcano vi forcejando
Por cumprir o gosto a Venus
As Ilhas desconjuntando.

Manda aos Brontes que do ferro
A essencia tenaz dezatem.
A hum tempo os braços levantao
A hum tempo os martellos batem.

A labareda das forjas
Reflecte nas faces brutas;
E dos Golpes na bigorna
Gemem com estrondo as grutas.

Senti o calor das chamas,
Vi o correcto cinzel

Que esculpido de Roma os fados
Em prophetico broquel.

As armas adamascadas
Que das maons destrás sahiaõ
Fiaraõ de Eneas glorias
Que a Turno mais competiaõ.

Ha muito, que amor da Patria
Zelo, lealdade pura
Tem para coraçoens nobres
Maior calor, que ventura.

Bastardos, restos da Phrygia
Obtem dos Deuzes favor
Armas applausos; deixando
Inutil patrio valor.

Vio o Tybre ensanguentada
Por isso a praia Latina
As mesmas paixoens cauzaraõ
D'outras praias a ruina.

LISBONNE, le 17 Mai, 1813.

Messieurs les Redacteurs de l'Investigador.

La lecture interessante des derniers N^o. de votre Journal m'a rappellée une lettre censée écrite par un Portugais en 1800 et adressée au Spectateur du Nord, journal qui s'imprimait à Hambourg, et que redigeait autrefois Mr. de Rivarol.

J'ai été assez heureux pour trouver la Copie que j'avais fait dans le tems de la lettre en question et que je prends la liberté de vous envoyer cy jointe, ne doutant point que vous trouverez l'espèce de prophétie qu'elle contient, interessante à rappeler dans les tems ou nous vivons. Je suis fâché de ne plus trouver parmi mes papiers la réponse de Mr. de Rivarol que j'avais également extrait de son Journal : peut-être vous sera-t-il facile, Messieurs, de trouver chez quelque libraire l'ancienne collection du Spectateur du Nord.

L'ami qui la recevait dans le tems est malheureuse-

ment mort depuis long tems, et après avoir quitté ce Pays.

Il me semble que la lettre que je vous envoie, rapportée à la date à laquelle elle a été écrite, est un monument trop honorable pour S. A. R. le Prince Regent de Portugal, et pour le Peuple Portugais, pour que vous lui refusiez une place dans votre Journal, qui devient chaque jour plus intéressant, et fera Epoque dans la littérature Portugaise.

Je suis avec la plus parfaite estime, &c. &c. &c.

D. J. F.

TRADUCCAÕ.

Lisboa, 17 de Maio de 1813.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR.

A interessante leitura dos ultimos Nos. de vosso Jornal me fez recordar de huma Carta, que se julga ser escrita por hum Portuguez em 1800, e remettida ao *Espectador do Norte*, Jornal que se imprimia em Hambourgo, e que era outrora redigido por Mr. de Rivarol.

Eu fui assaz feliz em achar a copia, que tinha tirado da sobredita carta, quando ella appareceo naquelle Jornal, que eu tomo a liberdade de vos remetter inclusa, não duvidando, que vos achareis interessante dar a conhecer e recordar, nos tempos em que vivemos, a especie de proecia, que ella contem. Eu sinto não achar entre os meos apeis a resposta de Mr. de Rivarol, que eu tinha extrahido tambem do seu Jornal: talvez, Senhores, vos será facil achar em algum livreiro a antiga collecção do *Espectador do Norte*.

Desgraçadamente, o amigo que a recebia, quando aquelle jornal se publicava, morreo ha muito tempo, e depois de sahido deste paiz.

Parece-me que a carta que vos envio, attendendo á data que foi escrita, he hum monumento muito honroso para Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, e para o Povo Portuguez, para que lhe recuzeis hum lugar em vosso Jornal, que diariamente se torna mais interessante, que fará epoca na Literatura Portugueza. Eu sou com a mais perfeita estima, &c. &c. &c.

D. J. F.

LETTRE

D'un Portugais au Spectateur du Nord, inseré dans un de ses Nos. de l'année, 1800.

Je conviens avec vous Monsieur, et avec votre correspondant Anglais — que dans les circonstances actuelles, l'Angleterre ne peut pas defendre le Portugal contre les forces reunies de la France, et de l'Espagne. Je dirais même quelque chose de plus, si tel etait l'objèt de ma lettre: *Je lui prouverais que l'Angleterre n'a jamais defendu le Portugal; et que lorsqu'elle a eu l'air de le faire, l'Europe a eu la complaisance de le croire.*

Mais je ne conviendrai pas avec vous Monsieur, qu'il soit permis a un ecrivain poli de se servir d'une expression aussi indecente que celle — d'enlever le Portugal aux Anglais — dont vous vous servez !

Songez Monsieur, que les menaces de la France ne vous autorisent pas à manquer d'egards vis-a-vis d'un Prince respectable, et d'une Nation genereuse. Je veux supposer pour un moment, ce que j'espere n'arrivera jamais, c'est à dire — que la superiorité du nombre et de Tactique (ce ne sera certainement pas la superiorité de bravoure) aidée de quelques artifices employés déjà ailleurs suffise pour que la France enleve le Portugal, non pas à l'Angleterre, mais aux Portugais et a leur legitime Souverain.

Qu'est ce que vous aurez enlevé aux Anglais? La domination du Pays! Allez y un peu Mr. le Spectateur, avancez de quelque tems seulement la marche de votre armée car elle en mettra bien sur sa route et vous aurez la satisfaction de voir regner un Prince interessant, vous le verrez constamment occupé des Augustes soins de son etat, sans favoris, sans maitresses, sans un vice, et avec toutes les vertues, et vous me direz à l'oreille a votre retour, si ce Prince respectable est assujetti a une influence quelconque etrangere, ou domestique !

Mais vous leur aurez enlevé, me direz vous, les Ports et Commerce lucratif qu'ils y font! Ecoutez moi un peu, Mr. le Spectateur, et moi aussi je suis peintre et vous allez juger du merite de mes tableaux.

Quand vous aurez enlevé le Portugal (quod Deus vult) a son legitime Souverain, vous ne devez pas pretendre qu'il vous en temoigne toute sa reconnaissance! et suite du dernier combat et de la derniere epreuve, s'embarquera avec sa famille, ses tresors, et ceux de ses sujets — ne vous en deplaise: Il fixera son sejour au Bresil, ou aux Iles Açores, ou a Madere. Ces Iles seront le rend

vous de tous les Portugais qui ne s'accommoderont pas de vos loix, de vos Generaux, et de vos Commissaires—C'est là que se formera l'orage qui fondra sur vous au premier instant de foiblesse; et ne doutez pas que les Portugais qui sont restés dedans n'ouvrent bien vite la porte à ceux qui viendront du dehors. En attendant le pauvre Portugal privé des benefices du Commerce et de l'or de ses Colonies, privé même du débouché de ses vins en Angleterre n'offre aux speculations mercantiles des Anglais aucun attrait. Tout ce que le Commerce a d'attrayant vient de ses Colonies—Les Portugais du Bresil et des Iles ne pouvant aborder, ni en Portugal ni en Espagne, ni en France ni en Italie, seront forcés de porter leur marchandises et leur or à Londres; et après tout ce fracas de votre bruyante expedition vous finiriez par pousser dans les mains des Negocians Anglais le monopole qu'ils ambitionnent et qu'ils ne peuvent pas exercer, du debit exclusif de toutes les denrées de l'Amerique et de tout l'or du Bresil—N'est ce pas que vous seriez bien vengé de l'Angleterre? Je ne veux pas vous ennuyer Mr. le Spectateur—Je vous demande grace seulement pour une legere addition—Il faut que vous retiriez la calomnie que vous avancez, j'espere aussi a contre cœur.

Le Prince Regent n'aide point depuis trois ans, ni de gaieté de cœur, ni a contre cœur les Anglais a ruiner les sujets de son Beau Pere. Il est de notorieté publique que les ports de Cadiz, et surtout celui de Vigo en Galize servent, depuis 8 ans, d'asyle aux Corsaires Français, que c'est de là qu'ils sortent pour ravager le Commerce Portugais, et que c'est là qu'ils amènent et vendent leurs prises—Est ce la faute du Prince Regent du Portugal si l'Espagne a la foiblesse de consentir a une violation aussi criante des loix de l'amitié et du bon voisinage? Que n'a-t-elle pas consenti plutôt la reciprocité proposée de defendre l'entrée des Corsaires Français et Anglais, et la vente de leurs prises dans les ports d'Espagne et de Portugal?

Cette dernière Puissance ne l'a-t-elle pas immédiatement accordé pendant la Guerre d'Amerique sur la simple demande de la France? Mais alors la France etait juste, humaine, modérée—Elle sentait que plus elle menaçait le Portugal, et plus elle resserait ses liens avec les Puissances ennemies de la France, et plus elle dissiperait les craintes du Portugal, plus elle affaiblirait ses liaisons avec l'Angleterre—Mais alors aussi toute l'Europe s'accommodait mix de la Politique de la France—alors—nec spes libertatis erat, nec cura pecuni.

TRADUCÇÃO.

Carta de hum Portuguez ao Espectador do Norte, inserida n'hum dos seos Nos. do anno de 1800.

Convenho, Snr., com vosco, e com vosso correspondente Inglez—que nas actuaes circumstancias a Inglaterra não pode defender Portugal contra as forças unidas da França, e da Hespanha. Eu diria mesmo alguma coiza mais, se tal fosse o objecto da minha carta—*eu lhe provaria que a Inglaterra nunca defendeo Portugal; e que quando ella alguma vez tem tido a apparencia de o fazer, a Europa tem tido a bondade de o crer.**

Mas eu não convirei com vosco, Snr. em que seja permitido a hum escritor polido o servir-se de hum expressão tão indecente como a de—roubar Portugal aos Inglezes—de que vos vos serviz!

Reflecti, Snr. que os ameaços da França não vos authorizaõ para faltar ao respeito devido a hum Principe Respeitavel, e a hum Nação generosa. Eu quero suppor por hum momento, momento que, segundo espero, nunca chegará, isto he, que a superioridade do numero, e da tactica, (não, por certo, a superioridade de valor), ajudada por alguns artificios ja por outras partes empregados, seja bastante para que a França roube Portugal, não a Inglaterra, mas aos Portuguezes, e ao seu legitimo Soberano.

Que roubareis vos aos Inglezes? A dominação do Paiz! Ide la, Snr. Espectador; precedei, por algum tempo somente, a marcha de vosso exercito, porque elle não hade gastar pouco no caminho que tem de fazer, e vos tereis a satisfação de ver reinar hum Principe Interessante; vos o vereis constantemente occupado com os Augustos Cuidados de Seu Estado, sem valido, sem amante, sem hum unico vicio, e com todas as virtudes; e na vossa volta me direis ao ouvido, se este Principe Respeitavel esta sujeito a alguma influencia estrangeira, ou domestica.

Mas nos lhes roubaremos, me direis vos, os portos, e o lucrativo commercio que alli fazem. Ouvi-me hum pouco,

* Referindo estas palavras do author á epoca em que elle escrevia—de 1800—não podemos dar-lhe outro sentido senão o que agora mesmo se lhe pode dar depois que a Gram-Bretanha tem feito esforços tão extraordinarios, e quasi podemos dizer gigantescos, para salvar a Peninsula; e he, que sem a determinada tenção de se defender, da parte dos Povos, de nada servi-rião os auxilios portentosos do Gram-Bretanha.

Snr. Espectador: eu tambem sou pintor; e vos ides julgar do merecimento de meos quadros.

Quando vos tiverdes roubado Portugal (*quod Deus avertat*) a seu legitimo Soberano, não deveis esperar que elle vos fique por isso muito obrigado, e agradecido! E depois do ultimo combate, e da ultima tentativa, elle se embarcará com sua Familia, seos thezouros, e os de seos vassallos—perdoai-me: Elle ira fixar sua rezidencia no Brazil, ou nas Ilhas Açores, ou na Madeira. Estas Ilhas serao o ponto de reuniao de todos os Portuguezes, que se não conformarem com vossas leis, com vossos generacs, e com vossos Commissarios. Alli he que se hade formar a tempestade que desfechará sobre vos no primeiro instante de fraqueza; e não duvideis de que os Portuguezes, que tiverem ficado em Portugal, não abrao mui promptamente a porta aos que forem de fora. No entanto, o pobre Portugal privado dos beneficios do commercio, e do oiro de suas colonias, privado ate do mercado dos seos vinhos em Inglaterra, nenhum attractivo offerece ás especulaçoens mercantiz dos Inglezes. Quanto o commercio tem de attractivo vem de suas colonias.—Os Portuguezes do Brazil, e das Ilhas, não podendo aportar nem em Portugal, nem em Hespanha, nem em França, nem em Italia, serao obrigados a levar para Londres, suas mercadorias, e seu oiro: e depois de todo este fracasso de vossa estrondoza expedicao acabareis por lançar entre as maons dos Negociantes Inglezes o monopolio, que elles ambicionao, e que não podem exercer, da venda exclusiva de todos os generos da America, e de todo o oiro do Brazil. Não ficarieis vos assim bem vingado da Inglaterra? Eu não vos quero enfastiar, Snr. Espectador: sou vos peço licença de fazer huma pequena addição.—He preciso desfazer a calumnia que avançaes, espero que involuntariamente.

O Principe Regente não auxilia, ha tres annos, nem voluntaria, nem involuntariamente os Inglezes para arruinarem os vassallos de seu sogro. He publicamente notorio que os portos de Cadis, e principalmente o de Vigo na Galiza, servem, ha oito annos, de azilo aos Corsarios Francezes; que dalli he que elles sahem para arruinar o commercio Portuguez; que para alli he que elles conduzem suas prezas, e que alli as vendem. A cazo tem culpa o Principe Regente de Portugal em que Hespanha tenha a fraqueza de consentir n'huma tao iniqua violação das leis da amizade, e da boa vizinhança? Porque não consentio ella antes na proposta reciprocidade de prohibir a entrada dos corsarios Francezes, e Inglezes, e a venda de suas prezas nos Portos de Hespanha, e Portugal?

Não a concedeo esta ultima Potencia, durante a guerra da America, logo que a França lho pedio? Mas entao a França

era justa, humana, moderada.—Ella conhecia que quanto mais ameaçasse Portugal, mais apertaria seos laços com as Potencias inimigas da França; e que quanto mais esta dissipasse os receios de Portugal, mais affroixaria seos vinculos com a Inglaterra. Mas então toda a Europa se conformava melhor com a Politica da França.—Então—*nec spes libertatis erat, nec cura peculi.*

POLITICA.

FRANCA.

PARIS.

Em nome do Imperador.—A Imperatriz, Raynha e Regente a Mr. o Bispo de ———. Mr. Bispo de ———. A victoria alcançada nos campos de Lutzen, por S. M. o Imperador e Rey, nosso muito amado marido e Soberano, somente pode ser considerada como hum acto especial da Divina Providencia. Desejamos que, recebendo esta carta, mandeis cantar o *Te Deum*; e dar graças ao Deus dos exercitos, e accrescentareis aquelles oraçoens, que julgardes mais convenientes para obter a protecção divina ás nossas armas, e especialmente, para a conservação da sagrada pessoa do Imperador e Rey, nosso amado marido e Soberano. Deus o livre de todo o perigo! A sua segurança he tão necessaria á felicidade do Imperio, como ao bem da Europa, e á Religião que elle tem elevado, e que foi chamado para restabelecer. Elle he o seu mais sincero e fiel protector. Não tendo esta carta outro objecto, rogo a Deus Mr. Bispo, que vos tenha em sua sancta guarda.—Dada em nosso Palacio Imperial em S. Cloud, aos 11 de Mayo de 1813.

MARIA LUIZA.

Duque de CADORE.

Ordem Circular do Cardeal Maury, para se cantar *Te Deum* em todas as Igrejas da Cidade e Diocese de Paris.

CHARO IRMAO!—No momento em que o Imperador no seu throno recebeu a ultima memoria do Corpo Legislativo, S. M. pronunciou ao seu povo estas notaveis palavras:—Brevemente me porei á frente de minhas tropas, e confundirei as falazes promessas que nossos inimigos tem feito a si mesmos.

Apenas se começou a campanha, vimos preenchido o ora-

culo. O primeiro dia de hostilidades desempenhou esta pezada obrigação de hum grande genio, sustentado pela muitas vezes provada protecção do Ceo, e animado pelos nobres sentimentos de sua fortaleza; o nosso Augusto Monarcha apresentou então á nação as suas esperanças, sustentadas pela garantia de 20 annos de triumpho, cujo esplendor offusca toda a reputação da historia.

Os nossos inimigos, tornando-se ousados pela dezerção dos mais mudaveis de nossos alliados, que ja expiaram a cegueira de sua loucura, não tinham duvida alguma do pleno successo de sua coalição contra a França. Assim, em quanto o seu gelado clima suspendia a carreira de nossas victorias, os Russianos, esquecendo-se de todas as suas derrotas do anno passado, que elles celebravam por outras tantas acções de graças publicas, consideravam a protecção fugitiva dos elementos como triumpho periodico, e permanente. Elles crearam submettendo-se ao soldo da Inglaterra, que o Imperador nunca tornaria a reorganizar o seu exercito. Foi nesta crença louca de nossa humilhação militar, que elles fixaram durante o inverno huma campanha de invasoens e conquistas ideaes.

Lisongearam-se de nos expulsar para fora da Alemanha, e até de levarem a guerra aos nossos antigos territorios, se nos recusassemos submeter nos aquelles leys, que a sua arrogancia fosse servida dictar nos, das margens do Rheno; nem acordaram deste sonho de gloria, senão em o momento do desencanto nas planicies de Lutzen.

A severidade de hum inverno temporaõ foi somente quem triumphou de nosso exercito sempre victorioso, naquelles distantes e horridos climas. Mas altivos por huma calamidade de cujos rigores elles, assim como nos, tinham participado, os Russianos consideraram os nossos projectos como meros sonhos, os nossos preparativos como historias fabulosas, e os nossos recursos como chimeras.

Quatro mezes de prodigios de huma parte, e de illusoens da outra, bastaram para que a França os arrostasse, mostrando-se á Alemanha admirada mais poderosa do que nunca. Huma nobre emulação de devoção, e de sacrificios voluntarios repararam todas as faltas das finanças, o grande recurso da guerra, renovando o nosso exercito, sem ser necessario exigir algum augmento de impostos á nação, e sem nos reduzir a fazer uso de algum expediente ruinoso; e tão depressa estavam restabelecidos as nossos preparativos militares, quando na primavera se apresentou a coalição armada, para receber o castigo, que lhe preparavam os nossos valentes guerreiros. Deus que se apraz com a presumpção e temeridade dos mortaes: Deus, segundo a expressão do propheta, assoprou sobre esta massa de ambiciosas chimeras, e ellas se

desvaneceram em fumo. Vede os agora humilhados e ja vencidos; estes conquistadores imaginarios, que taõ de leve crearam e contaram com a nossa deshonra.

Alem do novo e florente aspecto, que se apresenta ao nosso exercito, pela gloriosa victoria, pela qual vamos hoje a dar graças ao Todo Poderoso, nos mais sollemnes actos, ella annuncia triumphos mais decisivos em nosso favor, aos olhos do sabio, que pode julgar do futuro pelo presente; e ler anticipadamente nestes grandes acontecimentos todas as gloriosas paginas, que elles promettem á historia. Cada dia nos desenvolve os resultados. Nos expulsaremos estes Tartaros para seus horrorosos climas, que ja os naõ podem salvar.

De facto, a campanha que começa debaixo de taõ brilhantes auspicios, apparentemente deve manifestar-nos os designios da Providencia, no magnifico destino do Imperador, em sua plena extenção. Potencias que sois inimigas da França vos tinheis numerado as nossas legioens—Vos tinheis calculado de quantas armas eram compostas; mas esquecesteis vos ao mesmo tempo de apreçar o extraordinario genio de seu chefe, cujas combinaçoens sublimes sabem balançar as suas acçoens, concertar o todo, supprir os seus meios, e dobrar a sua força. Vos suppondes os nossos soldados sem experiencia, e atreveis vos a desprezar a sua coragem juvenil, que ainda naõ vio o horroroso fogo das batalhas. Mas vos naõ sonhastes, que a fama do grande homem, que os comanda, os faria heroes quando estivessem diante de vos. Vos ainda crestes que elle estava distante de seu exercito; quando a sua historia, assim como os vossos sonhos vos deviam ter ensinado, que nas suas marchas o seu posto he sempre á frente de suas victoriosas phalanges. Vos podieis ao menos naõ hesitar em reconhecer a presença do primeiro dos capitães tanto pelas manobras, e entusiasmo de suas tropas, como pelos estragos, e trovaõ, que destruiu a flor de vosso exercito.—Naõ sabeis vos, pela fé de vossas derrotas precedentes, que obrigarlo a defender-se era chamallo a victoria? Ah! hum tal Soberano naõ he nunca o espectador simples das batalhas, que tem resolvido dar: sempre illuminado por sua inspiração, por sua experiencia, e por aquelle habito de grandes e repentinos designios, que o elevam em todo o sentido acima dos outros homens, elle vos tem descubierto toda a sua ascendencia, com aquella promptidão, e certeza de juizo, que sabe á primeira vista formar hum plano de batalha, que sempre lhe daraõ a mais profunda meditação dos mais illustres generaes. Vos adiantastes tres dias o momento de hum triumpho, que elle secretamente tinha ja preparado no seu espirito; mas illudindo suas combina-

çoens, vos mudastes somente em suas disposições o modo de vos vencer. Vinde pois provocar, e acelerar o combate.

A metade do seu exercito estava ainda distante de seu corpo, e não teve que sentir, senão o ter estado por algumas horas privada de participar de seus louros.

A inferioridade de nossa cavallaria, que o Imperador desejava poupar, e pela qual elle deo em suplemento a sua trovejante artilharia, mostrou de huma vez as suas intenções, por huma daquellas repentinas illuminações de que falla Boysart. “He huma batalha Egypciaca,” disse elle as suas tropas, “huma boa infantaria sustentada pela artilheria, deve ser sufficiente em si mesma;” a historia percebera este memoravel resultado de huma combinação suggerida pelo genio militar, e que pode somente segurar a victoria.

Fica-se transportado de admiração ante o homem extraordinario, que tem elevado o nosso imperio a tão prodigioso gráu de poder e de gloria. A sua sorte, e os seus officiosos inimigos incessantemente o poem nas situações mais proprias para nos descubrir toda a extensão de seu genio. Elle he a alma de seus generaes; assim como de seus exercitos. Não se pode conceber como hum mortal pode superar tantas difficuldades, ser sufficiente para a execução de tantos deveres, unir tanta actividade com tanta previdencia, tanta sabedoria com tanta impetuosidade, tão vasta extensão de concepção a tanta vigilancia nas miudezas; e que todas as partes de sua immensa administração sejam sempre vigiadas pela perspicuidade de suas vistas como se elle não tivesse outra solitudine no throno.

He somente a religião, que unindo todos os interesses do Soberano como subdito, do rico com os do pobre, assegura a verdadeira pompa dos annaes da nação, da á expressão da allegria commum hum character augusto e sagrado, que o entusiasmo universal faz ainda mais terno e magnifico; sem elle nada he solemne nada he verdadeiramente popular; nada une a multidão em huma só familia. O mundo tem os seus divertimentos, porem so a christandade tem festas reaes. Os homens nunca estão em perfeita communhão de sentimentos, e de interesses, senão em o templo. He prostrando-se diante de Deus, que os principes ensinam ao seu povo a respeitállos, nós nos julgamos felizes em ser christãos, e orgulhosos de sermos Francezes; cada hum se crê associado na gloria do exercito, celebrando a com igual solemnidade e magestade, em nossos sanctuarios. Estando Deus aqui no meio de nos, e sensivelmente junto a nos, segundo a expressão do Apostolo S. Paulo, igualmente parece que se declara por nos.

A imagem do Soberano esta retratada em todos os corações. As acclamações de todo hum povo respeitam o seu amado nome, com sentimentos unanimes de gratidão; porém a sua fama nos tem tão acostumados a prodigios, que ja não pode apparecer cousa alguma de surpresa a nossa admiração.—Oh! como sua grande alma gozaria com prazer o nosso amor, se elle pudesse neste momento ser testemunha de todos os sentimentos que elle inspira!

Porém que sentimentos temos nós de expressar? não estará o nosso Monarcha, no pensamento, presente a esta sagrada solemnidade, para gozar das bençãos universaes, que vem rodear a sua amada companheira, ao momento em que huma solemnidade religiosa, grande e terna, vem offerecer lhe pela primeira vez durante o seu Governo, com a pompa mais magnifica do throno, a homenagem da nação? A festividade que nos ajunta aqui no primeiro de nossos templos, tão resplandescente com os seus beneficios e suas victorias, adquire ainda maior interesse, e maior lustre pela presença da Augusta Soberana, que vem presidir a esta piedosa cerimonia, mostrando-se decorada com toda a gloria de seu consorte.

Ah! que terna scena no nosso sanctuario, a venerada esposa de nosso Soberano, a mãe do herdeiro do throno, a Regente do Imperio, dando solemnes acções de graças a Deus pela gloria do grande homem, cujo triumpho ella vem proclamar, declarando os Francezes, que a *sua conservação he tão necessaria á felicidade do Imperio, como ao fim da Europa, e a religião que elle tem de novo elevado, que foi chamado para fortificar e restabelecer: e de que elle he o mais sincero protector.*

Que vista! Contemplan huma alma tão pura prostrando se ante os nossos altares, implorando o Todo Poderoso a favor do heroe, que he o continuo objecto de seus pensamentos, cuja ternura segue todos os seus passos, e que ella nunca cessa de conservar no meio de seu coração, com as mais vivas emoções. Deus ouvirá estas supplicas, estes votos, estes actos de acção de graças, que elle tem inspirado; e a felicidade da nossa Soberana se augmentará pela alegria publica de que ella será o feliz interprete junto daquelle a quem ella representa com tanta graça como dignidade.

Nós podemos declarar abertamente, na fé de pessoas mais altas, chamadas para seus conselhos, que o Governo que lhe he confiado, desenvolve nella cada dia hum espirito cheio de doçura e bondade; hum character de alta sabedoria tanto em suas acções, como discursos; hum gosto pela applicação, e amor da ordem, hum habito de attenção e interesses, huma exactidão de memoria, e consequentemente nos negocios;

humana justeza de espirito, humana madureza de juizo, humana solidéz de reflexão, que concilia todos os votos a seu favor, e lhe garantem a approvaçãõ mais estimavel a seu coração. Todas estas brilhantes qualidades, são ainda mais ornadas debaixo do diadema, por humana piedade tão exemplar como moderada, e pela attracção das virtudes mais brandas, que são tanto mais proprias para fazerem estimar os seus principios religiosos, quanto ellas nos convidam a imitallos, sem nos obrigar á hypocrisia.

CONTINUAÇÃO

Dos noticias do Exercito.

Paris, 15 de Maio.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente recebeo a seguinte noticia, relativa á situação do exercito : datada de 10, pela noite :—

Aos 9, o Coronel Lassale, director da equipagem de pontes, principiou a dispor as jangadas para hum ponte, que se devia formar na aldea de Prielnitz. Havia tambem alli hum vaivem. Trezentos *voltigeurs* passaram para a outra margem do rio, debaixo da protecção de 20 peças d'artilharia postadas em hum altura.

As 10 da manhã avançou o inimigo para expulsar os *voltigeurs* para o rio : elle julgou que hum bateria de 12 peças seria sufficiente para fazer calar as nossas. Principiou a canhonada, e foram desmontadas as peças do inimigo : tres batalhoens, que se tinham adiantado foram destruidos pela nossa metralha. O Imperador correo para aquelle lugar. O General Dulauloi tomou hum posição com o General Devaux, e 18 peças de artilharia volante, na esquerda da aldea de Prielnitz posição a cavaleiro de toda a planicie na margem direita : o General Drouet avançou com 16 peças d'artilharia para a direita. O inimigo trouxe 40 peças. Nos estabelecemos hum bateria de 80. No entanto se achou hum baixada na margem direita do rio, em forma de cabeça de ponte, aonde se abrigaram os nossos atiradores. Depois de terem 12 ou 15 peças da sua artilharia desmontada, e de 1,500 a 1,800 homens mortos ou feridos, o inimigo descobrio a loucura de sua empreza : e ás 3 da tarde marchou

em retirada. Nos trabalhamos toda a noite na ponte; mas o Elbo cresceu, e algumas das nossas ancoras foram á garra; a ponte se não acabara até a noite.

Hoje (10) mandou o Imperador marchar a divisão Charpentier para a cidade nova, pela ponte de Dresden: e agora, á noite, estando a ponte acabada, vai passando todo o exercito para a margem direita do rio. Parece que o inimigo se vai retirando para o Oder.

O Principe de Moskwa esta em Wittemberg; o General Lauriston em Torgau: o General Reynier tornou a tomar o commandado do 7. corpo, composto do contingente Saxonio, e da divisão Durutte.

O 4, 6, 11, e 12. corpo, passaraõ a manhaã pela ponte de Dresden. A segunda divisão das guardas, commandada pelo General Barras, chega hoje a Altenbourg.

El Rey de Saxonia que dirigira o seu caminho para Praga, a fim de estar mais proximo de sua capital, vira para Dresden no decurso do dia d'amanhaã. O Imperador lhe enviou huma escolta de 500 homens de sua guarda para o receber e acompanhar. Foram cortados ao inimigo, do Elbo, 2,000 cavallos, e huma grande quantidade de bagagem, patrulhas, tropas ligeiras, e Cossacos. Parece que elles se refugiarã na Bohemia.

Paris, 17 de Maio.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente recebeu as seguintes noticias, a respeito da situação dos exercitos, na noite de 11 de Mayo:

O Vice-Rey tinha avançado com o 11. corpo para Bischoffswerder: o General Bertrand, com o 4. corpo para Koenigsbruck; o Duque de Ragusa, com o 6. corpo para Reichenbach; o Duque de Reggio para Dresden; as guardas velhas e novas para Dresden.

O Principe de Moskwa entrou em Torgau na manhaã de 11, e tomou huma posição na margem direita, na distancia de huma marcha daquella fortaleza. O General Lauriston chegou no mesmo dia a Torgau com o seu corpo ás 3 da tarde.

O Duque de Belluno, com o 2. corpo marchou para Wittemberg, assim como o corpo de cavallaria do General Sebastiani. O corpo de cavallaria, commandado pelo General

Latour Maubourg, aos 11, passou pela ponte de Dresden, ás 3 horas da tarde. El Rey de Saxonia pernoitou em Sedlitz. Toda a cavallaria Saxonia se lhe deve unir em Dresden aos 13. O General Reynier tornou a tomar o commando do 7. corpo em Torgau: aquelle corpo he composto de 2 divisoens Saxonias, consistindo em 12,000 homens. S. M. passou todo o dia na ponte vendo desfilar as tropas. O Coronel de Engenheiros Bernard, ajudante de campo do Imperador, pôs em acção a sua maior actividade para concertar a ponte de Dresden.

O General Roguiat, commandante em chefe dos engenheiros do exercito, delineou as obras, que deviam cubrir a cidade nova, e servir de cabeça de ponte. Interceptamos hum correio do Conde de Hackelber, Ex-embaixador de Russia em Vienna, dirigido ao Conde de Nesselrode, Secretario de Estado, na companhia do Imperador em Dresden. Interceptamos tambem hum numero de estafetes de Berlim para Praga.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente recebeo a seguinte noticia da posicao do exercito na noite de 12 de Mayo:

Aos 12, ás 10 horas pela manhã se formarem as guardas Imperiaes em hum batalhão, na estrada de Pirna para Gross Garten. O Imperador lhes passou revista. El Rey de Saxonia, que pernoitara na noite antecedente em Sedlitz, chegou pelo meio dia. Os dois Soberanos se apearam dos cavallos, abraçaram-se mutuamente, e entraram em Dresden, á frente das guardas, entre as acclamaçoens de huma população immensa. Formava isto hum excellente golpe de vista.

As 3 horas, o Imperador passou revista as divisoens de cavallaria do General Fresia, consistindo em 3,000 cavallos de Italia. S. M. ficou extremamente satisfeito com esta cavallaria: cujo bom estado he devido aos cuidados e actividade de Fontanelli, Ministro da Guerra, para a Italia, que não tem poupado trabalho para a pôr em bom estado.

O Imperador deo ordem ao Vice-Rey para que fosse ter a Milão, para ali executar hum commissão especial. S. M. ficou extremamente satisfeito com o comportamento deste Principe durante toda a campanha; aquelle comportamento tem adquirido ao Vice-Rey novos direitos á confiança do Imperador.

Proclamação do Imperador ao Exercito.

SOLDADOS!—Estou satisfeito com vosco. Vos tendes preenchido a minha expectação. Vos tendes supprido a tudo com a vossa boa vontade, e com o vosso valor. No memoravel dia 2 de Mayo, vos derrotastes, e puzestes em fugida o exercito Russo-Prussiano, commandado pelo Imperador Alexandre e Rey de Prussia. Accrescentastes novo lustre á gloria de minhas aguias. Vos patenteastes tudo quanto he capaz de fazer o sangue Francez. A batalha de Lutzen será collocada acima da de Austerlitz, Jena, Friedland, e Moskwa. Na ultima campanha, o inimigo conheceo que não tinha refugio, contra nossas armas, senão seguindo a feroz carreira de seus barbaros antepassados. Exercitos de Tartaros devastaram os seus campos, ás suas cidades, a mesma sagrada Moskow. Chegaram agora ás nossas regioens, precedidos de todos os maos subditos, e desertores d'Alemanha, França, e Italia; para o fim de pregar a revolução, a anarchia, a guerra civil, e o assassinio. Elles se fazem os apostolos de todos os crimes. Elles deejam acender hum incendio moral, entre o Vistula e o Rheno, a fim de, segundo o uso dos Governos despoticos, colocar desertos entre nós e elles. Loucos! Pouco conhecem elles a afeição dos Alemaens a seus Soberanos, a sua prudencia, a sua disposição á boa ordem, e o seu bom senso. Pouco conhecem o poder e valor dos Francezes.

Em huma só batalha tendes desmanchado todas aquellas tramas parricidas. Vos repulsareis estes Tartaros para as suas terriveis regioens, as quaes elles nunca deveriam ter deixado. Permaneçam ali nos seus gelados desertos, a habitação da escravidão, do barbarismo, e da corrupção, aonde abatidos estão ao nivel do bruto. Vós sois benemeritos da Europa civilizada.

Soldados! Italia, França, Alemanha, vos daõ os seus agradecimentos.—Dada no nosso Campo Imperial em Lutzen, aos 3 de Mayo, 1813.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Berlin, 19 de Mayo.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente, recebeo a seguinte noticia relativa a situaçaõ dos exercitos na manhaã de 13 do passado :

A fortaleza de Spandau capitulou. Este acontecimento admira todos os militares, S. M. ordenou que o General Bruny, commandante da artilheria, e commandante dos engenheiros da praça, assim como os ministros do conselho de defesa, que não tivessem protestado contra ella, fossem presos e processados ante huma commissão do Marechal, presidida pelo Vice-Condestavel.

S. M. ordenou igualmente, que se submettesse a huma inquiriçaõ a capitulaçaõ de Thorn. Se a guarniçaõ de Spandau se rendeo sem hum cerco, e subscreveo a huma capitulaçaõ que se deve submetter a inquiriçaõ, e a processo, o comportamento da guarniçaõ de Wittemberg foi mui differente. O General Lapoye se tem comportado perfeitamente bem, e tem sustentado a honra das armas, na defeza daquella importante praça, que he outro sim huma ma fortaleza, não tendo senão hum recinto, meio destruido, e que somente deve a sua resistencia á coragem de seos defensores.

O Barão de Montarau, estribeiro do Imperador, perdeo o seu caminho aos 6 de Mayo, na distancia de duas jornadas de Dresden. Cahio no poder de huma patrulha ligeira de cavallaria, composta de 30 homens, e foi tomado pelo inimigo.

Hum correio, que Mr. Hackelberg mandava de Vienna a Mr. Nesselrode, em Dresden, foi agora interceptado. O mais notavel he, que os officios são datados de 8 pela tarde, e não obstante, elles contem parabens de Mr. Hackelberg ao Imperador Alexandre, pela brilhante victoria, que elle acabava de ganhar, e pela retirada dos Francezes para alem do Saale.

A Gram Duqueza Catherina recebeo em Toplitz huma carta de seu irmão, o Imperador Alexandre, que a informa de sua grande victoria aos 2. A Gram Duqueza com razão permittio a todas pessoas, que se acham a tomar aguas em Toplitz, o ler esta carta. Com tudo no dia seguinte ella soube, que o Imperador Alexandre tinha voltado para Dresden, e que elle devia partir para Praga, tudo isto pareceo extremamente ridiculo na Bohemia. Temos visto alli compromettido o nome de hum Soberano, sem nenhum motivo de politica que o possa justificar. Tudo isto se não pode

explicar senão por hum costume Russiano de impor á plebe ignorante, e pela facilidade com que se lhe pode fazer crer tudo —Elles teriam achado que era necessario adoptar differente comportamento, em hum paiz civilizado como he a Alemanha.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente, recebeu a seguinte noticia relativa á situação do exercito, na manhã de 14 de Mayo:

O exercito do Elbo tem sido dissolvido, e os dous exercitos do Elbo e Mein formam hum só.

Na noite de 13, estava o Duque de Belluno junto a Witterberg. O Principe de Moskwa deixou Torgau para ir ter a Lukau. O Conde Lauriston marchava de Torgau para Dobritugk. O Conde Bertrand estava em Koenigsbruck. O Duque de Tarento, com o 11. corpo estava acampado entre Bischoffswerda e Bautzen. Aos 11 e 12 elle perseguio vivamente o inimigo. O General Miloradovitch, com huma retaguarda de 20,000 homens e 40 peças d'artilheria trabalhou, aos 12, em reter as posições de Fischloch, Capillenberg, e Bischoffswerder, o que occasionou tres batalhas successivas, em que as nossas tropas se comportaram com a maior intrepidez. A divisão Charpantier se distinguio no ataque da direita: o inimigo foi volteado em todas as posições e desalojado em todos os pontos, foi cortada huma de suas columnas. Nos tomamos 500 prisioneiros, e o inimigo teve mais de 1,500 homens de mortos ou feridos. A artilheria do 12. corpo atirou 2,000 balas durante a acção.

Os restos do exercito Prussiano, debaixo do commando d'El Rey de Prussia, passaram por Meitzen, e tomaram a estrada de Bautzen, por Konigsbruck, para se unirem ao exercito Russiano.

Hontem pelo meio dia o corpo do Duque de Reggio passou a ponte em Dresden. O Imperador passou revista á cavallaria, e aos lindos couraceiros, commandados pelo General Latour Maubourg.

Diz-se, que os Russianos aconselharam os Prussianos, que queimassem Potzdam, e Berlin, e que devastassem toda a Prussia. Elles começaram por dar o exemplo; na sua alegria de coração queimaram o pequeno lugar de Bischoffswerder.

El Rey de Saxonia jantou com o Imperador aos 13. A segunda divisão das guardas novas se esperava a manhã em Dresden.

21 de Mayo.

S. M. Imperatriz Raynha Regente recebeo a seguinte informação da situação dos exercitos, aos 16 pela tarde :

Aos 15, o Imperador e Rey de Saxonia passaram revista a 4 regimentos de cavallaria Saxonia (hum de hussares, hum de lanceiros, e dous de couraceiros) que formam parte do corpo do General Latour Maubourg. Suas Magestades visitaram depois o campo de batalha, na cabeça de ponte de Preilnitz.

O Duque de Tarento se poz em marcha aos 15, ás 5 horas da manhã, dirigindo-se a Bautzen. Ao desembocar se encontrou com huma retaguarda do inimigo; tentaram-se algumas cargas contra a nossa cavallaria porem foram mal succedidas; o inimigo porem desejando manter-se na sua posição, fez fogo de mosqueteria mas foi respondido e expulsado do lugar. Nos tivemos 250 homens mortos ou feridos, nesta acção de retaguarda.

A perda do inimigo he avaliada de 7 a 8,00 homens, 200 dos quaes são prisioneiros. A segunda divisão das guardas novas, commandada pelo General Barrois, chegou hontem a Dresden.

Todo o exercito passou o Elbo, independentemente da grande ponte em Dresden, se estabeleceram pontes de botes hum a cima, e outra abaixo da cidade. A Gazeta de Berlin de 8 contem hum regulamento para o *Landstrum*. Não se pode levar a loucura mais adiante; mas pode prever-se, que os habitantes de Prussia tem demasiado bom senso, e são mui affeioados aos principios reaes de propriedade, para imitarem barbaros que nada olham como sagrado. Na batalha de Lutzen hum regimento composto da flor da nobreza Prussiana, e que era chamado de Cossacos Prussianos, ficou inteiramente destruido: somente 15 homens ficaram com vida, o que tem cuberto de luto todas as suas familias. Estes Cossacos realmente se fingiam Cossacos do Don. Moços tenros e delicados, tinham nas mãos lanças, que apenas podiam sustentar; e audavam vestidos como se realmente fossem Cossacos. Que diria Frederico, se visse a

seu neto hoje em dia procurando modelos de uniforme, e as suas apparencias?—Os Cossacos audam mal vestidos, montados em cavallos pequenos, quasi sem sellas ou arreios: porque são huma milicia irregular, que fornecem os habitantes do Don, e que se estabelecem á sua custa. Ir alli procurar hum modelo para a nobreza de Prussia, he mostrar ate que ponto se leva o espirito de locura, e a incapacidade, que dirige os negocios daquelle reyno.

Paris, 28 de Maio.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha, e Regente, recebeu a seguinte conta da situação dos exercitos aos 18 de Maio :—

O Imperador estava ainda em Dresden. Aos 15 o Duque de Treviso sahio dalli com o corpo de cavallaria do General Latour Maubourg, e a divisaõ de infantaria das guardas novas do General Dumoutier.

Aos 16, a divisaõ das guardas novas, commandada pela General Barrois, sahio tambem de Dresden. O Duque de Reggio, Duque de Tarentum, Duque de Ragusa, e Conde Bertrand, estavam na linha em frente de Bautzen. O Principe de Moskwa e General Lauriston tinham chegado a Hoyers Verda.

O Duque de Belluno, General Sebastiani e General Reyner, estavam marchando para Berlin. Aconteceo o que se tinha previsto: quando o perigo se aproximou, os Prussianos metteram a rediculo os regulamentos relativos ao Landsturm. Annunciou-se huma proclamação aos habitantes de Berlin, em que se lhes dizia que elles estavam cubertos pelo corpo de Bulow; mas que, em todo o caso, se os Francezes viessem, elles não deviam pegar em armas mas recebellos segundo os principios da guerra. Não ha hum só Alemão que deseje queimar a sua habitação, nem assassinar alguém. Esta circumstancia constitue o elogio da nação Alemã. Quando homens desesperados, sem honra, e sem principios, pregam a desordem, e o assassinio, o character deste bom povo os repelle com indignação. Os Schlegels, os Kotzebues, e outros amotinadores igualmente criminosos, desejariam transformar os rectos Alemaens em envenenadores, e assassinos; mas a posteridade notara, que elles não tem po-

dido seduzir hum só individuo, huma so authoridade, alem da linha do dever, e da probidade.

O Conde de Bubna chegou a Dresden aos 16, era o portador de huma carta do Imperador de Austria para o Imperador Napoleão. Voltou para Vienna aos 17.

O Imperador Napoleão propoz a convocação de hum Congresso em Praga, para huma paz geral. Da parte da França entrariam neste Congresso os Plenipotenciarios da França, os dos Estados Unidos da America, de Dinamarca, d'El Rey de Hespanha, e todos os Príncipes aliados. Da parte opposta, os de Inglaterra, Russia, Prussia, *Insurgentes Hespanhoes*, e os outros alliados da massa belligerante. Neste congresso se restabeleceria a baze de huma dilatada paz. Mas duvida-se que a Inglaterra queira submeter os seus injustos, e egoisticos principios, á censura e opiniao do Universo : porque não ha Potencia, por mais inconsideravel que seja, que não reclame preliminarmente os privilegios inherentes á sua Soberania, e que são consagrados pelo tractado de Utrecht, a respeito da navegação maritima.

Se a Inglaterra, em consequencia daquelle sentimento de egoismo, sobre quese funda a sua politica, recusar a sua cooperação nesta grande obra da paz do mundo ; porque ella deseja excluir o universo daquelle elemento, que constitue tres quartas partes do globo ; o Imperador propoem hum ajuntamento, em Praga, dos Plenipotenciarios de todas as Potencias belligerantes, para ajustar a paz do Continente. Sua Magestade offerece, até mesmo estipular, que ao momento em que se formar o Congresso, se entre em hum armisticio dos differentes exercitos, a fim de fazer parar a effusão do sangue humano.

Estes principios são conformes ás vistas d'Austria. Resta agora ver o que fazem as cortes de Inglaterra, Russia, e Prussia.

A distancia dos Estados Unidos da America não será razão de os excluir. O Congresso se poderá abrir, e os deputados dos Estado Unidos terao tempo de chegar antes da conclusão das discussões, a fim de estipular relativamente a seus direitos, e interesses.

Paris, 26 de Maio.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha Regente recebeu noticias do exercito datadas de Hoch Kerk aos 21, ás 5 horas da tarde: ellas referem, que, em consequencia das vantagens ganhadas no dia precedente, houve segunda batalha aos 21, em que o mais completo successo coroou as armas do Imperador: a nossa perda, nos dous dias não foi consideravel. O Imperador está em perfeita saude.

Paris, 29 de Maio.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu as seguintes noticias, relativas ao que se passou no exercito, durante os dias 19, 20, 21, e 22; e da posição do exercito aos 23:—

O Imperador Alexandre, e El Rey de Prussia, attribuiram a perda da batalha de Lutzen, ao erro que seus generaes commetteram na direcção das forças combinadas, e particularmente ás difficuldades inseperaveis de hum movimento offensivo de 150 a 180,000 homens. Resolveram elles tomar huma posição em Bautzen, e Hochkerch, ja celebre na historia da guerra dos sette annos: unir alli todos os reforços que elles esperavam do Vistula e outros pontos, na sua retaguarda; para ajuntar áquella posição, tudo quanto a arte podia ministrar; e correr alli o risco de nova batalha, na qual toda a probabilidade éra a seu favor.

O Duque de Tarentum, commandante do 11 corpo, sahio de Bischofswerder aos 15; e pela noite se achou a tiro de peça de Bautzen, aonde estavam todos os inimigos. Elle tomou huma posição: desde este momento marchou o exercito Francez sobre o campo de Bautzen.

O Imperador sahio de Dresden aos 18; pernoitou em Harla, e aos 19 ás 10 horas da manhã chegou á frente de Bautzen. Empregou todo o dia em reconhecer as posições do inimigo. Soubemos que se tinham unido ao exercito, os corpos Russianos de Barclay de Tolly, Langerou, e Sass, e o corpo Prussiano de Kleist, e que a sua força se podia avaliar de 150, a 160 mil homens. Aos 19 pela tarde, era a seguinte a posição do inimigo: a sua esquerda estava apoi-

ada por outeiros cubertos de mato ; e perpendicular ao curso do rio Spree, cousa de huma milha distante de Bautzen. Esta villa foi entrincheirada, e cuberta com reductos ; a direita do inimigo se apoiava sobre humas colinas fortificadas, que defendiam as desembocaduras do Spree, do lado da aldea de Nimschit : toda a sua frente estava cuberta pelo Spree ; ésta mui forte posição não éra senão a sua primeira linha.

Nos percebemos distinctamente, na distancia de 3,000 toesas na retaguarda, o terreno excavado de fresco, e as obras que marcavam a sua segunda posição. A esquerda estava a demais sustentada pelas mesmas colinas a duas toesas de distancia na retaguarda das da primeira posição, e consideravelmente adiante na frente de Hochkerch. O centro se apoiava sobre tres aldeas entrincheiradas, aonde se tinham construido outras tantas obras, que se podiam considerar como lugares fortificados. Hum terreno pantonoso e difficil cubria tres quartas partes do centro. Ultimamente a sua direita se encostava na retaguarda de sua primeira posição sobre as aldeas, e terreno elevado, igualmente entrincheirado.

A frente do inimigo, tanto na primeira como na segunda posição, se extendia, a cousa de legua e meia. Depois deste reconhecimento era facil conceber, que não obstante haverem perdido huma batalha, tal como a de Lutzen, e feito huma retirada de oito dias, os inimigos tinham ainda muitas esperanças de que a fortuna se mudasse. Segundo as expressoens de hum official Russiano, a quem se perguntou o que intentavam fazer. “ Nós não desejamos avançar nem retirar-nos.” A isto replicou o official Francez “ Vos estaes senhores do primeiro ponto ; os successos mostraraõ, em poucos dias, se vos estaes senhores dos outros.” O quartel-general dos dous Soberanos estava na aldea de Natscher.

Aos 19 a posição do exercito Francez era a seguinte: Na direita estava o Duque de Reggio, enconstando-se nas montanhas na esquerda do Spree, e separado da esquerda do inimigo por aquelle vale. O Duque de Tarentum estava diante de Bautzen, de frente da aldea de Niemenschutz. O General Bertrand estava na esquerda do Duque de Ragusa, encostando se em hum moinho de vento, de hum bosque, e com as apparencias de quem intentava desembocar de Jaselitz sobre a direita do inimigo. O Principe de Moskwa, General Lauriston, e General Reynier, estavam em Hoyerswerda, fora de linha, e na retaguarda na nossa esquerda.

O inimigo tendo sabido, que devia alli chegar pelo ca-

minho de Hoyerswerda hum corpo consideravel, entrou em duvida se a intenção do Imperador seria voltear-lhe a posição pela direita, e alterar o campo de batalha ; e fazer cahir todos os entrincheiramentos, que os mesmos inimigos tinham construido com tanto trabalho, e tinham sido objecto de tantos cuidados. Não estavam elles ainda informados da chegada do General Lauriston, nem suppuzeram que esta columna consistia em mais de 16 ou 20,000 homens. Aos 19, portanto destacou o inimigo contra elle, ás 4 horas da manham, o General d'York, com 12,000 Prussianos, e o General Barclay de Tolly, com 18,000 Russianos. Os Russianos se postáram na aldea de Klix, e os Prussianos na aldea de Weissig.

No entanto, o Conde Bertrand mandou o General Perin, para Koenigswerda, com a divisaõ Italiana a fim de conservar a communicacão com o corpo destacado. *O General Perin, chegando alli ao meio dia fez más disposicoens. Elle não mandou reconhecer exactamente o bosque vizinho, não ficou bem os seus postos, e ás 4 horas foi atacado por hum hourra, que poz em confusão alguns batalhoens. Perdeo 600 homens, e entre elles o General Balathier, da brigada Italiana que ficou ferido : 2 peças, e 3 caixoens : porém tendo a divisaõ pegado em armas, se conserváram no mato e fizéram frente ao inimigo.*

O Conde de Valmy, tendo chegado com a cavallaria, se pôs á frente da divisaõ Italiana, e tornou a tomar a aldea de Koenigswerda. Neste momento o corpo do commando do Conde Lauriston, que marchou, a frente do Principe de Moskwa, para voltear a posição do inimigo, e tinha partido de Hoyerswerda, e chegado a Weissig, começou a batalha, e o Corpo do General York teria sido destruido, se não fosse pela circumstancia de terem as tropas de passar por hum desfiladeiro, o que fez que ellas não podessem chegar senão successivamente. Depois de huma batalha de 3 horas, foi tomada a aldea de Weissig, o corpo de York, posto em desordem, foi repulsado para o outro lado do Spree. A batalha de Weissig foi em si mesma hum acontecimento importante. Brevemente se publicaraõ as relaçoens circumstanciadas della.

Aos 19, o Conde Lauriston, ficou portanto, na posição de Weisseg, o Principe de Moskwa em Mankersdorf, o Conde Reynier na distancia de huma legua na retaguarda. A direita da posição do inimigo estava evidentemente em desordem.

Aos 20 as 8 da manham, o Imperador foi para as alturas na retaguarda de Bautzen. Deo ordens ao Duque de Reggio que passasse o Spree, e attacassee as montanhas, que a-

poiavam a esquerda do inimigo; ao Duque de Tarentum que lançasse huma ponte sobre cavaletes no Spree, entre Bautzen, e as montanhas, ao Duque de Dalmacia, (a quem Sua Magestade dera o commando em chefe do centro) que passasse o Spree, e incommodasse a direita do inimigo; e finalmente, ao Principe de Moskwa, debaixo de cujas ordens estava o 3. corpo, General Lauriston, e General Reynier, que se adiantassem para Klix, e passassem o Spree, e flanqueassem a direita do inimigo, e estabelecessem o seu quartel-general de Wurtchen até Weissenburg.

Ao meio dia começou a canhonada. O Duque de Tarentum não teve necessidade de lançar a ponte de cavaletes ao rio; porque achou diante de si huma ponte de pedra, pela qual forçou a sua passagem. O Duque de Ragusa lançou a sua ponte ao rio, e todo o seu corpo passou para a outra margem do Spree. Depois de 6 horas de huma violenta canhonada, e varios ataques mal succedidos, que fez o inimigo, o General Compans mandou occupar Bautzen: e o General Bonnet occupou a aldea de Niedkayn, e por hum ataque acelerado tomou a planicie que o fez senhor de todo o centro da posição do inimigo: o Duque de Reggio tomou posse das alturas ás 7 horas da tarde, o inimigo foi repulsado para a sua segunda posição, o General Bertrand passou hum dos braços do Spree, mas o inimigo se conservou nas alturas que sustentavam a sua direita, e por este meio se manteve entre o corpo do Principe de Moskwa e o nosso exercito.

As 8 horas da noite entrou o Imperador em Bautzen, e foi recebido pelos habitantes, e authoridades constituidas, com sentimentos proprios de alliados, que se julgavam felizes vendo-se livres de Stein, de Kotzebue, e dos Cossacos. Este dia que, se fosse unico, se poderia chamar o da *batalha de Bautzen*, foi meramente o preludio da batalha de Wurtchen.

Com tudo, o inimigo começou a comprehender a possibilidade de ser forçado em sua posição. As suas esperanças já não eram as mesmas; e desde este momento, teve o presagio de sua derrota. Já se tinham mudado todas as disposições. A sorte da batalha não se havia decidir detras dos entrincheiramentos. As suas immensas obras, e 300 redutos ficaram inuteis. A direita de sua posição, que estava opposta ao 4. corpo veio a ser o seu centro, e elle foi obrigado a offerecer a sua direita, que formava huma boa parte de seu exercito, para se oppor ao Principe de Moskwa, em hum lugar que elle não tinha estudado, e que elle cria alem da sua posição.

Aos 21, as 5 horas da manhã, o Imperador marchou para as alturas, 3 quartos de legua adiante de Bautzen. O Duque de Reggio sustentou hum vivo fogo de mosqueteria contra as alturas, que defendiam a esquerda do inimigo. Os Russia-

nos, que conheciam a importancia desta posição, tinham postado alli huma grande parte do seu exercito, a fim de que a sua esquerda não fosse flanqueada. O Imperador ordenou aos Duques de Reggio e Tarentum, que continuassem o combate, a fim de impedir que a esquerda do inimigo se desembaraçasse, e para encubrir o verdadeiro ataque, cujo resultado se não poderia conhecer antes da huma hora da tarde.

As 11 horas o Duque de Treviso se adiantou 1,000 toesas de sua posição, e se empenhou em huma terrivel canhonada na frente de todos os reductos e entrincheiramentos do inimigo. As guardas e a reserva do exercito, occultas por hum terreno elevado, tinham faceis desembocaduras para avançar, pela esquerda ou pela direita; segundo o que exigissem as vicissitudes do dia. O inimigo foi assim conservado na incerteza, a respeito do ponto real de ataque.

Durante este tempo o Principe de Moskwa derrotou o inimigo na aldea de Klix, passou o Spree, e avançou pelejando contra tudo que tinha diante de si, ate a aldea de Preilitz. As 10 horas tomou a aldea: *mas tendo avançado as reservas do inimigo para cubrir o quartel-general, foi repulsado o Principe de Moskwa, e perdeu a aldea de Preilitz.* O Duque de Dalmacia começou a desembocar a huma hora da tarde. O inimigo que conheceo todo o perigo com que era ameaçado, pela direcção que tomou a batalha, soube que o unico meio de sustentar a contenda contra o Principe de Moskwa, era impedir-nos que desembocasemos. Elle trabalhou por se oppor aos ataques do Duque de Dalmacia. Chegou entao o momento de se decidir a batalha. O Imperador, por hum movimento para a esquerda, marchou em 20 minutos, com as guardas, 4 divisoens do General Latour Mauburg, e huma grande quantidade de artilheria, para o flanco direito do inimigo, que se tinha feito centro do exercito Russiano. A divisaõ de Morand e Wurtemberg tomáram o terreno elevado, que o inimigo tinha feito o seu ponto de apoio.

O General Devaux assestou huma bateria, cujo fogo dirigio sobre as massas que tentaram tomar as posiçoens. Os Generaes Dulanlay e Drouet, com 60 peças da artilheria de reserva avancáram entao. Ultimamente, o Duque de Treviso com as divisoens Dumontier e Barrois, e com hum destacamento das guardas novas, tomou a estrada para a estalagem de Klein Baschwitz, cruzando a estrada de Wurtchen para Bautzen.

O inimigo foi obrigado a descobrir a sua direita para se preparar para novo ataque. O Principe de Moskwa tirou partido disto, avançando em frente. Tomou a aldea de Preissig, tendo-se encontrado com o exercito inimigo, em marcha para Wurtchen. Eram 3 horas da tarde, e em quan-

to o exercito estava na maior incerteza da qual seria o exito, se ouvio hum pezado fogo ao longo de huma linha de tres leguas, que annunciou ao Imperador, que se tinha alcançado a victoria.

O inimigo achando-se flanqueado na direita, principiou a retirar-se; e bem depressa a retirada se tornou em fugida. As 7 horas da tarde chegaram a Wurtchen o Principe de Moskwa, e o General Lauriston. O Duque de Ragusa recebeu então ordens de fazer hum movimento inverso ao que tinham feito as guardas, e occupou as aldeas entrincheiradas, e todos os redutos, que o inimigo foi obrigado a evacuar; avançou na direcção de Hochkerck, e assim tomou de flanco toda a esquerda do inimigo, que então ficou em inevitavel derrota. O Duque de Tarentum, da sua parte, atacou vivamente a ala esquerda, e causou lhe consideravel damno.

O Imperador pernoitou na estrada entre as suas guardas, na estalagem de Klein Baschwitz. O inimigo foi assim forçado em todas as suas posições, e deixou em nosso poder o campo de batalha, cuberto de mortos e feridos, e alguns milhares de prisioneiros.

Aos 22, pelas 4 horas da manhã, se poz o exercito Francez em movimento. O inimigo fugio durante toda a noite, em todas as direcções: não achamos os seus primeiros postos, senão depois de passarmos Weissenberg; nem elle se propoz a fazer resistencia alguma até que galgou as alturas na retaguarda de Reichenbach. O inimigo ainda não tinha visto a nossa cavallaria.

O General Lefebvre Desnouettes, á frente de 1,500 cavallos, e dos lanceiros de encarnado das guardas, carregou e derrotou a cavallaria do inimigo na planicie de Reichenbach. O inimigo, crendo que elles estavam sos, mandou avançar huma divisaõ de sua cavallaria, e entraram em combate varias divisoens successivamente. O General Latour Mauburg, com os seus 14,000 cavallos, e os couraceiros Francezes e Saxonios, chegaram em seu auxilio, e houveram varias cargas de cavallaria. O inimigo, inteiramente admirado de achar diante de si 15 ou 16 mil cavallos, quando supponha, que não estavam providos com algum, se retirou em desordem. Os lanceiros de vermelho das guardas, são em grande parte compostos dos voluntarios de Paris, e suas vizinhanças. O General Lefebvre Desnouettes, e o General Colbert, seu coronel lhes fazem os maiores elogios. Nesta acção de cavallaria, o General Bruyere da cavallaria ligeira, official da maior distincção, perdeu huma perna por huma bala d'artilheria. O General Reynier, com o corpo Saxonio, ganhou as alturas por detraz de Reichenbach, e perseguiu o inimigo até a aldea de Hottendorf. Apanhou-nos a noite a huma legua distante

de Goerlitz. Ainda que o dia foi extremamente longo, achamo-nos agora na distancia de 8 leguas do campo de batalha, e as tropas tão fatigadas, que o exercito Francez devia pernoitar em Goerlitz: porem vendo o inimigo posto hum corpo na sua retaguarda, sobre as alturas em frente, e como seria necessario mais meia hora de dia para flanquear a sua esquerda, o Imperador mandou que o exercito tomasse huma posição.

Nas batalhas de 20 e 21 o General Wurtemberguez Franquemont, e o General Lorencez, ficáram feridos. *As nossas perdas nestes dias se podem avaliar em 11 ou 12 mil homens em mortos ou feridos.* As 7 horas da tarde no dia 22, o Gram Marechal, Duque de Frioul, estando em huma pequena altura com o Duque de Treviso, e General Kirgener, todos tres apeádos, e em sufficiente distancia do fogo, huma das ultimas balas que o inimigo atirou bateo junto ao Duque de Treviso, espedaçou a parte inferior do Gram Marechal e matou o General Kirgener. O Duque de Frioul sentio immediatamente que a ferida era mortal, e expirou dentro de 12 horas. Logo que se estabeleceram os postos, e que o exercito entrou em seus bivoques, foi o Imperador ver o Duque de Frioul: achou-o perfeitamente senhor de si, e mostrando o maior sangue frio. O Duque offereceo a sua mão ao Imperador e a chegou aos beijos. “Toda a minha vida” disse elle “se tem consagrado ao vosso serviço, nem lamento a sua perda, senão pelo que ella vos podia ainda servir.” “Duroc,” respondeo o Imperador, “ha huma vida futura: para a lá ides vós esperar-me, e ali vos encontrarei outra vez.” “Sim, Senhor,” tornou o Marechal, “mas isso não sera estes 30 annos: então tereis triumphado de vossos inimigos, e realizado todas as esperanças de vosso paiz. Eu tenho vivido como homem honrado, não tenho nada de que me accusar. Deixo huma filha; vossa Magestade lhe servirá de pay.” O Imperador apertou a mão direita do Marechal, e ficou por hum quarto d’hora em profundo silencio. O Gram Marechal foi o primeiro a romper este silencio. “Ah, Senhor,” exclamou elle, “ide-vos embora; isto vos causa dôr.” O Imperador apoiando-se sobre o Duque de Dalmacia, e Estribeiro Mor, deixou o Duque de Frioul, sem poder dizer mais do que estas palavras: “A Deus meu amigo.” S. M. voltou para a sua barraca, e não quiz fallar a ninguem na quella noite.

Aos 23, pelas 9 horas da manhã, entrou o General Reynier em Goerlitz. Lançáram-se pontes ao Neisse, e o exercito passou o rio. Aos 23 pela tarde estava o Duque de Belluno junto a Botzenburgo: o Conde Lauriston tinha o seu quartel-general em Hochkerk: o conde Reynier estava em frente de Trotskendorf, na entrada de Lanbau; e o Conde Bertrand na

retaguarda da mesma aldea: o Duque de Tarentum em Schöenberg, e o Imperador em Goerlitz.

O inimigo mandou huma bandeira de tregoa e se suppos que elle queria negociar hum armistício. O exercito inimigo se retira pela estrada de Brawzlau e Laubau para Silesia. Toda a Saxonia está livre de inimigos, e á manhaã, 24, estará o exercito Francez na Silesia.

O inimigo tem queimado grande quantidade de bagagem, feito voar muitos parques, e distribuido pelas aldeas grande numero de feridos. Os que pôde levar comsigo em carros não tinham ainda as feridas curadas. Os habitantes calculam o seu numero em mais de 13,000: e mais de 10,000 estão em nosso poder. A villa de Goerlitz, que contem 8 ou 10 mil habitantes, recebeo os Francezes como seus libertadores. A cidade de Dresden, e o Ministerio Saxonio, tem mostrado a maior actividade em prover o exercito, o qual nunca teve maior abundancia de tudo.

Ainda que se tem consumido grande quantidade de muniçoens, com tudo os trabalhadores de Torgau, e Dresden, e os conboys que chegam, pela attenção do General Sorbier, conservam a nossa artilheria bem supprida. Recebemos noticias de Glogau, Custrin, e Stettin. Todas estas praças se acham em mui bom estado.

Esta narração da batalha de Wurtchen somente pode ser considerada como hum esboço. O Estado-maior-general ajuntará as participaçoes, que darão a conhecer os officiaes, soldados, e corpos, que se distinguiram. No pequeno combate de 22, em Reichenback, verificamos que a nossa cavallaria nova he superior a do inimigo, sendo igual em numero. Não podemos tomar nenhuma bandeira; porque o inimigo sempre as tira do campo da batalha. Somente tomamos 19 peças: pois o inimigo tinha queimado os seus parques, e caixoes: e alem disso o Imperador conserva a sua cavallaria na reserva, até que ella seja sufficiente em numero; elle deseja poupalla.

Paris, 1 de Junho.

S. M. a Imperatriz Rainha recebeo a seguinte noticia, relativa a situação dos exercitos, na tarde de 25.

O Principe de Moskwa, tendo debaixo de suas ordens os corpos dos generaes Lauriston o Regnier, aos 24 forçou a passagem do Neiss; e aos 25 pela manhaã, a de Queiss, e chegou a Buntzlau.

O General Lauriston tinha o seu Quartel-general meio caminho entre Buntolau e Haynau. O Quartel-general do Imperador, na noite de 25 estava em Buntzlau.

O Quartel general do Duque de Belluno estava em Wehran, junto ao Queiss.—O General Bertrand entrou em Laubau aos 24, e aos 25 perseguio o inimigo. O Duque de Tarentum, depois de ter passado o Queiss, teve hum combate com a retaguarda do inimigo. Este, embaraçado com os carros cheios de doentes e bagagem, desejou fazer huma resistencia. O Duque de Tarentum metteo em combate as suas 3 divisoens. A batalha foi viva. O inimigo soffreo muito. O Duque de Tarentum, aos 25, tinha o seu Quartel general em Slikight. O Duque de Ragusa estava em Ottendorff. O Duque de Reggio sahio de Boutzem, marchando para Berlin pela estrada de Luckau. Os nossos postos avançados distavam de Glogau somente huma marcha.

Foi em Buntzlau que morreo o General Russiano Kutusoff, ha seis semanas. Os nossos exercitos não acharam neste paiz algum enthusiasmo. O Landwehr, e Landsturm somente existia nos jornaes, ao menos neste paiz; e os habitantes estavam bem longe de seguir o conselho dos Russianos, de queimar as suas casas, e dessolar o seu paiz. O General Durosnel ficou na qualidade de Governador de Dresden. Elle commanda todas as tropas e as guarniçoens Francezas na Saxonia. Alguns corpos Francezes estão marchando para Berlin; onde parece que tem esperado ver por alguns dias chegar o exercito.

EM NOME DO IMPERADOR.

A Imperatriz Rainha e Regente ao Bispo de——.

SENHOR BISPO DE ——.

A victoria do Wurtchen, na Lusacia, aonde S. M. o Imperador, nosso muito amado e charo marido, commandou em pessoa os seus exercitos, derrotou os exercitos Russianos e Prussianos, commandados por seus Soberanos. não obstante os entrincheiramentos com que estavam cubertos; a felicidade que elle tem tido de restabelecer em sua capital o seu alliado El Rey de Saxonia, e de libertar todo o seu reino; as acçoens de graças que a Alemanha offerêce ao Deus dos exercitos, por ser libertada, pelo auxilio que lhe tem dado o seu Augusto protector, do espirito de anarchia, com que o inimigo ti-

nha involvido a causa, em espirito tão contrario ao espirito da nossa religião, e aos preceitos de Deus; me move a escrever-vos esta carta, a fim de que, logo que a tiverdes recebido, concordeis com aquelles que convier, em chamar o vosso povo ás igrejas, e dirigir-vos a Deus, com as orações que julgardes mais convenientes, nestas grandes circumstancias. Não tendo esta carta outro fim, rogo a Deus que vos tenha em sua santa guarda.—Dada no nosso Palacio Imperial das Thuilleries, aos 30 de Mayo, de 1813.

(Assignada)

MARIA LOUISA.

Paris, 4 de Junho.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu as seguintes noticias, a respeito da situação dos exercitos, aos 27 pela tarde.

Aos 26 do corrente, o Quartel-General do General Conde Lauriston estava em Hanau. Hum batalhão do General Maison foi inesperadamente atacado ás 5 da tarde por 3,000 cavallos, e obrigado a retroceder para a aldea. Perdeo duas peças, e tres caixoes, que estavam debaixo da sua guarda. A divisaõ pegou em armas: o inimigo trabalhou por atacar o regimento 153, mas foi expulsado do campo de batalha, que deixou coberto com os seus mortos. Entre estes havia hum coronel, e cõusa de huma duzia de officiaes do corpo dos grandes, cujas decorações traziam.

Aos 27 o Quartel-General do Imperador estava em Leignitz, aonde estavam tambem as guardas novas, e velhas, e os corpos dos generaes Lauriston, e Reynier. O Principe de Moskwa estava com o seu corpo em Haynau: o do Duque de Belluno manobrava sobre Glogau. O Duque de Tarentum estava em Goldberg. O Duque de Ragusa, e Conde Bertrand estava na entrada de Goldberg para Leignitz.

Parece que todo o exercito do inimigo tomou a estrada de Jouer e Schweidnitz. Ajuntou-se hum bom numero de feridos. As aldeas estão cheias dos feridos do inimigo. Leignitz he hum lugar soffrivelmente grande. Todas as authoridades o deixáram por expressa ordem, o que causou grande descontentamento entre os habitantes, e camponeses do circulo. O Conde Daru, em consequencia, foi encarregado de formar novos magistrados. Toda a gente que pertencia á Corte, e toda a nobreza, que sahio de Berlin, se retiraram

para Breslaw ; agora estão sahindo de Breslaw, e huma parte se retira para Bohemia. As cartas interceptadas não fallam de outra cousa mais do que da consternação do inimigo, e das enormes perdas, que elle experimentou na batalha de Wurtchen.



Sua Magestade a Imperatriz Rainha Regente recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 29 pela manhã.

O Duque de Belluno vai marchando sobre Glogau. O General Sebastiani encontrou, junto a Sprottau, hum comboy do inimigo, atacou-o, e tomou-lhe 22 peças d'artilheria, 60 caixoens, e 50 prisioneiros.

O Duque de Ragusa chegou na tarde de 28, a Jauer repulsando a retaguarda do inimigo, cuja posição flanqueou naquella ponto. O Duque de Tarentum e Conde Bertrand chegou as alturas junto aquella cidade.

Aos 28 ao romper do dia o Principe de Moskwa, com os corpos do Conde Lauriston e General Reynier, marchou para Newmark : assim a nossa guarda avançada esta a 7 leguas de distancia de Breslaw.

Aos 29, as 10 horas da manhã, o Conde Schowvaloff, ajudante de campo do Imperador de Russia, e General Kleist, general de divisaõ Prussiano se apresentaram nos postos avançados. O Duque de Vicenza foi lhe fallar como parlamentar. Suppoem-se que esta entrevista he relativa à negociação de hum armisticio.

As obras, que defendiam o campo de batalha de Wurtchen, são mui consideraveis ; portanto o inimigo tinha a maior confiança nestes entrincheiramentos. Pode-se formar huma idea delles, quanda se souber, que elles foram o resultado dos trabalhos de 10,000 homens, durante 3 mezes ; pois os Russianos trabalharam nesta posição, que elles consideravam como inexpugnavel, desde o mez de Fevereiro.

Parece que o General Wittgenstein resignou o commando do exercito combinado ; he o General Barclay de Tolly que o commanda.

O exercito está aqui no mais bello paiz possivel. A Silezia he hum continuado jardim, em que o exercito acha a maior abundancia de tudo.

Huma carta datada de 30 de Maio annuncia que Hamburgo esta em nosso poder. Cartas de Copenhagen dizem, que

o Principe Real partio para a Norwega, para se por á frente do exercito destinado a defender aquelle paiz em caso de ataque.

9 de Junho.

Sua Magestade a Imperatriz Regente recebeu as seguintes noticias do exercito, em data de 30 de Maio.

Hum comboy de artilheria de 50 carros, que sahio de Augsburgo, desviou-se do caminho do exercito, e partio de Ausburgo para Bareuth. Os partidarios inimigos atacaram o comboy entre Zwickau e Chemnitz, o que occasionou a perda de 200 homens, e 300 cavallos tomados, 7 ou 8 peças d'artilheria, e varios carros, que foram destruidos. As peças foram ao depois retomadas. S. M. ordenou huma inquirição para saber quem tomou sobre si a mudança de caminho deste comboy. Seja elle general, seja hum commissario de guerra, deve ser punido com o rigor da ley militar; por que o caminho do exercito foi ordenado de Ausburg por Wurtzburg e Fulda.

O General Poinot, vindo de Brunswick com hum regimento de cavallaria, de 400 homens, foi atacado por 700 ou 800 homens de cavallaria inimiga, junto a Halle. Foi aprisionado, com os soldados: 200 voltaram para Leipsic. O Duque de Padua chegou a Leipsic, aonde esta ajuntando a sua cavallaria para limpar o resto da margem esquerda do Elbe.

Sua Magestade a Imperatriz Raynha e Regente recebeu as seguinte noticia da situação dos exercitos aos 30 de Maio pela noite.

O Duque de Vicenza, o Conde Schowvaloff, e General Kleist, tiveram huma conferencia de 18 horas, no convento de Wahlstadt, junto a Leignitz. Separaram-se hontem, 30 do mez, ás 5 horas da tarde. O resultado ainda se não sabe. Diz-se que se concordou no principio de hum armisticio: mas parece que não convieram nos limites que devem formar a linha de demarcação. Aos 31 ás 6 horas da tarde, tornaram a começar as conferencias do lado de Stiregan.

O Quartel-general do Imperador estava em Newmark. O do Principe de Moskwa, tendo os Generaes Lauriston, e Reynier debaixo de suas ordens, em Lissa. O Duque de Tarentum, e Conde Bertrand estavam entre Janer e Striegan. O Duque de Ragusa entre Moys e Newmark. O Duque de Belluno estava em Steinau sobre o Oder. Glogau estava inteiramente livre de bloqueio. A guarnição foi constantemente bem succedida em suas sortidas; a praça tem ainda mantimentos para sete mezes.

Aos 28 o Duque de Reggio, tendo tomado huma posição em Hoyeswerda, foi atacado pelo corpo do General Bulow, de 15 a 18,000 homens. Principiou a batalha, o inimigo foi repulsado em todos os pontos, e perseguido pelo espaço de duas leguas: aqui se ajunta a relação deste acontecimento. Aos 12 de Maio, o Tenente General Vandame tomou posse de Wilhemsburg. diante de Hamburgo. Aos 24, o Quartel General do Principe de Eckmul estava em Harburg. Varias bombas tinham cahido em Hambourgo, e as tropas Russianas parecia que evacuavam a cidade; abriram-se negociações para a entrega do lugar. As tropas Dinamarquezas fizeram causa commum com os Francezes.

Aos 25 houve huma conferencia com os Generaes Dinamarquezes para arranjar o plano de operações. O Conde Kaas, Ministro do Interior de Dinamarca, e encarregado de huma missão para o Imperador, partio para o Quartel General.

Relatorio a S. A. S. o Principe de Neufchatel Major General do exercito.

MONSEIGNEUR!

Cheguei as 9 horas da tarde com a minha divisaõ 13. a Hoyeswerda. Todas as informações dos camponezes me seguraram que o inimigo estava na cidade, e eu marchei com precaução. A minha guarda avançada, não percebendo alguma *vedetta*, entrou na cidade, durante huma violenta tempestade de chuva, o primeiro destacamento de cavallaria ligeira commandado por hum de meus officiaes tinha ja corrido a galope por varias ruas, sem encontrar alguem, mas chegando á praça o esquadrão de cavallaria ligeira Bavara que o seguio, vio e cahio sobre dous esquadros de Cossacos, occupados em carregar pão. Varios destes que estavam a cavallo fugiram; mas todo o resto foi passado á espada. Eu tirei desta acção 7 officiaes, hum major, hum capitão, e 5 tenentes e tres

officiaes Prussianos (nenhum escapou,) 61 Cossacos, e mais de 90 cavallos.

(Assignado) Marechal Duque de REGGIO.
Hoyerswerda, 27 de Maio.

Relatorio a S. A. S. o Principe de Neufchatel, &c.

MONSEIGNEUR !

O inimigo veio atacar-me na posição de Hoyerswerda, aonde estou, e aonde me acho detido, esperando a divisaõ do General Gruyere.

O inimigo chegou de Senftenberg, pelas duas margens do Schwarz-Elster. Este primeiro ataque teve lugar ás 8 horas, por Bergen, e Neuwiess aonde a sua cavallaria fez retroceder os meus postos avançados; e ao mesmo tempo fui atacado na minha esquerda, pelo lado de Narditz, aonde o inimigo desdobrou 30 peças d'artilheria.

Ainda ignorava de que parte seria o ataque principal, e fui obrigado a dividir a minha gente entre estes dous pontos.

A divisaõ 14 formou os seus quadrados na planicie de Narditz, debaixo de hum vivo fogo d'artilheria, a que a minha respondeo com effeito.

O inimigo percebendo a inutilidade de seus esforços desta parte, levou as suas tropas para a margem direita: desembocou columnas de infantaria, cavallaria e artilheria. A minha artilheria, colocada mui vantajosamente, poz estas columnas em derrota, tocando a degolar, o General Pacthod repulsou este corpo Prussia para hum a boa distancia alem de Bergen, causando-lhe grande damno. Desde este momento se accelerou a sua retirada em todos os pontos, e eu fiquei Senhor do campo de batalha, aonde elle deixou muitos mortos. Eu não posso louvar demasiado o comportamento do general Pacthod, assim como o do General Poorailly, o qual com a sua brigada tomou duas aldeas á bayoneta, de maneira mui galhada.

Estamos ainda perseguindo o inimigo ás 5 da tarde.

(Assignado) O Marechal Duque de REGGIO.
Hoyerswerda, 23 de Maio, 1813.

Paris, 9 de Junho.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu a seguinte noticia relativa a situação dos exercitos aos 2 de Junho.

O Quartel General do Imperador estava ainda em Neumarkt; o do Principe de Moskwa em Lissa. O Duque de Tarentum e Conde Bertrand estavam entre Jauer e Striegau: o Duque de Raguza na aldea de Eissendorf; o Duque de Belluno entre Glogau e Leignitz.

O Conde de Bubna chegou a Leignitz, e teve conferencias com o Duque de Bassano. O General Lauriston entrou em Breslau as 6 horas da manhã no 1 de Junho. Hum corpo Prussiano de 6 a 7 mil homens, que cubria aquella cidade, e defendeo a passagem do Lobe, foi repulsado para a aldea de Neukirchen.

O Burgomaster e quatro Deputados da cidade de Breslau se apresentaram ao Imperador em Neumarkt, no 1 de Junho, ás 2 horas da tarde. S. M. disse lhes, que podiam assegurar os habitantes, que lhes perdoava tudo quanto tinham feito, para favorecer o espirito de anarchia, que os Steins, e os Scharnhorsts dezejavam exercitar. A cidade esta perfeitamente tranquila, e nella ficaram todos os habitantes. Breslau offerece grandes recursos.

O Duque de Vicenza, e os Plenipotenciarios Conde Schouvaloff e General Kleist, trocaram os seus plenos poderes, e neutralizaram a aldea de Peicherwitz. 40 infantes e 20 cavallos, fornecidos pelo exercito Francez, e hum igual numero fornecido pelo exercito Alliado, occupam respectivamente as entradas da aldea.

Aos 2 pela manhã tiveram os Plenipotenciarios huma conferencia para fixar a linha, que, durante o Armistício, deve determinar a posição dos dous exercitos. No entanto, deram-se ordens de ambos os quartéis-generaes, para que cessassem as hostilidades. Assim desde o 1 de Junho, ás 2 horas da tarde não se commetterão hostilidade de nenhuma das partes.

Paris, 10 de Junho.

Sua Magestade a Imperatriz e Rainha recebeu a seguinte noticia, relativa á situação dos exercitos aos 3 de Junho.

A suspensão de armas ainda continua. Os respectivos Plenipotenciarios continuam as suas negociações para o armistício. O General Lauriston tomou no Oder mais de 50 vasos carregados da farinha, vinho, e munições de guerra, destinadas ao exercito, que cerca Glogau; todos estes mantimentos foram mandados para aquella fortaleza.

Os nossos postos avançados estão a meio caminho de Brieg.

O General Hogendorf foi nomeado Governador de Breslau. Reyna naquella cidade a maior ordem. Os habitantes parecem mui descontentes e até indignados com as disposições feitas relativamente ao Landsturm; elles attribuem estas disposições ao General Scharnhorst, que passa por hum jacobino anarchista. Elle foi ferido na batalha de Lutzen. As Princezas Prussianas, que se retiraram apressadamente de Berlin para se refugiar em Breslau, deixaram esta cidade para procurar hum azylo ainda mais longe.

O Duque de Bassano foi para Dresden, aonde recebera o Conde de Kaas, Ministro de Dinamarca.

A Imperatriz Rainha e Regente recebeu a seguinte noticia relativa á situação do exercito na noite de 4.

O armistício foi assignado aos 4, pelas duas horas da tarde: os seguintes são os artigos.

S. M. o Imperador parte, aos 5 ao romper do dia, para Leignitz. Julga-se que em quanto durar o armistício S. M. passara parte de seu tempo em Glogau, e a maior parte em Dresden, a fim de estar mais proximo de seus estados. Glogau tem mantimentos para hum anno.

ARMISTICIO.

Hoje 4 de Junho (23 de Maio) os Plenipotenciarios nomeados pelas Potencias Belligerantes: o Duque de Vicenza,

Gram Escudeiro de França, General de Divisão, &c. &c. nomeado Ministro Plenipotenciario por S. M. o Imperador dos Francezes, &c. &c. munido com plenos Poderes por S. A. o Principe de Neufchatel, &c. &c.; o Conde Schouvalloff, Tenente-general, e Ajudante de Campo do Imperador de todas as Russias, &c. &c.; e o Tenente-general Kleist, no serviço de S. M. El Rey de Prussia, &c. &c. munidos de plenos Poderes, por S. Excellencia o General de Infantaria, Barclay de Tolly, General em Chefe dos Exercitos Combinados; depois de terem trocado os seus plenos Poderes, em Gebendorff, no 1 de Junho (20 de Mayo) e assignado huma suspensão d'armas por 36 horas, na aldea de Pleiwitz, neutralizada para este fim, entre os postos avançados dos respectivos exercitos, para continuar a negociação de hum armisticio, proprio a suspender as hostilidades entre todas as tropas belligerantes, em qualquer ponto que estejam; tem concordado nos seguintes artigos:—

ART. 1. Cessarão as hostilidades em todos os pontos com a notificação do presente armisticio.

2. O armisticio durara até os 8 (20) de Junho inclusivo; não começarão as hostilidades sem se dar previa noticia de seis dias.

3. Consequentemente não recommearão as hostilidades senão 6 dias depois de se ter annuciado a cessação do armisticio nos respectivos quartéis generaes.

4. A linha de demarcação entre os exercitos belligerantes, se fixa do seguinte modo:—

Na Silezia a linha de demarcação do exercito combinado, partindo das fronteiras de Bohemia, passara por Dittersback, Gaffendorf, Landshut; seguira o Bober para Rudelstadsf; passara dahi por Bolkenhayn, Striegan, seguira o Striegane-ransser para Gauth, e se ajuntara ao Oder passando por Bettlern, Olfasehin, e Altoff. O exercito combinado tera a liberdade de occupar as cidades de Landshut, Rudelstadsf, Bolkenhayn, Striegan, e Gauth, assim como os seus suburbios. A linha do exercito Francez partira tambem da fronteira que toca na Bohemia passara por Serffershauf, Alt Ramnitz, seguira o curso do pequeno rio, que cahe no Bober, pouco distante de Berdelsdorf; e depois, do Bober para Lahn. Dahi para Neukirch, junto ao Katzbach, pela linha mais direita, d'onde seguirá o curso daquelle rio até o Oder.

As cidades de Pachwitz, Leignitz, Goldberg, e Lahn, não obstante a parte do rio em que estejam situadas, poderaõ assim como os seus suburbios ser occupadas pelas tropas Francezas.

Todo o territorio entre os exercitos combinado e Francez sera neutral; e não pode ser occupado por tropas algumas, nem mesmo pelo Landsturm. Esta disposição consequentemente he applicavel á cidade de Breslaw.

Desde a boca do Katzbach, a linha de demarcação seguirá o curso do Oder, até as fronteiras de Saxonia e Prussia, e se ajuntara ao Elbo, passando o Oder, não distante de Muhlrose, e seguindo as fronteiras de Prussia; de maneira que toda a Saxonia, o paiz de Dessau, e os pequenos Estados que cercam os Principes da Confederação do Rheno, pertencerão ao Francez; e toda a Prussia pertencerá ao exercito combinado.

Os territorios Prussianos na Saxonia serão considerados neutraes, e não serão occupados por algumas tropas.

O Elbo até a sua boca, fixa e determina a linha de demarcação, entre os exercitos belligerantes, á excepção dos pontos abaixo mencionados.

O exercito Francez ficará em posse das ilhas; de tudo quanto occupava a 32 divisão militar, aos 27 de Mayo (8 de Junho) á meia noite.

Se Hamburgo esta somente sitiada, aquella cidade será tratada, como as mais cidades sitiadas. Todos os artigos do presente armisticio que lhe dizem respeito, serão applicaveis a ella.

A linha dos postos avançados dos exercitos belligerantes, na epocha de 27 de Mayo (8 de Junho) á meia noite, formara para a 32 divisaõ militar, e demarcação do armisticio, com as alteraçoes militares, que os respectivos commandantes julgarem necessarias. Estas alteraçoes serão feitas de concerto com hum official do Estado maior de cada exercito, sobre o principio de perfeita reciprocidade.

5. As fortalezas de Dantzic, Modlin, Zamosc, Stettin, e Custrin, serão abastecidas de 5 em 5 dias, segundo a força de suas guarniçoens, pelo cuidado dos commandantes das tropas bloqueadoras.

Hum commissario, nomeado pelo commandante de cada praça, junto com hum nomeado pelas tropas sitiadoras, cuidarão em que os provimentos estipulados sejam exactamente suppridos.

6. Durante o tempo do armisticio, todas as fortalezas terão, fora de seus muros, a extensaõ de huma legua Franceza. Este terreno será neutral. Consequentemente, Magdeburgo terá nas suas fronteiras huma legua na margem direita do Elbo.

7. Mandar se-ha hum official Francez para cada huma das praças sitiadas, para informar o Commandante da conclusão do Armisticio, e para serem tornadas a prover de

mantimentos. Hum official Russiano ou Prussiano o acompanhara durante a jornada na ida, e na vinda.

8. Commissarios, nomeados de ambas as partes em cada praça, fixarão os preços, dos provimentos que se hão de fornecer. Esta conta, ajustada no fim de cada mez, pelos commissarios encarregados de manter o Armisticio, sera gaga no quartel general pelo pagador-general do exercito.

9. Nomear-se-hão officiaes do Estado-maior de ambas as partes, para regular de concerto, a linha geral de demarcação, relativamente aos pontos que não forem determinados pela corrente dos rios; e relativamente aos quaes se possa levantar alguma difficuldade.

10. Todos os movimentos das tropas serão regulados de maneira, que cada exercito occupará a sua nova linha aos 12 de Junho.

Todos os corpos ou partes do exercito combinado que estiverem para alem de Elbo, ou na Saxonia, voltarão para a Prussia.

11. Despachar-se-hão officiaes dos exercitos Francez, e combinado, para que conjuntamente fação cessar as hostilidades em todos os pontos, e fação saber o armisticio.

Os respectivos commandantes em chefe os munirão dos poderes necessarios.

12. Commissarios, e officiaes-generaes serão nomeados de ambas as partes para vigiar sobre a execução das estipulações do presente Armisticio. Elles ficarão na linha de neutralidade em Neumarkt, para decidir sobre as disputas que possam occorrer.

Estes commissarios procederão dentro em 24 horas, a fim de expedir officiaes, e ordens, que se possam mandar, em consequencia do presente Armisticio, &c.

Paris, 12 de Junho.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente recebeo a seguinte noticia, relativa á situação dos exercitos aos 6 de Junho:—

O quartel-general do Imperador estava em Leignitz aos 6 do corrente.

O Principe de Moskwa ainda estava em Breslau.

Os Commissarios nomeados pelo Imperador da Russia para a execução do tractado, são o Conde Schwaloff, Tenente-general, Ajudante-de-campo do Imperador, e M. de Kutusoff, Ajudante-de-campo-general do Imperador. Os no-

meados da parte da França são o General de Divisão Conde Dumontier, commandante de huma divisaõ das guardas ; e o General de Brigada Plahaule, Ajudante de campo do Imperador. Estes Commissarios estão em Neumarkt.

O Duque de Treviso, com as guardas novas, tem o seu quartel-general em Glogau. As guardas antigas estão voltando para Dresden : aonde se suppoem que o Imperador virá estabelecer o seu quartel-general.

Os differentes corpos d'exercito estão marchando a formar campos, nas diversas pozicoens de Goldberg, Loewenburg, Buntzlau, Leynitz, Sproleau, Logau, &c. O corpo Polaco do Principe Poniatowski, que cruzou a Bohemia, se espera em Zeitau aos 10 de Junho.

Paris, 13 de Junho.

S. M. Imperatriz Raynha e Regente recebeu a seguinte noticia da situaçaõ dos exercitos aos 7 :—

O quartel-general de S. M. estava em Buntzlau. Todos os corpos d'exercito estavam em marcha para os seus acantonamentos. O Oder esta cuberto de botes que descem de Breslau para Glogau, carregados de artilheria, instrumentos, farinha, e artigos de toda a qualidade, tomados ao inimigo.

Hamburgo foi retomada aos 30, á viva força. O Principe de Eckmuhl louva especialmente o comportamento do General Vandame. Hamburgo foi perdida a campanha passada, pela pusilanimidade do General St. Cyr, e he dividido ao vigor que mostrou o General Vandame, quando chegou á 32. divisaõ militar, o ter-se conservado Bremen, e a presente retomada d'Hamburgo. Tomamos varios prisioneiros, 200 ou 300 peças se acharam na cidade, 80 das quaes estavam montadas nos muros. Tinham-se construido obras, para por a pra. a em estado de defesa. A Dinamarca obrou com nosco : o Principe de Eckmuhl intentava marchar para Lubeck. Assim a 32. divisaõ militar, e todo o territorio do Imperio está livre do inimigo.

Deram-se ordens para fazer de Hamburgo huma praça forte, esta cercada por hum muro de bastioens, tendo hum largo fosso cheio d'agua, e pode em parte ser cuberto por inundaçoens. As obras estão construidas de maneira, que se pode a todo o tempo conservar a communicação com Hamburgo por meio das ilhas.

O Imperador ordenou, que se construísse outra fortaleza

no Elbo, á embocadura do Havel, Königstein, Torgau, Wittenberg, Magdeburgo, a fortaleza do Havel, e Hamburgo, completarão a defesa de linha do Elbo.

Os Duques de Cambridge e Brunswick, Príncipes da casa da Inglaterra, chegaram a Hamburgo em tempo para fazer mais brilhante o bom successo dos Francezes. A sua jornada se reduziu a isto, chegaram, e salvaram-se.

Os ultimos batalhoens das cinco divisões do Príncipe de Eckmühl, que são compostas de 72 batalhoens, e o seu pleno complemento, sahiram do Wesel.

Desde o principio da Campanha tem o exercito Francez libertado a Saxonia conquistado metade da Silesia, reoccupado a divisaõ 32, e confundido as esperanças de nossos inimigos.

DECRETO IMPERIAL

Em o nosso campo imperial de Klein-Baschwitz sobre o campo de batalha de Wurtchen, a 22 de Maio de 1813, pelas quatro horas de manhã.

Napoleão, &c. Temos decretado, e decretamos o seguinte :

Elevar-se-ha hum monumento sobre o Monte Cenis. No lado deste monumento que olhar para Paris, serão inscritos os nomes de todos os nossos cantoens dos departamentos cisalpinos. No lado que olhar para Milão serão inscritos os nomes de todos os nossos cantoens dos departamentos Transalpinos, e do nosso reino de Italia. No lugar mais patente do monumento se gravará a seguinte inscripção—

“ O Imperador Napoleão, no campo da batalha de Wurtchen ordenou a erecção deste monumento, como hum testemunho de seu reconhecimento para com seos Povos de França, e de Italia, e para transmittir a mais remota posteridade a lembrança desta epoca celebre em que, no espaço de tres mezes, hum milhão, e duzentos mil homens correrão ás armas para assegurar a integridade do territorio do imperio, e de seos alliados.”

EM NOME DO IMPERADOR, E REY.

Nos, a Imperatriz, Rainha, e Regente, &c. Visto o decreto de S. M. o Imperador, e Rey, nosso mui caro espoz,

e soberano, datado do campo de batalha de Wurtchen a 22 de Maio, temos decretado, e decretamos o seguinte—

O Instituto de França, e do reino de Italia, as Academias de Roma, d'Amsterdam, de Turin, e de Florença, nomearão commissarios, e empregarão todos os meios que julgarem mais convenientes para apresentar hum projecto de monumento que se deve elevar sobre o Monte Cenis, para realizar as intenções do Imperador.

Este monumento devera apresentar, ao mesmo tempo hum vantagem de utilidade publica, quanto isso for compativel com o seu principal destinó e sem prejudicar á sua duração.

Estão destinados vinte, e cinco milhoens para a sua erecção. Os planos não deverão exceder esta somma.

O Instituto de Italia, e as differentes Academias remetterão ao Prezidente do Instituto de França, os projectos, que tiverem adoptado. Estas remessas deverão ter lugar ate o 1 de Novembro, para que os projectos passã ser apresentados a S. M. durante o inverno, e o monumento começado na proxima primavera.

Dado em nosso Palacio de St. Cloud a 10 de Junho de 1813.

(Assignada)

MARIA LUIZA.

No dia 10 de Junho pelas quatro horas da manhã chegou Bonaparte a Dresda: as Guardas de Cavallo chegáráo alli ao meio dia; as de infantaria deviao chegar no dia 11. Bonaparte esta alojado na bella casa de Marcolini nos suburbios de Dresda.

SUECIA.

TRATADO DE ALLIANÇA

ENTRE INGLATERRA, E SUECIA.

Em nome da Santissima, e individua Trindade.

Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rey de Suecia, animados igualmente pelo desejo de estreitar mais os laços de amizade e boa intelligencia, que tao felismente subsistem entre elles; e convencidos da urgente necessidade de estabelecer huma intima alliança, para a conservação da independencia do Norte; e a fim de accelerar a mui dezejada epoca de huma paz geral, tem concordado providenciar a este dobrado objecto por meio do prezente Tratado. Para esta fim escolherão como seos Plenipotenciarios, a saber Sua Alteza Real o Principe Regente em nome, e da parte de Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e Irlanda, o Hon. Alexandre Hope, Major General dos Exercitos de Sua Magestade, e Edward Thornton, Esq. seu enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto de Sua Magestade o Rey de Suecia; e Sua Magestade o Rey de Suecia, Lourenço, Conde de Engestrom, Grande do Reino de Suecia, Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros, Chanceller da Universidade de Lund, Cavalleiro Commendador das Ordens do Rey, Cavalleiro da Real Ordem de Carlos XIII., Graõ-Aguia da Legião de Honra de França; e Gustavo Barão de Wetterstedt, Chanceller da Corte, Commendador da Ordem da Estrella Polar, hum dos dezoito da Academia Sueca; os quaes, depois de terem trocado os seos respectivos plenos poderes, e achando-os em boa, e de vida forma, concordarão nos seguintes antigos.

Artigo 1.—Sua Magestade o Rey de Suecia se obriga a empregar hum Corpo de não menos de 30,000 homens, em

humã operação directa no Continente, contra o inimigo commum das duas Altas Partes Contractantes. Este exercito obrara de concerto com as tropas Russianas, postas debaixo do commando de Sua Alteza Real o Principe Real de Suecia, conforme as estipulaçoens já existentes a este respeito entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo.

II. Tendo as ditas Cortes communicado a Sua Magestade Britanica os ajustes existentes entre ellas, e formalmente requerido a concurrencia de sua dita Magestade; e tendo Sua Magestade o Rey de Suecia, pela estipulação contida no artigo antecedente, dado humã prova do dezejo que o anima de contribuir tambem da sua parte ao bom successo da cauza commum. Sua Magestade: Britanica, dezejando em retribuição dar humã prova immediata, e não equivocã da sua resolução de unir os seos interesses aos da Suecia, e Russia, promette, e se obriga pelo prezente Tratado a acceder ás convençoens já existentes entre aquellas duas Potencias: em consequencia Sua Magestade Britanica não somente não oppora obstaculo algum á annexação, e uniaão perpetua do Reino da Norwega, como parte integrante, ao Reino de Suecia; mas tambem, que favorecera as vistas de Sua Magestade o Rey de Suecia para aquelle effeito, seja com os seos bons officios, seja empregando, se for necessario, a sua cooperação naval de concerto com as forças Suecas, ou Russianas. Com tudo, deve entender-se, que se não recorrerá á força para effectuar a uniaão da Norwega á Suecia, menos que Sua Magestade o Rey de Dinamarca não tenha previamente recusado ajuntar-se á alliança do Norte, debaixo das condiçoens estipuladas nos ajustes existentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo; e Sua Magestade o Rey de Suecia se obriga a que esta uniaão se faça, com toda a possivel consideração, e respeito a felicidade e liberdade do Povo da Norwega.

III. Em ordem a dar maior effeito aos ajustes contrahidos por Sua Magestade o Rey de Suecia no primeiro artigo deste Tratado, que tem por objecto as operações directas contra os inimigos communs das duas Potencias, e a fim de pôr Sua Magestade Sueca em estado de começar sem perda de tempo e logo que a estação o permittir, as ditas operações, Sua Magestade Britanica se obriga a fornecer a Sua Magestade o Rey de Suecia (alem dos outros soccorros que as circumstancias geraes pozerem á sua disposição) para o serviço da campanha do prezente anno, bem como para o petrechamento, transporte, e manutenção de suas tropas, a somma de hum milhao de libras esterlinas, paga em Londres mensalmente, ao agente

que for authorizado por Sua Magestade Sueca para a receber, de maneira que não exceda a somma de 200,000 libras esterlinas em hum mez ate que a somma total seja paga.

IV. Conveio-se entre as duas Altas Partes Contratantes, que se fara a Sua Magestade Sueca hum adiantamento, cuja somma, e epoca do pagamento, seraõ ajustadas entre ellas, e que sera descontada do milhao acima estipulado, para os preparos da Campanha, e para os primeiros movimentos das tropas : o resto do soccorro acima mencionado começara do dia em que o Exercito Sueco desembarcar, como está estipulado pelas duas Altas Partes Contratantes no artigo primeiro do presente tratado.

V. Querendo as duas Altas Partes Contratantes dar huma garantia permanente, e solida ás suas relaçoens tanto politicas, como commerciaes, Sua Magestade Britanica, animado pelo dezejo de dar ao Seu Alliado evidentes provas de sua amizade sincera, consente em ceder a Sua Magestade o Rey de Suecia, e a seos successores á coroa de Suecia segundo a ordem de successão estabelecida por sua dita Magestade, e Estados Geraes do Reino, em data de 26 de Setembro de 1810, a posse de Guadaloupe nas Indias occidentaes, e transferir a Sua Magestade Sueca todos os direitos de Sua Magestade Britanica a respeito daquella Ilha, tal como Sua dita Magestade Britanica actualmente a possue. Esta Ilha será entregue aos commissarios de Sua Magestade o Rey de Suecia no decurso do mez de Agosto do presente anno, ou tres mezes depois de desembarcarem as tropas Suecas no Continente : tudo o que terá lugar segundo as condiçoens ajustadas entre as duas Altas Partes Contratantes pelo artigo separado annexo ao presente Tratado.

VI. Por huma consequencia reciproca do que se estipulou no artigo precedente, Sua Magestade o Rey de Suecia se obriga a conceder pelo espaço de 20 annos, contados desde a data da troca das ratificaçoens do presente Tratado, aos vassallos de Sua Magestade Britanica o direito de estabelecer armazaens de depozito nos portos de Gottemburgo, Carlsham, e de Stralsund (quando este voltar para o dominio Sueco) para todos os generos, producçoens, ou mercadorias, seja da Gram Bretanha, seja de suas colonias carregados em navios Britanicos ou Suecos. Os ditos generos ou mercadorias, quer sejam de natureza que possam ser admittidas a despacho nas alfandegas de Suecia, quer sua introducção seja prohibida pagaraõ sem distincção hum por cento *ad valorem*, na entrada, e o mesmo na sahida, como direito de depozito. Quanto aos mais particulares

relativos a este objecto, se observarão os regulamentos geraes existentes na Suecia ; tratanto os vassallos de Sua Magestade Britanica como os da Nação mais favorecida.

VII. Desde o dia da assignatura do presente Tratado, Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rey de Suecia promettem reciprocamente não separar os seos mutuos interesses, e particularmente os de Suecia, de que se trata no presente Tratado, em alguma negociação, qualquer que seja, com seos inimigos communs.

VIII. As ratificaçoens do presente tratado serão trocadas em Stockolmo, dentro em quatro semanas, ou antes sendo possivel.

Feito em Stockolmo a 3 de Março anno da Graça 1813.

Alexandre HOPE,
L. S.

Conde D'ENGESTROM,
L. S.

Eduardo THORNTON,
L. S.

G. Barão de WETTERSTED,
L. S.

ARTIGO SEPARADO.

Em consequencia da cessão da ilha da Guadaloupe feita por Sua Magestade Britanica no 5. artigo do Tratado, assignado hoje, Sua Magestade o Rey de Suecia se obriga.

1. A preencher, e observar fielmente as estipulaçoens da capitulação da dita ilha na data de 5 de Fevereiro de 1810 ; de sorte que todos os privilegios, direitos, beneficios, e prerogativas affiançadas por aquelle acto aos habitantes da colonia, serão conservadas, e mantidas.

2. A entrar, para este fim, antes da sobredita cessão, em todos os ajustes com Sua Magestade Britanica, que se julgarem necessarios, e executar todos os actos, que lhe forem concernentes.

3. A conceder aos habitantes de Guadaloupe a mesma protecção e as mesmas vantagens de que gozão os outros vassallos de Sua Magestade o Rey de Suecia, sempre conforme ás Leis, e estipulaçoens, que actualmente existem na Suecia.

4. A obstar, e prohibir desde o momento da cessão, a introducção de escravos de Africa para a dita ilha, e nas outras possessoens de Sua Magestade Sueca nas Indias Occidentaes, e a não permittir que os vassallos Suecos commerciem em escravatura ; obrigaçoens estas que Sua Magestade pode tanto mais facilmente contrahir, e preencher, quanto semelhante trafico nunca foi por elle authorizado.

5. A excluir, durante a presente guerra, todos os vasos armados e corsarios, pertencentes ás Potencias em guerra com a Gram-Bretanha, e a não permittir em alguma das guerras futuras, em que entre a Gram-Bretanha, e em que a Suecia fique neutral, a entrada nos portos da dita colonia de corsarios de alguma das Potencias belligerantes.

6. A não alienar a dita ilha sem o consentimento de Sua Magestade Britanica; e

7. A prestar toda a protecção, e segurança aos Vassallos Britanicos, e ás suas propriedades, ou elles prefiraõ sahir da colonia, ou queiraõ permanecer nella.

Este artigo separado terá a mesma força, e vigor, como se estivesse inserido palavra por palavra no tratado hoje assignado; e sera ratificado ao mesmo tempo. Em fé do que, nos abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignamos o presente artigo separado, e lhe afixamos os sellos de nossas armas.

Dado em Stockolmo a 3 de Março, anno da Graça 1813.

Alexandre Hope,
L. S.

Conde D'Engestrom,
L. S.

Eduardo Thornton,
L. S.

G. Baraõ de Wetterstedt,
L. S.

PRUSSIA.

Proclamação de Sua Magestade aos Prussianos.

Os Esforços de nossos alliados, e das minhas tropas tem produzido o effeito de causar ao inimigo muitas, e muito mais consideraveis perdas, do que nos mesmos temos soffido, e de o ter ensinado igualmente a respeitar os exercitos alliados, e a teme-los. Em todos os ataques que se tem feito os alliados tem sido coroados com o mais felis resultado. Com tudo, motivos de prudencia resolverão os exercitos alliados a retirar-se para se approximarem aos seos recursos, e provizoens, e aos seos reforços, a fim de se renovar a contenda com maior segurança, e successo. Todo o Prussiano que tem encontrado a morte defendendo seu paiz natal, tem morrido como heroe; e qualquer que seja o resultado final, vos honrareis seu heroico valor e coragem. Hum povo que tem á vista exemplos taes, será precisa-

mente animado por aquelle mesmo espirito, com que no governo do Grande Frederico supportou por annos todos os seos incommodos com valor, constancia, e lealdade, e que por fim termináraõ na glorioza concluzaõ de huma paz ditoza.

Eu espero a mesma coragem, a mesma lealdade, e a mesma obediencia de todo o meu Povo, mais especialmente porem dos Brandeburguezes e Silezianos, que estaõ mais proximos ao theatro da guerra.

Eu espero que cada hum cumpra gostozamente o que as Leis, seos deveres lhe prescrevem; e que ponha cada hum sua confiança em Deos, no valente exercito, e em sua propria força.

(Assignado)

FREDERICO GUILHERME.

Lovenburgh, 23 de Maio.

INGLATERRA.

BUDGET DE 1813.

RECEITA.

Tributos annuaes	-	-	-	3,000,000
Sobejo do fundo consolidado	-	-	-	500,000
Contribuiçoens de guerra	-	-	-	21,000,000
Loteria	-	-	-	200,000
Bilhetes do Exchequer fundados	-	-	-	15,775,800
Escritos de divida	-	-	-	799,300
Voto de credito	-	-	-	6,000,000
Velhas muniçoens navaes, (proporção Ingleza	}	-	-	531,096
601,908)				
Emprestimo	-	-	-	21,000,000
Na Inglaterra				68,806,196
Na Irlanda				8,651,533
				77,457,729

DESPEZA.

Armada (nao~ entrando a artilharia do serviço	}	-	-	20,575,011
de mar)				
Exercito (incluindo barracas, e Commissariado)	}	-	-	15,727,931
Dito de Irlanda				
Extraordinarios de Inglaterra	-	-	-	3,198,606
Ditos de Irlanda	-	-	-	9,500,000
Deficit do anno passado	-	-	-	200,000
Artilharia de Inglaterra, e Irlanda	-	-	-	4,662,797
Miscellanea	-	-	-	5,101,294
Voto de credito de Inglaterra	-	-	-	2,500,000
Dito de Irlanda	-	-	-	6,000,000
Sicilia	-	-	-	200,000
Portugal	-	-	-	400,000
Companhia da India	-	-	-	2,000,000
				2,000,000
Encargo unido				72,065,639
Encargo separado				5,271,836
				77,337,475

PAPEIS APRESENTADOS AO PARLAMENTO.

Resumo do tractado entre as Cortes de S. Petersburgo, e Stockolmo, assignado em S. Petersburgo aos 24 de Março de 1812; em tanto, quanto diz respeito ao tratado entre S. M. e El Rey de Suecia, assignado em Stockholmo aos 3 de Março 1813.

O objecto do Imperador da Russia, e d'El Rey de Suecia, formando huma alliança, se diz que he para o fim de segurar reciprocamente os seus Estados e possessoens contra o inimigo commum.

Tendo o Governo Francez, pela occupação da Pomerania Sueca commettido hum acto de hostilidade contra o Governo Sueco, e pelos movimentos de seus exercitos ameaçado a tranquillidade do Imperio da Russia, as partes contractantes se obrigam a fazer huma diversão contra França e seus alliados, com huma força combinada de 25 ou 30 mil Suecos, e 15 ou 20 mil Russianos, naquelle ponto das costas d'Alemanha, que se julgar mais conveniente para este fim.

Como El Rey de Suecia não pode fazer esta diversão a favor da causa commum, consistentemente com a segurança de seus dominios, em quanto se poder olhar para o reyno de Norwega como inimigo, S. M. o Imperador da Russia se obriga, seja por negociação, seja por co-operação militar, a unir o Reyno de Norwega á Suecia. Elle se obriga outro sim a garantir a posse pacifica delle a S. M. Sueca.

As duas partes contractantes se obrigam a considerar a aquisição da Norwega, pela Suecia, como huma operação militar, preliminar a diversão nas costas da Alemanha; e o Imperador da Russia promette por, para este fim, á disposição, e debaixo das ordens immediatas do Principe Real de Suecia, o corpo de tropas Russianas acima estipulado.

As duas partes contractantes, desejando, se for possivel, evitar o fazer inimigo El Rey de Dinamarca, propoem a este Soberano o acceder a esta alliança, e offerecerão a S. M. Dinamarqueza o obter-lhe huma indemnização pela Norwega, em territorio mais contiguo aos seus dominios Alemães, com tanto que S. M. Dinamarqueza ceda para sempre os seus direitos ao Reyno de Norwega, a favor d'El Rey de Suecia.

No caso de que S. M. Dinamarqueza se negue a esta offerta, e se decida a ficar na alliança da França, as duas partes contractantes se obrigam a considerar a Dinamarca como seu inimigo.

Tendo sido expressamente estipulado que os ajustes de

S. M. Sueca, em obrar com as suas tropas na Alemanha, a favor da causa commum, não terão effeito, senão depois que a Suecia tiver adquirido a Norwega, seja por cessão do Rey de Dinamarca, seja em consequencia de operaçoens militares, S. M. El Rey de Suecia se obriga a transportar o seu exercito para Alemanha, conforme o plano da campanha em que se concordar, logo que se tiver obtido o sobredito objecto.

S. M. Britannica será convidado por ambas as Potencias a acceder a garantir as estipulaçoens contidas no dicto tractado.

Por huma Convenção subsequente, assignada em Abo, aos 30 de Agosto, 1812. A força auxiliar Russiana, se deve elevar a 35,000 homens.

Conta das letras de cambio sacadas sobre os Lords Commissarios do Thezouro de S. M., e dinheiros pagos por ordens de Suas Senhorias, para o serviço do Governo Sueco, em virtude do tractado de 3 de Março, 1813.

Letras sacadas por Eduardo Thornton, Escudeiro, aceitas por ordem dos Lords Commissarios do Thesouro de S. M. e que foram pagas, antes e no dia 10 de Junho, de 1813.

Data das letras.	Data da pagamento.	Sommas.
Março 3	Mayo 5	£18,324 19 1
8	17	10,000 0 0
13	27	16,067 8 7
15	31	3,050 0 0
19	Junho 11	11,424 10 10
22	10	12,130 17 8
		£96,937 16 2

Letras sacadas por Eduardo Thornton, Escudeiro, aceitas por ordem dos Lords Commissarios do Thesouro de S. M. e que são vendidas depois do dia 16 de Junho, 1813.

Data das letras.	Vencimento.	Sommas.
Março 25	Junho 17	£9,354 9 7
Abril 3	19	5,427 10 1

Abril 10	Junho 24	11,800	12	2
16	28	28,002	12	2
24	Julho 5	31,617	17	9
Mayo 1	13	36,291	3	10 $\frac{1}{4}$
14	14	23,000	0	0

£144,994 9 7 $\frac{1}{4}$

Dinheiros pagos ao Barão de Rehausen, pelo
Pagador-geral, por ordem dos Lords Com-
missarios do Thesouro de S. M.

Ordem datada de 1 de Junho, 1813.....	£75,000	0	0
.....	75,000	0	0

150,000 0 0

Somma total.....£364,992 5 9 $\frac{1}{4}$

Extracto de hum officio do General Stuart, Ministro
de S. M. Britanica na Prussia, ao Secretario da
Guerra Lord Castlereagh.

Quartel-general, Goldberg, Silesia, 24 de Maio.

MY LORD,

O exercito continuou a retirar-se aos 22, em duas columnas, pelas grandes estradas de Bautzen para Lowenberg. O inimigo fez huma tentativa para interromper o corpo do general Miloradowitch, no que falhou completamente. Em Reichenbach, a retaguarda tomou huma posição, que defendeo da maneira mais obstinada contra a avançada do inimigo, commandada por Bonaparte em pessoa. O inimigo mostrou huma grande força de cavallaria, e fez varias cargas sobre a dos alliados, e huma no lugar de Reichenbach, todas as quaes foram repulsadas com bom successo, e causando-lhe a perda de alguns centos de soldados, em mortos, feridos, e prisioneiros, e varios officiaes.

Trazendo o inimigo grande numero de peças, e grande força, e flanqueando a nossa retaguarda, foi esta obrigada a deixar Reichenbach, porem retrocedeo para Gorlitz na melhor ordem. O comportamento das tropas neste dia, depois de hum dilatado serviço, e desigual combate aos 21, foi alem de todo o louvor. Em todos os movimentos passa-

dos não se perdeu huma só peça, carro, ou bagagem de sorte alguma, no exercito alliado.

O corpo do General Bulow, junto ao do General Bondell nas vizinhanças de Relitz e Trebbin, achando, que o inimigo tinha retirado o corpo de Victor daquella parte, para o fim de suas operaçoens geraes contra o exercito alliado, tornou a tomar a offensiva, e adiantou as suas patrulhas até Baruth e Wittenburg.

O inimigo não se adiantou hontem mais de meia milha Ingleza, da parte de Gorlitz. Esta manhaã não temos sido apertados, e tudo se retira em boa ordem. O exercito alliado marcha na direcção de Schweidnitz.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

EXTRACTO

De hum officio do Marquez de Wellington, em data de Carvajales, 31 de Mayo, 1813; ao Lord Bathurst.

As tropas chegaram a Salamanca aos 26 do corrente e acharam o inimigo ainda na cidade, com huma divisaõ de infantaria, e tres esquadroens de cavallaria, e alguma artilheria do exercito do Sul, debaixo do commando do General Villatte.

O inimigo evacuou a cidade quando nos aproximamos; mas esperaram mais do que deviam sobre o terreno alto na vizinhança, e deram huma occasiaõ á cavallaria debaixo do commando do General Fane, e General Victor Alten (o primeiro dos quaes cruzou o Tormes, no vão de Santa Martha, e o segundo na ponte) de lhes fazer grande damno em sua retirada. Muitos foram mortos ou feridos, e nos tomamos cousa de 200 prisioneiros, sete carros de munição, alguma bagagem, mantimentos, &c. O inimigo se retirou pela estrada de Babila Fuente, e ao pé de Hezerta se lhe ajuntou hum corpo de infantaria e cavallaria, na sua marcha de Alba. Eu ordenei entaõ ás minhas tropas que descontinuassem o seu seguimento, não havendo ainda chegado a infantaria.

O Major-general Longa, e Brigadeiro-general Morillo, commandando a divisaõ Hespanhola, atacaram Alba, de cujo lugar se retirou o inimigo.

No decurso de 27 e 28 eu estabeleci as tropas que tinham marchado do Agueda e Estremadura Alta, entre o Tormez e o Douro, debaixo do commando do Tenente-general Sir Rowland Hill; e eu mesmo parti aos 29, para me unir allias tropas, e cheguei naquelle dia a Miranda do Douro, e aqui aos 31. Achei as tropas junto ao Esla, commandadas por Sir T. Graham; como eu desejava, com a sua esquerda em Tabara, e em communicacão com o exercito de Galliza, e a direita neste lugar; e feitos todos os arranjos para passar o Esla. A maior parte passou aquelle rio esta manhaã, a cavallaria pelos vaos e a infantaria por huma ponte, que foi necessario lançar ao rio; porque era tão profundo, que se perderam na passagem alguns homens mesmo da cavallaria. Os hussares Inglezes, que atravessaram primeiro o rio, tomaram hum official e 30 soldados do inimigo, junto a Valdeperdizes.

O inimigo tem evacuado Zamora, e as nossas patrulhas tem estado naquelle lugar; as tropas que estavam alli retrocederam para Toro, aonde ouvi que tem huma divisaõ de infantaria, e huma brigada de cavallaria.

Parece que o inimigo unio, junto a La Nava d'El Rey, as tropas que estavam em Arevala, e Medina del Campo; e eu imagino, que, como esta parte do exercito se adianta, elles se retirarão para a outra parte do Douro.

As tropas do inimigo estavam ainda em Madrid, e junto ao Tejo aos 22; mas concluo que terão evacuado aquella parte do paiz em ouvindo os nossos movimentos.

Extracto de hum officio do Brigadeiro-general Lyon, empregado em serviço particular na Alemanha; em data de Boitzenburgh, 4 de Junho.

Tendo chegado aqui, mui tarde hontem á noite, de Wismar, me aproveito do primeiro momento para transmittir huma copia da relação official, que se recebo do General Czernicheff, referindo a sua acção com o inimigo junto a Halberstadt.

Bernburg, 31 de Mayo.

SENHOR,

Apresso me em dar os parabens a V. Excellencia pela assignalada vantagem, que se acaba de ganhar em

Halberstadt, pelos destacamentos, que tenho a honra de commandar.

Quartoze peças d'artilheria, e hum immenso parque, mais de 800 cavallos de puchar carros; acima de 1,000 prisioneiros, incluindo hum General de Divisao (Ochse), 1 coronel, e varios officiaes; e mui consideravel quantidade de muniçoens, cahiram nas mãos dos conquistadores.

Tendo recebido permissao de V. Excellencia para obrar segundo as circumstancias, passei, consequentemente o Elbo em Ferchland, na noite de 16; e marchei na direcção de Burgstall; aonde soube, por varias cartas que foram interceptadas pelas minhas partidas, que hum grande comboy de artilheria, escoltado por quasi dous mil homens, devia passar por Halberstadt na noite de 17. Tendo descansado sufficientemente os meus cavallos, que se achavam no melher estado possivel, me resolvi a vencer as cinco milhas Alemaãs, que era a distancia até Halberstadt, sem fazer alto. Muito me admirei de poder marchar toda esta distancia em 30 horas, sem nunca parar.

Chegando a Hadmersleben, sube que outro comboy estava em Hessen, na estrada de Brunswick, 3 milhas e meia de Halberstadt, aonde intentava chegar pela manhaã para se unir ao primeiro, com as vistas de marchar com maior segurança para o Grande Exercito. Este ultimo comboy era escoltado por 4,000 infantes, e 500 de cavallo, com muitas peças d'artilheria. Nao obstante a fadiga dos meus soldados, e cavallos, depois de tao incommoda marcha, resolvi continuar o meu caminho, e fazer immediatamente hum ataque sobre o inimigo em Halberstadt, antes que o seu reforço chegasse: e a fim de tirar partido do erro que elle tinha comettido, postando as suas peças e comboy fora da cidade, ainda que a mui curta distancia dos muros. Depois de hum reconhecimento ás 4 horas da manhaã, achei que o inimigo tinha assestado as suas peças em quadrado, o interior do qual estava cheio de carros de munição e outras carruagens, e alinhado com infantaria, estando os flancos cubertos por 250 cavallos. O todo formava huma especie de fortaleza, quasi impenetravel á cavallaria. Hum dos meus primeiros cuidados foi cortar o inimigo da cidade; e huma unica porta, que o inimigo se tinha descuidado de fechar, me offereceo os meios de o fazer tomando posse da cidade, aonde o valeroso Coronel Trecoff atacou a retaguarda das tropas, que estavam marchando para se unirem ao quadrado, e as perseguiu ate perto das peças. Pela outra parte o Coronel Walassaw, que eu tinha mandado adiante com dois regimentos, na esperanza de surprender o inimigo, fez dois bellos ataques contra o quadrado; tendo porem o inimigo no-

ticia de nossa marcha, e estando preparado, nenhum impersão pôde fazer sobre elle. O inimigo rompeo entao huma viva canhonada de 14 peças, a que eu pude oppor somente duas: com tudo com o fogo dellas incendiei cinco carros de muniçoens do inimigo. Huma das minhas peças teve igual sorte, e forao mortos quatro cavallos.

Neste momento hum regimento de Cossacos que eu tinha destacado para a estrada, por onde vinhaõ avançando os reforços do inimigo, me trouxe a noticia de que estes se achavaõ na distancia de duas milhas; isto determinou-me a fazer hum esforço geral, e decizivo contra o quadrado, com todas as minhas tropas. Com estas vistas ordenei a todos os Cossacos que andavaõ espalhados, que se aproveitassem do mesmo momento em que se fizesse o ataque pela cavallaria regular. Depois de exhortar os meos soldados a que fizessem o seu dever, ordenei a toda a minha gente que carregasse ao mesmo tempo. Este brilhante ataque contra hum quadrado formidavel defendido por 14 peças de artilheria, excedeo a minha expectaçãõ, e cubrio de gloria os Hussaros de Jsoum commandados pelo Coronel Tieman, e dois regimentos de dragoens de Riga: os Cossacos tambem apoiaraõ admiravelmente os esforços destes 400 cavallos. Em hum instante forao tomadas as baterias, e a minha valorosa gente se achou no meio do quadrado: aqui foi horriavel a matança; porque o inimigo se defendeo obstinadamente, ate fazendo fogo por debaixo dos carros; mais de 700 forao mortos; o resto ficou prizioneiro; e atrevo-me a assegurar que deste corpo naõ escapou hum só individuo.

Apenas tinha terminado a mortandade, quando as columnas do inimigo começaraõ a apparecer, apertando os meos Cossacos. Fui entao obrigado a sustenta-los, a fim de ganhar tempo para fazer partir os prisioneiros, e peças tomadas. Por falta de tempo somente pude levar as 14 peças, e 12 carros de muniçoens; queimei o resto na presença do inimigo: destrui, ou distribui pelos habitantes todos os provimentos que havia na cidade, e as 7 horas da noite me retirei com o meu saque para Cochstedt. Tal he o rezumo deste feito: elle tem mais merecimento por ter sido emprehendido depois de huma marcha de 15 milhas, que foi seguida por huma acção de mais de 7 horas. Naõ me-he possivel exprimir a V. Excellencia o bem que toda a minha gente cumprio com o seu dever nesta brilhante acção.

Que os Cossacos podessem supportar huma marcha de 15 milhas, e depois hum combate de 7 horas, naõ me admirou tanto, como ver que a minha cavallaria regular o fazia tambem como elles, &c.

(Assignado)

CZERNICHEFF.

DAS GAZETAS AMERICANAS.

Washington, 11 de Mayo.

Officio do General Dearborn ao Secretario de Guerra, datado do quartel-general em York, capital do alto Canada a 28 d'Abril 1813.

SENHOR,

Depois da demora de alguns dias por ventos contrarios, chegamos a este lugar, hontem pela manhaã; e as 8 horas começaram a desembarcar as tropas, cousa de tres milhas distante da cidade, e milha e meia das obras do inimigo. Ventava forte, e em direcção não favoravel aos botes; o que impedio o desembarque das tropas em hum campo limpo, que he o terreno, aonde existio n'outro tempo o forte Francez de Tarento. Impedio tambem que muitos dos vasos armados tomassem posiçoens, o que teria effectivamente cuberto o nosso desembarque; porem fez-se tudo quanto se podia fazer.

Os atiradores, sob o commando do Major Forsyth, foram os primeiros que desembarcaram, por baixo de hum vivo fogo dos Indios e outras tropas. O General Sheaffe commandou em pessoa. Elle tinha ajuntado toda a sua força nos matos, perto do ponto em que o vento tinha obrigado as nossas a desembarcar. A sua força consistia em 700 regulares e milicia, e 100 Indios. O Major Forsyth foi auxiliado o mais depressa que foi possivel; mas a peleja foi ardua, e renhida por quasi meia hora; e o inimigo foi repulsado por numero inferior ao seu. Logo que o General Pike desembarcou com hum numero de 700 ou 800 homens, e que o resto das tropas pucharam para terra, o inimigo se retirou para as suas obras. As nossas tropas foram então formadas no terreno em que originariamente se intentava que desembarcassem, marcharam por hum denso mato, e, depois de tomar huma bateria por assalto, procederam em columnas para a obra principal: então na distancia de 60 varas, houve huma tremenda explosão de hum armazem, que tinha sido anticipadamente preparado, e que voou com tão grande quantidade de pedra que causou as nossas tropas damno mui serio. Não tenho podido recolher ainda os mapas dos mortos e feridos; porem receio que a nossa perda exceda 100 homens; e entre estes tenho de lamentar a

perda do valoroso e excellente official o brigadeiro General Pike, que recebeu huma contusão por huma grande pedra, que terminou a sua preciosa vida em poucas horas. A sua perda sera amargamente sentida.

Antes desta explosão se retirou o inimigo para a cidade, excepto huma partida de regulares, em numero de 40; que não escapou aos effeitos da explosão, e foram destruidos.

O General Sheaffe marchou para fora com as tropas regulares, e deixou instrucções ao official commandante da milicia, para que se arranjasse com os melhores termos que pudesse. No entanto cessou toda a resistencia da parte do inimigo, e se concordou no esboço de huma capitulação.

Logo que soube que o General Pike tinha sido ferido, fui á praia. Tinha-me resolvido a confiar ao General o ataque immediato, conhecendo que esse era o seu desejo, e que o teria mortificado, se lhe não houvesse dado este commando.

Todos os movimentos se fizeram debaixo das minhas ordens. As tropas se comportaram com grande firmeza, e merecem muito applauso, principalmente as que combateram primeiro, e em circumstancias, que teriam servido de prova á firmeza de veteranos.

A nossa perda, na manhã, e no assalto da primeira bateria não foi grande, talvez 40 ou 50 mortos e feridos, e destes huma plena proporção de officiaes.

Não obstante a vantagem da posição do inimigo, e de seu numero no principio de acção, a sua perda foi maior do que a nossa, principalmente em officiaes. Foi com grande esforço que os pequenos vasos da frota puderam fazer caminho para entrar na enseada, contra huma refrega de vento; mas logo que puderam ganhar huma posição conveniente se abriu huma tremenda canhonada contra as baterias do inimigo, e se continuou até serem tomadas, ou queimadas; o que sem duvida produzio grande effeito no inimigo.

Devo as maiores obrigações ao Comodoro Chauncy, pelos seus habéis e infatigáveis esforços; em toda a maneira possivel, que podia dar facilidade e effeito á expedição. Elle he igualmente estimavel por seu juizo solido, valor, e industria. O Governo não podia fazer mais feliz escolha.

Infelizmente o vaso armado do inimigo, Principe Regente, sahio deste lugar para Kingston, poucos dias antes que nos chegassemos. Pouco depois da explosão do armazem, o inimigo lançou fogo a hum navio grande que tinha no estaleiro. Resta ainda huma grande quantidade de munições militares, e mantimentos; mas nenhum vaso capaz de servir.

Não temos meios de transportar os prisioneiros, e devemos por consequencia deixallos sob palavra.

Espero que possamos completar o que ha que fazer aqui, de modo que possa dar á vela a manhã para Niagara, para onde mando esta por hum pequeno vaso, com aviso ao General Lewis, de que nos aproximamos.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

HENRIQUE DEARBORN.

Ao Hon. Gen. J. Armstrong, Secretario da Guerra.

Termos da capitulação, concordada aos 27 d'Abril, 1813, para o rendimento da cidade de York, no Alto Canada ao Exercito e Esquadra dos Estados Unidos, debaixo do Commando do Major-general Dearborn, e Comodoro Chauncey.

Que as tropas regulares, o milicias n'este posto, e os officiaes navaes, e marinheiros, se rendam prisioneiros de guerra. As tropas, regulares e milicias deporão as armas immediatamente na parada, e os officiaes de mar, e marinheiros se renderão immediatamente.

Que todos os armazens publicos, navaes, e militares serão immediatamente entregues aos officiaes commandantes do exercito e esquadra dos Estados Unidos—que toda a propriedade particular sera garantida aos cidadãos da cidade de York.

Que todos os papeis pertencentes aos officiaes civiz serão por elles conservados—que os cirurgioens que se puderem obter para cuidar dos feridos Inglezes regulares, e milicias do Canada, não serão considerados como prisioneiros de guerra.

Que 1 tenente-coronel, 1 major, 13 capitaens, 3 tenentes, 11 alferes, 1 quartel-mestre, 1 deputado-ajudante-general das milicias (seguem-se os seus nomes), 13 sargentos, 4 cabos de esquadra, 204 soldados das milicias, 1 da repartição do trem de campanha, 1 capitão, 1 tenente, 2 alferes, 1 escriptuario, 1 contramestre, 18 artifices navaes da marinha provincial, 1 tenente, e 1 sargento das tropas de S. M.; 1 bombardeiro, e artilheiros da Marinha Real, se renderão prisioneiros de guerra, e serão contados em troca de prisioneiros, entre os Estados Unidos e a Gram Bretanha.

DA GAZETA OFFICIAL INGLEZA.

LONDRES, DOWNING-STREET, 3 DE JUNHO.

Quartel-general de Wurtzen, 20 de Maio.

My Lord !

Tenho acabado de receber a conta official das operações do exercito Alliado desde 2 do corrente, do General Kuieseback, e incluo a traducção della para informação de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

BULETIN.— (*Traducção*).

Quartel-general de Wurtzen, junto a Bautzen, Maio 19.

Depois da batalha de 2 de Maio não teve o exercito nenhuma acção de consequencia com o inimigo. Alguns pequenos combates tem havido, os quaes continuamente prováram o bom comportamento das tropas. A seguinte he huma breve conta das operações, depois de 2 de Maio.

Em ordem a enfraquecer a linha de operações do inimigo, afastallo dos seus supprimentos, e retirar-nos para os nossos, o general commandante do exercito Alliado propôz tomar huma posição na Luzacia Superior. O inimigo não interrompeo esta operação, porém seguio vagarosamente o exercito. Com tudo houve huma viva canhonada de hum corpo Prussiano, entre Colditz e Waldheim, mas retiráram-se estes na melhor ordem. Nesta acção o Tenente-coronel e Brigadeiro Von Steinmetz, se distinguio, com a sua brigada, e o General Prussiano St. Priest, com o maior juizo, e decizaõ atacou o inimigo em flanco, o que decidio a acção : o inimigo perdeu 400 homens em mortos e feridos. A nossa perda nesta acção foi de 2 officiaes, e 150 soldados. Temos de lamentar a perda do Major Kall, official distinctissimo.

Aos 6 e 7 cruzou o inimigo o Elbo em Dresden e Meissen.

Alguns pequenos destacamentos de partidistas, voltáram para a margem esquerda do rio, para incommodar o inimigo na retaguarda. Hum destes destacamentos, sob o Tenente Filmer, dos hussares de Brandenburgo, aprisionou hum official encarregado de cartas de consequencia, e 20 cavallos, junto a Zwenkaw, e chegou a salvamento ao exercito aos 10.

Por este tempo se averiguou que El Rey de Saxonia se tinha declarado pelo inimigo, e tinha entregue Torgau ás tropas Francezas. Esta noticia determinou os Alliados a evacuar o Elbo Medio, e concentrar o exercito em Bautzen.

O exercito esteve nesta posição 7 dias, mui socegado, e diariamente cresce o seu numero, e se espera que brevemente haverá hum batalha.

Os nossos corpos destacados continuam com bom successo incommodando o inimigo. Aos 14 o General Jelowsky surprendeo hum posto em Konigsbruck, e fez prisioneiro todo o destacamento, consistindo em 8 officiaes, e 173 soldados. Aos 12 e 15 o corpo do General Milloradowitsch teve combates, em que o inimigo perdeu 1,000 homens mortos, e 1,500 feridos, e se tomáram prisioneiros 6 officiaes e 300 soldados. Aos 18, o General Jelowsky aprisionou hum companhia de lanceiros da guarda Holandesa; e pela tarde o General Milloradowith fez hum reconhecimento em que o inimigo perdeu 100 mortos e 130 prisioneiros. Diariamente nos chegam desertores do inimigo, e elle soffre consideravelmente com as nossas escaramuças.

Quartel-general de Wurtzen, 20 de Maio.

My Lord!

O inimigo destacou, na noite de 17 para 18 na direcção de Luckau, e Lubben, pela nossa direita, a força que se dizia ser o corpo de Regnier.

Recebendo-se noticia de que o General Lauriston, com 9,000 homens, marcharia aos 19, para reforçar as sobreditas tropas, foi mandado o General Barclay de Tolly, e o General d'York com hum forte corpo, para interceptar o inimigo, e cahir sobre o General Lauriston.

O General Barclay de Tolly se encontrou com o inimigo nas vizinhanças de Konigswerda, e houve alli hum viva.

acção, que só acabou com a noite, e em que os alliados foram completamente bem succedidos. Elles repulsaram o inimigo em todos os pontos, tomáram mais de 500 prisioneiros, hum general de divisaõ, e 11 peças d'artilheria. A perda do inimigo em mortos, e feridos foi consideravel. A cavallaria hia em seu seguimento quando os mensageiros partiram dalli. Não se averiguou a perda da nossa parte, nem possuo ainda as relaçoens circumstanciadas desta acção.

O General d'York combateo mais para a direita, e encontrou hum grande força, em apoio de Lauriston, que se suppoz ser o corpo do Marechal Ney. Elle combateo até as 11 horas da noite, contra mui superior numero, e com bom successo. Ambos os corpos Alliados voltáram esta manham para a sua posição.

6 horas da tarde. Acabando de estar com a guarda avançado do General Milloradowitch, posso referir a V. S., que o inimigo fez hoje hum vivo ataque, para se apossar da cidade de Bautzen. Elles tentáram hum falso ataque na nossa esquerda, mas o verdadeiro foi sobre a direita do General Milloradowitch. O corpo do General Kleist se moveo em seu soccorro, e o ataque foi sustentado pelos Generaes Milloradowitch e Kleist com a maior galhardia. Eu testemunhei duas brilhantes cargas da cavallaria ligeira Russiana, assim como o excellente comportamento de todas as tropas que entráram em acção. O General Milloradowitch sera chamado esta noite para a posição. Parece do que succedeo hoje, que o inimigo intentava fazer aqui hum grande esforço.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART.

Quartel-general, Goldberg, Silesia, 24 de Maio.

My Lord!

Referi apressadamente a V. S. no meu officio passado, os movimentos militares do dia 20, e o ataque que o inimigo fez em Bautzen. A intenção do inimigo neste ataque pela direita e esquerda de Bautzen, aos 20, foi o forçar o rio Spree, e passar para algumas alturas na nossa direita, ameaçando assim a retaguarda do General Milloradowitch, ganhando algum terreno vantajoso, d'onde a sua artilheria

podesse varrer a nossa posição principal, e a cuberto de cujo fogo podesse com maior facilidade fazer as suas disposições para hum ataque geral na seguinte manhã.

A acção foi valorosamente disputada. Hum batalhão Russiano, e alguns lanceiros Prussianos, a cuberto de huma bateria, avançaram denodadamente, e só de per si disputaram as alturas, a pezar dos poderosos esforços do inimigo, até que fôram soccorridos pelo corpo do General Kleist.

Entretanto, na extremidade da esquerda, o corpo do inimigo, seguiu os Generaes Barclay de Tolly e d'York, no seu movimento retrogrado, depois da expedição contra o General Lauristón. O corpo do General d'York entrou na posição pela tarde; mas o todo do corpo do General Barclay de Tolly não o effectuou senão na manhã seguinte.

O General Milloradowitch repulsou os repetidos esforços do inimigo, que se fizeram com todo o vigor para o forçar para a esquerda; e as columnas do inimigo, que intentaram passar para as montanhas, foram contidas. Achando porem que o General Kleist tinha retrogradado para a posição principal, o General Milloradowitch se retirou inteiramente do Spree, e da cidade de Bautzen, e pela noite occupou o terreno, que lhe tinha sido destinado na linha geral.

Estas renhidas acções deste dia fazem a maior honra aos generaes Milloradowitch e Kleist, e ás valerosas tropas, que elles commandavam.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART.

Golberg, 24 de Maio.

My Lord!

O exercito Alliado, debaixo das ordens do General Wittgenstein, estando em huma posição na vanguarda de Wurschen, foi atacado, ao romper do dia 25 do corrente, pelo inimigo, commandado por Bonaparte em pessoa. Parece que elle tinha ajuntado todas as suas forças para este ataque, e não tinha enviado grandes destacamentos para outros lugares, como se suppunha.

O terreno, que os Alliados escolheram para resistir á a-

proximação do inimigo, nas grandes estradas da Silesia e do Oder, era limitado, pela esquerda, por hum cadeia de montes, que separam a Luzacia da Bohemia, e pela qual o Marechal Daun marchou para a batalha e victoria de Hochkirch. Algumas alturas, que se elevam sobre o mais terreno, e sobre que se tinham construido baterias, junto á aldea de Jackowitz (e que ficam separadas da cadeia de montes por alguns ribeiros, e terreno pantanoso), formavam o apoio do flanco esquerda da posição. Em frente da posição, se postaram algumas baterias, defendidas por infantaria e cavallaria, em hum cordilheira, que decahe para o terreno baixo junto ao rio Spree. Então se estendia para a direita, pelas aldeas, que estavam fortemente entrincheiradas, cruzando as grandes estradas que vam de Bautzen para Hochkirch, e Gorlitz : e dahi em frente da aldea de Bourthenwitz, para 3, ou 4 alturas superiores ás baixas, que se elevam abruptamente em figura conica, e formam hum forte face ; estas e o terreno alto de Kreckwitz foram fortificados por baterias, e se consideraram como a direita da linha. O terreno no centro era favoravel á cavallaria, excepto em algumas partes aonde era desigual, e pantanoso, e impediria as suas operaçoens. Construíram-se flechas, e entrincheiramentos, em distancias vantajosas na planicie, ao longo da frente em que corre hum regato profundo e lodoso, que se extendia em torno da direita da posição. No extremo da direita ha hum planicie, e matos, cortados pelas estradas, que vam para Bober e para o Oder.

O corpo do General Barclay de Tolly estava postado aqui ; e se devia considerar mais como hum corpo manobrando, destinado a repulsar as tentativas do inimigo, na direita ou retaguarda dos alliados, doque como corpo em posição : a extensão de toda a linha seria de 3 ate 4 milhas Inglezas. Os differentes corpos, que a occupavam eram os seguintes ; o General Kleist, e o General d'York, com os seus corpos, em escaloens, e em reserva, na direita ; os corpos dos Generaes Blucher, Wittgenstein, e Milloradowitch, formavam a esquerda ; e as guardas, e granadeiros, e toda a cavallaria Russiana, estavam postados em reserva no centro.

O inimigo, no principio da acção, mostrou o designio de apertar os flancos dos Alliados ; tinha mandado hum forte corpo, para as montanhas da nossa equerda, que favoreciam esta especie de guerra porem o General Milloradowitch, estava alli preparado, tendo destacado o Principe Garchikoff, e Conde Asterman, com 10 batalhoens de tropas ligeiras, e hum grande corpo de Cossacos, com sua artilheria, sob o Coronel Davidoff, para occupar estas altu-

ras. Depois de violentas descargas nesta parte, e huma canhonada distante na nossa direita, que começou acção, principiou o inimigo a desdobrar as suas forças, e a mover as suas differentes columnas de ataque para as suas posiçoens.

A contenda nas montanhas se fez gradualmente mais viva, e elle a sustentou com huma poderosa linha de artilheria. As divisoens do Principe de Wurtemberg e General St. Priest do corpo do General Milloradowitch, entraram aqui em renhido combate, e foi bem succedida huma carga da cavallaria contra algumas peças do inimigo, huma das quaes foi tomada.

Bonaparte se fez entao vizivel em hum ponto elevado, e commandando a batalha. Elle desdobrou, em frente da cidade da Bautzen, as suas guardas, cavallaria, e lanceiros, e mostrou fortes columnas de infantaria, na esplanada que lhe fica diante; fazendo chegar, alem disso, hum numero de brigadas de artilheria com as quaes occupou algumas alturas vantajosas, entre a nossa posição e Bautzen, e que eram favoraveis para sustentar os seus ataques.

Estas demonstraçoens denotavam hum esforço n'esta direcção; consequentemente se fez huma disposição para lhe obstar, com o corpo do General Blucher, e a nossa superior cavallaria: porem o augmento do fogo, e huma mais viva canhonada na nossa direita, fez, com que não fosse mais duvidoso aonde se intentava o principal ataque. Puzeram se agora em marcha as columnas de ataque ao abrigo de hum vivo fogo, vindo da esquerda do inimigo, ao mesmo tempo que outras ganhavam a nossa direita: e o General Barclay de Tolly foi atacado por huma força bem superior, sob o Marechal Ney, e General Lauriston: e não obstante os mais valerosos esforços, foi obrigado a abandonar as aldeas de Klutz e Cannervitz. O General Barclay de Tolly teve ordens, no caso de se lhe opporem em numero superior, de mudar o terreno que occupava, em frente de Cannervitz, e Prieslitz, e postar-se nas alturas, que cercam as aldeas de Rachael, e Baruth, pelo que o exercito mudaria a sua posição na esquerda, e cubriria a estrada principal por Wurtzen, e Hochkirch, para a retaguarda: porem o inimigo o flanqueou pela direita, em quanto o atacava vigorosamente pela frente, e occupou estas alturas que lhe ficaram diante; o que o determinou a ir ter á direita de Wurschen, aonde tinha estado o quartel-general Imperial, o que igualmente correspondeo ao seu objecto. Quando se percebeo que o General Barclay de Tolly estava apertado por huma immensa superioridade, teve o General Blucher

ordem de marchar para a sua direita, e atacar o inimigo de flanco.

O General Blucher foi ao depois sustentado pelos Generaes Kleist, e d'York, e aqui se seguiu huma sanguinolenta batalha.

Estes ataques obtiveram fazer parar o inimigo. O ataque do corpo do General Blucher excede todo o louvor, e os Prussianos neste memoravel dia, assim como na batalha de Lutzen, mostraram outra vez o de que são capazes as suas tropas, quando tem á frente hum Rey que amam, e pelejam pela sua patria, sua liberdade, e sua independencia.

Hum ataque de 4,000 de sua cavallaria contra as columnas de infantaria do inimigo, que tinham tomado a aldeia de Kracknitz, completamente o repulsou, e os Prussianos a tornaram a occupar, patenteando a maior ordem e firmeza, debaixo do mais oppressivo fogo. Com tudo estes valerosos foram demorados, porque o inimigo trouxe novas tropas, e ainda que se obtiveram bons successos parciaes, com tudo o exito geral ficou em suspenso.

Ganhando o inimigo huma vantagem momentanea, em consequencia dos movimentos do General Barclay de Tolly, elle não perdeu tempo em fazer todos os esforços, para levar as cousas á extremidade, renovando ao mesmo tempo o seu ataque no nosso flanco esquerdo, e assaltando as baterias, que cubriam os outeiros conicos, assim como os de Kreckwitz na direita. Asenhoreou-se desta ultima, e de huma de nossas baterias, o que lhe deo em algum gráo a chave da posição, porque fica a cavalleiro do terreno baixo na sua esquerda e centro. Com tudo, em todas as outras partes da linha sustentaram os Alliados firmemente o conflicto; mas bem depressa se fez evidente, que o inimigo não somente tinha forças superiores para nos combater em todos os pontos; mas tinha tambem meios de prolongar a sua marcha de flanco sobre a nossa direita, pondo assim em perigo as nossas communicacoes, e ameaçando a nossa retaguarda.

Ainda que seria facil, por meio de hum assalto geral dos granadeiros e guardas de reserva, o recuperar as alturas de Kreckwitz; comtudo o aperto pelo flanco contra o corpo do General Barclay de Tolly, teria necessitado o tornallas a abandonar; e quando estas tropas se movessem para o seu ponto de ataque, ficaria em perigo o centro, aonde o inimigo ainda mostrava ter huma poderosa força. Foi somente por consideracoes desta natureza, como tenho acima narrado circumstanciadamente, que os alliados se moveram a mudar

a sua posição ás 5 horas da tarde, tendo disputado todas as partes do campo de batalha desde o romper do dia até então.

A superioridade do numero estava da parte do inimigo; porém o heroismo, e firmeza, que mostraram os alliados deve ser respeitada até por seus adversarios. O magnanimo comportamento de Sua Magestade Imperial, e d'El Rey de Prussia fizeram a maior impressão em todos os que os cercavam; elles nunca deixaram o campo de batalha; e eu sou testemunha de que Sua Magestade Imperial mostrou o mais ardente, e ancioso dezejo, em reiterados ataques, de sustentar a posição, se razoens de prudencia, juntas ás mais importantes considerações, não decidissem outra cousa.

Conheço que não posso fazer justiça ás circumstancias da batalha nem aos extraordinarios esforços que se fizeram. Tenho trabalhado por dar a V. S. a mais fiel conta do que pessoalmente testemunhei. Havendo-se adoptado a determinação de postar o exercito em outra posição, começaram as tropas a marchar ás 7 horas da tarde para o terreno entre Wissenberg e Hochkirch. O inimigo abriu immediatamente hum tremendo fogo, das alturas de Krecwitz, e aldea de Cannowitz, sobre as columnas que se retiravam. Os corpos dos generaes de Tolly, d'Yorck, Blucher, e Kleist, marcharam da sua direita para Weissenberg; os de Wittgenstein, e Miloradowitch da sua esquerda para Hochkirch. A retirada foi feita em escaluens, cuberta pela cavallaria; o inimigo tentou molestalla, mas foi conduzida na mais perfeita ordem. O corpo do General Kleist formou a retaguarda ao corpo que marchava para Weissenberg; e huma bateria de 40 peças, que o Conde Wittgenstein postou nas alturas de Wurtzen, impedio que o inimigo avançasse. O General Miloradowitch cubrio a retirada das tropas para Hochkirch, e o exercito chegou ás suas posições pela noite.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Ten.-gen.

P. S. Pelas mais authenticas informações que pode obter, a força dos alliados não excedia 65,000 homens; a do inimigo era avaliada ao menos em 120,000 homens. A perda de ambas as partes foi grande. A do inimigo deve ter sido tremenda. Não posso dizer o numero com exactidão.

OFFICIOS

Do Tenente General Sir Carlos Stewart ao Visconde Castlereagh.

Quartel General de Janer, 26 de Maio de 1813.

My Lord,

Aproveito a oportunidade que se me offerece, para informar a V. S. que o inimigo nem tem perseguido a retaguarda dos Alliados com vigor, nem com bom successo. Os corpos dos Generaes Barclay de Tolly, Blucher, Yorck, e Kleist moverão-se para Leignitz; os do Conde Wittgenstein, e do General Miloradovitch na direcção deste lugar: porem este ultimo tem os seus postos avançados no rio Bober: o inimigo occupa Lowenburgh.

O exercito alliado parece mover-se na direcção de Schweidnitz, communicando assim com o Wistula por Czenstochau, e ficando deste modo habilitado por meio da sua immediata posição para tirar vantagem de tudo o que possa acontecer.

Diariamente chegam consideraveis reforços. Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

CHARLES STEWART.

Visconde Castlereagh.

Quartel General de Schweidnitz, 31 de Maio de 1813.

My Lord,

O exercito alliado tem continuado a retirar-se para Breslau e Schweidnitz. O quartel general do Imperador foi removido de Janer para Striegaw no dia 27, e a 28 para aqui.

Tendo o Conde Wittgenstein resignado o Commando dos Exercitos Alliados, que elle havia tomado depois da morte do Marechal Kutousoff, ate que se fizessem definitivos arranjos, S. M. Imperial nomeou para o mesmo lugar o General Barclay de Tolly. O Conde de Wittgenstein commandará de hoje em diante os Russos, o General Blucher commandará todos os Prussianos. O General Miloradowich, por se achar indisposto, deo, interinamente, o commando das suas tropas ao Conde Pahlin.

Eu tenho muita satisfação em informar a V. S. que o

Corpo commandado pelo General Blucher teve a mais brilhante acção com sua cavallaria contra a divizaõ do General Maison, ao desembocar de Haynau conforme os detalhes que eu tenho recebido desta acção parece que se pode justamente reputar como hum dos mais distinctos ataques de cavallaria contra solidos quadrados de infantaria, que se tem visto nesta guerra. A cavallaria Prussiana occultou-se destramente por de tras de hum terreno favoravel para obter o seu objecto. A impetuosidade em atacar era taõ grande que se deo o signal antes que o inimigo se tivesse sufficientemente avançado, e o resultado foi naõ só taõ decizivo, como d'outra mapeira o teria sido; porem doze peças de canhaõ, e 1300 prizioneiros cahiraõ em poder dos alliados. Quanto aos mais detalhes eu me reporto á conta official, que tenho a honra de remetter inclusa.

Aos 27 oito esquadroens de Cavallaria Russiana, sendo ametade Cossacos, atacáraõ, perto de Goldberg, doze esquadroens de Couraceiros inimigos de Napoleaõ; fizeraõ 400 prizioneiros, e muitos officiaes.

Huma partida tomou tambem hum grande parque de muniçoens, e muitos prizioneiros.

O corpo de exercito do General Blucher retirou-se a 28 para Preschau sobre o rio Streigau, entretanto que o total do exercito tomou huma pozição junto a Schweidnitz.

O inimigo desde a acção de Haynau naõ tem atacado o General Blucher, nem feito alguma tentativa em frente desta parte do exercito conjectura-se por isso que se estaõ movendo em grande força sobre a nossa direita, para se porem em communicação com Glogau: diz-se que seos postos avançados chegaraõ a Neumark.

Esqueceo-me dizer a V. S. que ha rumores de que o Gram-Marechal Duroc fôra morto na acção de Riechembach.

O quartel General de Bonaparte está em Leignitz.

O quartel General de S. M. Imperial mudou-se hoje para Ober, Croditz, e Riechembach. O inimigo continua sua marcha para Breslau.

Eu sinto informar a V. S. que se receia que hum reforço de muitos centos de homens com huma bateria de artilheria, marchando do Oder para se ajuntar ao grande exercito, cahisse em poder do inimigo.

Eu tenho a honra, &c.

(Assignado)

CHARLES STEWART, Ten. Gen.

Visconde Castlereagh.

TRADUÇÃO

Da Conta official da acção que houve entre o Corpo do commando do General Blucher, e a guarda avançada do inimigo, junto de Haynau, a 26 de Maio.

O exercito Prussiano, unido com o Corpo do General Russo Barclay de Tolly *bivoacou* junto a Haynau a 24 de Maio. A 26 marchou em duas columnas para as partes de Leignitz. A primeira columna era composta do corpo de Barclay de Tolly, e D'Yorck: a 2. do corpo do General Blucher. A retaguarda fez alto no outro lado de Haynau, a fim de se oppor ao inimigo, que se avançou desde as onze horas da manhã ate á noite.

Entretanto que o inimigo avançava, o General Blucher ordenou á sua columna que se retirasse pelas planicies de Haynau e Polsdorff, deixando 21 esquadroens de cavallaria com 22 peças de artilheria, debaixo do commando do General Von-Ziethen na retaguarda do inimigo. Este General observou a força do inimigo, do moinho de vento de Bandinandsdorff, ao qual se lançou fogo, como se tinha assentado, para servir de signal á Cavallaria Prussiana para atacar, e para a retaguarda fazer alto, e oppor-se ao inimigo.

Pelas 11 horas appareceo o inimigo da banda de Haynau, e começou huma canhonada contra a retaguarda Prussiana commandada pelo Coronel Mulins, que se pôstou nas alturas de Haynau. Isto porem nada mais era do que hum reconhecimento do Marechal Ney. Quasi pelas 5 horas da tarde o inimigo desfilou de Haynau, e atacou nossa retaguarda, que, segundo o que se tinha precedentemente disposto, se retirou.

O General Von Ziethen, vendo huma divizaõ Franceza a perseguir nossa retaguarda resolveo-se a dar hum grande golpe, e confiado no valor das tropas ordenou que se deixasse avançar o inimigo, e que se atacasse pela retaguarda: porem nossa cavallaria tinha ja sahido da sua emboscada, e avançado contra o flanco direito do inimigo. O moinho estava ardendo e toda a retaguarda fez frente aos Francezes, que se formaraõ em quadrados.

Tinhaõ-se feito disposiçoens para que a artilheria montada pozesse o inimigo em desordem, e a cavallaria o atacasse ao mesmo tempo: mas a impaciencia desta não deo tempo para que a artilheria produzisse o dezejado effeito. Depois de huma descarga de artilheria a cavallaria carregou sobre

os quadrados do inimigo que foram successivamente destruidos. Cessou o seu fogo, e huma bateria de 12 peças e 1,300 prizioneiros cahiram em nosso poder. Quando a poeira que tinha incoberto o inimigo se desvanecio, nos vimos o resto da divizaõ do General Maison retirando-se para Haynau.

A batalha durou meia hora somente, e nella não entrou hum só homem da nossa infantaria, que tinha marchado para Leignitz.

Sõ a brigada do Gen. Von Zeithen permaneceu nas alturas por de traz de Goldsdorff.

EXTRACTO

De hum despacho do General Visconde Cathcart ao Lord Visconde Castlereagh, datado do Quartel General, Ober Groditz junto a Schweidnitz, no 1 de Junho de 1813.

Os depachos que mandei pelo passageiro Vick, que se apertou de mim em Goldberg no dia 25 do ultimo, informaram a V. S, a respeito das acções que houve com o inimigo nos dias precedentes e do estado geral das operações militares*.

Eu tenho a honra de remetter inclusas as contas destas acções, que tem sido publicadas no Quartel General Russo, juntamente com a relação de hum recente, e brilhante successo obtido pelos esforços e talentos do General Conde Woronzow.

O Imperador mudou o seu quartel para Janer no dia 25; a 27 para Striegau, e a 28 para Schweidnitz: suas magestades estabeleceram, hontem de tarde, o seu quartel General na aldeia de Ober Groditz, entre Schweidnitz, e Reichenbach.

Bonaparte continua a seguir os alliados com todas as suas forças; porem tem encontrado grandes revezes em todas as suas empresas, e nenhum bom successo tem obtido. V. S. observará que os exercitos fizeram alto por tres dias.

O exercito alliado esta agora concentrado em huma excellente posição, em que a natureza tem sido auxiliada pela arte.

O Corpo do General Bulow, e outros corpos inferiores,

* A conta dada por Lord Cathcart da batalha de Bantzen não foi recebida em Londres senão alguns dias depois da que deu o General Stuart, e que já fica publicada.

estão actualmente na retaguarda do inimigo, e na sua linha de communicações, aonde diariamente lhe cauzaõ consideraveis prejuizos.

Pela chegada de hum corpo, e de muitos batalhoens, o exercito Russo, esta hoje mais forte, do que no dia 21 do ultimo.

O General Woronzow teve huma acção mui brilhante com hum unico regimento de Uhlans, e alguns Cossacos: elle surprendeo em Keunerea, na margem esquerda do Elbo, e General de Divizão Poinot, que commandava hum corpo de cavallaria de 700 homens. Elle fez prizioneiros 21 officiaes, e 300 homens; o resto foi morto.

Seguem-se as contas das acções de 19, 20, 21, e 22 de Maio, que ja ficaoõ transcritas n'outra parte do nosso Jornal.

PARLAMENTO IMPERIAL.

CAMARA DOS LORDS, E DOS COMMUNS.

Sexta Feira, 18 de Junho.

TRACTATO DA SUECIA.

Este tem sido objecto de vivas discussões em ambas as Camaras; e os poderes da eloquencia se tem dezenvolvido com assaz energia de ambos os lados: nos dezejariamos transcrever por extenso as principaes fallas, que tiverão lugar a este respeito, mas não cabe isso em os nossos limites de tempo e de lugar; todavia omitindo algumas materias menos interessantes: daremos aos nossos leitores a traducção literal; mas não perfeita (pois que não he possivel fazer perfeita huma tal traducção) das fallas de Ponsonby, e Castlereagh na camara dos Communs; porque sendo huma contra, e outra a favor daquelle tratado; mostraõ qual he a opiniaõ dos dous partidos; e guiaõ a fazer hum juizo mais seguro sobre a natureza, e importancia desta peça diplomatica, que outra qualquer das fallas, que ali se pronunciarão. Depois que

este assumpto foi exposto amplamente pelo Conde Liverpool na Camara dos Lords, approvado por elle; e contrariado fortemente por Lord Holland e outros; elle foi tractado na Camara dos Communs.

O *Chancellor do Exchequer* propoz á camara como objecto do Dia, a formação de hum *comité de fornecimento* (committee of supply) e sobre a questão, do orador deixar a cadeira.

Mr. Ponsonby se ergueo para oppor-se. Elle disse que pensava mais proprio, que o debate tivesse lugar, antes do orador deixar a cadeira, do que hir fazelo no Comité de Fornecimento; pois que era o seu dezejo apresentar ao Principe Regente hum *Adresse* da Camara, rogando que elle tomasse as medidas que fossem compativeis com a honra da coroa, para suspender a execução do tractado; e diligenciasse por todos os meios conformes a boa fé e justiça extricar-se das obrigaçoens que se tinhao contrahido em seu nome.

Era este o primeiro exemplo, em que os Ministros da Coroa neste paiz tinhão tomado sobre si o ceder e largar huma ilha sem primeiro ouvir os sentimentos da Camara sobre tal cessão. Quanto ao subsidio, elle não duvidava, que o tractado fosse discutido em hum Comité de Fornecimento; por ser isso objecto da sua repartição; mas no cazo de huma cessão de tanta importancia, como a de huma grande e preciosa ilha, cujo direito passava da Coroa destes reinos para os maons de huma potencia estrangeira, elle esperava, que os Ministros de commum acordo se ajuntassem, e dirigissem sobre isso expressamente hum *adresse* ao Principe Regente. Na outra Camara não havia alternativa; devia-se proceder daquelle modo, porque não havia la hum Comité de Fornecimento para discussões; e ja que os ministros de Sua Magestade não tomaraõ o caminho, que elle pensava deviaõ seguir, para trazer o objecto propriamente á consideração da Camara, elle era obrigado a recorrer ao seu extranho modo de tractar taes objectos; a fim de apresentar este a Camara, do modo que elle julgava devia ser apresentado. A primeira couza, e a mais notavel deste tractado com a Russia, a que se pedia que o Rei accedesse, era o dizer-se que o seu principal objecto tinha por fim segurar os estados, e possessões da Russia e Suecia contra o inimigo commum; —que o inimigo commum era a França; por que nesse tempo não havia outro inimigo. Na paz de Tilsit houveraõ certas estipulaçoens relativas ás possessões daquellas duas potencias, que se não fizeraõ conhecer geralmente. Pouco tempo depois a Russia atacou a Suecia, e neste procedimento, a que a França fechou os olhos, arrancou daquella potencia o seu antigo territorio da Filandia. Quando a Russia

tinha toda a probabilidade de envolver-se outra vez em guerra com a França; tentou conseguir da Suecia o ficar de posse da Filandia, que acabava de lhe tirar, sem offerecer-lhe hum justo equivalente nos seos territorios, ou possessoens, mas propondo-lhe indemnizala com a Norwega, que pertence a Dinamarca, e dar-lhe hum auxilio de 35,000 homens para aquelle fim. No tempo desta convenção, o Rei da Suecia disse, que elle não podia, sem lezar a segurança de seos estados, tomar parte na cauza da Russia sobre o continente. A Russia portanto, a fim de obter seos serviços, comprehendendo immediatamente dar á Suecia a Norwega em perpetuidade. A Norwega, que não pertence, que nunca pertenceo a Russia—a qual a Russia não tem direito algum,—he offerecida pela Russia, com tão pouca cerimonia, como se fizesse parte dos seos estados, como incentivo para que a Suecia entrasse na guerra contra a França. He verdade que a Russia e Suecia convierão que se isto podesse effectuar-se, ellas olharião o Rei de Dinamarca, como amigo; mas que alias, a Suecia devia em todo o cazo entrar na posse da Norwega. Eis aqui os libertadores da Europa, contrahendo tomar ao Rei de Dinamarca, por força sendo preciso, seu territorio antigo, e hum dominio sobre hum povo, que elle disfructa desde tempo immemorial; e elles pretendem dar-lhe huma compensação ou equivalente, cedendo lhe alguma parte contigua aos seos estados na Germania, mas de que elles não estão de posse, nem se sabe, se estaraõ. Como homens, que se dizem os Ministros do Rei de huma nação tão grande como Inglaterra,—de hum Rei que tem no decurso de huma longa vida lidado sempre por se distinguir pelo eminente character de probidade, honra, e candura—como taes ministros, obrando em nome de hum tal Rei, que tem por tantos annos continuado huma sanguinolenta, dispendiosa guerra contra a França, a fim de se oppor ao seu systema espoliador de territorios, e possessoens alheias,—podessem dar ouvidos a taes propostas, e se tornassem finalmente partidistas de hum tal tractado, era segundo elle, verdadeiramente pasmoso! De certo em o nosso tractado na ha mais consideração pelos sentimentos e liberdade do povo da Norwega. Que bellos que philosophicos estadistas na verdade! Concedaõ em ceder, o territorio, e os vassallos de hum principe, sobre os quaes não tem o mais pequeno direito, e transferilos para outra potencia, que não tem algum para es receber, e para sanar este objecto, elles affectaõ estar promptos a mostrar todo o respeito e consideração por aquelles innocentes e affligidos povos. Que podião elles fazer de melhor, se dezessem obrar de huma maneira favoravel a Bonaparte? Taes foraõ exactamente os principios, que dirigiraõ

as tres regradoras potencias, que do modo mais extranho, e mais cruel, pelo acto mais injusto, effeituaraõ a partilha da Polonia: e isto n'hum tempo em que os Polacos eraõ mais necessarios para enfraquecer o poder da França, e quando o Regente da França tinha o maior ascendente sobre a Russia, atterando-a com o levantamento da Polonia. Este tractado continha mais que volumes, e quando elle fosse entendido pelos paizes extranhos, que conceito fariaõ do Nobre Lord, que tinha a pouco fallado dos direitos das naçoens, e da independencia do mundo? Qual era o meditado fim deste tractado de accessão! Seu preambulo diz. " Sua Magestade o Rei da Gran-Bretanha, e Irlanda, e sua Magestade, o Rei da Suecia, igualmente animados do dezejo de estreitar os vinculos d'amizade e boa intelligencia, que felizmente reinaõ entre elles, e penetrados da urgente necessidade de estabelecer entre si hum estricto e intimo ajuste de manter a independencia do Norte; e para o fim de accelerar a dezechada epocha da huma paz geral." O objecto pois, o motivo, o fim deste tractado, he a independencia do norte, e a prompta conclusão de huma paz geral. Isto deve effeituarse pela desmembração de hum dos mais antigos estados do Norte, e cessão de Guadalupe a Suecia. Condiçoens taes bastariaõ para excitar a guerra na Europa, quando não existisse guerra. Era acazo do interesse de Inglaterra tirar a Noroega ao governo debaixo de que ella está? Elle tinha sempre supposto, que na opiniaõ dos mais habéis estadistas a Noroega estava situada para a Inglaterra tambem como podia estar; a Inglaterra portanto nao tinha interesse algum em acceder aquella parte do Tractado. Seria necessario para manter a independencia do Norte, que se envadissem huma das mais antigas potencias do Norte? Que a paz fosse o resultado de taes estipulaçoens era provavelmente o que se não esperava, qualquer que fosse a confiança dos Ministros. Elle (Mr. Ponsonby) tinha proposto que se produzissem papeis relativos a negociação com Dinamarca, mas isso lhe fora negado, debaixo do pretexto de encerrarem couzas que não era proprio communicar. Elle não podia conjecturar que segredos teria a Dinamarca a occultar da França com quem estava tão intimamente unida; e que só lhe poderia dizer respeito. No 2 artigo havia huma couza mui notavel; pela sua simples leitura qualquer julgaria, que a Dinamarca teria a escolher ou ceder a Noroega ou juntar-se a confederação, mas nada disso. Pelas estipulaçoens entre a Russia e Suecia; a Noroega devia, irremissivelmente ser cedida, e a unica escolha que tinha o Rei da Dinamarca, era oppor-se pela força, ou receber em compensação de hum povo distincto pelo amor ao seu Governo, estrangeiros que nunca conheceraõ a

sua pessoa, e que não eram affeiçãoados ao seu governo. O principio do tractado que estabelecia a partilha de Dinamarca, era huma verdadeira imitação do que repartira a Polonia. Que era pois o que induzia este paiz a entrar em hum tractado de deshonra? Nem mesmo vantagens o deviaõ jamais induzir a perder a sua honra e caracter. Mas que vantagens trazia este tractado? A hostilidade da Dinamarca se agravaria; e as forças de Dinamarca e Suecia eram quasi iguaes; assim mui pouco se ganharia debaixo daquelle ponto de vista. Mas tinha-se dito, que nos estavamos em guerra com Dinamarca, e podiamos por tanto fazer-lhe todo o mal que podessemos. O unico fim legitimo da guerra era a paz; e nem mesmo os maiores ambiciosos jamais confessaraõ que o fim das suas guerras era a conquista ou a destruição de qualquer paiz. Em negociaçoens com a Dinamarca era politica deste paiz trazer a volta da paz; e não mergulhar o Norte em novas guerras. Era politica deste paiz unir todas as potencias do Norte contra a França. Este tractado tornou isso impossivel. A unica justificação da guerra com a Dinamarca era segurança e não conquista. Disse-se, que a Dinamarca, re-tendo o seu poder naval, seria obrigada pela França, a voltar-se com ella contra este paiz. Mas que era o que justificava este tractado? Para dividir a Dinamarca, e fazela mais hostil, a Russia estipulou dar á Suecia 30,000 homens, para a conquista da Noroega, antes que a Suecia entrasse em co-operação alguma no continente. Não foi conforme ás vistas dos Ministros deste paiz, que a Suecia empregasse as tropas Russas e as suas contra o Noroega, o que faria alem de grandes despesas, somente huma diversão contra nos. Pouco importava a Bonaparte qual fosse o lugar da guerra, huma vez que não houvesse co-operação contra elle no continente. A Suecia, a grande amiga de Inglaterra, em quem nos tanto conhemos, —a Suecia não quiz alterar esta estipulação, sem que dessemos hum milhaõ em dinheiro, e a Guadalupe. Que he que se tem feito, depois que os Ministros compraraõ a co-operação da Suecia?—Os Suecos chegaraõ a tempo de ver as victorias do inimigo, e de ser inuteis espectadores do armisticio ja concluido. A politica desta parte do Tractado foi igual á sua probidade. Este paiz alcançou o direito de *entre posto* em Stralsund, Carlsham, e Gottenburgo, mas he este direito perpetuo, assim como foi perpetua a dadiua de Guadalupe? Não, elle foi concedido pelo prazo de 20 annos. Todos os escriptores que tractaõ do direito das gentes, concordão, que hum estado, adquerindo territorio durante a guerra, não pode ser olhado como proprietario delle; sem que elle seja cedido pela conclusão de hum tractado. Mas Guadalupe cedeo-se, durante a mesma guerra em que se ad-

quirio, e sem tractado algum! Guadalupe a mais importante das Ilhas Occidentaes e a mais capaz de acanhar o commercio da Inglaterra. Qual he a vantagem do *entre posto* em tempos de pas? Nos podemos navegar directamente, e não nos faltaõ paragens. Em tempo de guerra, se a França poder estabelecer o systema continental, o *entre posto* não nos habilitara a introduzir nossas fazendas em o continente. Tambem se disse que não era costume ingerir-se o Parlamento em negocios de guerra, e conclusão de tractados. Elle o reconhecia, mas disso tinha ja havido exemplos. Não era porem da sua intenção hir tão longe, nem recusar o donativo do milhaõ em dinheiro, se elle se deve pagar, a fim de conservar o credito da nação. Era a sua intenção propor hum *adresse* ao Principe Regente para suspender a execução da certos pontos do tractado, e desfaze-lo todo, se fosse compativel com a honra. Nada havia que podesse estorvar o Principe de entrar em novos ajustes com a Suecia e Dinamarca. O artigo 7, envolvia huma fiança de segurar a Noroega a Suecia; não podiamos portanto fazer huma paz sem a ver-mos de posse daquelle paiz. Era esta a estipulação a mais improvidente, e de nenhuma sorte se parecia a estipulaçoens, que não permitem paz separada, ou desuniação de interesses. O Nobre Lord parecia descrepar, mas elle dezejava que o Nobre Lord dissesse em que se fundava a sua discrepancia? Debaixo de outro ponto de vista, qual seria o effeito daquellas estipulaçoens? Não as olharia a França como justificação das suas fraudes? Não dirá ella quando for increpada,—“eu não sou peor que a Inglaterra; ella approva tractados de partilha contra innoferivos povos, e apoia roubos n’hum paiz, feitos por naçoens que nao tinhaõ cauza ostensivel de queixa.” Alem disto, como ficaria o character do paiz? Mas seria peor, se a Camara sancionasse o tractado. Na França, e outros paizes despoticos, o povo deve submeter-se; mas neste, se o Governo obra mal, a Camara pode obrigar a huma retractação, ou pelo menos expremir a sua desaprovação, o que não fazendo, se tornaria participante da deshonra. Este paiz tinha sido ensinado a olhar para a Germania como capaz de resistir a França. Hanover, Hesse, Hamburgo, e outras praças desião-se estar promptas a insurreiçao, e esta insurreiçao era chamada santa. Que havia ali pensar-se da nossa protecção, transferindo nos huma porção do seu territorio para hum soberano estrangeiro? Que parte da Germania devia ser objecto da compensação? Os Estados hereditarios de certo não. Hamburgo tambem não,—nem alguma das cidades ansiaticas. Bem que alguns nomeavaõ Hamburgo, elle não podia crelo. Hamburgo era naquelle tempo o centro da insurreiçao. Este Alborque, semelhante ao que se faz de bestas, este ajuste de transferir hum povo contra sua von-

tade, tinha muita baixeza, e malignidade, não era possível. — Elle então disse, que aquelle procedimento não sendo uzual, elle propunha hum *Adresse* mais comprido que o uzual, que foi quasi o echo da sua falla.

Lord Castlereagh disse, o Hon. Membro tinha chamado a attenção da Camara para dar hum voto particular, antes que os Ministros de Sua Magestade expossem os motivos da sua conducta. Sem saber os particulares o Honrado Membro dezejava mandar a Coroa tractar com os Alliados, deshonrada por hum voto do Parlamento, e disunir todos os principios que os ligavaõ agora como alliados. As opinioens do Honrado Membro não eraõ proprias para animar a Russia. Elle (*Lord Castlereagh*) era privado pelo rumo adoptado pelo Illustre Membro, da vantagem, que teria no *Comitté*, de dar explicaçoens. Elle devia agora apresentar a informação que lhe fosse possível, não tendo authoridade para explicaçoens, senão aquellas que elle recebesse da indulgencia da Camara. O Hon. Membro se tinha queixado da falta de informação a respeito das conferencias Dinamarquesas. Se tal informação se houvesse dado, elle daria aos Ministros hum escudo, que elles não deviaõ ter tido. Sobre as calumnias que se espalharaõ a cerca daquella negociação, elle poderia ter occasiaõ de notar, que o Tractado com a Suecia so se concluiu aos 3 de Março, e isso dependeo de circumstancias que occorreraõ antecedentemente, ou por esse tempo; e elle se sentiria muito aviltado como Ministro, se quizesse para defender-se, lançar mão do que ao depois occorrera.

Se o Hon. Membro tivesse perguntado pelas discussões com a Suecia, elle podia ter entendido o seu motivo; mas elle confessava, que não sentia muita disposição a responder-lhe. A manifestação desnecessaria das nossas negociaçoens era mui prejudicial a este paiz (*vos de applauso.*) Elle sabia que ella era Constitucional e Parlamentaria, mas o abuso de tal poder era muito nocivo; e o emprega-lo só para satisfazer a hum individuo, não era justificavel. Havia motivos de delicadeza, que elle podia asseverar, se oppunhaõ áquella requerida informação. Elle pensava haver duas couzas que exigiaõ mais fortemente huma explicação; a saber, porque os Ministros não communicaraõ mais anteriormente o Tractado á Camara (Tendo sido assignado em Março,) e porque se fizeraõ grandes adiantamentos a huma Potencia estrangeira, durante a abertura do Parlamento, sem fazer communicação alguma ao Parlamento. Posto que o Tractado foi assignado em Março, por muitas circumstancias que occorreraõ nas transacçoens com as Potencias do Norte, elle não foi ratificado e recebido senão a 10 de Maio. A Camara sentia quanto fora dezagradavel a obrigação de discutir o

Tractado, pendentes as negociaçoens com a Suecia. Elle não teve a mão o Tractado se não á vespóra de fechar-se o Parlamento ; e ficou sobre a meza ate ao dia depois. Quanto aos adiantamentos, os Ministros tomaraõ isso sobre a sua responsabilidade pessoal. Se a estipulaçaõ para trazer a Suecia ao Continente era importante, cumpria não estorvala por falta de fundos, sobre tudo tendo-se convido que a Suecia teria £200,000 adiantadas como hum *mise en campagne* ; e grandes somas se pagaraõ em Lettras. A demora na passagem das tropas Suecas não foi devida ao Governo Sueco ; as tropas chegaraõ a Stralsund antes de serem esperadas ; e a delonga inteiramente procedeo de não chegarem os transportes Ingleses. Não podemos nisto culpar a Meza ou a Junta dos Transportes (the Transport Board) pois que os navios chegaraõ a Gottenburgo cinco semanas antes do que foraõ promettidos ; e cinco semanas ali se detiveraõ por cauza dos ventos contrarios. Os Ministros não teriaõ desculpa, se não tivessem adoptado aquella medida sobre a sua responsabilidade pessoal. Elle não se julgava obrigado a defender as estipulaçoens entre a Russia, e a Suecia, nas pensava que ellas eraõ justificaveis, e por isso se não dispensava de as defender. Elle nada soppunha mais imprudente que o ataque feito pelo Hon. Membro á conducta dos Alliados, sem dar a Camara tempo de conhecer seos motivos. O Tractado entre a Russia e a Suecia foi feito em Março de 1812, e ate Julho não foi conhecido neste paiz ; mas deve recordar-se, que foi na vespera da chegada dos Franceses, que se fez este esforço sem exemplo. Não era segredo, que hum dos motivos da guerra, era porque a Russia, e a Suecia não sustentavaõ com sufficiente rigor o systema continental ; mas os destroços successivos que Bonaparte experimentava na Peninsula, tinhaõ murcho os seos louros, e esperava achar alguma compensaçaõ para os seos destroços, nas conquistas que fizesse na Russia, allegando, como razao que ella não era sincera na guerra que tinha com a Inglaterra. A Suecia vio, que a Dinamarca não se desligaria da França. Posto que a Dinamarca tivesse ao principio obrado segundo os interesses geraes da Europa, ella foi ultimamente compellida a permanecer nas vistas da França. A unica politica racionavel a respeito do Norte da Europa, era excluir a influencia Franceza do Norte do Baltico. Neste ponto de vista, a Suecia não tinha obrado pelo dezejo de adquerir territorio, alias ter-se-hia unido a politica Franceza. Examinai os effeitos do ajuste entre a Russia e a Suecia. O exercito da Filandia era calculado sobre a base de 18,000 homens. Não se julgue que o systema militar da Suecia estava tao enfraquecido, nesse

tempo como esteve d'antes. Depois da chegada do actual Principe Herdeiro, o militar Sueco passou a ter hum caracter diverso do que tinha recentemente. Se elle se empregasse em favor da França, poderia a Russia ter destacado o seu exercito da Filandia para combater sobre o Vistula; debaixo de Wittgenstein? Se a Suecia não tivesse deixado que as forças da Filandia fossem para Riga, por hum habil uzo das estipulaçoens do Tractado, onde teria estado a victoria de Wittgenstein sobre o Dwina que tão grandemente mudou a sorte guerra e tornou a retirada dos Francezes mais dezastrada do que teria sido? Sem a intima alliança da Russia, e da Suecia, a Russia não teria podido resistir com vantagem ao prodigioso ataque dos exercitos Francezes; pelo menos o exercito Francez não perderia tanto em gente e gloria. Elle estava disposto a defender os tractados, como se fossem em propria defeza; em consequencia do character hostile mostrado pela Dinamarca contra a Suecia em 1808. Era muito conveniente destruir a influencia Franceza na Noroega. Nada restava a Suecia se não fazer parte com a França, permanecer ou cahir com a Russia. Hindo com a Russia, secundada pela Gram-Bretanha, e não pela timida politica de Dinamarca, que nunca podia ser independente, em quanto a França predominasse em o Norte de Allemanha; a Suecia, elle o reconhecia, obrava por motivos de propria conservação; mas a Russia tinha sufficientes razoes para ter guerra com Dinamarca, vista a sua submissão a França; se ella quizesse obrar por esses principios. O estado das couzas na abertura da campanha era tal, que duas grandes potencias militares em o Continente forão obrigadas a mandar o contingente das suas tropas, a fim de ajudar a destruição da Russia. A Dinamarca, he verdade, não foi chamada, mas foi obrigada a ajudar por outra via. Ella collocou suas tropas nas praias do Baltico, em quanto as tropas Francezas se retiravaõ, e a posição que ella devia occupar, foi destramente escolhida, pois dizia respeito a Russia. Era o Ducado de Oldenberg tão intimamente ligado a familia Russa; e a sua occupação era exactamente a mesma que seria pelas tropas Francezas. Portanto, a Russia tem todo o fundamento para guerra. Mas elle sustentava ousadamente, que os ajustes entre a Russia, e Suecia se justificavaõ, na vista de conservar tudo o que era precioso em o Norte, unindo aquellas duas potencias: e por esta uniaõ tornando-se a Suecia huma potencia independente, para o que, segundo elle cria, ella tinha ja dado grandes passos. Os ajustes não eraõ deshonrosos para qualquer das duas potencias. Quanto a nossa parte neste negocio, cumpre dizer quando tomamos conhe-

cimento destes ajustes. Foi no principio de Julho. Se a guerra não tivesse rompido, talvez os não conheceriamos tão cedo, ou dependente das circumstancias, talvez elles nunca viessem a ter effeito, excepto em cazo de perigo. Nos recebemos huma representação forte da Russia, e Suecia, pertendendo saber se acazo nos estavamos preparados para defender-mos juntamente com elles o Norte, segundo o plano; que tinhão arranjado. A nossa resposta foi, que nos reconheciamos a necessidade de conservar o norte; e nada viamos contrario a isso; mas que não podiamos ser partes interessadas no cazo, huma vez que se não fizesse alguma couza para o bem da Europa; nesse cazo então nas concordariamos em alguns arranjos, e dariamos hum subsidio, se as tropas Suecos fossem para o Continente a fim de cooperar na cauza da guerra. Nos dissemos tambem, que esperavamos que a Suecia se contivesse tanto que não estorvasse a Dinamarca de entrarno grande objecto. A Suecia, nos acontecimentos ulteriores se conteve bastante, e soffreo despezas em deixar hir para Riga o exercito Russo, em vez da Noroega, de maneira, que Bonaparte foi obrigado a deixar dous corpos inteiros do exercito no norte de Allemanha, pelo que desviou não menos de 60,000 homens do exercito que invadio a Russia; força que se não moveo senão depois da batalha de Borodino; e por tanto veio tarde para o teatro da guerra. Pode pois dizer-se que a Russia deveo a sua salvação exclusivamente á conducta da Suecia (*applauso*). Quando a Suecia ao principio se recusava a propozições, dizia, o que todos os militares reconheciam, que sem huma posição militar na costa Germanica, era-lhe impossivel manter-se ali. Este ponto ficou fora da questão, quando se soube, que o Governo Prussiano, debaixo da influencia Franceza, disse a Suecia, que ella faria marchar todas as suas forças disponiveis para expulsar os Suecos, se elles desembarcassem. Se a Suecia recusou hir então para a Allemanha, não foi por motivos pessoaes, mas por saons principios de politica militar. Nos não nos achavamos naquelle tempo plenamente justificados em acceder a todas as condições do arranjo Russo e Sueco; com tudo não havia desunião quanto ao principal objecto. Quando nos ao principio recusamos hum subsidio em plena extensão, dissemos, que se não cuidasse, que nos privariamos os outros da nossa ajuda, com os nossos limitados meios, mas logo que os Suecos viessem para o campo, elles terião direito a pertender o mesmo que os outros que estão unidos com nosco contra o inimigo commum. Em Fevereiro, nos tivemos huma nova representação da Russia:—e devemos aqui dizer, que no decurso desta guerra nenhuma potencia instou tão pouco

com o seu alliado por ajuda pecuniaria. A Russia satisfazia-se que nos empregassemos os nossos meios no livramento da Hespanha. Mas certamente a Russia assumio hum grande character, em o novo passo que deo, não se contentando da maneira magnifica, com que defendeo o seu proprio imperio, mas adiantando-se para libertar a Europa, não so com vistas de propria deferenza, e outros futuros ataques, mas para chamar todos os estados, a combinar-se com ella, e coooperar para a grande empreza, a que se tinha aventurado. Ella disse, que estava prompta para trazer todos os seus recursos, e passar alem dos seus naturaes limites para resgatar a Prussia, e os outros Estados; mas ella previa, não obstante a destruição do exercito Francez, que retirado como seria aquelle exercito para trez praças fortes no Oder, huma diversão forte era precisa na rectaguarda, para que ella podesse forçar aquella linha. Por este motivo, foi preciso appellar para a Suecia naquella tempo. O nosso cazo com a Suecia era então differente. Em vez de lhe pedir, que operasse na reta de 300,000 homens das melhores tropas da Europa, nos tinhamos a pedir-lhe que fosse para Allemanha, quando aquellas tropas estivessem muito diminuidas, e que se a tentativa fosse ainda assim arriscada, nos emprehenderiamos cercar a Zealandia com os nossos meios navaes. Então estavamos dispostos a dar o subsidio. Dissemos tambem, o que não era novo dezejo do presente Governo, que nos podiamos contentar a Suecia tambem por outro modo, dando-lhe Guadalupe. Elle (*Castlereagh*) concebia que este estipulação era vantajosa tanto a Inglaterra como a Suecia; porque nada he de tanto beneficio com o dar ás outras potencias interesse na conservação do commercio do mundo. Se nos dermos, por exemplo, a Suecia hum interesse que a faça amiga do commercio, e por conseguinte inimiga de hum systema anti-commercial, damos-lhe hum interesse natural, e particular. Sobre este objecto elle julgava que eraõ excuzadas apologias. (*applauso.*) Debaixo destas vistas se fez o Tractado; e elle tinha muito que louvar o grande zelo, e habilidade, que por esta motivo desenvolveo o Hon. Official (o General Hope), particularmente nas discussões relativas a condução das tropas Suecas. A Suecia affoitamente lançou mão da empreza; e elle podia dizer, que até ao presente momento ella tinha extricta e fielmente executado as suas promessas. A immediata necessidade era grande, quando o General Hope foi para a Suecia, assim como essencial, reduzido que fosse a pouco o grande exercito Francez, o habilitar os Russos a passar o Oder. Ainda que era improvavel que a Dinamarca obrasse de concerto com nosco, com tudo se ella quizesse arrostrar o perigo, nos dezejavamos que se -fi

zesse todo o possível para tranquilizar os seus sentimentos. Nos tentamos modificar as pretensões da Suecia sobre a Dinamarca, e induzila a abandonar a Noroega, e a por tudo no pé mais satisfactorio para a Dinamarca. Jamais se fez arranjo com vistas tão fortes para o objecto geral. O Governo Dinamarquez recebeu claras luzes sobre os principaes ajustes; e ate mesmo pelo Gabinete da Russia. Elle Lord C. deu instrucções a Mr. Thornton para fazer huma distincta declaração a Dinamarca, de todos os ajustes, de maneira que a Dinamarca nada podia ignorar sobre este objecto. A Suecia mesmo mostrou disposição, se a Dinamarca obrasse contra a França, a dezerstir das suas estipulações tanto quanto permittisse a sua segurança. O Hon. Membro parecia revoltar-se á idea de compensações, e elle admittia que ellas so mereciam censura, quando eram fundadas em politica immoralidade. Mas onde he que se achavam os meios de paz por tractados entre grandes e complicados interesses, senão por equivalentes? Não tinham sido elles os meios de paz? Mas aqui a difficuldade era absoluta, e não contingente. A Suecia disse. “Toda a Noroega he essencial á nossa segurança, para affastar o poder e a influencia Franceza;” alias o objecto da questão está compromettido. Se a Dinamarca obra contra a França, nos hiremos ao ultimo ponto, e so pediremos o bispado de Drogden, o ponto septentrional da Noroega, que nos he essencial; por que em todas as guerras com a Noroega, o exercito Sueco tem sido forçado pela sua passagem. O Principe da Coroa limitou se por tanto ao mais estrieto campo de segurança militar. Territorio não era o seu objecto; pois que estava prompto a arriscar a Pomerania. Mas elle pensava que a Dinamarca tinha como ponto de honra a Coroa da Noroega. Devia por conseguinte a questão decidir-se na paz, se a Dinamarca devia ficar com a Noroega, ou tomar os propostos equivalentes; e se conservando-a, e designando o equivalente á Suecia, a Suecia devia pagar com equivalente a possessão do Bispado de Drogden. Não havia portanto principio baixo que imputar a Suecia, a qual tinha regeitado ofertas de engrandecimento da França. Assim longe de merecer accusação, a Suecia, depois que o auxilio Russo se ergueo a 30,000 homens, em vez de reclamar o seu uzo contra a Noroega, os deixou hir, a rogo nosso, para o Continente. O Nobre Lord esperava agora que tinha defendido a Russia, e a Suecia contra os injustos ignaros, e imprudentes ataques feitos contra estas potencias pelo Hon. Membro mesmo antes que elle tivesse explicação alguma a este respeito. Elle insistio que o procedimento da Russia, e da Suecia era plenamente justificavel por todos os principios de justiça e virtude publica, na vista da propria conservação. Todo o mundo defen-

derá principalmente a Suecia, contra accusações de baixo egoismo. Se a Dinamarca tivesse sentimento algum semelhante aos do Principe Real da Suecia, que apesar da sua intima ligação com a França, mudou inteiramente de conducta, repugnando lhe huma tyrania muito oppressora para que a Suecia a suportasse, e por conseguinte incompativel com os seus deveres, ella teria achado a Suecia susceptivel de todo o amigavel arranjo. Quanto a Hamburgo, que se tinha arriscado a resistir tão fortemente ao Poder Francez, elle confessava que todo o espirito virtuoso e humano devia profundamente doer-se dos soffrimentos e da sorte daquella cidade; mas era de consolação ao mesmo tempo o saber que nos nunca lhe demos a falsa esperanza de mandar forças disponiveis em seu soccorro. Nos fizemos o que Hamburgo nos pediu, em lhe mandar armas. Foi cazo inesperado geralmente sentido, o não ser Hamburgo protegida pelos Suecos. A conducta da Suecia neste ponto he justificavel na opiniao de todos os nossos militares. O Hon. Membro parecia crer que os Dinamarquezes defendião Hamburgo. Não passou isso de rumor semelhante ao que se disse de Saxoens ajudando os Prussianos no cerco de Spandau, ou do Rei de Saxonia hir para Praga, e depois retroceder para Dresden. A circumstancia portanto de alguns Dinamarquezes defenderem Hamburgo nada provava particularmente quando se reflectia no modo com que Bonaparte olhava a situação e vistas de Dinamarca; nem a missão Dinamarqueza á este paiz era prova de bons desejos. Elle estava persuadido que Bonaparte não considerava o caso de Hamburgo, ou a missão da Conde Bernstorff a Inglaterra como testemunho de alguma disposição em Dinamarca opposta ás vistas de França. Mui recentemente elle informara a Imperatriz da chegada de hum Ministro Austriaco a 16 de Maio, e da sua volta com a resposta, em que elle consentia nas suas proposições. Quando mesmo os Dinamarquezes fazião fogo sobre as tropas Francezas em Hamburgo e o Conde Bernstorff estava em Londres, elle (Bonaparte) não chamaria a Dinamarca hum dos seus intimos alliados, se sentisse indisposta contra si. Elle a deixaria de fora como a Austria: mas em ponto de precedencia, elle põe a Dinamarca logo depois d'America. Dinamarca propoz a restauração, e segurança das suas possessões, sem compensação alguma. Era isto outra couza mais do que hum plano para ganhar tempo? A nossa resposta foi, que nos entendiamos isso so de hum modo, que ja lhe tinhamos mencionado os nossos ajustes, que a Dinamarca não devia esperar de nos que obrassemos contrario a elles; mas que todavia desejavamos que ella adoptasse huma politica mais conforme aos seus interesses. Que nos tinhamos dado plenos poderes a

Mr. Thornton para tractar com o ministro Dinamarquez em Stockholmo: mas que ella se tinha recusado a tractar de par com nosco, com a Russia, e Suecia; que ella apertava com nosco, para que violassemos ajustes, e tractassemos separadamente. Sem com tudo dezejar dizer huma palavra, que escaudelizasse a Dinamarca, ella se tornou sobre maneira insultante nas suas propoziçoens, e a não ser o espirito moderador com que se dirigio todo este negocio, não seria possivel ouvi-las sem indignação. Primeiramente nos deviamos violar a boa fé, depois entregar-lhe todas as conquistas, que lhe fizemos, entregar-lhe a esquadra de Copenhagen, com as respectivas compensaçoes; e ultimamente *garantir-lhe* todos os seos dominios; e particularmente a Noroega, que ella conhecia estar affecta pelos tractados; e isto quando mesmo a Suecia modificasse o tractado. Seria pois justo entao vituperar a Suecia? Tinha o Hon. Membro ideas claras sobre o estado da Europa, quando tão injusto e severamente atacava os nossos alliados? Via elle o que nos fariamos sem alliados?

Havia huma disposição em muitos membros a suspeitar do character de hum individuo—o Principe da Coroa da Suecia, cujos primeiros passos na revolução Sueca foraõ olhados com muito ciume. Lord C. julgava, que a sua alienação da politica Franceza procedia muito da conducta do Governo Francez. Seria temeridade predizer qual seria o procedimento de huma pessoa, que possue ou espera huma Coroa. Mas nos tinhamos alguns fundamentos para poder julgar d'elle; e era fazer-lhe justiça dizer, que como homem, e como general, elle nunca ouvira couza alguma contra a sua honra e character. Não era pequena honra para hum homem, tam prominente outrora no exercito Francez, o dizer-se que elle nunca opprimio paiz algum, onde commandasse, que executou sempre as ordens do Governo Francez com tolerancia e brandura; que em ponto de character, elle nunca metterá dinheiro na sua aljibeira; e os sentimentos dos povos onde elle tinha estado, o podião testificar. (*applauso.*) Quanto a seos sentimentos a respeito da França, elles eraõ naturaes. O Principe da Coroa disse claramente a Bonaparte, que elle não faria justiça ao paiz que o adoptara, se lhe não rezistisse. Elle não pode accuzar-se de falta de sinceridade. Elle veio da França para a Suecia, sem duvida com paixão pela França, mas sem disposição a trahir a Suecia. Qualquer que fosse o seu affetto pela França, elle disse a Bonaparte os seos sentimentos no ultimo instante em que Bonaparte acabava de preparar e consolidar aquelle tremendo exercito, com que se propunha a

destruir a Russia. (*applauso*) Seria prezunção pertender dar huma opinião positiva sobre o que era contingente. Mas era injustiça e falta de generosidade pronosticar algum mal das connexoens primeiras do Principe da Coroa com a França. Elle esperava pois que a Camara regeitasse o *adresse*; se os Ministros não obrarão bem em fazer este tractado, elles não eraõ proprios para os seos lugares, e muito mais se continuassem nelles, depois que se votasse huma tal censura sobre o seu procedimento. Elle se persuadia ter dado sufficientes razoes para regeitar o *adresse*.

Mr. *Canning* não desapprovou o tractado se não na parte que diz respeito a Noroega; e propoz huma emenda, rogando ao Principe Regente, que tomasse medidas para determinar a extensão dos nossos ajustes, pelo tractado, na co-operação com a Suecia contra a Noroega, em cazo de paz.

A moção original para o Committé foi posta a votos.

A Camara dividio-se.

A favor do Committé 224

Contra 113

Majoridade 109

Moção sobre a emenda de *Canning*.

A favor 225

Contra 121

Majoridade 104

ULTERIORES NOTICIAES DO CONTINENTE.

Pelas noticias de Pariz do dia 21 de Junho consta que todas as tropas Francezas haviaõ ja chegado aos seos acantonamentos; e que se estavaõ preparando barracas, e campos.

“Algumas partidas inimigas, dizem os papeis de Pariz, estaõ em a nossa retaguarda: ellas fazem a guerra por sua propria conta, á maneira de Schill, e recuzaõ-se a reconhecer o armisticio. Diversas columnas estaõ ja em movimento para as destruir.”

Por esta forçada confissao dos jornalistas Francezes se conhece facilmente, que os povos d'Alemanha vaõ seguindo

o exemplo dos Peninsulares: e Bonaparte entende-se muito mal com semelhante guerra. Os nossos leitores devem saber com gosto que estas partidas, que tanto incommodam, e irritam Bonaparte, são compostas de Alemães, e não de Russos; e são taes que o obrigam a enviar diversas columnas para as destruir. Vaons esforços, se a guerra continuar.

Por noticias officiaes publicadas na gazeta de Berlin de 6 de Junho sabemos que no dia 4 o Duque de Reggio, a frente de quasi 30,000 homens, foi batido pelo General Von Bulow junto a Luckau: a batalha durou desde as 10 horas da manhã ate ás 9 da noite: a perda dos Francezes montou a mais de 3,000 entre mortos, feridos, e prisioneiros: elles perderam alem disso hum morteiro, e duas peças de artilheria; e o que vale mais, perderam a esperanza de entrar em Berlin em cuja posse tanto empenho tinham.

Hum corpo de 3,500 Russos commandados pelo valente Czernicheff, e pelo General Woronzow entrou em Leipsic no dia 7 de Junho, e atacou os Francezes, que estavam nos suburbios: 1,500 francezes foram mortos, e outros tantos feitos prisioneiros. Debalde o Duque de Padua mandou participar-lhe pelo General Lamotte o armisticio. O Conde Woronzow, e o General Czernicheff responderam que não reconheceriam tal armisticio em quanto lhe não fosse comunicado pelo seu proprio Governo.

Os Papeis de Pariz ate 23 de Junho não fazem a mais leve menção de Congresso — Bonaparte permanece em Dresden. Este horroroso emblema de todos os crimes, desenganado de que nada tem que esperar de Bernadotte, procura desacreditar agora este Principe verdadeiramente amado pela nação Sueca. Com a sua costumada impudencia não tem pejo de dizer, (importando-lhe pouco ser desmentido sem replica), que Bernadotte se ligara a Russia, e Inglaterra, por elle (Bonaparte) não querer acceder e consentir na incorporação da Noruega á Suecia; por que não sabe faltar á fé dos tratados, nem ser infiel a hum tão bom alliado como sempre o tem sido a Dinamarca!!! Bonaparte fiel aos tratados, fiel aos seus alliados!!! O facto incontestavel he — que Bonaparte offerceco á Suecia a Noruega, se a Suecia quizesse fazer cauza commum com elle contra a Russia. Esta offerta foi levada a Stockholm pelo filho de Marechal Augereau; e não só offercia a Noruega, mas tambem a restituição da Finlandia, e augmento de terreno na Alemanha. Bernadotte recebeu este despacho estando n'hum assembly: leu o immediatamente; e apenas o acabou de ler, escreveu á margem — *Recuzado*; — Se o Im-

perador da França for mal succedido nas suas tentativas contra a Russia, não podera realizar suas promessas: se for bem succedido, não querera realiza-las. E com esta resposta, que os Diplomaticos poderao talvez criminar muito, por ser contra as regras estabelecidas, mas que o homem franco, e honrado applaudirá sempre; recambiou o joven Augereau para Bonaparte.

Por noticias das vizinhanças de Dantzic consta que hum corpo de 10,000 Prussianos se tinha unido ás tropas Russas, que sitiaõ aquella Praça, e que vinte barcas canhoneiras, debaixo das ordens do Almirante Greig, tinhao sahido de Pillau para obrar contra Dantzic: que se faziao os mais activos preparativos para começar o sitio em forma, e que os formidaveis preparativos juntos á consideravel diminuição que a fome, e as doenças tem cauzado na guarnição Franceza, daõ as mais bem fundadas esperanças deque aquella Praça poucos dias podera resistir depois de abertas as baterias.

Pelas noticias datadas de Koningsberg a 7 de Junho sabemos que numerozos reforços passao diariamente por alli para se irem ajuntar ao exercito Russo. O ardor patriotico do Povo da Prussia oriental tem sido tao grande, que nos fins de Maio, todo o individuo capaz de pegar em armas, se tinha ido voluntariamente allistar ou nas milicias ou na leva geral da Nação. As novas levas tem huma barretina com a seguinte inscripção na frente.—*Com Deos, pelo Rey, e pela Patria.*—Os papeis Francezes metem a rediculo a leva geral dos Prussianos: he esta a prova mais evidente de que Bonaparte teme tal medida: bem a rediculo metia elle os Cossacos na passada campanha; nos tomamos isso como huma prova de que esta tropa ligeira lhe era terrivel, e funesta; declaramo-lo em hum dos Nos. do nosso Jornal; e á experiencia conformou o que dissemos: o mesmo asseguramos a respeito de leva em massa dos Prussianos.

Quem pedio o armisticio? Haverá ou não hum Congresso para se tratar da paz geral? Será possivel fazer huma paz no Continente, continuando a guerra somente entre a Inglaterra, e França? Qual será nestas importantes circumstancias o procedimento da Austria? Quem souber responder que a faça. Nos dizemos apenas que o systema Continental, a nosso ver, não hade ir á vante: e que Bonaparte deixou de ser o dictador da Europa.

Mr. Mackenzie, que foi n'algun tempo empregado na troca de prizioneiros entre Inglaterra, e França, partio de Londres no dia 25 de Junho para o quartel General dos Alliados na Alemanha com despachos, que, suppoem-se,

contem o resultado das deliberações do Governo Inglez relativamente as communicações que lhe forão feitas a respeito do armisticio.

Não podendo os infelizes habitantes de Hamburgo satisfazer o primeiro pagamento dos 48 milhoens, que o cruel Davoust lhe impoz de contribuição, 34 cidadaons dos mais respectaveis forão presos por ordem daquelle Bachá e remettidos para Pariz.

O Vice-Rey de Italia trabalha quanto pode para ajuntar hum exercito chamado — do Adige—o que prova, que Bonaparte fia-se mui pouco em seu sogro: e este ainda não conhece, que se, illudido por seos perfidos conselheiros, se não une cordeal, e rezolutamente aos Alliados, está perdido sem remedio: o crime está commettido aos olhos vigilantes de Bonaparte; e o castigo—*manet alta mente repostum!*

No seguinte No. daremos a Proclamação do Principe de Dinamarca aos habitantes da Noroega, e a declaração d'El Rey seu Pai.

POSTSCRIPTUM.

Londres, 30 de Junho.

Recebemos finalmente da Peninsula noticias da maior importancia, quer se considere o que ellas annunciaõ, quer se olhe ao que em consequencia dellas, se deve esperar.

Burgos não pode suspender os rapidos progressos do valente exercito Anglo-Portuguez: os mesmos inimigos, não se atrevendo a esperar o ataque do exercito alliado, fizeraõ voar o castello, e fortificações de Burgos. Continuando a retirar-se, ou antes a fugir, quanto podem, nem se atreverão a disputar a passagem do Ebro, que o valorozo e intrepido General Graham atrevessou no dia 13, e o resto do exercito no dia 16. No dia 19 o Quartel General do GRANDE

LORD, DO DUQUE DA VICTORIA estava proximo a Victoria. Os inimigos iaõ-se retirando para Pamplona, onde Joseph Bonaparte se achava ja encurralado, e ate onde o perseguio mui de perto a vanguarda do exercito alliado commandada pelo intrepido Graham—Victoria dista apenas 60 milhas (15 legoas Portuguezes) de Pamplona, e 70 a 80 milhas (18 a 20 legoas) da fronteira de França. Com tal exercito, e com hum tão grande General, talvez naõ seja predicção atrevida o dizer que o exercito alliado obrigará os Francezes a passar os Pyreneos.

O inimigo destruiu tambem as fortificaçoens de Pancorvo, e Miranda: tres a quatro mil homens (provavelmente do Corpo commandado por Palombino), foraõ cortados.—A divizaõ do General Clauselle perdeu 2,500 homens nos seos ataques contra o valente Mina.

A perda dos alliados tem sido insignificante; o numero de doentes diz-se, que naõ excede a 300.

SEGUNDO POSTSCRIPTUM.

Por cartas recebidas de Stralsund consta que o Principe da Coroa annunciára o começo das hostilidades entre a Russia, e Dinamarca; e entre Dinamarca, e a Suecia. Nos esperamos que os regimentos Inglezes 24—54—71— e 73 que estaõ embarcados para o Baltico, chegaraõ a tempo de operar efficásmente com os Russos, e Suecos, contra o mais fiel escravo de Bonaparte.

Este propoz que o armisticio se estendesse a seis mezes, e que no cazo de recommear as hostilidades, estas se annunciassen seis semanas antes. Os Alliados insistiraõ em que durasse somente seis semanas, e que as hostilidades se annunciassen seis dias antes. A conclusaõ está clara.

Commercio.

Preços Correntes dos productos do Brazil em 30 de Junho de 1813.

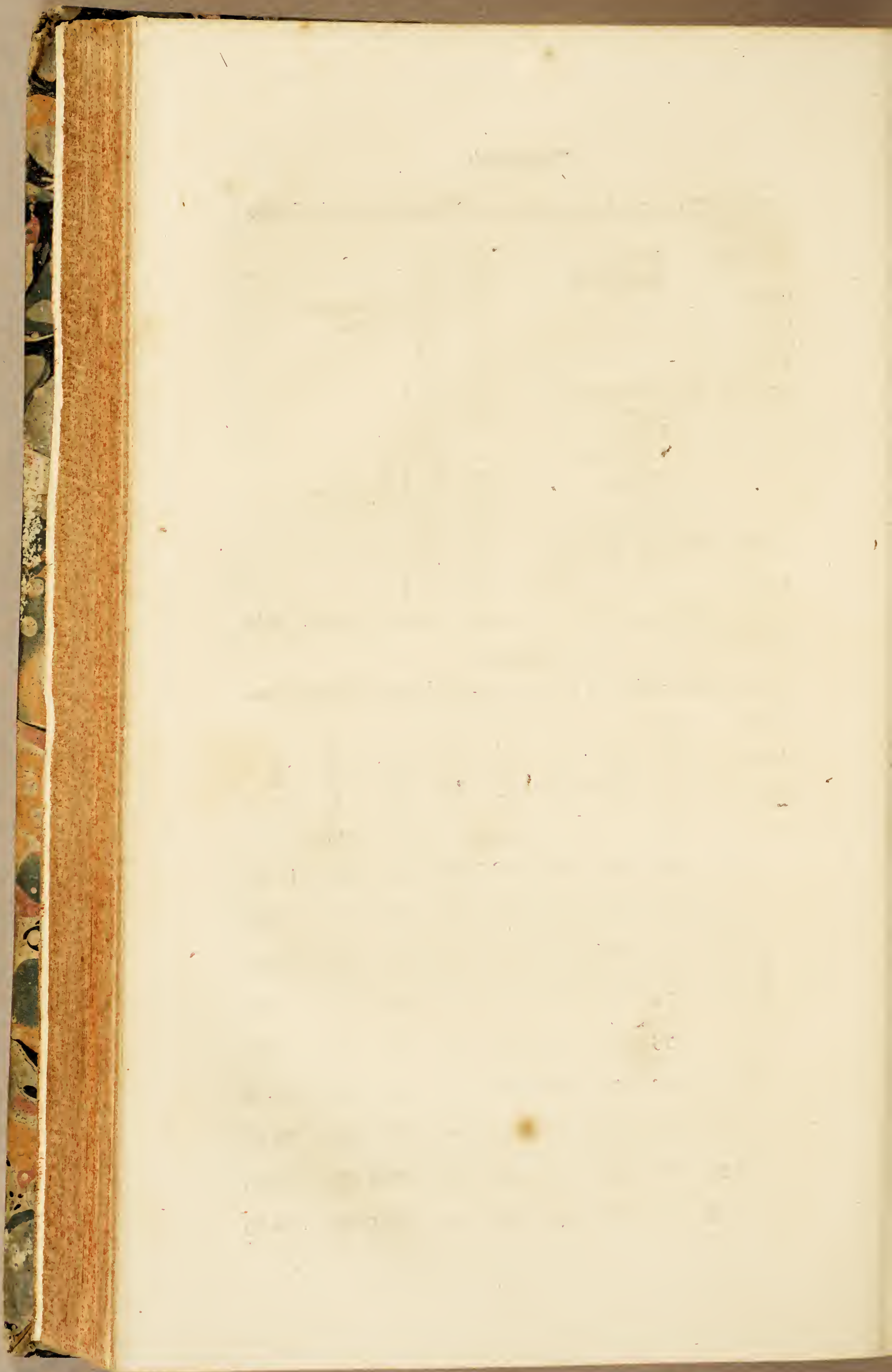
Assucar	Branco	48 a 64	Shillings per 112 lb.
	Mascavado	32 40	
Caffé		68 75	
Cacao		60 66	
Cebo		86 87	
Arrôz		50 52	Penniques por lb.
Algudão de Pernambuco		23½ 24	
	Ceará	23½ 24	
	Bahia	23½	
	Maranhão	23½	
	Minas	21½ 22	
	Pará	21 21½	
	Capitania	19½ 20½	
Couros de	Rio da Prata	6½ 8½	
	Rio Grande	5½ 7½	
Anil		24 48	

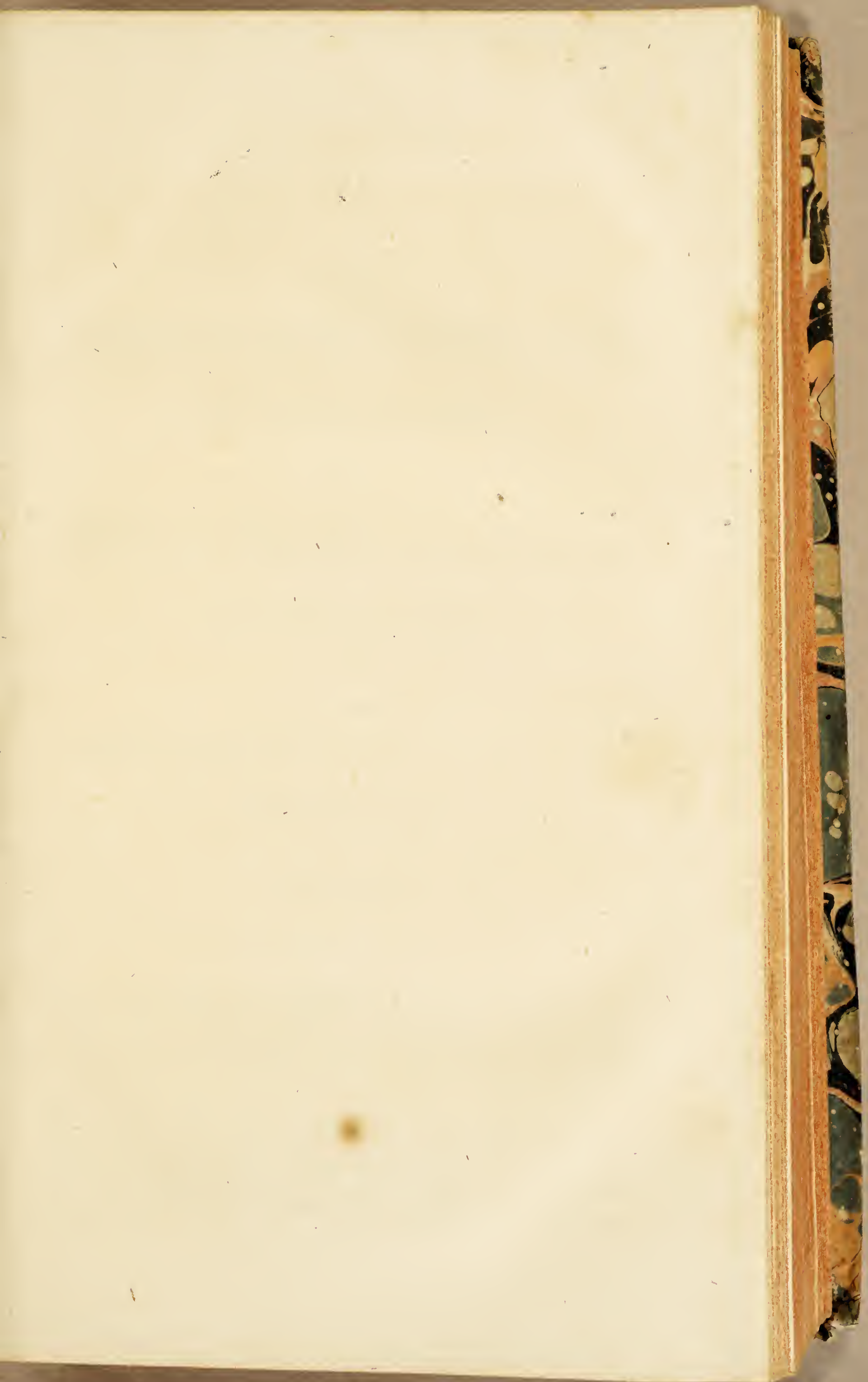
N.B. Fretes, direitos, e mais despezas pagas pelo vendedor.

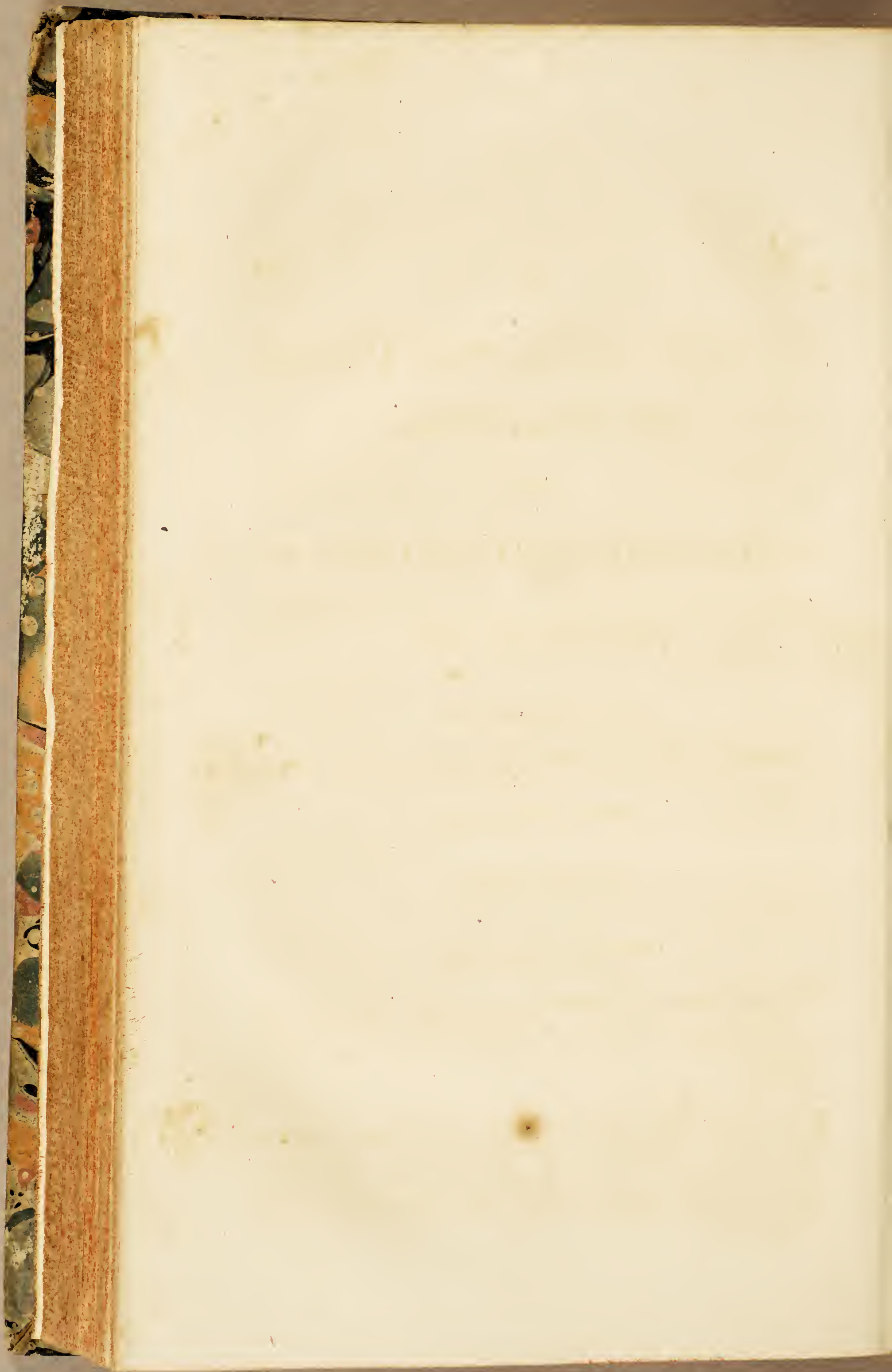
Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Datas

Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdam.	Paris.
Junho de 1813.	1.	76	76	75½	49	44	67	30-2	19-80
	5	76	76	75½	49	44	67	30-2	19-80
	8	76	76	76	49½	44	67	30-2	19-80
	11	76	76	76	49½	44	67	30-2	19-80
	15	76	76	76	49½	45	67	30-2	19-80
	18	76	76	76	49½	45	67	29-8	19-30
	22	77	76	76	49½	45	67	29-3	19-30
	25	77	76	75	50	45	66½	29-8	19-30
	29	77	76	75	50	45	66½	29-8	18-80







O
INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA,

OU
JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

AGOSTO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

BREVES REFLEXOENS

Sobre as Cortes de Hespanha, e sobre a Constituição que ellas fizeraõ para a Monarquia Hespanhola. Continuadas de pag. 624 do Vol. V. do nosso Jornal.

Em o No. XX. do nosso Jornal, desde pag. 616 ate 624 fizemos algumas observaçoens sobre o comportamento, e marcha das Cortes de Hespanha; apontamos alguns decretos (para exemplo) expedidos por ellas, que

VOL. VII. N

nos pareciaõ, e parecem ainda hoje muito injustos, e grandemente impolíticos, como tendentes a diminuir, a esfriar o patriotismo, e a excitar a desunião entre as diversas classes da Nação em hum momento, em que só patriotismo, e uniao podem salvar a Hespanha. Notamos naquelle congresso hum demaziado dezejo de governar, arrogando a si o poder Legislativo, Executivo, e Judicial; calcando aos pes, mais de huma vez, aquella mesma Constituição que hontem fez, e jurou: observámos que havia nas Cortes hum desmedido dezejo de innovar, que não pode, a nosso ver, deixar de produzir consequencias funestas: notamos em fim que se havia em geral nas Cortes os melhores dezejos, e intenções; havia tambem nellas hum partido que hade ou cedo, ou tarde produzir males incalculaveis com os seos principios falsamente chamados *philosophicos, e liberaes*. O que então dissemos tem sido desgraçadamente confirmado pela experiencia; e a mesma experiencia continuara a confirmar nossos receios, em quanto as mesmas Cortes continuarem a ser dirigidas pelo mesmo partido revolucionario, ou philosophico, por quem tam cega, e desgraçadamente se tem deixado arrastar, desde a sua instalação até hoje. Foi humsemelhante partido que sacrificou o desventurado Luis XVI., e que arrojou a Nação Franceza, a Europa, e o Mundo ao immenso pelago de horrores, e desgraças, de que se não tem podido tirar, ha vinte, e tres annos: he este mesmo partido que tem prolongado os soffrimentos da brioza Nação Hespanhola; que tem retardado a sua restauração, que fará a sua desgraça, e talvez total ruina, se tal partido continua a dirigir as deliberações das Cortes.

Naõ julguem porem nossos Leitores que somos advogados do despotismo; detestamo-lo; mas nos detestamos ainda mais que o despotismo, a anarquia: mas nos detestamos ainda mais que o despotismo, revoluções. Nos quizeramos que a fatal revolução Franceza, á vista dos seos horrores, servisse ao menos de lição proficua aos Governos, e aos Povos. Nos quizeramos que os Povos se não esquecessem hum só momento de que o peor de todos os males he huma revolução contra os legitimos Governos; e que aquelles que lhas aconselhaõ directa, ou indirecta-

mente, são os seus mais crueis, e mais perigosos inimigos: mas nos quizeramos também que os Governos cuidassem efficazmente, e como devem, em cortar abusos, que os tempos tem introduzido; que fizessem as reformas, que as circumstancias tem tornado necessarias á felicidade dos governados, para se não verem hum dia na dura necessidade de as fazer, constrangidos por algum poder estranho, o que he sempre hum mal; ou pelos mesmos governados, o que he muito peor ainda. Nos quizeramos que os Soberanos ouvissem, e attendessem, como verdadeiros Pães, aos clamores dos seus Povos; e que se não esquecessem hum só momento, de que nenhum Povo se rebella contra o seu legitimo Governo, quando he feliz. Nos quizeramos, em fim, que desaparecesse essa abominavel raça de intrigantes, e lizongeiros que achão bom quanto se tem feito, e faz; que não deixão chegar a verdade ao throno; e que se extinguisse com ella a outra mais abominavel ainda, e mais perigosa, dos que só pregaão, e inculcão huma innovação total, e a que vulgar, e propriamente se chama *revolucionarios*. Passemos á Constituição.

Esta he dividida em quatro partes. A primeira comprehende o que corresponde á Nação como Soberana, e independente; e debaixo deste principio a Constituição lhe dá o poder legislativo. A segunda estabelece o que pertence ao Rey, como tendo parte no mesmo poder legislativo, e como depositario do poder executivo em toda a sua extensão. A terceira trata do poder judicial delegado aos Juizes, e Tribunaes. A quarta trata do estabelecimento, uzo, e conservação da força armada, e da ordem economica, e administrativa das rendas, e das provincias.

Não cabe nos limites do nosso Jornal fazer huma analyse rigorosa, e miuda de toda a Constituição; nem mesmo a poderiamos fazer, quando o intentátessemos: mais de huma vez temos dito, que não temos a louca presumpção de que nossas opinioens sejaão sempre acertadas, ou as melhores em objectos pertencentes aos nossos estudos; quanto mais naquelles, que por simples curiosidade temos estudado. Examinemos pois, como promettemos, alguns artigos da Constituição, e seja o primeiro o

ARTIGO 3

“ A Soberania reside essencialmente em a Nação, &c.

Este artigo he o resultado do que se tem escrito sobre a historia da Sociedade, sobre os principios dos Governos, e das leis: tudo quanto o celebre Rousseau disse no seu discurso sobre a desigualdade dos homens não he mais que o desafogo de hum philosopho que aborrece a Sociedade, cuja necessidade todavia não pôde negar. Tudo quanto elle disse e desenvolveo no seu *Contracto Social* he pela maior parte ociozo, inutil, impraticavel, ou prejudicial. Desgraçadamente porem elle tem servido de texto; e nem a triste experiencia de 23 annos tem desenganado os entusiastas da reforma geral do genero humano! Sera isso hum effeito de cegueira, ou de perversidade?

Tudo quanto Rousseau, e seos apaixonados tem dito sobre a origem das Sociedades, dos governos, e das leis, não vale o que em poucas palavras disse Montesquieu, que tinha estudado mais o homem practico, do que o homem theorico, ou metaphisico—“ Jamais, disse este grande Politico, tenho ouvido fallar de *direito publico*, sem que seos authores comecem por averiguar extensamente qual foi a origem das Sociedades; o que me parece ridiculo. Se os homens as não formassem, se elles se separassem, e fugissem huns dos outros, seria justo averiguar a razão disto, e examinar o motivo porque se conservavaõ separados: mas todos elles nascem enlaçados huns com os outros. Hum filho nasce, e continua a viver ao lado de seu Pai: eis aqui a Sociedade, e a cauza da Sociedade.” Quanto melhor não seria que o partido falsamente chamado liberal, e philosophico das Cortes de Hespanha, em vez de se afferrar á fatal doutrina de Rousseau; em vez de declarar a Soberania do Povo Hespanhol, para melhor o escravizar; se occupasse, como Montesquieu, em averiguar, como as leis positivas, nas Sociedades existentes, podem depender da forma de governo, dos costumes do povo, (costumes que se não mudaõ de repente) dos circumstancias fisicas do paiz, e dos acontecimentos historicos? Rousseau, pondo de parte todas estas considerações,

quize mostrar os principios pelos quaes se tinhaõ unido os homens em Sociedade, e o fim a que se propunhaõ nesta uniaõ, e os melhores meios de obter este objecto, independentemente de todo e qualquer cazo particular. O philosopho de Genebra partio do principio de que a Sociedade subsiste por hum consentimento geral de todos os membros, e por isso quize averiguar debaixo de que condicoens deveriaõ os homens celebrar este contracto, e que meios tinhaõ para o fazer cumprir. Este trabalho a que os innovadores, e reformistas do genero humano daõ o mais alto apreço, he, na opiniaõ do sabio Montesquieu, evidentemente ociozo, e inutil; e nos acrescentamos, que elle tem sido perniciozo, e fatal em suas consequencias praticas. Ninguem ignora que a Sociedade existe pelo mutuo consentimento de seos membros: mas tambem todo o mundo sabe, que este consentimento, ou contracto he, e tem sido sempre tacito, e consequentemente não tem realidade. A Sociedade, em abstracto, he o resultado do consentimento de todos os seos membros; mas na realidade ella provem de que muitas pessoas, ja anteriormente unidas em Sociedade a que podemos chamar natural, chegáraõ a hum paiz, estabeleceraõ-se, tiveraõ filhos, e propriedades, hum governo, e costumes communs. Aquelle, ou aquelles que pertenderem dar e estabelecer hum bom regimen politico a esta Sociedade, regimen tanto mais difficil quanto a Sociedade for mais numeroza, devem partir destes dados positivos: o contrario he loucura.

Rousseau mesmo conheceo a final os vicios da sua theoria, e do seu methodo, conheceo que era impraticavel, e perniciozo; e por isso no seu livro sobre a Polonia, longe de recorrer ás suas abstracçoens, e as suas theorias, só procurou achar meios de estabelecer hum bom governo, não fundado sobre a Soberania do Povo Polaco, mas sobre o character daquelle Povo, suas antigas leis, e suas circumstancias particulares.

Que esperaõ pois as Cortes de Hespanha com a sua declaracão de Soberania do Povo? Não estaõ ainda dezengandas com a fatal experiencia de 23 annos? São tão cegas que ainda não conhecem que não he esse o meio de remediar os males da Hespanha: pelo contrario, que he esse o modo de os fazer crescer e

perpetuar? Não prevem que o Povo, entendendo o artigo ao pé da letra; e vendo-se transformado, como por encanto, de escravo que era como elles dizem, em Povo Soberano, cahe necessariamente n'hum de dois extremos? queremos dizer, que ou zomba dos decretos, assentando, que como Soberano pode deixar de os cumprir quando quizer, e que não tem respeito algum aos seos representantes, que elle olha como creaturas suas, e seos dependentes; ou passa a ter nelles huma cega confiança; e que isso o conduz a não tomar precauçoens contra o despotismo, que em pouco tempo o torna mais escravo do que era d'antes?

Os revolucionarios de Caracas proclamáraõ a Soberania do Povo: e que tirou disso o Povo? Os revolucionarios de Buenos Ayres proclamaraõ a Soberania do Povo: e que fructo, que bens tirou disso o Povo? As Cortes de Hespanha proclamáraõ a Soberania do Povo; e que fructo, que bens tem ate hoje tirado o Povo Hespanhol? E que fructos tirará? Os mesmos, que tirou o Povo Francez!

ARTIGO 12.

“ A Religião da Nação he, Hespanhola, e *sera perpetuamente* a Catholica Apostolica, Romana, unica, verdadeira, &c.

Eis aqui a intolerancia convertida em Lei fundamental do Reino! Os legisladores de Hespanha não podiaõ considerar este artigo constitucional senão de baixo de dois pontos de vista, queremos dizer, ou como religioso, ou como politico. Se como religioso, nada nos parece mais opposto á Religião de Jesu Christo, do que a intolerancia; e atrevemo-nos a desafiar esse augusto congresso, para que nos mostre huma só passagem do Novo Testamento, ou huma decizaõ da Igreja, em que se mande aos Christaõs que sejaõ intolerantes, e que se proponha a intolerancia, como hum artigo de fé.

O Divino Author da Religião que professamos conhecia melhor que todos a homens o coração humano: elle conhecia, que a intolerancia, longe de fazer bons

christaons, longe de fazer bons cidadaons, so cria hypocritas, peste a mais terrivel da Sociedade: por isso Jesu Christo, ate pela sua tolerancia, foi hum perfeito, e augusto Prototypo, que todos os Legisladores do Universo deviaõ imitar, e seguir. Os legisladores de Hespanha seguiraõ outro modelo; e parece-nos que o zelo, e amor, que elles ostentaõ pela Religiao Catholica, Apostolica, Romana he taõ sincero, como o que elles tem pelo desventurado Fernando VII.; ou taõ puro, como o que a Convenção nacional tinha pelo desgraçado Luis XVI.

Este artigo pois considerado debaixo de hum ponto de vista religioso, estabelecendo, como estabelece a intolerancia, he a nosso ver, diametralmente opposto á verdadeira doutrina de Jesu Christo: elle nao pode deixar de criar na Hespanha milhares de hypocritas, que acostumados a sacrilegios, e perjurios, se convertem em outros tantos monstros, para os quaes nada ha de sagrado no Ceo, ou na terra. Roma, a mesma Roma tem dado em todos os tempos exemplo de tolerancia, naõ so permittindo synagogas aos Judeos, mas cohibindo constantemente a Inquizição, cujos processos em nada differiaõ dos processos Civiz. Roma a mesma Roma tomou outrora o mais vivo interesse pelos desgraçados Judeos de Portugal; bem que a intriga pôde zombar das piedozas intenções do Monarca, e ate dos bons desejos de Roma.

Considerado este artigo debaixo de hum ponto de vista politico, parece nos ainda peor. Nos perguntaremos somente a esses famosos legisladores da Hespanha 1. Tem a tolerancia religioza, bem entendida, suscitado alguma guerra civil, mesmo algum simples tumulto? Nunca. 2. Tem a intolerancia produzido alguma vez guerras civiz, tumultos, discordias? Muitas vezes, e guerras as mais horriveis, as mais duradoiras, as mas sanguinozas, e as mais devastadoras. 3. Quaes saõ os paizes do mundo mais felizes, aquelles em que ha huma bem entendida e amiga tolerancia; ou aquelles em que se acha estabelecido o intolerantismo? A razao diz que os primeiros; e a experiencia confirma o que a razao dicta. Como se atreveraõ pois os legisladores de Hespanha, (de quem muitos esperaõ grandes bens, e nos mui

poucos, ou nenhuns como ja dissemos), a estabelecer a intolerancia religioza em lei constitucional da Monarquia? Quanto maior louvor, nos o repetimos, não merece Sua Alteza Real do que esse decantado congresso, não somente em permittir que os Ingleses tenham em todos os territorios Portuguezes Igrejas, e Capellas; mas tambem em determinar que em Goa, e suas dependencias haja a *livre Tolerancia de todas quaesquer seitas religiozas* ?*

ARTIGO 22.

“Aos Hespanhoes, diz este artigo, que por qualquer linha são havidos, e reputados por oriundos da Africa, lhes fica aberta a porta da virtude, e do merecimento para ser cidadãos, consequentemente as Cortes concederão carta de Cidadão aos que fizerem serviços qualificados á Patria, ou aos que se distinguirem por seu talento, applicação, e conducta; com a condição de que sejam filhos de legitimo matrimonio, de pais livres, e que estejam cazados com mulher livre, e domiciliados nos dominios das Hespanhas, e que exerçam alguma profissão, officio, ou industria util com hum capital proprio.”

Eisaqui outro artigo constitucional o mais *antiliberal*, o mais injusto, o mais impolitico, e talvez o mais fatal para a Hespanha! Com tudo elle he obra do partido chamado *liberal* e *philosophico*, que por desgraça existe nas Cortes de Hespanha, e que as tem arrastado a decretar hum milhão de absurdos, donde tem nascidos milhoens de males! Eisaqui hum artigo constitucional, que só per si he bastante não só para prolongar a guerra civil nas Americas Hespanholas; mas ate para as separar em breve, e para sempre da Mai Patria! Oxala que a nossa predicção nunca se verifique! Mas ou nos não temos o mais leve conhe-

* Não julguem porem nossos leitores que somos inimigos da Religiao Catholica, Apostolica, e Romana: pelo contrario; nos dezeriamos que ella fosse a unica Religiao do mundo: mas nos estamos persuadidos, e mesmo convencidos, que não he por meio da perseguição, da espada, das fogueiras, e do intolerantismo, que sua adopção, e propagação geral se pode conseguir: he somente apresentando-a em toda a sua pureza, e simplicidade; he empregando todos os meios suaves da persuasão; he imitando o exemplo do seu Divino Author.

cimento do coração humano, ou este artigo constitucional he o mais funesto, que se podia decretar nas actuaes circumstancias. Dizemos nas actuaes circumstancias; porque estamos convencidos que em qualquer constituição politica, por boa que seja (doque está mui longe a de Hespanha), poucos artigos ha que devaõ ser immutaveis; poucos ha que devaõ ser eternos: e de passagem notaremos ja, que o contrario do que acabamos de dizer he hum perfeito delirio, que só podia entrar nos cerebros exaltados do partido liberal das Cortes de Hespanha, como a seu tempo demonstraremos.

Para dar a conhecer aos nossos leitores a injustiça, *illiberalidade*, impolitica, e funestas consequencias que deste artigo haõ de rezultar, naõ he necessario mais do que apresentar as judiciozas observaçoens, que muitos dos Deputados fizeraõ, quando se debateo o sobredito artigo: ellas mostraõ que ha nas Cortes homens bons, e esclarecidos; mas que debalde tem desenvolvido, e empregado razãõ, e eloquencia em seos discursos: o partido falsa, e falsissimamente chamado *liberal* e *philosophico* tem sempre triunfado: dahi em grande parte os males da Hespanha; dahi a prolongação de seos soffrimentos; dahi teria vindo sua total sujeição ao Desposta exacravel, se naõ fosse o valente exercito Anglo-Portuguez, e algumas guerrilhas; e dahi virá finalmente huma guerra civil que acabará de assolar as bellas provincias da Hespanha.

“ Hum habitante livre de S. Salvador de Congo (disse o Deputado Terrero na sessãõ de 5 de Setembro de 1811) attrahido pelos costumes Europeos, une-se aos Catholicos daquella colonia, pertencente á Nação Portugueza: recebido o santo baptismo passa a Portugal; e depois com bens que tiver, ou com outros que adquirir passa a outro ponto da Peninsula, onde, em vida Christam, com sua applicação comportamento, e trabalho subsiste por espaço de dez annos: nesta epoca he ja Hespanhol segundo a lei; com tudo este Hespanhol naõ he cidadão. Caza-se, tem filhos, que chegaõ a maior idade; e com tudo este Hespanhol, e seos filhos *naõ sãõ cidadãos Hespanhoes*: estes filhos propagaõ sua estirpe de huma a outras geraçoens: com tudo estas ultimas geraçoens, cujo pães, e avos eraõ Hespanhoes, *naõ sãõ cidadãos*. Qual he

a cauza? Que urgentissimos motivos existem para que estes oriundos da Africa sejam excluidos dos mais preciosos direitos do homem livre? Os oriundos da Africa Hespanhoes não são cidadãos: vira hum Francez, e este será cidadão: aquelles não, este sim!"

He preciso diz Juan Sintierra, que se provem mui poderosas razoes de conveniencia para justificar esta conducta em hum congresso, que se tem declarado *Soberano a titulo de Adam, e Eva*; quero dizer debaixo do titulo, ou pretexto que os homens não são huns mais do que outros, e que ninguem os pode mandar, sem seu proprio consentimento Milhoens de Hespanhoes livres, nascidos em Hespanha não serão cidadãos, nem elles, nem seos filhos, nem seos netos, *et nati natorum, et qui nascentur ab illis*: todos serão mulatos, de mão sangue, &c.

"O Grande, disse o *Deputado Uria*, o nobre, e o cidadão poderaõ dizer ao lavrador, e ao artista, que são elles os que desempenhaõ os cargos mais difficeis do governo, os que velaõ na conservação das leis sobre a recta administração da justiça, e sobre a segurança commum; que seos talentos conservaõ o decoro da Patria, e o da Sociedade: mas tambem os outros poderaõ responder-lhe de huma maneira sem replica que são elles os que proporcionão á Patria a abundancia, que mantem a sociedade com o suor do seu rosto, que lhe subministraõ os generos para adornar-se, e quanto he necessario, util, e commodo para a mesma sociedade. Esta linguagem que he certa em toda a parte, o he muito mais na America. Nossas castas são as depositarias de todo o nosso bem, e felicidade; ellas nos subministraõ braços que cultivaõ a terra, que produz seos abundantes fructos: são ellas que das entranhas da terra nos extrahem, á custa d'imponderaveis trabalhos, e fadigas a prata que anima o commercio, e que enriquece a V. M. Sahem dellas os artistas; prestaõ-se a qualquer trabalho publico, e particular; servem nas armas em aquelles paizes, e são actualmente a robusta columna de nossa defeza, e dos dominios de V. M. onde se disparaõ os formidaveis tiros da insurreiçaõ de alguns de nossos irmaõs."

"Não fallarei, disse o *Deputado Gordoia*, sobre os

direitos da igualdade, tão reclamada neste augusto Congresso ; nem sobre a monstruosidade, (tal he para mim), que me apresenta as Americas pelo aspecto que tomo neste artigo, pelo qual apparecem gozando o doce titulo de cidadaons todos os que compoem as classes precisamente consumidoras ; entretanto, que os que compoem as classes productoras, quero dizer, as mais dignas, ou com mais justiça (fallo da justiça, e dignidade relativas ao objecto, e ao fundamento), para obter este titulo, se achão despojadas delle !..... Seu character não he o que communmente se crê ; sua constituição phisica, e moral ; sua docilidade, e intelligencia ; sua industria, e mais qualidades, lhes dão hum character digno de interessar a attenção de hum Governo que pense na sua felicidade, e no bem geral da Nação.”

“ O assumpto, Senhor, disse o Deputado Castillo, he de muita importancia e transcendencia : não se trata do bem de hum, ou outro, mas sim de milhares de subditos de V. M. que povoão as Americas de Hespanhoes fieis a V. M. Alem disto, as castas são as que na America exercem, quasi exclusivamente, a agricultura, as artes, que trabalham as minas, e que se occupão no serviço de V. M. E hade regar-se a existencia politica a Hespanhoes tão benemeritos, tão uteis ao Estado ? Em que principios de equidade, e justiça se poderá apoiar semelhante determinação ? Elles pagaão contribuiçoens a V. M. : elles ajudaão a sustentar os encargos do Estado : porque razão pois, se não hade honrar, porque se não hade contar em o numero de cidadaons homens taes ?”

“ Não me valerei, Senhor, disse o Deputado Arispe, de pinturas que possaõ parecer exageradas, ou julgar-se filhas de huma imaginação exaltada, ou de hum ardente patriotismo : omittirei tambem as belissimas descripçoens, que dessa apreciavel classe de gentes fazem celebres authores Americanos, e estrangeiros, para livra-los de toda a imputação ; e somente lançarei mao da que faz hum Europeo, que se diz conhecedor da America, e do character de suas gentes ; e que parece ter algum credito em Cadiz. Fallando das Castas diz em hum dos seus impressos — (permitta-me V. M. que eu leia suas proprias palavras — São a mais apreciavel parte do povo ; a mais amante

dos Europeos ; a mais laborioza ; a que tem pelejado com o maior denodo a favor da Hespanha na revolução ; a mais desattendida por não ter propriedade territorial, nem protecção em suas manufacturas. São (a maior parte) de tão boa presença como nos ; de hum espirito brioso ; que não conhece o medo ; de huma docilidade ao mesmo tempo que os recommenda sobre todos os habitantes das Americas Hespanholas : cala nelles a razão summamente reconhecidos ao bem, o distinguem do mal com o melhor discernimento, &c.

“ Taes são as castas. Aqui tem V. M. huma sufficiente idea para formar hum juizo das cartas da America. Quando se podesse imputar alguma parcialidade a seu author, eu posso assegurar que não seria a favor da America.”

Debalde, nos o repetimos, se empregou razão, e eloquencia a favor dos melhores, mais numerozos, mais uteis, e mais fieis vassallos de Fernando VII : debalde todos os Deputados da America reclamaraõ a igualdade de direitos entre Hespanhoes Europeos naturaes, e *habitantes livres* da America : debalde exigiraõ elles, que no censo que devia servir de base para a nomeação dos Deputados, se contasse indistinctamente com todos os vassallos do Rey, que eraõ livres : debalde disseraõ elles que todas as provincias da America, dequem eraõ orgaos legaes, dezejavaõ, queraõ, e *julgavaõ de justiça a reintegração de todas as castas nos direitos de cidadão*. O partido falsa e falsissimamente chamado liberal, e philosophico, á frente do qual se acha o Deputado Arguelles, triumphou : decretou-se o artigo 22 que he o cumulo da injustiça, e da impolitica. E quaes seraõ as consequencias deste monstruozo, e fatal decreto ? Excitar huma funesta rivalidade nas castas, e hum odio justo, e eterno contra o resto da população ; originar desastres incalculaveis, que necessariamente deve produzir a negativa de hum direito commum a todos : espalhar a semente da qual infallivelmente haõ de brotar ou cedo, ou tarde os horrores de huma guerra civil mais ou menos violenta, ou desastrosa.

Nos sentimos que os limites do nosso Jornal nos não permittaõ transcrever aqui os bellos discursos que se recitaraõ, e em que se perorou a cauza das castas da America : tudo foi baldado ; o partido falsa, e falsissimamente chamado liberal, e philosophico fez

passar o artigo ; e basta o simples enunciado delle para se conhecer que elle he injustissimo, illiberal, e impolitico ; que elle não fará mais do que provocar o resentimento das castas, cujo numero de individuos sobe a mais de oito milhoens ; e isto n'hum momento em que toda a America Hespanhola arde no espirito de independencia. Essa facção, que tantos delirios tem feito decretar, nem ao menos se lembrou que as *castas* necessariamente haõ de seguir a quem as honrar, e aborrecer aquem as insultar : nem ao menos se lembrou, que hum taõ monstruozo decreto fornece aos chefes revolucionarios da America Hespanhola as mais poderozos armas contra as Cortes de Hespanha !

(Continuar-se-ha.)

MEMORIA

Para servir de continuacão á obra intitulada — Direito da Nação Siciliana a viver debaixo de hum Governo constitucional ; por M. V. S.

NAõ se deve jamais esperar ler alguma coiza interessante a respeito das mudanças politicas, que se acabaõ de fazer em Sicilia, huma vez que se não ponha de parte todo o prejuizo *pro*, ou *contra* os partidos, que alli se fazem mutuamente a guerra, hum a favor da liberdade ; e outro pela *apparencia* do governo absoluto, ou despotismo. Digo *apparencia* ; porque na realidade, ja se não cré possivel que existão homens, que consintão viver sem leis, sem segurança, e sem independencia do poder arbitrario. Na effervescencia das paixoes, cauzadas pelas mudanças politicas, a verdade dos factos soffre sempre alteraçoes, que provem de interesses oppostos. A posteridade conhece sempre melhor, que os povos contemporaneos os detalhes das revoluçoens ; porque ordinariamente não he permittido ao historia-

dor, que escreve os acontecimentos do seu tempo, romper o veio de certos mysterios que a politica manda respeitar. Ignorando-se a conducta privada de certos individuos a quem estas mudanças se devem, e que preparáráo lentamente os materiaes de grandes acontecimentos, não se conhece mais que os effeitos que produz a nova ordem de coizas, sem poder ainda descobrir as verdadeiras causas. Mas o Politico habil, do fundo do seu gabinete, desenvolve com destreza, e prudencia a longa cadeia dos acontecimentos, e não pára senão quando tem descoberto, e attingido o seu principio, ou origem.

As revoluções dos Estados formão a epoca mais interessante da historia das Sociedades. Não ha hum philosopho, nem hum homem de Estado; não ha povo algum que as não deva estudar, ou seja para conhecer seos erros, e evita-los; ou seja para as admirar, e imitar em occasião propria. As Nações, bem como os individuos olhaõ-se reciprocamente, examinaõ-se, aproximaõ-se, ou afastaõ-se; e a conducta de hum povo he, ordinariamente, o modelo da do outro.

As Nações modernas, que conhecem o valor da liberdade, e que experimentaõ as suas doçuras admiraõ ainda hoje as bellas epocas das republicas da Grecia, e da Republica Romana. Só o despotismo he que se esforça para as fazer esquecer, porque nada faz tremer tanto o coração dos tyrannos, como a historia de hum povo livre.*

A revolução da Sicilia, que se não deve chamar verdadeiramente revolução, mas huma regeneração salutar, sabia, tranquilla, e grande, pela marcha regular que o engenho de certos cidadãos distinctos lhe imprimio, e fez seguir; esta regeneração, que deo ao Povo mais authoridade, e representação; aos pares mais dignidade; ao Rei mais segurança para seu throno, e mais força como chefe de huma Nação livre: esta nova organização constitucional que merece muito maior admiração, que muitas outras revoluções, he ignorada n'huma grande parte do Continente, em que

* Eis aqui porque o tyranno da Europa tem mandado costar nas diferentes edições, que se tem feito dos historiadores Romanos, tudo o que lhe não agrada; o que torna taes edições de nenhum preço.

Os Redactores.

a politica do despotismo obsta a que os principios da verdadeira liberdade, fundada sobre a harmonia, e balança dos poderes, possam diffundir-se, e espalhar-se.

A Italia, este bello paiz que tantas vezes tem sido a patria da liberdade, e que tantas vezes tem visto *reforjar* os ferros que tinha quebrado; a Italia que, ao ouvir o simples nome de huma liberdade illuzoria, prometida por conquistadores anarchistas, e despotas ao mesmo tempo, se alistou logo debaixo de suas bandeiras; e que depois d'enganada, e empobrecida, supporta agora a mesma desgraçada sorte dos povos escravos, e submettidos: a Italia ignora hoje o bello destino da Sicilia: e desde a convocação do parlamento ate o estabelecimento da nova constituição, os papeis publicos do continente não tem dito huma só palavra a respeito desta Ilha.

Com tudo he preciso dar a conhecer ás outras Nações, principalmente á Italia, que tem sempre respirado independencia, os verdadeiros acontecimentos, que tem mudado o governo absoluto em huma sabia constituição. He hum dever de toda a Nação, que sabe proteger os direitos de seos cidadãos, esclarecer os outros povos a respeito dos meios de que ella mesma se tem servido para restabelecer com sabedoria a balança dos poderes, e para garantir com juizo esse contracto social, que tão frequente, e tão recentemente ainda em França, não tem feito mais que servir de pretexto a roubos, assassinios, e á anarquia.

Apenas se annunciaraõ os projectos de restabelecer na Sicilia a antiga Constituição deste reino, e de lhe ajuntar as vantagens da de Inglaterra; os papeis publicos de Napoles julgaraõ que podiaõ impor aos Sicilianos, e fazer impressaõ em seos espiritos, advertindo-lhes que esta revolução se não faria, senão á custa da tranquillidade do paiz, e da lealdade de seos habitantes. A experiencia provou o contrario. Eu vou traçar o quadro desta revolução com a rapidez, e nos limites de hum simples esboço.

Na minha primeira Memoria cheguei ate a desgraçada epoca, em que impozicoens arbitrarías, a venda dos bens das universidades, e a prizaõ dos Baroens, acabavaõ de ter lugar. Examinei entaõ qual era o estado politico deste reino, e qual devia ser a consequencia da

infracção das leis fundamentaes da Nação, e da deportação dos defensores de nossos privilegios, e immuni-
dades. Agora he preciso seguir a marcha dos acontecimentos, e analizar as cau-
zas, que os tem produ-
zido.

A Inglaterra, posto que intima alliada da Sicilia, não tinha tomado alguma parte no que tinha acontecido; mas ella não podia ver por mais tempo com olhos indifferentes o estado infeliz desta Ilha, nem estas medidas violentas, que, desconcertando a ordem social, a enfraqueciaõ por meio de perturbaçoens internas em hum momento em que ella devia estar forte para repellir hum inimigo, que a ameaçava a tres milhas de distancia.

Desde o mez de Julho de 1810 a Inglaterra não podia estar contente da conducta da Corte de Sicilia. A negligencia, e descuido com que esta ultima olhou os esforços que os francezes empregaraõ para fazer hum desembarque nas costas de Messina, tinha dado ao Governo Britanico a primeira suspeita a respeito dos principios politicos do Ministerio Siciliano. A segurança desta Ilha interessava por certo a Inglaterra; e os subsidios que a Gran-Bretanha pagava a El Rey Fernando, davaõ-lhe indubitavelmente o direito de vigiar na tranquillidade, e força deste paiz.

Hum só, e attento golpe de vista que o Ministro Britanico lançou sobre a situação dos negocios deste reino, lhe fez conhecer os perigos a que a Ilha, e seos habitantes estavaõ expostos.

A policia estava nas maõs de Napolitanos, que se achavaõ em correspondencia com os inimigos, o que fazia com que os espioens da costa opposta podessem desembarcar impunemente nas praias da Sicilia.—As tropas não eraõ pagas.—Alguns regimentos eraõ commandados por pessoas que exprimiaõ em altas vozes seos dezejõs de que os inimigos desembarcassem.—Todos os dias se descobriaõ projectos de insurreiçaõ, organizados por pessoas mal intencionadas.—Descobrio se, sobre tudo isto, o plano de huma conspiração organizado em Messina, cujos detalhes a politica não permite ainda publicar, nem revelar seos verdadeiros authores. Esta descoberta veio espalhar huma nova

luz sobre a verdadeira situação em que os alliados se achavam.

A divida publica, que a todo o momento crescia : o governo a ponto de fazer banca rota ; finalmente o acto despotico da prizaõ de cinco cidadãos distintos sem alguma forma de processo, e sem que se lhes imputasse outro crime que o de ter feito respeitadas representações a respeito da infracção das leis constitucionaes do paiz.—Eis aqui o que assustou, e indignou os Inglezes. A desgraçada situação de hum estado alliado sem leis, sem segurança publica, sem força, sem meios ; a desgraçada situação de hum governo sem politica, sem principios, arbitrario, traidor, e corrompido, os fez resolver por fim a encarregar-se da protecção de huma nação, cuja triste sorte estava abandonada á impotencia de todos os meios que o poderiaõ ter mudado.

O Ministro de Inglaterra, depois de conhecer por si mesmo os males, e as desordens deste paiz, e não se julgando sufficientemente authorizado para fazer as mudanças necessarias, e applicar os remedios que as circumstancias exigiaõ, fez huma viagem a Londres, para pintar ao Ministerio Britanico o verdadeiro estado da Sicilia.

A Inglaterra sempre fiel em seos principios, quiz consultar o procedimento que os Baroens tinhaõ tido para obstar aos abuzos do poder arbitrario ; e vendo que estes verdadeiros Cidadãos só tinhaõ reclamado a execução das antigas leis do seu paiz, fez pedir, na volta do seu Ministro que foi encarregado com plenos poderes, a abolição do novo direito de hum por cento, a restitução dos Baroens desterrados, e que o Governo fosse entregue ao Principe Hereditario com o *Alter Ego*.

A medida de pôr á frente dos negocios o Principe era indispensavel ; porque o afastar o Rey do Governo afastava tambem a influencia que a Rainha tinha no Gabinete ; e a esta funesta influencia he que eraõ devidos todos os passos errados que se tinhaõ dado.

Na Corte de Sicilia havia somente o Duque de Orleans que fallava a linguagem da verdade, e que altamente desapprovava todos os procedimentos injustos que os inimigos da Nação aconselhavaõ a El Rey.

Este Principe instruido, e leal previo as consequencias funestas, que haviaõ de resultar de huma politica insensata, que pertendendo estabelecer o poder absoluto, nada mais faria doque preparar a queda da monarchia. Elle teve o nobre valor de fazer vivas representações a respeito das desgraças, que a ordem de coizas, que se intentava estabelecer, cauzaria infallivelmente á Familia Real.

Todas as pessoas que o sabio Ministro Inglez consultava, só tinhaõ por objecto o bem da Patria. Seu plano era fundado em principios da mais luminosa politica. As leis da Nação tinhaõ sido seu guia: estas antigas leis se achavaõ conformes ás primeiras instituções da Constituição Ingleza: o direito publico da Sicilia era fundado nas mesmas bases que o da Gram-Bretanha. O exemplo em fim da Nação a mais esclarecida, a mais rica, e a mais livre, os decidio a propor á Nação o plano de huma forma de governo perfeitamente analogo ao de Inglaterra, unico, que podia ajustar-se com as Leis dos Aragonezes, e adaptar-se ás circumstancias politicas deste reino.

O Principe de Belmonte tinha a pasta dos negocios estrangeiros, o Principe de Castelnuovo a das finanças, e o Principe d'Acì a da guerra.

Os primeiros dias deste novo ministerio foraõ assignalados pela convocação de hum Parlamento extraordinario, que o Rey declarou ter convocado para corrigir os abuzos que se tinhão introduzido no Governo, e para formar novas leis.

Aqui principia a apologia dos Ministros, principalmente a do Principe de Belmonte, que por suas qualidades tinha merecido a confiança do Ministro de Inglaterra.

Eu ja disse, e o repito que a posteridade conhecera melhor doque nos os detalhes desta revolução; porque aquelle que deve escrever as memorias de hum grande homem, não o deve fazer, senão depois da morte deste, para não ser accusado de lizonja, ou pelo menos de parcialidade. Mas quanto á homenagem do reconhecimento que lhe he devido por tudo o que lhe custou, e pelos obstaculos que elle teve de vencer para obter a liberdade á sua patria; he preciso que esta lhe seja dada pelos amigos do bem publico no

mesmo momentô em que elle a mereceo, e a merece. Os envejosos, e os inimigos da Nação procuraõ denegrir sua virtude; a verdade o vingara, e o monumento da liberdade sempre existente em a nova Constituição, sera o mais bello testemunho dos serviços, que elle fez ao seu paiz.

Os representantes do Povo, antes da convocação do Parlamento, não existiaõ: os membros que depois foraõ escolhidos não tinhaõ hum plano, hum fim, huma-bussole; porque toda esta obra era somente dirigida pelos Ministros: mas logo que se annunciou a reforma dos abuzos, todos se sentiraõ animados com o enthusiasmo da liberdade, e não houve hum só membro da Camara dos Communs que nao mostrasse o mais louvavel, e prudente zelo pelos interesses da Patria.

O Principe Hereditario começava a escutar com prazer a linguagem da Constituição que se queria estabelecer. Elle gostava de se aproveitar dos conselhos dos novos Ministros; acostumava-se ás maximas patrioticas, e livres do Principe de Villaformosa, o Aristides da Sicilia, e tinha ja posto huma certa confiança no character do Principe de Belmonte, que por meio de seos energicos discursos trabalhava constantemente em destruir os antigos prejuizos.

Finalmente, depois de muitos seculos, ouviu-se pela primeira vez pronunciar, a 20 de Maio de 1812, do alto do throno a palavra Constituição. Os representantes da Nação foraõ chamados para formar leis novas: *declarou-se a Nação Soberana*, e o Principe Vigario, em sua augusta linguagem convidou o Parlamento a que se occupasse de huma nova forma de Governo. Espectaculo verdadeiramente admiravel—ver proclamar deste modo a liberdade n'huma Ilha, em o momento em que todas as Naçoens do Continente da Europa estaõ submettidas ao poder absoluto, ou á mais aviltadora tyrannia militar; onde unicamente se trata de dobrar os ferros da maior parte das Naçoens, escravas de Principes, que arrastaõ, elles mesmos, as cadeas que lhes tem lançado o Uzurpador Corso; espectaculo muito mais admiravel ainda ver estabelecer-se esta liberdade sem demandar victimas, nem ser manchado com crimes.

Debalde os amigos do poder arbitrario fingiaõ des-

prezar o zelo dos cidadãos esclarecidos, e virtuosos : debalde se procurava sustentar o poder absoluto ; debalde se forcejava publicando que tudo devia ser inutil, e que se não chegaria a formar a nova constituição, ou se acaso se formasse seria inutil : o destino da Sicilia tinha já prescrito o termo dos abuzos ; e a necessidade, esta ley irrevogavel, tinha já assignado o decreto da liberdade para a Nação Siciliana.

O parlamento ajuntou-se pela primeira vez a 10 de Julho. Naquelle dia lançou as bases da nova Constituição, e continuou depois seu trabalho ate 4 de Novembro do mesmo anno, dia em que o prorogou.

Nos vamos analizar o plano desta Constituição com imparcialidade, e examinar qual he a classe de Cidadãos que mais ganhou, e a que perdeu mais.

(Continuar-se-ha.)

OBSERVAÇOENS

Sobre o pover illimitado das Cortes de Hespanha.
(Traduzido)

. A doutrina da Soberania do Povo conduz a não tomar precauçoens contra o poder ; e por isso he pernicioza á liberdade.—Haverá muitos na Hespanha, e nas suas Americas a quem esta propozição parecerá o maior dos absurdos. Mas para os convencer do contrario, se a paixão lhes não fecha os olhos, eu quero somente que contemplem o rumo que as coizas politicas tem tomado na Peninsula.

As Cortes declararão o Soberania do Povo ; e receberão hum applauzo quasi universal por isso. As Cortes despojaraõ os Reys de Hespanha de suas faculdades, e privilegios mais essenciaes ; e sua meza se vio coberta de parabens pelo Constituição que decretou o despojo. As Cortes se constituiraõ eleitoras dos que haõ de exercer huma pequenissima parte das pouquissimas faculdades que deixaraõ ao Rey. As Cor-

tes depozeraõ huma Regencia, porque lhes não era bastantemente submissa: formarao outra debaixo da tacita condigão de perfeita obediencia—e huma multidão de vozes, e de penas, acclamaraõ esta determinação, como o triunfo decizivo da liberdade de Hespanha. A manha podem eleger hum poder executivo d'entre seos mesmos membros, ao outro dia decretar a continuação deste Congresso por tempo illimitado; e a Nação pode ver-se submettida a dozentos reis novos, que só huma revolução perigoza podera destronar. Entretanto huma grande parte dos Hespanhoes julgaõ-se livres, porque tudo se faz em nome da Soberania do Povo.

Deste modo he que hum simples nome transforma todas as ideas, ate que huma fatal experiencia as faz voltar a seu antigo rumo, quando não induz a erros contrarios. Hum Rey he despota quando sua authoridade não tem limites e hum Congresso he o prototypo da liberdade, quanto a sua he mais arbitraria.

Ha tempos que estou com a mais vehemente curiosidade por ver a determinação que estas Cortes tomaõ, quando chegar a epoca assignalada para a reunião das seguintes. Retirar-se-haõ estes representantes a suas cazas, para alli serem simples cidadãos, como o prometteraõ com tanta modestia? Deixaraõ o poder nas maõs dos novos, sem mais sujeição do que aquella que lhes impozer hum juramento de formula? Entregaraõ sua obra querida a constituição, á boa fé de seos successores? Fecharaõ os olhos á sorte que lhes possa caber com o novo governo, tendo attrahido o odio da numeroza classe, que chamaõ de *serviz*, a quem mais tem insultado que vencido?

Eu não proponho estas duvidas para fazer problematica a honra politica dos membros do Congresso, ainda que taõ fragil no commum dos homens. Meu objecto he fazer ver que o Governo actual da Nação Hespanhola he essencialmente taõ *arbitrario*, e *despotico*, como o seria o de hum Monarca, cujos vassallos não tivessem mais segurança contra seu arbitrio, que a da boa fé, sem temor de responsabilidade alguma. Taõ pouco intento com isto que o povo Hespanhol

se desgoste de seu governo, nem dê armas aos que quizerem anniquila-lo para estabelecer a antiga ordem de coizas, sem modificação alguma. Só quizerá que tanto as Cortes, como a parte saã da Nação tratassem, huns com o poder que gozão, os outros com o influxo de sua opinião, de reduzir a liberdade do Povo Hespanhol a hum justo meio, em que se ache igualmente segura do despotismo de hum Principe, e da tyrannia de huma facção.

Este ultimo he o risco mais eminente de todos os que a ameaçaõ. As imprudentes leis que as Cortes sanccionaraõ, ao principio, podem arrasta-las de hum a outro erro, ate á mais descarada tyrannia; os passos incautos dos homens sem experiencia do mundo costumaõ leva-los, e conduzi-los a crimes de que mais alheios estavaõ. Ainda quando poderamos suppo-los inteiramente despidos de vistas pessoaes; nada he mais natural que o apêgo dos homens ás suas obras, e estabelecimentos, em especial, se estes os tem tirado da obscuridade, e constituido em hum posto eminente, seja de poder, seja de consideração, e fama. Mas prescindamos tambem desta debilidade, se merece tal nome, e concedamos que os chefes do partido liberal não tenhaõ tido outro estimulo nem se tenhaõ proposto a outro objecto que o de dar á sua Patria liberdade, e independencia. Não pode imaginar-se disposição mais nobre, nem grão de virtude publica mais sublime. Tal he porem o absurdo systema, que as Cortes tem estabelecido, que nem ainda na suppozição, que fiz, estariaõ em menos risco de anniquilar a liberdade da sua Patria, do que aquelle que eu concebo que actualmente existe. Os chefes do partido dominante, e seos adherentes de segunda ordem, vem approximar-se o dia em que devem concluir sua commissão, se forem fieis ás suas promessas. A Hespanha está dividida em dois partidos, cujo odio reciproco tem crescido a hum alto grão. Os vencidos agora esperaõ anciozamente a epoca das futuras Cortes: os vencedores, por huma razão natural, os temem. Estes para ganhar a victoria contra seos contrarios tem assumido todo o poder do Estado. Se o entregaõ ás vindoiras Cortes tal, qual estas actualmente o exercem; nada pode impedi-las de destruir com elle, o que com

elle se tem edificado. Estas, e outras considerações occorrerão, cada dia, e cada hora, aos chefes das presentes Cortes. A imagem da Patrão, e a liberdade nascente, por hum lado; a do despotismo aristocratico, e religioso, pelo outro; os terãõ em continua agitação; e o amor proprio lhes dirá, mais de huma vez, em suas meditações, que ninguem pode consolidar aquelles bens, nem afogar completamente estes males, senão os fundadores da Constituição Hespanhola: que todo o meio que tender a mante-los em poder, e authoridade he hum serviço feito á Patria; e que huma usurpação temporal, que se dirija a salva-la, longe de ser reprehensivel, merecera o elogio de todos os patriotas illustrados.

Assim os estará provavelmente seduzindo o amor proprio; e seria preciso huma virtude heroica, para que, se se apresentarem meios de prestar-lhe ouvidos, sem risco, deixem de ser escutadas suas insinuações. Mas qual seria o grande mal, que poderia rezultar de que as Cortes actuaes continuassem no mando por mais algum tempo, alem do assignalado, como ja o fizeraõ depois de haverem sancionado a Constituição? Supponhamos que em vez de rezultar males, semelhante usurpação só produzisse bens:—isso provaria sempre a existencia de huma semente funesta ao bem, e liberdade da Hespanha:—isso provaria que o poder do Estado se acha de tal modo unido nas Cortes, que huma facção pode dispor delle a seu arbitrio, sem que haja outra coiza mais, que a força que o possa conter. Pode haver prova mais evidente de que a constituição actual do Governo do Hespanha he summamente defeituoza?

Se nada mais do que huma insurreição poderia estorvar estas Cortes de prorogar seu mando por tempo indeterminado; nada senão a força aberta pode obstar a que as seguintes destruão quanto as actuaes tem feito, e estabeleçaõ hum systema o mais opposto a seos principios. Pelo que pertence a direitos, em abstracto, as seguintes terãõ tantos mais do que as presentes, quanto mais regulares, e mais livres seraõ as eleições dos futuros representantes da Nação*.

* Nos ja observamos n'outra parte do nosso Jornal os males que po-

Mas qual he o tribunal em que se haõ de examinar semelhantes direitos? O verdadeiro modo de obstar ao abuso da Soberania he por corpos, ou individuos poderozos, que a exerção separadamente: he por quem resista á precipitação nas decizoens do corpo legislativo, sem que seja necessario recorrer á rebelliaõ para desfazer leis ja sancionadas; passo o mais perigozo, o mais funesto que os povos daõ: porque destroe pela raiz a subordinação, e respeito as leis, que he o principio de todos os bens das Sociedades politicas.

As Cortes Hespanholas podem sancionar huma lei da maior transcendencia em hum quarto de hora. Actualmente não ha Rey que suspenda a sancção, e as Cortes não tem querido dar esta faculdade a pessoa alguma na auzencia do Monarca; como se o conceder-lhe este privilegio fora hum favor extorquido pela necessidade, e não huma ley essencial á segurança, e bem do Estado. Eu perguntaria ás Cortes—se o *veto* Real he huma precaução necessaria contra a arbitrariedade, e precipitação em que o Corpo legislativo pode incorrer; ou se o consideraõ como hum estorvo inevitavel, hum mal necessario, que tem tido que soffrer, por que era preciso deixar alguma sombra de poder ao Rey, e porque ellas não temiaõ, que durante sua representação, houvesse quem o exercesse? Isto he o que as Cortes parece que respondem practicamente; porque a não ser assim, não teriaõ privado a Hespanha deste freio saudavel na formação, não de huma lei unica, e izolada, mas de codigos inteiros que tem feito, e estão preparando com huma precipitação mui pouco conveniente á importancia da obra.—

diaõ rezultar da precipitação e illegalidade com que as Cortes se juntaraõ, e tem procedido: dois terços, e talvez tres quartos da Nação, com effeito estavaõ, e gemiaõ debaixo do jugo Francez quando as Cortes se instaláraõ; consequentemente não podiaõ escolher, e mandar seos Deputados: as Cortes não podiaõ com os Deputados que ellas mesmas escolheraõ, para supprir a falta daquelles, interpretar legalmente a vontade dos tres quartos dos habitantes de Hespanha: e por certo que nem os verdadeiros amigos do bem da Patria, nem os apaixonados da antiga ordem de cozas, nem mesmo os intrigantes, os mal intencionados, e os infames emissarios de Bonaparte, se haõ de esquecer daquella illegalidade, nem dos delirios, medidas injustas, imprudentes, e mesmo detestaveis, que ate hoje tem decretado as actuaes Cortes.

O. Redactores.

E estes legisladores tão infinitamente absolutos são os que estabelecem, que seos successores não possam alterar nenhuma das suas leis sem que sejam passados oito annos; e isto não sem mil formalidades, e cautelas! E esperão ser obedecidos, sem duvida pelo exemplo que deixaõ de moderação, e de respeito às leis anteriores!

Se a Constituição Hespanhola se tivesse feito com a imparcialidade que convinha a tão grande obra, não haveria tanto que temer da arbitrariedade dos corpos legislativos que succedessem ao actual, inda quando não existisse o Poder Real, nem quem o representasse, como actualmente succede. Porem a maior parte das leis que as Cortes tem sancionado, tem antes o character de sentenças contra certas classes de cidadãos, do que de regras saudaveis fundadas no interesse commum do Povo Hespanhol como elle he, e não considerado em abstracto como se fosse huma collecção de homens cahidos dos nuvens, sem leis, nem costumes anteriores. Daqui vem que ha na Hespanha hum grandissimo numero de cidadãos, que não só se julgaõ despojados, mas ate insultados pelas leis que se tem feito. Se acazo (como he mui facil) houver nas futuras Cortes huma pluralidade de pessoas resentidas por cauza dos precipitados decretos das presentes; nada poderá impedir outra multidão de leis, que provavelmente seraõ tão imprudentes, e precipitadas, como os decretos de que f. llo, ainda que para hum fim contrario. Se a maioria he da mesma opiniaõ que a presente, as classes desaffectedas, que presentemente se calao, e soffrem com a esperanza das novas Cortes, augmentarao as difficuldades do Governo com sua resistencia surda, e seu desgosto; e combinado tudo com o perpetuo risco do influxo Francez ninguem sabe quaes seraõ as consequencias.

Juntemos em hum ponto só os perigos internos que ameaçaõ a Hespanha neste materia, para que se possa julgar com mais acerto a efficacia do remedio que proponho. Todos se podem reduzir a esta proposição—*Hespanha está pendente do arbitrio, capricho, e despotismo da maioria de suas Cortes, sem nenhum Poder estabelecido que moderé a precipitação, ou contenha*

a injustiça, em que pode incorrer hum corpo, que decreta á maioridade de votos, sem formas, que tornem difficultosa a intriga, e dem lugar á reflexão.

Esta propozição que a meo ver he mais evidente que a luz do dia, indica, com a mesma evidencia, seu natural remedio; e he que as Cortes dividão o poder que se tem arrogado. O melhor meio de fazello seria formar outra camara legislativa composta dos representantes da grandeza, e clero. Chamados deste modo á participação do poder politico que tem gozado desde os tempos mais remotos, pela Constituição *Hespanhola*, não se olharião como corpos offendidos no prezente estado de coizas. Suas opinioens, e interesses modificados, e equilibrados com as inclinaçoens democraticas da sala dos representantes do Povo, conteriaão esse impeto com que as Cortes actuaes vão fazendo de Hespanha a Republica mais desenfreada, que no mundo se tem imaginado: deteria os inconsiderados passos que tem levado a Nação a hum estado de anarquia disfarçada, que mina secretamente todas as suas forças, e a conserva sem aquella acção, e energia que naturalmente lhe corresponde. A Hespanha não só consta de liberaes, como lhes querem chamar, nome debaixo do qual se occulta muita ambição, muita inveja, e muita ligeireza. Ha classes numerozas, e dignas da maior consideração, que devem entrar nos interesses nacionaes com suas ideas, e inclinaçoens, quaesquer que sejam. Da mistura, e modificação de *liberaes*, *eserviz* deve rezultar a ordem de coizas que unicamente pode convir á Hespanha. No estado actual, não he a Nação *Hespanhola* quem decide a respeito da Constituição, e seu modo de existencia politica; he hum partido, que quer fundar hum Constituição a seu modo, e a despeito de outro, que se chegar a ter poder, fará o mesmo a respeito daquelle que prezentemente domina. Os triumphos, que se ganhão deste modo não produzem mais que divizaão, e desordem. Mais vale proceder para o bem n'hum direcção media, que faça mover a Nação toda; do que marchar em frente atropelando, e pizando ametade della.

Inda quando o Clero, e a Grandeza de Hespanha fossem compostos, sem excepção, de homens abso-

lutamente preocupados, deverião com toda a justiça ser admittidos ao posto que as leis de Sua Patria lhes concediaõ, leis em que nascerão, leis que os caracterizaõ como Hespanhoes. Mas o temor de que se formassem huma camara do corpo legislativo, se opporiaõ constantemente a toda a reforma util, he sobremaneira injusto, e mal fundado. Grande numero destes individuos se tem manifestado, em toda a parte em que se tem apresentado occasiaõ, amigos das novas leis: se tivessem tido hum theatro digno em que fossem quvidos; o amor da gloria publica, e o receio de ser notados com o odiozo caracter de oppressores do povo, os teria feito seos mais decididos campeoens.

Agora, abatidos como estão, escurecidos, desfigurados; nem tem gloria a que aspirar movidos por sua generosidade, e desinteresse pessoal, nem vergonha que temer por huma adhesaõ verdadeiramente *servil* ás preocupações de seos respectivos corpos. Se nas eleições para algumas das Cortes futuras estes individuos injuriados chegarem a ter a maioria, como precisamente hade acontecer alguma vez; o resentimento pode fazer mais mal em hum anno, que todas as preocupações de Hespanna juntas em huma Camara, gozando parte do poder legislativo, em hum seculo inteiro.

Acaba de publicar-se em Inglez as duas representações que os Negociantes da Bahia dirigirao ao trono contra os insultos que alguns officiaes da Marinha Ingleza tem feito á Bandeira Portugueza, bem como a breve analyse que fizemos á obra infame do Capitão de Dragoens T. A. sobre os Açores; tirado tudo do nosso Jornal. Na traducção Ingleza que nos parece perfeitamente fiel, se acha, alem de hum extenso, e notavel prefacio, e varias notas do Traductor Inglez, huns bellos versos latinos feitos á heroica reso ução que Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor tomou de abandonar os seos estados na Europa. para se não sujeitar ao Uzurpador do trono dos Burboens;

e não só pelo que elles em si mesmos valem, como por não terem sido ate agora publicados, como assevera o Traductor Inglez, merecem hum lugar em nosso Jornal.

BRASILIAE PRINCIPI.

Aspice ! Libertas Europæ cedit ab oris,
 Et Regnatores, regnaque avita cedunt.
 Jam que nimis circum Gallus pugnacibus instat,
 Successuque ferox omnia Napus habet.
 As invicta manet, tanto que Britannia fluctu,
 Eminent ea undis Insula læta caput.
 Corsiganum ridet, nulli cessura tyranno ;
 Illius haud acies insidiasve timet.
 At juvat interea sanctis me vivere thuris,
 Moesta que Romanæ fila movere lyræ.
 Heu ! quoties dolui, sortem miseratus eorum,
 Quos hostile nefas dira per arma premit !
 Heu ! quoties belli finem, requiemque malorum
 Assuevi trepida poscere voce Deum !
 Heu ! quoties prisca sub libertate tueri
 Optavi populos pace perenne frui !
 Sed jam forsitan erit melius : dum Carmina condo,
 Nescio quid solito lætius omen adest.
 Nam juvat ingentes inter spectare tumultus,
 Inter tot reges, degeneres que duces ;
 Si quis confisusque Deo, ac melioribus ausit
 Noluerit turpi colla dedisse jugo.
 Lætius omen adest, dum solor inertia vitæ
 Otia, Pierios doctus adire choros.
 Unus erit timidus qui tot de regibus heros,
 Audebit patriam non temerare fidem.
 Namque Bracantiades laudis documenta vetustæ
 Exilio major, tempus in omne dabit.
 Indignatus enim Corso servire tyranno,
 Magnanimus Princeps Luza Regna fugit.
 Luza Regna fugit, Joni* haud indigna propago,
 Et pandunt vastum per mare vela rates.
 Extra anni solisque vias clarissimus heros,
 Imperii sedem nobile littus adit :
 Brasiliæ patria profugus positurus in oris,
 Lusiadum nomen, Lusiadumque domos.

* Joannes IV. Dux Bracantiæ, et Lusitaniæ Instaurator. A. D. 1640.

At Patria est, Ubicunque bene est : ibi summa bonorum,
Immunes foedi quo licet esse jugi.
10 Cal. Jan. 1808.

No seguinte No. daremos a traducção em Portuguez
no metro do original.

*Voyages and Travels in Various Parts of the World, during
the Years 1803, 1804, 1805, 1806, and 1807. By G.H.
Von Langsdorff, Consul-General at the Brazils, &c.&c.&c.
Dedicated to H. M. the Emperor Alexander the first ; 2l.
12s. 2d. Londres, 1813. Printed for Henry Colburn,
Conduit-street.*

O TITULO desta obra, o seu author, e o preço della,
inculcão bastante : com tudo receamos que aquelles
que a lerem acharão mais de huma vez frustradas as
suas expectações, como nos aconteece.

Achamos com tudo na Descripção da Ilha de Sa. Ca-
tharina alguns detalhes Botânicos, que poderaõ inte-
ressar muitos leitores, assim como a excursão que Mr.
Langsdorff fez ao continente vizinho em busca de Bor-
boletas.

O resto do livro hé empregado em huma diffusa
narrativa das negociações, que o Embaixador Mr.
Von Resanoff teve em Nangasaki com o Governador
Japanes, a fim de obter a Audiencia do Imperador do
Japão aquem hia acreditado por Sua Magestade o
Imperador Alexandre :—e que depois de seis mezes
de illuzoens, e subterfugios lhe foi negada, assim
como rejeitados os presentes que levava para o Im-
perador.—Aquem possui toda a historia daquelle Im-
perio, depois que as Intrigas dos Hollandezes, e a sua
insaciavel cobiça lançaraõ os Nossos Missionarios fora
do Japão, e cauzáraõ huma guerra civil que exter-
minou mais de 400 mil almas, que em 1629 se con-
vertidaõ já convertidas ao Christianismo, pouca admi-
ração causará o rigor observado com os Russos ;—ape-
zar de elles levarem abordo alguns subditos Japonezes,
que tinhaõ naufragado na Costa de Kamschatka.

A excusa da Corte Japaneza fundou-se nas LL. inalteraveis do Paiz, que excluiaõ todos os Estrangeiros, que o Japão era pobre para o Commercio, mas tinha poucas precizoens defora, e que estas ilhas supriaõ os Navios Mercantes Chins, e Hollandezes.

Que o Imperador tinha dado havia 12 annos licença a hum Tenente Russo, Mr. Laxman para vir em hum Navio Mercante Russo ao Japão em paga de ter salvado alguns subditos Japonezes; mas que esta licença não s'entendia a hum Navio de Guerra, como aquelle em que vinha o Embaixador.

Alguns detalhes Geographicos podem merecer attenção: mas no total a obra parece-nos que não vale a despeza de a comprar e o tempo de a ler.

LITERATURA PORTUGUEZA.

ODE SAPHICA

Ao Duque da Victoria pelos triumphos obtidos no dia
21 de Junho de 1813.

*Quo nihil maius melius ve terris
Fata donavere, bonique Divi
Nec dabunt, quamvis redeant in aurum
Tempora priscum.*

HORAT.

OUTRA vez, lyra, se renove o canto
Que a illustres feitos consagrara Phebo;
De novos echos se triplique o estrondo
D'inclytas armas.

Do mesmo ramo, mas de novo adorno
São hoje as palmas, que entretece a gloria.
Mais rico o esmalte que hoje a tez guarnece
Do Heroismo.

Na bronseá tuba, que domando a morte,
Vingou Ilion d'Achillea raiva ;
Na que susteve da cahida Roma
Posthuma fama,

Jamais hum Nome resoou tão grande,
Jamais triumphos retinir se ouviraõ,
Como os que ostentaõ de Wellington preclaro
Nome, e façanhas !

D'Hydras medonhas, de Cerastes feas
Cerebro horrendo, ignivoma chymera,
Naõ venceo tanto, quem domou sem medo
Rabidas iras.

Qual densa nuvem, que a procella urdindo
Fermenta o raio, turgida crescendo ;
De Artur potente se condensa, e estoira
Fero o Mavorte.

Luzas phalanges, esquadroens Britanos,
Que em porfiar nenhuma força iguala,
De Iberia tropas, que ja manda ufanas,
Rapido move.

Ja voa, chega ; e mais veloz que Cezar
Lucta, e victoria de hum so golpe abrange ;
Trinas bandeiras despregando arvora
Trino triumpho.

Mais amplo estrago, mais pavor dardeja
Que a Maõ de Jove o fulminante braço ;
Cahe a ruina sobre as impias turmas,
Treme o Tyrano.

Largando o sceptro, que o terror sustinha,
Payido o fero usurpador desmaia ;
Do campo onde armas e suberba deixa,
Timido foge.

Com som tremendo que se eleva aos astros
Baqueia, expira a Authoridade intrusa,
Estala o sceptro que aos grilhoens mais fortes
Ligara o crime.

Eia, levanta a já liberta frente
Da praga, Hespanha, que assolou teu seio,
Que d'entre as sombras extrahio do abismo
Corsica raiva !

Folga ! que em breve a perdição topando
Veras o resto das nefarias hostes,
Que a teu recinto Aleivosia negra
Trouxe sedentas :

Folga ao triumpho, que restaura a gloria,
Das tuas armas, que o saber já regra,
Mas não malogres da victoria fructos
Retrocedendo.

Nem caminhando pela errada senda,
Que a mão te abra de inexperto orgulho,
Que Herculeas forças em teu nobre seio
Rude abafava.

De teos desastres reconhece a origem.
Vencer te sempre barbaros poderaõ,
Sempre que preza de hum Governo ignavo,
Mizera ! foste.

Venal torpeza, sordida Cubica
O altar manchando, invilicendo o throno,
De Inercia e lucto sobre ti lançaraõ
Duras algemas.

Do Bigotismo no regaço ignobil,
Languida, inerme dormitando idades,
De erros tyranos ao flagelo exposta,
Triste gemeste !

Mas folgá ; e prompta segue a voz potente,
Que te acordou do sepulchral lethargo,
A voz que ao campo te guiou desperto
Brio nativo.

Do heroico braço, que teos ferros quebra,
Recebe o impulso á liberdade grato ;
Da mão aprende, que a victoria rege,
Bellicas artes.

Vence com ellas oppressores bandos
Vence c'os Luzos, que no exemplo mostraõ
Obediencia, lealdade pura,
Nobre coragem.

Hum povo heroico de seu nome altivo
Com chefe extranho em combater se exalta;
Pois que so lucta por suster sem mancha
Sua nobreza.

Tal sempre o Luzo, tal tem sido o Hyspano,
Quando inattento a hypocritos clamores
Da voz da honra nas Mavorcias lidas
Deixa guiar se.

Tu, Arte illustre que o valor diriges,
Tu so mantens de liberdade o gozo.
Sem ti a força com furor nutrirá
Guerras eternas.

Mas a Maõ sabia que formou dos entes
No antagonismo a bellica estrutura,
N'Arte da guerra, do equilibrio roto
Trouxe o reparo.

Arte Divina! pois que sem teu culto
De vis tyranos a Virtude he preza,
He d'Arrogancia a candida Innocencia
Victima triste!

Rege dos Luzos sempre o nobre instincto,
Rege o valor do Hyspanico Soldado;
D'aquem nas plagas de Pyrene assenta
Fixa morada.

La brilha o chefe, que tens mais illustre,
Ceos? quanta gloria, quantos bens á terra
No heroe das hoje, que á victoria prende
Triplice Laço?

Que honra se deve ao triumphante Apoio
Do Tejo, do Ebro? A' exterminante dextra,
Que alem repelle da barreira Hyspana
Gallicas hostes?

Ah! deixa illustre Wellington ah! deixa
Que te orne a frente triplice grinalda
Da Luza—Ibera—e da Britana gloria
Craza deviza.

Cinge esse emblema d'Alliança estreita
Que em laço eterno tres naçoens ligando
Geriaõ novo insuperavel cria
Da liberdade.

Em quanto pois dos Pyreneos troando
Repulsas monstros, que arrojou o Averno,
E como do Eden Cherubim fulguras,
Inclyto Guarda.

Em quanto sobes de Memoria ao templo
D'alto heroismo pela mão guiado,
Do vate acolhe, que a teu brilho exulta,
Pura homenagem.

Do vate humilde, mas que ufano aos raios
Daquella gloria, que em teos feitos brilha,
Para cantar-te ja nos sons se adestra
D'Epica tuba.

Aras o Medo tem sagrado ao Crime,
Lizonja, insenso a sordidos tyranos.
Porem so justos attrahir louvores
Merito póde.

Assim teu nome da presente lucta
Fausto exterminio, no Porvir soando,
Terá, qual Numen, dos humanos gratos
Culto na terra.

CORRESPONDENCIA.

ODE

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE REGENTE N. S.

Na sua chegada á Cidade do Rio de Janeiro, em 1808.

..... Hic magnos potius triumphos,
Hic ames dici Pater atque Princeps.
Hor. Liv. 1. Od. 2.

ESTROFE 1.

O Plectro, que hoje empunho lacrimoso
Nas Brasilicas plagas,
He o mesmo, que a Lyra alto pulsava
Que o Tejo ufano ouvia ;
He o mesmo, que Heroes, Amor, Amigos,
Lindas Tagides bellas decantava.
He o mesmo quaes altivo
De Olympios verdes myrthos enramado
O Menalo assombrando
De Joaõ as virtudes tem cantado.

ANTISTROFE 1.

O Tejo, attento, murmurava apenas
Quando alegre tangia
Nos ja ditosos, desgraçados lares ;
Quando, em Magico enlevo,
As campinas do Pindo remontado,
O Divino fulgor furtava aos Numens ;
E, em Cysne transformado,
Naõ gozava Tyndaricos encantos ;
Mas com gosto, mil vezes,
Eternizava honrados Portuguezes.

EPODO 1.

Mas se as Margens do Tejo se occultaraõ,
 Pacifico Janeiro,
 Absorto pára o curso, escuta accents
 Da minha lyra melica vibrados ;
 Arrêa a frente nossa
 De esmeraldas, Rubins, e azues safiras ;
 A concha, de que o Sol mais reluzente,
 Orna de córoas de mimosas flores ;
 E ufano, de alegria
 Naoõ corras ; canta ; exulta ; neste dia.

ESTROFE 2.

Venturosas Brasilicas Campinas,
 Prados, certoens incultos,
 Flores, Vergeis, Volateis tangedores
 Incolas destas plagas,
 Revesti hum matiz, que o Elizio enveje,
 Brotai mil flores, de exquisito aroma,
 Que ambrosia recendaõ ;
 E de canoros sons, tánta harmonia,
 Que Timotheo esquecido,
 Se duvide de Orpheo a primasia.

ANTIISTROFE 2.

Habitadores dessas penhas duras,
 Serras alcantiladas,
 Que mais se elevaõ, que Hyperborios serros ;
 Deixai as frias brenhas,
 Voai a estas venturosas margens ;
 Venturoso Brazil exultai todo ;
 Aqui tens em téo seio
 Quem vem guiar vos da Memoria ao Templo
 O mimo de Lisboa,
 Joao Egregio, a Lusitana Córoa.

EPODO 2.

Vem ver como lhe cinge a frente a nossa,
 Pacifica Oliveira :
 Como olhando os seos Povos com ternura,
 Lhes dá da paz os solidos thesoiros ;

Correi, Correi ás margens,
Beijar a dextra, que vos faz ditosos :
Que fará reunir nos vossos Climas
Elvas, Ouriques, Toros, e Salados ;
Mostrando ao Mundo inteiro
O formidavel curso do Janeiro.

ESTROFE 3.

Hum monstro de ambição voou sedento
Aos nossos patrios lares,
O laço a desatar que unia o Tejo
Ao Tamisa virente :
Joaõ busca domar a furia insana ;
Mas que alcança, a razão se as paixoens reinaõ ?
Tetrico Monstro brada :
Começa a encitar os nossos lares :
Dizendo nos, doloso,
Vem ao Numen da Paz alçar altares :

ANTISTROFE 3.

Os Luzitanos providos se aprestaõ,
A defender lhe a Córôa ;
Mas Joaõ, que preve da Guerra os males,
Lhes doma o nobre zêlo :
D'America gentil procura os climas :
America exultai, Lisboa exulta ;
Aqui revivem Lusos,
Deixai, que volvaõ dias mais serenos,
Ao Tejo voltaremos,
Nosso Monarca, e lares vingaremos.

EPODO.

Ao baixel, que Joaõ triste montava,
Cortando as verdes agoas,
O Tejo palidou, tremeo mil vezes,
Espadaçou raivoso a concha d'oiro :
Do curso extravasado
O Oceano escondeo tremendo os hombros ;
Deixou Neptuno a concha embravecido :
Euro soprou a rispida procella :
E Nereo vaicillante :
Findar-se o pezo receou de Atlante.

ESTROFE 4.

Eis conhecem Joaõ, pizando as mares,
 As fugosas procellas,
 Entre pejo, e prazer risonhas se abrem:
 Tritaõ turgido troa ;—
 Elisias viraçoes nas velas brincaõ :—
 Neptuno apar do lenho rasga as ondas ;—
 Thetis, se vê taõ linda,
 Que exultará Elion, sendo no Ida ;—
 As Sereias cantando ;—
 As Nereidas dançando em nobre lida.

ANTISTROFE 4.

Eilas as margens do Brazil florente,
 Luso Monarca amado,
 Que tornaraõ ao Ebro, Amstel, Senna
 O Tejo cubiçoso :
 Por quem Vieira fulminou prodigios,
 Brandindo contra o Belga a lança irado :
 Por quem Trouin valente,
 Cubiçoso voou do Senna ingrato :
 Por quem com grão disvelo,
 Batalhou contra Iberia o bravo Mello.

EPODO 4.

O feio Adamastor, bravo, espantoso
 Domou o Nobre Gama :
 Sobre as muralhas da terrivel Dio,
 Rumecaõ atterrou Castro famoso :
 O Inclyto Albuquerque,
 Os Lusos pavilhoens alçou em Goa :
 Tremeo o Hydalcaõ, o Indo, e o Ganges,
 A Europa a cerviz curvou medrosa,
 Vendo de assombro cheia
 Que novos Scipioens tinha Ullissea.

ESTROFE 5.

Nos Campos, que Cabral mostrou aos Lusos,
 Podemos arrogantes,

De Albuquerque, Almeidas, Castros, Gamas,
Igualar as façanhas :
O Luso brio reconheça o Senna ;
Recorde o Ebro a Bragantina Prole
Se jaz curvado o Tejo
Do Prata mostraremos nas campinas
Que os Heroes hombreando
Sabemos exaltar as Lusas quinas.

ANTISTROFE 5.

Felices habitantes destes Climas,
Vereis cheios de assombro,
Voar aos vossos venturosos lares,
As Artes á porfia :
Academias, Lyceos, mimos das Musas ;
Agricultura, Mai dos saõs prazeres :
Abundante Commercio,
Policia, sabias Leis, Armadas, Tropas,
Assim Americanos
Felicita Joaõ os Lusitanos.

EPODO.

Monarca Bem feitor, Mimo dos Luso
Se á Lyra firo as Cordas,
Só viridico brado alegre solto :
Decantar-te as virtudes não me he dado ;
He brando o Joven plectro,
Pai bebo imberbe as agoas de Aganipe ;
Mas une-se de Apollo ao som divino
O brado universal, que o Mundo assombra,
De hum Povo que te aclama,
Da trombeta immortal da Heroica Fama.

Julgamos do nosso dever declarar aos nossos leitores, que o author das Cartas ácerca da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro, não tem continuado a remetter-nos, depois da 1. que inserimos em os Nos. 23, e 24 do nosso Jornal, mais carta alguma.

CARTA

DIRIGIDA AOS REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ EM INGLATERRA.

Lisboa, 20 de Junho de 1813.

Muito meos Senhores,

LI com o mais vivo interesse, e avidez a refutação que Vmces. tão propria, e sabiamente fizeram da infame, e absurda obra, que ahi appareceu em Inglez, e que aconselha á nossa antiga alliada a Nação Britanica, que nós tome as Ilhas dos Açores pelas immensas somas, que o A. diz, que a Nação Portugueza lhe deve. Acostumados, ou antes estando nós em a posse de ser insultados por quasi todos os escriptores estrangeiros, que tem escrito de Portugal, sem ninguem lhe replicar, era bem natural, que eu lesse com hum verdadeiro prazer aquella refutação; e posso assegurar a Vmces que o mesmo prazer tiverão todos os verdadeiros Portuguezes, que se prezaõ, e tem muita gloria em pertencer a hum grande Imperio, creado com tanto trabalho pelos nossos antepassados, cuja gloria inda hoje anima a Vmces., e a outros para mostrar ao mundo inteiro, que os vassallos Portuguezes conhecem os recursos que o grande Imperio a que pertencem, offerece ao Seu Governo: e que por isso elles não podem, nem por certo haõ de soffrer, que Nação alguma estrangeira, qualquer que seja, os insulte, e ultraje; porque todos os verdadeiros Portuguezes, (e destes he que se compoem, em geral a Nação toda) conhecem que para se fazerem respeitar, como devem, so lhes era preciso acordar

daquella especie de lethargo, em que tão pacificamente tem jazido, por tantos annos, e do qual nunca, talvez, acordariaõ, se os mesmos estrangeiros os não excitassem tanto, attribuindo talvez a ignorancia aquillo que na realidade devia ser attribuido a boa fé, nascida da sinceridade, que sempre caracterizou, e ainda hoje caracteriza os Portuguezes. Estes são por genio, e por inclinação pacíficos, quando não são provocados; elles são naturalmente generosos, e ate capazes de sacrificar não só o seu sangue, e suas propriedades; mas ate sua mesma gloria; não lhe importando que as suas proprias façanhas sejam imputadas a estrangeiros, em quanto de boa fé os tem por seus amigos, e suppoem que elles o não fazem por hum criminozo abuzo, e menoscabo: mas logo que os Portuguezes se chegao a persuadir, que se abuzza do seu generoso soffrimento, e que este he attribuido á ignorancia, ou medo, entao cheios daquelle pondonor que lhes he proprio são capazes de tudo sacrificar para corrigir abuzos insultantes, e trazer á razao quaesquer estrangeiros, por quem se vejam ultrajados.

Os habitantes de Lisboa, assim como todos os mais povos Portuguezes, sempre affeiçãoos aos Inglezes, ouviraõ com magoa, em Setembro de 1807, que Bonaparte exigia do Governo Portuguez que mandasse prender todos os Inglezes existentes nos seus dominios; e lhes confiscasse todas as suas propriedades; mas bem depressa tiverao a satisfação de saber que o seu Bom, e Amado Principe, rejeitando com indignação propostas só dignas de hum monstro usurpador, tinha tomado a heroica resolução de abandonar antes seu Reino, em que tinha nascido, do que ter a fraqueza de condescender com o tyranno da França: e affeiçãoado sempre á Nação Ingleza, teve a generocidade de, não só, não mandar prender os vassallos Britanicos; mas ate de lhes deixar embarcar todas as suas fazendas, que tinhao em ser, sem pagarem direitos alguns, privando-se a si, e a seus vassallos das consideraveis sommas, que dahi lhe deviaõ rezultar.

Persuado-me que não houve hum só Portuguez que se não regozijasse deste passo, não só pela magnitude de huma acção tão generosa, como tambem por se persuadirem, que a Nação Ingleza jamais se esqueceria, e muito menos abuzaria della: elles estavaõ persuadidos que quando tao generoso comportamento não fosse retribuido com outro igual, o não seria ao menos com ingratidão.

Os Portuguezes virao finalmente, que alem daquella acção verdadeiramente generosa, grande, e digna de hum Principe, o Seu Soberano tomara a resolução de perder hum Reino em que nascera, e que no fim de Novembro daquelle anno, sahira de Lisboa, para se ir estabelecer no seu

vasto Imperio do Brazil, ficando todo Continente da Europa fechado aos Inglezes, e todo por elles bloqueado. Mas não tardou muito tempo que estes mesmos Portuguezes ficassem sorprendidos de ouvirem, e saberem que as embarcações Britanicas, que bloqueavaõ Portugal, obstando aque alli entrassem os navios Portuguezes, que vinhaõ do Brazil, India, &c. os tomavaõ, como se estivessem em guerra declarada com nesco, sendo muitos delles, tomados mesmo á vista de S. A. R. : e longe de os deixar outra vez ir para os portos donde vinhaõ, ou para as Ilhas dos Açores, ou em fim para onde os Capitaens julgassem mais proprio, huma vez que fossem dominios amigos, ou pertencentes aos vassallos daquelle mesmo Benevolo, e Generoso Soberano, do qual acabavaõ de receber mais provas de amizade do que, ate aquella epoca, talvez não tivessem recebido de Nação alguma: tiveraõ pelo contrario a ousadia de os fazer conduzir a Inglaterra, deixando tomar, e queimar no decurso de sua viagem para Inglaterra, e em seu poder, por huma esquadra Franceza, o navio Princeza da Beira, que hia da Bahia para Lisboa; e deixando perder por seos officiaes e tripulação Britanica, (e por estes mesmos insultarem a bordo delle, segundo tenho ouvido dizer, huma donzella, que vinha de passagem do Rio de Janeiro justa a cazar em Lisboa), na Costa de Irlanda o navio Hercules; e outros chegaraõ a salvamento aos portos de Inglaterra onde forao entregues a seos donos, depois de terem alli gasto mais doque elles valiaõ.

Surprendidos os Portuguezes de taes procedimentos, e conhecendo as lamentaveis, e perigozas circumstancias em que a Inglaterra se achava, privada de todo o seu commercio, porque os Continentes da Europa, e America lhe estavaõ inteiramente fechados, e o seu povo ja começava huma terrivel revolução, por não ter em que se empregar; conheciaõ tambem que o seu Amado Principe chegando * ao Brazil, estava nas circumstancias não só de obrigar o Governo Inglez a resarcir seos vassallos de todas aquellas perdas, e dar-lhe a satisfação que era devida, por huma ingratitude tal como aquella, e huma tal falta de respeito: mas ate se achava em estado de lhe dictar a lei, antes de lhes abrir o vasto, e requissimo Continente da America.

Naõ devemos suppor que os Ministros de S. A. R. ignoravaõ o estado em que se achava a Inglaterra; porque não he

* Chegou ao Brazil na sua esquadra composta de oito náos de linha, quatro fragatas, e tres Brigue: e os Inglezes, que dizem que S. A. R., fora transportado para o Brazil n'huma esquadra Ingleza, faltaõ a verdade. Se quatro náos Britanicas tiveraõ a honra de acompanhar o Principe R. N. S. he porque assim o quizerão, e não porque isso fosse pedido, ou necessario.

de presumir, que os representantes da Nação Portugueza em Londres deixassem de os informar: e sabendo o, necessariamente haviaõ de conhecer que aquella era a occasião de dictar hum Tratado para Inglaterra assignar, e tal, que firmasse os alicerses ao grande, e rico Imperio do Brazil: pelo menos, quando não quizessem tomar huma tal resolução, deviaõ tomar a de aconselhar ao Soberano que era melhor differir para outra epoca o negociar hum tratado de commercio; e que apenas se fizessem alguns arranjos provisorios. He indubitavel que se o Ministerio Portuguez, negociasse hum tratado de commercio com a Inglaterra como acima disse, se abriria huma fonte de riqueza para o Erario Publico; augmentar-se-hia a população, a industria, a navegação, as nossas fabricas, e Agricultura. Abrindo todos os portos do Brazil ao então afflitissimo Commercio Inglez; era quanto a mim, preciso fazer ver ao Governo, e á Nação Ingleza a desmedido favor que nisso se lhe fazia; e a Nação, e o Governo olhariaõ com o respeito devido para aquelle Imperio.

Eu disse que seria melhor aconselhar a S. A. R. que differisse para outra epoca o negociar hum tratado de Commercio com a Inglaterra; isto he, nenhum tratado de commercio antes da paz geral. No entanto, parece-me que se devia impor sobre as fazendas estrangeiras hum pezado direito, e tal, que o seu producto suprisse as necessidades do Estado. Por exemplo 100 por cento em tudo o que fosse manufactura estrangeira importada para os dominios Portuguezes em navios estrangeiros; ou 50 por cento sendo importadas em navios Portuguezes: e para que os Portuguezes que tivessem vistas curtas, não julgassem extraordinaria semelhante medida, far-se-lhes hia ver por meio de huma proclamação ás precizoens do Estado; promettendo-lhes sinceramente huma publicação da receita, e despeza no fim de cada anno, como fazem todas as Naçoens bem governadas*. Desta medida momentanea, acompanhada d'outras bem calculadas, seguir-se-hia, que muitos Portuguezes ricos, que não tinhaõ para onde exportar os seos assucares, tabaco, café, e outros generos, que não eraõ admittidos em Inglaterra para consumo do paiz, nem para o continente da Europa, por se achar fechado; poriaõ fabricas de todas as manufacturas de que se precisasse: por esta medida os que deixassem de ser empregados na lavoura do assucar, tabaco, café, &c. &c, (por não haver para onde exportar estes

* A este respeito rogamos aos nossos leitores queiraõ ler o artigo — Portugal— neste mesmo No.

generos) seriaõ empregados nas ditas fabricas: os artistas de toda a parte do Continente da Europa (a maior parte dos quaes saõ forçados a assentar praça de soldados para subsistir), voariaõ para o Brazil para uzarem alli da sua profissao: augmentar-se-hia assim naquelle vasto imperio a populaçaõ de gente verdadeiramente util, e com ella se augmentariaõ as artes, e Sciencias, que formaõ hum dos ramos principaes da riqueza de hum paiz. Este floreceria; o povo começaria bem depressa a sentir os effeitos de taes medidas: começaria a olhar com prazer, e admiraçaõ para os authores dellas: estes seriaõ verdadeiramente amados dos povos: seriaõ independentes, e devidamente respeitados pelos estrangeiros; e nenhum destes teria a criminoza ousadia de querer intrometter-se no governo domestico de hum Imperio, cujos grandes recursos eraõ conhecidos pelo seu proprio Governo.

Nada disto se fez: ou porque, os que tinhaõ obrigaçaõ de o lembrar a S. A. R. lho não lembraraõ, porque provavelmente não previraõ as consequencias, que de tal falta poderiaõ rezultar; ou porque S. A. R. quiz talvez deixar antes de aproveitar aquella occaziaõ, em que a Inglaterra estava em taõ mas circumstancias, para lhe dar mais huma prova da sua generosa amizade; e com a sua costumada moderaõ declarou os portos do Brazil abertos a todas as Naçoens amigas admittindo as fazendas que la lhe levassem, pagando o modico direito de 16 por cento, sendo importadas em navios Portuguezes, ou 24, sendo importadas em navios estrangeiros.

Seguiu-se depois a revoluçaõ deste reino de Portugal contra os perfidos Francezes, na qual o sempre leal, e valorozo Povo Portuguez tanto se distinguio: seguiu se daqui abrir-se tambem o continente da Europa ao Commercio Inglez, ficando assim os dois continentes da Europa, e America abertos pelos Portuguezes à Naçaõ Ingleza, e esta salva, por este modo, (segundo a opiniaõ da maior parte dos Politicos de deixar talvez de ser Naçaõ: e a isto seguiu-se o que Vmces. muito propriamente disseraõ na sua refutaçaõ: mas permittaõ me que eu lhe diga, que Vmces. omittiraõ que a Inglaterra emprestou 60 milhoens de pezos á Hespanha; e que só isso he mais do, que o que ella tem gasto com Portugal; e alem disso tem-na suprido com armas, muniçoens, e muitas outras coizas, sem ate hoje ter obtido della a mais pequena vantagem commercial! E porque tem ella feito isto? Não he por amizade; por que bem se sabe que andava em guerra com ella, havia cinco annos: he porque a cauza he muito mais della, do que dos Hespanhoes. A de Portugal he a mesma; com a differença, que tendo os

Portuguezes, mais soffredores que os Hespanhoes, sacrificando suas vidas, e fazendas pela cauza geral, tem tido a generosidade de sacrificar tambem a sua gloria, como todos sabem. E que dirá a posteridade, quando comparar a presente historia de Portugal com a dos quasi cinco seculos de sua gloria?

Em fim tudo isto passou; fez-se e appareceo aqui o tratado de commercio vindo dessa Capital: e sobre este he que eu passo a fazer algumas observaçoens. Pelo que fica dito ja Vmces. vem, que não devem esperar de mim muita ordem no meu discurso, nem polidez de estilo: espero com tudo que acharão algumas verdades que convem saber; e o que eu disser sobre este objecto, servirá ao menos para excitar outros a escrever coizas melhores.

Muita gente leo o tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra; mas parece-me que mui pouca o entendeo: olhárao para a introducção delle; cuidárao que era reciproco; mas hoje vão-no entendendo por effeitos, e á sua custa. Eu mesmo vi alguns negociantes dizer bem delle; e destes mesmos conheço eu huns poucos, que estão reduzidos á mendicidade por cauza delle. A sua fatalidade he hoje tão conhecida pelos que soffrem seos effeitos, e pelo que se tem dito, e escrito a respeito delle, que eu me limitarei a fazer algumas observaçoens relativas as estipulaçoens, que julgo mais extraordinarias, sem tratar dos artigos seguidamente, mas sim conforme convier melhor ao arranjo dos meos pensamentos. Entremos na materia.

Pelo tratado de Mathuen, feito entre as duas Cortes em 1703, ate S. A. R. passar para o Brazil, e consequentemente ate se fazer o tratado de commercio de 19 de Fevereiro de 1810, erao admittidas em Portugal para consumo do paiz as fazendas de lan Inglezas, das quaes se exportavao algumas para o Brazil, e outros dominios Portuguezes, quando as manufacturas de Portugal não forneciao as precisas. Pagavao ellas entao 23 por cento em Portugal, sendo para o consumo do Paiz: e se erao exportadas pagavao mais 5 por cento de Consulado, e no Brazil pagavao mais 10 por cento. —Pelo dito tratado aque chamao de Mathuen, forao admittidos em Inglaterra para consumo do paiz os vinhos de Portugal, como para pagamento das ditas fazendas, pagando os vinhos huma terça parte menos de direitos, doque os vinhos de França; e não se estipularao os direitos, que as fazendas de lan deviao pagar. Seguindo a legislação Ingleza erao admittidos em Inglaterra para consumo do paiz algudaõ, coiros, e alguns generos de qualquer parte do mundo, de cujos generos iaõ de Portugal para Inglaterra os que convinha remetter; e o valor de todos elles e o dos vinhos não era sufficiente

para pagar as fazendas de lan Inglezas : de forma que havia annualmente hum balanço consideravel a favor de Inglaterra, o qual esta recebia de Portugal em dinheiro de metal.

Pagava entao hum pipá de vinho de direitos em Inglaterra coiza de £11. Depois foi lhe o governo Inglez levantando os direitos gradualmente, levantando-os em proporção humá terça parte mais aos vinhos de França.

Os Ingleses negociantes de vinhos em Portugal portaraõ-se de tal maneira com os lavradores, e donos de vinhos do Alto Douro, que naõ só reduziraõ o preço a quantia tal, que naõ pagava o trabalho de os cultivar ; mas ate os falsificavaõ tanto que estavaõ inteiramente desacreditados : e aquelles procedimentos induziraõ o Marquez de Pombal a crear a companhia dos vinhos do Alto Douro em 1755 : e como as criticas circunstancias em que Portugal se achava lhe naõ permittiraõ fazer hum tratado melhor do que aquelle com Inglaterra, continuou-o ; mas creou muitas fabricas, e fez outras muitas coizas, que serviraõ de eterno elogio á sua memoria, e o fariaõ passar por hum grande homem de Estado, se elle naõ tivesse sido taõ despota.

Continuou a Inglaterra a levantar os direitos aos vinhos, e consequentemente em Portugal fez-se nova pauta, na qual se augmentaraõ os valores ás fazendas de lan á proporção, que seos custos tinhaõ crescido depois do tratado e ficaraõ pagando desde entao 30 por cento de direitos para consumo do paiz, as que se exportavaõ mais 5 por cento de consulado, e 3 por cento de donativo ; e 12 por cento mais de dizima, e donativo no Brazil : de forma que pagavaõ os consumidores das fazendas de lan Inglezas em Portugal 30 por cento de direitos ; e os de fora de Portugal 50 por cento.

Huma vez que o Governo passou para o Brazil, e aquelles Portos forao abertos ao Commercio do mundo inteiro, como devia ser, julgo eu que sendo os povos Portuguezes todos huns, todos irmaons, todos humá só familia, todos filhos de S. A. R. naõ deviaõ, nem devem pagar huns mais do que outros ; e por tanto, como o artigo 26 do tratado de commercio se refere ás estipulaçoens do de Mathuen, convem transcrever aqui as proprias palavras.

“ Conveio-se, com tudo, e declarou-se, que as estipulaçoens conteudas nos antigos tratados relativamente a admissaõ dos vinhos de Portugal de humá parte e dos pannos de lan da Grande Bretanha da outra, ficaraõ por ora sem alteraçaõ.”

Esta estipulaçaõ deixa fora de toda a duvida, que os administradores das Alfandegas, ou cobradores dos direitos das fazendas de lan deviaõ logo examinar esses antigos tratados

para ver que direitos devião receber; e quando achassem que huma pipa de vinho custa no Porto, este anno, coiza de £40 e que paga em Inglaterra coiza de 54l. que são 135 por cento de direitos, está claro, que devia tambem cobras 135 por cento de direitos nas fazendas de lan Inglezas; e isto em todos os dominios Portuguezes; e só deste ramo resultariaõ direitos para remediar todas as necessidades do Estado; e não ser preciso pedir nada emprestado a Nação alguma estrangeira: e quando o Povo se queixasse, como era natural, de tamanha alta, e taoõ repentina: o Governo devia-lhes fazer ver por meio de huma proclamação, ou por meio da gazeta da corte que aquella medida era legal, bem calculada, politica, e indispensavel; porque sendo as despezas do Estado indispensaveis o dinheiro para ellas havia de sahir d'al-guma parte; e era melhor que sahisse daquelle modo como divida, do que perdoar aquelle imposto por ignorancia; e depois ir pedir emprestado parte daquelle mesmo dinheiro, que por ignorancia tinhaoõ deixado de receber; e qui desta medida resultaria o rapido augmento das fabricas nos dominios Portuguezes; e por conseguinte o da industria, e população: e que se os povos Portuguezes pagassem as fazendas de lan por preços caros dois ou tres annos; elles se veriaoõ bem depressa pagos com uzura daquelle pequeno sacrificio, quando comesassem a vestir-se mais barato dos suas mesmas manufacturas: quando comesassem a ver o augmento de sua industria; e por conseguinte se comesassem a ver independentes de manufacturas estrangeiras; o que admira não ter acontecido há muito tempo; porque, quem possui em si tudo o que o Imperio Portuguez tem, não deve precisar de receber manufacturas, nem coiza alguma de Nações estrangeiras, á excepção de gente: pelo contrario, cauza admiração não ver o Governo Portuguez tomar as medidas, que deve para ter em si tudo o que precisa aproveitando e aperfeiçoando aquillo que a Natureza espalhou, e produz em seos vastos dominios.

Aquelles a quem pertencia a dita indagação, e execução nada fizeram do que deviaoõ; e nem ao menos souberaoõ, ou quizeraoõ raciocinar, que sendo os dominios Portuguezes todos huns, e pagando as fazendas de lan em Portugal 30 por cento, deviaoõ ao menos pagar o mesmo em todos os mais dominios de S. A. R. huma vez que não quizesse dar-se o trabalho de examinar os tratados, e cobrar em consequencia delles 135 por cento, que o espirito do artigo 26 do tratado de commercio deo direito a imporem-se sobre as fazendas de lan Inglezas em todos os dominios Portuguezes.

Pelo contrario aconteceo, e acontece, que ou porque não leraoõ o dito tratado com a devida reflexão, ou porque algum

negociante Inglez com a sua costumada arrogancia lhe ralhou na Alfandaga* e lhe disse que as ditas fazendas de lan deviao somente pagar 15 por cento, assim como as mais, conforme o artigo 15 do tratado de commercio de 1810 ; as fazendas de lan estao pagando em todos os dominios Portuguezes fôra de Portugal, só 15 por cento devendo pagar 135.†

Alem disto, diz o Artigo 4. que haverá huma perfeita reciprocidade a respeito dos direitos, e impostos, que devem pagar os navios, e embarcaçoens das Altas Partes contractantes dentro de cada hum dos Portos, Bahias, Enseadas, e Ancoradouros pertencentes a qualquer dellas, a saber—" Que os " navios e embarcaçoens dos vassallos de S. M. B. não pa- " garaõ maiores direitos, ou impostos (debaixo de qualquer " nome porque sejam designados, ou entendidos) dentro dos " dominios de Sua Alteza Real o Principe Regente de Por- " tugal, doque aquelles que os navios, e embarcaçoens per- " tencentes aos vassallos de S. A. R. o Principe Regente de " Portugal, forem obrigados a pagar dentro dos dominios " de S. M. Britannica, e *vice versa*."

Os navios Portuguezes pagavaõ, antes deste Tratado, e pagaõ injustissimamente inda hoje, em commum com os navios Francezes e todos os mais navios estrangeiros, conforme os seus tamanhos, a saber—sendo de 100 tonelladas, paga, navegando em 10 pez d'agua.

				L.	s.	d.
Direitos de luzes	-	-	-	11	10	10
Ditos da Trindade	-	-	-	3	12	11
Ditos de Ramsgate	-	-	-	2	10	0
Ditos de Pilotagem	-	-	-	3	12	11
Ditos de tonellada por entrada e Dock	-	-	-	12	18	4
Ditos d. por sahida se leva fazendas	-	-	-	12	18	4
				<hr/>		
				£ 47	3	4
				<hr/>		

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 167,725, que vem a ser por tonellada—1667 reis.

* Nada iguala a arrogancia de hum Inglez nos dominios de Portugal; nada iguala o seu desprezo pelas leis fora de Inglaterra: e tambem nada iguala a baixeza, e submissaõ com que os soffrem. Quem he mais culpado?

† Pelo menos deviao pagar 30 por cento nos estados do Brazil: se os não pagaõ são culpados os administradores das Alfandegas, ou quem tem obrigaçãõ de fiscalizar estas coizas. Mui tolos seriaõ os Inglezes, se podendo pagar somente 15 por cento, pagassem 30. A culpa he nossa.
Os Redactores.

Sendo de 150 tonelladas paga navegando em 11 pez de
agua.

Direitos de Trindade	-	-	-	5	9	4½
Ditos de Luzes	-	-	-	16	19	0
Ditos de Ramsgate	-	-	-	3	15	0
Ditos de Pilotagem	-	-	-	5	7	0
Ditos de tonelladas e Dock por entrada	-	-	-	19	7	6
Ditos de d ^a . e d ^o por sahida se leva carga	-	-	-	19	7	6
				£ 70	5	4½

Ao cambio de 67½ Rs. 249,844 ou Rs. 1,665 por tonel-
lada.

Sendo de 200 tonelladas paga—navegando em 12 pez
d'agua.

Direitos da Trindade	-	-	-	7	5	10
Ditos de Luzes	-	-	-	22	13	9
Ditos de Ramsgate	-	-	-	5	0	0
Ditos de Pilotagem	-	-	-	5	17	3
Ditos de tonellada por entrada	-	-	-	25	16	8
Ditos de dita por sahida se recebe carga	-	-	-	25	16	8
				£ 92	10	2

Ao cambio de 67½ Rs. 321,808 ou Rs. 1,660 por to-
nellada.

Sendo o navio de 250 tonelladas paga, navegando em 14
pez d'agua.

Direitos da Trindade	-	-	-	9	2	3½
Ditos de Luzes	-	-	-	28	1	10
Ditos de Ramsgate	-	-	-	6	5	0
Ditos de Pilotagem	-	-	-	7	0	2
Ditos de tonellada por entrada	-	-	-	32	5	10
Ditos de dita por sahida se recebe carga	-	-	-	32	5	10
				115	0	11½

Ao cambio de 67½ Rs. 409,060, ou Rs. 1,636 pouco
mais.

Sendo de 300 tonelladas paga, navegando em 16 pez d'agua.

Direitos da Trindade	-	-	10	18	9
Ditos de Luzes	-	-	33	16	0
Ditos de Pilotagem	-	-	8	2	0
Ditos de Ramsgate	-	-	7	10	0
Ditos de tonellada por entrada	-	-	38	15	0
Ditos de dita por sahida levando carga	-	-	38	15	0
			<hr/>		
			£137	16	9

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 490,090 ou Rs. 1,633.

Sendo de 350 tonelladas paga navegando em 18 pez d'agua.

Ditos de Luzes	-	-	39	4	8
Ditos de Pilotagem	-	-	10	5	4
Ditos de Ramsgate	-	-	2	18	4
Ditos da Trindade	-	-	12	15	$2\frac{1}{2}$
Ditos de tonelladas por entrada	-	-	45	4	2
Ditos por ditas de sahida, se leva carga	-	-	45	4	2
			<hr/>		
			£155	15	$10\frac{1}{2}$

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 553,934 ou Rs. 1,568.

Sendo de 400 tonelladas paga, navegando em 20 pez d'agua.

Direitos de Luzes	-	-	45	8	10
Ditos de Pilotagem	-	-	14	4	0
Ditos de Ramsgate	-	-	3	6	8
Ditos da Trindade	-	-	14	11	8
Ditos de Tonelladas por entrada	-	-	51	13	4
Ditos de ditas por sahida se recebe carga	-	-	51	13	4
			<hr/>		
			£180	17	10

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 643,170, ou Rs. 1,608, pouco menos.

Assim por diante, proporcionalmente: e alem destes direitos pagão mais quando entraõ na Dock de Londres (London

Docks) onde são por força obrigados a entrar, levando açúcar, tabaco, café, ou outros generos, que não são admittidos para consumo do paiz, 2 penes por cada tonellada, durante 40 dias; e passando delles $\frac{3}{4}$ de hum pene por tonellada, ou 10 reis cada semana, que passe na dita Dock; propinas aos officiaes da Alfandega, 3 P. por tonellada, por Dover Pierage, não excedendo a 300 tonelladas, maior pilotagem, que os Inglezes, &c. &c. &c.: de forma que se pode dizer, sem exaggeração que cada tonellada de navio Portuguez paga em Londres dois mil e duzentos reis de todos os direitos, e impostos; e sejam elles cobrados por quem forem, e seja a applicação qual for, o facto he que os Portuguezes pagão, e os Inglezes recebem.

Os navios Inglezes só pagão o seguinte.

Sendo de 100 tonelladas, e navegando em 10 pez d'agua.

Direitos de Luzes	-	-	6	15	6
Ditos de Ramsgate	-	-	2	10	0
Ditos de tonelladas e entrada na Dock			12	18	4
Ditos por sahida se leva fazendas	-		12	18	4
			<hr/>		
			£ 35	2	2
			<hr/>		

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 124,820, ou Rs. 1,248 por tonellada.

Sendo de 150 tonelladas e navegando em 11 pez d'agua, paga.

Direitos de Luzes	-	-	9	15	6
Ditos de Ramsgate	-	-	3	15	0
Ditos de tonelladas por entrada	-		19	7	6
Ditos de ditas por sahida	-	-	19	7	6
			<hr/>		
			£ 52	5	6
			<hr/>		

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 185,860, ou Rs. 1,239 por tonellada.

Sendo de 200 tonelladas, e navegando em 12 pez d'agua, paga.

Direitos de Luzes	-	-	13	2	0
Ditos de Ramsgate	-	-	5	0	0
Ditos de tonelladas por entrada	-	-	25	16	8
Ditos de ditos por sahida	-	-	25	16	8
			<hr/>		
			£ 69	15	4
			<hr/>		

Ao cambio de $67\frac{1}{2}$ Rs. 248,059, ou Rs. 1,240 por tonellada: e assim por diante, proporcionalmente: alem disto pagão menos por pilotagem, e direitos da Dock (Dock dues) do que os Portuguezes, e mais navios estrangeiros, &c. &c. &c. de forma, que pagando cada tonellada de navio Portuguez coiza de 2,200 reis; cada tonellada de navio Inglez apenas paga coiza de 1,500 reis.

ARTIGO 5. DO TRATADO.

Por este artigo são considerados como navios Inglezes somente os construidos em dominios Britanicos, e são considerados como Portuguezes os construidos em dominios Portuguezes: deixarão por conseguinte de ser considerados como Portuguezes os de construcção estrangeira; e por isso não podem ir a Inglaterra: assim como deixarão de ser considerados como Inglezes os apreçados por embarcações Inglezas: e por tanto só devião, e só devem ser admittidos nos dominios Portuguezes para serem confiscados do mesmo modo que estiverão para o ser em Londres os navios Portuguezes D. Rodrigo, Princeza Carlota, Sta. Catharina, e outros depois do Tratado por serem de construcção estrangeira.

Este artigo, e o antecedente são sem duvida alguma os mais reciprocos; e por isso os mais favoraveis aos Portuguezes, que ha em todo o tratado. Elles estão concebidos em termos tão claros, que he preciso não saber ler, para os não entender. Os Portuguezes, a quem pertencia cumprir o dito tratado, devião, logo que elle se publicou, estudallo; e logo que houve ordem para se cumprir, devião ter todo o cuidado em não admittir de modo algum nos dominios Portuguezes a descarregar, nem carregar navio algum Inglez, que não tivesse sido construido nos dominios Britanicos: e se nos dominios Portuguezes apparecesse algum d'outra construcção fazer-lhe infallivelmente o mesmo que se faz em Inglaterra aos navios Portuguezes de construcção estrangeira.

Deviaõ logo indagar quanto hum navio Portuguez tinha sido obrigado a pagar por tonellada depois do dito tratado nos dominios de S. M. Britanica, para obrigar, infallivelmente, cada tonellada de navio Inglez a pagar o mesmo nos dominios Portuguezes: porque isto he o que evidentemente se entende dos ditos artigos. Nunca deviaõ dar despacho a navio algum estrangeiro com carga de huns para outros Portos Portuguezes; porque sendo tal navegacão considerada por todas as naçoens civilizadas, navegacão de cabotagem, he sempre privativa e só permittida aos navios nacionaes.

Destas medidas, em execucao do dito tratado teria resultado virem dos dominios Inglezes aos Portuguezes muito menos navios Britanicos, e seriaõ assim divididos entre os navios das duas Naçoens coiza de dez milhoens de cruzados de fretes, que por falta destas justas e necessarias medidas, cahem todos em poder dos Inglezes.

Eu calculo estes fretes da maneira seguinte.

Fretes de tudo quanto se importa, em cada anno dos dominios Britanicos para os Portuguezes, por hum calculo o mais moderado	- - - - -	1,000,000,000
---	-----------	---------------

Vinte e cinco mil toneladas de vinho de Portugal para Inglaterra, pelo calculo mais moderado a £4 por tonellada, saõ £ 100,000, ou Reis	- - - - -	360,000,000
---	-----------	-------------

Fretes de tudo quanto se exporta de todas as Ilhas Portuguezas para Inglaterra, cuja navegacão está, por desgraça nossa, toda exclusivamente nas maons dos Inglezes por hum calculo o mais moderado importaõ em	- - - - -	800,000,000
---	-----------	-------------

Duzentas mil sacas d'algodão a 5 arrobas cada huma, hum milhao d'arrobas, a 1,600 cada arroba, que he o preço medio	- - - - -	1,600,000,000
---	-----------	---------------

Fretes d'alguns coiros, marfim, madeira, generos do Algarve, e alguns outros de Portugal; algum açucar, tabaco, café e outros generos, que, como estes tres ultimos, só saõ admittidos em Inglaterra para exportação depois de muitos d'elles alli fazerem mais de 20 por cento de despeza	- - - - -	240,000,000
--	-----------	-------------

4,000,000,000

Destes dez milhoens não ganhaõ os navios Portuguezes annualmente; (huns annos por outros) nem cem contos de reis; sendo claro, que he porque pagão em Inglaterra tanto,

quando os Inglezes, devendo pagar nos dominios Portuguezes outro tanto, não pagão nada.

Por que razão vão as coizas assim? Não sei, nem a pertendo agora indagar, e menos pertendo culpar pessoa alguma: mas he necessario que se exponhaõ com verdade os nossos males. No entanto o que eu sei de certo he, que por ora ganhaõ os Inglezes com a pobre Nação Portuguesa coiza de dez milhoens de cruzados cada anno no artigo fretes; e se o Governo Portuguez os deixar tambem continuar a navegação, ou commercio de cabotagem, não tardará muito que não ganhem trinta; e que o Imperio Portuguez, ainda hoje tão vasto, tão grande, e tão rico em recursos, deixe de ser Nação Maritima, tendo no tempo que era pequena, feito tremer tres partes do mundo, e tendo-se feito respeitar pela quarta, como Nação poderosa, e independente.

Os direitos de 2,200, pouco mais, ou menos, por tonellada de navio Inglez, que entrasse nos dominios Portuguezes, dariaõ hum producto annual (suppondo que fossem só metade da quantidade dos que entraõ hoje, deixando a outra metade de ir pelas razoes que ficaõ ditas) de hum milhao de cruzados, que em perto de quatro annos, que o tal tratado tem durado, chegava quasi para pagar a Inglaterra essas grandes sommas, que os Inglezes dizem que Portugal lhes deve: e as rendas da Ilha da Madeira, que saõ applicadas para amortizar essa pequena divida, seriaõ muito mais bem applicadas para supprir tantas outras precizoens do Estado, e para o habilitar a não precisar pedir outros empréstimos, de cujos passos, a meu ver, toda a Nação deve tremer; principalmente de pedir a huma Nação estrangeira; e se ella he mais poderosa do que a que pede o emprestimo, tanto peor: porque, quem pede precisa aceitar o que lhe daõ; e as condiçoens que lhe poem. Nada disto se tem feito. Não me pertence indagar as razoes, nem dezejo queixarme de ninguem, como ja disse: mas seja-me licito, ao menos, ter o desafogo proprio de hum Portuguez, que pertence á segunda Nação maior, e mais rica do mundo; a huma Nação que nada em riqueza e abundancia de tudo quanto se pode dezejar, não só para as commodidades da vida, mas para se fazer respeitar sem depender para isso da mais minima coiza das Naçoens estrangeiras; a huma Nação, que ainda possui do que os seos grandes, e valorozos antepassados ganharaõ com tanta gloria, e assombro do mundo inteiro, as melhores possessoens, que ha nas quatro partes do Globo; e se ve, não sei porque razão, juntamente com todos os mais Portuguezes, empregados em colher todos estes prodigiosos fructos para entregar os seos resultados a Naçoens estrangeiras, (das quaes a Natureza nada fiou), da mesma maneira que os escravos no Brazil entregao a seos

Sñres. o resultado dos seus trabalhos; com a differença de que estes precisam sustentar, e vestir aquelles, e se os tratão mal, tem em seu favor a lei que os protege, e nos nada recebemos dos estrangeiros, para quem trabalhamos, senão cada dia novos insultos, novas humiliações, e novas provas da sorte que nos espera, se não mudamos de rumo.

E porque vão as coizas assim? Sem duvida por culpa de alguém, e provavelmente por culpa de todos: porque, desgraçadamente, cada hum he hum refinado egoista; cada hum cuida em si, e logo que o seu particular vai bem, sejaõ quaes forem os meios que para isso empregue, nada mais lhe importa, de nada mais se lembra; nem se lembra que em os negocios da Nação indo mal tudo vai torto, e que o bem dos particulares hade necessariamente seguir a sorte da Nação. Todos sabem queixar-se a torto, e a direito, muitos por costume, e sem saber de que, só porque vem outros queixar-se; mas poucos examinaõ se ha razão para isso; poucos dão os devidos descontos ás imperiozas e desgraçadas circumstancias em que a Nação, e a Europa toda se tem achado desde 1793 para cá; nenhum procura juntar-se a outros para representar com evidencia, e energia os vexames que se soffrem, as dilapidações que se commettem, as corrupções que existem, apontando-lhe os meios de remediar taes, e taes males. Não se lembraõ que de fallar mal do Governo só pode resultar discordia entre elle e o Povo: e de lhe requerer, e representar os males, sua origem, suas causas, e apontando ao mesmo tempo os meios de lhes pôr termo, necessariamente hade resultar a augmento de amizade, e confiança entre o Governo e a Nação; elles não se lembraõ que só assim se podem pôr as coizas á caminho.*

* Cauza lastima ver os Negociantes de Lisboa ralhar constantemente contra o Governo, pela oppressão em que tem o commercio: mas longe de se unirem para representar ao Governo, só trata cada hum do seu particular interesse, de intrigar, e desacreditar o seu companheiro, para lhe tirar huma, ou outra commissão; assim se intrigão, e assim se perdem. Quando se lhe propoem que he necessario representar em corpo ao Governo, respondem que tem medo: tem medo de representar em corpo, e não o tem de ralhar do mesmo Governo cada hum de per si: que incoherencia! Com quanta razão tem Vmces dito em varios Nos. do seu Jornal, que nos só cuidamos em imitar os que os estrangeiros tem de rediculo, e não nos aproveitamos do que elles tem de bom em costumes, em commercio, em administração, em economia politica, &c. &c. &c.! Nada ha mais rediculo, nem mais mal fundado do que o medo que estes meos collegas tem de representar, quando eu vejo, mesmo pelo seu Jornal, que S. A. R. e seus Ministros querem, e gostão de ouvir a verdade. Eu vi que Vmces. mui judiciosamente analizaraõ no seu No. V. o Alvará de 20 de Junho de 1811, e mostraraõ que elle não só era oneroso aos Negociante, mas ate imprac-

Tornando pois ao meu objecto. Deviaõ os Portuguezes a quem pertencia fazer cumprir o Tratado, lêllo, estudallo; e vendo que o artigo 34, ultimo do Tratado, determinou, que elle seria começado a cumprir por S. M. Britanica; he evidente que a quantia, qualquer que ella fosse, que sua dita Magestadé Britanica obrigasse a pagar por tonellada os Navios Portuguezes, essa mesma quantia deviaõ pagar por tonellada os Navios Inglezes nos portos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor: porque este he o unico sentido do *vice versa* do citado artigo, e nenhum outro: sabendo pois que S. M. Britanica foi servido obrigar os Navios Portuguezes a pagar por tonellada exactamente o mesmo, e debaixo dos mesmos pretextos, tudo quanto pagavaõ antes do dito Tratado em commum com os Navios Francezes, e todos os mais estrangeiros, como fica demonstrado: e sabendo alem disso que os negociantes Portuguezes rezidentes em Londres, requerendo ao dito Governo Inglez para que fosse servido mandar que senaõ cobrasse mais dos navios Portuguezes do que dos Inglezes, os ditos negociantes nada conseguiraõ; he evidentissimo, que obrigando o Governo Inglez os Navios Portuguezes a pagar por tonellada 2,200: os executores do Tratado nos Portos de S. A. R. deviaõ obrigar os Navios Inglezes a pagar tambem 2,200 por tonellada.

O Governo Portuguez não deve ceder deste direito; 1. porque o Tratado expressa, clara, e evidentissimamente lho dá: 2. porque elle sabe que requerendo os Negociantes Portuguezes em Londres a execuçaõ do Tratado, não so se não annuo á sua justissima supplica, mas ate Lord Bathurst lhe respondeo que quando Portugal abulisse os monopolios do Tabaco (cuja estipulaçaõ não só não existe no tratado, mas ate, pelo contrario, he pozitivamente reservado a S. A. R. junto com mais alguns, como se vê do artigo 8, e outros); entaõ se poderia arranjar tudo; e que no entanto lhe recommendavaõ do Board of Trade (Junta do

ticavel a certos respeito. Eu vejo com o mais puro prazer que S. A. R. longe de reprehender a Vmces. por lhe fallarem a verdade, derogou pelo Alvará de 22 de Setembro o de 20 de Junho, que Vmces. mostráraõ onerezo aos Negociantes: ora se nem S. A. R. nem seos Ministros de Estado arrogaõ a si o dom de infallibilidade, nem se offendem de Vmces. lhe fallarem a verdade; como he possivel que os Delegados de S. A. R. em Portugal queiraõ arrogar a si aquelle dom, que nem ao Papa se concede: e se offendessem do que a bem do Commercio e do Estado lhe representassem em corpo os Negociantes da Praça de Lisboa? Torno a dizer a culpa dos nossos males he de todos: o Governo pode ter alguma, porque he composto de homens; mas nos temos muita mais e quando nos dezenganarmos a cumprir os nossos deveres, o Governo não poderá entaõ faltar aos seos.

Commercio) que se lhes descontinuasse a graça, que o mesmo Governo tinha concedido a alguns Navios Portuguezes de construcção estrangeira de serem considerados nos dominios Britanicos como navios de Construccão Portuguesa!!! Esta resposta se não he hum insulto, quer pelo menos dizer,—que quando S. A. R. legisasse como o Governo Inglez quer; então se arranjaría tudo!

O Governo Portuguez não deve ceder de obrigar os Navios Inglezes nos portos Portuguezes a pagar 2,200 por tonellada; porque, alem das razoes expostas, se elle ceder o resultado será que os navios Inglezes continuaraõ a ganhar com a Nação Portuguesa aquelles fretes de que ja fallamos; e a pobre Nação Portuguesa não só deixara de ganhar parte dellès, mas continuará a perder as considerabilissimas sommas que tem direito de arrecadar, e receber dos navios Inglezes: a Nação Portuguesa continuará a perder aquelle ramo de navegacão tão importante para o augmento, e practica da Marinha Portuguesa. O Governo Inglez deo o exemplo como fica demonstrado por factos, que ninguem he capaz de contradizer com verdade: consequentemente, nos o repetimos, os Portuguezes a quem pertence cobrar de cada tonellada de navio Inglez coiza de 2,200 reis devem fazello immediatamente.

He natural que os Vassallos Inglezes façao com isso muita bulha segundo o seu costume: he provavel que o Governo Inglez procure que se altere huma tal medida, a trôco de coiza nenhuma sendo possivel; e quando não, por meio de negociação em que recebaõ 100, e promettaõ 1 na forma do costume: mas o Governo Portuguez, forte, porque tem da sua parte a razão, e a justiça, deve ser firme na medida, e não ceder, (se quer ser respeitado), de forma alguma, sejaõ quaes forem as promessas, argumentos, persuazoens, ou mesmo fantasticas ameaças.

Se o Governo Portuguez sustentar esta medida rezultará della infallivelmente o virem menos navios Inglezes aos dominios Portuguezes; encareceraõ os fretes, crescera a ambição dos Portuguezes, mandaraõ fazer navios, ou os compraraõ; ganharaõ ao menos ametade daquelles fretes; exercitaraõ os carpinteiros naquella arte tão importante; augmentar se-ha o numero dos marinheiros, e officiaes, tão necessarios a huma Nação, como a Portuguesa, que tem hum commercio tão extenso, e que tantas proporçoens tem para o fazer muito maior, e mais extenso ainda.

He possivel, bem que pouco provavel, que o Governo Inglez conhecendo a justiça do Governo Portuguez, e o mal que tem feito em não cumprir o Tratado de Commercio; e vendo que o Governo Portuguez obriga, como deve,

os Navios Inglezes a pagar nos Portos Portuguezes 2,200 por tonellada, como os navios Portuguezes pagão nos portos Inglezes; he possivel digo, que o Governo Inglez tente o Governo Portuguez com novos ajustes, que pareçaõ reciprocos, offerecendo-se, por exemplo, a estipular, que os Navios Portuguezes nada pagaraõ nos portos Britanicos, com tanto que os Inglezes nada paguem tambem nos portos Portuguezes.—O Governo Portuguez não deve querer: porque ainda que tal offerta pareça verdadeiramente reciproca, esta com tudo mui longe de o ser. Porque sendo os navios Inglezes muito mais maneiros do que os Portuguezes, navegaõ com menos gente, não tem cirurgiaão, nem capellaão, &c., e por isso, pode acontecer, ganharem, quando os Portuguezes perdem. Alem disso, são muitos mais em numero; e sendo a navegaçaõ delles mais extensa do que a nossa, vão por exemplo carregados de Inglaterra para Monte-Video, ou Buenos Ayres, Cabo da Boa Esperança, &c.; e se nada pagarem no Brazil, vão por lá ver se achão carga; e se a não achão, ou o frete lhes não faz conta, vão de lá carregar ás West-Indias: e assim muito poucas vezes fara conta aos navios Portuguezes ir a Inglaterra; e os fretes seraõ quasi todos, como fica dito, para os Inglezes. Mas se pelo contrario elles tiverem certeza de que se forem ao Brazil haõ de pagar 2,200 reis por tonellada, quer o frete lhes convenha, quer não; bem poucos, ou nenhuns la haõ de ir; e em duvida, os Portuguezes eraõ ganhando a maior parte das fretes.

Supponhamos que falhando esta, ou outra semelhante proposta ao Governo Inglez, este ameça com fazer pagar por tudo o que for dos dominios Portuguezes a Inglaterra em navios Portuguezes mais 50 por cento, do que o que for em navios Inglezes. Os Ministerio Portuguez, rindo se de huma tal ameça, fara o mesmo nos dominios Portuguezes aos generos importados de Inglaterra: e alem disso poderá impor por sahida nos generos volumozos, em que o grande artigo são fretes, e não os direitos, hum direito tal, aos que forem exportados em navios Inglezes maior do que os que forem em navios Portuguezes, que a differença da dita maioria de direitos equilibre a dos fretes; e assim por diante.

Resoluto o Governo Portuguez, que tem em seos dominios tudo quanto preciza, dado pela natureza, a tomar, como deve, medidas de retaliacaõ contra tudo o que qualquer Naçaõ lhe fizer, ou tentar fazer; quem ficará de peor partido? A Naçaõ Portuguesa que tem em si tudo quanto preciza, e que só lhe falta aproveitar, e aperfeiçoar o que a Natureza liberalmente lhe deo; ou as Naçoens estrangei-

ras a quem a Natureza deo pouco, ou nada, e que tanta dependencia tem da Nação Portugueza?

Mas de que servirá tanta energia no Governo Portuguez? Que importará que os Ministros Portuguezes sejam anjos em suas medidas, e que não só fação ajustes verdadeiramente reciprocos, e mesmo ainda mais vantajozos para nos, se não mostrarem a mesma energia em fazer executar suas estipulaçoens, punindo sem piadade, e com todo o rigor das leis os que tiverem a seu cargo o executallas, e o não fizerem como devem? Que desculpa tem os que tem desperdiçado á Nação Portugueza, só no artigo direitos de navios, de quatro a cinco milhoens de cruzados e talvez mais desde que se fez o tratado? Que desculpa tem os consules a quem a Nação Portugueza paga para vigiarem sobre os interesses della em Inglaterra, de não se terem apressado a dar estas informaçoes ao Governo? Quem não deveria esperar dos Negociantes Portuguezes que estão em Inglaterra, (os quaes devem entender os tratados melhor do que os outros Negociantes Portuguezes, que nunca sahiraõ dos seus lares), informassem ao seu Governo sobre o que achavaõ de bem, ou de maõ nos tratados, e se elles eraõ, ou não cumpridos em Inglaterra, em que o eraõ, e em que não? Se elles ainda conservaõ algum amor ao seu paiz, e a sua Patria; se elles amaõ alguma coiza mais do que os seus particulares interesses; quem os privou ate agora de fazer este serviço ao seu Soberano, á sua Patria, a seus irmaõs, e a si mesmos? Quem privou os Negociantes Portuguezes desta Capital, e das mais cidades, ou dominios Portuguezes, principalmente os proprietarios de navios, de requerer a quem competia que não se admittissem a descarga em porto algum Portuguez, navio algum estrangeiro, que viesse d'outro porto Portuguez, e aos quaes não só se não deve dar despacho; mas ate devem ser immediatamente confiscados e sua carga?*

Naõ Senhores ... ninguem requereo, nem fez a sua obrigação, e todos ralhaõ. Hum navio Inglez qualquer carrega em Inglaterra para esta Capital; daqui pode carregar para as Ilhas dos Açores, Madeira, Cannarias, &c.: dalli para o Rio de Janeiro; supponho que dalli para a Bahia, de lá para Pernambuco, &c. &c. &c.; e se não achar carga no Brazil para Inglaterra, carrega para Portugal, ou Ilhas, &c., e o mesmo acontece aos navios Russos, Suecos, Prussianos

* Eu conheço, com tudo, que para esta medida ter effeito, he necessario, que o Governo Portuguez, uzando da mesma boa fé, que tanto o caracteriza; publique esta medida, e dê o tempo sufficiente para que chegue á noticia de todos, antes de se começar a por em execução.

Dinamarquezes, Americanos, &c.: de forma, que em se fazendo huma paz geral, toda a Navegação Portugueza sera conduzida por navios estrangeiros, se o Governo Portuguez não tomar as medidas, que deve quanto antes; e não as tomando deixará de ser Nação Maritima.

Porque razão não hade o Governo Portuguez copiar o acto Inglez de navegação (navigation act), e pôlo em pratica nos dominios Portuguezes? Porque razão hade o Governo Portuguez admittir a descarga navio algum, que não venha carregado com generos do paiz a que o mesmo navio pertence? Assim praticaõ, segundo me consta, todas as Naçoens civilizadas, excepto a nossa.

Nos somos tão generosos que damos aos estrangeiros tudo quanto a Natureza nos deo, e podemos grangear; e depois pedimos-lhes emprestado parte daquillo mesmo que lhes temos dado; e elles, depois de nos venderem o favor muito mais caro, fazem-no com hypethecas, que provavelmente esperaõ vir a receber pelo seu pagamento.

Ha quem tenha dito, e escrito que os tratados concluidos entre Inglaterra, e Portugal em 1810 são *tratados que conquistarão o Imperio Portuguez*; e assim mesmo maos não forão approvados pelo Parlamento Inglez, como a seu tempo mostrarei, se não naquillo que lhes conveio; e da unica coiza que era reciproca, isto he, os direitos dos navios, não se tem aproveitado, ou por desleixo, ignorancia, ou corrupção, esses Senhores Portuguezes a quem compete a execução do Tratado. E, salvo a devido respeito ao Governo Portuguez, eu não posso comprehender, como elle deixa de cobrar dos navios Inglezes o que lhe he devido, para se reduzir ao estado de contrahir emprestimos com os mesmos Inglezes!

(Continuar-se-ha.)

POLITICA.

AMERICA.

RIO DE JANEIRO.

Não obstante a profecia de hum Jornalista (cujas predições politicas tem constante e felismente falhado), de que a Academia Real Militar, creada no Rio de Janeiro, no Ministerio do Excellentissimo Conde de Linhares, cahiria em terra, ou seria desfeita pelo Ministro, que lhe succedesse; ella existe, trabalha com utilidade publica, e diariamente prospera.. No 1 de Abril se fez a abertura das suas aulas em prezença da Junta de Direcção da mesma Real Academia, e de grande concurso de pessoas; distribuirão-se premios aos que mais se distinguirão no anno lectivo proximo passado. No primeiro anno obteve o 1 premio *Antonio Cardozo Pereira de Mello*, Partidista do Real Corpo de Engenheiros: no segundo anno alcançou o 1 premio *Luis Antonio d'Abreu, e Lima*, Sargentomór do Estado-maior do Exercito: o 2 *Joaõ Paulo dos Santos*, Primeiro Tenente d'Artilharia da Corte: e o 3 *Diogo de Teive de Vasconcellos Cabral*, Primeiro Tenente d'Artilharia do Para; no terceiro anno obteve o 1 premio *Firmino de Magalhães de Moraes Ancora*: alcançou o 2. *Manoel Joze d'Oliveira*; e deo-se o 3. a *Joaõ Carlos Pessoa d'Andrade, e Silva*; todos tres Primeiros Tenentes d'Artilharia da Corte.

Alem das aulas do 1, 2, e 3 anno Mathematico, Dezenho, e Geometria descriptiva, que ja estavaõ em actividade, se abrião as do 4. anno Mathematico, do primeiro Militar, e de Physica, cujos respectivos Lentes recitaraõ oraçoens, em que mostráão a necessidade das materias, que lhes incumbiaõ. A aula de Chimica, que será tambem frequentada este anno, se hade abrir no Laboratorio do Dr. Gardner, Lente de Chimica da mesma Academia Real.

Na Gazeta do Rio de Janeiro No. 30 lemos com a mais viva satisfação o seguinte Avizo.

“ No dia 26 do corrente (Abril) começara na sala do Real Collegio de S. Joaquim hum curso de prelecções philosophicas que terão por objecto :—

1. “ A theoria do *Discurso*, e da *Linguagem*; em que se exporão os principios da Logica da Grammatica Geral, e da Rhetorica.

2. “ O tratado das paixões: primeiramente consideradas como simples sensações, e versando sobre materias de gosto; donde se deduzirão as regras da *Esthetica*, ou a theoria da eloquencia, da poezia, e das *bellas artes*: depois considerando-as como actos moraes, comprehendidas nas ideas de *virtude*, ou de *vicio*, se desenvolverão as maximas da *Dicéosyna* que abrangerá a *Ethica*, e o *Direito Natural*.

3. “ O *Systema do Mundo*: em que depois de se tratar das propriedades geraes dos Entes, ou da *Ontologia*; e da *Nomenclatura das Sciencias physicas, e mathematicas*, se expenderão as noções elementares da *Cosmologia*: e destas se deduzirão as relações dos Entes Creados com o Creador, ou os principios da *Theologia Natural*.

“ Alem da exposição da theoria, havera em cada huma das prelecções lição, e analyse d’alguma obra escolhida dos principaes Philosophos, Oradores, e Poetas, assim antigos como modernos, sagrados, e profanos.

Sahio á luz: Decreto do 1 de Abril de 1813, Approvando o Plano de Estudos de Cirurgia offerecido por Manoel Luis Alvares de Carvalho, Medico Honorario da Real Camara, &c. junto com o mesmo Plano para que sirva de Estatutos ao curso de Cirurgia no Hospital da Santa Casa da Misericordia daquela Corte.

ALVARA com força de lei de 8 de Abril de 1813—Da extincção do Tribunal da Junta dos Tres Estados.

ALVARA com força de Lei de 13 de Maio de 1813: estabelecendo numero certo de Ministros effectivos na caza da supplicação, e na Relação, e Caza do Porto extinguindo duas cazas de Aggravos, duas varas da correição do Civil da Corte, e a Commissão das Dividas Reaes preteritas na Caza da Supplicação, e augmentando as Alçadas de todos os Ministros, &c.

CAYENA.

Acabamos de receber daquella parte do Imperio Portuguez alguns Papeis muito interessantes, que vamos apresentar aos nossos leitores, e alguns dos quaes lhes não cauzarão menos surpresa, e admiraaaão do que nos cauzarão quando os lémos.

REFLECOENS

Sobre a uniaão das trez GUIANAS, PORTUGUEZA, FRANCEZA, e HOLLANDEZA, para formarem hum Reino, anexo ao IMPERIO DO BRASIL.

“ Loin de montrer cet esprit de grandeur et cette ambition préservatrice, les Lacedemoniens, contens d'avoir placé trente Tyrans à Athenes, rentrèrent aussitôt dans leur vallée, par ce penchant à l'obscurité que leur avaient inspiré leur loix. *Il n'en est pas d'une Nation comme d'un homme, la modération dans la fortune et l'amour du repos, qui peuvent convenir à un citoyen, ne méneront pas bien loin un Etat. Sans doute il ne faut jamais faire une guerre impie, il ne faut jamais acheter la gloire au prix d'une injustice; mais ne savoir pas profiter de sa position pour honorer, agrandir et fortifier sa Patrie, c'est plutôt dans un Peuple un défaut de génie que le sentiment d'une vertu.*”

(M. de CHATEAUBRIAND, Itinéraire de Paris, à Jérusalem: Tome 1. Page 268. 2.me Edition.)

A Conquista da Guiana Franceza não e de tão pouca importancia para o Imperio do Brasil, como sei que pareceu, ao principio, a muita gente mesmo da classe instruida. E provavel que esta opiniaão tenha por fundamento o ser ja o Brasil hum territorio vastissimo, e esta parte da Guiana muito mal reputada, mesmo entre os seus Nacionaes. Todavia o que tenho lido modernamente e a minha propria observação me decidem a sustentar que esta nova Conquista não só deve ser conservada mas até augmentada, se possivel for, com a Guiana Hollandeza, cujos limites vão quasi até a grande embocadura do Oronoque.

A desonvolução deste projecto formaria hum grosso vo-

lume; eu vou porem estreitar em poucas paginas tão fertil e belo assunto, prometendo dar separadamente as explicações parciaes que me forem pedidas. E estou tão longe de querer inculcar me Politico ou Projetista, que, ao contrario, intendo ser para mim hum dever sagrado, vista a posição em que se dignou colocar me a Benignidade de S. A. R., o levar aos pés de seu TRONO AUGUSTO quantas ideias me parecerem tendentes ao bem de seu Real Serviço e interesses de sua Coroa. E nesta confiança vou dizer animosamente o que sinto. Se nada dizer que préste, apenas se perdem os minutos que levar a leitura do discurso, o que não é grande perda.

Parece me superfluo occupar me em destruir a reputação desfavoravel que adquirio em tempos antigos a Guiana Franceza, porque hoje, depois dos escritos de Foncin, Malouet, Lescallier, Page, Depons, De Pradt, Steedmann, e outros, Engenheiros, Viajantes, Naturalistas, que virão com olhos philosophicos, observarão e compararão, só o povo ignorante pode conservar a má opinião que derramarão sobre este bello paiz os projectos insensatos, e mais insensatamente executados, da Corte de França. E hum vasto paiz, talhado por muitos e grandes Rios, fertil e ameno; não tem molestias nenhuma indemicas, e nem mesmo o flagelo das bexigas, que só se podem introduzir por contagio em embarcações estrangeiras. A temperatura do Clima e a de Parambuco pouco mais ou menos.

Sobre a Guiana Hollandeza, os homens instruidos sabem a que prodigioso ponto de prosperidade e riqueza chegou a só Colonia de Surinam pela infatigavel constancia dos Hollandezes, e o que seria hoje, sem a revolução que em fim os despojou d'aquella preciosa conquista. O projecto delles era levar os limites até a grande boca do Oronoque que apenas dista do Forte Nassau trinta leguas, fazendo servir para este fim os Indios Caraibas que ali habitão, e que os Hespanhoes nunca poderaõ subjugar, e por isso não possuem do dito ospaço nem hum só palmo.

Hora, se á Guiana Portugueza se juntarem as duas Franceza e Hollandeza, teremos hum Reino magnifico, com todos elementos de riqueza e prosperidade dentro de si mesmo, o qual terá por limite, ao Norte, o famoso Oronoque, cuja navegação interior e hum manancial incalculavel de riquezas, e domina as possessões Hespanholas, e, ao Sul, o Grande Amazonas. Basta lançar os olhos sobre a Carta para se formar huma ideia da grandeza e preciosas vantagens da nova Monarhuia. Colocada no meio dos dois Grandes Imperios do Brasil e dos Estados Unidos, ella quererá ter o direito de ser a Medianeira nas dissensões

políticas que entre elles se excitarem ; repartirá suas riquezas para os dois lados, e recolherá em seu seio todas as dos dois vizinhos.

Acclamado S. A. R. Imperador do Brazil (como tudo annuncia que deve ser, e como o intitulaõ ja os Escriitores Estrangeiros) tomará o Titulo de Rei da Guiana, e nomeará hum Principe de Sua Real Familia para governala em qualidade de Vice-Rei.

Mas a França nas suas estipulaçoens de paz pedirá a restituiçaõ da sua Guiana, e por outra parte será preciso que Inglaterra ceda a Guiana Hollandeza: e eisaqui duas difficuldades. Quanto a 1. Nao é preciso ver muito longe para conhecer que a França nao cogita mais de conservar Colonias na America; os seus mesmos Escriitores trataõ esta ideia de insensata. O Egito é o alvo das vistas de Bonaparte; é por la que elle conta de dar o golpe decisivo ao Commercio da sua soberba Rival.* Quando elle chegar a abater a Marinha Ingleza, quando tiver cem Naus de linha e trezentas Fragatas, bons marinheiros e habeis Generaes de Mar, entao tirará das Antilhas e das mais Colonias que tem perdido, as ventajens commerciaes que saõ hoje patrimonio exclusivo de Inglaterra; é isto o que elle tem promettido nos seus discursos. E o rodear dos annos trará ao Mundo esta Epoca memoravel e espantosa? Deos o sabe; mas tudo annuncia que nao esta ainda procima.

Se porem o Imperador insistir pela sua Guiana, não faltará meios de acomodamento e equivalentes a offerecer lhe. Não sei se conviria mesmo desenganalo já de tornar a possuila, e trabalhar por aumentala e fortificala de maneira que possa zombar de quaisquer futuras tentativas. E que attençaõ devem merecer as reclamaçoens d'um Uzurpador que não reconhece outras regras de justiça senão o seu interesse? Diminuir-lhe os meios de fazer mal ao genero humano, eisaqui a politica que me parece necessario empregar com elle. Bonaparte sabe muito bem que cedo ou tarde haverá huma paz, e que os Principes sobre quem elle tiver conquistado, haõ de seclamar contra suas usurpaçoens, e todavia continua a annexar ao seu Imperio os territorios que julga necesarios á regurança e tranquillidade delle. Porque pois não faremos

* L'on regarde aujourd'hui l'Empire Ottoman, comme un vieil Edifice prêt à s'écrouler; les Puissances de l'Europe s'appêtent depuis longtemps à s'en partager les lambeaux, et plusieurs Politiques croient cet événement très prochain: dans cette hypothèse, il est convenable, pensent-ils que la France ait sa part de la dépouille, et l'Egypte est son lot.

nós o mesmo a respeito de hum paiz que conquistamos com tanto direito e justiça? Estou bem persuadido que não é a Guiana Franceza que ha de fazer peso na balança para a restituição de Portugal, se a Providencia permittir que seja subjugado por aquelle Tirano. Bem vejo que seria mais prudente esperar pela paz para taes arranjos; mas sendo, como creio, impossivel calcular, mesmo aproximadamente, a xegada della; parece d'absoluta necessidade não perdermos tempo.

Quanto á 2.ª Por huma politica illustrada o projecto d'Inglaterra não é dominar no Continente; ao contrario ella tem manifestado a intenção de dar a independencia ás Colonias Francezas nesta parte do Globo, depois de habituadas aos seus usos e ao gosto de suas belas mercadorias, para desfrutalas commercialmente, intendendo, e com razão, que é o meio mais solido e efficaz de tiralas para sempre do dominio de França.

No Parlamento se fallou, pouco ha, muito claramente a este respeito, e chegarão já Ecclesiasticos á Surinam para catequizar e preparar para a liberdade os muitos escravos que alli tem o Governo. Inglaterra guardara, como pontos militares, a Trindade, Curaçau, Martinica, Guadalupe, &c. &c., mas Surinam ficara livre. Assim pensa, entre outros, M. de Pradt.—*Les trois âges des Colonies.*—Tom. 3 Chap. 14. pag. 328.

Nestes termos que duvida tera Inglaterra em ceder esta porção de territorio a hum Alliado, e tal como Sua Alteza Real de quem ella tanto depende? Inglaterra obtem com esta cessão os dois fins que pretende, que são tirar o Paiz á França e defructualo commercialmente. Se forem precisos equivalentes, Sua Alteza Real tem muitos a offerecer, que sendo de pequeno interesse ao Imperio do Brasil, são muito ventajosos a Inglaterra; e para não fallar n'outras, temos as possessões da India, que cedo ou tarde seremos obrigados a abandonar. Que estas possessões nos são de pouco interesse não seria difficil de provar, e tenho em meu favor authoridades respeitaveis. Pode ser que Inglaterra faça repugnancia em ceder a Guiana Holandesa, temendo que o Brasil ja formidavel por sua extensão e immensos recursos, o seja muito mais com o novo accrescimento; mas a força do equivalente, a confiança que ella tem na sua politica, e o desejo de temporisar com a Corôa Portugueza, movela haõ ao sacrificio.

E parece me tanto mais interessante instar com Inglaterra para esta cessão, quanto me parece claro que a vizinhança mesmo dos Inglezes no Continente nos é perniciosa, como sejaõ diametralmente oppostos os interesses das duas Cortes

Os Inglezes querem arruinar a cultura destes paizes, Sua Alteza Real quer protejela e aumentala; os Inglezes querem proclamar a liberdade dos escravos, Sua Alteza Real quer ate evitar que este nome, perigoso para almas embrutecidas, chegue aos ouvidos do escravo, esperando que circumstancias favoraveis abraão caminho a extinção da escravidão no seu Imperio sem o risco de arruinar totalmente a agricultura.

Mas suppondo ainda que os Inglezes queiraão estabelecer na nossa vizinhança hum Colonía debaixo dos principios communs a esta especie de fundações, assim mesmo me parece formidavel hum tal vizinho. Os Inglezes não tem menos ambição que as mais ambiciosas Nações do mundo, e esta paixão violenta apaga todos os sentimentos de generosidade e amizade. E eu quizera, por nosso proprio interesse e segurança, que, a ser irremediavel o ficarmos em contacto com estrangeiros, escolhessemos ao menos os que se achassem taõ atrazados como nós. O Gabinete de S. James é muito previsto e sabe preparar de muito longe os successos; por isso, não lhe negando generosidade em alguns lances com a Corôa Portugueza, intendo que é preciso transijir com elle e trata-lo com muita circumspecção e cautela.

Feita a cessaão, contentarnos-iamos com os limites que os Hespanhoes reconheciaão aos Hollandezes, porem facilmente se estenderiao até a grande embocadura do Orenoque, que é o limite natural, ao Norte. Não seria taõbem difficil obtermos por limite, ao Poente, o Rio Caroni, famoso tributario do Orenoque, o qual saindo das Montanhas d'Usupama, vai cubrindo toda a parte Occidental da Guiana Hollandeza até precipitar se nelle e com tal soberba que por longo espaço conserva a distincção de suas aguas. D'esta sorte, e por hum destes acasos que os homens não podem prever, viriao os Hollandezes a fazer nos hum principio de paga do muito que nos usurparaão nos tempos infelizes de Portugal.

Verdade é que a população das trez Guianas juntas não é ainda consideravel, mas taobem sabemos pela historia como grandes Imperios começaraõ n'hum punhado d'homens. Governo paternal, absoluta liberdade de consciencia, economia na Administraçãõ, sistema d'Alfandegas liberal e facil, Concessões gratuitas de terreno aos novos Colonos, e mesmo alguns avanços, se possivel for, e veremos em dez annos huma população respeitavel. As Colonias Britanicas se despovoaraão, visto o estado de oppressão em que se achaão e os continuos ameaços de revolta dos Negros; e hum grande parte mesmo dos Emigrados Europeos preferiraão aos

Estados-Unidos a nova Monarquia, como paiz nascente, onde os meios de fazer fortuna devem ser naturalmente mais faceis. E que mal iria a S. A. R. se fosse concentrando no seu novo Imperio os Portuguezes espalhados por essas Ilhas e mais pontos que possui na Europa, Africa e Asia? E que ventajens se não podem tirar das Naçoens Indigenas que demandão nossa amizade e protecção? *

São muito poderosos, a meu ver, os motivos da necessidade da conservação e reuniaõ das Guianas. A simples inspecção da Carta nos mostra que a margem Setentrional do Amazonas forma huma linha immensa, aberta e de fácil accesso, até pelos muitos Rios que a cortão, e por consequencia que ser nos ha muito incommodo qualquer vizinho que ficar em contacto com as nossas possessoens n'esta parte do Imperio. Depois da interessante viagem do Barão d'Humbolt aos Dominios Hespanhoes, já não é hum problema para a Europa a communicacão do Orenoque com o Amazonas pelo Rio Negro, e sei por escritos que passarão por minhas mãos, as grandes ventajens que os Francezes contavaõ tirar contra nos desta descoberta alliandose aos Hespanhoes. E' impossivel que o possuidor da Guiana Franceza não tenha pretençoens sobre a Portugueza e sobre a livre navegacão do Amazonas, que poim a descoberto todo o interior do Brasil; pretensoens que serao apoiadas com as armas, que nos inquietarão muito e talvez sejam meio de perdermos huma parte de nosso proprio territorio. O modo mais seguro de evitalo é guardarmos nos a Guiana exclusivamente.

Toda a Costa da Franceza que hoje occupamos offerece pontos de defesa e particularidade que a fazem inexpugnavel, e são outros tantos baluartes que defendem a importantissima Capitania do Pará. Em fim o commercio do Brasil não esta seguro ficando este paiz em mãos alheias, como nolo mostrou já huma bem triste experiencia.

Alem disto é preciso principiar a temer com tempo os Estados Unidos, e hir preparando barreira efficaz á torrente devastadora que se deve esperar da maldita ambição em hum povo grande e vigoroso, cujos rapidos progressos, que tantas circunstancias felizes tem accelerado prodigiosamente, principiavaõ a inquietar já as mesmas Potencias da Europa. Fazamos ainda favor aos sentimentos filántropicos do povo Americano e seu Governo (que muitos fatos parecem desmentir).

* Diga cada hum o que quizer sobre estes selvagens; o exemplo dos Jesuitas no Paraguay e recentemente o emprego que delles se tem feito no Para, confirma a minha opiniaõ.

mas nem porisso deixaremos de nos acautelar contra elles, porque os calculos politicos formados somente sobre a boa opiniao que devemos ter dos nossos vizinhos, fazendo muita honra a quem os forma, não podem deixar de ser, cedo ou tarde, enganadores e fatais.

O povo Americano é ja hum grande massa, e não de Europeos degenerados mas sim de Inglezes estabelecidos na America*. A sua força moral e industrial, aos progressos de sua marinha, manufacturas, &c. &c. accrescem hoje as ventajens incalculaveis que lhe promettem as novas aquisições principalmente do Mississipi, cuja navegação não pode deixar de dar hum impulsão progressiva e extraordinaria a todo interior do vasto e rico paiz que elle banha. Tudo isto d'hum parte, e da outra as continuas emigrações da Europa, principalmente depois da revolução, que pelo calculo de M. Page são de duzentos e sete mil individuos annualmente, e que durarão inda longo tempo, visto o estado de violencia e de miseria daquella parte do Mundo, tudo isto, digo, nos annuncia claramente estar chegada a epoca em que os Americanos devem passar á hum Nação de primeira Ordem: Hum Governo que combine a unidade, energia e prontidão, e a Deus liberdade dos povos circumvizinhos. Inteira ou dividida, contente com seus limites, ou engradescendo se sobre a ruina dos Hespanhoes, a America Setentrional é ja hum Corpo muito volumoso, que principia a fazer hum pressão incommoda sobre o resto do Continente, e que não pôde deixar de ser fatal aos seus vizinhos descuidados.

Os Estados-Unidos formão com o Brasil hum balanço, daqual é como fiel esta porção de territorio que tem o nome de Terra firme até o Amazonas. Aquellas das duas Nações que das extremidades oppostas ganhar mais pontos para o centro, mudando a natureza da Alavanca, destruirá o equilibrio e ganhara mais força. Eis aqui o que nos ja temos conseguido com a aquisição da Guiana Franceza, e se completará com a Hollandeza.

Os Francezes não desconheceraõ a necessidade de preparar hum barreira n'este Continente aos Americanos, e a oportunidade que lhes dava para este fim esta sua parte da Guiana, e preparavaõ se para isso quando os negocios politicos tomáram outra direcção. E que não poderemos nos fazer com as trez Guianas reunidas, e inda mesmo só com a Franceza e Portugueza?

* A pratica que delles tenho tido neste paiz me confirma na opiniao que formava pelos livros.

E porque os Príncipes não vivem só para si, mas taobem para seus Filhos e para seus Vassallos que o não são menos na ordem politica, e a Providencia deu a S. A. R., como por milagre, este paiz tao vantajoso e necessario á segurança do seu Imperio, parece que o Mesmo Augusto Senhor não deve despresalo. Se o largar, talvez nunca mais possa re-ganhalo.

Nenhum Soberano em Portugal tem tido Reinado tao tempestuoso como a Regencia de S. A. R., que todavia sustentou em paz seus Estados até a ultima extremidade em que sua Mesma Real Pessoa correu risco. Quiz a Divina Providencia que enganasse a perfidia do seu inimigo; escapou lhe das mãos e passou se para seus Estados do Brazil. Esta façao immortal, que ha de fazer época nos Annaes do Mundo e da felicidade da Especie Humana, tem as Naçoens em expectação, e obriga a S. A. R. a apparecer com empresas dignas della. Ja a margem Oriental do Rio da Prata principia a reconhecer e tributar Vassallagem ao seu Senhor Natural; e esta parte da Guiana recebeo taobem a Lei. Não se pode estrear com mais feliz successo, e a reuniao das tres Guianas fechara o circulo destas primeiras operaçoens. Nellas verá o nosso insolente e perfido inimigo preliminar da Sentença que ha de vingar, hum dia, a infame usurpação com que se deshonrou á face das Naçoens.

Aos que tiverem medo de aumentar o territorio, já vastissimo, do Brasil, fundados no principio vulgar que grandes maquinas são mais fracas e consequentemente de menos duração, responlerei;

1. Que inda se não experimentou o effeito de huma organização sabia e appropriada a hum Imperio vastissimo, e que me parece rediculo decidir catedraticamente huma questão complicadissima de Politica com huma analogia de Mecanica.

2. Que inda não vi marcado o limite do que devemos chamar Imperio vastissimo e impossivel de ser governado por hum so Governo e sem divisao. Que convindo em ser mais difficil levar hum movimento regular e vida aos pontos remotos d'hum grande Corpo, não posso convir que seja impossivel. Quanto mais que inda quando, no decurso de seculos, hum Imperio venha a dividir se, não é isto hum grande mal, porque a parte desmembrada não será menos o mesmo povo, com as mesmas relaçoens, gostos e habitos, o que é d'hum grande interesse politico.

3. Que a decadencia do Imperio Romano, que communmente se produz como argumento vitorioso contra a existencia de grandes Imperios, não procedeo exclusivamente da extensao do territorio, mas sim e principalmente dos elementos de dissolucao e morte que encerrava em si, como

vera quem reflectir na historia, e a pezar disso sabemos o tempo immenso que durou. Desafio os mais versados na historia a provarem me que esses grandes Imperios de que apenas ha noticia confusa, tiverão sabias e appropriadas Constituições.

4. Que Inglaterra, porque soube dar huma impulsão e direcção util á sua industria e commercio é huma Potencia Colossal com quem não podem tantas e grandes Nações reunidas, e que é hoje o unico garante da liberdade do mundo contra os projetos do maior dos Tiranos; que não deixará de ser grande e de fazer grande interesse commercial inda quando seja obrigada a abandonar muita parte dos paizes conquistados sobre seus inimigos.

5. Que os Fastos humanos não mostraõ que as pequenas Nações tenham sido mais felismente governadas do que as grandes; nem que os Estados pequenos tenham sido eternos no Mundo, antes ao contrario, como obra dos homens sempre marcada com o ferrete da mortalidade, tem representado seu papel e desaparecido da scena como as grandes Monarquias.

6. Finalmente que não vale o argumento quando se trata de segurar nossas fronteiras e polas á abrigo de qualquer tentativa futura de vizinhos inquietos e ambiciosos; o que nada custara a S. A. R., todos os recursos sahirão do mesmo paiz que se reúne.

Se houver motivos particulares para que não tenha lugar a união da Guiana Hollandeza, pôde reunir se a Guiana Franceza á Portugueza, e não temos menos hum excellente Reino com grandes vantajens. Se inda isto mesmo não tiver lugar, pode se crear hum Principado de ambas para os Augustissimos Descendentes de S. A. R. Nada de Principes Estrangeiros em contacto com nosco: eis aqui o principal fim que tenho em vista porque se nos vemos, com magua, que os membros de huma mesma Familia sacrificão muitas vezes os vinculos do sangue a motivos politicos, que devemos esperar de Estrangeiros? Os Montes, Rios e Mares são barreiras fisicas; o parentesco de sanguinidade e os vinculos d'affinidade são barreiras moraes. Os homens não tem de telhas a baixo, como costumão dizer, outros meios de que se ajudem, é portanto necessario empregalos.

Remato o meu discurso pedindo que, se outro prestimo não tiver, seja ao menos considerado como hum dos muitos e ardentes votos que formo incessantemente pela elevação do novo Imperio á grandeza de que é capaz, e para que a Gloriosa Dinastia que felismente nos Governa, de tal modo se estabeleça e perpetue n'este novo Hemisferio, que faça inveja e infunda respeito aos seus inimigos.

EM NOME

DE SUA ALTEZA REAL, O
PRINCIPE REGENTE DE
PORTUGAL, SENHOR NOS
SO.

Joaõ Severiano Maciel da
Costa, Intendente Ge-
ral e Primeiro Magistra-
do de Cayena e Guiana,
Desembargador Agra-
vista da Casa da Sup-
plicação, Commenda-
dor da Ordem de Chris-
to, &c. &c. &c.

Sua Alteza Real o Prin-
cipe Regente, Senhor Nos-
so vio com magua pela infor-
mação que sabio á Sua Real
Presença que apezar dos im-
postos com que achou one-
rado este Povo, ao tempo da
Conquista, nem assim os ren-
dimentos publicos bastão pa-
ra as despesas ordinarias do
serviço. Seguindo porem os
movimentos de seu Benigno
Coração, em vez de huma
imposição extraordinaria de
guerra que igualasse a re-
ceita com a despesa, como
se pratica em iguaes circun-
stancias por toda parte, acá-
ba, ao contrario, de expe-
dir as ordens mais positivas
para que do Erario do Brazil
se dem os soccorros necessa-
rios a esta Administração.

Outro sim, não se afas-
tando, huma só linha, da sua
reconhecida Moral, e olhan-
do com desprezo para o que

AU NOM

DE SON ALTESSE ROYALE,
LE PRINCE REGENT DE
PORTUGAL, NOTRE SEIG-
NEUR.

Joao Severiano Maciel da
Costa, Intendant Gé-
néral et Premier Magis-
trat de Cayenne et Gui-
ane, Desembargador
Agravista da Casa da
Supplicação, Comman-
deur de l'Ordre du
Christ, &c. &c. &c.

Son Altesse Royale, le
Prince Regent Notre Seig-
neur, a vu avec peine par
les rapports qui lui ont été
adressés, que malgré les im-
pôts dont les Habitans de ce
pays étaient déjà chargés lors
de la Conquête, les revenus
publics ne suffissent pas, mê-
me pour les dépenses ordi-
naires du Service: mais sui-
vant les sentimens de Son
Cœur Bienfaisant, au lieu
d'une imposition extraordi-
naire de guerre qui égalât la
Recette à la Dépense, com-
me il est d'usage partout en
semblables circonstances, S.
A. R. au contraire vient de
donner les ordres les plus po-
sitifs, pour que du Trésor du
Brésil, on fournisse à cette
Administration tous les se-
cours nécessaires

En outre, ne s'écartant
pas d'une seule ligne de sa
morale reconnue, et voyant
avec mépris tout ce que son

tem praticado o seu inimigo na invasão de Portugal, onde, tendo sido recebido como protetor, não perdoou depois nem a propriedade individual; S. A. R. não quer senão aquilo que lhe pertence incontrastavelmente pelo Direito de Conquista, e ainda nisto mesmo se ha com huma rara Benignidade, fazendo excepções bem dignas d'hum Soberano, Pai de seus Vassallos.

ORDENA PORTANTO.

1. Que sejam consideradas como vacantes e incorporadas nos Bens da Coroa as propriedades dos individuos que achando se neste paiz ao tempo da Conquista, se retiraram para a França sem delas disporem, como deviam, no largo tempo que para isso tiveram, não sendo compativel nem com a razão nem com a segurança publica que individuos que passarão a ser inimigos, conservem propriedades no paiz que abandonaram.

2. Que tenhaõ a mesma sorte as propriedades de qualquer natureza e qualidade que sejam, dos individuos que, ao tempo da Conquista, se achavam e ainda hoje se acham em França, os quaes são justamente considerados inimigos.

ennemi a fait dans l'invasion du Portugal, où après avoir été reçu comme Protecteur, il n'a pas pardonné même à la propriété individuelle, S. A. R. ne veut que ce qui lui appartient incontestablement par le Droit de Conquête, et même encore, Elle y fait, par une rare Bénignité, des exceptions bien dignes d'un Souverain Père de ses Sujets.

EN CONSEQUENCE ELLE ORDONNE,

1. Que les propriétés des individus qui se trouvaient dans ce Pays lors de la Conquête, et en sont partis pour France, sans disposer de leurs biens comme ils le devaient pendant le long espace de tems qu'ils ont eu pour cela, soient considérées comme vacantes et soient réunies aux Biens de la Couronne, étant incompatible avec la raison comme avec la sûreté publique, que des individus qui sont devenus ses ennemis, conservent des propriétés dans le pays qu'ils ont abandonné.

2. Que les propriétés de quelque nature et qualités qu'elles soient, des individus qui lors de la Conquête se trouvaient en France, et s'y trouvent encore aujourd'hui et qui sont justement considérées comme ennemis, soient de même déclarées vacantes et réunies aux Biens de la Couronne.

3. Que se exceptuam desta regra as propriedades que se acharem administradas por Pais que tiverem Filhos em França e *vice versa*, assim como as administradas pelos Maridos que tiverem Mulheres em França e *vice versa*, não estando divorciados, como hum favor justamente devido aos vinculos estreitos da linha ascendente e descendente, e hum religioso respeito á santidade do Matrimonio.

4. Que se exceptuem taobem as propriedades dos Francezes que se achassem estabelecidos em paizes amigos ao tempo da Conquista.

5. Que as dividas passivas com que se acharem oneradas as propriedades incorporadas nos Bens da Coroa, legalmente provadas, sejam pagas aos Crêdores que não forem comprehendidos no primeiro e segundo Artigo.

Em Execução desta Regia Resolução Ordeno o Seguinte.

ARTIGO PRIMEIRO.

São declaradas em sequestro e incorporadas nos Bens da Coroa, todas as propriedades de qualquer natureza e qualidade que sejam dos individuos comprehendidos nos Artigos 1. e 2. da ordem Regia, não exceptuadas pelos Artigos 3. et 4. da dita Ordem.

3. Que l'on excepte de cette règle, les propriétés administrées par des Pères ayant de Enfans en France et *vice versa*, ainsi que celles administrées par des Epoux ayant leur Femme en France et *vice versa*, pourvu toute fois qu'ils ne soient pas divorcés, et cela comme une faveur justement due aux liens étroits de la ligne ascendante et descendante, et un religieux respect à la sainteté du Mariage.

4. Que les propriétés des Français qui lors de la Conquête se trouvaient établis dans des pays Amis, soient de même exceptées.

5. Que les Dettes Passives dont pourraient se trouver grevées les propriétés réunies aux Biens de la Couronne, étant légalement prouvées, soient payées aux Créanciers qui ne feront pas partie des individus compris dans les Articles 1. et 2.

En execution de cette Résolution Royale, Nous avons Ordonné et Ordonnons ce qui suit :

ARTICLE PREMIER.

Sont déclarées sequestrées et réunies aux Biens de la Couronne, toutes les propriétés de quelque nature et qualité qu'elle soient, des individus compris dans les Articles 1. et 2. de l'Ordre Royal, et non exceptées par les Articles 3 et 4 du dit Ordre.

II. Os Administradores das propriedades exceptuadas pelos ditos Artigos, apresentarão no termo de quinze dias da publicação da presente, na Secretaria da Intendencia Geral todos os documentos e titulos que provem a excepção.

III. Far se haõ Inventarios estimativos das ditas propriedades incorporadas com todos seus moveis e pertencas, assim como dos frutos colhidos e effeitos manufacturados. Destes inventarios seraõ encarregados os Commissarios, cada hum no seu Cantaõ, fazendo assistir a elles os Administradores das propriedades ou seus Procuradores e dois peritos que para isso nomearaõ. Tudo assim feito e assinado por todos sera remettido á Secretaria da Intendencia.

IV. Os Administradores actuaes continuaraõ na administração e responsabilidade da propriedade incorporada até segunda Ordem, e entretanto seraõ obrigados a apresentar na mesma Secretaria, no termo de quinze dias depois do inventario, huma conta exacta de receita e despesa de sua administração desde a ultima conta dada até o dia do dito inventario. As contas de dividas activas e depositos diversos, &c. principiaraõ taobem da ultima conta dada e se fecharaõ no dia da publicação d'esta, e seraõ

II. Les Administrateurs des propriétés exceptées par les dits articles, présenteront á la Secrétairerie de l'Intendance Générale dans le terme de quinze jours à dater de la puclication de la présente, tous les documens et titres qui prouvent l'exception.

III. Il sera fait un inventaire estimatif de chacune des dites propriétés réunies au Domaine, y comprenant les meubles et tout ce qui en dépend, ainsi que les fruits récoltés ou objets manufacturés. Les Commissaires de Quartier, chacun d'eux pour son arrondissement, sont chargés de ces inventaires, ils y feront assister les Administrateurs de Propriétés ou leur Agent, ainsi que deux experts qu'ils nommeront à cet effet. Ces inventaires ainsi faits et signés par ceux qui y auront assisté, seront remis à la Secrétairerie de l'Intendance.

IV. Les Administrateurs actuels continueront dans l'administration et responsabilité de la propriété réunie, jusqu'à nouvel ordre; ils seront tenus de remettre à la dite Secrétairerie, dans l'espace de quinze jours après celui de l'inventaire, un compte exact des Recettes et Dépenses de leur administration, depuis le dernier compte réglé jusqu'au jour du dit inventaire. Les comptes relatifs aux Dettes Actives, Dépôts divers, &c. partiront de même du dernier compte réglé, et devront é-

entregues na Secretaria, para os da Vila, no termo de vinte dias, e para os dos Cantoens no de quarenta, contados da publicação da presente

V. Os que possuírem bens em commun com os ausentes cuja parte deva pertencer a coroa, deverão dar huma conta de toda a propriedade, juntando os documentos legaes por onde se possa julgar a parte que pertence a cada co-proprietario.

VI. Os Administradores que quizerem continuar na administração que tem tido até agora, farão sua declaração por escrito e se ajustarão as condições e a commissão que deverão perceber.

VII. Os credores das propriedades sequestradas apresentarão suas contas, com os titulos justificativos na Secretaria da Intendencia de que se lhes dará recibo, para serem examinadas e proceder se ao pagamento.

VIII. Todos os que occultarem ou procurarem occultar os bens de qualquer natureza que sejam, que por esta Ordenança devão entrar nos Bens da Coroa, ou para isso derem ajuda, conselho ou favor, serão condenados a pagar o tres dobro das so-

tre clos à la date de la publication de la présente, ils seront remis à la Secrétairerie, dans le délai de vingt jours pour les personnes résidentes en Ville, et dans celui de quarante pour celles qui habitent les Quartiers, à compter de la publication de la présente.

V. Ceux qui possèdent quelque bien en communauté avec un absent, dont la portion doit appartenir à la Couronne, devront donner leur compte pour toute la propriété, en y joignant les pièces et titres qui prouvent la part appartenante à chaque co-propriétaire.

VI. Les Administrateurs qui désireront continuer l'administration dont ils ont été chargés jusqu'à present, feront leur déclaration par écrit, et l'on conviendra des conditions et de la commission qu'il, devront percevoir.

VII. Les Créanciers des propriétés séquestrées, présenteront à la Secrétairerie de l'Intendance, leur compte avec les pièces justificatives desquelles il leur sera donné reçu. Les comptes seront examinés, pour ensuite procéder au payement de ce qui sera dû.

VIII. Tous ceux qui cacheraient ou tenteraient de cacher quelque propriété, ou valeur de quelque nature que ce soit, faisant en vertu de cette Ordonnance, partie des Biens de la Couronne, ou qui aideraient, conseilleraient ou faciliteraient cette fraude,

mas occultadas, e punidos com penas arbitrias, como homens suspeitos.

IX. A presente Ordenança sera publicada, impressa e fixada nos lugares do costume, resistada nas Secretarias da Corte de Appellação e do Tribunal de primeira Instancia, por diligencia do Procurador Geral e Procurador Real que são encarregados de a fazer executar, será taobem remettida aos Commissarios dos Cantoens.

Dado em Cayena nas Casas da Minha Residencia a 23 de Abril de 1812.

(Assignado) JOAO SEVERIANO MACIEL DA COSTA.

seront condamnés à payer le Triple de la valeur des sommes cachées, et seront punis de peines arbitraires comme individus suspects.

IX. La présente Ordonnance sera lue, publiée, imprimée et affichée dans tous les lieux accoutumés, elle sera enregistrée aux Greffes de la Cour d'Appel et du Tribunal de première Instance, à la diligence de Messieurs le Procureur Général, et le Procureur Royal, qui sont chargés de tenir la main à son exécution, et sera envoyée aux Commissaires de Quartier.

Donné à Cayenne, en notre Hôtel, le 23 Avril, 1812.

(Signé) JOAO SEVERIANO MACIEL DA COSTA.

Parece que nada ha mais justo do que a deliberação de Sua Alteza Real a respeito dos bens dos Francezes de Cayena, que se auzentáraõ para França: e oizamos dizer, e o sustentaremos, se for precizo, que as contemplaçoens de Sua Alteza Real sobre este objecto, são excessivamente humanas. Com tudo, ha dois grandes negociantes, ou tratantes Inglezes, que procuraõ perturbar a tranquillidade daquella justissima conquista, tendo o criminozo atrevimento de atacar de injusta a ordem Regia, que deixamos transcrita, de intrometter-se no que não he, nem pode ser jamais da sua competencia, e de offerecer os seos nomes, e prestimo para se passarem á França os bens (ou a valor delles) que devem pertencer, e que são de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor.—A carta seguinte mostra o que dizemos; e os nossos leitores podem estar seguros da sua

authenticidade: nos vamos transcreve-la na mesma lingua em que foi escrita, pondo em letras italicas o que vem para o nosso assumpto.

COPIA

De huma Carta escrita por May e Alewin de Londres na data de 7 de Novembro de 1812, dirigida a Madama D'Audiffredy rezidente em Cayena.

Nous avons eu l'honneur de vous écrire le 28 Septembre dernier par la voie de Surinam, &c.

Nous nous reposons entièrement sur la recommandation de Madame Votre Fille et celle de Madame Vernier, en vous priant de vouloir charger vos denrées sur le Navire le John, par lequel vous recevrez celle ci, il est adressé à M M. Farnous frères pour votre information.—Madame votre fille nous mande encore. “Ma mère a l'intention de
“ vendre ses propriétés à Cayenne pour passer ensuite en
“ Angleterre ou en France, s'il vous étoit possible Mes-
“ sieurs de l'aider un peu dans cette entreprise, vous lui ren-
“ driez ainsi qu'à nous un très grand service et ce n'est que
“ le désir de se reunir à ses enfants qui lui inspire le désir
“ de s'en defaire.”—Nous vous offrons avec empressement nos services pour obtenir l'accomplissement de cet objet, en cas que vous ne pourriez trouver un agent fidele dans la Colonie (car nous sommes dans l'idée que vous ne desirez pas une vente réelle dans ces moments ci) pour prendre sur son nom l'habitation, nous ne hesiterions pas à le faire, sous les precautions que vous pourriez desirer de nous.—*Nous sommes instruits des démarches du Gouvernement Portugais par rapport aux absents. Cette loi n'existe dans aucune des autres Colonies conquises et nous la trouvons très injuste, pour cet effet nous aimerions à faire l'impossible pour garantir les propriétaires honnêtes des pertes qu'il pourroient subir en conséquence. Ayez la bonté de communiquer cette idée à vos amis de confiance et d'être assurés que tout ce qu'ils voudront exiger de nous sera rempli avec probité et attention.*

Recevez de nouveau l'assurance, &c. &c.

(Signé)

MAY ET ALEWYN.

Foraõ estes mesmos respeitaveis negociantes ou trantantes Inglezes, que informáraõ falsamente o Ministerio Inglez, e lhe persuadiráõ que as mercadorias

que entravaõ e sahiaõ daquella Colonia (Cayena) em navios Inglezes pagavaõ o dobro do que pagavaõ as que alli entravaõ, ou sahiaõ em navios Portuguezes. Eisaqui a carta igualmente authentica, que o prova.

COPIA

De huma Carta escrita por May e Alewin de Londres em data de 18 de Setembro de 1812, dirigida a Mr. Geneste rezidente em Cayena.

Notre derniere fut du 18 Dec., &c.

Mad. V. nous ayant instruit que les Marchandises entrant et sortant dans votre Colonie sur des vaisseaux Anglois payaient le double que ceux sur vaisseaux Portugais, il nous est venu dans l'idée que cela étoit injuste, et pas suivant l'intention de notre Gouvernement ici conforme à l'alliance entre les Portugais et nous. Mad. V. nous ayant beaucoup animé de tacher d'y porter un changement et connoissant bien le Secrétaire du Département des affaires Etrangères, nous l'avons consulté, et il n'y a plus que deux mois, présenté une mémoire priant que les droits qu'on impose sur navires Anglois seroient réduits au moitié et mis-égaux à ceux de leurs propres navires. Nous avons reçu assurance que le Ministre au Brasil a reçu ordre d'en faire une représentation et d'insister sur la diminution conforme à nos représentations. Ainsi si quelque chose a lieu en faveur des propriétaires, c'est notre maison à qui tout l'honneur est due. Donnez en connoissance aux principaux propriétaires si vous le jugez bien, et tachez d'en faire resulter quelque chose de bon pour vous en cas de reussitte, &c.

(Signé)

MAY ET ALEWYN.

Desta carta se vê clarissimamente que May e Alewin, sem mais informação do que aquella que lhe deo a velha, e intrigante Madama Vernier, representaraõ ao Governo Inglez que os Empregados de S. A. R. em Cayena faziaõ pagar pelas fazendas importadas, ou exportadas em navios Inglezes o dobro do que as mesmas pagavaõ sendo importadas, ou exportadas em navios Portuguezes. Esta representação he falsissima, como se mostra pelo documento seguinte.

CERTIFICADO

Dos Negociantes Francezes, hoje vassallos de S. A. R.
o Principe Regente de Portugal, e dos negociantes
Ingleses rezidentes em Cayena.

We, the undersigned subjects of His Royal Highness the Prince Regent of Portugal, and of His Britannic Majesty, residents of Cayenne, have been informed by his Excellency the Intendant General of Cayenne, that some person or persons have made a report to His Britannic Majesty's Minister for Foreign Affairs, that the subjects of His Majesty were compelled to pay on importation into this colony, of goods or manufactures. double the duties that are required on importation of such goods in Portuguese vessels.—It is with surprise and indignation, that we have heard of the said report, which we declare to be false and unfounded, and proceeding from some person or persons, ignorant or misinformed of the actual duties levied in this colony. The duty inward on goods in English or Portuguese vessels, is 8 per cent., and on some goods only 2 per cent., and the duty outward remains (except some trifling reduction) the same as when the French possessed the colony. We declare further, that since this colony has been in the possession of His Royal Highness the Prince Regent of Portugal, the American vessels, that have arrived here, were chiefly laden with provisions, and but few dry goods, and that since the aforesaid period, except some small vessels from the West Indies, only two English vessels with cargoes, and five in ballast, direct from England, have arrived in this colony.

The subjects of His Britannic Majesty, resident in Cayenne, take this opportunity of expressing their grateful acknowledgments to His Excellency the Intendant General of Cayenne, for the prompt and impartial justice administered by His Excellency, as well as for the kindness which they have on all occasions experienced.

Cayenne, 17th of March, 1813.

John Power.
Th. G. Power.
J. Senac and Co.
A. Parizet.
P. Arnoult.
Bourgeois.
A. Bourou.
P. F. Lejaume,
Jn. Frere.
Vidal.

Jonathan Barry.
A. Brue and Co.
Jos. Hunezat.
Jos. Marin.
Frich Mumere.
Farnous freres.
Tonat.
Orniac.
Rivierre neveu.

Este certificado mostra 1. que a informação de May e Alewin ao Ministerio Inglez he falsa, e não fundada: 2. que os direitos das fazendas, ou generos importados em navios Inglezes tem sido de 8 por cento, e n'alguns generos somente 2 por cento: 3. que os Negociantes Inglezes residentes em Cayena longe de se queixarem do Intendente Geral daquela colonia, o habilissimo João Severiano Maciel da Costa, lhe agradecem a imparcial justiça que lhes tem administrado, e a bondade com que em todas as occasioens os tem tratado. Com tudo a falsissima representação de May e Alewin fez com que o Ministerio Inglez ordenasse ao seu Ministro na Corte do Brazil que exigisse desta Corte 1. ordens as mais promptas e positivas ás Authoridades de Cayena para que não fizessem differença alguma entre navios Inglezes, e Portuguezes, relativamente aos direitos d'importação, e exportação dos generos, na conformidade do Tratado de Commercio. 2. para restituir sem perda de tempo o excesso dos direitos que injustamente se tem cobrado dos generos importados, ou exportados em navios Inglezes.

O Ministerio Inglez, em consequencia da falsissima, e precipitada representação de May e Alewin, (cujo character turbulento, e detestavel fica evidante pelas duas cartas precedentes), expedio taes ordens ao seu Ministro do Rio de Janeiro que este apresentou huma nota fortissima, que por motivos politicos não publicamos. Mas nos não podemos deixar de notar 1. que representando o Excellentissimo Lord Strangford que todos os objectos d'importação, ou exportação em navios Inglezes pagavaõ o dobro do que estes mesmos objectos pagavaõ sendo importados, ou exportados em navios Portuguezes, diga na sua Nota que esta medida não produzia vantagem alguma para a navegação Portugueza—*car depuis la conquete de Cayenne, pas un seul Batiment Portugais n'y a paru, ni venant de l'Europe, ni y allant.* Por tanto, se depois da conquista de Cayena nem hum só navio Portuguez alli apportou, ou dalli sahio, como se diz que os generos importados ou exportados em navios Portuguezes tem pago ametade menos do que os importados, ou exportados em navios Inglezes? 2. Que asseverando o

mesmo Excellentissimo Lord Strangford que todo o commercio se faz actualmente em Cayena pelos Americanos, que saõ alli recebidos, e tratados com o mesmo favor, que os Inglezes, quanto a direitos ; accrescente que he mui vantajozo para elles, vista a proximidade dos Estados Unidos, exportar de Cayena as producçoens do paiz, as quaes vão por este canal em direitura para França, ou para outros paizes que estão debaixo do dominio de Bonaparte. O Excellentissimo Lord Strangford não advertio que as viagens dos Estados Unidos para Cayena saõ ordinariamente mais difficeis que da Europa directamente.

Em consequencia desta Nota do Excellentissimo Lord Strangford, o Governo de S. A. R. o Principe Regente Nosso, sempre fiel aos tratados, fez expedir o Avizo seguinte

AVIZO

Do Illustrissimo e Excellentissimo Conde d'Aguiar ao Intendente Geral da Cayena João Severiano Maciel da Costa.

Constando na Real Presença de S. A. R. por huma representação do Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Britanica nesta Corte que na Alfandega dessa Colonia se tem exigido nos Despachos das Fazendas carregadas nas embarcaçoens Britanicas, Direitos dobrados, em contravenção das estipulaçoens do Tratado de Commercio, e navegação de desenove de Fevereiro de 1810, celebrado entre Sua Alteza Real, e Sua Magestade Britanica : he o Principe Regente Nosso Senhor servido, que V. Mce. faça rigorosamente guardar ahi as estipulaçoens do citado Tratado, de que nesta occasião remetto a V. Mce. hum exemplar, posto que he de presumir que V. Mce. tenha d'elle todo o conhecimento, pela communicação, que se lhe devera ter feito da colonia do Pará, para onde em tempo competente foi enviado por esta Secretaria d'Estado : e quando aconteça, que disposiçoens provizorias, que V. Mce. ahi tomou sobre a Tarifa da Alfandega tenha resultado, como se diz, detrimento aos vassallos de S. M. Britanica ; Ordena S. A. R. que elles sejaõ convenientemente indemnizados pela sua Real Fazenda, naquella parte da differença de Direitos, que tenham pago, contra a disposição do mesmo tratado. Deos Guarde a Vmce. Palacio do Rio de Janeiro em Vinte, e dois de Setembro de mil oito centos, e doze.

(Assignado) Conde de Aguiar.

P. S. Para melhor conhecimento do negocio de que se trata envio por copia a nota de Lord Strangford.—Snr. Joao Severiano Maciel da Costa, segunda via.

Deraõ-se *duplicata* deste Avizo ao Excellentissimo Lord Strangford, o qual mandou hum ao seu Governo; e este teve a bonomia de o mandar aberto a May, e Alewin como se vê do bilhete seguinie

COPIA

De hum bilhete, que se achava pregado sobre o Avizo do Excellentissimo Conde de Aguiar, que de Londres foi remettido ao Intendente Geral de Cayena, onde chegou em Março de 1813 pelo Navio Inglez John, Capitão Adams.

Londres, 1 Janvier, 1813.

Ce Paquet nous a été remis ouvert le 30 Decembre, 1812, par le Secretaire d'Etat des Affaires Etrangères, pour en prendre lecture, et l'expedier à Cayenne par le John, Capitain Adams. Adressant ce navire à Mess. Farnous freres nous leurs avons prié de remettre ce Paquet à son adresse.

(Assignado) MAY, ALEWIN, et Co.

REFLEXOENS

Os nossos leitores nos permittiraõ fazer algumas reflexoens sobre o que fica transcrito neste artigo, CAYENA.

May e Alewin sem outra informação mais do que a que lhe deo a intrigante e velha Vernier; sem terem o pequeno incommodo de escrever aos seos correspondentes para saberem com certeza o que havia a este respeito, acreditáraõ aquella intrigaute, (o que não deve cauzar admiração porque se tratava de calumniar Portuguezes); e sobre taõ miseravel teste-

munho, representárao ao Ministerio Britanico; e pela nota fortissima do Excellentissimo Lord Strangford nota que temos presente, se collige que as ordens que este recebeo do seu Governo foraõ mui fortes; quer dizer, proporcionadas á exaggerada, e falsissima representação de May e Alewin. Primeira reflexão.

O Governo Inglez teve a bonomia de acreditar a falsissima representação de May e Alewin, só porque elles o disseraõ; pois que era absolutamente impossivel que estes dois respeitaveis tratantes Inglezes podessem apoiar a sua representação em documentos, porque os não tinhaõ. Segunda Reflexão.

Vê-se pois que o Governo Inglez, que passa pelo mais activo, e vigilante foi illudido: e quando reflectimos que ha milhares, talvez milhoens de individuos, que, arrastados pela mais criminoza, e insaciavel sedê de honras, de requezas, e de quaesquer outros interesses, bem ou mal entendidos, procuraõ enganar os poucos de que se compoem qualquer Governo; nos não podemos deixar de nos condoer, e lamentar os homens que se achão á testa dos negocios publicos; nós não podemos deixar de horrorizar-nos, vendo a criminoza leveza com que escritores ignorantes, presumptuosos, e atrabiliarios, se atrevem a decidir da conducta dos Governos, e a criminalar todos aquelles actos, cujas cauzas, motivos, e circumstancias, que os dictaraõ, elles ignoraõ. Nos não podemos deixar de nos horrorizar vendo, e sabendo a imprudencia, loucura, atrevimento, e ignorancia, com que hum grande numero de governados fallaõ, e criminalaõ particular, e publicamente todas as medidas do Governo, sem terem o menor dado; sem possuirem o menor conhecimento dos negocios. Terceira reflexão.

Exigindo o Governo Inglez que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor mandasse indemnizar os Vassallos Inglezes a quem se tivesse feito pagar excessivos direitos; S. A. R. immediatamente fez expedir as necessarias ordens. Exigindo o Governo Inglez que se pozesse em rigida observancia o tratado de Commercio de 19 de Fevereiro de 1810; S. A. R. assim o ordenou. Mas sendo hum facto incontestavel que as manufacturas Inglezas, importadas em navios

Inglezes, longe de pagar em Cayena direitos excessivos, somente tem pagão 8 por cento, e algumas 2 somente, devendo ter pago, na conformidade do sobredito tratado 15 por cento: S. A. R. deve imperiosamente exigir do Governo Inglez, que seja promptamente indemnizada a Sua Real Fazenda das sommas em que foi defraudada pelos Vassallos Britanicos; e quando o Governo Inglez não queira pagar estas sommas pelo Thesouro Publico, que obrigue os Negociantes May e Alewin a que as satisfaça com a mesma promptidão, com que illudiraõ o Governo Inglez. Quarta reflexão.

Pois que o Governo Inglez tanto insiste em que o Governo de Portugal e Brazil faça por em rigida observancia o tratado de commercio de 19 de Fevereiro de 1810 em todos os dominios Portuguezes; he justo, he necessario, que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor insista e exija com inabalavel firmeza, que o dito tratado seja posto em rigida observancia a favor dos seos vassallos em todos os dominios Britanicos. Quinta reflexão.

Mas sendo hum facto incontestavel que o dito tratado de commercio não tem sido observado, talvez em hum só artigo, nos dominios Inglezes: S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, (para quem os interesses dos seos vassallos devem ser tudo, como são), longe de ordenar que se ponha em rigida observancia em seos dominios o sobredito tratado, deve-o declarar nullo; absolutamente nullo, 1. porque o Governo Inglez que na conformidade do mesmo tratado devia ser o primeiro a cumpri-lo o não fez ate agora, 2. porque o Parlamento o annullou pelo seu acto pondo-lhe restricçoens, quando S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor o tinha approvado, e ratificado *in pleno*. Sexta reflexão.

Nos não vemos outro meio de por termo ás interminaveis disputas, e questoes que tem havido, ha, e haverá, a respeito deste desgraçado tratado: nos não vemos outro meio de prevenir as funestas consequencias que podem rezultar do grito geral dos negociantes Portuguezes; e de toda a Nação contra este tratado. Nos quizeramos entre tanto, que os Negociantes Portuguezes, em vez de andarem gritando pelos praças, e

pelas ruas contra os Inglezes, se unissem, que tratassem de esclarecer o Governo Portuguez, e de lhe representar em corpo o que julgassem util aos verdadeiros interesses de S. A. R. e da Nação. Se elles continuão na sua desunião e nos seus imprudentissimos fallatorios, não farão mais que azedar os males: taes fallatorios só provaão ignorancia, ou loucura pedantismo ou natural maledicencia.

Em o seguinte No. daremos aos nossos leitores hum excellente Memoria á cerca do modo com que se tem percebido os Direitos Reaes na alfandega de Cayena para servir de resposta á representação feita pelo Ministro Inglez no Rio de Janeiro.

CARTA REGIA.

Governadores do Reino de Portugal, e do Algarve :

Amigos : Eu o Principe Regente vos envio muito saudar, como aquelles que Amo, e Prezo. Sendo evidente pelos Orçamentos, e mais Contas da Receita, e Despeza actual do Reino, que com os vossos Officios tendes feito subir á Minha Real Presença, a necessidade urgentissima de prover a novos e promptos meios, que, augmentando as rendas do Estado, possaõ fazer face as extraordinarias despesas da Guerra, e preencher o grande *deficit* de doze milhoens de cruzados, que occasiona a indispensavel manutenção do grande Exercito, que he preciso conservar em Campo contra o mais atroz, e sanguinario Inimigo ; e Sendo-Me igualmente presente a impossibilidade, que existe, de se poder realisar em Inglaterra, a pezar das mais activas diligencias, e negociaçoens, que alli tem tido lugar, hum grande Empréstimo, que fornecesse os necessarios Fundos, que exigem tão superiores empenhos, alias mui dignos dos mais custosos sacrificios, pois que se trata do maior, o mais serio, e o mais Sagrado dos deveres, o da defeza da Religião. do Throno, e da Patria, vindo por tanto a ser indispensavel em tão urgentes Circumstancias lançar mão de recursos extraordinarios para occorrer aquellas extraordinarias despesas, não bastando assaz as uteis reformas, exacta economia, e

quanto com o mais louvavel zelo, discrição, e acerto tendes praticado para conseguir aquelle fim : Tendo eu em vista livrar ainda neste lance os Meus fieis Vassallos, tão caros ao Meu Paternal Coração, e que tão evidentes, e tão reiteradas provas Me tem dado da sua exemplar lealdade, Amor, e Patriotismo, de novos tributos, e encargos, tanto mais pe- zados, quanto mais escassos são os meios para os satisfazer, tendo elles soffrido tão afflictivas perdas na devastadora inva- são do mais barbaro, e perfido Inimigo : e Querendo Eu além disto dar-lhes mais hum sensivel testemunho do Meu Pa- ternal Amor, e Solicitudade em isenta-los, quanto ser possa, de novos gravames á custa mesmo dos maiores sacrificios do Meu Real Patrimonio : Sou Servido, suscitando o que vos Ordenei na Carta Regia de Instrucçoens, que vos Dirigi em data de 2 de Janeiro de 1809, Determinar vos, que desde logo procedais a fazer por em venda, pelo modo que vos pa- recer mais conveniente, e util nas actuaes circumstancias, todos os bens livres da Coroa, taes como terras, Casas, e outras semelhantes Propriedades Patrimoniaes, que eu havia ja Mandado por em venda : mas que pela maior parte ainda se achão existentes ; as Capellas da Coroa, e as que forem vagando ; os bens dos Proprios, dos Ausentes, e Represalia, que existem em differentes Commarcas ; os bens dos Pro- prios por execuçoens, que se achão nas Commarcas de Se- tubal, Lamego, Elvas, Ponte de Lima, e outras ; e final- mente a Prebenda de Coimbra na parte que comprehende Casas, Casaes, ou Terrenos ; podendo entrar nesta classe muitos outros bens, que se poderaõ vender divididamente, taes como o Paul de Lagos, Marinhas de Farroubilhas, Coutada de Portel, Charneca de Vallongo, e outros simil- hantes ; devendo os productos de taes vendas entrar para o Meu Real Erario, e serem applicados para as despezas da Guerra, que tanto convem sustentar com a maior acti- vidade, e energia até á perfeita restauração da Peninsula, e inteira expulsão do Inimigo para além dos Pyrinneos. O que assim tereis entendido, e executareis. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Dezembro de 1812.

Principe Para os Governadores do Reino de Portugal, e do Algarve.

ESTADOS UNIDOS.

MENSAGEM DO PRESIDENTE AO CONGRESSO.

Concidades do Senado e da Casa dos Representantes !

Pouco depois de se ter fechado a sessão passada do Congresso, se communicou formalmente hum offerta do Imperador de Russia para a sua mediação, como amigo common dos Estados Unidos, e da Gran Bretanha: a fim de facilitar a paz entre elles. Sendo o alto character do Imperador Alexandre hum penhor sufficiente pela sinceridade e imparcialidade de sua offerta, foi esta immediatamente aceita; e como ulterior prova da disposição da parte dos Estados Unidos de tratar com o seu adversario sobre experimentos honrosos para terminar a guerra; se determinou o evitar demoras intermediarias incidentes á distancia das partes, providenciando definitivamente para a contemplada negociação. Consequentemente foram commissionados tres eminentes cidadãos nossos, com os poderes necessarios para concluir hum tratado de paz, com as pessoas revestidas de semelhantes poderes, da parte da Gran Bretanha. Foram elles tambem authorizados a entrar naquellas convenções de regulamentos de commercio, entre os dous paizes, que se achasse serem mutuamente vantajosos. Os dois enviados que estavam nos Estados Unidos ao tempo de sua nomeação, partiram já a unir-se a seus collegas em S. Petersburgo.

Os Enviados receberam outra commissão authorizando-os a concluir com a Russia hum tratado de commercio, com as vistas de fortalecer as relações amigaveis, e melhorar a proveitosa communicação entre os dous paizes.

O exito desta amigavel communicação do Imperador de Russia, e desta manifestação pacifica da parte dos Estados Unidos, he somente o tempo quem o pode decidir. Deve se presumir, que os sentimentos da Gran Bretanha, para com aquelle Soberano, produzirão a aceitação da mediação que se offerece. He certo que não existem motivos sufficientes para preferir a continuação de guerra com os Estados Unidos aos termos com que elles estão promptos a terminalla.

O gabinete Britanico deve tambem conhecer, que, a respeito da importante questão da prizaõ dos marinheiros, so-

bre que a guerra principalmente versa, a busca ou captura de pessoas ou propriedades Britanicas a bordo de navios neutraes no mar alto, não he hum direito de belligerante deduzido do direito das gentes; e he obvio, que nenhuma visita ou busca, ou o uzo de força, para qualquer fim, abordo do navio de huma potencia independente, em alto mar, pode, seja em tempo de paz, seja em tempo de guerra, ser sancionado pelas leys ou authoridade de outra potencia. He igualmente obvio, que para o fim de preservar para cada Estado os seus membros maritimos, excluindo-os dos navios do outro, o modo de antes proposto pelos Estados Unidos, e agora adoptado por elles como ley, e artigo de policia municipal, não pode por hum so momento comparar-se com o modo practicado pela Grã Bretanha, sem huma convicção de sua preferencia; em tanto quanto este deixa fazer a distincção entre os marinheiros das duas naçoens, a officiaes sujeitos a fazer huma injusta decizão, tanto por preocupações inevitaveis, como por falta de provas, em circumstancias que excluem, pela maior parte, a imposição de penas coercitivas; e em que huma decizão injusta, alem da irreparavel violação dos sagrados direitos das pessoas, podem frustrar os planos, e lucros de toda a viagem; entretanto que o modo que escolhem os Estados Unidos, acautella com estudada equidade e efficacia os erros em taes casos; e evita os effeitos de erros accidentaes, na segurança da navegação, e bom successo das expedições mercantis.

Se a racionabilidade da expectação e esperança, que se deduz destas considerações, pudesse assegurar o seu preenchimento, não estaria distante huma justa paz; porem convem á sabedoria da Legislatura Nacional conservar na lembrança, a verdadeira politica, ou para melhor dizer a indispensavel obrigação de adaptar as suas medidas á supposição de que o unico caminho para aquelle saudavel acontecimento he o vigoroso emprego dos recursos da guerra. E penosa como he esta reflexão, com tudo este dever he particularmente exigido pelo espirito e maneira, com que a guerra continua a ser feita pelo inimigo, o qual, insensivel aos constantes exemplos de humanidade que se lhes dá, ajunta á sua furia selvagem em huma fronteira, o systema de roubo e incendios da outra, igualmente prohibido pelo respeito devido ao character nacional, e pelas regras estabelecidas da guerra civilizada.

Como incitativo para continuar, e vigorar os esforços, que tragam esta contenda a hum feliz resultado, tenho a satisfação de poder appellar para os bem agourados progressos de nossas armas tanto por terra, como por mar.

Em continuação dos brilhantes feitos de nossa nascente es-

quadra ; ganhou o Capitão Lawrence, e seus companheiros na chalupa de guerra Hornet, hum assignalado triumpho, destruindo huma chalupa de guerra Britannica com celeridade tão sem exemplo, e mortandade do inimigo tão desproporcionada á perda do Hornet, que chama para os conquistadores o mais alto louvor, e a plena recompensa, que o Congresso providenciou nos casos precedentes. Os nossos navios de guerra do Publico, em geral, assim como os vasos armados de particulares, tem continuado a sua actividade e bom successo, contra o commercio do inimigo ; e pela sua vigilancia e arte tem frustrado em grande parte os esforços das esquadras inimigas, distribuidas ao longo de nossas costas, em interceptallo, quando voltam aos portos, ou quando tornam a sahir a seu curso. O augmento de nossa força naval, como foi authorizado na sessão passada do Congresso, vai indo em seus progressos. Nos lagos a nossa superioridade está quasi á mão senão esta ja estabelecida.

Os acontecimentos da campanha, em tanto quanto nos são conhecidos, nos ministram materia de satisfacção, e mostram, que, com huma organização sabia, e direcção efficaz, o exercito he destinado a huma gloria não menos brilhante do que aquella que cerca a esquadra nacional. O ataque e tomada de York, he, naquella parte, o presagio de futuras, e maiores victorias ; ao mesmo tempo que nas fronteiras occidentaes o exito do cerco do forte Megis não deixa que sentir senão hum simples acto de valor inconsiderado.

A morte repentina de hum cidadão distincto, que representava os Estados Unidos em França, sem que elle tivesse feito arranjamientos alguns para tal acontecimento, nos deixou sem a esperada continuacção de suas ultimas communicacoes ; e o Governo Francez não tem tomado medidas algumas para concluir a negociação pendente, por meio de seu representante nos Estados Unidos. Esta falta acresce ainda ás delongas tão extraordinariamente espaçadas. Nomeou-se successor ao nosso defuncto Ministro, e esta prompto a partir para sua missão. O caminho que seguirá para a executar he o que prescrevem os verdadeiros interesses dos Estados Unidos, que igualmente evitam o abandono de suas justas pretenções, e a connexão de suas characteristics com o systema de outras potencias.

A receita do Thesouro, desde o 1. de Outubro até 31 de Março passado, incluindo as sommas recebidas por conta das notas do Thesouro, e os imprestimos authorizados pelos Actos da sessão do Congresso passado, e precedente chegam a 15,412,000 dollars. A despeza, durante o mesmo periodo montou a 15,220,000, e deixou no Thesouro no 1. de Abril hum balanço de 1,857,000 dollars. Contractou-se o empres-

timos de 15 milhoens de dollars, authorizado pelo acto de 8 de Fevereiro proximo passado. Desta somma se tem pago no Thesouro, antes do 1. de Abril, mais de hum milhao de dollars, que forma parte da receita acima declarada. O resto daquelle emprestimo, que chega a quasi 15 milhoens de dollars, com a somma de 5 milhoens de dollars, que o Thesouro teve authoridade para circular em notas, e a receita avaliada dos direitos de alfandega, e venda das terras publicas, na somma de 9,000,000 de dollars, fazendo hum total de 29,300,000 que devia ser recebido, durante os ultimos 9 mezes do presente anno, será necessario para occorrer ás despesas ja authorizadas, e ás obrigaçoens contrahidas, a respeito da divida publica. Estas obrigaçoens chegam, durante o dicto periodo a 10,500 dollars, que, com quasi hum milhao das despesas civis, diplomaticas, e miscellaneas, tanto estrangeiras como domesticas; e 17,800,000 para as despesas militares e navaes, incluindo os navios de guerra que se estão construindo, e se hão de construir, deixará no Thesouro, no fim do presente anno, huma somma igual á que ficou no 1 de Abril passado. Parte desta somma pôde ser considerada como hum recurso para occorrer ás despesas extraordinarias ja authorizadas pela ley, alem das sommas acima mencionadas; e como ulterior recurso para alguma necessidade, se achará a somma de hum milhao de dollars, cujo emprestimo aos Estados Unidos foi ja authorizado pelo Estado de Pennsylvania, mas ainda se não poz em execução.

Esta vista de nossas finanças, ao mesmo tempo que mostra que se tem providenciado devidamente ás despesas do anno corrente, mostra igualmente pela limitada conta do rendimento annual, e dependencia dos emprestimos, a necessidade de providenciar mais adequadamente os futuros supprimentos do Thesouro. Isto se poderá melhor fazer por hum systema bem dirijido de rendimento interno, em auxilio dos recursos existentes; que terão o effeito tanto de diminuir a somma necessaria de emprestimos, como de (pondo em consequencia disso, o credito publico em huma baze mais satisfactoria) melhorar os termos por que se pode obter o emprestimo.

Naõ se pôde contractar o emprestimo de 16 milhoens por menor juro do que $7\frac{1}{2}$ por cento; e ainda que nisto influiram outras causas, não se pode duvidar, que havendo a vantagem de mais extensas e menos precarias rendas, menor porção de juros teria sido bastante. Differir para mais tempo esta vantagem não poderá deixar de ter ainda maior influencia nos emprestimos futuros.

Recommendo á Legislatura este recurso as taxas addicionaes, sinto grande satisfação na segurança de que os nos-

sos constituintes, que tem ja mostrado tanto zelo, e firmeza, na causa de seu paiz, gostosamente daraõ outras provas de seu patriotismo, que isto exige. Felizmente nenhum povo, com as excepçoens locaes e territoriaes, que nunca se podem evitar de todo, se achou mais habil do que o povo dos Estados Unidos, para dispensar para as necesssidades publicas, huma porção de seus meios particulares, quer se diga respeito aos proveitos ordinarios da industria, ou ao preço ordinario da subsistencia no nosso paiz, comparado ao de outro qualquer paiz. E em nenhum caso pôde haver razoes mais forte para se submeter ás contribuiçoens requeridas.

Fazendo os recursos publicos, certos e commensurados ás exigencias publicas, as authoridades constituídas poderaõ continuar na guerra com maior rapidez para o seu devido exito : será cortada toda a esperanza hostil, fundada em hum calculo da falha em nossos recursos ; e addindo á evidencia do valor, e arte, nos combates tanto no oceano como em terra, huma presteza em supprir o Thesouro com o necessario para lhe dar o seu pleno effeto ; e, demonstrando assim ao mundo a energia publica, que combinam as nossas instituicoens politicas, com a liberdade pessoal que as distingue, se providenciará a melhor segurança contra as futuras empresas sobre os direitos e paz da nação.

A contenda, em que os Estados Unidos se acham empenhados, appella, para o seu auxilio, a todos os que podem animar hum povo não corrompido e illuminado ; appella para o amor da Patria, para o orgulho da liberdade, para os gloriosos fundadores de sua independencia ; para huma bem succedida vindicação de attributos violados ; para a gratidão e sympathia que exigem segurança contra as mais indignas injustiças feitas a huma classe de cidadãos, que se tem mostrado tão dignos da protecção de sua patria, pelo seu heroico zelo em defensa della ; e finalmente, para a sagrada obrigação de transmittir integro, ás geraçoens futuras, aquelle precioso patrimonio de direitos, e independencia Nacional, que a presente geração tem recebido, como em deposito, da bondade da Divina Providencia.

Conhecendo os inconvenientes a que ficaria sujeita huma sessão dilatada, nesta estação ; limito a presente communicação aos objectos de primeira importancia. Em mensagens especiaes, que se poderaõ seguir ao depois, se terá respeito á mesma consideração.

JAMES MADISON.

Washington, 25 de Maio.

BUENOS AYRES.

Parece incontestavel pelas noticias que dalli se receberão, e que chegam ate 14 de Abril, que diariamente fugião para Buenos Ayres muitas pessoas, em consequencia das misérias inherentes ao bloqueio de huma Cidade. Monte Video que tantas, e tão heroicas provas tem dado de patriotismo, de fidelidade, e affetto a Fernando VII, e á Mai Patria, tem representado em vão a esse *Congresso Augusto*, e á *Regencia*, desprezível escrava deste, a situação lastimosa, e a urgentissima necessidade de promptos socorros ! A briosa guarnição de Montevideo seu Governo, e Cabildo protestáraõ contra a demora do Governo, (ou Desgoverno) Hespanhol em lhe enviar os socorros necessarios para a conservação e defeza daquella Praça, declarando, que se as Cortes não lhes mandassem hum reforço consideravel, entregariaõ a Praça no 1 de Junho passado. O *Congresso augusto* despachou a corveta Sebastiana para lhes ir annunciar a sua intenção de fazer expedir de Cadiz dentro em 15 dias hum reforço de 2 a 3,000 homens. Esta embarcação chegou aos 8 de Abril ao Rio de Janeiro, donde deo á vela a 12 para Montevideo. Se Montevideo cahir em mão dos revolucionarios de Buenos Ayres, agradeção estes hum successo tão vantajoso para elles, como desastrado para a boa cauza, a quem aconselhou a retirada das tropas Portuguezas do territorio de Montevideo.

DECRETO DO GOVERNO DE BUENOS AYRES.

1. O Consulado abrirá hum registro, em que entraraõ os nomes de todos os negociantes nacionaes rezidentes nesta Cidade.
2. Por negociante nacional se entenderá todo o Cidadão, que tenha hum capital, quer lhe pertença a elle, quer a outrem, no gyro do commercio.
3. Nenhum fallido sera registrado ; e os que ao depois quebrarem serao riscados do registro.
4. O Consulado terá cuidado em que o registro se complete dentro em quinze dias depois da publicação deste, e que se transmitta huma copia do mesmo á Administração da Alfandega, aquem tambem se remetterá cada seis mezes

humã relação das alterações, que se fizerem no registro, com as suas razões ; bem entendido porém, que se permitirá o receber consignações áquelles que se registrarem nos periodos intermediarios, provando o facto.

5. Nenhum negociante não registrado poderá receber consignações

6. A commissão que devem levar os consignatarios não será menos de 4 por cento sobre as vendas, e 2 por cento nas compras.

7. Os negociantes que receberem consignações, por menor commissão que a determinada, serão privados do privilegio de receber mais consignações, e riscados da lista do registro.

8. O Consulado, e Administração da Alfandega, nas suas respectivas repartições, ficarão encarregados da execução do presente decreto.

E U R O P A.

F R A N C A.

Os nossos leitores nos dispensarão de transcrever para o nosso Jornal a enfiada de noticias, que a Regente de França tem recebido do seu pavoroso consorte, relativamente á sua saude, (em que somente se podem interessar os seos parasitas, e creaturas suas), e da situação do exercito, depois da concluzão do armisticio, que mui sinceramente dezejamos não continue. Taes noticias são de tal maneira insignificantes, e tão nullas, que seria rediculo encher com ellas algumas paginas do nosso Jornal. As que achamos dignas de saber-se são as seguintes

Paris, 2 de Julho.

S. M. 'a Imperatriz Raynha Regente recebeu as seguintes noticias do exercito de 25 de Junho:—

Aos 24, o Imperador jantou com El Rey de Saxonia. A noite os comediantes Francezes representáram no theatro da Côte huma das peças de Moliere, a que estiveram presentes Suas Magestades. El Rey de Westphalia chegou a Dresden, a visitar o Imperador.

Aos 25, o Imperador visitou as differentes sahidas do bosque de Dresden, e viajou 20 milhas. S. M. partio as 5 horas da tarde, e voltou as 10 da noite.

Lançaram-se ao Elbo duas pontes, em frente da fortaleza de Koenigstern. O rochedo de Silienstern, que fica na margem direita, a meio tiro de peça de Koenigstern, foi occupado e fortificado. Tem-se preparado, nesta interessante posição, armazens e outros estabelecimentos militares. Assim hum campo de 60,000 homens, apoiando-se na fortaleza de Koenigstern, e podendo manobrar em ambas as margens, será inexpugnavel contra qualquer força.

El Rey de Baviera, estabeleceo hum campo de 25,000

homens junto a Nymphenburg, perto de Munich. O Imperador deu o commando das tropas Bavaras de observação ao Duque de Castiglione. Este exercito se tem ajuntado em Wurtzburg. He composto de seis divisoens de infantaria, e duas de cavallaria.

O Vice-Rey esta ajuntando, entre o Piava, e o Adige, o exercito de Italia, composto de tres corpos. O General Grenier commanda hum delles.

Os novos corpos que se tem formado em Magdeburg, sob o commando do General Vandame, consistem ja em 40 batalhoens, e 80 peças d'artilhereria.

O Principe de Eckmuhl está em Hamburgo. Este corpo foi reforçado por tropas que vem da França e da Hollanda, de maneira que, neste ponto, ha mais tropas do que nunca houve. A divisaõ Dinamarqueza, que se unio ao Principe d'Eckmuhl, consiste em 15,000 homens.

O 2. corpo, que commanda o Duque de Belluno tinha só huma divisao durante a campanha, que agora se findou; este corpo foi completado, e o Duque de Belluno commanda agora 3 divisoens.

No principio desta campanha eram as circumstancias tão urgentes, que se achavam dispersos por varios corpos os batalhoens de hum so regimento. Tudo está regulado, e todos os regimentos tem os seus batalhoens unidos. Diariamente chegam a Wittenberg, Torgau, e Dresden grande numero de batalhoens, que em sua marcha passam o Elbo em Magdeburgo. S. M. passa revista todos os dias as tropas que chegam a Dresden.

As equipagens militares do exercito, estão ou em caixoens do antigo modelo, ou em caixoens do novo modelo (chamados No. 2), ou em carros *a la Cimtoise*, em que se transportam mantimentos para todo o exercito por hum mez. S. M. tem descoberto que os carros *a la Cimtoise*, assim como os caixoens do antigo modelo tem inconvenientes; e ordenou que as equipagens, á proporção que forem necessarias daqui em diante se estabeleçam segundo o modelo No. 2, puxados por quatro cavallos, e que facilmente levam o pezo de 20 quintaes. O exercito esta munido de moinhos portateis, que pezam 16 libras; e cada hum he capaz de moer 5 quintaes de farinha todos os dias: distribuiram-se 3 destes moinhos para cada batalhão. Trabalha-se com a maior actividade em augmentar as fortificações de Glogau. S. M. deseja fazer daquella cidade huma fortaleza regular; e como o plano he defeituoso, ordenou que se cubrisse com tres obras coroadas, seguindo quasi o mesmo methodo que poz em practica em Alexandria o Senador Conde Chasseloup. Torgau está em bom estado. Trabalha-se tambem com

grande actividade em fortificar Hamburgo; o general de engenheiros, Haxo, foi para ali para demarcar a cidadela, e estabelecer as obras nas ilhas, que unem Hamburgo a Harburgo.

Os engenheiros de pontes e calçadas estão ali construindo duas pontes volantes, sobre o mesmo systema das de Antwerpia; huma para a maré enchente, outra para a maré vazante.

O General Hano, tem traçado huma nova fortaleza no Elbo, da parte de Virden, na boca do Havel. Os fortes de Cuxhaven, que estavam em estado de sustentar hum cerco, mas que foram abandonados sem razão, e arrazados pelo inimigo, se estão outravez reedificando. Trabalha se nelles activamente: não serão daqui em diante meras baterias muradas, mas hum forte, que, bem como o forte Imperial do Scheldt, protegerá o arsenal para construcção, e a bacia, que se projectou estabelecer no Elbo; desde que o engenheiro Beaupré, que gastou dous annos a sondar aquelle rio, descobriu que tinha as mesmas propriedades do Scheldt, e que nelle se podiam construir, e ajunctar as maiores esquadras, nos seus anchoradouros.

A 3. divisão das guardas novas, que commanda o General Laborde, official de consummado merecimento, está acampada nos bosques adiante de Dresden, na margem esquerda do Elbo.

A 4. divisão das guardas novas, que commanda o General Fraut, desemboca por Wurtzburg. Alguns regimentos daquella divisão tem ja passado por aquella cidade, e marcharam para Dresden. A cavallaria das guardas conta ja mais de 9,000 cavallos. A artilheria consiste ja em mais de 200 peças de canhão. A infantaria forma 5 divisões, 4 das quaes são das guardas novas, e huma das antigas. O 7. corpo, que commanda o General Regnier, he composto da divisão Durette, que he huma divisão Franceza, e duas Saxonias: este corpo está recebendo o seu complemento: acha-se acampado adiante de Goerlitz. Tem-se-lhe unido toda a cavallaria ligeira Saxonia, que tambem se vai a completar.

El Rey de Saxonia tem completado os seus dous bellos regimentos de Couraceiros, plenamente. S. M. está extremamente satisfeito com os Reis e Gram Duques da Confederação.

El Rey de Wertemberg se tem particularmente distinguido. Considerando as suas posses, tem feito esforços iguaes aos da França, e o seu exercito, infantaria, cavallaria, e artilheria, se tem posto no seu estado completo. O Principe Emilio de Hesse Darmstadt se distinguio constantemente

na ultima campanha, e na presente, pelo seu sangue frio, e intrepidez. He hum principe moço que da grandes esperanças; e o Imperador muito estima.

Os Principes de Saxonia são os unicos que estão atrazados nos seus contingentes. Não somente a cidadela de Erfurth está em bom estado, e bem provida; nas foram restabelêcidas as fortificaçoens da cidade; ellas estão cubertas por muralhas avançadas; e daqui em diante Erfurth sera hum praça forte da primeira importancia.

O Congresso ainda senão ajuntou; e com tudo nos esperamos que isso se fara dentro em poucos dias. Se se tem perdido hum mez, a culpa não he da França.

A Inglaterra, que não tem dinheiro; não o tem podido dar ás potencias combinadas; mas acaba de ajustar hum novo expediente. Concluio-se hum tractado entre Inglaterra, Prussia, e Russia; por meio do qual se creará hum novo papel moeda, garantido pelas tres potencias. He sobre este recurso, que se estribam, para occorrer as despezas da guerra. Nos artigos separados a Inglaterra garante a terça parte deste papel; de maneira que na realidade he isto nova addição á divida de Inglaterra.

Resta saber em que paiz se hade por em circulação este papel. Quando esta luminosa idea foi concebida, era provavel imaginar, que esta circulação teria lugar á custa da Confederação do Rheno, e ate mesmo da França, Hollanda, Belgica, e departamentos do Rheno. Com tudo o tractado se não ratificou depois do armisticio, por aquella cauza.

A Russia paga as despezas do seu exercito em papel, que os habitantes de Prussia são obrigados a receber: a mesma Prussia paga a sua divida em papel. Inglaterra tem igualmente o seu papel; parecê que cada hum destes papeis separadamente ja não tem sufficiente credito; visto que aquellas potencias tem tomado a resolução de crear hum papel commum. Resta que os negociantes e banqueiros nos informem, se o credito deste novo papel deve augmentar pelo credito das tres potencias; ou, antes, se o credito do papel deve ser o quociente dellas.

A Suecia somente he que parece ter recebido dinheiro da Inglaterra, na somma de 500 a 600 mil libras esterlinas.

A guarnição de Modlen está em bom estado; as fortificaçoens foram augmentadas. Temos decyphrado, no quartel-general, as duas participaçoes dos Governadores de Modlen e Zamosse. As guarniçoens destas duas fortalezas estavam senhoras de hum legua de terreno, em torno dellas: as tropas que as bloqueávam eram somente milicias mal armadas, e apetrechadas.

O Imperador tomou a seu soldo o exercito do Principe

Poniatowski, e lhe deo nova organizaçao. Em menos de 20 dias será apetrechado de novo, e se achara em bom estado.

Por mais brilhante que esta situação seja: e ainda que S. M. tem realmente agora mais poder do que nunca, elle por isso mesmo deseja agora a paz com mais ardor do que nunca.

A administração comprou grande quantidade de arroz, a fim de que, durante o calor excessivo, este artigo constitua a quarta parte da ração do soldado.

EXERCITO D'ARAGÃO.

Valencia, 14 de Junho.

Neste momento (4 horas da tarde) recebi huma carta do Governador de Tortosa, datada de 3 de Junho, $\frac{3}{4}$ d'hora depois das 9 da manhã, de que o seguinte he copia:—

MONSEIGNEUR!

A frota do inimigo apparecco á vista de Tarragona, hontem pela manhã ás 5 horas; consiste em 180 velas; e parece fazer rumo a Villanova de Bitjes.

Neste estado das cousas tenho determinado marchar, com 600 infantes, e 800 cavallos, para a Catalunha baixa, a fim de ajunctar as tropas do General Decaen; e, se for possivel, trabalhar por combater os Inglezes.

Sou, &c.

(Assignado) O Marechal Duque d'ALBUFERA.

Ao Ministro da Guerra.

Eztracto de huma carta do mesmo, ao mesmo.

Tortosa, 21 de Junho, 6 horas da manhã.

SENHOR DUQUE!

Informei a V. Excellencia de que o exercito Anglo-Siciliano tinha embarcado em Alicante, e partido daquelle lugar aos 31 de Maio, e chegado rapidamente, aos 2 de Junho, a

Tarragona. O exercito desembarcou durante a noite, e se apressou a investir o forte de S. Felipe, no Col de Balaguer, e o recinto, sem fosso, que ao presente constitue a defesa de Tarragona, havendo-se arrazado os fortes, e as extensas fortificaçoens.

Aos 3, começou o fogo de varias baterias; Balaguer se sustentou por cinco dias, fez huma honrosa rezistencia, e matou ou ferio mais de 300 do inimigo. Na manhã de 7 houve huma explosão do armazem de polvora, que obrigou o forte de S. Felipe a render-se.

O inimigo conservou o fogo por mar e por terra, e atacou Tarragona; á partida do exercito Anglo-Siciliano, o Duque del Parque tinha chegado de Carolina, para substituir o General Murray no seu campo em Castella. Elio com o segundo corpo Hespanhol, estava chegado aos nossos postos.

Logo que fui informado de que o inimigo tinha sahido de Alicante, fiz disposiçoens sobre as costas de Valencia para receber noticias com promptidão, ao mesmo tempo que encarreguei ao General Decaen, que ajunctasse as tropas, e cahisse sobre os Inglezes. Elle executou promptamente aquella disposiçaõ; e a primeira noticia destacou de Girona a brigada Beaumann para Barcelona, aonde chegou aos 10 de Junho. Aos 2 de Junho despachei de ante Xucar a divisaõ Musner, e as brigadas de Pannetier, e Aigremont; ellas correram a marchas forçadas para Tortosa. Eu soube, a 10 leguas de Valencia, que o forte de Balaguer tinha capitulado. Eu perdi a unica estrada para artilharia por onde podia obrar; mas era de importancia fazer parar as vantagens do inimigo; e aos 10 marchei para Tortosa.

A frente de minha columna derrotou os dragoens Inglezes junto a Perello; aos 11, chegáram as minhas tropas. Eu me adiantei aos 12 pela estrada de Tarragona; e não podendo obrar na estrada principal, determinei-me a procurar hum caminho de desvio, cruzando montanhas impracticaveis, a fim de annunciar a minha chegada á valente guarniçaõ de Tarragona, que desattendeo todas as intimaçoens, e se defendeio com todo o valor. Em huma palavra aos 12, accendi hum fogo no cume dos montes, e marchei adiante aos 13, para alem da aldea de Valledellos, não podendo as minhas tropas ver, nem ser vistas de Tarragona.

No entanto, o General Mauricio Matthieu, sahio de Barcelona, e marchou a diante para Arbos. A rezistencia da praça, e a marcha das columnas de Barcelona e Valencia, assustaram o inimigo, e o obrigaram a levantar o sitio precipitadamente, e tornar a embarcar a maior parte de suas tropas, abandonando juntou a praça 27 peças d'artilharia, e hum immenso numero de bombas, balas, &c. tudo o que

tem sido conduzido a Tarragona. O comboy de 180 velas sahio do porto de Sallau, e foi anchorar a Balaguer: esta massa de vasos apresentava hum bello espectaculo. Aos 14 eu adiantei as minhas forças para reconhecer o forte; alguns batalhoens defendiam os seus aproches, e a frota nos fez hum fogo mais vivo, do que mortifero.

Os dragõens Inglezes foram mal tratados pela cavallaria Ligeira Westphaliana, em Valledellos; e o 5. de infantaria ligeira obrigou cinco batalhoens Inglezes a retroceder para Hospitalit, a cobrir-se com o fogo dos navios Inglezes.

Aos 15 e 16 houveram algumas leves escaramuças, e o que referiram 25 desertores me provou que o inimigo, ou a cuberto do forte Balaguer, ou embarcado, estava fora do alcance das tentativas de hum exercito de terra.

Em quanto eu estava manobrando em Catalunha, deixei o General Harispe, com a 2. e 3. divisoens em frente de Xucar. Quando o deixei lhe ordenei, que recolhesse os seus postos avançados, e se estabelecesse nas obras preparadas por algum tempo por detraz do rio: este movimento se estava executando com precisão, quando, aos 11, o General Elio, com numerosa cavallaria tentou apertar a nossa retaguarda. O General Mesclop voltou a traz, e a frente de hum esquadrão de 4 de hussares carregou vigorosamente o inimigo, matou ou ferio 50 homens, e trouxe com sigo 60 cavallos, e outros tantos prisioneiros: o Coronel Irlandez Oroman he deste numero. Aos 13 se fez hum ataque dobre nos pontos de Albereque, e Alura, da manhã cedo: o General Harispe susteve em grande parte do dia as demonstraçoens do inimigo: houve huma viva canhonada: porem o inimigo recusou combater. O Duque del Parque, com a divisaõ do Principe d'Anglona, e do Inglez Roche atacou com duas columnas o General Herbert, ao pe de Carcaxente; o qual não hesitou em marchar contra o inimigo, á frente de hum esquadrão do 4. regimento de Hussares; e todo o 14. e 16. de linha: elle chegou, e rompeo o inimigo nas ruas e hortas de Carcaxente; mais de 400 Hespanhoens foram mortos ou feridos: tomadas as bandeiras do regimento de Carmona, e o inimigo posto em completa derrota. Desde aquelle tempo ate os 18, não emprehendeo o inimigo cousa nenhuma seria contra as tropas de Valencia.

A esquadra deste expedição continua anchorada defronte de Balaguer, conservando alguns batalhoens junto a Hospitalit, e debaixo do forte. Estando as minhas tropas obrando em desertos, eu decidi trazellas a Amplona, pela estrada de Tarragona, para lhes obter agua, de que tinham sido privadas por dous dias; e ali fui informado de que o General M. Matthieu, sabendo que se tinha levantando o sitio de Tarragona, marchou para aquella cidade, e para Reus. Eu,

porem, persisti em demorar-me na Catalunha, a fim de descobrir os projectos do inimigo ; quando hontem soube, que os Inglezes tinham resolvido fazer voar o forte de Balaguer : esta resolucao que entrou inteiramente nos meus projectos, me prova que o inimigo nao renovará os seus ataques contra Tarragona ; nem obrara seriamente na Catalunha ; o que sufficientemente me informa do que ha para fazer.

Assim, Senhor Duque, as primeiras operaçoens dos Inglezes, em huma linha de 80 leguas, se limitáram a tomar hum forte he huma guarniçaõ de 83 soldados, commandados por hum tenente, ao mesmo tempo que elles perderam em mortos, feridos, e prisioneiros, ou desertores, junto a Xucar, e junto de Trrragona mais de 1600 homens, e huma bandeira : ao mesmo tempo que levantáram o sitio, e abandonaram 27 peças d'artilheria, diante d'huma praça desmantelada, sem fossos ; porem defendida por huma bem valorosa guarniçaõ.

(Seguem-se as recommendaçoens de varios officiaes e corpos, que se distinguiram.)

DO MESMO AO MESMO.

Valencia, 25 de Junho de 1813.

Senhor Duque !

Pela minha participaçãõ de 21 ; informei a V. Ex^a da precipitaçaõ com que os Inglezes levantaram o sitio de Tarragona, e se tornaram a embarcar. A necessidade de seguir os movimentos da esquadra, me obrigou a sacrificar o prazer que teria, indo a Barcelona, em dar os parabens ao General Bertolette, e sua valorosa guarniçaõ, por esta bella e vigorosa defensa. Teria perdido seis dias, ao mesmo tempo que logo que recebi huma participaçãõ do General Mauricio Mathieu, de Reus, e duas cartas do General Bertolette, so pensei em voltar a Valencia, para que os Inglezes se me não anticipassem.

A perda dos Inglezes em Tarragona foi immensa ; 30 peças de pezado calibre, morteiros, navios de fogo, bombas, armazens de agua ardente, carne salgada, &c. tudo foi consumido pelas chamas ; porem o inimigo soffreo ainda mais consideraveis perdas, na noite de entre 20 e 21 ; os signaes, e o fogo das peças, annunciaram que o immenso comboy tin-

na decidido em deixar a costa de Catalunha. Ao amanhecer se viram em frente das bocas do Ebro dez navios grandes, 18 brigues, ou navios grandes tinham encalhado nas areas no boca do rio. V. Ex.^a podera melhor julgar disso pelas participações do chefe das Guardas de Sourde, que tenho a honra de incluir. Logo que disso fui informado, ordenei que se soccorressem estes vasos; porem a grande difficuldade de ali chegar impedio que se alcançassem. Varios navios destacados do gram comboy, voltaram a traz, e obtiveram salvar a maior parte das tropas e transportes: parece que o inimigo não perdeu senão cinco navios, que em geral foram abandonados.

Logo que fui informado de que o inimigo tinha dado á vela para a costa de Valencia, puz em marcha a divisaõ Musner e Aigremont; por hum esforço digno de louvor, ellas marcharam 15 leguas em hum dia, ambicionando anticipar as tropas do inimigo em todos os pontos. Todas as declarações dos capitaens, cujos vasos encalharam, dizem, que o inimigo tinha de desembarcar em Castellan de la Plana, para me separar da força que eu deixei em Xucar. A admiração da rapidez da marcha de nossas tropas, e a violencia dos ventos não permittiram que o inimigo executasse os seus projectos; elle ficou por tres horas á vista de Castellan, aos 22, e no mesmo dia cheguei eu ali com 4,000 homens, e 800 cavallos, e 6 peças de artilheria ligeira. A frota, batida por ventos contrarios, appareceo diante do Grao de Valencia, foi destacada huma fragata para tomar posse do pequeno corsario o Determineé: estava elle junto á praia, e encalhado ao pé de Murviedro, o General Roulle partio com duas companhias de granadeiros; e duas peças d'artilheria em seu soccorro. Houve hum vivo fogo, o inimigo lançou ao mar varios botes cheios de tropa, que tentaram repulsar a nossa gente, mas foram obrigados a retirar-se com perda consideravel.

(O resto do officio são exclamações dizendo, que os esforços dos Inglezes para accender outra vez a guerra na Catalunha foram mal succedidos.)

Sou, &c.

(Assignado)

O Duque d'ALBUFEFA.

EXERCITO DE CATALUNHA.

Extracto de huma carta dirigida ao Ministro da guerra, pelo General de Divisaõ Lamarque, Commandante da Catalunha superior : datada de Gerona de 25 de Junho.

Monseigneur !

O inimigo tinha concebido o designio de se lançar em Lampurdan : e de tomar, com o auxilio dos Inglezes, alguns fortes que nos tinhamos construido ; fazer sublevar o paiz, e obrigar nos assim a perder os fructos de dous annos de trabalhos.

Aos 23 pela manhaã appareceo diante de Palamos huma esquadra de 15 navios de linha, 8 dos quaes eram de tres cubertas e varias transportes. O Baraõ de Eroles desceo das montanhas de Mieras, e S. Pan. para Banolas, aonde ordenou que se lhe apromptassem 10,000 raçoens de pão. O rumor publico diz que as suas forças eram 5,000 homens tropa de linha, alguns bandos, e 200 cavallo; annunciaram que marchavam para Escala, a fim de favorecer o desembarque, e depois distribuir as forças pela Catalunha superior.

Naõ havia hum momento que perder, e eu me decidi a atacar os que desciam das montanhas, antes da sua junção com as tropas que se suppunham estar embarcadas. Em consequencia sahi de Gerona pela huma hora da tarde ; e ja a canhonada, e hum vivo fogo de mosqueteria se ouvia do forte de Banolas : o ardor das tropas era tal, que em menos de duas horas fizeram huma marcha de tres grandes leguas, que nos separavam do inimigo. Nos achamo-lo rodeando o forte, occupando o lugar de Banolas e tres pequenos oiteiros destitados, cubertos de vinhas e oliveiras, e divididos por pequenos muros de 8 ou 10 pez de alto ; o que fazia difficil a aproximação.

Animados talvez pela presença do Baraõ d'Eroles, os Hespanhoes, pelejaram com mais de ordinaria resolução e ate houve hum momento em que o lugar foi retomado pela cavallaria inimiga, que poz em desordem a nossa companhia de Miqueletes. Porem as nossas reservas estavam ja promptas : o 23 de linha avançou outra vez contra o inimigo, e penetrou as suas massas : o 1. batalhaõ do regimento 60, commandado pelo Coronel Linud tomou, a *pas de charge*, a 2. altura, que ficou cuberta de mortos : huma companhia de

caçadores do 29, se lançou no lugar, em quanto a 2. batalha de 60 o flanqueou, capitaneado pelo chefe de batalhaõ Shepern.

Os hussares de S. Narciso, que tentaram varios ataques, foram passados a espada nas ruas e praças, aonde deixaram varios mortos alguns prisioneiros e cousa de 30 cavallos. O Brigadeiro Baraõ Fuxa, que commandava a cavallaria foi morto.

O inimigo, expulsado da cidade, e posiçoens fortes que lhe são padrastos, em vaõ tentou com a sua reserva defender a aldea de Meanagas, e as margens dos lagos: tres peças de artilheria, retardadas ate aqui pela difficuldade do terreno, chegaram entaõ; atiraram mais de 200 balas, e depois de hum batalha de 5 horas, os Hespanhoes, derrotados em todos os pontos, voltaram em desordem para as montanhas escabrosas, d'onde tinham descido.

Segundo os differentes rumores, a perda do inimigo consiste em 600 homens. Naõ obstante o seu costume de levar com sigo os mortos e feridos, deixou grande numero delles no campo de batalha. Tomamos tambem alguns prisioneiros.

(Seguiam-se aqui as listas dos officiaes que se distinguiram, mas naõ se nomeia a perda que houve.)

A esquadra Ingleza depois de estar por dous dias diante de Palamos, Escala, e bahia de Rosas, se fez na volta do mar.

Carta do Duque d'Albufera ao Ministro da Guerra.

Valencia, 30 de Junho, 1813.

MONSEIGNEUR!

Pelas minhas participaçoens de 21, e 25, tive a honra de informar a V. Excellencia do levantamento do cerco de Tarragona, e partida da frota Ingleza; o seu apparecimento nas costas de Valencia; e a volta das tropas que eu tinha conduzido á Catalunha.

Aos 24 a divisaõ Musnier, e brigada Aigremont entraram em Valencia, em mui bom estado. Os habitantes naõ se podiam persuadir, que estas tropas pudessem ter andado, em taõ breve espaço de tempo, tanto terreno.

Eu concebi o projecto de tirar partido da ausencia do

corpo Inglez, para atacar o Duque del Parque; manobrar, e obter, se fosse possível, huma vantagem, que enfraqueceria tanto na opinião, como na realidade, hum corpo toreravelmente bem organizado, e orgulhoso por seu chefe antecedente, Ballasteros. Não obstante toda a diligencia que usei, não pude obrar senão na manhã de 26: o inimigo se me anticipou; deixando o seu campo entrincheirado nas alturas, e vizinhança de Xucar: e evacuou S. Philippe, conservando sómente huma guarda avançada no Col de Ollena. Informado eu da retirada do inimigo, ordenei aos generaes Habert, e Harispe que o perseguissem com as suas divisoens, e eu mesmo marchei para S. Philippe. Tres companhias do regimento 14, e 4 companhias escolhidas do 44, atacaram o inimigo em Col de Ollena: a defeza foi viva, havendo-se accelerado algumas reservas em seu auxilio; porém o Major Durand poz fim á batalha, mandando que as 4 companhias cessassem de fazer fogo: elle esperou o inimigo, e o carregou com impetuosidade a bayoneta calada: a acção foi sanguinolenta; foram mortos ou feridos mais de 150 Hespanhoes. Eu tive 4 mortos e 50 feridos: ficaram em nosso poder 30 soldados, e 2 officiaes. Desde então continuou o inimigo a sua retirada para o campo de Castella, do que me asseguraram 25 ou 30 desertores, que chegaram ao meu campo durante a noite.

Eu postei duas divisoens, huma em S. Philippe, e outra nas alturas da estrada real, não achando inconveniente em adiantar-me; ellas occupam posiçoens mais prudentes do que nas margens do Xucar, e estão promptas para se auxiliarem mutuamente huma á outra. Logo que fui informado da retirada do corpo do Duque d'el Parque, me determinei a expulsar de Requina o corpo de Elio, o qual com 8,000 infantes, e 1,200 cavallos, e 4 peças de artilharia, ameaçava Valencia em quanto o corpo de Villa campa, na margem esquerda do Guadalaviar, se aproximava da Capital. Aos 25 ordenei ao General Musnier, que marchasse contra Villa Campa, em Pedralva; aonde não éra esperado; fez com que elle tornasse a passar o Guadalaviar, aos 26 e 27; elle marchou para Ragencia com 9 batalhoens, 500 cavallos, e 4 peças de artilharia, para atacar Elio: na sua chegada, os nossos hussares expulsaram a cavallaria do inimigo para alem da villa: o castello estava occupado por huma guarnição Hespanhola. O General Musnier, depois de lhe ter atirado algumas bombas, intimou ao commandante que se rendesse, mas elle requereo a demora até as 6 da tarde, persuadido de que o General Elio daria batalha; o que não aconteceu: rendeo-se então no mesmo dia, com 150 soldados e 3 officiaes. Achamos no forte alguns milhares de cartuchos Inglezes, granadas, &c.

No dia seguinte, 28, marchou o General Musnier para Utiel; o inimigo apresentou 900 cavallos, que cubriram a retirada de Elio, e que constantemente evitavam a batalha que se lhes offereceo. Informam-me que a expedição entrou em Alicante, aos 24, em desordem; quam grande seja a consternação daquella cidade póde Vossa Excellencia julgar pela declaração de hum capitão de hum vaso Mourisco, que chegou a Valencia ha dous dias.

DINAMARCA.

PROCLAMAÇÃO

Do Principe Real Dinamarca.

NORVEGAS!

Vosso Rey conhece, e aprecia a vossa immovel fidelidade para com elle; e para com a dynastia dos reys de Dinamarca e Norwega, que por muitos seculos tem governado vossos ante passados. He o paternal desejo de S. M. ver os indissoluveis laços do amor paternal, e harmonia que une os dous Reynos, cerrar-se mais e mais. O coração de Frederico VII. esta sempre com vosco; porem o cuidado de todas as partes de seus Estados lhe negam a satisfacção de se ver cercado pelo seu povo de Norwega. Elle portanto me enviou na qualidade de Governador ao reyno de Norwega, munido de plenos poderes para executar as suas ordens, como se elle mesmo estivera presente. A sua vontade sera a minha ley; o desejo de ganhar a vossa confiança sera a minha guia, a vossa estimação e o vosso amor a minha remuneração.—Se formos ameaçados por experimentos ainda mais severos, descansando na Divina Providencia nos os arrostando com intrépida coragem, e com o vosso auxilio, valentes Norwegas, nos venceremos porque eu sei que posso descansar na vossa

fidelidade para com El Rey; que vos estais determinados a preservar a integridade da antiga Norwega, e que o grito de guerra de nos todos será ‘Deus, El Rey, e a Patria.’”

(Assignado)

CHRISTIANO FREDERICO.

DECLARAÇÃO

Extrahida da Gazeta de Copenhagen, de 5 de Junho.

Aos 31 do mez passado, hum official de marinha Ingleza, que chegou ao porto com huma bandeira parlamentaria, entregou huma carta de Mr. Thornton, enviado Inglez, na corte de Suecia, e do General Inglez Hope, juntamente com outra do Chanceller Sueco, Barão Wetterstedt, ambas datadas de bordo do navio de guerra Inglez Defiance, Almirante Hope, na bahia de Kioge. Disse-se ao mesmo tempo, que o general Russiano, Barão Von Suchtelen, estava a bordo do mesmo vaso, a fim de participar das negociações de paz, propostas da parte de Inglaterra, na sobredita carta: e para cujo fim, o dito Enviado e General se declaravam estar munidos de plenos poderes, assim como tambem o estava o Chanceller Sueco, para tractar a respeito das relações duvidosas, que subsistem agora, entre a Dinamarca e a Suecia. Depois do que se tem ja communicado ao publico sobre esta materia, os fieis vassallos de S. M., em ambos os Reynos, e nos Ducados, se não admirarão que o Principe da Coroa de Suecia, em nome de S. M. Sueca, representasse, como huma prova de moderação e desinteresse, o que agora se pede da parte de Suecia, a cessação somente da diocese de Drontheim, com o territorio que jaz entre ella e a fronteira de Russia. Elles perceberão nisto outra prova daquellas escandalosas e oppressivas petições, que tem ha tempos exposto os habitantes de Norwega a serem privados da condição pacifica em que se achavam, e convem ao seu bem commun. Elles acharão não menos incompativel com os seus sentimentos, e espirito nacional, que ao mesmo tempo se exigissem 25,000 Dinamarquezes para se pôrem debaixo do commando do Principe da Coroa de Suecia, a fim de serem empregados, juntamente com as tropas de Suecia, e de outras Potencias, no norte de Alemanha,

contra a França: sobre estas bases propuzeram os Plenipotenciarios Inglezes huma negociação para o restabelecimento da paz com a Inglaterra: observando ao mesmo tempo especificadamente que não pode haver cessação de hostilidades, para beneficio de navegação, a menos que as tropas Reaes na Jutlandia e Holstein se não ponham previamente á disposição do Principe da Coroa de Suecia. Na conclusão da paz serao restituídas as colonias, porém não a ilha de Heligoland; nem haverá alguma indemnização pela esquadra. Todos os habitantes destes reinos e paizes podem estar seguros de que, por ordem de Sua Magestade se respondeo a estas proposições de maneira correspondente a dignidade da coroa, e aos conhecidos interesses do Estado. A bandeira parlamentaria tornou a sahir deste lugar na tarde de 2 do corrente. Mandou-se-lhe esperar pela resposta somente 48 horas.

S. M. profundamente afflicto pela escacez, que necessariamente rezulta de huma prolongada guerra defensiva, que interrompe o commercio dos grãos, e obstrue a communicação entre a Dinamarca e Norwega, tem, como já he sabido, feito proposições da paz ao Governo da Gran Bretanha; porém a pessoa que foi authorizada para as entregar, não pôde obter nem sequer o ser ouvida.

As proposições que, com as mesmas vistas se transmittiram, por meio do Enviado Inglez em Stockholmo, para informação de seu Governo, não se fez objecção alguma racional; por que ellas reclamavam a restituição de tudo o que se tinha tomado a S. M. em consequencia da inesperada ruptura: e huma indemnização pelo mesmo, e a garantia a S. M. de todos os seus Estados. Quando dous Governos, depois do rompimento da guerra, se tornam a unir, a fim de concluir a paz, nada he mais usual do que pedir indemnizações: porém taes petições não constituem os preliminares indispensaveis, sem o que não possa ter lugar a negociação.

Por outra parte notar-se-ha que as proposições para a paz e reconciliação, que acabam de fazer os agentes dos Governos Inglez e Sueco, dependem inteiramente de taes preliminares, que não podem de forma alguma justificar-se com a Inglaterra. Ambos os sobreditos Governos trabalham por dar ás suas pretenções huma côr de justiça, quando pelo contrario, se referem, a contractos em que elles entraram entre si, e pelos quaes o reyno de Norwega he destinado a ficar sujeito á Suecia: como sese podesse dahi deduzir obrigação alguma da parte de S. M. a preencher o que se tem estipulado entre os inimigos de S. M., e huma potencia vizinha, cujo Governante tem tra-

balhado por separar os dous reynos hum do outro em quanto elle ao mesmo tempo subjuga a Norwega.

A determinação inalteravel d'El Rey he manter a uniaão dos seus reynos.

Compatriotas ! Nos sustentaremos a S. M. em seus incessantes esforços, pela independencia, e bem do paiz ! Nos arrostaremos com elle todos os perigos, e o nosso estandarte será “ *Deus e a justa causa.*”

Impedimentos quasi insuperaveis se tem opposto ao nosso commercio de grão com a Norwega, com as vistas de enfraquecer a coragem dos valarosos Norwegas, pelos clamores de suas mulheres filhos a pedir pão, pela falta de mantimento, para a sua necessaria subsistencia. São estas as armas que se tem empregado, contra hum povo innocente, para o seduzir para a deslealdade a seu legitimo Rey, o qual se tem incessantemente occupado com os meios de occurer ás suas necessidades, que não tem deixado de tentar cousa alguma para restabelecer a paz em termos honrosos : o qual com tudo, não se prestará a dissolver a uniaão dos dous reynos, herdados de seus antepassados ; e que lhe são igualmente charos.

PRUSSIA.

PROCLAMAÇÃO

De Sua Magestade Prussiana.

O inimigo propoz hum armisticio ; aceitei-o com os meios Alliados ate 20 de Julho. Aceitou-se a fim de que a força nacional, que o meu povo tão louvavelmente tem apresentado, e desenvolvido, possa chegar ao seu pleno complemento. Huma incançavel actividade, esforços não interrompidos, nos conduzirão a este fim. Ate aqui temos o inimigo excedido em forças ; nos podemos somente ganhar a nossa honra nacional ; he preciso aproveitar-nos deste breve intervallo, para nos fazermos assas fortes para

conquistar a nossa independencia. Sede firmes com vosso Rey ; continuai vossos esforços como ate aqui tendes feito ; e entaõ ganharemos a nossa sagrada cauza.

(Assignado)

FREDERICO GUILHERME.

Ober-Groditz junto a Schweidnitz

5 de Junho de 1813.

PROCLAMAÇÃO

Dos Governadores Militares do paiz entre o Vistula,
e as fronteiras de Russia.

O armisticio, proposto pelo inimigo, foi-lhe concedido : sera porem bastante para confortar todo o honrado Prussiano o saber—que este armisticio nos não conduzirá a huma paz, mas sim á renovação de huma guerra mais forte, e mais energica. Os habitantes dos dominios de Sua Magestade entre as fronteiras Russianas, e o Vistula, se tem distinguido por todos os modos, pelo seu zelo patriotico, e principalmente pelos numerozos destacamentos de voluntarios, que tem formado, compostos tanto de cavallaria, como de infantaria : assim como por terem completado com homens, e cavallos, os cinco regimentos nacionaes de cavallaria, e o corpo de 20,000 homens do landwehr, composto de soldados robustos, cheios de espirito, os quaes em pouco tempo tem chegado a hum estado de disciplina, que se podem empregar nas mais uteis emprezas. Tudo isto se tem feito ainda que todo o emprego neste paiz tenha absolutamente parado ; e a pobreza dos habitantes chegado ao seu ultimo ponto : consequentemente era extremamente difficil qualquer esforço da sua parte.

Deste espirito patriotico, e do extraordinario zelo dos habitantes desta parte dos dominios de Sua Magestade esperamos, com a maior confiança, que os seos esforços serão continuados com o mesmo effeito no proseguimento desta guerra sagrada ; e que elles manifestarão aquelle odio ardente, e justo, que todo o valente Prussiano e todo o Alemão honrado deve sentir contra o inimigo commum ; e que os nossos amados compatriotas provarão que são

dignos do sangue tão heroicamente derramado por nossos irmoans.

Konigsberg, 12 de Junho
de 1813.

(Assignados)

MASSENBACH,—DOHNA:

ORDENANÇA

Relativa á aceitação das notas do Banco Russiano,
como moeda corrente.

Nos Frederico Guilherme, &c.—Fazemos saber que a difficuldade que existe para os pagamentos das despezas da guerra, occasionada pela consideravel distancia das fronteiras, augmentada, neste momento, por se acharem no poder do inimigo a maior parte das Cidades commerciantes da Alemanha; exigem que, para o bom successo da cauza commum, e para aquellas partes dos nossos estados, em que prezentemente se achão os exercitos, se facilitem os meios de pagamentos para o exercito Russiano; e como a aceitação do papel moeda de hum grande, e immutavel Imperio, segundo o valor fixo em moeda pelo curso do cambio, não offerece os mesmos inconvenientes, que a circulação forçada do papel moeda, segundo o seu valor nominal; e como a experiencia tem mostrado que não rezulta nem difficuldade, nem inconveniente da circulação dos bilhetes do Banco de Russia, nas nossas Provincias d'alem do Vistula, e no Ducado de Varsovia, temos decretado o seguinte.

Segue-se o decreto, que consta de cinco artigos, pelos quaes se manda receber o papel moeda Russiano, como se fosse dinheiro corrente, ate dois mezes depois que os Russos tiverem sahido dos Estados Prussianos; mas não se estende a contractos formalizados antes da data do decreto: e o curso do cambio se fixa provizionalmente a 25 por cento, sujeito a alteraçoes.

Publicou-se na Gazeta de Konigsberg hum bello artigo intitulado—“*Reflecçoens sobre a idea de hum Congresso,*” o qual se publicou depois na gazeta de Petersburgo; e que por isso nos parece a expressão dos sentimentos que animão os dois Monarcas Russo, e Prussiano. Sentimos não ter lugar de o inserir neste No., o que faremos no seguinte.

SUECIA.

Quartel General de Stralsund—5 de Junho.

As tropas Suecas commandadas pelo Major General Le-gerburg, sahiraõ de Hamburgo aos 26 de Maio, pela manhaã, por terem recebido noticia de que, depois da chegada do Presidente Kaas, ao Quartel General Francez em Hamburgo, se entrára em hum ajuste secreto, entre o Commandante Francez, e o dito Presidente, para atacar, e guarnecer Hamburgo com as tropas unidas Francezas, e Dinamarquezas. Estando os corpos Suecos assim expostos, na distancia de 30 milhas alemaens do seu Quartel General, podiaõ considerar-se como perdidos: mas pela prudencia, e arte do seu Commandante, se puzeraõ a salvo, sem perder hum só homem. Depois que hum corpo Francez cruzou o Elbo em Ochsenwarder, no dia 30 de Maio as tropas Dinamarquezas, debaixo do commando do Tenente General Francez Erlon, marcháraõ para Hamburgo. Os corpos Russiaños, e Hanoverianos, debaixo do Commando do Tenente General Conde Walmoden, estão ainda junto a Boitzenburgo. A primeira divisaõ do Exercito Sueco, commandada pelo Tenente General Baraõ Sandels, está entre Gadebusch, e Schwerin, e Wismar. A segunda divizaõ se ajunta em Rostock, debaixo do Commando do Major General Baraõ Posse. A terceira divizaõ Commandada pelo Tenente General Skjoldebrand, se unirá em Tribsker, e Grimmen: e as reservas em Richtenburgo, e Franzburgo. Nesta po-

zicação os Suecos esperão a chegada das tropas Russianas, e Prussianas. Todos os amigos da cauza da liberdade da Alemanha, que dezejarem unir-se ao Exercito Sueco serão affavelmente recebidos : logo que o exercito unido tiver chegado ao numero prescrito pelo tratados, avançará. Se os habitantes da Alemanha se assemelhaõ a seos antepassados, e dezejaõ ganhar aquella liberdade pela qual estaõ lutando, he este o momento de o provar.

A cidade de Stralsund será fortificada as linhas em frente das portas ficaraõ completas no decurso de 8 dias : estaõ-se construindo pontes levadiças, e estacadas : 50 peças de artilharia de calibre de 24 e 18 defenderaõ estas linhas, e no decurso de 14 dias se augmentará o seu numero a cem. Estabelecer-se-ha huma ponte de botes para cruzar de Danholm para a Praça de Pomerania. Ja se postou huma linha de barcas canhoneiras, e galles entre a dita ilha, e a costa. As fortificaçoens antigas de Danholm vaõ a ser concertadas ; e dentro em dois dias se erigiraõ alli fortes baterias de peças do calibre de 24, e 12, para proteger a linha de barcas canhoneiras, e a porta de Frankeu. A fim de averiguar os sentimentos reaes da Corte de Dinamarca a respeito das potencias belligerantes, o Chanceller da Corte Baraõ Wetterstedt, o General Russiano Von Suchtelen, e o Embaixador e Enviado Inglez Mr. Thornton, e o Major General Hope foraõ para Copenhagen aos 30 de Maio, com as intenção de fazer proposiçoens, segundo as quaes se poderia concluir a paz com a Gram-Bretanha, e em conjuncção com ella se teria accedido ao que a Suecia pedia, fundando-se nos tratados, mas diminuindo, por seu proprio consentimento, consideravelmente as suas pertençoens. O Ministro de Estado Dinamarquez, Rosencrantz, deo huma negativa directa a estas racionaveis proposiçoens ; e em consequencia voltáraõ aqui hontem de tarde os Negociadores, sem que lhes tivessem permittido desembarcar em Copenhagen. Esta negativa, da parte da Corte de Dinamarca, he mais outra prova da natureza da nova alliança em que ella tem entrado com a França, e que além disto he claramente manifesta em sua participacão na guarnição de Hamburgo. He digno de nota, que, no mesmo momento em que o Prezidente Kaas estava negociando com o Principe de Eckmuhl, mandasse informar ao General Tettenborn, e aos Generaes Suecos, que El Rey de Dinamarca estava prompto para se unir ao Exercito Sueco com 25,000 homens de suas tropas para cooperar para a paz geral, e diminuir o poder do Imperador Napoleaõ. Os regimentos de Upland e Sudermania, com a artilharia que se

mandou de Stockholmo, bem como os Coiraceiros das brigadas dos regimentos de corpus, os Hussares de Schonen, e Morner, chegáão todos a Perth, e desembarcáão parte em Rugen, e parte neste lugar. O exercito tem mui poucos doentes, e não ha entre elles officiaes superiores. S. A. R. o Principe da Coroa goza da melhor saude.

Por noticias de Stralsund na data de 5 de Julho consta, que o Principe da Coroa sahira dalli para o Quartel General Russiano. O exercito que está debaixo do seu Commando monta ja de 70 a 80,000 homens.

R U S S I A.

COPIA

De huma Carta escrita pelo Imperadór Alexandre ao Cavalleiro Rodrigo Navarro de Andrade, actual Encarregado de Negocios de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal junto de Sua Magestade Sarda.

MONSIEUR LE CHEVALIER NAVARRO D'ANDRADE!

Le soin que vous avez apporté aux progrès des relations commerciales de mes sujets avec ceux de votre Souverain, en encourageant des rapports directs avec le Brésil, m'étant bien connu, et me rappelant, avec satisfaction, le long séjour que vous avez fait en Russie, j'ai voulu vous donner un témoignage ostensible de mon estime, et du cas que je fais de vous, en vous créant chevalier de mon ordre de St. Anne, de la 2de. classe.

Je vous en transmets ci-joint, les marques, pourque vous les portiez selon l'usage ; et sur ce, je prie Dieu, qu'il vous ait en sa sainte et digne garde.

ALEXANDRE.

EXTRACTO

De huma Carta de Tsarsko-selo datada de 2 de Maio.

“ O dia 2 de Maio acaba de ser assignalado por hum acontecimento que a historia do mundo porá em o numero das epocas as mais memoraveis.

“ Hespanhoes, e Portuguezes, que o furor de hum inimigo commum, e a violencia de huma tyrannia sem exemplo nos fastos do Globo, tinhaõ arremecado dos margens do Tejo ás do Néva, acabaõ de prestar, ou para melhor dizer acabaõ de renovar aqui juramento de fidelidade, aquelles a seu legitimo Soberano Fernando VII., e estes ao Principe Regente de Portugal.

“ Esta cerimonia teve lugar hoje 2 de Maio, dia eternamente celebre, em que os Hespanhoes no anno de 1808 sacodiraõ o jugo francez, e restabeleceraõ o herdeiro do trono de Hespanha em seos direitos primitivos.

“ O Cavalleiro Bardaxi de Azara, Ministro Plenipotenciario, e enviado extraordinario de Hespanha junto da Corte de S. Petersburgo, dezejou que o Tenente General Principe Gortschakoff, que faz as funcçoens do Ministro da Guerra, assistisse a esta cerimonia, da qual eisaqui alguns detalhes.

“ O Abbade Césari celebrou de manha o serviço Divino perante os Hespanhoes, e Portuguezes juntos na praça de St. Sophia, vestidos todos de novo por ordem de Sua Magestade Imperial. Ao chegar o Principe Gortchakoff, o Cavalleiro Bardaxi dirigio aos Hespanhoes hum discurso, do qual eis aqui algumas passagens.

“ Hespanhoes que hoje prestaes juramento de fidelidade a Constituição, e ao legitimo Soberano de vosso paiz ! Para tornar este dia mais solemne eu escolhi o dia 2 de Maio, dia que faz epoca na historia de nossa Nação, e que as Cortes Geraes, e Extraordinarias mandaraõ celebrar solememente lem todas as partes do Reino. Livres, de hum modo mila-

grozo, da mais vergonhoza escravidão, rendei graças á Divina Providencia, que vos ajuntou nas margens do Neva, debaixo da protecção augusta de Alexandre o Grande, Imperador de todas as Russias, o libertador da Europa, que vos enche de seos beneficios. Em pouco tempo apparecereis novamente nas margens do Ebro; em pouco tempo combatareis de novo pela Religião, pelo Soberano, e pela Patria. Hespanhoes! Pensai na gloria que adquiristes na batalha de Baylen, na defensa de Saragoça, na de Girona, de Hostalrich, de Terragona, e em muitos outros encontros, em que a victoria coroou vosso valor. Conserve sempre vosso regimento, chamado de hoje em diante o regimento do Imperador Alexandre, a lembrança dos innumeraveis beneficios, que sua mão se dignou derramar sobre vos! Sustentai a gloria de hum tão bello nome! fazei-vos formidaveis ao inimigo—fazei-o tremer! Facil vos sera indo da Kussia.

“Depois deste discurso cantou-se hum *Te Deum*, e se rogou pela conservação dos dias de Sua Magestade o Imperador Alexandre, de Sua Familia, e do Rey Fernando VII.

Concluidas as preces, o ex-enviado de Hespanha Mr. de—, o Coronel Alex. O'Donnell, muitos officiaes, e todos os Hespanhoes prestarão juramento de fidelidade a seu Rey, e os Portuguezes ao Principe Regente. O Cavalleiro Bardaxi, dando primeiro o exemplo, foi seguido pelos Hespanhoes e Portuguezes, que repetirão com enthusiasmo os gritos de— *Viva o Imperador Alexandre*, o que interneceo todos os espectadores.

“A festa concluiu-se com a marcha geral das tropas Hespanholas, e Portuguezas, que, desfilando por diante do lugar em que estava o retrato de Fernando VII, gritarão—*Viva o Rey*.

“Sirva este acontecimento de eternizar a gloria de nosso Augusto Monarca! Que fastos nos poderaõ apresentar factos iguaes! Hespanhoes, Portuguezes, habitantes do Sul submettidos pelas armas victoriosas de hum Monarca Russo, se achão n'húm de seos Palacios de recreio, enche-os de beneficios, fas-lhes dar juramento de fidelidade a seu Soberano, e conclue pelos enviar para a sua patria! Neste mesmo dia o Cavalleiro Bardaxi deo de jantar aos Ministros Estrangeiros.

CARTA

Do Imperador da Russia á Viuva do Principe de Smolensky, datada de Dresda a 25 de Abril de 1813.

Princeza Catherina Ilinishna !

O Todo Poderoso, a cujos Decretos he impossivel que os mortaes resistaõ, e dos quaes naõ he licito murmurar, foi servido remover vosso marido o Principe Miguel Larionovitz Kutusoff Smolensky, no meio de sua brilhante carreira de victorias, e de gloria, de huma vida transitoria para huma eterna. Grande, e lamentavel perda, naõ somente para vos, mas para a Patria em geral ! Eu a lamento ; toda a Russia a lamenta com vosco. Sim : Deos que o chamou para si vos dá a consolação—de que o seu nome, e os seos feitos saõ immortaes ; huma Patria agradecida naõ se esquecera jamais de seos merecimentos. A Europa, e todo o mundo o admirara sempre ; e escrevera seu nome na lista dos mais distinctos commandantes. Erigir-se-ha hum monumento em honra sua ; olhando para elle, o Russiano sentira dilatar-se o seu coração de orgulho ; e o estrangeiro respeitará huma Nação que deo nascimento a taõ grande homem. Tenho dado ordens para que se vos conservem todas as vantagens, que vosso defunto marido disfrutava:

Sou vosso affeioado

ALEXANDRE.

P O R T U G A L.

Será util publicar a receita, e despesa do Erario
Regio?

Eisaqui huma questão, cujo enunciado somente fará tremmer o dilapidador, o perverso, o dissipador das rendas publicas : eisaqui huma questão cuja discussão alegrará sobremaneira os homens honrados, deligentes, e exactos no cumprimento dos seos deveres. Aquelles chamar-nos-hão jacobinos, revolucionarios, innovadores, e tudo quanto lhes lembrar, para nos intrigar com o Soberano, e com a Nação, cuja desgraça elles tem feito, e procuraõ levar ávante : elles trabalharão de noite, e dia para que nem se ventile tal questao ; para que se não faça reforma, ou innovação alguma, que possa desmascara-los, ou priva-los para o futuro de roubar impunemente. Os homens bons, os Empregados, que se não doerem, os que são zelozos do bem do Estado, exultarão, somente com a lembrança de melhoramento em nossas finanças, sem cuja reforma tudo ira mal, ate o ponto de se perder tudo.

Esta questão parece nos pois de huma rezolução mui facil. Porque ; ou a distribuição, e receita dos differentes impostos, direitos, &c. se faz com imparcialidade, justiça, e exactidão, ou pelo contrario. O mesmo dizemos a respeito da despesa.

No primeiro cazo todos os Empregados na receita, e administração dos Rendas Reaes folgaraõ de que o Soberano, e a Nação fação justiça á sua probidade, ao seu zelo, e exacção ; elles estimaraõ pois que se publique annualmente a receita, e despesa.

No segundo cazo, a publicação da receita, e despesa servirá de freio áquelles, que ainda são susceptiveis de remorsos, e de sentimentos de vergonha ; e de entregar á indignação publica, (contra a qual não ha poder) esses empregados indignos, e descarados, que não só desencaminhaõ, e roubaõ as rendas do Estado, mas ate insultaõ, fazendo alardo disso. Quando elles incorrerem na indigna-

ção publica; quando a voz publica* os accusar, o Governo não poderá deixar entao de os punir, como elles merecem.

Os nossos adversarios em Portugal, que felismente são mui conhecidos, tiraraõ doque fica dito assumpto para dizer que nos, fallando assim, atacamos huma numeroza classe de empregados publicos; ou não teraõ pejo de nos increpar, como ja o tem feito, por não declararmos os seos nomes! Seguros porem de que Sua Alteza Real; Seos Ministros, e o Publico tem ate hoje feito justiça ao nosso Jornal, e ás nossas intenções puras; nada temos respondido, nem perderemos tempo em responder a taes censores, cujas censuras só deshonraõ a quem as faz: o desprezo he a unica resposta que elles, e quem os maneja, merecem: he essa a que lhe temos dado.

Possuindo porem contas exactas da receita, e despeza do Erario Regio em alguns annos, as quaes talvez publiquemos hum dia; nos vamos apresentar aos nossos leitores alguns artigos de receita, os quaes provarão sem replica que ha desgraçadamente empregados que desencaminhaõ, ou roubaõ as rendas publicas; e estes mesmos artigos responderão aos diversos censores, que sem nos entenderem ou destacando, muito de propozito, as propozições, que enunciamos, torcendo o sentido das mesmas, procuraõ intrigar-nos. Vaons esforços! Nos vamos publicar tambem a despeza da Caza Real em 1804; e com esta publicação, cuja verdade he incontestavel, confundiremos esses imprudentes, se não criminozos falladores, que sem hum unico dado, fallão do que nada sabem, e tem o temerario arrojo de publicar, que a despeza da Caza Real monta annualmente a mais de oito ou nove milhoens de cruzados; e que dahi vem em grande parte o transtorno das nossas finanças.

Rendimento das Alfandegas de Portugal em 1796.

Primeiro Semestre	1,433,827,935	} 3,151,452,896
Segundo do. - -	1,717,624,961	

Em 1797.

Primeiro Semestre	1,394,878,782	} 2,794,236,627
Segundo do. - -	1,794,236,627	

* Mis de huma vez temos dito, nem cessaremos de o dizer, que não são os intrigantes, e delatores pagos, ou não pagos, que fazem a voz publica.

Em 1798.

Primeiro Semestre	1,359,091,681	} 2,894,829,723
Segundo do. - -	1,535,738,042	

Em 1799.

Primeiro Semestre	1,706,344,276	} 3,455,840,971
Segundo do. - -	1,749,496,695	

Em 1800.

Primeiro Semestre	1,891,941,350	} 4,177,513,806
Segundo do. - -	2,285,572,456	

Rendimento da Decima em 1796.

Primeiro Semestre	239,634,071	} 536,858,000
Segundo do. - -	297,223,929	

Em 1797.

Primeiro Semestre	248,281,933	} 479,899,722
Segundo do. - -	231,617,789	

Em 1798.

Primeiro Semestre	250,074,072	} 510,340,557
Segundo do. - -	260,266,485	

Em 1799.

Primeiro Semestre	302,819,599	} 561,273,509
Segundo do. - -	258,453,910	

Em 1800.

Primeiro Semestre	403,432,807	} 758,581,501
Segundo do. - -	355,148,694	

Rendimento do papel Sellado em 1799.

No primeiro Semestre	36,000,000!!!
----------------------	---------------

No segundo nada achamos
na conta que temos pre-
zente!

Em 1800.

No primeiro Semestre 26,431,178!!!!

Decima Ecclesiastica.

A receita dos segundos seis mezes de 1796, e prime- iros seis mezes de 1797 importou não liquida em - - -	} 23,215,670!!!!
No segundo Semestre montoua - -	
	8,578,696!!!! *

A' vista do que deixamos transcrito appellamos para todos os Negociantes de Portugal dotados de intelligencia, e probidade, para que digão francamente se he possivel que todos os direitos de importação, e exportação em todas as Alfandegas do Reino, nos annos de que acima fazemos menção, importassem nas sobreditas sommas somente, se fossem exactamente cobrados, e entregues no Real Erario? Appellamos para os homens versados neste ramo do serviço, para que digão se he ou não verdade que estes direitos sendo exactamente cobrados montariao, pelo menos a huma quarta parte mais, e talvez a mais hum terço?

Quanto ao producto da Decima: he preciso não ter a mais leve idea de Portugal; he preciso ser perfeitamente estúpido para não ver, que tem havido nos sobreditos annos grandissimo vicio no seu lançamento, ou na sua recepção: e nos podemos assegurar, que o houve n'huma, e n'outra coiza.

Quem hade crer, que as Alfandegas, e suas diversas mezas de arrecadação, segundo o calculo medio dos annos de 1801—1802—e 1803 não passasse de 3,940,953,384?

Quem hade crer, que a Decima de todo o Reino, segundo o mesmo calculo não passasse de 739,383,593?

! [* Actualmente pagão os Ecclesiasticos a terça parte exacta dos seus rendimentos: Graças aos actuaes Governadores do Reino que adoptarão huma tal medida, e que estabelecerão a maneira de ella não ser illudida. Mas porque se nao hade estabelecer o mesmo a respeito dos seculares? Estes não são menos vassallos do que aquelles.

Quem hade crer, que no mesmo tempo, e segundo o mesmo calculo, o rendimento annual de todas as Capitancias do Ultramar, inclusivamente diamantes, quintos do oiro, marfim, e urzella, nao passasse de 758,683,640? E isto n'hum periodo de tempo, em que, segundo he notorio, melhor se arrecadárao para o Erario Regio as rendas do Estado, principalmente a Decima? Mas a respeito desta ultima, quem ignora que muita gente nao pagava Decima, havia muitos annos? E quem sabe se ainda hoje succede o mesmo!

O que porem se nao pode ver sem indignação, e raiva he que o papel sellado rendesse n'hum anno somente 26,431,178 reis!!!! Pode haver huma prova mais deciziva de roubos, ou pelo menos de descaminhos na arrecadação das Rendas Reaes?

Nada com tudo iguala o artigo Decima Ecclesiastica!

No segundo semestre de 1797 rendeo somente 8,578,696!!!! Ora: se Sua Alteza Real mandasse cortar a cabeça a meia duzia dos lançadores, e cobradores de Decima Ecclesiastica em 1797, haveria nesta Regia, e Cameraria Rezolução, nem sombra de injustiça?

De que servem as melhores leis: que valem os melhores planos, e as mais acertadas providencias do Governo, ou do Soberano, se aquelles a quem o Soberano, ou o Governo incumbe a sua execução, são os primeiros a transgredi-las. a despreza-las, a illudi-las? Se, em geral, todos zombao das leis; se poucos são os que cumprem seos deveres, sse em vez de ter sempre em vista o bem do Estado, só cuidao nos seos particulares interesses, sejaõ quaes forem os meios: se longe de procurar esclarecer o Governo só tratao de o enganar; como tem ainda em cima a impudencia de ralhar do Governo? Como se nao horrorizaõ da injustiça que commettem de attribuir exclusivamente ao Governo, ou ao Soberano os males reaes, ou apparentes, grandes, ou pequenos que a Nação soffre? Cumpraõ todos os seos deveres; e impossivel será entao que o Governo falte a hum só dos seos.

Mas tornando á nossa questao. Parece-nos util, e mesmo necessario, publicar annualmente a receita, e despesa: huma tal medida alem das razoes ja ditas nao pode deixar de ser extremamente lizongeira para toda a Nação, e para os empregados zelozos, e honrados: ella somente desagradara ao dilapidador, e ao empregado infame. Mas ha outra razao mais forte ainda para que a receita e despesa se deva publicar; e he, que huma tal

publicação servirá de tapar a bôca e de confundir esses imprudentes, se não criminosos falladores, que empregão huma boa parte do tempo em espalhar pelo publico, Deos sabe com que vistas, que a despesa da Caza Real he enorme, que ella sobe a oito, ou nove milhoens, e que dahi vem em grande parte o transtorno das nossas finanças. Isto he huma infame mentira : eis aqui a prova.

No fim de 1803 orçou-se a despesa da Caza Real para 1804, tomando o termo medio do que se havia pago nos tres ultimos annos : este orçamento montou em Rs. 1,226,034,625 : quer dizer em tres milhoens de cruzados, com mui pequena differença ; a saber—

Particulares do Serviço	-	-	299,658,219
Oxaria	-	-	352,502,551
Cavalharices	-	-	347,328,575
Thezouraria da Caza Raal	-	-	82,976,700
Cera, e outros diversos artigos	-	-	143,568,580
Total			<u>1,226,034,625</u>

Esta conta he exacta, he official : e haverá ainda homens tão perversos, que se atrevaõ a fallar da despesa que faz a Caza Real Portugueza ? Qual he a Caza Real em toda em Europa, ainda aquella, cujos Estados são nada, em comparação dos de Portugal, e suas conquistas, que faça tão pequena despesa, que tenha tão pequeno fausto ?

Lord Hawkesbury disse, que tendo comparado os artigos da despesa no Governo do Estados Unidos correspondentes aos que são incluídos na despesa da lista Civil, concedida a Sua Magestade Britannica ; importavaõ em muito mais naquelle Estado Republicano, do que em Inglaterra. Ora, que se lance os olhos para a somma enorme que se poem á disposição do Monarca Inglez ; e entao se formara huma perfeita idea da parcimonia, e economia Republicana. Que se comparem os Estados do Prezidente da America Ingleza, com os Estados de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal ; e digão-nos, se de alguma sorte, não he indecente, que hum Soberano de tão vastos Estados gaste com sigo, e com toda a sua numeroza Familia, tão modica somma ? Digão-nos se he possivel gastar menos ? Digão-nos que nome se deve dar a esses falladores detestaveis, que se occupão em criminar tudo, reprehender tudo, e fallar de tudo, sem ter a mais leve idea de coiza alguma !

INGLATERRA.

Sentimos profundamente começar o artigo *Inglaterra* pela expozição de hum novo insulto feito á Bandeira Portuguesa pela Chalupade guerra Ingleza o Silph, a qual tomou, e conduzio a Barbadas o navio Portuguez Santa Anna Aguia, que ia do Maranhão para Canarias, somente porque o Commandante daquella Chalupa suspeitou que era destinado para a Africa, a fim de importar dalli escravos !!!* Nao faremos reflexão alguma sobre este, e outros insultos que a Marinha Ingleza tem feito a Bandeira Portuguesa: limitar-nos-hemos somente a supplicar com o mais profundo respeito, e com a mais viva instancia a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, que se digne tomar aquella *attitude* que convem ao Alto Decoro, Honra, e Dignidade da sua Coroa; ao bem dos seos insultados, e fieis Vassallos; e que não tolere por mais tempo que se viole com tanta impudencia, os seos direitos, e a fé dos tratados. Diremos ao Governo Inglez, que sempre temos defendido, que se elle não poem termo a procedimentos tão arbitrarios, tão injustos, e tão escandalozos; elle, e a Nação Ingleza devem contar com a desesperação, e odio da Nação Portuguesa, unica em quem os Inglezes tem achado honra, amizade, valor, e soffrimento; mas cuja desesperação e odio serao proporcionaes a tantos soffrimentos, e a esse valor, amizade, e honra sem exemplo na historia do mundo.

* Lloyd's List, No. 4787—Julho 16 de 1813.

						Prezas que tem sido ad- mittidas a Registro.	No. de Tonnela- das.
Em 30 de Setembro de 1792	eraõ	609	93,994				
— — — — — 1793	-	661	97,969				
— — — — — 1794	-	917	122,222				
— — — — — 1795	-	1,059	142,363				
— — — — — 1796	-	1,208	164,032				
— — — — — 1797	-	1,315	182,056				
— — — — — 1798	-	1,669	223,536				
— — — — — 1799	-	2,046	269,401				
— — — — — 1800	-	2,256	298,573				
— — — — — 1801	-	2,779	369,563				
— — — — — 1802	-	2,827	358,577				
— — — — — 1803	-	2,286	307,370				
— — — — — 1804	-	2,533	337,443				
— — — — — 1805	-	2,520	339,763				
— — — — — 1806	-	2,564	342,248				
— — — — — 1807	-	2,764	377,519				
— — — — — 1808	-	3,222	448,758				
— — — — — 1809	-	3,547	493,327				
— — — — — 1810	-	3,903	534,346				
— — — — — 1811	-	4,023	536,240				
— — — — — 1812	-	3,899	513,044				

Esta relação he official ; todos estes navios são de construcção estrangeira ; e apesar de não serem comprehendidos no artigo V. do tratado de commercio, elles tem generosamente sido admittidos em todos os portos dos dominios Portuguezes. E com que tem sido paga em Inglaterra esta incomparavel generosidade ? Com huma sordida mesquinhez, de que não ha exemplo ! E quando Sua Alteza Real excluir como pode, e deve, dos seus portos todos estes Navios Inglezes, visto que o Governo Britanico exclue dos seus onze ou doze Navios Portuguezes, quem perderá mais ? Eis aqui como a desmedida avareza de huns poucos de negociantes Inglezes obriga o Governo Inglez a tomar medidas injustas e impoliticas, que não podem deixar de diminuir áquella antiga, e illimitada affeição que toda a Nação Portuguesa tinha aos Inglezes, os quaes prezumen que os Portuguezes tem a respeito de commercio as mesmas ideas que tinhão, ha cem annos : enganaõ-se. Nada mais

necessario do que animar o commercio, e attender os Negociantes : mas nada mais prejudicial do que attende-los sem escrupulozo exame ; nada mais prejudicial do que não cohibir, em termos justos, sua desmedida avareza ; avareza para que todos são propensos, muito principalmente os Inglezes.

LISTA

Das Cidades, e Villas de Inglaterra, Escossia, e Irlanda, que gozaõ de diversos privilegios relativamente a estrangeiros, e mesmo nacionaes.

ABREVIACOENS.

C—Cidade. V—Villa. E—Escossia. I—Irlanda. W—Wales, ou Gales.

A.

Aberdeen, C. em E.—Abingdon, V. em Berkeshire—St. Albans, V. em Hertfordshire—Aldborough, V. em Yorkshire—St. Andrews, C. em Escossia—Anglesea, C. em W.—Annand, V. em E.—Appleby, V. em Westmoreland—St. Asaph, C. em W.—Aye, V. em Suffolk.

B.

Banbury, V. em Oxfordshire—Bangor, C. em W.—Bath, C. em Somersetshire—Bearalstone, V. em Devonshire—Bedwin, V. em Wiltshire—Berwick, V. em Inglaterra, e Escossia—Beverley, V. em Yorkshire—Bewaley, V. em Worcestershire—Bishop Castle, V. em Shropshire—Blechingley, V. em Surrey—Bodmin, V. em Cornwall—Bossinet, V. em Cornwall—Brackley, V. em Northamptonshire—Bramber, V. em Sussex—Brecknock, V. em W.—Bridgenorth, V. em Shropshire—Bridgewater, V. em Somersetshire—Bridport, V. em Dorsetshire—Bristol, C. em Somersetshire—Buckingham, V. em Buckinghamshire.

C.

Calne, V. em Wiltshire—Cambridge University—Camelford, V. em Cornwall—Canterbury, C. em Kent—Cardiff, V. em W.—Carlisle, C. em Cumberland—Carnarvon, V. em

W.—Castlerising, V. em Norfolk—Chester, C. em Cheshire—Chichester, C. em Sussex—Chippenham, V. em Wiltshire—Chipping Wycomb, V. em Buckinghamshire—Christchurch, V. em Hampshire—Cirencester, V. em Gloucestershire—Cockermouth, V. em Cumberland—Colchester, V. em Essex—Connop, C. em I.—Corfecastle, V. em Dorsetshire—Coventry, C. em Warwickshire—Cricklade, V. em Wiltshire—Cardigan, V. em W.

D.

Dartmouth, V. em Devonshire—Devises, V. em Wiltshire—Dover, V. em Kent—Downton, V. em Wiltshire—Droitwich, V. em Worcestershire—Dunkeld, C. em Escossia—Dunnick, V. em Suffolk.

E.

Eastlow, V. em Cornwall—Edinburgh, C. em Escossia—Elgin, C. em Escossia—Ely, C. em Cambridgeshire—Evesham, V. em Worcestershire.

G.

Gatton, V. em Surrey—St. Germans, V. em Cornwall—Glasgow, C. em Escossia—Grampound, V. em Cornwall—Grantham, V. em Lincolnshire—Grimsby, V. em Lincolnshire—Guilford, V. em Surrey.

H.

Harwich, V. em Essex—Haslemere, V. em Surrey—Hastings, V. em Sussex—Haverfordwest, V. em Pembrokeshire—Helston, V. em Cornwall—Hereford, C. em Herefordshire—Heydon, V. em Yorkshire—Heytsbury, V. em Wiltshire—Higham Ferrars, V. em Northumberland—Hindon, V. em Wiltshire—Honiton, V. em Devonshire.

I.

Ilchester, V. em Somersetshire—Ipswich, V. em Suffolk—St. Ives, V. em Cornwall.

K.

Kellington, V. em Cornwall—Kildare, C. em I.

L.

Lanerik, V. em Escossia—Landor, V. em Escossia—Lemster, V. em Herefordshire—Leskard, V. em Cornwall—Lestwithiel, V. em Cornwall—Lewes, V. em Sussex—Lime-

rick, C. em I.—Litchfield, C. em Staffordshire—London, C. Metropole da Grã-Bretanha—Londonderry, C. em I.—Ludlow, V. em Shropshire—Luggershall, V. em Wiltshire—Lyme, V. em Dorsetshire.

M.

Malmsbury, V. em Wiltshire—Malton, V. em Yorkshire—Marlbro' V. em Wiltshire—Great Marlow, V. em Buckinghamshire—St. Mawes, V. em Cornwall—Melcomb Regis, V. em Dorsetshire—Midhurst, V. em Sussex—Milbornport, V. em Somersetshire—Morpeth, V. em Northamptonshire—Mount St. Michel, V. em Cornwall.

N.

Newark, V. em Nottinghamshire—Newport, Ilha de Wight, V. em Hampshire—Newport, V. em Cornwall—Newton, Ilha de Wight, em Hampshire—Northallerton, V. em Yorkshire.

O.

Oxford, V. em Suffolk—Oxford University, C. em Oxfordshire.

P.

Penryn, V. em Cornwall—Peterborough C. em Northamptonshire—Petersfield, V. em Hampshire—Plinton, V. em Devonshire—Portfract, V. em Yorkshire—Portsmouth, V. em Hampshire—Preston, V. em Lancashire.

Q.

Queenborough, V. em Kent.

R.

Reading, V. em Berkshire—Retford, V. em Nottinghamshire—Ryegate, V. em Surrey—Richmond, V. em Yorkshire—Rippon, V. em Yorkshire—Rochester, C. em Kent—Romney, V. em Kent—Rothsay, V. em Escossia—Rye, V. em Sussex.

S.

Salisbury, C. em Wiltshire—Saltash, V. em Cornwall—Sanquar, V. em Escossia—Sarum, V. em Wiltshire—Scarborough, V. em Yorkshire—Selkirk, V. em Escossia—Shaftsbury, V. em Dorsetshire—Shoreham, V. em Sussex—Shrewsbury, V. em Shropshire—Southampton, V. em Devonshire—Southwark, V. em Borough—Stamford, V. em

Lincolnshire—Steyning, V. em Sussex—Stockbridge, V. em Hampshire—Stranraver, V. em Escossia—Sudbury, V. em Suffolk.

T.

Tamworth, V. em Staffordshire—Tavistock, V. em Devonshire—Taunton, V. em Somersetshire—Tewksbury, V. em Gloucestershire—Thirsk, V. em Yorkshire—Tiverton, V. em Devonshire—Totness, V. em Devonshire—Tregony, V. em Cornwall.

W.

Wareham, V. em Dorsetshire—Waterford, C. em I.—Wick, V. em Escossia—Wells, C. em Somersetshire—Wendover, V. em Buckinghamshire—Winlock, V. em Shropshire—Weobley, V. em Herefordshire—Westbury, V. em Wiltshire—Westlow, V. em Cornwall—Whitechurch, V. em Hampshire—Wycomb Chipping, V. em Buckinghamshire—Wiggan, V. em Lancashire—Wigtown, V. em Escossia—Wilton, V. em Wiltshire—Winchelsea, V. em Sussex—Winchester, C. em Hampshire—Windsor, V. em Berks—Woodstock, V. em Oxfordshire—Worcester, C. em Worcester-shire—Wooton Bassett, V. em Wiltshire.

Y.

Yarmouth, V. em Norfolk—Yarmouth, V. em Hampshire—York, C. em Yorkshire.

Talvez os nossos leitores perguntem—para que serve esta lista? *Quis potest capere, capiat.*

 Offícios de Lord Wellington.

Quartel-general de Ampudia, de 6 de Junho.

As tropas tem continuado a avançar, depois que dirigi a V. E. o meu anterior despacho de 31 do passado, e no dia 1. do corrente estiverão em Zamora, e aos 2 chegaram a Toro. Achando-se os hussares Inglezes na vanguarda, encontraram entre Toro e Morales hum grosso corpo de cavallaria inimiga, que foi immediatamente atacado pelo regimento 10, sustido pelo 15 e 18, e o derrotaram por muitas milhas, fazendo-lhe 210 prisioneiros, 2 officiaes, e muitos cavallos.

Inclusa transmittto a V. E. a parte, que me deo o Coronel Grant desta brilhante acção, a qual faz muita honra ao Major Roberts, e 10. de hussares, como igualmente ao Coronel Grant, que a dirige.

Na tarde do mesmo dia surprehendeo D. Juliao Sanches o posto Francez, que havia em Castro-Nuno, fazendo 2 officiaes, e 50 dragoens prisioneiros, e arrojando outro de Polhos, que alli tinhão.

O inimigo havia destruido as pontes de Zamora e Toro, o que com os difficuldades, que apresentou o passo do Esla, retardou o movimento da nossa retaguarda, de cuja circumstancia elle se aproveitou, para reunir grande numero das suas forças entre Torrelobaton e Tordesillas. Em consequencia fiz alto em Toro no dia 3, com o fim de fazer, que a divisão ligeira, e tropas do commando do Tenente-general Sir Rowland Hill passassem o Douro pela ponte da mesma Cidade, e tambem dar lugar a que se nos unisse a nossa retaguarda, e incorporar-se o exercito da Galliza com a nossa esquerda; o que tendo-se verificado tornámos a emprender a marcha no dia 4.

Os inimigos principiaraõ a reunir as suas forças em direcção do Douro, quando souberaõ que haviamos passado de Ciudad-Rodrigo, e atrevessaraõ este Rio no dia 2 pela ponte de Tordesillas.

As tropas que haviaõ em Madrid, e os destacamentos que tinhaõ sobre o Tejo, emprehenderaõ a sua marcha no dia 27 preterito, e passaraõ pela ponte de Douro o rio deste nome, ficando Valladolid inteiramente evacuada no dia 4, e deixando o inimigo em Arevalo e Toro consideraveis armazens de grão, e algumas muniçoens em Valladolid e Zamora.

Os Francezes tem passado o rio Carrion, e segundo as apparencias se retiraõ na direcção de Burgos.

Hei recebido a noticia, que acredito, de que os Francezes tendo levado por mar, desde Santona a Castro, 5 peças d'artilharia, abriraõ brecha nas muralhas do Povo a 11 de Maio, e que em consequencia o assaltaraõ, e tomaraõ, retirando-se a guarnição para o castello, que intentaraõ tomar tambem por assalto; porem foraõ rechaçados com muita perda: a guarnição retirou se, embarcando-se na manha do dia 12 nos Navios de Guerra de S. M. B a Lyra, Realista, e Sparrow, que a desembarcaraõ em Boromeu.

Ainda não tenho recebido noticia alguma de Alicante, depois que dirigi a V. E. o meu penultimo despacho.

Documento pertencente ao Officio de S. E. o Marechal General Duque da Victoria, datado de Ampudia á 6 de Junho.

Moralles, 2 de Junho.

MY LORD!

Tenho a honra de informar a V. Excellencia, que aproximando-me a Moralles esta manha com a brigada de hussares, appareceo a cavallaria Franceza em consideravel força, junto daquelle lugar.

O regimento 10 dos Hussars Reaes avançou immediatamente, debaixo das ordens do Major Roberts, o qual atacou a vanguarda dos esquadroens inimigos, de huma maneira a mais briosa; a sua primeira linha fez huma decidida resistencia; porem foi immediatamente derrotada pela irresistivel impetuosidade dos hussares N. 10, que sendo sustentados pelos hussares N. 18 (achando-se o N. 15 em reserva) chegarão á sua segunda linha; e o impellirão com perda, por espaço de duas milhas, até as alturas em frente de Moralles, posição que o inimigo occupava com huma grande força de cavallaria, e infantaria, e onde os restos dos seus esquadroens destroçados se abrigarão a coberto da sua artilheria.

He com a maior satisfação que informo a V. E. que nada pode exceder a actividade e bravura, que as Tropas mostrão nesta occasião.

Tenho com tudo a lamentar a perda do Tenente Cotton dos hussars No. 10, official he pouca idade, mas de grandes esperanças, que foi morto no meio das fileiras inimigas. Tambem sinto ter que acrescentar que o Capitão Lloyd do mesmo regimento se extraviou.

Tenho a honra de remetter incluso o mappa dos mortos, e feridos; e tambem a relação da perda, que soffreo o inimigo, com aquella exactidão que me foi possivel.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

GRANT.

A S. E. o Marquez de Wellington, Com-
mandante em Chefe, &c. &c. &c.

P. S. Depois de ter escrito o que acima digo, tive a noticia de que o Capitão Lloyd fora ferido, e que tinha ficado prisioneiro; porem o inimigo o deixou em Pedrosa d'El Rei, debaixo da sua palavra de honra; a sua ferida he grande, porem não he de perigo.

Villa Diego, 13 de Junho.

MY LORD!

O exercito passou o Carrion aos 7; tendo-se o inimigo, retirado a travez do Pissuerga; e aos 8, 9, e 10 marchamos adiante com a nossa esquerda e passamos aquelle rio. A celeridade de nossa marcha até este periodo, me obrigou a fazer breves movimentos aos 11, e a fazer halto com a esquerda aos 12; porem naquelle dia adiantei a direita, sob o commando do Tenente-general Sir Rowland Hill, consistindo do 2. Britannico, a divisaõ Hespanhola do Brigadeiro general Murillo; e a divisaõ Portugueza de infantaria do Conde d'Amarante, e a divisaõ ligeira, sob o Major-general Carlos Baraõ Alten, e Major-general Victor Baraõ Alten e as brigadas de cavallaria de hussares do Major-general Fane, Major general Long, e do Brigadeiro-general o Hon. Ponsonby, e Coronel Grant para Burgos; com as vistas de reconhecer a posição do inimigo, e o seu numero juncto aquella cidade, e forçallo a tomar huma decisão ou de abandonar o castello á sua sorte, ou de o proteger com toda a sua força.

Achei o inimigo postado em força consideravel, commandado, segundo se me disse pelo General Reille, nas alturas á esquerda de Hormaza, com a sua direita acima da aldeia de Hormaza, e a sua esquerda em frente de Estepar. Nos flanqueamos a sua direita com os hussares, brigada de cavallaria do Brigadeiro-general Ponsonby, e divisaõ ligeira de Isar, em quanto a brigada de cavallaria do General Victor Alten, e a brigada da 2. divisaõ do Hon. Coronel O'Callaghan marchou para as alturas de Hormaza; e o resto das tropas, sob o commando do Tenente-general Sir Rowland Hill ameaçou as alturas de Estepar. Estes movimentos desalojaram o inimigo de suas posiçoens immediatamente. A cavallaria na nossa esquerda e centro estava inteiramente na retaguarda do inimigo, que foi obrigado a retirar-se cruzando o Arlanzon pela estrada grande que vai para Burgos. Ainda apertado pela nossa cavallaria, e soffrendo consideravel perda pelo fogo de artilheria de cavallo, e obrigado a fazer os seus movimentos passo acelerado, para não dar tempo a chegar á nossa infantaria, executaram isto de hum modo admiravel; mas perderam huma peça e alguns prisioneiros, que foram tomados por hum esquadrão do 14 de dragoens ligeiros, commandado pelo Capitaõ Millos, e hum destacamento do 3. de dragoens, que atacou a sua retaguarda.

O inimigo se postou na esquerda do Arlanzon e do Urbel, que estavam muito cheios pelas chuvas; e no decurso da noite se retiraram com todo o exercito por Burgos, tendo

abandonado, e destruido, em tanto quanto puderam, no breve espaço de tempo que ali estiveram as obras do Castello que tinham construido, e melhorado com tanta despeza: e se puzeram em retirada para o Ebro pelo estrada grande de Briviesca e Miranda. No entanto todo o exercito dos alliados fez hum movimento hoje para a esquerda: e espero que os corpos Hespanhoes da Galliza, sob o General Giron, e a esquerda do exercito Inglez e Portuguez, sob o Tenente-general Sir Thomas Graham, passem o Ebro a manhaã.

No decurso dos 9, 10, e 11, D. Juliaõ Sanchez foi muito activo na esquerda do inimigo, e tomou varios prisioneiros

Tenho recebido huma carta do General Elio em que me informa, que o 3. exercito Hespanhol se unio ao 2., e estes exercitos se postaram nas posiçoens que antes occupavam o 2 exercito, e o corpo Anglo Siciliano, sob Sir John Murray, e que o Tenente-general Sir John Murray, se tinha embarcado, em consequencia das ordens que tinha recebido, com as tropas debaixo do seu commando, e deo á vela de Alicante com vento favoravel, e se perdeu de vista no 1. do corrente.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

Subijana, sobre o Bayas, 19 de Junho.

MY LORD!

A esquerda do exercito cruzou o Ebro aos 14, nas pontes de S. Martin, e Rocamunde, e o resto aos 15 por aquellas pontes e pelas de Puente Arsenas. Nós continuamos a nossa marcha no dia seguinte para Vittoria.

O inimigo ajuntou aos 16 e 17 hum consideravel corpo em Espejo, naõ longe de Puente Carra, composto de algumas das tropas que tinham estado por algum tempo nas provincias em seguimento de Longa e Mina, e outras destacadas do corpo principal do exercito, que estavam ainda em Pancorbo.

O inimigo tinha igualmente huma divisaõ de infantaria e alguma cavallaria, em Frias desde aos 16, para o fim de observar os nossos movimentos na esquerda do Ebro.

Estes destacamentos marcharam hontem pela manhaã, o de Frias para S. Millan, aonde o achou a divisaõ ligeira do exercito alliado, sob o Major-general Carlos Alten; e a de

Espejo para Osna, aonde encontrou a 1. e 5. divisões sob o Tenente-general Sir Thomas Graham.

O Major-general Carlos Alten expulsou o inimigo de S. Millan, e ao depois cortou a brigada da retaguarda da divisão, a quem tomou 300 prisioneiros, matou e ferio muitos; e a brigada foi dispersa pelas montanhas.

Os corpos de Espejo eram consideravelmente mais fortes do que os corpos alliados commandados por Sir Thomas Graham, que chegara quasi ao mesmo tempo a Osna. O inimigo se moveo para o ataque, mas depressa se vio obrigado a retirar-se; e foi seguido para Espejo d'onde se retirou para as alturas deste lugar. Era ja tarde quando as outras tropas chegaram á posição avançada que tinham tomado as de Sir Thomas Graham, e eu mandei fazer halto á 4. divisão que tinha substituido a 5. junto a Espejo.

O exercito marcha hoje para este sitio: achou a retaguarda do inimigo em huma forte posição na esquerda do sitio tendo a sua direita cuberta por Subijana, e a esquerda pelas alturas em frente de Pobes.

Nós flanqueamos a esquerda do inimigo com a divisão ligeira, em quanto a 4. divisão sob o Tenente-general Sir Lowry Cole o atacou em frente, e a retaguarda foi repulsada para o corpo principal, que estava em marcha de Poncorbo para Vittoria; tendo levantado campo daqui a noite passada. Informam me que inimigo tem desmantelado Pancorbo.

A divisão do Coronel Longa se ajuntou ao exercito aos 6, chegando a Medina de S. Pomar.

O Conde del Abisbal chegara a Burgos aos 25. Eu não tenho recebido noticias da costa de Leste, depois da minha ultima a V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

Tenho a honra de incluir huma participação que recebi do General Copons, de huma linda acção na Catalunha, aos 7 de Mayo, por huma brigada de tropas Hespanholas, sob o commando do Coronel de D. Manuel Llander, e tenho recebido, huma relação (não official) de que aos 17 de Mayo o General Copons derrotara o inimigo na posição de Concal, junto de El Abisbal.

(Traducção.)

EXCELLENTISSIMO SENHOR!

O Deus dos exercito favorece as operaçoens do corpo que eu tenho a honra de commandar

A 2. brigada da 2. divisão, debaixo do commando do Coronel D. Manuel Llander destruiu completamente, aos 7 do corrente, huma columna do inimigo, composta de 1,000 homens, commandados pelo marechal, que sahio de Puicerda para o fim de atacar o flanco do Coronel Llander, em quanto elle se occupava no bloqueio de Olot; 4 officiaes e 290 homens foram aprisionados, 12 caixões, e mais de 500 espingardas. e reduzir o numero de inimigo á 300 homens, são os resultados desta feliz acção.

O General Mauricio Matthieu, com hum corpo de 6.000 infantes, 300 cavallos, e 5 peças d'artilharia, sob os generaes Expert e Debans, marcharam para Tarragona, para o fim de proteger hum comboy.

Eu segui com a 2. brigada da 1. divisão o batalhão do general, e 30 de cavallo, fazendo hum total de 3,200 homens. Quando o General Mathieu voltou para Barcelona, eu trabalhei por puchallo para huma posião vantajosa, que eu occupava na aldea de Abisbal, aonde lhe offereci batalha aos 17. As 7 horas e meia da manhã começou o fogo, e bem depressa se fez geral em toda a linha; o ataque e movimento do inimigo para me flanquear foi de nenhum effeito. As 12 e meia elle atacou, com grande espirito, e sendo repulsado, e perseguido vigorosamente, começou a sua retirada á vista dos nossos valentes soldados

O campo ficou cuberto de corpos e de armas: a perda do inimigo excede 600 homens, mortos, feridos, e prisioneiros. Hum official commandante, e 5 inferiores estavam entre os primeiros, e 7 ficaram feridos.

O inimigo confessou esta perda na aldea aonde deixou huma parte de seus feridos, ao cuidado de hum cirurgião Francez.

A minha perda não está ainda averiguada porem sei que não tem proporção com a do inimigo. Quando as differentes participações me chegarem as mandarei a V. Excellencia; mas no em tanto tenho a honra de fazer a V. Excellencia esta participacão para sua satisfacção.

Deus guarde a V. Excellencia muitos annos,

(Assignado) FRANCISCO DE COPONS NAVIA.

Quartel-general de Villa Franca.

Salvatierra, 22 de Junho.

MY LORD!

O exercito do inimigo, commandado por Joseph Bonaparte, e tendo o Marechal Jourdan por seu Major-General, tomou huma posição, na noite de 19 do corrente, em frente de Vittoria, cuja esquerda se apoiava nas alturas que findam na Puebla d'Arlanzon, e se extendem dali cruzando o vale de Zadora em frente da aldea de Arunel. Occupava o inimigo com a direita o centro de huma colina que fica a cavalleiro do vale de Zadora, e a direita do seu exercito estava postada junto a Vittoria, e era destinada a defender os passos do rio Zadora nas vizinhanças daquella cidade. Tinha o inimigo huma reserva na retaguarda da sua esquerda, na aldea de Gomecha.

A natureza do terreno, porque o exercito tinha passado depois que chegou ao Ebro, tinha necessariamente extendido as suas columnas, e nos fizemos halto aos 20, em ordem a cerrar as columnas, e marchamos com a esquerda para Margina, aonde ella provavelmente seria mais necessaria: eu reconheci naquelle dia a posição do inimigo, com as vistas do ataque que se havia de fazer na manhaã seguinte, se elle ainda ali se demorasse.

Consequentemente atacamos o inimigo hontem, e julgo-me feliz em poder informar a V. S. que o exercito alliado debaixo do meu commando ganhou huma completa victoria, tendo expulsado o inimigo de todas as suas posições, havendo-lhe tomado 151 peças d'artilheria, 415 carros de munições, toda a sua bagagem, mantimentos, gado, thesouro, &c. e consideravel numero de prisioneiros.

As operações do dia começaram com o Tenente general Sir Rowland Hill tomar posse das alturas de la Puebla, aonde se apoiava a esquerda do inimigo, que tinha occupado estas alturas com grande força.

Elle destacou para este serviço huma brigada da divisão Hespanhola, commandado pelo General Murillo; estando a outra brigada empregada em conservar a communicação entre o seu corpo principal e a estrada real que vai de Miranda para Vittoria, e o corpo destacado das alturas. O inimigo porem descobriu logo a importancia destas alturas, e reforçou as suas tropas ali a tal ponto que o Tenente-general Sir Rowland Hill foi obrigado a destacar a brigada do General Walker, commandada pelo Hon. Tenente-coronel Cadogan, e successivamente outras tropas para o mesmo ponto; e os

allados não somente ganharam, mas conservaram a posse destas importantes alturas durante todas as suas operações, não obstante todos os esforços que o inimigo fez para as retomar. A contenda porem foi aqui mui viva. O General Murillo foi ferido mas conservou-se no campo de batalha; e sinto ter de participar que o Hon. Tenente-coronel Cadogan morreo de huma ferida que recebeo. Nelle perdeu de S. M. hum official de grande zelo, e experimentada galhardia; e que tinha adquirido o respeito, e attenção de todos os da profissão militar, de quem se podia esperar, se visse, que faria os mais importantes serviços á sua patria.

A cuberto da posse destas alturas, Sir Rowland Hill passou successivamente o Zadora, em La Puebla, e no desfiladeiro formado pelas alturas e rio Zadora, e atacou e alcançou a posse da aldea de Sabijana de Alava, na frente da linha do inimigo, e que o inimigo fez varias tentativas para retomar.

A difficuldade da natureza do terreno impedio a communição entre as nossas differentes columnas, que marchavam de suas posições ao ataque, sobre o rio Bayas, tão cedo como eu esperava; e era ja mui tarde quando eu sube, que a columna composta da 3. e 7. divisões, sob o commando do Conde Dalhousie tinha chegado ao posto que lhe era destinado.

A 4. divisão e a ligeira, porem passaram o Zadora immediatamente depois de Sir Rowland Hill ter tomado posse de Sabijana de Alava; a primeira pela ponte de Narclam, e a segunda pela de Tres Puentes, e logo quasi que estas passaram, chegou a Mendonza a columna commandada pelo Conde Dalhousie; e a 3. divisão, commandada pelo Tenente-general Sir Thomas Picton, cruzou a ponte mais acima, sendo seguida pela 7. divisão, sob o Conde Dalhousie.

Estas 4 divisões, que formavam o centro do exercito, eram destinadas atacar as alturas em que estavam postados a direita e centro do inimigo; em quanto o Tenente-general Sir Rowland Hill se adiantasse de Sabijana de Alava, para atacar a esquerda. O inimigo, porem, tendo enfraquecido a sua linha para reforçar o seu destacamento nas colinas, abandonou a sua posição no vale logo que vio as nossas disposições para o atacar, e começou a sua retirada em boa ordem para Vittoria.

As nossas tropas continuaram a avançar em admiravel ordem, não obstante as difficuldades do terreno. No entanto o Tenente-general Sir Thomas Graham, que commandava a esquerda do exercito, composta da 1. e 5. divisões, e das brigadas de infantaria dos Generaes Pack e Bradford, e das brigadas de cavallaria dos Generaes Brock e Anson, as quaes tinham marchado para Margina aos 20; partio dali para Vit-

toria, pela estrada real de Bilbao. Tinha alem disto consigo a divisaõ Hespanhola debaixo do commando do Coronel Longa, e General Giron, que tinha sido destacado para a esquerda, com differentes vistas sobre o estado das cousas; e foi depois tornado a chamar, e chegou aos 20 a Orduna, marchou naquella manhaã dali, de maneira que se achou no campo prompto a sustentar o Tenente-general Sir Thomas Graham, se o seu apoio fosse necessario.

O inimigo tinha huma divisaõ de infantaria e alguma cavallaria avançada na estrada real de Vittoria para Bilbao, apoiando a sua direita em algumas alturas que cubriam a aldeia de Gamarra Maior. Tanto Gamarra como Abechusa estavam fortemente occupadas como cabeças de ponte no rio Zadorá nestes lugares. O Brigadeiro-general Pack com a sua brigada Portugueza, e o Coronel Longa com a sua divisaõ Hespanhola, tiveram ordem de flanquear e ganhar as alturas, sendo sustentados pela brigada de dragoens ligeiros do Major-general Anson, e 5. divisaõ d'infanteria debaixo do commando do Major-general Oswald, que teve ordem de tomar o commando de todas estas tropas.

O Tenente-general Sir Thomas Graham participa que na execuçaõ deste serviço, as tropas Portuguezas e Hespanholas se comportaram admiravelmente. *Os regimentos 4. e 8. de caçadores se distinguiram particularmente.* O Coronel Longa que estava na esquerda tomou posse de Gamarra Menor.

Logo que as alturas estiveram em nosso poder, foi assaltada e tomada mui galhardamente a aldeia de Gamarra Maior, pela brigada do brigadeiro General Robinson da 5. divisaõ, que avançou em columnas de batalhoens, debaixo de hum pezado fogo de artilheria e mosqueteria, sem dar hum so tiro, auxiliado por duas peças da brigada d'artilheria do Major Lawson. O inimigo soffreo muito e perdeu tres peças d'artilheria.

Como o Tendente-general procedeo entaõ a atacar a aldeia de Abechuco, com a primeira divisaõ, assestando huma forte bateria contra ella, que consistia da brigada do Capitão Dubourdieu e da companhia de artilheria de cavallo do Capitão Ramsay e a cuberto deste fogo avançou para o ataque da aldeia a brigada do Coronel Halkett, foi tomada a aldeia, tendo o batalhaõ ligeiro carregado e tomado tres peças e hum obuz sobre a ponte: este ataque foi sustentado pela brigada de infantaria Portugueza do General Bradford.

Durante a operaçaõ em Abechuco, o inimigo fez os maiores esforços para tornar a apossar-se da aldeia de Gamarra Maior, no que foi galhardamente repulsado pelas tropas da 4. divisaõ debaixo do commando do Major-general Oswald;

o inimigo porem tinha nas alturas da esquerda de Zadora duas divisoens de infantaria em reserva e era impossivel cruzar as pontes ate que as tropas que tinham marchado para o centro e esquerda do inimigo o tivessem expulsado para alem de Vittoria.

Então o todo co operou no seguimento, que continuou até anoitecer. A marcha das tropas debaixo do commando do Tenente-general Sir Thomas Graham, e a sua posse de Gamarra e Abechuco interceptaram a retirada do inimigo pela estrada real que vai para França. O inimigo foi então obrigado a voltar para a estrada de Pamplona, porem não pode sustentar-se em nenhuma posição por tempo bastante para dar lugar a puchar a diante a sua bagagem e artilheria. Portanto tudo o que desta não tinham tomado as tropas nos successivos ataques das posiçoens, que o inimigo occupara na sua retirada desde a primeira posição sobre o Aruney, e Zadora, e todas as suas muniçoens, e bagagem, e tudo quanto elles tinham foi tomado junto a Vittoria. Tenho razão para crer que somente levou consigo huma peça e hum obuz,

O exercito sob o commando de Jozé Bonaparte consistia do total dos exercitos do Sul, e do Centro, e de 4 divisoens, e toda a cavallaria do exercito Portugal e de algumas tropas do exercito do Norte. A divisaõ do General Foix do exercito de Portugal, estava nas vizinhanças de Bilbao; e o General Clausel, que commanda o exercito do Norte, estava junto de Logrono, com huma divisaõ do exercito de Portugal, commandada pelo General Topin, e a divisaõ do General Vandermasén do exercito do Norte.

A 6. divisaõ do exercito Alliado, sob o Major-general o Hon. Eduardo Packenham, estava igualmente auzente, tendo sido detida em Medina del Romar por tres dias, para cubrir a marcha de nossos armazens e provimentos.

Naõ posso gabar demaziado o comportamento de todos os officiaes generaes, officiaes e soldados do exercito nesta acção. O Tenente-general Sir Rowland Hill falla com grande louvor do comportamento do General Murillo, e das tropas Hespanholas debaixo do seu commando, e do Tenente-general o Hon. M. Stewart, e do Conde d'Amarante, que commandavam divisoens de infantaria, debaixo de sua direcção. Elle igualmente faz menção do comportamento do Hen. Tenente-coronel O'Callagan, que manteve a aldea de Sabijana de Alava contra todos os esforços do inimigo para a reconquistar; e o do Tenente-coronel Brooke da repartição do Ajudante-general, e Tenente-coronel o Hon. Alexandre Abercromby da repartição do Quartel-mestre general.

He impossivel que os movimentos de quaesquer tropas possam ser conduzidos com mais espirito e regularidade do que

os das respectivas divisoens do Tenente-general Dalhousie, Sir Thomas Picton, Sir Lowry Cole, Major-general Carlos Barão Allen. Estas tropas avançaram em escaçoens de regimentos, em duas, e ás vezes em tres linhas; e as tropas Portuguezes na 3. e 4. divisoens, sob o commando do Brigadeiro-general Power e Coronel Stubs marcharam na frente com huma firmeza e galhardia que jamais foi excedida em alguma occasião.

A brigada do Major general o Hon. C. Colville de 3. divisaõ foi seriamente atacada, na sua avançada por huma força bem superior, e bem formada; a qual porem elle repulsou auxiliado pela brigada do General Inglis da 7. divisaõ, commandada pelo Coronel Grant, do 82. Estes officiaes e as tropas de seu commando, se distinguiram muito.

A brigada do Major general Vandeleur da divisaõ ligeira, durante o ataque de Vittoria, foi destacada para auxiliar a 7. divisaõ, e o Tenente general Conde Dalhousie participa sobre o seu comportamento mui favoravelmente.

O Tenente general Sir Thomas Graham refere particularmente os seus sentimentos pelo favoravel adjutorio que recebeu do Coronel Delaney, Deputado Quartel-mestre general, e do Tenente-coronel Bouvexia da Repartição do Ajudante-general, e dos officiaes de seu estado maior pessoal, e do Hon. Tenente-coronel Upton, Ajudante Quartel-mestre-general, e Major Hope, Assistente-ajudante, com a primeira divisaõ: e o Major-general Oswald participa o mesmo do Tenente-coronel Berkeley da repartição do Ajudante-general, e Tenente-coronel Gomm, da repartição do Quartel-mestre-general.

Sou particularmente obrigado ao Tenente-general Sir Thomas Graham, e Tenente general Sir Rowland Hill, pela maneira em que elles respectivamente conduziram o serviço que lhes foi encarregado desde o principio das operaçoens, que acabaram na batalha de 21; pelo seu comportamento na batalha; assim como tambem ao Marechal Sir Guilherme Beresford pelos amigaveis conselhos e adjutorio que delle tenho recebido em todas as occasioens, durante as ultimas operaçoens.

Naõ devo omittir mencionar o comportamento, do General Giron, que commanda o exercito da Galiza, o qual fez huma marcha forçada de Orduna, e se achou actualmente no terreno, prompto a auxiliar o Tenente-General Sir Thomas Graham.

Tenho frequentemente sido obrigado, e tenho tido occasião de chamar a attenção de V. S. para o comportamento do Quartel-mestre-general, Major-general George Murray, que, nas ultimas operaçoens e na batalha de 21 do corrente, me

prestou outra vez o maior adjutorio. Igualmente devo muito a Lord Aylmer Deputado Ajudante-general, e aos officiaes das repartiçoens de Ajudante e Quartel-mestre-general respectivamente; e ao Tenente-coronel Lord Fitzroy Somerset, Tenente-coronel Campbell, e officiaes de meu estado maior pessoal; e ao Tenente-coronel Sir Ricardo Fletcher, e officiaes dos Engenheiros Reaes.

O Coronel S. A. Serenissima o Principe Hereditario de Orange, esteve no campo de batalha como meu Ajudante de campo, e se conduzio com a sua usual galhardia, e intelligencia.

O Marechal de Campo D. Luiz Wimpfen, e o Inspector-general D. Thomaz O'Donojoz, e officiaes do estado-maior do exercito Hespanhol, me tem invariavelmente prestado todo o auxilio que estava no seu poder no decurso destas operaçoens; e me aproveito desta occasião para expressar a minha satisfacção de seu comportamento, assim como do Marechal de Campo D. Miguel de Alava e do Brigadeiro-general D. José O'Lawlor, que por longo tempo tem sido empregados comigo, e com grande utilidade.

A artilheria foi mui judiciosamente postada pelo Tenente-coronel Dickson, e foi bem servida, e o exercito he particularmente obrigado aquelle corpo.

A natureza do terreno não permittio que a cavallaria fosse geralmente empregada; porem os officiaes generaes, commandantes das diversas brigadas, conservaram as tropas debaixo de seu commando respectivamente chegadas á infantaria, para a auxiliar; e foram muito activos na seguida do inimigo depois que elle foi expulso de Vittoria.

Mando este officio pelo meu Ajudante de Campo Capitaõ Fremantle, e peço licença para o recomendar á protecção de V. S.; elle tera a honra de por aos pes de S. A. R. o Principe Regente as bandeiras do 4. batalhão do regimento 100, e o bastão de Marechal Jourdan, Marechal de França, e que foi tomado pelo regimento 87.

Tenho a honra de ser, &c.

WELLINGTON.

Incluo os mappas dos mortos e feridos nas ultimas operaçoens; e hum mappa da artilheria e muniçoens tomadas na acção de 21 do corrente.

MAPPA

Das perdas desde 12 ate 21.

Total da perda Britanica.—1 Tente-coronel, 10 Tenentes, 4 Alferes, 1 do Estado-maior, 17 Sargentos, 4 Tambores, 460 Soldados, 90 Cavallos, mortos; 1 do Estado-maior, 3 Tenentes-coroneis, 5 Majores, 40 Capitaes, 87 Tenentes, 22 Alferes, 5 do Estado-maior, 121 Sargentos, 13 Tambores, 2,504 Soldados, 68 Cavallos, feridos.

Total da perda Portugueza.—8 Capitaens, 1 Tenente, 3 Alferes, 138 Soldados, 1 Cavallo, mortos; 1 Tenente-coronel, 4 Majores, 16 Capitaens, 10 Tenentes, 19 Alferes, 2 do Estado-maior, 35 Sargentos, 1 Tambor, 811 Soldados, feridos.

Total da perda Hespanhola.—1 Capitaõ, 3 Tenentes, 85 Soldados, mortos; 1 do Estado-maior-general, 1 Tenente-coronel, 3 Capitaens, 6 Tenentes, 453 Soldados, feridos.

Total geral.—Mortos, 1 Tenente-coronel, 10 Capitaens, 14 Tenentes, 7 Alferes, 1 do Estado-maior, 19 Sargentos, 5 Tambores, 683 Soldados, 93 Cavallos.—Feridos, 2 do Estado-maior-general, 9 Tenente-coroneis, 9 Majores, 50 Capitaens, 103 Tenentes, 4 Alferes, 7 do Estado-maior, 158 Sargentos, 14 Tambores, 3,768 Soldados, 68 Cavallos.

N. B. Os diferentes corpos dos exercitos Inglez e Portuguez, tem dado parte de extraviados 1 Sargento, 2 Tambores, 263 Soldados, suppoem-se que a maior parte delles se perderam do seus regimentos no decurso da noite, e que mui poucos cahiriam no poder do inimigo.

(Assignado)

AYLMER, Dep. Aj. Gen.

MAPPA

De artilheria, carros, e muniçoens tomadas ao inimigo na acção de 21 de Junho.

Vittoria, 23 de Junho.

Peças de bronze em carretas de viajar.—28 de calibre 12; 42 de 8; 43 de 4; 3 obuzes de 8 polegadas; 20 obuzes de seis polegadas; 3 obuzes de 4 polegadas; 2 de 5 polegadas; 2 morteiros de 5. polegadas.—Total 151.

Caixoens.—56 de peças de 12; 76 de 8; 68 de 4; 7 de

obuzes de 8 polegadas; 54 de obuzes de 6; 5 de 4; e 2 de 5; 149 de munição de armas pequenas.—Total 415.

Cargas de munição —1,936 para peças de 12; 5,424 para peças de 8; 3,434 para peças de 4; 97 para obuzes de 8 polegadas; 3,538 para obuzes de 6 polegadas.—Total 14,249.

1,973,400 cartuchos com bala para espingarda; 40,668 libras de pólvora; 56 carros de forragem; 44 carros de forja.

R. D. HENAGAN, Commissario da Artilheria

A. DICKSON, Ten. Cor. Commandante da Artilheria.

Irunzun, 24 de Junho.

MY LORD!

Havendo-se demorado a partida do Cap. Freemantle até hoje, pela necessidade de concluir os mappas, tenho de referir a V. S. que continuamos a seguir o inimigo, cuja retaguarda chegou a Pamplona hoje. Temos lhe causado tanto damno quanto podíamos, considerando o estado do tempo e dos caminhos; e hoje a guarda avançada, consistindo da brigada do Major-general Victor Barão Alten, e do 1. e 3. batalhoens do regimento 95, e da companhia d'artilheria de cavallo do Major Ross; tomou a unica peça que lhes restara. Os inimigos entraram em Pamplona com hum obuz unicamente.

O General Clausel, que tinha debaixo de seu commando aquella parte do exercito do Norte, e huma divisaõ do exercito de Portugal, que não entraram na acção do dia 21, aproximou-se a Vittoria aos 22, e então soube da acção do dia precedente, e achando ali a 6. divisaõ, que acabava de chegar debaixo do commando do Major-general o Hon. E. Pakenham, se retirou para La Guardia, e dahi marchou para Tudela do Ebro. He provavel que o inimigo continue a sua retirada para França.

Eu destaquei o General Giron, com o exercito de Galiza, no alcance do Comboy, que marchou de Vittoria, na manhã de 20, e espero que o apanhe antes de que chegue a Bayonne.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

Ostiz, 3 de Julho, 1813.

O General Clausel, havendo-se retirado para Logrono, depois de achar as nossas tropas em Vittoria aos 22 de Junho; e tendo averiguado o resultado da acção de 21; estava ainda nas vizinhanças de Logrono aos 24, e mesmo aos 25: e não tinha marchado para Tudela, como me tinham informado, quando escrevi o meu officio de 24 do passado. Eu concebi portanto, que havia alguma probabilidade de que podessemos interceptar-lhe a sua retirada; e depois de mandar as tropas ligeiras para Roncesvalles, em seguimento do exercito commandado por Joseph Bonaparte, fiz marchar as divisoens 3, 4, 7, e Ligeira: e as brigadas de cavallaria do Coronel Grant, e Major-general Ponsonby, para Tudela, e a 5. e 6. divisoens; e a cavallaria das guardas, e do General d'Urban, de Vittoria para Salvatierra, na direcção de Logrono, na esperança de que poderia interceptar o General Clausel. Elle porem fez algumas marchas forçadas extraordinarias, seguindo-o o General Mina, com a sua cavallaria, e regimento da cavallaria Hespanhola do commando de D. Juliaõ Sanchez, e chegou a Tudela na noite de 27. Elle cruzou ali o Ebro; porem tendo o Alcaide informado, de que nos estavamos na estrada, immediatamente tornou a cruzar o rio, e marchou para Saragoça, aonde me diz o General Mina que chegara ao depois.

O General Mina vai ainda em seguimento do inimigo, e lhe tomou duas peças d'artilheria, e alguns armazens em Tudela, e 300 prisioneiros. O Tenente-general Clinton tambem se apossou de 5 peças que o inimigo deixou em Logrono. No entanto as tropas do commando do Tenente-general Sir R. Hill, tem conservado o bloqueio de Pamplo-na, e tem marchado pelas montanhas para as cabeceiras do Bidassoa, tendo-se o inimigo retirado inteiramente para França por aquelle lado.

Incluo huma participação que recebi do Tenente-general Graham, de suas acções com o inimigo aos 24, e 25 de Junho, que parece terem sido mais serias do que eu imaginava, quando escrevi a V. S. a 26 do passado.

O General Foy tinha comsigo a guarnição de Bilbao, e as de Mondragon, e Tolosa; alem da sua divisaõ do exercito de Portugal; e esta força era consideravel. Dá-me grande satisfação o ver que as tropas Hespanholas, e *Portuguezas*, mencionadas por Sir Thomas Graham se conduziram tão bem.

O Tenente-general tem continuado a repellir o inimigo pela estrada grande, e o tem desalojado de todas as posi-

çoens fortes, que tinha tomado; e hontem huma brigada do exercito de Galliza, debaixo do commando do General Castanhos atacou o inimigo, e o obrigou a cruzar o Bidassoa, pela ponte de Irun. O inimigo ainda se mantinha em hum posto forte, ou fortaleza de pedra, que lhe servia como de cabeça de ponte; e algumas tropas em casas, aonde abriram seteiras, na direita do Bidassoa; porem tendo o General Giron mandado buscar alguma artilheria Hespanhola, e tendo-se-lhe mandado em seu auxilio a brigada de calibre 9, do Capitaõ Dubourdieu, o fogo destas peças obrigou o inimigo a evacuar, e fazer voar a fortaleza de pedra, e queimar a ponte.

Sir Thomas Craham participa, que em todas estas acçoens as tropas Hespanholas se comportaram magnificamente bem. A guarnição em Passages, consistia em 150 homens, que se renderam aos 30 ás tropas do commando do Coronel Longa.

O inimigo, vendo alguns dos nossos navios em frente de Deba, evacuou esta cidade, e o forte de Guetaria, no 1. do corrente, e a guarnição foi por mar para S. Sebastian. Esta praça está bloqueada por terra com hum destacamento de tropas Hespanholas.

Elles tem igualmente evacuado Castro, e a guarnição foi por mar para Santona.

Nas minhas participações antecedentes, informei a V. S., dos progressos do exercito de reserva d'Andaluzia, sob o commando do Conde de Abisbal, para se unir ao exercito, e com effeito chegou a Burgos aos 25, e 26 do passado.

Quando o inimigo se retirou para o outro lado do Ebro, antes da batalha de Vittoria, deixou huma guarnição de 700 homens no castello de Pancorbo, com a qual senhoreavam a communicacão entre Vittoria e Burgos, e nos impossibilitavam de fazer uso della. Eu portanto ordenei ao Conde del Abisbal, que na sua marcha para Miranda, se assenhoreasse da villa, e obras inferiores, e bloqueasse a praça, o mais apertadamente que lhe fosse possivel. Eu não tenho recebido participacão de suas primeiras operações; mas ouço que tomou por assalto a villa e as fortificações inferiores aos 28; e tenho agora o prazer de incluir a participacão do successo final de sua operação, e a copia da capitulaõ, pela qual a guarnição se rendeo.

A decisão e promptidaõ com que esta praça se rendeo, fazem grande honra ao Conde del Abisbal, e aos officiaes e tropas de seu commando.

Sinto ter de informar a V. S. que o Tenente general Sir Joaõ Murray levantou o cerco de Tarragona; não posso dizer em que dia, e tornou a embarcar as suas tropas. Fi-

cou nas baterias huma grande porção de artilheria, e munições. Parece que o Marechal Suchet com hum corpo consideravel de tropas, marchou de Valencia por Tortosa, e o General Mauricio Mathieu, com outro corpo, das vizinhanças de Barcelona, para o fim de impedir as operações de Sir João Murray, que este se não julgou sufficientemente forte para continuar. Eu ainda não recebi de Sir João Murray as participações circumstanciadas destas operações; o Tenente-general Lord William Bentick, que se tinha unido ao exercito, e tomado o seu commando, em Col de Balaguer, aos 17, o trouxe outra vez para Alicante, aonde chegou aos 23, e estava procedendo a executar as minhas instrucções.

Quando o Marechal Suchet marchou para a Catalunha, o Duque del Parque tinha avançado, e estabelecido o seu quartel-general em S. Felipe de Xativa, e as suas tropas no Xucar, aonde elle ainda estava aos 24.

Tolosa, 26 de Junho, 1813.

MY LORD!

Não foi antes de 23, que recebi ordem de marchar por Puerto St. Andrian para Villa Franca, e o tempo e as estradas estavam tão más, que somente huma pequena parte da columna pode passar a montanha naquelle dia: e foi somente aos 24 que eu pude marchar de Segura para Villa Franca, com a brigada do Major-general Anson, de dragões ligeiros; os batalhoens ligeiros da Legião Alemã d'El Rey, e as duas brigadas Portuguezas, não tendo ainda chegado o resto das tropas.

A retaguarda da columna do inimigo estava então passando pela grande estrada de Villa Real para Villa Franca, e elle occupou com força consideravel hum forte terreno na direita da estrada, e do rio Oria, em frente da aldea de Olaverria, milha e meia distante de Villa Franca.

A brigada do Major-general Bradford marchou por Olaverria, e foi empregada, em desalojar o inimigo da direita, ao mesmo tempo que o resto das tropas avançou pela calçada, defendida pelos atiradores inimigos, nas alturas; e por hum forte corpo na aldea de Veasayn.

Como o inimigo reforçou as tropas na esquerda; foi necessario marchar adiante pela calçada, o que se fez com o batalhão ligeiro, commandado pelo Coronel Halkett, auxiliado, e flanqueado pela brigada Portugueza do Major-General Pack; e este serviço foi executado, da maneira mais ga-

lhada, por estas valorosas tropas, que expulsáram o inimigo da aldeia de Veasayn. Tendo o inimigo as suas tropas promptas, postadas na cordilheira de alturas que ficam de ambas as partes do vale profundo, por cuja baixa corre a estrada, foi necessario tempo consideravel para o flanquear; e durante isto elle evacuou Villa Franca sem mais disputa.

As brigadas Portuguezas, na direita e esquerda do vale, adiantaram as suas guardas avançadas até Yehasurido, e as tropas se ajuntaram em Villa Franca. Aqui igualmente chegou no decurso da noite, a frente do corpo do General Giron, e todo o corpo do Coronel Longa.

Na manhã seguinte (25) o inimigo evacuou Celequia: e como elle tinha tomado huma posição mui forte entre aquelle lugar e Tolosa, cubrindo a estrada de Pamplona, o corpo Hespanhol do Coronel Longa marchou tambem por Alzo para Lizara, para lhe flanquear a esquerda: em quanto o General Mendizabal teve ordem de despachar alguns batalhoens de Aspeytia para flanquear a sua direita, apoyada em huma montanha, com huma barroca inaccessível em frente.

O inimigo foi expulsado das alturas de huma importante colina, que ha entre as estradas de Pamplona e Vittoria por hum bem ajuizado ataque do Tenente coronel Williams, com duas companhias de granadeiros do 1. regimento, e 3. do 4. de caçadores, pertencentes a brigada do general Pack. *O comportamento do Tenente Queiroz, e do Alferes Vasconcellos, do 4 de caçadores, foi mui distincto nesta occasião. Este ultimo official perdeu hum olho por huma bala de espingarda.*

A colina foi immediatamente tomada pela brigada do Major general Bradford, sustentada por tres batalhoens da Legião Alemaã d'El Rey. O resto do dia foi principalmente empregado, em escaramuçar com os atiradores do inimigo, dando tempo a que os corpos Hespanhoes chegassem ao seu destino.

Principiou hum ataque geral entre as 6 e 7 horas da tarde. Duas peças da companhia do Capitão Ramsay, e duas de calibre 9 do Capitão Dubourdieu, debaixo da escolta da companhia de cavallos do Capitão Childer, pertencente ao 17 de diagoens ligeiros, e da vanguarda dos batalhoens ligeiros do Coronel Halkett, foram rapidamente adiantadas pela calçada, e fzeram fogo, com mui bom effeito, contra os corpos, que o inimigo tinha formado na planicie, junto á cidade; a tempo que a columna formada pelos batalhoens ligeiros Alemaens, brigada das guardas, e divisaõ Hespanhola do General Giron, continuáram a avançar pela calçada.

Dous batalhoens Hespanhoes, e hum Portuguez, formando huma columna separada na esquerda da calçada, passaram rapidamente para a esquerda da cidade.

O General Bradford, e os batalhoens de linha Alemaens expulsaram o inimigo em sua frente, pela estrada de Pamplona, e o Coronel Longa do lado das montanhas, ainda mais para a direita, flanqueou e forçou de mui fortes posições, todos os corpos do inimigo, postados na direita da cidade.

O inimigo tinha ainda a posse da cidade, que era muito mais capaz de defesa do que se tinha representado ser. A porta de Vittoria estava entulhada, assim como a porta de Pamplona, na ponte; e ambas estavam flanqueadas por conventos, ou outros edificios grandes, occupados pelo inimigo; e a cidade em nenhuma parte estava aberta. Touxese huma peça de calibre 9, a cuberto do fogo de hum batalhão ligeiro, e postada junto á porta, foi esta espedaçada.

Era noite; e impossivel o distinguir as tropas da differentes naçoens combatentes, o que deo ao inimigo, que então fugia em todos os pontos, a oportunidade de se escapar com muito menor perda do que teria soffrido, se fosse dia claro.

O comportamento das tropas que entraram neste ataque, da-lhes grande credito: os batalhoens de linha na estrada de Pamplona, e os batalhoens ligeiros na porta de Vittoria, foi tal, qual se esperava destes distinctos corpos: e a columna da esquerda fez igual honra as armas Hespanholas, e Portuguezas. O corpo do Coronel Longa, depois de huma repetição de dilatadas e custosas marchas, emprehendeo e executou com o maior espirito, o fatigante serviço deste dia, e se comportou de maneira a mais galharda. Os batalhoens, que o General Mendizabal mandou de Arpeiton, repulsaram, com grande firmeza, hum ataque do inimigo e o perseguiram ao depois pelas montanhas abaixo, tomando muitos dos seus prisioneiros.

Não tenho ainda as participações, porem creio que os dous corpos Hespanhoes tomaram 200 prisioneiros, e ali se deixaram ficar muitos feridos. A perda do inimigo, em mortos, deve tambem ter sido mui consideravel.

Este lugar, alem das defezas das portas, tem torres novas para flanquear a muralha exterior; e huma fortificaõ de madeira forte, na praça; o que mostra a importancia, que o inimigo dava á sua occupaçaõ.

Seria huma injustiça ás tropas empregadas neste assalto não fazer menção de seu exemplar comportamento depois de tomar posse do lugar: não se commetteo nenhum excesso. A legião Alemaã, e o corpo do Coronel Longa passaram adiante; e se formaram immediatamente alem da cidade.

Tenho a honra de incluir a lista dos mortos e feridos, Por-

tuguezes e Inglezes, nestes dous dias, a qual, considerando a natureza do serviço, não se podia esperar que fosse menos.

Os Hespanhoens perderam hontem varios officiaes em mortos e feridos; mas eu não tenho recebido alguma lista delles.

Tenha a honra de ser, &c.

T. GRAHAM, Tenente-general.

Ao Marquez de Wellington, &c. &c.

Santa Martha de Cubo, 1 de Julho, 1813.

SENHOR!

Aos 29 de Junho passado tive a honra de participar vos, para informação de S. Ex.^o o General em Chefe dos exercitos nacionaes, que os caçadores, e granadeiros da primeira brigada da primeira divisaõ deste exercito, assaltaram e tomaram o forte de Santa Martha de Pancorbo. Tenho agora a satisfação de vos participar; que, ás 8 horas desta manhã, se renderam por capitulaçaõ o castello de S. Engracia, e o forte principal de Pancorbo. A guarniçaõ consistia em 650 homens; elles tinham mantimentos para varios dias; não tinham grande quantidade d'agua, e a que tinham não era boa. Achemos no castello 20 peças d'artilheria de calibre 4 ate 16; muitas carretas de peça, e sufficiente quantidade de muniçoens, para hum a defesa regular. A guarniçaõ se rendeo com os seguintes artigos de capitulaçaõ, e marchará amanhã para Burgos.

Desde os 28, dia em que se tomou o forte de Santa Martha, eu postei os atiradores nas vizinhanças dos muros do forte; e, bloqueando-o vigorosissimamente, lhe cortei toda a communicacaõ com a fonte, d'onde se proviam d'agua; os diversos destacamentos, empregados neste serviço, fizeram o seu dever com hum a firmeza, e valor, que merece todo o louvor, e o inimigo não podia buscar agua, sem hum eminente risco. Tirando partido desta circumstancia, ordenei a varios destacamentos numerosos, que se alojassem o mais proximo das muralhas que fosse possivel, e fora do alcance das peças do inimigo. Hum a quantidade de escadas, e outros instrumentos necessarias foram preparados para dar o assalto ao castello; porem dezejando anciosamente poupar as vidas da minha gente, intimei segunda vez ao Governador que se rendesse, no que elle consentio, com a condiçaõ de ser levado para França com a sua guarniçaõ; mas por fim cedeo,

tendo eu recusado admittir esta condição. e ameaçando-o de tomar a praça de assalto. O bem succedido resultado deste negocio não he pouco devido á intelligencia, e juizo, que o meu Ajudante-de-Campo, o Tenente-coronel Jozé Maria Reyna, mostrou no decurso das conferencias com o Governador. O resultado da negociação do Tenente coronel, tem sido de não pouca vantagem para nós.

Durante o espaço de 24 horas, se construiu huma bateria de seis peças no cimo da colina, pelos incançaveis esforços dos sapadores do exercito (e varios paizanos), debaixo da direcção do Commandante-general dos Engenheiros, o Marechal-de-campo D Manuel Japino, e seis peças de Artilheria, que tinha ajuntado o Coronel, Major-general d'Artilheria, D. Mathias Ferraz, foram transportadas para o cimo da colina, com a maior actividade, debaixo da direcção do Coronel, que foi habilmente auxiliado pelo Tenente-coronel d'Artilheria, D. Jozé Jarabia, e pelo Sargento-maior D. Bartholomeo Gutierrez, e outros officiaes subalternos. Oito horas depois de se ter começado a bateria principiaram as peças a abrir o fogo contra o inimigo, e alem de lhe causar perda consideravel, lhe infundiram bastante respeito.

Naõ posso deixar de chamar a attenção do General em Chefe dos Exercitos Nacionaes, pelo valor e actividade, que mostraram, nesta occasião, o Brigadeiro-general D. Jozé Latorre, commandante da primeira brigada de infantaria; o Chefe do Estado-maior do Exercito, o Coronel D. Miguel Desmaysieres, que apenas teve hum momento de descanso durante o cerco, o qual durou tres dias; e o bom comportamento dos officiaes do Estado-maior, que foram postos debaixo de suas ordens; e do commandante, e officiaes de infantaria, e cavallaria, que compunha o corpo sitiador.

Devo tambem mencionar o louvavel comportamento dos meus Ajudantes-de-Campo, os Tenente coroneis D. Jozé Ruiz, D Jozé Maria Reyna, D. Victor Vinader, e Tenente C. Benito Diaz, e do meu Secretario Militar D. Jozé Serfate e Salagar, que foi portador das minhas ordens, em varias occasioens, ás muralhas do forte do inimigo, sem que o fogo destes lhe importasse. O inimigo conservou hum fogo violento das suas peças, &c mas a perda que nos causou foi mui inconsideravel. O rendimenro da praça pelo inimigo causou grande descontentamento nas tropas, que tinham consentido em o tomar por assalto, e somente se consolaram com a esperanza de terem mais praças a conquistar. Eu tenho posto huma pequena guarnição no forte de Pancorbo, e o suprirei immediatamente de mantimentos e agua; porem não farei nenhuma addição ás obras, sem primeiro saber as inten-

çoens do General-em-Chefe, relativamente á demolição ou conservação da praça.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

El Conde de ABISBAL,

A. D. Luiz de Wimpffen, &c.

(Seguiam-se aqui os artigos da capitulação do forte de Santa Engracia de Pancorbo, pela qual a guarnição se rendia prisioneira de guerra, e se lhe concediam as honras da guerra: os officiaes conservariam as suas espadas, cavallos, e bagagem; e os sargentos e soldados os seus effeitos; e seriam trocados na primeira troca de prisioneiros que houvesse; para cujo fim seriam mudados para a menor distancia possivel.)

EXTRACTO

De huma carta do Marquez de Wellington, datada de Ostiz, 3 de Junho 1813.

Tenho participado no meu officio de hoje, que o Tenente-general Sir João Murray levantou o cerco de Tarragona, e se embarcou; deixando atraz de si parte de sua artilheria. Sobre este successo eu não me acho sufficientemente informado para poder escrever mais.

Incluo copias das cartas que recebi, relativamente a Tarragona.

Campo em frente de Tarragona, 9 de Junho.

MY LORD!

Na minha carta de 28 de Mayo, tive a honra de informar a V. S., que em obediencia as ordens de V. S. estava então embarcando o exercito Britannico. Aos 31 demos á vela, e ancoramos a Leste da ponta de Salon, na tarde de 2. Aos 3, desembarcou o exercito, e eu investi Tarragona.

Antes de fundear, destaquei a brigada do Tenente-coronel Prevost, comboyada pelo Brune, para atacar o forte de S. Felipe; e pela noite, o General Copons, a desejo meu, destacou huma brigada de infantaria para co-operar com as outras tropas. A brigada do Coronel Prevost, consiste do 2., 76., e o batalhão de Roll Dillou; e a estes se unio ao depois a

brigada das tropas Hespanholas, commandada pelo Coronel Lander. Foi tomado o forte, e tenho a honra de incluir a participacão que me fez o Coronel Prevost, com as listas que elle me enviou.

Esta tomadia, na presente situacão dos nossos negocios, he da maior importancia, porque impede o mais proximo, e mais accessivel caminho de Tortosa e Tarragona.

O Almirante Hallowell, com aquelle zelo, e promptidaõ, que tanto o distinguem, mandou o Capitaõ Adam, do Invencivel, para conduzir a parte naval da expedicaõ; e lhe ajuntou o Thames, Capitaõ Peyton; Vulcano, Capitaõ Carrol; Strombolo, Capitaõ Stodart; Brune, Capitaõ Badcock. O Tenente-coronel Prevost falla mui bem dos esforços daquelles officiaes e da sua gente, e eu sei quam preciosos, e importantes foram os seus serviços. As tropas de ambas as naçoens se submeteram á fadiga, e executaram os seus deveres com a maior promptidaõ, e espirito, e merecem todo o elogio. O Tenente-coronel, em hum officio anterior, faz particular mençaõ da gallardia e bom comportamento do Alferes Nelson, do 67., e do Alferes Joaõ Dermot, do batalhaõ de Roll Dillon.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) J. MURRAY, Tenente-general.

A. S. Ex. o Marquez de Wellington, &c.

P. S. Omitti dizer que os serviços do Capitaõ Carrol fõram de peculiar merecimento; e o Tenente Corbyn, do Invincible, que commandou huma bateria servida por marinheiros, conservou hum vivo, e bem dirigido fogo. A importancia desta acquisicaõ, e a rapidez com que o forte foi tomado, faz desnecessario que eu diga quanto approvo o comportamento do Tenente-coronel Prevost, e do Capitaõ Adam.

(Seguia-se aqui huma carta do Coronel Prevost, relativa á tomada do Col de Balaguer.)

Lista dos mantimentos tomados em Forte S. Felipe, aos
17 de Junho, 1813.

160 sacos de biscoito fino, 30 cestos de dicto, 25 barris de dicto; 100 paens de farinha fina; 50 sacos de farinha, 2 sacos de arros, 2 sacos de feijoens, 3 sacos de sal, 15 barris

de azeite, 12 presuntos, 1 pipa de vinagre, 8 pipas de vinho, hum quarto de pipa de aguardente.

(Assignado)

A. MOHR, Tenente-coronel, commandante do destacamento.

C. MILNER, S. M. S.

MAPPA

Dos mortos, e feridos, e extraviados, das tropas alliados, sob o commando do Tenente-coronel Prevost, do regimento 67, na tomada do forte de S. Felipe, aos 3 e 7 de Junho.

Total.—1 Tenente, 4 soldados, mortos; 1 sargento, 1 tambor, 37 soldados, feridos.

Navio de S. M. o Malta, 14 de Junho, 1813.

MY LORD!

O ALMIRANTE Hallowell acaba de decidir o mandar hum navio a Alicante; e eu meremente tenho tempo de informar a V. S., como faço com muito pezar, que me vi na necessidade de levantar o sitio de Tarragona, e embarcar o exercito, do meu commando. Na minha carta particular de 7 do corrente, mencionei a V. S. os rumores de que se ajuntavam forças Francezas em Barcelona, e que o Marechal Suchet, estava tambem em marcha de Valencia; e expuz como minha opiniaõ, que se estes rumores se confirmassem, não se podia conseguir o objecto que V. S. tinha em vista. Infelizmente estes rumores fõram verdadeiros, e eu, a meu pezar, resolvi levantar o cerco, e embarcar o exercito, como unico meio de evitar hum accaõ geral, que devia ser pelejada em circumstancias mui desvantajosas. Eu não posso neste momento referir-me a datas; mas he sufficiente ao presente o dizer, que a força Franceza em Barcelona, nunca se me representou em menos do que 8,000 homens, e que, antes da sua marcha, montaria a 10,000 homens, com 14 peças de artilheria; não tenho porém conta alguma em

que excedesse 8,000 ; he este o numero, em que se fundou o meu calculo. Esta força, na noite de 9, e manhã de 10, marchou de Barcelona, e entrou em Villa Franca, ás 4 horas da tarde do dia 11, d'onde se me informou que marchara ás 12 da noite para Vendrella, distante somente 18, ou 20 milhas de Tarragona, pela estrada grande ; e poucas milhas alem por outra estrada, que dava facil passagem á artilheria. Aos 9, ou 10, se me fez saber da chegada do Marechal Suchet a Valencia ; nunca se averigou exactamente qual era a sua força ; mas pelas noticias que se recebêram de Valencia elle marchou dali com 9,000 homens, e certamente tinha em seu poder o tirar grandes reforços da retaguarda daquella praça.

A estes corpos se deve ajuntar, hum de 1,000 homens, que tinha previamente chegado a Tortosa ; e outro corpo, independente da guarnição de 2,500 homens, que tinha chegado a Lerida. Estes corpos, que estou seguro que não exaggero, montam a 25,000 homens, com os quaes em 4 ou 5 dias o Marechal Suchet podia attacar o exercito alliado, se o julgasse conveniente ; ou evitar huma acção, se desejasse reforçar ainda mais o seu exercito. V. S. observará por outra parte, que eu apenas podia pôr em campo 12,000 homens, e que o exercito de Catalunha, se me representou ser 8,500 homens, que fazem 20,500 ; daquellas forças duas brigadas Britannicas, e duas Hespanholas estavam em Col de Balaguer, e não se podiram retirar dali ; e eu não podia deixar menos de 2,500 para cubrir a artilheria e armazens, e conter a guarnição de Tarragona. Os dous corpos, ao menos, montariam a 4,500 homens deixando-me somente 16,000 homens para fazer face ás melhores tropas Francezas na Hespanha, em numero maior de 20,000 homens.

Estou certo que ninguem deseja dar mais credito á galhardia das tropas Hespanholas do que eu, mas V. S. sabe muito bem que ellas se não podem mover, e portanto eu não podia estar seguro da execucao de ordens algumas, que necessariamente as obrigasse a fazer hum movimento ; e de tropas desta natureza eu teria cousa de 13,000 homens ; portanto era-me impossivel descançar nellas, a menos que eu as podesse postar em huma posicao, o que me era impossivel fazer, porque os Francezes tinham a escolha de pelejar quando, e aonde lhes parecesse. As minhas tropas Inglezas e Alemaãs montavam a 4,500 homens somente. Talvez V. S. seja de opiniao, que, nestas circumstancias, eu devia arriscar huma acção, se não existissem outras objecções ; porém quando V. S. he informado de que não havia possibilidade de retirada, no caso de ser mal succedido—que não podia haver alguma esperanca de tornar a embarcar, se fôssemos perse-

guidos—e que o exercito, se fosse derrotado, ficava inevitavelmente perdido, aventurei-me a esperar que V. S. pensara, que por mais que seja de lastimar, com tudo eu adoptei o unico meio de conservar inteiro; ou na verdade, de salvar hum exercito de que tanto se depende. Sinto a maior confiança nesta esperan a, referindo-me ao paragrapho 13 das instrucçoens geraes de V. S. para conduzir a campanha.

Conheço mui bem, que ha muitas circumstancias que podem requerer informaçãõ ulterior; e eu me julgarei feliz, em dar todas as explicaçoens que estiverem em meu poder, sobre todas as partes deste successo. V. S. podera talvez ser de opiniaõ, que se devia tomar a praça; porém como ella érá demasiado forte para ser tomada por assalto, creio, naõ somente que érá impossivel fazello, mas que a naõ teriamos tomado em 8 ou 10 dias: o meu unico sentimento he o ter continuado o sitio por tanto tempo. Levado pelas esperanças de reforços, continuei até o ultimo momento, e felizmente sendo o vento favoravel, se embarcaram as tropas sem incommodo. Naõ podia estar seguro desta favoravel circumstancia em outro dia; e portanto havendo tomado o meu partido, eu o puz immediatamente em execuçaõ, e sinto dizer, que fui em consequencia obrigado a deixar algumas peças nas baterias mais avançadas. Se me demorasse mais hum dia, ellas poderiam ser embarcadas; mas eu naõ quiz correr este risco, quando se tractava da existencia do exercito, naõ somente por causa do tempo naõ ser favoravel, como pelo apparecimento do inimigo, em cuja presença me naõ podia talvez absolutamente embarcar, e de certo o naõ podia fazer sem soffrer grande perda, e sem a possibilidade de tirar alguma vantagem.

Agora so tenho de accrescentar, que se alguma culpa he imputavel por ter falhado a expediçaõ, nenhuma parte se deve attribuir ao Almirante Hallowell, que conduzio a parte naval della. Deste distincto official recebi todo o auxilio, e cooperaçaõ, que estavam em seu poder: e he justiça que lhe he devida, o referir, que a sua opiniao foi, que as peças das baterias se podiam ter tornado a embarcar, ficando em terra toda a noite; e assim se teriam salvado. Isto porém érá hum risco, que eu naõ desejava correr por taõ insignificante objecto, e preferi perdêllas, em vez do risco, que fizesse opposiçaõ ao embarque; e que houvesse hum perda mais seria.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) J. MURRAY, Tenente-general.

Ao Marquez de Wellington, &c.

Repartição da Guerra, Downing-street, 24 de Julho.

O Capitão Macdonald, Ajudante de Campo do Tenente general Sir George Prevost, chegou hoje do Canada, com officios datados de 14 de Junho; dos quaes se vê; que, na manhã de 5 de Maio, foi a força Britannica, em Miamis, debaixo do commando do Coronel Proctor, attacada por huma força superior do inimigo; e os Americanos fôram completamente derrotados, com pêrda, em mortos e feridos, de 1,000 a 1,200 homens. As tropas do Coronel Proctor consistiam em perto de 450 soldados regulares, do regimento 41 de infantaria, e do regimento de Terra Nova; e perto de 400 milicias. A perda foi 13 soldados mortos, e 41 feridos; e 37 prisioneiros. Tomaram-se aos Americanos 500 prisioneiros alem dos que ficaram no poder dos Indios, cujo numero ainda se não averigou.

Aos 5 de Junho o Coronel Vincent, commandante de huma divisaõ em Burlington, nas cabeceiras do lago Ontario, recebeu noticias de que o inimigo tinha avançado com huma força de 3,500 homens, 9 peças de campanha, e 250 cavallos; com o determinado fim de attacar a sua pozição. O Tenente Coronel Harvey tinha sido mandado em avançada com as companhias ligeiras do regimento d'El Rey, e do 49; e se adiantou o mais chegado que pôde ser das posições do inimigo, e averiguou as exactamente; e propos ao Coronel Vincent o attacar de noite o campo do inimigo. O Coronel Vincent adoptou a suggestão, e avançou na mesma noite com hum destacamento dos regimentos 8, e 49; que chegava a 704 espingardas. O inimigo foi completamente sorprendido, e derrotado: e ficou nas mãos dos Inglezes o campo inimigo, com 4 peças de artilharia, e os Brigadeiros generaes Chandler e Winsor; primeiro e segundo em commando. A perda da parte dos Inglezes foi de 19 mortos, 115 feridos, e 52 extraviados.

Repartição de Guerra, Downing-street, 25 de Julho.

Recebêram se officios de Lord Wellington, datados de Zubieta, 10 de Julho.

O General Mina participou a S. S. que o General Clausel tinha marchado de Saragoça para Jaca. Ainda que o inimigo tinha retirado toda a sua direita e esquerda, para a

França, com tudo tres divisoens do centro, commandadas pelo General Clausel, ficavam no vale de Bastan, cuja posse pareciam determinados a conservar, por ser mui rico, e cheio de posiçoens fortes. Aos 4, 5, e 7 do corrente, fôram successivamente desalojados de todos os seus postos por duas brigadas de infantaria Britannicas, e duas *Portuguezas*, commandadas por Sir Rowland Hill: e assim foram obrigados a retirar-se para França. A perda dos alliados foi somente 8 mortos, e 119 feridos. Entre estes se acha o Tenente Ball, do regimento 34.

Por cartas particulares se sabe, que aos 12 estava o quartel-general em Ernani, e Lord Wellington tinha recebido cartas de Lord Bentinck, datadas de S. Felipe, aos 7 de Julho; e do General Elio, em Valencia. O Marechal Suchet se retirava para o Ebro, tendo deixado 2,000 homens em Murviedro.

PARLAMENTO IMPERIAL.

CAMARA DOS COMMUNS, 29 DE JUNHO.

Sociedade dos Oranjistas (*Orangemen*)

Entre os varios objectos que a Camara dos Communs tem ultimamente tractado, achamos hum, que nos parece assas curiozo para que se deixe de noticiar aos nossos leitores; e he a falla de Mr. Wynne sobre a Sociedade, ou ajuntamentos secretos, de certos individuos designados pelo nome de *Orangemen* que nos traduzimos Oranjistas; isto he, daquelles que debaixo deste nome professão ser anti-catholicos, ou defensores do Protestantismo estabelecido neste paiz pela familia de Orange.

Mr. Wynne se levantou; e chamando a attenção da Camara para o objecto, que tinha mencionado, disse, que julgava desnecessario fazer escuza alguma pelo que hia dizer, com o pretexto de ser o ultimo periodo da Sessão; pois que em todos os periodos a Camara devia velar pelo socego publico. Se ultimamente se haviaõ formado novas sociedades para fins

naõ authorizados pela lei, que annunciavaõ a sua existencia da maneira a mais publica, promulgando igualmente as suas instituicoens e regulamentos, cumpria estorvar que ellas empecessem ao socego publico, e tranquillidade do paiz. A existencia de tal sociedade neste paiz, era, concebia elle, directamente opposta a hum Acto especifico do Parlamento, passado no anno de 1799, para que se abolisse toda a sociedade, que tivesse fins politicos e se ligasse por juramentos e experiencias. Este Acto expressamente mencionava diversas sociedades existentes, que davaõ juramentos illigitimos, e se conheciaõ por signaes secretos. Pelo sentido, e verdadeira intelligencia deste regulamento se deviaõ considerar illigitimos todos os juramentos que a lei naõ authorizasse, e severas penas se impunhaõ as pessoas que entrassem em taes sociedades, ficando em certos cazos sujeitas a deportação. Havia porem huma clauzula particular neste Bill, que exceptuava daquelle cazo os Pedreiros livres. Parecia-lhe pois, que este regulamento naõ se embaraçava com que objectos tinhaõ in vista na sua instuição as sociedades de que fallava, mas que havendo hum juramento secreto, e os membros estando ligados por secretos vinculos, podiaõ estas sociedades voltar-se para os peores designios, quaesquer que fossem os seos fins primarios. Huma Sociedade desta natureza, denominada huma Grande Loge. e que tem sociedades filia-das para ramificarem o systema por todo o reino, podia fazer hum grandissimo mal ao Estado. Nas ultimas commoçoens que tinha havido nos Condados septentrionaes de Inglaterra, se vio, que mesmo as sociedades pacificas estabelecidas debaixo da sancção do Parlamento para fins beneficos, foraõ, de facto, perigosos instrumentos para os designios das descontentes. Relativamente a instituição original dos Oranjistas, elle diria pouco, pois que elles começaraõ na Irlanda, onde, este Acto se naõ extendia; com tudo elle observava que aquelle systema começara ali em tempos de grande tumulto, e effectiva rebelliaõ. Se acazo taes sociedades naquelle tempo produziraõ algum beneficio, elle naõ podia afirmar, porem o que podia dizer, era, que depois da restauração da paz naquelle paiz, a existencia quanto a elle, de taes sociedades na Irlanda prejudicava altamente a seguranca do paiz. Elle estava persuadido que todos os Governos da Irlanda tinhaõ nos ultimos tempos encontrado grandes obstaculos naquellas sociedades. Mas quaesquer que fossem os effeitos que ellas produzissem na Irlanda, elle concebia, que a tentativa de as introduzir prezentemente neste paiz, era sobre maneira imprudente e intempestiva. Se assim como elle foi amigavel, tivesse sido hostil as pertencoens das Catholicos, elle sentiria igualmente do seu dever chamar, a atten-

ção da Camara para este objecto. Ninguém por mais curto de vista que fosse, deixaria de ver, que huma vez formadas neste paiz as sociedades dos Oranjistas, outras se formariao sobre principios contrarios, e o socego do paiz se veria exposto a explozaõ dos furores de partido. Trabalhou-se nimia-mente em distribuir pelos Membros, hum folheto, que continha os regulamentos e regime das loges dos Oranjistas, e appareceo outro da mesma natureza, e do mesmo editor, que se vendia mui barato, para mais geral circulaçaõ. Neste folheto havia hum juramento do theor seguinte.—“*Eu A. B. solemnemente juro defender Sua Magestade El Rei George III. seos herdeiros e successores, em quanto elle ou elles sustentarem a ascendencia Prottestante, a Constituiçaõ, e as leis.*”—A phraze ascendencia Prottestante estava em muito uzo na Irlanda; mas apenas tinha ainda viajado para este paiz. Com tudo, era claro que hum homem que dava tal juramento, julgaria tor a liberdade de lhe dar o seu proprio sentido. Na supposiçaõ que o Soberano julgasse conveniente sancionar a emancipaçaõ dos Catholicos, este acto pareceria a hum Oranjista contrario a ascendencia Prottestante, e por isso se julgaria absolvido da obediencia. A parte porem que elle olhava como mais perigosa neste systema era a introduçaõ de lojas Oranjistas no militar; onde (contrario a toda a disciplina) se deveriaõ ajuntar no mesmo pé de igualdade os officiaes de differentes graduacoens. Se isso acontecia na Irlanda, elle julgava muito improprio introduzir tal systema no exercito deste paiz. Segundo os regulamentos que se tinhaõ impresso, devia haver hum fundo geral, por meio do qual os Oranjistas deviaõ satisfazer ás despesas da Lei. Quanto a existencia desta sociedade elle não tinha a menor duvida, depois que se fez mençaõ della nos papeis debaixo da influencia do Governo, e depois do folheto publicado por Stockdale. Nomes respeitaveis se diziaõ publicamente estar á frente desta instituiçaõ, e não appareciaõ contradictados. A proposta Grande Loja dos Oranjistas, era, ao seu ver, mui perigosa ao socego publico, e em contravençaõ directa com as leis existentes. Elle concluiu propondo, se nomeasse hum Comité para indagar de certa sociedade illegal, debaixo do nome de Oranjistas.”

Em virtude desta falla a Camara procedeo a nomeaçaõ de hum Comité.

No dia 7 de Julho votaraõ ambas as Camaras Agradecimentos ao Marques de Wellington, a seos officiaes, e a Seu Exercito pela esplendida Victoria de VITTORIA.

Não temos tempo de transcrever os bellos discursos do Lord Castlereagh e de Mr. Canning na Camara dos Comuns; nem o do Marquez de Wellesley na Camara dos Lords.

No dia 10 de Julho propoz Mr. Wilberforce que se fizesse huma adresse a S. A. R. o Principe Regente, pedindo lhe communicacão doque se tinha passado com S. A. R. o Principe Regente de Portugal, relativamente á execucao daquelle parte do Tratado de 18 de Fevereiro de 1810, que promette a abolição do commercio da escravatura.

Mr. Wilberforce disse que por varias vezes a Camara se tinha dirigido ao throno pedindo-lhe que, de acordo com as outras Potencias, desse as providencias para por hum termo a este trafico, que faz gemer a humanidade—que o effeito destas Addresses não tinha correspondido ás esperanças, que dellas se tinham concebido—que não obstante, elle (Wilberforce) não attribuia o seu pouco effeito á falta de zelo da parte deste Governo—mas que elle estava certo que a Camara ouviria com grande pezar, que não obstante os dezejos manifestados por S. A. R. o Principe Regente de Portugal de cooperar com as vistas deste Paiz, o commercio de escravatura, depois da sua abolição em Inglaterra, *tinha sido continuado com mais vigor doque ate alli* pelos Negociantes Portuguezes, e com circumstancias taes de falta de humanidade, nunca dantes conhecidas nos annos daquelle vil trafico.—Que era por tanto mais do que tempo, para a Camara, de examinar, se o Principe Regente de Portugal tinha dado algumas providencias para fazer executar os empenhos que tinha contrahido com este Governo—Que antigamente tinham os Portuguezes feito o commercio da Escravatura com a maior humanidade—que se tinha attendido a fazer boa a situação dos escravos e ate mesmo tomado cuidado nos meios de os instruir.—Tal era a conducta humana dos Portuguezes em quanto limitáram aquelle trafico ao Sul da linha—mas com pezar seu devia dizer, que estendendo-o agora para o Norte da Africa, o faziam com crueldade—que amontoavam os escravos em embarcações pequenas, em que muitos morriam suffocados, e outros de infinitas doenças occasionadas pelo máo tratamento que lhes davam—Como isto tem acontecido, depois que a Corte de Portugal se empenhou com a de Londres, continuou Mr. Wilberforce,—“espero que este Governo tome as necessarias medidas para remediar esta flagrante infracção das leis da humanidade. Convenido que o character de S. A. R. o Principe Regente de Por-

tugal he tal, que sentira a crueldade com que os seus subditos se comportão, tenho a esperança, que a recomendação deste Governo terá o desejado effeito.

“ Quando me lembro que Portugal he o mais antigo alliado da Gram-Bretanha, persuado-me que o Soberano daquelle Reino estará convencido da vantagem que tirâ desta alliança. *Ao mesmo tempo porem não posso supportar a idea que a Gram-Bretanha, em quanto está auxiliando aquelles Paiz, ella possa tolerar a continuacão de hum trafico, que ultraja a humanidade.* Semelhante mal não se pode tolerar.—Quando reflecto que he a Gram-Bretanha quem *protege os navios* empregados naquelle desgraçado commercio, julgo que devemos responder a Deos e aos homens da culpa de hum trafico, que está em nosso poder reprimir *pela força.* Espero concludo Mr. Wilberforce, que não teremos necessidade de recorrer a hum tão triste alternativa; e que a final se effectuara a grande obra da abolição: e tanto mais tenho razão de o esperar quando na abolição de outro vergonhoso systema—o da Inquizição acho hum penhor desta esperança, e das futuras disposições da Corte de Portugal.”

Lord Castlereagh em resposta observou, que achando-se a sessão a ponto de acabar, não era possível ter tempo de fornecer á Camara informação sufficiente para que se tomasse hum resolução—Que o Governo tinha feito varias representações sobre o assumpto, á Corte de Portugal, e podia dizer que tinham sobrevindo algumas difficuldades a tal respeito.—Que com tudo elle (Lord Castlereagh) esperava que Mr. Wilberforce conviesse em retirar a sua proposta nesta sessão, limitando-se a declarar a sua intenção de pedir as informações que queria, no principio da proxima sessão; epoca em que o Governo se acharia em estado de as fornecer amplamente: porque esperava que neste intervallo se conviesse em hum arranjo mais satisfactorio. Lord Castlereagh concludo dizendo que não obraria coherente para com o Governo de Portugal se communicasse á camara as coizas no estado em que ellas se achavao: e que lhe devia render justiça dizendo—que aquelle Governo manifestava todas as disposições de acceder aos artigos do Tratado.

Em o seguinte No. apresentaremos aos nossos leitores algumas observações sobre a injustiça e impolitica da falla e moção de Mr. Wilberforce.

FALLA

De Sua Alteza Real o Principe Regente na prorrogação do Parlamento aos 22 de Julho de 1813.

MY LORDS, E SENHORES !

NAõ devo aliviar-vos de vossa assistencia no Parlamento, sem repetir a expressão de meu profundo sentimento, pela continuação da lamentavel indisposição de Sua Magestade.

A attenção que vós tendes prestado aos interesses publicos, no decurso desta sessão, requer os meus mais ardentes agradecimentos.

Os esplendidos e assignalados bons successos que tem acompanhado a abertura da campanha na Peninsula, a consummada arte e habilidade, que tem mostrado o Feld Marechal, o Marquez de Wellington, no progresso daquellas operaçoens, que tem conduzido as cousas até a grande, e decisiva victoria, obtida junto a Vittoria; e o valor, e intrepidez, porque se tem distinguido as forças de Sua Magestade bem como as dos seus alliados, são tão gratas aos meus sentimentos, como o tem sido aos de toda a Nação. Entretanto que estas operaçoens accrescentam novo lustre ás armas Britannicas, ellas offerecem o melhor prospecto da libertação da Peninsula da tyrannia, e oppressão da França; e subministram a mais decisiva prova da sabedoria daquella politica, que vos tem persuadido, em todas as vicissitudes da fortuna, a perseverar na manutenção desta gloriosa contenda.

Ao haverem se completamente mallogrado os designios do Governante Francez contra o Imperio Russiano; e á destruição do exercito Francez empregado naquelle serviço, se seguiu a avançada das forças Russianas, a que depois se uniram as de Prussia, até as margens do Elbo. E ainda que, ao tempo de recommençar a contenda os exercitos alliados foram obrigados a retirar-se ante o superior numero que o inimigo ajuntou, o seu comportamento durante huma serie de conflictos arduos, e sanguinarios, tem nobremente mantido o seu character militar, e attrahido a admiração da Europa.

Tenho grande satisfação em vos informar de que existe entre mim, e as côrtes de S. Petersburgo, Berlin, e Stockholm, a mais cordeal uniaõ e concerto; e espero que poderei, pelos adjutorios que vós tão liberalmente ministrastes,

fazer efficaz ésta uniao, para o complemento do grande objecto para que foi estabelecida.

Lamento a continuacão da guerra com os Estados Unidos da America.

O meu desejo de estabelecer entre os dous paizes aquellas relaçoens amigaveis, tao importantes aos seus mutuos interesses, continua sem abatimento ; porém eu não posso consentir em comprar o restabelecimento da paz por sacrificio algum dos direitos maritimos do Imperio Britanico.

SENHORES DA CASA DOS COMMUNS.

Agradeço-vos o liberal provimento que fizestes para os serviços do presente anno.

Serve de grande satisfacção o reflectir, que pelos regulamentos que tendes adoptado para remir a divida nacional, tendes estabelecido hum systema, que não retardará a sua liquidação final, ao mesmo tempo que providencia para a vigorosa continuacão da guerra, com o menor accrescimo possivel aos encargos publicos.

MY LORDS E SENHORES.

Eu approvo inteiramente os arranjos que tendes feito, para o Governo do territorio Britannico na India, e para o regulamento do commercio Britannico naquella parte do mundo. Elles parecem ter sido prudentemente organizados, tendo em vista as circumstancias que tem occorrido, desde que ésta materia esteve pela ultima vez presente á consideração do Parlamento. Por estes arranjos vós tendes conservado, em suas partes essenciaes aquelle systema de Governo, que a experiencia tem mostrado ser não menos calculado a providenciar á felicidade dos habitantes da India, do que a promover os interesses da Gram Bretanha ; e vós tendes judiciosamente estendido aos subditos do Reyno Unido, em geral, a participacão do commercio de paizes dentro dos limites da Carta da Companhia das Indias Orientaes, o que sem duvida produzirá o effeito de augmentar, e melhorar o negocio e navegacão dos dominios de Sua Magestade.

A experimentada, e afeiçoada Lealdade do povo de Sua Magestade, a constancia que tem mostrado durante esta ardua guerra, a paciencia com que tem carregado com os encargos, que necessariamente se lhe tem imposto, tem causado huma indelevel impressão no meu espirito. Taõ continuos, e perseverantes esforços, em apertos tao graves, dão as mais energicas provas de sua afeiçao a Consti-

tução, cuja manutenção he o primeiro objecto da minha vida.

No bom successo que recentemente tiveram as armas de Sua Magestade, eu reconheço com devota gratidão a mão da Providencia Divina. O uso que desejo fazer desta, e de todas as outras vantagens, he promover, e segurar a felicidade do povo de Sua Magestade e Eu não posso mostrar esta disposição mais decididamente, do que empregando os poderosos meios, que vós puzestes em minhas mãos, de maneira, que sêjam o mais bem adaptados para diminuir as extravagantes pretenções do inimigo, e facilitar por este modo o alcance de huma segura, e honrosa paz, em conjunctão de meus alliados.

O Lord Chancellor declarou o Parlamento prorogado para os 23 de Agosto proximo futuro.

COMPANHIA DOS VINHOS DO PORTO.

Em o No. 61. do Correio Braziliense pag 828. achão-se duas asserções a respeito da Companhia dos Vinhos do Porto, que são falsas, e mostraõ que o Redactor daquelle Jornal está muito mal informado a este respeito.

Primeira asserção—Que a Companhia offerecêra dar á Inglaterra os vinhos por 10 libras menos em cada pipa, do que he o seu valor ordinario; e a demais restituir esta somma pelas pipas ja vendidas, e pagas.

Não houve tal offerecimento. Na representação que os Correspondentes da Companhia fizeram aos Lordes do *Board of Trade* e que vamos inserir, acharão os nossos leitores explicado o rebate que a Companhia se julgou obrigada a conceder aos seus Correspondentes. Demais não houve tal diminuição de 10 libras esterlinas, mas sim de 30,000: e este rebate não foi em todas as pipas vendidas e pagas, como vagamente diz o Redactor daquelle Jornal; mas unicamente nas pipas que a Companhia exportou para Inglaterra e vendeo em 1812.

Segunda—que a Companhia do Porto requerêra á Inglaterra a continuação de seu monopolio, &c.

Esta asserção he igualmente falsa. O facto verdadeiro he que os Negociantes Inglezes de vinho, e correspondentes da

Companhia, vendo que os adversarios della apresentáraõ huma petição á Camara dos Communs pedindo-lhe que interviesse a fim de que a Companhia fosse extincta: pedirão elles, Correspondentes Inglezes á Camara ser tambem ouvidos. A Camara dos Communs recebeo as duas petições, e prudentemente se absteve de toda a engerencia neste negocio.

A imparcialidade com que temos inserido em nosso Jornal as diversas memorias contra a Companhia, pede que não deixemos de publicar tam bem o que he d'algum modo a seu favor. Ella he atacavel: mas seja ella o que for, he grandissimo argumento em seu abono, o affinco com que os Inglezes procuraõ a sua abolição: e nada há mais injusto, mais indecente, e mais impolitico do que os individuos, e mesmo o Governo de qualquer Nação, quererem intrometter-se na administração interna, e nos regulamentos economicos de outra Nação sua alliada, e amiga. Na companhia dos vinhos do Porto ha abuzos: mas não toca aos Inglezes o reformalos: isso he privativo, e muitissimo privativo de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. Mas nos tere-mos occasião de voltar a esta materia. Eis aqui a representação de que acima fallamos.

REPRESENTAÇÃO

Aos Lordes do Conselho Privado encarregados da Repartição do Commercio.

MY LORDS,

Aos 16 de Fevereiro proximo passado tivemos a honra de por na prezença de V. Sas. hum memorial, que tinhamos apresentado a S. Excellencia o Embaixador Portuguez. No fim deste memorial referimos hum rumor que entao corria, de hum engano, que alguns Negociantes Inglezes tinhaõ praticado para com a Real Companhia dos Vinhos do Porto, em consequencia do qual foi ella obrigada a levantar o preço dos vinhos do anno passado, alem do costume, sobre o primeiro custo; e requeremos que, pelos máos effeitos que isto trazia ao commercio dos vinhos, se fizesse huma indagação á cerca daquelle rumor; e sendo verdadeiro, a Companhia restituisse a seos Correspondentes o excesso que tinha levantado sobre os vinhos.

Julgando do nosso dever expor sem reserva a V. Sas., como superintendentes nacionaes do commercio, as importantes circumstancias deste negocio, a fim de que V. Sas. tenha factos sobre que formem o seu juizo a respeito da Companhia; qualquer que seja este juizo, nos temos agora a honra, e satisfação de expor, que o immediato rezultado daquelle memorial, foi huma investigação do Governo sobre os allegados factos, e huma ordem para se restituirem Rs. 30,000, ou pouco mais ou menos £ 9 por pipa, em todas as que a Companhia embarcou, o anno passado, por tão cre-scido preço.

Nos pensamos conveniente dizer, que o preço geral dos vinhos vendidos pelos negociantes Inglezes do Porto foi maior que o dos vinhos da Companhia, não obstante podem elles compra-lo mais barato, que a Companhia, e nunca mais caro, do que ella, sem transgressão da lei: com tudo aquelles negociantes não imitárao o honroso exemplo da Companhia, restituindo a seos correspondentes o excesso que sobrecarregarao.

Nos acrescentamos com prazer, que esta acção da Companhia tem ja produzido beneficios. Não só tem suspendido o alteamento do preço no mercado; mas tem abaixado o preço dos vinhos novos; pois que os negociantes do Porto carregao os vinhos novos a £ 52; e os mais velhos de £ 56 ate £ 58, em vez de os carregarem, como fizerao no anno de 1812 de 55 a £ 70 por pipa.

Nos confiamos que esta informação sera agradavel a V. Sas. pela importancia deste objecto para as rendas Britannicas. Nos temos igualmente razao de esperar, que esta reduccion no preço dos vinhos não pare aqui: mas que a Companhia apoiada pala Nação Britanica, e não influida, num receoza dos Negociantes Inglezes, jamais se affastará dos deveres que ella tem para com os dois paizes; isto he, o de conservar sagradamente a qualidade dos vinhos, e o preço moderado dos mesmos; e a presente reduccion he o precursor do gradual abatimento dos preços, quanto isso for compativel com a diminuição das despezas, e direitos necessarios para sustentar a oneroza guerra em Portugal, cuja situação desgraçada se vai melhorando.

He hum dever que temos para V. Sas. e para o commercio em geral, o dizer que esta baixa de preço nos vinhos novos de Portugal não tera aquelle extenso, e immediato effeito, que ou V. Sas. ou o Publico poderá provavelmente esperar; estendendo-se ella somente aos vinhos encomendados em 1812, e não havendo actualmente em Portugal vinho mais velho que o de 1810; o que he devido ao consumo do exercito, e a outras diversas cauzas temporarias; e

mesmo neste paiz os vinhos realmente velhos são tão raros que não devem ser alterados em preço por aquella baixa, senão pela demora, e ulterior alteamento. Mas os seus effectos consecutivos ainda que graduaes serão de beneficio permanente, reduzindo o preço a medida que estes novos vinhos se gastarem, e salvando o Commercio da sua imminente ruina a qual se verificaria, huma vez que os actuaes excessivos impostos continuassem o seu prejudiciaes effectos, annualmente augmentados pelo acrescimo annual de 10 ou £ 12 em pipa.

Nos aproveitamos esta occasião para apresentar a V. Sas. hum documento que, pelo considerarmos de grande importancia no actual ataque feito contra a Companhia, tivemos muito trabalho em colligir; e he o seguinte,

Conta do numero de pipas de vinho do Porto, que no espaço de dez annos se exportarão pela Companhia, e outros negociantes para a Gran-Bretanha, e outras partes, e o numero das remanecentes em Portugal.

Annos.	Pipas que houve.	Exporta- das pela Compa.	Por nego- ciantes particu- laes.	Para Eu- ropa N. e America.	Exporta- ção to- tal.	Pipas rema- nescentes no Paiz.
1802	46,279	4,169	34,463	2,375	41 007	5,271
1803	73,430	6,330	48,020	1,951	56,301	17,129
1804	74,839	1,712	28,139	2,799	32,650	42,189
1805	76,345	3,672	32,648	1,806	38,126	38,219
1806	56,436	3,456	36,528	1,145	41,129	15,307
1807	55,215	2,706	47,604	1,311	51,621	3,594
1808	58,439	1,809	35,107	1,476	38,392	22,047
1809	28,613	7,835	36,116	490	44,411	
1810	3,018	9,167	32,988	595	42,750	
1811	43 161	7,365	11,608	158	19,128	24,033
<hr/>						
	559,775	48,221	343,221	14,106	405,545	165,790

N. B. A exportação em 1809 excedeo a colheita do vinho novo em 5,828 pipas, cujo excesso foi suprido com vinho velho.

Em 1810 a exportação excedeo a colheita do vinho novo em 5732 pipas, cujo excesso foi suprido com vinho velho. Consequentemente o numero de pipas de vinho que remanecerão em Portugal nestes dez annos foi de 154,230.

V. Sas. se lembrarão que quando o *Committee* teve a honra de se ajuntar na vossa Secretaria com Mr. Ware e Mr. Kingston por parte dos Negociantes Inglezes estabelecidos no Porto, Mr. Ware declarou que elles não dezejavão a

abolição da Companhia: e que, á excepção do privilegio exclusivo da Agua ardente, só tinhaõ dois motivos de queixa contra a Companhia.

1. Que a colheita de vinho do *Porto* não era bastante para a exportação para a Gram-Bretanha: consequentemente que era necessario franquear os outros districtos ao Comprador Inglez.

2. Que a companhia não devia negociar senão limitada aos fins da sua criação.

A isto replicamos então, que o districto do vinho do *Porto* era mais que sufficiente para satisfazer ás encomendas da Gram-Bretanha, e que pela Lei da sua criação, a Companhia estava authorizada para embarcar aquella quantidade de vinho que julgasse sufficiente para servir de amostra de sua genuina, e real qualidade em qualquer parte, para onde fosse exportado.

Nós estimamos ter podido colligir, e formar este documento, que mostrará com toda a evidencia estas duas proposições.

1. Elle mostra distinctamente, por hum calculo de dez annos, desde 1802 ate 1811 inclusivamente, que, depois de completas as exporta oens para a Gram-Bretanha, Europa, Norte, e Sul da America, ficavaõ effectivamente 15,420 pipas de remanescente no *Porto*: e que sempre alli houvera hum grande excesso, exceptuando dois annos de 1810, e 1811, dois annos de guerra em que o paiz foi devastado pelo inimigo; e então mesmo o remanecente dos annos passados foi de sobejo para suprir as particulares, e extraordinarias encomendas, que houve nesse tempo. A conclusão pois que se dev tirar desta conta he que huma vez que se permitta exportar para a Gram-Bretanha os vinhos de ramo, e d'outros districtos, este paiz se verá inundado com vinhos inferiores, que não valerão os direitos; o commercio de vinho do *Porto* se arruinará; e as vinhas do districto de vinho do *Porto* não valerão a pena de cultivar-se.

2. Ve se pois por este documento que a exportação annual da Companhia para a Gram-Bretanha, nos sete annos contados desde 1802 ate 1808 inclusivamente, he quasi de 3,408 pipas em cada anno. Em 1809—1810, e 1811 foi muito maior. Mas isso longe de dar fundamento a queixas, deve ser agradecido pelo Governo deste paiz, porque a Companhia supprio a auzencia dos Negociantes Inglezes que sahirão do *Porto*, que d'outra sorte seria mui sensivel para as rendas Britannicas. Voltando para o *Porto* os Negociantes Inglezes elles recobrarão o seu negocio, e a Companhia, por conseguinte, diminuiu a sua exportação, e em 1812 embarcou somente 4,239 pipas. He pois evidente que a quan-

tidade exportada pela Companhia não deve excitar o ciúme mercantil dos Negociantes Inglezes, tendo o mundo patente, e franco, e plena liberdade de empregar seos talentos, e capitães, devem envergonhar-se de pertender estorvar, que huma Nação proteja o seu principal ramo de commercio contra a rapacidade mercantil

Quanto a este ultimo artigo, nos aproveitamos esta oportunidade de confirmar com o nosso pessoal testemunho esta verdade—que a Real Companhia dos vinhos se não julga competidora com os Negociantes Inglezes do Porto. Pelo contrario nos sabemos, que algumas das primeiras cazas de Inglaterra tem solicitado a honra de seos nomes serem inscritos nos livros da Companhia, e tem sido recuzadas: e nem os seos respeitaveis agentes actuaes, nem os que os precederao nestes ultimos trinta annos, jamis solicitárao huma só encommenda. Nosso unico motivo de queixa contra elles consiste em se recuzarem a apromptar nossas encommendas, ou a diminui-las; obrigando-nos, contra nossa vontade, a comprar aos Inglezes para nosso suprimento.

O credito do vinho do Porto he o seu fim, e o alvo annexo com este he a collecção das rendas, ou direitos sobre os vinhos. Por isso ella he o *Excise* de Portugal, o aborrecimento de todos os que são indifferentes ao bem de Portugal, mas que merece o elogio de todos aquelles que conhecem, e dezejaõ a sua felicidade. A prezente indagação, dando a conhecer a Companhia, tem derramado sobre ella hum maior lustre; e muitos dos que assignárao o requerimento, para a sua abolição, estão arrependidos, e estimariao muito assignar outro em contrario em sua defeza. Nos estamos pois convencidos da excellencia desta Instituição, e de sua utilidade assim para as Rendas Britannicas, como para a saude dos habitantes da Gram-Bretanha, e esperamos que V. Sas. tambem o estejaõ.

Temos a honra de ser, com o maior respeito,

My Lords.

De V. Sas.

Muito obedientes, e humildes servos.

Assignada pelo Committee.

12, Mark Lane, London,
6 de Maio de 1813.

A festa, que se fez no dia 20 de Julho em os jardins do Vauxhall para celebrar os gloriosos serviços do exercito alliados na Peninsula, cauzou tanto prazer aos Inglezes, como desgosto, e magoa aos verdadeiros Portuguezes ! Entre os nomes dos Generaes Inglezes, e *Hespanhoes* debalde se procurou achar algum Portuguez !! Se isto não he hum verdadeiro insulto, tem pelo menos todas as feições disso. Nos estimariamos muito não ver os nomes dos nossos valorozos officiaes, e officiaes Generaes misturados com os nomes dos Elios, e de outros, que ate agora nada mais tem feito do que fugir na presença do inimigo, quando os nossos nada mais tem feito do que avançar: mas não fazer menção de hum só Portuguez, se não he, nos o repetimos, hum verdadeiro insulto, tem pelo menos todas as feições disso !!

Os negociantes de St. Petersburgo fizeram hum presente de 150,000 rublos ao General Wittgenstein, a quem verdadeiramente se deve a salvação da Capital do Imperio Russo na passada Campanha.

As Cortes de Hespanha, dizem, decretarão para Lord Wellington os mesmos senhorios territoriaes, que o tyranno da Europa havia outrora *dado* ao cruel executor de suas barbaras ordens. Suchet: diz-se que estes Senhorios rendem 15,000 libras esterlinas por anno.

Sua Alteza Real o Principe Regente foi servido em nome, e da parte de Sua Magestade approvar, e reconhecer Joaquim d'Andrade, como Consul Geral do Principe Regente de Portugal em Londres, em lugar do defuncto J. C. Lucena.

Em 30 de Julho recebemos gazetas de Lisboa ate 21: na de 15 lemos com o mais vivo prazer a honroza ordem do dia do illustre, e entrepido Commandante em Chefe do Exercito Portuguez, o Excellentissimo Marquez de *Campo maior*. Sentimos não a poder transcrever neste No. o que faremos no seguinte.

Na gazeta do dia 16 achamos dois Avizos do Governo expedidos pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, hum

dirigido a todos os Prelados Diocezas de Portugal, e Algarve, e outro a todos os Corregedores das Commarcas, ordenando-lhes que aconselhem, e promovão a propagação da vaccina por todos os meios possiveis. Entre muitas, e preciozas providencias, que o Governo de Portugal tem dado, esta occupará sempre hum lugar mui distincto. Em o seguinte No. transcreveremos estes dois excellentes Avizos.

Achamos tambem nas mesmas Gazetas o tratado de paz concluido no dia 14 de Julho entre Sua Alteza Real o Principe Regente, Nosso Senhor, e o Baxa de Argel.

No *Moniteur* de 22 de Julho se lê que se assignára em Newmarke huma Convenção, em consequencia da qual o armisticio se prolongou ate o meado Agosto. Não se declara porem em que dia foi assignada aquella convenção, nem os nomes dos que a negociarão.

POSTSCRIPTUM.

Hoje 31 de Julho recebeo o Governo despachos do Grande Lord datados de Lazaca a 19 de Julho.

O Convento fortemente fortificado em frente de S. Sebastião, e occupado por huma grande força inimiga, foi tomado de assalto com outra obra fortificada por duas columnas commandadas pelos Generaes Oswald, e Hay. Estas duas columnas *erao principalmente compostas de tropas Portuguezas.*

O General Mina tendo-se ajuntado com o General Duran em Seragoça, atacarão juntos o General Paris no dia 8 de Julho: em a noite de 9 o inimigo retirou-se para Jaca, deixando guarnição em hum reducto, que o General Duran mandou atacar, em quanto Mina, e Dom Juliam perseguiaõ a columna inimiga: tomaraõ muitos prizioneiros, e muita bagagem: e no dia 11 tomaraõ hum Convoy. Lord Wellington louva altamente a actividade, e valor dezenvolvidos nestas operagoens.

Suchet evacuou Valenciá no dia 5 de Julho: a guarnição de Segorbe retirou-se, e o General Severoli fez veiar o forte de Alcaniz, e marchou para Mequinenza,

Receberão se também despachos de Lord W. Bentinck datados de Valencia a 13 de Julho : os exercitos alliados tinhaõ-se ajuntado nas vizinhanças de Valencia, e iaõ avançar para o Ebro. O inimigo deixou guarnição em Murviedro, e Peniscola.

Parece agora indubitavel que se vai abrir o Congresso para tratar da paz geral em Praga. Cremos na formação do Congresso—duvidamos muito da conclusão da paz geral.

Commercio.

Preços Correntes dos productos do Brazil em 30 de Julho de 1813.

Assucar	Branco	52 a 64	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	38 42	
Caffé		65 75	
Cacao		60 65	
Cebo		88 89	} não ha no mercado
Arrôs			
Algudao	de Pernambuco	23½ 24	} Penniques por lb.
	Ceará	23½	
	Bahia	22½ 23	
	Maranhao	22½ 23	
	Minas	21½ 22	
	Pará	21½ 22	
	Capitania	20 21	
Couros	de Rio da Prata	5½ 9½	}
	Rio Grande	4 8	
Anil		30 48	}

N.B. Fretes, direitos, e mais despezas pagas pelo vendedor.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Datas									
Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Julho de 1813.	2	77	76	76	50	45	66½	29-8	19-80
	6	77	76	76	50	45	66	29-8	19-80
	9	77	76	76	50½	46	66	29-8	19-30
	13	77	76½	76½	50½	46	66	29-8	19-30
	16	77	76½	76½	50½	46	66	29-8	19-30
	20	78	77½	77½	51	46	66	29-8	19-30
	23	78	77½	77½	51	46	66	29-8	19-30
	27	78	77½	77½	51	46	66	29-8	19-30





O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

SEPTEMBRO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

BREVES REFLEXOENS

Sobre as Cortes de Hespanha, e sobre a Constituição
que ellas fizeram para a Monarquia Hespanhola.
Continuadas de pag. 205 deste volume.

Em o nosso antecedente No. fizemos algumas observa-
ções sobre os males que podião resultar da imprudencia
com que as Cortes declaráram a Soberania do Povo Hes-
panhol: sobre a impolitica, e mesmo incompetencia

VOL. VII.

A a

das Cortes a exercer funcçoens de hum Consilio Geral ; e a respeito da injustiça com que as Cortes trataõ na sua Constituição as Castas da America, e funestas consequencias que deste artigo Constitucional devem necessariamente rezultar. Passemos ao artigo 15.

“ O poder de fazer as leis rezide nas Cortes com El Rey.”

Se a clareza he huma qualidade absolutamente necessaria em toda a lei ; muito mais o he n'huma Lei constitucional : mas he esta qualidade que falta no citado artigo. Que quer dizer-o poder de fazer leis rezide nas Cortes com El Rey ? Quer por ventura dizer que o poder de legislar rezide nas Cortes, juntamente com El Rey, de tal modo, que nem as Cortes podem fazer huma lei qualquer sem o concurso do Rey ; nem este sem o concurso daquellas ? Grande passo teriaõ as Cortes dado para a felicidade da Nação Hespanhola, se o tivessem assim decretado, e estabelecido constitucionalmente. Desgraçadamente porem não he assim : e para provar o que dizemos he preciso combinar este confuzo artigo com o que se acha estabelecido no artigo 149 em que se determina o seguinte :

“ Se pela terceira vez for proposto, admittido, e ap-
 “ provado o mesmo projecto nas Cortes do seguinte
 “ anno, pelo mesmo facto se entende, que o Rey dá a
 “ sancção : e apresentando-se-lhe, a dará effectivamente
 “ por meio da formula expressa no artigo 143.” Esta
 formula consiste nas seguintes palavras — *Publique-se como lei.*

Por este artigo se vê clarissimamente que o que se determina no artigo 15 he hum verdadeiro subterfugio ; e que em rigor, o poder de fazer as leis rezide unica, e privativamente nas Cortes ; visto que pelo artigo 149 o veto do Rey só pode suspender, e fazer que não passem a ter effeito, os projectos de lei approvados pelas Cortes somente por hum certo tempo. Que importa que huma lei não possa ter-se como tal, sem a sancção do Rey ; se a final esta sancção lhe he extorquida ; se elle hade da-la, queira ou não queira, huma vez que as Cortes tenhaõ nisso empenho ?

O que prova ainda mais que o poder de legislar, se-

gundo a constituição actual de Hespanha, rezide unicamente nas Cortes, e que a expressão—*com El Rey*, de que se uza no artigo 15 he como ja dissemos hum verdadeiro, e detestavel subterfugio, he, que tratando das faculdades das Cortes, o artigo 131 diz expressamente.—

“As faculdades das Cortes são—Primeira—*Propor, e decretar as leis; interpreta-las, e deroga-las em cazo necessario,*” &c. Aqui nem menção se faz ja do Rey!

Mas, admittindo que o *veto* se subentende neste mesmo artigo 131, perguntáramos nós a esse *augusto congresso*, de que serve hum tal *veto*? A resposta he clara.—Serve para mostrar que o poder do Rey na formação das leis he nullo, e que he nulla a sua influencia: serve unicamente para humilhar o Monarca, e torna-lo ou desprezivel, ou odioso á sua Nação. Nos ja observamos n'outro lugar a semelhança que achávamos entre a marcha das Cortes de Hespanha, e a Convenção Nacional. Esta deo tambem ao Rey o *veto*: mas qual foi o resultado? Os revolucionarios, (que sempre são aquelles que ou nada tem que perder, ou que tem ambição desmedida, todos perversos, e para quem as desgraças do genero humano são indifferentes); os revolucionarios, dizemos nos, os infames demagogos em que Pariz, e a França toda superabundava, empregarão toda a casta de intrigas para fazer o Rey odioso a hum Povo leve, illudido, e cego, ao qual facilmente persuadirão que a opposição do Rey em sancionar as leis propostas pelos representantes nacionaes, era oppor-se á sua felicidade, era pertender conserva-lo no mesmo estado de escravidão, e miseria—era huma verdadeira guerra declarada á Nação—; e com maquinações tão infames conseguirão o seu fim perverso, que era acabar de perder o desventurozo Luis XVI. Teraõ as Cortes de Hespanha as mesmas vistas? Supponha cada hum o que quizer: nos perguntaremos somente—Porque razão as Cortes de Hespanha, tendo entre os seos Deputados muitos de bastante lição, adoptão hum systema, que em nenhuma parte do universo tem provado bem? Porque razão, dando a antiga constituição de Hespanha todo o poder legislativo ao Rey, pelo menos, sempre mais ao Rey, do que ás

Cortes, as Cortes o arrogao todo para si agora, despojando d'elle o Monarca, para fazerem o Soberano absolutamente nullo, para o tornarem seu mero escravo? Não seria mais prudente, mais util, e mais generoso, visto o cativoiro do seu credulo, e infelis Monarca, seguir hum termo medio, dando-lhe hum poder legislativo, igual ao das mesmas Cortes? Porque não imitaraõ nesta parte a sabia constituição Inglesa, cuja bondade tem sido confirmada pela experiencia, e que taõ felismente equilibra os poderes do Estado? Nada disto fizeraõ: quizeraõ innovar tudo transtornar tudo o que havia, fosse bom, fosse máo, porque assentaraõ que só assim representariaõ dignamente o papel de *Soberanas*; e no meio da sua *soberania* he raro o decreto, que tem expedido, que não seja hum desvario, e mais raro ainda o que tem sido executado, e obedecido, dos poucos judiciozos, que tem expedido.

ARTIGO 28.

“ A base para a representação nacional he a mesma em ambos os hemispherios.”

Este artigo considerado izoladamente parece estabelecer huma perfeita igualdade representativa entre a Mai-Patria, e as Americas: mas, estabelecendo a constituição no artigo 35 que—as juntas eleitoraes de parroquia se comporaõ dos *cidadaons* residentes no territorio da parroquia respectiva, &c.; e tendo-se negado, pelo artigo 22, que analysamos em nosso antecedente No., o direito de *cidadão* ás castas das Americas; vem a privar-se do direito de eleger representantes, e consequentemente do direito de representar, oito a nove milhoens de habitantes Americanos. Logo a base para a representação nacional não he a mesma em ambos os hemispherios. Como saõ justas as Cortes!!!

A razão porque as Cortes assim legislaraõ foi para evitar que as Americas tivessem nas Cortes maior numero de Deputados, doque a Metropole. Mas quem não vê a mesquinhez e loucura de huma tal politica? Por ventura os Deputados das Americas Hespanholas,

sejaõ muitos, ou sejaõ poucos, poderaõ obrar contra as instrucçoens, e vontade dos seos constituintes? Consequentemente não conhecem esses atilados cerebros das Cortes, que não he dos Deputados das Americas que ellas podem recear coiza alguma, mas sim dos habitantes das Americas? E que para nada terem que recear destes, he precizo que a justiça, e huma politica franca, judicioza, e esclarecida prezida a todas as suas deliberaçoens, e decretos? Que a menor injustiça, a menor desigualdade que estabelecerem entre Americanos, e Europeos, irritará profundamente aquelles, e dara armas poderozas aos demagogos das Americas para levarem a revolução á vante, e as separarem eternamente da Metropole?

CAPITULOS III, IV, e V, DO TITULO III.

Estes capitulos trataõ das juntas eleitoraes: estas são tres—Juntas eleitoraes de Parroquia—Juntas eleitoraes de Partido—e Juntas eleitoraes de Provincia. Os habitantes *cidadeãos* das parroquias escolhem os eleitores parroquiaes: estes juntos escolhem os eleitores de Partido: estes juntos escolhem os eleitores provinciaes: e estes juntos nomeaõ os Deputados para as Cortes.

Estes plano he evidentemente viciozo, 1. porque tira todo o influxo á opinião da massa do Povo em a nomeação de seos representantes: 2. porque neste systema he mais facil comprar, corromper, e subornar hum pequeno numero de eleitores de Provincia do que a maioridade, ou o total do Povo.

ARTIGO 110.

“ Os deputados não poderaõ tornar a ser eleitos, senaõ mediando outra Deputação.”

Este artigo ataca evidentemente a liberdade, e direitos do Snr. Povo *Soberano*. Por outra parte he injusto, e impolitico; he injusto porque se os Deputados

desempenháraõ dignamente os seos deveres ; isso he hum titulo de mais para o Povo *Soberano* os reeleger, e os dever mesmo reeleger : he impolitico ; porque se os Deputados desenvolveraõ no tempo da sua deputação talento, luzes, e conhecimentos assim theoricos, como praticos dos negocios publicos ; será huma verdadeira perda para o Estado que os serviços que taes deputados fizeraõ, e podiaõ continuar a fazer, sejaõ interrompidos, para dar lugar a eleição d'outros, que nao só podem não ter merecimento algum, mas ate o podem ter negativo.

ARTIGO 117.

Por este artigo os Deputados das futuras Cortes são obrigados a prestar juramento de *guardar, e fazer guardar religiosamente a Constituição politica da Monarquia Hespanhola, sancionada, pelas Cortes Geraes, e Extraordinarias da Nação no anno de mil oito centos, e doze.*

Este artigo, exigindo hum tal juramento, ataca, directamente a liberdade desse *Soberano* Povo, que pode á manha assentar que tal, ou tal artigo da constituição, (feita á pressa, ao som das bombas inimigas, e no meio de sustos, e desastres), não presta para nada ; e que he preciso muda-lo, ou deroga-la toda. De mais este artigo suppoem que a presente constituição he hum chefe de obra, a que nada se pode accrescentar, e de que nada se pode tirar : quer dizer, que seos aucthores não são homens frageis, miseraveis, e sujeitos a errar ; que elles, sendo extraordinariamente convocados, foraõ extraordinariamente assistidos, e illuminados pelo Espirito Santo: n'huma palavra—que a presente constituição he obra vinda do Ceo !!! Mas se todas estas suppozições são absurdos ; absurdo he tambem este artigo, e o juramento que elle exige.

De mais quem deo ás Cortes o direito de fazer huma constituição ; e de a mandar jurar, e cumprir, sem a previa approvação dos seos constituintes ?

Se a *Soberania*, reside essencialmente em a Nação ; não lhe pertence a ella essencial, e exclusivamente o direito de estabelecer suas leis fundamentaes ?

Se a experiencia mostrar, como indubitavelmente hade mostrar, que ha na prezente constituição artigos injustos, impoliticos, insensatos, e mesmo impraticaveis : não poderaõ as futuras Cortes modifica-los, derogar-los, e substituir lhes outros ? Não deveraõ mesmo faze-lo ? Ha pois nada mais absurdo do que o juramento exigido no artigo constitucional, de que tratamos ? Não veem as actuaes Cortes que determinando, tão loucamente, que se não possa alterar hum só artigo da constituição; se acazo a experiencia mostrar que hum ou outro he impraticavel, seos inimigos facilmente persuadiraõ ao Snr. Povo *Soberano*, que todos os mais artigos se lhe assemelhaõ, e que todos devem cahir por terra ? Não seria mais judiciozo, e mais util ; não mostraria mais boa fé nas actuaes Cortes, supprimir hum tal artigo; deixar, ja que a fizeraõ tão extemporaneamente, a constituição em força, sem dar-lhe porem sancção perpetua, e deixar esta ás Cortes futuras, depois de seis, ou oito annos de observação, e experiencia ? Não conseguiao deste modo as Cortes que a Nação mesma sanccionasse realmente a constituição com o conhecimento de cauza, que a experiencia lhe teria dado ?

Nada disto se fez—representar de *Soberano*, e de *Soberano infallivel*, he o que as Cortes querem ! Que desgraçado futuro tem as Cortes preparado para a grande, e briosa Nação Hespanhola !

Para não deixarem de ser *Soberanas* hum só momento, estabelecerão as Cortes huma Deputação permanente de si mesmas : eisaqui o

ARTIGO 157.

“ Antes que as Cortes se separem nomearaõ huma Deputação, que se chamará Deputação permanente de Cortes, composta de sete individuos do seu seio, tres das provincias da Europa, e tres das do ultramar, &c.”

ARTIGO 160.

“ As faculdades desta Deputação consistem nas seguintes :—1. velar sobre a observancia da constituição, e das leis para dar conta ás proximas Cortes das infracções, que tem notado.”

Eisaqui sete espantalhos, que a constituição manda nomear para ficarem junto do Rey no intervalo de humas a outras Cortes, a fim de vigiarem se elle cumpre os seos deveres; eisaqui sete delatores, que devem pesquisar todas as acções do Monarca, para formarem hum Capitulo das suas culpas, e fazer queixa delle ás futuras Cortes ! Ha coiza mais vil, mais indigna do que esta medida ? E que vergonhozo, que infame papel teriaõ de representar estes sete marmanjos, se tal constituição fosse á vante, do que muito duvidamos ! !

Vigiar aquelles a quem se tem confiado hum depozito importante na Sociedade, he justo, he necessario : mas he necessario tambem que o decoro, e a delicadeza prezidaõ a esta deligencia : he necessario que esta delicadeza, e decoro sejaõ proporcionaes á dignidade da pessoa vigiada, e á confiança que ella tem merecido para ser elevada a este, ou áquelle importante, e alto emprego que occupa : e este decoro, e delicadeza, relativamente ao Soberano, não devem ter limite : o contrario he humilhar o Monarca, he abate-lo, he torna-lo desprezivel aos olhos dos seos proprios vassallos, e dos estrangeiros. Ora, hum Monarca tal, não he Monarca.

Demais : em nenhuma parte da constituição se determina, e prescreve a maneira com que os sete delatores haõ de vigiar os passos, e acções do Soberano. Ao Monarca com o seo conselho e Secretarios de Estado incumbe o fazer executar as leis : sua authoridade, segundo a mesma constituição, estende-se a tudo quanto for conducente á conservação da ordem publica no interior, e á segurança do Estado no exterior : em nenhuma parte da constituição se determina que aquelles sete delatores tenhaõ livre accesso no Ga-

binete do Rey, quando elle despacha com os seus Secretarios, ou delibera com o seu conselho de Estado. Consequentemente como podem estes espias saber o que se passa no Gabinete e velar sobre a observancia da constituição, e das leis? Não o podem saber senão pelas ordens, e Decretos que o Monarca expedir a huma ou outra Repartição, a hum, ou outro funcionario publico, para huma, ou outra parte da Monarquia. Os sete espias poderaõ apenas saber que huma ordem, ou Decreto do Monarca he anticonstitucional, quando se publicar, ou for relativo a huma Repartição, ou funcionario publico rezidente na capital: mas estes espias nada poderaõ saber dos decretos, ou ordens que se passarem para fora da capital, para as Ilhas, e para as Americas. Fora da capital vigia a Nação toda, principalmente tendo toda ella a liberdade de pensar, escrever, e fallar: vigiaõ todos os Deputados, antigos, ou novos, que não deixaraõ de fazer seus apontamentos sobre huma, ou outra ordem illegal, sobre esta, ou aquella transgressão da codigo constitucional.

Deque servem pois os sete espantalhos, que a constituição manda ficar permanentemente junto ao Monarca? Que mal conhecem a coração humano esses novos legisladores da Hespanha! Ou esta Deputação permanente he composta de homens verdadeiramente bons, zelozos do bem Publico, dotados de hum caracter firme; ou pelo contrario. No primeiro cazo elles seriaõ infinitamente mais uteis indo rezidir nas suas respectivas provincias, para inquirir, e examinar o que por la se passa, e dar parte nas futuras Cortes pessoalmente, ou por escrito. Homens desta tempera conheceraõ que tal medida he não só inutil, e ridicula em si mesma; mas ate odioza: elles se envergonhariaõ pois de representar taõ indigno papel. No segundo cazo elles se converteraõ facilmente em verdadeiros cortezaons, não só para evitar o odiozo do emprego, mas para grangear, e obter, para o futuro, as Graças do Soberano.

O Soberano, vendo-se indignamente maniatado, não perderá occasião de romper essas cadeas indignas, que huns poucos de insensatos presumptuosos lhe forjaraõ, durante o seu captiveiro: para o conseguir nao

lhe faltao meios, sem mesmo sahir dos que esse famoso Codigo Constitucional poem á sua disposiçaõ.

Tal sera necessariamente a sorte da Constituiçaõ Hespanhola, que a força de querer curar o mal radicalmente, preparou huma eminente recahida; á força de querer tudo acautelar, transtornou tudo; e longe de acautelar o que queria, preparou tudo o que he necessario para novas revoluçoens na Hespanha. Tal foi a sorte da Constituiçaõ que os Suecos fabricaraõ, quando se rompeo o fio da Successaõ ao throno. Elles quizerãõ fazer de hum Monarca absoluto, huma sombra de Rey; e o primeiro que subio ao throno anniquilou a Constituiçaõ. Quantas revoluçoens, quantas desgraças não teria a Suecia evitado, se tivesse respeitado mais a Pessoa do Rey, e não o tivesse maniatado, indignamente, como agora o faz, não a generosa Naçaõ Hespanhola, mas huma facçaõ, que tem arrastado as Cortes para tudo quanto tem querido; e que as tem levado a decretar quantos desvarios, quantas indignidades, e injustiças seos exaltados cerebros lhe tem suggerido!

Do que temos dito não concluão nossos leitores, que somos advogados do despotismo; detestamo-lo, como ja dissemos. Estamos profundamente convencidos que he absolutamente preciso pôr hum freio ao poder; mas he tambem essencialmente preciso que os meios empregados não aviltem e humilhem o Soberano em quem o supremo poder se depozita. Prendão-se-lhe as maõs, quanto decentemente for possivel, para o mal; mas fiquem lhe livres para o bem; empreguem-se *laços de seda*, que, segundo hum benemerito escriptor, *mais pareçaõ adornos, que prizoens*.

(Continuar-se-ha.)

OBSERVAÇOENS

Sobre a impolitica, e injustiça da falla, e *moção*, que no dia 10 de Julho fez *Mr. Wilberforce* na Camara dos Communs.

Como nesta falla *Mr. Wilberforce* se refere aos empenhos que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor contrahio com o Governo Inglez relativamente á abolição do commercio de escravatura; convem transcrever aqui o artigo do Tratado de Amizade, e Alliança, em que se trata deste objecto. Ei-lo aqui.

ARTIGO X.

“ Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, estando plenamente convencido da injustiça, e má Politica do Commercio de Escravos, e da grande desvantagem, que nasce da necessidade de introduzir, e continuamente renovar huma estranha, e facticia População para entreter o trabalho, e industria nos seos dominios do Sul da America, tem rezolvido de *cooperar* com Sua Magestade Britanica na cauza da Humanidade e Justiça, adoptando os mais efficazes meios para conseguir em toda a extenção dos seos dominios *huma gradual abolição* do Commercio de escravos. E movido por este principio Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal se obriga aque aos seos Vassallos não será permittido *continuar o Commercio de escravos em outra alguma parte da Costa d’Africa, que não pertença actualmente aos dominios de Sua Alteza Real*, nos quaes este Commercio foi ja descontinuado, e abandonado pelas Potencias, e Estados da Europa, que antigamente ali commerciavaõ; *reservando com tudo para os seos proprios vassallos o direito de comprar, e negociar em escravos nos Dominios Africanos da Coroa de Portugal*. Deve porem ficar distinctamente entendido, que as estipuloçoens do prezente artigo não serão consideradas como invalidando, ou affectando de modo algum os Direitos da Coroa de Portugal aos Territorios de Cabinda, e Molembo (os quaes Direitos foraõ em outro tempo disputados pelo Governo de França,) *nem como*

limitando ou restringindo o Commercio de Ajuda, e outros Portos de Africa (situados sobre a Costa communmente chamada na lingua Portugueza *Costa da Mina*), e que pertencem, ou a que tem pertençaos a Coroa de Portugal: estando Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal resolvido a não resignar nem deixar perder as suas justas, e legitimas pertençaos aos mesmos, *nem os direitos de seos vassallos de negociar com estes lugares, exactamente pela mesma maneira que elles ate aqui o praticavaõ.*

Por este artigo se vê clara, e incontestavelmente que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor se obrigou—

1. A cooperar com S. M. Britanica para a *gradual* abolição do Commercio da escravatura.

2. A não permittir aos seos vassallos o continuar o commercio de escravos em outra alguma parte da Costa d'Africa que não pertença actualmente aos dominios de S. A. R.

Mas he igualmente claro, e incontestavel pelo mesmo artigo que S. A. R. o Principe Regente de Portugal, *reservou para os seos proprios vassallos o direito de comprar, e negociar em escravos nos Dominios Africanos da Coroa de Portugal.*

Isto posto: passemos a falla de Mr. Wilberforce.

Este grande *philantropo* assevera que o Commercio de escravatura, depois da sua abolição em Inglaterra, *tem sido continuado com mais vigor do que ate alli, pelos negociantes Portuguezes.*

Esta asserção he falsa, falsissima: e desafiamos Mr. Wilberforce para que mostre o contrario; e quando elle produzir as provas da sua asserção, lhas refutaremos com documentos authenticos: e em documentos authenticos he que Mr. Wilberforce devia apoiar a sua asserção perante a Camara dos Communs; asserçoens vagas so merecem profundo desprezo.

Quanto á falta de humanidade com que os infelizes escravos actualmente são tratados, nos estamos persuadidos, que não sô actualmente o são, mas que, em geral, o forão sempre, desde que forão, e são arrancados dos seos patrios lares, e conduzidos para os portos da Africa; desde que são alli revendidos, e transportados ate o Brazil; e desde que alli desembarção (os

poucos que lá chegaõ vivos), ate que a morte vem pôr termo aos seos soffrimentos. Ninguem detesta mais do que nos a ingerencia estrangeira no Governo da nossa Patria; porque estamos convencidos das tristissimas consequencias, que dahi sempre rezultaõ: mas rogar, não he ingerir-se: e se Mr. Wilberforce podesse concorrer para que o Governo Inglez pedisse com o mais vivo empenho a S. A. R. o Principe Regente de Portugal que, vista a imperioza necessidade de continuar o Commercio da escravatura, ordenasse, debaixo de penas as mais rigorozas, infalliveis, e promptas, que os Negociantes deste trafico, fizessem embarcaçoens proprias para o transporte dos escravos; que estes fossem bem tratados na sua viagem, da Africa para o Brazil; que se fixasse em lei o numero de escravos que hum navio podia transportar, segundo a sua capacidade; que se castigasse sem fallencia, e sem piedade o senhor, que não vestisse convenientemente os seos escravos, que lhes não desse os necessarios alimentos, que os não tratasse com devida humanidade e agazalho; que os Governadores, que os Ministros, que o publico todo vigiasse na execuçaõ de huma tal ley, &c. &c. &c.: se Mr. Wilberforce, dizemos nos, podesse concorrer para que o Governo Inglez desse hum tal passo; elle faria hum grande serviço á humanidade.

Se os Portuguezes que negoceiaõ em escravos conhecessem os seos verdadeiros interesses, elles deviaõ ser os primeiros a trata-los bem em todo o sentido: mas ja que os não conhecem: ja que nem o exemplo*

* No tomo IV. das Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa achamos huma excellente, e precioza Memoria sobre o seguinte Programa—

“ Determinar com todos os seos syptomas os doencas agudas, e chronicas que mais frequentemente accommettem os Pretos recém-tirados da Africa: examinando as cauzas da sua mortandade depois da sua chegada ao Brazil: se talvez a mudança do clima, se a vida mais laborioza, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago: e finalmente indicar os methodos mais apropriados para evita-lo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isto deduzido da experiencia mais sizuda, e fiel.”

Achamos esta Memoria taõ interessante, e taõ util, que nos resolvemos a inserilla em hum ou dois Nos. do nosso Jornal, que por certo chegara a mãõ de pessoas, que não leem os trabalhos literarios, e scientificos daquella respeitavel Corporaçãõ; e a lugares onde nunca talvez chegas-

nem a voz da religião, e da humanidade os move; move-os o voz do Imperante, e o castigo infallivel, prompto, e proporcional, sem exceptuar a pena de morte, contra os que matarem hum escravo, ou de algum modo concorrerem para a sua morte.

sem, ou chegam com muita difficuldade, e despeza as sobreditas Memorias.

Na sobredita Memoria premiada na Sessão Publica de 12 de Maio de 1793 achamos a seguinte passagem, cujo conteudo deve servir de exemplo aos que negociam em escravatura.

“ A experiencia como melhor mestra de tudo desengana aos teimosos, e ella bem se confirma com o que se vai a dizer.

“ O mesmo Raimundo Jalama (Commissario das Companhias de Pará e Pernambuco para a compra de escravos em Angola), que habitára em a Cidade de Loanda desde o anno de 1760 ate o de 1770, nos primeiros annos observou o estrago, e mortandade, que sobrevinha á sua escravatura, o que igualmente succedia á de todos os mais Commissarios: e confessa que fizera esforços para descobrir a cauza; assim como que puzera em execução todos os meios que fossem occorrentes a tanto estrago, e prejuizo. Por effeitos de huma observação confirmada pelo que elle via, assentou, que isto tinha principio no máo tratamento da escravatura: desde logo prohibio o uzo da savelha, e do peixe de azeite, que vinha a ser prejudiciaes á saude. Entrou em mais dispendio a comprar peixe fresco, e maior, que diz corresponder aqui á nossa Corvina. E observou que com esta providencia as hemorragias acabáraõ.

“ Ainda que a carne em aquelle paiz he a cincoenta reis por arratel, com tudo com parcimonia á custa de huma, e outra Companhia a entrou a comprar para supprir a dita escravatura. Escolheu d'entre as escravas as que eraõ mais capazes de fazer, e de temperar a comida mais propria, e mais accommodada ao paladar dos escravos, e temperada ao uzo do paiz. Mandou fazer estrados, e sobrados para o descanso da mesma escravatura, tirando-a do terrado. Destinou fazendas, que não passaraõ de baetas, e sarafinas, para a cobertura della. Observando o uzo, e costume da mesma escravatura, a mandava lavar todos os dias ao mar; e quando esta se recolhia do banho, lhe dava o azeite de Dende precizo, para se untar ao Sol, e com o pó, e com a serradura de certo páo, que he bem semelhante ao brazil, o qual he chamado *Catula*: visto que a escravatura se persuadia, que deste modo fazia o seu corpo nédio, luzidio, e mais preto, e que esta untura lhe servia de huma especie de preservativo.

“ Quando pela primeira vez a escravatura provou deste genero de comida assim temperada, e amoldada ao seu paladar, elle refere fide dignamente, que lhe bateraõ as palmas. Insinuou, que as comidas ate fossem matetes, anfunge, quenga, e outras mais, que lhe eraõ proprias, e Saborozas. Com boa economia mandou vir por conta da mesma Companhia de Pernambuco a carne salgada, e secca, a que chamaõ *do certão*, que he escalada, e sem ossos, que alli custa de seis a oito centos reis a arroba; e sempre a todo o custo chamou Medico, e Cirurgião, para curar a escravatura que enfermava.

Em aquelle paiz de Loanda todos se admiravaõ da melhoria da escravatura negociada por Jalama. Sendo perguntado por vezes, explicou o systema aos outros Commissarios; e estes não o approvando, respon-

Se a cazo se promulgasse huma tal lei, e rigorosamente se executasse, então se podia affoitamente sustentar, que o Commercio da escravatura (que he tão antigo como o mundo) era justo, e util aos mesmos habitantes da Africa, hum grande numero dos quaes he escravo, ou por pena de crimes, que commette, ou porque são prizioneiros de guerra; e estes principalmente seriao passados a fio de espada se o vencedor não tivesse as vistas nos lucros que pode tirar da venda dos seos prizioneiros; os quaes em quanto o são, não tem melhor tratamento do que aquelle que lhes daõ alguns desses assoberbados, crueis, e abominaveis Senhores de engenhos, para os quaes humanidade, e religião são nomes vaons. Mas voltando á falla de Mr. Wilberforce. —

Concordando em parte com este Philantropo (verdadeiro, ou hypocrita) em que se commettem crueldades indignas de homens, e principalmente de Portuguezes, que se a nenhuma Nação do mundo cedem em fidelidade, e valor, igualaõ, se não excedem as mais civilizadas, em pureza de moral e humanidade; estamos mui longe de conceder que os escravos são, depois do Tratado de Amizade, e Alliança, tratados com mais crueldade, do que eraõ d'antes: nos dezerjariamos muito que Mr. Wilberforce produzisse as provas da sua asserção. Estas não podem ser fornecidas senão pelos Capitaens dos Navios empregados neste detestavel trafico, ou pelos mesmos escravos. Estes, alem de suspeitos, não estão em correspondencia com Mr. Wilberforce, nem sabem que tal ente existe no mundo, e menos ainda que he procurador dos Africanos, sem que estes lho rogassem, ou dessem

diaõ, que isto só o podiaõ fazer as Companhias do Para, e Pernambuco, por serem humas corporações ricas, que não reparavaõ, que o escravo lhes sahisse caro, mais que a outro qualquer.

O honrado Jalama, que nunca se descuidou de cumprir as suas obrigações, extrahia a conta de toda a despeza; e a comparava com o custo dos escravos mortos em os primeiros annos, e com os que muito mais em numero lhe vinhaõ a ficar salvos por este systema. E conheceo que daqui provinha a melhora, a roburtez, e saude de toda a sua escravatura, que muito pouca proporcionalmente vinha a morrer; e que a companhia pela differença dos preços, e pelo maior numero de cabeças salvas, vinha a lucrar de dez a vinte por cento.

Mem. Econ. Tom. 4. pag. 46, e 47.

procuração bastante. Os Capitaens dos ditos navios, quer elles tenham tido a boa fortuna de escapar aos commandantes das embarcações de guerra Inglezes, que nos estão tratando, como verdadeiros inimigos, quer tenham sido victimas da rapacidade, da sordida avareza, e ultrajante prepotencia daquelles commandantes; de certo não informarão a Mr. Wilberforce a respeito da crueldade, ou humanidade com que tratão os escravos na viagem d'Africa para a America; e he desta que Mr. Wilberforce falla em seu discurso de 10 de Julho proximo na Camara dos Communs. De quem receberia pois Mr. Wilberforce taes informações? Provavelmente tem sido dos mesmos Commandantes Inglezes que insultando a Bandeira do mais fiel, mais antigo, e mais generoso Alliado de Inglaterra, o Principe Regente de Portugal; zombando da fé dos Tratados com tanta impudencia como o tyranno da Europa tem feito; estão deshonrando a Bandeira, a Nação, e o Governo Britanico! Se he destes que Mr. Wilberforce recebeo taes informações, devia lembrar-se, que sendo partes interessadas, a razão, e a justiça pedem, que o seu testemunho não seja acreditado: a razão, e injustiça pedem, que antes de pronunciar perante a Camara proposições, que offendem os vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, e o mesmo Soberano; se informasse escrupulosamente, e tivesse presentes provas incontestaveis, (que de certo não tem) para lhe não acontecer o que succedeo a Lord Castlereagh com May e Alewin, cujo character refalsado, intrigante, e turbulento mostramos em o nosso antecedente No.

Sem defendermos o comportamento dos capitaes dos navios empregados no detestavel trafico de escravatura, trafico todavia absolutamente indispensavel, e necessario por alguns annos; devemos lembrar a Mr. Wilberforce, que, (dada a imperioza necessidade deste abominavel negocio) não he possivel a todos os Capitaens de navios tratar os escravos com igual benevolencia, e humanidade: por quanto há huns que são de genio brando, e de condicão humilde; e outros de hum character respido, altanado e violento. Os escravos do reino de Angola entraão na primeira classe; os

da Costa da Mina em a segunda. Se os capitaens tratassem estes tam bem como aquelles, expor-se hiaõ a hum levantamento de que os brancos seriaõ victimas. He pois mui possivel, ate mesmo mui provavel, que a quillo, que á primeira vista parece crueldade, seja imperioza necessidade.

Mr. Wilberforce diz que he ja tempo de que a Camara *examine* se o Principe Regente de Portugal tem dado algumas providencias para fazer executar os empenhos, que tinha contrahido com o Governo, &c.

S. A. R. prometteo cooperar com S. M. Britanica para a *gradual* abolição do commercio de escravatura: o tempo, e os meios ficáraõ, como deviaõ ficar, á disposição, e escolha, sabedoria, e prudencia de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor: e o Governo Inglez, que na longa serie de quasi 200 annos tem tido constantissimas provas da fidelidade do Governo Portuguez, e da sua promptidaõ no cumprimento dos tratados, (fidelidade e promptidaõ em que mais de humavez não tem achado correspondencia da parte do Governo Britanico), sabe que S. A. R. o Principe Regente de Portugal he incapaz de faltar ao que humavez prometteo: mas S. A. R. o Principe Regente de Portugal, conhece o que deve á Si, e á Dignidade do seu Throno para consentir que o Governo Inglez, ou outro qualquer, se intrometta na administração, e governo interno de seos Estados: Elle conhece que não tem obrigação de expor, nem deve dar parte, dos meios que em Sua Sabedoria acha, ou para o futuro achar mais proprios para cooperar com S. M. Britanica na grande obra da abolição da escravatura: basta que *coopere*; o tempo, e os meios ficáraõ, como deviaõ ficar, á sua disposição, e escolha, á sua sabedoria, e prudencia.

E pois que Mr. Wilberforce propoem que a Camara *examine* se S. A. R. o Principe Regente de Portugal tem cumprido o Artigo X. do Tratado de Amizade, e Alliança com a Inglaterra; nós propomos, e Supplicamos a S. A. R. o Principe Pegente Nosso Senhor que mande examinar se o Governo Inglez tem cumprido o tratado de Commercio, no pouco, pouquissimo, em que elle he favoravel aos Portuguezes: e desde ja podemos asseverar com mais verdade e mais conhecimento de cauza, do que

Mr. Wilberforce o fez na sua memoravel falla de 10 de Julho,—que este tratado não tem sido executado por parte do Governo Inglez em hum só artigo—; e que tal tem sido tambem a sorte do tratado de Amizade, e Alliança: porque, estipulando-se no artigo X. que os vassallos Portuguezes poderiaõ continuar livremente a comprar, e negociar em escravos nos Dominios Africanos da coroa de Portugal; os commandantes dos navios de guerra, e Corsarios Britanicos, arrastados por hum espirito do mais vil, e criminozo interesse particular, tem detido, e aprizionado debaixo de pretextos ou os mais falsos, ou os mais frivolos, os navios Portuguezes que, sobre a fé, e segurança dos tratados, e do seu Direito Natural, cultivaõ a navegação, e commercio da Costa d'Africa, como tem feito aos navios Portuguezes Eneas, Resolução, Restaurador, Feliz Dia, Providente, e muitos outros.

Desde ja podemos asseverar com mais verdade, e com mais conhecimento de cauza, do que Mr. Wilberforce o fez na sua memoravel falla de 10 de Julho —que a cobiça, arbitrariedade, despotismo, e violencia dos officiaes da Marinha Ingleza tem chegado a tal ponto de impudencia que ja despiraõ a mascara, e proclamáraõ *por factos a gritos de huma philantropia suspeita, que se trata de annihilar por huma vez o Commercio Portuguez sobre a Costa da Africa, a despeito das sançoens as mais solemnes dos tratados os mais expressos, e das convençoens as mais sagradas. Recorreraõ ao derradeiro meio, porque ja lhes faltavaõ os outros, e pronunciaraõ por obras no excesso da sua cobiça, que seja qual for o porto, sejaõ quaes forem as circumstancias, sejaõ quaes forem os motivos, os Navios Portuguezes não devem traficar em escravos na Costa d'Africa.*

Desde ja podemos asseverar com mais verdade, e com mais conhecimento de cauza, do que Mr. Wilberforce o fez na sua memoravel falla de 10 de Julho, que não são os Portuguezes, que não he o Governo Portuguez, que falta aos Tratados: são os vassallos Britanicos, que tem levado os seus insultos, e inauditos ultrajes a tal ponto que ate ja nem escapaõ á sua desesperada sede de prezas os *Navios Portuguezes estacionados em Ajuda ahi fondeados á sombra da Fortaleza Nacional, protegidos pelos mais sagrados Direitos, que apenas podem ser contrastados n'hum estado de viva*

guerra, cobertos com o *Estandarte Real* do Seu Soberano, empenhando oficialmente Seu Augusto Nome para repellir a aggressão, mostrando ao mesmo tempo a maior boa fé, a maior lealdade, e confiança, e na mesma occasião em que podiaõ tambem empregar sua força para affrontarem a força, e talvez para uzarem de reprezalias: e em recompensa de offerecerem á *Marinha Inglesa* a *Aguada* de que havia mister, e de lhe entregarem seos passaportes, com a maior promptidaõ, e sinceridade; cahem nas maõs dos seos Amigos, como se cahissem no poder de invazores, que pouco confiados em suas forças as ampliaõ pela surpresa, e pela simulação; e destes Navios huns saõ tomados, e hostil, e barbaramente levados a *Serra Leoa*; e outros obrigados a sahirem precipitadamente do Porto; e a largarem por maõ suas *Negociaçoens*, fazendo-se na volta acceleradamente para escaparem a outra, e ja promettida invazaõ.

Desde ja podemos asseverar com mais verdade, e com mais conhecimento de cauza do que Mr. Wilberforce o fez na sua memoravel falla de 10 de Julho, que naõ saõ os vassallos Portuguezes, que naõ he o Governo Portuguez, que falta aos *Tratados* contrahidos precipitada e extemporaneamente com o Governo Ingles; mas que saõ os vassallos Britanicos que diariamente requintaõ em transgressoens, e insultos, chegando a sua impudencia a tal ponto, que ate ja tomaõ os Navios Portuguezes debaixo da mera suspeita de que ou foraõ, ou estaõ para ir á *Costa da Africa*! He desta arte que elles tomaraõ ha pouco o Navio Portuguez *Santa Anna Aguiã*, o qual ia do *Maranhão* para *Canarias*! He desta arte que elles podem tomar todos os nossos navios; visto que para o fazer huma simples, e arbitraria hypothese lhes basta! He desta arte que elles podem dar cabo da *Marinha mercante* Portugueza, em pouco tempo: he desta arte, que elles estaõ dando armas poderozas aos seos inimigos, que, á vista de taõ ultrajante deprezo dos tratados, naõ se esqueceraõ de invectivar contra o Governo Ingles, e á vista de tantos ultrages, naõ faltara quem os acredite. Tem sido nosso plano constante aconselhar aos nossos Compatriotas a mais cordial uniaõ, a mais perfeita harmonia entre as duas Naçoens Portugueza, e Britanica; porque nella se interessaõ ambas: porque a

huma tal uniaõ, e harmonia não sabe ; não pode resistir Bonaparte : mas nos vemos com a mais profunda magoa, com a mais viva dor, que não he possivel que esta uniaõ, e harmonia continue por mais tempo, se por mais tempo o Governo Inglez tolerar procedimentos tão arbitrarios, e offensivos, que tanto insultaõ o Pavilhão Portuguez, quanto deshonraõ a Marinha, o Governo, e a Nação Ingleza ; essa Marinha cujos fastos gloriosos não tem iguaes no Mundo ; esse Governo que, não podendo perder de vista a constituição (fructo sazonado da sabedoria, e da experiencia), não pode deixar de ser vigilante, fomentador e justo ; essa Nação, que, seria contradictoria com sigo mesma, e incoherente, se, estando a combater ha vinte annos, a arbitrariedade, o despotismo, e a tyrania consentisse por mais tempo, que os officiaes da sua Marinha perpetrassem impunemente actos os mais arbitrarios, os mais despoticos, e os mais tyrannicos, contra os vassallos do mais antigo, do mais fiel, e do mais generoso Alliado da Inglaterra, o Principe Regente de Portugal, que, para ser independente dos Inglezes, e de todas as Naçoens do mundo, basta tomar a resolução de o ser !!

“ Quando me lembro, disse Mr. Wilberforce, que Portugal he o mais antigo alliado da Gram-Bretanha, persuado-me que o Soberano daquelle Reino estara convencido da vantagem que tira desta alliança.”

O Soberano de Portugal esta convencido que tira vantagens da sua alliança com a Gram-Bretanha ; mas elle esta mais convencido ainda, que são maiores, incomparavelmente maiores as vantagens, e os interesses, que a Gram-Bretanha tem sempre tirado, e actualmente está tirando da sua alliança com Portugal. Não ha em toda a Europa hum so homem, que saiba ler, que duvide desta verdade : nos ja n'outro lugar do nosso Jornal a demonstramos ; e não nos faltará brevemente occasião de fallar extensamente sobre este objecto.

“ Ao mesmo tempo porem, continua Mr. Wilberforce, não posso supportar a idea que a Gram-Bretanha, em quanto esta auxiliando aquelle Paiz, ella possa tolerar a continuacão de hum trafico, que ultraja a humanidade.”

Que indigna linguagem esta! Já dissemos e já o provamos, que a Inglaterra lucra mais na alliança de Portugal, do que Portugal interessa na alliança com a Inglaterra. Se Portugal interessa no auxilio da Gram-Bretanha, a Gram-Bretanha lucra muito mais no auxilio que da a Portugal. Lucra muito mais, incomparavelmente mais neste auxilio: porque; se o não desse, Portugal não podia organizar, e manter o brilhante exercito que tem; sem o exercito Portuguez, sem a honra, fidelidade, paciencia, e valor Portuguez, nunca o exercito Britanico se poderia sustentar, e manter em Portugal, bem como se não pôde manter na Hollanda, e em parte alguma da Europa desde a revolução Franceza ate 1809; nem mesmo na Hespanha! Diga-o o exercito do intrepido, e desgraçado John Moore sacrificado pelos Hespanhoes, ou seu Governo; diga-o o maior General da nossa idade, o Grande Wellington, na batalha de Talavera! Sem o valorozo exercito Portuguez, sem a fidelidade, e honra Portugueza, nunca teriaõ existido os gloriozos dias do Bussaco, de Albuera, de Fuentes de Honor, de Cidade de Rodrigo, de Badajoz, e de Salamanca: sem estes gloriozos dias não existiria o outro inda mais gloriozo—o de Vitoria! Sem estes dias de gloria nunca a Hespanha sacodiria o jugo de ferro que a opprimia, em quanto o Corso exacravel vivesse e mandasse: porque nos o repetimos, sem a heroica resolução que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, tomou de partir para a America; sem a resolução que os Portuguezes, tomaraõ de não ser escravos; sem o seu valor, e constancia; sem o seu patriotismo, e fidelidade nenhum daquelles dias de gloria teria existido; e sem elles, sem a victoriosa resistencia de Portugal, toda a Alemanha, Prussia, e Russia, continuariaõ a jazer n'hum lethargo, que tinha as feçoens da morte: não insurgiriaõ; não haveria a glorioza campanha da Russia em 1812; não se despertaria a Prussia; não acordaria toda a Alemanha; não haveria em o Norte a Campanha de 1813: o tyranno continuaria a mandar numerozas legioens de Vandalos para a Hespanha; e a brioza, a valente Nação Hespanhola não podendo desenvolver sua força, por culpa do seu Governo, continuaria a gemer

debaixo da tyrannia Corsica. A victorioza resistencia pois dos Portuguezes, os gloriosos dias de Bussaco, de Albuera, de Fuentes de Honor, de Salamanca; os heroicos feitos da tomada de Cidade Rodrigo, e Badajoz por assalto produzirão as Campanhas do Norte: estas não só inhabilitarão o tyranno para mandar mais forças a Hespanha, mas o forçaráo a tirar da Hespanha forças consideraveis, e os melhores Generaes: tudo isto habilitou o Grande Lord para avançar; tudo isto preparou a memoranda victoria de Vitoria, e a marcha triumphal do exercito alliado desde Frenada ate o Bidasoa!!! Tudo isto vai produzir a plena liberdade da Peninsula!!! Tudo isto vai produzir a liberdade da Europa!!! Tudo isto abriu ja ao Commercio Inglez todos os portos de Portugal, Hespanha, Suecia, Prussia, e Russia; e com hum probabilidade mui proxima á certeza, os portos da oppressa Italia, e do Adriatico!!! Taes são os rezultados do auxilio que a Inglaterra tem prestado a Portugal!!! Em consequencia destes rezultados, a Inglaterra tem lucrado, sem replica MIL, por HUM que tem dado!!! Rigorosamente pois a Inglaterra não tem auxiliado Portugal, e Hespanha; tem-se auxiliado a si mesma; não só pelo lado dos seus interesses Commerciaes, que estavam quazi anniquillados; mas porque dando alento ao seu commercio se livrou de hum revolução interna, de que o destro, e vigilante Despota saberia aproveitar-se, e que elle saberia promover, principalmente tendo, como desgraçamente tem, na Inglaterra hum grande numero de admiradores, quando ja não tem no resto da Europa senão quem o deteste!!!

He pois indigno que Mr. Wilberforce falle no auxilio que a Gram-Bretanha está dando a Portugal: Mr. Wilberforce, e a Nação Ingleza devem agradecer ao Ceo o te-lo Portugal aceito, e o ter feito delle o uzo que tem feito. Os Hespanhoes tem feito conhecer, melhor do que nos, esta verdade ao Governo Inglez: e dahi vem o respeito que elle tem pela Nação Hespanhola, e o pouco, ou nenhum que os Inglezes tem por nos, e pelos Tratados existentes entre Portugal e Inglaterra, como fica incontestavelmente provado neste, e noutros Nos. do nosso Jornal.

Mas dado, e não concedido, que o auxilio prestado pela Inglaterra a Portugal fosse privativamente em

proveito deste: podia isso authorizar Mr. Wilberforce a dizer que não pode supportar a *idea de que a Gram-Bretanha, em quanto está auxiliando aquelle Paiz, ella possa tolerar a continuação de hum trafico, que ultraja a humanidade?* Pois que? não hade a Gram-Bretanha tolerar a execução de Tratados solemnes contrahidos entre ella, e Portugal, apezar mesmo de serem todos em desvantagem, e quasi em pura perda nossa? Não declarou S. A. R. no Artigo X. do Tratado de Amizade, e Alliança que reservava para os seus proprios vassallos o direito de comprar, e negociar em escravos nos Dominios Africanos da Coroa de Portugal? Não declarou neste mesmo Artigo, que as estipulaçoens nelle estabelecidas não serão consideradas como invalidando, ou affectando de modo algum os Direitos da Coroa de Portugal aos Territorios de Cabinda, e Molembo....nem como limitando, ou restringindo o Commercio de Ajudá, e outros Portos de Africa, situados sobre a Costa communmente chamada na lingua Portugueza—Costa da Mina? Não foi este mesmo Tratado ratificado por S. M. Britanica? Com que direito pois hade a Inglaterra estorvar o Commercio da escravatura nos Diminios Portuguezes? Que direito tem ella a intrometter-se em os negocios internos, nas medidas, e administração economica dos Estados de S. A. R. o Principe Regente de Portugal? O Commercio de escravatura ultraja a Humanidade! Porque razão pois os Inglezes não poem em plena liberdade esses mesmos escravos que injusta, e despoticamente nos tem tomado? O commercio da escravatura ultraja a Humanidade! Porque razão pois não voltaõ os Inglezes as suas forças contra as Potencias Barbarescas, que negocião em escravatura branca, e preta? Ignoraõ elles quanto custou a Portugal, ha bem pouco tempo, o resgate de 300 ou 400 dos seus filhos que eraõ escravos em Argel? Porque não vão mudar a legislação, uzos, costumes, e governo interno daquellas fracas Potencias, que tanto ultrajaõ a Humanidade? Não nos illudamos: o commercio da escravatura branca, e preta, feito pelos Estados Barbarescos não ultraja a Humanidade, porque elle convem aos interesses dos Inglezes: o Commercio da escravatura preta, feito nos Estados de S. A. R. o Principe

Regente de Portugal ultraja a Humanidade, porque não convem aos Inglezes, e he util aos Estados de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor : não nos faltará occasião de o demonstrar.

“ Quando reflecto, diz Mr. Wilberforce, que he a
“ Gram Bretanha quem *protege os navios* empregados
“ naquelle desgraçado commercio, julgo que devemos
“ responder a Deos, e aos homens da culpa de hum
“ trafico, que está em nosso poder reprimir *pela*
“ *força.*”

Se *proteger* os nossos navios he toma-los injusta, e despoticamente, como temos demonstrado mais de humavez ; os Portuguezes detestão tal protecção : assim a tinham elles dos Francezes ; e para não continuarem a ser *protegidos* he que se levantáráo, e estão derramando o seu sangue no campo da honra.

Os Inglezes não tem de responder a Deos, e aos homens, por não terem reprimido o commercio da escravatura por meio *da força* : tem, pelo contrario, de responder aos homens, e a Deos por terem interrompido este trafico contra o estipulado n'hum Tratado solemne : tem de responder a Deos, e aos homens, pela ruina de muitas cazas de commercio, pela falta de braços para os differentes ramos da agricultura ; pela diminuição das rendas do Estado do Brazil ; pelo odio que taes procedimentos arbitrarios, e despoticos tem excitado em todos os verdadeiros Portuguezes ; odio que teria ja tido consequencias mui tristes, se os verdadeiros Portuguezes não estivessem ainda esperançados na justiça do Governo Inglez, que não pode deixar de indemnizar os vassallos Portuguezes, e de dar a mais prompta, e completa satisfação a S. A. R. o Principe Regente de Portugal, punindo exemplarmente os commandantes dos navios de Guerra Inglezes, que tem insultado o Pavilhão Portuguez, e deshonrado a Marinha, o Governo, e a Nação Ingleza, pelos seos procedimentos arbitrarios, injustos, e tyrannicos.

A *força* que Mr. Wilberforce recommenda, he melhor que se empregue contra os Americanos dos Estados Unidos, e contra os que faltao á fé dos tratados, ao Direito das Gentes, e aos deveres da amizade ; a fim de que Sua Alteza Real o Principe Regente de

Portugal se não veja obrigado a uzar também do direito da força, e retaliação. *Quod Deus avertat.*

TRADUCCAO

No metro original dos versos Latinos, que publicamos em o No. precedente, compostos por hum Inglez, por motivo da heroica resolução, que Sua Alteza Real o Principe Regente, Nosso Senhor, tomou de abandonar os seos Estados na Europa, para se não sujeitar ao Uzurpador do throno dos Bourboens; resolução que pela sua grandeza, sublimidade, e gloriosas consequencias, apresenta hum dos mais dignos, e magestosos assumptos da poesia.

Eis ! a Liberdade as plagas da Europa deserta,
Reinos e reinantes de antigo lustre cedem.
Ja de toda a parte o Gallo peleja troando,
E tropheos conta Napoleão suberbo.
Mas invicta resta em vagas Britania tantas
E d'entre as ondas placida frente eleva.
Do Corso zomba, nunca submissa a tyranos,
Nem suas tramas, seos batalhoens recea.
Em tanto com rogos quero huricremas aras
Mover ; e os tristes sons da Romana lyra.
Que vezes, ay ! gemi dos tristes á mizera sorte
Que d'impias armas jugo oppressor vexava !
Que vezes ao Ceo da guerra, dos males o termo
Pedi trememente com fervoroso rogo !
Ay ! quantas dezejei, que da liberdade gozassem
Antiga os povos em perenal socego !
Mas ja se melhora a sorte : no entanto que versos
Traço, ledó agouro vem alvoroço dar me.
Em quanto no tumulto noto das civicas ondas
De Reis, de chefes degenerada turba,
Por ver se ha na fé seguro, com firme coragem
Quem salvar ouze o colo do torpe jugo ;
Mover-me vem ledó agouro no molle remanço,
Pierios choros, onde acalento males.

De tantos reis timidos hum so heroe se apresenta,
Que a fé da patria não violar quizesse.
Por isso de Bragança o chefe de louros eternos,
Vencendo o exilio, cinge a coroa digna.
Grilhoens regeitando altivo do Despota Corso,
Príncipe magnanimo, deixa o terreno Luzo.
Do claro avô deixa a herança, não deixa o character
Digna prole sua, cruza do mar a róta.
Do anno, e do sol a meta glorioso passando
Do imperio sede, toca na praia nobre.
Profugo da patria os climas Brazilicos entra
E o Luzo nome fixa, e morada Luza.
Onde vai bem, he a patria ; a maxima ditta
Se goza, aonde juz se reputa sacro.

Os versos, que damos aqui traduzidos do Latim no mesmo metro do original, como prometemos, bem que não tenham a sua elegancia, mostram pelo menos, como ja dissemos, a coincidencia da lingua Portugueza com a Latina, e Grega, ou antes a sua susceptibilidade de metrificar-se a exemplo daquellas duas linguas: susceptibilidade, que nenhuma das modernas pode jactar-se de possuir, se exceptuamos a dos nossos vizinhos Hespanhoes. Como nos fomos os primeiros que introduzimos o metro Grego, e Latino em o Portuguez, precisamos dar aos nossos leitores algumas ideas sobre os principios que seguimos na sua adopção. Ainda que não podemos tractar este objecto actualmente com a extensão, que elle requer, esperamos com tudo elucida-lo, em os elementos de huma Gramatica Philozophica, que temos em vista publicar. Por ora nos limitamos ás seguintes observações.

A belleza, e harmonia das linguas avalia-se melhor pelas suas composições poeticas, do que prosaicas; de maneira que o metro essencial á poezia, exprime, ao nosso modo de sentir, a muzica da linguagem. Não he preciso hum profundo conhecimento da lingua Grega e Latina, para reconhecer na sua poesia hum metro se não quizerem mais euphonico, pelo menos diverso do que se conhece nas linguas modernas. Por que razão pois não seguirão nestas os poetas que tem escripto, a metificação daquellas duas antigas,

as melhores sem duvida, que os homens tem fallado ? A razão parece-nos obvia. Com a queda dos dous imperios Grego, e Romano, se corromperão as duas linguas ; e as que hoje d'ellas se derivão, devem considerar-se mais como corruptella, do que perfeita lingua mae, ou original. Assim o Francez, o Italiano, o Hespanhol, e o Portuguez são destroços mais ou menos alterados da lingua Latina. Dezorganizada esta ultima ou por assim dizer decomposta naquelles seos quatro principaes dialectos, somio-se, como devia acontecer o prototypo muzical, que a caracterizava na sua integridade, o seu metro privativo ; e as linguas suas filhas, se acharão sem elle reduzidas ao estado de infancia, ou barbaridade. A poesia, como nos aponta a historia, segue a sorte da lingoagem. Na infancia das naçoens, ella he rude, inculta como ellas. Distingue-se-lhe apenas metro ; he conhecida por certas toadas uniformes, e monotonas, que chamamos consoantes ; assim os poetas de todas as naçoens começarão por cantigas ou trovas rimadas, de que se não izentaraõ os mesmos Gregos e Romanos. A' medida porem que as linguas se civilizaõ perdem esse ressaibo de barbaridade, a poesia de consoantes. Nos antevemos a indisposiçao que este doctrina deve cauzar nos apaixonados que ainda existem da rima ; mas consolamo-nos em observar-lhes ; que os maiores poetas modernos nao escrevem em consoantes, graças ao progresso da illuminaçãõ, e do gosto. Entre os nossos que ultimamente se tem mais distinguido, não achamos esse phrenezi pelos consoantes ; e com prazer vemos as melhores peças da poesia Portugueza moderna despojadas deste insipido atavio. Ja os nossos antigos tinhaõ dado o exemplo de versos soltos como Ferreira e Corte Real ; mas foi o immortal Garçaõ que melhorou muito a endecasillabo Portuguez ; privando-o, segundo a sua mesma phraze :—

Do sonoro zum zum dos consoantes.

A sua immortal cantata de Dido, as Odes do insigne Francisco Manuel, e o poema Hyssope do famoso Denis, bastaõ para provar a excelleneia comparativa do verso solto sobre o rimado. Em materias de gosto não questionamos ; mas tornamos á repetir aos ri-

madores, e seos apaixonados, que temos por nos os melhores poetas; e isto nos satisfaz. Embora chamem elles dureza o que se não monotoniza nos seos ouvidos; a nossa alma occupa-se mais das impressoens que não paraõ naquelle orgao.

Voltemos para o nosso ponto principal. Considerando os hexametros, como o mais perfeito dos metros, e o mais adequado para assumptos graves e magestosos; e por isso superior ao endecasillabo moderno como a seu tempo mostraremos, tentamos dar na lingua Portugueza hum Ensaio daquella metreficacão—e compozemos para esse fim o Incendio de Moskow. Quando der-mos aos nossos leitores a analyse, e correcçoens deste poema; faremos ver os exemplos de que nos servimos para a construcção dos pez dactylos, e spondeos dos hexametros; prevenindo-os ja, que não podemos seguir estrictamente as regras da syllaba Latina; reconhecendo que o Portuguez, posto seja o filho ou parente mais chegado do Latim, não he com tudo Latim, que ja não existe; he huma lingua viva, e tem por consequente analogias gramaticaes com as linguas vivas. He nestas analogias, e no que elle conserva inalteravel do Latim, que deve fundar-se a syllaba Portugueza, quando se tractar de hum metro aperfeiçoado, e regular.

Apontaremos de passagem duas regras fundamentaes, que nos parece ter o Portuguez herdado do Latim; e he que todo o diphtongo he sempre longo, o que não acontece em outras Linguas, em que ás vezes he breve, como no Inglez, e Alemão; e a outra he que a vogal antes de duas consoantes he tambem longa nas duas Linguas, com a differença que no Portuguez pode ser breve, quando huma das consoantes for liquida; e so neste cazo, seguindo nisto a analogia de algumas linguas vivas. Illustrando estes principios com algum exemplo, diremos; que este adonio—*sacra ver-dadē*—consta de hum dactylo Portuguez, posto que não admittido no Latim—*sā—crā—vēr—dādē*—sendo *vēr* breve como se ve por ser r huma liquida. Por esta regra, que achamos comprovada com exemplos de outras linguas vivas, em que se tem feito adonios, concluimos que alguns adonios Portuguezes, de poetas modernos, e mesmo de Garção, o primeiro que os in-

troduzio nas suas odes saphicas são errados, como por exemplo o adonio—*tristes memorias*—Para fazer-mos sentir esta differença—supponhamos hum adonio o seguinte—*timidas tropas* errado quanto a nos, pelo principio estabelecido—substituamos á palavra *tropas* a palavra *hostes*, que principia por vogal, pois que o h não soa, e teremos—*timidas hostes*—perfeito adonio; ou menos tal soa em o nosso ouvido;—e cremos que todo, e qualquer percebera a differença que ha na pronuncia de—*timidas tropas*, ou *timidas hostes*; mesmo no singular—*timida tropa*—ficará verso certo, pois neste cazo destruímos o s que faz longa a syllaba *das*. O mesmo notaremos, se disser-mos—*rapidas ondas*—ou *rapidas vagas*—ficando este ultimo errado, como he facil de perceber pela differença do som que faz no ouvido; se elle não he inteiramente dezentoadado—o que he conforme á regra estabelecida. A respeito dos *spondeos*, achamos, que todas as palavras dissyllabas Portuguezas com o accento na primeira, podem ser *spondeos* sendo communs por sua natureza. Diremos no seu lugar, o que entendemos por syllaba commun. Agora so nos resta observar que sendo os hexametros compostos de seis pés, dos quaes o penultimo deve ser *dactylo*, e o ultimo *spondeo*; e os quatro antecedentes *dactylos* ou *spondeos*, ou promiscuamente; as harmonias deste metro devem variar segundo a natureza dos pez, e differente numero de syllabas, que elle pode incluir; do que rezulta huma infinidade de cadencias agradaveis; muito principalmente para aquelles que conhecem o dito metro Latino; ou Grego, entretanto, que no verso endecasyllabo moderno, ha constantemente a monotonia de onze syllabas; e apenas tres diversas inflexoens, pela collocação do accento na quarta, quinta, ou sexta syllaba; variaçoens, a que os poetas em geral pouco attendem, contendando-se de encher aquelle designado numero de syllabas.

Naõ pertendemos com isto dezacreditar o verso endecasyllabo; elle tem bellezas, que lhe são proprias, e he preferivel em muitos assumptos; mas para a epopea, e objectos magestosos, cremos que os hexametros são mais adequados. Se a Iliada, e a Eneiada fossem compostas em versos saphicos, que correspondem ao nosso

endecasyllabo, teriaõ por ventura a mesma belleza metrica, e euphonia que tanto destinguem aquelles dous modellos de heroica poesia? Quanto não tem elles perdido na sua traducção para as lingoas modernas, por escassez de metro? E quanto lhe não tem restituído os poetas Alemaens, imitando o seu metro primitivo? Que prodigio pois não apresentou Voss a Europa moderna, mostrando-lhe o pai da poesia Grega, e o dos poetas, vestido com os seus ricos habitos originaes? Mas nem todas as lingoas tem as harmonias da Grega e Latina; e he singular que as duas modernas notoriamente as mais cultivadas, são inteiramente excluidas deste numero, a Franceza, e a Ingleza; pois que huma pelo genio abreviador, e outra alongador das suas syllabas, não podem com facilidade metreficar-se com a elegancia hexametrica, por mais tentativas que se tenhaõ feito sobre isso. O que não acontece com a nossa Portuguêza, que a este respeito nos parece muito superior a Allemam; a unica moderna que apresenta a metreficacão caracteristica de Homero, e de Virgilio. Não cessaremos por tanto de recomendar aos poetas Portuguezes a adopção dos hexametros taõ faceis na sua lingua, e taõ imitativos dos Latinos, e Gregos; do que temos dado algumas amostras. Em todo o genero de gloria nacional, pode a nação Portuguesa destinguir-se. Ella tem mostrado ao mundo que tem creado heroes, capazes de manejar a massa de Hercules, de imitar a rapidez e valor d'Achilles; mostre tambem que fecunda genios capazes de embo-car a mesma tuba, que celebrou da maneira a mais sonora o heroismo de Grecia e Roma; não superior de certo ao heroismo Portuguez.

Os seguintes versos, que nos parecem dignos de noticia, em Literatura Portuguesa, devem ter lugar nas paginas do nosso Journal. Elles são do Senhor Antonio Rangel de Quadros.

SONETO.

Cahio Memphis soberba, e Tyro altiva
Babilonia cahio, cahio Carthago

Troia em chamas ardeo, soffreo o estrago
 Da furia pertinax da mão Argiva
 Babilonia acabou; sorveo captiva
 Thebas a de cem portas, mortal trago.
 Athenas se finou: no Stygio lago
 Submersas todas são, nenhuma he viva.
 Sezostris, Alexandre, Alcides fero
 Todos jazem no po; Dario ufano
 E o filho de Peleo, o heroe de Homero.
 Passou do throno ao reino de Summano
 Julio Cezar feroz, sumio-se Nero.
 Resta cahir Pariz, e o seu tyrano.

SONETO.

Se este abraço durara eternamente
 Em extazes de amor sempre engolphado;
 Que maior dita me guardara o Fado
 Phantasma de hum futuro contingente?
 No excesso do prazer, no bem presente
 Hes o ponto central do meu cuidado;
 Em ti, bella Marillia, tem fixado
 O carinhoso amor todo o meu ente.

Quando contigo estou, eu *sondo o eterno*,
 No bem que gozo; e não te vendo, amada,
 No mal que soffro, em meu tormento interno.

Com tigo tudo he Ceo, Nympha adorada,
 Separado de ti, he tudo inferno,
 Inferno? . . . disse pouco, ou disse nado.

EPIGRAMA.

Massena por que razão
 Correo, e ficou parado
 As bordas do Tejo doce?
 Porque por baixo he salgado.

SCIENCIAS.

RELATORIO

A cerca do Estabelecimento Nacional da Vaccina, apresentado ao Muito Honrado Visconde Sidmouth, Principal Secretario de Estado dos Negocios do Interior.

Leicester-Square, 22 de Abril de 1813.

MY LORD,

A Junta do Estabelecimento Nacional da Vaccina tem a honra de informar a V. S.; que durante o anno de 1812, os Cirurgioens nomeados por sua authoridade para os nove districtos em Londres, vaccináraõ 4,521 pessoas, e distribuíraõ 23,219 encomendas do fluido vaccinico para o publico. O numero das pessoas vaccinadas neste anno excede o de 1811 em 1,373; e as encommendas do fluido vaccinico tem sido tantas, que difficultosamente se tem podido apromptar. A Junta teve razão de pensar o anno passado, que perto de dois terços das crianças nascidas na capital foraõ vaccinados pelas Instituições caritativas, ou praticos particulares. Actualmente ha razão para crer, que tres quartos do numero destes recém nascidos são submettidos a esta saudavel operação. Mas ainda que os prejuizos contra a Vaccina, que tem sido artificiozamente animados por homens ignorantes, e interessados, pareçaõ geralmente diminuir na Capital, bem como n'outras partes dos dominios Britannicos; com tudo he com magoa que a Junta tem de noticiar o augmento de mortandade causado pelas bexigas, no ultimo anno, nesta Cidade, que subio a 1,287.

Antes da descoberta da Vaccina o numero medio de mortos pelas bexigas, segundo as listas de obitos, era

de 2,000 ; e posto que nos ultimos dez annos a população desta grande Cidade augmentou a mais 133,139 pessoas ; com tudo, em 1811, pelo beneficio da vaccina, a mortandade se reduzio a 751. Nós temos razão de attribuir o augmento de mortandade, no anno passado, á temeraria, e inconsiderada maneira com que muita gente se inocula ainda com a materia das bexigas, tendo de apresentar-se depois duas, ou tres vezes por semana, no sitio da inoculação, em todos os estados da molestia.

Esta pratica da inoculação, e da communicação promiscua dos doentes com a sociedade, he o grande meio pelo qual as bexigas ainda existem, e sua infecção se propaga a pessoas, e lugares, em que de outra sorte, nunca seria vista. Esta não he somente a opiniaõ desta Junta, fundada na observação ; mas he hum facto confirmado pelas communicações que lhe tem feito as melhores authoridades, e por pessoas as mais livres de prejuizos.

O respeitavel collegio dos Cirurgioens de Dublin assegura que a pratica da inoculação (das bexigas) não só subministra huma constante origem de infecção ; mas tambem impede a extincção da molestia por hum curto intervallo somente.

A populosa Cidade de Norwich nunca esteve izenta della ate á descoberta da Vaccina ; mas desde entaõ ella tem experimentado occasionaes remissoens de seos estragos—Em 1807, depois de esta molestia ter dalli desaparecido, por algum tempo, foi levada á esta cidade por hum vadio de Londres, o qual communicou o contagio antes que os Magistrados o soubessem, ou antes que se podesse pôr em pratica o saudavel conselho dos facultativos de encerrar aquella pessoa em hum lugar, onde estivesse separado de toda a communicação com os habitantes. De 1,200 que foraõ infectados, morrerãõ 203. Naquella epoca, isto he, em 1807, ainda os prejuizos contra a Vaccina estavam em força. Porem em 1812, quando aquella Cidade foi ameaçada de semelhante flagello, por terem apparecido bexigas nas suas vizinhanças, os Magistrados, os Facultativos, e o clero concorrerãõ todos a recomendar a Vaccinação. Desde 10 de Agosto ate 22 de Outubro seguinte, 1316 pessoas foraõ Vaccina-

das. O resultado foi, que ainda hum sujeito, cujo filho os Facultativos não quizerão inocular, procurou a materia das bexigas, com que elle mesmo inoculou seu filho, e desta fonte viesse a infecção a sete pessoas; com tudo nem huma só vida se perdeu.

Este resultado, tão differente dos acontecimentos de 1807, não pode deixar de fazer impressão em todos os espiritos capazes de convicção; quando se não praticou a vaccinação 1200 pessoas foraõ atacadas de bexigas, de que morrerão 203: quando promptamente se recorreo á vaccinação, não houve huma só victima desta molestia.

Mas não he somente entre nos que se podem aprender liçoens, que tanto acreditaõ esta nova arte. A Junta tem abundantes communicações de todas as partes do mundo, que mostraõ igualmente a sua vantagem. Referir circunstanciadamente todos os testemunhos, que a Junta tem recebido, da sua efficacia não só para prevenir as bexigas, como tambem o poder de supprimir os seus estragos em circunstancias as mais desfavoraveis, e ameaçadoras, seria dar a este Relatorio huma extensão impropria, e desusada. A Junta contentar-se-ha somente com mencionar algumas particularidades, que, segundo ella espera, recommendaraõ a vaccina ão favor, e confiança de seus compatriotas, e ao fomentador cuidado do Governo.

No Continente da India a vaccinação tem sido saudada, e acolhida, como a maior benção, e praticada com o maior, e mais feliz successo e da maneira mais extensa.

Nas ilhas de Ceylão, e de Bourbon ella foi recebida de huma maneira igualmente favoravel, e praticada com hum effeito igualmente benefico. Na ilha de Ceylão, desde a sua primeira introducção alli, tem-se vaccinado mais de 200,000 pessoas, 30,491 das quaes o foraõ so no anno de 1811, como se vê pela conta junta de Mr. Anderson, Superintendente Geral, o qual, no grande numero de cazos que prezenciou, vio somente hum em que a vaccina falhou em prevenir as bexigas, (e as circunstancias deste cazo unicoo fazem mui duvidozo.)

No Cabo da Boa Esperança as bexigas eraõ tão temidas como a mesma peste; e depois da introducção

da vaccina, se tem tornado menos destructivas da vida humana. Lord Caledon, Ex-Governador, estabeleceo alli huma Instituição Vaccinica, que foi promptamente posta em actividade por seu successor Sir J. Cradock. Aquella Colonia tem huma população de 80, a 100,000 habitantes, de cujo numero se suppoem que 15,000 estavaõ sujeitos á infecção das bexigas, que alli appareceraõ a 12 de Março de 1812. Desde entãõ ate 4 de Julho seguinte, 233 pessoas contrahiraõ esta molestia, e destes morrerãõ 100. O resto dos habitantes sujeitos a ser contagiados, foraõ preservados por meio de huma activa vaccinação, em que todos os Facultativos do lugar, e os Cirurgioens dos regimentos, e da guarnição trabalhãrãõ vigorosamente.

Das diversas contas, que esta Junta tem recebido, julgamos do nosso dever escolher hum exemplo, que tende a mostrar, de hum modo o mais decisivo, o poder do fluido vaccinico para suspender o contagio das bexigas.

Quatro centos negros de Moçambique desembarcãrãõ na Cabo da Boa-Esperança no 1 de Março, entre os quaes huma negra foi atacada, no dia cinco, de bexigas confluentes da mais virulenta forma. Esta mulher habitava, naquelle tempo, em hum espaçozo quarto, juntamente com mais 200 de seos companheiros, sem que se separassem de dia, ou de noite. Participando-se este cazo, todas estas victimas de *avareza, e da cobiça*, como o Cirurgião lhes chama, foraõ immediatamente vaccinadas, e no dia seguinte mudadas para huma pequena ilha (de Paarden), pouco distante da cidade. Poucos dias depois a mulher foi victima daquella terrivel molestia, cujos symptomas se aggravãrãõ a hum ponto extremo. A vaccina pegou em 78 dos sobreditos negros, e sua marcha foi regular. Permaneceraõ na Ilha 50 dias, durante os quaes não appareceo algum outro exemplo de bexigas, ainda que elles estiverãõ expostos á toda a força de huma athmosphera contagioza: nem ha hum so exemplo de que entre este grande numero de pessoas houvesse huma, que ficasse sujeita ás bexigas. Accrescenta o Professor, que escreve esta relação—que em todo o decurso desta *ardua contenda* (a vaccinação geral), não chegãrãõ ao seu conhecimento hum so exemplo de

a vaccinação deixar de livrar das bexigas o individuo, em quem ella incontestavelmente produzio o seu effeito :

Em Havana, segundo a conta escrita pelo Dr. Thomas Romey, Secretario do Committe da vaccina, foram vaccinadas em 1810—13,447 pessoas, das quaes 9,315 o foram somente na Cidade de Havana, com tao bom effeito, que no espaço de dois annos, nem hum só pessoa foi enterrada no Cemiterio publico daquella cidade, morta de bexigas, as quaes d'antes eram alli hum grande causa de mortandade.

Em Caracas, e no resto da America Hespanhola, as bexigas tem sido extinctas por meio da vaccinação.

As contas das diversas partes da Europa são quasi tao favoraveis, como das outras partes do mundo. No relatorio do anno passado observou-se que as bexigas estavam extinctas em Milam, e em Vienna, e que nesta ultima, durante muitos annos, o calculo medio dos mortos de bexigas andava por 800.

Recebeo-se noticia de Malta de que não somente os navios de S. Magestade estavam supridos de fluido vaccinico para vaccinar aquelles marinheiros, que não tiveram tido bexigas, mas tambem que os filhos dos artifices do Arcenal, e perto de 3000 crianças Maltezas foram vaccinados gratuitamente pela instituição; e Mr. Allen, Cirurgião do Arcenal, accrescenta que durante a sua rezidencia de sete annos em Malta nunca observára hum só exemplo de hum vaccinado ser depois atacado de bexigas.

A Russia tem igualmente participado dos beneficios da vaccina. Esta foi introduzida no Imperio Russiano em 1804; e desde entao (ate o fim de 1811) tem-se vaccinado em suas differentes provincias 1,218,637 e a vaccinação tem sido alli tao uniformemente bem succedida, que na lingua daquelle paiz lhe tem dado o nome de *Pustula de Segurança*. O Dr. Crighton, Medico do Imperador de todas as Russias, ao qual devemos o mappa exacto aqui junto, observa, que morrendo de bexigas (segundo hum calculo medio bem fundado) de cada sete crianças hum, antes da introdução da pratica da vaccina; a vaccinação tem salvado as vidas de 176,519 crianças no Imperio Russiano, desde 1804.

Parece que o Governo de França tem tido o maior cuidado em assegurar ao Povo todas as vantagens que se podem tirar desta descoberta. Estabeleceo-se em Paris hum Instituição Central para animar e promover a pratica da vaccina, e se adoptou hum semelhante plano em cada hum das cidades consideraveis das provincias. Ha pouco ordenou-se a estas instituições que dessem ao Governo hum conta do estado da vaccinação nos seos differentes destrictos. Destes documentos rezultou hum relatorio feito por M. M. Bertholet, Percé, e Halle, Philosophos da primeira reputação, e apresentado á classe das Sciencias Phizicas do Instituto Imperial; e nelle se afirma que de 2,671,662 sujeitos propriamente vaccinados em França somente apparecem sete cazos de doentes, que tiveraõ depois bexigas, o que he como 1 para 381,666. Accrescenta-se que os exemplos bem authenticados de pessoas, que tem tido bexigas depois de ter sido bem succedida a inoculação feita com a materia variolosa, são proporcionalmente muito mais numerosos; e tambem, que em Genebra, Rouen, e varias outras grandes cidades, onde o systema de Jenner não foi limitado pelos prejuizos populares, ja se não conhecem bexigas; e os registros exhibem fortes provas do consequente augmento de população. O relatorio conclue exprimindo grandes esperanças de que este pestilencial flagello desaparecerá a final da sociedade.

Este objecto será sem duvida promovido grandemente pelo plano adoptado pelo Real Collegio dos Cirurgioens de Londres, onde, não obstante os artificios que se praticaõ, e as falsidades* que ainda se propagaõ para desacreditar a vaccinação, esta continua a grangear credito. O Real Collegio dos Cirurgioens tem tomado a resolução de não inocular com a materia variolosa. O Collegio dos Cirurgioens de Dublin tomaraõ a mesma resolução. Em Gloucestershire, 63 Cirurgioens, convencidos da pernicioza tendencia da

* Nas listas dos mortos no anno passado disse-se que duas pessoas tinha morrido em consequencia da vaccina: porem a Junta do Estabelecimento Nacional da Vaccina investigando estes factos, achou, que taes pessoas tinhaõ morrido d'outras cauzas, e provou-se que aquella asserção era sem fundamento.

inoculação a sustentar, e propagar as bexigas, associar-se, e se obrigaraõ entre si a não a praticar.

O Estabelecimento Nacional da Vaccina tem recommendado a imitação de taes exemplos aos membros da profissão em todas as partes destes dominios, e não duvida que os bons effeitos de hum tal conselho bem de pressa se manifestarao na diminuição de mortandade, e no augmento de população do paiz.

He proprio accrescentar que os Cirurgioens dos nove districtos de Londres nos referiraõ a 14 de Janeiro, que nenhuma das pessoas por elles vaccinadas se lhes queixára de ter depois tido bexigas.

A Junta tem novamente o prazer de assegurar que o dinheiro concedido pelo Párlamento durante a ultima sessão, foi bastante para satisfazer as despesas do anno de 1812; e ella he de opinião que a mesma somma sera adequada ás despesas do anno corrente.

Fr. MILMAN—Prezidente.

Por Ordem da Junta,
James Hervey, M. D. Registrador.

CHIMICA.

Exposição que Sir Humphrey Davy fez ultimamente no Instituto Real de Londres, de certos factos concernentes a baze do Acido Fluorico.

Os trabalhos analyticos deste illustre sabio são conhecidos assaz, para exigirem de nos algum preludio sobre a prespicacia, engenho, e exactidão, que os caracteriza. O mundo philosophico os contempla com assombro; e reconhece a verdade de muitas das suas descobertas. O Cavalheiro Davy tem cessado de fazer leituras chymicas no Instituto Real de Londres; mas não de continuar com o seu costumado zelo, e felicidade as suas tentativas, e experiencias a fim de promover os progressos, e melhoramento da sciencia. N'huma leitura extraordinaria, que este incansavel e philosophico investigador, fez naquelle Instituto perante huma assemblea de Chymicos, pertendeo mos-

trar, analysando o acido fluorico, a inexactidão da nomenclatura, que instituia o oxygenio como unico principio acidificante ; principio que elle ja descobrira em substancias que não contem oxygenio, como o *clorino*, e o *acido fluorico*, de que elle agora hia tractar.

Nos não poderemos expor aos nossos leitores a serie de observações e experiencias, que por esta occasião prezenciamos ; mas sim o rezumo que podemos colligir daquella leitura.

Davy commeçou por expor os trabalhos, e tentativas dos outros chymicos a cerca do acido fluorico. Entre as substancias pouco conhecidas, o acido fluorico he huma das que tem mais rezistido aos analyticos esforços dos chymicos mais exactos. Poucos todavia se tem occupado da natureza elementar deste acido *misterioso* ; e o mesmo Cavalleiro Davy, no primeiro volume dos seus Elementos de Philosophia Chymica, publicado o anno passado, não dá senão ligeiras, e imperfeitas noções sobre esta substancia tão pouco conhecida. Nesta obra, elle classificou este acido, ou para melhor dizer, a baze deste acido, na divisão daquellas substancias, cuja natureza não he ainda bem conhecida—substancias diz elle, que apresentam resultados extraordinarios, e anormais, e a respeito de cuja essencia os conhecimentos actuaes são todavia imperfeitos ; e por isso, julga elle, que devem ser objecto o mais interessante e digno das investigações de todos os chymicos. Desde aquella epocha o cavalleiro Davy tem pertendido desempenhar a sua asserção ; e com huma assiduidade, e applicação superior a toda a difficuldade, elle conseguiu finalmente obter resultados menos obscuros, e mais interessantes que os antecedentes, a cerca do acido de que se tracta.

A substancia, cujos principios componentes restão ainda por elucidar-se, he chamada pelos mineralogistas Spato Fluor, e acha-se abundantemente em Derby e outros lugares, debaixo da forma de crystaes cubicos ou octaedros—a sua cor varia, mas he geralmente branca. O Spato Fluor decrepita ao fogo—he luzente na escuridade—funde-se em carvoens ardentes sem decompor-se. Peza 3,150—he inalteravel ao ar, e indisolavel em agoa.

Se huma porção desta substancia pulverizada se

mistura com acido sulphurico, e se distilla em hum matraz de prata, ou de chumbo, que directamente communique com recipiente do mesmo metal, artificialmente resfriado, obter-se-ha hum fluido acido taõ activo, que applicado á pele, immediatamente produziria a sua dezorganizaçaõ, e chagas difficeis de curar-se. Este fluido, cuja gravidade especifica he para a d'agoa, como 11 para 10, he chamado por Davy Acido hydro-fluorico, em razã da sua agoa, contida em soluçaõ, e que provavelmente pertence ao acido sulphurico, em que vem de mistura. A sua deveria naõ menos chamar-se o "acido fluorico" principio desconhecido, que faz o objecto desta analyse, e combinado com a cal forma o dito *Spatu Fluor* na proporçaõ de 20. 7 de acido para 55 de cal. Este acido possue a qualidade de corroer, e destruir o vidro no curso da operaçaõ, combina-se com a silice, e desenvolve huma grande quantidade de gaz. Sobre este gaz he que Davy fez as seguintes experiencias.

1. " Porçoens iguaes de spatu fluor, e vidro em po se pozeraõ em huma retorta de colo comprido. Tres partes de acido sulphurico se derramaraõ sobre esta mistura, e a abertura do colo da retorta se introduzio debaixo de hum vazo quasi cheio de agoa, no meio de hum recipiente, que tambem a continha. Logo que a chama alcoholica se applicou a retorta, o ar atmosphérico, contido n'ella, subio rapidamente a travez d'agoa; e bem depressa commeçou da mistura a desenvolver-se hum gaz em forma de grandes bolhas, que chegando ao fundo do vazo, depositavaõ huma substancia ligeira, e esponjoza de huma cor amarellada, que naõ era outra couza mais que a silice, contida no vidro. Este gaz chama Davy gaz *fluosiliceo*. Naõ he conductor da electricidade—e sendo exposto a operaçaõ dos polos oppostos de huma batteria Voltaica, desenvolve gaz hydrogenio."

2. " Se ao acido hydro-fluorico se ajunta agoa, a combinaçaõ he acompanhada de huma violenta effervescencia, e estrepito consideravel, semelhante ao de hum ferro em braza, mergulhado em agoa fria."

3. " Se neste acido se lança huma particula de potassium, huma explosaõ violenta, e perigosa para

as circumstantes, a contece no momento da immer-são.”

Este acido contem principios de acidez em grau maior que outro qualquer conhecido em chymica. Nada reziste a sua acção; todos os corpos dos tres reinos são corroidos por elle, com mais ou menos rapidez. A mesma platina faz pouca rezistencia á sua actividade.

4. “Todas as vezes que o gaz *fluo-siliceo* se introduz n’hum retorta, onde existem pequenos pedaços de potassium, este metal se accende, e arde com hum chama amarella esverdenhada, se a retorta se expoe ao calor da chama alcoolica; quando o gaz, e o potassium estão em exacta proporção, o gaz dezapparece inteiramente, e o resultado desta operação consiste em hum substancia solida, cor de chocolate.”

Partindo do principio, que todos os acidos, hum vez que se ponhão em combinação com o ammoniaco, ficam livres d’agoa, que contem em dissolução, se pertendeo ver se o *acido fluorico* continha alguma, e consequentemente oxygenio por meio d’ella.

5. “Em hum cylindro de platina, se introduzio certa quantidade de ammoniaco, e depois se fez passar por elle hum torrente de gaz acido fluorico, o que deo lugar a hum acção violentissima; nenhum vestigio porem se pode descobrir d’agoa; e o resultado final desta experiencia, foi hum sal inteiramente seco.”

6. “Se em vez do ammoniaco se faz uzo de carvão, e sobre elle depois de introduzido convenientemente no mesmo cylindro de platina, se faz passar hum quantidade sufficiente de acido hydro-fluorico, observar-se-ha primeiro que tudo gaz acido carbonico—depois gaz hydrogenio, e finalmente acido fluorico puro; conservando este ultimo hum substancia inflamavel, em muito pequena quantidade.”

As qualidades deste acido eraõ taõ pouco conhecidas antes que Davy emprehendesse o seu exame, que nas obras dos mais illustres chymicos, se le que o acido fluorico não obrava sobre os metaes, e muito menos sobre a platina, ouro, chumbo, mercurio, &c. como entre outros refere o Dr. Thompson, no seu systema

de chymica, e Bouillon de la Grange no seu curso de chymica. Davy, que neste ponto nos tem fornecido conhecimentos novos, não só assevera que o acido fluorico obra sobre toda a substancia metallica, combinando-se sempre com a platina no decurso das experiencias feitas em vasos daquelle metal, porem de mais a mais se combina com o chumbo, mercurio, &c. fazendo com elles differentes fluatos. Foi por meio da fluato mercurial, que Davy julgou obter finalmente a baze deste acido, pura e separada de toda a materia extranha.

7. “Se com o fluato de mercurio se combina o *chlorino*, este se une rapidamente ao metal, e ao mesmo tempo se desenvolve hum acido tão poderoso, que nada lhe reziste.”

Esta substancia he a supposta baze do acido de que se tracta, e Davy lhe chama, ou antes propoem chamar-lhe *Fluorino*.

8. “Se n’hum retorta de vidro se poem fluato de chumbo, e se introduz *chlorino*, esquecido á chama alcoholiza elle perde a sua cor, sobe combinado com o *chlorino* para a parte superior da retorta, e deixa livre o acido, que se ve claramente obrar sobre o vidro de que o vaso he composto.”

9. “Se em vez de retorta de vidro, se emprega hum vaso de platina, em a repetição da experiencia antecedente, o resultado he quasi o mesmo, á excepção de hum quantidade daquelle metal, que se combina com o acido.”

Venhamos pois a concluzaõ desta interessante leitura. Não tendo podido obter, apezar de toda a tentativa, e methodo analytico, amais pequena quantidade de gaz oxygenio do *acido fluorico*, durante o seu exame; o cavalleiro Davy se julga autorizado a junta-lo aos outros poucos acidos que elle demonstrou serem privados de oxygenio; e conclue que os chymicos Francezes se enganarão suppondo o oxygenio como principio geral de toda acidez, rematando com estas notaveis palavras.

“A acidez he o resultado de hum inclinação particular, e não de agente algum especifico, ou principio particular, como ate agora se suppoz, por

quanto *muitos* acidos se tem achado sem oxygenio ; e muitos alkales o contem."

Ainda que a concluzaõ deste illustre chymico, nos não pareça envolver hum rigor mathematico ; todavia em materias experimentaes, a experiencia, e analogia, he que devem authorizar-nos a estabelecer os principios da sciencia, que nellas se funda, principios que devem elucidar-se a medida que se augmentar o rigor da observação, e analogia. Se pois das experiencias antecedentes se não pode rigorosamente concluir, que não existe oxygenio no acido fluorico, so por que na sua analyse se não pode obter ; com tudo he ja hum grande fundamento para aquella asserção, o não apparecer elle em experiencias tão minuciosas, como apuradas ; e o conhecer-se ja huma substancia acida, tam distincta do oxygenio, como o *chlorino*, que analytica, e syntheticamente esta provado (tanto quanto se pode provar em sciencias experimentaes) não conter oxygenio.

Podemos por tanto asseverar, em honra do insigne Davy, que seguindo os seos passos, á luz da philosophia, que os dirige, he que a chymica pode assumir aquelle graude perfeição, para a qual a tem ja encaminhado as suas importantissimas descobertas, e analyticos proseguimentos, resultados, que posto não tivessem vizos de huma continuidade brilhante, e prodigiosa, bastariaõ para fazer huma epocha na sciencia.

Vai-se publicar a interessantissima obra intitulada—*Historia da Ilha da Madeira*.—Contem a situação, e figura daquella Ilha, sua descoberta—aspecto da Ilha — Clima, producções mineraes — Terreno — Producções vegetaes—Cultivação—Producções animaes—Habitantes—Sua linguagem e talentos—Educação—Cidade, e edificios Publicos—Governo, e Leis—Estabelecimento militar—Estabelecimentos Religiozos—Commercio—Impostos, e tributos ; e finalmente huma narrativa das molestias peculiares da

Ilha 1. Vol. em quarto, com hum mappa da Ilha, huma vista da Cidade, e algumas estampas.

Esta obra he producção do habilissimo Dr. N. C. Pitta, natural da Ilha da Madeira, ja mui conhecido pelo seu Excellente Tratado sobre a influencia do Clima na Especie Humana, e suas variedades rezultantes da mesma, &c. Esta obra vai ser impressa por subscripção; e será tambem impressa em Inglez.

CORRESPONDENCIA.

Alem dos manuscriptos que ja annunciamos em o No. 25 do nosso Jornal recebemos os seguintes.

Notas á Censura de Mr. Playfair de Edinburgo sobre os Principios mathematicos de Joze Anastacio da Cunha.

Ensaio Agronomico da Ilha da Madeira.

Esboço em forma de Regimento para o Promotor Geral de Agricultura na Capitania da Madeira.

Parecer que o Dezembargador Joze Vaz de Carvalho deo em 1749 ao Senhor Rey D. Joaõ V. sobre os meios de melhorar a Agricultura, quando premeditou fazer a Pragmatica, que sahio em 24 de Maio daquelle anno.

Parecer do Academico Joze da Cunha Brochado sobre a proposta, que o Academico o P.^e M.^e D.^r Fr. Bernardo de Castellobranco, Chronista mor do Reino, encarregado de escrever as Memorias d'El Rey D. Pedro I., fez-sobre-se este Principe merecia o epitheto de cruel, ou de justicozo ?

CONTINUAÇÃO

Da Carta dirigida aos Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e a Gram Bretanha.

ARTIGO 15 DO TRATADO.

Por este artigo admitte-se em todos os Portos dos Dominios de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, tanto na Europa, e Africa, como na America, e Azia, todos os generos, mercadorias, e quaesquer artigos, que sejaõ de producção, manufactura, industria, ou invenção dos dominios, e vassallos de Sua Magestade Britanica, quer sejaõ consignados a vassallos Portuguezes, quer a vassallos Britanicos, pagando unicamente quinze por cento de Direitos.

(São porem exceptuadas as fazendas de lan, pelo artigo 26, como fica dito.)

Este artigo cauza á Nação Portugueza hum prejuizo muito maior do que lhe teria cauzado a invazão de hum exercito inimigo : porque, se Portugal, por exemplo, tivesse sido invadido pelos Hespanhoes, os Inglezes bloqueavaõ os Portos, declaravaõ guerra á Hespanha, &c. Não podiaõ os Portuguezes ser supridos com coiza alguma por mar ; viaõ-se obrigados a cultivar o resto das suas terras para ter que comer ; e não só a continuar a manufacturar, como faziaõ ; mas a augmentar o numero, e perfeição de suas fabricas, para ter de que se vestir : e assim, por necessidade se augmentava a sua industria ; todo o Povo seria empregado, e a Nação subsistiria por si mesma, sem adjutorio de alguma Nação estrangeira. Mas no cazo presente aconteceo, que havendo neste Reino huma grande quantidade de fabricas de todos os artigos, a maior parte das quaes rivalizavaõ ja com as melhores da Europa, e algumas excediaõ a maior parte dellas, tem parado, porque não podem manufacturar, para vender pelo preço, porque os Inglezes vendem ; por quanto estes estaõ muito mais adiantados em maquinismo do que nos ; e huma grande parte da Valente, e brioza população deste Reino, (que taõ generosamente tem sacrificado suas vidas, propriedades, e tudo quanto lhe he caro, para arrancar das garras do seu cruel inimigo sua amada Patria, e entregalla ao seu legitimo, e adorado Soberano), que era empregada nas diversas fabricas, e nos differentes officios, está hoje reduzida á mendicidade, e apresenta hum espectaculo verdadeiramente lastimozo ! E quando isto acontece assim agora, que muitos estaõ no exercito, e outros estaõ occupados em diversos empregos relativos ao exercito Inglez, e pagos por este, (o qual por ora he a alma desta Nação, em quanto a despeza, que faz se divide entre ella), que não veremos nos quando o dito Exercito embarcar, quando a alma sahir do corpo ? Elle ficará nas agonias da morte, se os tratados continuarem a existir, e por conseguinte a vir de Inglaterra çapatos feitos, botas, cazacas*, finalmente

* Ja vaõ de Inglaterra para Portugal, çapatos feitos, botas, botinas, cazacas e tudo ; mas a culpa não he dos Inglezes, que o que lhes importa he negociar, seja como for : culpados saõ os administradores das Alfandegas nos Dominios de Sua Alteza Real em admittirem a despacho obra feita, como vulgarmente se diz : por quanto não existe tal estipulação no Tratado : seria mesmo preciso não ter senso commum, para se conceder tal direito aos Inglezes : huma tal concessão tenderia nada menos do que á perder, e arruinar, sem remedio, todos os officios em Portugal, e Dominios Portuguezes. Concedeo-se pelo artigo 8. que os Inglezes possuão

tudo ; de forma que ate receberemos da Inglaterra as enxadas, e mais ferramenta para toda a Nação Portugueza cavar, e ver se acha ouro para pagar á mesma Inglaterra a invazão da Industria Portugueza ; e quando nos cançarmos de cavar, quando ja não acharmos ouro para o pagamento, andaremos nus ; porque não sendo, antes desta extraordinaria, e sempre memoravel admissão, tudo quanto deste Reino ia para Inglaterra bastante para pagar as fazendas de lan, como ja expliquei ; com que hade agora ser paga toda a invazão da Industria Portugueza, não sendo, como não he, em recompensa deste golpe mortal, coiza alguma de Industria Portugueza admittida em Inglaterra para consumo do Paiz, alem do que era antes dos Tratados ; de maneira que so com dinheiro podem ser pagos mais de vinte milhoens de cruzados, em que importaão annualmente as maiorias de taes admissões ?

Era de esperar que isto tivesse sido conhecido pelos Ministros do nosso amado Soberano ; ou ao menos, que tivesse havido quem lho dissesse, e representasse : e que elles em consequencia dissessem em todos os dominios Portuguezes levantado o valor ao ouro em termos taes, que não conviesse levalllo para Inglaterra : infelizmente não só se não tem feito isso ; mas ate se dobrou, segundo oiço, o valor ao cobre no Brazil, augmentou-se o valor á prata, e deixou-se ficar o ouro no seu valor antigo !!!

Qual tem sido o resultado destas medidas ? O seguinte—Quando em Inglaterra se perdiaão 50 por cento em alguns generos do Brazil, e n'alguns mais ; e se ganhavaão ahi 40, e

comprar e vender *por grosso, ou em retalho* : mas em nenhum Diccionario a palavra *retalho*, significa çapatos feitos, botas feitas, &c. O artigo quer expressamente dizer que os Inglezes poderão, nos Estados Portuguezes comprar ou vender *por grosso, ou miudo*—que podem vender grandes partidas de coiros para botas, e çapatos, &c. ou pôr lojas destes artigos para venderem hum corte de coiro, hum corte de sola para hum par de çapatos, ou de botas : que podem vender grandes partidas de pannos, ou pôr lojas de pannos, para nellas venderem hum corte de cazaca, hum corte de colete, &c. e não huma cazaca feita ou hum colete feito, &c. D'outro modo não existeria em pouco tempo hum çapateiro, hum alfaiate, &c. em Portugal. Se os administradores das Alfandegas Portuguezas tivessem estudado, e entendido o tratado de Commercio, não fariaão os Inglezes, o que tem feito, nem a Fazenda Real teria sido terrivelmente defraudada, como o tem sido. E em quanto os Empregados das diversas Alfandegas aquem compete a execuçaõ do Tratado não mostrarem que representáraão ao Governo, e que este não deo providencias ; a culpa será delles ; porque o Governo deve occupar-se da alta administraçaõ, das grandes medidas, e não pode olhar para cada huma das Repartiçoens, que tem leis proprias, regulamentos particulares para se dirigirem e hum chefe, que he responsavel.

Os Redactores.

mais por cento, no dinheiro graudo de ouro Portuguez, foi para Inglaterra quanto ouro havia nos Dominios Portuguezes : de forma, que em Portugal ja por acazo se vê huma peça de 6,400 ; e consta-me que no Brazil por acazo apparece dinheiro de ouro mais graudo do que moedas de 1,000 reis. Em consequencia desta falta de dinheiro para a circulação regular do Paiz, vendem-se os generos por preços tão baixos que alguns apenas pagão o trabalho de os cultivar, e outros nem isso.

Muitos Politicos Portuguezes reprovão a medida de levantar o dinheiro de metal a mais do que o seu valor intrinseco ; porque dizem que á proporção que se levanta o valor alem disso, os estrangeiros o levantaõ tambem aos generos que trazem. Eu não concordo nesta opinião ; e tenho em apoio da minha o exemplo de todas as Naçoens civilizadas do universo ; porque de todas ellas a Portugueza, que he das que nada, absolutamente nada precisaõ, ou devem precisar de paizes estrangeiros, he aonde o dinheiro vale menos ; e a Inglaterra sendo huma Nação, que precisa receber de Naçoens estrangeiras quasi tudo, he onde o ouro valle sempre mais em toda a Europa : na China que he o imperio mais rico do Universo, he onde elle valle mais do que em nenhuma outra parte do mundo. Mas supponhamos que estas razoens não convencem : pergunto eu, e que precisamos nós receber de Nação alguma estrangeira, que não tenhamos nos territorios que possuimos nas quatro partes do mundo ? Que mais precisamos nos do que acordar do infelis lethargo em que temos jazido há quasi dois seculos ? Que mais precisamos do que, á imitação dos nossos grandes, e virtuosos antepassados, tomarmos energia, unirmo-nos todos como huma só familia ; requintarmos em patriotismo, sem o qual nenhuma Nação pode prosperar, augmentar por todos os meios possiveis as nossas luzes, e conhecimentos uteis ; e conhecendo, como todos devemos conhecer, que pertencemos a hum dos maiores Imperios do Universo, aproveitar o que a Natureza prodigamente lançou nos vastos territorios, que nossos antepassados nos deixáraõ ? Perguntarei mais.—Se não convem levantar o valor ao ouro ; como conveio, ou convem dobrar lo ao cobre, e levantallo á prata 28 por cento no Brazil ? Parece-me que esperarei pela resposta eternamente.

Alem de todas estas consequencias, resultados infalliveis de hum máo Tratado, e da impolitica, e funesta admissãõ de tudo quanto he Inglez, admissãõ pela qual os Inglezes suspiravaõ, e trabalhavaõ, havia quasi dois seculos, sem a terem podido conseguir ; rezultou aos Dominios Portuguezes, principalmente ao Brazil, hum prejuizo incalculavel, que foi a privação de huma grande população verdadeiramente util, e

industriosa quaes são os Fabricantes, e Artistas, em que a Europa hoje abunda, e huma boa parte dos quaes nada tem que fazer : e vendo-se muitos delles obrigados a assentar praça para poderem subsistir ; com muita mais vontade emigrariao para hum Paiz, onde podessem pacificamente uzar dos officios, que aprenderaõ, se tivessem o prospecto, que infelizmente não tem : porque em quanto as fazendas Inglezas forem admittidas nos Dominios Portuguezes pagando só, e unicamente o modico direito de 15 por cento, nenhum Negociante Portuguez se animará a por fabricas, tendo toda a certeza de perder ao principio, em quanto nos não adiantamos em maquinismo mais do que estamos, e o Governo Portuguez não animar, e favorecer, como o Inglez, a exportação : e assim continuará o Governo Portuguez a receber huns direitos tão modicos, que não lhe chegando para as despesas necessarias da Nação, o poem na infelis, e degradante necessidade, não só de continuar a pedir emprestimos, que em quanto a mim nunca hade poder pagar, sem tomar outras medidas ; mas ate na de começar a carregar de tributos o Povo de hum Imperio nascente, que delles se deveria izentar, para haver mais este grande, e importante induzimento, e attractivo para emigração de gente de outros paizes para o Brazil, que de outra sorte nunca se lembrará de emigrar ; porque nenhuma pessoa, ou familia pode ser induzida a emigrar do seu paiz, em que está acostumada, para hum estranho que não conhece, sem ter a certeza de melhorar de fortuna, quer esta provenha da bondade do Governo, quer de interesses particulares ; interesses todavia que não podem vir de outra forte, que não sejam medidas bem calculadas do mesmo Governo.

Persistindo o fatal Tratado de 1810, continuaraõ os Dominios Portuguezes, principalmente o Brazil, a vender aos Inglezes 4 libras de algodao por 400 ate 500 reis, e a comprar-lhes aquellas mesmas 4 libras de algodao convertidas n'huma peça de Chita, ou n'huma duzia de meias de algodao, por 5,000 ate 9,000 reis !! Continuaraõ os mesmos Dominios Portuguezes a ser privados daquelle augmento de industria, e população que podiao e deviao ter por meio de fabricas como fica dito.

Decahira a mesma lavoura, e decahirá muito : porque estando só á merce de mercados estrangeiros, sem manufacturarmos em nossos proprios Estados, será preciso deixar de cultivar, logo que os generos de nossa lavoura tenham pouca, ou nenhuma extracção nos mercados estrangeiros, quer seja porque elles não possam competir em preços, ou qualidades com outros semelhantes de outros paizes ; quer seja por circumstancias, ou medidas quaesquer politicas.

Alem disto mais de ametade da industrioza populaçãõ de Portugal, empregada em fabricas magnificas de seda, de bons chapeos, excellentes ferragens, optima estamparia, fazendas de lan, em fabricas finalmente de toda a especie; ficará, como huma grande parte ja hoje está, reduzida á mendicidade; e assim ficarão todos os Portuguezes reduzidos á pobre, bem que honrada vida de lavradores: assim ficarão todos os Portuguezes trabalhando para a Nação Inglieza, á maneira do escravo, que trabalha para seu Snr.: com a differença de que o Snr. sustenta, e veste o escravo, não só pelo interesse que tem deque elle lhe não morra; mas porque este he protegido pela Lei. E que recebem os Portuguezes por fructo de seos trabalhos? Recebem o que ja disse, o que direi, o que se tem prezenciado; e terão, a final, a ruina que lhes está preparada, e que os espera, se Portugal não muda de rumo; se Portugal não vê o seo precipicio, e não conhece que os Tratados de Commercio, de Amizade, e Alliança porão fim a toda a sua industria.

Huma Nação, cujo terreno he susceptivel de produzir todos os generos da primeira necessidade deve, primeiro que tudo, applicar-se á agricultura, e elevalla a tal ponto de perfeição, e grandeza, que não precize receber coiza alguma de paizes estrangeiros; mas ella não deve esquecer-se hum momento de promover ao mesmo tempo o estabelecimento de fabricas de tudo quanto o seu Povo possa precisar; a fim de não depender, ou depender o menos possivel (se independencia absoluta he impossivel), de Nações estrangeiras: ella deve olhar para taes estabelecimentos como seo esteio principal; não só porque, não podendo seos povos ser todos empregados na lavoura, são precisos outros ramos, em que elles sejam empregados, para se não converterem em bandos de miseraveis mendicantes, e depois em bandos de salteadores, e facinorozos; mas porque as fabricas tem toda a relação com a mesma lavoura, e com a nãvegação, de cujo todo somente podem sahir os recursos de que qualquer Nação precisa não só para subsistir independente de estrangeiros: mas para se pôr em estado de ser por elles temida; sem o o que nunca sera respeitada, nem seos tratados cumpridos.

Se a Nação Portugueza fosse pequena; se ella não podesse subsistir por si mesma, sem protecção estrangeira: nesse cazo seria preciso accommodar-se ás circumstancias, e fazer os melhores tratados que podesse com a Nação protectora: mas sendo ella, como he, huma das maiores Nações

do mundo ; abundando em tudo quanto se podia esperar das maons da Natureza ; porque fatalidade se não hade aproveitar de tantos dons do Ceo !! Por que fatalidade se haõ de reduzir todos os seos habitantes a trabalhar para estrangeiros, para em premio disso serem por elles mesmos desprezados, esgarrecidos, e insultados, como ultimamente, e mais que nunca, temos visto !!

Parece-me que o Governo Portuguez não só não deve admittir para consumo de seos dominios manufacturas, ou generos alguns estrangeiros, pagando 15 por cento, mas nem lhe deve passar pela imaginação o admittillos por tratado : e sim admittir quando, e como lhe convier os generos das Naçoens que lhe fizer mais conta. Eu me explico — Supponhamos que a Inglaterra continua a receber para seu consumo os vinhos destes Reinos, e que segundo as suas leis ; e regulaçoens internas, (com as quaes nenhum estrangeiro se atreve a intrometter-se), e não por ser assim estipulado em tratados, os faz pagar cento por cento de direitos. O Governo Portuguez em tal cazo, abrando com a politica, e justiça que o deve guiar, deve examinar quanto podem importar os ditos vinhos annualmente, e admittir tambem por suas leis, ou regulaçoens internas (nas quaes tambem nunca, nem de forma alguma se deve permittir ingerencia alguma estrangeira), e nunca por tratados, para consumo em seos dominios huma igual quantia em generos Inglezes, pagando os mesmos cento por cento de direitos ; e estes generos devem ser de natureza tal, que não se encontrem com os que deve, ou lhe pode convir receber tambem de outros paizes estrangeiros, em troca dos nossos açucares, tabacos, couros, cafés, e outros generos, que a mesma Inglaterra mui propriamente, e com muita razão não admitte, para consumo do seu paiz, porque tem outros semelhantes generos de suas colonias. Supponhamos que a Inglaterra faz pagar trinta por cento de direitos pelos nossos vinhos ; nesse cazo nada he mais razoavel, do que o Governo Portuguez consultar pessoas que entendão da materia, e ver se lhe convem fazer pagar pelas fazendas Inglezas, que admittir, os mesmos trinta por cento ; e não lhe convindo, não o fazer : porque, cada hum governa a sua caza como pode, ou como quer ; cada Governo governa os seos povos como julga que lhes he mais conveniente ; e os melhores interesses dos seos povos he que todo o bom Governo deve ter em vista.

Supponhamos que a Alemanha, Russia, Suecia, França, ou qualquer outra Nação recebe para seu consumo os nossos vinhos, açucares, tabaco, café, couros, algodão, &c. e que fazendo-nos por conseguinte mais conta receber as fazendas de tal ; ou taes Naçoens com preferencia ás Inglezas, nos

convem pôr a estas hum direito maior do que áquellas, ou mesmo prohibi-las inteiramente. Porque razão o não havemos de fazer? Porque razão hade o nosso Governo ter as maons prezas por hum tratado, para não poder legislar, como convier melhor a seos povos, assim como faz a Russia, Austria, Suecia, Dinamarca, Prussia, França, Hespanha; e finalmente todas as Naçoens pequenas, e grandes á excepção da nossa?

Nada mais direi, por ora, a respeito deste artigo, porque me reservo dar no fim a minha opinião a respeito das bazes principaes, em que se devia, e deve estabelecer o tratado: passarei pois a fallar daquillo que, pelo tratado actual, se inculcou dar-se-nos em recompensa deste artigo, que mais que nenhum outro abriu a sepultura á Nação Portugueza!

ARTIGO 19.

S. M. Britanica pela sua parte, e em seu proprio nome, e no de seos herdeiros, e successores promette, e se obriga a que todos os generos, mercadorias, e artigos quaesquer da producção, manufactura, industria, ou invenção dos dominios, ou dos vassallos de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, serão recebidos, e admittidos em todos, e cada hum dos portos, e dominios de Sua Magestade Britanica pagando geral, e unicamente os mesmos direitos, que pagão pelos mesmos artigos os vassallos da Nação mais favorecida.

Este artigo, assim como outros, parece ter sido calculado para illudir os Portuguezes, que o lessem, e principalmente o Ministro Portuguez que o assignou; e persuadillos de que se lhes promettia alguma coiza, quando realmente nada se lhes promette; e he facil enganar a quem não sabe a legislação Britanica: aquelles porem que a sabem que julguem da sinceridade com que elle foi feito, e do fim para que foi feito.

Toda a Nação que sabe governar não concede, nem deve conceder mais do que a Inglaterra concedeo a Portugal; o contrario disso seria atar as maons a si mesma, para não poder legislar, como melhor lhe conviesse, e isto he o que desgraçadamente fez Portugal; mas concedendo o que concede á Nação mais favorecida, fica com todo o direito á sua amizade; e depois legisla, como lhe convem, assim como faz a Inglaterra: e por essa razão não prometteo a Portugal por este artigo coiza alguma; prometteo-lhe real, e fizicamente nada: porque segundo a sua sabia legislação, bem digna por certo de ser por nos imitada a muitos respeito, o

Governo Inglez admitte lan, arroz, algodão, e outros generos, que precizaõ para suas manufacturas, vãõ elles donde forem, ainda que seja de paizes inimigos; bem como agora mesmo estão recebendo dos Estados Unidos; e como estas admissões são feitas por Lei, não he para isso necessario tratado algum; e nem mesmo tratado pode ahi derogar huma Lei sem o Parlamento a derogar por outra Lei.

Pelas mesmas leis são excluidos positivamente, ou com direitos que montão a huma prohibiçaõ, tudo quanto são generos de colonias estrangeiras, porque os Inglezes os tem nas suas; e o mesmo acontece a tudo quanto são manufacturas estrangeiras, porque só elles querem manufacturar, não só para si, mas para o mundo inteiro: e he só por via de manufacturas (que se tem querido inculcar aos Portuguezes como prejudiciaes) que a Inglaterra tem enriquecido, que ella tem augmentado o seu commercio, navegaçaõ, e poder maritimo, a ponto de amedrontar o mundo inteiro, e de pretender chegar a ser Senhora dos mares. E apezar de ser isto tão conhecido por todo o mundo, ainda tem havido, e ha por desgraca nossa, quem se atreva a dizer que não conuem aos Portuguezes ter fabricas; porque primeiro devem ter que comer: como se fosse preciso para augmentar a lavoura, descontinuar, destruir, ou não criar fabricas. Mas ainda que assim fosse, (o que ninguem pode conceder); pergunto que recebem das Nações estrangeiras, para comer, todas as possesões Portuguezas, á excepção do Reino de Portugal? Que recebem as nossas Ilhas? Que recebe o Brazil? que recebem nossas possesões na India? &c. Não só não recebem, mas exportão muitos mantimentos. Logo ainda que tal principio fosse o mais conveniente, elle só conviria a Portugal, por ser a unica parte de dominios Portuguezes, que recebe mantimentos de Nações estrangeiras; mantimentos que desgraçadamente paga com dinheiro metalico, por cauza do pouco cuidado com que se tem olhado para hum ramo tão importante como he a agricultura, que só se acha florente n'algumas paginas de hum mis... jornal, chamado de Coimbra, e feito em Lisboa; e que he impossivel florescer, em quanto existirem, como ainda existem, as causas da sua decadencia.

Fica pois evidente, que não havendo para com a Inglaterra facção alguma que seja mais favorecida do que outra; o que se nos promete no artigo 19 do tratado he perfeitamente igual a zero—e a zero se reduz a recompensa que se nos dá pela invazaõ que se fez á nossa industria; invazaõ que nos levará á nossa total ruina, se S. A. R. não declarar nullo o tratado, que o Parlamento annullou pelo seu acto; e que a

falta de execução da parte do Governo Inglez annullou tambem desde o seu principio*.

Mais : diz o

ARTIGO 20.

Mas como ha alguns artigos da criação, e produção do Brazil, que são excluidos dos mercados, e do consumo interior dos dominios Britanicos, taes como o assucar, café e outros artigos semelhantes ao producto das colonias Britanicas; S. M. Britanica, querendo favorecer, e proteger (quanto he possivel) o commercio dos vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, consente, e permite, que os ditos artigos assim como todos os outros da criação e produção do Brazil, e de todas as outras partes dos dominios Portuguezes, possam ser recebidos e guardados em armazens, em todos os portos dos seus dominios, que forem designados por *Warehousing Ports* para semelhantes artigos a fim de serem re-exportados debaixo da devida regulação, izentos dos maiores direitos com que seriaõ carregados se fossem destinados para o consumo dentro dos dominios Britanicos, e somente sujeitos aos direitos reduzidos, e despesas de re-exportação, e guarda nos armazens, &c.

He preciso observar, que pelo artigo 15 se admittio tudo aos Inglezes em toda a extensão dos dominios Portuguezes, como fica dito.

A fanfarronada das palavras do artigo 19 parece inculcar que se receberá tudo o que he de industria Portugueza em toda a extensão dos dominios Britanicos: mas este artigo só reduz toda aquella fanfarronada a cinco ou seis portos em Inglaterra, só para exportação, exceptuando os vinhos, como fica dito; mas ate, sendo o algodão, arroz, &c. &c. de todo o mundo admittido em Inglaterra por Lei; os Inglezes, interpretando, ajudados pela força, o tratado á sua moda, podem, em consequencia das indiscretas (ou não sei que) expressões—e outros generos semelhantes ao producto das colonias Britanicas—excluir da Inglaterra para consumo do paiz aquelles mesmos generos do Brazil, que eraõ admittidos por lei antes de se fazer o tratado; e por consequente, parecendo

* Pede a verdade, a justiça, e a imparcialidade com que temos procurado sempre conduzir o nosso Jornal, que declaremos, que ha hum artigo em que o tratado tem sido cumprido pelo Governo Inglez, que vem a ser no direito do algodão importado em Navios Inglezes, ou Portuguezes, que he actualmente o mesmo; fazendo d'antes hum penne de differença para mais em arratel, sendo importado em navio estrangeiro.

este artigo inculcar ser feito em favor dos Portuguezes; pelo contrario elle he tanto em favor dos Inglezes, que ate parece hum insulto feito ao senso commum dos Portugezes; porque alem do que tenho dito, pergunto qual he o beneficio, que rezultou delle aos Portuguezes? He o de, em lugar de venderem alli o seu assucar, tabaco, café, &c. para consumo do paiz com mais de cincoenta por cento de lucro livres de todas as despesas, render-se-lhe como hum favor o admittir-lhos a pagar huns alugueis de armazaens, *Scavages*, despesas de desembarque, de caes, de concertar, de pezar, quando se descarregão, de arrumar, de tirar amostras, de desarrumar para sahirem, de concertar, e pezar outra vez, pagar 84 shelins, ou 15,200 reis por quintal das faltas no assucar, quer ellas procedaõ de o assucar ter mellado no armazem, quer de qualquer outro motivo, &c.

Alem disto, se o dono de huma carga de assucar, ou d'outro qualquer dos generos do Brazil a quer passar em Londres de hum para outro navio, não lhe he permittido. Elle precisa dar-lhe entrada na Alfandega para a exportação, pagar de Scavage 4s. ou 720 reis por cada 112 libras de assucar, 2s ou 360 reis por cada 112 libras de tabaco, &c.; e pagar todas as mais despesas que acabei de mencionar, para entaõ poder embarcar: e á vista disto quem hade mandar semelhantes generos do Brazil a Inglaterra, para alli pagarem tal contribuição, e exportallos depois para onde se consumaõ, se houver para onde; e do contrario perdellos alli, e pagar todas aquellas despesas, alem da sua perda total?

Mais—Se alguem quer vender em leilão em Inglaterra algum genero dos dominios Portuguezes, ou por ter chegado avariado, ou por outra razão qualquer, he obrigado a pagar hum direito addicional de cinco por cento (*auction duty*) assim como acontecia antes do tratado, em commum com todos os generos estrangeiros, que se vendem em leilão em Inglaterra, exceptuando os importados dos Estados Unidos, inimigos capitães da Inglaterra!

Nada tenho contra isto; porque, cada hum governa o que he seu, como lhe convem; nada taõ natural, nada taõ justo: mas porque razão não hade o nosso Governo obrigar também todo o genero Inglez, vendido em leilão em todos os seos Estados a pagar cinco por cento debaixo do nome—Direitos de leilão?

De que servio pois a fanfarronada de taes palavras? com que sinceridade foraõ ellas alli inseridas? Onde está, mesmo em palavras, a decantada reciprocidade, e mutua conveniencia, que se nos inculca na introdução do Tratado? Qual será o Juiz, ou homem imparcial, que o leia com attenção e que não decida logo, que, segundo o Direito natural,

elle ficou nullo desde sua origem, por se nos inculcar que era feito e fundado em bases de reciprocidade, e mutua conveniencia; conveniencia, e reciprocidade que nem em palavras existe, senão em Artigos, cuja realidade he toda a favor dos Inglezes?—Por exemplo: estipula o Artigo 5. que os generos, e mercadorias vindas respectivamente dos Portos de qualquer dellas, pagaraõ os mesmos direitos, quer sejaõ importados em navios e embarcaçoens Britanicas, quer o sejaõ em navios, e embarcaçoens Portuguezas. Se os generos mais volumozos, como saõ o assucar, tabaco, e outros generos do Brazil fossem admittidos em Inglaterra para consumo do paiz, e os navios Portuguezes pagassem em Inglaterra sómente os mesmos direitos, ou impostos; que pagaõ os Inglezes; entaõ era esta estipulação sinceramente reciproca; porque sendo a importancia dos fretes o grande artigo, estes seriaõ devididos pelos navios das duas Naçoens: mas não acontecendo assim, como claramente fica demonstrado n'outra parte desta carta; a tal inculcada reciprocidade fica só em palavras; e a conveniencia longe de ser mutua, fica sendo toda a favor dos Inglezes.

ARTIGO 21.

S. A. R. diz este artigo, se reserva o direito de impor pe-
zados, e ate prohibitivos direitos sobre todos os artigos conhecidos pelo nome de generos das Indias Orientaes Britanicas, e de producção das Indias Occidentaes, taes como o assucar, e café, que não podem ser admittidos para o consumo nos dominios Portuguezes por cauza do mesmo principio de Policia colonial que impede a livre admissaõ nos dominios Britanicos, de correspondentes artigos da producção do Brazil.

Porem S. A. R. o Principe Regente de Portugal consente que todos os portos dos seus dominios onde hajaõ, ou possaõ haver Alfandegas sejaõ portos francos para a recepção, e admissaõ de tudo quanto he Britanico !!!

Que comparação tem as palavras deste Artigo com as do antecedente? Eu peço a todos os Portuguezes que saõ verdadeiramente amantes da sua patria, e do nosso adorado Soberano, que leiaõ estes ultimos tres artigos 19, 20, e 21, e que os comparem huns com os outros, e depois todos, com muita reflexaõ, com o artigo 15, e que decidaõ se as suas estipulaçoens não saõ hum verdadeiro insulto ao senso commum dos Portuguezes' Que decidaõ, se o Tratado não ficou nullo desde seu principio não só por Direito Natural, mas ate pelas nossas leis fundamentaes, por lezaõ enormissima: e alem disso por se dizer em sua introducção que elle

era fundado sobre bases de reciprocidade, e mutua conveniencia, quando nada disso existe, como fica dito, bem clara, e distinctamente provado, e como facilmente se vê do dito Tratado. Mas se tudo isso não basta para o fazer nullo, o Governo Inglez o annullou depois muitas vezes, como mostrarei.

Tornando, por ora, ao mais que convem dizer agora—A Nação Portuguesa tem em seos dominios magnificas Alfandegas feiras á custa da Nação, nas quaes recebe tudo o que he de nacional, ou estrangeiro sem pagar aluguel.—Ora se o Governo Portuguez precisa da dinheiro; se em Inglaterra ha as regulaçoens que ficão ditas; porque razão se haõ de deixar baldear neste Rio, e em muitas outras partes de nossos dominios as cargas de huns navios Inglezes para outros, quando são para exportação? Porque razão se haõ de recolher em nossas Alfandegas as fazendas, e generos Inglezes sem pagar coiza alguma, &c.? Porque não se hade fazer descarregar tudo o que he para exportação, e, em consequencia de regulaçoens calculadas, e feitas pelo nosso Governo, fazer-lhes pagar em nossos dominios despezas semelhantes, e iguaes as que os generos de nossos dominios são obrigados a pagar em Inglaterra? Porque razão as fazendas, ou generos Inglezes, que são para consumo de nossos dominios, não haõ de ser obrigadas a pagar, em quanto estão na Alfandega, hum aluguel proporcionado ao que os nossos generos pagão em Inglaterra, contando, assim como la fazem por semana, desde que o navio dá entrada, ate ao ultimo dia da semana, em que o genero ou fazenda sahir da Alfandega? Porque razão com as mais Naçoens se não hade fazer o mesmo, que ellas fizerem com nosco? Ainda que não he tamanha honra ser imitador, como inventor; com tudo sempre he melhor, á imitação das Naçoens estrangeiras, fazer-mos-lhes pagar o que nos he devido, do que darmos-lho gratuitamente e depois irmos peder-lhes emprestado parte daquillo mesmo que lhe demos, e que nos não agradecem.

Se o nosso Governo assim o fizer, como deve, e para o que tem incontestavel poder, e direito; elle terá com que suprir as necessidades do Estado: elle não dependerá de estrangeiros, (o que he sempre huma verdadeira desgraça) e ninguem lhe podera chamar senão hum Governo justo, providente, e sabio. Não obste a taes medidas o dizer que tudo isto recahe nos consumidores das fazendas: persuadam-se huma vez por todas o Governo Portuguez que nada convem tanto á Nação como que as manufacturas estrangeiras entrem quanto mais caras melhor, a fim de essa careza nos induzir a manufacturallas. Não obste a dizer-se que taes medidas convidarão as contrabando: contra este podem-

se adoptar medidas vigorozas, e efficazes, que o tornem nullo, ou infinitamente difficil, o que equivale a huma verdadeira nullidade.

ARTIGO 2.

Este artigo parece o mais reciproco do Tratado ; mas na realidade não o he como mostrarei : mas se não houvessem outros tão extraordinariamente desvantajozos para nos, como tenho mostrado, e mostrarei ainda mais; eu nada diria deste, apesar de ser realmente muito mais a favor dos Inglezes, do que dos Portuguezes, não obstante as palavras os igualarem dizendo—

“ Haverá reciproca liberdade de Commercio, e navegação entre os vassallos das duas Altas Partes Contractantes em todos, e em cada hum dos territorios, e dominios de qualquer dellas—Elles poderaõ negociar, viajar, rezidir, ou estabelecer-se em todos, e cadahum dos portos, Cidades, Villas, Paizes, Provincias, ou lugares quaesquer que forem pertencentes a huma, ou outra das Altas Partes Contractantes, excepto naquelles de que geral, e positivamente são excluidos todos quaesquer estrangeiros, os nomes dos quaes lugares seraõ depois especificados em hum artigo separado deste Tratado.”

Estas palavras são indubitavelmente as mais reciprocas que he possivel imaginar; mas como o Governo Inglez muito sabiamente trata, assim como todos os que governaõ bem, os seos proprios vassallos como seos filhos, e os estrangeiros muito peor do que enteados; tem feito leis, e regulaçoens para todos os estrangeiros, em geral, nas quaes são incluidos os Portuguezes, Americanos, Hespanhoes, Francezes, Italianos, &c. &c. &c.: de forma, que por este artigo nada, absolutamente nada se concede aos Portuguezes residentes em Inglaterra.

O contrario acontece nos dominios Portuguezes, onde os Nacionaes são tratados com muito menos favor do que os estrangeiros!! Eu não me alargarei mais sobre este objecto; mas permitta-se-me ao menos dizer, que eu não posso ver, sem suffocante magoa, o deliciozo paiz em que nasci, governado por estrangeiros, e por isso olhado por elles com desprezo, e ate amofinado por alguem dos meos compatriotas, empenhado só em lhes fazer a Corte! Permitta-se-me ao menos dizer, que somos estrangeiros em nosso proprio paiz!

Mas deixemos tão melancolicas reflexoens, e tratemos de mostrar somente, que pela citado artigo 2. nada, absoluta-

mente nada se concedeo aos Portuguezes, que rezidem em dominios Britanicos; e se concedeo aos Inglezes nos dominios Portuguezes tudo quanto se sabe.—Estes entraõ nos dominios Portuguezes, passeiaõ, viajaõ por elles: alguns destes metem tudo a rediculo, quando cá estaõ, sem o menor obstaculo, nem receio: e naõ contentes ainda com isso, vao para o seu paiz escrever contra nos, contra nossos costumes, contra nossas instituicoens, contra tudo o que he Portuguez, só porque he Portuguez! E porque acontece isto assim? He, porque sendo qualquer Inglez o homem mais humilde, que se pode imaginar, em qualquer paiz, em que elle, contando com a firmeza do Governo, se vê na precizao de submetter-se ás Leis, e regulaçoens delle; he tambem o homem mais atrevido, e ingrato, que ha sobre a terra, quando encontra froixidao; a qual ainda que proceda de generosidade, elle a attribue sempre á ignorancia, ou fraqueza; e longe de agradecer o que se lhe faz, pertende pelo contrario, que se lhe faça mais ainda, como se tudo lhe fosse devido por obrigaço. Em geral, hum Inglez jamais respeita senao aquelles a quem teme. Esta he a regra geral: entretanto ella tem, como todas, algumas honrozas excepçoens

Em consequencia deste artigo tem se estabelecido Negociantes Inglezes em todos os dominios Portuguezes. Dalli informao (provavelmente por via de seos consules, ou Ministros) o seu Governo de tudo o que lhes convem; e taes informaçoens, só por milagre, poderaõ deixar de ser contrarias aos interesses dos Portuguezes. Alli saõ os consignatarios naõ só de tudo o que se importa por conta de Inglezes de seos proprios dominios para os Portuguezes; mas de tudo quanto para lá se importa de outros Paizes estrangeiros; porque tendo as Sciencias, as Artes, e a Literatura prosperado muito pouco entre nos, pelas razoens, que sabemos; os negociantes Portuguezes, á proporçao de tudo o mais, naõ tem tido aquella educaço, que he propria para serem negociantes esclarecidos; naõ a tem dado a seos filhos; naõ viajaõ; naõ tem relaçoens com paizes estrangeiros, ou saõ muito limitadas: naõ ha nestes cazas Portuguezas estabelecidas: os Inglezes pelo contrario sabem calcular, e debater melhor os seos interesses; conhecem a necessidade de ter cada hum huma educaço particular, e propria para o

* He porem de esperar que esta infame classe de escriptores se extinga, continuando o Investigador Portuguez na honroza tarefa de os combater victoriosamente, como ja tem feito ao Dr. Halliday, Lord Biron, Capitaõ T. A., &c. E por certo que naõ he esse hum pequeno serviço, que o Investigador tem feito á sua Patria.

modo de vida, que quer seguir, em termos de compiter com os estrangeiros em todos os ramos; e depois de a terem, espalhão-se por todo o mundo; tem com todo elle relaçoens; e aproveitando-se da nossa ignorancia; ganhão elles todas as commissoens de tudo quanto os dominios Portuguezes recebem de paizes estrangeiros, e de tudo quanto exportaõ para elles. Em troco disto apenas haverá em Inglaterra vinte cazas de negociantes Portuguezes, verdadeiramente taes: e estes não gozaõ mais privilegios, do que gozavaõ antes do Tratado, em commum com Francezes, Hespanhoes, Italianos, Alemaens, Americanos, &c., segundo as regulaçoens do Paiz. Para isto pois não era preciso Tratado, porque nada ganhamos com elle como fica dito. Eis aqui o que he, em ultima analyze o artigo 2. realmente o mais reciproco, que tem o Tratado.

He tempo pois de que os Negociantes Portuguezes acordem, que tratem de se instruir em seos proprios interesses para os saberem representar, e de educar seos filhos. He tempo de que o Governo Portuguez, consultando, e ouvindo pessoas intelligentes em tudo o que he relativo a Navegação e Commercio (que não devem ser Dezembargadores, porque estes nada sabem de taes objectos, nem podem saber, em quanto tiverem a mesma educação literaria que ate aqui tem tido), tome as medidas que pode, e deve, fundadas na boa razão, e justiça, que sempre caracterizou o Governo Portuguez: medidas bem calculadas, e proprias para prevenir que os negociantes Inglezes não ganhem as commissoens de tudo quanto os dominios Portuguezes exportaõ para Paizes Estrangeiros, e recebem delles; medidas proprias para acautelar que os navios Inglezes não ganhem com os Portuguezes os fretes que ja demonstrei: medidas proprias para prevenir, que a Nação Portuguesa não vá perdendo a sua navegação, e não chegue em breve a deixar de ser Nação maritima: medidas adequadas para acautelar que o fructo de todo o trabalho Portuguez não passe para os Inglezes: medidas finalmente proprias para nos livrar do precipicio, ás bordas do qual temos chegado.

(Continuar-se-ha.)

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Londres, 12 de Agosto de 1813.

O Author da Carta que Vmces. inserirão no seu Jornal No. XXVI. paginas 232 e seguintes merece todo o louvor, que he devido ao zelo Nacional, e ao dezejo tão claramente provado de informar os seos Nacionaes do que lhes convem.— Se elle excedeo os limites, não direi, porque não dezejo inculcar o methodo de julgar das intenções; porem como o Author a muitas informações uteis, que requerião trabalho para se procurarem com exactidão: e a muitos raciocinios proveitosos ajunta asserções temerarias, e factos representados com falsas cores, que podem induzir em erro os seos leitores, parece que não he improprio da parte de Vmces., fazer com que o antidoto se ache muito perto do veneno.

Em huma allegação de direito perante hum Tribunal de Justiça pode ser util, ou necessario disfarçar a verdade— mas em huma discussão pela via da imprensa parecem melhor conselho dizer as coizas taes quaes são.

Eu faço, com o Author assas justiça ao caracter dos Portuguezes para asseverar com elle que — “ não houve hum só que não se regozijasse deste passo; ” &c. &c. isto he, que Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor “ não só não mandasse prender os vassallos Britanicos, “ mas ate lhes deixasse embarcar todas as suas fazendas, “ sem pagarem direito algum, &c. rejeitando com indig- “ nação as propostas de Bonaparte; ” nem quero agora exceptuar deste conceito geral de generosidade todos aquelles individuos Portuguezes que naquella epoca (1807) imaginavaõ que este passo ligando pela gratidão os Inglezes prevenia, ou impedia as suas represalias, e segurava a commodião de lhes fechar os Portos, para evitar a guerra com os Francezes.— O A. da Carta citada hade confessar, que nao sou tambem pouco generoso quando faço semelhante concessão — porque o numero dos que assim pensavaõ era immenso, e pertenciaõ a todas as classes, acima do Povo miudo: mas eu pertendo que o caracter de huma Nação he injustamente avaliado por aquelle d’alguns dos seos Naturaes, qualquer que seja o seu numero, e condição — porem com que fim honesto, perguntarei eu ao author, encobre elle hoje á grande massa do Heroico Povo Portu-

guez, que esta Heroica Resolução do seu verdadeiramente Bom, e bem Amado Principe, foi transtornada pelo Decreto de 8 de Novembro do mesmo anno, que mandou exactamente praticar o contrario dessa Magnanima Resolução, e que servio de motivo, ou pretexto a Sir Sydney Smith para intimar o bloqueio a Lisboa, e a Lord Strangford para abaixar as Armas, e sahir do Reino, retirando-se para bordo da esquadra da Sua Nação, que cruzava sobre a costa de Portugal ás ordens do sobredito Almirante?

Se o A. julgou que este facto se devia occultar, para que foi imprudentemente estribar o argumento contra os Ingleses, em outro que pucha necessariamente pela lembrança deste?

Dirá elle talvez, que o Decreto de 8 de Novembro, quanto aos effeitos era illuzorio, porque ja não havia fazendas, nem subditos Ingleses em Portugal, os quaes tinhaõ sahido francamente em quatro numerozos, e publicos comboios de Lisboa, e do Porto? Dirá que este passo era necessario para illudir ou acalmar o amor proprio de Bonaparte?—masahi he que mais reluz infelismemente a ruindade do Conselho, que prevalecera em toda a Europa.—Illudir Bonaparte era huma chimera! Acalma-lo, impossivel; porque o mal que se lhe podia fazer, estava feito, que era o de não sequestrar as fazendas Inglezas. Depois daquelle Magnanimo Passo toda a reconciliação com elle era impossivel; e quando se fecháraõ os Portos, foi quando se deviaõ abrir.

Que Patriotismo he este o de disfarçar a verdade destes factos a huma Nação que se está mostrando agora tão capaz de defender os seus lares contra hum malvado usurpador, e que o teria feito em 1797—1801—1803—1807 como o faz agora, se os máos conselhos que pervaleceraõ em todos os gabinetes da Europa, não tivessem annullado o espirito das Nações, ate o da Nação Portuguesa pelo espaço de 15 annos; isto he, desde o principio da Revolução Franceza ate 1808?

Tão errado me parece este patriotismo do Author que eu acho que antes se deve dizer aos Portuguezes toda a verdade—As propostas de Bonaparte em 1807 eraõ por certo indignas, e deviaõ ser rejeitadas como foraõ; mas o argumento que elle fazia para que se sequestrassem as fazendas Inglezas e prendessem os subditos Ingleses era irresistivel, não tinha resposta—porque era elle mesmo a resposta mais completa á difficuldade que nós faziamos de entrar em guerra com os Ingleses—os muitos navios e subditos desarmados, que tinhamos no mar—he para segurar a restituição dos vossos vassallos, e propriedades arriscadas pelo mar, que vos convem deter os

subditos, e fazendas Inglezas antes de entrar em guerra com elles !

Aquelle Acto solemne (o Decreto de 8 de Novembro) meteo nas garras da legislação Maritima dos Inglezes os Navios, e Propriedades Portuguezas, que navegavaõ na boa fé—e segundo os principios ordinarios teria justificado todas as hostilidades contra as nossas Possessoens distantes, e desarmadas. Se Junot tivesse tardado hum mez ; e S. A. R. demorado entretanto a sua partida, provavelmente nenhuma habilidade teria salvado o Monarca, muito menos as Propriedades e Navios Portuguezes, conduzidos a Inglaterra, sobre os quaes os captores julgavaõ ter adquirido hum *jus in re*.

(Continuar-se-ha.)

POLITICA.

AMERICA.

RIO DE JANEIRO.

ALVARA.

Eu o Principe Regente Faço saber aos que o presente Alvará com força de Lei virem, que tendo sido creado em mil seiscentos e quarenta e hum o Tribunal da Junta dos Tres Estados, e começando a ter exercicio em mil seiscentos e quarenta e tres pelo Decreto de dezoito de Janeiro do mesmo anno, com o fim de administrar os Impostos da Decima, Usuaes, Real d'Agoa, Direito Novo da Chancellaria, Caixas de Assucar, e outros estabelecidos para sustentar a gloriosa guerra da feliz acclamação, que restaurou a Monarquia, e entender no pagamento dos Soldados, Fardamentos, Munições de boca, Fortificações, e mais despezas da referida guerra, e na assistencia dos Ministros nas Cortes Estrangeiras; o que pareceo necessario; e util até que pelos Novos Regulamentos se reduzio a sua administração a Intendencia do Real d'Agoa, Direito Novo, Restos dos bens de Representalia, e Caudelarias, que lhe tinhão sido annexadas pelo decreto de seis de Maio de mil seiscentos e setenta e seis: representando me os Governadores do Reino, que este Tribunal era hum dos que se podia escuzar á vista dos poucos objectos, que lhe estavaõ agora incumbidos, sem damno, ou inconveniente, do Real Serviço, ou do Publico, como Eu Fôra Servido recommendar-lhes, por Carta Regia de dous de Janeiro de mil oitocentos e nove, e por Aviso de quatro de Julho de mil oitocentos e onze, expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra: Tendo consideração a todo referido, e desejando simplificar quanto for possivel a administração publica, diminuindo-se os Empregados, que forem de sobejo para se applicarem a outros objectos de igual, ou mais interesse para o Estado, e reduzir a menos a despeza publica, para que hajao mais rendimentos com que acodir ás grandes somas necessarias para a

sustentação da guerra, em que se acha empenhada a Minha Real Corôa, a fim de salvar o Estado de tão injusta, e violenta oppressão: Tendo ouvido o parecer de pessoas doudas, e zelozas do Meu Real Serviço, e Conformando-me com o dos Governadores do Reino, Sou Servido extinguir o referido Tribunal, e ordenar que passe para o Conselho da Minha Real Fazenda a Inspeção sobre os restos dos Direitos Reaes, que ainda estão a seu cargo, e a das Caudelarias para o Conselho da Guerra interinamente, e em quanto não Dou sobre este objecto novas providencias; Determinando outrossim, que os Deputados, Fiscal, Secretario, e mais Officiaes, que actualmente servem, e vencem ordenados por inteiro, percebam da qui em diante ametade em quanto alguns destes não forem empregados nas Secretarias do Conselho da Fazenda, sendo habeis para este serviço, e necessarios segundo o regulamento dellas.

Pelo que Mando á Meza do Desembargo do Paço: Presidente do Meu Real Erario; Regedor das Justiças; Conselho da Minha Real Fazenda; Governador da Relação e Caza do Porto; e a todos os Tribunaes, Ministros de Justiça, e mais Pessoas a quem pertencer o cumprimento deste Alvará, o cumprão, e guardem sem embargo de quaesquer Leis, ou Disposições em contrario, que todas Hei por derogadas, como se de cada huma dellas fizesse expressa menção. E valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação em contrario. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Abril de mil oitocentos e treze.

PRINCIPE.

Conde de Aguiar.

ALVARA.

Eu o Principe Regente Faço saber, aos que o presente Alvará com força de Lei virem, que dependendo em grande parte a prosperidade publica da boa Administração da justiça civil, e criminal, conseguindo os povos por meio della gozar a abrigo das Leis da liberdade civil, e politica, que estas lhes affianção, e segurança e que he compativel com o estado da sociedade, e da segurança pessoal, e dos sagrados direitos de propriedade; e não podendo obter-se tão uteis vantagens sem que a referida Administração de justiça se faça

com presteza, simplicidade, e expedição, para o que he necessario, que se não multipliquem os pleitos, antes se diminuaõ quanto for possivel, e que se não compliquem com particulares, e escuzadas commissoens, que fazem difficil, e embaraçado o curso das demandas com manifesto prejuizo dos litigantes, devendo além disto haver sufficiente, e não sobejo numero de Ministros, para que nem faltem para o expediente dos negocios occorrentes, nem o estorvem pelo seu excessivo numero com prejuizo da Minha Real Fazenda no pagamento de Ordenados superfluos: foi-me presente pelos Governadores do Reino, que era necessario, e conveniente por estes, e outros motivos reduzir a hum limitado, e certo numero os Ministros da Caza do Supplicação, e da Relação e Caza do Porto, que nestes tempos se tinha insensivel, e consideravelmente augmentado a pezar das antigas Leis, que o tinhaõ taxado, com prejuizo da publica utilidade, e augmento de despeza da Minha Real Fazenda, ora necessitada da mais exacta economia para acudir á defeza do Estado, diminuir alguns lugares desnecessarios da mesma Caza da Supplicação; extinguir aquellas especiaes commissoens, que a experiencia tem mostrado inuteis, insufficientes para o fim da sua instituição, ou prejudiciaes; e augmentar as Alçadas de todos os Ministros a fim de diminuir o numero dos pleitos nas Instancias superiores, ficando por esta maneira mais firmes, e certos os dominios, e mais socegados, e felices os Meus fieis Vassallos: E Tomando em consideração este importante negocio, tenda ouvido o parecer de pessoas doutas, e zelosas do Meu Real Serviço, e Conformando-me com o dos Governadores do Reino: Sou Servido Determinar o seguinte.

I. A Caza da Supplicação de Lisboa constará daqui em diante do numero de sessenta Ministros com effectivo exercicio nella, sem que por algum motivo por mais especioso que seja se possa augmentar; e a Relação e Caza do Porto constará do numero de quarenta e cinco tambem effectivos, além do Chanceller.

II. Tendo mostrado a experiencia, que doze cazas de aggravos na caza da supplicação bastão para o expediente das cauzas, que ali sobem por appellação, e aggravo, e para o mais expediente da referida meza, que se tornará menos complicado pela diminuição de pleitos, que ha de produzir o augmento das alçadas; e que duas varas da correição do civil da cõrte são tambem bastantes para a expedição dos respectivos negocios, que nellas se trataõ, não se tendo verificado os motivos, que fizeraõ necessario o decreto de tres de Fevereiro de mil setecentos setenta e seis; hei por bem extinguir duas cazas de aggravos, reduzindo-as a doze, e

duas varas da correição do civil da côrte, ficando sómente duas, como aconteceu antes do referido decreto.

III. Sendo inutil aos interesses da minha real fazenda, e até prejudicial ao socego das familias implicadas em dividas fiscaes antigas a commissão das dividas reaes preteritas creada pelo decreto do onze de Outubro, de mil setecentos sessenta e seis, cujos motivos se não verificaraõ com vantagem da minha real fazenda: sou servido have-la por extincta, e ordeno que as execuçoens, que estiverem correndo no juizo desta commissão, se remetaõ aos dos feitos da minha real fazenda para nelles se ultimarem.

IV. Tendo sido necessario augmentar as alçadas estabelecidas na ordenação do reino para as causas, de que se intentassem revistas, para a relação e caza do porto, e para todos os mais ministros, pelo Alvará de vinte e seis de Janeiro de mil seiscentos noventa e seis, porque o tempo que tinha decorrido alterára o valor, e preço de todas as cousas, como natural, e ordinariamente acontece; sendo muito maior o espaço que tem havido desde a publicação do sobredito alvará atégora; e tendo occorrido muitos outros motivos ponderosos para augmentar os valores de todos os generos, não quadrando por isto a sobredita legislação ao presente tempo alem de querer diminuir as instancias dos pleitos de pouco valor, que se proseguem muitas vezes por caprichos mal entendidos e porfiosos: sou outrosim servido augmentar todas as sobreditas alçadas com mais duas partes do que se acha estabelecido no citado alvará de vinte e seis de Janeiro de mil seiscentos noventa e seis; como por exemplo a da relação do porto, que tem por elle a alçada nos bens de raiz de duzentos e sincoenta mil reis, ficará sendo daqui em diante de setecentos e sincoenta mil reis; observando-se esta regra em todas as mais alçadas, na fórmula da tabella assignada pelo Conde de Aguiar, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos negocios do Brazil.

Pelo que: mando á meza do desembargo do paço: Presidente do meu Real Erario; Regedor das Justiças; Conselho da Minha Real Fazenda; Governor da Relação e Caza do Porto; e a todos os Tribunaes; Ministros da Justiça; e mais pessoas, a quem pertencer o cumprimento deste alvará, o cumprão, e guardem sem embargo de quaesquer leis, ou disposições em contrario, que todas hei por derogadas, como se de cada huma dellas fizesse expressa menção. E valerá como carta passada pela chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação em contrario. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e treze.

TABELLA

Do regulamento das Alçadas, que se devem observar
daqui em diante.

Para excluir a revista nos bens de

Raiz	-	1,050,000
Nos Moveis	-	1,200,000

Nas causas sentenciadas em huma ou duas Instancias de

Raiz	-	360,000
Moveis	-	600,000

Corregedor do Civel da Côrte, e do Porto

Raiz	-	75,000
Moveis	-	90,000
Penas	-	30,000

Relação do Porto

	Raiz	-	750,000
	Moveis	-	900,000
Corregedores das Comarcas	Raiz	-	32,000
Civel da Cidade de Lisboa			
Juiz de India e Mina	Moveis	-	40,000
Provedor das Capellas e			
Reziduos	Penas	-	12,000

Ouvidor da Alfandega

Raiz	-	32,000
Moveis	-	40,000
Penas	-	12,000

Provedores das Comarcas

Raiz	-	32,000
Moveis	-	40,000
Penas	-	12,000

Juizes de Fóra das Terras da Coroa

Raiz	-	16,000
Moveis	-	20,000
Penas	-	6,000

Juizes de Orphaos desta Cidade, e juizes dos Orphaos de Fôra.

Raiz	-	-	16,000
Moveis	-	-	20,000
Penas	-	-	6,000

Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e treze.

CONDE DE AGUIAR.

CAYENA.

NOTA

Do modo como se tem percebido os Direitos Reaes na Alfandega de Cayena, para servir de resposta á representação feita pelo Ministro Inglez no Rio de Janeiro.

Ate á epoca em que a Colonia foi conquistada pelos Portuguezes o uzo estabelecido para a percepção dos direitos de Alfandega era, que tudo o que não estivesse debaixo de Bandeira Franceza pagasse dobrados direitos de sahida, do que pagava hum navio nacional: os direitos d'entrada eraõ os mesmos. Havia alem disso huma condição muito oneroza, e era, que os direitos não podiaõ ser pagos senão em numerario effectivo: consequentemente era necessario que o navio estrangeiro trouxesse o dinheiro necessario para este pagamento, bem como para as suas despezas necessarias; porque não se admittia o deduzir a sua importancia do producto da venda. Se a carregação importada era vendida por cem mil francos, devia o navio importar huma igual somma em generos da colonia, alem dos direitos.

Depois da conquista da colonia conservaraõ-se os mesmos uzos, e modificaraõ-se os direitos de sahida diminuindo-os. Os direitos de Alfandega ficáraõ pois estabelecidos da maneira seguinte.

Para os objectos introduzidos na Colonia.

Vinho, azeite, vinagre, mantimentos	} 2 por cento do valor qualquer que seja a Bandeira.
salgados de toda a especie, manteiga	
unto de porco, e outros comestiveis	
Cal, ferro em barras, pregos, enxarcia de toda a especie, alcatraõ, taboas	
sebo, e yellas de sebo	

Mercadorias seccas, fancaria, pan- } 8 por cento do valor
nos, moveis, e geralmente todos os ar- } qualquer que seja a
tigos de que acima se não faz menção. } Bandeira.

Para os objectos exportados da Colonia.

		Debaixo de Ban- deira Portu- gueza.	Debaixo de Bandeira Estrangeira.
Urucu por cada 100 libras (de pezo)		10 francos	20 francos
Algodaõ dita . . idem .		12 — 50s.	25
Cacáo . . . idem .		10	20
Cravo . . . idem .		15	30
Canela . . . idem .		15	30
Pimenta . . . idem .		15	30
Café . . . idem .		10	20
Simaroba . . . idem .		8	16
Páo de tinturaria . idem .		1	2
Artigos de que acima se não faz menção	ad valorem	3 — por 100	3 por 100

Fez-se a Sua Excellencia o Capítam General do Pará huma communicação exacta, e circumstanciada dos direitos, e uzos seguidos nesta colônia: elle ordenou que nada se mudasse ate á decizaõ da Corte: consequentemente continuou-se a seguir os mesmos uzos, tanto pelo que pertence á percepção dos direitos de Alfandega, como pelo que diz respeito á obrigação imposta de exportar em generos da colônia huma somma igual á dos generos importados.

A ordenança de 27 de Março de 1810, deo huma nova forma á administração da Alfandega: nada se mudou nos direitos estabelecidos; mas aboliu-se a obrigação imposta de exportar em generos da colônia huma somma igual á dos generos importados, como contraria á liberdade do commercio.

A situação deste paiz conquistado, seos uzos, todos differentes dos das outras Provincias do Brazil, não permittiaõ, que se estabelecesse aqui o mesmo modo d'administração: o uzo das Pautas era aqui desconhecido, e não podia aqui estabelecer-se senão em virtude de huma ordem de Sua Alteza Real que informado do que se tinha feito, e do modo d'administração que estava em pratica, ordenou que se não fizesse mudança alguma em quanto não mandasse o contrario.

Só no principio de 1812 he que o tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra foi conhecido em Cayena por via do Governador do Pará, mas a communicação que este

fez não era acompanhada de alguma ordem da parte do Ministerio, o qual estava perfeitamente informado de tudo o que era relativo á percepção dos direitos de Alfandega neste paiz.

Não se podia pois formar reclamação alguma fundada, senão a respeito dos navios Inglezes entrados neste Porto depois que se conheceo aqui o Tratado; quer dizer, depois de Janeiro de 1812.

Os unicos navios Inglezes vindos da Europa, que entraram neste porto depois daquella epoca são.

O Brigue—Dunkin—Capt. Tell, chegado a 4 de Janeiro do 1812, vindo de Londres.

O navio des tres mastros—Pilgrim—Capt. Horn, chegado a 15 de Julho de 1812, vindo do Senegal.

O Brigue—Louiza—Capt. Mattison, chegado a 15 de Janeiro de 1813, vindo de Londres.

O navio de tres mastros—John—Capt. Adams, chegado a 11 de Março de 1813, vindo de Londres.

Os primeiros dois vieraõ em lastro, sem trazerem absolutamente coiza alguma a bordo. O Brigue Dunkin foi aqui enviado por M. M. May, e Alewin de Londres a procurar fretes; elle trouxe cartas para diversos habitantes para os persuadir a carregar neste navio, o qual, com effeito, partio daqui no 1. de Abril de 1812 levando a bordo.

Urucu	53,933 libras	} Carregado por Lejeunne & Power desta Colonia por sua conta.
Algodaõ	3,003 ditas	
Simarouba	2,000 ditas	
Urucu	1,543 ditas	} Carregado por Lalanne.
Algodaõ	7,199 ditas	
Urucu	8,342 ditas	} Carregado por Madama Audiffredy.
Algodaõ	7,900 ditas	
Dito	6,429 ditas	} Carregado por Diagre-pont.
Dito	17,905 ditas	
Dito	1,401 ditas	} Carregado por Jean Senat & Co.
Urucu	6,205 ditas	
Paõ de tinturaria	17,000 ditas	} Carregado por Madame Vernier.
		} Carregado por Patrocle.
		} Carregado por Geneste.

O navio Pilgrim chegou vindo do Senegal, onde tinha ido levar provizoens por conta do Governo Inglez: entrou neste porto para ver se achava algum frete, e partio a 31 de Julho de 1812 com a seguinte carga.

Urucu	15,915 libras	} Carregado por Jean Senat & Co. por sua conta.
Dito	8,337 ditas	
Algodaõ	3,145 ditas	} Carregado pelo dito por conta de Antonio de Silva & Co. de Pernambuco.

Algodão 5,984 ditas { Carregado pelos mesmos por conta de
 João Ignacio de Figueirado do Ma-
 ranhão.

O Brigue Louiza foi fretado em Londres por vassallos Portuguezes estabelecidos aqui M. M. Lejeunne & Power, para trazer a esta Colonia huma carregação de diversos artigos por sua conta, e este navio partio deste porto com huma carregação de generos coloniaes igualmente por sua conta.

O Navio John chegou aqui a 11 do corrente Março veio em lastro, e somente trouxe huns pequenos pacotes, que valiaão, quando muito 300 ou 400 libras esterlinas, compostos de artigos para o consumo particular daquelle a quem foraão dirigidos. Este navio foi aqui mandado de propozito por May e Alewin de Londres para carregar por conta dos carregadores; como elle acaba de chegar aqui, e ate o presente nada tem carregado a seu bordo, nada se pode dizer a respeito da sua carga.

Doque fica dito, cuja exactidaõ se a fiança, se vê que desde o 1 de Janeiro de 1812 ate hoje 20 de Março de 1813, no espaço de quinze mezes, vieraão aqui somente quatro navios Inglezes da Europa, tres delles em lastro, e nenhum em cuja carga estivesse interessado algum vassallo Inglez.

Deve accrescentar-se, que segundo indicios certos se sabe, que o Brigue—Dunkin—e o navio—John—foraão aqui mandados por May e Alewin de Londres somente para facilitar a diversas pessoas desta Colonia os meios de retirar daqui seus fundos; e que os productos das cargas feitas abordo do Dunkin por Madamas Audiffredy, Vernier, M. M. Daigremont, Patrocle, e Geneste, foraão, ou devem ser enviados para França áquelles para quem foraão destinados.

Entraraão mais no porto de Cayena, no mesmo espaço de tempo deseseis navios Inglezes vindos das ilhas Inglezas, dos quaes dois em lastro, e outros carregados principalmente de objectos, ou productos das manufacturas Inglezas: e segundo *huma avaliação muito moderado* dos artigos, que elles importáraão, a venda que delles se fez sobe a perto de 700,000 francos; *posto que as declaraçoens de venda fornecidas pelos agentes, ou Capitaens as não fazaão chegar a mais de 443,000 francos.* Mas tal tem sido sempre o espirito de *moderação* do Governo desta Colonia, (que tem procurado sempre facilitar, e favorecer o Commercio desta Colonia) que, *naõ obstante ter a certeza de que estas declaraçoens não eraão exactas relativamente ao valor dado aos objectos importados, contentou-se com ellas, e segundo ellas se receberam os direitos de entrada, que, por isso, produzirão somente 26,667*

francos ; de maneira que se pode affirmar, que se não tem pago realmente, senão dois terços dos direitos devidos.*

Estes deseseis navios exportarão em generos da Colonia, ou outros objectos, o valor de 606,000 francos, e pagáráo de direitos sobre estas exportações 105,054 francos; o que faz subir a somma total do que pagaráo por direitos de entrada, e sahida a 131,721 francos.

Naõ se tem feito reclamação alguma sobre o valor destes direitos, e teria sido muito mais vantajozo ao Governo recebe-los na conformidade do artigo quinze do Tratado, a razão de quinze por cento sobre as importações, e sobre as exportações da mesma maneira que se pratica para com os navios nacionaes: o que he facil de demonstrar.

Naõ se tendo estabelecido, como ja se disse, o uzo das Pautas neste paiz, o direito de quinze por cento deveria ter sido cobrado segundo as facturas originaes não suspeitozas, ou segundo o valor, que se tivesse determinado na chegada dos objectos importados. Ora, a avaliação mais baixa que se pode fazer dos artigos importados para a Colonia nos 16 navios vindos das Ilhas Inglezas faz subir o seu valor a 600,000, pelo menos, que, a razão de 15 por cento teriaõ produzido hum direito de

90,000 francos.

Calculando os direitos de sahida como para a Bandeira Portugueza, estes 16 navios

teriaõ pago pelos generos que exportarão 56,801 ditos.

Total - - 146,801 ditos.

Tem-se visto que elles não pagaráo senão 131,721 francos: consequentemente executando á risca o artigo do Tratado, os direitos teriaõ produzido huma somma de 15,080 francos de mais, do que se recebeo. A falta pois de execução deste

* E quem authorizou o Governo de Cayena a fazer este presente aos Inglezes, que tão mal lho agradeceraõ, á custa da Fazenda Real? Se o Governo de Cayena teve certeza de que as ditas declarações eraõ fraudulentas, quem o authorizou a fechar os olhos e deixar defraudar a Fazenda Real em hum terço de direitos? E não obraria S. A. R. com muita justiça, se mandasse indemnizar a Sua Real Fazenda á custa do mesmo Governo de Cayena? E não obraria S. A. R. com igual justiça se mandasse confiscar todos os bens dos administradores das diversas Alfandegas, que ha tres annos a esta parte tem deixado de cobrar dos Navios Inglezes milhoens; em que teriaõ importado os direitos que, em execução desse mesmo máo tratado de Commercio de 19 de Fevereiro de 1810, se deviaõ ter cobrado, e se não cobraráo em todas as Alfandegas dos Dominios Portuguezes?

artigo do Tratado tem sido toda em vantagem dos armadores Inglezes que expedirão estes 16 navios.

De tudo o que fica dito rezulta

1. Que nenhum negociante Inglez da Europa tem mandado o valor de hum soldo de mercadoria para esta Colonia; consequentemente quaesquer que lejaõ os direitos que se tem percebido, nenhum delles tem sido lezado em seos interesses.

2. Que de 4 navios Inglezes vindos da Europa desde o 1. de Janeiro de 1812 ate hoje, 3 vieraõ em lastro, e o 4. foi carregado, e expedido por conta de Vassallos Portuguezes aqui estabelecidos: alem disto, que destes tres navios vindos em lastro, dois foraõ expedidos pela caza de May e Alewin com o designio de facilitar á alguns proprietarios desta Colonia os meios de fazer retirar daqui seos generos, e de os enviar para França.

3. Que os negociantes Inglezes, que expedirão os 16 navios, que vieraõ das antilhas desde o 1 de Janeiro de 1812 ate hoje, dos quaes dois somente em lastro, devem felicitar-se da maneira que se seguiu na percepção dos direitos da Alfandega; porque se tivessem sido recebidos como o Tratado indica; elles teriaõ sido obrigados a pagar 146,801 francos de direitos, entretanto que elles pagaraõ somente 131,721 ditos.

A asserção de que os Inglezes pagão o dobro do que pagão os Portuguezes nos direitos d'entrada, he falsa, e destituida de todo o fundamento. Os direitos d'entrada são os mesmos para todos as Bandeiras; nunca se fez aqui differença alguma senão nos direitos de sahida sobre os generos crus da Colonia; e em todo tempo estes direitos foraõ reduzidos a ametade em tudo o que era exportado debaixo da Bandeira nacional. O Governo não fez mais do que seguir o uzo, que achou estabelecido; e de mais, elle tem particularmente favorecido os Inglezes permittindo-lhes o exportar generos da Colonia, sem nada terem importado, apezar do que prescrevem os antigos uzos, e regulamentos, mui sabiamente estabelecidos; porque huma colonia tem sempre necessidade de ser aprovizionada com os artigos de seu consumo.

Ignorando o que se passa nos portos da Europa a respeito dos navios Portuguezes e de suas cargas, não fallarei delles: mas he preciso que o espirito do Tratado concluido entre as duas Naçoens, seja religiozamente observado nas Antilhas, o

n^o outras Colonias Inglezas da America. Os navios Portuguezes não podem para alli transportar os productos da Colonia sem difficuldades; não ha alli nada fixo, nada certo a este respeito: tudo alli he arbitrario. *Eisaqui as provas.*

No mez de Março de 1810 a Goleta Portugueza a Creola, pertencente a hum negociante desta Colonia, foi expedida com diversos objectos deste paiz para Demerary; ella nunca pôde conseguir ser admittida, dando-se por motivo de recuzar ao capitão o fazer seos negocios, *que se não conhecia a Bandeira Portugueza de Cayena.*

No mez de Dezembro de 1812, a Goleta Carlota, navio construido neste Porto pertencente a hum vassallo de S. A. R. e navegado na conformidade das leis, tendo ido a Surinam com hum carga de Urucu, não pôde la descarregar, porque a Alfandega deste Paiz lho não quiz jamais permitir: e o Sobrecarga se vio obrigado, para não fazer hum viagem ruinoza, traficar da sua carga de bordo a bordo com hum navio Inglez que estava no Porto de Surinam.

Mais recentemente ainda, a Sumaca Portugueza—Paquete—pertencente a vassallos de S. A. R. teve o maior trabalho para descarregar em Guadalupe sua cargação, que consistia em algodão, e Urucu. O Collector da Alfandega desta ilha recuzava absolutamente recebe-la, quando felizmente para os proprietarios deste navio, outro chegado da Martinica trouxe a noticia de que a Goleta Portugueza—Madalena d'Elvas—sahida de Cayena tinha chegado á Martinica com algodão, e Urucu, e que tinha descarregado sem difficuldade sua carga: entao o Collector da Alfandega de Guadalupe permittio a entrada da carga da Sumaca, com tanto que se lhe provasse que o algodão e Urucu eraõ admittidos na Martinica. O Capitan da Sumaca foi pois obrigado a ir á Martinica para obter hum attestado; e por cauza desta estranha difficuldade, elle foi obrigado a fazer correr novos riscos ao seu navio, e talvez por isso a falhar em suas operaçoens.

Ha quazi seis mezes que a Goleta—Madalena d'Elvas—pertencente igualmente a habitantes desta Colonia foi tomada no mar, voltando dos Estados Unidos, por hum navio Inglez, e conduzida a Bermuda, debaixo do pretexto, que não estava em regra: ficou alli retida quatro mezes, no fim dos quaes foi a final posta em liberdade, depois de hum longo processo, que teve de sustentar: *e posto que a não podessem achar em falta, ella nem por isso foi menos obrigada a pagar as despezas do processo que forão consideraveis; o que, junto á demora que houve, arruinou inteiramente a operação.*

Os navios Inglezes não pagão neste Porto senão oito mil reis de Direito Real de ancoragem, *qualquer que seja a capa-*

cidade do navio: e com tudo em todas as colonias Inglezas vizinhas, a menor embarcação Portugueza, se he de mais de 16 toneladas *paga ate sessenta mil reis* de direito de ancoragem.

Aqui nunca se poz difficuldade alguma aos navios Inglezes de exportar generos da Colonia, nem mesmo quando estavam em lastro; testemunhas os navios *Retrieve* e o *Flying Fish* que chegáão de Barbadas em lastro, e exportarão livremente daqui tudo o que quizerão: não acontece o mesmo nas colonias Inglezas; porque hum navio Portuguez que fosse em lastro não poderia exportar senão mercadorias provenientes das Manufacturas Inglezas da Europa; não se lhe permittiria carregar assucar, melasso, agua ardente de cana, ou outros productos do paiz, ou da industria estrangeira.

Seria facil ajuntar muitos outros factos semelhantes; mas limitar se-ha aos que precedem, e aos seguintes.

No mez de Agosto de 1810 a colonia tinha falta de viveres; estes não vinhaõ de Pará; e o Governo achava-se embaraçado relativamente á Guarnição. Huma Caza Commercio mandou hum pequeno navio a Surinam para obter alguns viveres; e os chefes desta Colonia deraõ cartas de recommendação para S. Excellencia o defunto Mr. Bentinck, então Governador de Surinam, expondo-lhe as precizoens do Governo, a fim de que elle concedesse a sahida dos viveres, no cazo de haver algumas difficuldades. A Colonia de Surinam estava em abundancia naquella epoca; acabava se de condemnar alli dois navios Americanos carregados de viveres: apezar disto, apezar das recommendações que expunhaõ as necessidades deste paiz, e do Governo em particular, o Governo de Surinam não quiz permittir a sahida de quazi sessenta barriz de carne salgada, que era tudo o que a embarcação podia transportar; recuzando desta maneira todas os succorros a hum paiz pertencente ao mais intimo alliado do seu Soberano.

Os factos que se acaba de citar bastão para provar que esta reciprocidade de respeito de amizade, que o Tratado estabelece, não he seguida pelos agentes do Governo Inglez, ao menos relativamente a esta Colonia: elles provaõ evidentemente, quanto são erroneas as asserções contidas nas queixas feitas ao Governo Inglez: queixas que não são mais exactas pelo que diz respeito aos navios Americanos.

Os poucos aventureiros desta Nação, que, ha quinze mezes a esta parte tem podido escapar aos navios de guerra Inglezes, e chegar aqui, não tem importado mais do que viveres, e outros objectos da primeira necessidade, de que a Colonia tinha humia falta total, e que os Inglezes não podem

fornecer : he facil provar que elles nao tem exportado senão o valor de suas importações, e que em geral elles tem pago os generos da Colonia por preços muito mais altos, que os Inglezes. Ha quinze mezes a esta parte não se tem carregado, a frete, para os Estados Unidos por algum habitante desta Colonia, senão huma quantidade de 17,656 libras de Algodam que Madama Allegre, que sahio da Colonia para os Estados Unidos por cauza de sua saude, carregou no Brigue Mary—Capitan Thomas Hunt que partio deste Porto para Philadelphia a 18 de Maio de 1812.

Desafia-se a todos os Inglezes para que provem o que se avançou—isto he que se serve dos navios Americanos para fazer passar a França os generos da colonia : no entanto prova-se pelas Cartas de Mr. Doran de Liverpool, e pelas de Mai e Alewin de Londres, dirigidas a Madama Audiffredi, a Mr. Daigremont, e a outras diversas pessoas desta Colonia nos mezes de Setembro, e Novembro de 1812, *que são vassallos Inglezes que se prestão a este negocio, e que se tem mandado de Londres, muito de proposito dois navios para excitar, e facilitar estas operações.*

MEXICO.

CONCLUZAÕ

De hum Manifesto da Junta Revolucionaria do Reino do Mexico, e Plano de paz, e guerra que propozeraõ aos Hespanhoes : tirados dos primeiros Papeis Publicos desta classe que chegaraõ a Londres*.

ILLUSTRADOR AMERICANO†.

Salado, 6 de Junho de 1812.

“ O Systema de insurreiçaõ nunca foi sanguinario ; os

* Não podemos publicar o manifesto por inteiro, porque o não achamos publicado em papel algum.

Os Redactores.

† Jornal publicado no Mexico.

Os Redactores..

prizioneiros forão tratados ao principio com commodidade, decencia, e decoro: innumeraveis forão perdoados não obstante que perjuros, e infieis á sua palavra de honra, se valiaõ desta benignidade para nos cauzar os males possiveis, e depois tem sido os nossos mais atrozes inimigos. Desde que vos abristes as portas á crueldade, vos começou a *hostilizar* o Povo de hum modo muito inferior áquelle com que vos tinheis portado. Mais por vossa felicidade do que por nossa, dezejariamos terminar desavenças, que estaõ scandalizando o mundo inteiro; e preparando talvez, por meio de alguma Potencia estrangeira, desgraças que tenhamos de soffrer, quando não possamos evita-las; por tanto em nome de nossa commum fraternidade, e dos mais sagrados vinculos que nos unem, vos pedimos encarecidamente, que examineis com attenção e imparcialidade sabia, e Christan, os planos de paz, e guerra, fundados em principios evidentes de direito publico, e natural, os quaes vos propomos a beneficio da humanidade, para que elegendo o que vos agradar, ceda sempre em utilidade da Nação. Sejaõ nossos juizes o caracter nacional, as apertadas, e as mais criticas circumstancias, debaixo das quaes está gemendo a America.

PLANO DE PAZ

Principios naturaes, e legaes em que se funda*.

1. A Soberania rezide na massa da Nação. 2. Hespanha, e America são partes integrantes da Monarquia, sujeitas ao Rey, porem iguaes entre si, e sem dependencia ou subordinação de huma a respeito da outra. 3. Mais direito tem a America fiel para convocar cortes, e chamar representantes dos poucos patriotas de Hespanha contagiada de perfidia; do que Hespanha chamar Deputados da America, por meio dos quaes nunca podemos ser dignamente representados. 4. Auzente o Soberano, nenhum direito tem os habitantes da Peninsula para arrogar a si o Poder Supremo, e representa-lo nestes dominios. 5. Todas as authoridades dimanadas desta origem são nullas. 6. Conspirar contra elles a Nação Americana repugnando submetter-se a hum imperio arbitrario, não he mais do que uzar do seu direito. 7. Longe de ser isto hum delicto de leza Magestade (no cazo de se-lo, sera de lezos *gachupines*, que não são Ma-

* Illustrador Americano de 10 de Junho de 1812.

Os Redactores.

gestade), he hum serviço, digno de reconhecimento, a El Rey, e huma satisfação de seu patriotismo, que Sua Magestade approvaria se estivesse presente. 8. Depois do que tem occorrido na Peninsula, e neste continente, desde o transtorno do Throno, a Nação Americana he acreedora a huma garantia para sua segurança e não pode ser outra, que não seja pôr em execução o direito que tem de guardar estes dominios para seu legitimo Soberano por si mesma, sem intervenção de gente Europea.

De taõ incontestaveis principios se deduzem estas justas pretensoens.

1. Que os Europeos resignem o mando, e a força armada em hum Congresso nacional, e independente da Hespanha, representativo de Fernando VII. que affiance seos direitos nestes dominios. 2. Que os Europeos fiquem na classe de cidadaons, vivendo debaixo da protecção das leis, sem ser prejudicados em suas pessoas, familias, nem fazendas. 3. Que os Europeos actualmente empregados fiquem com as honras, foros, e privilegios, e com alguma parte das rendas de seos respectivos empregos, porem sem o exercicio delles. 4. Que declarada, e Sanccionada a independencia, se lancem no esquecimento de huma, e d'outra parte todos os aggravos, e acontecimentos passados, tomando-se para este fim as providencias mais activas; e todos os habitantes deste solo assim criollos como Europeos constituaõ indistinctamente huma Nação de cidadaons Americanos, vassallos de Fernando VII., empenhados em promover a felicidade publica. 5. Que em tal cazo a America poderá contribuir aos poucos Hespanhoes empenhados em sustentar a guerra de Hespanha, com as consignações que o Congresso nacional determinar, em testemunho de sua fraternidade com a Peninsula, e de que ambas aspiraõ ao mesmo fim. 6. Que os Europeos, que espontaneamente quizerem sahir do reino, obterão passaporte para onde quizerem: porem nesse cazo os empregados antes, não perceberão a parte das rendas que se lhes assignalar.

PLANO DE GUERRA

Principios indubitaveis em que se funda.

1. A guerra entre irmaons, e concidadaons não deve ser mais cruel do que entre naçoens estrangeiras. 2. Os dois

partidos belligerantes reconhecem a Fernando-VII.: os Americanos tem dado evidentes provas disto, jurando o, e proclamando-o em todas as partes, levando seu retrato por deviza, invocando seu augusto nome em seus titulos, e providencias, e estampando-o em suas moedas, e dinheiro numerario: neste supposto se estriba o entusiasmo de todos, e sobre este pé tem caminhado sempre o partido da insurreiçãõ. 3. Os direitos das Gentes, e de guerra, inviolaveis entre Naçoens infieis, e barbaras devem se-lo mais entre nos, que professamos huma mesma crança, e sujeitos a hum mesmo soberano, e a humas mesmas leis. 4. He opposto á moral Christan proceder por odio, rancor, ou vingança pessoal. 5. Supposto que a espada haja de decidir a disputa, e não as armas da razão, e prudencia por meio de convençoens, e ajustes concertados sobre bazes da equidade natural, a lide deve continuar-se de modo que seja menos oppressiva á humanidade, ja nimamente affligida, para deixar de ser objecto da nossa mais terna compaixãõ.

Daqui se deduzem naturalmente estas justas pretensoens:

1. Que os prizioneiros não sejam tratados como reos de Leza Magestade.
2. Que nenhum seja sentenciado á morte, nem desterrado por esta cauza mas que se conservem todos em refens para sua troca.
3. Que não sejam incommodados com ferros, nem prizoens: mas que sendo esta huma providencia de mera precaução se ponhão soltos em sitio onde não prejudiquem as vistas do partido, onde se achão prezos.
4. Que seja cada hum tratado segundo sua classe, e dignidade.
5. Que não permittindo o direito da guerra a effusão de sangue, senão no actual exercicio do combate, concluido este se não mate a ninguem, nem se *hostilize* os que fogem, ou depõem as armas; mas que sejam feitos prizioneiros pelo vencedor.
6. Que sendo contra o mesmo direito, e contra o natural entrar a fogo, e sangue nas povoaçoens indefensas; ou assignar por dizimos, ou quintos, pessoas do povo para ser degoladas, em que se confundem innocentes com culpados, ninguem se atreva, debaixo de severissimas penas, a commetter este horrorozo attentado, que tanto deshonra a huma Nação Christan e de boa legislação.
7. Que não sejam prejudicados os habitantes dos povos indefensos por onde transitarem indistinctamente os exercitos de ambos os partidos.
8. Que estando a esta hora ja desenganado todo o mundo á cerca dos verdadeiros motivos da guerra; e não tendo lugar o ardil de enlaçar esta cauza com a da religião, como se pertendeo no principio;

se abstenha o Estado Ecclesiastico de prostituir seu ministerio com declamaçoens, suggestoens, e com outros quaesquer modos, contendo-se dentro dos limites de sua inspecção: e os tribunaes ecclesiasticos não intromettaõ suas armas vedadas em assumpto puramente de Estado que lhes não pertence; pois do contrario abatem seguramente sua dignidade, como está demonstrado pela experiencia, e expõem seos decretos, e censuras á mofa, irrizão, e desprezo do Povo que, em massa, está anciozamente dezejando o triumpho da Patria: ficando entendido, que neste cazo não seremos responsaveis dos rezultados por parte dos povos enthu-siasmados por sua Nação; ainda que pela nossa protestamos desde agora para sempre nosso respeito, e veneração profunda a seu character, e jurisdicção em coizas proprias do seu ministerio. 9. Que sendo este hum negocio da maior importancia, que dis respeito a todos, e a cada hum dos habitantes deste solo, indistinctamente, se publique este manifesto, e suas propoziçoens por meio dos periodicos da capital do reino, para que o Povo composto de Americanos, e Europeos, instruido do que mais lhe interessa, indique sua vontade, a qual deve ser norma de nossas operaçoens. 10. Que no cazo de não se admittir algum dos planos, se observaraõ rigorozamente as reprezalias.

Eisaqui irmaons, e amigos nossos as propoziçoens religiosas, fundadas em principios de equidade natural, que vos fazemos, consternados dos males que affligem a Nação. Em huma das maons vos apresentamos o ramo de Oliveira, e na outra a espada; porem não perdendo de vista os enlaces, que nos unem; tendo prezente que em nossas veias circula sangue Europeo, e que aquelle que actualmente se está derramando com enorme detrimento da Monarquia, e com o objecto de mante-la, durante a auzencia de nosso Soberano, todo he Hespanhol. Que impedimento tendes que justo seja para examinar nossas propoziçoens? Com que podereis cohonestar a cega obstinação de não querer ouvir-nos? Somos acazo de menor condicção do que o populo de hum unico lugar de Hespanha? Sois vos porventura de huma gerarquia superior á dos Reis? Carlos III. desceo de seu throno para ouvir hum plebeo que ia ser o orgão do Povo de Madrid. A Carlos IV. custou nada menos que a abdicacão da Coroa o tumulto de Aranguez: e somente aos Americanos quando querem fallar a seos irmaons iguaes em tudo a elles, em tempo em que não ha Rey, se lhes hade responder com balas? Não ha pretexto com que possaes cohonestar este rasgo do maior despotismo.

Se hoje, que vos fallamos pela ultima vez, depois de o ter feito infinitas, recuzaes admittir algum dos nossos planos, restar-nos ha a satisfação de vo-los ter proposto em cumprimento dos mais sagrados deveres, que os homens de bem não sabem ver com indiferença. Deste modo ficaremos vingados á face do orbe, e a posteridade não tera de lançar-nos em rosto procedimentos irregulares: porem em tal cazo lembrai-vos que ha hum Sereníssimo Juiz Supremo a quem tarde ou cedo haveis de dar conta de vossas operaçoens, e de seos espantozos resultados, dos quaes vos fazemos responsaveis desde agora para quando o farpão de crueis remorsos, cravado no meio de huma consciencia livre de preoccupaçoens, só dê lugar a vaons e estereis arrependimentos. Lembrai-vos que a sorte da America não esta decidida: que as armas nem sempre vos favorecerão, e que as reprezalias em todo o tempo são terriveis. Irmaons, amigos, concidadaos abracemo-nos, e sejamos felizes, em vez de nos fazermos mutuamente desgraçados.

DOR. JOZE MARIA COS.

— VENEZUELA.

REPREZENTAÇÃO

Do Fiscal da Audiencia de Venezuela.

M. P. S. —

O Fiscal de Sua Magestade tendo visto na carta particular, que na data de 31 do mez, e anno passado escreve o Snr. Ouvidor deputado em Caracas, que o Snr. Prezidente e Capitão General se queixa de que a Audiencia he a que menos o ajuda, que não tem querido trasladar-se para a Capital, e que não tem sentenciado cauza alguma, fazendo-a, em certo modo culpavel da fermentação, que se observa e das providencias menos acertadas, que se tem tomado, tem julgado do seu dever, não para desculpar o Tribunal, cujo comportamento considera irreprehensivel, mas em obsequio da justiça, e do dezejo que o anima de que de

humas vezes se fixem as bases da publica tranquillidade deste paiz, fazer presente a Vossa Alteza as seguintes reflexões.

Donde vem que tendo a Divina Providencia prodigado ás maons cheias sua protecção ás armas de El Rey na pacificação destas provincias, que mais tem sido hum passeio militar, do que hum Companhia, apresentando-se, e offerecendo-se os povos, á porfia, á legitima authoridade, haja para conservar a tranquillidade difficuldades, e riscos, que não houve para reduzi-los?—Vem de que se adoptárao no primeiro cazo os meios que a politica prescreve, e aconselha; e no segundo os que os conspiradores poderiam dictar, se tratassem de fazer odioso o governo estabelecido.

Donde vem, que havendo a Providencia disposto que os primeiros empregos recahissem em sujeitos que dezejaõ o bem, e felicidade deste Paiz, talvez com mais fervor do que a sua propria, nem huns, nem outros fazem todo o bem que poderiam, nem o que he conforme a seos dezejos, e intenções? Vem de que não ha entre os que mandao a harmonia que he o resultado da uniformidade de ideas, e de principios.

Estes saõ os elementos do mal, e não a falta de cooperação da Audiencia ás vistas do Snr. Presidente. Estes saõ os pontos que devem chamar sua attenção, e a de Vossa Alteza, e não que o Tribunal Superior esteja em Valencia, ou em Caracas. O remedio destes males he o que deve restabelecer, ou consolidar a tranquillidade publica, e não os supplicios que se reclamaõ, e cuja falta se lança em rosto ao Tribunal. Permitta Vossa Alteza ao Fiscal, que desça ao exame das proposições, que tem estabelecido, desculpando-lhe, em consideração á importancia do objecto, a prolixidade e desalinho com que apresenta suas ideas.

Quando o Snr. Presidente emprehendeo a pacificação destas provincias, porque razão se apresentavaõ gostosos os povos para sacudir o jugo dos rebeldes, e unir-se á cauza da Nação? Porque elles comparavaõ sua situação durante o legitimo governo, e durante o regime revolucionario, e viaõ que naquelle disfrutavaõ a paz, a segurança, e a prosperidade, que tinhaõ desaparecido neste: porque esperavaõ ver renascer aquelles tempos felizes, em que á sombra da lei gozavaõ os estimaveis fructos de hum governo moderado; e porque a humanidade do Chefe do exercito nacional, sua moderação, e doçura, que voava de povo em povo, e de provincia em provincia, a pezar do empenho dos rebeldes em pinta-lo como hum tyranno, e os seos soldados como hum tropa de bandidos, accrescentava as es-

peranças dos povos, e a de ver dissipados os ultimos restos da rebelliao. Estes forao os verdadeiros motivos de ter sido tao rapida a pacificacao, deixando á parte o valor das tropas, e a boa direcção de seu chefe; e esta era a formosa perspectiva com que se apresentavao estas provincias nos primeiros mezes de sua reducao; e ainda que soffriaõ males, e males dolorozos, pelas prizoens, e embargos sem tino que se fizeraõ, se considerava tudo isso como huma dezordem inevitavel nos primeiros momentos, a qual seria reparada pelas mesmas authoridades huma vez, que se achasse reorganizado todo o systema de administração publica. Vossa Alteza he testemunha desta verdade, e o mostra a satisfacao com que foi recebido em todas as provincias o restabelecimento deste Superior tribunal.

A confiança publica ia cimentando-se com huma rapidez assombroza, porque se considerava que a segurança pessoal, e a propriedade ficavao affiançadas pelas capitulaçoens celebradas pelo Snr. Presidente, e pelas proclamaçoens com que huma, e outra vez se confirmava sua observancia, pela constituição da Monarquia, que destruia para sempre o imperio odioso das arbitrariedades: mudou-se porem de repente a scena: ao esquecimento que se tinha offerecido succederao ordens para huma pesquisa geral em todos os povos; novas prizoens, novos sequestros, novas vexaçoens, novo pranto, e desolacao em todas as familias: á reconciliação de animos, esquecimentos de agravos e de resentimentos, que devia ser o objecto principal das authoridades para extinguir o fomento da divizaõ, succedeo o systema opposto de fomentar indirectamente o espirito de vingança, prestando ouvidos a fação offendida, e daqui perder em dias o que se tinha adiantado em mezes para consolidar o paiz. Tem sido igual o motivo para mudar de systema? Tem havido alguma revolução tramada, algum plano formado para transtornar a ordem publica? Não, por certo. Tem havido muitas, e repetidas delações; porem nenhuma se tem chegado a verificar*. O zelo mal entendido, a prevencao,

* E que se tem feito aos infames delatores de falsas denuncias? Nada: e ha nada mais injusto, mais antireligiozo, e mais impolitico do que abrir as portas a taes denuncias, principalmente em tempos de revolução? Admittaõ-se denuncias muito embora; mas imponha-se ao denunciante, quando se lhe provar que não foi o zelo do bem publico, que não foi a segurança do Estado, que o moveo a fazer a denuncia, mas sim o odio, e a vingança particular, a mesma pena que se imporia ao denunciado, provando-se o crime de que foi accusado. E inda assim não ficaria

e a malicia tem transformado em projectos subversivos, as queixas, as disputas, as murmurações vagas do que tem o Pai, o filho, o irmão, o marido, o amigo nos calaboiços, soffrendo males sem fim: o descontentamento, os clamores, os sentimentos do official, ou do empregado, que perdeu seu lugar em a nova ordem de coizas; o descontentamento do pardo, ou *zambo*, que tornou a ver-se reduzido á sua anterior degradação, tem-se apresentado como conspirações, ou maquinações contra o Governo; e estas equivocações, que se devião ter visto, e rejeitado com prudencia por aquelles que mandão, tem produzido os sustos do Governo, a mudança de systema, e a convulsão em que novamente se achão estas provincias.

O Fiscal não negará que sua situação he mui critica. Em huma de suas representações manifestou ja, que nellas havia todos os symptomas de huma revolução, e ate indicou a necessidade de tomar a este respeito varias medidas: he porem preciso que se não equivoquem as precauções que a segurança, e prudencia exigem, com o arrebatamento, e precipitação: he preciso que se não confunda a vigilancia atinada, e judicioza com a arbitrariedade, com o terrorismo. Vigie-se o comportamento dos suspeitos, estabeleça-se embora huma policia severa, mas que nem vizos tenha de inquisitorial: saiba-se quaes são suas regras, e castiguem-se os infractores: a incerteza, e a arbitrariedade, e não a severidade da pena, ou o rigor da lei, são as que produzem a inquietação, desasocgo, e agitação dos espiritos, e a falta de segurança do Cidadão. Não se trate de estabelecer o Governo sobre as vacilantes, e perigozas bases do terror, e da injustiça; mas sim nas solidas bases do amor, e da confiança. Deixe-se ao tempo o reformar a opiniao do Cidadão, e não se queira conseguir n'hum dia, e por meios violentos o que hade ser obra do convencimento, e da reflexão, porque a força, a violencia, e o terror podem fazer hypocritas, mas nunca bons cidadãos; e em hum paiz em que os cerebros estão cheios de ideas exaltadas sobre a liberdade, e direitos do homem, e em que pelo largo espaço de 27 mezes se não tem ouvido mais do que declamações contra o Governo Hespanhol, he, em certo modo, justificar os ditos dos des-

resarcido o innocente dos desgostos se os, da sua familia, parentes, e amigos: inda assim não ficaria indemnizado do transtorno dos seus negocios, e interesses. Se assim se praticasse não teria havido o que se tem visto em Portugal, e Hespanha: se assim se praticasse, não estariaõ os Estados de Venezuela a ponto de se verem submersos em huma nova revolução.

Os Redactores.

truidores o obrar como elles dizião que obrava ; e he talvez excitar hum novo levantamento o pôr a multidão dos que chamaõ patriotas na desesperação de não ter outro recurso mais, do que revoltar-se, ou perecer nos supplicios.

Esta diversidade de ideas, e de principios para conseguir hum mesmo fim, que se notao entre V. A. e o Snr. Presidente, he como antes disse o Fiscal, a verdadeira cauza por que nem huns, nem outro fazem todo o bem que deviaõ, ou para melhor dizer, que a situação destas Provincias seja tão summamente critica, que se não possa responder da sua segurança, sem que as authoridades se tornem uniformes. As Cortes, ao demarcar as attribuições, que correspondiaõ aos tribunaes, aos Chefes militares, e aos politicos, prepozeraõ-se a evitar o abuzo demaziadamente commum de se intrometerem huns nas dos outros, com notavel damno da cauza publica : mas não foi sua intenção destruir o espirito de unidade, o qual faz, que obrando todos com independencia, conspiram todos para hum mesmo fim : pelo contrario a Constituição, que por dita nossa vemos estabelecida, he hum systema em que estão em huma perfeita harmonia as partes entre si, e o todo : de modo que os resultados dependem em grande parte da uniformidade de principios dos que a execução, por cujo motivo determinou mui sabiamente o Congresso, que a Regencia tenha particular cuidado em que seos funcionarios sejam amantes da liberdade, independencia, e da Constituição da Monarquia. Ninguém esta mais disposto do que V. A. para concorrer a tão beneficos fins. V. A. dezejou desde o principio cooperar em tudo com o Snr. Presidente ; e o Snr. Presidente não tem consultado em coiza alguma a V. A. visto que não pôde acceder á translação do Tribunal, que o Snr. Presidente dezejava, pela razão, entre as infinitas, que manifestou, de que por isso mesmo que havia perigos, e receios na Capital, não convinha, que se reunissem nella todos os Tribunaes, porque huma surpresa podia outra vez deixar estas provincias no estado em que se acháraõ a 19 de Abril de 1810. Nomeou hum dos Ministros do Tribunal para que passasse em commissão á Capital com o objecto, entre outros, de que o Snr. Presidente tivesse huma pessoa de toda a sua confiança a quem podesse consultar, se o houvesse por bem ; mas o Snr. Presidente não se dignou aproveitar-se de seu conselho. V. A. vio desprezada sua authoridade ; e em vez de reclamar os agravos com a inteireza que podia, apoiando-se em transgressoens de lei, uzou de huma moderação tão digna d'applauzo, como pouco facil de imitar : V. A. tem-se achado em mil embarços sobre a presidencia por falta de titulos ; e o dezejo de dar esta nova consideração ao Snr. Capitão General fez remover todas as

difficuldades, de modo, que da parte de V. A. nada se tem omittido para proceder com a uniformidade, e harmonia, que he precizo para o bom Governo dos povos; e donde vem, que apezar de tantos esforços de V. A. se não tem podido conseguir este fim, nem estabelecer com o Snr. Presidente aquella communicação franca, e continua que por tantos motivos davia esperar? Vem acaso de que o Snr. Presidente quer retirar-se do Tribunal? Nada disto: vem de que os que governão, por huma fatalidade muito ordinaria, estão rodeados de aduladores; que abuzando de sua candura, de sua rectidão, e mais que tudo de sua confiança, convertem em seu bem o damno do Povo.

Para estabelecer pois a confiança, que devem ter os povos em seos governantes, dar á administração publica a unidade, que vai perdendo, e estreitar as relações entre todas as authoridades, he o Fiscal de parecer, que V. A. deve fazer presente ao Snr. Presidente as cauzas da agitação, que se manifesta nestas provincias, e os funestos effeitos que podem temer-se, se promptamente se não remedeia; que he indispensavel que o governo tenha bases fixas; e que estas não podem ser outras, senão aquellas que a Constituição, e as leis estabelecem; que nellas não só estão determinados os limites das authoridades entre si; mas tambem o modo de exerce-las relativamente aos subditos, o que deve ser desde agora hum ponto invariavel; que parecendo, no momento actual, a administração de justiça o ponto mais delicado, e transcendente; he indispensavel que se deixe á prudencia do Tribunal o dar-lhe em todas as suas partes a direcção conveniente, recolhendo todas as ordens, que pela Capitania geral se tenham expedido relativamente á pesquisas geraes, que alem de serem reprovadas pelas leis, e produzirem males, jamais compensados pelo castigo de certas faltas que devem dissimular-se, servem geralmente de pretexto para vingar resentimentos particulares, e fomentar a discordia dos povos; que em lugar de dar amplitude ás faculdades amplas dos tenentes, e alcaides com ordens, que não precisam para proceder sempre que haja verdadeiro motivo para isso, por que esta faculdade tem elles pela lei, se lhes faça entender por V. A., logo que se tenha posto de acordo com o Snr. Presidente, que sendo a liberdade civil o direito mais precioso, e ao mesmo tempo o mais sagrado que tem o Cidadão aos olhos da lei, se abstenhao de attentar contra ella por nenhum pretexto, debaixo da mais estreita responsabilidade: que por meio de Snr. Presidente, como Chefe Politico, se expeção as convenientes ordens a todos os Cabildos, e Justicias para que vigiem sobre as pessoas, que possam com seu influxo, e opinioens transtornar a ordem, e reciprocamente

se deem parte do que observarem, para que nos Cazos em que haja lugar, procedaõ as justiças contra os perturbadores: ou os admoestem, quando seja conyeniente, com huma simples correccão; e que a fim de que o Governo tenha conhecimento do estado da opiniaõ publica em cada povo, e consequentemente de toda o Capitania geral, os Cabildos, e Justiças remettaõ mensalmente ao Snr. Prezidente contas das observaçoens que tiverem feito sobre o particular, ou com mais frequencia, se as circunstancias o exigirem, das quaes se passem copias a V. A. para sua noticia, e Governo com a devida oportunidade; que supposto que a Capital he o povo que sempre tem dado mais cuidados por sua maior populaçãõ, por ter sido o centro das relaçoens destas provincias, e o foco da revoluçãõ, se trate seriamente de tirar-lhe sua influencia trasladando-se a esta Cidade as primeiras authoridades, que nella residem, e tambem os principaes officiaes, ou pelo menos o Snr. Prezidente, manifestando lhe que sua presença na Capital, longe de ser util, he prejudicial porque os que o tem dirigido nas operaçoens destes ultimos dias tem conseguido attrahir-lhe o naõ merecido odio dos muitos queixozos, que se tem augmentado; e que fora da Capital, fora de influencia de seos conselheiros, e unido com V. A. para tratar os muitos negocios graves, que actualmente occorrem, estará seguro de recobrar a estima publica, e de poder fazer a estes povos todo o bem que tenham direito d'esperar de sua bondade, e retidaõ: que para conservar a tranquillidade na Capital bastará deixar huma guarniçãõ proporcionada com hum bom commandante militar, encarregar a administração da justiça aos Alcaldes, ficando por ora, e em quanto as circunstancias o exigirem, o Snr. Ouvidor commissario com toda a plenitude de faculdades, que V. A. pode delegar; e a Policia ao Ajuntamento como a Constituiçãõ determina: que immediatamente se mandem fazer as eleiçoens para os Ajuntamentos na conformidade da Constituiçãõ, e do Decreto posterior que se tem communicado; e se trate de formar a junta preparativa para as eleiçoens dos Deputados, e dos vogaes da Deputaçãõ provincial, de modo que o Publico se convença de que se vai por immediatamente em pratica a Constituiçãõ, que he o principal encargo, e que com mais estreita responsabilidade incumbe aos Chefes politicos, a quem se naõ admite escuza alguma para o demorar; e que se publique immediatamente hum manifesto dos motivos que tem havido para proceder ás prizoens, que se tem feito, pondo primeiro em liberdade todos aquelles que tenham sido presos tumultuosamente, e naõ se tema que possam comprometter a tranquillidade publica, manifestando todas as razoes, que houve para prescindir ate certo ponto da ordem estabelecida. He

isto o que o Fiscal julga indispensavel para os fins a que se tem proposto nesta representação. Com tudo porem V. A. rezolverá, como sempre, o mais acertado. Valencia 4 de Janeiro de 1813.

J. C. e G.

Em o seguinte No. daremos a Carta de hum Hespanhol sobre a situação do Reino do Mexico em Setembro de 1812; por este documento, se verá quam mal informados estão, os que julgaõ pacificadas as Americanas Hespanholas, á excepção de Buenos Ayres, como ha poucos dias se nos quiz persuadir!

PORTO RICO.

O Governo de Puerto Rico, em consequencia de hum novo decreto das Cortes, publicou varios regulamentos commerciaes, adaptados a promover a prosperidade daquelle estabelecimento. Os privilegios, que até aqui gozava unicamente a capital da ilha, se estenderão a todos os de mais portos; aonde os vasos tanto Hespanhoes, como neutraes, poderaõ descarregar as suas cargas, e receber em retorno carregações dos productos da colonia, ou outra qualquer mercadoria, incluindo mesmo os metaes preciosos; sem necessidade de recorrer á alfandega da capital. A importação do ouro e prata he livre de direitos; na exportação para paizes estrangeiros se deverá pagar, no ouro 3 por cento; e na prata 10 por cento. O Hespanhol que exportar gado pagará dous dollars por cabeça, pelo grande, e quatro reales pelo pequeno. O exportador estrangeiro pagará tres dollars pelo primeiro, e 6 reales pelo segundo. Os direitos nos outros artigos tem de ser rebaixados.

A seguinte he huma copia da proclamação, que descobre o devido conhecimento de alguns dos principaes pontos de economia politica:

Puerto Rico, 13 de Março, 1813.

Nas ordens expedidas pela Regencia do Reyno, conforme ao Decreto das Cortes Geraes e Extraordinarias, para o estabelecimento desta intendencia, se me faz lembrar; e se me

encarrega estrictamente, “o entregar-me zelosamente ao cuidado de promover todo o melhoramento, de que he susceptivel o rico terreno desta ilha: e que, dando hum forte impulso ao seu commercio interno, e externo, possa o seu Governo ter em breve a satisfacção de ver, que a affluencia e a feicidade, fomentada em toda a sua plenitude, que elle deseja, seja a partilha de tão dignos subditos.”

Para que os effeitos da Soberana beneficencia, tão bem explicada no paragrapho acima, possam daqui em diante ser experimentados em toda a extenção da ilha; e que os seus habitantes possam gozar das vantagens, a que os convida a sua situação, a fertilidade de seu terreno, e o commodo de seus portos; convencido de que o commercio não requer outra cousa mais do que *liberdade e protecção*; e de acordo com o Governador e Capitão-general, e Junta Provincial da Fazenda, as seguintes ordenanças serão observadas desde a presente data:

1. Todos os portos da ilha, classificados como os outros portos, poderão fazer o mesmo commercio da capital, sem nenhuma excepção.

2. A Administração dos ditos portos poderá conceder despachos, e licenças, sem que seja necessario recorrer a esta capital para taes documentos.

3. Todo o vaso Hespanhol amigo, ou neutral, poderá vender o todo, ou parte de sua carregação, em qualquer porto desta ilha, com absoluta liberdade de procurar obter hum retorno da melhor forma que puder, sem detenção, extorção ou inconveniente qualquer; devendo os estrangeiros conformar-se com as leys e regulamentos do Governo.

4. Os vasos poderão velejar livremente de hum porto para outro, para dispôr de suas mercancias, ou completar os seus retornos, entrando os seus respectivos registros nas alfandegas, que lhes forem mais convenientes.

5. Poder-se-hão fazer baldeações nos portos ao arbitrio das partes interessadas, sem que sêjam obrigados a desembarcar as suas mercadorias.

6. Quanto ás fazendas desembarcadas para re-exportação, com tanto que fiquem nos mesmos pacotes, e sem que haja venda não se pagará direito algum; e se tiverem pago alguns direitos serão restituídos.

7. Será permittida a exportação de todo o producto, ou manufactura do paiz, proceda de que proceder.

8. Será tambem permittida a exportação de ouro ou prata, não cunhados, na qualidade de mercadoria; e conforme ao decreto das Cortes Geraes, de 18 de Setembro, 1811, se cobrará o direito de 3 por cento, de toda a prata que se exportar para paizes estrangeiros.

9. A importação de ouro, ou prata será livre de todos os direitos, quer seja feita em navios nacionaes, quer estrangeiros.

10. O gado, assim como os mais productos da ilha, podera ser exportado, sendo o exportador Hespanhol pagará o direito de dous dollars por cabeça no gado maior, e quatro reales, no menor, e o exportador estrangeiro pagará o direito de 3 dollars no primeiro, e seis reales no segundo.

11. Os direitos existentes, sobre os productos, e mercadorias, serão modificados, se forem oppressivos; e os que se não fundamentarem em titulos legitimos, cessarão; e a respeito destes, tenho pedido, e espero obter a informação necessaria.

12. Alem das alfandegas, que actualmente existem, se estabelecerão outras provisionalmente, para melhor commodidade das partes, de maneira que cesse todo pretexto dos contrabandos, e que a industria sêja livre em todos os seus canaes.

13. Os officiaes das alfandegas se esforçarão no prompto despacho do expediente do commercio, que sempre requer brevidade, e promptidão. As pessoas desta classe não serão izentas dos seus deveres nos dias santos. Mesmo nas festividades as suas secretarias estarão abertas duas horas pela manhã, e huma hora de tarde; tendo sempre em lembrança, que devem proceder com equidade e brandura, e fazer justiça ás intenções do Governo.

14. Nas portas da alfandega estará affixada a pauta ou tarifa dos direitos, que se haõ de cobrar; para que todos a possam consultar; e, no caso de serem aggravados, representar o mesmo na repartição competente.

15. Para facilitar o expediente dos negocios se fara circular os formularios de todos os documentos, os quaes não precisarão de outro trabalho mais, que ser enchidos com as palavras e nomes correspondentes.

16. Se houver alguma duvida nestas materias, as partes me poderaõ consultar sem demora, na intelligencia de que eu estou authorizado pela Regencia de Hespanha a resolver todos os casos, que possam occorrer, na execução dos decretos legislativos, para o melhoramento da prosperidade desta ilha.

Tudo o que communico para informação de todos os habitantes da ilha, e de todos os negociantes estrangeiros que aqui estão presentemente, ou aqui chegarem para o futuro.

(Assignado)

ALEXANDRE RAMIREZ.

EUROPA.

SUECIA.

NOTAS

A respeito do artigo do Monitor de 21 de Junho de 1813.

“ O Barão de Kaas, Ministro Dinamarquez do Interior, portador de cartas do Rey, foi apresentado ao Imperador.

“ Depois do ataque de Copenhagen, concluiu-se hum tratado entre a França e Dinamarca. Por este tratado o Imperador garantio a integridade da Dinamarca. Em 1811 a Suecia deo a conhecer em Paris o dezejo que tinha de que a Norwega lhe fosse incorporada, e pedio o auxilio da França de fazer alguma coiza agradavel á Suecia, S. M. não podia consentir na desmembração do territorio do seu alliado, cuja integridade lhe fôra garantida pelo dito tratado.”

Nota—A França propoz á Suecia o fazer parte de hum confederação do Norte, proxima a formar-se entre a Dinamarca, e o Ducado de Varsovia. A Suecia respondeo que tendo a politica da França feito perder a Finlandia á Suecia, esta nunca se fiaria senão naquella Potencia que lhe fizesse adquirir a Norwega. A França que dezejava ajuntar a Suecia ao seu systema federativo não gostou desta resposta.

“ Desde então a Suecia desligou-se da França, e entrou em negociaçoens com seos inimigos.”

Nota—Isto não he exacto. A Suecia não se desprendeo da França senão quando esta invadio a Pomerania contra a fé dos tratados. Esta invazão injusta deo lugar a reflexoens, que ajudaraõ a conhecer a extensaõ dos projectos da França; projectos tendentes a destruir as forças do Norte, empregando-as exclusi-

vamente a combater os patriotos Hespanhoes. Então a Suecia dirigio-se á Inglaterra, e á Russia, e conheceu muito bem que para escapar á situação desgraçada da Baviera, da Saxonia, da Polonia, e da Westphalia, ella devia procurar alliados tão poderozos como a França, mas mais interessados em conservar a existencia politica dos Suecia.

“ Tornou-se depois eminente a guerra entre a França, e a Russia. A Corte de Suecia propoz fazer cauza commum com a França, renovando porem ao mesmo tempo sua proposta relativamente á Norwega.”

Nota—Nesta epoca a Corte de França fez de novo propor hum alliança. Respondeo-se-lhe, que se o governo Francez não dezejava a guerra, a Corte de Suecia proporia hum arranjo á Corte de Russia. (Veja-se a carta do Principe Real de Suecia ao Imperador, na data de 24 de Março de 1812, inserida na conta dada ao Rey por seu Ministro de Estado o Conde d'Engestrom, e que inserimos em o Vol. VI. do nosso Jornal pag. 535.)

“ Em vão representou a Suecia que dos portos da Norwega facilmente se podia fazer hum desembarque na Escosia: em vão se estendeo sobre todas as garantias que a antiga alliança da Suecia dava á França do comportamento que ella teria para com a Inglaterra. A resposta do Gabinete das Thuilleries foi a mesma.”

Nota—O Governo Sueco nunca teve a idea de inquietar as costas do Imperio Britanico, e nunca fez hum tal proposita. A integridade deste Imperio he o Baluarte dos Estados livres.

“ Elle tinha as maons ligadas pelo Tratado com a Dinamarca. Desde então a Suecia não teve mais contemplações: ella contrahio hum alliança com a Russia, e Inglaterra; e a primeira estipulação deste tratado foi a obrigação commum de forçar a Dinamarca a ceder a Norwega á Suecia.”

Nota—Repete-se-que a Suecia não contrahio algum empenho, senão depois da invazão injusta da Pomerania. Comparem-se as datas. A Pomerania Sueca foi invadida a 27 de Janeiro de 1812: O Tratado com a Russia foi assignado a 3 de Abril, e o com a Inglaterra a 18 de Julho seguinte.

“ As batalhas de Smolensko, e Moskwa affroixaraõ a actividade da Suecia : ella recebeo subsidios, fez alguns preparativos, mas não começou hostilidades.”

Nota—A actividade da Suecia não se affroixou. Vinte mil Russos que deviaõ ser empregados contra a Dinamarca, foraõ enviados, a instancias da Suecia, para a retaguarda, e flanco esquerdo do exercito Francez. Os talentos que o General Wittgenstein desenvolveo, prováraõ que a Suecia calculou bem os acontecimentos ; e todo o observador imparcial reconhece que este movimento determinou a retirada do exercito Francez.

“ Sobrevieraõ os acontecimentos de 1813 ; as tropas francezas evacuaraõ Hamburgo : a situaçaõ da Dinamarca tornou-se perigoza : em guerra com a Inglaterra, ameaçada pela Suecia, e Russia, parecia que a França se não achava em estado de a sustentar. O Rey de Dinamarca com aquella fidelidade que o caracteriza, dirigio-se ao Imperador, para se tirar desta situaçaõ. O Imperador dezejozo de que a sua politica nunca seja pezada a seos alliados, respondeo que a Dinamarca tinha liberdade de negociar com a Inglaterra, para preservar a integridade do seu territorio, e que sua estima, a sua amizade em nada diminuiriaõ pelos novos empenhos que a força das circunstancias obrigava a Dinamarca a contrahir. O rei exprimio todo o seu reconhecimento por esta conducta da parte da França.”

Nota—He mui natural que a França dezeje que hum governo, que serve a sua politica com tanta cegueira como o faz o Governo Dinamarquez, conserve a integridade de seu territorio. Se a França está realmente animada do principio que a dirige, de não ser pezada a seos alliados, porque não dá ella ao Rey de Napoles, á Suecia, á Saxonia, á Baviera, á Wirtemberg, á Bade, e aos outros Principes da confederaçaõ, a mesma latitude, que ella dá á Dinamarca ?

“ A Dinamarca tinha fornecido quatro excellentes equipagens de marinheiros, e manobravaõ quatro náos da nossa frota do Escalda. O Rey de Dinamarca neste tempo, exprimio seu dezejo de que estes marinheiros lhe fossem restituidos : o Imperador lhos enviou com a mais escrupuloza exactidaõ, exprimindo ao mesmo tempo aos officiaes, e marinheiros a satisfaçaõ que tinha da sua boa conducta.”

Nota—Estes marinheiros foraõ enviados com a in-

tenção de os empregar contra a Suecia; e o governo Francez sempre liberal, quando se trata de fazer mal aos descendentes do Grande Gustavo, não quiz deixar perder esta occasião de dar hum testemunho constante do dezejo que tem de arruinar o commercio Sueco. De resto estes marinheiros eraõ inuteis em Anvers.

“ Com tudo os acontecimentos foraõ em seu andamento: os alliados julgaraõ que os sonhos de Burke estavaõ realizados. O imperio Francez, em sua imaginaçõ, estava ja riscado da superficie do globo. M. de Bernstorff foi a Londres: elle esperava ser alli recebido com desvelado acolhimento, e não ter que fazer mais do que renovar a tratado concluindo com o Principe Dolgoroucki: mas qual foi seu espanto quando o Principe Regente recuzou receber a carta do Rei, e Lord Castlereagh lhe fez constar, que não podia haver tratado com a Dinamarca, huma vez que por hum tratado preliminar a Norwega não fosse cedida á Suecia! Alguns dias depois o Conde Bernstorff recebeo ordem de voltar para Dinamarca.”

Nota—As instrucçoens que o Conde de Bernstorff levava tinhaõ sido redigidas pelo Ministro das relações exteriores de França. A Corte de Londres foi disso informada, e Mr. Bernstorff voltou, como tinha ido. De resto, a 32 divisaõ militar foi incorporada á França da mesma maneira, que a Pomerania tinha sido invadida; e os Francezes não achaõ mui grande vantagem em ter em seu senado Hamburguezes, os quaes, da sua parte, não se lizongeaõ mais com esta honra, do que os Toscanos, os Romanos, os Genovezes, e Piemontezees.

Os alliados jamais pensáraõ que a França pudesse desaparecer. As Potencias da Europa saõ interessadas em que a França fique França. Mas o que he evidente he que todas as Potencias dezejaõ ardentemente, que o Governo Francez cesse em fim de perturbar o repoizo dos Povos!

“ O Baraõ de Kaas, durante sua rezidencia em Altona, experimentou outra scena de perfidia igual á primeira. Os enviados dos alliados foraõ a sua caza, e lhe deraõ a entender, que elles renunciavaõ á cessação da Norwega, e que não se fallaria mais em tal, com a condiçãõ de que a Dinamarca fizesse cauza commum com os alliados: elles lhe rogarão que differisse sua partida. A resposta de Mr. de Kaas foi simples—*Eu tenho ordens—ou devo cumpri las.* Disse-

rao-lhe que os exercitos Francezes estavaõ desfeitos ; isto nao o abalou ; elle continuou sua viagem."

Nota—He notorio que M. de Kaas fingio huma doenca em Altona para esperar alli huma resposta ás propozicoens, que tinha mandado fazer aos Generaes alliados ; e que o mesmo pretexto o reteve em Hamburgo ; mas tendo sabido as consequencias da batalha de Bautzen, esqueceo-se de que tinha promettido esperar huma resposta, e partio para o quartel General do Imperador Napoleaõ.

" Com tudo a 21 de Maio, huma frota Ingleza appareceo diante de Copenhague: hum dos navios de guerra ancorou diante da cidade, e M. Thornton se apresentou. Elle disse que os alliados começariaõ as hostilidades, se dentro de 48 horas, a Dinamarca naõ assignasse hum tratado, cujas bases principaes eraõ—ceder a Norwega á Suecia,—entregar immediatamente, em depozito, a provincia de Drontheim,—e fornecer 25,000 homens para obrarem com os alliados contra a Franca, e conquistar as indemnidades, que se devem dar á Dinamarca.

Nota—Naõ se tratou de hostilidades. Pedio-se á Dinamarca huma resposta em 48 horas, e longe de a ameaçar com hum ataque foi-lhe proposto hum armisticio pelo General Inglez Hope, pelo Ministro Inglez Thornton, pelo Ministro da Russia o General Suchtelen, e pelo Chanceller da Corte de Suecia, o Baraõ de Wetterstedt. O repoizo he a primeira necessidade da Europa : este bem taõ dezejado naõ pode ser obtido se naõ por hum paz fundada nos principios da justica eterna, unicos penhores da duracaõ dos Governos, e da felicidade do genero humano. Para conseguir este grande fim he que se declara á Dinamarca, que se ella quer cooperar para isso, suas desavenças com a Suecia seraõ postas de parte ate á paz geral.

" Elle declarou ao mesmo tempo que as propostas feitas a Mr. de Kaas em sua passagem por Altona, estavaõ desapprovadas, e só podiaõ ser consideradas como offertas militares."

Nota—Naõ se fez proposta alguma a M. de Kaas ; repete-se, foi elle que a mandou fazer aos Generaes alliados.

“ O Rey indignado rejeitou esta insolente intimação.— No entanto, o Principe Real tendo chegado á Norwega publicou a proclamação seguinte (veja-se o No. XXVI. do nosso Jornal pag. 299.) A confiança que o Rey de Dinamarca tem tido no Imperador, tem sido plenamente justificada, e todos os vinculos entre as duas nações foraõ restabelecidos, e reforçados.”

“ O exercito Francez está em Hamburgo : huma divizaõ Dinamarqueza seguiu seos movimentos para a obter. Os Ingleses, por sua politica, somente ganháraõ vergonha, e confusão. Os votos de todos os homens de bem acompanhão o Principe hereditario de Dinamarca em a Norwega. O que torna critica a situação da Norwega he a falta de provizoens : mas a Norwega ficará Dinamarqueza—a integridade da Dinamarca he garantida pela França.”

Nota—Os estados de Carlos IV. foraõ-lhe garantidos pelo Governo Francez; e o governo Francez invadio a Hespanha. O governo Francez garantio a Pomerania em 1809; e o governo Francez invadio-a em Janeiro de 1812, no seio da paz. A Russia, a Inglaterra, e a Prussia deraõ seu assenso á reuniaõ da Norwega á Suecia. A guerra lhe ajuntara o direito de conquista. Este direito, que o Governo Francez tem feito valer tantas vezes, será mais justamente exercido; porque pondo a Dinamarca em movimento todas as suas forças a fim de concorrer para a escravidão do Continente, merece ser abandonada pela grande familia Europea.

A Alemanha sera livre; e he de esperar que em 1814, ella obedecerá somente as leis germanicas : mas se o impetuozo movimento patriotico, que se manifesta por toda a parte, não preencher o objecto que as nações independentes esperaõ; a Norwega, ao menos, unida á Suecia, e livre como ella, podera gozar dos beneficios, que nenhum acontecimento continental poderá roubar ao Norte.

Finalmente, por meio de injurias não he que se prova, que se tem razão : os factos fallaõ por si mesmos.

JUSTIFICAÇÃO DA SUECIA,

OU

Resposta ao artigo que appareceo na Gazeta de Copenhagen de 5 de Junho de 1813. (Veja-se o No. XXVI. do nosso Jornal, pag. 300.)

No. 1. Não se pode conceber como a Dinamarca tenha direito de redicularizar a moderação e desinteresse do Governo Sueco, por pedir somente a alienação da provincia de Dronthien; porque desde a paz de Yonkoping, que a Suecia tem incessantemente dado provas de sua moderação. A respeito dos violentos actos commettidos pelos corsarios Dinamarquezes contra a sua navegação poderia de alguma forma suppor-se que a Suecia soffresse com paciencia por alguma continuação de tempo, que hum Estado, que se apresentava como garante do Systema Continental, privado como estava de sua esquadra, e empregando em seu lugar piratarias; hum Estado, sem dinheiro, e sem credito, e embaraçado por accumuladas bancarrotas, governasse, sem regra, ou limitação, a communicacão commercial, e negocio costeiro da Suecia? Com tudo não foi senão depois que fôram capturados mais de cem vasos Suecos, que os nossos corsarios tiveram ordens de repulsar os piratas, que perturbavam as nossas costas.

Todas as reclamaçoens, que oficialmente fez o nosso Embaixador, foram infructiferas: citáram-se ordenanças, interpretadas por motivos de lucro; e pelos mesmos motivos eram empregadas. Os Suecos, que confiadamente descansavam na paz entre as duas Potencias, levantáram a vóz por tempo consideravel, queixando-se a seu Rey contra este comportamento da Dinamarca; antes que elles usassem de força, contra actos de violencia, que tinham sido levados a tal extensão, somente pela incredulidade de sua existencia. Se a Dinamarca concebia, por hum momento, ter titulo a governar imperiosamente o commercio Sueco, se o tribunal das prezas na Zelandia (tão conhecido por sua rapacidade) tomou sobre si o ser explicador dos tractados entre a Suecia, Russia, e França, e se atreveo a definir os direitos da navegação Sueca; he mais do que provavel que estas pretensões, ainda mesmo sem resistencia, e por sua mesma futilidade, teriam cahido por terra, se o Gabinete Dinamarquez considerasse por hum só momento a sua situação.

Per tanto, que moderação espera a Dinamarca? Examinemos o seu comportamento a respeito da Suecia, pelos 25 annos passados. Qual foi o seu comportamento em 1788? O seu Governo, fraco e irresoluto, vacilou na guerra, em tempo que todas as suas fronteiras occidentaes, estavam sem tropas, para sua protecção. Assim procedeo até que os nossos Arautos a fizéram parar; e assim retrocedeo, ao aproximarem-se aquelles valorosos e galhardos Dalecarlianos, que ainda tem na lembrança os heroicos feitos de seus antepassados, os contemporaneos de Gustavo Vasa. Deo a Suecia o menor motivo de guerra em 1808? Produzio-se nunca huma declaração de guerra mais tortuosa, e mais ridicula, do que aquella, que então se publicou para justificar huma guerra injusta? Não era então o objecto tornar a ganhar as provincias conquistadas por Carlos X.? Por que rasão o Rey de Dinamarca estigmatizou com o nome de rebelde o primeiro Sueco, que depois da revolução de 13 de Março de 1809 lhe foi enviado com aberturas de paz? Rejeitando com altivez as amigaveis representações que se fizeram da parte de Suecia; e com tudo, quam depressa abaixou o seu tom, quando por fim foi convencida de que o procedimento imperioso não produzia na Corte de Suecia a menor impressão!

A morte do Principe da Coroa, Carlos Augusto, deo ao depois hum campo mais extenso para esperanças. O systema de corso foi descontinuado por algum tempo, a fim de que por aquelle meio se ganhasse a boa vontade da Nação Sueca; mas isto foi meramente hum armisticio de Corsarios. *El Rey de Dinamarca se atreveo então a propor-se a si mesmo para o throno da Suecia.* O seu agente, em Orebro, condescendeo em fazer as mais ridiculas lisonjas, com a esperança de ganhar alguns votos. Elle porém depressa descubrio que prégava no deserto. A eleição de Carlos Augusto desvanecio todas estas serias imaginações, e os corsarios, como se podia esperar, renovaram as suas piraterias. Por fim, tendo opposto a esta violencia por tempo consideravel mas em vão, todas as representações diplomaticas, os Suecos empregaram finalmente a força contra estes piratas, e cessou a sua maligna actividade.

No. 2. Depois de todos os actos irritantes, e dos requerimentos escandalosos e oppressivos da parte da Dinamarca, que temos recapitulado em breve, seria de admirar que a Suecia trabalhasse, ainda que fosse á custa da Dinamarca, por alcançar para si huma situação, que para o futuro a protegesse contra a possibilidade de aggressão da parte de hum reyno, que sempre se tem mostrado prompto a usar do poder, que tem, para destruir a Suecia?

No. 3. A Dinamarca falla dos sentimentos nacionaes, que deviam fazer detestavel o requerimento de 25,000 soldados Dinamarquezes, para se porem debaixo do commando do Principe de Coroa de Suecia. Porém que he feito desta sensibilidade nacional, quando os Dinamarquezes são informados que, depois de seu Governo ter preparado quarteis para as tropas Francezas tomarem posse de Hamburgo, e Lubeck, hum dos ajudantes do Principe de Eckmuhl teve o commando dos Dinamarquezes em humas destas cidades? Em breve tempo estas victimas veraõ, que as fortalezas Dinamarquezas são guarneccidas por tropas Francezas. Em lugar deste singular modo de manter a dignidade nacional por que não sahio a campo o Rey de Dinamarca a commandar em pessoa as suas tropas contra o Imperador Napoleaõ? O Gabinete adquiriria maior honra por isto, do que armando as suas costas, e fazendo hostilidades contra os navios de guerra Inglezes, que elle não tem poder de destruir; e carregando os habitantes de seu paiz com tributos, quando elles estão ja demasiadamente opprimidos.

A Corte de Copenhagen, se tem sempre inclinado a accumular tudo sem fazer nada. Agora passou ja o tempo, em que tal experimento podia ser bem succedido. A arte militar se estende agora alem da parada. A politica tem tambem tomado humas direcção mais activa, incompativel com a tardeza de costumes antiquados.

No. 4. Tem-se tomado trabalho para convencer os habitantes dos dous reynos, e os Ducados; que El Rey de Dinamarca estava actualmente inclinado á moderação; porem que dirão elles quando forem informados, como hum facto, que o Conde Bernstorff; a respeito do qual se queixam que não fora recebido pelo Governo Inglez, deve attribuir a repulsa, que encontrou, á extravagancia de suas pretensões? Não obstante os esforços que fez o Gabinete Dinamarquez para persuadir á Europa e os seus mesmos subditos de que desejava a paz com Inglaterra, e que se uniria á causa commum e que por hum nobre impulso contribuiria para a defeza de Hamburgo, não precisamos senão examinar por hum momento o comportamento daquelle Gabinete, para nos persuadirmos de que elle só buscava ganhar tempo, e accommodar as suas acções á mudança dos acontecimentos; e proceder assim durante o inverno, a fim de poder melhor desmascarar as suas vistas, depois de começarem as hostilidades, e se ter averiguado o successo da guerra. Por humas partes, o Baraõ d'Alquier he detido, com grande assiduidade, em Copenhagen, Mr. Waltersdorff em Paris. Os comboys In-

glezes que passáram pelo Sunda, e os acompanharam, foram atacados pelo fogo das baterias. Por outra parte o Gabinete de Dinamarca recusa que o Embaixador Francez faça cantar hum *Te Deum* pela tomada de Moscow, e refere esta circumstancia ao Ministro Russiano, como prova incontestavel de coragem: e ao mesmo tempo pede hum armisticio com a Inglaterra, e que no entanto cessem as hostilidades no Sunda. Dahi envia com grande publicidade missoens separadas ao Imperador Alexandre, e á Inglaterra: contribue por huns poucos de dias para a defeza de Hamburgo contra os Francezes, e por fim, depois de hum cahos de contradicçoens, e incongruencias, adopta hum systema de submissaõ absoluta ás ordens do Imperador Napoleaõ.

No. 5. O Governo Dinamarquez reconhece, que as ofertas de paz que se fizeram em Londres, nao eram de natureza que se pudessem considerar como incondicionaes; e nisto ao menos foram, sem saber que o eram, sinceros: porém nao se acreditará, que a Dinamarca, depois de huma guerra infeliz, e privada como ella estava de todos os meios phisicos e moraes de causar damno algum á Inglaterra, houvesse de propôr aquella potencia, que lhe pagasse hum preço pela paz. Tal paz, poderia sómente dizer respeito á causa commum, e seria de algum valor, no caso de que a Dinamarca se unisse com suas forças ás potencias alliadas. Nao se podia em taes circumstancias levantar questaõ alguma sobre neutralidade; porque a proposição crearia necessariamente a suspeita nos exercitos que deviam fazer a guerra na Alemanha. Se o Conde de Bernstorff, chegando a Londres, tivesse dicto, “a Dinamarca ajudará na causa commum, e as suas tropas contribuirão, para o seu apoio, mas nós pedimos a paz, e huma indemnizaçaõ por nossa esquadra, nossas possessoens, e colonias, subsidios, e a conservaçaõ da Norwega” ninguem se teria admirado disso; e taes proposições teriam sido claras, e definidas. Porem que propos este mesmo Conde Bernstorff, elle que declara que nao pôde obter resposta alguma, e nao pôde alcançar nem mesmo huma audiencia? Pedio a esquadra, ou huma indemnizaçaõ por ella; assim como pelos armazens que se tomáram em Copenhagen: a restituizaõ das colonias de Anholt, e Heligoland, huma garantia das possessoens actuaes de Dinamarca; e em consideraçaõ de todos estes sacrificios, ésta potencia offereceo occupar com 10,000 homens as cidades de Hamburgo e Lubeck; e alem disto pedio, em tal caso, subsidios, cujo objecto e somma eram indefinidos.

Porém havia ainda outro desejo, que certamente se devia ter expressado, mas que se occultou com muito cuidado, a

fim de ganhar algum grão de credito; e isto era com a ambição de vir a ser humapotencia da primeira ordem, e unir para este fim as cidades Hanseaticas, e a Hollanda, sem abdicar cousa alguma do que até então tinha constituido hum monarchia da terceira ordem. Considerando hum tão falso documento, quanto a hum questão, somente se podem assignar dous motivos para sua producção: ou aquella nação se diverte como hum criança, abraçando a primeira imaginação aerea, que fluctua ante a sua fantasia; ou então, que nós de proposito exaggeramos a nossa pretensão a fim de receber hum negativa. O Governo Dinamarquez, sem duvida, deseja que se lhe attribua o segundo destes motivos em vez do primeiro. Sendo este o caso, deixamos ao mundo o julgar, se ésta he a maneira por que nós deviamos, em tão critico momento, como o presente, patentear á Europa que somos sinceros, e animados pelo zelo de fazer sacrificios pela causa commun.

No. 6. Diz se, que a Suecia intenta subjugar a Norwega. Os Norwegas são hum povo demasiado illuminado para que não prevejam, que se pertencerem ao mesmo Monarcha de Suecia, elles serão unidos áquelle reyno para sua defeza commun; porém com tal constituição e leys, quaes elles mesmos escolherem para si. Os Scandinavios annelam pela gloria e independencia de suas montanhas naturaes, e as nações do Sul são insensíveis a taes sentimentos; com tudo o despotismo póde estender a sua influencia das costas da Zelandia á mais remota extremidade de Calabria; porém a liberdade, e o conhecimento dos direitos, e character do homem, tem fixado a sua habitação em o Norte.

No. 7. Os Norwegas soffrem pelo bloqueio de seus portos. A Suecia e a Inglaterra sentem igualmente os seus males, tanto quanto Sua Magestade Dinamarqueza mesmo poderá sentir. Mas porque se não aproveita elle dos unicos meios que tem de aliviar a penuria de hum povo, que elle declara amar tanto? Porque não entrega Drontheim, e fica com o resto da Norwega, para sempre, ou aceita a indemnização que se lhe offereceo pelo seu rendimento? A Suecia tem reclamações consideraveis contra o Governo Dinamarquez, pelas capturas illegaes commettidas contra o seu commercio. Fizéram-se proposições para dispensar destas reclamações, obtendo posse de Drontheim. Póde esta provincia contrabalançar as vantagens de paz, o restabelecimento das colonias, e actividade do commercio, e a possibilidade de supprir immediatamente ás necessidades dos habitantes das tres provincias meridionaes da Norwega? Provavelmente se fará hum objecção a isto, a saber; que as leys da honra não permitem que, sem meios coactivos se abdi-

que sequer huma aldea que se tem herdado dos antepassados: porém he congruente com taes nobres sentimentos, o não suffocar immediatamente o chimerico desejo de obter as cidades Hanseaticas e a Hollanda, que certamente não pertencem aos dominios hereditarios de Dinamarca? Para que hé receber do Imperador Napoleão, depois que elle cruzou o Duna, a promessa renovada de conferir á Dinamarca, a Scania, Hollanda, e a provincia de Göttemburgo? Para que pôr secretamente 15,000 homens á disposição do General St. Cyr? Para que ordenar ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, que escrevesse huma carta ao Quartel-General Francez, e ao mesmo tempo, em plena contradicção disto, mandar officios ao Barão de Blome em S. Petersburgo, professando hum sincero interesse no bom successo das armas Russianas, e na destruição do grande exercito do Imperador Napoleão? Se se fizer a objecção, de que a posse de Drontheim tenderia a supremazia geral sobre toda a Norwega; e que, portanto, debaixo da capa de moderação, a Suecia tinha designios mais extensos, nós podemos asseverar, que Drontheim esteve unido a Suecia, durante o reynado de Carlos X, e que por tal occupação não effectuou a conquista de Norwega.

No. 8. A Suecia tem declarado abertamente á Dinamarca as vistas, que a conduziram a este procedimento, e as obrigações, em que o comportamento da Dinamarca a obrigou a entrar com os alliados; e portanto não se lhe pode lançar em rosto o ter obrado de maneira insidiosa. A Suecia não pode esperar boa vontade da parte de Dinamarca; porque ella trabalha por estabelecer a liberdade e independencia da Peninsula Scandinavia; e porque a Dinamarca he inteiramente despotica: porem os dessejos da Suecia são, que o Gabinete Dinamarquez admitta ao menos, que elle tem por longo tempo vacilado nos seus propositos, e deseja não se engane, tomando por constancia o que he só teima.

Se o Governo Dinamarquez quer ser sincero a respeito da Suecia, e desistir de seu systema doble de Politica, que tão nocivo tem sido aos dous paizes, hum systema que tem sido a causa principal da diminuição do territorio Sueco; nesse caso, o Governo Dinamarquez pôde propôr, e a Suecia talvez consentirá em deferir a sua controversia com a Dinamarca, e deixar todas as discussões as Cortes Alliadas. Estão promptos 8,000 barris de grão, em Göttemburgo, para o fim de serem transportados a Norwega. El Rey de Dinamarca não precisa senão dizer huma palavra, e os Norwegas verão immediatamente, que se põem fim a fome, que os tem trazido a desesperação: porem se, por outra parte, El Rey de

Dinamarca continua a multiplicar injurias á Suecia, e a representalla com falsas côres aos olhos de Russia, de Inglaterra, e de todas as outras potencias, S. M. Dinamarqueza não pode esperar (e nos appellamos para todo o espirito imparcial) que a Suecia consinta em prover e nutrir hum povo, que El Rey de Dinamarca deseja conduzir contra a liberdade Sueca, para o fim de estabelecer na Suecia os tempos de Christiano II.

Se El Rey de Dinamarca he sincero, elle se expressará assim; “ Eu não molestarei mais a Suecia. Eu desejo a paz geral. Eu ajudarei a manter o equilibrio politico da Europa. Eu empregarei nesta justa causa 50,000 homens, e me porei, em pessoa, á sua frente.” A Suecia de sua parte pode fornecer igual numero de gente: porque, se não se intentar outra empreza contra Norwega ou Zelandia, ella pode trazer a campo duas terças partes de suas forças. Deixamos aos Estadistas illuminados, e aos guerreiros experimentados o julgar, se 100,000 homens, postados no baixo Elbo, podem ou não obrigar o Imperador Napoleão a aceitar condiçoens de paz, pelas quaes se não diminua, nem o seu amor proprio, nem os seus interesses, nem mesmo a sua gloria militar.

F R A N C A.

PROCLAMAÇÃO.

Do Marechal Soult, para ser lida por hum official commandante, á frente das Companhias em cada Regimento.

SOLDADOS!—Os recentes acontecimentos da guerra fizeram com que o Imperador me investisse, em virtude de hum Decreto Imperial do 1 do corrente, com o commando em chefe dos exercitos na Hespanha; e me honrasse com o lizongeiro titulo de seu Lugartenente. Esta alta distincção não pode deixar de excitar em meu espirito sensaçoens de gratidão, e de alegria: mas ellas não deixaõ de ser mistura-

das com dissabor á vista dos acontecimentos que na opinião de S. M. fizeram necessaria esta nomeação na Hespanha.

SOLDADOS!—Vos sabeis, que a inimizade da Russia, posta em actividade pelo inimigo eterno do Continente, fez necessario ajuntar na Alemanha em o principio da primavera, numerozinhos exercitos. Para este fim se tiraraõ d'entre vossas fileiras muitos de vossos camaradas. O Imperador tomou em pessoa o commando de todos elles; e as armas da França dirigidas por seu genio poderoso, obtiveraõ huma serie de victorias taõ brilhantes como aquellas que mais adornaõ os annaes de nosso pais. A presumçosa esperanza de engrandecimento, que o inimigo entretinha, ficou aniquillada. Fizeraõ-se propozições pacificas; e o Imperador sempre prompto a consultar o bem de seos vassallos, seguindo conselhos moderados, prestou ouvidos as propozições que se lhe fizeram.

Em quanto a Alemanha estava sendo o theatro de grandes acontecimentos, o inimigo, que debaixo do pretexto de succorrer os habitantes da Peninsula, os tem realmente sacrificado a huma ruina certa, não estava inactivo. Ajuntou todas as forças de que podia dispor, Inglezes, Hespanhoes, e Portuguezes, commandados pelos seos melhores officiaes, e confiando se na superioridade do numero, avançou em tres divisoens contra a força franceza, que se ajuntou nas margens do Douro. Com fortalezas em frente, e na retaguarda, hum general habil, que gozasse da confiança de suas tropas, escolhendo boas pozições, teria arrostado, e batido esta heterogenea leva. Infelizmente porem nesta critica epoca seguirao-se conselhos timidos, e pusilanimos. Abandonaraõ-se, e destruiroã-se as fortalezas: marches precipitadas e em desordem deraõ confiança ao inimigo; e hum exercito de veteranos, na verdade pequeno em numero, mas grande em tudo quanto constitue o character militar, que tem combatido, e derramado seu sangue, e triunfado em todas as provincias de Hespanha, vio com indignação murchados seos louros; e obrigado mesmo a abandonar todas as suas conquistas, trofeos de tantos dias gloriosos e sanguinolentos. Quando por fim a indignada voz das tropas fez parar esta vergonhoza fugida, e o seu commandante tocado de pejo, cedeo ao desejo geral, e se determinou a dar batalha junto a Vitoria, quem pode duvidar, á vista deste generoso entusiasmo, deste vivo sentimento de honra, de qual teria sido o resultado, se o General fosse digno de suas tropas? Se elle tivesse finalmente, feito as dispozições, e movimentos que devem segurar a huma parte do seu exercito o succorro, e co-operação da outra?

Não roubemos, com tudo ao inimigo o louvor que lhe he

devido. As disposições, e movimentos do seu General foram promptos, militares, e bem seguidos. O valor, e sangue frio de suas tropas tem sido dignos de elogios. Com tudo não vos esqueçais, que ao benefício de vosso exemplo he que elle deve o caracter militar que hoje possui: e que todas as vezes que os Generaes, e tropas francezas tem preenchido seus deveres, o inimigo não tem tido communmente outro recurso mais do que a fugida.

SOLDADOS!—Eu tomo parte em vosso desgosto, de vossa dor, e de vossa indignação. Sei que a culpa da situação actual do exercito he devida a outros: seja vosso o merecimento de a remediar. Eu tenho testemunhado ao Imperador o vosso valor, e o vosso zelo.

As suas instruções são—expulsar o inimigo daquellas immensas alturas, de cujo cimo elle vê ufano nossos fertes valles, e lança-lo para lá do Ebro. No terreno Hespanhol he que vossas barracas se devem postar agora: dalli he que se devem tirar vossos recursos. Nenhuma difficuldade podem ser insuperaveis ao vosso valor, e devoção. Esforçemo-nos pois com redobrado ardor, e estai seguros, que nada podera dar mais felicidade ao paternal coração do Imperador, do que o conhecimento dos triumphos do seu exercito, do augmento de sua gloria e de que elle se tem feito digno delle, e da nossa cara patria.

Movimentos extensos mas combinados para o succorro das fortalezas, estão a ponto de ter lugar. Elles se completarão em poucos dias. Date-se de Vitoria a conta de nossas vantagens; e seja celebrado naquella Cidade o dia do nascimento de S. M. Imperial: deste modo faremos memoravel huma epoca justamente cara a todos os Francezes.

23 de Julho. (Assignado) SOULT, Duque de Dalmacia,
Lugartenente do Imperador.

EXERCITO NA HESPANHA.

S. M. nomeou o Marechal Duque de Dalmacia, seu lugartenente, e commandante de seus exercitos na Hespanha. Este Marechal tomou o commando aos 12 de Julho, e fez immediatamente as suas disposições para marchar contra os Inglezes, que estão sitiando Pamplona e S. Sebastian.

CARTA

Do General Rey, Commandante de S. Sebastian, a S. Excellencia o Duque de Feltre, Ministro de Guerra, em data de 25 de Julho.

MONSEIGNEUR !

Aos 22, o General de Divisão Inglez me enviou huma bandeira de tregoa, e eu não a quiz receber. A brecha éra practicavel.

Aos 23, e 24, continuou o inimigo a fazer fogo, com 30 ou 35 peças d'artilheria; elle destruiu todas as frentes das casas desde o Zuriola ate S. Elmo, e abriu duas brechas de novo. Eu averigui que a segunda era practicavel, e a terceira menos. Desde os 22 incendiou a cidade em varias partes, e continuou a atirar bombas.

Esta manha, 25, as 4 horas, o inimigo se aproveitou do cano para conducção d'agua, da fonte da cidade, para estabelecer huma mina, que fez voar a praça d'armas que entra na estrada cuberta. A este signal de puzeram em movimento varias columnas de ataque. A direcção do fogo de suas baterias, na tarde de 24, me fez presumir que eu seria atacado durante aquella noite ou na manhaã, e fiz as minhas disposicoens em consequencia. Em toda a parte foi o inimigo recebido com o maior vigor, todos os que se aproximáram aos fossos fôram mortos ou feridos; as columnas, que se tinham distribuido na estrada cuberta fôram brevemente repulsadas, e se lhes impedio estabelecerem-se ali. Este feito d'armas faz grande honra a guarnição de S. Sebastian; e eu terei a honra de informar a V. Excellencia, na minha primeira participação, dos nomes dos valorosos soldados que particularmente se distinguiram.

Eu avalio que os Inglezes perdêram de 1,400, a 1,500 homens, nas brechas, na estrada cuberta, ou pelo fogo da artilheria, obuzes, e bombas que se lhe atiráram junto á falsa braga do bastião de S. João, ou na sua aproximação ás brechas

O general Inglez pedio-me tempo para enterrar os mortos; eu concedi-lhe huma hora. Tenho trazido 581 feridos (13 dos quaes são officiaes) dos que ficáram na brecha, ou juncto a ella, alem de 237 prisioneiros; o inimigo levou os seus feridos, que se achavam mais distantes. Os feridos nos asseguram que o inimigo teve 50 officiaes mortos, hum dos quaes he o major-general, commandante da primeira columna. Eu escrevo a V. Excellencia com grande pressa. O Marechal Duque de Dalmacia me fez a honra de infor-

mar-me, que se punha em marcha a fim de fazer levantar o bloqueio de Pamplona, e o nosso.

O Conde Songeon, a quem eu confiei o commando da esquerda de minhas operaçoens, em quanto eu dirigia as do centro e direita, me apoiou admiravelmente bem: o chefe de batalhaõ Blanchard, do regimento 62 de linha, que commandava os postos exteriores; Gillet, chefe do batalhaõ de engenheiros; o Capitão Doat, meu adjudante de campo; o chefe de batalhaõ Brien, commandante da artilheria, fizéram grandes serviços.

Eu terei a honra de mandar ao Duque de Dalmacia hum relatorio particular, e os nomes dos officiaes, e subofficiaes, e soldados, que se distinguiram particularmente neste dia, a fim de que elle possa solicitar para elles os agradecimentos do Imperador. Eu recommendo estos valorosos homens ao vosso favor. O chefe de batalhaõ Dessally, do 22. de linha foi morto na brecha; o Capitão Bidon, commandante dos Sappadores, foi morto no posto de honra. A nossa perda não excede 40 homens incapacitados de combater.

Rogo a V. Ex^a. que aceite, &c.

(Assignado)

REY.

Copia de huma Carta do Duque de Dalmacia, ao Ministro da Guerra: datada do Campo, nas altura de Altabisca, 25 de Julho, ás 11 horas da noite.

SENHOR DUQUE!

Eu ataquei hoje a direita do inimigo, formada de duas divisoes Inglezas, e a divisao Hespanhola de Murillo. Nós o expulsamos de huma posicao mui forte, que fica adiante do desfiladeiro de Altabisca. Surprendeo-nos huma nevoa extraordinariamente densa, ás 3 horas e meia, ao momento em que perseguíamos o inimigo, o que nos impedio chegar ao plano de Altabisca; á manhaã ao romper do dia faremos isto. Somente podemos tomar 200 prisioneiros; mas os Ingleses soffêram muito. O General Reille não pôde chegar a Lindus, aonde se devia postar: elle tinha observado hum movimento na linha do inimigo pela sua direita. Eu não recebi, durante o dia, nenhuma participacao do Conde d'Erlon; elle devia atacar o Col de Maya; igualmente não tive noticias do General Villate.

As tropas mostráram grande ardor, e os generaes muita devoção: o 6. e 25. ligeiros, e particularmente o 50. de linha se comportáram excellentemente.

Quando as operações me derem mais algum tempo, terei a honra de enviar a V. Excellencia huma relação mais circumstanciada.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) O Duque de DALMACIA.

Do mesmo ao mesmo.

Linscoin, 26 de Julho, 11 horas da noite.

O inimigo evacuou, durante a noite, a sua posição de Col de Roncevaux: elle tambem se retirou de Lindus, diante do qual ponto se achava o Conde Reille com as divisões da ala direita.

Ao romper do dia mandei marchar as tropas: as divisões da esquerda, commandadas pelo Tenente-general Clausel, seguiram a estrada que sai para Pamplona; a guarda avançada encontrou-se com os primeiros postos do inimigo antes de chegar a Viscarete, e os expulsou para as alturas que ficam antes de Zubery, aonde se formáram na sua linha: a difficuldade da estrada, e densidade da nevoa que começou de manhã retardou a nossa marcha; pelo que era já demasiado tarde quando a frente da columna pôde apossar-se das alturas que estão em frente de Linscoin e d'Ervo, aonde houve hum pequeno ataque; mas eu não julguei proprio atacar a posição do inimigo nessa noite, tendo elle quasi 15,000 homens, 9 ou 10 mil dos quaes eram duas divisões Inglezas, e o resto Hespanhoes; elles tambem mostravam algumas peças d'artilheria.

O Tenente-general Conde Reille, depois de ter forçado a posição de Lindus, devia manobrar na sua direita, conservando a crista das montanhas, a fim de se apossar successivamente das desembocaduras que abrem do vale de Bastan, e obrigar assim o inimigo a retirar-se, o que teria favorecido o desembocar do Conde d'Erlon. Esta manhã as 10 horas não queriam os guias conduzi-los naquella direcção: a nevoa não admittia que elles distinguissem os objectos na distancia de 10 passos; elles temiam levar a columna a algum precipicio, o que determinou o Conde a ajuntar-se com a esquerda em Espinal. Eu o tenho postado na retaguarda de Linscoin: a manhã elle formará o ataque pela esquerda, se o inimigo mantiver a sua posição.

O Conde de Erlon me escreveu hontem, de tarde, dizendo-me que na conformidade de minhas instrucções, as divisões do centro tinham atacado e tomado a forte po-

sicaõ de Col de Maya, não obstante a vigorosa resistencia que fez o inimigo. A 2. divisaõ commandada pelo general Darmagnac mostrou nesta occasiaõ hum ardor extraordinario.

Depois deste ataque, o inimigo dividio as suas tropas em duas columnas : huma desceo para o vale de Bastan, a outra tomou a estrada de Echasar. O Conde de Erlon ordenou que fossem ambas perseguidas : mas ao depois julgou conveniente contramandar este movimento, e unir-se á divisaõ do centro em Col de Maya. O inimigo ainda se mantinha no monte Atchiala. Sinto tanto mais este accidente imprevisto, por que eu tinha ordenado ao Conde de Erlon que manobrasse, a fim de se aproximar de mim : acabo de lhe reiterar a mesma ordem.

Nesta batalha os Inglezes perdêram muita gente, nós, tomamos-lhes 8 peças d'artilheria. Elles perdêram tambem muito no ataque que lhes fez o Conde Erlon. O regimento 10. foi quasi destruido. Hum batalhaõ do regimento 6 de infantaria ligeira, da divisaõ de Foy carregou aquelle regimento á baioneta, e o derrotou. Em huma palavra elles tambem perdêram muito no ataque da montanha de Altabisca, que lhes fez o General Baraõ Clausel, aonde foram mortos varios officiaes de graduacão. Tomamos muitos prisioneiros.

Ignoro o que se passou hontem, e hoje, no baixo Bidassoa. Não tenho recebido noticias do General Villatte o qual tem, alem disto, suas instrucçoens.

Nunca vi as tropas com melhor disposiçaõ, nem mostrando mais ardor. As guardas nacionaes de Landes e dos baixos Pyrennes, e os caçadores de montanha, que empreguei na fronteira, se rivalisáram em ardor. Farei mençaõ delles na participacão geral, quando tiver a honra de me dirigir a Vossa Excellencia.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) O Marechal Duque de DALMACIA.

CARTA

Do General Rey, commandante em San Sebastian, a
Sua Excellencia o Duque de Feltre, Ministro da
Guerra, datada de 26 de Julho, 1813.

MONSEIGNEUR !

Apresentou-se aqui ésta tarde hum official com huma bandeira de tregoa, para pedir informaçoes a respeito de varios officiaes extraviados.

Elle parecia estar muito inquieto, a respeito da sorte do Coronel do 1. Regimento Real, que foi morto na brecha. He certo que no assalto, os Inglezes perdêram hum Coronel, 4 Tenentes-coroneis ou Majores, e 42 Officiaes ; que o numero de subalternos e soldados he de 1,000 mortos, feridos, ou prisioneiros, todos Inglezes, e perto de 300 Portuguezes.

Os Inglezes fallam de seus alliados com desprezo. Este official confirmou o que os seus prisioneiros tinham ja dicto ; que as suas 8 melhores companhias de granadeiros fôram totalmente destruidas, no dia em que se fez o assalto. De manhã o inimigo embarcou 36 botes de feridos ; atirou, durante o dia, grande quantidade de bombas ; e somente dirigio alguns obuzes contra as casas incendiadas ; o que me fez presumir, que começavam a embarcar as suas tropas. O official que trouxe a bandeira de tregoa nos agradeceo em nome de seu general, o cuidado que tinhamos tido com os seus feridos. Metade da cidade está inteiramente destruida, a maior parte das casas que restam estão summamente damnificadas : nos ainda não podemos extinguir o incendio ; se crescer o vento se perderá o resto da cidade. A quantidade de muniçoens, que os Inglezes tem consumido, com as suas 45 peças d'artilheria, constantemente em acção, he pasmosa. A proximidade do mar, e da esquadra, he somente quem podia ter supprido tão grande consumo.

Eu continuo a mandar estupir as bocas das ruas, com travessas, que faço tenção de defender palmo a palmo, se em qualquer tempo me vir obrigado a deixar a minha primeira linha. Vossa Excellencia pode estar descansado, de que a guarnição de S Sebastian fará o seu dever, e continuará a dar provas de sua devoção pelo nosso augusto Imperador.

Rogo-vos, &c.

(Assignado)

REY.

P. S. Esquecia-me mencionar a Vossa Excellencia as escadas com que estavam providas as tropas do inimigo no seu assalto da estrada cuberta, que ficaram em nosso poder.

CARTA

Do mesmo ao mesmo, datada de 27 de Julho, 1813.

MONSEIGNEUR !

ESTA manhaã pelas 4 horas, visitando os postos avançados na esquerda, com o Coronel Songeon, que os commanda, percebi, que varios botes sahiam das baterias na arêa, para se unir aos que andavam cruzando ; e immediatamente me convenci de que as baterias, que tinham estado batendo em brecha, estavam desarmadas. Eu fui aos postos avançados de terra, aonde o inimigo tinha descontinuado as suas obras. O inimigo ja não fazia fogo. Eu decidi immediatamente fazer hum reconhecimento nas trincheiras ; e por hum movimento accelerado fazer com que o inimigo desdobrasse ; e informar-me do que elle estava fazendo. Portanto ordenei a duas companhias dos Caçadores de montanha do 3. batalhaõ, os Voltigeurs do regimento 62 ; e os çapadores que estavam nas obras, que avançassem rapidamente para as trincheiras, e destruíssem tudo que encontrassem : a artilheria recebeu ordem ao mesmo tempo de proteger a retirada destes destacamentos, e jogar sobre tudo quanto o inimigo mandasse em soccorro das trincheiras. Como eu esperava, o inimigo não contava com ser atacado a esta hora ; as trincheiras foram tomadas por surpresa, e destruido tudo quanto nellas se achou. A columna, que tomou a direcção do suburbio de S. Catalina, avançou para queimar a ponte, e a 2. para as casas queimadas em S. Martin. O resultado desta operação, que foi conduzida pelo chefe de batalhaõ Blanchard, com muita intelligencia e distincção, foi inteiramente completo. Tomamos 381 Inglezes e Portuguezes prisioneiros, 9 dos quaes são officiaes ; 140 Inglezes, que tentáram passar o rio, morrêram afogados : a artilheria produziu grande effeito : o inimigo perdeu em menos de huma hora mais de 1,200 homens ; isto he, quasi todos os que estavam nas trincheiras.

Esta acção faz muita honra á guarnição : as tropas obráram

com o maior vigor. Os Caçadores de montanha, o 62, e os Caçadores merecem o maior louvor. O Tenente Dujar, dos Caçadores de montanhas, se distinguio mui particularmente, sendo o primeiro que entrou nas trincheiras; elle ficou ferido. O inimigo somente deo fogo a cinco peças d'artilhe-
ria; huma do monte Julian, huma da bateria velha da bre-
cha, huma em S. Bartholomeu, e duas na avançada de S.
Bartholomeu. Nos entupimos as suas trincheiras. O ini-
migo tem começado a embarcar-se para levantar o sitio.
Esta cidade merecia melhor sorte. Tendo crescido o vento,
nós empregamos todos os nossos esforços para diminuir os
seus effeitos.

Rogo-vos, &c.

(Assignado)

REY.

PRUSSIA.

DECLARAÇÃO

Da Corte de Prussia sobre as vistas da Austria, e sobre a intenção em que está a Corte Vienna de restabelecer a paz, e a balança da Europa*.

DESDE a alliança da Prussia com o Russia, as vistas da Corte Imperial d'Austria tem sido dirigidas para o restabelecimento da paz, e da Balança da Europa; e Sua Magestade o Imperador *declarou* por meio de notificaçoens publicas, que estava determinada a fazer huma paz, cujas condiçoens garantissem a sua duração.

Em consequencia destas declaraçoens o Corpo auxiliar Austriaco que estava no exercito Francez, retirou-se; fizeram-se armamentos consideraveis, e ajuntou-se hum numero respeitavel de tropas na Bohemia. Estes armamentos foram ultimamente augmentados, e acabão de ser completados pela organização das milicias. Todavia, a Corte de Austria, interessando-se sempre vivamente no restabelecimento da paz,

* Este artigo he extrahido da Gazeta de Berlin de 17 de Julho.

quiz fazer hum novo esforço, com auxilio dos embaixadores das Potencias belligerantes, que se devem ajuntar em Praga, a fim de operarem huma reconciliação entre ellas.

A Corte de França accedeo a esta proposição, e S. S. M. M. o Rey de Prussia e o Imperador da Russia, rezolverão igualmente mandar embaixadores a Praga com ordem de nunca perder de vista, e de cuidar incessantemente dos interesses de seos alliados distantes, que são convidados a ter parte neste congresso, e a expor ao Gabinete austriaco seos sentimentos sobre a possibilidade de estabelecer as bases de huma paz que se deve concluir em consequencia.

Sua Magestade o Imperador da Russia nomeou para este fim o conselheiro privado Von Anstetten, junto de Sua Magestade o Imperador de Austria: e Sua Magestade o Rey de Prussia munio igualmente de plenos poderes para este effeito, seu Embaixador junto da Corte Imperial, o Ministro de Estado Baram d'Humboldt.

Estes dois Ministros authorizados partirão immediatamente do Quartel General de seos Soberanos, e devião chegar a Praga no dia 12 de Julho, dia em que os embaixadores Francezes devião tambem alli chegar. As Potencias alliadas, ficam pois nesta conjunctura igualmente fieis ao seu objecto, que tem sempre sido o não deixar perder e escapar alguma occasião de procurar á Europa huma paz justa, duradoira, e segura, para cujo restabelecimento ellas trabalharaõ com huma perseverança infatigavel, e empregaraõ para este fim todos os meios que a Providencia poz em suas maõs. A fim de haver o tempo necessario para as negociaçoens, o armisticio, a instancias do Embaixador imperial, he prolongado ate 10 de Agosto, de maneira que os seis dias de notificação não devem ter lugar senão naquelle dia.

Castello de Trachenberg em Silesia 11 de Julho.

Sua Alteza Real o Principe da Coroa sahio de Gripswald na manhaã de 6 de Julho passou a primeira noute em Prentzlau, onde Sua Alteza Real foi recebido da parte de Sua Magestade Prussiana pelo Principe de Sayn Wittgenstein. Este Principe acompanhou depois Sua Alteza Real durante sua viagem. A 7, continuou sua jornada por Königsberg, e foi recebido em Landsberg sobre o Wartha pelo General Conde de Tauenzien. A 8 Sua Alteza Real foi por Meseritz para Kosten, e a 9 por Lissa, onde Russo

Baram de Winzingerode tem sua Quartel-General, para Trachenberg.

Em sua viagem entre Ucker e Newmark de Brandeburgo Sua Alteza Real passou em revista muitos batalhoens de milicias Prussianas ; em Schwedt inspeccionou tambem hum regimento de Hussares da legião Germanica que deve estar debaixo do seu commando. Todas as cidades onde pernoitou estavaõ illuminadas, e tudo concorria a manifestar a alegria que a viagem de Sua Alteza Real cauzava aos habitantes. Entre Lansberg, e Trachemberg Sua Alteza Real foi escoltado por hum destacamento de Hussares de Elizabeth Gorod e dos Cossacos do Don do General Howaisky.

Immediatamente depois da sua chegada Suas Magestades o Imperador da Russia, e o Rey de Prussia foraõ receber Sua Alteza Real.—Sua Alteza Real o Principe herdeiro de Prussia chegou na manhaã do dia seguinte.

Na comitiva do Imperador da Russia estavaõ os Generaes Principe de Wolkonsky, Toll, Newerowski, Lanskoy, o Cavalheiro Pozzo de Borgo, bem como o Secretario de Estado Conde de Nesselrode.

Sua Magestade Prussiana estava acompanhado do Chanceller de Estado o Baraõ d'Hardenberg, do General Knesibeck, do Conde Henskett, e do Marechal Conte de Maltzan.

Na comitiva do Principe da Coroa de Suecia estavaõ o Governador General Gaude, e o Conselheiro de Estado Ancillon.

O Ministro Imperial Austriaco de Estado, e das conferencias Conde de Stadion : o Encarregado de Negocios Austriaco, Baram de Libzeltein, o Embaixador Britanico junto da Corte de St. Petersburgo, o General de Schutelen, e M. Thornton Embaixador Britanico junto da Corte de Suecia chegáraõ aqui tambem. No dia 10 de manhaã Sua Alteza Real foi pagar a vizita a Sua Magestade o Imperador da Russia, e a Sua Magestade o Rey de Prussia, e de tarde ao Principe Real de Prussia. Sua Alteza Real o Principe da Coroa de Suecia voltou no dia 12 ao meio dia para Gripswald.

O Commandante Francez em Stettin exigio novamente dos habitantes desta Praça huma grande somma de dinheiro. O Bourguemestre, representando-lhe a impossibilidade de a fornecer, foi immediatamente prezo e condemnado a ser posto a paõ, e agua. Logo que os Prussianos o

souberaõ, pozeraõ tambem a paõ, e agua o General Francez Poinot e seos dois filhos, seos ajudantes de Campo. Poinot queixou-se, e a resposta foi, que logo que o Governador de Stettin pozesse em liberdade o Bourguemestre, seria melhorada a sua sorte.

Se os Alliados, por cada hum dos infelizes que o Tyranno tem mandado arcabuzar, por serem fieis ao Seu Soberano, e á Sua Patria, tivessem mandado arcabuzar oito, ou dez prizioneiros Francezes, não se teria derramado tanto sangue innocente. Mais de huma vez o temos dito—fazer a guerra a Bonaparte de huma maneira differente daquella com que elle a faz, he combater com armas desiguaes.

H E S P A N H A.

EXTRACTO

Do manifesto da Regencia de Hespanha, relativo ao procedimento do Nuncio de S. S. nestes Reynos, datado de 8 de Julho, e assignado L. de Bourbon, Cardeal Scala, Arcebispo de Toledo, Presidente.

A Regencia faltaria á mais essencial de suas obrigaçoens, se não pozesse fim ás perigozas manobras do Nuncio de S. S. nestes Reynos, D. Pedro Gravina, Arcebispo de Nicea. O seu procedimento Politico tem, ha muito tempo, sido tal, que a Regencia quasi julga ser necessario desculpar-se de seu longo soffrimento; porém em quanto havia alguma sombra de esperanza de que elle descobriria o seu erro, e não cederia os limites de seus legitimos poderes, a Regencia crêo que devia respeitar o nome, e dignidade deste prelado, e a representação do Santo Padre, por quem tinha sido enviado.

A Regencia, influida por estas poderosas consideraçoens,

trabalhou por dissuadi-lo de seu proposito primeiro com argumentos, depois com representações e queixas. Vendo a inutilidade destes meios, lhe intimou, ainda que com muito pezar, que se continuasse em seu temerario procedimento, se veria na necessidade de o fazer sahir destes Reynos. O Nuncio porém continuou obstinadamente em seu modo de proceder antigo, proceder incompativel com a tranquillidade publica, e destruidor da authoridade do Governo; e a Regencia, por tanto, se vio na dura, mas indispensavel necessidade de pôr em execução o exterminio com que o tinha ameaçado: e a occupação de suas temporalidades, como imperiosamente riqueria a sagrada ley da conservação do Estado, e dos individuos.

O tribunal da Inquisição, introduzido nestes Reynos pelos Reis Catholicos D. Fernando e D. Izabel, foi abolido pelas Cortes, depois de maduro e deliberado exame: ellas estabeleceram em seu lugar a ley das Partidas; e ordenaram que o decreto e manifesto, em que elles explicavam as justas e poderosas razões, que tinham motivado a abolição deste tribunal, fosse lido em todas as parochias da Monarchia ao tempo da celebração da Missa Conventual, para informação do Povo. O Nuncio pretendeo, que a Inquisição não podia ser abolida sem o consentimento de S. S.; e para este fim, fez huma representação á Regencia, aos 5 de Março, escrevendo ao mesmo tempo ao Bispo de Jaen, e aos Cabidos das Sées vacantes de Granada e Malaga, declarando-lhe a sua opposição ao decreto, e manifesto, e exhortando-os a conformar-se a seu dictado, encarregando-os de proceder com o maior segredo.

A Regencia, aos 23 de Abril, admoestou ao Nuncio, por via do Ministro de Graça e Justiça, a que não excedesse a sua authoridade, visto que qualquer excesso a este respeito, de sua parte, seria contrario aos direitos e privilegios da Coroa; e para prevenir toda a impressão desfavoravel, publicou hum manifesto, dirigido aos prelados, e cabidos, em que os informava do procedimento do Nuncio.

O Nuncio, pela intervenção do Secretario de Estado, transmittio ao Governo, aos 28 de Abril, huma nota, em que expressava a sua admiração desta resolução, e que ella lhe fosse communicada pelo Ministro de Graça e Justiça, e não pelo Secretario de Estado. Esta nota foi acompanhada de copias de cartas, que elle escreveo ao Bispo de Jaen, e aos Cabidos de Granada e Malaga, e de huma resposta á nota official, que lhe foi communicada pelo Ministro de Graça e Justiça, que contém as seguintes expressões, sufficientemente fortes para offender a Regencia:—“ Que elle não podia deixar de crer que éra in-

dispensavel obrigação sua obrar, como tinha feito, na qualidade de Legado do Papa, e no desempenho de seu ministerio.” “ Que ainda que elle nada desejava mais do que a paz e tranquillidade do Reyno, e ainda que fosse contrario ao seu character intrrometer-se em outros objectos mais do que os pertencentes aos deveres de sua legação, com tudo, em materias ecclesiasticas, elle éra obrigado a entrar naquella correspondencia, e communicação, que d'elle requeriam os deveres de seu officio.” E, como se estas palavras não fossem sufficientes para offender a Regencia, elle accrescenta, “ que se o procedimento de se corresponder com os reverendos Bispos, e obrar como d’antes tinha feito, dava offensa ás Cortes, ellas poderiam obrar, a respeito d’elle, como bem lhes aprouvesse : pois elle cria, que o seu procedimento mereceria a approvação de S. S ; e que lhe daria grande satisfacção o saber, que mantendo o character de quem representava, o seu Legado tinha olhado para suas temporalidades com a maior indifferença.” Respondeo-lhe em hum officio de 5 de Mayo, que a sua admiração teria sido justa, se a nota do Ministro de Graça e justiça tivesse sido em resposta á sua Memoria de 5 de Março, que elle apresentou como Nuncio : mas que nesta nota, aquelle objecto se tinha unicamente mencionado accidentalmente, e relativamente ás cartas, que elle tinha escripto como Arcebispo de Nicea ao Bispo e Cabidos, exhortando-os a demorar, e até mesmo recusar obedecer ao decreto das Cortes ; e referindo-se ás expressoens que tinham attrahido a attenção das Cortes, e sobre que se pedio huma explicação. Na sua resposta de 9 de Maio, elle continuou a insistir no que tinha dito antes, que se considerava obrigado a manter correspondencia com os Bispos, e Cabidos, e receber delles explicaçoens, e esclarecimentos, e a exhorta-los ao preenchimento de seos respectivos deveres, e ao juramento que tinham prestado de defender os direitos da Igreja, e da Santa Sé Apostolica ; que tal correspondencia era necessaria para o devido desempenho de suas funcçoens, como Nuncio, e era authorizada pela pratica de todas as Igrejas ; que com este objecto foraõ dirigidas as Cartas aos Bispos, e Cabidos, incumbindo-lhes o segredo, para manter a ordem, e tranquillidade publica. O Nuncio accrescenta, que a maior parte dos Bispos, mesmo os que rezidiaõ em Cadiz, tinhaõ declarado a sua opiniaõ sobre esta materia, na esperanza de que, como Légado do Papa, elle tomaria aquella parte, que julgasse proprio : e que portanto, elle se tinha rezolvido a dar o seu conselho, e instrucçoens aos Prelados, e Cabidos de

maneira propria ao seu officio, e que continuaria no mesmo procedimento, todas as vezes, que se tratasse de semelhantes objectos.

Esta declaração curtou todas as esperanças de que o Nuncio se deixaria de sua determinação de offender os direitos, e privilegios de nosso Captivo Rey: e posto que a Regencia por algum tempo se restringio, em respeito ao Papa, e por afeição, e estima que tem por seu Nuncio; com tudo depois de ter ouvido a opinião do Conselho de Estado em defeza dos imprescriptiveis direitos, e privilegios da Coroa, resolveo, como as leis, e a historia de todas as Nações Catholicas a authorizaõ, a ordenar que se communicasse ao Nuncio a seguinte

NOTA,

Do Ministro de Estado em que se communica ao Nuncio a sua espulsaõ destes Reinos, e a occupação das temporalidades que nelles possuia.

Senhor!

O procedimento politico de V. Excellencia a respeito do Decreto das Cortes geraes, e extraordinarias, pelo qual se abolio a Inquisição, obrigou a Regencia do Reino a adoptar as medidas que julgou necessarias para segurar o cumprimento de suas ordens, e prevenir, que a tranquillidade publica fosse perturbada. Ao mesmo tempo, a fim de precaver a repetição do que tinha succedido, S. A. por via do Ministro de Graça, e Justiça, fez a V. Excellencia as communicações, e lhe intimou que se V. Excellencia não desistisse de seos designios, S. A. se veria na necessidade de o fazer sahir do Reino, e tomar posse de suas temporalidades.

A resposta que V. Excellencia deo a 28 de Abril, dirigida ao Ministro de Graça, e Justiça, foi huma declaração solemne de que V. Excellencia estava resolute; e decidido a obrar da mesma maneira no uzo dosseos poderes, que julgava pertencer-lhe. V. Excellencia repetio huma declaração igual em a nota que foi servido dirigir-me a 9 de Maio, respondendo a minha de 5 do mesmo mez, em que eu rogava a V. Excellencia huma explicação official á Nota de 28 de Abril.

Olhando para tudo isto, não apparece razão alguma, que podesse fazer duvidar S. A. sobre o que devia obrar: e V. Excellencia não podia tambem duvidar do exito de tao desagradavel negocio. S. A. porem dezejou ouvir o Conselho

de Estado, a fim de proceder com maior exactidão; e de proposito deixou passar todo o tempo que julgou necessario, para ver se V. Excellencia considerando o negocio com espirito mais tranquillo, e desprevenido, revogaria as suas notas sobreditas, e faria huma declaração contraria ao seu conteudo. Era este o dezejo de S. A., como unico meio de impedir, que chegasse a dura extremidade a que se via obrigada, em defeza dos privilegios da Coroa; como porem nem esta esperança resta, nem outro algum meio: S. A. me tem ordenado que envie, como tenho a honra de o fazer, a V. Excellencia os passaportes do costume, para que V. Excellencia saia destes reinos, e o informe que procederá á occupação das temporalidades que V. Excellencia nelles possuia.

S. A. dezejando conservar a V. Excellencia, não obstante tudo quanto tem succedido, a consideração devida á sua dignidade, e representação: e dezejando igualmente, que V. Excellencia faça a sua viagem com commodidade, e conforto, tem ordenado que a fragata armada a Sabina, seja preparada para transportar a V. Excellencia para onde quer que dezeje partir.

Ao mesmo tempo que communico a V. Excellencia esta resolução, tenho a honra de offerer a V. Excellencia os meos sinceros dezejos de o servir com a mais prompta, e obsequioza attenção. Cadiz, 7 de Julho de 1813.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

PEDRO LAVRADOR.

Ao Nuncio de Sua Santidade.

P O R T U G A L.

TRATADO DE PAZ DEFINITIVA,

Ajustado entre Portugal, e Argel a 14 de Junho, cujo theor vertido do Arabe he o seguinte.

Em Nome de Deos, Clemente, e Misericordioso.
(L. S.)

Tratado de Paz e Amizade entre S. A. R. o Muito Alto, e Muito Poderoso Principe Regente de Portugal, e dos Algarves, daquê, e dalém mar, em Africa de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c., e o Muito Nobre e Honrado Sid Hage Aly, Baxá de Argel, e mais Provincias sujeitas ao seu Dominio, ajustado entre o dito Baxá com o seu Divan, e Principaes do seu Estado, e José Joaquim da Rosa Coelho, Capitão de Mar e Guerra da Armada Real, e Fr. José de Santo Antonio Moura, Interprete da Lingua Arabe, e Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos, competentemente authorisados para effectuarem o dito Tratado, em que interveio como Mediador, e Garante S. M. Britannica, e para este fim se apresentou com os necessarios Plenos Poderes Mr. Guilherme Acourt, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario da Corte de Londres.

Art. I. Haverá huma Paz firme, estavel, e perpetua entre as duas Altas Partes Contractantes, e os seus respectivos Vassallos; e quaesquer embarçoens assim de Guerra, como Mercantes de ambas as Naçoens, poderaõ navegar livremente, e com toda a segurança para onde bem lhes convier, levando para isso os correspondentes Passaportes.

II. Todas as Embarçoens, e Vassallos de Portugal poderaõ entrar, sahir, demorar-se, commerciar, e prover-se de todo o necessario nos Dominios de Argel, sem que se lhes ponha embaraço, ou se lhes faça alguma violencia. Os Vassallos, e Embarçoens Argelinas seraõ tratados da mesma sorte nos Dominios de Portugal.

III. As Embarçoens de Guerra pertencentes á Corôa de Portugal poderaõ prover-se de todo o mantimento, ou de qualquer outra cousa de que precisarem nos Pórtos de Ar-

gel, e pelo preço corrente, sem que sejam obrigadas a pagar por isso mais couza alguma.

IV. Nenhum Corsario Argelino poderá cruzar na distancia de seis milhas das Costas de Portugal, e suas Ilhas, ou demorar-se naquelles sitios com o fim de dar cassa, ou visitar os Navios Portuguezes, ou de qualquer outra Nação sua inimiga, que buscarem os referidos Portos por cauza do seu Commercio. O mesmo praticarão os Navios de Guerra Portuguezes junto das Costas de Argel.

V. Se alguma Embarcação ou Navio Mercante Portuguez for encontrado por qualquer Corsario Argelino, e este o quizer registrar, o poderá fazer; com tanto que a bordo do dito Navio não subão mais de duas pessoas para examinar os seus papeis e passaportes.

VI. Os Estrangeiros de qualquer Nação, e as Fazendas de propriedade Estrangeira, que se encontrarem a bordo de qualquer Embarcação Portuguesa, ainda mesmo de Nação inimiga da Regencia de Argel, não poderaõ ser apprehendidas debaixo de pretexto algum, que se queira allegar. O mesmo se praticará da parte dos Portuguezes a respeito dos effeitos, que se encontrarem a bordo de qualquer Embarcação Argelina.

Da mesma sorte os Vassallos e Fazendas pertencentes a qualquer das Partes Contractantes, que se encontrarem a bordo de Embarcação inimiga de qualquer das mesmas Partes Contratantes, seraõ respeitadas e postas em liberdade pela outra Parte; mas não poderaõ emprehender a sua viagem sem o correspondente Salvoconducto. Se acontecer porem, que este se desencaminhe, nem por isso as ditas Pessoas seraõ reputadas Escravos; antes pelo contrario, certificando em como são Vassallos de qualquer das Altas Partes Contratantes, deveraõ ser postas immediatamente em liberdade.

VII. Se algum Navio Portuguez, perseguido do inimigo, se refugiar em algum dos Portos dos Dominios de Argel, ou debaixo das suas Fortalezas; os Habitantes defenderaõ o dito Navio, e não consentiraõ que se lhe faça prejuizo algum. Da mesma sorte se alguma Embarcação Portuguesa se encontrar com Embarcação sua inimiga nos Portos de Argel, e aquella quizer sahir para o seu destino, não se permittirá que a sua inimiga levante do Porto senão vinte e quatro horas depois da sua partida. O mesmo se praticará nos Portos de Portugal com as Embarcaçoens Argelinas.

VIII. Se alguma Embarcação Portuguesa infelizmente naufragar ou encalhar nas costas dos Dominios de Argel, o Governador e moradores daquelle districto deveraõ tratar a Tripulação com toda a humanidade, não a prejudicando,

nem permittindo que se lhe roube coisa alguma; antes pelo contrario lhe prestarão todo o auxilio para poder salvar a dita embarcação com a sua carga ou aquillo, que for possível; não devendo ser obrigada a mesma tripulação a pagar, senão o salario ou jornal aquelles, que nisso se tiverem empregado. A mesma consideração se terá com qualquer embarcação Argelina, que infelizmente naufragar nas costas de Portugal.

IX. Os vassallos de Portugal poderaõ commerciar nos portos e estados de Argel do mesmo modo, e com as mesmas prerogativas, e pagando os mesmos direitos, que estão estipulados para os Inglezes. Os vassallos Argelinos pagarão em Portugal iguaes direitos aos que alli pagão os Inglezes.

X. O Consul de Portugal estabelecido nos dominios de Argel será reputado e considerado, como o consul Britanico; e poderá ter em sua casa, assim como os seus criados e todos os mais, que o quizerem praticar, o livre exercicio da sua religião. O mesmo consul poderá julgar todas as contendas e questões suscitadas entre os vassallos Portuguezes, sem que nisso se possaõ intrometer os juizes da terra, ou alguma outra authoridade; salvo se a questão for entre Portuguez e Mouro, porque nesse caso a deverá julgar o Governador da Terra na presença do mesmo Consul.

XI. O referido Consul e seus encarregados não poderão ser obrigados a pagar divida alguma contrahida por vassallos Portuguezes; excepto no caso de se terem obrigado a ella por escripto feito de sua Letra e Sinal.

XII. Se algum Portuguez fallecer nos dominios de Argel, todos os seus bens se entregarão ao Consul de Portugal, para serem por elle temettidos aos herdeiros do dito defunto.

XIII. Succedendo qualquer contravenção ao presente tratado da parte dos vassallos de Portugal, ou dos vassallos de Argel, nem por isso se dissolverá o presente tratado de Paz estabelecido entre as duas Nações; mas examinando se a origem de semelhante acontecimento, se dara á parte offendida a condigna satisfação.

XIV. No caso de se declarar a guerra entre as duas altas partes contratantes (o que Deos não permitta) não se commetterão hostilidades de parte a parte, senão passados seis mezes depois da dita declaração: neste intervallo poderaõ o Consul de Portugal e todos os vassallos do mesmo Reino retirarem-se com todos os seus bens; assim como os vassallos Argelinos, que estiverem em Portugal, para o seu paiz; sem que se lhes possa por o menor embaraço.

XV. Tudo o mais não expecificado nos precedentes artigos será regulado pelos artigos de paz estabelecida entre S. Magestade Britannica, e a Regencia de Argel.

XVI. E para que seja firme, e duravel este Tratado aceitaõ as duas Altas Partes Contratantes por Medianeiro e Fiador da sua observancia o Rei da Grã-Bretanha; em prova do que o assigna Mr. Acourt, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Corte de Londres, juntamente com os mencionados Enviados de Portugal, e deste se extrahirão duas copias, huma para o Soberano do dito Reino de Portugal, e outra para ficar em poder do seu Consul residente em Argel.

Foi ajustado e escrito em Argel aos 14 de Julho de 1813.
(Corresponde aos 15 de Jomadi-tani de 1228 da Egira.)

José Joaquim da Rosa Coelho, Enviado de S. A. R.
o Principe Regente de Portugal.

Como Medianeiro e Fiador, William Acourt, E. E.
e M. P. de S. M. Britannica.

Fr. José de St. Antonio Moura, E. de S. A. R. o
Principe Regente de Portugal.

E sendo-nos presente o mencionado Tratado de Paz, cujo theor fica acima inserido; e bem visto, considerado, e examinado por nós tudo o que nelle se contém, bem como a carta, que o Rei de Argel nos escreveo, e serve de ratificação da sua parte, o approvamos, ratificamos, e confirmamos assim no todo, como em cada huma das suas clausulas, e estipulações; promettendo em fé, e palavra Real do Augusto Principe Regente de Portugal, cuja Soberana Pessoa representamos no Governo destes Reinos, observa-lo, e cumpri-lo inviolavelmente, e faze-lo cumprir, e observar, sem permittirmos que se faça cousa alguma em contrario por qualquer modo que possa ser. E em testemunho, e firmeza do sobredito, fizemos passar a presente por nós assignada, sellada com o sello grande das Armas Reaes; e referendada por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho de S. A. R., Tenente General dos seus Reaes Exercitos, e Secretario dos Negocios da Marinha, Extranjeros, e da Guerra. Dada em Lisboa no Palacio do Governo aos 13 de Julho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1813.

Bispo Patriarca Eleito.—Marquez de Olhaõ.—Marquez de Borba.—Principal Sousa.—Carlos Stuart.—Ricardo Raimundo Nogueira.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Joaõ Antonio Salter de Mendonça.

(L. S.)

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.

PORTARIA.

Relativa aos concertos das cazas arruinadas por occasião da Guerra.

Tendo o Principe Regente Nosso Senhor consideração ao triste estado em que se achão muitas villas, e lugares das estradas, que o inimigo devastou na sua retirada, e quanto se faz necessario animar, e ajudar os povos nos reparos das suas propriedades, para mais os interessar a que voltem ás suas aldeas, e que procurem pela cultura das suas terras, reparar huma tal calamidade: manda o mesmo Senhor, que o Dezembargador Joaõ Gaudenico Torres, e Francisco Xavier de Montes Thesoureiro da Caza da India, que tem sido encarregados da applicação dos fundos destinados por S. Alteza Real nas Capitánias do Maranhão, Pernambuco, e Bahia ao melhoramento dos Povos, comecem logo os reparos nas portas, janellas, e telhados daquellas villas, e lugares, que mais o necessitarem, nas cazas dos habitantes, que de-zejem recolher-se aos seus lugares, ou nelles ja estiverem vivendo, e que não tenham possibilidade de fazerem os ditos reparos á sua Custa; devendo a estrada central, como Leiria, Pombal, Redinha, Lourical, merecer toda a attenção, como mais distante dos Rios, e privada de Commercio. Conferirão entre si nos meios, e modo, com que poderaõ com a maior economia e igualdade, repartir estes concertos, de sorte que se estenda o beneficio a hum maior numero de habitantes. Teraõ em vista auxiliar os povos nos reparos daquellas Igrejas, e Capellas, a que são obrigados, para que se não suspendaõ os officios divinos, pela desgraça, e pobreza em que se achão. Devendo o sobredito Dezembargador Joaõ Gaudenico pelo grande conhecimento que tem dos referidos povos devastados, dirigir todos os reparos, e facilitar todos os meios para se conseguir tão importante, e benefica providencia: e o dito Francisco Xavier de Montes ter todo o cuidado da escripturação de toda a despesa, com a individuação dos lugares, e povos, notando os reparos parciaes, que se ordenarem, assim como de tudo; tendo as clarezas, e documentos que bastem para ser presente a S. A. R. a execução das suas Reaes Ordens. Obrando ambos de accordo, e fazendo aquellas diligencias necessarias para semelhante diligencia: dando conta regularmente na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino não só da despesa, e obras que vão ordenando, mas de qualquer successo, que necessitar de prompta providencia. Todas as authoridades, sendo a este fim requeridas, lhes prestaraõ

todo o auxilio, e coadjuváraõ dando prompta execuçaõ na parte que lhes tocar. O Dezebargador Joaõ Gaudenico Torres, e Francisco Xavier de Montes o tenhaõ entendido, e façaõ executar. Palacio do Governo em 19 de Junho de 1813. Com as Rubricas dos Governadores do Reino.

IMPORTANTISSIMAS PROVIDENCIAS

Para a propagaçaõ da Vaccina em Portugal.

AVIZOS.

Para os Prelados Diocezanos destes Reinos.

Ex^{mo.} e Rev^{mo.} Senhor,

Sendo a Vaccina reconhecida por todas as Nações civilisadas, como preservativo innocente da funesta Epidemia das Bexigas, que sem elle poucos deixavaõ de ter, e muitos morriaõ; e já felizmente muito exprimentado neste Reino, até com o paternal exemplo, que deo o Principe Regente Nosso Senhor, fazendo vaccinar seus Augustos Filhos; saõ obrigados todos os que não tem tido bexigas a vaccinaremse, e os chefes de familias a fazerem vaccinar nas mesmas circumstancias a todas as pessoas, que delles dependerem. Para espartar esta obrigaçaõ, e facilitar o uso geral do mesmo preservativo, de que tanto bem resulta á humanidade, e ao estado, a Academia Real das Sciencias formou a instituiçaõ vaccinica, composta de alguns dos seus Socios Facultativos, os quaes muito tem trabalhado per si, e seus correspondentes, a promover, e facilitar o dito uso geral, vaccinando de graça todas as Pessoas, que se lhes apresentão. E como apezar de tantos desvellos, e notorias utilidades, ainda ha bastante negligencia no cumprimento da dita obrigaçaõ, por falta de conhecimento, e persuasaõ: Sua Alteza Real Manda remetter a V. E. alguns exemplares das instrucções, sobre o modo de vaccinar, a fim de que V. E. possa divulgar estes necessarios conhecimentos, como melhor lhe parecer: E he Servido recommendar a V. E.

1. Que V. E. promova a vaccinaçaõ por todos os meios possiveis, especialmente pelo exemplo, sempre mais poderoso, que o Conselho; procurando não só fazer vaccinar todas as pessoas da sua familia, que não tiverem tido bexigas, os empregados, e alumnos dos seminarios, e outras corporações, que estiverem debaixo da sua inspecçaõ, mas

tambem persuadir as pessoas principaes, a que imitem taõ louvavel procedimento; pois a pratica deste saudavel invento depende inteiramente da opiniaõ publica, para se introduzir em todas as familias, e classes da sociedade.

II. Que V. E. ordene aos Parrochos, seus subditos, que não cessem de persuadir aos Freguezes por todos os modos, especialmente na Estação da Missa em alguns Domingos, as utilidades da Vacinação, exhortando a que se pratique por todos, que della necessitarem.

Sua Alteza Real confia nas virtudes de V. E. que concorrerá cordialmente para huma obra taõ meritoria, e de tanto interesse para o Real Serviço, e bem da Nação.

Deos guarde a V. E. Palacio do Governo em 19 de Junho de 1813.

Joaõ Antonio Salter de Mendonça.

Para os Corregedores das Commarcas.

Querendo o Principe Regente Nosso Senhor promover o uso da Vacinação nestes Reinos, para livrar seus habitantes do cruel flagello das bexigas, manda remetter a V. M. alguns exemplares das instrucções, que sobre este assumpto se publicáraõ, e he servido:

I. Que V. M. informe do numero de todos os Vaccinadores, que ha nas terras da sua jurisdicção; seus nomes, e lugares das suas residencias, dando com toda a brevidade conta do que achar, por esta Secretaria de Estado dos negocios do Reino, e declarando se a distribuição dos Vaccinadores, pelas ditas terras, he tal que os habitantes dellas achem quem lhes faça esta operação, sem o incommodo de se alongarem muito das suas casas; e havendo falta de Vaccinadores, aponte os lugares onde a houver, e o modo de a supprir, sem que os Vaccinados fação despesa alguma.

II. Que V. M. annuncie ao publico por editaes os nomes, e residencias dos Vaccinadores, e quando for possivel, os dias, e horas, em que elles estão promptos para vaccinar, fazendo conhecer nelles ao povo, em termos mui concisos, e accomodados á intelligencia de todos, as consideraveis vantagens, que resultaõ da vaccina para a conservação da vida, e extincção das bexigas, e recommendando lhe que se sujeite aos conselhos dos Vaccinadores, a quem os Vaccinados se devem apresentar novamente, na forma, que se expõe nas instrucções, não só para se conhecer se a vaccina he verdadeira, e aproveitar-se a materia, sem a qual não póde continuar a inoculação; mas tambem para se fazerem as observações necessarias para se aperfeiçoar o uso da vaccinação.

III. Que V. M. promova a vaccinação por todos os meios, que parecerem influir na opinião publica, e concorrer para que ella se introduza em todas as classes do povo ; servindo-se porém unicamente da persuasão, e do exemplo, e nunca da authoridade, que em semelhantes assumptos, em vez de aproveitar, só pode servir de impecer o fim pertendido.

IV. Que V. M. procure fazer vaccinar todos os individuos, que estiverem debaixo da sua immediata direcção, e não tiverem tido bexigas naturaes, ou sejam orfaos, ou pessoas empregadas nos Hospitaes, ou convalescentes, que delles sahirem, ou prezos nas Cadêas Publicas ; ou Expostos, ou Alumnos de casas de educação, que lhe estão sujeitos, ou quaesquer outros, que se acharem em semelhantes circunstancias.

Ordena finalmente que V. M. participe aos juizes de fóra, e ordinarios da sua commarca esta Real Ordem, para que a executem prompta, e exactamente, ficando V. M. obrigado a fiscalisar a mesma execução.

Deos guarde a V. M. Palacio do Governo em 19 de Junho de 1813.

Joaõ Antonio Salter de Mendoença.

Em 24 de Junho celebrou a Academia Real das Sciencias a sua Assembleia Publica, a que assistirão alguns dos Senhores Governadores do Reino, Socios da mesma, e grande numero de outras pessoas.

O Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Borba, Vice-Presidente, abriu a Sessão com hum breve Discurso ; a que se seguiu outro do Secretario, referindo as transacções, e trabalhos Academicos do anno recorrido. Seguirão-se varias leituras de Memorias de Socios, que forão as seguintes :

Ideas geraes sobre a Policia pelo Excellentissimo Visconde da Lapa : Memoria sobre o descobrimento, e commercio dos Portuguezes nas terras Septentrionaes da America desde 1500 por diante, por Sebastião Francisco Mendo Trigozo : reflexoens tendentes a esclarecer o calculo das notaçoens, por Francisco de Paula Travassos : noticia de hum monumento de legislação patria ate agora desconhecido, por Joaquim Jose da Costa Macedo : recapitulação historica dos trabalhos da instituição Vaccinica da Academia, durante o seu primeiro anno, por Bernardino Antonio Gomes.

Apresentaraõ-se tambem as obras seguintes novamente impressas : O livro de Duarte Barbosa, que completa o se-

gundo tomo da collecção das noticias para a Historia, e Geographia dos Dominios Ultramarinos: Hypolito, tragedia de Seneca traduzida em verso Portuguez, com o texto Latino ao lado: Dissertaçoens Chronologicas, e Criticas sobre a Historia, e Jurisprudencia Portugueza, tom. 3. parte 1. por João Pedro Ribeiro: collecção de Opusculos sobre a Vaccina desde No. 3 ate 9.

Jose Bonifacio de Andrada e Silva,
Secretario da Academia.

Estado da Organizaçaõ do Exercito Portuguez em Campanha no ultimo de Junho, de 1813.

INFANTERIA.

1. BRIGADA.—Brigadeiro Pack.

Regimento, No. 1, Coronel Hill.

Do. 16, Coronel Francisco Homem de Mag^{es}.
Batalhaõ de Caçadores, No. 4, Tenente-coronel Williams.

2. BRIGADA.—Brigadeiro Bradford.

Regimento, No. 13, Tenente coronel D. Joaquim da Camera.

Do. 24, Coronel Guilherme M^cBean.
Batalhaõ de Caçadores, No. 5, Tenente-coronel Miguel M^cCreagh.

3. BRIGADA.—Coronel Ashworth.

Regimento, No. 6, Tenente-coronel Maxwell Grant.

Do. 18, Coronel Manoel Pamplona.
Batalhaõ de Caçadores, No. 6, Tenente-coronel Sebastiaõ Pinto.

4. BRIGADA.—Brigadeiro Power.

Regimento, No. 9, Tenente-coronel Carlos Sutton.

Do. 26, Tenente-coronel Guilherme Bermingham.
Batalhaõ de Caçadores, No. 11, Tenente-coronel Dursbach.

5. BRIGADA.—Coronel Stubbs.

Regimento No. 11, Tenente-coronel Alexandre Anderson.

Do. 23, Tenente-coronel James Miller.
Batalhaõ de Caçadores, No. 7, Tenente-coronel Bryan O^cToole.

6. BRIGADA.—Brigadeiro Sprye.

Regimento, No. 3, Major Carlos Stuart.

Do. 15, Coronel Luiz do Rego Barreto.
 Batalhaõ de Caçadores, No. 8, Tenente-coronel Dudley St.
 Leger Hill.

7. BRIGADA.—Brigadeiro Madden.

Regimento, No. 8, Coronel Diogo Douglas.
 Do. 12, Coronel Antonio de Lacerda Pinto da
 Silveira.
 Batalhaõ de Caçadores, No. 9, Tenente-coronel Joaõ Brown.

8. BRIGADA.—Brigadeiro Lecor.

Regimento, No. 7, Coronel Niel Campbell.
 Do. 19, Coronel Joaõ M'Doyle.
 Batalhaõ de Caçadores, No. 2, Major G. H. Zuchlhe.

9. BRIGADA.—Brigadeiro Hipolito da Costa.

Regimento, No. 2, Coronel Jorge de Avillez Zuzarte.
 Do. ... 14, Tenente-coronel Joaõ M'Donald.

10. BRIGADA.—Brigadeiro Campbell.

Regimento, No. 4, Tenente-coronel Allam Guilherme Camp-
 bell.
 Do. 10, Colonel Luiz de Souza Vahia.
 Batalhaõ de Caçadores, No. 10, Tenente-coronel Ricardo
 Armstrog.

DIVIZAÕ LIGEIRA.

Regimento, No. 17, Tenente-coronel Joaõ Rolt.
 Batalhaõ de Caçadores, No. 1, Tenente-coronel Joaõ Hen-
 rique Algeo.
 Do. 3, Tenente-coronel M. P. da
 Silveira.

CAVALLARIA.

Brigadeiro d'Urban.

Regimento, No. 1, Tenente-coronel Henrique Watson.
 Do. 11, Tenente-coronel Domingos Bernardino.
 Do. 12, Tenente-coronel Visconde de Barbacena.

ARTILHERIA.

Tenente-coronel A. Dickson.

1. de calibre 9, Major G. S. Jozé d'Arriaga.

Tenente-coronel A. Tulloh.

3. de calibre 6, Major G. João da Cunha Preto.

4. 9, Capitão João Eduardo Pereira Amado.

Major Amaro Jozé Canhaõ.

1. de calibre 6, Capitão Francisco Pederroza Barreto.

2. 3, 1. Tenente Jozé Alberto Gilmore.

Bateria de montanha, 2, Tenente Francisco Miguel Caetano Gorjaõ.

ORDEM DO DIA

DO

Excellentissimo Marquez de Campo Maior Commandante em Chefe do valoroso Exercito Portuguez.

Quartel General de Huarte 1 de Julho de 1813.

ORDEM DO DIA.

Com o mais perfeito prazer, e satisfação passa Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, Commandante em Chefe do Exercito, a fallar da conducta das tropas Portuguezas na famosa batalha de 21 do mez passado, em que o Exercito Aliado ganhou huma completa victoria sobre o Exercito Francez.

O Senhor Marechal felicita a Nação Portugueza pelo comportamento das suas tropas nesta memoravel batalha; e fazendo aos corpos Portuguezes, que nella tiverão parte, o mais alto elogio, só vem a dizer o que elles merecêraõ.

O Senhor Marechal julga-se obrigado a mencionar com particularidade a conducta das duas brigadas, a composta dos regimentos de Infantaria No 9, e 21, e batalhaõ de Caçadores No. 11, commandada pelo Senhor Brigadeiro Manley Power; e a composta dos regimentos de infantaria No. 11, e 23, e batalhaõ de Caçadores No. 7, commandada pelo Senhor Coronel Thomaz Guilherme Stubbs. O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria, e o Senhor Marechal presenciáraõ a brilhante conducta destas duas brigadas, cuja firmeza, boa ordem, e valor não se podem exceder; e Sua Excellencia o Senhor Marechal General mostrou por tal comportamento a maior admiração.

O Senhor Marechal assegura a estas brigadas, que não faltará a pôr com particularidade na presença de S. A. R., o Principe Regente Nosso Senhor, a sua conducta, e a pedir a S. A. R. hum distinctivo de honra especial para os corpos, que as compoem. O Senhor Brigadeiro Manley Power, o Senhor Coronel Thomas Guilherme Stubbs, os commandantes dos corpos, e os mais officiaes, officiaes inferiores, e soldados destas brigadas aceitarão os agradecimentos do Senhor Marechal; e não especifica official algum, porque todos fizeram nobremente o seu dever. A conducta do commandante das quatro companhias de granadeiros dos regimentos de infantaria No. 9, e 21 merece ser mencionada com particularidade, assim como a das mesmas quatro companhias.

O Senhor Marechal não pode prescindir de dar os seus agradecimentos á brigada do commando do Senhor Brigadeiro Deniz Pack, composta dos regimentos de infantaria No. 1, e 16, e batalhão de Caçadores No. 4, e de exprimir a sua completa satisfação a respeito de todos os officiaes, officiaes inferiores, e soldados destes corpos. O Senhor Brigadeiro, os commandantes dos corpos, officiaes, officiaes inferiores, e soldados desta brigada aceitarão a approvação do Senhor Marechal, que não deixara de fazer menção delles a S. A. R.

O Senhor Brigadeiro Deniz Pack, em razão de ter sido destacado com a sua brigada o batalhão de Caçadores No. 8, faz honrosa menção delle, e Sua Excellencia se regosija, de que este batalhão cuide em conservar a reputação, que tem adquirido.

O Senhor Marechal dá os seus agradecimentos ao Senhor Brigadeiro Frederico Sprye, e aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados da brigada do seu commando composta dos regimentos de infantaria No. 3, e 15 pela sua boa conducta, e firmeza.

As brigadas de artilheria Portugueza satisfizerão ao que lhes competio, e merecerão a approvação do Senhor Marechal.

O Senhor Marechal tem toda a razão de estar satisfeito com a Brigada do commando do Senhor Coronel Carlos Ashworth, e com os corpos da divisão ligeira, o regimento de infantaria No. 17, e os batalhoens de Caçadores No. 1, e 3, ainda que as circumstancias, e as suas posições respectivas na batalha não lhes offerecerão occasião de se distinguirem com particularidade. O mesmo diz o Senhor Marechal a respeito da divisão do commando de Sua Excellencia o Senor Tenente General Conde de Amarante, e da brigada do commando do Senhor Brigadeiro Lecor, que posto não

tivessem occasião de entrar em combate, os seus dezejões, e boa ordem forão visiveis.

Naõ he possivel, que todas as tropas de hum exercito entrem em acção em huma batalha; e ainda menos que todas tenhaõ occasião de se distinguirem; o Senhor Marechal tem o gosto de dizer ao exercito Portuguez, que está perfeitamente satisfeito com todas as que estiveraõ nesta famosa batalha. Todos os corpos fizeraõ o seu dever relativamente às circumstancias, em que se acharaõ, e nenhum corpo deixou de se distinguir, sempre que teve occasião.

O Senhor Marechal repete que terá o mais vivo prazer em levar á prezença de S. A. R. á boa conducta particular, e geral de todo o seu exercito, que se achou na batalha, e victoria de Vitoria em 21 de Junho de 1813.

O Senhor Marechal, usando do poder que Sua Alteza Real foi servido conceder-lhe, promove os officiaes, e officiaes inferiores, que abaixo seguem, pela sua conducta na batalha.

Gradua em Tenentes Coroneis os maiores do regimento de infantaria No. 9, G. W. Paty, e Archibaldo Ross, o major do regimento de infantaria No. 21, Francisco Joaquim Carreti, o major do regimento de Infantaria No. 11, Daniel Donahoc, e o major do regimento de infantaria No. 23, Francisco de Paula de Azerêdo: gradua em maiores o capitão do regimento de Infantaria No. 9, Mathias José de Sousa, e o capitão do regimento de Infantaria No. 21, Antonio José Soares; e promove a major o capitão Johnston, ajudante de ordens do Senhor Brigadeiro Power, conservando todos o exercicio, que actualmente tem; e promove a alferes do regimento de infantaria No. 9, o sargento ajudante do mesmo regimento, Carlos José da Cunha; a alferes do regimento de infantaria No. 4, o sargento ajudante do regimento de infantaria No. 21, Antonio de Azevedo Almeida, e a alferes do regimento de infantaria No. 23, o sargento ajudante do mesmo regimento, Antonio Cardoso de Menezes, contando todos os sobreditos promovidos a antiguidade do dia da batalha.

Tambem o Senhor Marechal, para dar mais outro testemunho da sua satisfação pela boa conducta de todos os corpos, que entraraõ na batalha, vai propor a Sua Alteza Real para effectivos todos os officiaes, que se achao aggregados por castigo, e entraraõ em combate na batalha, e saõ os seguintes:

Regimento de Infantaria No. 3.

- O Capitão, José Rafael Annes, para a 8. Companhia.—
- O Capitão, Joao Manoel da Veiga, para a 2. Companhia.—

O Tenente, Ignacio da Cunha Gasparinho.—O Alferes, Francisco Cardoso da Gama.

Regimento de Infantaria No. 9.

O Alferes, Manoel Caetano de Sousa Caldas.

Regimento de Infantaria No 15.

O Tenente Joaõ Manoel Borguete.—O Tenente, José Gomes Manacho.—O Alferes, Joaõ de Mattos Maia.—O Alferes, Antonio Guedes de Cintra.—O Alferes, José de Magalhaes da Costa.—O Alferes, Antonio Peito de Carvalho.

Regimento de Infantaria No. 17.

O Alferes, Antonio de Mello Boquete.

Regimento de Infantaria No. 21.

O Alferes, Francisco Manoel de Castro.

Regimento de Infantaria No. 23.

O Capitaõ, Francisco José Pereira, para a 2. Companhia.
Ajudante-General.—Mozinho.

INGLATERRA.

CARTA

Que S. A. R. o Principe Regente escreveo a Lord Wellington.

Carlton House, 3 de Julho de 1813.

Caro My Lord. O vosso glorioso comportamento he superior a todo o louvor humano; e muito alem de minhas recompensas! Eu não sei que haja neste mundo linguagem digna de o exprimir! Conheço que nada me resta a dizer; e só dirigir minhas preces, e agradecer devotamente á Providencia, que na sua omnipotente munificencia abençoou a minha Patria, e a mim com tal General.

Entre os trofeos de vossa incomparavel fama, vos me re-

mettestes o bastão de hum Marechal Francez; e eu, em trôco, vos mando, o bastão de Marechal Inglez. O exercito Britanico o saudará com enthusiasmo; ao mesmo tempo que todo o Universo reconhecerá os gloriosos feitos que tão imperiozamente o requeriaõ. Que tenhaes huma constante saude, e que novos louros continuem a coroar-vos por huma glorioza, e dilatada carreira de vida, são os incessantes e fervorosissimos dezejos, Caro My Lord, do vosso mui sincero, e mui fiel amigo.

G. P. R.

Ao Marquez de Wellington:

ORDEM DO DIA

Do Field-Marechal Lord Wellington datada de Ireuta a 9 de Julho de 1813.

1. O Commandante das forças dezeja anciozamente dirigir a attenção dos officiaes do exercito para a situação em que elles ate aqui se tem achado entre os povos de Portugal, e Hespanha, e aquella em que se poderaõ achar daqui em diante, nas fronteiras de França.
2. Daqui em diante se deverá uzar de toda a cautela militar para obter noticias, e prevenir surpresas. Os Officiaes Generaes, e Superiores, á frente de corpos destacados teraõ cuidado de conservar constante, e regular communicacão com os corpos que lhe ficarem á direita, e esquerda, e com a retaguarda; e deve-se obstar a que os soldados, ou os que os seguem saiaõ dos acampamentos debaixo de qualquer pretexto.
3. Naõ obstante que estas cautelas sejaõ de absoluta necessidade, porque o paiz em frente he do inimigo, o commandante das forças dezeja com particular ansiedade, que os habitantes sejaõ bem tratados, e que a propriedade particular seja respeitada.
4. Os officiaes, e soldados devem lembrar-se que as suas Naçoens estaõ em guerra com a França somente porque o regulador da Nação Franceza lhes naõ permitté estar em paz; e dezeja, obriga-las a submeter-se ao seu jugo: e naõ se deve esquecer que o peor dos males que o inimigo tem soffrido na sua invazão da Hespanha, e Portugal, tem sido produzidos pelas irregularidades dos soldados, e suas crueldades authorizadas, e animadas mesmo pelos seos chefes para com os infelizes, e pacificos habitantes do paiz.
5. Vingiar hum tal comportamento nos pacificos habitantes da França seria deshumano, e indigno das Naçoens a quem se

dirige agora o commandante das forças; e, em todo o cazo, seria dar occasião aos mesmos males, ou peiores, do que soffreo o exercito inimigo na Peninsula; e viria a ser de summo damno aos interesses publicos.

6. Portanto: as regras que ate aqui se tem observado em pedir tomar, e dar recibos pelos provimentos do paiz, serao continuadas nas aldeas das fronteiras da França; e os commissarios pertencentes a cada hum dos exercitos das diferentes Naçoens receberao as ordens do commandante em chefe do exercito da sua Nação, relativamente ao modo, e periodo de pagar semelhantes provimentos.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 31 DE JULHO.

EXTRACTO

De hum officio do Feld Marechal Marquez de Wellington, datado de Zubieta, 10 de Julho, 1813.

DEPOIS que me dirigi a V. S. aos 3 do corrente recebi noticias do General Mina, referindo, que o General Clausel, marchara de Saragoça para Jaca. Não tenho ainda ouvido chegasse áquelle lugar.

Na sua direita tem o inimigo estado quasi na mesma situação, depois que cruzou o Bidassoa, e destruiu a ponte de Irun.

Não obstante que o inimigo retirou a sua direita inteiramente para a França, com tudo mantiveram o seu centro em força no vale de Bastan, cuja posse pareciam determinados a conservar, por causa de sua riqueza, e fortes posiçoens, que offerece: e tinha ajuntado alli tres divisoens do exercito do sul, debaixo do commando do General Gazan. O Tenente General Sir Rowland Hill porém, tendo sido aliviado do bloqueio de Pamplona, o desalojou successivamente de todas as suas posiçoens aos 4, 5, e 7 do corrente, com duas brigadas de infantaria Britannica, e huma Portugueza da 2. divisão, debaixo do commando do Tenente General o Honr. W. Stewart; e com huma brigada de infantaria Portugueza da divisão do Conde de Amarante, debaixo do commando do Conde. O ultimo posto que o inimigo occupou em Puerto de Maya, entre aquella aldea, e Urdau, era notavelmente forte; e a nevoa foi tão densa pela tarde, que era impossivel ás tropas o avançar alem do ponto em que se achavam

quando viéram. O inimigo porém tinha sido repulsado vigorosamente até aquelle ponto, de maneira que foi obrigado a abandonar o seu posto pela noite, e retirar-se para França.

Em todas estas acçoens se conduziram as tropas notavelmente bem, e o Tenente General Sir Rowland Hill, ficou muito satisfeito com o comportamento do Tenente General o Honr. W. Stewart, e do Conde de Amarante.

Depois que escrevi a V. S. a minha ultima, recebi huma carta do Tenente General Lord W. Bentinck, de 30 do passado. Parece por outras noticias, que o Duque del Parque se retirou de Xucar, aos 25, sem perda, e tomou outra vez a sua posição de Castalla.

Incluo a lista dos mortos e feridos aos 4, 5, 7, e 8 do corrente.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 31 DE JULHO.

Recebeo-se na Secretaria de Lord Bathurst, hum officio do Feld Marechal Marquez de Wellington, datado de Lezaca, 19 de Julho, 1813; de que o seguinte são extractos :—

ESTABELECEMOS huma bateria de 4 peças de calibre 18, contra hum convento, que o inimigo tinha fortificado e occupado em força, na distancia de 60 varas das obras de S. Sebastian. Esta bateria abriu o fogo aos 14 pela manham, e se destruiu o convento por tal forma, que o Tenente General Sir Thomaz Graham ordenou aos 17 que se tomasse por assalto o convento, e hum reduto que protegia o seu flanco esquerdo. Ainda não recebi a sua participação das circumstancias destas operaçoens, as quaes porém fôram bem succedidas; e as nossas tropas se estabeleceram no convento, e na aldea, que lhe fica proxima, e immediatamente abaixo; a qual o inimigo tinha queimado.

Recebi huma participação do General Mina, do dia 12: em que me informa, que o General Duran se lhe tinha unido nas vizinhanças de Saragoça; e que aos 8 tinha atacado o General Paris, o qual por algum tempo commandou a divisaõ em Aragoã. O General Paris se retirou na noite de 9, deixando huma guarnição n'hum reduto nas vizinhanças de Saragoça; que o General Mina deixou o General Duran para o atacar, em quanto seguia o inimigo com a sua tropa,

e a cavallaria do Brigadeiro D. Juliaõ Sanches. Tomou elle tambem aos 11, consideravel quantidade de bagagem do General Paris, e hum comboy.

He impossivel applaudir demasiado a actividade, intelligencia, e galhardia, com que se tem conduzido estas operaçoens.

Ouvi depois que o General Paris chegou a Jaca, aos 14, e que levou comsigo as guarniçoens de Ayerbe, Huesca, &c. e que estava ao ponto de se retirar para França.

O Marechal Suchet evacuou Valencia, aos 5 do corrente, e o General Elio entrou naquella cidade, á frente do segundo exercito, aos 7. Tenho huma carta de Lord W. Bentinck, de 7, datada de S. Felipe, na qual me informa, que esperava chegar a Valencia aos 10. Não tenho ouvido que o Marechal Suchet se retirasse para alem de Castellon; porém retirou-se a guarnição de Segorbia, e me dizem que, no 1 do corrente, o General Severolo fez voar o forte de Alcaniz, e marchou para Mequinenza por Caspe.

Depois de escrever o que fica acima recebi hum officio de Sir Thomaz Graham, de que incluo a copia, e contem a participação do ataque do convento junto a S. Sebastian.

EXTRACTO

De hum officio do Tenente General Sir Thomas Graham ao Feld Marechal Marquez de Wellington, datado de Ernami, aos 18 de Julho, 1813.

Hontem se tomou por assalto o convento de S. Bartholomeu, e as obras contiguas, na extremidade da colina ingreme para a parte do rio.

A fortaleza natural, e artificial destes postos fortificados, occupávam hum grande corpo de tropas, e a impossibilidade de accesso por outra parte que não fosse a frente, faria com que fosse para desêjar, que se destruíssem as defensas o mais que fosse possivel, e na noite precedente se começou outra bateria na esquerda; porém não estando ainda prompta pela manhã; foi resolvido dar-se o ataque.

Formou-se na direita, para atacar o reduto, e debaixo da direcção do Major General Hay, huma columna, consistindo dos piquetes do regimento 4. de Caçadores, commandados pelo Tenente Queiros, de 150 homens do regimento 13 Por-

tuguez, commandado pelo Capitão Almeida ; sustentado por tres companhias do 9. regimento, sob o commando do Tenente Coronel Crauford, com huma reserva de tres companhias dos Reaes Escocезes sob o Capitão Auguimbeau. O Major General Bradford commandou a columna esquerda, que era composta de 200 homens do regimento 13 Portuguez, sob o commando do Major Indrass, daquelle regimento ; e igual numero do 5. de Caçadores, sob o Tenente Coronel Macreagh, e sustentado pelo regimento 9., sob o Tenente Coronel Cameron. Todas as tropas, empregadas neste serviço, estavam debaixo do commando do Major General Oswald.

Perto das 10-horas da manham principiou o ataque a columna da esquerda, contra o convento, em quanto a direita passou a barroca junto ao rio. Ambos os ataques fôram feitos com tal vigor, e resolução, que se vencêram todos os obstaculos, sem a perda que se devia esperar.

O inimigo foi repulsado em confusão pela colina abaixo, levando com sigo hum poderoso reforço, que lhe acabava de chegar de S. Sebastian ; e na sua fugida lançou fogo á aldea de S. Martin.

Não se pôde cohibir a impetuosidade das tropas, nem com os esforços dos officiaes superiores, que recebêram ordens do Major General Oswald, para que não passassem de S. Martin ; e se soffreo alguma perda inevitavel naquelles que seguiram o inimigo até a esplanada, quando voltávam para S. Martin.

Apenas preciso assegurar a V. S. que nesta, assim como n'outras occasioens, o Major General Oswald conduzio o serviço da melhor forma ; e sou igualmente obrigado aos Majores Generaes Hay e Bradford, pelo seu comportamento nos ataques que lhe forão confiados ; e entre os officiaes, cuja distincta galhardia, capitaneando a sua gente pôde superar todos os obstaculos que se lhes oppozerao, eu peço licença de mencionar o Major Indgrass, o Capitão Almeida, e o Tenente Queiroz (gravemente ferido) do serviço Portuguez, e o Tenente Campbell do 2. regimento de infantaria.

Não posso concluir esta participação, sem exprimir a minha plena satisfacção a respeito de todos os officiaes, e soldados da Artilheria Real, tanto na bateria de quatro peças, que se empregou por tres dias contra o convento, como na margem opposta do rio, aonde algumas peças de campanha forão servidas com o melhor effeito.

P. S. Omitti mencionar que o Major General Hay, faz menção do muito que he obrigado ao Capitão Taylor do regimento 48, seu Major de Brigada.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 16 DE AGOSTO.

S. A. Serenissima o Principe Hereditario de Orange, chegou a esta Secretaria com os officios, que Lord Wellington dirigio ao Conde de Bathurst; de que o seguinte são copias.

San Estevan, 1. de Agosto, 1813.

MY LORD!

Havendo-se effectuado duas brechas practicaveis em S. Sebastian, aos 24 de Julho, deram-se ordens para o ataque aos 25. Sinto ter de participar, que falhou esta tentativa para obter posse da praça, e que a nossa perda foi mui consideravel.

Havendo o Marechal Soult sido nomeado Lugar Tenente do Imperador e Commandante em Chefe dos Exercitos Francezes na Hespanha, e provincias Meridionaes da França, por hum decreto Imperial do 1. de Julho, elle se unio ao exercito, e tomou o seu commando aos 13 de Julho, havendo-se-lhe tambem unido, quasi ao mesmo tempo, o corpo que tinha estado em Hespanha sob o commando do General Clauzel, e outros reforços, se lhe deo o nome de Exercito de Hespanha, e se tornou a formar em 9 divisoens de infantaria; formando a direita, o centro, e a esquerda, debaixo do commando de General Reille, Conde d'Erlon, e General Clauzel, como Tenentes-generaes, e huma reserva debaixo do Commando do General Villatte: e duas divisoens de dragoens, e huma de cavallaria ligeira, as duas primeiras, debaixo do commando dos Generaes Treillard e Tilly, e a ultima debaixo do Commando do General Pierre Soult. Alem disto deo-se ao exercito huma porção de artilleria; e ja se lhe unio consideravel numero de peças.

O exercito Alliado estava postado, como ja informei a V. S., nos passos das montanhas. A brigada de infantaria Britanica do Major-general Byng; e a divisão de infantaria Hespanhola do General Murillo, estavam na direita, no passo de Roncesvales. O Tenente-general Sir Lowry Cole estava postado em Viscaret, para sustentar estas tropas; e o Tenente-general Sir Thomaz Picton estava postado com a 3. divisão em Olague, em reserva.

O Tenente-general Sir Rowland Hill occupava o vale de Bastan com o resto da 2. divisão, e huma divisão Portugueza, sob o Conde d'Amarante, destacando a brigada Portu-

gueza do General Campbell, para Los Alduides, dentro do territorio Francez. As divisoens ligeira, e 7. occuparam as alturas de S. Barbara, e a cidade de Vera e o Puerto de Echalar; e conservaram a communicacão com o vale de Bastan; e a 6. divisão em reserva estava em S. Estevan. A divisão do General Longa conservou a communicacão entre as tropas em Vera, e as do Tenente-general Sir Thomas Graham, e Marechal de campo Giron, na estrada grande.

O Conde del Abisbal bloqueava Pamplona.

Aos 24 o Marechal Soult ajuntou a ala direita e esquerda do seu exercito com huma divisão do centro, e duas divisoens de cavallaria em St. Jean de Pied de Port, e aos 25, atacou com 30 a 40 mil homens o posto do General Byng em Roncesvales. O Tenente-general Sir Lowry Cole marchou em seu auxilio, com a 4. divisão: e estes officiaes puderam manter o seu posto por todo o dia. Porem o inimigo voltou de tarde, e o Tenente-general Sir Lowry Cole considerou que era necessario retirar-se de noite; e marchou para as vizinhanças de Zubiri.

Nas acçoens, que tiveram lugar neste dia, se distinguio o regimento 20.

Duas divisoens do centro do exercito inimigo atacaram a posição de Sir Rowland Hill, em Puerto de Maya, na frente do vale de Bastan pela tarde do mesmo dia. O vivo da acção cahio sobre as brigadas do Major-general Pringle; e Major-general Walker, na segunda divisão, sob o commando do Tenente general o Honr. W. Stewart. Estas tropas ao principio foram obrigadas a retroceder; porem tendo sido sustentadas pela brigada do Major-general Barnes, da 7. divisão, tornaram a ganhar aquella parte do seu posto, que era a chave do todo, e os teria habilitado a retomallo, se as circumstancias o permittissem; porem Sir Rowland Hill tendo sido informado da necessidade da retirada de Sir Lowry Cole, julgou conveniente retirar as suas tropas igualmente para Irurita; e o inimigo não avançou no dia seguinte alem de Puerto de Maya.

Naõ obstante a superioridade de numero do inimigo, elle obteve pouca vantagem destas valentes tropas, durante as sette horas que combateram. Todos os regimentos carregaram á bayoneta. O comportamento do regimento 12, que marchou com a brigada do Major-general Barnes, entra com particularidade na participacão que se fez.

O Tenente general o Honr. W. Stewart foi ferido levemente.

Eu não soube destes acontecimentos senão tarde na noite de 25 para 26; e tomei immediatamente medidas para concentrar o exercito para a direita, providenciando com tudo

ainda no cerco de S. Sebastião, e no bloqueio de Pamplona.

Ter-se-hia effectuado isto cedo na manhã de 27; se não fosse terem concordado o Tenente-general Sir Lowry Cole, e o Tenente-general Sir Thomaz Picton, em que o seu posto em Zubiri não se podia sustentar, pelo tempo que seria necessario para ali esperar. Elles portanto se retiráram cedo no dia 27, e tomáram huma posição para cubrir o bloqueio de Pamplona, tendo a direita, que consistia na 3 divisaõ, em frente de Huarte, e extendendo-se para os outeiros alem de Olaz; e a esquerda, consistindo da 4 divisaõ, e brigadas do Major-general Byng, e brigada Portugueza do brigadeiro General Campbell, nas alturas em frente de Villalba, tendo a sua esquerda em huma capella por detraz de Sorausen, na estrada grande de Ostiz para Pamplona, e apoiando a sua direita em huma altura, que defendia a estrada grande de Zubiri e Roncesvales. A divisaõ do General Murillo de infantaria Hespanhola, e aquella parte do corpo do Conde del Abisbal, que não entráram no bloqueio, estávam em reserva. Deste se destacáram os regimentos de Travia e d'El Principe, para occupar o outeiro na direita da 4 divisaõ, por aonde se defendia a estrada de Zubiri.

A cavallaria Britannica, sob o Tenente-general Sir Stapleton Cotton, estava postada junto a Huarte na direita, sendo o unico terreno em que éra possivel usar de cavallaria.

O rio Lanz corre pelo vale que ficava na esquerda dos alliados, e na direita do exercito Francez. Alem deste rio está outra cordilheira de montes connexos com Ligasso, e Marcalain, por cujos lugares éra necessario communicar com o resto do exercito.

Eu me ajuntei a 3 e 4 divisoens, juntamente quando ellas se estávam postando, no dia 27 e pouco depois o inimigo formou o seu exercito sobre hum monte, cuja frente se estende desde a estrada grande de Ostiz, até a estrada grande de Zubiri; e collocou o inimigo huma divisaõ na sua esquerda daquella estrada, sobre huma colina, e em algumas aldeas, em frente da terceira divisaõ. Elle tinha tambem hum grande corpo de cavallaria.

Pouco tempo depois de se terem os inimigos formado no seu terreno, o inimigo atacou o outeiro na direita da 4 divisaõ, que estava então occupada por hum batalhão do 4 regimento Portuguez, e pelo regimento Hespanhol de Pravia.

As tropas defenderam o seu terreno, e expulsáram delle o inimigo á bayoneta. Vendo a importancia deste outeiro para a nossa posição, eu o reforcei com o regimento 40; e

este regimento com os regimentos Hespanhoes El Principe e Pravia, o sustentáram desde este tempo, não obstante os repetidos esforços do inimigo, durante os 27 e 28, para obter posse delle.

Quasi ao mesmo tempo, que o inimigo atacou esta altura aos 27, tomou tambem posse da aldea de Sorausen, na estrada de Ostiz, por onde adquiriram a communicação por aquella estrada, e conserváram hum fogo de musqueteria ao longo da linha até escurecer.

Na manhã de 28 se nos unio a 6 divisaõ de infantaria, e eu ordenei, que se occupassem os outeiros que ficam na esquerda do vale de Lanz; e que a 6 divisaõ se formasse atravez do vale na retaguarda da esquerda da 4 divisaõ, apoiando a sua direita em Orican, e a esquerda nas alturas acima mencionadas.

A 6 divisaõ tinha apenas tomado a sua posição, quando foi atacada por huma grande força inimiga, que se tinha ajuntado na aldea de Sorausen.

A frente porém foi tão bem defendida, pelo fogo que fizeram as nossas tropas ligeiras, dos outeiros na esquerda, e pelo fogo dos outeiros occupados pela 4 divisaõ, e brigada Portugueza do Brigadeiro-general Campbell, que o inimigo em breve tempo foi repulsado com immensa perda, que lhe causou o fogo em frente, de ambos os flancos e na retaguarda.

A fim de desembaraçar as suas tropas da difficuldade em que se achávam na sua situação do vale de Lanz, os inimigos atacáram a altura aonde estava a esquerda da 4 divisaõ, e era occupada pelo 7 de Caçadores, e de que obtivéram huma momentanea posse. Elles foram porem atacados de novo pelo 7 de Caçadores, sustentado pelo Major-general Ross, á frente de sua brigada da 4 divisaõ, e repulsados com grande perda.

A batalha se fez então geral ao longo de toda a frente da linha de alturas occupada pela 4 divisaõ, e em toda a parte era a nosso favor, excepto aonde estava postado hum batalhão do regimento 10 Portuguez da brigada do Major-general Campbell. Este batalhão succumbindo ao grande numero de inimigos, foi obrigado a retroceder, na direita da brigada do Major-general Ross; o inimigo se estabeleceo na nossa linha, e o Major-general Ross se vio obrigado a retirar-se de seu posto.

Eu porem ordenei aos regimentos 27 e 48 que carregassem, primeiro aquelle corpo do inimigo que se tinha estabelecido nas alturas, e depois o da esquerda. Ambos os ataques foram bem succedidos, e o inimigo expulsado com grande perda; e tendo-se a 6 divisaõ movido para diante

ao mesmo tempo, para huma situação junto ao vale, na esquerda do 4 cessou inteiramente o ataque em frente, e continuou fracamente em outros pontos de nossa linha.

No decurso desta contenda a valorosa 4 divisaõ, que tão frequentemente se tem distinguido neste exercito, sobre excedeo o seu mesmo comportamento passado. Todos os regimentos atacáram á bayoneta; e o 40, 70, 20, e 23, quatro vezes differentes. Os seus officiaes deram o exemplo; e o Major-general Ross teve dous cavallos mortos debaixo de si. *As tropas Portuguezas igualmente se comportáram admiravelmente bem*: e tenho toda a razão para estar satisfeito com o comportamento dos regimentos Hespanhoes El Principe, e Pravia.

Eu tinha ordenado ao Tenente-general Sir Rowland Hill que marchasse por Lanz para Lezasso, logo que achei que os Tenente-generaes Sir Thomaz Picton, e Sir Lowry Cole tinham sahido de Zubiri; e ao Conde de Dalhousie mandei que fosse de San Estevam, para o mesmo lugar, aonde ambos chegáram aos 28; e a 7 divisaõ veio para Marcalain.

A força do inimigo, que tinha estado em frente de Sir Rowland Hill seguiu a sua marcha, e chegou a Ostiz aos 29. O inimigo assim reforçado, e occupando huma posição nas montanhas, que pareciam pouco sujeitas a ser atacadas, achando que não podia fazer impressãõ em nossa frente determinou esforçar-se em flanquear a nossa esquerda, por hum ataque ao corpo de Sir Rowland Hill.

Os inimigos reforçáram com huma divisaõ as tropas que lhe ficávam em frente, occupando sempre os mesmos postos nas montanhas, aonde tinham formado a sua força principal; porem pucháram para a sua esquerda as tropas que occupavam as alturas em frente da terceira divisaõ; e occuparam durante a noite de 29 e 30, com grande força o vertice da montanha na nossa esquerda de Lanz, em frente da 6 e 7 divisoens; unindo assim a sua direita da posição, com as divisoens destacadas para atacar Sir Rowland Hill.

Eu, porem, determinei atacar a sua posição, e ordenei ao Tenente general Conde Dalhousie, que se apossasse do cume da montanha em sua frente com o que se flanquearia a direita do inimigo: e ao Tenente-general Sir Thomaz Picton, que cruzasse as alturas aonde estava a esquerda do inimigo, e lhe rodeasse a esquerda, pela estrada de Roncesvalles. Fizeram-se todos os arranjos para atacar a frente da posição do inimigo: logo que se percebesse o effeito destes movimentos no seu flanco. O Major-general o Honr. Edwardo Pakenham, que eu tinha mandado para commandar a 6 divisaõ, por ter sido ferido o Major-general Pack, flanqueou a aldea de Sorausen, logo que o Conde de

Dalhousie expulsou o inimigo da montanha, que defendia aquelle flanco : e a 6 divisaõ, e a brigada do Major-general Byng, que tinha substituido a 4 divisaõ na esquerda da nossa posicaõ, na estrada de Ostiz, atacaram instantaneamente e tomaram aquella aldea.

O Tenente-general Sir Lowry Cole atacou igualmente em frente a posicaõ principal do inimigo com o 7 de Caçadores, sustentado pelo regimento 11 Portuguez ; e 40, e o batalhaõ, commandado pelo Coronel Bingham, consistindo dos regimentos da Raynha e 53. Todas estas operaçoens obrigaram o inimigo a abandonar huma posicaõ das mais fortes, e de mais difficil accesso que tenho visto, occupada por tropas.

Na sua retirada desta posicaõ perdeu o inimigo grande numero de prisioneiros.

Naõ posso applaudir sufficientemente o comportamento de todos os officiaes generaes, officiaes, e tropas em todas estas operaçoens. O ataque feito pelo Tenente-general, o Conde de Dalhousie, foi admiravelmente bem conduzido por S. S. e executado pelo Major-general English, e tropas que compoem a sua brigada ; e o que fez o Major-general, o Honr. Eduardo Pakenham, e Major-general Byng ; e o que fez o Tenente-general Sir Lowry Cole ; assim como o movimento de Sir Thomaz Picton, merecem a minha mais alta recommendaçaõ.

Este ultimo official co-operou no ataque da montanha, destacando tropas para a sua esquerda, no que foi ferido o Honr. Tenente-coronel Trench ; mas espero que naõ seja cousa seria.

Em quanto se continuavam estas operaçoens, e a proporçaõ que eu observava os seus bons successos, destaquei tropas para sustentar o Tenente general Sir Rowland Hill.

O inimigo appareceo na sua frente ja tarde na manhaã ; e immediatamente começou e extendeo a manobra no seu flanco esquerdo, o que o obrigou á retirar-se de hum outeiro, que occupava por detraz de Lizasso, indo para a cordilheira seguinte. Elle com tudo se manteve alli, e incluo a sua participaçãõ sobre o comportamento das tropas. Eu continuei a perseguir o inimigo, depois de sua retirada para o monte de Olaque, aonde eu me achei ao por do sol, immediatamente na retaguarda do seu ataque ao Tenente-general Sir Rowland Hill. Os inimigos se retiráram de sua frente durante a noite, e hontem tomáram huma forte posicaõ, com duas divisoens, para cubrir a sua retaguarda no passo de Donna Maria.

O Tenente-general Sir Rowland Hill, e o Conde de Dalhousie, atacáram, e tomaram o passo, naõ obstante a vigorosa resistencia do inimigo, e a fortaleza de sua posicaõ.

Sinto ter de accrescentar, que o Tenente-general o Honr. Guilherme Stewart, foi ferido nesta occasião.

Incluo a participação do Tenente-general Sir Rowland Hill.

No entanto eu marchei com a brigada do Major-general Byng e a 4 divisaõ, sob o Tenente general Sir Lowry Cole, pelo passo de Velate para Irurita a fim de flanquear a posição do inimigo por Donna Maria. Em Elizondo, o Major-general Byng tomou hum comboy que hia para o inimigo, e fez muitos prisioneiros.

Continuamos hoje o seguimento do inimigo, no vale do Bidassoa, e se tem tomado muitos prisioneiros, e muita bagagem; O Major-general Byng se apossou do vale de Bastan, e da posição de Puerto de Maya; e o exercito ficará esta noite quasi nas mesmas posiçoens, que occupava aos 25 de Julho.

Espero que S. A. R. o Principe Regente ficará satisfeito com o comportamento das tropas de S. M. e de seus Allia-dos nesta occasião. Havendo o inimigo reforçado, e tornado a apetrechar-se depois da sua ultima derrota, fez huma formidavel tentativa para fazer levantar o bloqueio de Pamplona; com todas as suas forças, excepto a reserva, commandada pelo General Villatte, que ficou em frente de nossas tropas, na estrada grande de Irun. Esta tentativa foi inteiramente frustrada pelas operaçoens de huma parte somente do exercito Alliado; e o inimigo soffreo huma derrota, e grande perda tanto de officiaes como de soldados.

As esperanças que o inimigo tinha de bom successo, alem do ponto de fazer levantar o bloqueio de Pamplona, eram certamente mui ardentes. Trouxeram para a Hespanha hum grande corpo de cavallaria, e grande numero de peças; mas nenhuma das armas pudéram ter uso extenso de nenhuma das partes, na batalha que se deo. Os inimigos mandáram a artilheria para St. Jean de Pied de Port, na tarde de 28; e assim voltou a salvamento para França.

As relaçoens circumstanciadas das operaçoens mostraraõ a V. S. quanta razão tenho de estar satisfeito com o comportamento dos generaes, officiaes, e tropas. He impossivel descrever o valor enthusiastico da 4 divisaõ; e sou mui obrigado ao Tenente-general Sir Lowry Cole, pela maneira em que dirigio as suas operaçoens; ao Major-general Anson, Major general Byng, Major-general Campbell do serviço Portuguez. Todos os officiaes commandantes, e officiaes dos regimentos fôram notaveis por sua galhardia; porem observei particularmente o Tenente-general O'Toole do 7 de Caçadores, no ataque sobre o inimigo na nossa

esquerda, aos 28, e o Capitão Joaquim Telles Jordão, do 11. regimento Portuguez, no ataque do monte aos 30.

Permitta-me V. S. que chame a sua attenção igualmente para o precioso auxilio, que recebi, em todas estas operações, do Tenente General Sir Rowland Hill; do Tenente General o Conde Dalhousie, e Sir Thomaz Picton, nas de 30 e 31 de Julho.

Ao Conde del Abisbal taõbem sou obrigado por me prestar todo o auxilio em seu poder, que era compativel com a sua attenção ao bloqueio. Tenho ja mencionado o comportamento dos regimentos de Pravia, e El Principe, pertencentes ao exercito de reserva de Andalusia, na mais critica situação; e todo o corpo parecia animado pelo mesmo zeloso espirito, que prevalecia em todas as tropas naquella posição.

O Marechal Sir Guilherme Beresford esteve comigo em todas estas operações, e recebi delle todo o auxilio, que os seus talentos tam bem o qualificam a prestar-me. O bom comportamento dos officiaes e tropas Portuguezas, em todas as operações da presente campanha, e o espirito que mostram em todas as occasiões, não são menos honrosos para aquella nação, do que o são para o character militar do official, que por suas judiciosas medidas tem restabelecido a disciplina, e revivido o espirito militar no exercito.

Tenho outra vez de chamar a attenção de V. S. á preciosa attenção que recebi em todas estas operações do Quartel-mestre-general o Major General Murray, e Ajudante General o Major-General Packenham, e dos officiaes daquellas repartições respectivamente; e do Tenente General Lord Fitzroy Somerset, Tenente Coronel Campbell e officiaes do meu estado-maior pessoal.

Ainda que são numerosos os nossos feridos, julgo-me feliz em poder, dizer, que, em geral, os casos são levianos; e tenho grande prazer em referir a V. S. que o Inspector dos Hospitaes o Dr. M'Gregor, e os officiaes da repartição que lhe he subordinada, tem prestado aos feridos a maior attenção.

Considerando a extensão e natureza de nossas operações, e as difficuldades de nossas communicações, em algumas occasiões, tenho razão para estar mui satisfeito com o zelo e esforços de Sir Robert Kennedy, Commissario-geral, e mais officiaes de sua repartição, em toda a campanha: os quaes, geralmente fallando, tem sido mais bem succedidos em supprir as tropas, do que se podia esperar.

Remetto este officio a V. S. por S. A. Serenissimo o Principe Hereditario de Orange, que está perfeitamente informado de tudo que se passou, e da situação do exercito; e

poderá informar a V. S. de muitas particularidades, relativas a esta série de operaçoens, para que não ha lugar em hum officio. S. A. teve o seu cavallo morto debaixo de si, na batalla de Sorausen aos 28 de Julho.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

Omitti informar a V. S. no corpo do meu officio, de que as tropas em Puerto de Maya, perdêram 4 peças Portuguezas aos 25 de Julho. O Major Pringle, que alli commandava, quando começou o ataque, tinha-as mandado retirar para Maya, e quando chegou o Tenente General Stewart, mandou que ellas voltassem, e se retirassem pelo caminho da montanha para Elizondo. No entanto o inimigo se tinha apoderado da passagem, e ficou perdida a communicacão com aquella estrada, e não podêram la chegar.

Incluo os mappas das perdas, ante San Sebastian, desde 7 até 27 de Julho, e as listas dos mortos, feridos, e extraviados, nas operaçoens desde 25 do passado até o 1. do corrente.

Julho 31, 1813.

MY LORD!

Tenho a satisfacção de informar a V. S. que supposto que pela immensa superioridade de força, que o inimigo dirigio contra a posição encarregada ao meu cuidado; era na minha opiniaõ, hontem, imperiosamente necessario retirar-me daquelle terreno: o comportamento dos officiaes Inglezes e Portuguezes, foi tal, que lhes dá direito a minha total approvaçãõ: e não podia desejar que fosse melhor.

O Major General Pringle, com a brigada do Major General Walker, sob o Tenente Coronel Fitzgerald do regimento 60., sustentado pelo regimento 34., e regimento 14 Portuguez, se oppoz a subida do inimigo pela cordilheira na esquerda da posição, da maneira mais galharda, repulsou-o repetidas vezes; e ainda que ultimamente não lhe pôde impedir, que subisse a cordilheira, por hum movimento mais distante, as nossas tropas conserváram firmemente o seu terreno, e quando se lhes ordenou a retirada, a fizêram debaixo do commando do Major General Pringle, com a maior regularidade, e com pequena perda, cubertas por hum batalhão do regimento 14 Portuguez, sob o Tenente Coronel M'Donald: do comportamento deste official, e da firmeza de seu regimento, falla o Major General em termos do maior louvor.

A brigada do Coronel Ashworth, atacada tambem nesta posição por huma força superior, resistio ao ataque com a maior firmeza, e repulsou o inimigo ante si com a bayoneta calada, e conservou o seu terreno, por todo o tempo que elle julgou prudente fazêllo: e hum batalhão da brigada do brigadeiro general Da Costa, manteve a cordilheira na direita da posição, até o ultimo momento, cubrindo a formação das tropas, no terreno que se lhes mandou tomar: o inimigo tentou forçar o ponto, mas foi repulsado pelo brigadeiro Da Costa, e finalmente repulsado pela cordilheira abaixo á ponta da bayoneta, por aquelle batalhão, e parte da brigada do Coronel Ashworth, e hum pequeno destacamento do regimento 28. Geralmente, posso assegurar a V. S., que o inimigo não tem de que se gabar, nem foi grande a nossa pèrda, considerando a disparidade das nossas forças.

Sinto-me particularmente obrigado ao Major General Pringle por seu comportamento nesta occasião, assim como ao Coronel Ashworth; Coronel O'Callaghan, e Tenente Coronel Fitzgerald, do 60. regimento de infantaria, que commandavam brigadas debaixo de suas ordens: e tambem ao Tenente General Conde d'Amarante, e Brigadeiro General Da Costa que ficou ferido.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

ROWLAND HILL.

Ao Feld Marechal

Marquez de Wellington, C. G. &c.

P. S. Não devo omittir fazer menção dos serviços do Coronel Pamplona, e Tenente Coronel Pyn, do regimento 18, Tenente Coronel Grant, e Major Mitchell, commandante do 6. de linha; e do regimento 6. Portuguez da brigada do Coronel Ashworth.

Elizonda, 1 de Agosto, 1813.

MY LORD!

Tenho a honra de informar a V. S. que, em obediencia das instrucções que recebi pelo Major General Murray, parti hontem com a columna debaixo de minhas ordens, pela estrada de Donna Maria. Chegando nós ao pé do passo, achamos o inimigo subindo o outeiro com grande pressa, e apertado mui de perto pela 7. divisão, marchando por hum caminho paralelo, e para a direita do qual se achava a minha

columna. Tendo a retaguarda da columna do inimigo começado a subir os montes, antes de nós termos chegado, foi impossivel cortar nenhuma parte della. Foi porém consideravelmente incommodada na sua marcha, por huma peça de 9, e hum obuz. Eu ordenei immediatamente á 2. divisão, sob o Tenente General Stewart, que subisse ao outeiro, pela estrada em que nós estavamos, em quanto a columna do Conde Dalhousie subia por outra, mais pela direita. O inimigo tomou huma forte posição no cimo do passo, com huma nuvem de escaramuçadores em frente.

O ataque, da nossa parte, foi conduzido pelo Tenente General Stewart com a brigada do Tenente General Walker, sob o Tenente Coronel Fitzgerald, do 6., que fez retroceder os escaramuçadores do inimigo até a summidade do outeiro; porém cahindo sobre o seu corpo principal, o achou tão numeroso, e tão fortemente postado, que o Tenente General Stewart se resolveo a retirar-se até que a 7. divisão chegasse assaz perto para cooperar com elle. Por este tempo foi ferido o Tenente General, e o commando da divisão se devolveo ao Major General Pringle, que com a sua propria brigada, commandada pelo Coronel O'Callaghan renovou o ataque de nossa parte, em quanto a 7. divisão apertava o inimigo pela outra, e ambas as divisões ganharam as alturas ao mesmo tempo, retirando-se o inimigo, depois de soffrer perda consideravel. O comportamento do Tenente General Stewart, Major General Pringle, officiaes e tropas debaixo do seu commando, em geral, foi conspicuamente bom: e sinto que a densidade da nevoa nos impedisse tirar aquelle partido da situação do inimigo, que alias poderíamos ter tirado. Huma parte de cada huma das divisões perseguio-o por alguma distancia, pelo monte abaixo, e lhe causou consideravel perda. Tendo assim preenchido até este ponto as instrucções de V. S. retirei a minha columna do passo, e a fiz mover para Almandoz.

O General Pringle louva o comportamento do Capitão Herse e Capitão Thorn, nesta occasião; e eu creio, que he da intenção do Tenente General Stewart participar a V. S. o bom comportamento de alguns outros officiaes; nas a sua ferida o tem provavelmente demorado.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

ROWLAND HILL.

Lezaca, 4 de Agosto, 1813.

MY LORD!

Havendo-se demorando o Principe de Orange até hoje, para se obterem as participações, tenho de informar a V. S. que o inimigo ainda continuava postado na manham de 2, com a força de duas divisões, em Puerto Echalar, e quasi todo o exercito, por detraz do Puerto, as divisões 4., 7., e ligeira avançaram pelo vale de Bidassoa para a fronteira; e eu tinha determinado desalojallo por hum ataque e movimento combinado das tres divisões.

Havendo porém a 7. divisão cruzado as montanhas de Sumbilla, e tendo necessariamente precedido a chegada da 4., se formou para o ataque a brigada do Major General Barnes, a qual avançou, antes que as divisões 4. e Ligeira podessem co-operar, com tal regularidade, e galhardia, qual raras vezes tenho visto igualar, e actualmente repulsou duas divisões do inimigo, não obstante a resistencia, que se lhe oppoz daquelles formidaveis montes. He impossivel que eu possa louvar demasiado o comportamento do Major General Barnes, e destas valorosas tropas, que fôram a admiração de todos os que as viram.

A brigada do Major General Kempt, da divisão Ligeira, igualmente repulso huma força mui consideravel do rochedo, que forma a esquerda do Puerto.

Não ha agora inimigo no campo, desta parte das fronteiras Hespanholas.

Tenho a honra de incluir a participação do Tenente General Sir Thomas Graham, sobre o assalto de San Sebastian.

Em quanto as tropas estavam empenhadas na visinhança de Pamplona, como referi no meu officio do 1. do corrente, o Brigadeiro General Longa occupou com a sua divisão esta parte do Bidassoa, incluindo a villa de Vera. Aquella parte do exercito do inimigo, que tinha sido deixada em observação das tropas alliadas, na estrada grande de Irun, o atacou aos 28: mas elle o repulsou com perda consideravel.

Tenho grande prazer em participar o bom comportamento destas tropas em todas estas occasiões; e igualmente de hum batalhão de caçadores Hespanhol, na divisão do exercito Gallego da divisão do General Barcena, que tinha sido mandado para a ponte de Yansi, quando o inimigo se retirou no 1. do corrente, e que a manteve contra hum numero mui superior, durante grande parte do dia.

Naõ occurreo nada de importancia em Aragaõ, desde o meu officio de 19 de Julho.

Tenho huma participaçãõ do Tenente General Lord Guilherme Bentinck, datada de Binaroz, aos 21 de Julho; e estava fazendo preparativos para cruzar o Ebro.

Tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) WELLINGTON.

P. S.—Incluo a lista dos mortos e feridos, no ataque da posiçãõ do inimigo aos 2 do corrente.

Ernani, 27 de Julho, 1813.

MY LORD,

O ataque da brecha na linha da muralha, no flanco esquerdo de S. Sebastian, teve lugar na manhaã de 25; quando a baixa mar deixou seco o pé da muralha; o que aconteceu logo que foi dia. Sinto ter a dizer que, naõ obstante a distincta galhardia das tropas empregadas, algumas das quaes abriram o seu caminho até a cidade, o ataque naõ foi bem succedido. O inimigo occupou em força todas as defensas da praça, que ficavam para aquella parte, donde, e de todos os arredores da brecha pode fazer hum taõ destruidor fogo de metralha, e mosqueteria, flanqueando, e enfiando a columna; e atirando igualmente ás tropas com granadas de maõ, que foi necessario desistir do assalto.

A perda que soffremos nesta occasiaõ foi pezada; especialmente o 3. batalhaõ de Royal Scots: o da frente da brigada do Major-general Hay, que estando de serviço nas trincheiras, formou a columna de ataque: a brigada Portugueza do Major-general Robinson; e o 4. regimento de caçadores de Brigadeiro-general Wilson, estavam em reserva nas trincheiras; e o todo debaixo da direcção do Major-general Oswald, commandante da 5. divisãõ.

Ainda que este ataque falhou, seria grande injustiça naõ assegurar a V. S. que as tropas se conduziram com a sua galhardia ordinaria, e somente se retiraram, quando eu julguei, que a ulterior perseverança no ataque occasionaria hum inutil sacrificio de gente valorosa. O Major-general Hay, Major Frazer, Coronel o Hon. C. F. Greville, e Coronel Cameron, commandando os regimentos Royal Scots, o 38. e 9., se distinguiram mui particularmente. O Major Frazer perdeu a vida na brecha, com muitos de seus valerosos camaradas.

O comportamento dos officiaes e soldados da artilheria

real, e engenheiros, em todas as operaçoens do cerco até qui, nunca foi excedido no zelo infatigavel, actividade e galhardia; e peço licença para mencionar em particular a V. S. os Tenentes-coroneis Dickson, Frazer, e May, e Major Webber Smyth, da artilheria real: o Tenente-coronel Sir R. Fletcher, o Tenente-coronel Burgoyne, e os Majores Ellicombe, e C. F. Smith, dos engenheiros reaes

Os tres officiaes deste corpo, empregados em conduzir as differentes partes das columnas de ataque, se comportaram admiravelmente; mas soffreram muito. O Capitão Lewis perdeu huma perna; o Tenente Jones foi ferido na brecha e tomado; o Tenente Machell, depois de voltar foi morto nas trincheiras.

Peço tambem licença para recomendar a V. S. o Tenente Campbell, do 9, que capitaneou a ultima tentativa e foi perigosamente ferido no brecha. Tenho tambem a maior satisfacção em assegurar a V. S. do mais cordeal apoio e auxilio, que tem prestado Sir George Collier, commandante dos navios de S. M. nesta costa; e todos os officiaes e marujos da esquadra empregados em terra.

Naõ faltou esforço algum que se pudesse prestar; e o Tenente coronel Dickson me representou, nos termos mais fortes, o firme e valoroso comportamento de hum destacamento de marinheiros nas baterias, debaixo do commando do Tenente O'Reilly (primeiro tenente do navio de S. M. Surveillante) e de seu exemplar comportamento em quanto estiveram em terra. Peço-vos tambem licença para mencionar Mr. Digby Marsh, contra mestre, que fez o serviço de tenente nas baterias, depois que foi ferido o Tenente Dunlop.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

T. GRAHAM.

Ao Field Marechal Marquez de Wellington, C. B. &c.

Repartição da Guerra, 22 de Agosto de 1813.

Receberão-se officios de Lord Wellington, datados de Lézaca a 11 de Agosto—Nada de consequencia tinha occorrido depois da data dos ultimos despachos—O Forte de Caragoça rendeo-se no dia 30 de Julho ao General Mina. Tomarão-se neste forte mais de 500 prisioneiros, 47 peças de artilheria, e grande quantidade de muniçoens. armas, fardamentos, &c. Lord William Bentinck estava junto a Tarragona no 1 de Agosto.

Cartas particularidades assegurão que o exercito alliado

debaixo das ordens do Lord William Bentinck he de 50,000 homens ; o que he exaggeração . Suchet deixou huma guarnição de 4,000 homens de infantaria e 150 de cavallaria em Tortosa, que foi investida pelo Duque del Parque a 25 de Julho. Diz-se que o cruel Suchet fizera voar a cidadella de Tarragona, e que tinha annuciado a sua intenção de destruir Lerida, e Maquinenza.

MAPPA GERAL

De todas as perdas do exercito alliado nos combates de 25 de Julho ate 2 de Agosto.

Inglezes

Mortos entre officiaes, sargentos, e soldados	541
Feridos ditos ditos ditos	3,517
Extraviados ditos ditos ditos	500

4,558

Portuguezes.

Mortos entre officiaes, sargentos, e soldados	322
Feridos ditos ditos ditos	1,827
Extraviados ditos ditos ditos	201

2,350

Hespanhoes.

Mortos soldados	-	-	-	11
Feridos officiaes, e soldados	-	-	-	167
Extraviados	-	-	-	11

189

Total 7,097

MAPPA GERAL

De todas as perdas do exercito alliado no sitio de S. Sebastião desde 7 ate 27 de Julho.

Inglezes.

Mortos, officiaes, e soldados	-	-	-	113
Feridos ditos ditos	-	-	-	433
Extraviados ditos ditos	-	-	-	156

702

Portuguezes.

Mortos, officiaes, e soldados	-	-	95
Feridos ditos ditos	-	-	341
Extraviados ditos ditos	-	-	144

 580

 1,282

CAZO

De Maria Welles, Portugueza viuva de George Welles, Negociante Inglez, que residira em Lisboa.

George Welles foi pelo espaço de 20 annos conhecido entre os Negociantes Inglezes residentes em Lisboa pela singular exactidão, que mostrou sempre nos seos negocios; e pela distincta humanidade e zelo com que administrou o hospital da feitoria Ingleza naquella cidade.

Depois da invazão de Portugal pelos Francezes, George Welles não pode sahir de Lisboa, sem sacrificar huma boa porção da sua propriedade; e na sua chegada a Londres, achando que o resto da sua fortuna não lhe dava para sustentar a sua familia; por quanto a sua longa auzencia de Inglaterra, e idade avançada o tornavaõ incapaz de recommençar huma vida activa em negocio, se entregou nas maons de certo especulador, seu pertendido amigo, cujos planos visionarios acabaraõ de exhaurir o pouco cabedal, que ainda lhe restava, deixando-o reduzido de repente a não ter hum bocado de pão para sustento da sua familia. A impressaõ que este golpe fez no seu espirito, produzio sem duvida a melancolia rezoluçaõ, que acceleraõ o termo da sua existencia, e lançou sua triste mulher com tres creanças no seio da miseria, e desesperaçaõ.

Estas calamitosas, e afflictivas circumstancias justificaõ o zelo dos amigos do defunto, quando solicitaõ a beneficencia publica a favor de Maria Welles Portugueza de nascimento, sabendo mui pouco da lingua Ingleza, e ficando em total dezemparo com tres filhos, o mais velho dos quaes tem quatro annos de idade, e destituida de todo o meio para os sustentar.

Aquelles que conheceraõ o character honrado de Mr. Welles, e prezenciaraõ a lastimosa scena da sua morte, confiaõ com toda a certeza, que os seos esforços em contribuir para o soccorro desta miseravel viuva, e seos filhos, com a

ajuda que deve esperar-se da prompta commizeração de hum pnblico generoso, possaõ estabelecer hum fundo sufficiente para a sua actual e futura sustentação.

Subscripçoens para este fim, se recebem nos escriptorios de Messrs. Herries, Farquhar, & Co St. James's-street, Peter De Lawney, Esq. No. 63 New Bond-street, Mr. Pearse, St. Martin's-court, e Mr. Haidy, No. 25, Michael's-place, Brompton.

Rogados a inserir em nosso Jornal a tradução deste avizo publicado em alguns papeis Inglezes, julgamos do nosso dever, como jornalistaes nacionaes, não mencionar este cazo, sem appellar-mos igualmente para a beneficencia do Publico Portuguez, lembrando-lhe que Maria Welles não só he Portugueza, viuva, com tres filhos menores sem ter com que os sustentar, mas alem disso vive em hum paiz, (com magoa o dizemos) onde o individuo estrangeiro, ainda mesmo ligado com nacionaes, não têm outro azilo mais que a limitada beneficencia de alguns compatriotas; e não he considerado na sua miseria, com titulos, para merecer os succerres systematicos, que este paiz fornece.

No dia 21 de Agosto celebraraõ-se com a devida pompa na capella Portugueza de Londres humas solemnes exequias por S. A. R a Senhora infanta D. Mariana Victoria, Irmaõ da Augusta Rainha Nosso Senhora.

A Regencia de Hespanha acaba de pôr em pratica o voto unanime das Cortes relativamente ao dar-se ao Grande Lord hum Senhorio territorial, como hum sólido, e permanente monumento de gratidão Nacional. A Regencia mandou pôr á escolha do grande Lord tres estados pertencentes á Coroa: o Heroe Britano, com a sua natural delicadeza, preferio o de menor valor; mas ao mesmo tempo o mais ameno, e bello pela sua situação, chamado o *sito di Roma*, nas margens do Rio Xenil no Reino de Granada; e cuja renda annual he avaliada em 30,000 dollars.

Cessou finalmente a anciedade em que estavaõ todos os verdadeiros amigos da cauza da humanidade, e da liberdade da Europa: o Imperador de Austria declarou-se pelos allia-dos no dia 11 de Agosto, em consequencia de o exacravel oppressor da Europa não ter respondido ao *ultimatum* que a

Corte de Vienna lhe tinha proposto ; em que este verdadeiramente consistia, não se sabe : em o sabendo o publicaremos, o nosso Jornal não he para inserir as conjecturas dos Gazeteiros Inglezes, que, pela maior parte são desvarios.

As forças de Austria dis-se que Montão a	160,000
As da Russia	200,000
As da Prussia, e Suecia	130,000

Total 490,000

Destas forças immensas 70,000 são de Cavallaria.

He provavel que neste calculo haja alguma exaggeração, mas he incontestavel que as forças alliadas são maiores que as do Tyranno. As forças mencionadas devem ajuntar-se mais 10,000 Inglezes, nove mil dos quaes chegáráo ja a Stralsund. Elles scirão mais uteis na Hespanha, do que em o Norte onde não são precizos, e onde nada farão.

O quartel General Austriaco estava no dia 11 em Praga, para onde se mudaráo tambem os quarteis Generaes Russo, e Prussiano. Parece que a Baviera vai ser, se o não he a estas horas, o theatro das primeiras operaçoens desta companhia ; e que o plano dos alliados he remover quanto for possivel o theatro da guerra do Elbo para as fronteiras da Baviera, onde se diz que ja entraráo 90,000 Austriacos.

POSTSCRIPTUM.

Algumas pessoas, de cuja estima temos provas sobejas, e ate pessoas de grande authoridade, reparáráo no titulo que pozemos á discussão, e informaçoens, a nosso ver interessantes, que nos achamos habilitados a dar aos nossos leitores, tiradas de documentos authenticos, e que se achão em o No. XXVI. do nosso Jornal, desde pag. 311 ate 316.

Com grande maravilha, e algum desgosto destas pessoas se nos disse que nos com a questão—*Sera util publicar a receita, e despeza do Erario Regio?*—pareciamos inculcar principios revolucionarios, ou chamamento de povos, á maneira do Herostrato moderno.

Nos recebemos com a docilidade, gratidão, e sinceridade, que nos caracterizão, a censura que se nos fez ; censura todavia, que por injusta, so esperavamos, como dissemos em o nosso citado No., dos nossos Zoilos em Lisboa, e dos que, semelhantes áquelles, são inimigos de toda, e qualquer reforma, porque se interessão na conservação de hum mil-

haõ de abuzos funestos, e de *hum systema de ronha*, que nos tem conduzido ás bordas do precipicio.

Respondendo pois a esta censura, nós damos a mais deciziva prova da alta consideração, e profundo respeito, que temos pelas sobreditas Pessoas: e nos aproveitamos com prazer a occasiaõ que a censura nos da, para protestarmos, que longe de ser nossa tenção inculcar semelhanes principios, nos persistimos, como sempre temos feito, na firme, deciziva, e inabalavel opiniaõ de que—nada nos seria mais prejudicial, e funesto; nada mais contrario a todos os fins uteis, e honestos; nada taõ opposto á lealdade, e amor que temos, e devemos a S. A. R., e ao interesse que todos temos ná sua preciosa conservação, principalmente no momento actual, do que semelhante chamamento; o qual, segundo o que já dissemos*, sendo feito por classes, *terá laceração de partidos, e nenhuma reforma: sendo feito á franceza, ou á maneira das Cortes de Hespanha terá leis Jacobinicas, ou desorganização completa.*

O que nos anciozamente dezejamos, o que julgamos absolutamente indispensavel he, bem pelo contrario, que aquelle absoluto Poder que S. A. R. exerce com tanta suavidade, que todos os vassallos de todas as classes se lhe submettem com promptidaõ, e gosto, seja empregado em operar as reformas indispensaveis a que os Estados separados se opporiaõ; e nos livre da anarquia a que os Estados confundidos á Hespanhola, ou á Franceza, nos reduziriaõ; e que n'hum Reino de extensaõ taõ limitada, e de huma povoação, por ora diminuta, nos tornaria a conduzir ao estado em que o Duque d'Alba, e Junot, nos acháraõ.

Tal tem sido, tal he, e tal sera sempre nosso modo de pensar a este respeito; modo de pensar de que se achaõ repetidas provas em todo o nosso Jornal; e nos somos já muito idozos, por não dizer mui velhos, para mudarmos.

Mas por grande, e muito grande que seja o nosso respeito para com as Pessoas que nos fizeraõ a sobredita censura, nos não podemos abster-nos de perguntar-lhes, que relação tem a medida que discutimos em o nosso antecedente No, com principios revolucionarios? Nos ingenuamente confessamos que a não vemos: mas se a tem, muito Jacobino he o Governo Inglez! Mas felis jacobinismo, no meio do qual o Monarca Britanico está tanto, e mais seguro, do que o mais seguro Soberano do Universo! Felis jacobinismo, que faz com que a Nação Ingleza esteja sempre prompta para apoiar o Governo em suas medidas por mui despendiozas que sejaõ!

* Vol. 4. pag. 284. do nosso Jornal.

Felis Jacobinismo, que faz com que os grandes capitalistas de Inglaterra corraõ á porfia a preencher qualquer emprestimo que o Governo queira ; entretanto que em Portugal os grandes capitalistas, que o saõ á custa do Estado, quando o Governo tem precisado, o desamparaõ, e o tem obrigado a ir contrahir emprestimos em paiz estrangeiro !

As informações que publicamos em nosso antecedente No. saõ exactas : ellas mostraõ com toda a evidencia, que tem havido escandalozas malversações, e roubos escandalozos : e se a publicação da receita, e despeza pode concorrer para pôr hum termo a tantos males, porque se não hade adoptar esta medida ? Contra ella só podem ser, como dissemos, os dilapidadores, e os perversos, que se empenhaõ em perder o Estado : a favor della todos os homens honrados, todos os bons servidores de S. A. R. e do mesmo Estado. Nos não temos hum cego amor, e afferro ás nossas opinioens ; mas nós, e o nosso Jornal mereceriamos o mais completo desprezo ; nós seriamos indignos das Graças de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, se não dissessemos com a franqueza, e respeito devido, o que julgamos util ao bem do Estado, á Gloria, e melhor serviço de mais Justo, e mais Amado dos Principes. Nos estamos na posse de fallar a S. A. R. há muitos annos, com verdade, e com franqueza ; nos sabemos que S. A. R. quer saber a verdade ; não teme ouvi-la ; nos pois não devemos recear dizer-lha.

Saõ grandes as dilapidações que se fazem ; saõ grandes os males que dahi rezultaõ ; grandes pois, e proporcionados devem ser os remedios : seja S. A. R., e S. A. R. somente quem os applique.

Nos tivemos occasiao de conhecer em 1807 hum certo administrador de huma porção da Fazenda Real, que tendo de ordenado, e varias propinas 240 reis por dia, dos quaes devia comer, vestir, e calçar, comprou huma boa morada de cazas, que adornou mui bem, e que deo ao vil instrumento de seos infames prazeres ; sustentava-o lautamente, dava bons jantares, jogava rijo, e para tudo isto davaõ os abençoados 240 reis !!!—Nos mostramos a S. A. R. que aquelle administrador roubava doze a treze mil cruzados por anno á Fazenda Real : foi a Mafra pintar-nos como hum irreligioso, e hum Jacobino (armas favoritas de todo o inimigo de reformas uteis) : mas S. A. R. que estava bem informado da verdade, fez-nos a justiça de o não acreditar : fizemo-lo sahir do seu emprego ; mas a Fazenda Real não foi indemnizada dos trinta e seis a trinta e nove mil cruzados, que durante os tres annos da sua administração, tinha roubado.

Nos mostramos com documentos authenticos, que muitos outros administradores faziao, mais, ou menos o mesmo : a

expulsaõ dos seos lugares foi o castigo unico : do mal o menos. Mas seja-nos permittido dizer que esta Clemencia de S. A. R. animava, em geral, os outros a roubar cada vez mais, naõ só como hum meio de ter com que manejar relaçoens para naõ serem expulsos ; mas porque no cazo de o serem, ja contavaõ ficar com o que tinhaõ roubado.

O grande D. Luis da Cunha aconselhou outrora ao Senhor D. Joze I. de Saudoza Memoria, quando era Principe, que para conhecer a probidade de hum Dezembargador bastava tirar huma exacta informaçã dos bens, que legitimamente possuia, porque naõ se ignora o que lhe vale o seu mesmo emprego.....e combinado a renda que tiver o tal Dezembargador com a despreza que faz, sem escrupulo se pode inferir que sahe das partes tudo o que a despeza exceder a receita, para se lhe tirar o cargo, ou occasiao de ser peor, que o peor ladraõ que talvez tem mandado enforçar : porque este se rouba nas estradas publicas, he arriscando de toda a sorte a sua vida : e o Ministro na sua Cadeira rouba, sem o menor perigo os bens das partes, vendendo lhes a justiça*.

Porque se naõ hade applicar esta regra a todos os funcionarios publicos encarregados de qualquer ramo de receita, ou despeza da Fazenda Real ? Se, feitos os necessarios exames, se conhece, que hum Empregado Publico tem somente trezentos mil reis de renda, e despende tres mil cruzados, que duvida, que este homem de hum defraudador da Real Fazenda ; que duvida que he hum ladraõ, e que como tal naõ só naõ deve exercer mais o seu emprego, mas que deve, na conformidade das leis, ser exemplarmente punido ?

Os que chamarem á publicaçã da receita, e despeza huma medida revolucionaria ; chamarã a esta huma medida violenta : seja : mas quanto mais revolucionarios naõ saõ os effeitos que da naõ adopçã da primeira resultaõ ; e quanto mais violentos naõ saõ os nossos males ; quanto mais perigosas, quanto mais violentas e mais vergonhozas naõ saõ as consequencias, que da naõ adopçã da segunda tem ja vindo, e podem ainda rezultar ! Que violentos males naõ tem resultado das malversaçõens, dos roubos, que se praticaõ em todos os ramos da Administraçã Publica ! He desta fonte, alem d'outras, e naõ das despesas da Caza Real, que naõ podem ser menores, como fizemos ver em o nosso antecedente No., que tem nascido a Divida Publica ; he desta fonte que veio o papel moeda : he desta fonte que veio a necessidade de contrahir emprestimos em paiz estrangeiro, o que he sempre duplicado mal ; he desta fonte, se naõ se es-

* Veja-se o Vol. 4. do nosso Jornal pag. 273.

tancar, que hade vir nova, e absoluta necessidade de contrahir novos empréstimos : he desta fonte que vem a falta dos meios necessarios para concluir, e criar estabelecimentos publicos, de que muito se preciza em Portugal ; he desta fonte que provem a falta de meios para occorrer a mil precisões do Estado ; he desta fonte que tem vindo, e virão, mil apertos em que o Governo se tem visto, (e poderá ver a cada instante), de fazer huma figura pouco brilhante, e diriamos mesmo pouco decorosa. Por exemplo, (tirado de coiza bem pequena.)

Le-se n'huma Memoria de D. Joseph Rodrigues, sabio Hespanhol communicada á Sociedade Real de Londres * pelo Capitão Mendonça e Rios, observaçoens sobre a medição dos Arcos de Meridiano, feita em Inglaterra pelo habil Capitão Mudge, por ordem do Governo para a construcção trigonometrica do Mappa de Inglaterra.

A medição do Capitão Mudge dá os arcos crescentes para o Equador ; o que he contrario ao resultado de todas as mediçoens feitas pelos Astronomos Francezes, Suecos, &c. &c. O sabio Hespanhol attribue este resultado a erro nas observaçoens, e propoem que se fação novas mediçoens de arcos de Meridiano no Hemispherio Austral na Africa, e no Brazil.

Não nos faltaõ Mathematicos taõ habéis, como os Inglezes tem, para fazerem esta importantissima operação : mas as despezas na compra dos instrumentos proprios, os melhores, e os mais necessarios ; os salarios, e ajudas de custo, que se deveriaõ dar aos Mathematicos encarregados desta deligencia, exigiriaõ huma despeza de vinte, ou vinte e quatro mil libras esterlinas. Seria mui glorioso para S. A. R. mandar proceder a esta empreza scientifica : mas he natural que se diga que—não ha dinheiro—E porque não ha taõ modica somma de rezerva, para emprehender huma operação do qual podia rezultar muita gloria a S. A. R. e muito credito á Nação Portugueza ? Porque o espirito de roubar está taõ arraigado entre nos, e taõ propagado, que passa por maxima—*furtar ao Rey não he peccado* !

Supponhamos que a Sociedade Real de Londres pede ao Governo Inglez, que proponha a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor que mande proceder áquella operação : pediriamos tambem ao Governo Britanico os meios necessarios ? Deixariamos de condescender com os dezejões da Sociedade Real de Londres, e do Governo Inglez ? Consentiriamos que fossem lá Engenheiros Inglezes á custa do Go-

* Acha-se entre as Memorias do ultimo semestre de 1812, publicadas há pouco pela Sociedade Real.

verno Britanico, para dahi se tirar argumento de nossa ignorancia, ou de nossa pobreza?

Todo o Governo que se quizer fazer respeitar deve incessantemente cuidar em ter não só o dinheiro necessario para fazer face a todas as despesas ordinarias do Estado; mas deve cuidar muito em ter huma reserva para occorrer aos cazos extraordinarios. Para isso he preciso estabelecer hum systema finançal fundado nos principios da verdadeira Economia Politica; cuidar na exacta recepção dos direitos, e impostos; e estabelecer a mais economica, exacta, e vigilante administração.

Naõ entraremos por agora no exame se o nosso systema finançal he fundado nos principios de huma saã Economia Politica: mas o que se não pode negar he que tem havido vicios enormes na repartição, e percepção dos direitos, e impostos bem como na administração da Fazenda Real. O facto que dixamos referido; mil outros, que outrora fizemos chegar á Presença de S. A. R., e muitos mais que hoje mesmo poderíamos apresentar; as informações que demos aos nossos leitores em o Nosso No. XXVI. são do que dizemos provas sobejas.

Se com tudo ainda he preciso produzir outras provas, nós as não tiraremos das contas anonimas, que temos recebido de Lisboa, Rio de Janeiro, e Bahia sobre a desordem, e malversações, que diariamente se praticão nas respectivas Alfandegas; são anonimas, e tanto basta, para nos não servirmos dellas, bem que tenhamos muitas razoes para crer que ellas são, em geral, muiverdadeiras. Diremos somente, que hum de nos mesmos estando em Lisboa teve occasião de ouvir, não ha muito tempo, repetidas vezes, e de boas fontes, quando houve a Cópia da Portaria, que vamos inserir, pela qual os Senhores Governadores do Reino crearaõ o novo lugar de Primeiro Feitor da *Alfandega Grande do Assucar*; que ella fora motivada pelas vivas instancias do Grande Lord, para que se reprimissem, e costassem as enormes dilapidações, que havia nas Alfandegas do Reino, e por cauza das quaes faltava ao Governo o dinheiro necessario para a manutenção do exercito, e mais precizoens do Estado. Aqui mesmo em Londres temos ouvido que os Commissarios Inglezes se pres-táraõ ao arrançamento tomado para a entrega rigorosa dos manifestos, a fim de facilitar aos Senhores Governadores a suppressão dos immensos descaminhos, e notarias fraudes com que se deterioraõ os rendimentos das Alfandegas, e com as quaes se tem enriquecido de repente varias cazas de commercio de maons dadas com os despachantes, que lhes enco-briraõ duas terças partes dos generos, fazendo perder os Di-

reitos Reaes de outras tantas*. Nos ouvimos que taes cazas são em Lisboa tao conhecidas, como as cazas que alli se tem feito, e monstruozamente enriquecido por meio dos Contractos Reaes, contractos que mais de huma vez se tem feito com lezaõ enormissima da Real Fazenda.

Eis aqui a Portaria de que acima fallamos.

PORTARIA.

Sendo presente ao Principe Regente Nosso Senhor o conhecimento que Antonio Gerard tem das Fazendas, que se despachão na Alfandega Grande do Assucar, *muitas das quaes não se achão lançadas na Pauta*, e por isso se devem avaliar para pagarem direitos devidos: S. A. R. foi servido nomear interinamente o dito Antonio Gerard para primeiro Feitor da Alfandega com o ordenado de 1,200,000; e manda que se não avaliem semelhantes Fazendas, nem se determine a qualidade das duvidozas, sem assistencia do referido Feitor; o qual terá voto, como qualquer dos Escrivaens da Meza Grande, ficando-lhe subordinados os Guardas para executarem o que elle lhes determinar, a bem *da melhor arrecadação da Fazenda, e arrumação dos Armazens*. O Conselho da Fazenda nesta conformidade lhe mande passar Provisão para entrar logo no mesmo exercicio, e fazer-lhe assentamento na folha da referida Alfandega. Palacio do Governo em 16 de Abril de 1812.—Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Esta medida será mui bem calculada; mas não nos parece sufficiente: as duas de que temos fallado parecem-nos precizas, porque ellas comprehendem todos os ramos da Real Fazenda, e são relativas a todas as Repartiçoens. Sendo porem indubitavel que as Alfandegas constituem o maior ramo da Renda Publica; e sendo nellas que se praticaõ as maiores dilapidaçoens, e os maiores roubos; são ellas que precisaõ da maior reforma. Seria para dezejar que S. A. R. escolhesse entre os Empregados maiores da Alfandega, por exemplo, do Rio de Janeiro, hum, cuja probidade, intelligencia, zelo, e firmeza fosse publicamente conhecida; que lhe nomeasse por adjunctos dois ou tres negociantes os mais intelligentes nos differentes ramos de Commercio, e de reconhecida probidade; que lhe encarregasse a organização de hum regimento o mais simples, o mais expedito na pratica, e o mais adequado para prevenir descaminhos, malversações e roubos; que depois de approvado, se lhe desse o titulo de

* Nos repetimos neste lugar o que ouvimos.

Inspector, e plenos poderes para o pôr em pratica, bem como para reduzir o numero immenso de empregados superfluos, expulсар os inhabeis, e aquelles que por averiguaçoens exactas se achassem complices na menor dilapidação, ou roubo, e todos aquelles que se achassem no cazo dos Desembargadores de que falla D. Luis da Cunha. Que este mesmo regimento fosse posto em pratica; que esta mesma reforma se fizesse depois em todas as Alfandegas dos cominios de S. A. R. e que se castigasse irremissivelmente, e sem piedade qualquer que dahi em diante se achasse no menor crime: na certeza que perdoar os menores he habilitar para os maiores.

Recebemos no dia 27 de Agosto huma memoria do Club dos Negociantes Portuguezes em Londres em resposta ao que se lê na carta, que nos foi dirigida sobre o Tratado de Commercio entre Portugal e a Gram-Bretanha, relativamente aos Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra (pag. 251 do No. XXVI. do nosso Jornal); bem como em resposta ao que dissemos, a pag. 277 do mesmo No. Sentimos que nos chegasse á mão tão tarde, que a não podessemos inserir no artigo Correspondencia onde pertence; o que faremos indefectivelmente em o proximo No., respondendo á dita Memoria, pela parte que nos toca.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXVI.

Pag. 226—craza deviza—Lea-se—clara deviza.
 —de Memoria—Lea-se—da Memoria.
 227—quaes altivo—Lea-se—que altivo.
 243—2 penes por—Lea-se—2 xelins por.

DO No. XXVII.

382—a razão, e injustiça—Lea-se—a razão, e a justiça.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

OUTUBRO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

BREVES REFLEXOENS

Sobre as Cortes de Hespanha, e sobre a Constituição
que ellas fizeraõ para a Monarquia Hespanhola.
Continuadas de pag. 376 deste volume.

Do Rey, da Successão á Coroa, e da Familia Real, &c.

Os representantes da grande, e brioza Nação Hespanhola, geralmente fallando, podem reduzir-se a duas classes: huma comprehende o partido chamado *liberal e philosophico*, que dezeja huma innovação to-
VOL. VII, M m

tal; e a outra mais sensata por certo, porem menos numeroza, comprehende aquelles, que, conhecendo os males enormes da Nação, e a sua origem, dezejaõ cordealmente, que se fação as reformas necessarias nos diversos ramos do Governo, e administração publica, e nada mais. Os da primeira classe propendem evidentemente para hum Republica: tal he o louco, se não criminozo, afferro que elles tem ás theorias, que aprenderaõ nos malditos livros francezes, e de que a experiencia de 23 annos os não tem ainda desengañado! Os da segunda classe querem hum Monarquia moderada; porque a razão, e a experiencia de todos os seculos mostra, que he de todos os Governos o melhor. Infelizmente porem este partido tem sempre sido supplantado pelo partido falsamente chamado *liberal*, e *philosophico*. Este, ou com vistas verdadeiramente jacobinicas, ou guiado pelas ideas, e maximas abstractas, que só tem servido para compor brilhantes tratados de politica, tão faceis de arranjar em papel, como difficeis de pôr em pratica; julgou, que tinha feito hum obra prima em dar ás Cortes o poder exclusivo de fazer as leis, (dando-lhe, alem deste, poderes immensos;) ao Rey somente o poder de as fazer executar; e a hum certo numero de juizes o poder de declarar quem as quebranta, e o de impor-lhe a pena correspondente.

Havendo pois, como ha incontestavelmente, dois partidos principaes nas Cortes, bem como em todo o corpo politico analogo a ellas; e rezidindo neste corpo exclusivamente o poder de fazer as leis: sendo estes dois partidos compostos de entes inteiramente heterogeneos; e não havendo outro corpo, que examine os projectos de ley, e as razoes que houve pro, ou contra; toda a lei, em geral, se reduz á decizaõ que se toma em todo o calor da disputa, em que ordinariamente tem mais parte, e mais influencia o amor proprio, e o afferro a systemas, do que o dezejo de acertar, e o bem publico. O estado acha-se pois exposto a maiores males do que aquelles que poderiaõ rezultar da inconsideração, e máo Conselho de hum Monarca o mais absoluto, mesmo o mais violento. Seria para dezejar que os Hespanhoes se persuadissem das duas seguintes maximas—1. que se a divizaõ

do poder legislativo he sempre util em todos os estados, ella he indispensavel na Hespanha. 2. que hum Povo qualquer he mais livre obedecendo a hum Monarca legitimo, do que a duzentos, ou trezentos homens, que lhe daõ leis ordinariamente insensatas, e irrevogaveis, no momento em que mais fervem, e em que mais violentas são suas paixões.

ARTIGOS 171 e 172.

Estes artigos estabelecem as principaes faculdades do Rey; e as restricções da sua authoridade. Se o Monarca tivesse na formação das leis a parte que devia ter, aquella por exemplo, que tem o Monarca Inglez; embora fossem as suas faculdades e as restricções da sua authoridade, as que se achão estabelecidas nos ditos artigos. Mas não tendo o Monarca Hespanhol parte alguma na formação das leis; elle vem a ser não hum Monarca, mas hum simples Presidente, ou antes hum simples criado da Soberana vontade das cortes. Então não he Rey; por que Rey e Soberano são Synonimos; bem como executar e servir, rigorosamente fallando, são huma, e a mesma coiza. Os novos Legisladores de Hespanha em vez de consultar a sabedoria pratica da constituição Inglesa, attenderão sómente á divizaõ metaphisica dos tratados de politica theoretica: e querendo legislar para huma Monarquia moderada, legislaraõ para huma Republica, fosse de propozito, ou fosse por ignorancia. Os Ingleses mais previdentes, e mais sabios cortaraõ pela raiz o despotismo; elles deraõ ao Rey todo o poder executivo; mas deixaraõ-lhe tambem huma parte directa na formação das leis: elles não aviltaraõ o throno: deixaraõ-lhe lustre bastante, e bastante poder para satisfação propria daquelle que o occupar. N'huma palavra os Ingleses legislaraõ de tal maneira, que o Monarca se interessa tanto na conservação da Constituição Britanica, quanto a Monarca Hespanhol se hade interessar em destruir a que as Cortes fizeraõ: e nos o repetimos, a Constituição de Hespanha terá a mesmissima sorte que teve a de Suecia, que Gustavo III. jurou em Março de 1772,

M m 2

e que destruiu em Agosto do mesmo anno, sem derramar huma só gota de sangue. Por mais cautelas que a Constituição estabeleça, ella não podera jamais impedir que hum Monarca se faça amavel aos seos vassallos, que grangee a sua affeição, e ganhe os seos corações : conseguido isto, elle dispora da Constituição como quizer, e terá para o apoiar a Nação inteira. Isto que he facillimo a qualquer Monarca, o será muito mais em Hespanha. As portas do Palacio de Gustavo III. estavam patentes o todo o Sueco, o mais humilde dos quaes podia fallar-lhe tres vezes por semana ; elle tratava os officiaes do exercito como seos acompanhheiros de armas, como seos amigos : seguro na affeição destes, e do Povo, prendeo todos os individuos do Senado a hum mesmo tempo ; escolheo outro Corpo de Representantes, apresentou-lhe a Constituição, que o mesmo Monarca fizera ; o novo Senado firmou-a ; e a que se tinha feito depois da morte de Carlos XII. desappareceo n'hum momento. Ora se isto se fez tão facilmente em Suecia, cujo Povo he, ha muitos seculos, muito mais livre do que o Povo Hespanhol ; mais facilmente se poderá fazer em Hespanha, cujo Monarca, apezar de todas as cautelas, tem á sua disposição a força armada, o dinheiro, todos os funcionarios publicos ; tem demais a affeição, affetto, e amor da terceira classe ; e o apoio da Nobreza, e do Clero, que tem soffrido toda a casta de insulto, e de injustiças em palavras, e obras.

ARTIGO 181.

“ As Cortes deverão excluir da successão aquella Pessoa, ou pessoas, que forem incapazes para governar, ou que tiverem feito coiza, porque mereçam perder a coroa.”

Este artigo por si só he capaz de produzir males incalculaveis á Nação Hespanhola : elle he por si só capaz de produzir as mais crueis dissensoens e intrigas entre os individuos da Familia Real que proxima ou remotamente podem ter direito ao Throno : este artigo faz com que o Reino em vez de ser hereditario seja electivo entre os individuos de huma mesma fa-

milia; elle he pois capaz de semear a mais funesta rivalidade, e de excitar a mais perigoza ambição entre elles: por este abominável, e terrivel artigo constitucional basta o capricho de huma facção qualquer para excluir do throno hum Principe virtuozo, e justo, e elevar a elle hum turbulento, e injusto: n'huma palavra, basta este insensato, e terrivel artigo constitucional para expôr continuamente a Hespanha a todos os horrores da anarquia, e de guerras civiz.

ARTIGO 205.

“ Os Infantes das Hespanhas gozaraõ das distincções, e honras que tem ate aqui tido: e poderaõ ser nomeados para toda a classe de destinos, exceptuando os de Judicatura, e Deputação de Cortes.”

Por este artigo os Infantes de Hespanha estaõ de peor condicão do que outros quaesquer Cidadãos Hespanhoes: elle he pois injusto. Os filhos do El Rey de Inglaterra sã Membros Natos da Camara dos Lordes.

ARTIGO 357.

“ As Cortes fixaraõ annualmente o numero de tropas que forem necessarias, segundo as circumstancias, e o modo de levantar as que for mais conveniente.”

ARTIGO 358.

“ As Cortes fixaraõ da mesma sorte annualmente o numero de navios da marinha militar, que haõ de armar-se, ou conservar-se armados.”

Pelo artigo 106 devem as Cortes começar as suas sessoens No. 1. de Março, e termina las no ultimo de Maio, e quando muito no ultimo de Junho. Supponhamos que nesta epoca as Cortes assentaraõ que cincoenta ou sessenta mil homens sã bastantes; e bastantes igualmente quinze ou vinte navios de guerra armados; e que dois ou tres mezes depois a Hespanha se vê repentinamente atacada pela França com 100 ou 200,000 homens: que fará neste cazo o Mo-

narca Hespanhol? Elle não pode levantar mais tropas: Elle não tem fundos á sua disposição para occorrer a cazos extraordinarios, e a despesas imprevistas: como hade elle cuidar na defesa do Estado, se não tem gente, nem dinheiro? O unico recurso constitucional que lhe resta, he o que se estabelece no artigo 162, no qual se assignão os tres cazos em que se podem convocar cortes extraordinarias: hum destes he,—quando em circunstancias criticas, e por negocios arduos o Rey tiver por conveniente que se congreguem, e assim o participar á Deputação permanente das Cortes.—O Rey pois participa aos sete espioens que he necessario convocar Cortes Extraordinarias: estes passam immediatamente a convoca-las: mas por maior expedição que haja nestes avizos a todos os Deputados; elles não poderaõ ajuntar-se em menos de hum mez. Supponhamos que sendo convocados, e estando juntos rezolvem no mesmo dia que se levantem v. g. 200,000 homens; que se imponhaõ 100 milhoens de contribuiçoens extraordinarias: para que tudo isto se verifique será preciso pelo menos dois mezes: mas quem não vê que em tres mezes pode a Hespanha perder pelo menos algumas provincias por falta de meios, e poder do Monarca, que tem as maons prezas, que vê os males, conhece os meios de os prevenir, ou rebater, e que se acha reduzido ao cruel estado de so poder chorar as desgraças da Nação!

Se o Monarca pudesse ao menos mandar marchar as milicias, em cazos extraordinarios, e em circunstancias imperiozas; elle poderia no entanto obstar á rapida invazaõ dos inimigos: mas as Cortes, ciozas do seu poder, nem isso permitem ao seu illustre Criado o Rey; porque no artigo 365 da constituição diz expressamente—Em cazo necessario podera o Rey dispôr desta força (das milicias nacionaes) dentro da respectiva provincia; *mas não podera emprega-la fora della, sem consentimento das Cortes.*

Nos seriamos nimiamente extensos se quizessemos a pontar todos os artigos desta celebre constituição, que nos parecem insensatos, injustos, antipoliticos.

Nunca se precisou tanto de hum Poder Executivo energico activo, e prompto, na Hespanha, como nas actuaes circunstancias: desgraçadamente elle he o

mais fraco, o mais ronceiro, o mais dependente, e nullo: os males que dahi tem vindo são mui conhecidos.

Em toda esta constituição se descobre hum dezejo de humilhar o Rey, e de o fazer hum verdadeiro vasallo das Cortes: toda ella tende a semear a mais funesta emulação, e a entreter huma inimizade eterna entre o poder legislativo, e poder executivo, em vez de os equilibrar: huma tal constituição pois não pode ter longa duração.

FANATISMO LIBERAL*.

Os Philosophos liberaes, que ao passo que são os precusores de nossa independencia, são tambem os Apostolos de nossa regeneração e liberdade; *desta obra santa, que lhes custa tantos suores, cuidados e sacrificios de toda especie, sem ter nisso outro fim mais doque fazernos felizes civil, e moralmente*; não cessão de clamar contra o fanatismo; e na verdade tem razão. Quem podera sustenta-lo, e menos ainda fazer sua apologia quando, bem considerado, nada mais he do que o effeito de huma falsa consciencia, que abuza das coizas sagradas, e faz servir a religião aos caprichos de huma louca, e aturdida imaginação? Isto não obstante, dizia M. Rousseau, que o fanatismo, ainda que sanguinario e cruel, he huma paixão grande, e forte, que eleva o coração do homem, que o faz desprezar a morte, dando-lhe hum vigor prodigioso, e que, sendo mais bem dirigido, he capaz de produzir as virtudes mais sublimes, quando pelo contrario, a irreligião, e o espirito philosophico (geralmente fallando) ataca a saude, afemina, e envilece as almas, concentra as paixoes na baixeza de hum interesse privado, na ignominia do egoismo, e mina surdamente, ou com mui pequeno ruido, os fundamentos de toda a sociedade. Se o ateismo, diz este Philosopho, não faz correr o sangue dos homens, não

* Este artigo he traduzido do P. G. da N. e do R.

he tanto pelo amor que professa á paz, quanto pela indifferença que tem para o bem. Seos principios não propendem para matar os homens; mas estorvaõ-os de nascer, destruindo os costumes, que os multiplicaõ, fazendo-os degenerar de sua especie, e reduzindo todas as suas affeições a hum secreto egoismo tão funesto á povoação, como á virtude. A indifferença Philosophica he mui semelhante á tranquillidade que reina em hum Estado quando he governado pelo despotismo: he a tranquillidade da morte, ainda mais destruidora, que a mesma guerra.

Eu não sei como nossos Philosophos receberaõ as ideas deste sabio Genebrino, a quem por outra parte tanto respeitaõ. Elle não nega que o fanatismo he máo, mas pensa que o philosophismo he peor. Sabemos que este juizo incommodava muito a Mr. de Voltaire; mas como este grande genio (segundo se explica Montesquieu em suas cartas familiares) *quando lia hum livro, o cumpunha, e depois escrevia contra a sua mesma composição*; dahi vem que seu dictame não merece ser admittido cegamente.

Prescindámos porem destes philosophos inconsequentes, que se contradizem a cada passo em seos escritos, e cujo systema d'operações estava, ordinariamente, em oppozição com sua doutrina. O fanatismo he hum monstro que se deve detestar de todo o coração. A S. Barthelemi, a matança de Irlanda, a de Merindol, e outras semelhantes, são atrocidades, que fazem estremecer, e horrorizar a Religião. Mas para exterminar este monstro; não há por ventura outro arbitrio mais do que pregar, e introduzir a indifferença de todas as Religioens? Não seria isto pôr no mesmo nivel o erro, e a verdade, e introduzir hum fanatismo ainda mais pernicioso do que aquelle que se dezeja desterrar? Sê-lo-hia sem duvida; e tal he o fanatismo da nova philosophia, o de Mr. Voltaire, e o fanatismo, que eu chamo philosophico-liberal: fanatismo que tudo ataca, tudo confunde, e tudo trans-torna: fanatismo que tem sua origem na illuzaõ do entendimento, e no orgulho do coração; fanatismo que de tudo falla, e tudo decide; fanatismo turbulento, que não aspira senão a mudanças, e reformas: fanatismo ambicioso, que tudo arroga a si, e de tudo quer

triunfar com a maior violencia : fanatismo artificiozo que emprega todos os meios, e serve-se ate de meios os mais viz, e das mais viz intrigas para acreditar-se, dar-se grande importancia, e fazer-se valer : fanatismo temerario e licenciozo, que nada respeita, que ataca o throno, e o altar que altera a verdade, e desfigura a virtude : fanatismo intolerante que tem authorizado mais invectivas, preconizado mais injustiças, e exhalado mais furores, e abominaçoens, do que quantas abominaçoens, e furores meditáraõ, e pozeirão em pratica contra os philosophos os fanaticos mais extremos pela Religião : fanatismo em fim ridiculo, e esteril para a felicidade ; porque, no fim dos annos que sua pregação conta n'outros paizes, e do tempo que, por desgraça, tem estabelecida sua cadeira em Hespanha, vemos por ventura que as leis sejam mais bem observadas, mais ingenuos, e mais puros os sentimentos, as obrigaçoens mais bem cumpridas, mais honestos os costumes, e mais felis a humanidade ? A Religião, somente a Religião offereceo muitas vezes ao mundo este formozo espectaculo, que tornara a reproduzir-se quando os homens viverem de hum modo conforme a seos preceitos. Nem se diga, (como sempre o tem dito), que se tudo vai mal a pezar de sua doutrina, he porque seu zelo não esta protegido pela authoridade. Miseravel recurso ! A experiencia nos tem mostrado, que no momento em que se depozita em suas maõs a authoridade, deixaõ de ser philosophos, em quanto a podem manejar.

DOÇURA, E HUMANIDADE

DOS

PHILOSOPHOS LIBERAES*.

Nada he mais necessario para a conservaçãõ, e felicidade de huma Sociedade do que o respeito ás autoridades, e o amor fraternal dos subditos entre

* Do mesmo Jornal.

si. Os philosophos pregaõ sem cessar a submissão ás leis, e a humanidade ; porem fazem-no de hum modo verdadeiramente singular. Para provar que aquellas devem ser respeitadas, insultaõ continuamente os Magistrados, incumbidos de as applicar, e fazer observar ; e para empenhar as Naçoens a que formem hum só povo de irmaons, trataõ a todas de hum modo infamante, e com huma licença de que o mesmo Diogenes se teria envergonhado de uzar. Escutemos o author das cartas Judias.

“ Os Piemontezees, diz elle (carta 34) são *petime-tres* prezumidos escravos das modas, taõ cheios de etiquetas, como os Francezes, vingativos, e submettidos a frades, como os Italianos.

“ A licenciozidade (carta 55) se acha conciliada com a Religião nos differentes Estados de Veneza, onde tudo quanto se permite a hum soldado o mais licenciozo, e atrevido, não deroga em coiza alguma a decencia monacal.

“ Os Napolitanos (carta 60) são reputados pelo Povo mais immoral, e malvado da Europa : não lhes basta o ser ignorantes, e mesmo estupidos ; porque parece que só uzaõ da razaõ, para dispor e sazonar o crime.

“ Fallando a verdade (carta 106) está permittido aos Hespanhoes satisfazer completamente a todas as funcçoens animaes ; porem expressamente lhes está prohibido o pensar.”

So a ouzadia de hum Voltaire poude em seos escritos accrescentar alguma coiza ao atrevimento destes quadros. Debaixo do nome do—*escarmentado*, passa revista a todas as Naçoens do mundo sem achar nellas alguma qualidade boa : elle só descobre horrores em todas as suas partes. Os Italianos, em seu modo de ver, são simoniacos, perfidos, envenenadores, assassinos, e sodomitas. A inconstancia, em sua opiniaõ, he o character dos Francezes : a guerra he-lhes taõ natural, que quando a não tem com os estranhos, reina entre si mesmos. São amaveis, e produzem monstros. Huma quimera os faz correr ás armas. No cabo de dois seculos de desgraças vem desolado seu paiz somente por duas paginas de controversia : a indifferença sobre a religião começa a acalma-los. *Ditozo o*

tempo, exclama Voltaire, em que elles se entregarem ao divertimento, aos prazeres, aos brincos, e ás chocarrices. Esta he a occupação, diz elle, da maior parte dos Inglezes; o resto he fanatico.—Os Holandezes são hum povo flegmatico, grosseiro, ignorante, que não conhece senão seu interesse, e preocupação; e que derrama o sangue de seos melhores cidadãos antes de examinar se verdadeiramente tem commettido algum delicto.—O engano, a vaidade, a superstição, o respeito a frades, e á Inquizição he tudo o que se vê na Hespanha, &c. &c. &c.

A vista disto he preciso confessar que taes Apostolos da humanidade devem fazer nella grandes progressos. Homens! amaivos reciprocamente porque sois monstros, porque sois macacos a quem se ensina a fallar, e ursos a quem se faz dançar! Amai-vos todos em geral; porque, se vos examinaes individualmente, em breve vos convencereis que sois entes abominaveis!

Tal he o sentido das conversações, e palavras destes novos Sophistas, que declamando continuamente a favor do amor universal, so amam a si proprios, e que julgando-se, ostentando ser amigos do genero humano, não o são de algum individuo. Por ventura são de outra especie os de nossos dias? Não são elles discipulos de taes Mestres? Vede-os clamar a favor da lei; mas vede-os ao mesmo tempo denegrir, e calumniar os juizes, magistrados, e tribunaes, quando não procedem a seu gosto, e conforme ás suas opinioens! Vede-os clamar pela extirpação dos crimes, e exterminio dos delinquentes, quando elles vivem entregues ao mais escandalozo desenfreamento, e licença! Vede-os clamar pela uniaõ de ideas, de esforços, e de sacrificios para salvar a Patria; quando não cessão de insultar em seos escritos todas as classes do Estado; Bispos, clerigos, frades, grandes, militares, empregados, quanto não tem sido insultados por suas pennas para os fazer odiozos no conceito dos Povos? Deste modo, poderà haver uniaõ, esforços, nem sacrificios? Sem embargo, clamaõ estes Philosophos — *respeite-se a lei, e reine em todos hum reciproco amor.* E heverá quem os creia? Eu não. Detesto sua falsa doçura, e humanidade.

REFLEXOENS

Sobre a revolução Franceza, tiradas do *Quadro da Literatura Franceza, durante o seculo decimo oitavo.* (Tableau de la Litterature Française pendant le dix-huitieme siecle.)

Os movimentos que agitaõ os povos podem ser de dois generos. Huns são produzidos por huma cauza directa, de que rezulta hum effeito immediato. Apresenta-se huma circumstancia que faz dezejar a huma Nação inteira, ou a huma porção della hum objecto determinado—a empreza se consegue, ou se mallogra. Os Decenviros opprimiaõ Roma com sua tyrannia: hum acontecimento particular a faz intoleravel, e n'hum instante vem a terra.—O Parlamento Inglez desespera de ver a Nação ditoza debaixo do dominio dos Stuarts; e muda a dynastia.—Os Americanos achão-se opprimidos pelo fisco dos Inglezes; e se declaraõ independentes. Estas são as revoluções felizes: sabe-se o que se quer; todos se dirigem a hum objecto conhecido; e conseguido elle, torna tudo a ficar em repoizo.

Ha porém outras revoluções que dependem de hum movimento geral no espirito das Nações. Pelo giro que tomaõ as opinioens, os cidadãos chegaõ a cançar-se de ser o que são; incommoda-os a ordem actual em todos os pontos: os animos achão-se possuidos de hum ardor, e actividade extraordinarios. Cada hum sente-se desgostozo do posto em que se acha, todos querem mudar de situação; mas nenhum sabe o que dezeja, e tudo se reduz a descontentamento, e inquietação.

Taes são os symptomas destas longas crizes a que se não pode assignar cauza precisa, e directa: destas crizes, que parecem ser o resultado de mil circumstancias simultaneas sem o ser d'alguma em particular; que produzem hum incendio geral, porque tudo se acha disposto para o fogo se atear; que não contem em si nenhum principio saudavel que possa conter as chamas; e que seriaõ huma cadeia eterna de desgraças, de revoluções, e de crimes, se a casualidade, e ainda mais do que ella, o canção lhes não pozesse

hum termo. Tal foi a convulsão que conduzio Roma do governo republicano para o dominio dos Imperadores, por meio das proscriptoens, e guerras civiz : taes foraõ as longas agitaçoens que a Europa soffreo no tempo da reforma de Lotero ; periodo sanguinolento, que foi o tranzito dos costumes, e constituições antigas para huma ordem inteiramente nova. Estas saõ as epocas criticas do espirito humano, que provem de ter perdido seu assento habitual, e das quaes nunca sahe, sem ter mudado totalmente de character, e de physiognomia.

A revolução Franceza tem apresentado hum aspecto desta classe ; e, como todas ellas, foi produzida por cauzaes universaes e necessarias. Todas as circumstancias de que parece haver resultado, estavaõ enlaçadas humas com outras, e só de seu enlace, e uniaõ receberam sua força. Mas quem poderia crer, que quando os effeitos saõ taõ protentozos a cauza podesse ser pequena ? Quando se vê, que, ao tirar huma pequena pedra, todo hum edificio vem a terra, poderá alguem duvidar de que todo elle estava inteiramente arruinado ?

Naõ saõ precisas explicaçoens forçadas para conceber esto idea. Se naõ digaõ, qual ponde ser a cauza das commoçoens de França ? Houve acaso alguma circumstancia particular, que excitasse hum vivo descontentamento ? Foi por ventura a tyrannia quem fez nascer a sedição ? Donde naceo que o Governo naõ teve nem authoridade, nem força para reprimi-la ? Em vaõ se diria que o poder, confiado a outras maõs, teria sido mais bem defendido. Naõ he certo, que o character dos governos, e mesmo o dos soberanos, depende das circumstancias em que se acha a Nação, e das ideas que nella estaõ espalhadas ? Haverá quem diga, que hum Rey poderia empregar meios violentos, e militares, quando por hum seculo, nem elle, nem seos páes tem sido soldados ? Tem o exercito, e seos chefes o mesmo espirito, e a mesma disciplina no fim de hum longo repoizo, que depois de huma serie de guerras sanguinozas ? Por aqui podemos convencer-nos de que huma revolução que muda a face do Universo, naõ pode rezultar do character de hum só homem, nem de huma resolução que elle tome.

Huma impaciencia tanto mais violenta em seus ataques, quanto era mais vaga em seus desejos, foi quem produziu a primeira agitação. Todo o mundo se entregou livremente a esta sensação, sem reserva, nem remorso. Imaginava-se que a civilização, e as luzes tinham amortecido todas as paixões e adoçado todos os caracteres. Parecia que a moral se tinha tornado tão fácil na prática, e que o equilibrio da ordem social estava tão firme, que nada poderia destruí-lo. Tinha-se esquecido que jamais se pode impunemente pôr em fermentação os interesses e opiniões dos homens. A calma, e os hábitos de muito tempo suffocão no coração humano esse egoismo activo, e esse ardor, que tomão força, e vôo ao ponto, que cada qual se vê obrigado a defender por si seus interesses, quando a desordem da Sociedade os põe em problema, quando deixão de ser protegidos, e sustentados por meio de regras fixas : destrua-se estas, e ver-se-ha que o homem he tão feroz, e hostil, como antes. A quietação social, filha do repoizo, cede seu lugar ao vicio, e aos delictos. O homem ante, moral por sua obediencia á ordem estabelecida, recobra toda a sua violencia ao entrar na carreira do mal.

Outra cauza augmentava o calor, e a imprudencia das opiniões: tal era a certeza com que todos as criaão. Os tempos tinham sido pacificos, e uniformes; as ideas, e os systemas haviado tido hum livre curso, nada havia que se lhes oppozesse, ou os desmentisse: faltava a experiencia, e as theorias estavaõ em posse de huma confiança sem limites. Mas ao chegar a tormenta, ao ver a cada instante, como os acontecimentos novos, e imprevistos provaõ a fraqueza dos raciocinios, e das predicções—quando hum se acha diariamente enganado á cerca dos homens, e das coisas, para desenganar-se no dia seguinte por huma luz repentina: então he quando começa a debilitar-se esse atrevimento em opiniões; augmenta-se o temor de enganar-se, e cessa a confiança com que antes se aventurava tudo sobre as frageis seguranças da razão humana.

Assim, nem prudencia, nem moderação podia esperar-se dos homens mais honrados, e sabios. A idea de huma innovação completa não os assustava: o pro-

jecto parecia-lhes facil, e o resultado feliz, e seguro, lançavaõ-se a elle sem receio, nem duvida; e não contentes com modificar a ordem existente, suspiravaõ por criar huma absolutamente nova. Isto fez com que a destruição, em pouco tempo, fosse total:—nada escapou a este ardor de demolir. A ninguem lembrava que o transtornar todas as leis, e todos os habitos de hum povo, o decompor todas as suas mallas, e dissolve-lo ate o reduzir a seos principios; he tirar-lhe todos os meios de resistencia contra a oppressão. Para poder combate-la he preciso que ache certos pontos de apoio, certos centros de aggregação, certas bandeiras de reunião—mas de tudo isto se vio privado. A Nação foi reduzida a pó, e entregue indefensa a todas as tyrannias revolucionarias. Tal he o inconveniente das revoluções emprehendidas, não com objecto decidido, mas sim para satisfazer hum sentimento vago. Se acaso se houvesse reclamado algum privilegio, algum direito pozitivo escrito nos documentos nacionaes; ter-se-hia conseguido, e todo o mundo teria ficado satisfeito. Porem quando os homens pedem a gritos descompassados a liberdade, sem associar alguma idea fixa a esta palavra, não fazem mais do que preparar o caminho para o despotismo, transtornando tudo quanto póde conte-lo.

“ Os primeiros authores desta destruição estavaõ, pela maior parte, inspirados por dezejõs puros, e beneficios. A primeira de nossas assembleas publicas, ainda que se extraviou de illuzaõ, em illuzaõ, offerece sem duvida, hum titulo de gloria á França. Aquelle corpo apresenta hum grande espectaculo vê-se nelle huma uniaõ de homens, a flor da Nação, congregados de todos os pontos de seu territorio, para promover os interesses mais preciosos da Patria, e da humanidade, cheios do ardor mais nobre, e empenhando nelle todas as forças da sua alma, e quasi todos promptos a sacrificar seos interesses pessoaes, exceptuando somente a sua fama. Seos trabalhos, cujos resultados não foraõ felizes, nos parecem algumas vezes vaõs, e insensatos: aquelle ardor em estabelecer principios, descuidando sua applicação pratica, he, muitas vezes, pueril; e não poucas nos sentimos tentados a desprezar nossos antecessores, como elles

desprezavaõ os seos.—Não devemos porem esquecer-nos, que he mui facil julgar, depois dos acontecimentos. Imaginemo-nos transportados áquella epoca, que taõ remota começa ja a parecer, em que as almas cheias de vigor, e de energia, necessitavaõ occupação e movimento, em que seu ardor apenas achava campo sufficiente em tudo quanto as rodeava, em que suas faculdades anhelavaõ por exercer toda a sua força: e se reconhecer-mos que semelhante disposição he muito exposta a erros, confessaremos, que nem por isso se deve ter em menos a força, e vigor intellectual dos que nella se acháraõ. Isto supposto poderemos perceber quam grandes talentos se distinguiraõ naquella assemblea. Poderemos observar o character da eloquencia publica de França, no unico momento que logrou te-la. Nella encontraremos os defeitos da litteratura, e da philosophia do seculo deoito: encontraremos de menos certa simplicidade, e hum tom menos declamatorio; e nos será sensivel que alguns daquelles oradores celebres não tivessem podido substituir a authoridade de huma vida decorosa, e pura ao ardor muitos vezes fingido, e theatral de seos discursos. Mas nao poderemos deixar de admirar ao mesmo tempo quam nobre se manifestou algumas vezes a eloquencia naquella tribuna, quam profunda, e subtil a philosophia, e quanto valor, e determinação se desenvolveo no ataque, e na defeza

“ Mas mudou-se em breve a scena: o movimento communicou-se de huns a outros, e todo o mundo quiz tomar parte em os negocios publicos. Promptamente se apresentaraõ nas assembleas homens de hum character novo: homens, pela maior parte, nascidos em huma classe inferior, e não acostumados a viver em huma especie de Sociedade, que suaviza o character, e diminue a violencia da vaidade, apascentando-a constante, e moderadamente: invejosos, e encarniçados inimigos dos distincções de classes; e cheios dos livros modernos, e de suas theorias, sem que o trato dos homens as houvesse modificado. Não lhes era difficil cobrir com nomes honrozos suas vistas pessoais, que talvez elles mesmos não conheciaõ claramente. Huns vinhaõ cheios de Rousseau, e tinhaõ bebido em suas obras o odio a quanto era superior a

elles; outros tinham adquirido em Mably a admiração das republicas antigas, e querião reproduzir suas formas entre nos: estes tinham tirado a Raynal o facho que elle tinha acendido para consumir com elle todas as instituicoens: aquelles, dignos discipulos do fanatico Diderot, bramavaõ em colera ao ouvir somente o nome de sacerdotes e de religião: huns, em fim, tratavaõ de ensaiar fria, e tranquillamente suas theorias abstractas; outros, freneticos de orgulho, querião pô-las em pratica á todo o custo.

Tal foi a segunda classe de homens que tomou parte na revolução. Sua perversidade não estava bem decidida, e fixa: seos erros tinham ainda alguma coiza de cegueira; e isto fez que não colhessem fructo algum do mal que fizeraõ, e que mui promptamente o pagassem. Não devemos passar em silencio os talentos de que alguns eraõ dotados, e que apparece- raõ especialmente quando tiveraõ de recorrer á eloquencia para defender-se, depois que nada tinham deixado de atacar com ella. Nestas circumstancias sua linguagem teve, ás vezes, bastante verdade e ternura.

Aniquilado este partido, a revolução deixou de ser objecto da historia das opinioens humanas, e pertence somente á das paixoes, e interesses pessoaes. A mascara com que seos successores se cobriaõ era taõ grosseira, e vizivel, que a ninguem podia enganar; e a maior parte dos que della uzavaõ, sabiaõ bem a que fim se dirigiaõ. Suas acçoens não tem a escuza do enthusiasmo, nem a embriaguez mental.

No meio dos crimes, e das calamidades publicas, a Literatura devia ter hum influxo mui secundario. He porem de notar, não obstante, humia circumstancia que parece peculiar dos tempos civilizados; e he que nen- hum partido, ou authoridade deixou de cobrir seos decretos, e opinioens com hum verniz de razão, e de argumentos. O mais forte quiz sempre provar que a força não era sua razão unica. Todos quantos do- minaraõ tiveraõ ás suas ordens o sophisma, e a decla- mação: o discurso teve constante emprego, e nada deixou por defender, nada por louvar. Acharaõ-se philosophos condescendentes, que desculparaõ os *massacres*, e amigos da liberdade que elogiasssem o

poder arbitrario. A Poezia não se deo por desprezada de prestar seos accentos para celebrar a epoca de nossas mais crueis desgraças; e uzando de hum enthusiasmo facticio, soube cantar no meio de lagrimas, e sangue. Nada existe ja desta literatura revolucionaria. A linguagem não podia ter nem persuazaõ, nem fecundidade em taes momentos. A arte não sabe dar effeitos permanentes a huma eloquencia hypocrita; e ainda quando por huma cegueira fatal, a imaginaçaõ possa adquirir hum certo grão de calor, e de verdadeira paixãõ, só se apresenta a nossos olhos como a exaltaçaõ da embriaguez—objecto, a hum mesmo tempo, de compaixãõ, e repugnancia.

LITERATURA PORTUGUEZA.

ODE

COMPOSTA POR FRANCISCO MANUEL.

[Versailles, 2 de Fevereiro de 1813.

*Æquoris nigri fremitum et trementes
Verbere ripas.*

EM quanto vai a nau sulcando os mares
Inchado o bolso de infunadas vellas,
E as ondas vão revoltas resvalando
Com fugitivo arruido.

Encostado á amurada o passageiro
Stá contemplando os movediços combros
Da estrada undosa. “Assim nos corre a vida,”
Diz, “por hum mar de azares,

“ Que se empola, e em carneiros se acapella ;
“ Roncando ao longe vem despedaçar-se
“ Nas rochas, que co' açoite furibundo
“ Espavoridas tremem.”

Quem não correo balanços da fortuna ?
Ora agitado do Euro das desgraças
No procelloso pego ? Ora tranquillo
Sobre azas do Favonio ?

Eu, que hia em mar bonança deslizando
N'agoa mansa de vida amena e honrosa,
Naufraguei nos escolhos da calumnia
Perdi bens, perdi patria.

Ja, da espumosa vaga ao rolo irado
Pojo, na calva praia bracejando ;
Fugitivo a Neptuno, á Morte, enxugo
Os humidos vestidos.

C'o estudo, c'o favor das doudas Muzas
C'o a mercê de hum amigo generoso*,
Não entrei, não no templo da Riqueza,
Mas despedi a Inopia.

Eis n'hum pegaõ de Noto vem Marfiza†
Me enturva a mente, o sofrimento apura,
Almoeda-me os bens, diz de mim males
Quaes nunca ouvio Mafoma.

Vem-lhe apoz Julien‡ que estraga quanto
Juntei poupado com suor, com lida,
Foi segundo naufragio ; e eu ja sem braços
Com que me salve a nado.

Hum dos vicios que mais deshonraõ a especie humana, he sem contradicção a Inveja. Nascida na raiva da pequenez ou no orgulho, ella so fita as grandes

* O Excellêntissimo Antonio de Araujo de Azevedo.

† Ama, que tivera muitos annos, e tendo-se posto mal com o author, lhe fez penhorar, com os poucos moveis que tinha, huma parte dos seus manuscritos, dos quaes alguns se perderão.

‡ Banqueiro de Pariz, onde o A. tinha depositado o limitado fructo das suas economias, que perdeu pela quebra do mesmo.

objectos para descarregar os seus golpes. Pode-se cubicar a possessão de riquezas, mas não se tem inveja senão do merecimento. Atormentada pela falta de consideração, que não pode conseguir, a Inveja não tem por mira alcançar, mas sim destruir as bellas qualidades, que reconhece nos outros. Como o seu character essencial he denegrir tudo o que excita louvor ou admiração, nenhum merito relevante pode escapar de seus tiros, e a prova maior da sua existencia he a injustiça dos ataques da inveja.

Os Oradores Gregos que conheciam mui bem o coração humano, davão hum grande pezo a esta verdade; e hum d'entre elles, conhecido pelos talentos, que dezenvolvera no Areopago, ficou desconsolado, quando não ouviu individuo algum dizer mal d'elle, consultando a opinião publica a seu respeito. Ah! como são pequenos os talentos, que não excitam inveja! Assim exclamava Alcibiades. Mas se elle aspirava aquella prova de superioridade no engenho humano, nem por isso deixava de aborrecer o odioso character da inveja, a quem os poetas com razão derao semblante palido, e dentes lividos, para mostrar não so a sua interna consumição, mas tambem o exterior e natural enjoo que ella inspira. E á quem poderia agradar a inveja, se ella se não apraz de si mesma? Este borraão, que tanto desfeia o espirito humano, não se pode tirar senão por meio de hum estudo infatigavel, e assiduas applicações. Cessai, zoilos, de insurgir contra o merecimento; em vez de fulminar-lhe meditados ataques, aprendei a respeitá-lo; lendo e estudando os bons livros.

Vos exemplaria Græca

Nocturna versate manu, versate diurna.

E se não podeis imitar os grandes authores, contentai-vos de applaudilos, e seguir as suas doutrinas—desta sorte não perdereis o tempo em vergonhosas, e inuteis tentativas; cessareis de ser os zangoens da Literatura, abocanhando na ociosidade o trabalho alheio. Desgraçadamente a inveja he muitas vezes poderosa, e a calumnia sua irram persegue systematicamente individuos illustres, e furta ao merito as honras

que lhe são devidas. Existe porem huma justiça universal, que repara direitos offendidos ; e tras a punição de toda a ouzadia criminoza. Os zoilos deza- parecem; os seos nomes são aniquilados ou proscriptos ; entre tanto que o Genio, cujos voos em vão elles tenta- raõ entorpecer, attinge o seu glorioso destino, e mostra nos poetas divinos, quaes Horacio, e Felinto, objectos dignos d'admiração e culto das idades.

Em contra posição aos sentimentos da Inveja, nos publicamos a seguinte Ode, para manifestar-mos os nossos de estima e veneração pelas luzes e talentos deste illustre poeta Portuguez, que ainda vive, que a injustiça expulsou da sua patria, e que no periodo de huma idade avançada, e de huma vida calamitoza, nada tem diminuido do seu estro brilhante, assim como do seu patriotismo, e mostra aos seos leaes compatrio- tas da maneira a mais lizongeira, que nelle o talento e o amor da patria não tem cedido ao tempo, nem aos revezes.

O D E

A FELINTO.

Muza vetat mori. ——— HORAT.

Com sacrilego arrojo o Ceo tentaraõ
Fi tando o throno eterno impios gigantes ;
Porem a Dextra, que maneja o raio,
Trocou a audacia em cinza.

Tal dos zoilos que ás Muzas se atreveraõ,
Confundido o rancor do Engenho ao brilho,
Mostrou baldadas da Calumnia as artes,
Contra immortaes esforços.

Na torrente dos seculos profunda
Imperios, geraçoens dezaapparecem ;
Mas nomes como o teu, Felinto illustre,
Commum destino escapaõ.

Quem, como tu, do Luzo plectro arranca
Olympiacos sons ; quem vibra os cordas
Da Orphea Lyra, que ameigou das sombras
O dezabrido Numen.

Naõ teme horrores de Acheronte avaro,
Se a Fortuna se obstina, a Morte cede ;
Mais doces que os mortaes, curvaõ-se os annos,
Ao poder d'harmonia.

Transpondo o negro vau, que absorve as chamas
Do ignaro vulgo ; as mizerandas terras
Tu deixaras Felino ; e das idades
Teras a vida e culto.

Embora da existencia o pego incerto
Ostente ora procella, ora bonança :
O sabio em seu proposito seguro,
Placido sulca as ondas.

Sem medo a Morte, sobranceiro a Inveja,
Indomito a dezastres, e a tyranos,
Igual o encontra na verdade absorto,
Fado severo, ou meigo.

Desta arte o Sabio a Eternidade attinge ;
E quando as Muzas seu renome exaltaõ,
Destincto entre immortaes seu nobre assento
Raia brilhante ao mundo.

Tal se me antolha teu destino excelso,
Quando, Felinto, aos ares te remontas,
E rapido cruzando a etherea via,
Fulguras entre os astros.

Da Moral, da Virtude accezo lustre,
Tu, pharol Venuzino, inda mais brilhas,
Pois a negrura teu fulgor não doura,
De coroados monstros.

Tu rigido sectario da Verdade,
Seu preclaro cantor, nunca aviltaste,
Divino metro sobre as torpes aras
Da sordida lizonja,

Da estúpida Arrogancia, os Simulacros
Jamais insensaste. Eis porque a patria
Perdeste, e a paz, e os bens ; que te arrancara
Malefico Alvedrio.

Ceos! que horrivel Mystério a Luza gloria,
Cobrio sempre de lucto? Ah! que elementos
Extranhos combinou ! Merito, exilio,
Talento, e desventura.

Depois, que Genio mau de Lysia acerbo,
Avarento, fanatico Ciume,
Dominou seu solar, de Stygia peste,
Infectou seu regaço.

Da Intriga as Serpes, que o vil Odio nutre,
Com venenoso bafo amorteceraõ
Os louros de Pacheco ; o rico Esmalte,
Que lhe adornara as cinzas.

De Lysia desde entaõ lavrou no seio,
O atroz flagello da Grandeza sua,
Que em menos cabo da nativa gloria,
Deo seu alarde a extranhos.

Profugo assim da patria, que idolatras,
Que inda serves, Felinto, Ah ! porque gemes ?
Justa ao merito alheio, a patrios dotes,
Naõ he adversa Lysia.

Se o coração sympathico naõ mente,
Sua voz ouço alegre á minha unir-se,
E grata ao nome teu folgar suberba,
De dar-te o berço e applauso.

Mas de seu nome os inimigos feros,
Seu seio devorando, haõ decretado,
Perseguição em premio á Sapiencia,
Ao Engenho exterminio.

Ah ! e athé quando expiadores Fados,
Soffrereis tal labeo, de Lysia indigno ?
Mas, qual palma Idumea, a Gloria surge,
Ao pezo que a comprime.

O dia da Virtude, inda que turvo,
 Perante os da Fortuna he sempre bello;
 E no seu occidente a nuvem despe,
 Que a Inveja lhe creara.

Assim rotos os veos da tempestade
 Que densos Ceo estivo enegreceraõ,
 Torna o sol mais formoso, e nova gala,
 Reveste a natureza.

V. P. NOLASCO.

Cheltenham,
 4 de Setembro de 1813.

EDINBURGH REVIEW.

Em o No. XLII. deste interessante Jornal vem hum breve analyse a respeito do Septimo Relatorio dos Directores da Instituição Africana (African Institution); e nella a pag. 465 se transcrevem dois artigos daquelle Relatorio, em que os Directores se queixaõ 1. do pouco successo que tem obtido das vivas representações que tem feito ao Governo relativamente ao Commercio da escravatura, continuado por intermedio da Ilha de Bissão, pertencente ao Governo Portuguez, para quem esta Ilha, segundo os mesmos Directores, he de nenhum valor, e cuja posse (na mão dos Inglezes) seria da mais alta importancia para conseguir o fim que a Instituição Africana tem em vista; (que he nada menos que a completa abolição da escravatura em todas as partes do mundo)!!! 2. de que se não tenha ainda obtido hum explicação satisfactoria da ambiguidade que ha na intelligencia do Artigo 10 do Tratado de Amizade entre Portugal, e a Grã-Bretanha.

Naõ examinaremos agora se o fim a que a Instituição Africana se propoem he ou, não attingivel: mui

louvavel parece elle, á primeira vista : mas sera o puro amor da Humanidade, huma philantropia verdadeira, que dictou aquella Instituição; e somente o bem do Genero-Humano que ella teve em vista quando se estabeleceo? Eis aqui huma questão de que talvez nos occuparemos hum dia. Seja porem o que for, os Directores daquella Instituição são tão comedidos em seus termos, quanto o não são os Revizores de Edinburgh, quando fallão de Portugal, e do Governo Portuguez. Por esta vez elles se afastarão daquella linguagem decente, e digna, que deve caracterizar homens tão sabios, como elles mostram ser em todas as paginas do seu interessante Jornal. Não podemos pois deixar de transcrever a passagem daquelles Revizores que diz respeito á nossa heroica Nação, e ao nosso Governo; nem podemos eximir-nos de mostrar em poucas palavras a falsidade das suas asserções. Eis aqui o como se explica o Edinburgh Review, fallando do sobredito relatorio.

“ A culpa deve pois ser do Governo Britanico, ou Portuguez. Pode-se acazo tolerar, que hum Estado, cuja existencia na Europa he sustentada por nosso sangue, e thesoiros; cujos navios navegaõ á sombra da nossa protecção; cujas colonias lhe são preservadas somente pela nossa marinha; insista em reter a posse de hum pedaço de terra*, ponto de reuniaõ de criminozos, que se arrostaõ contra as leis da sua Patria? He acazo menos intoleravel que se mantenha a ambiguidade que descuidadamente deixamos inserir no ultimo Tratado, mas artificiozamente empregada por nossos Alliados para tornar inefficazes as demais estipulações?—Porque se a passagem que se allega tem algum sentido, deve ser o seguinte—que os Portuguezes achando que o vergonhoso engano lhes he proveitozo, recuzaõ emenda-lo por meio de huma explicação. Seguramente, pois he evidente, ou que o Ministerio Britanico não tem empregado sua influencia para com Alliados, sobre os quaes devia ter a mais ampla authoridade—ou que os Portuguezes se tem

* A Ilha de Bissão de que fallão os Directores da Instituição Africana.
Os Redactores.

comportado com huma insolencia, e ingratitude, para nada dizer de sua dobrez.

“ Nos referimos somente agora os dois pontos tocados no extracto acima. Porem o humor dos Portuguezes a respeito delles parece indicar quam pouco se pode esperar da sua disposiçaõ a preencher as mais importantes estipulaçoens do tratado, e a tomar as medidas proprias para a total aboliçaõ deste trafico. Nos ja n'outro lugar exposemos taõ plenamente os nossos sentimentos sobre este objecto, que so temos agora de repetir as esperanças, que temos, de que nem os amigos da justiça, e da humanidade, nem os advogados do Corpo Colonial cessaraõ jamais de instar ao Governo, em quanto naõ obtiverem aquillo a que tem inquestionavel direito—huma aboliçaõ compulsoria do commercio de escravatura dos Portuguezes—se de nenhum outro modo se poder effectuar.”

Tal he a linguagem dos Redactores do Edinburgh Review, que naõ fizeraõ mais do que seguir, e copiar a imprudente, e injusta linguagem de muitos outros escriptores Inglezes. Examinemos as propozicoens que nos transcriptos paragrafos se contem.

Naõ he verdade que *Portugal dava a sua existencia politica exclusivamente ao sangue e thesoiros da Inglaterra*. Se aquelles Redactores dissessem que a generosa Naçaõ Ingleza tem concorrido com os seus thesoiros, e sangue para nos libertar-mos do cruel e infame jugo Francez, e nos pormos em estado de resistir a novas invazoens; esta linguagem seria justa: mas attribuir exclusivamente ao exercito, e dinheiro Inglez a restauraçã de Portugal, e sua ulterior conservaçã, he huma injustiça, de que a parte saã da Naçaõ Ingleza naõ pode deixar de se scandalizar, quanto mais a Naçaõ Portugueza? Os Redactores deviaõ lembrar-se que antes de Sir Arthur Wellesley desembarcar em Portugal no principio de Agosto de 1808, ja naõ existia hum Francez na Provincia do Minho, nenhum na de Trasmontes, nenhum no Algarve; na Provincia da Beira somente huma pequena guarniçaõ em Almeida; na do Alemtejo a guarniçaõ de Elvas, e Forte de Lippe: o resto do exercito Francez estava na provincia da Estremadura, donde o pequeno exercito Inglez de certo os naõ expulsaria,

se não fosse auxiliado eficazmente pelo exercito que a Junta do Porto organizou, e proveo de tudo, e que se poz em movimento debaixo das ordens do Excelentissimo Bernardino Freire, victima desgraçada da insubordinação, e anarquia.

Se os Redactores do Edinburgh Review fossem justos deviaõ dizer que ainda que o auxilio da Inglaterra tenha sido mui util, necessario mesmo, para sacudir o jugo Francez, e firmar a independencia de Portugal; com tudo a prodigioza restauração deste Reino e sua independencia deve-se mui principalmente ao odio intranhavel que todos os Portuguezes tem, e tiverão em todos os tempos a jugo estrangeiro; ao inalteravel affetto, fidelidade, e amor que sempre tiveram aos seos legitimos, e Naturaes Soberanos; e á sua natural galhardia, e valor; valor e galhardia que a não existirem nos peitos Portuguezes, nunca teriaõ existido os gloriosos dias de Bussaco, de Albuera, de Fuentes de Honor, de Cidade Rodrigo, de Badajoz, de Salamanca, &c.: e sem estes dias de gloria, Portugal não seria hoje independente. Seria mesmo mui facil de provar que sem as eminentes qualidades moraes e guerreiras dos Portuguezes, e sem os incessantes cuidados, desvelos e providencias dos Governadores de Portugal, (que jornalistas e gazeteiros infames tantas vezes tem insultado, e a quem o mesmo Ministerio Britanico mais de huma vez tem rendido publica justiça, e publicos elogios,) ha muito que o exercito Inglez teria voltado para caza—re infecta.

Os Redactores do Edinburgh Review faltaõ igualmente á verdade, quando avançam—que os nossos navios navegaõ á sombra da Marinha Ingleza. Se elles querem dizer com isto que os navios de guerra Inglezes varrendo os mares de Corsarios Francezes para proteger o seu immenso commercio, fazem com que alguns dos nossos poucos navios não sejaõ tomados; huma tal protecção não he directa; e bem que seja de estimar, não he de agradecer. Se elles querem dizer que a Marinha Ingleza podia, se quizesse, tomar todos os nossos navios mercantes e dar cabo desse pequeno resto da nossa Marinha Real, que ainda ha pouco era mui florente, e que o não tem

feito: respondemos, que obrando assim faz o que deve: o contrario seria hum despotismo exacravel, e huma infamia de que o Governo, e a Nação Ingleza não he capaz; e que he só propria do tyranno da Europa, que sendo hoje detestado em todo o Continente, tem ainda admiradores em Inglaterra.

Faltaõ igualmente á verdade os Redactores do Edinburgh Review quando dizem que as nossas colonias nos são conservadas somente pela Marinha Ingleza. Se os Redactores (cujá linguagem por esta vez não he certamente clara, e exacta) querem dizer com isto que a grande Marinha Ingleza defende as nossas vastas colonias de toda a invazão franceza; respondemos o mesmo que ja dissemos a respeito da protecção que a dita Marinha dá aos nossos navios. Se alludem a huma pequena esquadra que tem no Brazil, respondemos que ella he alli mais util, infinitamente mais util aos interesses Britanicos do que aos dos Portuguezes; e se os Portuguezes tiraõ della alguma utilidade, amplamente a recompensão fornecendo gratuitamente á mesma esquadra os mantimentos necessarios. Os nossos votos são que se cuide mais doque se não tem feito, ha dez annos a esta parte, no augmento da nossa Marinha para nos não vermos mais nessa dependencia estrangeira. De resto, não he á Marinha Ingleza a quem se deve a conservação das nosssas colonias; he sim á innata, e inabalavel fidelidade de todos os habitantes dessas mesmas colonias, e de todo o vasto Imperio Portuguez ao seu Legitimo, e Adorado Principe.

Os Redactores avançando gratuitamente, que Portugal deve a sua existencia politica ao sangue, e thezouros Inglezes; que deve a sua pequena navegação actual, e a conservação das suas colonias á Marinha Ingleza: passaõ depois a hum verdadeiro insulto, dizendo que se não pode foffrer que o Governo Portuguez insista em reter a posse de Bissáo! Espanta com effeito esta linguagen na bôca de escritores pertencentes a huma Nação entre a qual nada ha tão respeitavel, como o sagrado direito da *Propriedade*! Bissáo pertence indisputavelmente ao Principe Regente de Portugal: logo a Inglaterra não tem direito algum

d'exigir de S. A. R. que lha ceda, troque, ou venda, quaesquer que sejam as vantagens que o Governo Inglez lhe proponha, ou offereça. Se os Redactores querem dizer que a Inglaterra, porque tem, actualmente, mais poder do que Portugal, o pode violentamente desapossar daquella Ilha; respondemos que esse procedimento seria perfeitamente igual ao que Bonaparte, ha treze annos, tem praticado para com a Europa toda. Mas nos estamos seguros que o Governo Inglez está profundamente convencido de que o Direito de baionetas, e de canhão não he Direito; e que os estados que se fundão, ou engrandecem por esse unico meio, tem sempre huma duração ephemera. O Governo Inglez he mui justo, e mui justa a Nação Ingleza; e nós estamos certos, que nunca recorrerá ao maldito direito da força contra o seu mais antigo, mais fiel, e generoso Alliado.

Os Directores da Instituição Africana, e os Redactores do Edinburgh Review enganaõ-se redondamente, ou faltaõ á verdade, quando suppoem que há ambiguidade no artigo 10 do Tratado de Amizade entre Portugal, e Inglaterra. Nos transcrevemos este artigo em o nosso No. XXVII, pag. 377: e ou não há artigo claro em tratado algum do mundo; ou este artigo 10, de que se trata, o he: e nem houve descuido do habil Negociador Inglez o Excellentissimo Lord Strangford; nem artificio da parte do Negociador Portuguez o Excellentissimo Conde de Linhares.

Por aquelle artigo se vê clara, e incontestavelmente que S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor se obrigou a co-operar com S. M. Britanica para a gradual abolição do commercio da escravatura; e a não permittir aos seos vassallos o continuar o commercio de escravos em outra alguma parte da Costa de Africa, que não pertença actualmente aos Dominios de S. A. R.

He igualmente claro, expresso, incontestavel no mesmo artigo decimo que S. A. R. o Principe Regente de Portugal, reservou *para os seos proprios vassallos o direito de comprar, e negociar em escravos nos Dominios Africanos da Coroa de Portugal.*

Para não deixar duvida alguma, o artigo declara

mais . . . “ Deve ficar distinctamente entendido, que as estipulaçoens do prezente artigo não serão considera-
das como invalidando, ou affectando de modo algum
os Direitos da Coroa de Portugal aos Territorios de
de Cabinda, e Molembo (os quaes Direitos foraõ em
outro tempo disputados pelo Governo de França)
nem como limitando, ou restringindo o Commercio de
Ajuda, e outros portos de Africa (situados sobre a
costa commummente chamada na Lingua Portugueza
Costa da Mina), que pertencem, ou a que tem per-
tengoens a Coroa de Portugal: estando S. A. R. o
Principe Regente de Portugal resolvido a não re-
signar nem deixar perder as suas justas, e legitimas
pertengoens aos mesmos, nem os direitos de seos vassal-
los de negociar com estes lugares, exactamente pela mes-
ma maneira, que elles ate aqui o praticavaõ.

Nos marcamos com letras italicas as estipulaçoens
que se achão no dito artigo 10 do Tratado, e que
fazem o objecto da injusta diatribe dos Revizores de
Edinburgh, para que se veja que não he possivel
haver estipulaçoens mais claras.

S. A. R. compromette-se por este artigo a co-operar
com S. M. Britanica para a *gradual abolição* do com-
mercio da escravatura. O tempo, e os meios ficáraõ
como deviaõ ficar á disposiçaõ, e escolha, sabedoria, e
prudencia de S. A. R. o Principe Regente Nosso Sen-
hor, cuja humanidade he superabundantemente no-
toria—Querer extinguir de rēpente e por meio da
força o commercio da escravatura nōs dominios de S.
A. R. he, a lem de hum passo altamente impolitico,
hum insulto: e com tudo he isso o que tem feito os
officiaes da Marinha Ingleza, affectando humanidade,
e zelo, não sendo senão depotismo, e avareza.

S. A. R. obrigou-se a não permittir aos seos vassal-
los o continuar o commercio de escravos em outra
alguma parte da Costa de Africa, que não pertença
actualmente aos Dominios de S. A. R. Isto he tão
claro que não pode admittir nenhuma outra interpre-
tação. Se os navios Portuguezes fossem pois nego-
ciar em escravatura a algum porto da Costa de Africa
que não pertencesse aos Dominios de S. A. R. os com-
mandantes Inglezes teriaõ claro direito de os aprezar,
e o Tribunal subalterno do Almirantado em Serra Leoa

teriaõ manifesta justiça para os julgar boas prezas. Mas nos desafiamos os Redactores de Edinburgh; desafiamos os Directores da Instituição Africana; desafiamos todos os commandantes Inglezes para que nos provem se algum dos muitos navios que nos tem aprezado foi negociar a porto que não pertença aos Dominios Portuguezes. Nem hum: temos presentes as provas. Logo as tomadias que tem feito dos nossos navios, e carregação são outros tantos roubos, e insultos filhos da mais sordida, e criminoza avareza de huns poucos de individuos, e não da ambiguidade do artigo 10 do Tratado de Amizade entre Portugal, e Inglaterra. Tal ambiguidade so lha pode achar quem não conhecer os primeiros elementos das linguas Portugueza, e Ingleza; ou quem tirver interesse em julgar ambiguo, o que he inquestionavelmente claro.

Taobem não pode haver ambiguidade no que se deve entender por *Costa da Mina*: porque o artigo diz expressamente—*ou outros portos de Africa* (situados sobre a costa commummente chamada na lingua Portugueza *Costa da Mina*). Trata-se da *Costa da Mina* assim chamada na lingua Portugueza, e não na lingua Ingleza, Hespanhola, Franceza, ou Turca; porque foraõ os Portuguezes que lá abordaraõ primeiro; foraõ elles que a conquistaraõ; foraõ elles que lhe deraõ o nome, que ainda hoje conserva.

A *Costa da Mina* sempre se marcou desde Cabo de Palmas ate Cabo Formozo: assim o juraõ os mais antigos, e todos os experimentados navegadores daquella costa; e por lembrança immemorial entre os Negociantes do Brazil assim se entendeo, e appellidou sempre em a nossa lingua. He assim que se deve entender o—commummente—do artigo. He assim que o entendeo sempre o Governo Portuguez, unico juiz neste cazo: he nesta fé que os Negociantes Portuguezes tem proseguido em seu commercio para os diversos portos daquella Costa; e he nesta fé que elles tem traçado as suas negociaçoens: he nesta fé que o Governo Portuguez as tem authorizado, e legitimado; porque os Despachos, e Passaporte he o acto, pelo qual o Governo não só permite a sahida da embarcação, e seu destino; mas tambem a julga conforme á lei, e a cobre com o seu sello.

Com tudo os officiaes da marinha Ingleza, quando

aprezáram a escuna—*Marianna*—declaráram que por *Costa da Mina*, ou portos designados no tratado por este nome Collectivo, se entendia — desde *Cabo de Tres Pontas ate Cabo Formozo*. E quem os authorizou a dar esta interpretação? Por certo que não foi o Governo Inglez, e muito menos o Portuguez; por certo que não foi a letra do tratado: logo foi huma interpretação arbitraria, e tal, qual convinha ao seu insaciavel dezejo de prezas: e não as podendo fazer aos seos inimigos, voltaram se para os seos amigos!!

Apezar deste despotismo dos officiaes Inglezes, as embarcaçoens Portuguezas limitáram se áquella nova demarcação de *Costa da Mina*. Assim mesmo foram tomadas!!! Os mesmos officiaes Inglezes, fazendo depois nova, e arbitraria demarcação, decláram que a expressão do tratado se entendia restricta ao porto de Ajudá, ou áquelles onde tremolasse a bandeira Portugueza: interpretação tão forçada, tão violenta, e tão despropozitada, que não merece refutação! Quem deo authoridade aos officiaes Inglezes e aos Tribunaes do Almirantado, quem os constituiu arbitros das cartas geographicas; quem os constituiu interpretes, e dispensadores do tratado?

Com tudo, os Negociantes Portuguezes ainda se sujeitáram a esta nova, e arbitraria demarcação: começaram a expedir suas embarcaçoens somente para aquelle porto de Ajudá. Mas quem poderá crer que os Navios Portuguezes alli estacionados; fundeados alli á sombra da fortaleza nacional; protegidos pelos mais sagrados direitos; cobertos com o Estandarte Real, do Seu Augusto Soberano; não tem alli mesmo escapado á desesperada sêde de prezas! Muitos destes navios tem alli mesmo sido tomados, e hostile, e barbaramente levados a Serra Leoa, outros tem sido obrigados a sair precipitadamente do Porto, e a abandonar suas negociaçoens! Provem acaso procedimentos tão criminosos, e tirannicos da ambiguidade do tratado? Não: elle he clarissimo. Procedimentos tão despoticos, e só dignos do Despota, que os infernos arrojáram ao mundo para fazer a sua desgraça, nascem, não da ambiguidade que não existe, mas do desprezo que muitos vassallos Inglezes, fóra do seu Paiz, tem por tudo o que he lei: nascem da sordida,

e criminoza fome de oiro ; e não do zelo pelos direitos da humanidade, nem do dezejo sincero, e puro de melhorar sua sorte. He a desesperada sede de prezas ; he a malvada fome de oiro, que tem pertendido achar ambiguidade n'hum artigo clarissimo do tratado ; que tem levado os Commandantes Inglezes a fazer novas, e arbitrias demarcaçoens do que se deve entender por *Costa da Mina* : que tem conduzido os Commandantes Inglezes ao temerario arrojo de querer, por fim, que não exista tal *Costa da Mina*, para extinguir de hum golpe o nosso Commercio naquella Costa, que nós, os primeiros, fizemos conhecer ás Naçoens da Europa.

“Seguramente pois, continuão os Redactores de Edinburgh ; he evidente, ou que o Ministerio Britânico não tem empregado sua influencia para com os Alliados, sobre os quaes devia ter a mais ampla authoridade—ou que os Portuguezes se tem comportado com hum insolencia, e ingratitude, para nada dizer de sua dobrez.”

Nós não sabemos se o Governo Inglez tem ou não empregado sua influencia para com o Ministerio Portuguez : o que sabemos he que aquelle nada properá, que justo seja, ao Governo Portuguez, a que este não annua promptamente. O que sabemos tambem he que os Redactores da Revista de Edinburgh, dizendo que o Ministerio Inglez deve ter a mais ampla authoridade sobre o Governo Portuguez, enunciaõ hum propozição, cuja verdade elles não são capazes de demonstrar : enunciaõ hum propozição tão injuriôza para o Ministerio Britânico, como escandaloza para o Governo Portuguez. Os Principios de Direito Publico, os Principios Politicos, que o Ministerio Inglez professa são mui diversos ; são diametralmente oppostos aos do Despota Corso : e o Governo Portuguez sabe o que deve á sua dignidade, e decoro.

He falso, falsissimo que os Portuguezes se tenham comportado com insolencia para com os Inglezes : desafiamos os Redactores para que produzaõ hum só facto. Com insolencia temos nós mostrado, que se tem portado para comnosco, os officiaes da Marinha

Ingleza, tomando arbitraria, e despoticamente os nossos navios.

He igualmente falso, falsissimo que os Portuguezes seião ingratos para com os Inglezes. Não ha hum só Portuguez que não reconheça e confesse o que devemos ao Governo, e á Nação Ingleza; e a gratidão do Governo, e de toda a Nação Portuguesa não tem tido limites: se os Redactores da Revista de Edinbourg o não sabem, he sua a culpa: leiaõ, estudem, e examinem, antes de enunciar proposições absurdas, que muito os desacreditaõ. O Governo e a Nação Portuguesa reconhecem que a Nação, e Governo Inglez nos tem prestado avultados succorros em gente, dinheiro, armas, &c.: mas a Nação Portuguesa e o Governo reconhecem tambem, que a cauza de Portugal he a de Inglaterra, a de Hespanha, a da Europa, a do mundo: e que se na defesa de taõ justa cauza Portugal interessa, e lucra como hum; a Inglaterra lucra, e interessa como mil. O Governo, e a Nação Portuguesa reconhecem os beneficios que devem ao Governo, e á Nação Ingleza: mas a Nação, e o Governo Portuguez reconhecem tambem que esses beneficios tem sido amplamente pagos; e que he indigno lançar-lhes em rosto. O Governo, e a Nação Portuguesa reconhecem que por grandes que sejaõ taes beneficios, inda quando não tivessem sido pagos, não daõ de modo algum ao Ministerio Inglez direito de exercer sobre o Governo Portuguez alguma authoridade. Confiamos muito na probidade, e justiça do Ministerio Inglez, para crer, nem se quer nos lembrarmos, que elle hade pôr em pratica o dictame dos Revizores de Edinburgh.

Concluem estes Revizores no segundo artigo que traduzimos da sua analyse, inculcando ao Governo Inglez a abolição forçada, e compulsoria do Commercio de escravatura dos Portuguezes; quer dizer inculcando ao Governo Inglez huma medida violenta, impolitica, injusta, e ultrajante: mas o Governo Inglez sabe que hum bom numero dos seos Gazeteiros, e Jornalistas deliraõ mui frequentemente: que o Commercio de escravatura dos Portuguezes he legal; e se acha sancionado clarissimamente pelo artigo 10 do Tratado de Amizade entre Portugal, e Inglaterra;

que S. A. R. somente se obrigou a concorrer da sua parte para a gradual abolição daquelle Commercio, sem que se estabelecesse tempo dentro do qual se devia extinguir completamente; que sendo o Governo Portuguez o primeiro no mundo que principiou a grande obra da abolição da escravatura, elle se não descuidara de ir empregando aquellas medidas que em sua Sabedoria, e prudencia achar mais adequadas para a gradual abolição daquelle Commercio: o Governo Inglez sabe que a abolição forçada, e compulsoria do Commercio de escravatura dos Portuguezes, equivaleria a huma declaração de guerra: finalmente o Governo Inglez conhece, que a repentina abolição do Commercio de escravatura seria o passo mais perigoso e funesto para o Brazil; assim como o sera a perpetuidade de hum tão vergonhoso trafico.

SCIENCIAS.

A JUNTA

Do Estabelecimento Nacional da Vaccina aos Professores de Medicina Pratica em cada huma das partes do Reino Unido.

A Junta do Estabelecimento Nacional da Vaccina tem observado com grande sentimento, que a mortandade produzida pelas bexigas, augmentou consideravelmente este anno. A Junta tem razão de attribuir este effeito á inconsiderada maneira com que hum grande numero de pessoas são ainda inoculadas annualmente com a materia variolosa, tanto nos estabelecimentos publicos de caridade, como em cazas particulares; e são depois obrigadas a ir duas ou tres vezes por semana, aos diversos lugares em que foram inoculadas nos differentes estados da doença. Por estes meios se propaga o contagio de huma extensa maneira, e a hum grao assustador. Tem-se feito esta mesma observação em Irlanda. O Real Collegio dos Cirurgioens de Dúblin em huma participação ultimamente feita ao Estabelecimento Nacional da Vaccina, observa, que, ha muitos annos os Membros, e Licenciados do Collegio, e, segundo se crê, todos os Phisicos, e Boticarios regulares em Irlanda, tem adoptado a pratica da vaccinação, permanecendo firme sua confiança nos effeitos antivariolosos da Vaccina; mas esta averiguado, que alguns charlataens continuão a inocular com a materia variolosa, e deste modo renovaõ e sustentão as origens do contagio. Para obviar a este damno o Estabelecimento Nacional da Vaccina recommenda com o maior encarecimento aos professores dos differentes ramos da Faculdade, em

cada huma das partes do Reino, que, á vista do exemplo dos mais eminentes Membro da profissã, tanto em Londres, como em Dublin, desanimem a inoculação das bexigas, ajustando-se entre si mesmos para evitar o uzo da materia varioloza. A associação dos Professores de Medicina e Cirurgia de Glocestershire, de que juntamos copia, he hum modelo de boa conducta, que se for imitado em todas as partes do Reino, nos apresentara em breve o agradavel prospecto da prompta extincção de huma doença, que tem sido, ha seculos, não menos *detrimentosa* a população dos estados, do que prejudicial a saude do genero-humano.

Por ordem da Junta.

Fr. MILMAN, Presidente.

JAMES HERVEY, Registrador.

REZOLUÇOENS

Dos Professores de Medicina no Condado de Gloucester.

Resolvido 1. Que nos vemos com magoa, os violentos prejuizos que nesta vizinhança existem contra a vaccinação.

II. Que a honra da profissão, e a reputação deste paiz requer que se empreguem todos os meios possiveis para os dissipar.

III. Que todos aquelles Professores, que estão satisfeitos com a efficacia da vaccinação, sao rogados para se unirem com nosco a fim de formar huma Sociedade, que se chamará—Associação vaccinica de Glocestershire.

IV. Que, os objectos desta Associação seraõ o promover a vaccina, e *desalentar a inoculação das bexigas*.

V. Que, com esta intenção, os Membros desta Associação declararaõ individual, e collectivamente, que elles, considerando os conhecimentos que tem da vaccina, se não julgaõ authorizados a practicar, ou a sancionar por qualquer modo que seja, o uzo da inocula-

ção das Bexigas; e consequentemente, que daqui em diante a renunciaõ.

Assignados — J. Baron, M. D. — C. B. Trye — R. Fletcher — G. B. Drayton — C. Cooke — J. Wilton — Jos. Mills — D. Cox — T. Washbourn — H. C. Boisragon, M. D. — C. Parry, M. D. — T. Newell — C. Ceagar — W. Wood — E. Humpage — S. Cambridge — T. Hughes — W. W. Darke — S. Snowden, M. D. — S. Humpage — W. Fry — H. Jenner — J. C. Hands — J. Terret — W. Dillon — W. S. Evans — R. Lovesy — R. Filkin — O. W. Bartley — J. Cooper — T. Jennings — T. Skey. — Total 33.

Este numero pouco depois augmentou-se a 63.

Resolvido—Que esta Junta unanimemente approva as resoluçoens tomadas no ajuntamento dos Cirurgioens e Boticarios de Gloucestershire; e ardentemente as recommendaõ para serem adoptadas pelos Professores em cada huma das partes do Reino.

Fr. MILMAN, Prezidente.

Fevereiro 18 de 1813.

AO RIGHT HON. LORD VISCONDE SIDMOUTH.

Leicester Square, 24 de Maio de 1813.

MY LORD,

A Junta do Estabelecimento Nacional da Vaccina recebeu os papeis incluzos, depois, que teve a honra de comunicar a V. S. o seu relatorio sobre o estado da vaccinaçaõ, durante o anno de 1812: e a Junta toma a liberdade de recommendar, que quando tiverem sido submettidos, e apresentados á Hon. Caza dos Communs, elles sejaõ impressos, e juntos como hum segundo appendice ao seu relatorio, que actualmente se acha na imprensa por ordem da Caza.

Estes papeis contem hum preciozo testemunho dos rapidos progressos, que n'hum dos nossos Governos Orientaes, tem feito a vaccinaçaõ nos annos de 1810 e 1811: e a Junta do Estabelecimento Nacional da Vac-

cina he de opiniaõ, que a prudente e judicioza conducta da Junta Medica de Madras no restabelecimento do Hospital das bexigas para nelle se receberem as pessoas accidentalmente atacadas desta doença, pode ser humalliçaõ proveitoza de instrucçaõ para os habitantes de outros paizes, a fim de que seguindo este exemplo preparem lugares separados para nelles receberem as pessoas affectadas atacadas desta doença, em ordem a prevenir o progresso da sua infecçaõ.

FR. MILMAN, Presidente.

JAMES HERVEY, Registrador.

Segue-se a Carta Judicial da Junta Medica datada do Forte de S. Jorge a 29 de Fevereiro de 1812, e o seguinte

MAPPA

Das pessoas *prosperamente vaccinadas* na superintendencia de Madras e outros differentes sitios, durante os annos de 1810 e 1811.

Em 1810.

Mezes	Machos	Femeas	Total
Janeiro . . .	6,935	5,333	12 273
Fevereiro . . .	7,542	5,769	13,3 1
Março . . .	8,255	6,387	14,642
Abril . . .	7,288	5,289	12,577
Maio . . .	5,807	4,616	10,423
Junho . . .	6,967	5,355	12,322
Julho . . .	8,075	5,280	13 355
Agosto . . .	6,670	4 680	11,350
Septembro . . .	7,363	5 307	12,669
Outubro . . .	7,317	5 829	13,146
Novembro . . .	7,016	5,314	12,330
Dezembro . . .	7,116	5,521	12,637
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	86,380	64,685	151,065
	<hr/>	<hr/>	<hr/>

Em 1811.

Mezes.	Machos	Femeas	Total
Janeiro	7,113	5,598	12,711
Fevereiro	6,683	5,425	12,108
Março	6,646	5,470	12,116
Abril	7,403	5,648	12,751
Maio	13,154	5,773	18,927
Junho	7,907	5,345	13,252
Julho	6,752	4,972	11,724
Agosto	7,052	5,094	12,146
Septembro	7,541	5,699	13,240
Outubro	7,226	5,412	12,638
Novembro	6,270	4,775	11,045
Dezembro	6,766	5,182	11,948
	90,218	64,393	154,611
Grandes totaes	176,598	129,078	305,676

Forte de S. Jorge, Secretaria da
Junta Medica, 15 de Fevereiro de
1812.

Copia verdadeira
(Assignado)

WILLIAM HORSMAN,
Superintendente General da Vac.

Copia verdadeira

(Assignado) FREDERICO GAHAGAN,
Secretaire do Governante.

CHIMICA.

Elementos de Chimica concernente á Agricultura, em hum Curso de Leituras para a Junta da Agricultura, por Sir Humphrey Davy, L. L. S. R. S. L. & E. M. R. I. Membro da Junta de Agricultura, da Academia Real Irlandeza, das Academias de S. Petersburgo, Stockholm, Berlin, Philadelphia, &c., e Professor Honorario de Chimica da Instituição Real.

ESTA he por muitos motivos huma das mais excellentes obras, que temos tido a satisfação de ler. A Agricultura he de todas as artes a mais necessaria, e a Chimica de todas as Sciencias a mais util, principalmente por que nos ensina os meios, que devemos adoptar para analisar os principios das terras, esterco, e vegetação. A união de dois ramos de conhecimentos tão importantes, debaixo da inspecção de hum tão penetrante, e infatigavel Philosopho, como Sir Humphrey Davy, não pode deixar de assegurar todas as vantagens, que podem resultar da applicação da Chimica á Agricultura; objecto este, que se tem por muito tempo ansiosamente desejado. Os nossos extractos, ainda que extensos, são antes meras provas da maneira admiravel, com que o Author trata destas materias, do que huma relação circumstanciada dos seus varios descobrimentos, e observaçoens originaes. Nos consideramos esta obra interessantissima: por isso não só a recommendamos muito, e muito aos nossos nacionaes; mas ate dezejariamos infinito que o Governo de Portugal a mandasse traduzir.

IMPORTANCIA DA CHIMICA.

HE quasi impossivel o emprender investigar objecto algum em Agricultura, sem que o achemos mais ou menos dependente de doutrinas, ou explanaçoens de-

rivadas da Chimica. — Se algum terreno for esteril, e intentarmos adoptar meios para obviar este defeito ; o methodo seguro de obter hum tal ponto será acertando com a causa da sua esterilidade, a qual necessariamente deve proceder de alguma imperfeição na condição do terreno ; e esta por meio de analyse Chimica poder-se-ha facilmente descobrir. — Algumas terras, que pela apparencia julgariamos ferteis, são com tudo na realidade muito infecundas ; e a observação commum, e a pratica ordinaria não ministraõ meios, com que se possa manifestar a causa, e obviar o effeito. A applicação de Agentes Chemicos em taes circumstancias he assas obvia ; pois que o terreno necessariamente conterá algum principio nocivo, que facilmente se possa descobrir, e com probabilidade destruir se promptamente. Se, por exemplo, acharmos alguns dos saes de ferro, poderemos decompo-los por meio da cal. No caso que haja excesso de terra siliciosa, devemos applicar barro e materia calcarea. Se o defeito proceder de falta de cal, o remedio he obvio. Supponhamos, que a materia vegetal existe em huma quantidade superflua ; o modo de a diminuir será lançando cal, cortando, e queimando. Se ao contrario houver falta de materia vegetal, o esterco promptamente remediará tal imperfeição.—Frequentemente se questiona relativamente ás differentes especies de cal, que se devem empregar na cultura das terras. Se acaso nos servissemos dos meios, que communmente se adoptaõ para decidir de todo ésta materia, seria necessario muito tempo, provavelmente mesmo alguns annos, e alem disso experiencias, que talvez fossem prejudiciaes ás Colheitas ; porem a condição da cal descobre-se brevemente por experiencias Chemicas, e deste modo se determina a propriedade da sua applicação, ou como cimento*, ou como adubo para as differentes terras. —A *Peat earth*† de huma certa

* A cal he assim chamada, visto manter em estado compacto as terras, á que he applicada.

† Substancia, que se forma de torroens de terra cubertos de relva, e debaixo dos quaes ha huma terra negra, humida, e esponjoza, a qual sendo cavada, e secca fôrma, o que chama *Davy peat earth*.

consistencia, e composição he hum excellente esterco ; porem ha algumas especies desta terra, que contem huma tao grande quantidade de ferro, que são absolutamente perniciosas ás plantas. Nada pode ser mais simples, que a experiencia Chimica, que se deve adoptar para determinar a condição, e os usos, que provavelmente resultarão de huma substancia desta qualidade.

Naõ ha ponto algum sobre o qual tenha havido maior discordancia de sentimentos, que o seguinte, i. e. qual he o periodo, em que o esterco está no maior estado de perfeição, para com elle adubarmos as terras ; se por ventura quando está fresco, ou quando tem passado pelo processo de fermentação ? E esta questão he ainda materia de controversia ; porem quem recorrer aos mais simples principios da Chimica não pode hesitar quanto ao plano, que deve seguir. Logo que o esterco principia a ser decomposto, as suas partes volateis, que são as mais essenciaes e efficazes, começam a ser exhaladas. O esterco, que tem fermentado á tal ponto, que fica reduzido meramente á huma massa molle, e cohesiva, geralmente tem perdido desde huma terça parte até metade dos seus mais uteis elementos. Por tanto apenas o processo fermentativo principiar, devemos immediatamente applica-lo, a fim de que por este meio venha a exercer toda a força possivel sobre a planta, e não perder por forma alguma os seus poderes nutritivos.—O apreço e usos de todas as especies de productos da Agricultura são avaliados, e applicados o mais correctamente possivel, quando o conhecimento pratico he soccorrido por principios derivados da Chimica. Os vegetaes contem hum mui pequeno numero de substancias, cujas qualidades nutritivas formão o sustento dos animaes ; taes são, a farinha, ou a materia pura do amido, o gluten, a gelea vegetal, e o extracto. De todas estas substancias a mais nutriente he o gluten, por isso que na sua natureza se assemelha mais á materia animal ; e sendo hum dos ingredientes do trigo, este he consequentemente superior á todas as especies de grão. A segunda substancia, quanto aos poderes nutrientes, he o assucar, segue-se depois a farinha, e a final as materias gelatinosas, e extractivas. As differentes especies de ali-

mento serão mais ou menos nutrientes, segundo as quantidades relativas, que na sua analyse ellas indicarem possuir destas substancias; e ainda que o gosto, e a apparencia tem huma grande influencia quanto ao consumo de todos os artigos, quando felizmente ha abundancia, com tudo no tempo de mingoa se attende menos á taes circumstancias, e então o conhecimento destas materias vem a ser do maior beneficio ao publico. O assucar, farinha, ou amido são muito semelhantes em composiçaõ, e por meio de simples processos Chímicos podemos converter a natureza de hum em outro. Tratando das suas relaçoens exporei as results de algumas experiencias, as quaes achar-se-hão possuir applicaçoens não só para a economia da vegetaço, mas tambem para alguns processos importantes das manufacturas.

PABULO DA VEGETAÇÃO.

TODAS as variedades de substancias, que as plantas contem, são produzidas do succo; este he derivado d'agoa, ou dos fluidos do terreno, e he alterado pelos elementos recebidos da atmosfera, ou está em estado de combinaçaõ com estes. Por conseguinte passaremos a considerar a influencia do terreno, d'agoa, e do ar. Os terrenos sempre constão de huma mistura de differentes terras bem divididas, com substancias vegetaes, e animaes no estado de decomposiçaõ, e juntamente certos ingredientes salinos. As terras são a propria base do terreno; as outras partes, quer ellas sejam naturaes quer ellas sejam artificialmente introduzidas, são semelhantes á estercos na sua operaçaõ. Quatro terras em geral são abundantes nos terrenos i. e. as aluminosas, as siliciosas, as calcareas, e as magnesianas. Estas terras, como tenho descoberto, consistem de metaes muito inflammaveis unidos com ar puro, ou oxygenio; e, a meo ver, ellas não são decompostas, ou alteradas na vegetaço.

O grande uso do terreno he para servir de apoio á planta, para habilita-la a firmar as suas raizes, e a derivar vagarosa, e gradualmente por meio dos seus tubos nutrimento das substancias soluveis, e dissolvidas, que

estão misturadas com as terras.—Não se pode duvidar, que a fertilidade depende de huma mistura particular das terras: e quasi todos os terrenos estereis podem ser melhorados modificando-se os seus principios terreos. Descreverei o methodo mais simples, que se tem ate agora descoberto, de analysar terrenos, e acertar com a natureza, e ingredientes Chimicos, que parecem ter connexão com a fertilidade; e acharemos removidas, por indagaçoens modernas, muitas das difficuldades, que anteriormente se apresentavaõ na investigação desta materia.—A necessidade d'agua para a vegetação, e o viço das plantas, que com a presença da humidade se observava nos paizes Austraes do velho continente, deo origem á opiniaõ muito dominante nas escolas antigas de Philosophia, que a agoa era o grande elemento productivo, da substancia da qual todas as coizas podiaõ ser compostas, e que nella a final todas as outras substancias se resolviao. O “*αριστον μιν ἰδωρ*” do poeta, “a agoa he a mais nobre,” parece indicar esta opiniaõ, a qual os Gregos aprenderaõ dos Egypcios, foi ensinada por Thales, e modernamente restaurada pelos Alchemistas. Van Helmont em 1610 pensou, que tinha provado por huma experiencia Chimica decisiva, que todos os ingredientes dos vegetaes podiaõ ser produzidos d'agua. Woodward em 1691. mostrou, que esta opiniaõ era erronea; porem o verdadeiro uso d'agua na vegetação era desconhecido ate o anno de 1785, quando M. Cavendish fez o immortal descobrimento, que esta consistia de dois fluidos elasticos i. e. gas inflammavel ou hydrogenio, e gas vital ou oxygenio.—Semelhante á agoa, o ar era considerado pela maior parte dos Philosophos antigos como hum elemento puro: alguns Chimicos nos seculos decimo sexto, e decimo septimo formaraõ conjecturas sagazes relativamente a sua propria natureza. Sir Kenelm Digby em 1660 suppôs, que este continha huma porção de materia salina, a qual era hum alimento essencial das plantas. Boyle, Hooke e Mayow, entre os annos 1665, e 1680 affirmaraõ, que huma pequena parte deste meramente era consumida na respiração dos animaes, e na combustão dos corpos inflammaveis; porem a verdadeira analysis *statical* da atmosfera he comparativamente hum trabalho moderno concluido

nos fins do seculo passado por Scheele, Priestly, e Lavoisier. Estes grandes homens mostraraõ, que os seos principaes elementos saõ dois gases, oxygenio, e azote, dos quaes o primeiro he essencial para a combustaõ, e para a vida dos animaes, e que o ar tambem contem pequenas quantidades de vapor aquoso e gas acido carbonico; e Lavoisier provou que esta ultima substancia he hum corpo elastico, composto de carvaõ dissolvido em oxygenio.

ESTERCOS.

A theorica da operaçao geral dos esterco de natureza complicada podemos faze-la inteiramente comprehensivel por meio de simples principios Chemicos; naõ obstante resta muito que descobrir relativamente aos melhores methodos, que se devem usar para fazer solaveis as substancias vegetaes e animaes; quanto aos processos de decomposiçaõ, como os podereinos accelerar ou retardar, e os meios de produzir os mais poderosos effeitos das substancias, que se empregarem; estes objectos seraõ o assumpto da nossa leitura a respeito dos Esterco. As plantas sendo analysadas se achaõ constar principalmente de carvaõ, e materia aeriforme. Na sua distillaçaõ exhalaaõ compostos volateis, cujos elementos saõ ar puro, ar inflammavel, materia carbonacea, e azote, ou aquella substancia elastica que he hum dos principaes ingredientes da atmosfera, e que he incapaz de sustentar combustaõ. As plantas adquirem estes elementos ou do ar por meio das folhas, ou do terreno por meio das raizes. Todos os esterco das substancias organizadas contem os principios de materia vegetal, os quaes durante o processo de putrefacçaõ saõ reduzidos a hum estado soluvel n'agoa, ou ao estado aeriforme, e neste estado saõ absorvidos pelos orgaõs das plantas. Naõ ha principio, que de si mesmo produza o pabulo da vida vegetal; ao contrario o carvaõ, o hydrogenio, o azote, e oxygenio em varios estados, e combinaçoens saõ juntamente necessarios para o complemento desta funçaõ. As substancias organicas, logo que perdem o poder vital, principaaõ a soffrer

huma serie de mudanças, a qual termina em huma completa destruição, separando-se, e dissipando-se inteiramente os seus ingredientes. As materias animaes são as que mais rapidamente se destroem pela operação do ar, calor, e luz. As substancias vegetaes são mais vagarosas na sua decomposição, porem são finalmente consumidas pelo mesmo processo. Os periodos, em que se devem usar os esterco das materias vegetaes e animaes no estado de decomposição, dependem do conhecimento destes principios, e eu relatarei alguns factos novos, e importantes fundados sobre estes, os quaes tenho esperanças de que removerão toda e qualquer duvida desta parte da theorica da Agricultura. A Chimica dos esterco de natureza mais simples, os quaes produzem os seus effectos em mui pequenas quantidades, taes como o gesso, alkalles, e varias substancias salinas, tem estado ate ao presente envolvida em obscuridade. A opiniaõ commum tem sido, que estas materias tem o mesmo effecto na economia vegetal, que os condimentos, ou estimulantes tem na animal, e que ellas augmentaõ o poder nutritivo do alimento ordinario. Com tudo parece ser mais razoavel, que ellas são actualmente parte do verdadeiro sustento das plantas e que alem disso fornecem á fibra vegetal aquella especie de substancia, que he analoga á materia ossea nas estruturas animaes.

CAL.

Os Romanos usavaõ de Cal para fertilizar os terrenos, onde existiaõ arvores de fruto. Plinio assim nos informa. Os habitantes da Gran Bretanha, e os Francezes desde o periodo o mais remoto tinhaõ adubado com barro branco a superficie das suas terras. Porem julgo que se ignora o tempo exacto, em que a cal queimada foi geralmente usada na cultivacão das terras. A origem da sua applicacão na lavoura antiga he sufficientemente obvia, quando reflectimos, que huma substancia, que se tinha achado util na cultura das hortas, devia naturalmente cedo ser experimentada na dos campos; e nos paizes, onde não houvesse o barro branco, he de suppor, que a pedra de cal calcinada fosse substituida em seu lugar. Os

authores antigos de Agricultura tinham noções erroneas relativamente á natureza da cal, pedra de cal, e barro branco, ou dos seus effeitos; e isto era huma consequencia necessaria do estado imperfeito, em que a Chimica então se achava os Alchimistas julgavam que a materia calcarea era huma terra particular, a qual no fogo se combinava com hum acido inflammavel; e Evelyn, Hartlib, e mais modernamente Lisle, nas suas obras de Agricultura, tem caracterizado esta terra meramente como hum esterco quente, util para os terrenos *frios*. O Dr. Black de Edinburgo foi o primeiro, que nos deu claros rudimentos do conhecimento desta materia. Perto do anno 1755 este celebre Professor provou, por meio de experiencias as mais decisivas, que a pedra de cal e todas as suas modificações, taes como marmores, gredas, e barros brancos, constavam principalmente de huma terra peculiar unida com hum acido aereo; de mais, que este acido he exhalado no processo da combustão occasionando huma perda de mais de 40 per cent., e que a cal fica por conseguinte caustica. Estes factos importantes immediatamente removeram as difficuldades, que se offereciam na explanação dos usos da cal, ja como cimento, ou como esterco. Como cimento a cal usada no seu estado caustico adquire firmeza, e duração absorbendo o acido aereo (ou segundo a nomenclatura moderna o acido carbonico) o qual sempre existe em pequenas porções no ar; e a cal desta maneira he (para assim dizer) de novo reduzida ao estado de pedra de cal. Gredas, barros brancos, ou pedras calcareas pulverizadas servem meramente para formar hum util ingrediente terreo, e a sua effcacia he conforme a falta de materia calcarea, a qual em maiores ou menores quantidades, parece ser hum principio essencial de todos os terrenos ferteis, dando-lhes talvez huma propria consistencia, e entrando ao mesmo tempo na composição dos orgãos das plantas. O primeiro effeito da cal queimada he o de decompor a materia vegetal e animal, e deste modo reduzi-la ao estado, em que mais rapidamente pode servir de nutrimento vegetal; ora ainda que a cal he gradualmente neutralizada pelo acido carbonico, e convertida em huma substancia analogá á greda, com

tudo neste caso se mistura perfeitamente com os outros ingredientes do terreno, he mais geralmente espalhada, e bem dividida; e provavelmente he de maior utilidade as terras, que outra qualquer substancia calcarea no seo estado natural. M. Tennant, ha poucos annos, fez o mais importante descobrimento relativamente á pedra de cal. Era hum facto assas sabido, que hum especie de pedra calcarea, achada em varias partes do norte da Inglaterra, sendo applicada as terras no estado caldeado e queimado, occasionava esterilidade, ou por muitos annos prejudicava as colheitas. M. Tennant, no anno de 1800, analysando esta especie de pedra calcarea, achou que differencava-se das pedras calcareas ordinarias em conter terra magnesia; e por varias experiencias provou, que esta terra era dannosa á vegetação, quando se usava em grandes quantidades no seo estado caustico. Com tudo a pedra calcarea combinada com magnesia se applica commummente com bom effeito, em pequenas porções, nos terrenos ferteis de Leicestershire, Derbyshire, e Yorkshire; e em terras, que contem grande quantidade de materia vegetal, poder-se-ha usar em maiores porções. A magnesia no estado de combinação com o gaz acido carbonico nos parece ser prejudicial á vegetação, e em terrenos, onde ha esterco em abundancia, une-se aceleradamente com este corpo elastico, derivado da decomposição do dito esterco.

GRAVITAÇÃO.

A Gravitação tem hum influencia mui grande no crescimento das plantas; e he provavel, segundo as experiencias de M. Knight, que estas devem quasi inteiramente á esta força a direcção particular das suas raizes, e ramos. Este sabio fixou algumas favas na circunferencia de hum roda, a qual foi hum vez posta vertical, e outra vez horizontalmente, e por meio de outra roda movida por agoa fe-la revolver de tal maneira, que o numero das voltas podesse ser regulado; as favas erão suppridas com humidade, e estavam debaixo de circumstancias favoraveis á vege-

tação. A maior velocidade, que a roda recebia, era tal, que fazia 250 revoluções em hum minuto.— Achou-se, que em todos estes casos as favas crescerão, e que a direcção das suas raizes, e talo era influida pelo movimento da roda. Quando a força centrifuga era superior á força de gravitação (o que suppunha-se acontecer quando a roda vertical fazia 150 revoluções em hum minuto), todas as radículas, qualquer que fosse a direcção, que anteriormente tomassem segundo a posição das favas, viravaõ as suas pontas da circumferencia da roda para fora, e no seo futuro crescimento apartavaõ-se do seo eixo em angulos rectos; os germes ao contrario tomaraõ huma direcção opposta, e em poucos dias todas as suas pontas se uniraõ no centro da roda. Quando a força centrifuga foi meramente empregada a modificar a força de gravitação na roda horizontal, onde se usava a maior velocidade de revolução, as radículas aponta-raõ para baixo perto de dez grãos abaixo da linha horizontal do movimento da roda, e os germes outros trantos grãos acima da dita linha, e o desvio da perpendicular era menor á proporção, que o movimento era menos rapido. Estes factos daõ huma solução racional deste problema curioso, sobre o qual varios Philosophos tem promulgado opinioens tam diferentes; huns julgando proceder da natureza do succo, como De la Hire; outros, como Darwin, attribuindo aos poderes viventes da planta, ao estímulo do ar sobre as folhas, e da humidade sobre as raizes. O effeito tem-se mostrado depender de causas mechanicas; e não parece haver poder algum na natureza, ao qual se possa com propriedade referir, senão á gravidade, que obra universalmente, e que ao mesmo tempo concorrerá para dispor as partes a tomarem huma direcção uniforme.

CALOR.

Quanto á natureza do calor duas são as opinioens dominantes. Alguns Philosophos julgaõ este ser hum fluido subtil, e peculiar, cujas particulas repellem-se mutuamente, mas tem huma grande attracção para

particulas de outras materias. Outros Philosophos ao contrario pensão, que o calor he hum movimento, ou vibraçaõ das particulas da materia, a qual elles suppoem ser differente em velocidade em varios casos, e por este modo produzir os differentes grãos de calor. Qualquer que seja a decizaõ final sobre estas opinioens, o certo he, que existe entre nós e os corpos celestes, materia em estado de movimento capaz de comunicar calor; cujos movimentos são rectilineos: assim os raios do sol produzem calor na sua acçaõ sobre a superficie da terra. As admiraveis experiencias do Dr. Herschel tem mostrado, que ha raios, que emanaõ do sol, os quaes não illuminaõ, e não obstante causão mais calor, que os raios visiveis; e M. Ritter, e o Dr. Wollaston tem provado, que existem outros raios invisiveis, os quaes se distinguem pelos seus effeitos Chemicos.

ELECTRICIDADE.

Os Philosophos tem differentes opinioens sobre a natureza da electricidade; huns suppoem, que os phenomenos dependem de hum fluido simples e subtil, o qual existindo em excesso nos corpos, estes dizem-se estar no estado de electricidade *positiva*, e ao contrario no estado *negativo*, havendo deficiencia do dito fluido. Outros julgaõ, que os effeitos são produzidos por dois fluidos differentes, aos quaes dão os nomes, hum de fluido resinozo, e outro de fluido vitreo; e outros os consideraõ como affecçoens ou movimentos da materia, ou huma representaçã de poderes attractivos semelhantes á aquelles que produzem combinaçaõ e decomposiçaõ Chimica, mas com a differença, que exercem a sua acçaõ em massas.

SUCCO DAS PLANTAS.

M. Knight, e outros Physiologists tem mostrado por meio de experiencias, que a cauza principal do crescimento d'arvore procede do succo descer pela casca, depois de ser modificado nas folhas; assim se acaso se faz huma incisaõ na casca, observa-se, que

na parte superior desta cortadura he onde principalmente apparece a formação da nova casca; e quando ao mesmo tempo se remove huma lasca do lenho da mesma arvore, huma nova producção se observa immediatamente debaixo da casca; com tudo as observaçoens modernas de M. Palissot de Beauvois parecem provar, que o succo pode ser transferido á casca de tal maneira, que venha a exercer as suas funcçoens nutritivas sem ser necessario, que circule geralmente pela arvore. Este physiologista separou de differentes arvores varias porçoens de casca, as quaes achou, que cresciaõ da mesma forma, que a casca no seo estado natural. Esta experiencia teve o maior successo no til, bordo, e lilaz (*sysinga vulgaris*); as cascas foraõ separadas em Agosto de 1810, e na primavera do anno seguinte se observaraõ nas do bordo e Lilaz renovos pequenos produzidos nas partes, onde estas tinhaõ sido cortadas.

SUBSTANCIAS VEGETAES.

As substancias compostas, que se achaõ nos vegetaes saõ.—1. gomma, ou mucilagem, e as suas differentes modificaçoens; 2. amido; 3. assucar; 4. albumen; 5. gluten; 6. gomma elastica; 7. extracto; 8. tannino; 9. anil; 10. principio narcotico; 11. principio amargoso; 12. cera; 13. resinas; 14. canfora; 15. oleos fixos; 16. oleos volateis; 17. fibra lignea; 18. acidos; 19. alkalis; terras, oxidos metallicos, e compostos salinos.

GOMMA.

Gomma he huma substancia, que emana de certas arvores; apparece na forma de hum fluido denso, o qual cedo-se endurece no ar, e se converte em solido; quando ella he branca ou hum tanto amarella, mais ou menos transparente, e hum pouco quebradiça, a sua gravidade especifica varia de 1300 a 1490. Ha grande variedade de gommias, porem as melhores saõ a gomma arabica, a gomma de Senegal, de tragacantho, da

ameixieira, e cerejeira. A Gomma he soluvel n'agoa, porem insoluel em espirito de vinho. Se dissolvermos gomma em agoa, e lançarmos na soluçaõ espirito de vinho, ou alcohol, a gomma separar-se-ha na forma de folhecas brancas. A Gomma inflamma-se com difficuldade; durante este processo observa-se muita humidade, e juntamente hum fumo escuro acompanhado de huma chama fraca, e azul; e o residuo he carvão.

MUCILAGEM.

A Mucilagem deve ser considerada como huma variedade de gomma; concorda com esta nas propriedades as mais importantes, mas parece ter menos attracção para a agoa. Segundo Hermbstadt, quando a gomma, e a mucilagem estão dissolvidas n'agoa, poderemos separar a mucilagem por meio do acido sulphurico.—Pode-se obter mucilagem das sementes do linho, das cabeças da flor do Jacinto, das folhas de malvas, de varias especies de *Lichens* ou musgos, e de muitas outras substancias vegetaes.—Conforme a analysis de M. M. Gay Lussac e Thenard a gomma Arabica parece conter em 100 partes—de carvão 42,23,—de oxygenio 50,84—de hydrogenio 6,93—com huma pequena quantidade de materia salina, e terrea. Esta computação quasi que concorda com as determinadas proporçoens de 11 de carvão—10 de oxygenio—e 20 de hydrogenio—

AMIDO.

O Amido pode-se obter de differentes vegetaes, mas particularmente do trigo, e batatas. Para se extrahir amido do trigo devemos macerar o grão em agoa fria, ate ficar molle, e produzir por meio da compressão hum succo lacteo; he então posto em saccos de pano de linho, e espremido em huma dorna ou tina cheia d'agoa: em quanto apparece algum succo branco se continua a comprimir; o fluido gradualmente faz-se transparente, e hum po branco assenta no fundo da dorna, o qual he o amido.—O

amido forma huma parte principal de muitas das substancias vegetaes comestiveis; swins*, a mandioca, o salopt†, e o sagú devem os seus poderes nutrientes principalmente ao amido, que contem.

ASSUCAR.

As experiencias de Proust, Achard, Gettling, e Parmentier parecem provar, que ha varias especies de assucar, que ja se achão formadas no reino vegetal. O assucar que se assemelha mais ao da cana, he extrahido do succo do bordo Americano (*Acer saccharinum*). Este assucar he uzado pelos lavradores da America do Norte, os quaes o obtem por huma especie de manufactura domestica. No principio da primavera fazem no tronco d'arvore hum buraco perto de duas polegadas; introduzem neste buraco hum bica de páo; e o succo escorre perto de cinco ou seis semanas. Huma arvore de grandeza mediana, i. e. de 2 até 3 pes em diametro, renderá quasi 200 quartilhos de succo, e cada quarenta produzirá perto de hum arratel de assucar. Este succo he neutralizado pela cal, e na sua evaporação deposita cristaes de assucar. O assucar das uvas tem sido modernamente usado na França como substituto do assucar Colonial. He extrahido do succo das uvas maduras por meio da evaporação, e acção da barilha; he menos doce, que o assucar commum, e tem hum sabor particular: produz huma sensação fria quando se dissolve na boca; e provavelmente contem huma maior porção d'agoa, ou dos seus elementos.—As raizes das acelgas (*Beta vulgaris*, et *cicla*) produzem hum assucar particular, sendo cozidas, e evaporando-se o extracto: concorda em propriedades geraes com o assucar das uvas, mas tem hum gosto hum tanto amargo.—O miana, substancia esta, que se obtem de varias arvores, particularmente do *Fraxinus Ornus* (huma especie de freixo, que cresce abundantemente na Sicilia, e Calabria) pode ser considerado como huma variedade de assucar mui analogo ao assucar das uvas. Fourcroy e Vauquelin

* Huma geleia hum tanto acida feita de avea.

† Assim se chamaõ as raizes seccas da planta *Orchis morio*.

tem extrahido da cebola commum (*Alium cepa*) huma substancia semelhante ao mana.—Tem-se tambem obtido assucar dos succos das seguintes substancias vegetaes, i. e. da *Betula alba*, do sycomoro (*Acer Pseudoplatinus*) do Bambú (*Arundo Bumbos*) do Maiz (*Zea Mays*) da Cenoura branca de Vaca (*Heracleum Spondylium*) do Coqueiro (*Cocos nucifera*) da Noqueira (*Juglas alba*) do Aloes Americano (*Agave Americana*) do Fucus *Palmatus*, da Cenoura branca commum (*Partinica sativa*) do Páo de S. João (*cera-tonica siliqua*) da fruta do Medronheiro (*Arbutus Unedo*) e d'outras frutas doces; das raizes de nabos (*Branica Rapa*) da Cenoura (*Daucus Carota*) da Salsa (*Apium Petroselinum*) da flor do Rhododendro Euxino (*Rhododendron Ponticum*) e do nectario de todas as outras flores.

GLUTEN.

O gluten pode-se extrahir da farinha pelo processo seguinte; devemos reduzir a farinha á massa, a qual deve ser lavada cuidadosamente, sendo amassada em huma pequena corrente d'agoa, até esta levar com sigo todo o amido; e o que restar he o gluten. He huma substancia viscosa, flexivel, e elastica. Não tem sabor. Sendo exposta ao ar adquire huma cor trigueira. He mui pouco soluvel em agoa fria; e inteiramente insolúvel em alcohol. Quando se aqueceta a agoa, em que está dissolvido, separa-se na forma de folhecas brancas; nesta parte he semelhante ao albumen, porem differe muito deste em ser excessivamente mais insolúvel n'agoa; pois que a solução de albumen não se coagula quando contem muito menos de 1000 partes de albumen, sendo que o gluten necessita para dissolver-se mais de 1000 partes d'agoa fria. O Gluten quando he queimado dá productos semelhantes aos do albumen, e provavelmente he muito analogo á este na sua composição; o gluten acha-se no maior numero das plantas; Proust o descobrio nas Sandes, nas castanhas communs e da especie *equina*, em maçãs, e marmelos, na cevada, centeo, ervilhas, e favas; juntamente nas folhas da arruda, couve, masturços, borragem, açafraão, nas bagas do sabagueiro, e

nas uvas. O Gluten parece ser hum dos mais nutrientes das substancias vegetaes; e o trigo he superior á outro qualquer grão, visto conte-lo em maior quantidade.

TANNINO.

Taboa de numeros que mostra a quantidade de tannino produzida por 480 libras de diversas Cascas, a qual indica pouco mais ou menos os seus relativos valores.

	<i>lbs.</i>
De hum Carvalho de mediana grandeza cortado na primavera	29
De Castanheiro Hespanhol	21
De Salgueiro de Leicester bastantemente grande	33
De Olmo	13
De Salgueiro commum-grende	11
De Freixo	16
De Faia	10
De Castanheiro da especie Equina	9
De Sycomoro	11
De Alemo de Lombardia	15
De Betula	8
De Aveleira	14
De Abrunheiro	16
De Carvalho <i>Coppice</i> *	32
De Carvalho, cortado no outono	21
De Larico, cortado no outono	8
Lamina de casca de carvalho	72

A quantidade de tannino nas cascas varia em diferentes estaçoens; quando a primavera tem sido muito fria, ha a menor porção. Em geral 4 ou 5 libras de boa casca de carvalho são necessarias para curtir huma libra de coiro. As laminas interiores de todas as cascas contem a maior quantidade de tannino. As cascas contem a maior porção de tannino no tempo, em que os gommos começam a abrir-se, —e no inverno a menor quantidade.

(Continuar-se-ha.)

* *Coppice* significa huma floresta d'arvores, as quaes são decotadas em certos tempos para lenha, varas, casca, &c., e cujo crescimento he por tanto suspenso.

CORRESPONDENCIA.

CONTINUAÇÃO

Da Carta dirigida aos Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e a Gram-Bretanha. Continuada de pag. 426 deste volume.

ARTIGO 7.

“ As duas Altas Partes Contratantes rezolverão, a respeito dos privilegios que devem gozar os vassallos de cada huma dellas nos territorios, ou dominios da outra, que se observasse de ambas as partes a mais perfeita reciprocidade. E os vassallos de cada huma das Altas Partes Contratantes terão livre, e inquestionavel Direito de viajar e de rezidir nos territorios, ou dominios da outra, de occupar cazas, e Armazaens; e de dispor da propriedade pessoal de qualquer qualidade ou denominação, por venda, doação, troca, ou testamento, ou por outro qualquer modo, sem que se lhe ponha o mais leve impedimento, ou obstaculo. Elles não serão obrigados a pagar tributos, ou impostos alguns de baixo de qualquer pretexto, que seja, maiores do que aquelles que pagão, ou possam ser pagos pelos proprios vassallos do Soberano em cujos dominios elles rezidirem.”

Em consequencia deste artigo parece claro que nem os Inglezes devião pagar nos Dominios Portuguezes mais do que os vassallos Portuguezes; nem estes nos Dominios Britanicos mais, do que os vassallos Inglezes; e alem disso ve-se bem clara, e distinctamente, que os vassallos Inglezes são sujeitos nos Dominios Portuguezes a todas as leis, regulaçoens de Policia, &c. &c. &c. como alli o são os vassallos Portuguezes: e que os Portuguezes que rezidirem em Inglaterra são postos no mesmo pé em que alli estão os proprios Inglezes; e por tanto não só não devem alli pagar maiores Direitos, ou impostos, de baixo de pretexto algum, do que aquelles, que os mesmos vassallos Inglezes pagão;

mas tambem tem o direito de entrar em Inglaterra, viajar, e tornar a sahir sem nenhuma licença nem Passaporte, assim como acontece aos Inglezes, sem ninguem ter direito legal de lhe pôr o mais pequeno embaraço, ou obstaculo.

Segundo espirito do artigo 34, ultimo do Tratado, devia não só isto, mas tudo o mais que delle consta, ser primeiramente cumprido por S. M. Britanica; e sem isso não devia ter-se começado a cumprir coiza alguma do dito Tratado em parte alguma dos Dominios Portuguezes: de cuja regularidade, conforme com a letra, e espirito delle teria rezultado —que logo que os Portuguezes, rezidentes em Inglaterra, virão que o *Alien office* lhes continuava a pôr os mesmos obstaculos, e restricçoens que lhes punha antes de haver semelhante Tratado (em commum com os Francezes, Italianos, Americanos, e em geral todos os estrangeiros), e que a Alfandega, e mais Repartiçoens competentes, continuavão a obrigar a pagar Scavage, Package, Balliage, &c. &c., como ate alli pagavão por Lei em commum com todos os mais estrangeiros, como fica dito, e se vê da *Table of rates*, e dos Actos 26, Cap. 60—39, cap. 69—43, cap. 155 —e 49, cap. 98 George 3. e que requerendo os Negociantes Portuguezes rezidentes em Londres ao Conselho Privado de S. M. Britanica para que se lhes concedesse o que se lhes tinha promettido não só não obtiverão o que se lhes devia, mas ate passáráo pelo desgosto de receberem huma resposta* que julgáráo mais como hum ameaço do que como huma resposta satisfactoria, qual tinhaõ indisputavel direito d'esperar; estes teriaõ representado ao seu Governo, que tão importantes estipulaçoens não só não tinhaõ sido executadas por S. M. Britanica conforme a letra, e espirito do citado artigo 34; mas que ate o Parlamento as desapprovára, como se vê do Acto 51 George 3. cap. 47 pag. 365†,

* Veja-se o Vol. II. do Investigador Portuguez pag. 493 e pag. 625, e seguintes. Os Redactores.

† Eis aqui as proprias palavras deste Acto—Provided always, that nothing in this Act shall extend, or be construed to extend, to repeal, or in anywise alter the Duties of *Package, Scavage, Balliage, or Postage*, or any other Duties payable to the Mayor, and Commonalty and Citizens of the City of *London*, or to the Lord Mayor of the said City for the Time being, or to any other City or Town Corporate within this Kingdom, or to any Subject or Subjects of His Majesty, or to repeal, or in anywise alter any special Privilege, or exemption to which any Person or Persons, Bodies Politic or Corporate, is or are now entitled by law, but the same shall be continued as heretofore.

A' vista destas excepçoens parece que S. A. R. o Principe Regente N. S. podia declarar nullo o Tratado: pelo menos tem inquestionavel

por tudo pertencer aos privilegios da Cidade de Londres, e outras corporações : e que por conseguinte estes dois actos praticados pelo Governo Inglez tornáráo o dito Tratado inteiramente nullo : porque o Governo Inglez não tinha direito de o approvar somente no que lhe convinha, e desapprovar aquellás condições, que poem os navios, e Vassallos Portuguezes no mesmo pé dos Inglezes ; estipulações, que se acazo se cumprissem em Inglaterra resultaria disso o dividirem-se entre os navios, e Vassallos das duas Nações aquelles dez ou mais milhoens de fretes, e as Commissions daquelles generos ; o contrario tem acontecido em grande parte, e pode vir a acontecer no todo em consequencia das ditas excepções, e do mais que ja disse em lugar competente ; e por conseguinte o Governo Portuguez deveria ter considerado o dito tratado nullo, e como se elle nunca tivesse existido ; e governar em seos Dominios como lhe conviesse. Mas ou o tivesse considerado nullo, ou não, he incontestavel, que em todo o cazo devia ter feito pagar dentro em seos Dominios aos navios, e vassallos Inglezes, não o mesmo que os Portuguezes alli pagão, mas sim o mesmo que estes são obrigados a pagar em Inglaterra ; porque se hum navio Portuguez paga em commum com todos os mais estrangeiros, em Inglaterra, mais do que hum Inglez, por luzes não sendo possivel que ellas alumiem mais a hum do que ao outro ; se elle paga mais direitos de Trindade do que hum Inglez ; se elle paga direitos de Pilotagem, e hum Inglez não ; se elle paga mais direitos da Dock do que hum Inglez ; se os generos de Dominios Portuguezes em commum com todos os mais estrangeiros, exceptuando os dos Estados Unidos, vendendo-se em leilão na Inglaterra pagão hum direito addicional de cinco por cento ; se os vassallos Portuguezes continuaão a pagar, em commum com todos os mais estrangeiros, Scavage, Package, Balliage, &c. &c. &c., como pagavaão antes do Tratado ; se elles continuaão a estar sujeitos ao Alien Office, como dantes ; que he o que se lhes concedeo por este artigo ? Iguala-los com os Nacionaes em pagar grandes taixas para estradas, para pobres, para o Rey, &c. &c. &c. ? Podem estar contentes !

Se os vassallos Portuguezes alem disso ajudaão por meio das taes Scavages, ou direitos da cidade, &c. a pagar, em commum com os Francezes, e todos os mais estrangeiros, cinco mil libras esterlinas ao Lord Mayor de Londres : se elles ajudaão a calçar, e alimpir as ruas desta, e de outras cidades para elles, e os Inglezes passearem ; porque razaão

direito de exigir hum equivalente qualquer : e nos ouvimos que o Governo Inglez, se vai prestar esta medida, porque reconhece a justiça della.

Os Redactores.

os Negociantes Inglezes, que rezidem nos Dominios Portuguezes, não haõ de ser obrigados a pagar proporcionalmente para calçar, e alimpar tambem as nossas ruas para elles, e os Portuguezes passearem? *

Se os orphaons de Pilotos Inglezes são sustentados á custa de navios estrangeiros; se as margens do Rio Tamisa tambem são concertadas á custa destes, para os seos navios, e os Inglezes navegarem; se o Governo Inglez taõ sabiamente concede aos seos navios, e vassallos muito maiores vantagens do que aos estrangeiros: se os Francezes, se os Americanos, e outras Naçoens fazem o mesmo aos seos respectivos vassallos relativamente aos Inglezes; porque não hade o nosso Governo fazer o mesmo? Porque razão hade elle não só igualar os Inglezes com nosco, mas ate pôllos em melhor situação doque a nos? Qual he a Nação que tal faz? Nenhuma no mundo.

ARTIGO 11.

Por este artigo concedem as duas coroas os mesmos favores, honras, immunidades, privilegios, izençoens de direitos, e impostos aos seos respectivos Embaixadores, Ministros, ou Agentes acreditados nas cortes de cada huma das Altas Partes Contratantes.

S. A. R. o Principe Regente Nosso Bom, e Adorado Soberano nomeou o Excellentissimo D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, Embaixador Extraordinario junto a Sua Magestade Britanica. Está claro que em consequencia deste artigo Sua Magestade Britanica devia tambem ter nomeado Embaixador ao Excellentissimo Lord Strangford. Não o fez; eisaqui outra infracção do Tratado.

ARTIGO 6.

“ Sua Magestade Britanica, diz este artigo, se obriga em seu proprio nome, e no de seos Herdeiros, e successores a não fazer regulacão alguma que possa ser prejudicial, ou inconveniente ao commercio, e navegacão dos vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal nos Portos, e Mares da Azia em toda a extensão que he, ou possa ser, para o futuro permittida á Nação mais favorecida. E S. A. R. o Principe Regente de Portugal se obriga no seu proprio Nome, e no de seos Herdeiros, e successores a não

* Porque lho não exigem, assim como o exigem aos Portuguezes em Inglaterra. A culpa he pois nossa, e não delles. Os Redactores.

fazer regulaçoens algumas, que possam ser prejudiciaes, ou inconvenientes ao commercio, e navegação dos vassallos de Sua Magestade Britanica nos Portos, Mares, e Dominios que lhes são franqueados em virtude do prezente Tratado.

Parece que tendo nós Portos, e mares na Azia, assim como os Inglezes tem, nada era mais natural do que conceder-mos-lhes la o mesmo que elles nos concediaõ nos seos: mas que disparidade? Os Inglezes nada nos concederaõ não só, porque já antes do Tratado nos concediaõ o mesmo, mas porque huma Nação que tem hum poder Maritimo, como a Inglaterra tem, faz regulaçoens iguaes para todos, e se quizer excluir da Azia a todas as Naçoens, exclue-nos tambem a nos: e o nosso Amado Principe não só ficou em recompensa daquelle *nada* obrigado a legislar em toda a extensaõ dos nossos Dominios, como os Inglezes quizerem, mas ate de mais a mais, lhe fez St. Catherina, e Goa Portos francos; e tenho ouvido dizer, mas não o creio, que no ultimo os Inglezes tem huma guarnição, e bandeira Ingleza.

ARTIGO S.

“ S. A. R. o Principe Regente de Portugal, diz este artigo se obriga a que o commercio dos vassallos Britanicos nos seos Dominios não sera restringido, interrompido, ou de outro algum modo affectado pela operaçaõ de qualquer monopolio, contracto, ou privilegios exclusivos de venda, ou de compra, seja qual for; mas antes, que os vassallos da Grande Bretanha teraõ livre, e irrestricta permissaõ de comprar, e vender de, e a quem quer que for de qualquer modo, ou forma que possa convir-lhes, seja por grosso, ou em retalho, sem serem obrigados a dar preferencia alguma, ou favor em consequencia dos ditos monopolios, contractos, ou privilegios exclusivos de venda, ou de compra; e Sua Magestade Britanica se obriga da sua parte a observar fielmente este principio assim reconhecido, e ajustado pelas duas Altas Partes Contractantes.

“ Porem deve ficar distinctamente entendido que o prezente artigo não será interpretado, como invalidando, ou affectando o Direito exclusivo possuido pela Coroa de Portugal nos seos proprios Dominios a respeito dos contractos do marfim do Paõ Brazil, da Urzella, dos Diamantes, do ouro em pó, da Polvera, e do Tabaco manufacturado, &c.

Em consequencia deste artigo, e do estipulado no artigo 34, devia o Governo Inglez ter abolido a Companhia das Indias, as das Docks de Londres, e West Indias, todos os privilegios da Cidade de Londres, e das mais corporaçoens

que são contra os interesses dos vassallos Portuguezes ; para depois disso, e de o ter cumprido em tudo, e por tudo, como se entende do citado artigo 34, ter razão, e direito de exigir de nos o cumprimento do Tratado.

Longe porem de assim o fazerem, esquecendo-se talvez de que todos os actos de que tenho fallado o tinham annullado, ou talvez suppondo que nenhum Portuguez o entendia ; ou em fim contando talvez com a demaziada generosidade do nosso Governo, passáraõ a ter pertençoens, não só muito contrarias aos nossos interesses, como Nação, mas ate indecorozas, e dignas somente de serem instantaneamente rejeitadas pelo nosso Governo, como injustas, senão insultantes. Tal foi por exemplo a de querer que o Governo Portuguez abolisse a companhia dos vinhos de Alto Douro ; ao que no meu modo de ver se devia immediatamente responder—que elles tinham annullado o Tratado ; e consequentemente que o Governo Portuguez não só podia legislar como se tal Tratado nunca tivesse existido ; mas que ainda mesmo que não tivesse sido annullado, o Governo Portuguez não podia olhar semelhantes propostas, e pertençoens, senão como hum insulto ; do mesmo modo que o Governo Inglez responderia a qualquer Governo, ou Ministro Estrangeiro, que se quizesse intrometter em suas leis, ou regulaçoens internas, e domesticas.

Se a dita companhia tem abuzos, elles não se podem comparar de modo algum com o descredito, e desgraçado estado a que os mesmos Inglezes tinham reduzido os vinhos, por cujo motivo ella foi criada : e só ao Governo Portuguez he que pertence remediallos, mas nunca por influencia estrangeira—O Governo Portuguez não deo immediatamente aquella resposta resoluta, e firme ; continuou a pertenção, (e não sei se ainda continua) ; e ate houveraõ negociantes Inglezes, os quaes devem á Nação Portugueza tudo quanto valem, que em recompensa disso, na forma da sua costumada ingratitude, chegáraõ, com Vm^{ces}. sabem, a incommodar o Parlamento com isso ; e alguns, em ar do papão, que faz medo ao menino, a perder o seu tempo com isso dizendo que se o Governo Portuguez não abolisse a dita companhia se deveriaõ pôr direitos dobrados sobre os vinhos de Portugal.

Supponhamos por hum momento que o Governo Inglez adoptava tal medida (o que eu não admitto, porque elle conhece melhor os seus interesses), que se seguiria dahi ? Admittirem os vinhos dos seus mais crueis inimigos ? E farião elles isso ? Supponhamos que sim (o que he suppor demaziado). Os nossos teriaõ mais algum empate ; mas qual era, ou deveria ser a consequencia ? Impor ao menos cento

por cento de direitos em tudo quanto fossem manufacturas Inglezas, tomando as medidas necessarias para evitar o contrabando, em quanto nos augmentávamos o numero de nossas fabricas para podermos suprir-nos a nós mesmos; e depois prohibillas de todo; ou prohibillas logo, e recebermos, como devemos as das Naçoens que recebem para seu consumo, não só os nossos vinhos, e algodoens, mas ate os nossos as-sucares, tabacos, cafés, &c. que Inglaterra nos não recebe. A final quem ficaria de peor partido? Mas eu estou bem certo que taes ameaços nunca podem ser sinceros, porque quem os faz conhece melhor os verdadeiros interesses da Sua Patria. Taes ameaços só podem durar em quanto o nosso Governo não assume aquelle tom de dignidade que lhe compete, que a justiça lhe dá, e que lhe affiança o grande Imperio que governa, e o valente, fiel e generoso povo que tem por vassallos.

Doque fica dito creio eu que se pode deduzir.

1. Que o Tratado de Commercio entre Portugal e Inglaterra he desvantajozo para S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e para os seos fieis vassallos.

2. Que elle está nullo, porque não tem sido cumprido por parte dos Inglezes; e porque o Parlamento com as restric-çoens que lhe poz o annullou tambem.

3. Que se elle deve continuar, he absolutamente necessario que se adoptem as medidas que tenho proposto; ou outras analogas, promptas, e energicas: de outra sorte o commercio dos Portuguezes, dentro em oito, ou dez annos estará anniquillado.

4. Que he necessario que os administradores das Alfandegas respondeão pela execucao do Tratado naquelles artigos em que elle nos he favoravel, e que se castigue exemplarmente todo aquelle que o não fizer. A falta de intelligencia do dito Tratado de commercio, assim mesmo desvantajozo como elle he, e a falta de execucao delle em nossas proprias alfandegas naquelle em que nos he favoravel, tem defraudado as rendas do Estado em muitos milhoens.

Escrevendo as observaçoens que ficam expostas não he meu intento offender pessoa alguma, e muito menos os dois Governos Portuguez, e Britanico: meu fim he mostrar os males e os meios de os remediar. O Governo Inglez conhece por huma longa experiencia a fidelidade do Governo Portuguez aos Tratados contrahidos: elle deve conhecer as vantagens que lhe tem resultado da sua alliança com Portugal sempre, e muito principalmente desde a glorioza restauração deste Reino. O Governo Inglez sabe que só mutuos interesses, e conveniencia reciproca, he que sustenta, e firma a alliança das Naçoens; e que he necessario cohibir

as pertençoens injustas, e a desmedida avareza de hum grande numero dos seos negociantes, que podem comprometter os dois Governos.

He mui provavel que os empregados das nossas Alfandegas que se doerem, digaõ muito mal desta carta, e do seu author, e procurem desacreditallo, intrigallo, e perdello, se poderem: os politicos do Caes do Sodrê não deixaraõ de ter grandes disputas; os que forem cegos pelos Inglezes diraõ que eu sôu inimigo destes; os intrigantes diraõ que eu sou apaixonado dos Francezes: a huns, e a outros conselho que sejaõ bons, fieis, e verdadeiros Portuguezes, porque he com isso que elles se haõ de achar; que sejaõ cegos, permitta sem a expressaõ, pelo seu Principe, e pela sua Patria; e não por Francezes, nem por Inglezes, nem Hespanhoes, nem por Naçaõ alguma do mundo; lembrem-se huns e outros, que bom vassallo, bom cidadão, e verdadeiro patriota he o que cumpre fielmente os seos deveres, que falla a verdade ao seu Governo, que lhe mostra os males, e os meios de os remediar; e não o que he intrigante, delator, lizongeiro, e ladraõ.

Continuar-se-ha.

CONTINUAÇÃO

Da resposta á Carta inserida no Investigador No.
XXVI. pag. 232.

Se alguém quizer saber a razão por que senaõ abrião de repente os portos, assim que se soube da *tremenda praga* que o Imperador dos Francezes jurou á Augusta Caza de Bragança; logo que constou, que a Embaixada Portugueza fora mandada sahir de Paris, e da França, e que todos os Navios Portuguezes nos portos de França, e Hollanda tinhaõ sido confiscados; logo que foi notoria não somente a entrada em Hespanha do exercito Francez; mas ate a rapida marcha do General Junot com elle contra Portugal; quem quizer, digo, saber a razão disso, pergunte-a ao Author da Carta citada; porque elle não repara na qualidade dos argumentos, com tanto que sejaõ contra os Inglezes; ainda que estes lhe possaõ retorquir com dobrada força.

O que eu sei, e que todo o mundo sabe, he que a Magnanima Rezoluçaõ que S. A. R. o Principe Regente Nosso Se-

nhor tomou a 25 e executou felismente a 29 de Novembro de 1807 — o enthusiastico valor e heroico soffrimento que os Portuguezes tem mostrado depois daquella epoca memoravel—tem lançado sobre todos os acontecimentos, ou erros precedentes, como lhe quizerem chamar, hum veo tão recamado de gloria, que ou elles se não devem mais trazer á lembrança, ou se devem confessar com aquelle nobre orgulho, que deve sentir, quem para os remir tem obrado tantos prodigios.

O que todo o mundo sabe tambem, porque foi notorio, he —que a Inglaterra estava prompta a soffrer a simples clausura dos portos, isto he, a unica (se alguma nos podia convir) toleravel: com a condição que os Francezes não entrassem em Portugal:—e provou-o com a ordem do Conselho Privado de 25 de Novembro de 1807, que, não fazendo cazo das expressoens em que era concebido o Decreto da clauzura, qualifica-o de Acto Forçado, e manda respeitar a Navegação Portugueza.—Provou-o com a outra ordem dada á Expedição, que os Negociantes Inglezes queriaão que fosse logo em Agosto, ou Septembro tomar a Ilha da Madeira—isto he, apenas chegou o primeiro ameaço da França, e assim como se tinha feito logo em 1801—

Provou-o mais que tudo com a abstracção de todo o projecto de ir segurar os Navios Portuguezes em Lisboa, antes que o Porto estivesse fortificado, como tinha feito em 1806, mandando Lord S. Vicente, e Lord Rosslyn; e como cruelmente succedeo em Copenhague com o Almirante Gardener, e Lord Cathcart.

Eu deixo ao Author da Carta, que parece em alguma passagem della contar-se como hum dos Politicos Portuguezes (genero, ou especie, que eu não sabia que se achava no Reino de Portugal) deixo-lhe, digo, o examinar se a clausura dos Portos podia jamais convir á Monarquia Portugueza, ainda considerada como huma medida temporaria, em que os Francezes, e Inglezes juntamente corcordassem; o que talvez esperou o Author que se realizasse no seu tempo, a fim de ter o gosto de passar sem manufacturas Inglezas; e ao menos debaixo deste ponto de vista, he pena que os Francezes nem lugar se quer dessem a se fazer a experiencia!

Esta não se fez; e em seu lugar fizeraõ-se coizas, que sem necessidade melhor he não qualificar.—Entraraõ os Francezes, quando menos se esperava; e tal foi o ludibrio com que a Providencia frustrou os deznios da perfidia Franceza, que S. A. R. sahio tambem, quando elles, e os Inglezes menos o esperavaõ.

Incorporaraõ-se as duas esquadras Portugueza, e Ingleza;

e deste momento por diante he impossivel justificar as capturas de Navios Portuguezes, nem entende-las sem referir por extenso o que se passou então.—Tambem justificar *a priori* a Jurisprudencia Maritima dos Inglezes he obra que facilmente não empreendem os seus Authores — o melhor argumento de que elles uzaõ, he o da recriminação contra o que os Francezes, Hespanhoes, e Hollandezes praticáraõ nos pequenos intervallos de tempo em que gozáraõ de algum imperio no mar.

Continuar as tomadias depois, e ate (segundo se diz) á vista de S. A. R.—será hum eterno escandalo na historia da Jurisprudencia Maritima — mas em fim esta Jurisprudencia existe, he nótoria, e não he mais tratavel no seu campo de batalha das Cortes do Almirantado, do que a sua Irmã, a Marinha de guerra o he sobre as ondas do mar.

He facil dar, ou negar o primeiro impulso; mas não he sempre facil o regular o movimento dado sobre o qual obraõ obstaculos independentes do primeiro motor.

Foi por certo hum espectaculo monstruozo o que naquella epoca apresentáraõ os portos, e as cidades todas da Gram-Bretanha. Navios Portuguezes entrando huns como inimigos, e prezas; outros como amigos, e livres:—e por toda a parte os Negociantes, e Fabricantes Inglezes especulando em furia—embarcando fazendas, e armando navios para os mandar a todos os portos da Dominação Portugueza, onde não havia Francezes.—

Assim foi — não ha duvida—mas se tantas, e taõ heteroclitas calamidades teve o Soberano, e o Povo de Portugal, que soffrer; se ellas produziraõ consequencias taõ difficeis de deslindar, e aclarar; he por ventura hum acto de amizade que se faz ao Soberano, e ao Povo, que padeceraõ, lembrar-lhe vivamente os seus soffrimentos passados, encobrando-lhe, ou disfarçando-lhe as cauzas, e apontando-lhe os Authores falsamente onde não estão; isto he accusando falsamente os Inglezes; e sendo feliz, ou infelizmente hoje hum facto demonstrado, que sem o auxilio da Gram-Bretanha jazeria ainda agora o Nobre, e Heroico Povo de Portugal debaixo do jugo que estas calamidades lhe impozeraõ inopinadamente, hade elle por ventura reconhecer como seus amigos, e amigos do seu Principe aquelles que procuraõ desgosta-lo com huma Nação, cujo succorro (interessado, ou não) lhe foi da maior, e mais deciziva utilidade, para se ver livre dos Francezes? Pensão estes imprudentes amigos, que os Povos de Portugal gostaraõ que se lhes insinue alguma inclinação outra vez em favor dos Francezes? — Podem os Povos ser outra vez enganados com os ciumes mercantiz, que os Francezes, e seus apaniguados excitaraõ contra os Inglezes, para

alienar pouco a pouco os animos Portuguezes da alliança Inglesa, que he a unica que lhes convem?

Eu quizera aqui repetir as judiciozas reflexoens, que Vmces. fizeram no seu No. XXV. pag. 11: — mas contentar-me-hei com referir o leitor ao lugar citado; e tomando por concedido o nobre elogio que Vmces. alli fazem ao admiravel senso, e á força de raciocinio com que a generalidade dos Portuguezes se tem sujeitado a muitos dissabores, por conhecerem a sua situação, e dezejarem sahir della com a felicidade que merecem; digo que os Portuguezes merecem, e carecem de hum novo favor da Providencia, hum segundo senso, igualmente admiravel, para se conduzirem na paz, quando chegar a geral tão dezejada—hum especie de faro, que os affaste de todas as manias estrangeiras, e consinta em todos os melhoramentos indispensaveis, que os torne o que eraõ; mas tendo o cuidado de não deixar criar mais dormideiras em toda a Monarquia. Este meio termo, esta carreira media saõ-lhe tanto mais indispensaveis, quanto mais o Author confessa o desmazêlo, e egoismo, que tem, quasi por seculos annullado a Monarquia Portugueza; — sem a cura dos quaes defeitos, ou sua eradicação, he de recear, que estas diatribes bem, ou mal fundadas contra os Ingleses, não tenhaõ outro effeito senão o de excitar má vontade; e resuscitar hum Partido Francez, que nos torne a precipitar como fez.

Em muitas partes do seu interessante Jornal notaraõ Vmces. muito a propozito, que os ciumes mercantis forao a arma de que os Francezes se serviraõ para formar hum partido seu; isto he, hum que fosse composto de todos aquelles a quem se tivesse instillado o odio, e o ciume contra os Ingleses—Todos os males de que os escritores Francezes nos lastimavaõ, attribuindo-os aos Ingleses, todos ficaraõ subsistindo. Do Throno ate a choupana ja mais pensou alguem em remedia-los; e o unico resultado que tiveraõ estas lamentações foi o de allucinar-nos hum grande numero de cabeças leves, e meio instruidas, que juntas com o terror das armas Francezas, nos precipitaraõ no abismo, pelo caminho da ignominia, da vileza, e da ultima miseria a que nos reduziraõ as mezadas á França para comprar a paz.

He logo necessaria outra coiza mais do que dizer mal dos Ingleses, para cuidar na felicidade dos Portuguezes, com alguma esperanza de se sahir bem da empreza—tão facil á vista dos immensos recursos naturaes—tão difficil, ou impraticavel, quando se pezaõ bem os obstaculos moraes.

Com estes principios tambem he que se pode dar o justo valor á arrogante asserção do Author “que o seu Amado Principe, chegando ao Brazil estava nas circunstancias

“ não só de obrigar o Governo Inglez a resarcir seos vas-
 “ sallos de todas aquellas perdas, e dar-lhe a satisfação que
 “ era devida, por huma ingratitude tal como aquella, e huma
 “ tal falta de respeito : mas ate se achava em estado de lhe
 “ dictar a lei, antes de lhe abrir o vasto, e riquissimo
 “ continente da America.” Investigador Portuguez, No.
 XXVI. pag. 234.

Ha por certo huma hypothese na qual este poder existiria :
 mas quanto dista da realidade o que succedeo ! E com que
 fim honesto pode o Author suppor o contrario do que foi a
 verdade, e do que he notorio ?

O nosso Adorado Principe de certo se acharia no cazo de
 poder dictar essa lei, se tivesse tido a felicidade de passar ao
 Brazil com todos os seos Thesoiros, com os de todos os vas-
 sallos, que o quizessem seguir, com o exercito, que se de-
 ixou lastimozamente cahir na mão de Junot, com toda a sua
 Marinha bem artilhada, e bem provida. E quem tem a
 culpa, se isto não succedeo assim ? He a degeneração do
 espirito publico em todas as Nações da Europa, que chegou
 tambem a Portugal: he a seita dos Gallomanos que invadio
 todas as Cortes, ate a nossa ; e que reconciliou os animos
 Portuguezes com a politica de se esgotar de todos os seos
 thesoiros, para os repartir pelo inimigo.

Naõ pertenderá o Author, por certo, dar a culpa desta
 Politica aos Inglezes. Naõ pertenderá impiamente
 accuzar o Soberano ou seos Ministros para escuzar os vas-
 sallos. Naõ negará que apenas se contavaõ alguns in-
 dividiuos, e esses poucos, que altamente profetisaraõ a
 ruina inevitavel que de semelhante methodo rezultaria.
 Naõ negará que esses individuos eraõ considerados como
 loucos, e que a massa dos homens que se dizem Politicos em
 Portugal, he que precipitou o Monarca, e a Monarquia, que
 estava enervada por seculos de systema clerical, e nobliar-
 chico para resistir a choques semelhantes ; systema que pre-
 parou a queda, que a revolução Franceza accelerou.

Com os mesmos principios se pode pezar a amarga re-
 flexão do Author a pag. 236—“ Nada disto se fez : ou por-
 “ que os que tinhaõ obrigação de o lembrar a Sua Alteza
 “ Real lho não lembráõ, porque provavelmente não pre-
 “ viraõ as consequencias, que de tal falta poderiaõ rezultar :
 “ ou porque Sua Alteza Real quiz talvez deixar antes de
 “ aproveitar aquella occasião, em que a Inglaterra estava
 “ em taõ mas circumstancias, para lhe dar mais huma prova
 “ da sua generosa amizade : e com a sua costumada mode-
 “ ração declarou os portos do Brazil abertos a todas as Na-
 “ ções amigas, admittindo as fazendas que la lhe levassem

“ pagando o modico direito de 16 por cento, sendo importadas em navios Portuguezes, ou 24, sendo importadas em navios estrangeiros.”

Ignora o Author,—ignora alguem que na Carta Regia publicada na Bahia, nem se quer essa differença de 16 a 24 por cento em beneficio dos Navios Portuguezes se acha determinada; e com tudo a carta Regia foi recebida com applauzo na Bahia, e em todo o Brazil; e nenhum Negociante se lembrou de reparar, muito menos de representar contra este esquecimento, ou abandono dos proprios interesses; e de advertir—*que se dava tudo o que se devia vender?*

Foi isto effeito de ignorancia, ou de esquecimento geral? Escolha o Author: os Ministros de Estado sahem do corpo da Nação; e devem participar assim dos seus vicios, como das suas virtudes.

Porem a passagem do Author, que a meu ver, merece maior censura e observação he a seguinte, calculada unicamente para irritar os animos dos nossos valentes guerreiros, a saber—“ que elles tem tido a generosidade de sacrificar a propria gloria.”

Apressemos-nos a protestar em beneficio dos Modernos Portuguezes, que não ha tal—que a Calumnia deve cauzar hum profunda magoa ao Author da Carta, se elle he bom Portuguez—pois tal asserção somente devia ter sahido de hum bôca Franceza. Os Francezes he que tem affectado escurecer a gloria dos nossos heroicos guerreiros, não fallando em suas relações senão de Inglezes, e de exercito Inglez; e somente o grito universal da Europa he que os fara confessar, que os golpes mais profundos que tem recebido a sua vaidade, e os seus corpos, foram infligidos pelo animo, e heroismo dos Portuguezes. Em seu beneficio protestemos altamente contra a calumnia. Jamais o nome Portuguez esteve em tanta honra desde a guerra de 1640 ate o presente. He mister muita ignorancia da historia para não saber como foi vilipendiado pelos escritores estrangeiros, Inglezes, Francezes, Alemaens, o nome Portuguez, em todas as guerras em que os nossos entraram. A principal depois daquella que citei foi a da successão de Hespanha. Quem pode duvidar, vendo o que hoje succede, que os Portuguezes se comportarão nella com o valor que lhes he innato? E com tudo as culpas todas da guerra foram pelos Generaes, e escritores estrangeiros attribuidas aos nossos! E com tudo nos tinhamos então em Londres o Ministro mais notavel que conta a nossa historia diplomatica, hum homem que deixou o seu nome famoso em todos os paizes, onde rezidio, o Grande D. Luis da Cunha!

Mas tambem he preciso dizer a verdade, huma vez que se puxa por ella. Foi por ventura culpa dos estrangeiros, se elles nos julgaraõ ás tontas, pela figura que fizemos em quasi todo o seculo passado, e no primeiro anno deste na famoza campanha de 1801? Foi essa culpa dos nossos soldados? Não por certo. Pois logo—calemo-nos—emendemo-nos—e façamos de outro modo o mesmo que se faz agora. Bastará se tivermos a felicidade que não se desfaça, como o sal na agua, o guerreiro exercito que o Guerreiro General estrangeiro nos criou magnifico; e que não he culpa do Marchal Beresford, nem dos Condes de Schomberg, e de Lippe, se elle teve que o criar todo de novo, desde os pees ate á cabeça.

Aqui dezejára eu terminar a analyse das propozições, que me parecem dignas de censura, e deixar o Author livre para se esgrimir á vontade com o tratado de Commercio, sobre a sua bondade, ou ruindade intrinseca, a respeito do qual todos disputaõ, ao mesmo tempo que todos concordaõ que elle não está executado em hum artigo sequer em Inglaterra a favor dos Portuguezes. Tal he a Logica do tempo! Sabe-se que todos os Tratados de Commercio celebrados com Nações mais independentes do que Portugal se achava em 1809, ou 1810, tem sido objecto de discussão para os Politicos de ambas as partes; e que d'ambas se appellou para a experiencia, que havia de demonstrar quem tinha razão. Aqui não se procede assim—julga-se do tratado antes que elle tenha sido executado.

Aposto eu que se o artigo que impoem á Gran Bretanha a obrigação de favorecer a reexportação dos generos Coloniaes, tivesse sido lealmente posto em pratica; e que o Author da citada carta tivesse reexportado annualmente para o Continente de 10 a 20 mil sacas de algodaõ; que havia de ter achado o tratado muito bom, e não teria reparado nos outros tantos defeitos que lhe nota!

Nenhum tratado nos tem mais azoinado aos ouvidos os authores Francezes, dizendo-nos que he a causa da nossa ruina, do que o tratado de Methuen; e não somente no tempo em que elle se fez, houve em Inglaterra mesmo muitos votos contra elle—mas ate longo tempo depois sustentou o oraculo da Moderna Economia Politica, Adam Smith, que o Tratado de Methuen era todo em favor de Portugal.

Os meos leitores tenhaõ, se quizerem, o gosto, e o proveito de ler o que diz aquelle celebre Author: eu somente lhes perguntarei, se os Portuguezes deraõ alguma coiza que se possa chamar hum passo, para fazer render o Tratado de Methuen? Pergunto que estradas, que rios, que canaes abrião para fazer mais barata a condução dos seus vinhos

do interior para a costa do mar? Que estudos, que experiencias, para melhorar a qualidade, e competir com os estrangeiros? Nenhum—nada.

Pois então quem pode hoje em dia sustentar contra Adam Smith, que o Tratado não poderia ter sido muito favoravel aos Portuguezes, se elles tivessem feito em seu obsequio, e para sua utilidade tudo o que deviaõ ter feito?

Nos tivemos, e temos hum Tratado, que se diz favoravel para a nossa navegação, e Commercio com a Russia: que proveito temos tirado d'elle? A companhia do Alto Douro quiz abrir este Commercio para os seos vinhos: escolheu mal os seos agentes—perdeo o Commercio, e hum milhaõ.

O Brazil estava ate 1808 exclusivo para os nossos vinhos, e generos. Que exportação de vinhos fizemos para o Brazil? Duzentas pipas, o mais, por anno!

Abre-se a navegação aos estrangeiros—não he facil em 1808, 1809, e 1810, que o vinho vá de Portugal. Inundaõ os estrangeiros o Brazil de vinho do Cabo, e de Teneriffe, &c.

Levando hum pouco adiante esta indagação, seria pouco de admirar, se alguem sustentasse, que applicando a Monarquia Portugueza o methodo de preferencia aos proprios, e de quasi exclusão para os navios, e manufacturas estrangeiras, conforme o Acto de navegação, e outros regimentos Inglezes prescrevem, quasi que não restaria outra coiza que fazer, senão facher a porta das Alfandegas.

Tanto he verdade que o merito de hum tratado de Commercio deve ser relativo á industria, e circunstancias da Nação que contrata, e que só a experiencia pode decidir dos effeitos, que elle teve, ou devia ter. Julga-lo antes he hum absurdo.

Voltemos ao Tratado de Methuen. Asseguraõ os correspondentes da companhia do Porto, que o consumo real dos vinhos do porto em Inglaterra anda por 25 mil pipas annualmente. Que as exportações maiores são especulações, ou effeitos de causas accidentaes.

Vinte e cinco mil pipas não he a bebida ordinaria de 50 mil pessoas. Agora que os direitos são tão fortes, entende-se que os ricos somente lhe chegaõ: mas em quanto a Inglaterra conservou diminutos os direitos de importação sobre os vinhos, isto he de 1703 ate 1786 pouco mais ou menos, quem impedio aos Portuguezes de importar vinhos soffriveis para Inglaterra, e tão baratos que abrangessem o consumo de gente menos rica? Em Hamburgo, antes da Revolução Franceza, vendia-se o vinho mais ordinario de Bordeaux ao preço da cerveja, e dava-se de preferencia aos obreiros. E qual seria a consequencia se entrasse vinho em Inglaterra para o consumo de 100, de 200 mil, de hum milhaõ de pes-

soas? Quaes seriaõ os lanificios, e as manufacturas, que pagassem esta importação? O calculo não admitte mais limites do que a fecundidade espantosa do territorio de Portugal para vinhos, relativamente á superficie que as vinhas occupaõ.

Se a Inglaterra oppozesse o alteamento de direitos de entrada, ali tinha lugar o projecto do Author da Carta, o de augmentarem proporcionadamente os direitos sobre os lanificios: e quem tolhia ao Governo Portuguez o expediente de conceder entaõ, e demais hum premio á exportação, proporcionado aos direitos d'entrada em Inglaterra? Qual seria o primeiro a tocar a chamada? Nessa hypothese eu penso que se Portugal propozesse a abolição do Tratado de Methuen, que a Gram Bretanha não se faria rogar.

Taõ absurdo he logo julgar das qualidades do que não existe! Quando nos tivermos visto o rezultado dos ajustes dos Commissarios e das negociaçoens que se trataõ entre os dois Governos; entaõ poderemos principiar a formar algum conceito exacto.

Em o seu No. XXVI. disseraõ Vm^{ces.} que era grandissimo argumento em abono da companhia do Douro o affinco com que os Inglezes procuraõ a sua abolição. Que diria o Author da Carta se alguem applicasse este methodo de discorrer ao Tratado de Commercio? He grandissimo argumento a favor de Tratado o affinco com que os Inglezes tem embaraçado a sua execução em Inglaterra no que elle he favoravel aos Portuguezes: e para completar o jocosario da questão, os Inglezes fazem no Brazil, e em Portugal as mesmas queixas, que o Tratado não he executado a seu favor.

(Continuar-se-ha.)

RESPOSTA

Ao Club dos Negociantes Portuguezes em Inglaterra:

Em o nosso antecedente No. pag. 530, accusamos a recepção de huma Memoria, que nos dirigio o respeitavel Club dos Negociantes Portuguezes; promettemos de a inserir indefectivamente em o próximo No. e de lhe respondaremos, pela parte que nos tocava: O respeitavel Club porem movido por aquelle zelo ardente, que taõ conspicuamente o tem sempre distinguido, e partindo do falso supposto de que a sua reputação, e pondonor se achava offendido pelo que

se lê a pag. 277 do No. 26 do nosso Jornal, julgou do seu dever não esperar pela publicação deste nosso No. 28, e tomou a resolução de fazer publicar a dita Memoria no Suplemento Extraordinario da Gazeta intitulada—*Espelho*.

Estamos pois dispensados pelo mesmo respeitavel Club de inserir a sobredita Memoria em nosso Jornal: mas he mui grande a veneração, e estima que professamos a tão util associação, para nos dispensarmos de lhe responder em poucas palavras.

Conhecemos muis particularmente quasi todos os Membros do Club dos Negociantes Portuguezes em Inglaterra: temos particular amizade com a maior parte delles; e não podemos conceber como o Club se chegou a persuadir que o que dissemos, em geral, a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel, ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao mesmo respeitavel Club: quem nos conhece, e tem tratado connosco sabe, que nos somos incapazes de hum tal comportamento: desafiamos a todo o respeitavel Club, e a cada hum dos seus Membros para que produzaõ hum só facto, que desminta a nossa asserção.

Ninguém conhece melhor do que nos (a não serem os Membros do mesmo Club,) o trabalho, soffrimento, e fadigas que o mesmo Club tem curtido, principalmente o seu Presidente, para se organizar, e ir avante, como tão prosperamente vai: ninguém conhece melhor do que nós que o Club a nada se tem poupado, desde a sua formação para unir todos os Negociantes Portuguezes residentes em Inglaterra. O Club sabe, que nos conhecemos tudo isto, e não podemos conceber como o Club se chegou a persuadir que o que dissemos, em geral, a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel, ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao mesmo Club.

Ninguém sabe melhor do que nos do requirimento que o Club dirigio aos Lords do Conselho Privado de S. M. B., a fim de se reputarem de origem, e construcção Portugueza os navios comprados a estrangeiros pelos proprietarios Portuguezes em boa fé, e antes do tratado de 19 de Fevereiro de 1810: ninguém sabe melhor do que nos a resposta que se lhe deo; porque della fallamos em nosso mesmo Jornal. O Club sabe que nos conhecemos tudo isto; e não podemos conceber como o Club se chegou a persuadir que o que dissemos em geral a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel, ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao Club.

Ninguém sabe melhor do que nós da representação do mesmo Club; e das mais diligencias que fez para que as propriedades Portuguezes na Alfandega de Londres fossem

(como agora o vão ser) izentas do direito de Scavage, Package, &c. O Club sabe que nos temos conhecimento destas suas diligencias: e não podemos comprehender como o Club se chegou a persuadir que o que dissemos em geral a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao Club.

Temos perfeito conhecimento da conferencia dos Membros do Club com alguns outros Negociantes Portuguezes em fins de Julho, ou principios de Agosto; e não só temos conhecimento dessa conferencia, mas temos tambem presentes as instrucçoens dadas aos dois mui habéis Commisarios Portuguezes: e muito sentimos nos não as podermos ainda publicar. O Club sabe que nos temos perfeito conhecimento de tudo isto; e não podemos conceber como o Club se chegou a persuadir de que o que dissemos em geral a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel, ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao Club.

Nos não só temos conhecimento da representação que o Club dirigio a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor para haver por naturaes dos seos Reinos os filhos de Páes Portuguezes, nascidos em paizes estrangeiros: mas ate sabemos que S. A. R. mandou remetter ao Dezebargo do Paço essa Representação para que consultasse: e esta Regia resolução foi participada pelo nosso Embaixador ao Senhor J. S. de França, Prezidente do Club, que teve abondade de no-la mostrar em sua propria caza. O Club sabe que nos temos conhecimento de tudo isto; e não podemos comprehender, como o Club se chegou a persuadir de que o que dissemos em geral a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel; ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao mesmo Club.

Tendo fallado por diversas vezes do Club Portuguez em nosso Jornal, nunca o fizemos senão para o elogiar: o Club sabe isto muito bem: e não podemos comprehender, como o Club se chegou a persuadir de que o que o que dissemos em geral a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel; ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao mesmo Club.

Nenhum Jornal Portuguez tem aconselhado a formação de Clubs dos Negociantes nas diversas Praças de Commercio dos Dominios Portuguezes, senão o nosso. Eisaqui o que a este respeito dissemos logo no 1 No. do nosso Jornal a pag. 93.

“Mas por mais esclarecido que seja hum Governo, são tantos os objectos a que tem de attender, e cada hum delles de tanto momento, e pezo, principalmente nas actuaes circumstancias; que he quasi impossivel providenciar a tudo.

He pois necessario, que os vassallos em vez de se occuparem somente em censuras imprudentes, e em se prejudicarem reciprocamente, empreguem todos os seus esforços, e luzes em esclarecer o Governo.—Este pode ter, por exemplo, os mais luminosos principios theoricos sobre o Commercio em geral: mas da theoria á pratica vai grande differença: pertence pois aos Negociantes escrever sobre os seus proprios interesses, e dirigir ao throno os seus planos, e representações, que sendo justas, e tendo em vista o bem geral, e não o de hum, ou outro individuo, necessariamente haõ de ser acolhidas. No attendivel, e interessante Corpo dos Negociantes de Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, e mais portos, ha sem duvida, homens respeitaveis pelas suas luzes, pela sua pratica, e probidade: formem-se clubs—sigão os Negociantes Portuguezes o exemplo dos de Inglaterra: sigão o exemplo dos mesmos Negociantes Portuguezes estabelecidos em Londres, que ja formáram o seu Club, e cujo estabelecimento, não pode deixar de merecer a approvação de hum Principe, que está altamente convencido de que a sua felicidade he inseparavel da dos seus Povos. A representação de hum só pode, talvez, ser supprimida, ou desprezada: mas a de huma corporação, de cuja felicidade depende em grande parte a do Estado, nunca deixará de ser attendida, quando a justiça principios luminosos, e o bem geral a tiverem dictado.”

O respeitavel Club não ignora que esta foi e tem sido constantemente a nossa linguagem, porque todos os seus Membros são subscriptores do nosso Jornal: e não podemos conceber como o Club se chegou a persuadir de que o que dissemos, em geral, a pag. 277 do nosso No. 26 lhe era applicavel; ou que nos o dissemos com o fim de fazer hum ataque ao mesmo Club.

Que não ha na extensa classe dos Negociantes em todos os Dominios Portuguezes aquella uniao systematica, que ha entre os Negociantes Inglezes, he desgraçadamente hum facto de que o mesmo respeitavel Club não pode duvidar: he essa falta de uniao, que nos censuramos: e esperamos que o mesmo Club não exija de nos o produzir provas, nem apontar individuos: deixamos essa vil tarefa a viz Jornalistas.

Que na extensa classe dos Negociantes Portuguezes em todos os Dominios de S. A. R. ha alguns imprudentes falladores, alguns que são ignorantes, alguns maldizentes, e alguns pedantes; he outro facto incontestavel: assim como o he, que ha dessa casta de gente em maior, ou menor numero em todas as classes da Sociedade, sem exceptuar huma

só. E como não hade ser assim se todas ellas são compostas de homens?

Censurar os vícios em geral sempre foi permittido a todo o Jornalista: nomear individuos em quem se verifica este ou aquelle vicio, esta ou aquella imprudencia, este ou aquelle crime, só o faz algum Jornalista delator, consequentemente infame. Nos temos seguido sempre a primeira maxima: nunca praticaremos a segunda.

A censura que fizemos a pag. 277 do Nosso No. 26 foi em geral: ella não podia de modo algum ter em vista o respeitavel Club Portuguez em Londres, pelas razoes ja ditas: e não podemos conceber como o mesmo Club se chegou a persuadir do contrario, e obrar em consequencia. Haverá neste respeitavel corpo algum membro que se doesse, e a quem sua consciencia accusasse? Isso he possivel: menos numerozos do que os Membros do Club eraõ os Discipulos de Jesus-Christo; e lá houve hum Judas. Nos declaramos porem que não conhecemos hum só Membro do Club a quem a nossa censura se possa applicar: se existe, que se emende.

De resto, não fomos nos que offendemos o Club na censura que fizemos, em geral; foi o Club que nos injuriou, suppondo nos capazes de lhe fazer hum ataque á sua reputação, e pondonor. Seria huma contradicção manifesta, e muito indigna de nos, censurarmos o comportamento do Club, e propormo-lo como modelo aos Negociantes Portuguezes das Praças de Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, &c. Quando temos aconselhado aos nossos Negociantes nas diversas partes dos Dominios Portuguezes, que sigão o exemplo dos seos concidadaons Negociantes em Inglaterra, formando Clubs, como estes ja fizeram; nos manifestamos o vantajozo conceito em que temos o Club dos Negociantes Portuguezes em Londres, e a persuasão em que estamos da utilidade deste estabelecimento; Estabelecimento que dezejamos ver propagado, ao menos nas Praças Principaes de Commercio Portuguezas, estabelecendo prompta, e seguida correspondencia entre si, e todos com o de Londres: precedendo todavia a approvação de S. A. R., que não deve consentir associação alguma em seos Estados, cuja organização, membros, e fins lhe não sejam conhecidos.

Tal he a resposta que ao Club Portuguez se julgaõ obrigados a dar os Redactores: resposta que esperaõ satisfará ao mesmo Club, cuja Memoria os Redactores muito de proposito não querem analizar miudamente; porque estão persuadidos que o Club longe, de estar convencido de que os

Redactores o tinhaõ offendido na censura que, em geral fizeraõ, so teve por objecto principal mostrar ao author da carta que inserimos a pag. 232, que o Club tinha feito serviços importantes, que tinha mostrado os defeitos do Tratado, e indicado os artigos favoraveis ao Commercio Portuguez, que naõ estavaõ postos em pratica na Gram-Bretanha. O Author pois daquella carta que lhe responda.

Os Redactores.

PRIMEIRO AJUSTE

Entre os Commissarios Portuguezes, e Inglezes.

WE, the undersigned Commissioners, appointed by His Britannic Majesty's Secretary of State for Foreign Affairs, and by the Ambassador of the Prince Regent of Portugal resident at this Court, for the settlement of some matters under the late Treaty of Commerce, which require to be adjusted with as much precision as the nature of the circumstances will admit, have mutually agreed on the several points hereafter mentioned, and have authenticated such agreement by our respective signatures.

1st. The identification of British Ships.

It is agreed, that the Official Certificate of Registry signed by the proper officers of the British Customs, shall be deemed sufficient to identify a British built Ship, and that on the production of such Certificate, she shall be admitted as such in any of the Ports within the Dominions of His Royal Highness the Prince Regent of Portugal.

2nd. The verification of British Merchandise in the Portuguese Dominions.

It is agreed, that, on the Importation of any Goods or Merchandise from the United Kingdom, into any of the Ports of the Dominions of His Royal Highness the Prince Regent of Portugal, all such Goods shall be accompanied by the original Cockets, signed and sealed by the proper officers of the British Customs at the Port of Shipping, and that the Cockets belonging to each Ship, shall be numbered progressively, the total number stated on the first and last Cocket, by the proper officers of the Customs, at the final clearance of each vessel at the British Port;—and it is further agreed, that, prior to the final clearance by the Searchers at the Shipping Port, the Cockets for each Ship

must be collected and fastened together, to which shall be annexed a Paper, with the number of the Cockets sealed with the Official Seal, and signed by the Searcher. The Cockets so collected shall be produced together with the Manifest, sworn to by the Captain, to the Portuguese Consul, who shall certify the same on the Manifest. The Cockets thus secured together, and the Manifest so authenticated to be returned to the Searchers, in order to the final clearance of the Ship.

3rd. An Arrangement of Scavage, Package, and Trinity Dues.

It is agreed to place the Portuguese merchant on the same footing with the British, both with regard to the Duties of Scavage and Package, payable to the Corporation of London, and the Duties payable on shipping, to the Corporation of the Trinity House in London; to effect this, and at the same time to preserve the chartered rights of the Corporation of London and of the Trinity House, it will be necessary that those Duties should in the first instance be paid as at present, and in all cases where it shall appear that the Portuguese Merchant shall have paid more than the British, the difference to be returned without expence, in such manner as the British Government shall direct.

4th. The Mode of levying Duties of 15 per Cent on British Goods in Portuguese Ports.

It is agreed that the most equitable mode of adjusting this matter so as to secure to the Portuguese Revenue the full payment of the Duty of 15 per Cent, and to afford to the Merchant the certainty of not being compelled to pay more in any case, appears to be thus.

That the Importer shall, on making the Entry at the Portuguese Custom House, sign a declaration of the value of his Goods to such amount as he shall deem proper, and in case the Portuguese examining officers should be of opinion that such valuation is insufficient, they shall be at liberty to take the Goods, on paying the Importer the amount, according to this Declaration, with the addition of 10 per Cent, and also returning the Duty paid.

The amount to be paid on the Goods being delivered to the Portuguese officer, which must be within fifteen days from the first detention of the Goods.

A. T. Sm. Payo.

R. Frewin.

A. J. da Costa.

William Burn.

London, 18 December, 1812.

Ill^{mo.} e Ex^{mo.} Snr.

Temos a honra de participar a V. Excellencia que tendo apresentado aos Senhores Commissarios Inglezes as representações que o Corpo Mercantil Portuguez em Londres julgou dever se-lhes fazer, sobre a falta de cumprimento e reciprocidade do Tratado de Commercio concluido no Rio de Janeiro em Fevereiro, 1810, nos foi pelos mesmos Senhores Commissarios dito, e repetido posteriormente que se achavaõ por ora so authorisados a tratar de quatro pontos. A Saber

1. O Modo de identificar os Navios Inglezes nos Portos Portuguezes.
2. A verificação das mercadorias Inglezas nos Dominios Portuguezes.
3. O Resarcimento aos Vassallos Portuguezes em Inglaterra pelos direitos que pagão de mais que os Nacionaes a titulo de Scavage, Package, e Trinity Dues.
4. A forma do prevenir que as Mercadorias Inglezas sujeitas nos Dominios Portuguezes aos direitos de 15 per Ct. não hajaõ de pagar maiores direitos que os estipulados no Tratado.

Em conformidade das instrucções de V. Excellencia serem de discutirmos com os Senhores Commissarios Inglezes os pontos em que reciprocamente existissem duvidas, passamos a tratar dos quatro assim mencionados, sem cuja conclusão nos foi pelos mesmos Snres. dito não podiaõ responder as outras representações que lhes fizemos, e tendo terminado unanimemente a resolução das difficuldades que existiaõ sobre elles, temos a honra de pôr na presença de V. Excellencia o resultado que sobre estes objectos se convencionou, sendo assignado por todos os quatro Commissarios em cujo poder ficaraõ iguaes Copias.—He igualmente objecto deste officio o participarmos a V. Excellencia as razões por que conviemos nos referidos pontos, para que V. Excellencia se digne pô-las na presença de S. A. R., a fim de obter a sua sancção, quando ellas sejaõ dignas da Regia approvação do mesmo Senhor.

Quanto ao 1. Ponto. Julgamos sufficiente para se identificarem os Navios Inglezes nos Dominios Portuguezes, que estes apresentem o seu Register ou titulo de Propriedade—pois que as Leys Maritimas Inglezas sendo escrupulosamente executadas, o Governo so concede este Register a Navios do Construcção ou Preza Ingleza, e não pode haver falsificação quanto a identificação da Bandeira, por que elle

contem huma descripção exacta da fôrma do Navio, sua medição, proprietario, e Capitão, e he authenticada pelos Officiaes principaes do Almirantado. Este methodo he segundo nos parece preferivel em todo o sentido aos Passaportes que se dão aos Navios Portuguezes, pois que pela falta das particularidades contidas no Register, elles podem ser falsificados, e appropriados para outras Embarcaçoens, prejudicando assim a nossa Bandeira e legitimo Commercio. Ficou ao mesmo tempo entendido que a nossa approvação deste Artigo de forma alguma nos compromete com as observaçoens que se fizeram sobre o Artigo 5. do Tratado.

Quanto ao 2. Ponto. Era o objecto dos Senhores Commissarios Inglezes, o evitarem, se podessem, a execução do Alvará de 20 de Junho, 1811, livrando-se dos Certificados e attestaçõens Consulares, que pelo mesmo Alvará se requerem, e depois de repetidas conferencias se convencionou. — Que nas Alfandegas Portuguezas devem ser apresentados os despachos das fazendas entradas nas Alfandegas Inglezas, estes, regularmente numerados, e o ultimo Manifesto da Carga devendo ser authenticatedos pelo Consul Portuguez no Porto do Embarque, antes de que os Navios sejam finalmente aclariados das Alfandegas nos Portos aonde carregarem. Os Despachos nas Alfandegas Inglezas em tendo clara e distinctamente a originalidade e quantidade da fazenda, assim como o seu valor, e o Consul sendo por este ajuste inhabilitado a formar delles e do Manifesto, outro, que deva remetter ás Alfandegas Portuguezas, classificando o numero de volumes, marcas, contentos, e seu valor, — não só, segundo nos parece, ficam preenchidas todas as vistas do Alvará, mas impedido radicalmente o Contrabando nos Portos Portuguezes, pois que as nossas Alfandegas terão o meio de verificar, por via do Manifesto Consular, a entrega dos Volumes, e a originalidade do seu contheudo. Não podemos Illustrissimo e Excellentissimo Senhor terminar as nossas observaçoens, sobre esta difficil, e na nossa opiniaõ muito valioza acquisição para as rendas de S. A. R., e extincção do Contrabando, sem agradecer a V. Excellencia os esforços com que V. Excellencia contribuiu para a execução deste Artigo — e sem os quaes perigariaõ muito as nossas diligencias para alcançalo.

Quanto ao 3. Ponto. Sendo necessario, por formalidade, que os Direitos de Scavage, Package, e Trinity Dues sejam pagos ás respectivas Corporaçõens, a quem o Governo não pode tirar estes emolumentos, em consequencia dos privilegios que há muito lhes são concedidos, ficou com tudo estipulado que elles se restituisssem aos reclamantes da forma

que elles melhor julgassem.—O Governo Inglez se prestou a esta medida muito promptamente.

Quanto ao 4. Ponto.—Sobre aquelles generos Inglezes em que o Tratado estipulou deverem ser pagos 15 per Ct. de direitos nas Alfandegas Portuguezas, julgamos ser o modo mais simples e justo o das nossas Alfandegas terem a escolha de tomarem asi as fazendas entradas com mais 10 per cent. se o valor que o Proprietario-lhes der não for equivalente. Esta he a pratica neste Pays, na America e varios outros, e o julgamos reciproco; pois que a impossibilidade de formar Pautas, quando a variedade dos generos he continua, renderia impracticavel estabelecer outro plano em que os interesses do Governo e Negociantes encontrassem igual e justa consideração.

He do nosso dever participar igualmente a Vossa Excellencia a amigavel disposição e harmonia, que encontrámos nos Senhores Commissarios Inglezes, e nos lisonjeamos que quando estes Senhores se achem authorisados a tratar das outras nossas representações, não só se obtenha a melhoria daquelles Pontos em disputa, mas que se estabeleça firmemente a harmonia entre as duas Nações, a qual sem hum a justa reciprocidade de interesses não pode certamente existir.—Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos.

De Vossa Excellencia

Muito obedientes Servos,

A. T. Sm. PAYO.

A. J. DA COSTA.

REFLEXOENS

Sobre os Documentos precedentes, dirigidas aos bons Portuguezes.

HAVENDO chegado a approvação Regia do ajuste que fica impresso, os Commissarios Portuguezes, os Senhores A. T. Sampaio, e Antonio Juliaão da Costa, convocarão, por ordem do nosso Embaixador, os Negociantes Portuguezes ao Escriptorio da Administração da Fazenda Real em Londres, nos principios do corrente Setembro, e lhes communicarão os referidos Documentos. Consta nos, que elles merecerão a aceitação geral dos nossos Negociantes em Londres, por se verem livres, em consequencia deste ajuste, da desigualdade com que eram obrigados a pagar direitos por suas pro-

priedades, e navios, a que os Negociantes Inglezes não são sujeitos; em quanto nos Dominios Portuguezes, estava entendido; e posto em pratica o principio de igualdade absoluta para os generos, e navios das duas Nações.

Ainda que este ajuste preliminar está longe de abranger todos os pontos litigiosos do tratado, e de remover todas as duvidas: com tudo nos pensamos que foi bem dada a preferencia pelos nossos Commissarios ás materias, que formão o que está disposto no 2 e 4 artigo: porque elles devem ser a base da restauração das nossas Alfandegas, se os nossos naturaes empregados tanto no Commercio, como na administração interna, se achão animados do mesmo patriotismo que os nossos valentes guerreiros; pois não he menor a obrigação que impoem o amor da Patria a de derramar o sangue por ella, ou a de arrecadar-lhe lealmente as rendas para se distribuirem por aquelles que honradamente a servem.

Se os officiaes das Alfandegas, de hoje em diante, fizerem a sua obrigação, nenhum genero pode ir sonegado em quantidade, ou qualidade: porque os despachos das Alfandegas Inglezas, ou como aqui lhe chamaõ *Cockets*, declaraõ por extenso huma, e outra: e se ainda assim for sonegado o valor nas declarações, que os Negociantes derem, ahi tem o remedio no 4 artigo: não faltaraõ capitalistas, que adiantem aos officiaes das Alfandegas o dinheiro necessario para comprar as fazendas declaradas por mnito menor valor, ajuntando dez por cento á declaração falsa. Por este modo ficará castigado o Negociante, premiado justamente o despachante, e as Alfandegas Reaes, livres da malversação, que as deshonna, suspiração, como diz o Grande Lord com o dinheiro necessario para as despesas do Estado.

Consta-nos que as ordens do Thesouro Britanico ainda não chegáõ ás Alfandegas para a execução dos artigos 2 e 3, e he provavelmente por essa razão, que se demorará por algum tempo a publicação do mesmo ajuste nas Alfandegas dos Dominios Portuguezes.

ANECDOTA MERCANTIL.

ERA opiniaõ geral que não estavaõ dadas as ordens necessarias ás Alfandegas Inglezas para que os vinhos do Porto, importados em navios Portuguezes, pagassem os mesmos direitos que pagaõ vindo em navios Inglezes, na conformidade dos ajustes feitos entre os dois Governos.

Em consequencia desta opiniaõ geral todos os vinhos eraõ importados do Porto para Inglaterra em Navios Inglezes. Houve porem hum Negociante que se quiz desenganar. Mandou vir em hum Navio Portuguez huma porçaõ de vinho do Porto. Chegado o Navio, quiz despachar o seu vinho; mas exigio-se huma libra e doze Xelins de direitos mais em pipa, do que se tivesse vindo em Navio Inglez.

Queixou-se disto ao nosso Embaixador: este representou immediatamente ao Governo Inglez: as ordens foraõ promptamente expedidas á Alfandega; e o nosso Negociante Portuguez pagou os mesmos direitos que pagaria, se o seu vinho tivesse vindo em Navio Inglez. Este Negociante he o Snr. João Ferreira Duarte.

Veremos daqui em diante quantos Navios Portuguezes sahem do Porto carregados com vinho para Inglaterra, a fim de ganharem os fretes, que os Navios Inglezes ate agora lucravaõ.

LISTA

Das Novas Obras, publicadas em Inglaterra.

AGRICULTURA.

The Farmer's Magazine, a Periodical Work, exclusively devoted to Agriculture and Rural Affairs, (published Quarterly) No. 54, being the Second Number of the XIV. Volume. 3s.

Elements of Agricultural Chemistry, in a Course of Lectures, for the Board of Agriculture. By Sir H. Davy, LL. D. 4to. 2l. 2s.

A General View of the Agriculture of Derbyshire. By John Farey, sen. Vol. II. 8vo. 15s.

Communications to the Board of Agriculture, on Subjects relative to the Husbandry and Internal Improvements of the Country. Illustrated by plates, Volume VI. Part II. 4to. 18s.

ANTIQUIDADES.

The Natural History and Antiquities of Selborne, in the county of Southampton. To which are added, the Naturalist's Calendar; Observations on various parts of Nature; and Poems. By the late Rev. Gilbert White, formerly Fellow of Oriel College, Oxford. A new edition, with additions and twelve engravings, several of which are new, post 4to. 2l. 12s. 6d.

ARCHITECTURA.

Observations on the Design for the Theatre Royal Drury Lane, as executed in the year 1812, accompanied by Plans, Elevation, and Sections, of the same; engraved on 18 Plates. By Benjamin Wyatt, F.S.A. Architect. Royal quarto. 2l. 15s.

The Third Part of Wild's Cathedrals. 4to. 3l. 3s.
Architecture, Antiquities, and Landscape Scenery of

Hindoostan. By T. and W. Daniell. Part III. Imp. 4to. 3l. 3s.

Two Letters to a Fellow of the Society of Antiquaries, on the subject of Gothic Architecture. By the Rev. J. Haggitt. Royal 8vo. 10s. 6d.

Civil Architecture of Vitruvius; with an Introduction, containing the Rise and Progress of Architecture amongst the Greeks. By Wm. Wilkins, M.A. F.A.S. Imp. 4to. 3l. 3s.—Royal 4to. 6l. 6s.

A Narrative of the Building, and Description of the Construction, of the Eddystone Lighthouse. By John Smeaton, Civil Engineer, F.R.S. folio. 6l. 6s.

ARTES E SCIENCIAS.

Encyclopædia Britannica; or Dictionary of Arts and Sciences; with a greatly improved set of Engravings. Vol. II. Part II., and Vol. III. Part I. & II. 4to. 5th Edition. 18s. each Part.

A Circle of the Mechanical Arts. By Thomas Martin, Civil Engineer. 4to. 2l.

Abercrombie's Practical Gardener. 12mo. 9s. boards.

BELLAS ARTES.

Liber Veritatis, Parts I., II., III., and IV., containing 78 prints of Volume the Third, and last, of a collection of Three Hundred Prints, after the original designs of Claude Le Lorrain, in the collections of Earl Spencer, R. P. Knight, Esq. &c. &c. executed by Richard Carlour in the manner and taste of the Drawings; and accompanied by a description of each Print, together with the Names of those for whom, and of the places for which the Original Pictures were first painted; taken from the handwriting of Claude himself on the back of each drawing, and of the present possessors of many of the Original Pictures.

The Death of Nelson, painted by Davis, and engraved by Bromley.

Middiman's Views, No. XIII. and last, containing five highly finished Engravings, with descriptions in English and French, a Table of Contents, Alphabetical Index, &c.

Picturesque Views and Scenery of Norway, Part III. containing Ten Plates, carefully engraved and coloured, closely to imitate the Original Drawings; with appropriate Letter press Descriptions of a Collection of Prints, containing Views of the principal Sea-port Towns from the Naze (by the route of Christiana,) to the magnificent pass of the Swinesund; including nearly the whole of the Western and Southern parts of the country.

Part III. of Westall's Foreign Scenery. 10s. 6d. Proofs, 15s.

The Art of Extempore Public Speaking, including a Course of Discipline for obtaining the Faculties of Discrimination, Arrangement, and Oral Discussion. By J. Rippingham. 12mo. 6s. bds.

The Practical Surveyor; being a Treatise on Surveying, designed for the use of Schools. By the Rev. J. Furness. 8vo. 10s. 6d. bds.

Taylor's Builder's Price Book, corrected for 1813. 8vo. 3s. 6d. sewed.

The Artist's Repository; or, Encyclopedia of the Fine Arts; exhibiting the principles, and explaining the practice, in all their various branches; including upwards of three hundred engravings, in progressive lessons. Containing the human figure: on preparing and using colours; instructions for painting in oil, water colours, crayons, miniature, &c. Engraving, in strokes, chalk, aquatinta, mezzotinto, on wood, &c. A Dictionary of Terms used in art; history of art; biography of celebrated artists; sculpture, perspective, architecture, and landscape—(to be continued monthly until completed in eight parts.) Part IV. 4to. 16s.

BIOGRAPHIA.

Life of Lord Nelson. By Robert Southey. 2 vol. 10s.

Memoirs of Private and Public Life of William Penn. By T. Clarkson. 2 vols. 8vo. 1l. 4s.

Literary Anecdotes of 18th Century. By J. Nichol, F. S. A. Vol. VII.

Memoirs of John Horne Tooke, interspersed with Original Documents. By Alexander Stephens, Esq. 2 vol. 8vo. 1l. 4s.

Memoirs of Sir Joshua Reynolds, Knt. L. L. D. F. R. S.

F.S.A. &c., late President of the Royal Academy. By James Northcote, Esq. Royal 4to. 2l. 12s. 6d. boards.
General Biography; or Lives, Critical and Historical, of the most eminent Persons of all Ages, Countries, Conditions, and Professions, arranged according to alphabetical order. By J. Aikin, M. D. &c. Vol. VIII. 4to. 2l. 2s. boards.

Mémoires Historiques, Littéraires, et Anecdoriques, du Baron de Grimm et Diderot. 2 vols. 8vo. 1l. 6s.

COMMERCIO.

The Question as to East India Company monopoly examined, 4s.

The Timber Dealer's Guide. By A. Crocker. Oblong. 4s. 6d. bound.

Commercial and Notorial Precedents. By J. Montefiore. Second edition. 4to. 30s. boards.

Oriental Commerce; with a Geographical Description of the East Indies, China, and Japan. By W. Millburn, Esq. 2 vol. 4to. 6l. 6s.

Remarks on the Evidences delivered before both Houses of Parliament, on the East India Company's Affairs. By C. M'Lean, M.D. 6d.

The Practice of the Customs, in the Entry, Examination, and Delivery of Goods and Merchandize, usually imported from foreign parts. By James Smyth. 8vo. 18s. boards.

CLASSICOS.

Lucretii Opera, ad Exemplar G. Wakefield, A. B., cum ejusdem notis, commentariis, indicibus, fideliter excusa, adjectæ sunt editionum quinque, in quibus principis ferrandi, Lectiones variantes omnes; ut et integræ Ricardi Bentleii annotationes, illustrationes, conjecturæ, ex ipsius autographo, in Musæo Britannico Conservato. 4 vol. 8vo. Large paper, 6l. 6s. Small paper, 3l. 3s.

Euripidis Heraclidæ, ex Recensione, P. Elmsley, A. M. 8vo. 5s. 6d.

T. Livii Patavini Historiarum ab urbe condita libri qui supersunt xxxv. Recensuit et notis ad usum Scholarum accommodatis illustravit: J. B. L. Crevier, Emeri-

tus Rhetoricæ Professor in Collegio Dormano-Bellovaco
Universitatis Parisiensis. 6 tom. 8vo. 2l. 2s. in boards.

The History of Cataline's Conspiracy and the Jugurthine
War. By C. C. Sallust. With a new translation of
Cicero's Four Orations, against Cataline. To which is
prefixed, the Life of Sallust. By William Rose, A. M.
A new edition, to range with the octavo Translations of
the Classics, 8vo. 9s.

Lamberti Bos Ellipses Græcæ; ex Editione Godofredi
Henrici Shæfer. Appendicis loco subjiciuntur Benja-
mini Weiske, Pleonasmæ Linguae Græcæ; necnon Godo-
fredi Hermanni Dissertatio de Ellipsi et Pleonasmō in
Græcæ Lingua. 8vo. 1l. 1s.

The Minor Works of Xenophon; translated from the
Greek, by several Hands: viz. Memoirs of Socrates,
by Mrs. Fielding; the Banquet of Xenophon, by Dr.
Welwood; Hiero, on the Condition of Royalty, by Mr.
Graves; and the Economics, by Dr. Bradley. 8vo.
10s. 6d.

DRAMA.

Education: a Comedy. By T. Morton, Esq. 2s. 6d.

At Home; a Farce, in Two Acts. 8vo. 2s.

Count Julian: a Tragedy. Foolscep. 5s. 6d. boards.

The Plays of William Shakespeare; with the Corrections
and Illustrations of various Commentators. To which
are added, Notes by Samuel Johnson and George
Steevens. Revised and augmented by Isaac Reed.
With a Glossarial Index. With a Portrait and other
illustrative Prints. A new Edition, carefully corrected,
being the sixth. 21 vol. 8vo. 12l. 12s. Royal paper,
18l. 18s.

A Touch at the Times; a Comedy. By R. F. Jameson, Esq.
2s. 6d.

The Renegade; an Historical Drama. By F. Reynolds, Esq.
2s. 6d.

Look at Home: a Play. By Mr. Eyre. 2s. 6d.

The Entire Works of the late Mrs. Cowley; consisting of
Plays, Poems, and Miscellaneous Pieces; with some Ac-
count of her Life. 3 vol. 8vo.

The Posthumous Dramatic Works of the late Richard Cum-
berland, Esq. 2 vol. 8vo. 1l. 4s.

EDUCAÇÃO.

Studies in History, Vol. I.; containing the History of Greece, in a Series of Essays, accompanied by Reflections, References to Original Authorities, and Historical Exercises for Youth. By the Rev. J. Morell. 8vo. 10s. 6d.

Report of the Finance Committee of the Royal Lancasterian Institution for the Education of the Poor for 1812. 1s.

A Letter to Lord Grenville on the Education of the East India Company's Civil Servants. By the Rev. F. R. Malthus, A. M., &c. 2s.

The Good Aunt. By Harriet Ventum. 12mo. 3s. 6d. boards.

Portefeuille Sentimental, ou Mélange de Prose et de Poesie. 12mo. 5s. bds.

The Madras School Grammar; or the New System reduced to Questions and Answers. By G. Reynolds, Master of the Lambeth School. 1s.

Letters on the Management and Economy of Schools. By the Rev. S. Catlow. 12mo. 2s. 6d.

The Nature and Object of Elocution explained; with Mr. B. H. Smart's Prospectus and Terms. 1s.

The Germany and Agricola of Tacitus, with English Notes, for the Use of Schools. By E. H. Barker, Trinity College, Cambridge. 6s.

The English Vocabulary; designed as a Sequel to the Scholar's Spelling Assistant. By T. Carpenter. 12mo. 2s.

La Feuille des Gens du Monde. By M. de Genlis. 8vo. 12s.

A Visit to the London Museum. By J. Ripplingham. 2 vol. 18mo. 5s.

Delectus Sententiarum Græcarum, ad usum Tironum accommodatus: cum Notulis et Lexico: on the Plan of Dr. Valpy's Latin Delectus. 12mo. 3s. 6d.

Fancy's Wreath: Being a Collection of Original Fables and Allegorical Tales, in Prose and Verse, for the Instruction and Amusement of Youth. By Miss Elliot. 8s.

GEOGRAPHIA.

Statistical Chart of Europe, uniting all that is most interest-

ing in the Geography of that distinguished portion of the Globe. By T. Myers, A. M. 5s. 6d.

An Historical Sketch of Moscow ; with 12 Coloured Imitations of Drawings 2l. 2s.

Geography in Question and Answer ; containing a Description of the Boundaries and Situation of the Different Countries in the World, with the Principal Towns, Rivers, Mountains, &c. By Two Ladies. 18mo. 3s. bound in Red.

A Geographical and Historical Dictionary of America and the West Indies; containing an entire translation of the Spanish work of Colonel Don Antonio de Alcedo, captain of the Royal Spanish Guards, and member of the Royal Academy of History ; with large additions and compilations from voyages and travels, and from authentic information. By G. A. Thompson, Esq. Vol. I, II, III, 4to. 4l. 14s. 6d. This work will form five volumes in quarto, to subscribers one guinea and a half each volume.

American Annals ; or, a Chronological History of America, from its Discovery in 1492 to 1806. By Abiel Holmes, D. D. Fellow of the American Academy of Arts and Sciences, member of the Massachusetts Historical Society, and minister of the First Church in Cambridge. Reprinted from a copy corrected and enlarged by the author, with maps of North and South America, 2 vol. 8vo. 1l. 1s.

HISTORIA.

A Letter to William King, LL. D. Principal of St. Mary's Hall, in Oxford ; containing a Particular Account of the Treasonable Riot at Oxford, in February 1747. By R. Blacow, A. M. F. R. S. Canon of Windsor. 1s. 6d.

A Metrical History of England ; or Recollections in Rhyme, of the most prominent features in our National Chronology, from the landing of Julius Cæsar, to the commencement of the Regency in 1812. By Thomas Dibdin, 2 vol. 8vo. 18s boards.

Annual Register ; or a View of the History, Politics, and Literature, for the year 1812. 8vo. 16s. boards.

Historical Account of the Isle of Thanet, interspersed with Matter-of-Fact Events, and Instructing Anecdotes, calculated for Amusement and Instruction. By Mrs. Pilkington. 12mo. 5s. boards.

Historical Sketch of the East India Company, from its first formation, to the passing the Regulating Act of 1773; with a Summary View of the Changes which have taken place since that period in the Internal Administration of British India. By R. Grant, Esq. royal 8vo. 15s. boards.

A Narrative of the late Campaign in Russia, containing information drawn from official sources, and from intercepted French documents hitherto unknown to the British public. By Sir Robert Ker Porter, Illustrated by plans, &c. of the general movements of both armies during their advance and retreat, and a portrait of the late general Kutusoff. 4to. 1l. 11s. 6d.

Memoirs of the last Two Years of the Reign of Charles I. By Sir Thomas Herbert, groom of the chambers to his Majesty. With a Portrait of the Author. To which is added, a particular Account of the Funeral of the King, in a letter from Sir Thomas Herbert to Sir William Dugdale. crown 8vo. 10s. 6d.

JURISPRUDENCIA.

Reports on Certain Remarkable Cases in the Court of Session, and Trials in the High Court of Justiciary. By W. Buchanan, Esq. Advocate. 8vo. 18s. boards.

Trial of F. Kendall, A. B. on the Charge of Setting Fire to Sidney College. 1s.

A Digest of the Penal Laws of England relative to Offences against God and Religion. By J. F. Archbold, Esq. of Lincoln's Inn. Part I. 16s.

Opinions of different Authors on the Punishment of Death. By Basil Montague, Esq. Vol. III. 8vo. 12s.

The Magistrate's Manual, or Summary of the Duties and Powers of a Justice of the Peace. By W. Soone. 8vo. 12s.

A Practical Treatise on the Law of Marriage, and other Family Settlements. By Edward Gibson Atherley, Esq. royal 8vo. 1l. 4s.

A Treatise on the Law of Slander, Libel, Scandalum Magnatum, and False Rumours. By F. Starkie, Esq. Barrister at Law. 8vo. 18s. boards.

An Analytical Digested Index to the Nisi Prius Reports, with Notes and References. By James Manning, Esq. of Lincoln's Inn. royal 8vo. 16s. boards.

Littleton's Tenures, in English; printed from the Second

Edition of the Commentary of Sir Edward Coke. By Joshua Montefiore, Attorney and Notary Public of the City of London. 4to. 1l. 10s. boards.

Letters on the Poor Laws, shewing the Necessity of bringing them back nearer to the Simplicity of their ancient Provisions, especially with regard to Settlements, as well for the Relief of the Rates, as for the Comfort and moral Character of the Poor themselves. By Sir Egerton Brydges, K. J. M. P. 8vo. 2s. 6d.

Reports of Cases upon Appeals and Writs of Error determined in the House of Lords, during the First Session of the Fifth Parliament of the United Kingdom of Great Britain and Ireland, 53 Geo. III. 1813. With the judicial Observations, at length on the several Cases, by Lords Eldon and Redesdale. By P. Dowe, Esq. of Lincoln's Inn, Barrister at Law. Part I. (to be continued.) royal 8vo. 6s. sewed.

MATHEMATICA.

Bija Gannita; or the Algebra of the Hindus. By E. Strachey. 4to. 15s.

A Treatise on the Motion of Rockets; to which is added an Essay on Naval Gunnery, in Theory and Practice. By William Moore, of the Royal Military Academy, Woolwich. 8vo. 10s.

MECHANICA.

An Essay on the Construction of Roads and Carriages. By Richard Lovell Edgeworth, Esq. F. R. S. M. R. I. A. Civil Engineer. 8vo. 14s.

MEDICINA, ANATOMIA, &c.

The Edinburgh Medical and Surgical Journal, exhibiting a Concise View of the latest and most Important Discoveries in Medicine, Surgery, and Pharmacy, (published Quarterly) No. XXXV. being the Third Number of the IX. Volume. 3s.

Cases of two extraordinary Polypi removed from the Nose. By Thomas Whateley, 2s.

An Essay on the Shoulder-Joint Operation: principally deduced from Anatomical Observation. By W. Frazer, Surgeon Major to the Garrison of Gibraltar. 2s.

Engravings from Specimens of Morbid Parts, preserved in the Author's Collection, and selected from the Divisions inscribed, Urethra, Vesica, Ren, Morbosa and Laesa, containing specimens of every disease which is attended with change of structure in these Parts, and exhibiting the injuries from the Bougie, Catheter, Caustic, Trochar, and Lithotomy Knife, incautiously used; with observations. By Charles Bell, imperial folio. 11. 16s. sewed.

Tracts on the Gout, &c. By T. Sutton, M. D. 8vo. 7s.

A Description of the Retreat, an institution near York, for Insane Persons of the Society of Friends; containing an account of the Origin and Progress of the Establishment, and the Modes of Treatment, Medical and Moral; also a Statement of Cases. By Samuel Tuke.

MILICIA E MARINHA.

Thoughts on National Defence. By J. M'Konochie. 1s.

A Course of Instruction for the use of the Royal Engineer Department. By Major Pasley. Vol. I. 15s.

Principles and Practice of Naval and Military Courts Martial. By J. M'Arthur, LL. D. 4th edition. 2 vols. 8vo. 11. 1s.

Historical, Military, and Picturesque Observations on Portugal; illustrated by numerous coloured Views, and authentic Plans of all the Sieges and Battles fought in the Peninsula during the present War. By George Landmann, Major in the Corps of Royal Engineers, Lieut. Col. in the same corps in the service of Spain, with brevet rank of Colonel. Part II. imp. 4to. 11. 1s.

Practical Field Fortification, illustrated by Plates; forming the second or supplemental volume to the Theory of Field Fortification. By C. Malati de Martemont, Master of Fortification and Artillery in the Royal Military Academy at Woolwich. 8vo. 6s.

MINERALOGIA.

A Treatise on Diamonds and Precious Stones, including their History, natural and commercial; to which is added some account of the best methods of cutting and polishing them. By John Mawe. Illustrated by three coloured plates. 8vo. 12s.

MISCELLANEA.

- A Series of Popular Essays, by Mrs. Hamilton. 2 vols. 8vo. 24s.
- Remarks on Sir W. Drummond's *Œdipus Judaicus*. By George D'Oyly, B. D. Part II. 8vo. 6s.
- The Oxford University Calendar for 1813. 12mo. 5s. 6d.
- Philosophy of Nature, or Influence of Scenery on the Mind and Heart. 2 vols. crown 8vo. 18s.
- The Complete Family Assistant, in ten numbers, at 6d. By J. M. Flindall.
- A Treatise on the Polish Game of Draughts. By J. G. Pohlman, Esq. 2s.
- The Works of Damiano, Ruip Lopez, and Salvio, on the Game of Chess, Translated by J. H. Sarratt. 12s.
- Facts tending to prove that General Lee was the Author of Junius. By T. Girdlestone, M. D. 7s. 6d.
- A Complete Discovery of the Author of Junius. 5s.
- The Cambridge University Calendar for 1813, foolscap. 5s. 6d. bds.
- An Essay towards a Theory of Apparitions. By John Ferriar, M. D. crown 8vo. 4s. 6d. boards.
- The Ladies' Companion for visiting the Poor. 12mo. 2s. sewed.
- Memoirs of the Literary and Philosophical Society of Manchester, second Series. Vol. II. 8vo. 14s. boards.
- Tableau de la Litterature Françoise, pendant le dix-huitième Siècle. 8vo. 7s.
- Correspondence of the late Gilbert Wakefield, B. A. with the late Right Honourable C. J. Fox, in the years 1796—1801, chiefly on Subjects of Classical Literature. 8vo. 9s.
- Tales of Real Life, by Mrs. Opie. 3 vols. 12mo. 18s. bds.
- Reflections on Suicide. By Madame de Staël, Baroness of Holstein. Translated from the French.
- A General Account of the Hunterian Museum, Glasgow: including historical and scientific Notices of the various Objects of Art, Literature, Natural History, Anatomical Preparations, Antiquities, &c. in that celebrated Collection. By Captain J. Laskey, Member of the Wernerian Nat. Hist. Soc. Edin. L. S. H. S. &c. &c. 8vo. 6s.
- The Influence of the Passions on the Happiness of Indi-

viduals and Nations. By Madame de Stael. 8vo. 10s. 6d.
The same in French. 10s. 6d.

Marci Hieronimi Vidæ Scacchia Ludus. The text from the
Oxford edition of 1725. 8vo. 3s. 6d.

Kirby's Wonderful Museum; containing twenty highly finish-
ed Portraits of eccentric and well known Characters, &c.
Vol. IV. 8vo. 12s.

MUSICA.

Twelve Hymns, appropriate for Charity Sermons, &c. the
Music composed and arranged for the Voice, Organ, or
Pianoforte, by Thomas Douglas Halley, Organist of the
Parochial Churches of St. John of Wapping and St. Paul
of Shadwell. 12s.

Handel's Messiah, adapted for the Voice, Organ, or Piano-
forte. Carefully arranged from Dr. Arnold's subscription
Copy: the Chorusses in Score, and the whole transposed
into the treble and bass Cliffs. 4to. 12s.

HISTORIA NATURAL.

Transactions of the Linnæan Society of London. Part I.
Vol. 2. 21s.

An Essay on the Philosophy, Study, and Use of Natural
History. By Charles Fothergill. foolscap, 8s. boards.

A Dictionary of Botanical Terms, for the use of Students
in Botany. By James Lee. 8vo. 4s. boards.

A Precursor to an Exposé on Forest Trees and Timber, &c.
By Captain Laymans. 8vo. 5s. 6d. sewed.

The Transactions of the Linnæan Society of London. Vol.
XI. Part 1. 4to. 11. 1s.

PHILOSOPHIA NATURAL.

A Lecture in proof of the Systems of Planets being inha-
bited. By James Mitchell, M. A. 1s. 6d.

A Treatise on New Philosophical Instruments. By David
Brewster, LL. D. 8vo. 18s. boards.

NOVELLAS E ROMANCES.

The Wife, or Caroline Herbert. By the late Mrs. Cooper.
2 vols. 10s.

Cottage Dialogues among the Irish Peasantry, with Illustrations. By Mary Leadbeater. second part. 6s.

The Marchioness, or Matured Enchantress. By Lady — 3 vols. 18s.

Sketches of Character, or Specimens of Real Life. A Novel. Second edition. 3 vols. 12mo. 15s. boards.

The Heart and the Fancy, or Valsinore : a Tale, by Miss Benger. 2 vols. 12mo. 12s. boards.

Demetrius, a Russian Romance. 2 vols. 12mo. 10s. 6d. boards.

The Sisters, a Domestic Tale. 12mo. 5s. boards.

Farrandino, a Continuation of Rinaldo Rinaldini. 2 vols. 12mo. 10s. 6d. boards.

It was Me ; a Tale, by Me. 2 vols. 12mo. 10s. boards.

The Prior Claim, a Tale. 2 vols. 12mo. 9s. boards.

St. Leonard's Forest, or the Child of Chance. A Novel. 2 vols. 12mo. 10s. boards.

Silvester Tramper's Travels through the Interior of South America. 12mo. 3s. 6d. boards.

Mount Erin ; an Irish Tale by Matilda Potter. 2 vols. 12mo. 10s. 6d.

The Miser Married, a Novel. By Catharine Hutton. 3 vols. 12mo. 15s.

I Can't Afford It, and other Tales. 2 vols. 12mo. 10s.

Iwanowna, or the Maid of Moscow. By the Author of the Officer's Widow and Family, Clergyman's Widow, Daughter in Law, &c. 2 vols. 12mo. 12s.

Mademoiselle de La Fayette. Translated from the French of Madame de Genlis. 2 vols. 12mo. 12s. The same in French, 10s.

Zulma, and other Tales. Translated from the French of Madame de Stael. To which is prefixed an Essay on Fictions. 8vo. 10s. 6d. The same in French, 10s. 6d.

PHILOLOGIA.

Two Letters on the Subject of the present Vacancy in the Professorship of Oriental Languages at Edinburgh. 1s.

Punctuation ; or an Attempt to facilitate the Art of Pointing. By S. Rousseau. 12mo. 5s.

Observations on the Use of the Words Shall and Will. 12mo. 1s. 6d. sewed.

A Grammar of the Hindustani Languages. By J. Shakespeare. 4to. 11. 1s.

The Hebrew Grammar, with principal Rules; compiled from the most considerable Grammars extant; and particularly adapted to Bythner's *Lyra Prophetica*: with suitable Directions for attaining a knowledge of the Sacred Language; and some new Tables. By Thomas Yeates, late of the University of Oxford: the fourth edition, with additions, 8vo. 3s. sewed, 5s. half bound.

POEZIA.

Poems on several Occasions, by the late Rev. W. Cameron, Minister of Kirknewton. 8vo. 7s.

The Queen's Wake, a legendary Poem. By James Hogg, the Ettrick Shepherd. 2d Edition. 8vo. 12s.

The Triumphs of Temper, or Beauties of Billingsgate. 1s. 6d.

Poetical Effusions. By C. Feist, aged 18. 6s. 6d.

Jokeby, a Burlesque on Rokeby; by an Amateur, in six Cantos. 5s.

Equanimity, or Death. By G. Watson, Esq. 4s.

The World before the Flood, a Poem. By James Montgomery. 8vo. 12s. boards.

Heath Blossoms. Foolsap. 4s. boards.

The Deserted Village School, a Poem. 8vo. 2s. sewed.

The Nature of Things, a Didascalical Poem, translated from the Latin of Titus Lucretius Carus, with Commentaries, and a Life of Epicurus. By Thomas Busby, Mus. Doc. Cantab. 2 vol. royal 4to. 5l. 5s.

Minstrelsy of Erin, or Poems, Lyrical, Pastoral, and Descriptive. By M. W. Hartstonge, Esq. Foolsap. 7s. 6d.

Collections from the Greek Anthology, and from the Poets of Greece. By the Rev. R. Bland. New edition. 8vo. 18s.

The Stranger's Visit, with other Minor Poems. By T. Mott. 12mo. 6s.

The Mourning Wreath, an elegiac Tribute to the Memory of the late Right Hon. Spencer Perceval. 8vo. 10s. 6d.

A New Translation (in Rhyme) of Ovid's *Metamorphoses*, with the Latin Text. By T. Orger. Vol. I. 10s.

Vagaries Vindicated; or Hypocritic Hypercritics: a Poem,
VOL. VII.

addressed to the Reviewers. By George Colman the Younger. 4to. 10s. 6d. boards.

Wanderings of; Woe, a Poem. By the Rev. J. Cox, D. D. 8vo. 5s. boards.

The Year, a Poem. By the Rev. J. Bidlake, D. D. 8vo. 10s. 6d. boards.

The Russian Chiefs, an Ode. 2 vol. 8vo. 12s. boards.

The Associate Minstrels. The second edition, with additional Poems. 8vo. 6s.

A Sequel to the Rejected Addresses; or, the Theatrum Poetarum Minorum: by another Author. 12mo. 4s.

The Accepted Addresses; or, Præmium Poetarum: to which is added Macbeth Travesty; also the Wig, by the most Classic Poet of this age. 8vo. 6s.

POLITICA, E ECONOMIA POLITICA.

An Inquiry concerning the Rise, Progress, and Management of the National Debt of Great Britain. By R. Hamilton. 8vo. 6s.

The impending Ruin of the British Empire; its Cause and Remedy considered. By Hector Campbell. 4s.

Complete Religious Liberty vindicated, in a Letter respecting the Petition for the Abolition of all Penal Statutes in Matters of Religion: with Remarks on the extraordinary Correspondence between the Rev. J. Quincey and J. Butterworth, Esq. By J. Evans, A. M. With a parting word to Mr. Quincey, and a Postscript concerning the free Propagation of the Gospel in India. 1s.

Reasons for Colonizing the Island of Newfoundland. By W. Carson, M. D. 1s. 6d.

A Letter to the Members of Parliament on the Address of the Inhabitants of Newfoundland to the Prince Regent. By W. Carson, M. D. 1s. 6d.

Historical Sketches of Politics and Public Men for the Year 1812, (to be continued annually.) 8vo. 7s. boards.

Perpetual War the Policy of Mr. Madison; being a candid Examination of his late Message to Congress; so far as respects the following Topics, viz. the pretended Negotiations for Peace; the important and interesting Subject of a Conscript Militia; and the Establishment of an immense Standing Army of Guards and Spies, under the name of a Local Volunteer Force. By a New-England Farmer. 8vo. 5s. sewed.

THEOLOGIA.

- Sermons by the late Rev. W. Moodie. 8vo. 10s. 6d.
- Life of Luther, with an Account of the early Progress of the Reformation. By Alexander Bower. 8vo. 12s.
- A Sermon preached in the Episcopal Chapel, Cowgate, for the benefit of the Lancasterian Schools. By the Rev. Daniel Sandford.
- The Legislative Authority of revealed Grace: an Essay on the Gospel Dispensation. 7s.
- Secret Thoughts of a Christian lately departed. 12mo. 4s. 6d. boards.
- A Narrative of the Proceedings of the Society called Quakers, within the Quarterly Meeting for London and Middlesex, against Thomas Foster, for openly professing their Primitive Doctrines concerning the Unity of God. 10s.
- Strictures on some of the Publications of the Rev. Herbert Marsh, D. D. By the Rev. Isaac Milner, D. D. F. R. S. Dean of Carlisle, &c. 9s.
- A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse. By William Cunninghame, Esq. 8vo. 10s. 6d. boards.
- An exposition of the Doctrines, Practices, and Ceremonies of the Church of Rome. 12mo. 2s. 6d. sewed.
- Evidences of fundamental Truths, Part I: By the Rev. J. T. Porter, 8vo. 5s. sewed.
- A Sermon, delivered in St. Mary's Church, Shrewsbury, March 10, by the Rev. Charles Powlett. 8vo. 1s. 6d.
- A Common-Place Book, or Companion to the Old and New Testament. By J. Strutt. 8vo. 12s. boards.
- Biblia Sacra ita exacte translata, ut statim videatur quid refert una quæque vox Textus, quod nullus antea præstitit interpres, A. T. D. sumptibus authoris, & centum duntaxat: The First Part, or Pentateuchus. 1 vol. 12mo. 12s. sewed.
- The Doctrine of New Jerusalem respecting the Lord. Translated from the Latin. Royal, 12s.;—Demy, 6s.
- Discourses on Universal Restitution. By John Prior Estlin, LL.D. 8vo. 7s.
- A Concise History of the Jews. By the Rev. J. Hewlett, B. D. 12mo. 6s.

- Sermons on various Important Subjects. By the Rev. R. Harrison. 8vo. 10s. 6d.
- Twenty-four Additional Select Discourses. By the Rev. U. Harwood, A. M. Vol. II. 8vo. 10s. 6d.
- A Course of Practical Sermons, expressly adapted to be read in Families. 8vo 9s.
- Christian Plea and Liberal Apology for the British and Foreign Bible Society. 8vo. 2s. 6d.
- Visits of Mercy. By the Rev. E. S. Eley. 12mo. 4s.
- A Practical Treatise on the Holy Spirit. By the Rev. G. S. Faber, B. D. 8vo. 7s.
- A Review of the Liturgy and Articles of the Church of England. By Mr. R. Littlehale. 8vo. 1s. 6d.
- A short and Familiar Exposition of the Collects of the Church of England. 12mo. 4s. 6d.
- Scripture Selections on the Attributes of the Divine Being. 12mo. 1s. 6d.
- A Tenet of the Millennium, or of the First Resurrection, to the reign of Christ upon Earth for a thousand years. By E. L. 3s.
- A new Translation of the Institutes of the Christian Religion. By John Calvin. Translated from the original Latin, and collated with the author's last edition in French. By John Allen. 2 vol. 8vo. 2l. 5s.

VIAGENS.

- Travels in Sweden during the autumn of 1812. By Dr. Thompson, with maps, &c. 4to. 2l. 2s.
- A Voyage round the World, between 1800 and 1806, a new edition in quarto, with numerous additions. By John Turnbull. 2l. 2s.
- Voyage dans le Nord de l'Europe, with plates. By A. Lamotte. 4to. 2l. 2s. boards.
- Letters relative to a Tour on the Continent in the year 1812. By the Rev. C. F. A. Steinkopff. 12mo. 3s. 6d.
- Sicily and its inhabitants, in 1809 and 10. By W. H. Thompson, Esq. 4to. 1l. 11s. 6d. boards.
- The European in India, from Drawings by C. Doyley, Esq.; with Preface and History, by Captain Williamson and F. W. Blagdon, Esq. Royal 4to. 5l. 5s.

- A Journal from London to St. Petersburg, by-way of Sweden. By George Green, Esq. 12mo. 7s. 6d. boards.
- History of Voyages and Discoveries in the South Sea, Part III., from 1620 to 1688. By Captain J. Burney. Royal 4to. 2l. 2s.
- Oriental Memoirs, selected and abridged from a Series of Familiar Letters, written during seventeen years residence in India, and during four Voyages to India. By James Forbes, F. R. S. &c. With 94 Engravings. 4 vol. 4to. 16l. 16s.
- Travels in the Morea, Albania, and other parts of the Ottoman Empire. By F. C. Pouqueville, M. D. 4to. 2l. 2s.
- Letters written in a Mahratta Camp, in 1809. By Thomas Dewar Broughton, Esq. 4to. 2l. 8s.
- A Classical Tour through Italy, exhibiting a View of its Scenery, its Antiquities, and its Monuments; with Observations on the recent Spoliations of the French. By the Reverend John Chetwode Eustace. 2 vol. 4to. 5l. 5s.
- Travels through Norway and Lapland in the years 1806-7. By Leopold Von Buch, Member of the Royal Academy of Sciences, Berlin. Translated from the German, by John Black; with Notes, and a Life of the Author, by Professor Jameson. 4to.

POLITICA.

F R A N Ç A.

PARIS, 1 DE SEPTEMBRO.

Os acontecimentos militares succedem huns aos outros tão rapidamente, que não permitem que se faça huma relação circumstanciada ; mas, em quanto se espéra, estamos authorizados a publicar a seguinte carta, dirigida por Sua Excellencia o Duque de Bassano, Ministro dos negocios Estrangeiros, a Sua Alteza Serenissima o Principe Archi Chancellor do Imperio :—

“ MONSEIGNEUR !

Tive a honra de escrever a Vossa Excellencia hontem, 26, e de annunciar a V. A. Serenissima, que os exercitos Russianos, Prussianos e Austriacos marcháram para atacar Dresden, debaixo da inspecção de seus Soberanos, e que tinham sido repulsados em todos os pontos.

Vós comprehendereis facilmente que o Imperador está por tal maneira occupado, que lhe he impossivel, a estemomento, dar huma relação circumstanciada de todos os acontecimentos que tem succedido.

As hostilidades começaram aos 17. S. M. entrou em Bohemia aos 19, occupando o principal dezembocadouro em Ramburg e Gabel, tendo marchado as suas tropas até duas leguas de Praga. Aos 21 estava na Silezia, derrotando os exercitos Russianos e Prussianos dos Generaes Sacken, Langeron, York, e Blucher, e forçando as bellas posições do Bober.

Em quanto o inimigo suppunha que S. M. estava ainda na Silezia, elle deixou ali hum poderoso exercito, debaixo das ordens do Duque de Tarentum, fez marchar as suas guardas dez leguas por dia, e chegou a Dresden, que tinha estado por alguns dias ameaçada de hum iminente ataque.

S. M. entrou na cidade pelas 9 horas da manhã, e immediatamente fez as suas disposições. Pelas 3 horas da tarde, o exercito Russiano Prussiano e Austriaco, commandado pelos Generaes Wittgenstein, Kleist, e Schwartzenberg, desdobrou 150.000 homens, marchando para a cidade. Todos os ataques fôram repulsados sómente pelas guardas antigas e novas, que se cubriram de gloria.

O inimigo deixou 4,000 mortos ao pé de nossos reductos. Nós tomamos 2,000 homens, huma bandeira, e varias peças d'artilheria.

Esta manhã, ás 4 horas, o Imperador foi ao campo; a chuva cahia em torrentes: os marechaes Duque de Ragusa, e Duque de Belluno passáram a ponte com os seus corpos. As 8 horas começou o ataque de nossa parte com huma viva canhonada. A extremidade da esquerda do inimigo era commandada pelos Generaes Austriacos Ignace, Giuley, e Klenau, e estava separada do resto do exercito pelo vale de Plauen. O Imperador ordenou que fosse atacada pelo Marechal Duque de Belluno, e pela cavallaria do General Latour Maubourg, debaixo das ordens d'El Rey de Napoles. Nós contamos entre os nossos tropheos de hoje 15,000 homens, entre os quaes ha o Tenente Feld-Marechal Metzko, dous Generaes de brigada, muitos officiaes superiores, 20 peças d'artilheria, e 10 bandeiras.

Durante este tempo o General Vandamme, que tinha desembocado por Koiregolun, se apossou das alturas de Pirna, marchou por ambos os lados da estrada de Peterswalde, e se asenhoreou das desembocaduras de Bohemia, derrotando 15,000 homens, que se apresentáram diante d'elle; e fazendo grande numero de prisioneiros.

A este momento todas as estradas de Peterswalde e de Freyberg fôram intersectadas; os Russianos e Prussianos viéram pela estrada de Peterswalde, e os Austriacos pela de Freyberg.

Se o exercito do inimigo, que he numeroso; porque he composto de corpos Russianos e Prussianos, e de todo o exercito Austriaco, se determinar a retirar se, necessariamente soffrerá perdas consideraveis: se se deixar ficar, teremos amanhã acontecimentos mui destruidores.

Desde a acção de Ulm, nunca o exercito Francez esteve exposto a peor tempo, nem a mais abundante chuva. O Imperador esteve exposto á chuva todo o dia. A este momento se vem recolhendo. As numerosas columnas de prisioneiros, peças d'artilheria, e bandeiras, que se tomáram vem atravessando a cidade. Os habitantes mostram a mais viva alegria á vista destes tropheos. O Duque de Reggio

devia estar em Berlin aos 23 ou 24. O Duque de Tarento expulsou os restos do inimigo de Silesia para Breslau.

Naõ he hum bulletin que estou dirigindo a V. A. S.; porém julguei que era do meu dever dar-vos ésta importante noticia; naõ tendo S. M. tempo para escrever; elle goza mui boa saude.

Huma circumstancia excitará a indignação universal; e he que o General Moreau se acha no exercito do inimigo; no sequito da Imperador de Russia, como seu conselheiro Privado. Elle tem tirado a mascara, que ha alguns annos o naõ encubria das pessoas intelligentes. Eu naõ posso ainda, Monseigneur, mandar a V. A. Serenissima os documentos relativos á declaração de guerra de Austria. No meio destes acontecimentos que se succedem huns aos outros, naõ tenho achado hum momento de os por na presença do Imperador.

Sou com todo o respeito, Monseigneur,

Vosso humilde criado, &c.

O Duque de BASSANO.

Dresden, 27 d'Agosto,
6 horas da tarde.

As nossas perdas fôram mui inconsideraveis; as acçoens d'hontem naõ nos custaram pessoa alguma de graduação.

Paris, 5 de Setembro.

Sua Magestade a Imperatriz Raynha e Regente, tendo voltado hoje de sua jornada a Cherbourg, se apeou no Palacio de S. Cloud, pela huma hõra da madrugada; ao meio dia a artilheria annunciou a sua chegada á capital.

Sua Magestade a Imperatriz Raynha e Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 20 de Agosto:—

Os inimigos denunciáram o armisticio aos 11, pelo meio dia; e disséram que as hostilidades comecariam aos 17 pela meia noite. Ao mesmo tempo huma nota, que o Conde de Metternich, Ministro d'Austria dos Negocios Estrangeiros, dirigio ao Conde de Narbonne lhe deo a entender, que a Austria tinha declarado guerra á França.

Aos 17 as disposições dos dous exercitos eram as seguintes:—

O 4., 12., e 7., corpo, debaixo das ordens do Duque de Reggio, estavam em Dahme.

O Principe de Eckmuhl, com o seu corpo, a que se ajuntaram os Dinamarquezes, se acampou em frente de Hamburgo, tendo o seu quartel-general em Bergedorff.

O 3. corpo estava em Liegnitz, debaixo das ordens do Principe de Moskwa.

O 5. corpo estava em Goldberg debaixo das ordens do General Lauriston.

O 11. corpo estava em Lowenberg, sob o Duque de Tarantum.

O 6. corpo, commandado pelo Duque de Ragusa, estava em Buntzlau.

O 8. corpo, sob o Principe Poniatowski, estava em Zittau.

O Marechal S. Cyr, estava com o 14. corpo tendo a ala esquerda sobre o Elbo, para o campo de Koenigstein, de ambos os lados da estrada grande de Praga a Dresden, e puchando o seu corpo de observação para as desembocaduras de Marienburg.

O 1. corpo tinha chegado a Dresden, e aos 2 a Zittau.

Dresden, Torgau, Wittenberg, Magdeburg, e Hamburg, tinha cada huma a sua guarnição, e estavam armadas, e providas de mantimentos.

O exercito do inimigo estava, segundo se pôde averiguar, na seguinte posição :

8,000 Russianos e Prussianos tinham entrado na Bohemia, na manhã de 10, e deviam chegar ao Elbo aos 21. O exercito éra commandado pelo Imperador Alexandre e Rey de Prussia, pelos Generaes Russianos Barclay de Tolly, Wittgenstein e Milloradowitsch, e pelo General Prussiano Kleist. As guardas Russianas, e Prussianas formávam parte deste exercito, o qual, junto ao exercito do Principe Schwartzenberg formava hum grande exercito, cuja força éra de 200,000 homens. Este exercito devia obrar na margem esquerda do Elbo, passando aquelle rio na Bohemia.

O exercito de Silezia, commandado pelos Generaes Prussianos Blucher e d'York, e pelos Generaes Russianos Sacken e Langerow, parece que se ajuntava para Breslau; éra da força 100,000 homens.

Varios corpos Prussianos e Suecos, e corpos da insurreição, cubrîram Berlin, e se oppozêram a Hamburgo, e ao Duque de Reggio. A força do exercito que cubria Berlin se avaliava em 110,000 homens.

Todas as operaçoens do inimigo fôram feitas na supposição de que o Imperador passaria para a margem esquerda do Elba.

A guarda Imperial sahio de Dresden, e marchou para Bautzen aos 15, e a 18 para Goerlitz.

Aos 19, o Imperador foi para Zittau, e ordenou instantaneamente ao corpo do Principe Poniatowski, que marchasse, forçasse os desfiladeiros de Bohemia, passasse a grande cadeia de montanhas que sepáram a Bohemia da Lusacia, e entrasse em Gabel, em quanto o General Lefevre Desnonettes, com huma divisaõ de infantaria e cavallaria das guardas obteve posse de Rumburg, limpou de inimigos a garganta das montanhas em Georgenthal, e o General Polaco Reminski tomou Friedland, e Reichenberg. Esta operaçaõ éra destinada a incommodar o inimigo em Praga, e adquirir informaçoes certas relativamente a seus designios. Soube-mos ali o que os nossos espias ja nos tinham communicado, que a melhor parte do exercito Russiano e Prussiano estavam atravessando a Bohemia, e unindo-se na margem esquerda do Elbo. As nossas tropas ligeiras pucháram a diante ate a 16 leguas de Praga.

O Imperador estava em Zittau, tendo voltado de Bohemia, aos 20, pelas 10 horas da manhaã.

Elle deixou o Duque de Belluno com o 2 corpo, em Zittau, para fortalecer o corpo do Principe Poniatowski. Elle poz o General Vandamme, com o 1. corpo em Rumburg, para sustentar o General Lefevre Desnonettes. Estes dous generaes, occupando o ponto com grande força, mandáram construir redutos nas alturas que senhorêam a ponta. O Imperador tomou a estrada de Lobau na Silezia, aonde chegou aos 20, antes das 7 horas da tarde.

O exercito inimigo da Silezia tinha violado a neutralidade, e passou pelo territorio neutral depois de 12 do mez. Aos 15 insultou todos os nossos postos avançados, e a prisionou algumas sentinellas.

Aos 16 hum corpo Russiano se postou entre o Bober, e o posto de Speller, occupado por 200 homens da divisaõ de Charpentier. Estes valorosos homens, que descansavam na fé dos tractados, corrêram ás armas, passáram pelo centro do inimigo, e o despersáram. Eram commandados pelo Chefe de Divisaõ Guillerme.

Aos 18 o Duque de Tarentum deo ordem ao General Rucchi, para tomar o pequeno lugar de Lahn, e marchou para ali com huma brigada Italiana: elle executou valorosamente as suas ordens, e causou ao inimigo huma perda de mais de 500 homens. O General Rucchi he hum official de merecimento distincto. As tropas Italianas atacáram as Russianas, que éram superiores em numero, com a bayoneta calada.

Aos 19, o inimigo se acampou em Zobten. Hum corpo

de 12,000 Russianos passou o Bober, e atacou o posto de Liebenceken, que éra defendido por 3 companhias ligeiras. O General Lauriston mandou pegar em armas a huma parte de seu corpo, e sahio de Lowenberg, marchou contra o inimigo, e o lançou ao Bober. A brigada do General Lafitte, da divisaõ de Rochambeau, se distinguio muito.

No entanto o Imperador chegou a Lubau aos 20; e ao romper do dia 21 estava em Lowenberg, e mandou lançar pontes a trevez do Bober. O corpo do General Lauriston cruzou o rio ao meio dia. O General Maison, com seu valor costumado, derrotou tudo que tentou fazer oppozição á sua passagem, tomou todas as posiçoens, e repellio o inimigo pelejando até junto de Colberg; foi sustentado pelo 5. e 11. corpo. Na sua esquerda, o Principe de Moskwa mandou atacar o General Sacken com o 3. corpo em frente de Buntzlau, derrotou-o, po-lo em fugida, e tomou alguns prisioneiros.

O inimigo começou a retirada. Houve huma acção em frente de Goldberg, aos 23 d'Agosto. O General Lauriston estava á frente do 5. e 11. corpo. Tinha diante de si os Russianos, que cubriam a posição de Flensburg, e os Prussianos que se extendiam para a direita, na estrada de Liegnitz. Ao momento em que o General Girard desembocava para a esquerda, sobre Niederon, huma columna de 25,000 Prussianos appareceo neste ponto. Elle a mandou atacar no meio do abarracamento do campo antigo, que foi forçado em todos os pontos: os Prussianos tentáram fazer varios ataques de cavallaria, que fôram repulsados em toda a parte; elles fôram expulsados de suas posiçoens, e deixáram cousa de 5,000 mortos no campo de batalha, alem de prisioneiros, &c.

Na direita, Flensburg foi tomada e retomada varias vezes. Por fim o regimento 135 se lançou sobre o inimigo, e o derrotou inteiramente. O inimigo perdeu neste ponto 1000 mortos, e 4000 feridos. O exercito Alliado se retirou em desordem, e com grande pressa, para Jauer.

Sendo assim derrotado o inimigo na Silezia, o Imperador levou com sigo o Principe de Moskwa, deixou o commando do exercito de Silezia ao Duque de Tarentum, e chegou a Stolpeu aos 25. As guardas antigas, e novas, infantaria, cavallaria, e artilheria marcháram 40 leguas em 4 dias.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente recebeu esta manhã a seguinte noticia do exercito, datada de 28 d'Agosto.

Aos 26 ás 8 horas da manhã o Imperador entrou em Dresden. O grande exercito Russiano, Prussiano, e Austriaco, commandado pelos Soberanos, estava em frente da cidade; e coroava todos os outeiros que cercam Dresden, na distancia de huma pequena legua na margem direita. O marechal St. Cyr, com o 14. corpo, e a guarnição de Dresden, occupava o campo entrincheirado, e alinhou com os atiradores as fortificaçoens que cercam os suburbios. Ao meio dia tudo estava tranquillo; porém aos olhos escrutadores ésta calma éra precursora de huma tormenta: parecia eminente hum ataque.

As 4 horas da tarde, ao signal de 3 peças d'artilheria, se formáram seis columnas do inimigo, cada huma precedida de 50 peças d'artilheria, e em poucos momentos, depois de descerem para a planicie, marcháram para os redutos. Em menos de hum quarto d'hora o fogo éra terrivel: Tendo-se feito calar o fogo de hum reducto, os inimigos o flanqueáram, e fizéram esforços ao pé das fortificaçoens dos suburbios, aonde grande numero foi morto.

Eram quasi 5 horas; combatia huma parte da reserva do 14. corpo; algumas bombas cahiram na cidade; este momento éra de aperto: o Imperador ordenou a El Rey de Napoles que marchasse com a cavallaria do General Latour Maubourg para o flanco direito do inimigo; e o Duque de Treviso que marchasse para o flanco esquerdo. As 4 divisoens das guardas novas, commandadas pelos Generaes Dumoutier, Barrois, Decouz, e Rouguet, desembocáram então, duas pela porta de Planen. O Principe de Moskwa desembocou á frente da divisaõ de Barrois. Estas divisoens, derrotáram tudo quando se lhes apresentou adiante; o fogo immediatamente passou a huma distancia, do centro para a circumferencia, e logo foi repulsado para os outeiros o inimigo. O campo de batalha ficou cuberto de mortos, artilheria, e fragmentos. O General Dumoutier está ferido assim como os Generaes Boyeldieu, Tyndal, e Combelles. O official d'artilheria, Baranguer, está ferido mortalmente; éra hum moço de grandes esperanças. O General Gross das guardas foi o primeiro que se lançou aos fossos do reducto, aonde os çapadores do inimigo estavam ja trabalhando, em cortar as estacadas; elle recebeu huma ferida de bayoneta.

Escurecendo a noite, parou o fogo, e o inimigo, tendo falhado no seu ataque, deixou mais de 2,000 prisioneiros no campo de batalha, que estava cuberto de mortos e feridos.

Aos 27 o tempo éra horrorozo, e a chuva cahia em torrentes: Os soldados tinham passado a noite na lama, e agua. As 9 horas da manhã podemos perceber claramente, que o inimigo alongava a sua ala esquerda, e cubria as alturas, que estavam separadas do seu centro pelo vale de Planen.

El Rey de Napoles partio com o corpo do Duque de Beluno, e a divisaõ de Couraceiros, e desembocou na estrada de Freyberg com a sua ala esquerda. Elle o executou com mui bom successo. As 6 divisoens que compunham esta ala foram rompidas, e dispersas. Ametade dellas, com as suas bandeiras, e artilheria, ficou prisioneira, e neste numero ha varios generaes.

No centro, huma viva canhonada fixou a attençaõ do inimigo, e algumas tropas se mostraram promptas a atacallo na esquerda.

O Duque de Treviso, com o General Nansouty, manobrou na planicie, com a sua esquerda para o rio, e a sua direita nas alturas. O corpo do Marechal St. Cyr unia a nossa esquerda com o centro, que éra formado do corpo do Duque de Ragusa.

Perto das duas horas da tarde se decidio o inimigo a fazer a sua retirada; tinha perdido a sua grande communicacão com a Bohemia, na ala esquerda e direita. O resultado deste dia he; de 25 a 30 mil prisioneiros, 40 bandeiras, e 60 peças d'artilheria. Podemos contar com que o inimigo perdeu 60,000 homens. A nossa perda em mortos e feridos e prisioneiros chega a 4,000 homens.

A cavallaria cubrio-se de gloria. O estado maior da cavallaria publicará as particularides, e mencionará os que se distinguiram. As guardas tem merecido os louvores de todo o exercito. As guardas velhas tivéram na acção dous batalhoens; os seus outros batalhoens fôram conservados na reserva na aldea, para estarem á disposiçaõ. Os dous batalhoens que pelejáram leváram tudo diante de si.

A cidade de Dresden correo grande perigo. O comportamento dos habitantes foi tal, qual se devia esperar de hum povo alliado. El Rey de Saxonia e a sua familia ficaram em Dresden, e tem dado o exemplo de confiança.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 30 d'Agosto :—

Aos 28, 29, e 30 seguimos os nossos bons successos. Os generaes Castex, Doumerete, D'Oudenarde, do corpo do General Latour Maubourg, tomáram 1,000 caixoes ou carros de munição, e ajuntaram muitos prisioneiros. As aldeas estão cheias dos feridos do inimigo. Nos contamos 10,000 delles. O inimigo, segundo o que dizem os prisioneiros teve 8 generaes mortos ou feridos.

O Duque de Ragusa teve varias acções nos postos avançados, que attestam a intrepidez de suas tropas.

O General Vandamme, commandante do 1. corpo, aos 25, desembocou por Kmigstein, e aos 26 tomou posse do campo de Pirna, da cidade, e de Hokendorf. Elle interceptou a grande communição de Praga para Dresden. O Duque de Wurtemberg, com 15,000 Russianos, foi encarregado de observar esta desembocadura. Aos 28 o General Vandamme o atacou, e derrotou, tomou-lhe 2,000 prisioneiros, 6 peças d'artilheria, e o expulsou para a Bohemia. O principe de Reus, General de brigada, official de grande merecimento, foi morto.

Aos 29 o General Vandamme tomou huma posição sobre os outeiros de Bohemia, e se estabeleceu ali. Elle mandou correr o paiz por differentes partidas de tropas ligeiras para obter informações do inimigo, para o incomodar, e para se apossar de seus armazens.

O Principe de Eckmuhl estava aos 24 em Schwerin. Elle não teve nenhuma acção de consequencia.

Os Dinamarquezes se tem distinguido em varios ataques de pouca importancia.

A abertura da campanha tem sido a mais brilhante, e nos permite formar grandes esperanças. A qualidade de nossa infantaria he mui superior á do inimigo.

Paris, 7 de Setembro.

S. M. a Imperatriz e Raynha recebeu as seguintes noticias do Exercito, datadas de 1 de Setembro :—

Aos 28 de Agosto, El Rey de Napoles, e o Duque de Belluno pernoitárem em Freyberg, aos 29 em Lichtenberg, e aos 30 em Zittau, aos 31 em Sayda.

O Duque de Ragusa, com o 6. corpo, pernoitou aos 28 em Dippoldiswalda, aonde o inimigo abandonou 1,200 feridos; aos 29 em Falkenham, e aos 31 em Zenwalda.

O 14. corpo, debaixo das ordens do Marechal S. Cyr, estava aos 28 em Maxen, aos 29 em Reinhordt Grumna, aos 30 em Dillersdorf, aos 31 em Lielman.

O 1. corpo sob o General Vandamme estava aos 28 em Hollandorf, e aos 29 em Peterswalda, occupando as montanhas.

O Duque de Treviso estava postado em Pirna, aos 28 e 29.

O General Pagal, commandante da cavallaria tomou alguns prisioneiros.

O inimigo se retirou para a posição de Dippoldiswalda e Altenberg, a sua esquerda seguiu a estrada de Planen, e retrocedeo por Tharandt para Dippoldiswalda, não podendo retirar-se pelo caminho de Freyberg.

A sua direita não se podia retirar pela calçada de Pirna nem pela de Dolma, e portanto se retirou para Maxen; e dali para Dippoldiswalda. Tudo quanto ali havia de partidarios, ou corpos destacados fôram cortados.

A bagagem Russiana, Prussiana, e Austriaca, se embarcou na calçada de Freyberg; tomáram-se ali varios milhares de carruagens. Chegando a Altenburg, aonde o caminho de Toeplitz para Dippoldiswalda he impracticavel, o inimigo tomou a resolução de abandonar mais de 1000 carros de munição e bagagem. Este grande exercito tornou a entrar na Bohemia, depois de ter perdido parte de sua artilheria e bagagem.

Aos 29 o General Vandamme passou, com 8 ou 10 batalhoens, a garganta da grande cadêa, e marchou para Kulm: ali encontrou o inimigo, com a força de 8 ou 10 mil homens; que lhe offereceo batalha; mas não se achando sufficientemente forte, mandou descer o seu corpo d'exercito; e bem depressa teria derrotado o inimigo. Em vez de tornar a sobir e postar-se nas alturas, ficou ali e tomou huma posição em Kulm, sem guardar a montanha; ésta montanha dominava a unica calçada; e he alta. Só aos 30, o Marechal St. Cyr, e o Duque de Ragusa chegáram ao desembocadouro de Toeplitz. O General Vandamme pensou somente em fechar o caminho ao inimigo, e tomar tudo. *A inimigo que foge, ou se lhe devem fazer pontes de ouro; ou se lhe devem oppor barreiras de ferro.* Elle não se achava assaz forte, para oppor ésta barreira de ferro.

Com tudo, percebendo o inimigo, que este corpo d'exercito de 18,000 homens se achava solitario na Bohemia, separado por altas montanhas; e que todos os outros estavam

ao pé das montanhas, e da outra parte; vio que elle estava perdido, a menos que o não derrotasse; e concebeo a esperanza de o atacar com bom successo; sendo má a sua posição.

As guardas Russianas estavam á frente do exercito, que pelejava em retirada; a ellas se uniram de novo duas divisoens Austriacas, o resto do exercito inimigo se lhe unio ao desembocar, seguindo se o 2., 6., e 4. corpo: estes alcançaram o 1. corpo.

O General Vandamme mostrou boa face, repulsou todos os ataques, penetrou tudo quanto se lhe apresentou, e cubrio de mortoso campo de batalha. Cresceo a desordem no campo inimigo; e com admiração se vio que hum pequeno numero de gente pôde fazer contra huma multidão, cujo moral esta enfraquecido.

A's duas horas da tarde, a columna Prussiana do General Kleist, cortada em sua retirada desembocou por Peterswalda, para se esforçar em penetrar na Bohemia; não encontrou inimigo chegou ao cimo das montanhas, sem achar resistencia; postou-se ali, e dali vio o que se estava passando. O effeito desta columna na retaguarda do inimigo decidio o negocio.

O General Vandamme marchou immediatamente contra esta columna, que repulsou: elle foi obrigado a enfranquecer a sua linha, neste delicado momento. Voltou-se a fortuna; e com tudo elle pôde obter o derrotar a columna do General Kleist, que foi morto: os soldados Prussianos atiraram fóra com as armas, e se precipitaram nos fossos e matos. Nesta refrega desapareceo o General Vandamme. Suppõem-se que foi morto.

Os Generaes Carboneau, Dumonceau, e Philippon, determinaram aproveitar-se deste momento para se retirarem; parte pela estrada grande, e parte pelos atalhos, com as suas divisoens abandonando todo o *material*, que consistia em 30 peças d'artilheria, e 300 carros de varias qualidades, trazendo com sigo os cavallos.

Na situação em que os negocios estavam, não podiam elles obrar melhor. Os mortos, feridos, e prisioneiros, nesta acção poderaõ fazer subir a nossa perda a 6,000 homens. Julga-se que a perda do inimigo, não podia ser menos de 4 a 5,000 homens.

O primeiro corpo se concentrou a huma legua do campo de batalha, sobre o 14. corpo. Fez-se huma lista das perdas nesta catastrophe, que he devida ao ardor guerreiro, mal calculado. O General Vandamme merece ser lamentado, possuia rara intrepidez. Morreo no campo de batalha, envejado por todos os homens valorosos.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito, em data de 2 de Setembro:—

Aos 21 de Agosto, o exercito Russiano, Prussiano, e Austriaco, commandado pelo Imperador Alexandre e Rey de Prussia, entrou na Saxonia, e aos 22 marchou contra Dresden, com 180 a 200 mil homens, tendo hum immenso trem, e cheio de esperanças, não sómente de nos expulsar para a margem direita do Elbo; mas tambem de marchar para o Rheno, e manter a guerra entre o Rheno, e o Elbo. Em cinco dias vio confundidas todas as suas esperanças; 30,000 prisioneiros, 10,000 feridos caíram em nosso poder, o que faz hum numero de 40,000 homens; 20,000 mortos ou feridos, e outros tantos doentes, em consequencia da fadiga, e falta de mantimentos (estivêram 5 ou 6 dias sem pão) o enfranqueceram em mais de 80,000 homens.

Agora não chega a 100,000 homens em armas, perdeu mais de 100 peças de artilheria, parques inteiros, 1,500 carros de munição e artilheria foram queimados ou caíram em nossas mãos; mais de 3,000 carros de bagagem, que foram queimados, ou tomados; ha 40 bandeiras ou estandartes: entre os prisioneiros ha 4,000 Russianos. O ardor do exercito Francez, e a coragem da infantaria, fixa a attenção de todos.

O primeiro tiro de artilheria, que se atirou das baterias das guardas Imperiaes, no dia 27, ferio mortalmente o General Moreau, que tinha voltado da America para entrar no serviço Russiano.

Participação do Ministro da Guerra, a S. M. o Imperador, datada de 9 de Agosto, 1813.

SENHOR!

Vos estais informado dos acontecimentos que tem surtido no norte da Hespanha, desde o mez de Junho passado, determinando conferir o commando de vossos exercitos na Peninsula a Sua Excellencia o Marechal Duque de Dalmeida. Logo que elle se poz á sua frente se melhoráram consideravelmente os negocios na Peninsula. Parou-se a audacia do inimigo, e desfizêram-se os seus projectos. Forçados por hum momento a levantar o cerco de Pamplona, perderam os Inglezes muita gente no ataque que se lhes fez, e foram testemunhas da destruição das obras e armazens, que

tinham estabelecido junto áquelle lugar; pouco tempo depois do inimigo ter embarcado a sua artilheria de cerco, e suspendido por algum tempo o assedio de S. Sebastião, deixando ao pé daquella praça grande numero de soldados, que em vão tentaram limpar a brecha.

Porem, Senhor, não obstante as favoraveis circumstancias, e ainda que os exercitos de Aragoão e Catalunha, que não tem cessado de ser victoriosos, esperassem novas vantagens da concentração de suas forças, he impossivel dissimular a necessidade de mandar aos exercitos reforços que os ponham em estado de destruir os designios dos Inglezes, os quaes podem diariamente receber reforços. A elevação dos facciosos, que os Inglezes tem excitado na Peninsula, apresentara novos obstaculos as nossas tropas: e não se pode demorar o por os exercitos de Hespanha em estado de as superar todas, e reasumir a superioridade.

Tenho ja submettido a V. M. as differentes cousas que me tem pedido os Marechaes Duque de Dalmacia, e d'Albufera, para obter reforços que são absolutamente indispensaveis.

Agora tenho a honra de propor a V. M. que ordene huma leva da ultima conscripção, nos departamentos vizinhos aos Pyreneos.

Os habitantes daquelles departamentos, animados pelo amor da Patria, e penetrados de quam importante he, principalmente para elles, a defesa daquella fronteira, não duvido, que farão com ardor os novos esforços, que as circumstancias exigem. Não ha ninguem no Sul que não esteja penetrado destes sentimentos, e que não esteja prompto a fazer os maiores sacrificios, se forem necessarios, para sustentar a gloria da França, e defender o territorio. Ja Basques tomou as armas voluntariamente, sem que fosse chamado por V. M. e marchou contra o inimigo. Em todos os pontos desta parte do Imperio, os desejos dos habitantes, movidos pelo interesse geral, clamam por esta medida, que proponho a V. M. e todos estão convencidos de sua absoluta necessidade. Em consequencia proponho a V. M. o ordenar, que se faça naquelles departamentos huma leva de 30,000 homens, para reforçar os exercitos da Hespanha.

O Ministro da Guerra,

O Duque de FELTRE.

Motivos do Projecto do Senatus Consultum.

SENHORES SENADORES !

Quando em Dezembro passado vos adverti neste Tribunal que o Gabinete Inglez era o fomentador da guerra, a vossa sabedoria reconheceo esta verdade, que os acontecimentos posteriores tem, se he possivel, feito ainda mais evidente.

Enganado nas esperanças, que tinha concebido sobre as vantagens dos nossos em o Norte: assustado, como sempre he, á vista das negociaçoens, pensou somente na guerra: a Inglaterra tem sido prodiga nesta parte do Mundo de intrigas e promessas, assim como no Sul tem sido prodiga de reforços, e sacrificios.

Obrigados a ceder á superioridade do numero, e as vantagens do commercio maritimo os nossos exercitos na Hespanha tem necessidade de reforços. A prudencia não admitte que se faça alteraçãõ alguma nas disposiçoens, determinadas da parte da Alemanha; disposiçoens, em que somente se estribam as mais justas esperanças; e que debaixo da direcção do Imperador, garantem a mais profunda segurança, e, se fôr necessario, as mais brilhantes vantagens.

Pertence pois, aos departamentos do Sul o accrescentar aos Corpos d'exercito, que os defendam, as forças necessarias.

Na ultima guerra se deo hum exemplo glorioso, quando o inimigo desembocou no artigo territorio da Belgia.

Os cidadãos se armáram admiravelmente, e deixando as suas familias e occupaçoens, marcharam em montoes contra os Inglezes, que depressa, se viram obrigados a retirar-se diante deste exercito.

Agora a valorosa Basques, e todos os valentes habitantes dos Pyreneos, e departamentos vizinhos, animados da affeição e fidelidade, com zelo e coragem, se offerecêram, somente á voz da aproximação do inimigo ao norte da Hespanha.

Porém o Imperador não intima que seja necessario fazer uso por algum tempo deste generoso movimento. Elle julga que he melhor tirar, nestes departamentos certo numero de homens das conscripçoens de 1814, e annos precedentes, para entrarem nos esqueletos do exercito. O Senatus Consultum, que vos trazemos, fixa o numero a 30,000. Será bastante para demorar o progresso de vantagens de que o inimigo se tem gabado demasiado cedo, e para tornar a tomar com elle aquella postura, que he propria da França, para fazer chegar e preparar aquelle momento, em que não possa mais dispor para a desmembração dos Hespanhoes.

dos thesouros de Mexico, que ella lhes arranca, e com que fomenta o seu commercio em ambas as Indias, prolonga o seu monopolio na Europa, sustenta o seu exausto credito, paga á gente que tem corrompido, e ministra aquelles factaes subsidios, que desencaminham os gabinetes.

Relatorio feito pelo Conde de Bournonville, em nome da Commissão especial.

SENHOR!

O Ministro de Guerra, e Oradores do Governa, tem demonstrado sufficientemente, pelos seus respectivos Relatorios, a imperiosa necessidade de reforçar os nossos exercitos, que obram na Peninsula; de maneira que pouco me resta a accrescentar aos meios de convicção, que se tem tão claramente desenvolvido. As sabias precauções, tomadas pelo Imperador, antes da sua partida para o grande exercito, a fim de cubrir todos os portos, e estaleiros do Imperio, naturalmente obrigaram a Inglaterra a largar por mão ás projectadas grandes expedições maritimas; e, em huma palavra toda a sorte de ataques, em todos os pontos de grande importancia. A Inglaterra, que intriga muito, e arrisca pouco, não se tem atrevido a comprometter-se em desembarcar tropas mandandoas pelejar nas falanges Russianas e Prussianas. Teme os revezes, que tem cuidado de prevenir, e que lhe seriam irreparaveis. Nesta conjunctura, e a fim de parecer que faz alguma couza pelas potencias que tem posto em movimento, o gabinete de Londres preferio mixturar as tropas Inglezes com os bandos Hespanhoes e Portuguezes; na segurança de que poderia retirar-se sem inconveniente, e segundo os seus interesses; e daqui vem este repentino augmento de forças consideraveis, que tem determinado os nossos exercitos a fazer movimentos retrogados, do que vos informou o Ministro da Guerra; e aquelles bandos, animados por alguns successos ephemeris, tem levado a sua audacia ao ponto de investir as fortalezas de S. Sebastião e Pamplona.

Ja estavam traçadas as parallelas, cavadas as trincheiras; e quasi practicavel huma brecha em San Sebastian, quando a valente guarnição com suas mortiferas descargas obrigou o inimigo a desaparecer, e tornar a embarcar o seu parque d'artilheria.

Da parte de Pamplona, se as nossas vantagens não tem sido tão brilhantes, os Inglezes não tem sido menos incom-

modados em suas obras, que se tem enchido em parte, e o exercito tem mostrado rara intrepidez. Mas todos estes bandos podem diariamente ser augmentados por outros; as suas pretensas vantagens publicadas de huma extremidade da Hespanha a outra, podem attrahir hum montão de proselytos; a esperança de tomar estas duas praças, e de fazer dellas hum antemural a suas piraterias, pode chamar todos os salteadores; todas estas circumstancias unidas exigem a adopção de huma prompta leva, que ponha os nossos exercitos na Peninsula em situação de tornar a sua antiga figura.

S. M. o Imperador e Rey, que aprecia o generoso movimento de seus valorosos vassallos, não julga conveniente fazer delles hum uso prolongado, e tem julgado melhor tirar daquelles departamentos certo numero de homens das conscripções de 1812, 13, e 14; e annos antecedentes; e, sendo necessario, incorporallos com os esqueletos do exercito.

O Senatus Consultum, que acabo de ter a honra de vos ler, fixa o numero em 30,000, e a vossa commissão especial propoem unanimemente a sua adopção.

N. B. A data do Senatus Consultum he de 24 d'Agosto.

Pariz, 19 de Septembro de 1813.

S. M. a Imperatriz Rainha, e Regente recebeo as seguintes noticias do exercito datadas de 7 de Septembro.

O Duque de Reggio com o 12. 7. e 4. corpo marchou no dia 23 de Agosto contra Berlin: elle mandou atacar a aldea de Trebbin, defendida pelo exercito inimigo, e a tomou: continuou seos movimentos.

No dia 24 de Agosto o 7. corpo *nao tendo sido bem succedido* * *na batalha de Gross Beeren*, o Duque de Reggio marchou para Wittenberg.

No dia 3 de Septembro o Principe de Moskwa tomou o commando do exercito, e marchou para Insterburg. A 5 elle atacou, e derrotou o General Tauentzien; *mas no dia 6 foi atacado na sua marcha pelo General Bulow: algumas cargas de cavallaria na sua retaguarda desordenarao os seos parques d'artilheria.* Elle foi obrigado a retirar se para Torgau. *Perdeo 8,000 homens entre mortos, feridos ou pri-*

* Eis aqui hum novo modo de annunciar a perda de huma batalha.

Os Redactores.

zioneiros. A perda do inimigo deve ter sido tambem muito grande.

Pariz, 20 de Setembro de 1813.

S. M. a Imperatriz Rainha e Regente recebeu as seguintes noticias do exercito de 11 de Setembro.

O grande exercito inimigo batido em Dresden refugiou-se na Bohemia. Informado de que o Imperador tinha ido para a Silezia, o exercito inimigo composto de Russos, Prussianos, e Austriacos, marchou no dia 5 para Hottendorff, a 6 para Gieshubel, e a 7 sobre Pirna.

No dia 8 ao meio dia o Imperador marchou para Dohna, ordenou ao Marechal St. Cyr que atacasse a guarda avancada do inimigo, que foi repellida pelo General Bonnet das alturas de Dohna. Durante a noite os Francezes chegaram ao campo de Pirna.

A 9 o exercito Francez marchou para Borna, e Furstenwalde. O quartel General do Imperador ficou em Liebstadt.

A 10 o Marechal St. Cyr marchou da aldea de Turstenwalde para Geyersberg, que domina as planicies da Bohemia. O General Bonnet com a 43. divizaõ desceo para a planicie proxima de Toeplitz. O exercito inimigo que procurou unir-se, depois de ter chamado todos os seus destacamentos da Saxonia, era visto. Se a artilharia podesse passar pelo desfiladeiro de Geyersberg, aquelle exercito teria sido atacado em flanco durante a sua marcha: porem todos os esforços para passar a artilharia foraõ infructuosos.

O General Ornano occupou as alturas de Peterswalde, entretanto que o General Dumonceau alli chegou por Hollendorf. Nos fizemos alguns centos de prizioneiros, entre os quaes ha diversos officiaes. O inimigo evitou constantemente o dar batalha, e precipitadamente se retirou em todas as direcçoens.

No dia 11 o Imperador voltou para Dresda.

P R U S S I A.

BULETINS

Do Exercito commandado por S. A. R. o Principe da Coroa de Suecia.

No. I.

Quartel-general de Oranienburg, 13 de Agosto.

S. A. R. o Principe da Coroa chegou aqui hontem, e neste lugar fixou o seu Quartel-general. O exercito unido do Norte da Alemanha, de que S. A. R. tem o commando, occupa as seguintes posiçoens:—

Huma parte do 4 corpo de exercito Prussiano, que forma a reserva, debaixo do commando do Tenente-general Conde Tauenzien, tem o seu Quartel-general em Munchenberg, e estende a sua direita para Berlin.

O 4 corpo de exercito Prussiano, sob o Tenente-general Von Bulow, tem o seu Quartel-general em Berlin, e em conjunção com o corpo do Conde Tauenzien forma a ala esquerda do exercito alliado.

O exercito Sueco, commandado pelo Marechal de campo Von Stedingk, se ajunta nas vizinhanças de Oranienburg, com a sua frente junto a Spandau. O Quartel-general esta aqui. A primeira divisaõ Sueca he commandada pelo Tenente-general Skioldebrand; e a segunda pelo major-general Barão Posse. Esta ultima divisaõ forma hum corpo, commandado pelo Barão Sandels. Toda a força Sueca esta no centro do exercito alliado. A ala direita consiste de tropas Russianas, debaixo das ordens do Tenente-general Barão Winzingerode, cujo quartel-general esta em Brandenburg. O Tenente-general Conde Woronzow, com o seu corpo, pertence a esta ala, e tem o seu Quartel general em Plauen.

Hum corpo Prussiano, sob o Major-general Herschfeldt, esta em frente de Magdeburgo. Communica pela sua ala esquerda com o exercito Russo, e pela sua direita com o corpo de observação do Elbo Inferior, sob o Tenente-general Conde Walmoden: o seu Quartel-general esta em Schwerin, e os seus postos avançados chegam de Lenrin a Dessau; o centro para Lubec. O Tenente-general Barão Vegesach pertence a este corpo de exercito: elle tem debaixo de seu commando 3,000 homens Suecos, 3,000 Prussianos, e 3,000 Mecklemburguezes.

Corpos separados, pertencentes ao exercito do Conde Tauenzien, bloqueiam Custrin e Stettin.

O Major-general Gibbs desembarcou em Stralsund, com hum corpo de 3,000 homens Inglezes.

O General Barão Adlercreutz esta a testa do estado maior-general do exercito unido do Norte d'Alemanha, e tem debaixo de suas ordens o Major-general Barão Tarvast, e o Conde Gustavo Lowenhjelan, como Ajudante-general, para receber, e transmittir ordens.

O exercito esta de tal maneira disposto, que em dia e meio de marcha se podem por em linha 80,000 homens.

Em quanto S. A. R. aos 11 do corrente, pela manhã, se achava passando revista as tropas, que bloqueiam Stettin, e fazendo-as manobrar ameaçando ao mesmo tempo as obras da fortaleza, se apontou a S. A. R. hum obuz ; a granada cahio a 30 passos por detraz delle, e arrebentou. S. A. R. que descubrio alguns soldados Francezes trepando pelas obras exteriores, a quem os cossacos depois do tiro da fortaleza, estavam ao ponto de atacar, mandou chamar ao commandante Francez, o qual consequentemente appareceo ante S. A. R. acompanhado por hum Commissario de guerra. O Principe da Coroa lhe disse brandamente, que o official commandante do forte de Prussia tinha rompido a tregoa, e feito fogo a escolta de S. A. R. e accrescentou "Eu podia fazervos a todos prisioneiros de guerra, se mandasse a cavallaria, que vos atacasse, e vos vos não podeis defender, pois estaveis sem armas." O official deo as suas desculpas, e expressou o seu sentimento por aquelle accidente. S. A. R. se retirou, depois de ter conversado com elle por breve tempo. Os soldados Francezes, exprimiram os seus cordeaes desejos pelo restabelecimento da paz, e de ver por fim as calamidades da guerra.

Julgando pelas preparaçoes dos Alliados em Stettin, he de esperar, que se de assalto a fortaleza, na conclusão do armisticio. Pelo zelo e industria dos officiaes, que estão encarregados de supprir os mantimentos ao exercito, ainda se não tem padecido falta. O numero de doentes he mui insignificante.

No. II.

Quartel-general, Potsdam, 16 de Agosto.

O Principe Real mudou o seu Quartel-general para esta cidade a noite passada. O exercito se está concentrando.

Quando expiraram as infructiferas negociações, que se começaram em Praga, os Alliados intimaram o fim do armistício aos 10; de maneira que se podem recommear as hostilidades a manham. Aos 11, pela huma hora da madrugada, o Conde de Metternich entregou ao Conde de Narbonne, em Praga, a declaração de guerra de Austria contra a França.

S. A. R. acaba de dirigir ao exercito que está debaixo de suas ordens: a seguinte declaração:—

Exercito combinado do Norte d'Alemanha.

O Principe Real, Generalissimo.

AOS EXERCITOS.

Soldados!—Chamado pela confiança de meu rey e dos Soberanos seus alliados, para vos guiar na carreira, que se vos vai abrir, descanso quanto ao successo de nossas armas, na Divina Protecção, na justiça de nossa causa, e no vosso valor, e perseverança.

Se não fosse a extraordinaria occurrencia de acontecimentos, que tem dado aos ultimos doze annos huma terrivel celebridade; vós não vos verieis juntos sobre o territorio Alemaão; porém os vossos Soberanos conheceram que a Europa he huma grande familia; e que nenhum dos Estados de que ella he composta pode ficar indifferente aos males, que huma Potencia conquistadora pode impor a hum delles. Elles estão tambem convencidos, de que quando tal Potencia ameaça atacar e subjugar todas as outras, deve somente existir huma vontade entre as nações, que estão determinadas a escapar da vergonha, e da escravidão.

Desde aquelle momento fostes chamados das margens do Wolga e do Don, das praias da Gram Bretanha, e das montanhas do Norte, para vos unir aos guerreiros Alemaens, que defendem a causa da Europa.

Este pois he o momento, em que a rivalidade, os prejuizos nacionaes, e as antipathias, devem desaparecer diante do grande objecto da independencia das nações.

O Imperador Napoleão não pode viver em paz com a Europa, a menos que a Europa não seja sua escrava. A sua presumpção levou 400,000 homens valorosos, a 700 milhas de distancia do seu paiz; desgraças, contra que elle se não dignou providenciar, cahiram sobre a sua cabeça, e 300,000 Francezes pereceram no territorio de hum grande Imperio, cujo Soberano fez todos os esforços para conservar a paz com a França.

Era de esperar, que este terrivel dezastre, effeito da Divina vingança, teria inclinado o Imperador de França a hum

systema menos sanguinario; e que por fim instruido pelo exemplo do Norte e de Hespanha, teria renunciado a idea de subjugar o continente, teria consentido a deixar o mundo em paz; mas frustrou-se esta esperanza; e aquella paz, que todos os Governos tinham proposto, foi rejeitada pelo Imperador Napoleão.

Soldados!—He ás armas portanto que devemos correr, para conquistar o descanso, e a independencia. Os mesmos sentimentos, que guiaram os Francezes em 1792, e que os impelliram a ajuntar-se, e combater os exercitos que entraram no seu territorio, devem agora animar o vosso valor contra aquelles, que depois de terem invadido a terra que vos vio nascer, ainda tem nas cadeas vossos irmãos, vossas mulheres, e vossos filhos.

Soldados!—Que nobre prospecto se vos abre! A liberdade da Europa, o restabelecimento de seu equilibrio, o fim daquelle estado convulsivo, que tem tido vinte annos de duração; finalmente a paz do Mundo, será o resultado de vossos esforços. Fazei-vos dignos, por vossa uniaão, vossa disciplina, e vossa coragem, do alto destino que vos espera.—Do meu quartel-general em Oranienburg, 15 de Agosto, 1813.

CARLOS JOAÕ.

No. III.

Quartel-general, Charlottenburg, 18 de Agosto, 1813.

O Principe Real sahio de Potsdam hontem pelas trez horas da madrugada, transferio o seu quartel-general para este lugar.

Tem-se recebido repetidas noticias de que as tropas do inimigo se estão concentrando em força, em Bayreuth, e na direcção de Trebbin, para puchar adiante até Berlin. S. A. R. concentrou o exercito combinado entre a capital e Spandau. Desde hontem á noite tem chegado áquella posição, quasi 90,000 combatentes. Alguns corpos marcharam 10 milhas Alemaens em 36 horas.

O Tenente-general Barão Winzingerode fez hum reconhecimento na direita com 8 ou 9 mil cavallos. Adiantou-se até Wittenberg, e Juterbock, no flanco esquerdo do inimigo, e tomou alguns prisioneiros, dos quaes dous são capitaens. O Coronel Barão Conde de Sessel foi tomado, com alguma cavallaria, o Tenente De Vins do regimento de Hussares de Pomerania, atacou o inimigo em Zesch, e tomou 52 homens,

e 21 cavallos de remonta, pertencentes a hum regimento de cavallaria de Hesse Darmstadt.

O inimigo, em tanto quanto se sabe, não tem passado as fronteiras senão em partidas de reconhecimento.

O General de divisaõ Francez Jomini, *Chefe do Estado Maior do Exercito, commandado pelo Principe de Moskwa, passou-se para os Alliados aos 15; e passando pelo exercito do General Blucher, dirigio-se ao Quartel-general Russiano. Elle confirmou a noticia de que o Imperador Napoleaõ projectava atacar o exercito que cobre Berlin. O General Blucher occupava Breslau aos 14.*

No. IV.

Potsdam 21 d' Agosto.

Annuncia a posição do exercito do Principe da Coroa de Potsdam até Trebbin Beletz ;—que o inimigo tinha debaixo das ordens de Oudinot 20,000 homens em Luckenwalde. Houvêram algumas acçoens de postos avançados.—O General Walmoden participa que foi atacado junto a Lauenburg aos 17 e 18, por 6 batalhoens ; porem que os tinha repulsado.

No. V.

Ruhlsdorff, 24 de Agosto, ao meio dia.

Todas as informações dos agentes secretos annunciáram que na noite de 21 de Agosto, o Imperador Napoleaõ estava concentrando os corpos dos Duques de Reggio, Belluno, e Padua, e o dos generaes Bertrand e Regnier, formando mais de 80,000 homens nos orredores de Bayreuth ; e presagiando tudo da parte destas tropas huma rapida marcha contra Berlin, o Principe da Coroa fez as seguintes disposições.

O terceiro corpo Prussiano, commandado por Bulow, pos duas divisoens entre Hernandorff e Klein Beren. Huma divisaõ occupava ja Mittenwalde, e outra Trebbin, a fim de encubrir todo o movimento. O 4. corpo Prussiano, debaixo do commando de Tauenzien, se reuniu em Blakenfelde. O exercito Sueco sahio de Potsdam aos 22, pelas 2 horas da

madrugada, e marchou para Saarmund, passou os desfiladeiros, e tomou o seu posto em Ruhlsdorff. O exercito Russiano seguiu o exercito Sueco, e se postou em Gutergatre. O General Czernicheff guardava Beletz e Trenubritzen com 3,000 Cossacos, e huma brigada de infanteira ligeira.

Os agentes secretos annunciaram que o Imperador Napoleão havia de passar por Luckau, no seu caminho para Bayreuth. O General Czernicheff executou as suas ordens com a sua intelligencia costumada, e levou o susto e a inquietação á retaguarda das columnas do inimigo. O General Herschfeldt, que tinha recebido ordens para marchar das vizinhanças de Magdeburgo para Brandenburgo e Potsdam, e dali para Saarmund, fez hum rapido movimento de 5 milhas Suecas em 10 horas.

Estávam as cousas assim dispostas, quando o inimigo atacou o General Thumen em Trebbin, aos 22 pela manhã. A superioridade de seu numero determinou o general a evacuar aquelle posto. O inimigo avançou successivamente, e occupou todo o intervallo entre Mittenwalde e o Saare, cuberto por matos, e flanqueado por pantanos. Os postos avançados retrocedêram vagarosamente, e cubriram a frente da linha. Aos 23, pela manhã, o corpo do General Bertrand desembocou contra o General Tauenzien. Este o repulsou, e tomou alguns prisioneiros.

A aldea de Gross Beren, contra que se dirigiam o 7. corpo Francez, huma forte reserva, foi tomada por elle. O corpo do Duque de Reggio marchou para Ahrendorff. Pela occupação de Gross Beren ficava o inimigo na distancia de 1,000 toesas do centro do campo. O General Bulow recebeu ordens de o atacar; elle executou isto com a decisão de hum habil general. As tropas marcharam com o sangue frio que distinguio os soldados do Grande Frederico na guerra de 7 annos. A canhonada foi viva por algumas horas. As tropas avançaram com a protecção da artilheria, e cahiram com a bayoneta calada, sobre o 7. corpo, que estava desdobrado na planicie, e que marchou denodamente para o campo. Aqui houve varias cargas da cavallaria contra as tropas do Duque de Padua, que fazem grande honra ao General Prussiano Oppen. O exercito Russiano e Sueco esteve na batalha, e esperou que desdobrasse o outro corpo do inimigo para o atacar ao mesmo tempo. O General Winzingerode estava á frente de 10,000 cavallos, e o Conde Woronzow commandava a infantaria Russiana.

O Marechal Conde Stedingk, á frente da linha Sueca, tinha a sua cavallaria em reserva. A aldea de Ruhlsdorf, situada na frente de seu campo, estava fornecida de infantaria, a fim de conservar aberta a communicação com o

General Bulow. Os outros corpos do exercito inimigo não tinham desembocado dos matos, e por isso se não movêram os exercitos Russiano e Sueco.

Com tudo, ameaçando o inimigo a aldea de Ruhlsdorff, e tendo ja puchado os seus atiradores contra as tropas ligeiras Suecas postadas na frente daquella aldea, o Principe ordenou que alguns batalhoens sustentados pela artilheria fossem reforçar os postos avançados; e o Coronel Cardell teve ordem de avançar com hum batalhão de artilheria volante, e tomar o inimigo pelo flanco.

Até aqui os resultados da acção de Gross Beren foram 26 peças d'artilheria, 30 caixoens, e muita bagagem; e 1,500 prisioneiros, entre os quaes ha 40 officiaes, o coronel dos Uhlanos, das guardas Saxonias, e varios tenentes-coroneis e maiores Francezes. O numero de mortos e feridos do inimigo he mui consideravel, e os matos estão cheios de extraviados, que a cavallaria ligeira apanha a todo o momento.

O inimigo se retirou para alem de Trebbin, que ja está occupado por dous regimentos de Cossacos. Os Generaes Bulow, Tauenzien, e O'Rourke vão em seguimento do inimigo, assim como toda a cavallaria ligeira Russiana.

O Principe Real achou entre os prisioneiros officiaes e soldados que tinham servido debaixo de suas ordens, e que deramáram lagrimas d'alegria quando tornáram a ver o seu antigo general.

EXTRACTO

de huma carta particular, datada de Tetlow aos 24 d'Agosto 1813.

Os successos vantajosos do Principe da Coroa asseguram a tranquillidade de Berlin, e obrigaraõ as tropas Francezas a retroceder para alem do Elbe. A sua retirada será difficil-tosa, por cauza da superioridade da cavallaria. O Principe faz tenção de marchar a manhaã para Saarmund e seguir os movimentos do inimigo.

A Silesia está evacuada. O General Benningsen vai avançando. As suas guardas avançadas estão em Lissa, e alguns regimentos de Cossacos em Crossen.

O Conde Walmoden interceptou huma carta de Napoleão a Davoust, datada de Butzen, 17 d'Agosto. Elle annuncia que o Duque de Reggio devia marchar de Baireuth com 80,000 homens, e ordena ao Principe de Eckmuhl que obre na offensiva.

No. VI.

Quartel-general, Saarmund, 28 d'Agosto.

O Principe Real mudou o seu quartel-general para este lugar aos 26 d'Agosto.

O corpo do General Herchfeldt estava, aos 26, entre Reikau e Golgow, aonde esperava cortar a retaguarda do General Girard, que marchava de Ziessar para Bruck; porém o inimigo passou com tal pressa que o não pode effectuar.

Aos 25, dous officiaes e 104 soldados do inimigo de diferentes naçoens fôram trazidos para Potzdam; elles se deixáram tomar prisioneiros, por 20 homens de cavallaria das milicias. Deitáram as armas a terra. Elles asseguram que ésta disposição he geral.

A perseguição do inimigo he tão viva, que aos 25 o General Rourke chegou a Gotten, aonde os Duques de Reggio e Padua, e o General Regnier passáram a noite precedente com huma divisaõ de seu exercito.

Tendo o inimigo obrigado o Coronel Adrianoff a retirar se de Jutterbock, e tendo tomado huma posição ali com dous batalhoens de infantaria, e 600 uhlanos Polacos, provavelmente com as vistas de facilitar huma retirada, e conservar aberta a sua communicacão com o Elbo, foi desalojado aos 26, por huma partida de tropas, debaixo do commando do General Rourke. e dous esquadroens Russianos, sob o Major Hellwig. O Coronel Krasowski atacou e tomou posse da cidade. O General Berkendorf perseguiu o inimigo com quatro esquadroens de cavallaria Russiana. Os dous esquadroens Prussianos, e duas peças que estavam nas aldeas de Rohnbeek e Boschaw, se lhe uniram. O inimigo perdeu nesta acção mais de 300 homens mortos, além de muitos prisioneiros.

Varios officiaes Francezes se tem passado para nós, e se tem incorporado nas nossas tropas.

O General Czernicheff occupou Belsig na noite de 26, com os seus Cossacos. O General Girard, que tinha feito halto em Lubnitz a fim de passar a noite ali, foi assustado; e houve huma viva acção juncto a Belzig. Elle porém não pôde alcançar o tomar posse da cidade.

Aos 26, o Coronel Kruss voltou para Niemeck com o seu regimento de cavallaria, vinda da expedição a Dahme, que executou brilhantemente. Cercado de todos os lados pelo inimigo, não pôde conservar a sua posição. E com tudo

tomou, á vista de huma forte columna, 70 carros carregados de mantimentos e da sua escolta, 6 officiaes, e 120 soldados ; o resto foi morto ou disperso. O Principe Real ordenou ao General Winzingerode, que expressasse a este valoroso official a sua inteira satisfacção pelo valor e habilidade que mostrou em tão interessante occaziaõ.

O quartel-general do General Bulow estava em Elsheltz aos 27 ; o General Borstell estava nas vizinhanças de Luckenwalda ; o General Tauenzien tinha o seu quartel-general em Bareuth aos 27 ; o seu corpo estava postado entre aquella cidade, Goltzen, e Luckau. Elle mostrou grande habilidade em ajuntar tão brevemente a sua reserva ; e muita actividade em expulsar o inimigo dos matos. O General Wobeser, depois de incommodar o flanco esquerdo, e retaguarda do inimigo, ajuntou toda a sua força junto a Golzen, marchou para Bareuth, carregando huma força inimiga de 2,500 homens. Todas as nossas tropas acossáram o inimigo na sua retirada. As estradas estão todas cheias de armas, e cavallos mortos, ou estropiados. A retaguarda dos Francezes destruiu a sua bagage.

O General Walmoden atacou huma força Franceza, de 20,000 homens, commandados pelo Principe de Eckmuhl, no dia 21 pela tarde ; a batalha durou até muito depois de anoitecer, ambas as partes mantivéram as suas posiçoens. A nossa perda he de quasi 100 homens mortos e feridos ; a dos inimigos, segundo a conta dos prisioneiros, excede 500. Aos 23, elles se concentráram em Wittenberg, e depois de varias demonstraçoens, destacáram repentinamente 10,000 homens para Schwerin ; o resto seguiu pouco depois. Tomáram huma posição forte entre o lago grande e pequeno. O General Tettenborn, com 4 regimentos de Cossacos, sustentado pelo corpo de Lutzen e de Reiche o observou de todas as partes, e lhe cortou as communicaçoens, elles tem ja interceptado muitos correios despachados pelo Governo Francez, e tomado muitos carros de munição. Alem disto o General Vegesack observa os seus movimentos, e toma em consequencia as suas medidas. O General Walmoden conhecendo que não devia deixar passar esta arriscada manobra do inimigo ; avançou para Gabreu ; porém aos 26 marchou outra vez para Schwerin ; d'onde o inimigo ainda não tentou mover-se. Os Cossacos tem tomado cousa de 100 prisioneiros Francezes e Dinamarquezes. O Conde Kielmansegge, dos Caçadores Hanoverianos, passou o Elbo com o seu destacamento junto a Domitz, aos 25, na manhã. Elle atacou o inimigo em hum posto entrincheirado, o depois de ter morto e ferido cousa de 50 ; tomou tres officiaes, e 100 soldados.

O dia de hontem foi notavel pela derrota do corpo do General Girard, entre Lubnitz e Belzig, pelos combinados esforços dos Generaes Czernicheff e Hirschfeldt. O inimigo tinha marchado contra Czernicheff, em quanto, sem que o soubesse, Hirschfeldt estava na sua retaguarda. Elle se aproveitou da situação de hum mato para cahir sobre o seu flanco esquerdo. As alturas em frente da aldea de Hagelberg, e a em que o inimigo se tinha formado, fôram tomadas de assalto, e retomadas varias vezes. Depois de hum obstinada resistencia o exercito do inimigo que era mui superior em numero ao nosso se retirou, em muita desordem, e nós o perseguimos com os atiradores até que anoiteceo.

Nesta occasião o General Czernicheff atacou o inimigo pela parte de Belzig; a sua cavallaria executou algumas brilhantes cargas. Hum regimento de Cossacos carregou hum columna de infantaria da força de 1,000 homens, e os destruiu ou aprisionou. Não podemos ainda especificar todos os officiaes que se assignalaram na acção deste dia. O General Czernicheff tomou 60 officiaes, 1,500 soldados, e hum peça d'artilheria: o General Hirschfeldt entre 70 a 80 officiaes, e mais de 2,000 soldados, alem de 7 peças, muitos carros carregados de munição, e quasi toda a bagagem do inimigo. A infantaria Prussiana tinha necessidade de algum descanso depois de tão trábalthosas marchas; porem os Cossacos, sob o General Czernicheff perseguiram o inimigo vivamente. O Coronel Benkendorff, na tarde de 27, passou pelos inimigos, e foi ter a Gorzke. He provavel que elles não escapem, excepto os fracos restos do corpo do General Girard, para Magdeberg, ou Wittenberg.

O que mais particularmente faz honra ao corpo do General Hirschfeldt, são as marchas forçadas, que elle executou immediatamente depois desta acção. As tropas novas da ultima leva, compostas principalmente de milicias das novas Marcas, obtiveram hum victoria de hum inimigo superior em numero, e em artilheria. Isto prova o que o ardente patriotismo, guiado por hum habil, e activo general póde executar. Saxonios, Bavaros, Wurtemberguezes! Vós tendes mostrado a vossa coragem, em hum causa repugnante aos desejos, e aos interesses de vossa patria, e supportando hum jugo estrangeiro, que nunca podia existir, se vós fosseis animados por motivos verdadeiramente nobres e puros! Aonde está aquelle poder sobre a terra, a que os Alemaens, unidos para combater pela independencia, e integridade de seu paiz, não possam efficazmente resistir?

O General Thumen mostrou grande valor nas acçoens que precedêram a acção de Gross Beeren. Ainda que ferido, continuou a commandar em pessoa. O General O'Rourke

mostrou em todas as acçoens com o inimigo grande sangue frio, e talento. Depois da renovação das hostilidades, a força do inimigo, que se oppoem á dos Alliados no Norte da Alemanha tem perdido mais de 12,000 homens, segundo as participações dos generaes tem se tomado 7,000 prisioneiros, dos quaes 250 são officiaes, incluindo varios coroneis, e tenentes-coroneis.

Agosto 29, 9 horas da manhaã.

O Tenente-general Conde Tauenzien destacou o General Webeser, para tomar posse da cidade de Luckau. Este intimou hontem ao commandante que se rendesse, e encontrando a negativa, bombardeou a praça. Ao momento em que hia a dar o assalto, o commandante capitulou: o resultado desta brilhante operação fôram 9 peças d'artilharia, 1,000 prisioneiros, e consideravel quantidade de muniçoens e armazens.

No. VII.

Quartel-general Belitz, 30 d' Agosto.

O Principe Real mudou o seu quartel-general para este lugar no decurso do dia.

Por todas as noticias que recebemos dos prisioneiros do corpo do General Girard, este official foi morto na acção de 27. O General Putlitz recebeu huma violenta contusão na espadua, elle mostrou muito valor, e talento. Todas as horas tomamos prisioneiros, e as tropas perseguem vivamente o inimigo.

O General Borstel occupa Zinna, e Juterbock, e tem dado em todas as occasioens provas de seu zelo e sciencia.

O inimigo pareceo disposto a concentrar-se hontem, em Eckmansdorff, e Kattenborn, entre Wittenberg e Truenbritzen. As noticias que se recebêram hoje dos Generaes Winzingerode, e Woronzoff, ja não deixam duvida de que o inimigo se retirou para o Elbo. O General Winzingerode o persegue com 8,000 cavallos.

O General Woronzoff, que foi tomar o commando da guarda avançada Russiana, fez hum ataque contra Juterbock, antes de hontem perto da noite, com 3 a 4 mil homens; ao mesmo tempo que o inimigo tinha ao menos 20,000 na cidade ou junto a ella. Huma viva canhonada pôz o inimigo em grande susto. Esta operação faz a maior

honra aos talentos do General Woronzoff, que no momento em que a começou não sabia que huma forte columna se achava em marcha para o auxiliar, em caso que fosse necessario.

Todo o exercito está avançando.

O grande exercito Russiano, Austriaco, e Prussiano, debaixo do commando do Marechal Principe Schwartzberg, desembocou da Bohemia para a Saxonia aos 22 de Agosto, tomando huma posição na margem esquerda do Elbo. As tropas que o inimigo tinha postado no desfiladeiro fôram forçadas. Aos 26, o quartel-general dos Alliados estava diante de Dresden. Começou o bombardeamento, e a cidade estava ja em chamas. O Imperador Napoleão chegou ali aos 25, com as suas guardas. O exercito Francez debaixo de suas ordens immediatas, abandonou a Silezia e Luzacia, e se aproximou ao Elbo. O General Blucher marchou de Jauer aos 25 pela manhã, e o seguiu com todas as suas forças.

O General Principe Koudaschoff, que fôra mandado como expresso pelo Principe Schwartzberg, do campo diante de Dresden, a S. A. Serenissima o Principe Real, chegou com as suas noticias ésta manhã pelas oito horas. O general atravessou o exercito do inimigo, cruzou o Elbo a nado, com 200 Cossacos, entre Reissa e Meisen, e forçou varios postos. Elle acaba de partir para Eichenwerda, d'onde irá para Dahme, aonde se encontrará com as primeiras tropas Prussianas. Na sua marcha aprisionou 6 officiaes Polacos, que trouxe com sigo: chegou ao quartel-general de S. A. Serenissima sem perder hum só homem. Dous dos seus Cossacos fôram feridos de espada.

No. VIII.

Quartel General de Belitz, 30 d'Agosto de 1813.

O Principe Real transferio hontem para aqui o seu Quartel General.

Segundo todas as noçoens recebidas por via dos prizonheiros do Corpo do General Girard, este General foi morto na acção do dia 27. O General Putlitz recebeu na mesmo combate huma forte contusão na espadua. Elle mostrou muita coragem, e talentos. Continua-se a fazer prizioneiros, perseguindo vigorozamente o inimigo.

O General Borstel occupou Zinna, e Juterbock, e em todas as occasioens dá provas de seos conhecimentos, e de seu zelo.

O inimigo parecia querer concentrar-se hontem em Eckmansdorf e Kattenborn, entre Wittenberg, e Treuenbritzen. As noticias recebidas hoje dos Generaes de Winzingerode, e de Woronzoff, quasi não deixo duvida alguma de que o inimigo não se retira para o Elbo. O General Winzingerode segue-o com 8,000 cavallos.

O Conde de Woronzoff, que foi tomar em pessoa o commando da guarda avançada Russa, mandou atacar Juterbock antes de hontem de tarde com 3 a 4,000 homens, entretanto que o inimigo tinha, pelo menos, 20,000 nesta cidade, ou mui perto nas vizinhanças. Huma forte descarga de artilharia levou o espanto ao corpo inimigo. Este ataque faz grande honra aos talentos do General Woronzoff, que, no momento em que começou, não podia saber que huma forte columna estava em marcha para o sustentar, no cazo de necessidade.

Todo o exercito está avançando.

O Grande Exercito Russo, Austriaco, e Prussiano debaixo do commando do Feld-Marechal Principe de Schwarzenberg, tem desembocado da Bohemia para a Saxonia a 22 d'Agosto, tomando pozição na margem esquerda do Elbo. As tropas que o inimigo tinha postado nos desfiladeiros, foram forçadas. A 26 o Quartel General dos alliados estava diante de Dresden. O bombardeamento tinha começado, e a cidade estava ja em chamas. O Imperador Napoleão chegou alli no dia 24 com sua guarda; o exercito Francez debaixo das suas ordens immediatas abandonou a Silezia, e a Luzacia, e se approximou ao Elbo. O General Blucher poz-se em marcha de Jauer a 25 de manhã, e o segue com todas as suas forças.

O General Principe Koudaschoff, mandado do Campo diante de Dresden a 26 de tarde, pelo Marechal Principe de Schwartzenberg a S. A. R. o Principe Real, chegou esta manhã pelas oito horas com estas noticias. O General atrevessou pelo exercito inimigo, passou o Elbo a nado com 200 Cosacos entre Riessa, e Miessen, e forçou muitos postos: elle chegou ate Liebenwerda, e de la a Dahme, onde encontrou as primeiras tropas Prussianas. Em sua marcha fez prizioneiros 6 officiaes Polacos, que trouxe com sigo; e chegou ao Quartel General de S. A. R. sem perder hum só homem: dois dos seus Cosacos receberam golpes de espada.

No. IX.

Quartel General de Rodigke, 4 de Setembro de 1813.

O Principe Real transferio seu Quartel General a 30 de Agosto para Buchholtz : a 31 para Treuenbriezen, e hontem para aqui

Luckau he hum dos pontos na fronteira de Saxonia, que o inimigo tinha entrincheirado com mais cuidado durante todo o armisticio. Elle fazia conta de o defender mais longo tempo, e não esperava ver nos alli tão cedo. Nos ajuntamos aqui a capitulação desta praça. O Principe Real ordenou que se entrincheirasse a montanha vizinha: 500 homens trabalhão nestes entrincheiramentos. Os arrabaldes vão ser arrasados, e deste modo a guarnição de Luckau ficara em estado de se defender.

O terreno extremamente cortado na distancia de algumas legoas em frente de Wettemberg, favorece a retirada do inimigo, e empede á Cavallaria ligeira o manobrar. Com tudo o inimigo foi forçado successivamente em suas diferentes poziçoens. A 30 de Agosto o General Winzingerode tinha o seu Quartel General em Niemeck: o do General Bulow estava a 31 d'Agosto em Treuenbriezen, e no 1 de Setembro a Frohnsdorff. A 2 de Setembro o corpo deste General se avançou para as poziçoens de Schwadeck, e de Feldheim; sua vanguarda estava em Marzagne. O inimigo occupava Kropstadt; mas elle desfillou durante a noite; e ao romper do dia sua retaguarda começou sua retirada. O General Borstel seguiu-o ate perto de Thiesen. O inimigo deo huma descarga de artilharia, e de musquetaria mui viva para cobrir esta pozição; mas os postos avançados do General Borstel se mantiverão em frente dos desfiladeiros de Kopping a 1,000 passos de Thiesen: a divizaõ do Coronel Kraft marchou para as alturas de Kropstadt para sustentar o General Borstel. Ao mesmo tempo o General Dobschutz, depois de huma descarga de artilharia, se apoderou das alturas, e da Cidade de Zahne. Sua communicacão com o General Borstel esta conservada pelo posto de Woltersdorf occupado pelo Major Beyer. O resto do corpo do General Bulow, tomou pozição em Marzagne.

A divizaõ Prussiana debaixo das ordens do Coronel Kraft, contribuiu eminentemente para o feliz successo da acção de Gross Beeren; e seu chefe se distinguio por sua intrepidez. O Corpo do Principe de Hesse-Hombourg, tomou igualmente huma parte activa nos combates que tive-

raão lugar, e o Principe deo em todas as occasioens provas de seu valor, e actividade.

O inimigo apertado em seu flanco esquerdo pelos generaes Woronzoff, Orourk, e Czernicheff fez algumas tentativas do lado de Cowig mas elle foi sempre repellido com perda. A 3 de Setembro o Tenente-Coronel Izbacha, destacado pelo General Woronzoff para tomar hum bosque perto de Schmilkendorff executou esta ordem com bom successo; e cercado depois por forças quadruplas, elle lhes fez frente, e abriu caminho em boa ordem, e com pequenissima perda. Schmilkendorff, foi de novo occupado pelo General Woronzoff.

O Corpo de exercito Francez que avançou para Schwerin ainda alli estava a 2 de Setembro: elle destacou a divizaõ Dinamarqueza para Gadebusch a fim de cobrir sua retaguarda. O General Walmoden estava em marcha, a 2, para se reunir ao General Vegezack nas vizinhanças de Warin e de Neukloster. O General Tettenborn continuava a interceptar as communicacões do inimigo, e a inquietar seos postos avançados. Elle tomou junto de Gadebusch hum transporte de 40 carros de viveres, e muniçoens, depois de ter morto, e dispersado a escolta.

As consequencias da victoria alcançada a 26 de Agosto pelo General Blucher, são decizivas. Os rezultados desta batalha, eraõ, no dia 30, mais de 14,000 prizioneiros, 80 canhoes, e 300 carros de muniçoens. Toda a divizaõ Franceza commandada pelo General Puthod, depoz as armas na tarde de 29, diante de Lowenberg, á excepção de 300 a 400 homens, que procurando salvar se, se a fogaraõ no Bober. O General Blucher tinha, no dia 30 de Agosto, o seu Quartel General em Holstein, junto a Lowenberg, e continuava a perseguir vivamente o inimigo. O General Bennigsen chegou no dia 30 com o seu Corpo de exercito a Breslau, e marchava para Liegnitz na mesma altura, que o General Blucher.

No. X.

O Principe Vencesláo de Lichteinstein chegou hontem. Elle deixou o exercito combinado a 30 de manham em Bohemia, occupando a pozicaõ de Kommotau em Duchs. A perda que elle tinha experimentado nos dias 26, e 27 era avaliada em 10,000 homens. O Principe Real experimentou a mais viva dor ao saber a certeza da terrivel ferida do General Moreau.

Quando o Principe de Lichteinstein passou pelo Quartel General do General Blucher, ja o numero de canhoens tomados ao inimigo chegava a 104, e tinha tomado 19,000 prizioneiros. Seu Quartel General estava no 1. de Setembro em Lauban.

O inimigo foi repellido ate debaixo da artilharia de Wittenberg; e nossos postos avançados chegam ate o Elbo em Cosvig, e Rosslau.

No. XI. (Extracto)

Juterbock, 8 de Setembro de 1813.

Entretanto que o Principe Real da Coroa, com o corpo Sueco, e Russo debaixo do seu Commando, marchava a 4 para Roslau, o fim de passar alli o Elbo, e marchar sobre Leipsic, recebeo avizo de que o exercito inimigo, vindo de Wittenberg, avançava para Zulina, com o designio, segundo parecia, de suspender as ultiores operaçoens de S. A. R. por meio de hum movimento sobre Berlin. Como o inimigo no dia 5 tinha conseguido penetrar ate Juterbock, apezar da heroica resistencia que lhe oppoz o exercito Prussiano postado entre Zahna, e Juterbock: S. A. R. se apressou a marchar, na madrugada do dia 6, com 70 batalhoens de infantaria Sueca, e Russa, 10,000 homens de cavallaria, e 150 peças de campanha, em succorro do exercito Prussiano, o qual, sendo composto de quasi 40,000 homens se tinha sustentado sem ceder contra os ataques repetidos do exercito inimigo, composto de 70,000 homens, commandado pelo Principe da Moskwa. A vista destas tropas frescas, o inimigo fugio, perseguido de todos os lados pela cavallaria, e infantaria leveira, e se retirou para Torgau, e Dresda.

Deseseis a 18,000 prizioneiros, mais de 60 peças de artilharia, e 400 carros de muniçoens, são os fructos desta victoria, e das acçoens seguintes.

O exercito tem-se coberto de gloria. A lembrança da galhardia, e valor Prussiano ficará gravada na memoria de todos os guerreiros, e brilhará como hum esplendido exemplo para todos os que combatem pela independencia da Alemanha.

O General Adlercreutz adquirio a estima particular de S. A. R. Os Generaes Tawart, e o Conde de Luwenhielm receberão a segurança da sua mais alta estimação. S. A. R. goza de boa saude.

No. XII.

Quartel General de Juterbock, 10 de Setembro de 1813.

O ultimo buletim foi de 8 do corrente. Diariamente recebemos novas provas de que as consequencias da batalha de Dennewitz são mais importantes do que ao principio se julgou. O numero dos prizioneiros calcula-se ja em 10,000: tomaraõ-se 80 peças de artilharia, mais de 400 carros de muniçoens, seis bandeiras, e hum estandarte.

Depois que o General Wobeser poz em fugida o exercito inimigo em Dahme este continuou sua retirada para Turgau. Nossas tropas leageiras o tem incessantemente perseguido, fazendo prizioneiros, tomando carros de munição, e bagagem. O inimigo cortou as pontes do Elster nas vizinhanças de Annaberg e Hertzberg. He verdade que a Cavallaria pode atravessar o rio, mas he preciso reparar as pontes para poder passara artilheria. Tomamos 800 prizioneiros junto á *cabeça da ponte* em Turgau; e alguns batalhoens inimigos que viraõ a impossibilidade de entrar em Turgau, voltaraõ para Muhlberg, e seguiraõ a estrada para Dresda.

O Marechal Principe d'Eckmuhl sahio de Schwerim, com todo o seu exercito em a noite do dia 2 para 3 do corrente: Attendendo á forte pozição em que elle estava, parece que este movimentó he huma consequencia dos progressos feitos pelo exercito alliado pela banda da Saxonia. O inimigo teve tempo bastante de apromptar tudo para a sua retirada, de modo que nos não podemos alcançar a sua artilharia, e bagagem. Elle tinha alem disso grande susto dos corpos commandados pelos Generaes Walmoden, e Vegesack, o primeiro dos quaes estava em Crivitz, e o segundo proximo a Waren. O corpo de exercito debaixo das ordens do Principe d'Eckmuhl marchou em duas columnas pela estrada de Gadebush e Rhena, e fez alto na distancia de quasi meia milha alemam de Ratzeburg. A divizaõ do General Loison retirou-se na mesma direcção de Wismar por Grevesmullen para Schonberg, onde as tropas Dinamarquezas se separaraõ das francezas. Estas marcharaõ para Ratzburg, e aquellas para Lubeck, onde deixaraõ huma guarnição, e depois se acampáraõ longe de Oldeslohe. Todo o exercito francez que se retirou atravessou o Steiknitz, em cujas margens levantaraõ entrincheiramentos, e destruiaraõ todos os meios de atravessar o rio.—A perda do inimigo nesta rapida retirada passa de 1,000, dos quaes mais de 600 foraõ feitos prizioneiros.

Os Cozacos do corpo commandado por Lutzow, e Von-Reiche com a cavallaria Hanseatica, tem feito diversos ataques sobre a retaguarda do inimigo.

O General Vegesack, da sua parte, perseguio o inimigo ate debaixo do alcance da artilheria de Lubeck.

O Major Ancrim, que commandava a cavallaria Hanseatica com grande intelligencia foi alli morto por huma balla de artilharia.

O General Vegesack tomou novamente a sua pozicão em Grevesmullen. O General Conde Walmoden voltou de novo para Schwerin; porem marchou dalli para Domitz, onde mandou fazer huma ponte para atravessar o Elbo.

Os postos avançados do General Tettenborn permanecem junto de Boitzenburg.

Os Dinamarquezes perpetrarão muitos actos de violencia em Mecklenburgh. He mui notavel que elles sejaõ commandados por hum Principe de Hesse, cuja familia o Imperador Napoleão declarou que tinha perdido as suas possesões, e que, não obstante isso serve aquelle Monarca debaixo do commando do Principe d'Eckmuhl.

Wittenberg está bloqueada pelo General Czernicheff. Hum grande numero de tropas está observando Magdeburgh na margem direita do Elbo. Os restos do Corpo do General Girard escapou-se para dentro da fortaleza situada na margem esquerda do Elbo. Os sortidas da guarnição reduzem-se agora a cortar arvores na mata de Biederitz, com o fim unico de destruir aquella floresta que pertence ao Rey de Prussia.

Os postos avançados do corpo commandado pelo General Tauenzein permanecem em Senfstenberg, Elsterwerda e Rulland, e suas partidas chegaõ ate Hoyerswerda, e vizinhança de Grossen Hayn. As tropas legeiras Prussianas permanecem ao longo do Elbo ate Mubberg e bloqueaõ Torgau a huma curta distancia. Tem-se mandado destacamentos Suecos, Russos, e Prussianos para a vizinhança de Bautzen para estar em communicacão com os corpos commandados pelos Generaes Bennigsen e Blucher.

O corpo d'exercito do General Vandamme foi anniquilado no dia 30 de Agosto na estrada que vai de Toplitz para Peterswalde. Este General com mais cinco Generaes e 15,000 homens foraõ feitos prizioneiros, e tomaraõ-se-lhe 80 peças de artilharia. Depois destas favoraveis acçoens, o exercito combinado moveo-se novamente da Bohemia, entrou na Saxonia, e a 5 de Setembro marchou pelo caminho de Peterswalde e Altenberg contra Pirna, e Dippoldeswalde.

Fortes destacamentos, sustentados por grandes corpos de reserva se dirigem para a retaguarda para cortar suas com-

municacoens. No entanto o Imperador Napoleaõ marchou segunda vez para a Silezia com suas guardas, e outras tropas.

O Principe de Moskwa estava encarregado de cobrir seu flanco esquerdo : e depois que tivesse batido o exercito commandado por S. A. R., devia voltar huma parte da sua força contra Neisse. As occorrencias do dia 6 desconcertaõ este plano. O exercito do Principe de Moskwa está disperso : perdeu dois terços da sua artilharia, todos os seus carros de muniçoens, e bagagem, e mais de 20,000 homens. O Imperador Napoleaõ está em retirada para Dresda. O exercito do General Von Blucher esta em seu seguimento, e, muito provavelmente, lhe cauzara grande perda. O exercito alliado do Norte de Alemanha está portanto em communicacão pela sua da esquerda com o exercito da Silezia. O General Benningsen segue todos estes movimentos.

Berlin, 12 de Setembro.

Por cartas de Vienna recebidas hontem consta que o General Hillier derrotou plenamente o Vice-Rey de Italia junto a Laybach ; fez 9,000 prizioneiros, e tomou muita artilharia.

No dia 6 todas as tropas entraraõ novamente na Saxonia e Baviera pelas fronteiras da Bohemia. Tres regimentos de Cossacos passaraõ, ha dias, o Elbo : hontem ja tinhaõ feito 1,200 prizioneiros, e tomado hum estandarte.

Nossas ultimas victorias foraõ hontem aqui celebradas com huma descarga de 100 peças.

Espalhou-se em Dresda, que os Francezes deixaraõ as margens do Elbo, logo que a Austria offereça hum armisticio : ainda que a segunda parte naõ se verificará ; a primeira he provavel.

A U S T R I A.

ORDEM DO DIA

Dada a 17 d'Agosto pelo Field-Marechal Austriaco, Principe de Schwartzenberg.

Chegou, valentes Guerreiros, o grande dia! A Patria conta com vosco; vos jamais deixastes de justificar sua confiança, todas as vezes que ella vos chamou. Todos os esforços do nosso Imperador para restabelecer na Europa essa paz de que, ha tão longo tempo, estamos privados, para assegurar o repoizo sobre bazes duradoiras, e a salvação da Monarquia, inseparavel do repoizo, e da salvação de nossos vizinhos, forão baldados.

Nem huma paciencia constante, nem representações conciliadoras, nem finalmente a resignação, cheia de confiança das outras Potencias beligerantes, aos conselhos, e medidas do Imperador; nada foi capaz de conduzir o espirito do Governo Francez para a moderação, e equidade.

No dia, em que a Austria se declarou a favor da causa da justiça e da ordem, ella contrahio ao mesmo tempo o empenho de combater a favor do maior dos bens: nos não somos os unicos que emprendemos esta luta: nos estamos na mesma linha com tudo o que a Europa pode oppor de grande, e de effectivo ao poderoso inimigo de sua liberdade, e de seu repoizo.—A Austria, a Russia, a Prussia, a Suecia, a Inglaterra, e a Hespanha; todos dirigem seos efforços reunidos para hum mesmo fim commum, para huma paz fundada em bazes duradoiras, huma justa destribuição das forças entre os Estados, a independencia de cada Potencia em particular. Não he contra a França, mas unicamente contra sua dominação fora de suas fronteiras, que se forma esta poderosa confederação.

Os Hespanhoes* e os Russos nos tem provado o que podem a constancia, e a firmeza dos Povos: o anno de 1813 mostrará o que a força reunida de tantos Estados poderosos pode effectuar. Em huma tão sancta guerra devemos confirmar, mais do que nunca, aquellas virtudes com que

* Isto he os Portuguezes, e Hespanhoes.—Os Redactores.

nossos exercitos se fizeram famosos em tantas guerras passadas : huma resignação absoluta a sacrificar tudo pelo Monarca, e pela Patria : huma alta indifferença em circumstancias prosperas, ou desastradas ; resolução e constancia no campo da batalha ; moderação, e respeito para com os indefensos ; taes são as virtudes que nos devemos sempre praticar.

Irmaons em armas ! Eu tenho vivido em vossas fileiras todos os annos que hei dedicado ao serviço da Patria. Eu reconheço, e honro em vos os valentes que tiverão parte em tantos combates gloriosos, e aquelles que se esforçam em os imitar. Eu vos participo com confiança que d'entre vos he que o Monarca me escolheu : elle fez-me a graça de me pôr á vossa frente ; sua confiança em mim, e a vossa, são a minha força.

A esphera d'acção prescripta a cada hum lhe indicará o serviço que devera fazer individualmente á massa geral : mas fazer o melhor, e o que ha de maior em qualquer circumstancia em que se possa achar : tal he a determinação que nos deve levar todos para hum fim uniforme, e glorioso.

O Imperador permanece com nosco, porque vos tem confiado o depozito mais sagrado ; a honra da Nação, o succorro da Patria, a segurança, e a salvação da posteridade. Lembrai-vos, Guerreiros, que ides entrar em campanha diante de Deos que não hade abandonar o mais justa de todas as cauzas, á vista de hum Monarca penetrado de sentimentos paternaes, á vista de vossos concidadaons agradecidos, e á face da Europa, que espera de vos grandes feitos, e sua ventura, depois de tão longos soffrimentos : lembrai vos que he preciso vencer para justificar esta expectação : combatei como compete a guerreiros Austriacos, e sereis vencedores.

Assignado

CARLOS Principe de Schwartzenberg
Feld-Marechal.

MANIFESTO

De S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hongria, e Bohemia contra a França.

A Monarquia Austriaca, pela sua situação, por suas differentes connexoens com outras Potencias, e pela ordem que ella occupa na confederação dos Estados Europeos, foi obrigada a entrar na maior parte das guerras, que ha 20 annos devastão a Europa. No progresso desta ardua contenda o

mesmo principio politico tem invariavelmente dirigido a S. M. Imperial. Amante da paz por hum sentimento de dever, por sua natural inclinação, e por affeição, e affetto ao seu Povo, livre de todos os ambiciozos projectos de conquista, e d'engrandecimento, S. M. pegou nas armas unicamente, quando foi a isso chamado pela imperioza necessidade de sua propria defensa, pela sua anxiedade a respeito da sorte dos Estados contiguos, inseparavel da sua; ou pelo perigo de ver todo o systema social da Europa, victima de huma Potencia sem lei, e absoluta. Estabelecer a ordem, e a justiça, tem sido o objecto da vida, e reinado de S. M.; por este somente he que a Austria tem combatido. Se nestas frequentes, e desastradas contendas tem a Monarquia soffrido feridas profundas; S. M. tem ao menos a consolação de reflectir, que a sorte do seu Imperio não foi arriscada em empresas desnecessarias, e violentas; e que todas as suas decizoens se podiaõ justificar perante Deos, seu Povo, seos contemporaneos, e a posteridade.

Apezar das mais consideraveis preparaçoes, a guerra de 1809 teria levado o Estado á sua ruina, se o valor immortal do exercito, e o espirito de verdadeiro patriotismo, que animou todas as partes da Monarquia, não contrabalançassem todas as occurrencias adversas. A honra da Nação, e sua antiga fama nas armas, foraõ felismente preservadas no meio de todos os desastres da guerra: mas perderaõ-se algumas preciozas provincias; e a Austria pela cessaõ dos paizes adjacentes ao Adriatico, ficou privada de todo o commercio maritimo; privada por isso de hum dos meios mais efficaes de promover e animar a sua industria: este golpe teria sido ainda mais sensivel, se ao mesmo tempo se não fechasse todo o Continente, como se fechou por hum systema geral, e destructivo, que impedia toda a communicação commercial, e suspendia quasi de todo a communicação entre as Naçoens.

Os progressos, e o resultado desta guerra convenceraõ plenamente a S. M. de que na evidente impossibilidade de hum immediato melhoramento na condição politica da Europa, abalada ate nas bases de sua existencia, os esforços dos diversos Estados para sua individual defensa, longe de por termo á miseria geral, somente tenderia a destruir as pequenas forças que lhes restavaõ, acceleraria a queda de todos, e ate destruiria as esperanças de tempos mais ditozos.

Nesta convicção, S. M. preveo as importantes vantagens que rezultariaõ de huma paz, que se fosse segura por alguns annos, poderia suspender este poder excessivo, e ate entaõ irresistivel, poderia obter para a Sua Monarquia aquelle repoizo que lhe era indispensavel para restabelecer suas finanças, e seos exercitos; e ao mesmo tempo obter para os

Estados vizinhos hum periodo de descanso, que se fosse aproveitado com prudencia, e actividade podia preparar mais felizes tempos.

O Imperador possuido destas ideas fez o esforço que ellas suggeriaõ, para a conservação do Imperio, e para os mais sagrados interesses da humanidade ; e como hum preservativo de males sem fim, e como hum penhor de melhor ordem de coizas, elle sacrificou o que era mais caro ao seu coração. Com estas unicas vistas, superior aos escrúpulos ordinarios, armado contra todas as falsas interpretaçoens do momento, consentio em formar huma alliança que tinha por objecto reanimar os estados mais fracos, e que mais tinhaõ soffrido, depois das desgraças de huma luta mal succedida, e inclinar o poder, então dominante, e victorioso, a principios de moderação, e justiça, sem os quaes a communitade dos Estados só pode ser considerada como huma communitade de misérias.

A esperanza de S. M. era tanto mais fundada, quanto era verdade, que no momento em que se consumou esta uniaõ, o Imperador Napoleão tinha chegado áquelle ponto de elevação em que a conservação de suas conquistas era hum objecto mais natural e dezejavel ; do que huma continua luta para obter novas conquistas. A extensão de hum Imperio que, ha longo tempo, se estendia alem de seos limites naturaes, era perigoza não somente para a França que ja succumbia ao pezo de suas conquistas, mas tambem para seos proprios interesses. O que o seu poder ganhava em extensão, necessariamente o perdia em segurança. Por huma uniaõ com a mais antiga familia Imperial na Christandade, o edificio de sua grandeza adquirio, aos olhos da Nação Françeza, e do mundo, tal augmento de força, e de perfeição, que todo plano ulterior de engrandecimento devia necessariamente enfraquecer, e mesmo destruir a sua estabilidade. Que he o que a França, a Europa, e tantas naçoens oppressas, e reduzidas á desesperação, pediaõ encarecidamente ao Ceo ? Que se prescrevesse huma politica sabia ao dominador triunfante, como hum meio de propria conservação ; e era permittido esperar, que tantos, e tão grandes motivos unidos prevalecessem á ambição de hum individuo.

Se este lizongeiro prospecto foi destruido, não foi culpada a Austria. Depois de muitos annos de infructuosos esforços ; depois de immensos sacrificios de toda a qualidade, havia sufficientes motivos para tentar o estabelecer huma melhor ordem de coizas, por meio de hum systema de confiança, e de concessões, principalmente quando torrentes de sangue não tinhaõ produzido senão miseria e destruição : e S. M. não se arrependera jamais de o ter tentado.

Ainda se não tinha acabado o anno de 1810, e a guerra devastava a Hespanha: o Povo Alemão tinha a penas tido tempo de se reparar dos estragos da guerra, quando em huma hora fatal o Imperador Napoleão resolveo unir huma consideravel porção do Norte da Alemanha á massa dos paizes que tem o nome de Imperio Francez, e privar as antigas cidades, livres e commerciaes de Hamburgo, de Bremen, e de Lubeck, primeiramente de sua existencia politica, e logo depois de sua existencia commercial, consequentemente dos meios de sua subsistencia. Este violento passo foi adoptado, sem algum pretexto plauzivel, com desprezo de todas as formas decentes, sem alguma declaração previa, ou communicação qualquer, com outro algum Gabinete, e debaixo do rediculo pretexto de que assim o requeria a guerra com a Inglaterra.

Este cruel systema, que tinha por objecto destruir o commercio do mundo, á custa da independencia, da prosperidade, dos direitos, da dignidade, e produzido a ruina de toda a propriedade publica, e particular das Potencias do Continente, era proseguido com implacavel severidade na vã esperança de forçar hum rezultado, que se, felismente, não tivesse sido impraticavel teria submergido a Europa por longo tempo em hum estado de pobreza, de impotencia e de barbaridade.

O decreto pelo qual o dominio Francez se estabeleceo nas Cortes da Alemanha, debaixo do titulo de 32. divizaõ militar, era por si mesmo sufficiente para occasionar inquietaçoens, e receios aos Estados vizinhos; e lhes cauzava tanto maior susto, quanto isto era o precursor de futuros perigos ainda maiores. Por este decreto se fez evidente que o systema que se havia criado em França (ainda que previamente transgredido, com tudo proclamado ainda como existente) o systema dos pretendidos limites naturaes do Imperio Francez, era sem algum motivo, ou explicação derribado; e que os mesmos arbitrarios decretos do Imperador eraõ anniquilados com a mesma arbitrariedade, com que tinham sido feitos, e promulgados. Nem os Principes da confederação do Rheno, nem o Reino de Westphalia; n'huma palavra nenhum territorio, qualquer que fosse sua extensão, escapou, na execução desta espantosa usurpação. Limites determinados por hum cego capricho, sem regra, e sem plano, sem respeito algum ás relações politicas antigas, ou mais recentes, cortavaõ as communicações dos Estados do centro, e do meio dia da Alemanha com o mar deste nome, atravessavaõ o Elbo, separavaõ a Dinamarca do Imperio Germanico, estendiaõ-se ate o Baltico e parecia que se dirigiaõ rapidamente á linha das fortalezas Prussianas situadas nas margens

do Oder, que continuavaõ a ser occupadas : e este acto de usurpação, (por mui contrario que fosse aos direitos, ás propriedades, á todas as demarcaçoens geographicas, politicas, e militares), estava tão longe de ter o character de huma accessão final, completa, e determinada de territorio; que era impossivel considera-lo debaixo de outro ponto de vista mais, doque como hum presagio de usurpaçoens ainda maiores, por meio das quaes a metade da Alemanha estava destinada a ser huma provincia Franceza, e o Imperador Napoleão Senhor absoluto do Continente.

Esta extensaõ de territorio, tão pouco natural, não podia deixar de produzir os mais serios receios á Prussia, e Russia. Aquella cercada de todos os lados, incapacitada de obrar livremente, privada de todos os meios de obter novas forças, parecia avançar-se rapidamente para a sua dissolução completa. A Russia ja ameaçada em sua fronteira occidental pela conversão da Cidade de Dantzic, declarada cidade livre pelo tratado de Tilsit, em hum porto militar Francez, e de huma grande parte da Polonia em huma provincia Franceza, não podia deixar de ver no augmento do dominio Francez ao longo da costa do mar, e nos novos grilhoens, que se preparavaõ á Prussia, o eminente perigo de suas possessoens d'Alemanha, e Polonia. Desde este momento pois, devia-se considerar como decidido o rompimento entre a França, e a Russia.

Naõ foi sem justa, e profunda anxiedade que a Austria vio a tormenta que se ia formando. A scena das hostilidades não podia deixar de ser contigua ás suas provincias, as quaes, em razão das necessarias reformas no systema de suas finanças que tinhaõ retardado o restabelecimento de seos meios militares, estavaõ indefensas. Considerando a questão debaixo de hum ponto de vista mais elevado, a luta em que a Russia ia entrar, parecia mais duvidosa ainda, do que todas as precedentes; porque ella começava em circumstancias tão desvantajozas, como aquellas começaraõ, com a mesma falta de cooperação da parte das outras Potencias, com a mesma desproporção em seos meios relativos de resistencia; e consequentemente offerecia tão poucas esperanças de hum feliz resultado, como todas aquellas que a tinhaõ precedido. S. M. empregou todos os meios de huma negociação com ambas as partes, para remover a tormenta. Que mal podia o juizo humano prever entãõ que estava proxima a epoca, em que a inutilidade destas tentativas amigaveis havia de ser mais funesta á Napóleaõ, do que ás mesmas Potencias que elle ameaçava! Com tudo a Providencia assim o tinha resolvido.

Quando ja não era duvidozo que as hostilidades iaõ começar, S. M. foi obrigado a recorrer á medidas, que em con-

juncturas tão perigosas, e tão fora do curso natural das coizas, podessem combinar o cuidado de sua propria segurança, com a justa consideração dos interesses reaes dos Estados vizinhos.

O systema de huma inacção desarmada, unica neutralidade que o Imperador Napoleão, segundo suas declaraçoens quiz permittir, não podia ser justificada por algum principio, ou maxima de huma solida politica; e não teria sido mais que huma tentativa para não poder tomar parte na crize que se approximava. Huma Poteneia tão importante como a Austria não podia renunciar a toda a participação nos interesses da Europa, nem collocar-se n'huma posição, em que, sendo igualmente nulla na paz, e na guerra, teria perdido seu suffragio, e sua influencia em todas as grandes negociaçoens, sem adquirir alguma garantia para a segurança de suas proprias fronteiras.—Preparar-se para fazer a guerra á França, seria, nas circumstancias que então existião, seguir hum plano de conducta tão contrario á equidade, como á prudencia. O Imperador Napoleão não tinha dado a S. M. Imperial algum pretexto pessoal para procedimentos hostis: e não se tinha ainda abandonado o prospecto, nem desvanecido a esperança de obter muitos resultados favoraveis, fazendo hum habil uzo das relaçoens de amizade ja estabelecidas, por meio de representaçoens confidenciaes, e por conselhos consiliatorios. Quanto aos interesses immediatos do Estado, huma tal revolução teria inevitavelmente sido acompanhada desta consequencia—que o territorio Austriaco viria a ser o primeiro, e principal theatro da guerra, o que, dada a sua mui conhecida falta de meios de defesa, teria em breve tempo derribado a Monarquia.

Nesta penosa situação S. M. não tinha outro recurso mais do que entrar em campanha por parte da França. Tomar as armas a favor da França em toda a extensão da palavra, teria sido huma medida não somente contradictoria com os deveres, e principios do Imperador, mas ate mesmo com multiplicadas declaraçoens de seu Gabinete, que tinha altamente reprovado esta guerra. Na assignatura do Tratado de 12 de Março de 1812, Sua Magestade procedeo sobre dois principios distinctos: o primeiro, como se prova pelo theor do tratado, era de não desprezar meio algum de obter a paz:—o segundo era de collocar-se a si mesmo interna, e externamente, em huma posição, que, se fosse impossivel obter a paz, ou os acontecimentos da guerra fizessem necessarias medidas decizivas da sua parte, podesse a Austria obrar independente; e n'hum, e n'outro cazo adoptar a linha de conducta que huma politica sabia, e justa lhe prescrevesse. Em conformidade com este principio destinou-se a cooperar nesta guerra com huma determinada, e comparativamente fraca

porção do exercito: os outros recursos militares, posto que estivessem entao completos não forão empregados. Por huma especie de convenção tacita com os belligerantes, o territorio Austriaco foi tratado como neutro. O verdadeiro objecto do systema adoptado por Sua Magestade não poudes escapar nem á França, nem á Russia, nem a algum observador intelligente.

A Campanha de 1812 offereceo hum exemplo memoravel do mau successo de huma empreza sustentada por meio de forças gigantescas, dirigida por hum Capitaõ da primeira ordem, quando confiando se demaziado em talentos militares, despreza as regras da prudencia, e passa alem dos limites da natureza. A illuzão da gloria arrastou o Imperador Napoleão ate ao coração do Imperio Russo; e hum falso conhecimento do estado real das coizas lhe fez crer, que poderia dictar a paz em Moscow, decepar o poder da Russia por meio seculo, e voltar depois victorioso. A magnanima constancia do Imperador da Russia, os gloriosos feitos de seos guerreiros, e a inalteravel fidelidade de seos povos, dissiparão este sonho n'hum momento em que era demaziado tarde para o arrependimento, sem punição. Todo o exercito Francez foi destruido, ou disperso: em menos de quatro mezes vimos o theatro da guerra transferido das margens do Dnieper, e do Dwina para as margens do Oder, e do Elbo.

Esta rapida, e extraordinaria mudança de fortuna foi o precursor de huma revolução importante nas relações politicas da Europa. A confederação da Russia, da Grã-Bretanha, e da Suecia apresentou hum ponto de união a todos os Estados vizinhos. A Prussia, que havia longo tempo se annunciava como resoluta a tudo aventurar; a preferir mesmo o risco de huma dissolução politica immediata aos soffrimentos de huma oppressão prolongada, aproveitou o momento favoravel, e se entregou nos braços dos allia-dos. Outros Principes de Alemanha, mais ou menos poderosos da Alemanha, estavam a ponto de imitar este exemplo. Por toda a parte os ardentes desejos dos Povos antecipavão os procedimentos regulares de seos Governos. A impaciencia, que elles mostravão, de recobrar sua independencia, e de viver debaixo do imperio de suas antigas leis, o sentimento de ver offendida a honra nacional, e odio de huma dominação estrangeira, arreventou por todas as partes em rapidas, e brillhantes chamas.

Sua Magestade o Imperador, demaziadamente illuminado para não ver nesta mudança dos negocios a consequencia natural da violenta convulsão politica que tinha precedido; e muito justo para a ver com pena; não tinha outra intenção

mais do que segurar por meio de medidas sabiamente combinadas os verdadeiros e permanentes interesses da familia Europeia. Ja no principio de Dezembro o Gabinete Austriaco tinha dado importantes passos para inclinar o Imperador Napoleão a huma politica pacifica, á vista de motivos que interessavaõ igualmente o mundo e sua propria vantagem. Estes passos foraõ renovados com vivas instancias em differentes intervallos. Tinhaõ-se concebido esperanças de que a impressaõ que lhe devia ter feito a campanha do anno passado, a lembrança do inutil sacrificio de hum exercito immenso ; as severas medidas de toda a ordem que eraõ indispensaveis para reparar perdas taõ grandes ; a decidida aversaõ da França, e de todas as Naçoens connexas com ella, para huma guerra que sem lhe dar esperança d'alguma futura indemnizaçaõ, esgotava, e destruia suas forças internas : finalmente, que hum exame tranquillo do rezultado duvidozo desta nova e grandemente importante crize, moveria o Imperador a prestar ouvidos ás representaçoens da Austria. O tom destas representaçoens era cuidadosamente adaptado ás circumstancias dos tempos : ellas eraõ taõ serias quanto o indicava a grandeza do objecto, taõ moderadas, quanto o prescreviaõ o dezejo do bom successo, e as relaçoens amigaveis que existiaõ entre as duas Potencias.

Naõ se podia certamente esperar que propostas, dictadas por hum motivo taõ puro, fossem rejeitadas. Mas a maneira com que ellas foraõ recebidas, e mais ainda o contraste entre os sentimentos manifestados pela Austria, e todo o comportamento do Imperador Napoleão ate o periodo destas infructuosas tentativas para a paz, destruiroã bem depressa todas as esperanças que se havia concebido. Em vez de procurar ao menos dar-nos huma melhor idea do futuro por meio de huma linguagem moderada, e diminuir e desalento geral ; fez-se a declaração solemne perante as authoridades superiores da França, que o Imperador não queria prestar ouvidos a proposta alguma de paz, que violasse a integridade do territorio do Imperio Francez, no sentido que elle mesmo dava a esta palavra, ou que atacasse alguma das pertençaõs á posse das provincias novamente incorporadas de huma maneira taõ arbitraria.

Ao mesmo tempo propunhaõ-se condiçoens accidentaes com que estes limites arbitrariamente creados pareciaoã não ter relaçaõ alguma ; tomando humas vezes a linguagem de huma indignaçaõ ameaçadora, e outras a do mais profundo desprezo ; como se não tivesse sido possivel achar expressoens assaz pozitivas para declarar *que o Imperador Napoleão nem mesmo queria fazer hum unico sacrificio nominal ao repouzo do mundo.*

Estas demonstraçoens hostis cauzavaõ á Austria tanto maior mortificaõ, quanto ellas punhaõ debaixo de hum ponto de vista extremamente desvantajozo os convites para a paz, que este Gabinete fazia ás outras Cortes com conhecimento, e apparente consentimento da França. Os Sobe- ranos unidos contra a França em lugar de responder ás pro- postas da Austria para huma negociaçaõ, e aos seos offere- cimentos de mediaçaõ, lhe apresentavaõ as declaraçoens publicas do Imperador dos Francezes. E quando no mez de Março, Sua Magestade mandou hum Ministro a Londres, a fim de convidar a Inglaterra a tomar parte nas negocia- çoens para a paz; o Ministro Britanico respondeo—"que não podia persuadir-se de que a Austria podesse conservar esperanças de paz no mesmo tempo, em que Napoleaõ ex- primia sentimentos, que só podiaõ contribuir para perpetuar a guerra:" declaração esta que foi tanto mais penosa a Sua Magestade, quanto era mais justa, e bem fundada.

Com tudo a Austria não desistio de fazer conhecer ao Im- perador de França nos termos os mais fortes, e os mais claros, a necessidade da paz; dirigida em todas as suas medidas por este principio—que como toda a ordem, e balança de poder na Europa tinhaõ sido destruidas pela immensa superiori- dade da França, nenhuma paz real se podia esperar, a menos que se não diminuísse esta superioridade. No en- tanto Sua Magestade adoptou todas as medidas necessarias para reforçar, e concentrar seos exercitos; reconhecendo que a Austria devia estar preparada para a guerra, se a sua mediaçaõ fosse inteiramente infructuoza. Em consequencia S. M. tem estado ha longo tempo na persuazaõ de que a probabilidade de que tomaria immediatamente parte na guerra, não devia ser excluida de seus calculos. O estado das coizas não podia continuar por mais tempo a ser o que era: o Imperador estava disso convencido: esta convicçaõ era a mola de todas as suas acçoens: ella se achava naturalmente confirmada pela inutilidade de todas as suas tentativas para obter a paz. O rezultado era facil de prever: era preciso por hum ou por outro meio, isto he, por meio de negocia- çoens, ou das armas effectuar huma nova ordem de coizas.

O Imperador Napoleaõ não só tinha conhecimento dos preparativos de guerra da Austria, mas ate reconheceo mesma que eraõ necessarios, e os justificava mesmo, de- baixo de certos pontos de vista. Elle tinha sufficientes razoens de crer que Sua Magestade o Imperador, em huma epoca tão deciziva para a sorte do mundo, pondo de parte todos os sentimentos pessoaes, e momentaneos, só consul- taria a felicidade permanente da Austria, e dos paizes cir- cumvizinhos, e rezolveria somente o que este grande motivo

lhe dictasse como hum dever. O Gabinete Austriaco nunca se exprimio em termos, que se podesse interpretar da outra sorte: e os Francezes não só reconheciaõ que a mediação Austriaca não podia ser senão hum mediação armada, mas elles tinhaõ tambem declarado, mais de hum vez, que a Austria nas actuaes circumstancias não podia limitar-se a fazer hum papel secundario: mas que devia apresentar-se com força no theatro dos acontecimentos, e ter a influencia que pertence a huma Potencia grande, e independente. Quaesquer que fossem as esperanças, ou os receios que o Governo Francez podesse conceber relativamente á Austria, esta confissão era em si mesma hum justificação preliminar de todas as medidas projectadas, ou já adoptadas por Sua Magesta le Imperial.

Tal era o estado das coizas, quando o Imperador Napoleão sahio de Paris para fazer frente aos progressos dos exercitos Alliados. O valor das tropas Russas, e Prussianas tem sido admirado pelos seus mesmos inimigos. Com tudo se o rezultado do primeiro periodo da Campanha lhes não foi mais favoravel, deve isso attribuir se em parte á grande superioridade numerica da força dos Francezes, e aos talentos geralmente reconhecidos de seu chefe; e em parte as combinaçoens politicas, que tem dirigido os Soberanos Alliados em todas as suas emprezas. Elles obravaõ em a natural supposição de que a cauza em que se achavaõ empenhados não podia ser sustentada exclusivamente por elles; e que tarde ou cedo, quer fossem bem, ou mal succedidos, cada hum dos Estados que ainda quizesse conservar hum sombra de independencia, devia unir-se ás suas bandeiras. Elles por tanto não largáraõ redeas ao valor de suas tropas, senão tanto, quanto as circumstancias o exigiaõ; e conserváraõ huma grande parte de suas forças para a epoca em que poderiaõ com meios mais extensos esperar maiores rezultados. Por esta razão, e esperançados em acontecimentos que o futuro ia desenvolver, elles consentiraõ no armisticio.

No entanto a retirada dos Alliados deo momentaneamente á guerra hum aspecto, que diariamente se tornava mais interessante para o Imperador, á vista da impossibilidade em que se achava de ser tranquillo expectador, se ella continuasse. A sorte da Monarquia Prussiana era hum ponto, que attrahia particularmente a attenção de S. M. conhecendo, como o Imperador conhecia, que o restabelecimento da Monarquia Prussiana era o primeiro passo para a reorganização do antigo systema da Europa, e elle olhava como proprio o perigo que a ameaçava. Já no mez de Abril o Imperador Napoleão tinha declarado ao Gabinete Austriaco, que elle considerava a dissolução da Monarquia Prussiana

como natural consequencia da sua separação da França, e da continuação da guerra; e que so dependia da Austria o unir agora aos seus Estados as mais importantes, e florentes provincias Prussianas; suggestão que mostrava bem que se não deviaõ desprezar meios alguns de salvar esta Potencia: Se este grande objecto se não podesse obter por huma justa paz, era entãõ necessario sustentar a Russia, e Prussia por meio de huma poderosa cooperação. A vista deste estado de coizas, em que a mesma França se não podia illudir, Sua Magestade continuou suas preparaçoes com incançavel actividade. Nos principios de Julho Sua Magestade deixou a sua residencia, e partio para as vizinhanças da scena d'acção, a fim de trabalhar mais assiduamente em as negociações concernentes á paz, constante objecto dos mais ardentes dezejos de Sua Magestade; e em parte para conduzir com mais efficacia seus preparativos de guerra, se não restasse á Austria outra alternativa.

Pouco antes havia o Imperador Napoleão declarado—que tinha proposto que se formasse em Praga hum congresso em que os Plenipotenciarios de França, dos Estados Unidos da America, da Dinamarca, do Rey de Hespanha, e de outros Principes alliados de huma parte; e da outra os Plenipotenciarios de Inglaterra, de Russia, de Prussia, dos insurgentes Hespanhoes, e d'outros alliados desta massa hostile, se ajuntassem e estabelecessem as bases de huma paz duravel.

O Gabinete Austriaco ignorava absolutamente a quem tinha sido feita esta proposta e de que maneira, em que forma diplomatica, por orgão de quem tinha sido feita. O Gabinete Austriaco foi informado desta circumstancia pelos papeis publicos. Por outra parte, era tão difficil o comprehender como se podia pôr em pratica hum tal projecto, como se podia estabelecer huma negociação de paz sobre huma combinação de elementos tão divergentes, sem algum principio geralmente reconhecido, sem algum plano previamente arranjado, que era bem permittido considerar o todo desta proposta mais como hum brinco de imaginação, do que como hum convite serio para a adopção de huma grande medida politica.

A Austria, conhecendo perfeitamente os obstaculos, que se oppunhaõ a huma paz geral, considerava, havia muito tempo, se seria possivel obter este distante, e difficil objecto progressivamente: e conforme esta opiniaõ se tinha expressado á França, Russia, e Prussia sobre o objecto de huma paz continental. Não porque a Corte de Austria se tivesse enganado, hum so momento, a respeito da necessidade, e importancia de huma paz universal entre todas as grandes

Potencias da Europa, sem a qual não podia haver esperanças, nem de segurança, nem de felicidade; nem porque imaginasse que o continente podia existir, se a separação da Inglaterra não fosse em todos os tempos considerada como huma extrema desgraça, capaz de o ferir mortalmente! A negociação que a Austria propoz, depois que a assustadora declaração da França tinha quasi destruido toda a esperança de que a Inglaterra unisse os seus esforços na tentativa de obter huma paz geral, era huma parte essencial da grande negociação proxima para hum congresso geral em que se tratasse effectivamente da paz. Projectava-se, como preparatorio deste congresso, assentar nos artigos preliminares do futuro Tratado, a fim de abrir o caminho, por meio de hum longo armisticio continental, para huma negociação mais extensa, e duravel. Se a Austria propozesse como mediadora hum principio differente, nem a Russia, nem a Prussia ligadas á Inglaterra pelos mais fortes laços, terião prestado ouvidos ás proposições do Gabinete Austriaco.

Depois que as Cortes de Russia, e Prussia animadas pela confiança que tinhão em Sua Magestade o Imperador (confiança que não podia deixar de lhe ser extremamente lisonjeira), declaráráo, que consentião no congresso proposto debaixo da mediação da Austria, era preciso obter o formal consentimento do Imperador Napoleão, e determinar sobre que principios se deviao proseguir as negociações. Para este fim Sua Magestade Imperial tomou a resolução de mandar no fim de Junho seu Ministro dos Negocios Estrangeiros a Dresda. O resultado da sua missão foi huma convenção concluida a 30 de Junho, pela qual se aceitou a mediação de Sua Magestade Imperial para se negociar huma paz geral; e se esta não fosse possivel, huma paz continental, como preliminar para aquella. Escolheo-se a Cidade de Praga para as sessões do congresso, e o dia 5 de Julho para a sua abertura. A fim de obter sufficiente tempo para a negociação, determinar-se pela mesma convenção que o Imperador Napoleão não notificaria antes ao dia 10 de Agosto a ruptura do armisticio, que existia entre elle, e a Russia, e que devia expirar no dia 20 de Julho. Sua Magestade o Imperador tomou sobre si obter huma declaração semelhante das Cortes de Russia, e Prussia.

Os pontos que tinhão sido ajustados em Dresda, forão immediatamente communicados ás duas Cortes. Posto que a continuação do armisticio trouxesse com sigo muitas objecções da parte daquellas Cortes, e que ellas representassem os gravissimos inconvenientes que disso lhes resultavão; com tudo o desejo de prestar a S. M. Imperial huma nova prova da sua confiança; convencer ao mesmo tempo o

mundo de que ellas não queriaõ rejeitar prospecto algum de paz, por pequeno que fosse; e que se não recusariaõ a qualquer tentativa que podesse alhanar o caminho para ella, venceo todas as mais consideraçoens. A unica alteraçã que se fez na convenção de 30 de Junho foi, que a epoca da abertura do Congresso fosse deferida ate 12 de Julho, attendendo a que os arranjos não podiaõ ser determinandos com tanta promptidaõ.

No entanto S. M. que nao queria abandonar ainda totalmente a esperanza de por termo, por meio de huma paz geral, aos males do genero humano, e ás convulsoens do mundo politico, tomou a resolução de fazer huma nova tentativa perante o Governo Britanico. O Imperador Napoleaõ não só recebeo esta proposta com apparente approvaçã; mas chegou mesmo a offerecer-se voluntariamente para accelerar este negocio, concedendo ás pessoas que fossem com este fim mandadas a Inglaterra a permissã de passar por França. Quando se ia por em execuçaõ esta medida, levantaraõ-se difficuldades inesperadas, os passaportes foraõ deferidos de dia em dia, debaixo de futeis pretextos, e a final totalmente recusados.

Este procedimento forneceo novos motivos de conceber justas duvidas sobre a sinceridade da segurança que o Imperador Napoleaõ tinha exprimido mais de huma vez, de suas dispoziçoens para a paz; posto que muitas das suas expressoens neste periodo particular dessem justas razoens de pensar, que huma paz maritima era o que elle mais ardentemente dezejava.

Durante este intervallo Suas Magestades o Imperador da Russia e Rey de Prussia tinhaõ nomeado seos plenipotenciarios para o Congresso, e lhes tinhaõ dado instrucçoens decizivas. Huns, e outros chegaraõ a Praga a 12 de Julho, bem como o Ministro de S. M. encarregado do que era relativo á mediaçaõ.

As negociaçoens não deviaõ prolongar se alem de 10 de Agosto, exceptuando o cazo em que ellas tomassem tal character, que fosse permittido esperar hum rezultado favoravel. O armisticio tinha sido extendido ate aquelle dia por mediaçaõ da Austria. A situaçaõ politica, e militar dos Sobe- ranos Alliados, a condiçaõ dos paizes que elles occupavaõ, e o ardente dezejo que elles tinhaõ de por fim a este fatigante estado de incerteza, obstou a que se não prolongasse por mais tempo. O Imperador Napoleaõ conhecia todas estas circumstancias, e sabia mui bem que a epoca das negociaçoens estava necessariamente comprehendida no termo do armisticio; e alem disso, elle não podia dissimular quan-

to suas resoluções influiriaõ para abreviar as negociações pendentes, e leva las a hum rezultado felis.

S. M. vio pois com hum verdadeiro sentimento, e magoa, que não só a França não tinha dado hum passo para accelerar esta grande obra; mas pelo contrario, parecia que ella só tinha por objecto demorar as negociações, e evitar hum rezultado felis. He verdade que havia hum Ministro Francez no Congresso, mas sem ordens positivas para tratar, em quanto não chegasse o principal Plenipotenciario.

Débâlde se esperou de dia em dia a chegada deste Plenipotenciario. Só no dia 21 de Julho he que se pode verificar, que huma pequena difficuldade que teve lugar para a renovação do armisticio entre a França, e os Commissarios Russos, e Prussianos, e que nenhuma influencia podia ter sobre o Congresso, (tanto mais, quanto era mui facil o desvanecer-se-la por meio da intervenção da Austria), servio de pretexto para esta demora estranha: finalmente, desvanecida esta difficuldade, o primeiro Plenipotenciario Francez só no dia 28 de Julho he que chegou; quer dizer 16 dias depois do dia ajustado para a abertura do Congresso.

Porem, nos primeiros dias depois da chegada deste Ministro foi mui facil prever a sorte do Congresso. A forma com que os plenos poderes deviaõ ser entregues, e as mutuas explicações apresentadas, bem que tudo isto fosse hum ponto previamente tratado por todas as partes, tornou se o objecto de huma discussão, que annullou todas as tentativas da Potencia mediadora. A manifesta insufficiencia dos poderes confiados ao negociador Francez occasionou hum silencio de muitos dias; e só a 6 de Agosto he que este Ministro deo huma nova declaração, que estava longe de destruir as difficuldades quanto á forma, e de adiantar de modo algum a negociação. Depois de huma troca insignificante de notas, sobre cada huma das questões preliminares, chegou o dia 10 d'Agosto. Os negociadores Prussianos, e Russos não podiaõ exceder este termo: o Congresso tinha chegado ao seu fim; e o partido que a Austria tinha de tomar estava determinado pelo progresso da negociação; pela convicção positiva da impossibilidade da paz; pela maneira clara, e precisa com que S. Magestade tinha examinado a grande questão, que tinha sido agitada; pelos principios, e intenções dos alliados, nos quaes o Imperador reconhecia seos proprios sentimentos; e finalmente por declarações precedentes, que nenhum pretexto deixavaõ a falsas interpretações.

Naõ he sem huma verdadeira afflicção; mas não he tambem sem a consolação de ter empregado todos os meios de

evitar a guerra, que o Imperador se ve hoje violentado a obrar. Ha tres annos que S. M. tem procurado, com huma constante preseverança, obter por meio de medidas suaves e conciliadoras huma paz real, e permanente para a Austria, e para a Europa. Todas as tentativas foraõ baldadas: não resta pois outro recurso, senão recorrer ás armas.

O Imperador as toma sem alguma animozidade pessoal, mas sim impellido por huma imperiosa necessidade, por hum dever irresistivel, e por motivos, que todo o leal cidadão deste Imperio, que o mundo inteiro, que o proprio Imperador Napoleão n'hum momento de justica, e de razão hade reconhecer, e approvar. A necessidade desta guerra está gravada no Coração de todo o Austriaco, e de todo o Europeo, debaixo de qualquer dominação que elle viva, em caracteres tão legiveis, que nenhum artificio os pode disfarçar, ou incobrir. A Nação, e o exercito faraõ o seu dever. Huma união fundada em bases de hum perigo commum, e de reciprocos interesses de cada Potencia que aspira a ser independente, animará sufficientemente nossos esforços; e nós nos persuadimos, que, com a protecção do Ceo, o resultado sera tal, que preencherá a legitima, e justa esperança de todos os amigos da ordem e da paz.

P O R T U G A L.

PORTARIA.

Tendo-se aberto para a paz com a Regencia de Argel hum emprestimo a juro, repartindo-se a importancia delle pelos Negociantes e capitalistas das praças de Lisboa, e Porto: Manda o Principe Regente Nosso Senhor remetter á real junta do commercio as duas relações inclusas, assignadas por Caetano Jozé Ribeiro, official maior graduado da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha: a primeira com os nomes dos Negociantes, e capitalistas de Lisboa, que contribuirão com o total das quotas, que lhes foraõ distribuidas; e a segunda com os daquelles, que suposto não inteirassem as suas respectivas quotas, entraraõ com ametade, ou mais de ametade da sua importancia: E ordena Sua Alteza Real que a mesma junta convoque, e louve no seu real nome, e com as expressoens de que por sua lealdade, e patriotismo se fazem dignos todos os que satisfizeraõ á expectação do mesmo augusto Senhor, concorrendo com as sommas, que

se lhes pedirão; e ainda os mesmos, que (como he de supôr) por imperiosas circumstancias entrararão com ametade das ditas sommas. E manda outro sim que o Governo destes Reinos faça subir á sua real presença as ditas relaçoens para que seja constantê a Sua Alteza Real o relevante serviço, que elles fizeraõ em beneficio do Commercio, e Navegação Nacional, e da Causa Publica, no qual os que completaraõ as suas quotas tem mais particular merecimento, que mui especialmente os recommenda á real contemplação.

Subira juntamente á real presença do Principe Regente Nosso Senhor a relação das pessoas, que ou se escusaraõ, ou contribuirão com menos de ametade de suas quotas, para que a indefectivel justiça de S. A. R. proceda a respeito destes individuos com as demonstraçoens de desprazer, que forem do seu real agrado, e merecerem as suas diversas circumstancias, suspendendo-se interinamente a publicação de seus nomes até que se recebaõ as reaes ordens.

A real junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação destes Reinos assim o tenha entendido, e faça executar, publicando pela impressão a presente Portaria, e as ditas relaçoens inclusas, assim como a outra relação relativa á Praça do Porto, e a carta dirigida pelo Secretario do Governo da Repartição da Marinha ao Chanceller da relação da dita cidade, que tambem se lhe remettem: devendo igualmente o Governo destes Reinos levar á soberana presença o distincto serviço da illustrissima junta da administração da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro, e dos Negociantes, e capitalistas da dita praça, que sem excepção de hum só, concorrêraõ promptamente com o total das respectivas quantias, que lhes foraõ requeridas, o que os faz com muita particularidade benemeritos do Principe, e da patria. Palacio do Governo em 10 de Julho de 1813.—Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino. Cumpra-se, e registe-se. Lisboa 20 de Julho de 1813.—Com as Rubricas do Presidente, e Deputados da Real Junta do Commercio.

AVIZO.

Para Manoel Antonio da Fonseca e Gouvea.

Accuso a recepção do officio de V. S. em data do primeiro do corrente annunciando-me a entrega, que devia fazer no cofre da commissão o Negociante Antonio Nunes Ribeiro, da

da quantia de quatro contos trezentos e setenta mil reis, com que se completava o empréstimo de oitenta contos de reis, que por Aviso de trinta de Abril proximo passado S. A. R. havia incumbio a V. S. de ratear e solicitar da Illustrissima companhia dos vinhos do Alto Douro, e dos Negociantes da praça do Porto, para os fins, e com as condições expressadas na Portaria de vinte e dois de Abril deste anno: remetendo-me V. S. ao mesmo tempo a relação nominal das pessoas, que para elle concorreraõ, e as quantias que prestaraõ; o que tudo fiz presente a S. A. R., e por sua ordem, devo expressar a V. S. o louvor, que merece a intelligencia, actividade, e zelo com que V. S. desempenhou taõ cabalmente esta importantissima diligencia, o que levará com muita satisfação sua á real presença do Principe Regente Nosso Senhor, Incumbe Sua Alteza Real a V. S., que no seu real nome expresse ás pessoas, que concorreraõ para o mesmo empréstimo, o muito que os recommendou na real presença huma conducta taõ leal, e patriotica; e correspondeo completamente á confiança, que o Governo tinha dos seus sentimentos. O mesmo Governo além de mandar imprimir para sua satisfação a dita lista, a levará á presença do Principe Regente Nosso Senhor, para que ao mesmo Senhor seja constante os nomes dos feis vassallos, que concorreraõ com tanta promptidaõ para este empréstimo. Quanto aos titulos que V. S. deo a cada hum delles para sua segurança, parece serem sufficientes, visto que as entradas no cofre da commissãõ, foraõ feitas em geral em nome de V. S., podendo do mesmo modo receber do cofre da commissãõ, e por junto as quantias, que pelo ratelo se forem cobrando para o seu pagamento, e distribuindo as depois proporcionadamente pelos interessados; mas quando V. S. pelas suas occupaçoens, naõ possa applicar a este objecto o tempo, que lhe deve absorver até o completo pagamento; ou se daraõ pela commissãõ os titulos correspondentes a cada hum dos interessados; devendo nesse cazo os mesmos accionistas cobrar aqui a parte dos pagamentos, que lhe corresponder, ou o que será mais facil, formando ahi huma commissãõ a seu contento, (se os accionistas convierem nisso) que receba por junto, e a quem se passe hum titulo geral de toda a divida, e se obrigue depois a satisfazer individualmente a cada accionista a parte correspondente ao seu empréstimo; á medida que elle for recebendo; entendendo-se para estas cobranças com a commissãõ encarregada aqui do mesmo empréstimo: qualquer que seja o expediente, que se adopte, V. S. me communicará, para pôr de accordo a dita commissãõ.—Deos guarde a V. S. Palacio do Governo em oito de Junho de mil oitocentos e treze.—D. Miguel Pereira Forjaz.

AVIZO.

Devendo o Capitão de Mar e Guerra José Joaquim da Rosa Coelho, em consequencia do Aviso que acabo de expedir-lhe, entregar no Cofre da Commissão encarregada da recepção dos fundos para os Negocios com as Potencias Berberescas a somma de 114,486 $\frac{1}{4}$ Duros de Hespanha, que existem na sua mão, e restou do dinheiro que recebeo para effectuar a paz com a Regencia de Argel. E devendo tambem a Real Junta da fazenda da marinha mandar indemnizar o referido cofre da somma de 1219 duros, que o sobredito Capitão de mar e guerra durante a sua viagem dispenseo em objectos pertencentes á Fragata Perola: He o Principe Regente Nosso Senhor Servido que a Commissão logo que receber as apontadas quantias, bem como as Mezadas, que na conformidade do Aviso da data deste ha de cobrar da Alfandega Grande de Lisboa, mande satisfazer ao Negociante Henrique Teixeira de Sampayo, o que constar legalmente se lhe está devendo por conta do dinheiro, que a sua Ordem se apromptou em Gibraltar para auxilio da verificação do Tratado de paz; e que do remanescente (comprando-se a necessaria porção de papel) proceda, depois de feito o indispensavel annuncio no fim do corrente mez, ao proporcionado rateio por conta do capital, e juros, ás pessoas, que contribuíram com dinheiro a titulo de emprestimo, para se concluir a paz com a referida Regencia; cedendo S. A. R. (naõ obstante o determinado no Aviso de 16 de Junho passado, expedido á real junta do commercio) do direito que tem para ser contemplado na sobredita distribuição pelos dinheiros, que adiantou o seu Real Erario, a fim de que os accionistas possam ser embolçados com maior brevidade por conta das quotas partes, com que entráram. O que tudo participo a Vm^{ca}. para sua intelligencia, e execucao.

Deos guarde a Vm^{ca}.—Palacio do Governo, em 13 de Julho de 1813.—D. Miguel Pereira Forjaz.

SENTENÇA.

Accordão em relação, &c. que sendo visto, e examinado o processo, que no juizo da inconfidencia se formou para a justificação do Visconde de Asseca, Antonio Maria Correa de Sa Benevides Velasco da Camara, prezo na Torre de Belem, e constar pelos judiciaes interrogatorios, que se lhe

fizeraõ, em tudo coherentes com os officios do Ministro do Mesmo Senhor na Corte de Stockolmo, e do Embaixador Extraordinario na Corte de Londres Conde do Funchal, que o dito Visconde desertára do Exercito Francez nos Estados do Imperador da Russia, dos quaes tinha sahido com a protecção daquelle soberano para procurar a sua patria instigado pelos honrados sentimentos em que tinha nascido, e que tinha conservado em todo o tempo da sua ausencia, sem os poder pôr em practica pela severia espionagem, que vigiava sobre elle, e não de constar de modo algum, que ao depois de ter sahido deste Reino no tempo da invasão voltasse a elle para lhe fazer guerra, nem mesmo tivesse entrado na Hespanha para seguir a causa do inimigo commum; julgaõ ao dito Visconde d'Asseca por livre, e izempto de culpa, por benemerito da Patria, para que possa nella ser considerado, como leal vassallo do dito Senhor, fiel e louvado patriota, mui digno imitador de seus illustres ascendentes, e para que possa requerer a sua soltura, aonde lhe convier pela ordem a que estiver prezo; e pague somente as custas.

Lisboa, 12 de Junho de 1813.—Guerreiro, Ferraõ, Lemos.

Quartel-general de Irurita, 31 de Julho de 1813,

ORDEM DO DIA.

DECLARA-SE A PROMOÇÃO SEGUINTE :

Por Portaria datada de 10 do corrente, e consequência de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, contando todos os promovidos a antiguidade dos Postos, a que sobem, desde o dia 4 de Junho proximo passado.

Tenentes Generaes, os Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores Marechaes de Campo, José Antonio da Rosa, Mathias José Dias Azedo, Conde de Sam-Payo, e Antonio de Lemos Pereira de Lacerda.

Tenente-general, ficando desligado do Governo da Praça de Elvas, o illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marechal do Campo, Antonio Marcelino da Victoria.

Marechaes de Campo, os Illustrissimos Senhores Briga-deiros Agostinho Luiz da Fonseca, Jorge Allen Madden,

Vicente Antonio de Oliveira, Guilherme Frederico Sprye, Filippe de Sousa Canavarro, e Carlos Frederico Lecor.

Marchaes de Campo, os Illustrissimos Senhores Brigadeiros Manley Power, e Thomaz Bradford, os quaes são Majores Generaes no Exercito de Sua Magestade Britanica.

Brigadeiros, ficando desligados do commando dos respectivos regimentos, os Illustrissimos Senhores Coroneis, Carlos Asworth, Thomaz Guilherme Stubbs, Manoel Pamplona Carneiro Rangel, e Joaõ Buchan.

Brigadeiro, o Illustrissimo Senhor Coronel, Marquez de Ternay.

Coronel com o exercicio, que actualmente tem, o Senhor Tenente Coronel Henrique Hardinge, Deputado, do Senhor Quartel Mestre General do Exercito.

Coronel, ficando annexo, com era, ao Deposito Geral de Recrutas de Mafra, o Senhor Tenente Coronel Joaõ Watt-
ing.

Coroneis do Exercito, os Senhores Tenentes Coroneis do Exercito Duarte José Fava, e Joaõ Grant.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 3, o Senhor Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 5, M'Creagh.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 6, o Senhor Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 3, Jorge Elder.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 9, o Senhor Tenente Coronel do mesmo Regimento, Carlos Sutton.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 12, o Tenente Coronel do mesmo Regimento Hawilland Le Mesurier.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 18, o Senhor Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 6, Sebastiao Pinto de Arango Corrêa.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 21, o Senhor Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 2, Joaõ Telles de Menezes e Mello.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 22, o Senhor Coronel do Regimento de Infantaria No. 12, Antonio de Lacerda Pinto da Silveira.

Coronel do Regimento de Infantaria No. 23, o Senhor Coronel aggregado ao Regimento de Infantaria No. 8, José de Vasconcellos e Sá.

Coronel do Regimento de Cavallaria No. 5, o Senhor Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria No. 11, Domingos Bernardino.

Coronel do Regimento de Cavallaria No. 12, o Tenente Coronel do mesmo Regimento, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 2, o

Major graduado em Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 16, João Gomersall.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 3, o Major graduado em Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 2, Lourenço Martins Pegado.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 8, o Major graduado em Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 18, Raphael Ouseley.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 9, o Major do Regimento de Infantaria No. 5, Jacinto Vieira do Conto Soares.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 12, o Tenente Coronel aggregado ao Batalhão de Caçadores No. 7, João Paes de Sande e Castro.

Ajudante General—MOZINHO.

Lisboa, 26 de Agosto.

Quartel General de Zarauz, 11 de Agosto de 1813.

Ordem do Dia.

Com infinito prazer tem outra vez o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior de dar agradecimentos em Nome de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor ao Exercito Portuguez, pela sua conducta em todos os differentes encontros com o inimigo desde a batalha de Vitoria, e mais particularmente pelas provas, que deo da sua disciplina, valor, e adhesão á causa Publica, e á da sua Patria na grande batalha de 28 do mez passado, junto a Pamplona, commandada em pessoa pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria, e na de 30 do mesmo mez, debaixo das ordens de Sua Excellencia o Snr. Tenente General Rowland Hill, assim como em todos os ataques feitos pelo inimigo, e contra este depois da sua ultima entrada, até á sua expulsão do territorio Hespanhol, o que deo lugar a huma luta de tanta honra, e gloria para as Armas alliadas.

O Snr. Marechal teve o gosto de ver a Brigada do commando do Snr. Brigadeiro Thomaz Guilherme Stubbs (quarta Divisão), Regimentos de Infantaria N. 11, e 23, e Batalhão de Caçadores N. 7, sustentar, e augmentar a sua antiga reputação; e de ver adquirir reputação a Brigada do commando do Snr. Brigadeiro Archibaldo Campbell, Regimentos de Infantaria N. 4, e 10, e Batalhão de Caçadores N. 10;

mas observa, que a conducta do Regimento N. 4, e Batalhão N. 10 merece ser mencionada com especialidade. Os referidos Senhores Brigadeiros, os Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados, que estão debaixo das suas ordens, aceitarão os agradecimentos do Snr. Marechal, porque elles merecerão a sua admiração.

O Snr. Marechal vio igualmente a boa conducta do Regimento de Infantaria N. 12, e Batalhão de Caçadores N. 9, debaixo das ordens do Snr. Marechal de Campo Allen Madden; e roga ao mesmo Snr. Marechal de Campo, aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados destes dois Corpos, que estejam seguros da perfeita satisfação do Snr. Marechal pela sua boa conducta. O Batalhão de Caçadores N. 9 tem-se distinguido sempre.

O Snr. Marechal tem todo o motivo para exprimir a sua satisfação, pelo conducta da Brigada dos Regimentos de Infantaria, N. 7, e 19, e Batalhão de Caçadores N. 2, debaixo das ordens do Snr. Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor; ao qual roga o Snr. Marechal, que a manifeste aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados da Brigada.

O Senhor Brigadeiro Carlos Ashworth terá a bondade de fazer saber aos Corpos da Brigada do seu commando, os Regimentos de Infantaria N. 6, e 18, e Batalhão de Caçadores N. 6, que o Snr. Marechal soube com a maior satisfação da sua brilhante conducta no dia 30, e deseja que elle acceite para si, e de aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados os agradecimentos, e approvação do Snr. Marechal, que elles muito bem souberão merecer.

O Snr. Marechal felicita a S. E. o Snr. Tenente General Conde de Amaranto pela brilhante conducta da sua Divisão; e porque as suas Brigadas, ainda que separadas, se comportarão de modo; que parecião rivalisar entre si, sobre qual havia de mostrar melhor conducta, e ganhar mais honra. O Snr. Marechal, tendo feito ao Snr. Brigadeiro Archibaldo Campbél os mais altos elogios da sua Brigada, tem a satisfação de dizer, que a Brigada do commando do Snr. Brigadeiro Antonio Hypolito Costa, Regimentos de Infantaria N. 2, e 14 debaixo das ordens immediatas de S. E. o Snr. Tenente General Conde de Amarante, não mereceo menos os elogios do Snr. Marechal. O mesmo Snr. Tenente General receberá por isto os seus agradecimentos, e terá a bondade de os dar ao Snr. Brigadeiro Antonio Hypolito Costa, e aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados da valorosa Brigada do Algarve.

O Snr. Marechal aproveita esta occasião para exprimir ao Snr. Marechal de Campo Thomaz Bradford a sua satisfação,

pela conducta da Brigada do seu commando, Regimentos de Infantaria N. 13, e 24, e Batalhão de Caçadores N. 5, nos combates junto a Villa Franea, e Tolosa, e no assalto do Convento, e Reducto diante da Praça de S. Sebastião, onde estes Corpos se conduzirão de modo, que o Snr. General Commandante ficou satisfeito. O Snr. Marechal exprime tambem a sua satisfação pela conducta do Batalhão de Caçadores N. 4, nos referidos combates, e assalto.

O Snr. Marechal declara, que o Exercito Portuguez cumprio bem, e valorosamente o seu dever, e continuará assim a cumpri-lo: e a sua Patria tem razão para ficar ufana com elle. O Snr. Marechal não pode perder esta occasião para lembrar ás Tropas, que reparem nos effeitos da subordinação, e disciplina, para segurar a sua continuação; e aos officiaes de todas as graduacoens, que cuidem constantemente em tudo o que respeita a manter, e aperfeiçoar huma, e outra.

O Snr. Marechal não pode concluir sem declarar, que acompanha na magoa pela morte dos valerosos Officiaes, e Soldados a sua patria, e seus parentes; mas consolem-se, que elles perderão a vida honrosamente combatendo com valor pela mais justa de todas as causas. A morte do Coronel Havilland Le Messurier será tão sentida pelo serviço, como por todas as pessoas, que o conheciaõ; porém elle, e os Tenentes Coroneis Lourenço Martins Pegado, e Candido Basylio da Victoria, morrerão dando exemplo do valor, que tem vencido ao inimigo.

O Snr. Marechal tambem está magoado pelas feridas, que receberão os Senhores Brigadeiros Antonio Hypolito Costa, Carlos Ashworth, e Manoel Pamplona Carneira Rangel, e todos os mais Officiaes, e Soldados do Exercito; e espera anciosamente o seu prompto restabelecimento, e que o serviço tenha bem depressa a vantagem da sua assistencia.

O Senhor Marechal depois de tantas provas dadas pelo Exercito Portuguez de huma conducta a mais honorifica, e gloriosa para este, e para a Patria, se serve com infinito gosto do poder, que S. A. R. foi servido conferir-lhe, pelas desejos, que o mesmo Augusto Soberano sempre teve, de fazer recompensar o mais depressa possivel os benemeritos do seu Exercito: e ainda que, quando todos se conduzem tão brilhantemente, não he possivel recompensar a todos com a igualdade que deseja; com tudo o Snr. Marechal espera, que na selecção, que fez, o Exercito fique convencido, de que queria prehencher as intençoens de S. A. R. animando, e recompensando o merecimento, e que não fez distincção de pessoas. O caminho das recompensas, assim

como os meios de se adquirirem, estaraõ sempre igualmente francos. Todos podem servir a sua Patria: todos seraõ considerados segundo o seu merecimento, sejaõ Officiaes, Sargentos, ou Soldados.

Relaçã dos Officiaes, Sargentos Ajudantes, Sargentos, o Cadetes promovidos por S. E.

O Capitaõ do Batalhaõ de Caçadores N. 5, Thiago Pedro Martins, graduado em Major.

O Tenente do Regimento de Infantaria N. 24, Romaõ José Soares, graduado em Capitaõ.

Contando os sobreditos dois Officiaes a antiguidade da graduaçaõ de 25 de Junho proximo passado.

O Tenente do Batalhaõ de Caçadores N. 4, Antonio Vicente de Queiroz, graduado em Capitaõ, contando a antiguidade desta graduaçaõ de 17 de Julho proximo passado.

O Alferes do Batalhaõ de Caçadores N. 5., Miguel Corrêa de Freitas, graduado em Tenente, contando a antiguidade desta graduaçaõ de 18 de Julho proximo passado.

O Major do Regimento de Infantaria N. 11, José Correia de Mello, graduado em Tenente Coronel.

O Major da Brigada composta dos Regimentos de Infantaria N. 4, e 10, e Capitaõ da oitava Companhia do primeiro dos referidos Regimentos, Caetano de Mello Sarria, graduado em Major, conservando o exercicio de Major da Brigada, e o lugar, que tem no Regimento.

Graduados em Majores.

O Capitaõ do Batalhaõ de Caçadores N. 7, Guilherme O'Hara.

O Capitaõ do Batalhaõ de Caçadores N. 9, Joaõ Harrison.

O Capitaõ do Batalhaõ de Caçadores N. 10, Francisco Antonio Pamplona.

O Capitaõ do Batalhaõ de Caçadores N. 9, Antonio Luiz de Moraes Sarmiento, graduado em Major S. E. observa, que a conducta deste Official merece esta distincçaõ com particularidade.

Graduados em Capitaens.

O Tenente do Regimento de Infantaria N. 4, Archibald Campbell.

O Tenente do Regimento d'Infantaria N. 23, Felix José Freire Corte Real.

O Tenente do Batalhão de Caçadores N. 9, Ignacio Ferreira da Rocha.

Graduados em Tenentes.

O Alferes do Regimento de Infantaria N. 10, João Rodarte.

O Alferes do Regimento de Infantaria N. 12, Duarte Cardoso de Sá.

O Alferes do sobredito Regimento de Infantaria N. 12, João José Baracho.

O Alferes do Batalhão de Caçadores N. 9, Lourenço José de Andrade.

O Alferes do Batalhão de Caçadores N. 10, José Maria de Sousa.

Alferes dos respectivos Corpos.

O Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria N. 4, José Antonio de Lemos.

O Sargento do sobredito Regimento de Infantaria N. 4, Bernardino de Senna.

O Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria, N. 12, Manoel Jozé Carneiro.

O Sargento Ajudante do Batalhão de Caçadores N. 9, Joaquim Manoel da Silva Rocha.

O Sargento do sobredito Batalhão de Caçadores, N. 9, Estevão José Neiva.

Contando os sobreditos Officiaes, Sargentos Ajudantes, e Sargentos a antiguidade das gradaçoens, e postos a que são promovidos de 28 de Julho proximo passado.

Graduados em Tenentes Coroneis.

O Major do Regimento de Infantaria N. 19, Luiz Diogo Pereira Forjaz.

O Major do Batalhão de Caçadores N. 2, G. H. Zulke.

Graduados em Majores.

O Capitão do Regimento de Infantaria N. 14, Antonio Pedro de Brito.

O Capitão do Regimento de Infantaria N. 18, Henrique da Silva da Fonseca.

O Capitão do Batalhão de Caçadores N. 2, Jorge Firmino Pereira Amado.

O Capitão do Regimento de Infantaria N. 11, Joaquim Telles Jordaõ, graduado em Major. Sua Excellencia não pode deixar de fazer menção particular da bravura, com que se houve este Official na presença do Illustrissimo e Excelentissimo Snr. Marechal General Duque da Victoria, e de S. E., e do Exercito no dia 30 do mez passado, atacando com forças inferiores ao inimigo, e expulsando-o de huma posição das mais fortes.

O Tenente do Regimento de Infantaria N. 18, Antonio da Guerra, graduado em Capitão.

Graduados em Capitaens com o mesmo exercicio, que actualmente tem.

O Ajudante com a Patente de Tenente do Regimento de Infantaria N. 6, Manoel Joaquim Moniz.

O Ajudante com a Patente de Tenente do Regimento de Infantaria N. 18, José Joaquim Fernandes.

Tenentes com o mesmo exercicio, que actualmente tem.

O Alferes Francisco Henriques Teixeira, Ajudante de Ordens do Snr. Tenente General João Hamilton, servindo com S. E. o Snr. Tenente General Conde de Amarante.

O Alferes Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes, Ajudante de Campo do Snr. Tenente General Conde de Amarante.

Alferes dos respectivos Corpos.

O Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria N. 6, Antonio Ferreira.

O Sargento do sobredito Regimento de Infantaria N. 6, Gonçalo José Carneiro.

O Sargento do Regimento de Infantaria N. 7, Manoel Quaresma da Silva.

O Sargento do Regimento de Infantaria N. 14, Joaquim Antonio de Freitas.

O Sargento do sobredito Regimento de Infantaria N. 14, José Francisco Coelho.

Alferes dos respectivos Corpos.

O Sargento Ajudante do Batalhaõ de Caçadores N. 2, Bartholomeu Nicoláo.

O Cadete do sobredito Batalhaõ de Caçadores N. 2, Francisco José Pereira.

Contando os sobreditos Officiaes, Sargentos Ajudantes,

Sargentos, e Cadete a antiguidade das graduaçoens, e Postos a que são promovidos de 30 de Julho proximo passado.

S. E. não pode deixar de mencionar o Cirurgiaõ Mór aggregado ao Regimento de Infantaria No. 12, José Joaquim Pereira, e o Ajudante de Cirurgia do mesmo Regimento, Antonio José Antunes, pela distincta actividade, e zelo com que tratáraõ dos feridos do Regimento: e S. E. fará sempre os devidos elogios ás Pessoas do Exercito que nos dias de acção, apezar de não serem combatentes, procuraram distinguir-se no cumprimento dos seus respectivos deveres, sendo os Serviços dos Empregados de Saude sempre em taes dias de muita importancia; porque da sua boa assistencia depende alliviar-se a mortificação dos feridos, e salvarem-se muitas vidas.

Ajudante General—Mozinho.

Quartel General de Zarauz, 13 de Agosto de 1813.

Ordem do Dia.

Determina Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, que as Brigadas de Infantaria do Exercito Portuguez sejaõ daqui em diante numeradas, e conhecidas pela sua numeração; e que em todas as participaçõens Officiaes ellas sejaõ assim designadas; 1. Brigada de Infantaria Portugueza, 2. Brigada de Infantaria Portugueza, &c.

Nos. das Brigadas.

Composição das mesmas.

1. Reg. No. 1, e 16, e Bat. de Caçadores No. 4.
2. Ditos No. 2, e 14.
3. Ditos No. 3, e 15, e dito.....No. 8.
4. Ditos No. 4, e 10, e dito.....No. 10.
5. Ditos No. 6, e 18, e dito.....No. 6.
6. Ditos No. 7, e 19, e dito.....No. 2.
7. Ditos No. 8, e 12, e dito.....No. 9.
8. Ditos No. 9 e 21, e dito....No. 11.
9. Ditos No. 11, e 23, e dito.....No. 7.
10. Ditos No. 13, e 24, e dito.....No. 5.

Ajudante General, MOZINHO.

Por ordem Superior se mandou fazer o seguinte annuncio.

O Collegio creado no Quartel da Feitoria para a educação, e instrucção dos Soldados menores do Regimento de Artilheria No. 1., acaba de ser organizado n'hum Collegio Militar, debaixo dos Auspicios do Governo para serem nelle educados, e instruidos os filhos dos Officiaes do Exercito, e Marinha, que não tiverem meios de os mandarem educar por sua conta, e cujos Serviços Militares tenham merecido approvação, e louvor da parte de seus Superiores.

O sobredito Collegio vai ser transferido para o sitio da Luz, suberbios desta Capital, por todo o mez de Outubro proximo futuro; e o dia da sua abertura será annuciado com a devida anticipação, para que os Empregados, Alumnos do mesmo Collegio comparação na vespera da mesma abertura.

Achando-se vagos alguns lugares de Alumnos por conta do Estado, e outros de Porcionistas, faz-se saber para instrucção do Publico, que os Candidatos ou Pertendentes aos lugares de Alumnos, por conta do Estado, devem dirigir os seus requerimentos a S. A. R. pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, declarando nomes, sobrenomes, appellidos, filiações, naturalidades, e ultimos póstos de seus Pais no Exercito, sendo tudo documentado com a legalidade do estilo. Os Candidatos a lugares de Porcionistas devem igualmente dirigir os seus Requerimentos a S. A. R. pela sobredita Secretaria de Estado substituindo a publica fórma das Patentes dos ultimos Postos Militares com as dos Titulos da Nobreza de seus Pais.

Condições para admissão dos Candidatos por conta do Estado.

1. Quanto á idade, devem ter mais de nove annos, e menos de onze.

2. Quanto á pessoa, devem ser filhos legitimos de Officiaes combatentes de Tropa de Linha, dos Corpos d'Armada, e Brigada Real da Marinha, e dos Maiores, e Ajudantes effectivos dos Regimentos de Milicias.

Ordem de preferencia no concurso de maior numero de Candidatos, que o de lugares vagos d'Alumnos por conta do Estado.

1. Classe. Filhos de Officiaes mortos em combate.
2. Filhos de Officiaes mutilados em combate.
3. Filhos de Officiaes mortos de doenças estando empregados.
4. Filhos de Officiaes empregados.
5. Filhos de Officiaes reformados com mais de trinta e cinco annos de Serviço.

Condiçoens para admissão dos Alumnos Porcionistas.

1. Quanto á idade, devem ter mais de sete annos, e menos de onze: poderaõ porém ser admittidos antes de completar doze annos no caso de satisfazerem ao Exame do 1. Anno Lectivo, isto he, Ler, Escrever, e Contar, e de terem tido alguma educação regular, sendo ao mesmo tempo bem morigerados.
2. Quanto á pessoa, devem mostrar limpo nascimento.
3. Quanto á pensão, deve ser de quatorze mil e quatrocentos reis por mez, em metal, pagos adiantados.

Ordem de preferencia no Concurso de maior numero de Candidatos, que o numero de lugares vagos de Alumnos Porcionistas.

1. Classe. Filhos legitimos de pessoas, que tiverem Serviços Militares.
2. Filhos legitimos de pessoas empregadas nos Tribunaes, e Lugares de Justiça.
3. Filhos legitimos de pessoas empregadas na Administração da Real Fazenda.
4. Filhos legitimos de Homens de Negocio.

Os Alumnos por conta do Estado, e os Porcionistas, querendo, tem direito de aspirar aos Primeiros Postos de Officiaes dos Corpos do Exercito depois de habilitados nos seis annos do Curso Lectivo, mandado seguir no sobredito Collegio Militar, devendo primeiramente instruirem-se na Disciplina Militar, e Serviço pratico das Armas, a que forem destinados; para o que deveraõ logo passar aos Depositos Geraes das differentes Armas do Exercito, e permanecer

nelles pelo tempo de dois, ou tres mezes, em cujo tempo os Porcionistas seraõ obrigados a sustentarem-se com a decencia devida aos Cadetes.

Resumo dos Generos que por diversas Embarcaçoens se tem recebido dos portos da America Portugueza, e Ilhas dos Açores para soccorro do Exercito, e da Marinha, em consequencia das ordens de Sua Alteza Real; não se comprehendendo os que já tem sido annunciados em outras occasioens.

Distribuio-se : Para a Fabrica da Polvora, 9,582 arrobas, e 6 lbs. de salitre, vindo do Rio de Janeiro.—Para o Commissario de viveres, 330 arrobas de carne salgada do Rio; 2,600 alqueires de farinha da Bahia; 1,355 arrobas de arroz da Bahia, e 5,998 arrobas dito de Pernambuco (ao todo 7,353 arrobas de arroz); 37 pipas de agoa-ardente da Bahia; 322 moios de milho, e 16 ditos de feijao das Ilhas, (Terceira, e S. Miguel).—Para consumo do Arsenal Real do Exercito, 8 paos de arco, e 9 paos de patagiba, da Bahia; 10 pranchos, e 20 pranchas de amarello, de Pernambuco; 14 pranchas de pão Brasil, 2 páos roliços, e 6 quadrados, do Pará.—Para consumo do Arsenal Real da Marinha; 144 taboas de tapinha, do Rio; 480 aduelas de vinhatico, e 58 peças de fundos, da Bahia; 961 páos e pranchos diferentes, do Pará.—Para consumo dos Hospitaes Militares, 273 arrobas, e 17 lbs. de quina, do Rio; e 258 arrobas, e 30 lbs. dita, do Pará (ao todo 532 arrobas, e 15 lbs.)

N. B. Nos 322 moios de milho, vindo das Ilhas, estão incluidos 26 moios, que se perdêrao em Setubal.

EDITAL.

A Junta da Administração do Tabaco faz publico a todas as pessoas, que pertenderem arrementar o Contracto Geral do Tabaco, e Saboarias, do primeiro de Janeiro de 1815 em diante, separado, ou unido com o das Saboarias, que concorrão a apresentar na mesma Junta seus Lanços, Socios, e convenientes declaraçoens em todos os dias, e horas do seu Despacho, dentro de dois mezes contados do dia 3 do corrente mez de Agosto em diante, findos os quaes se procederá á mesma arrematação nos dias que se designarem, na forma das Reaes ordens.

Lourenço Antonio de Araujo.

INGLATERRA.

Nos temos o vivissimo desgosto de começar este artigo transcrevendo a carta do virtuozo General Moreau a Sua Mulher, que rezide prezenemente em Lóndres, escrita dois dias antes da Sua morte. Quantos artificios a perfidia pôde sugerir á tyrannia forão outrora empregados contra o digno discipulo do infelis Pichegru pelo Despota Sanguinario. Moreau, o Grande General, o Patriota Virtuozo, o homem verdadeiramente amavel, já não existe: mas existe o Monstro!! Se o desventurado Moreau não tivesse horror de expor a vida dos seos compatriotas n'humã guerra civil; se elle tivesse podido tomar a resolução de mostrar pela sua propria defeza a mesma coragem, que tantas vezes mostrára á frente dos exercitos da sua patria, o Tyranno exacravel, o Emblema horrorozo de todos os crimes, (que ainda vive, para desgraça da França, que a merece, e do mundo civilizado) ha muito não existiria*. Perdeo-se essa opportuna occasião; Moreau escapou do cadafalso: mas receando o veneno, pedio, e facilmente obteve o retirar-se para os Estados Unidos onde viveo retirado. Convidado por seu amigo o Principe da Coroa de Suecia para vir tomar parte na grande obra da liberdade da Europa, Moreau não pôde resistir: nos fins de Julho chegou a Stralsund; e depois de conferir com Bernadotte partio para o Quartel General do Imperador da Russia, onde foi nomeado Major General do Exercito alliado—No dia 27 de Agosto humã balla de artilharia lhe levou ambas as pernas no momento em que estava fallando com o Imperador da Russia, em frente de Dresda. Fez-se-lhe a amputação; havia grande esperança de lhe salvar a vida;

* He hum facto, que quando Moreau esteve prezo em Paris e era conduzido da prizaõ á presença dos Juizes por entre duas alas de Soldados, estes sempre lhe apresentavaõ as armas, apezar de o Tyranno o ter ja degradado das honras militares; e muitos lhe disseraõ—*Meu General que-reis alguma coisa de nos?* Não meos camaradas, respondia Moreau, eu não dexejo sangue. A opiniaõ geral era que bastava que elle dissesse humã palavra, e Bonaparte em menos de seis horas estaria no Templo. Quantos males, quantas desgraças não teria Moreau poupado á toda a Europa, e ao mundo! He de presumir que elle no conhecia ainda bem o Monstro. Poupou o seu mais cruel inimigo; e veio-lhe quasi a morrer nas maõs.

mas no dia 3 de Setembro elle expirou, acabando de ter huma conferencia com alguns Generaes. Se elle não pôde ter a gloria de ver dignamente punido o pavorozo Tyranno; elle teve ao menos o gosto de ver mudada a sua fortuna, e de prezenciar o fogo sagrado que actualmente cala por toda a Alemanha, e que em breve reduzirá a cinzas o implacavel inimigo da Religião, da Justiça, da Humanidade.

CARTA

Do infelis General Moreau a Sua Mulher.

Ma chere Amie,

A la bataille de Dresde il y a trois jours, j'ai eu les deux jambes emportées d'un boulet de canon. (Ce Coquin de Buonaparte est toujours heureux !)

On m'a fait l'amputation aussi bien que possible. Quoique l'armée ait fait un mouvement retrograde, ce n'est nullement par revers, mais par decousû, et se rapprocher du General Blucher.

Excuse mon griffonnage. Ja t'aime et t'embrasse de tout mon cœur.

Je charge Rapatel de finir.

V.M.

Madame,

Le General, me permet de vous ecrire sur la meme feuille où il vous a trace quelques lignes. Jugez de mon chagrin, et de ma douleur par ce qu'il vient de vous dire.

Depuis le moment où il a été blessé, ja ne l'ai pas quitté, et ne le quitterai pas jusqu'à sa parfaite guérison. Nous avons la plus grande esperance; et moi qui le connois, je puis dire que nous le sauverons. Il a supporté l'amputation avec un courage heroique, sans perdre connoissance; le premier appareil a été levé, et les plaies sont fort belles. Il n'a eu qu'un léger accès de fièvre lorsque la suppuration s'est etablie, et elle a diminué considerablement.

Vous devez me pardonner tous ces details; ils sont aussi douloureux pour moi à tracer, qu'ils le seront pour vous à lire; j'ai eu besoin de courage depuis quatre jours, et en aurai besoin encore. Comptez sur mes soins, sur mon amitié, et tous les sentiments que vous m'avez inspiré l'un

l'autre pour le servir : ne vous allarmez pas, je ne puis vous dire d'être courageuse, je connois votre cœur.

Je ne laisserai pas une occasion sans vous donner de ses nouvelles. Le medecin vient de m'assurer, que si cela continue d'aller ainsi, dans cinq semaines il pourra aller en voiture.

Adieu, Madame, et respectable amie ; je suis bien malheureux.

J'embrasse la pauvre Isabelle.

Le plus devoue de vos serviteurs,

RAPATEL.

Laun, 30 Aout, 1813.

1 Septembre—Il va bien, et est tranquille.

DAS GAZETAS OFFICIAIS INGLEZAS.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 4 DE SEPTEMBRO, 1813.

Recebeo-se hoje hum officio, na secretaria de Lord Bathurst, dirigido a S. S. pelo Feld-Marechal Marquez de Wellington, datado de Lezaca, 25 de Agosto ; de que o seguinte são extractos :

Nem o inimigo nem os Alliados tem feito movimento algum de importancia, depois que transmitti a minha ultima participação.

Tenho recebido participações do Tenente-General Lord Bentinck ate 19 do corrente, e dellas tenho a honra de incluir copias, e extractos, dos quaes se vê que o Marechal Suchet ajunctou as tropas de seu commando em Villa Franca, aos 10 ; consistindo de 25 a 30 mil homens, e Lord W. Bentinck as que tinha dentro do seu alcance em huma posição sobre o rio Gaya, tendo suspendido todas as operações do cerco de Tarragona. S. S. porém não ficou satisfeito com a sua posição, que não podia occupar com força sufficiente ; porque se lhe não tinham unido todas as tropas que esperava ; e era sujeita a ser flanqueada em ambos os flancos. Elle por tanto se retirou para Cambills sem perda, á proporção que o Marechal Suchet avançou, deixando Tarragona aberta, lugar este que os Francezes fizeram voar e evacuar ; e o Marechal Suchet se retirou outra vez para Barcelona.

Peço licença para chamar a attenção de V. S. peculiarmente para a participação inclusa do Coronel Lord Frederico Bentinck pelo comportamento de hum destacamento dos Hussares de Brunswick, em huma acção com o inimigo aos 15.

Eu approvo inteiramente que o Tenente General Lord Guilherme Bentinck se retirasse, porque não tinha podido ajunctar toda a sua força, e não se considerava sufficientemente forte para dar huma batalha geral ao inimigo,

EXTRACTO

Da participação de Lord Guilherme Bentinck ao Marquez de Wellington, datada de Cambrills, 16 de Agosto, 1813.

Aos 3 veio ter a Tarragona o corpo do Duque del Parque; bem assim como a divisaõ do General Sarsfield aos 11. O General Elio não pôde dispensar os 3 regimentos da divisaõ de Migares, que eu lhe tinha pedido que me mandasse.

Aos 10 ouvi que o Marechal Suchet tinha voltado para Villa Franca de Barcelona, e tinha trazido com sigo cinco mil homens. As participaçoes dos dias seguintes não deixaram duvida de que era a sua intenção marchar adiante: e aos 14 soube do Barão de Eroles, e Coronel Mausó, que alem de ajunctar tudo quanto pode das guarnições, se lhe tinha unido Decaen com 6,000 homens.

Em consequencia desta noticia, suspendi todas as operações para o cerco de Tarragona, excepto o fazer faxina, e nem desembarquei artilheria, nem as munições.

Naõ houve opposição no Gaya, como eu na minha carta antecedente tinha supposto. Havia somente duas estradas de carros, para o atravessar, porém estavam a 10 de milhas de distancia huma da outra. Naõ tendo o rio agua e sendo invadeavel unicamente por causa do ingreme de suas ribanceiras vem a ser verdeavel para a infantaria em toda a parte. Hum corpo postado no centro não poderia chegar a nenhum dos flancos a tempo para impedir a passagem do inimigo. O General Whittingham, que eu tinha mandado com o seu corpo para os Cols de San Christina, e Llebra, deo parte de que não eram defensaveis por tão pequena força como a que podiamos dispensar para este objecto.

Eu intentava marchar adiante para o Llobregat. O exer-

cito de Suchet esteve algum tempo dividido entre Barcelona, e Villa Franca, e seus arredores. Hum movimento rapido poderia ter me posto em estado de cahir separadamente sobre os seus corpos avançados e obter posse da corpo de trazer as suas tropas de Barcelona. Eu não pode executar este movimento antes de que se me unisse Sarsfield; e antes que Suchet concentrasse as suas forças em Villa Franca e suas vizinhanças. Tinham-se recebido participações diversas o respeito das forças de Suchet, fazendo-as montar de 20 a 25 mil homens.

A immediata vizinhança de Tarragona offerencia em si mesmo huma boa posição; mas podia ser completamente flanqueada por hum inimigo, que cruzando os Cols se aproximasse de Tarragona por Valli e Reus.

Aos 14, Suchet moveo hum grande corpo para Alta Fulla, mas sendo a estrada contigua á praia, as barcas canhoneiras o impediram de passar, se tal era sua intenção.

Aos 15 elle repulsou os postos nos Cols de San Christina e Llebra, e ao depois forçou a retirar-se o corpo em Brafia, pelo qual aquelles eram sustentados. Todo o seu exercito marchou por esta estrada.

Continuando Suchet a avançar para Tarragona, eu resolvi retirar-me durante a noite, e o exercito chegou aqui esta manham, sem que soffresse perda alguma, e sem receber do inimigo incommodo algum. Se ouvesse alguma probabilidade racionavel de bom successo, eu lhe teria apresentado batalha,

Hospitalet, 19 de Agosto, 1813.

MY LORD !

TENHO a honra de incluir a copia de huma participação, que me fez Lord Frederico Bentinck, relativa a huma acção que teve lugar aos 15, quando o inimigo avançava para Tarragona, e que terminou de huma maneira mui honrosa para os hussares de Brunswick; parte de cujo regimento somente combateo com hum numero da cavallaria inimiga mui superior.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GUILHERME BENTINCK, Ten. Gen.
Ao Marechal de Campo Marquez de Wellington, &c. &c.

Campo, juncto a Cambrils, 16 d' Agosto.

MY LORD,

Em obediencia de vossas instrucçoens marcheí hontem pela tarde, com a brigada de cavallaria sob o meu commando, para alem de Fulles a Villabella, e reconheci a columna do inimigo, que hia avançando para Valls. Logo que começamos a retirar-nos, o inimigo nos seguiu com cavallaria e infantaria, e hum esquadrão do 4. de hussares me apertou mui de perto na retaguarda, formada pela companhia do Capitão Wulffen dos hussares de Brunswick, e tentou carregallos e derrotallos. O inimigo achou sempre opposição feita com determinado espirito e resolução: e o Capitão Ericheson, com a sua companhia, foi mandado em auxilio do Capitão Wulffen: o inimigo foi repulsado com perda de hum official morto, outro official ferido, e entre 20 a 30 soldados ficaram no campo passados á espada. Cahiram em nosso poder 16 prisioneiros, e 11 cavallos. Tive sincero prazer em observar o espirito que mostraram os officiaes e soldados dos hussares de Brunswick.

O Tenente-coronel Schrader, em todo a occaziaõ zeloso; nesta foi particularmente util em reprimir a impetuosidade da sua gente.

Nas circumstancias em que entãõ nos achavamos com huma forte columna do inimigo mui avançada no nosso flanco direito, e dous batalhoens de infantaria (segundo me informáram os prisioneiros) na nossa esquerda e retaguarda, e em hum paiz encerrado, eu julguei prudente não proseguir a vantagem que tinhamos obtido.

Sinto dizer que o alferes Radant dos hussares de Brunswick foi ferido e aprisionado, e ajunto a mappa do resto dos feridos e extraviados.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

FREDERICO BENTINCK, Coronel.

Feridos e Extraviados.

Reg. 20 de Dragoens Ligeiros, 2 soldados, 2 cavallos, extraviados; Hussares de Brunswick, 6 soldados feridos, 6 ditos extraviados, 4 cavallos mortos, 2 cavallos feridos, 2 ditos extraviados,

Total.—1 official, 13 soldados, 16 cavallos.

Extracto de hum officio do Tenente-general Lord Guilherme Bentinck ao Marquez de Wellington, datado de Hospitalet, 19 de Agosto 1813.

Tenho a honro de informar a V. S. que o inimigo fez voar Tarragona a noite passada, e se retirou.

Secretaria do Almirantado, 4 de Setembro, 1813.

O Almirante Lord Keith transmittio a Mr. Croker officios do Capitão Sir George Collier, datados de Passages, aos 27 e 28 do passado, annunciando hum bem succedido ataque que se fez á ilha de St. Clara, na embocadura da enseada de St. Sebastião, ás tres horas da madrugada do dia 27, pelos botes da esquadra, sobre o commando do Tenente o Hon. James Arbuthnot, do navio de S. M. Surveillante.

Os botes fôram equipados pelos marinheiros, e soldados da marinha, e huma partida de soldados, commandados pelo Capitão Cameron, do regimento 9.

O unico lugar do desembarque éra abaixo de hum degraão, que ficava a descuberto de hum pequeno entrincheiramento na ponta de Oeste; e completamente exposto ao fogo de metralha, e a toda a linha de obras na parte occidental do rochedo, e muros de St. Sebastian. Estas circumstancias locaes habilitaram huma mais pequena guarnição de hum official e 24 soldados, a fazer huma seria resistencia, pela qual foram mortos dous dos nossos soldados, e hum official do exercito, e outro da tropa de marinha, e 15 marinheiros e officiaes de marinha foram feridos.

O comportamento do officiaes, e gente foi de grand merecimento; cada qual se mostrava ancioso para ser o mais dianteiro. O Tenente Bell, da Real tropa de Marinha, teve a boa fortuna de ser o primeiro, que pôde desembarcar na praia, e foi immediatamente seguido pelo Capitão Cameron, do 9., e pelo Capitão Henderson dos engenheiros.

Sir George Collier diz mais, que as baterias contra St. Sebastian tinham aberto fogo outra vez na manhã de 26, e continuavam hum terrivel fogo contra a praça ao tempo da data das ultimas communicacoes de Sir George. Tinha-se construido huma nova bateria de marinheiros na ilha de St. Clara, pela qual se enfiavam as obras da praça.

As perdas nas baterias de brecha eram poucas, e dos marinheiros empregados nellas so hum foi ferido.

DA GAZETA OFFICIAL INGLEZA.

Repartição da Guerra, 14 de Setembro 1813.

Chegou a esta o Major Wyndham com hum officio do Feld Marechal Marquez de Wellington, datado de Lezaca, aos 10 de Setembro, de que o seguinte he extracto.

Construo se huma bateria no hornaveque, com grande difficuldade, contra os obras do Castello S. Sebastian, que abrio o fogo na manhaã de 8 do corrente, e tenho o prazer de vos informar, que a guarnição se rendeo antes da noite, incluo a participação do Tenente-general Sir Thomaz Graham, o os termos da capitulação concordada com a guarnição, e listas da artilheria, muniçoens, &c. da praça. A perda da guarnição, durante o assedio, se diz que chegou a dous terços de seu numero ao principio.

Peço licença para chamar a attenção de V. S. ao comportamento do Tenente-general Sir Thomaz Graham, e dos officiaes generaes e tropas debaixo de seu commando, na ardua operação de que refiro agora o seu ultimo bom successo. Pelas ordens novamente expedidas pelo Governo Francez, crescêram muito as difficuldades nas operações do sitio, e continuação do tempo que se devia empregar; e somente se pôde trazer á conclusão assaltando a brecha do corpo da praça. O merecimento desta vantagem, portanto, augmenta proporcionalmente; e se achara, que as operações não se prolongaram mais do que usualmente se requerer para huma praça que possuia tres linhas de defensa, incluindo o convento de S. Bartholemeu.

Durante as operações contra o castello, a esquadra tomou a seu cargo o ataque da ilha de Sancta Clara, pela qual foi o inimigo mui incommodado na sua posição do castello. O Capitão Sir George Collier, os officiaes marinheiros, e soldados da marinha, continuarem a prestar todo o auxilio que estava em seu poder; e o Tenente-general Sir Thomaz Graham menciona particularmente o Capitão Boyle, do Lyra, e Capitão Smith; e o Tenente-coronel Dickson, commandante da artilheria, participou a obrigaçoens que devia ao Tenente O'Reilly, do navio de S. M. Surveillante, que commandou os marinheiros empregados nas baterias.

Depois que escrevi a minha ultima, o inimigo ajuntou todas as suas tropas para a sua esquerda: porem tornou a tomar outra vez a sua posição antiga depois de queda de S. Sebastian.

Por huma participação do Duque del Parque parece, que quando o terceiro exercito Hespanhol cruzou ultimamente o Ebro, em Amposto, depois que os Alliados se retiraram de ante Tarragona, o inimigo fez huma sortida de Tortosa, aos 19 do passado, ao longo da margem do Ebro, com perto de 000 homens, e atacou a 3. divisaõ do exercito. O Duque del Parque destacou tropas da margem direita, debaixo do commando de D. Francisco Ferray, chefe do estado-maior do exercito, e foi o inimigo immediatamente repulsado, com perda consideravel. Parece que as tropas se comportaram notavelmente bem nesta occasiaõ, e o Duque del Parque applaude altamente o comportamento do chefe do estado-maior.

Extracto de huma carta do Tenente-general Sir Thomaz Graham ao Marquez de Wellington, datada de Ernani, Septembro 9, 1813.

Tenho a satisfacção de participar a V. S., que o castello de S. Sebastian se rendeo : e tenho a honra de transmittir a capitulaçaõ, que, considerando todas as circumstancias do caso, espero que V. S. pensará que obrei bem, em a conceder á guarniçaõ, que certamente fez huma galharda defesa.

Desde que se deo o assalto aos 31 do passado, o fogo vertical dos morteiros, &c. da direita do ataque, foi conservado contra o castello, occasionando huma grande perda ao inimigo ; e hontem pela manham, huma bateria de 17 peças de 24 no hornaveque, e outra de tres peças de 18, mais para a esquerda, ficaram completas, pelos extraordinarios esforços dos officiaes da artilheria e engenheiros, auxiliados pelo infatigavel zelo das tropas : toda a artilheria, no computo de 54 peças, incluindo duas de calibre 24, e hum obuz na ilha, abriram fogo contra o castello ás 10 horas da manham, e com tal effeito, que antes da huma hora da tarde se içou huma bandeira de tregoa na bateria Mirador do inimigo ; e depois de alguma discussaõ, se concordou nos termos do rendimento. Dando assim a V. S. outro grande resultado da campanha, na acquisiçaõ que fizeram os exercitos Alliados deste interessante ponto na costa, e junto ás fronteiras.

O Capitaõ Stewart, dos Royals, Ajudante de Campo do Major-general Hay, que tanto se distinguio durante o cerco, se acha infelizmente entre os mortos, depois das ultimas listas.

Na minha ultima participaçãõ omitti mencionar as minhas obrigações ao grande zelo do Capitão da armada real, que emprehendeo e exeeutou a difficullosa tarefa de levar as peças pela escarpada elevaçãõ da ilha, a huma bateria que estava guarnecida por marinheiros debaixo de seu commando, e que servio muito. O Capitão Boyle, do Lyra, desde o principio se empregou constantemente, e com toda a actividade em terra, e sou mui obrigado a seus serviços.

Alem dos officiaes d'artilheria previamente mencionados, que tem continuado a servir com distincção, não devo omittir os nomes dos capitaens Morrison, Power, e Parker, que se occuparam constantemente nas baterias de brecha, e no commando das companhias. Peço licença para repetir a minha recommendaçãõ passada do Capitão Cameron, do regimento 9. de infantaria, que se offereceo voluntario para commandar o ataque da ilha, e que se comportou mui habilmente nesta occasiãõ, e durante todo o tempo que ali commandou

Convenção proposta para a capitulaçãõ do forte de La Motte de San Sebastian, pelo Ajudante Commandante Chevalier de Songeon, chefe do estado-maior das tropas postadas no forte; munido de plenos poderes pelo General Rey, commandante das dictas tropas, de huma parte; e pelo Coronel de Lancey, deputado-quartel-mestre general, Tenente-coronel Dickson, commandante da artilheria, e Tenente-coronel Bouverie, munidos de plenos poderes, pelo Tenente-general Sir Thomas Graham, de outra parte.

Havendo os sobreditos trocado os seus plenos poderes, concordáram no seguinte:

Art. 1. As tropas Francezas, formando a guarnição do Forte la Motte serão prisioneiras de guerra das tropas de S. M. e seus Alliados.—Resposta: Concordado.

2. Serão embarcadas nos navios de S. M. Britannica, e conduzidas directamente a Inglaterra, sem ser obrigadas a marchar por terra mais longe do que até o posto de Passages.—Resposta: Concordado.

3. O general e outros officiaes superiores, e os officiaes dos regimentos, e estado-maior, assim como os officiaes medicos, conservarão as suas espadas, e a sua bagagem particular, e

os officiaes inferiores e soldados conservarão as suas muchilas.—Resposta: Concordado.

4. As mulheres, crianças, e velhos, não militares, serão mandados para a França, assim como os outros não combatentes, conservando a sua bagagem particular.—Resposta: Concedido para as mulheres e crianças. Os velhos e não combatentes serão examinados.

5. O commissario de guerra, Burbier de Guilly, tendo com si sua mulher, e duas filhas de seu irmão, que morreo em Pamplona, requer que Sir Thomas Graham o autorize a voltar para a França, com as tres senhoras acima mencionadas, por se elle o seu principal protector. Elle não he militar.—Resposta: Sir Thomas Graham submeterá este artigo ao Marquez de Wellington.

6. Os doentes e feridos eraõ tractados segundo a sua graduação, e se tera cuidado delles como dos officiaes e soldados Inglezes.—Resposta: Concordado.

7. As tropas Francezas desfilarão a manham pela parte do Mirador, com todas as honras de guerra, com armas e bagagem, tambor batente para a parte de fora, aonde deporão as armas: os officios de todas as gradaçoens conservarão as suas espadas, seus criados, cavallos e bagagem, e os soldados as suas muchilas, como se menciona no artigo 3.—Resposta: Concordado.

8. Hum destacamento do exercito Alliado, composto de 100 homens, occupara de noite a porta do Mirador hum destacamento similhante occupara a porta da bateria do governador. Esta duas portas serão para este fim evacuadas pelas tropas Francezas, logo que a presente capitulação for aceita ratificada pelos generaes commandantes.—Resposta: Concordado.

9. Os planos e todos os papeis, relativos á fortificação, serão entregues a hum official Inglez, e se nomearam igualmente officiaes de ambas as partes, para regular tudo quanto diz respeito á artilheria, engenharia, e commissariato.—Resposta: Concordado.

10. O general commandante das tropas Francezas, será authorizado a mandar a S. Excellencia o Marechal Soult, hum official do estado-maior, que assignará a sua palavra d'honra, de ser trocado por hum official Inglez de igual graduação. Este official será o portador de huma copia da presente capitulação Resposta. Submettida a decisão a Lord Wellington. O official que há de ser mandado ao Marechal Soult, será escolhido pelo official commandante das tropas Francezas.

11. Se houverem algumas difficuldades ou mas intelligencias, na execução dos artigos desta capitulação, a decisão

será sempre a favor da guarnição Franceza.—Resposta :
Concordado.

(Assignados) O Ajudante Commandante Chevalier
SONGEIN.

Feita e concluida aos 8 de Setembro de 1813.

W. DE LANCEY, Coronel.

A. DICKSON, Ten.-coronel.

H. BOUVERIE, Ten.-coronel.

(Approvada) O General Governador REY.

THOMAS GRAHAM, Tenente-general.

(Approvada pela parte de Esquadra Real)

GEO. COLLIER, Commandante da
Esquadra.

Mappa dos prisioneiros.

80 officiaes: 1756 officiaes inferiores e soldados.

N. B. 23 officiaes, e 512 soldados daquelle numero são
doentes e feridos nos hospitaes.

Mappa da artilheria e muniçoens.

Peças de ferro montadas:—8 calibre 24, 1 calibre 16,
3 calibre 12, 7 calibre 8. Peças de ferro desmontadas: 3
calibre 24, 1 calibre 16, 2 calibre 12, 7 calibre 4, 4 calibre
3, 2 caronadas calibre 9. Peças de bronze montadas; 1 ca-
libre 24, 6 calibre 16, 3 calibre 12, 5 calibre 8, 6 calibre
6, 9 calibre 4, 6 calibre 3, 6 morteiros de 13 polegadas, 1
obuz de 8 polegadas, 6 obuzes de 6 polegadas. Peças de
bronze desmontadas, 3 calibre 16, 2 calibre 12, 2 calibre 8,
1 calibre 4, 1 morteiro de 1 polegada. Total 93.

Muniçoens:—Bala, 1856 de calibre 24, 12. o 35 calibre
16, 1220 calibre 12, 2.766 calibre 8, 4.640 calibre 4.—Me-
tralha; 1.126 calibre 12, 200 calibre 4, 902 calibre 3, 384
bombas de 10 polegadas, 380 barris de pólvora, de 100 li-
bras cada hum, 1,103 espingardas com bayonetas, 785,000
cartuxos com bala, para espingarda.

Mappa dos mortos e feridos de exercito Alliado.

Total.—1 capitão, 1 soldado mortos, 1 tenente, 8 sol-
dadas feridos.

DOS EXERCITOS DO NORTE.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 21 DE SEPTEMBRO, 1813.

O seguinte são copias de officios, que recebeo a Visconde Castlereagh, principal secretario de Estado de S. M., nos negocios estrangeiros, escripto pelo Tenente general Sir Charles Stewart, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. juncto a El Rey de Prussia, em datas de 27, 29, 30 e 31 de Agosto:—

*Quartel-general de S. M. El Rey de Prussia,
Zebrista, 27 de Agosto, 1813.*

MY LORD,

O meu ultimo officio terá informado a V. S. da determinação dos exercitos Alliados de desembocar da Bohemia, pelos differentes passos, na Saxonia, e entrar immediatamente em operações offensivas, no flanco e retaguarda do inimigo, se elle ainda mantivesse as suas posições avançadas na Lusacia, e permanecesse na margem direita do Elbo. Em quanto o exercito principal Russiano commandado pelo General Barclay de Tolly, que incluia os corpos de Wittgenstein e Milloradovitch, e o corpo Prussiano do General Kleist, junctamente com todo o exercito Austriaco, estavam obrando offensivamente na Bohemia, debaixo do Commando em Chefe do Principe Schwartzenberg; o corpo d'exercito do General Blucher, composto de huma divisaõ de Prussianos, debaixo do commando do Tenente-general D'York, e as divisões Russianas dos generaes Sacken, e Langerou, se moviam da Silezia para Luzacia, e ameaçavam o inimigo em frente. O General Blucher tinha de evitar o empenhar-se em alguma acção geral, especialmente contra numeros superiores. Na conformidade destas intenções, o General Blucher avançou em tres columnas, aos 20, de Leignitz, Golberg, e Jauer, para Buntzlau e Lowenberg. O corpo do General Sacken se moveo pela direita para Buntzlau, e o General York, no centro, e General Langerou, na esquerda. O inimigo abandonou Buntzlau, destruiu as suas obras, fez voar hum armazem de polvora; e a força do General Blucher avançou para o Bober, aonde foi atacada aos 20 pelo inimigo, que marchou em grande força contra Buntzlau, Lowenburg, e Lahn; e ali houve huma renhida acção. Dizem que Bonaparte commandou em pessoa, e que apresentou, ao General Blucher 110,000 homens. As tropas

Alliadas disputáram o terreno com grande valor; porém o General Blucher recebeu ordens de evitar hum combate geral, e portanto se retirou na melhor ordem para Haynau, Pilgramsdorf, Hirshberg, e para traz do Katzbach; aonde as suas tropas estavam na data das ultimas noticias. A perda do General Blucher nesta acção se diz ser perto de 2,000 homens; elle tomou porem varios prisioneiros. O inimigo soffreo muito.

Os grandes exercitos, da parte de Bohemia, começaram a passar as fronteiras aos 20, e 21; as columnas do Conde Wittgenstein e General Kleist, pelos passos de Peterswalda; os Austriacos por Komotau. Aos 22, corpo do Conde Wittgenstein se encontrou com o inimigo, e teve huma consideravel escaramuça com elle juncto a Berghishabell e Zehista.

O inimigo saio ao encontro dos Alliados nos fronteiras, e tem sido repellido de todas as suas posiçoens para Dresden, ainda que elle trabalhou, sem bom successo, por defender o terreno a polegadas.

As differentes columnas dos Exercitos Alliados deviam desembocar das montanhas e passos, em taes periodos, previamente concertados, que provavelmente obrariam no todo contra o inimigo, se se puzesse em pleno effeito o plano que se tinha arranjado; porém a vivacidade das tropas desejando marchar adiante, e combater, trouxe o corpo da direita á acção, na manham de 22. Os Francezes eram commandados pelo General Gouvion St. Cyr (que acabava de chegar com o Exercito de Wertzenburg) e a sua força consistia em mais de 15,000 homens; elles eram sustentados pelas suas tropas de Kenigstein, e pelas que estavam no campo de Liebenstein, que montavam pelo menos a 600 homens, debaixo do commando do General Bonnet. Depois de huma vigorosa acção, o Conde Wittgenstein repulsou o inimigo de todos os pontes, aprisionou 300 ou 400 homens, alem do grande numero de mortos e feridos. A perda dos Alliados não foi grande.

O inimigo depois desta acção se retirou para Konigstein, seu campo entrincheirado em Liebenstein, e tambem para varias obras, que tinha construido juncto a Dresden. Os Alliados o apertáram de todos os lados, e os grandes exercitos estão agora rodeando Dresden.

Aos 26, o regimento de hussares de Grodno, do corpo do General Wittgenstein, teve huma renhida acção, juncto a Dresden, na qual tomou 4 peças, e hum obuz. As guardas avançadas Russianas, Prussianas, e Austriacas, acampáram esta noite nas alturas acim de Dresden, entre Nauslitz e Ischernitz.

Aos 27 pela manhã, o inimigo abandonou o terreno que occupava na avançada de Dresden, chamado Grossen Garten, e se retirou para os suburbios e suas differentes obras.

Tenho assim dado a V. S. hum esboço geral das operaçoens até este periodo; cada hora prepara novos acontecimentos. Ainda se não fizéram as relaçoens officiaes; e assim receio que as minhas relaçoens circumstanciadas séjam imperfeitas em muitos pontos. Talvez a historia da guerra não offerece hum periodo, em que dous grandes exercitos estejam empenhados em tão denodadas operaçoens.

Tenho muito prazer em referir a V. S. que dous regimentos de hussares Westphalianos, commandados pelo Coronel Hammerstein se passaram do inimigo, e desejam anciosamente metter se em batalha contra elle, e vingar-se das misérias que tem trazido ao seu paiz.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

*Quartel general de S. M. I. o Imperador de Russia,
Altenburg, 29 d'Agosto, 1813.*

MY LORD,

Tendo o inimigo abandonado o terreno ao redor de Dresden, chamado Grossen Garten, e tendo-se retirado para as suas obras, e para os suburbios da cidade, na manhã de 27; julgou-se conveniente fazer hum ataque com hum grande força contra a praça cuja posse éra de consideravel importancia. As tropas ligeiras do Conde Wittgenstein, e General Kleist, na direita da cidade, tivéram alguma perda, durante a manhã de 27 no ataque das hortas: e na verdade, o inimigo tinha melhorado tanto, pela arte, as defezas em torno da cidade, que evidentemente era hum empreza de consideravel difficuldade o alcançar.

As tropas marcháram ao assalto pelas 4 horas da tarde, o Corpo do Conde Wittgenstein, em tres columnas, pela direita de Gross Garten: o General Kleist marchou com hum columna de ataque por estas hortas, e duas pela esquerda. A sua columna da esquerda era commandada pelo Principe Augusto de Prussia; tres divisoens de Austriacos na esquerda da cidade, debaixo da direcção immediata do Conde Colloredo, e Principe Mauricio de Lichtenstein, se uníram aos Prussianos na sua esquerda: formando os Prussianos o centro do ataque,

Huma tremenda canhonada começou a operação; estando as baterias plantadas em forma circular no redor da cidade, o effeito foi magnifico: depressa ficaram envolvidos no fumo os bellos edificios de Dresden, e as tropas marcharam adiante, na mais perfeita ordem de assalto. De todos os lados se aproximaram juncto á cidade. Os Austriacos tomaram hum reduto avançado de 8 peças, da maneira mais denodada e galbarda; en nunca vi tropas algumas que se comportassem melhor: as obras eram da natureza mais forte e não distavam mais de cem yardas da muralha principal; e eram flanqueadas pelo fogo da mosqueteria, de varias seteiras abertas em toda a parte dos edificios que dominavam; mas nada podia exceder a galhardia com que foram assaltadas: o inimigo fugio dali, somente para se abrigar por detraz de novas defensas, enchendo de gente as grossas muralhas da cidade, aonde era impossivel abrir brechas, sem hum longo, e continuado fogo de artilheria pezada.

O inimigo, pelo auxilio destes meios de resistencia que ministra huma praça forte, conservou em respeito as tropas que tão galhardamente tinham entrado as obras exteriores. A noite se aproximava; e o inimigo tentou fazer huma sortida com huma força consideravel de suas guardas, montando pelo menos a 30,000 homens, a fim de separar as tropas Alliadas, e tomar huma ala pelo flanco e retaguarda. Percebeo-se isto immediatamente, e pareceo evidente, que não era praticavel tomar a praça naquella noite, mandaram se ordens ás tropas, e ellas voltaram para os seus respectivos acampamentos. O Principe Mauricio de Lichtenstein fez huma admiravel disposiçao de parte em que o inimigo fez a sortida; pelo que se evitou toda a confusao. Esta empreza á proporçao que era de importancia, foi, tambem de grande difficuldade: nenhuma tropa se assignalaram mais; e na minha humilde opiniao se fosse phisicamente possivel tomar a praça naquellas circumstancias, ellas o teriam conseguido; mas não havia brechas por onde entrassem as tropas, e a artilheria posto que juncto á noite fosse trazida juncto a cidade, na distancia de 100 passos da muralha, não a podia bater nem fazer alguma impressao.

Segundo o melhor calculo que puede fazer, avalio a perda dos Alliados neste ataque, em menos de 4000 homens. Os Austriacos foram os que mais soffreram.

A sortida do inimigo foi o preludio de huma batalha mais geral, que teve lugar no seguinte manhaã de 28. Bonaparte tinha chegado a Dresden, vindo do seu exercito na Luzacia, na noite de 22; e tendo huma grande força em Dresden, pelo menos 130,000 homens, parece que se determinou a

atacar os Alliados, que occupavam huma posição mui extendida nas alturas circumvizinhas.

O inimigo tinha grandes vantagens, nas suas disposições para o ataque: Dresden, a linha de artilheria, estava na sua retaguarda; as suas communicações não estavam interceptadas; se fizessem huma impressão podiam segulla, se falhassem podiam retirar-se com segurança, e as nossas tropas não os podiam seguir para debaixo das peças da praça. Hum dos peiores dias que ja mais se vio, augmentou consideravelmente as difficuldades dos Alliados, que tinham chegado por marchas rapidas, mãos caminhos, e desfiladeiros, ás suas posições; e cujos provimentos, de toda a sorte, eram difficeis, senão impossiveis de obter. Aproveitando-se destas desvantagens, Bonaparte desdobrou hum immenso numero de peças d'artilheria; e huma viva canhonada de ambas as partes formou a principal parte da batalha. Fizéram-se ataques em varios pontos, com a cavallaria Russiana, Prussiana, e Austriaca, que muito se distinguiram; porém os corpos principaes da infantaria, de ambos os exercitos não chegaram a contacto. O tempo estava tão nebuloso, e a chuva tão incessante, que a acção se manteve em todos os pontos, com as maiores desvantagens.

Perto do meio dia succedeo huma catastrophe, que despertou mais do ordinario a sensibilidade e pezar de todo o exercito alliado. O General Moreau, conversando com o Imperador de Russia, teve ambas as pernas quebradas por huma bala d'artilheria, passando a bala atravessando o cavallo; perda esta igual á boa causa, e á profissão das armas. He impossivel não lamentar profundamente a sua sorte. Ainda está vivo.

O inimigo continuou os seus esforços na posição dos Alliados, até que achou que não podia fazer impressão; e parou a acção.

A batalha ter-nos-ha custado 6 ou 7,000 homens. O inimigo perdeu muito mais. Em hum carga da cavallaria Russiana contra a infantaria, e huma bateria; se tomou grande numero de prisioneiros, ainda que se não pudéram trazer as peças.

Tenho ja referido a V. S. em geral, as difficuldades, que cercavam o exercito Alliado, em consequencia da grande força que se lhe oppunha; e pela opiniao de que Bonaparte passaria hum corpo consideravel de tropas para a outra parte de Elbo em Konigstein e Pirna, para se apossar dos passos em nossa retaguarda. Déram-se ordens para se retirar o exercito Alliado, na noite do 28; e o exercito se acha agora em marcha, em varias columnas.

He impossivel não lamentar que tão bello e tão numeroso exercito, perfeitamente completo em todas as suas partes, tenha huma vez avançado, e feito hum movimento retrogrado; porque se podem fazer máos calculos sobre este acontecimento, e o inimigo póde suppor que tem ganhado huma vantagem. Eu posso somente afiançar a V. S. que o exercito está tão desejoso como sempre de se encontrar com o inimigo; e que existe o mesmo espirito determinado e resolute, ainda que se tenha julgado necessario huma mudança parcial de operaçoens.

A força do inimigo não se diminuiu da parte de Luzacia, até os 23, em consequencia dos seus esforços no Elbo; porque elle atacou outravez o General Blucher com grande força, naquelle dia, em sua retirada para Jauer. Porem aos 24, elle avancou outravez, tendo o inimigo retrocedido; o que indicava que elle trazia mais forças para a Bohemia.

O corpo do General Austriaco Neuberg, avançou também na direcção de Zittau.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

CARLOS STEWART, Tenente General.

Toplitz. 30 d' Agosto, 1813.

MY LORD!

Depois do meu officio de hontem, tenho de informar a V. S. que houve hoje huma mui brilhante acção na estrada de Toplitz para Peterswalda, cousa de duas milhas Alhemaãs distante do primeiro lugar. Parece que huma columna Russiana sob o commando do Conde Ostermann, tinha de retirar-se pelo passo de Osterwalda, e achou que o inimigo, que tinha actualmente cruzado o Elbo em Pirna e Konigstein, havia tomado posse do passo das montanhas, e foram obrigados a abrir valorosamente o seu caminho com a bayoneta. Ficaram então em acção com o inimigo até tarde pela noite; e tendo sidõ reforçados pelas reservas das guardas Russianas, cavallaria, e infantaria; aquella commandada por S. A. Imperial o Gram Duque Constantino, que se mandou rapidamente em seu auxilio: Este corpo de tropas, composto de perto de 8,000 homens, conservou em respeito, durante o dia, dous corpos e huma divisaõ do exercito Francez, debaixo do commando dos Generaes Vandamme e Bertrand, montando, pelo menos a 30,000 homens. Faria injustiça ás guardas Imperiaes de S. M., se tentasse descrever a admiração que

me causou o seu valor e assignalada galhardia. A cavallaria ligeira das guardas, compostas de regimentos Polacos, e dragoens, carregou as columnas de infantaria em linda maneira. O General Diebzetrch, official de grande merecimento, se distinguio particularmente; e da mesma forma o Principe Galitzin. Elle foi ferido no ataque. O Conde Ostermann, ao anoitecer perdeu hum braco por hum bala d'artilheria! o General Commandante dos Couraceiros de S. George tambem foi ferido.

A importancia do valor que mostráram estas tropas se augmenta muito, considerando que se ellas não tivessem mantido o seu terreno, as columnas do exercito, e a artilheria, que se retirava por Altenberg, e que fôram demoradas pelo máo estado dos caminhos, teriam ficado em grande perigo.

S. M. Prussiana estava em Toeplitz quando o inimigo fez o seu rapido avanço por Peterswalda, e fez as mais habéis disposiçoens para reforçar o Conde Ostermann, e pelo seu sangue frio, e esforços pessoaes, conservou a ordem e regularidade sem que ainda mesmo a idea momentanea de podero inimigo ganhar a retaguarda, fosse capaz de o perturbar. O admiravel comportamento deste Soberano em todas occasioens he o thema do louvor universal. O corpo do Conde Ostermann perdeu na acção deste dia 3,000 homens, que ficaram incapacitados de combater.

Os Francezes poderaõ ter perdido o dobro. O corpo do General Vandamme soffreo immenso. A cavallaria das guardas Russianas tomou dous estandartes, e 300 ou 400 prisioneiros.

O inimigo seguiu a nossa retaguarda, durante o dia, pela estrada de Dippoldiswalda, e encontrou consideravel obstaculo na retaguarda, commandada pelo General Austriaco Harbegg.

Espero quo V. S. descupará a pressa com que ésta vai escripta; e dará o desconto ao periodo, e continuos movimentos e operaçoens, que não permittem muita exactidaõ.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-General.

Toeplitz, 31 de Agosto, 1813.

MY LORD!

A brilhante, e bem disputada acção de 30 do passado, em que as guardas Prussianas se cubrîram de gloria, foi seguida

por huma victoria geral e decisiva, sobre aquella parte do exercito do inimigo, que tinha avançado de Konigstein e Pirna, pela grande calçada, que vai de Peterswalda a Toeplitz. Veio a ser da maior importancia fazer este ataque não somente para dar tempo a que retrocedessem estas columnas do exercito que ainda se estavam retirando pela estrada de Altenberg e Dippoldiswalda; mas tambem ao mesmo tempo para desembargar o corpo sob o General Kleist, que ainda se não tinha desembaraçado das montanhas.

O inimigo, tinha a vantagem de poder puxar rapidamente adiante contra o nosso flanco direito, em huma boa linha de caminho; ao mesmo tempo que as columnas do exercito alliado, ainda que se retiravam por linhas mais curtas, eram impedidas não somente pelo estado não favoravel do tempo, mas pelos caminhos, quasi intransitaveis.

Grande porção do trem d'artilharia, e bagagem do exercito Alliado, não tinha ainda podido sahir das montanhas, quando o inimigo estava ja em Hollendorf e Kulm, cousa de 3 milhas distante de Toeplitz, aonde foi a scena da acção.

Tendo-se resolvido atacar, se fizéram immediatamente as seguintes disposições das tropas destinadas para este fim. Seis mil granadeiros Russianos 2,000 infantes, e 4,000 cavallos, debaixo das ordens immediatas do General Miloradovitch, junctamente com 12,000 Austriacos, sob o commando do Conde Coloredo, e General Bianchi, começaram a acção; o resto das tropas ajunctadas para esta empreza, se formáram em columnas de reserva na planicie adjacente.

A aldea de Kulm está situada ao pe de huma cordilheira de montanhas, que forma huma barreira quasi impenetravel entre a Saxonia e Bohemia; deste ponto se ramificam duas cordilheiras distinctas de montanhas, para o oriente e poente; entre estas cordilheiras o terreno he geralmente lhano, offerecendo com tudo, em alguns lugares boas posições defensivas. Neste terreno, immediatamente em frente da aldea de Kulm, collegio o inimigo huma grande força de infantaria, com grande porção d'artilharia; conservou se incessantemente hum terrivel fogo deste ponto, contra os Russianos, commandados pelo General Miloradovitch.

Tal era a força das alturas adjacentes de Kulm e tão habilmente tinha o inimigo disposto de sua força para sua defesa, que se julgon mais conveniente fazer o principal ataque na direita, em consequencia do que, a infantaria Austriaca teve ordem de se mover ao longo do terreno alto da direita, em quanto as guardas Prussianas de infantaria começavam o seu ataque na esquerda, logo que os Austriacos estivessem sufficientemente adiantados. Em quanto se exe-

cutavam estes movimentos, o corpo do General Kleist, que se não tinha desenbaraçado das montanhas, appareceo na retaguarda do inimigo, descendo pelo caminho porque o inimigo se tinha de retirar em caso de necessidade. Começou o ataque de todos os lados da maneira mais decisiva e vigorosa. A esquerda do inimigo foi flanqueada pelo distincto valor e bom comportamento dos Austriacos, sob Colloredo, carregando a cavallaria repetidas vezes; em quanto no outro flanco o General Miloradovitch com os hussares das guardas, e granadeiros forçaram todos os pontos, que o inimigo tinha em vão tentado defender. Neste ponto cahiram nas mãos dos Russianos mais de 40 peças d'artilheria, 60 carros manchegos, muita bagagem, e toda a equipagem do General Vandamme. Completamente derrotado em todos os pontos da frente; e interceptado na retaguarda pelo General Kleist, nada restava ao inimigo se não huma desesperada, e precipitada retirada.

A derrota fez-se geral, e o inimigo orremeçando as armas a terra em toda a direcção, e cessando até de resistir, abandonando peças e estandartes, somente cuidou em procurar abrigo nos matos.

São consideraveis os fructos desta victoria. O General Commandante Vandamme, seis outros officiaes Generaes, dos quaes são os Generaes Giott, Haxo, Himberg, e o Principe Reuss; 60 peças d'artilheria e ao perto de 10,000 prisioneiros, com 6 estandartes. Todo o estado maior, e muitos officiaes de graduacão estão tambem entre os prisioneiros. O inimigo continua a sua retirada, perseguido de perto pelos Cossacos, e cavallaria Alliada.

Tendo eu recebido huma grande contusão, pela explosão de huma bomba, pouco depois do principio da acção, me vi na necessidade de deixar o campo de batalha; e sou devedor, portanto, pelos outras relações, que tenho dado a V. S., ao Ajudante de Campo de S. A. R. o Commandante em Chefe, o Coronel Cooke, o qual assim nesta, como em todas as outras occasioens, depois que está juncto a mim, me tem prestado grande auxilio.

Tenho agora de cumprir com o agradavel dever, de chamar a attenção de V. S. a outro brilhantissimo combate, que terminou em grande honra, e vantagem do Exercito

Parece que, aos 25, o Marechal Macdonald occupava huma posição mui forte, nas vizinhanças de Jauer, na Silezia; que elle fortaleceo com numerosa e formidavel artilheria. Foi porem atacado pelo General Blucher, na manhã de 26, e depois de huma renhida batalha expulsado de todas as suas posiçoens, deixando sobre o terreno 50 peças d'artilheria, 39

carros manchegos e carretoens de muniçoens, com hum numero de prisioneiros que excede a 10,000 homens.

Renovou-se o combate com novo ardor, e com igual successo da parte do General Blucher, nos dias 27, e 28, cujo resultado parece ser, que 30 peças d'artilheria, e mais 5,000 prisioneiros foram tomados durante os ultimos dous dias.

Segundo as ultimas noticias, o General Blucher continuava a perseguir o inimigo com a maior celeridade.

O General Principe de Reuss, que nomeei a V. S. como tomado entre os prisioneiros, morreo de suas feridos.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Repartição da Guerra, 25 de Setembro.

Esta gazeta contem hum officio do Major Macdonald, datado de Kaliski, bahia de Dantzic aos 7 de Setembro, 1813, referindo que aos 29 do passado os postos avançados Russianos e Francezes tiveram huma ligeira acção na aldea de Langefuhr, perto da noite o inimigo sabio com força, atacou, e canhoneou toda a linha. Foram repulsados os postos avançados, porem sendo reforçados, depressa recobráram o seu terreno. Nesta acção a perda do inimigo se pode avaliar a 400 homens, a dos Alliados a 300 homens.

Julgando-se necessario obter posse da aldea de Langefuhr situada na estrada real de Dantzic para Berlin, cerca de huma milha do Dantzic e 1000 yardas do forte chamado e Hagelsberg, aos 2 do corrente ás 5 horas da tarde, marcháram as tropas ao ataque em 3 columnas.

Os differentes ataques foram feitos pelo estylo mais galhardo; o inimigo foi completamente surpreendido, e repulsado de todos estes postos. A perda do inimigo nesta occasião chega a mil homens; dos quaes sette officiaes, e 250 soldados ficáram prisioneiros. A dos Alliados por tudo será de 300 mortos e feridos.

Receberam-se na secretaria do Conde Bathurst officios do Tenente-general Conde Walmoden. O officio mais importante he datado do quartel-general Schwerin, 4 de Setembro, 1813, e refere que o Conde marchou aos 2 do corrente, para Crivitz, e suas vizinhanças, a fim de poder effectuar

humã junção com as forças, que cubriam Rostock, e estavam debaixo do commando do General Vegesack. Nesta marcha recebo noticias de que o inimigo (cuja força consistia em 18,000 Francezes, 12,000 Dinamarquezes, e 100 peças de artilheria) tinha não obstante a sua decida superioridade, retirado se repentinamente de Schwerin durante a noite de 22 do corrente, fazendo marchas forçadas para chegar a Ratzeburg e Lubeck. O Conde diz, que a posição que tinham occupado as tropas debaixo do seu commando, não somente impedia que o inimigo effectasse a conquista de Mecklenburg, mas tambem lhe tornava impossivel o atacar e longe de ter obtido a menor vantagem, elle era constantemente incommodado pelas nossas tropas ligeiras, por todos os lados, e soffreo a perda de varios centos de prisioneiros. Na sua retirada para Schonberg e Ratzeburgh, tomamos lhe mais de 500 prisioneiros.

Tendo transcrito os officios de General Stewart, datados do Quartel General Prussiano, julgamos desnecessario dar aqui o officio do General Cathcart, sobre o mesmo objecto; transcreveremos somente o seguinte do mesmo General, porque acrescenta alguma coisa mais.

Toplitz, 1 de Setembro de 1813.

MY LORD,

He com a maior satisfação que eu tenho a honra de informar a V. S. que no momento em que o Mensageiro Fisher ia partir para Inglaterra, se recebo aqui hum despacho do General Blucher, datada de Holstein na Silezia a 30 de Agosto, pelo qual informa a S. M. que atacára novamente o inimigo no dia 29, n'hum posição por de tras do rio Bober, e o derrotára completamente, fazendo prisioneiros o General Pictow, e a maior parte do Estado-maior do Marechal Macdonald, como tambem que tomára duas Aguias, e 22 peças de artilharia.

Desde o dia 26 ate 29 o Corpo do General Blucher fez 15,000 prisioneiros, e perto de 100 peças de artilharia.

Quando o official, portador deste despacho sahio do Quartel General do General Blucher no dia 30, se recebo ali a noticia de que o General Horn tinha entrado em Buntzlau naquelle dia.

Tem havido humã grande deserção no exercito Francez

e os paizanos na Silezia começaraõ a tomar huma parte activa em tomar prizioneiros, depois das differentes acçoens.

Alem das 60 peças que foraõ tomados na acção de 30 junto a Culm, tomarão mais 22, e muitos mais carros de muniçoens.

CATHCART.

Julgamos tambem desnecessario inserir os officios de Mr. Thorntõn datados do Quartel-General Sueco a 8 de Setembro, porque o seu conteudo se acha nos Bulletins Suecos, dos quaes o 12 avança ainda mais do que os ditos officios.

No dia 25 recebeo o Lord Castlereagh hum officio do General Cathcart datado do Quartel General do exercito alliado, na qual dando huma rezumida conta da destruição do Corpo commandado por Vandamme, diz—que todo elle fora desbaratado, cortado, e disperso pelos bosques—que todos os seos Generaes, e artilharia foraõ tomados; bem como muitas das suas Aguias, e Bandeiras.

Diz mais, que o General Blucher junto com os Generaes Russos Langeron, e Sacken, depois de terem destruido todo o Corpo do Marechal Macdonald, e parte de outro que lhe estava unido, somente retrogradára, quando se lhe apresentaraõ forças Francezas mui superiores; e avançando logo depois obrigou o inimigo a passar o Bober, o Queisi, e Neisse, e compellio Bonaparte a sair outra vez de Dresden e que o encontrára junto a Bautzen. O numero dos prizioneiros tomados pelo General Blucher chega a 18,000, e 100 peças de artilharia, e proporcional numero de carros de muniçoens.

Por este mesmo officio se sabe oficialmente que o General Bennigsen com o 1. exercito de reserva, o qual excede a 80,000 homens, atravessou o Oder, dirige-se ao Bober, e sua guarda avançada chegou ja a Katzbach.

Os Russos, e Prussianos commandados pelos Generaes Barclay de Tolly, e Wittgenstein, com varias divizoens Austriacas, tornáraõ a entrar na Saxonia por Peterswalde e Marienberg; e seos postos avançados estaõ outra vez á vista de Dresden.

O Corpo do General Moreau foi embalsamado, •

levado para Petersburgo, onde se lhe devem fazer todas as honras militares.

CONDIÇÕES

Propostas pelo Imperador de Austria ao Bonaparte.

1. Restituição das Provincias Illyricas á Austria.
2. Evacuação das Praças Prussianas pelos Francezes.
3. Restituição de Dantzic á Prussia.
4. Hamburgo e Lubeck declaradas cidades independentes.
5. Dissolução da Confederação do Rhin.
6. Abandonar o Ducado de Varsovia, e restituir as suas provincias á Prussia, e Austria.

Diz-se que Bonaparte não dera resposta alguma até o dia 10 de Agosto, dia fixado pela Austria; e que, em consequencia o Conde de Metternich entregara ao Conde de Narbonne a declaração de Guerra Austriaca.

Diz-se igualmente que alguns dias depois Bonaparte propozera á Austria por via de Caulaincourt.

1. Restituir-lhe todas as provincias Illyricas, exceptuando Istria.
2. Abandonar o Gram-Ducado de Varsovia, procurando-se huma indemnização de 500,000 almas para o Rey de Saxonia.
3. Evacuar as Praças da Prussia, e restituir Dantzic com tanto que as suas fortificações fossem arrazadas.

Diz-se, finalmente, que estas propozições foram rejeitadas.

Nos duvidamos que o *ultimatum* da Austria constasse unicamente das condições acima ditas: no estado em que Bonaparte sabe que a Europa se achá; quer dizer, certo de que elle he detestado por toda a parte, e que a guerra da Russia, Prussia, e de toda a Alemanha tomou o mesmo character; que a de Portugal, e Hespanha; elle se daria por mui feliz, que se lhe propozessem aquellas condições para se fazer a paz continental, que, á vista de taes condições não seria mais que hum armistício, e de nenhum modo humas paz *real*, e *permanente* de que a Austria falla no seu

Manifesto. Paz solida não a pode haver em quanto Bonaparte for Imperador dos Francezes: pelo menos em quanto elle não abandonar a Hollanda, e a Italia; em quanto se não mandar Jeronimo Bonaparte para a America Ingleza fazer vida com sua mulher; em quanto se não restituir o Reino de Napoles ao seu legitimo Soberano; Roma, e os estados Pontificios ao Papa, e Fernando VII. aos Hespanhoes.

Recebemos Papeis de Pariz ate 28 de Setembro nos quaes se achão tres bulletins datados de 13, 17, e 19 de Setembro, sem declarar onde foraõ arrançados; por falta de lugar os deixamos para o seguinte No. Elles confirmaõ indirectamente os desastres que os exercitos do Tyranno tem soffrido, e provaõ que os alliados estão fazendo huma especie de guerra que Bonaparte nunca teve, e que o não deixa descansar hum momento; e só em marchas, e contramarchas continuas tem perdido, e arruinado huma consideravel parte dos seos exercitos. Não nos admiraremos que hoje, 30 de Setembro, elle tenha sido forçado a abandonar Dresda, Capital do seu fiel vassallo El Rey de Saxonia.

Todas as noticias annunciaõ que os habitantes do Tyrol estão n'huma completa insurreiçaõ. A cinza do Hoffer pede alta vingança, e he preciso applaca-la.

Dois Regimentos Westphalianos, e hum Hollandez desertaraõ para os alliados.

Diz-se que Bonaparte pedira hum armisticio no dia 20 de Setembro, e que lhe fora negado. Haja uniaõ entre os alliados, e a cauza da Religiaõ, da Justiça, das Naçoens, e dos Governos legitimos, triumphará.

Recebemos hoje mesmo, 30 de Setembro, huma Carta do Snr. Guilherme Harding Reed, Consul Geral de S. M. Britanica nos Ilhas dos Açores, contra a infame obra do Capitam T. A., que analizamos em os

nossos Nos. 22 e 23. Com o mais vivo prazer a imprimiremos, em appendice, em o seguinte No.

Recebemos hum exemplar de huma Memoria sobre as Pescarias Reaes do Reino de Algarve, acompanhada de huma carta anonima, datada de Faro a 28 de Agosto de 1813, contra a companhia. Não a podemos inserir, por não trazer nome. A questão da Companhia he mui seria para se tratar ás escondidas. Se he verdade, como se diz na dita carta, que todas as Camaras do Algarve requereraõ a S. A. R. sobre este objecto; devem esperar a Resolução Regia: se querem responder a dita Memoria, fação a resposta, mandem-no-la, e a inseriremos.

RESPOSTA

Ao *Pseudo Braziliense* ou *Armazem de intrigas*.

Em o No. 63. do sobredito *Armazem* acha-se huma longa, miseravel, e infame diatribe contra o Investigador, contra os seos Redactores, contra a Familia dos Souzas, contra os Empregados na actual Embaixada, a que elle chama, (com aquella decencia que lhe he propria) *corja d'ópe de Berkley Square*; e nada contra o Author da Carta que deo motivo á exploração, e que o arrumador do *Armazem de intrigas* parece que davia analizar, se lhe não agrada o que nella se contem. Assim o faria todo o escriptor de boa fé, que tivesse alguma sombra de probidade, e que se propozesse a descobrir e manifestar a verdade: mas o fim do arrumador do *Armazem de intrigas* he intrigar; e com tanto que chegue ao seu fim nada mais lhe importa.

Reptis, escravos, descarados, caras forradas de estanho, &c. &c. são os epithetos com que o modesto, e decente arrumador do *Armazem* brinda os Redactores do Investigador: e á vista de huma tal linguagem quem não dira que o *Pseudo Braziliense* tem razão? Facil nos seria retorquir-lhe e dizer-lhe, que elle he hum bregeiro, hum desavergonhado, hum intrigante infame, hum perfeitissimo scelerado, hum Jacaré Sanhudo,

&c. &c. &c. : mas no fim de tudo isso que tiraria dahi o Publico ? Que diriaõ os homens de probidade, os leitores sensatos ? Que nós nos assemelhavamos ao tal arrumador do *Armazem*. Deos nos livre !!! Protestamos á face do Ceo e da terra que não queremos parecer-nos com elle nem em pensamentos, nem em palavras, nem em obras, absolutamente em nada. Qual he pois o partido que devemos adoptar ? Responder-lhe por esta vez, unica, em duas palavras ; e não nos embarçarmos daqui em diante com o que elle disser contra as nossas pessoas, nem contra o nosso Jornal : não lhe responder mais ; porque o espirito do nosso Jornal he mui conhecido para admittir interpretaçoens sinistras.

O arrumador do *Armazem* dá a entender que a carta que principiamos a inserir em o No. 26 do nosso Jornal sobre o Tratado de Commercio entre Portugal e Inglaterra, he obra forjada por nos. Dizemos, que *dá a entender*, porque elle faz huma mexerufada de coizas, que mostra bem o desarranjo da sua cabeça, ou o accesso de raiva (mas raiva impotente) em que estava, quando escreveo a dita diatribe. Se assim o entende, e nesse sentido o escreveo, calumniou : mas nem essa he a primeira vez, nem hade ser a ultima. A carta original existe em nosso poder : conhecemos perfeitamente o seu author, e a sua letra : se ella não agrada ao Pseudo Braziliense, refute a : mas prezida á sua refutação, huma vez sequer, o amor da verdade, e a decencia ! Inserimo-la em nosso Jornal, porque ella contem verdades, e coizas mui uteis, que, a nosso modo de ver, devem ser postas em pratica nos Dominios de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor. Não trataremos agora se aquella carta he, ou não excessiva em algumas coizas ; pode ser que o seja : o nosso dever, e a imparcialidade com que procuramos dirigir o nosso Jornal, exigiaõ que a inserissemos : e com a mesma imparcialidade temos inserido, e continuaremos a dar a resposta que nos foi mandada, contra algumas asserçoens do author da carta em questão. Esta carta não existiria talvez, se o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra se tivesse executado na Gram-Bretanha nos artigos em que elle nos he favoravel. E porque se não tem executado ate agora

apezar das representações que se tem feito? Em quanto se não executar por força se hade gritar contra essa injustiça: e o nosso Jornal estará sempre mui prompto para servir de órgão, pelo qual as queixas bem fundadas cheguem á noticia do Governo Britanico, e Portuguez: porque n'hum e n'outro ha quem o leia, e o entenda, como elle deve ser lido, e entendido.

O arrumador do *Armazem* avança á pag. 218, que nos temos gabado muito aquelle Tratado. Está asserção he falsa: nunca fizemos a sua apologia nem em nosso Jornal, nem em o nosso particular. O que temos feito he refutar, mais de huma vez, algumas *sandices* (he mui uzada pelo arrumador) que o Pseudo-Braziliense tem dito a respeito do Tratado, fugindo nos sempre de entrar no circunstanciado exame d'elle, porque nos não achavamos com luzes bastantes, e bastante conhecimento de causa, para o fazermos, e assim o confessamos: e estamos seguros que esta confissão honra-nos mais do que fallar do que se não entende, como tem repetidas vezes acontecido ao arrumador do *Armazem* sem exceptuar o que tem dito do Tratado de Commercio.

Respeitamos, e respeitamos muito a Familia dos Souzas; bastaria para isso o dizer mal della o arrumador do *Armazem*; porque elle tem emprendido a honroza tarefa de occultar o crime, e deprimir a virtude; de canonizar monstros, e de calumniar innocentes. Respeitamos a Familia dos Souzas; e a parte da Nação que he justa a respeita com nosco, porque sabe que esta familia a nenhuma cede em honra, em patriotismo, em limpeza de maons, e em amor a S. A. R. De resto são homens, e como taes podem errar. Somos-lhe muito obrigados; e a nossa gratidão acabará, quando acabarmos de existir. Nunca voltamos a *cazaca* aos nossos Bemfeitores, ou amigos, quer na bonança, quer na desgraça: desafiamos o arrumador do *Armazem*, e todos os nossos inimigos para que a pontem hum só facto, que nos desminta a este respeito.

A ida do Embaixador de S. A. R. para o Brazil a fim de exercer alli o alto Emprego para que foi escolhido, longe de ser hum motivo de esfriar o nosso respeito, e gratidão para com elle, (quando fossemos ca-

pazes desta vileza, digna só do Pseudo Braziliense) he huma razão demais para o contrario. Mas tal he a cegueira do arrumador do Armazem, ou o desarranjo do seu cerebro, ou o dezejo de calumniar, e de intrigar, que nem isso ve.

He falsa a asserção do Pseudo Braziliense—que nos pertendemos intrigar os Inglezes com os Portuguezes. —Ninguem tem fallado com mais respeito, e decencia da Nação, e Governo Britanico; ninguem lhe tem rendido mais justiça, ninguem lhe tem feito maiores, e mais justos elogios do que nos: o nosso Jornal falla por si; elle responde victoriosamente a todas as intrigas, e calumnias do arrumador do *Armazem*, que por mais que o arrume, anda, e andará sempre em desordem. —Ninguem tem inculcado com mais assiduidade a demonstrado mesmo com mais evidencia a necessidade da mais perfeita uniaõ, e harmonia entre as duas Naçoens Portugueza, e Britanica, e entre os seos respectivos Governos, do que nos: e nos temos insistido neste objecto, e insistiremos sempre neste empenho, porque, segundo temos dito mais de huma vez, *a esta estreita alliança, a esta uniaõ, e harmonia entre as duas Naçoens, não sabe, não pode resistir o tyranno da França.* Quando porem fazemos o elogio da Nação Ingleza, estamos mui longe de suppor a dom de impeccabilidade, e absoluta izenção de crimes nos Inglezes: ha entre elles individuos que tem vivamente offendido o respeito devido á Dignidade, Decoro, e Bandeira do Soberano de Portugal e atacado essencialmente os interesses dos Portuguezes: e para que aquella tão necessaria uniaõ, e harmonia subsista, e se reforce he preciso fazer conhecer taes crimes á Nação, e ao Governo Inglez, para que lhe ponha hum termo. He por isso que temos inserido requerimentos e cartas (não anonymas) em que se mostram os escandalozos procedimentos de alguns vassallos Inglezes, a falta de execução do Tratado, &c. &c. mas nos temos constantemente recommendado aos nossos Nacionaes, que não confundaõ jamais a Nação, e Governo Britanico com individuos Inglezas: que se huns destes tomaõ os nossos navios, e outros aconselhaõ á Nação, e ao Governo impolgar as nossas ilhas dos Açores e Madeira: a Nação e Governo Inglez desaprovão por certo aquelles arbitrarios procedimentos, e

rejeitaõ com indignaçãõ propostas indignas e infames, e cuja adopção pertence exclusivamente ao tyranno da Europa.

Naõ somos nos pois os que procuramos intrigar os Inglezes com os Portuguezes : he o Pseudo-Braziliense, que procurando em todos os Numeros do seu desordenado *Armazem* desacreditar a torto, e a direito o Governo Portuguez, e mandando inserir n'algumas gazetas Inglezas (cujos redactores professãõ os mesmos principios moraes, e politicos do Pseudo Braziliense) as mesmas ideas jacobinicas, e incendiarias que elle tem espalhado no seu *Armazem*, tem sempre tido em vista indispor a Nação Portugueza com o seu Governo, e desacreditar este com o Governo Britanico. Felismente seos esforços tem sido vaons ; e vam sera sempre sua raiva, e impotente para nos intrigar com os dois Governos.

He tambem falsa a asserção do arrumador do *Armazem* que a nota official de Lord Strangford, em que apenas tocamos em o No. 26 do nosso Jornal pag. 273, era secreta de sua natureza ; e que naõ podia vir ter as maons dos Redactores, para ser publicada, senaõ como huma das medidas, que se vaõ adoptando para enredar a Inglaterra com Portugal. Correio Brasiliense pag. 228. do No. 68.

Que detestavel intrigante ! Primeiramente he falso que tal nota seja de sua natureza secreta : em segundo lugar naõ o foi de facto : porque no Postscriptum do Exmo. Conde de Aguiar se diz—*Para melhor conhecimento do negocio de que se trata envio por copia a nota de Lord Strangford*—Snr. Joaõ Severiano Maciel da Costa—Segunda via. Investigador Portuguez, No. 26. pag. 275.

Lord Strangford, a quem se deraõ *duplicata* do Avizo do Exmo. Conde de Aguiar com a copia da dita Nota, mandou hum ao seu Governo : este mandou-o aberto a May e Alewin : estes mandaraõ-no a *Mess. Farnous freres*, para que o entregassem a quem ia dirigido ; e estes o entregaraõ com o mesmo bilhete que de Londres lhe enviaraõ May e Alewin, dizendo—*Ce Paquet nous a été remis ouvert le 30 Decembre 1812 par le Secrétaire d'Etat des Affaires Etrangères, pour en prendre lecture, et l'expédier à Cayenne, &c.* No. 26 pag.

275. Onde está aqui o segredo? Lord Castlereagh sabe melhor que o arrumador do *Armazem de intrigas* o que he hum *Nota Secreta*; e se a deque se trata o fosse de certo a não mandaria aberta a May, Alewin e Ca. Logo ou o arrumador do *Armazem de intrigas* não entende Portuguez, ou he hum detestavel intrigante.

Nos, mais prudentes que o arrumador do *Armazem* não quizemos publicar a Nota de Lord Strangford apezar de não ser de natureza secreta, e de haver muitas copias em Cayena, donde nos a recebemos em direitura. Fizemos somente duas pequenas observaçoens a respeito della: e a interpretação que demos á passagem que citamos he exacta; e nos não temos culpa em o arrumador do *Armazem* não entender o objecto de que se trata.

O arrumador do *Armazem de intrigas* continuando no seu não interrompido plano de intrigar diz a pag. 229, que não se admirará se vir traduzido o nosso No. 26 em Francez, e impresso em Paris. Não se afflija Snr. arrumador do *Armazem*; tal não verá; porque o seu idolo, Bonaparte, não he tolo. Do que o arrumador se não deve admirar he de o ver talvez traduzido brevemente em Inglez; porque temos não poucos subscriptores Inglezes, que entendem muito bem Portuguez, e que abominando os prodecimentos injustos, e despoticos d'alguns dos seos compatriotas, sabem que nos fazemos hum serviço á mesma Nação Ingleza em os censurar: e o arrumador do *Armazem de intrigas* sabe que não he o primeiro, nem segundo folheto, que se tem publicado em Inglez, compostos de artigos extrahidos do nosso Jornal.

Desfecha finalmente o arrumador do *Armazem de intrigas* contra nos, denunciando-nos ao Governo Portuguez por termos feito serviços a Bonaparte, hum em verso, e o outro em proza. Bravo!!! Brilhhou!!! Converteo-se o arrumador do *Armazem* em *Denunciante*, em *Delator infame*: isso não nos admira. Pois bem; va ajuntar-se aos seos irmaons e collegas do Caes do Sodré em Lisboa; receba os seos oito testoens por dia da Intendencia Geral da Policia; e deixe-se de ser *fazedor* de Jornal. Mas fique desde ja na intelligencia de que nem S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor,

nem os seos Ministros, nem os seos Delegados em Portugal daraõ o menor pezo ao que disser ; porque sabem, ha longo tempo, a mola que move e dirige o arrumador do Armazem de intrigas. Fique na intelligencia de que não perderemos de hoje em diante hum so momento em responder as suas chufas, arrieiradas, e intrigas para as quaes temos o mesmo profundo desprezo, que temos pela sua pessoa e Jornal ; e nos contentaremos com hum simples — *Memorandum* — que descobrira a mola de que fallámos.

Restar-nos-hia a dizer alguma coiza a respeito do novo *correspondente*, e *sugridor* que veio de Lisboa accumular as calumnias, e intrigas, de que o arrumador do *Armazem* se constituiu receptaculo. Este *sugridor*, aqui novo, bem que veterano J. da C. visto não ser ja criança, e pertender ter o mais perfeito conhecimento da sua profissão, esqueceo-se-que a discricião forma a parte mais essencial della : mas nós nos lembraremos de o descrever e dar a conhecer aonde pertence.

APPENDICE I.

CARTA

Ao Snr. Dr. V. P. Nolasco.

*Londres, 15 de Setembro
de 1813.*

Li com muito interesse, e com a ancia que todos os Curiosos de Literatura Portugueza esperavaõ as observaçoens, que V. Merce publicou no Investigador deste mez sobre a Metrificaçaõ Hexametrica de que V. Merce tem a gloria de haver demonstrado que a lingua Portugueza he susceptivel.

Eu pesso lhe que me faça o favor de me contar entre os primeiros Neophytos deste seo Dogma, á adopçaõ do qual fui por longo tempo renitente.—Foi dado a V. Merce de resolver as minhas duvidas, e provar que ellas podiaõ ser fortes, sem ser invenciveis.—A' primeira que se fundava na multidaõ de artigos, que embaraçaõ a Dicçaõ das Linguas Modernas corumpidas do Latim V. Merce respondeo muito bem, que os Artigos existiaõ para os Poetas Gregos.

A' segunda que a falta de terminaçoens nos cazos, e no maior numero dos tempos diffulta sobre maneira e uso das inversoens taõ uteis, e athé necessarias aos Poetas Gregos e Latinos, V. Merce respondeo e podia responder que na Poesia Portugueza se encontraõ inversoens fortes, e agradaveis.—Quem ignora os versos seguintes?

De Prata, não s'accendem mil bugias
Em Tortas Serpentinias

Não tine, do Japão, na parca Meza
A rara Porcelana.

GARÇAÕ.

E para citar a V. Merce mesmo:

De Hydras Medonhas, de Cerastes feias
Cerberos horrendo, e Ignivoma Chymera
Não venceu tanto, quem domou sem medo
Rabidas Iras.

Porem V. Merce fez ainda mais: provou com o facto, que podia poupar muitos artigos, e usar de muitas inversões, sem cahir no defeito da escuridade.

Os seos dois Poemas a Elegia, e o Incendio de Moscow abrirão huma nova estrada aos Poetas Portuguezes; e se nas Sciencias, e Letras Humanas se concedessem Patentes, como se pratica neste pays, com todos os novos inventos mechanicos, V. Merce por certo devia ser o unico, por 14 annos, que tivesse o privilegio exclusivo de fazer Versos Hexametros, e Pentametros em Portuguez.—Mas V. Merce não ignora a condição com que se concedem estes temporarios monopolios! He necessario que o Inventor descubra o seu segredo para todos o usarem no fim dos 14 annos.—He mister, que no desenho, e modelo dado não haja erro ou misterio. Espero portanto que V. Merce me desculpe de lhe aplicar esta Doutrina aprovada pela praxe—constante do Pays em que vive, e me permita do criticar alguma arbitrariedade que acho na sua Prosodia.

Ubi plura nitent in Carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quos aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit Natura.

O Problema que V. Merce tinha que resolver constava de duas partes, eu crio que V. Merce resolveo a primeira rigorosamente, provando com o exemplo de muitos Bellos Hexametros que a Lingua Portugueza era susceptivel desta metrificacão.—Agora se V. Merce com o modello dado, desenvolveo toda a sua Arte, se não encobrio algum segredo, se nas suas observações, ou explicação do seo methodo habilitou os seus successores a fazer Versos Hexametros correctos, he o que eu me proponho discutir, e he o de que tomo por ora a liberdade de duvidar. Se V. Merce adoptar as minhas Criticas, ou as refutar

victoriosamente, fará por certo hum grande serviço não somente a Poesia Portuguesa com o novo invento de que lhe faz presente, mas á Sua Patria em geral, com a livrar para o futuro da cruel facilidade de fazer Versos de 8, ou 11 syllabas arrumadas de qualquer modo que seja, e ás vezes accompanhadas com o sonoro *Zun Zun* dos consoantes para mitigar a mistura grosseira dessas mesmas syllabas.—Se a sua invenção se fizer universal entre os futuros Poetas Portuguezes, o numero delles hade ser mais limitado, e portanto mais escolhido, e hum grande numero de Braços que athé o Dia de hoje tem perdido o tempo a versejar, se empregaraõ d'ora em diante em cousas mais uteis, e virá a ser escusado o tributo do papel sellado, que alguma pessoa notavel entre nos desejava que se puzesse sobre todas as *Outavas, Decimas, Sonetos, Odes, Elegias, Idilios, Eclogas, &c. &c. &c.* de que possuímos hua taõ esteril abundancia.

O Snr. Dr. Nolasco hade permitir-me de differir para o fim desta Carta a citação dos seos Hexametros Brilhantes; V. Merce e os meos criticos julgaraõ melhor dos exemplos, quando eu tiver inculcado os preceitos, que na minha humilde opiniaõ se deviaõ observar nesta nova Metrificaçaõ.

Eu nunca duvidei que a Língua Portugueza, e talvez a Espanhola, differisse muito neste respeito da Franceza, e Ingleza, e athe da Italiana, bem que todas derivadas do Latim, e creio que a nossa tem verdadeiramente Syllabas longas, e breves, e deve ter hum Prosodia sua propria. Ao diante mostrarei (se não me engano) que os nossos Poetas fizeraõ Versos Metrificados á maneira dos Gregos, e Latinos, sem o saberem; e que algumas poucas regras que pela rotina adoptaraõ, lhes foraõ subministradas pelo ouvido, em lugar do metro, que assim o exigia. Taobem provarei (se não me engano) que da falta desta reflexaõ nasce o defeito de muitos Versos, que nos soaõ mal, sem sabermos porque. Em hum palavra os nossos* Poetas, athé agora, tem feito Versos Metrificados á Latina, como o Bourgeois Gentilhomme fazia prosa

* Presumo que o mesmo se poderá dizer dos Poetas Hespanholes e Italianos.

(sem o saber).—Mas este será para o depois, ou para o *por vir* como V. Merce muito bem traduzio, *l'avénir*.

Pondo de parte quanto os Modernos tem dito dos Spiritos e Toms no Grego e Latim, parecem-me (salvo erro), Accento e Tempo a mesma cousa; e admittindo que a Syllaba longa deve levar a pronunciar dobrado tempo do que a Breve; concluo que onde se poem o Accento, he longa a Syllaba, e as que ficam ao lado são breves, ou communs. Esta regra parece indispensavel, quando faltaõ outras positivas, para determinar a quantidade de palavras compostas de mais de huma, ou de duas Syllabas, ou como se diz vulgarmente, Monosyllabos, e Dissyllabos.—Por mais que tenhaõ dito os Gramaticos, eu não vejo com V. Merce razão alguma que dar para fazer huma mesma vogal, na primeira Syllaba, longa ou breve, quando faltaõ as regras geraes, e que direi communs a todas as Linguas (pois taes me parecem a vogal antes de vogal, a vogal antes de duas consoantes, e os Diphtongos :) Esta difficuldade existe principalmente nos dissyllabos, porque as palavras derivadas destes, e compostas de muitas syllabas, devem conformar-se á quantidade dos Dissyllabos de que se compoem.

O meo ouvido não me diz a razão porque na Lingua Latina *Fagus* e *Pagus* tenhaõ a primeira syllaba longa, em quanto *Pavor*, *Malum*, *Magus*, a tem breve; excepto se os Latinos tinhaõ algum modo de pronunciar, ou de pôr o accento nestas palavras, e que nós hoje ignoramos.—Logo nas primeiras Syllabas estou com V. Merce, que a Syllaba seja commun em Portuguez, quando faltarem as regras geraes, e quando o accento agudo na segunda não fizer quasi forçadamente a primeira Breve, e taes me parecem todos os Dissyllabos, que acabaõ em *r* principalmente os infinitos.

Exceptuo sempre os monosyllabos, para os quaes a regra do accento parece-me que deve ser irrevogavel; e custa muito ver que V. Merce fassa os genitivos, *de*, *do*, *da*, *das*, &c. &c. e a conjuncção *que* longas, ou communs, porque me parece que devem ser breves como em Latim, ou como no Grego.

Nas palavras de tres syllabas acha-se em Latim huma grande irregularidade, para determinár a quantidade da primeira, e parece-me que aonde falta o accento na segunda, ou as duas consoantes que a fassão absolutamente longa, seria preciso advinhar a quantidade da primeira, senão houvesse a authoridade dos poetas para consultar, e seguir, qual he o ouvido, que pode dar a rezaõ porque seja *Ti* longo em *Tibia* e breve em *Tilia*. Mas quando o accento está na primeira somente, como em *Horrida*, *Perfida*, *Proxima*, *Gelida*, *Tartaro*, &c. &c. fazendo abstracção de qualquer outro principio, ou regra, por onde a quantidade esteja determinada, claramente penso que deve ser sempre longa. Mas os termos citados sahiraõ quasi intactos do Latim, e são quasi todos adjectivos, em quanto o maior numero dos termos Trisyllabos na lingua Portugueza tem o accento na segunda, de sorte que a quantidade da primeira deve ser deduzida de outros principios, ou regrás de prosodia.

Tiro os exemplos do seo Poema de Moskow (os Gramaticos futuros poderaõ estabelecer as regras e as excepçoens). *Extincta*, *Excelsa*, *Ufana*, *Revolve*, *Virtude*, *Coragem*, *Reluzes*, *Soltava*, *Luzindo*, &c. &c. As palavras de 4 ou 5 syllabas, (como nos não temos o instrumento abreviador dos Inglezes, nem o alongador dos Francezes) e que pronunciamos em cheio qualquer palavra com todas as suas lettras, devem se resolver em tantas palavras de 2 ou 3 syllabas, quantas exigem os accentos, que nellas collocamos, por exemplo (cito sempre a V. Mercês)—*Fumegantes* pronunciado á Moda de Portugal teria as duas primeiras (geralmente fallando) communs, a terceira longa, e a quarta, segundo outras regras a obrigassem; mas como tenho ouvido a algumas pessoas do Brasil pronunciar *Fumegantes* a segunda e terceira seriaõ sempre longas—

Pavorôzo a terceira longa.

Indômita sempre a segunda longa.

Exhibindo a terceira longa, &c. &c.

(Os Gramaticos futuros estabeleceraõ as regras e as excepçoens.)

Huma vez que V. Merce tem feito tantos e taõ

puros Dactylos, e Spondeos, nenhuma duvida acho a que tenhamos taobem *Troqueos*, *Iambos*, &c. &c. e não me occupo do *Anapestos*, *Amphibrachios*, *Mollossos*, &c. &c. &c. porque são mera conglomeração dos precedentes.

A quantidade do verso que convem a cada especie da nossa Poesia os futuros poetas a determinarão com o Senhor Dr. Nolasco na primeira linha.

As regras de quantidade para as primeiras syllabas parece que devem ser as mesmas em Portuguez, como em Latin, quando os principios são claros, e immutaveis.

Tal he.—A vogal antes de vogal - breve.

O Diphtongo - - - longo.

A vogal antes de duas consonantes longa.

Naõ sendo a segunda das consoantes liquida como em *Patria Agreste* que entãõ pode ser - - - - -

commum.

Quando o accentu não obrigar (como no Latin *d'Aratrum*, *Simulacrum*) a fazela longa.

Eu ja disse o que pensava (salvo erro) das syllabas medias, e passo as terminaçoens, em que me parece que o Senhor Dr. Nolasco algumas vezes teve razãõ de se arredar do Latim, e encostar-se antes ao Grego, n'outros porem estou persuadido que se lhe não pode conceder a liberdade que tomou.

Eu não posso de certo dar a rezaõ porque os Latinos fazem sempre breve a terminação em *A*. no Nominativo e Vocativo, e sempre longa no Ablativo, excepto se elles pronunciavaõ este ultimo a Franceza, pondo a accentu no *A*. e quem pode provar que não era assim? Quem pode dar a rezaõ, porque os Francezes, descendentes dos Antigos Francos, povos Alemaens, adoptaraõ huma accentuação, que não se acha em termo algum Alemaõ?

Quanto ao meo ouvido a terminação em vogal muda, e os pluraes *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, taobem mudos (i. e. sem accentu no fim) deyem ser breves. E por certo os Latinos quando fizeraõ longas as terminaçoens em *as*, *es*, *os*, punhaõ o accentu no fim ou pronunciavaõ estas vogaes abertas, e os Gregos diversamente abreviavaõ o *epsylon*, e *omikron*, e alongavaõ o *omega* e o *eta*.

Se V. Merce s'encosta pois (como eu creio que tem direito, e obrigação aos Gregos,) deve abreviar, ou alongar estas terminaçoens conforme as vogaes forem mudas, ou abertas, i. e. conforme tiverem, ou não tiverem accentos.

V. Merce não deve abreviar as terminaçoens em *L* nas quaes nos sempre pomos os accentos como por exemplo *Animal, Tonel, Funil, Payol, Paul*.

Pode abreviar quando não há regra em contrario as terminaçoens em *N* que sendo para nos sempre Gregas ou Latinas podem ser pronunciadas como quizermos por exemplo—*Ilion—Albion*.

Segunda Parte.

Admittindo estas regras geraes peço licença ao Senhor Dr. Nolasco da Cunha, para louvar, ou criticar alguns versos do seo Poema de Moscow, e a notaçãõ com que os meço indicara o conceito, que delles fasso.

Ā mēn | te ōstēn | taēs ēx | cēlsă qŭe | fānă rē | vōlvēs
Mōskōw | qŭe ha pōu | co āos ā | rēs sōl | tāvă lŭ—zīndo
Rīcă dē | brīlhān | tēs gēm | mās ā s | plēndidă | cōma.

Que pena he não se poderem baptizar igualmente como Hexametros os seguintes versos?

Pălăci | ōs cā | sās, tēm | plōs nī | vėlă a Pō | eīra
Jā sō | brē ār | răză | dōs mŭ | rōs ōn | deă dō | crīmē
ō Fe | ro ēstān | dārte ēm | blēmă dās | Cōrsicās | ārmās.

Eu lisongeo me com a esperanza que elles não carecem de muitos annos para se poderem Chrismar: antes com bem pequenas alteraçoens e mais algum trabalho, creio que poderiam receber o Sacramento da Confirmação. A dicção e poesia são tão bellas que merecem este sacrificio—ao Senhor Dr. Nolasco.

Parecem me muito correctos os seguintes—

“ Trava-se nas densas massas não vista peleja
Quaes são teos crimes, quaes teos horrores iguala.”

A par destes, e outros muitos dignos da maior admiração, acha-se igual, ou maior numero de outros que por huma pequena inadvertencia deixaõ de ser soberbissimos Hexametros, assim como ja são soberbissima poesia. He desnecessario citalos: bastará comparalos com as regras acima dadas.

Eu acabarei esta carta ja demasiadamente longa com algum exemplo da asserção que fiz sobre o metro não percebido até agora dos versos Portuguezes. Os Hendecasyllabos, por exemplo são compostos de 5 pes, e huma cesura final, quando as syllabas são onze, e sem cesura quando a decima, e ultima he aguda; ou de 4 pes quando tem dois dactylos, e a mesma cesura final, ou no meio do verso.

Nesta differença, até agora, não observada consiste a regra que a rotina introduzio de por o accento na quarta, quando não se pode por na sexta; a razão he, porque então a sexta syllaba he a ultima do segundo Dactylo. O ouvido servio melhor-do que a reflexão a algum dos nossos poetas.

Pelo contrario em todos elles se achão, assim como nos melhores poetas Italianos, muitos versos errados, porque não s'estabelecerão regras de Prosodia, que a lingua não só admitte, mas exige. Parece me provado o que digo nos seguintes versos, e a notação Latina com que os meço indica o que acabo de dizer.

Exemplos de versos Hendecasyllabos Portuguezes com a notação da quantidade das syllabas.

Primeiro Exemplo.

Ās ār | mās e ōs | vārrēns | āssīn | ālā | dos
 Quē dā | occīdēn | tāl prā | yā Lū | sītān | a
 Pōr mā | rēs nū | ncā d'ān | tēs nā | vēgād | os
 Pāssār | am īnda ā | lēm dā Tā | prōbā | na.

2 Exemplo.

Ēstāv | ās Līn | dā Inēz, | pōsta ēm | Sōcē | go
 Dē teūs | ānnōs | cōlhēn | do ō dō | cē frū | ito
 Nāquē | lle īngān | nō d'āl | mā lē | do ē cē | go
 Quē a fōr | tūnā | nāo dē | īxā dū | rār mū | ito.

3 Exemplo.

Pōr mās | quē dā | Fōrtū | nā andēm | ās rō | das
 Nūmā | cōnsōnā | vōz tō | dās sō | āvaō |

Não vós hã | dẽ fãl | tãr gẽn | tẽ Fa | mōza*
 Hōnrã, vã | lōr, ẽ | famã Glō | rĩō | sa.

4 Exemplo.

Ēssẽ | quẽ astũ | tō Ingã | no hum vici | ố chã | mã
 Bẽnĩg | nõ sẽn | tĩmẽn | to ẽm nõs | Dispõs | to
 Brõtã o Dẽ | sějõ prẽ | cũrsõr | dõ gõs | to
 Cria ố prẽ | cizo ăr | dõr quẽ tũ | do inflã | mã.

5 Exemplo.

Oh sẽ | cũlõs | d'Hẽrões, | diãs dẽ | Glõriã
 Vãroẽs | ẽxcẽl | sõs quẽ apẽ | zãr dã | mõrtẽ
 Vĩveĩs | nã Trã | dĩaçãõ | vĩveĩs | na Histõ | riã.
 Albuquerque terrivel Castro forte
 Menezes, e outros mil vossa memoria
 Vinga as injurias que nos faz a sorte.

6 Exemplo.

Nũmã Gã | lẽ Mou | rĩsca ăf | fẽrrõl | hãdo
 Aõ sãm | dõ rõu | cõ vẽn | tõ quẽ | zũniã
 Sõbre ố Rẽ | inõ crũ | sãndo ăs | mãos dõr | mia
 ố Lãs | sõ Cõ | rĩdõn | põbrẽ | fõrçã | dõ.

Escolhi Senhor Dr. como vé alguns versos mais conhecidos e famosos, A. V. Merce e aos Poetas Portuguezes toca dizer se elles estão sujeitos a alguma regra ou formados ao acaso; assim como determinar para o futuro as regras que devem seguir na escolha das breves, e longas.

Eu sou com muita estima

De V. Merce,

Muito Venerador e Am.

A. R. de A.

* O verso seguinte poderse hia medir de dois modos, não reparando que fama tem a 1. longa em Latim—

Não vós hã | dẽ fãl | tãr gẽn | tẽ fã | mōza.
 Não vós hã | dẽ fãl tãr | gẽn tẽ fã | mōza.

SEGUNDO APPENDICE.

A TARIFF, OR TABLE,

the Valuations of certain Articles of the Growth, Produce, and Manufacture of the United Kingdoms, Imported into any Port of the Portuguese Dominions.

ascertaining the DUTIES OF 15 PER CENT. thereon, in conformity to the 5th Article of the TREATY OF COMMERCE, of the 19th February, 1810, agreed upon by an equal Number of PORTUGUESE AND BRITISH MERCHANTS, appointed by JOHN JEFFERY, His Britannic Majesty's Consul-General, on the Part of the BRITISH GOVERNMENT, and FRANCISCO ALVES DA SILVA, Administrator-General of the Customs of Lisbon on the Part of the PORTUGUESE GOVERNMENT; they being present.

No. I.

TARIFF, OR TABLE,

Of Valuations and Duties on Woollen Goods.

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.		DUTIES, 15 per Cent	
	N.B, Scar. andCrimsons pay $\frac{1}{3}$ more, Pinks, $\frac{1}{8}$ more.			
ary Carpeting, in Piece of what- Pattern.....	560 rs.	per Covado	84 rs.	per Covado
ditto ditto.....	1,140	171
ready-made Carpets, the Duties be regulated according to the ion stipulated above.				
of whatever Quality or Pat-	260	39
of whatever Quality.....	360	54
stout and glossed, in Imitation oating.....	560	84
	2 B 2			

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.	DUTY.
Common or ordinary Coating	660 rs. per Covado	99 rs. pe
Fine ditto or Frizes.....	1000	150
Ditto, half breadth, half Duties.		
Baetilha, or Flannel, of 3 to 3½ Palms wide, of whatever Quality.....	280	42
Barregans.....	500	75
Worsted Tabborets.....	180	27
Single Worsted Caps, woven or knit	1440 rs. per Dozen	216 rs. p
Double ditto.....	2880	432
Bombazines, of Silk and Worsted, of 2 to 2½ Palms wide.....	440 rs. per Covado	66 rs. pe
Bombazines of Silk and Worsted, of double Breadth.....	880 rs. per Covado	132 rs. pe
Bombazets or undressed Durants	200	30
Irish Camblets	140	21
English ditto, or striped and flowered Camblettees, of a better Quality, which come from England, of 2 Palms wide	160	24
Ditto, of ½ Palm wider, the Du- ties shall be augmented in Proportion.		
Very fine Camblet	1100	165
Superfine broad Camblets.....	320	48
Ditto, boiled, in imitation of Lila ..	400	60
Ordinary Cassemires, plain or striped, of 3 Palms wide	600	90
Superfine, ditto ditto	1080	162
Ditto, woven with Silk.....	1400	210
Cassinets, of whatever Quality.....	500	75

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.	DUTIES.
Blankets, of 6 to 9 Palms wide	1200 rs. each	180 rs. each
to, of 9½ Palms wide and upwards	2600	390
pe, usually of 3 Palms wide . . .	300 rs. per Covado	45rs. per Covado
fill or coarse Bear-Skins of what- ever Sort, of 54 Inches wide	660	99
to, half breadth	330	49
and Worsted Camblets, of 2 to ½ Palms wide	240	36
Worsted Damask or Bed-Sattin	300	45
n or flowered Duroys	180	27
ants or Tammies, plain or striped	160	24
rlasting or Florenteen	340	51
manhas and Uzorias	280	42
cess Stuff	860	129
Cloth for Bottoms of Chairs	600	90
ting, of 2 Palms wide, of all Co- urs	100	15
sted Bundings of whatever Qua- y	24,000 rs. per Arrobe	3600 rs. per Arrobe
ad and Worsted ditto	18,000	7200
nel, of 4½ Palms wide and up- ards	400 rs. per Covado	60 rs. per Covado
Worsted, spun or twisted, for mbroidery and other Purposes . .	1320 rs. per lb.	198 rs. per lb.
air Twist or Thread	4800	720
se striped Blankets	720 rs. each	108 rs. each
's ordinary Yarn Stockings	4080 rs. per Dozen	612 rs. per Dozen

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.		DUTIES.	
Ditto, Yarn or Worsted wove, or of whatever Quality	6600	990	..
Women's Worsted Stockings of whatever Quality	4080	612	..
Children's ditto	2600	390	..
Men's fine knit ditto	8000	1200	..
Men's short or half ditto	2600	390	..
Worsted Webb for Breeches, of $\frac{1}{2}$ Covado wide, little more or less ..	700 rs. per Covado		105 rs. per C	
Ditto double, of a Covado wide, little more or less	1400	210	..
Worsted Breeches-Pieces of $2\frac{1}{2}$ to 3 Covadoes	1800 rs. each		270 rs. each	
Moreens	260 rs. per Covado		39 rs. per C	
Ordinary and middling Cloths	600	90	..
Interfine ditto	1000	150	..
Fine ditto	1900	285	..
Superfine ditto	3200	480	..
Worsted Hat-Looping	800 rs. per lb.		120 rs. per lb	
Shalloon	200 rs. per Covado		30 rs. per C	
Ordinary and interfine Sarge	360	54	..
Fine and superfine ditto	500	75	..
Donim	500	75	..
Silezia, of 3 Palms wide, little more or less	900	135	..
Long Ells	200	30	..
Worsted Callamancos, plain, figured, or flowered	180	27	..

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.	DUTIES.
Satinet	360 rs. per Covado	54 rs. per Covado
Worsted Shag	440	66
Hair Shag, or Plush.....	700	105
MADE CLOTHES AND SLOPS.		
Coats of ordinary and middling Cloth	5600 rs. each	840 rs. each
Ditto of interfine	6800	1020
Ditto of fine	9600	1440
Ditto of superfine.....	13,600	2040
Trowsers or Pantaloons of ordinary, middling, and interfine, Cloth.....	2500	375
Ditto of fine and superfine ditto	5000	750
Trowsers of worsted Web	4800	720
Ditto of Cassemire	4000	600
Waistcoats of Cloth or Cassemire, plain or figured.....	2000	300
Ditto of Baetilha, without Sleeves ..	800	120
Ditto of ditto, with ditto	1000	150
Cloaks of Coating.....	7500	1125
Ditto of Camblet, lined	8600	1290
Flannel Shirts, for Sailors	800	120
Coating ditto, for ditto.....	700	105
Ordinary Shirts and Drawers of Stocking Knit, with or without Shag.....	800	120
Fine ditto, with Shag	1600	240

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATION.	DUTIES.
Striped or plain ditto, for Sailors.....	480 rs. each	72 rs. each
Flannel Trowsers and Drawers, for ditto	700	105
Jackets of Cloth or Coating	2600	390
Short Gaiters	500	75
Long ditto.....	700	105
A Sort of a loose Coat or Duffel, or Bear Skin worn by Sailors	4000	600
Great Coats of ordinary and middling Cloth	6200	930
Ditto of superfine ditto.....	7800	1170
Ditto of fine ditto.....	11,500	1725
Ditto of superfine ditto.....	16,800	2520
Ditto ditto, lined through with Casse- mire or Silk	24,000	3600

Custom-House, Lisbon, the 16th June, 1813.

(Signed)

FRANCISCO ALVÈS DA SILVA,
Administrator-General of the Customs.

JOZE' ANTONIO GONÇALVES.

PEDRO ANTONIO DA SILVA PEDROZO,

JOAQUIM PEREIRA DA SILVA.

(Signed)

JOHN JEFFERY,
His Britannic Majesty's Consul-General.

JAMES BOWNESS.

LAURENCE ORMIROD.

JOSEPH PENWARNE.

TARIFF, OR TABLE, OF VALUATIONS AND DUTIES ON LIQUORS.

NAMES AND DESCRIPTIONS.	VALUATIONS.	DUTIES, 15 per Cent
Porter, Small Beer, Perry, Cyder, Brown Stout, and Ale, in Wood..	1600 rs. per Almude	240 rs. per Almude
The same Qualities above-mentioned in Bottles of a Quart each	1800 rs. per Dozen	270 rs. per Dozen
Whiskey of Oil Proof	4800 rs. per Almude	720 rs. per Almude
Gin of Oil Proof	5200 ..	780 ..
Whiskey of Holland Proof	4000 ..	600 ..
Gin of Holland Proof	4400 ..	660 ..

N.B. With respect to other Spirituous Liquors, of British Manufacture, which may be imported into this Kingdom, agreeable to the Treaty, the Arbitrators decline putting any Value thereon, not having competent knowledge of their Qualities.

Custom-House, Lisbon, the 10th July, 1813.

(Signed) FRANCISCO ALVES DA SILVA,
Administrator-General of the Customs.
CAETANO JOZE' PACHECO.
PEDRO DE SOUZA.
BERNARDO JOZE' FERNANDES.

(Signed) JOHN JEFFERY,
His Britannic Majesty's Consul-General.
WILLIAM NEWMAN.
JAMES CHARLES DUFF.
GARRET GOULD.

ERRATAS.

Pag. 596—naõ emprehendem os seos—lea-se naõ emprehendem os seos mesmos.

600—o guerreiro exercito, que o Guerreiro General—lea-se—o terceiro exercito que o terceiro General.

613—Vinhos de Porto—lea-se vinhos de Portugal.

TERCEIRO APPENDICE.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA.

Coimbra, 3 de Setembro de 1813.

HAVENDO se lido em o No. XXV. do Investigador Portuguez em Inglaterra o *Conceito, ou observações Sobre o Jornal de Coimbra em Lisboa*, houve, com razão ou sem ella, quem ficasse maravilhado de que em toda a continencia desta escriptura se não fizesse menção nenhuma dos nomes dos Authores de referido *Periodico*. Releva todavia, que essa declaração se publique; não parecendo justo, que se deixe por mais tempo em duvida, a quem pertencem os actos das compilações, que nelle se encerraão; por quanto se a obra he merecedora dos gabos, e ponderosas abonações dos homens discretos, e asizados, saibaão todos os leitores a qual, ou quaes dos Professores da Universidade de Coimbra toca de justiça o competente galardão; e no caso opposto, convem igualmente que se descubraão, e por huma vez se desvendem os individuos, a quem se dirige o vituperio, para que á sombra do Silencio dos verdadeiros Authores senão derramem, com improprio menos cabo, sobre seos Collegas as vergonhosas censuras, com que por ventura possaão de envolta ser taxados. *Amicus Plato, amicus Cæsar, sed magis amica veritas.*

Roga-se por tanto aos Senhores Investigadores a merce de fazerem declarar no proximo Numero, ou em qualquer dos seguintes, que os Authores do sobre-dito Jornal, pelo que diz respeito aos Professores da Universidade são exclusivamente os Doutores. Joze Feliciano de Castilho, 4. Lente da Faculdade de Medicina com exercicio na Cadeira de Instituições, Medico Chirurgicas, e Jeronimo Joaquim de Figueiredo, e Angelo Ferreira Donis, Lentes substitutos da mezma Faculdade, Deos guarde a Vmces. muitos annos, como de todo o coração lhes dezeja o seu

Muito affeiçãoado am. e servidor obrigmo.

J. C. C. S. I.

INDICE GERAL DO VOL. VII.

No. XXV.

LITERATURA.

Diario das Campanhas em Portugal e Hespanha, desde 1809 ate 1812 com observaçoens a respeito dos habitantes, costumes, &c. pelo Major-general Henrique Mackinon, que morreo no assalto de Cidade Rodrigo	1
--	---

CORRESPONDENCIA.

Relação dos Manuscriptos, que se tem enviado aos Redactores	19
Reflexoens em defeza dos Principios Mathematicos do Dr. Joze Anastacio da Cunha, censurados no Edinburgh Review	21
Conceito, ou observaçoens sobre o Jornal de Coimbra em Lisboa, dirigidas, e dedicadas ao Investigador Portuguez em Inglaterra	45

LITERATURA PORTUGUEZA.

Ode Pindarica a S. A. R. pelo Capitão de Engenheiros Francisco Borges da Silva	86
Quadras ao Author do Poema—Sobre a origem dos Açores	96
Lettre adressée aux Redacteurs de l'Investigador	98
Traducção desta Carta	99
Lettre d'un Portugais au Spectateur du Nord	100
Traducção desta Carta	102

INDEX.

POLITICA.

França	-	-	-	-	105
Suecia	-	-	-	-	141
Prussia	-	-	-	-	145
Inglaterra	-	-	-	-	147

No. XXVI.

LITERATURA.

Breves Reflexoens sobre as Cortes de Hespanha, e a Constituição Hespanhola	-	-	-	193
Memoria para servir de continuação á Obra intitulada Direito da Nação Siciliana a viver debaixo de hum Governo Constitucional	-	-	-	205
Observações sobre o poder illimitado das Cortes de Hespanha	-	-	-	212
Versos Latinos á heroica resolução que S. A. R. o P. R. Nosso Senhor tomou de partir para o Brazil	-	-	-	220
Breve idea da obra intitulada—Voyages and Travels in various Parts of the World, during the years 1803, 4, 5, 6, e 7, &c.	-	-	-	221

LITERATURA PORTUGUEZA.

Ode Saphica ao Duque da Victoria pelos triunfos ob- tidos no dia 21 de Junho, de 1813	-	222
--	---	-----

CORRESPONDENCIA.

Ode a S. A. R. o P. R. Nosso Senhor, na sua Chegada ao Rio de Janeiro	-	227
Carta dirigida aos Redactores do Investigador Portu- guez sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra	-	232

I N D E X.

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro	-	-	-	-	253
Cayena	-	-	-	-	255
Estados Unidos	-	-	-	-	280
Buenos Ayres	-	-	-	-	284

EUROPA.

França	-	-	-	-	287
Dinamarca	-	-	-	-	299
Prussia	-	-	-	-	302
Suecia	-	-	-	-	305
Russia	-	-	-	-	307
Portugal	-	-	-	-	311
Inglaterra	-	-	-	-	317

No. XXVII.

LITERATURA.

Breves Reflexoens sobre as Cortes de Hespanha, e a Constituição Hespanhola	-	-	367
Observações sobre a impolitica, e injustiça da falla de Mr. Wilberforce na Camara dos Communs, relativa- mente a Portugal	-	-	377
Traducção dos versos Latinos que publicamos em o No. XXVI. e observações sobre a verificação hexame- tria de que a lingua Portugueza he susceptivel			391
Versos do Senhor Antonio Rangel de Quadras			396

SCIENCIAS.

Relatorio á cerca do Estabelecimento Nacional da Vac- cina em Londres	-	-	398
Exposição que Sir Humphrey Davy fez ultimamente na Instituição Real de Londres, de certos factos con- cernentes á base do <i>Acido Fluorico</i>	-	-	404
Annuncio da obra que se vai publicar por subscripção, intitulada Historia da Ilha da Madeira, &c.			405

INDEX.

CORRESPONDENCIA.

Relação dos Manuscriptos remettidos aos Redactores	411
Continuação da Carta dirigida aos Redactores sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e a Ingla- terra	411
Carta dirigida aos Redactores sobre alguns	427

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro	430
Cayena	435
Mexico	443
Venezuela	448
Porto Rico	455

EUROPA.

Suecia	458
França	470
Prussia	479
Hespanha	482
Portugal	487
Inglaterra	500

LITERATURA.

Breves reflexoens sobre as Cortes de Hespanha, e a Constituição Hespanhola	531
Fanatismo liberal	537
Doçura, e Humanidade dos Philosophos liberaes	539
Reflexoens sobre a revolução Franceza, &c.	542

I N D E X.

Ode composta por Francisco Manoel em 2 de Fevereiro de 1813	548
Ode ao mesmo pelo Dr. V. P. Nolasco	551
Resposta aos Redactores da Revista de Edinburg	554

SCIENCIAS.

<i>Adresse</i> da Junta do Estabelecimento Nacional da Vac- cica aos Professores de Medicina, Pratica em cada huma das partes do Reino Unido	566
Rezoluçoens dos Professores de Medicina Pratica no Condado de Gloucester	567
Carta da Junta ao Lord Visconde Sidmouth	568
Mappa das pessoas <i>prosperamente vaccinadas</i> na superin- tendencia de Madras, e outros sitios, durante os annos de 1810 e 1811	569
Extractos dos Elementos de Chimica concernente á Agricultura, &c., por Sir Humphrey Davy, &c.	571

CORRESPONDENCIA.

Continuação da Carta dirigida aos Redactores sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra, &c.	587
Continuação da resposta a esta mesma Carta	594
Resposta ao Club dos Negociantes Portuguezes em In- glaterra	602
Primeiro Ajuste entre os Commissarios Portuguezes, e Ingleses sobre alguns artigos do Tratado de Com- mercio, &c.	607
Carta dos Commissarios Portuguezes a S. Excellencia o Embaixador Portuguez	609
Reflexoens sobre os dois precedentes documentos	611
Anecdota Mercantil	612

LISTA

Das obras novas publicadas em Inglaterra nos quatro mezes precedentes	614
--	-----

INDEX.

POLITICA.

França	-	-	-	-	632
Prussia	-	-	-	-	649
Austria	-	-	-	-	669
Portugal	-	-	-	-	683
Inglaterra	-	-	-	-	699
1. Appendice	-	-	-	-	732
2. Appendice	-	-	-	-	741
3. Appendice	-	-	-	-	748

Dom Domingos Antonio de Souza Coutinho, Conde de Funchal, Do Conselho de SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal Nosso Senhor, Seu Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario junto a Sua Magestade Britannica, &c. &c. &c.

A TODOS os fieis Vassallos de SUA ALTEZA REAL residentes na Gram-Bretanha—Faz saber:—

QUE havendo casualmente visto em hum folheto impresso em Londres no presente anno e com o Titulo —*O Author da Explicação imparcial*—o seo nome citado, e as suas acçoens representadas com hum faldade escandalosa*, e persuadido que o Real Serviço se acha vivamente interessado na reputação das Pessoas em quem o Soberano deposita a sua confiança—rezol-

* No dito folheto, a pag. 81, accuza-se o Embaixador de ter aberto hum masso para Joze Diogo Mascarenhas Neto, e de o ter interceptado.

veo-se a mandar imprimir para satisfação de todos os
feis Vassallos do Principe Regente Nosso Senhor os
dois Documentos seguintes.

PRIMEIRO — A attestação que passou o Official do
Correio Geral quando entregou n'esta Secretaria mal
aberto hum masso dirigido — Ao Illustrissimo Jozé
Diogo Mascarenhas Neto — viz.

I HEREBY certify, that I delivered at No. 74, South
Audley Street, a large Letter directed to Ao Illus-
trissimo Senhor Jozé Diogo Mascarenhas Neto — marked
— Ship Letter — sealed with red wax — marked —
V. J. F. C., but with the joining of the paper broken.

(Signed)

PHILIPS, Postman.

Witness JAMES VINSON.

TRADUCCAÕ

ATTESTO que entreguei em No. 74, South Audley
Street — hum masso dirigido ao Illustrissimo Senhor
Jozé Diogo Mascarenhas Neto — marcado — Ship Letter
— e sellado com lacre encarnado e notado com as Letras
— V. J. F. C. mas com a capa rasgada.

(Assignado)

PHILIPS, Postman.

Testemunha

JAMES VINSON.

SEGUNDO—O Officio com que elle (Embaixador) remetteo ao Conde de Linhares (que Deos haja em Gloria) o sobredito masso, assim como outro que lhe foi dirigido por Jacome Ratton.

No. 257.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR.

HAVENDO-ME Jacome Ratton feito apresentar os dous Massos incluzos pedindo-me os quizesse remeter a Vossa Excellencia para serem entregues ás Illustres pessoas a quem vão dirigidos, julguei não dever recusar de o fazer, tratando-se dos Excellentissimos Senhores Conde d'Aguiar, e Galveas. Portanto tenho a honra de os mandar a Vossa Excellencia ainda que eu ignoro o seu contheudo.

APROVEITO esta occasiaõ para remeter a Vossa Excellencia o masso No. 3, que aqui veio ter sem se saber como, dirigido a Jozé Diogo Mascarenhas, cujo

contheudo igualmente ignoro; e oigo que o sobredito
J. D. Mascarenhas partira de Inglaterra para Suecia.

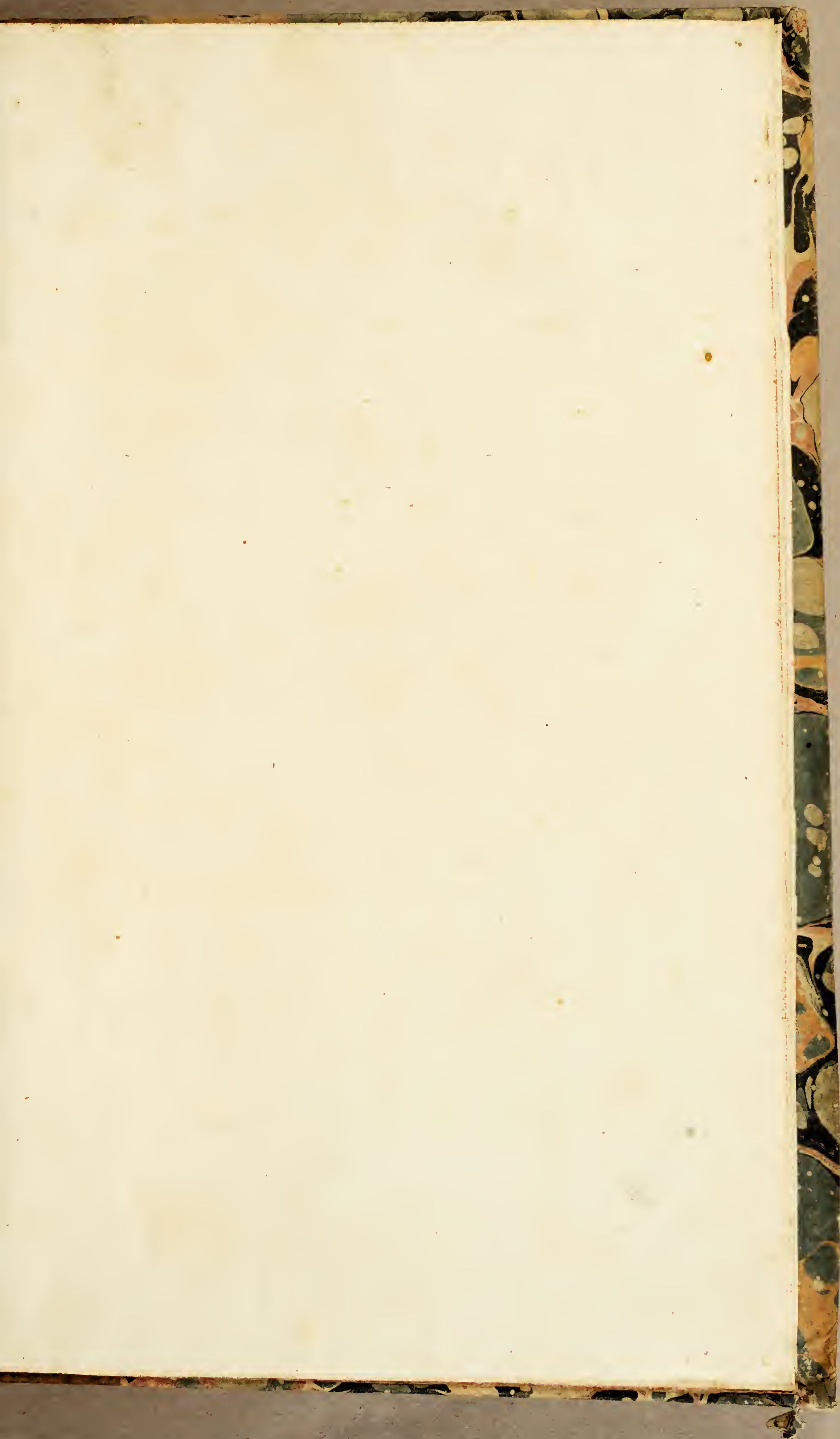
Deos Guarde a Vossa Excellencia muitos annos.
Londres, 21 de Agosto, 1811. A Ill^{mo} e Ex^{mo} Senhor
CONDE DE LINHARES.

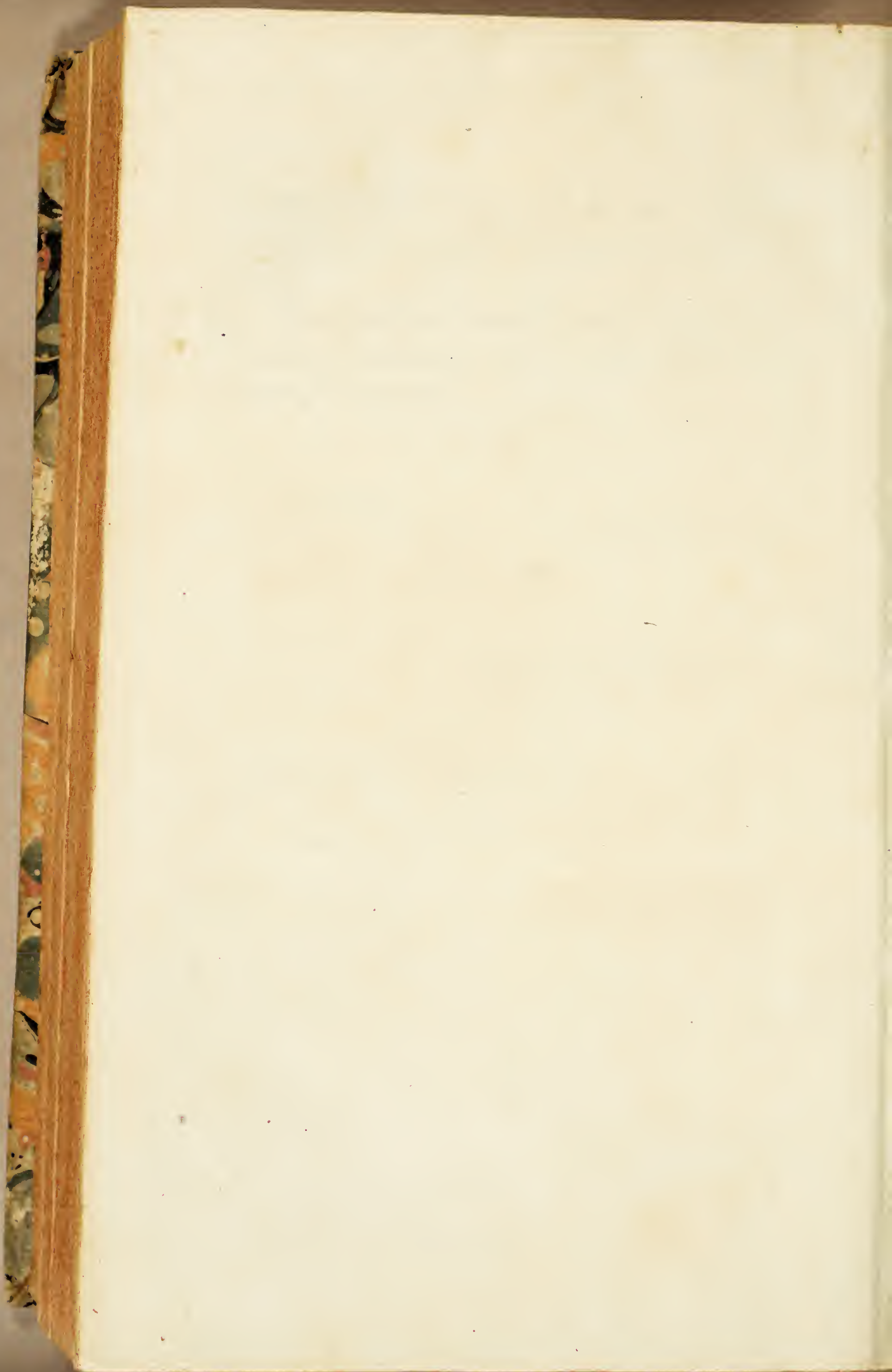
(Assignado)

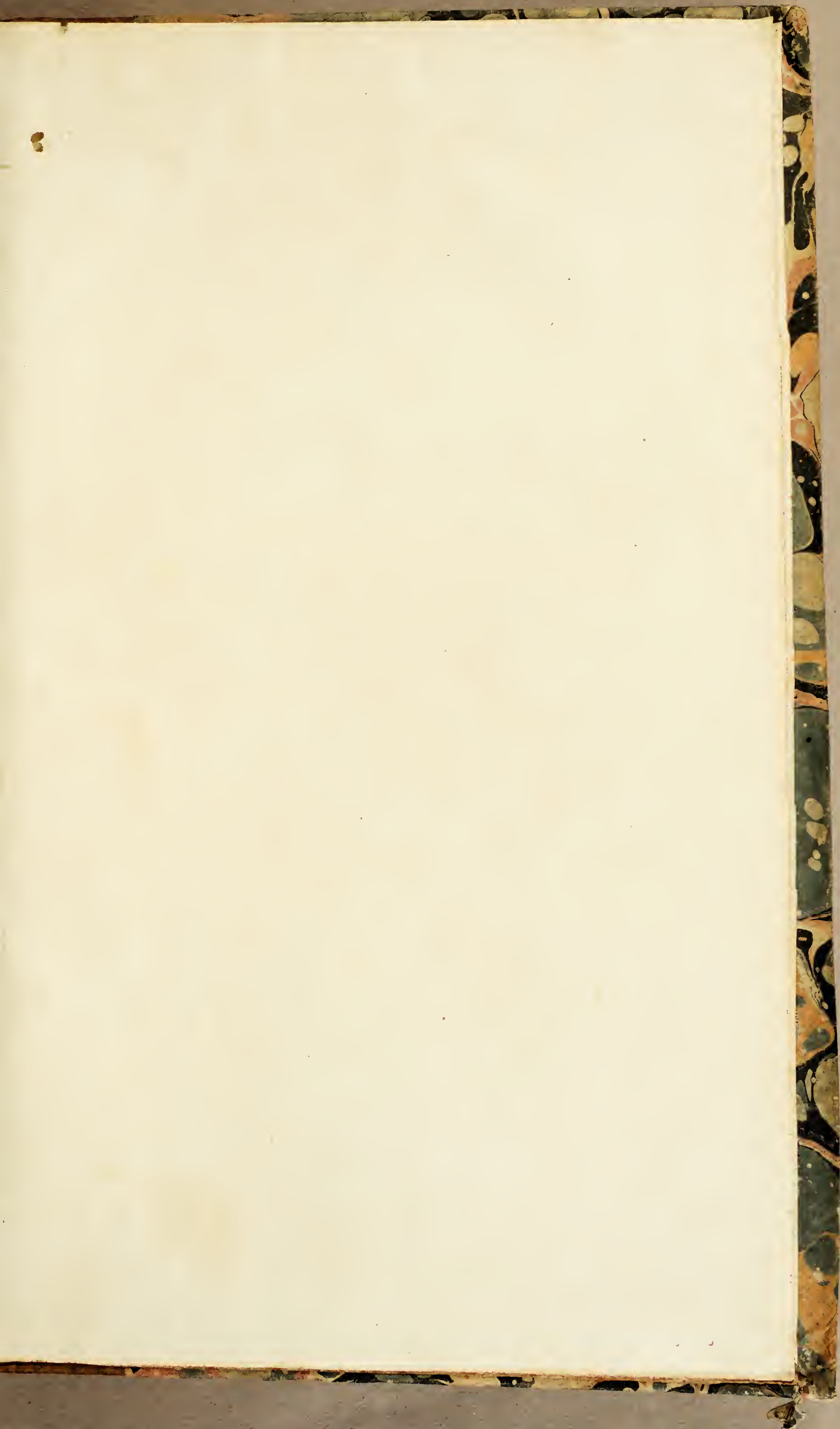
D. DOMINGOS A. DE SOUZA COUTINHO.

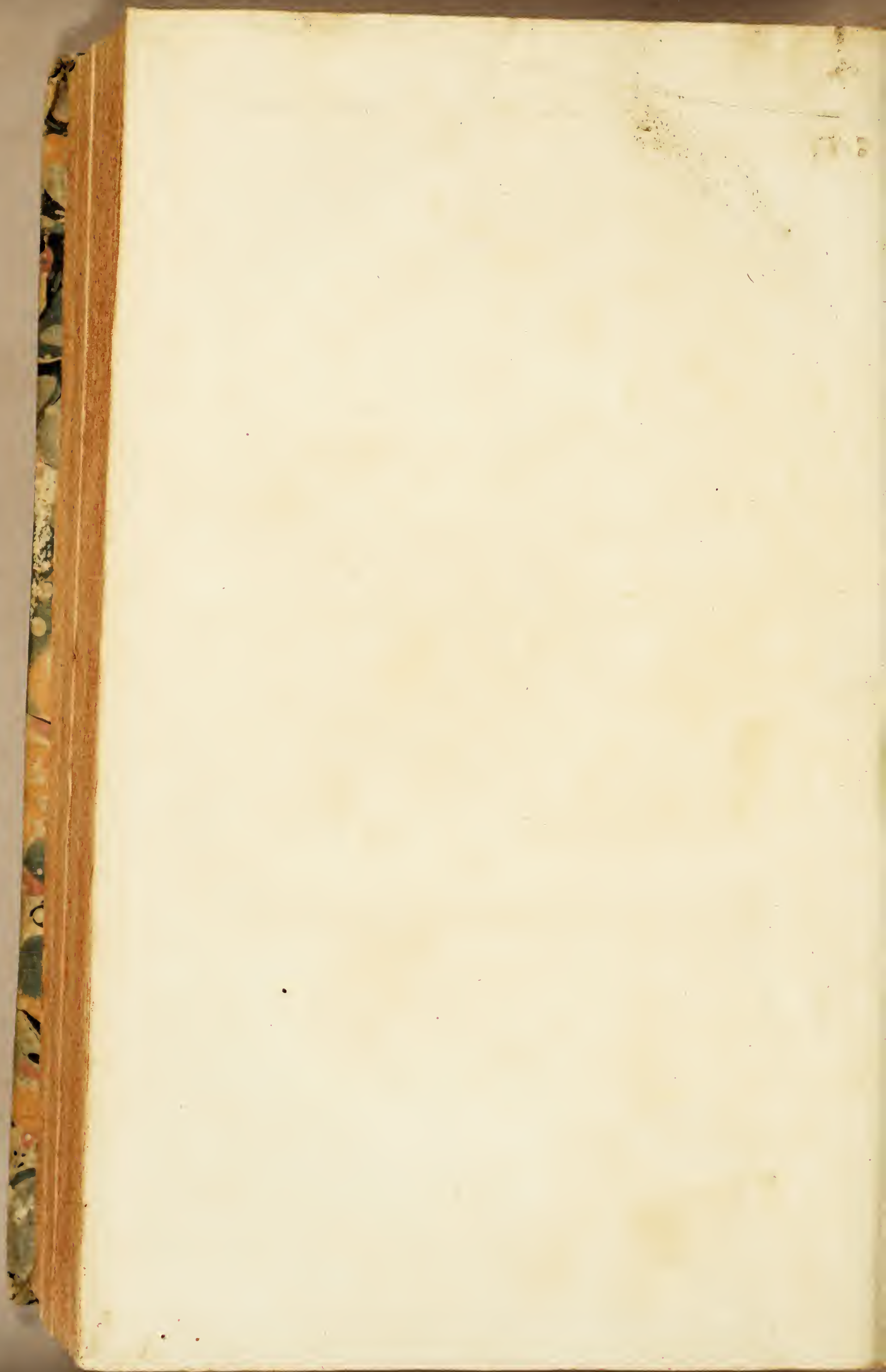
CONDE DE FUNCHAL.

Londres, 28 de Setembro, 1813









CC
IL2 p
v.7

